UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
MUSEOLOGIA

Suzy da Silva Santos

**Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas**

São Paulo
2017

Suzy da Silva Santos

**Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia.

Área de Concentração: Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Xavier Cury.

Linha de Pesquisa: Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação integral deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

S237 Santos, Suzy da Silva.

Ecomuseus e museus comunitários no Brasil : estudo exploratório de possibilidades museológicas / Suzy da Silva Santos ; orientadora Marília Xavier Cury -- São Paulo, 2017.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa Interunidades em Museologia, 2017.

1. Nova museologia. 2. Museologia social. 3. Ecomuseu. 4. Museu comunitário. 5. Patrimônio comunitário. I. Cury, Marília Xavier. II. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. III. Título.

Nome: SANTOS, Suzy da Silva.

Título: Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: Estudo exploratório de possibilidades museológicas.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Museologia da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Museologia.

Aprovada em: 01/09/2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra.: Camila Azevedo de Moraes Wichers

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Julgamento: 01/09/2017 Assinatura: _____

Dr.: Aramis Luis Silva

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Julgamento: 01/09/2017 Assinatura: _____

Aos meus ancestrais, por terem existido, resistido e possibilitado a minha (re)existência e superação.

A você mãe querida, obrigada por despertar meu olhar crítico diante do mundo ao meu redor e pela transmissão desses genes “poderosos”, dessa inquietação que não permite o silêncio diante das injustiças e que alimenta nosso anseio por mudanças. Aos guerreiros e guerreiras que estão à frente de tão instigantes iniciativas comunitárias e àqueles/as que se dedicam a refletir sobre e transformar cotidianamente nosso rico universo museológico.

Obrigada!

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer pode parecer pura formalidade, mas tem um significado simbólico muito mais profundo, pois além de trazer à tona lembranças e reflexões sobre toda a nossa trajetória (não apenas a acadêmica), desafios e superações enfrentadas no processo de desenvolvimento da pesquisa, também demonstra que a meritocracia é uma falácia, pois nenhuma trajetória acadêmica é feita de forma solitária, por pura genialidade de quem a percorre. É impossível ignorar a ajuda dos pais, companheiros/as, filhos/as, amigos/as, professores/as e orientadores/as, instituições de financiamento, enfim, todas aquelas pessoas e instituições que passam por nós ou pelas quais passamos, deixamos “nossas marcas” e recebemos as delas.

Por reconhecer que, apesar da autoria individual a presente pesquisa só foi possível devido ao apoio de diversas pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente agradeço imensamente...

Aos meus pais, Maria e Jasson, que apesar das dificuldades financeiras se esforçaram para nos dar uma formação íntegra. Ao meu filho Gustavo e ao meu companheiro Marco, que compartilham comigo as peripécias cotidianas, agradeço o apoio (às vezes falho, mas permanente) e paciência. À Fátima, “boadrasta”, com quem tomei muitos cafés e troquei muitas confidências nesses dois anos de pesquisa. À minha madrinha “tia Nice” e padrinho “tio Zé”, pelo apoio de sempre aos meus pais e por me concederem a paz de sua moradia rural nos momentos finais da dissertação. Aos meus irmãos Marcos e Daniel, sobrinhos Lucas e Vinícius (que acaba de chegar ao mundo!) e à minha cunhada amada Fernanda (outra “mulher maravilha” da família). À minha irmã de coração Andréa Mota, pela parceria de sempre, reflexões, anseios e conquistas compartilhadas.

Às amigas Michele Viriato (por me colocar em contato com esse universo museológico “paralelo”), Fabiana Feitoza, Joice Karina, Flavia Santos, Barbara e Mariana Borba, ao grupo Capoeira E.C.E. Brasil pela força tarefa que fizeram para me ajudar nos momentos finais da pesquisa (especialmente Professora Nega Tana e Marinheira) e pelos aprendizados transmitidos pelo Mestre Dinho Caruaru, e aos integrantes do Projeto Cultural Pimenteiros e Pimenteiras do Vermelhão (Guarulhos/SP), que me transmitem cotidianamente tantas energias positivas e me inspiram a continuar lutando por um mundo melhor.

À Marília Xavier Cury, que me orienta pacientemente desde a Iniciação Científica, compartilhando reflexões, questionamentos e experiências, e me tranquiliza nos momentos de maior tensão. Obrigada de coração pela confiança, pela liberdade intelectual e por todo apoio que me deu durante esses anos!

Aos e às colegas do PPGMUS-USP (turma de 2015-2017) Léa Blezer, Fiorela Bugatti Isolani, Elaine Jardim, Viviane Longo, Maurício Rafael, Ricardo Alberton, Cláudia Vendramini, Andréa Andira, Bianca Corazza, Ivan Gomide Vaz, e de turmas anteriores ou posteriores que tive o prazer de conhecer no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, Davidson Kaseker, Patrícia Gazzoni, Luiz Fernando Muzikami, Mirela Araújo, Viviane Wermelinger, Ana Luiza Rocha do Valle, Alice Bemvenuti, Renata Cittadin, Thamara Emília, Clarissa Wetzel, Leonardo Vieira, Pércila Márcia, Flavia Santos Marjori Pacheco e tantos/as outros/as pessoas lindas do universo museológico que tive o prazer de conhecer e trocar tantas informações, ideias, certezas e incertezas no decorrer da pesquisa: Juliana Siqueira, Joana Flores, Camila Moraes, Jean Baptista, Tony Boita, Alexandre Gomes, João Paulo Vieira, Inês Gouveia, Mário Chagas, Manuelina Duarte, Helio Rosa de Miranda, Isabela Ribeiro de Arruda, Lourdinha Campos, Eloar Ambrosio, Mirela Rabello, Vivien Ahrens, Eliete Pereira, Leilane Lima, Cristiane Santos, Oubí Inaê Kibuko, Aramis Silva, Marília Falcone, Luisa Calixto, Nathália Lardosa, Gilvanildo Ferreira, Francisco Ismael, Tiago Guerra, Vandi Falcão, Renato Athias, Milena Takamatsu, Wahuane Maraiva, Hilda Bárbara, Cauê Tanan, Ana Paula Brito, Dalice Brito, Alberto Andrade, Paola Maués, Tamira Naia, Elaine Coelho, Joana Euda Barbosa, João Damasceno, Fernanda Figueira, Awaé Trumai, Juliana Ribeiro, Wilmiara Santos, Valdirene Rocha, Carlos Augusto Oliveira, Yuri Carvalho, Marcelo Murta, Francisco Lima, Danilo Morceli, Patterson Duarte, Ellen Nicolau, Zeno Tupinambá, Daniela Valle Del Oro, Maribel Garcia, Rui Laranjeira e Ivan Laranjeira.

Agradecimentos eternos e especiais a cada representante dos museus comunitários que pude ter algum contato presencial e virtual: Claudia Rose, Bárbara Assis e Matheus Frazão (Museu da Maré), Nádia Helena Almeida (Ecomuseu de Maranguape), Maria Terezinha Rezende Martins (Ecomuseu da Amazônia), Odalice Priosti (NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz), Cristina Maria (Ecomuseu do Ribeirão da Ilha), Suzenilson Kanindé e Antônio Kanindé (Museu Indígena Kanindé), Alessandra Gama (Ponto de Cultura e Memória Ibaô), Antonia Gonsalves (Museu Virtual Muká Mukaú), Wellington Pedro (Ponto de Memória Museu do Taquaril), Kadão Costa e Nelson Crisóstomo (Ecomuseu Nega Vilma), João Bispo (Museu Comunitário de

Memória da Grande São Pedro), Emerson Souza (Museu do Horto), Liduina Maria (Museu da Boneca de Pano), Dell Delambre (Ecomuseu Amigos do Rio Joana), Rildo Fernandes (Museu da Beira da Linha do Coque), Angela Savastano, Maria Siqueira e Renata Sparapan (Ecomuseu Campos de São José), Socorro Jucá e José Ronaldo (Museu Kapinawá), Dirce Jorge, Lucilene Melo, Susilene Deodato, Itauany Larissa e Ana Carolina (Museu Wowkriwig), Francilene Pitaguary, Pajé Babosa, Rosa Pitaguary (Museu Indígena Pitaguary), Heraldo Alves e Daniela Jenipapo (Museu Indígena Jenipapo-Kanindé), Ariana Karipuna e Fabricio Narciso (Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque), Luiza de Andrade (Museu das Remoções), Luiz Wey Surui (Museu Paiter A Soe), Rosinha Potyguara, Izabel Rodrigues e Taynan Ximenes (Museu Indígena Potyguara), Socorro Potyguara (Museu Indígena Maria Firmina de Melo, Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho), Lidiane Damaceno, João Batista, Helena Damaceno e Altieri Damaceno (Museu Akam Oram Krenak), Josué Carvalho (Espaço Pâvânh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena), Thiago Halley (Museu Indígena do Povo Anacé), Camila Vaiti (Museu Terena e Kaingang – ainda sem nome, T.I. Icatu), Wilke Torres Melo (Museu Comunitário e Territorial Fulni-ô) e tantos outros/as – seriam muitas páginas e peço desculpas àqueles/as que esqueci de mencionar.

À Professora Emília, que até hoje não sabe como seus estímulos e provocações nas aulas de História me influenciaram nos caminhos acadêmicos que tracei.

Aos colegas de profissão que me estimularam a seguir os estudos acadêmicos: Larissa Rosa Corrêa, Paulo Fontes e Angela Ribeiro.

Aos professores que compuseram a Banca de Qualificação e a Banca da Defesa, Profa. Dra. Maria Cristina Bruno, Dr. Aramis Luis Silva e Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers.

A todos os professores do PPGMUS com os quais pude aprender e compartilhar conhecimentos e reflexões e ao professor Mario Moutinho (ULHT), que mesmo conhecendo apenas virtualmente, foi super solidário em compartilhar publicações que poderiam ser úteis à presente pesquisa.

Agradeço especialmente aos integrantes de alguns ecomuseus e museus comunitários que pude conhecer pessoalmente. Obrigada por me receberem e/ou compartilharem comigo um pouco de suas ricas e diversas experiências museológicas! Vida longa aos museus comunitários e ecomuseus do Brasil!

“[...] participação é a conquista humana principal, tanto no sentido de ser mais do que nunca uma conquista – dada a dificuldade de a realizar de modo desejável – quanto no sentido de ser a mais humana imaginável – porque é especificamente a forma de realização humana. É a melhor obra de arte do homem em sua história, porque a história que vale a pena é aquela participativa, ou seja, com o teor menor possível de desigualdade, de exploração, de mercantilização, de opressão. No cerne dos desejos políticos do homem está a participação, que segmenta metas eternas de autogestão, de democracia, de liberdade, de convivência” (DEMO, 1996, p.44).

RESUMO

Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas

A partir da década de 1960, com o surgimento do novo paradigma da democracia sociocultural, diversas críticas direcionaram-se aos museus e à museologia e deram base para o surgimento de um movimento museológico internacional denominado Nova Museologia, oficializado em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Québec (Canadá). A Nova Museologia enfatizou a vocação social dos museus e propôs diversas renovações teóricas e metodológicas ao campo museológico estabelecido. No Brasil, observamos repercussões desse movimento principalmente a partir da década de 1980, com a redemocratização do país. Paralelamente à renovação de museus já consolidados, surgem novas iniciativas, denominadas majoritariamente ecomuseus e museus comunitários, que objetivam, através de uma curadoria coletiva e da promoção de práticas ativas, populares, participativas, comunitárias e experimentais, a valorização, preservação e difusão dos patrimônios locais (Natural, Cultural, Material e Imaterial), garantir que o museu atue como espaço de representação e promova, a partir da contextualização do patrimônio, a compreensão, o questionamento, a conscientização e a transformação da realidade. O atual projeto de pesquisa teve como objetivos: revisar termos e conceitos ligados à Nova Museologia e a essa nova tipologia de museus em bibliografia pertinente ao tema, relacionando e confrontando autores diversos; realizar um mapeamento dos museus comunitários, ecomuseus e demais iniciativas de memória e patrimônio de base comunitária que se compreendem enquanto museus no contexto brasileiro; elaborar um panorama-síntese para uma melhor compreensão da diversidade dessa tipologia de museus.

Palavras-chave: Nova Museologia, Museologia Social, Ecomuseu, Museu Comunitário, Patrimônio Comunitário.

ABSTRACT

Ecomuseums and Community Museums in Brazil: Exploratory Study of Museological Possibilities

Since the 1960's, with the emergence of the new paradigm of socio-cultural democracy, several criticisms were directed at Museums and Museology and this process triggered the emergence of an international museological movement called New Museology, made official in 1984 at the I Atelier International Ecomuseums / New Museology, held in Quebec (Canada). The New Museology emphasized the social vocation of museums and proposed several theoretical and methodological renewals to the established museological field. It is possible to observe repercussions of this movement in Brazil mainly from the decade of 1980, with the redemocratization of the country. Parallel to the renovation of already consolidated museums, new museological experiences are emerging, mainly called museums community and ecomuseums, which aim, through collective curation and the promotion of active, popular, participatory, community and experimental practices, the valorization, preservation and diffusion of local Heritage (Natural, Cultural, Material and Immaterial), to ensure that the museum acts as a space for representation and to promote, from the contextualisation of heritage, understanding, questioning, awareness and transformation of reality. The current research project aimed: revise terms and concepts related to New Museology and this new typology of museums in relevant bibliography, relating and confronting diverse authors; to carry out a cartography of community museums, ecomuseums and initiatives of memory and community-based heritage that is understood as a museum in the Brazilian context; elaborate a panorama synthesis for a better understanding of the diversity of this typology of museums.

Keywords: New Museology, Ecomuseum, Museum Community, Democratic Participation, Community Heritage.

LISTA DE SIGLAS

ABREMC	Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários
AMICOM-BR	Associação de Membros do ICOM
CECA	Comitê Internacional de Educação e Ação Cultural
CEMMAE	Curso de Especialização em Museologia do MAE/USP
CIDOC	Comitê de Documentação
CIMAM/IFCA	Comitê Internacional para Museus e Coleções de Belas Artes
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFEM	Conselho Federal de Museologia
COMCOL	Comitê Internacional de Coleta
CONACULTA	Conselho Nacional para a Cultura e as Artes
DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
DDD	Discagem Direta à Distância
ECO 92	Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
EIEMC	Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários
FESPSP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FNM	Fórum Nacional de Museus
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICAMT	Comitê Internacional para a Arquitetura e as Técnicas Museográficas
ICEE	Comitê Internacional para o Intercâmbio de Exposições
ICMAH	Comitê Internacional para Museus e Coleções de Arqueologia e História
ICMS	Comitê Internacional para a Segurança nos Museus
ICOFOM	Comitê Internacional para a Museologia
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOM-BR	ICOM Brasil
ICOM-CC	Comitê para a Conservação
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
ICR	Comitê Internacional para os Museus Regionais
ICTOP	Comitê Internacional para a Formação de Pessoal
IGMCC	Inspeção Geral dos Museus Classificados e Controlados
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHMC	Instituto para a Cognição Humana e Mecânica
INAH	Instituto Nacional de Antropologia e História
INODEP	Internacional Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MEC	Ministério da Educação
MHN	Museu Histórico Nacional
MII	Museu de Imagens do Inconsciente
MinC	Ministério da Cultura
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MNATP	Museu Nacional das Artes e Tradições Populares
MNES	Nova Museologia e Experimentação Social
MP	Museu Paulista
MPR	Comitê Internacional para o Marketing e as Relações Públicas em Museus
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MUBAN	Museu das Bandeiras
MUHNE	Museu do Homem do Nordeste
NOPH	Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica
NuGea	Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação
OEI	Organização dos Estados Ibero-Americanos
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
ONICOM	Organização Nacional do ICOM
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PNEM	Programa Nacional de Educação Museal
PNM	Política Nacional de Museus
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PPGMS	Programa de Pós-Graduação e Memória Social
PPGMUS	Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia
PPG-PMUS	Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
ProAC	Programa de Ação Cultural
REMUS-RJ	Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro
ReNIM	Rede Nacional de Identificação de Museus
SBM	Sistema Brasileiro de Museu
SEC	Secretaria de Estado da Cultura
SESI	Serviço Social da Indústria
SESC	Serviço Social do Comércio
SICONV	Sistema de Gestão de Convênios
SInPeM	Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia
SISEM	Sistema Estadual de Museu
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
T.I.	Terra Indígena
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRB	Universidade federal do Recôncavo Baiano
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFS	Universidade Federal do Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
UNAM	Universidade Nacional Autónoma do México
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação
UNIBAVE	Centro Universitário Barriga Verde
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UPPM	Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
USP	Universidade de São Paulo

Estados brasileiros

AC	Acre
AL	Alagoas
AP	Amapá
AM	Amazonas
BA	Bahia
CE	Ceará
DF	Distrito Federal
ES	Espírito Santo
GO	Goiás
MA	Maranhão
MT	Mato Grosso
MS	Mato Grosso do Sul
MG	Minas Gerais
PA	Pará
PB	Paraíba
PR	Paraná
PE	Pernambuco
PI	Piauí
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
RO	Rondônia
RR	Roraima
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
SE	Sergipe
TO	Tocantins

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa Conceitual demonstrando as características dos mapas conceituais.....	31
Figura 2	Cartografia dos Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil.....	34
Figura 3	Mapa Conceitual da “Declaração de Santiago” (1972) – parte I.....	41
Figura 4	Mapa Conceitual da “Declaração de Santiago” (1972) – parte II.....	42
Figura 5	Mapa Conceitual da “Declaração de Québec” – parte I (1984)	46
Figura 6	Mapa Conceitual da “Declaração de Québec” – parte II (1984)	47
Figura 7	Mapa Conceitual da “Declaração de Oaxtepec” (1984) – parte I.....	48
Figura 8	Mapa Conceitual da “Declaração de Oaxtepec” (1984) – parte II.....	49
Figura 9	Mapa conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1985).....	54
Figura 10	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1987).....	54
Figura 11	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1992).....	55
Figura 12	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo René Rivard (1984).....	59
Figura 13	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Mathilde Bellaigue (1993).....	60
Figura 14	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Marc Maure (1995).....	61
Figura 15	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Maria Célia Santos (1998).....	62
Figura 16	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Maria Célia Santos (1999).....	63
Figura 17	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luís Alonso Fernández (1999) – parte I.....	66
Figura 18	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luís Alonso Fernández (1999) – parte II.....	68
Figura 19	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luís Alonso Fernández (2001) – parte I.....	69
Figura 20	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luís Alonso Fernández (2001) – parte II.....	70
Figura 21	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Peter Van Mensch (1996).....	71

Figura 22	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Peter Van Mensch (2000).....	71
Figura 23	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Raúl Méndez Lugo (2002)	73
Figura 24	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Ignacio Balerdi (2002).....	75
Figura 25	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Alice Duarte (2013) – parte I.....	77
Figura 26	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Alice Duarte (2013) – parte II.....	78
Figura 27	Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Hugues de Varine (2013).....	80
Figura 28	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Moutinho (1993).....	82
Figura 29	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Moutinho (1995) – Parte I.....	83
Figura 30	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Moutinho (1995) – Parte II.....	84
Figura 31	Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Mario Moutinho (2007) – parte I.....	85
Figura 32	Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Mario Moutinho (2007) – parte II.....	86
Figura 33	Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Mario Moutinho (2007) – parte III.....	87
Figura 34	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Chagas (2014).....	88
Figura 35	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Chagas e Inês Gouveia (2014) – parte I.....	89
Figura 36	Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Chagas e Inês Gouveia (2014) – parte II.....	90
Figura 37	Mapa Conceitual: Museologia de Gênero segundo Irene Vaquinhas (2014).....	91
Figura 38	Mapa Conceitual: Museologia LGBT segundo Jean Baptista e Tony Boita (2016).....	94
Figura 39	Mapa Conceitual: Museologia Indígena segundo Suzenalson Santos (2016).....	96

Figura 40 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1973).....	100
Figura 41 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1976).....	101
Figura 42 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1980).....	101
Figura 43 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Hugues de Varine (1973).....	103
Figura 44 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo René Rivard (1984).....	105
Figura 45 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo André Desvallées (1985).....	106
Figura 46 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Heloisa Barbuy (1989).....	108
Figura 47 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Heloisa Barbuy (1995).....	110
Figura 48 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Mathilde Bellaigue (1993).....	112
Figura 49 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Ignacio Balerdi (2002).....	114
Figura 50 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Bruno Brulon (2014) – parte I.....	115
Figura 51 Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Bruno Brulon (2014) – parte II.....	116
Figura 52 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine (1995).....	122
Figura 53 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine (2005) – parte I.....	124
Figura 54 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine (2005) – parte II.....	125
Figura 55 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Luís Alonso Fernández (2001).....	126
Figura 56 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2004) – parte I.....	127
Figura 57 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2004) – parte II.....	128
Figura 58 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2009) – parte I.....	129
Figura 59 Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2009) – parte II.....	130
Figura 60 Fichas de Apoio à Pesquisa.....	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Cursos de Graduação em Museologia (Brasil)	180
Quadro 2	Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil	199
Quadro 3	Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil: Autodefinição	229

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil – por denominação.....	213
Gráfico 2	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil – por década de criação	214
Gráfico 3	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil – por região.....	215
Gráfico 4	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil – por estado	215
Gráfico 5	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por terminologias	236
Gráfico 6	Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por autodefinições	236

SUMÁRIO

Lista de Siglas.....	10
Lista de Figuras.....	13
Lista de Quadros.....	16
Lista de Gráficos.....	17
Introdução.....	19
1. Contextualizando (O quê?).....	23
2. Objetivos da Pesquisa (Por quê?).....	27
3. Metodologia (Como?).....	29
4. Estrutura da Dissertação.....	37
Capítulo I – Para que vale a teoria?.....	40
1.1. Conceituando a Nova Museologia.....	53
1.2. Conceituando a Museologia Social.....	81
1.3. Conceituando Ecomuseu.....	98
1.4. Conceituando Museu Comunitário.....	121
Capítulo II – Novos Modelos no Velho Modelo: Museologia e Nova Museologia.....	135
2.1. Século XX: a “Era dos Extremos” da Museologia.....	139
2.1.1. Museologia: entre a afirmação e os questionamentos.....	143
2.1.2. Enquanto isso no Brasil.....	158
Capítulo III – Panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil.....	186
3.1. Mapeamento.....	190
3.2. Iniciativas Museológicas.....	199
3.3. O que há de novo na museologia comunitária?.....	213
Capítulo IV – O que nos dizem as fichas museográficas?.....	248
4.1. Sobre Formas de Gestão, Capacitação, Parcerias e Sustentabilidade.....	248
4.2. Sobre Comunicação: Patrimônio, Exposição e Atividades Museais.....	263
4.3. Sobre Memórias, Identidades e Museus.....	276
5. Considerações Finais.....	286
6. Referências.....	293
7. APÊNDICE A – Biografias dos/as autores/as utilizados/as.....	330
8. APÊNDICE B – Fichas Museográficas.....	362

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com museus foi tardio. Não tenho recordações de visitas a museus em excursões escolares muito menos em passeios familiares. Como grande parte das famílias de baixas renda e escolaridade da sociedade brasileira, a minha família enxergava (ou enxerga) o museu como algo distante, que pouco ou nada tem a ver com a nossa realidade e que não oferece nada de significativo.

Durante a adolescência, a mudança de residência do bairro paulistano do Jabaquara para o Ipiranga provocou também outras mudanças. O fascínio exercido pelos suntuosos Museu do Ipiranga¹ e Parque da Independência, além dos resquícios de história contidos em cada espaço do bairro (nomes de ruas, comércios etc.) mudaram completamente a minha percepção sobre a História. Ao mesmo tempo em que observo os nomes de famílias “ilustres” ocupando espaços de convívio social e uma marcante presença orgulhosa de muitos descendentes de imigrantes europeus, percebo uma enorme presença de migrantes nordestinos e seus descendentes (grupo ao qual pertença), moradores de pensões, casas de fundos ou do chamado “baixo Ipiranga”². No entanto, este último grupo, apesar de circular pelos espaços sociais de convivência (clubes públicos e privados, bares, escolas etc.), não está representado em nenhum espaço de memória do bairro. São moradores “indesejáveis” que muito incomodam a “nata” ipiranguense³.

Frequentar o Museu do Ipiranga e principalmente o Parque da Independência foi consequência imediata da mudança para o bairro, pois são áreas de lazer comum aos diversos estratos sociais ali instalados. O ar engrandecedor, quase sacro, do museu, seu altíssimo pé direito, quadros imensos, as suntuosas estátuas dos bandeirantes (Antônio Raposo Tavares e Fernão Dias Paes Leme) que recebem os visitantes no saguão me encantavam, confesso. No entanto, apesar de admirar este importante “lugar de memórias”, aos poucos alguns questionamentos começaram a surgir e

¹ Nome pelo qual o Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP) é popularmente conhecido.

² As “áreas alagadas e alagáveis” (MOURA, 2016, p.64) onde o “riacho do Ipiranga” não se faz formoso, e após processos de urbanização que o retificam e canalizam, tem suas várzeas ocupadas e é poluído pelas mesmas indústrias que trouxeram o “progresso” e o “desenvolvimento” para a região, sendo, por fim, transformado em córrego, e além do mau cheiro exalado também é responsável por inúmeros alagamentos no entorno da Avenida Teresa Cristina.

³ Por inúmeras vezes durante a adolescência presenciei antigos moradores reclamando a presença e os hábitos dos moradores nordestinos do bairro. Atualmente vem sendo ocupado por haitianos, bolivianos e imigrantes de outras origens, os novos “indesejáveis” do bairro.

provocar certo incômodo. Afinal, de quem era aquelas memórias? Onde estavam “os meus” naquele lugar de memórias⁴? Onde estava a memória daqueles que eram responsáveis pela limpeza das casas, que lavavam as louças, passavam as roupas e cozinham? Aliás, onde ficava a cozinha daquela “moradia”⁵?

Incomodava-me a museografia de tipo classificatória que embasava a distribuição e organização dos objetos (mobiliário, porcelana, armamentos etc.) nas diversas salas do museu, sentia falta de contextualizações mesmo antes de ter qualquer contato com o conhecimento museológico, pois me interessava saber como aquelas pessoas viviam, o que pensavam, como se relacionavam, o que exatamente aquela cultura material representava. Ansiava pela representação das demais moradias de época, de pessoas que não pertenciam às elites, saber o que vestiam, como dormiam, festejavam, estudavam, o que comiam, enfim...

Mesmo reconhecendo o lugar ocupado por meus antepassados em uma sociedade escravista, não acreditava que escravidão e sofrimento era tudo o que poderia ser retratado sobre eles em um museu, e duvidava que não havia sobrado nenhum resquício de tantas histórias e memórias. A falta de representatividade em um museu de tamanho porte foi algo que me marcou e incomodou por muito tempo.

Por algum tempo esses incômodos ficaram adormecidos, até que em 2001 ao cursar o 2º ano do Ensino Médio⁶ me senti desafiada por uma professora de História muito especial. Apesar de sua aparente braveza, Emília tinha uma personalidade ímpar e uma visão crítica sobre o mundo que chamava a atenção. Suas provocações para que questionássemos, debatêssemos e refletíssemos sobre a nossa realidade foram importantíssimas para abrir os nossos olhos e despertar o nosso interesse para essa disciplina “desvendadora”⁷. Fiquei muito contente e surpresa quando comecei a estabelecer relações entre passado e presente na história do nosso país, e frustrada ao perceber que muitos dos problemas atuais da sociedade brasileira estão relacionados com processos históricos iniciados há muito tempo (tráfico de africanos escravizados, genocídio e etnocídio de povos indígenas originários, sistema escravocrata etc.), que aqueles nomes representados nas ruas e comércios do bairro

⁴ Desde muito cedo as consciências étnica, de classe e de gênero haviam sido despertadas em mim, um “estímulo” que foi aguçado nas diversas vezes que acompanhei minha mãe nas casas de família em que atuava enquanto trabalhadora doméstica.

⁵ Como muitos moradores do bairro, acreditava que ali havia sido a residência de Dom Pedro I e sua família. Quanta decepção quando soube que aquele edifício nunca havia sido residência da família real, mas que já nascera monumento!

⁶ Cursado na Escola Estadual Doutor Murinho Nobre, no bairro do Ipiranga (São Paulo/SP).

⁷ Apesar de um ensino baseado em uma História Oficial, dos grandes personagens e fatos históricos, Emília nos estimulava a questionar essa visão histórica.

do Ipiranga e praticamente todos aqueles objetos expostos no Museu do Ipiranga representavam uma memória – a chamada “memória do poder” (CHAGAS, 2000, p.12), que “decorre da vontade política de indivíduos e grupos e representa a concretização de determinados interesses” (*idem*, p.13). Uma memória que, como tantas outras, foi construída, mas que pode e deve ser questionada.

Adentrar o Museu Paulista não mais como visitante, mas como estagiária (em 2011) proporcionou outras visões sobre o museu. Trabalhando com seu acervo e tendo acesso às diversas atividades desenvolvidas no e/ou pelo museu (pesquisas, cursos, seminários, oficinas etc.), percebi que “museus são processos”⁸ e estão sempre se transformando, buscando se adequar às novas realidades e exigências. Trabalhar a imensa potencialidade do acervo deste Museu e a possibilidade de acioná-lo a partir de outras abordagens, realizando novas leituras e estudos interseccionais⁹ que contemplem diversos segmentos sociais são demandas recentes que aos poucos começam a ser tratadas por este e muitos outros museus criados com base em um “modelo tradicional de museu”¹⁰. Obviamente que estas demandas, no jogo do poder existentes nas instituições, encontram resistências, mas é possível enxergar linhas de renovação por meio dos temas das pesquisas e nas posturas políticas de muitos/as profissionais de museus.

Defendemos a hipótese de que, paralelamente à renovação de diversos museus tradicionais, a emergência e difusão de ecomuseus, museus comunitários e museus afins tem sido significativa em diversos aspectos. Esses museus assumem papel

⁸ Informação verbal - Reflexão provocada pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno durante a disciplina “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos”, em aula ministrada no primeiro semestre de 2016.

⁹ O conceito de Interseccionalidade foi criado pela professora feminista estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw, que estuda questões de raça e gênero. Trata-se de um “conceito sociológico que estuda as interações nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder”. Um conceito que “é a consequência de diferentes formas de dominação ou de discriminação”, ou seja, a interseccionalidade são “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo” (MOUGEOLLE, 2015).

¹⁰ O que nos referimos como “museu tradicional” está relacionado aos museus modernos europeus do século XIX, que se expandiram enquanto modelo por diversos outros continentes. Apesar de influenciados pelos direitos defendidos pela Revolução Francesa, são instituições com visões homogêneas e hegemônicas das sociedades, que formaram grande parte de suas coleções a partir de objetos pertencentes às elites contemporâneas ou de outrora, a personagens “ilustres” da história local, regional ou nacional, e também com objetos obtidos através de projetos de expansão imperialista e coloniais. Museus que se consagraram enquanto lugares “onde se armazenam, conservam e mostram diferentes obras e objetos do patrimônio” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.11), que objetivavam possibilitar aos seus visitantes a compreensão do mundo, mas que na realidade proporcionavam (ou ainda proporcionam) a compreensão de um mundo específico, de uma memória relacionada ao poder, ancorada em noções como progresso e evolução.

relevante no preenchimento de “lacunas” existentes no conhecimento sobre a história, a cultura, a ciência, os modos de ser, sentir e pensar das camadas populares, antes excluídas dos espaços de representação, e por isto podem ser objetos de estudo – museus e comunidades – de diferentes campos de conhecimento (Museologia, História, Antropologia, Pedagogia e muitos outros) ou ainda abordados por estudos interdisciplinares e transdisciplinares. São processos importantes e fundamentais para o conhecimento das Histórias plurais e para o reconhecimento e a preservação dos patrimônios (natural, cultural, material e imaterial) locais, de comunidades tradicionais ou contemporâneas.

Além de contribuir com o (re)conhecimento e preservação dos patrimônios locais, essas experiências museológicas podem contribuir com a melhoria da qualidade de vida das comunidades em que estão inseridos, por meio do desenvolvimento social (espaço de convívio e relacionamentos, de estímulo a reflexões/críticas, de construção de alternativas comunitárias para a melhoria dos problemas sociais), político (participação social, métodos de autogestão e na luta junto aos órgãos públicos por direitos humanos), econômico (comercialização de produtos locais, turismo comunitário, entre outras dinâmicas) entre outras dinâmicas sociais. Obviamente são experiências que se desenvolvem de forma processual, e não apenas influenciam os contextos em que se desenvolvem, mas são também influenciadas por eles, o que resulta em dinâmicas complexas que não podem ser resumidas a substantivos emblemáticos como sucesso e fracasso.

Hugues de Varine (2013, n.p.), grande admirador de Paulo Freire, nos disponibilizou esta reflexão baseada neste importante pedagogo brasileiro, que muito se relaciona com os processos democráticos de participação que são estimulados por estes museus

[...] cada um de nós sabe muito e se valorizarmos o saber de cada pessoa temos uma riqueza enorme de saberes que podem ser utilizados para o desenvolvimento local, para a política e para tudo, inclusive para a gestão do património, para a criação de instituições educativas e instituições do tipo museu. Por um lado, temos um princípio político, que é o princípio da função social e, por outro lado, o princípio empírico, que é a utilização dos saberes das pessoas. E se estes dois conceitos se unirem num projecto então temos participação.

Essas experiências museológicas, institucionalizadas ou não, são espaços emblemáticos no contexto atual, em que aumentam as exigências sociais por maior representatividade e participação (política, cultural etc.), pelo seu potencial em fortalecer formas de participação democrática, onde prática e teoria (assim como na própria museologia) se entrelaçam e se desenvolvem paralelamente, com erros e acertos, avanços e retrocessos. Nesses espaços, comunidades ímpares (mas com semelhanças que correspondem à complexa e desigual formação da sociedade brasileira) de lugares específicos, encontraram formas próprias de (re)descobrir e (re)significar seu patrimônio, (re)construir sua memória coletiva e refletir sobre temas como identidade, memória, patrimônio, cultura, pertencimento, empoderamento, justiça social etc.

1. Contextualizando (O quê?)

Os museus apresentam-se como instituições para a guarda, preservação, pesquisa e exibição/difusão de parte dos testemunhos históricos significativos da humanidade, e representam hoje uma das mais importantes expressões da cultura¹¹. Alonso Fernández (2001, p.45) observa que apesar do museu ser um fenômeno tipicamente europeu, posteriormente expandido a outros países e regiões, antes mesmo de se inventar a instituição museu ele já existia “como vocação intencional de todos os povos e culturas em todas as épocas”. Reconhece-se a existência de uma “intenção museal”, entendida como a guarda/preservação de objetos representativos de diversos povos e culturas, independente das motivações que para isto tiveram, como algo recorrente em diversas populações. Até mesmo é possível deduzir que o caráter expositivo é quase inerente ao ato de preservar, mesmo que restrito ao âmbito familiar.

No período moderno o fenômeno do colecionismo passou por processos de maturação que desembocaram na formação das primeiras instituições museológicas com caráter enciclopédico, que tinham como missão a produção de conhecimentos e a apreciação estética. No século XIX paulatinamente torna-se uma instituição cultural aberta a todos os públicos, como consequência dos ideais defendidos pela Revolução Francesa (1789), e a partir de então passa a ser utilizado como instrumento de caráter político,

¹¹ Além de instituições como arquivos, bibliotecas, parques temáticos, ao ar livre... e atualmente dispositivos de armazenamento digital e bases de dados (MANOEL-CARDOSO, 2014, p.116-117), que também exercem um trabalho fundamental para a preservação patrimonial das populações.

contribuindo com a legitimação e consolidação da burguesia, ideológico, contribuindo com o processo de consolidação dos estados nacionais e formação de uma consciência “patriótica” nas populações das recentes nações, e educacional, exercendo papel fundamental na educação das massas, aproximando-as de conceitos como civilização, progresso e evolução. É nítido e questionável os limites dessa ciência¹², assim como a abertura a todos os públicos e a existência de hierarquias entre os povos, principalmente quando se identifica apenas o continente europeu como berço de mudanças e paradigma civilizacional.

Nas décadas finais do século XIX e início do século XX os museus enciclopédicos se especializam, e é possível observar um desenvolvimento fenomenal do campo museológico¹³, uma maior abertura e a multiplicação de espaços museológicos, com a criação de museus de diversas tipologias (museus históricos, etnológicos, antropológicos, científicos, de arte etc.). Consolidam-se critérios preservacionistas e o campo vai paulatinamente se estruturando através da formação de instituições e publicações específicas, da organização de encontros, congressos, seminários etc. onde são discutidos problemas referentes às questões teóricas e técnicas dos museus e da museologia.

Em meados do século XX o campo museológico passa por um processo de avanços e rupturas. É possível interpretar o surgimento da Nova Museologia como reflexo ou consequência das ações dos movimentos europeus de contracultura das décadas de 1960 e 1970, que passaram a questionar as estruturas da sociedade (SUANO, 1986, p.58), assim como noções como progresso e evolução, amplamente disseminadas a partir do século XIX, a exigir a real democratização das instituições políticas, educacionais, culturais etc., por meio de uma perspectiva participativa. De acordo com Cícero Almeida (2008), essas ideias se expandem para outras partes do mundo, e tanto influenciam como são influenciadas por outros processos de lutas e transformações - os processos de descolonização na África, a resistência às ditaduras militares na América do Sul, as lutas por igualdade racial em diversos países, entre outras.

¹² Uma ciência claramente etnocêntrica, comprometida com a legitimação do domínio europeu no resto do mundo.

¹³ O campo museológico pertence à área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, que reúne campos de conhecimento interdisciplinares – como direito, administração, economia, arquitetura, ciência da informação, museologia, comunicação, turismo etc. – para os quais “as questões sociais estão sempre em primeiro lugar” (CININI, 2009).

Os museus, instituições culturais que são, não deixaram de sofrer a influência dessa “onda democratizadora”, e os processos reflexivos que questionavam o seu conceito e funções se intensificaram. Alguns marcos fundamentais dessa transformação foram a 9ª Conferência Geral do ICOM (1971)¹⁴, sob o tema “O museu a serviço do homem, hoje e amanhã”¹⁵, e a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), sob o tema “O papel dos museus na América Latina de hoje” (DUARTE CÂNDIDO, 2003; ALONSO FERNÁNDEZ, 2001; MORO; NOVAES, 2010¹⁶, entre outros). Os temas escolhidos pelas instituições organizadoras (Conselho Internacional de Museus – ICOM, e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO) desses dois eventos já apontam algumas mudanças referentes ao interesse dos museus se relacionar mais profundamente com a sociedade, os produtores da cultura material (objetos) preservada em seu âmbito, antes mesmo do interesse pela preservação do objeto em si, descontextualizando-o de toda a sua existência - a máxima “preservar por preservar” -, e também aponta um novo papel para os museus, uma nova função social.

O movimento da Nova Museologia nasce nesse contexto, e defende que além de local de guarda de “objetos representativos dos valores de uma sociedade” (DUARTE CÂNDIDO, 2002, p.67), os museus devem se preocupar com a qualidade da interação entre o público e seu patrimônio (cultural, natural, material e imaterial). Desloca-se o objeto de estudo da Museologia – do objeto para o público – e o museu é levado a se relacionar de forma mais próxima com as diversas camadas da população, tornando-se mais “dinâmico, atuante e questionador” (FERREIRA, 2006, p.10), estimulando a reflexão, “provocando mais do que instruindo” (DUARTE CÂNDIDO, 2002, p.71).

Esse novo posicionamento museológico defende que as instituições museológicas valorizem as memórias em torno dos objetos, contextualize as coleções sob sua guarda considerando suas diversas funcionalidades, proporcione ao público a possibilidade de participar ativamente dos processos de patrimonialização e de musealização¹⁷, entre outras funções sociais assumidas a partir dos diversos questionamentos, reflexões e transformações na sociedade, na instituição Museu e na própria Museologia.

¹⁴ ICOM - Conselho Internacional de Museus.

¹⁵ Realizada nas cidades francesas de Paris, Dijon e Grenoble.

¹⁶ Texto original de 1996.

¹⁷ Baseado em Davallon, Alonso Fernández (1999, p.123) descreve Patrimonialização como o reconhecimento de um objeto/patrimônio pelos membros de um grupo social, e Musealização como a institucionalização de um objeto, tornando-o objeto de museu.

Segundo Maria Célia Santos (2008, p.81),

Falar da Nova Museologia é falar de conflitos, contradições, de épocas marcadas por repressão e, ao mesmo tempo, por um acentuado processo criativo. Os anos 60 foram marcados pelo movimento artístico-cultural, que destaca o novo, com a participação da juventude, na recusa aos modelos estabelecidos [...]. O inconformismo com os esquemas comerciais e com as imposições dos meios de comunicação de massa, a crítica à sociedade de consumo, a recusa a modelos anteriores e a busca de maior liberdade temática ou de linguagem e, ainda, a intenção de provocar a desacomodação ou a desalienação, culminou com o maio francês, que, segundo Paes (1993, p. 30) foi o momento maior de contestação do autoritarismo da sociedade, naquele momento.

Toda a movimentação no campo museológico causado pelos adeptos do movimento da Nova Museologia contribuiu para a ampliação do vértice “edifício-coleção-público” para o vértice “território-patrimônio-população”, o que exigiu transformações na própria atuação dos museólogos e demais profissionais de museus. A partir de então diversos museus tradicionais, cada um a seu tempo, vem se reavaliando e abrindo-se às mudanças propostas. Paralelamente surgem novas experiências museológicas que caracterizam novas tipologias de Museu: ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança etc. Esses novos museus são influenciados e influenciam a Nova Museologia, e contribuem para uma ampliação ainda maior das reflexões do campo museológico, trazendo novos questionamentos e atitudes.

No contexto brasileiro, Fernanda Moro e Lourdes Novaes (2010, p.34) mencionam a existência de uma predisposição às transformações museológicas, incluindo propostas de museus a céu aberto e a participação comunitária nos museus desde a década de 1940, “guardadas as proporções” (*idem*, p.25). No entanto, afirmam que os governos militares¹⁸, que ocuparam o poder entre 1964 e 1984, retardaram a chegada dessas novas ideias – tendências museológicas (teóricas e metodológicas) internacionais – aos museus brasileiros. Maria Célia Santos (2008, p.91) menciona que somente na

¹⁸ A “implantação das ditaduras militares na América Latina, a ampliação da intervenção na Indochina, o reforço aos governos colonialistas e de *apartheid* na África e a sustentação da política israelense no Oriente Médio” são interpretadas por Santos (2008, p.82) como uma resposta dos países imperialistas às ondas de contestação e lutas revolucionárias impetradas na década de 1960.

década de 1980 os profissionais do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹⁹, tiveram acesso à Declaração de Santiago do Chile²⁰.

Apesar das “dificuldades geradas pelos sistemas autoritários e paternalistas, implantados na América Latina”, que “dificultam e podam a iniciativa comunitária” (SANTOS, p.91), após a década de 1980, com a redemocratização do país, diversas iniciativas museológicas influenciadas pelas novas tipologias de museus e também pelos pressupostos da Nova Museologia vêm se desenvolvendo no contexto brasileiro, inicialmente de forma tímida e de forma exemplar a partir da primeira década do século XXI, como veremos adiante.

Analisar a realidade brasileira dessa tipologia de museus coloca em evidência a complexidade das questões de natureza teórica que envolvem essas novas perspectivas museológicas (que adentram os museus tradicionais), e também evidencia a diversidade de experiências museológicas e a riqueza cultural inerente às comunidades em que estão situadas, “lugares de construção de memórias e identidades” (CURY, 2008) que são negligenciados pelos poderes políticos, educacionais, culturais, econômicos etc. Experiências essas que podem estar baseadas em conhecimentos museológicos convencionais, tradicionais ou ortodoxos, ou ainda buscando formas de organização e metodologias próprias e experimentais em sua atuação.

2. Objetivos da Pesquisa (Por quê?)

Responder à questão “Por que pesquisar ecomuseus e museus comunitários?” parece algo simples. O interesse de trazer à tona de forma sistemática estas experiências museológicas relaciona-se diretamente com a minha trajetória pessoal e corresponde a anseios individuais e coletivos, à presença e necessidade de representatividade e reconhecimento de parcelas da população tradicionalmente excluídas dos espaços de memória, cultura, ciência, educação e lazer, e também à luta por um mundo sem desigualdades e injustiças sociais.

¹⁹ Segundo Curso de Graduação em Museologia criado no Brasil, em 1969, de acordo com dados contidos em: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Relação das Instituições de Ensino Superior e Cursos Cadastrados. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2017. Agradeço a Fiorela Isolan, aluna do PPGMUS-USP, que atualmente desenvolve pesquisa sobre os cursos de Graduação em Museologia no Brasil, pelas informações prestadas.

²⁰ Documento Final da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972).

A presente pesquisa prosseguiu os estudos iniciados na Pesquisa de Iniciação Científica “Ecomuseus e Museus Comunitários: Estudo das Possibilidades de Salvaguarda da Memória Popular”, realizada entre julho de 2013 e julho de 2014. Seu objetivo geral foi a identificação, composições e análises do panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil, pautando a compreensão desses processos museológicos com questões teóricas relacionadas à Nova Museologia. Entre os objetivos específicos encontram-se a revisão de termos e conceitos utilizados por teóricos do movimento da Nova Museologia, a apresentação do panorama nacional dessa tipologia de museus de forma sistemática e organizada, e sua análise, explorando aspectos como: ano de criação, região, denominações, referencial teórico, enfoques temáticos, referências patrimoniais, atividades desenvolvidas etc.

Por meio da apresentação do panorama nacional dessas experiências museológicas²¹, enfatizamos a necessidade de uma maior sistematização das diversas pesquisas realizadas por especialistas da Museologia e de outras áreas (Turismo, História, Antropologia etc.), a necessidade de análises teóricas, documentais e também de pesquisas de campo, que possibilitarão análises comparativas entre a produção acadêmica e as experiências cotidianas²² e desmistificar a ideia de que as influências são apenas “de cima para baixo” – da academia para a comunidade – e não recíprocas, principalmente quando a comunidade chega à academia²³. Acrescento ainda uma questão que não foi colocada inicialmente, mas que permeou todo o percurso do desenvolvimento da pesquisa: Por quê museus? Quais foram as razões que fizeram com que estas comunidades optassem pela criação de museus, instituições e processos museológicos tão admiradas por uns e criticadas por outros?

Concordamos com a afirmação de Pierre Bourdieu (1989, p.12-13) de que cada campo de produção é formado por um corpo de especialistas que produz sistemas simbólicos próprios, que correspondem a condições sociais e funções específicas e,

²¹ É importante observar que a quantidade de museus dessa tipologia cresce a cada dia, portanto estamos cientes de que esta pesquisa estará desatualizada no instante de sua publicação.

²² Em sua tese de doutorado, a pesquisadora alemã Andrea Hauenschild observa que “a riqueza de material sobre a nova museologia” que emergiu das 35 entrevistas realizadas com pessoas envolvidas com o Ecomuseu de Haute-Beauce (Canadá), o Ecomuseu du Fier-Monde (Canadá), o Museu de Vizinhança de Anacostia (Estados Unidos) e o projeto *Casa del Museo* (México) “difere consideravelmente do discurso ‘oficial’ de publicações e conferências” (HAUENSCHILD, 1988, n.p.).

²³ Vale mencionar que nas últimas décadas vem crescendo o acesso de milhares de pessoas oriundas de escolas públicas, periferias urbanas, comunidades rurais e tradicionais (indígenas e quilombolas) etc., às universidades públicas e particulares brasileiras.

posteriormente, são apropriados pelo grupo e por não-especialistas. Por conta disso acreditamos que a produção acadêmica de pessoas oriundas de grupos sociais e étnicos menos favorecidos provocam o que consideramos uma “pequena revolução”, lenta e gradual, na produção acadêmica, especialmente quanto aos objetos e metodologias de análise. Tratam-se de saberes que aos poucos revertem a cisão tradicionalmente construída entre os conhecimentos populares e eruditos, demonstrando o quanto a academia pode ser beneficiada pelos conhecimentos tradicionais comunitários e vice-versa. O campo de forças das diversas disciplinas acadêmicas está sendo minado (em um sentido positivo) por estes novos agentes sociais, que excluídos por muitas gerações dos espaços de ciência e poder, agora anseiam em garantir o seu lugar ao sol e à sombra, quando necessário e desejado for.

Acreditamos que museus são processos. Dessa forma, enfatizamos que não é pretensão do atual estudo realizar uma “busca mística” pela “verdade” dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros, em termos de Pierre Bourdieu (1989, p.18), ou atuar como tribunal de julgamento deste ou daquele museu ou experiência museológica, apontando defeitos e/ou qualidades com base em um ponto de vista pessoal. O intuito é tentar compreender a “opção pelos museus” por essas comunidades, o significado da chamada “descolonização ou [...] busca de uma museologia própria” (PRIOSTI, 2010, p.45) no contexto brasileiro, a apropriação do fazer museal por agentes culturais e comunidades específicas, a diversidade de iniciativas, a relevância de sua função social, opções teóricas e metodológicas que se refletem nos discursos e fazeres museológicos e contribuições possíveis ao campo museológico.

3. Metodologia (Como?)

Para que os objetivos da presente pesquisa sejam alcançados, mostrou-se necessário, primeiramente, a revisão de termos e conceitos relacionados à nova museologia e aos museus comunitários e/ou ecomuseus em bibliografia referencial pertinente ao tema. Esta análise mostrou-se relevante devido às diversas abordagens e perspectivas possíveis e à profusão conceitual observada em diversos eventos museológicos que acompanhamos desde 2013. Nestes, foi possível observar processos de apropriação de conceitos e também de construções de novos termos e conceituações.

O primeiro desafio apresentado foi decidir quais autores/as utilizar. Como bem afirma Mário Chagas (1996, p.18) “como toda e qualquer construção, a construção teórica é seletiva, voluntária, limitada e condicionada no tempo e no espaço”, ou seja, “é parcial, expressa uma determinada concepção do mundo, e está carregada de historicidade”. Optamos por utilizar autores/as que dedicam-se ao tema e que, de preferência, não sejam apenas teóricos/as, mas que tenham experiências em algum museu dessa tipologia. Alguns/mas são referenciados por diversas obras, outros/as são menos conhecidos/as, mas apresentam concepções que consideramos importantes por provocar a reflexão sobre esse universo museológico.

Acessar a trajetória dos/as autores/as utilizados/as foi um tanto trabalhoso e passível de esquecimentos. Geralmente as publicações possuem um resumo da trajetória dos/as autores/as, o que pode deixar escapar algumas experiências relevantes para a presente pesquisa. No caso dos/as autores/as brasileiros o Currículo Lattes²⁴ facilitou o acesso a essas trajetórias pessoais. Quanto aos/as autores/as estrangeiros/as, inúmeras publicações (dispersas em diversas bibliografias) e *websites* foram consultados. Com toda a certeza para o objetivo dessa pesquisa as informações que pudemos alcançar foram suficientes, e acreditamos que as lacunas existentes poderão ser exploradas em outras pesquisas.

Os tipos de fontes acessadas variaram de um/a autor/a para o/a outro/a, assim como de um museu para outro. Os conceitos foram apresentados em publicações como artigos, livros, dissertações e teses, e também elaborados em encontros museológicos.

Com o intuito de facilitar a compreensão dos conceitos optamos pela utilização de mapas conceituais. Trata-se de “ferramentas gráficas para a organização e representação do conhecimento” (NOVAK; CAÑAS, 2010, p.10) criadas em 1972 pelo educador norte-americano Joseph Donald Novak (Universidade de Cornell), baseado na psicologia da aprendizagem de David Ausubel, cuja ideia fundamental é de que “a aprendizagem se dá por meio da assimilação de novos conceitos e proposições dentro de conceitos preexistentes e sistemas proposicionais já possuídos pelo aprendiz” – “estrutura cognitiva do indivíduo” (*idem*, p.11). Interessado em encontrar a melhor forma de representar a compreensão conceitual pelas crianças, Novak teve a ideia de criar mapas conceituais, que posteriormente

²⁴ Plataforma nacional onde é registrada a “vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país” (CNPq, 2017).

passaram a ser utilizados por diversos pesquisadores para a organização e representação do conhecimento adquirido.

Figura 1 – Mapa Conceitual demonstrando as características dos mapas conceituais.

Fonte: Suzy Santos, 2016.

Como podemos observar na Figura 1, os mapas conceituais são constituídos por conceitos (rotulados por palavras ou símbolos) e proposições (unidades semânticas ou de sentido) representados de maneira hierárquica, em círculos ou retângulos, relacionados por linhas com palavras ou frases de ligação que relacionam os dois conceitos e os interligam, contribuindo para a compreensão dos sentidos e a assimilação dos conceitos e do conhecimento. Seu sucesso permitiu que o Instituto para a Cognição Humana e Mecânica²⁵ (IHMC), aliasse suas qualidades ao poder da tecnologia, particularmente da internet, e criasse o programa *CmapTools*²⁶, *software* para a elaboração de mapas conceituais. “O programa permite ao usuário fazer *links* com fontes (fotos, imagens, gráficos, vídeos, mapas, tabelas, textos, páginas de internet ou outros mapas conceituais) localizadas em qualquer parte da internet ou em arquivos pessoais a conceitos, ou interligar palavras em um mapa conceitual simplesmente clicando e arrastado os elementos desejados” (NOVAK; CAÑAS, 2010, p.17).

Por serem compreendidos como “uma ferramenta poderosa para capturar, representar e arquivar o conhecimento individual” e também “uma ferramenta importante para criar conhecimento novo” (NOVAK; CAÑAS, 2010, p.17) optamos por utilizá-los na presente pesquisa, pois ao mesmo tempo em que os mapas

²⁵ *Institute for Human and Machine Cognition (IHMC)*.

²⁶ O programa *CmapTools* encontra-se disponível para *download* em: <http://cmap.ihmc.us> (NOVAK; CAÑAS, 2010, p.17).

conceituais permitem compilar e organizar o desenvolvimento do pensamento conceitual de determinado autor, possibilita uma visão panorâmica sobre os conceitos e facilita análises comparativas quanto às semelhanças ou distinções das abordagens.

Ciente de que “o trabalho de conceituação pode [...] ser cumulativo” (BOURDIEU, 1989, p.62), reconhecemos que o acesso a publicações posteriores dos mesmos autores possibilitam novas versões ou visões sobre suas conceituações, permitindo redefinir seus pontos de vista no decorrer do tempo.

Logo que a pesquisa foi iniciada, ainda na Iniciação Científica (assim que as cortinas desse “mundo museológico paralelo” se abriram), percebemos que seria impossível realizar trabalhos de campo pela quantidade de museus que se apresentavam e pelo pouco tempo e recursos de que dispúnhamos. Passada a inquietação inicial, estratégias metodológicas permitiram chegar a um “quadro geral” a ser trabalhado de forma qualitativa.

Margareth Rago (2007, p.10) nos lembra que o principal instrumento de trabalho dos historiadores são as fontes e os discursos, e foram justamente as fontes tradicionais como livros, pesquisas e artigos acadêmicos que nos levaram a uma variedade de outras fontes, menos utilizadas tradicionalmente, mas que nos últimos anos tem chamado a atenção de pesquisadores/as como fonte útil para suas pesquisas, que são os *websites*, *blogs* e redes sociais. No nosso caso, o acesso a essas fontes permitiram uma observação mais próxima desses fenômenos museais, contemplando seus processos de constituição, as formas cotidianas de atuação e ainda nos possibilitou o acesso a discursos coletivos em primeira pessoa, como complemento necessário às informações levantadas por meio de estudos acadêmicos, ou na falta desses, como forma única de acessar o pensar e o fazer museal das experiências e estabelecer o contato com seus/suas representantes. Confesso que caí na armadilha do “objeto pré-construído” (BOURDIEU, 1989, p.30), acreditando que as informações estavam prontas para serem acessadas, organizadas e disponíveis a quem tivesse interesse. Constatamos que elas existem, mas não estão sistematizadas, além de estarem encerradas em círculos e redes restritas, fechadas mais a contatos pessoais do que entre experiências museológicas. A divulgação possibilitada pelas redes sociais e mídias alternativas ajudam, mas não resolvem o problema da sistematização das informações.

Iniciamos o levantamento dos Ecomuseus e Museus Comunitários brasileiros a partir de meios oficiais de divulgação: o Guia dos Museus Brasileiros (GMB, 2011) e o Cadastro Nacional de Museus (CNM)²⁷. Posteriormente, acessamos a lista veiculada pelo *website* da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), e em seguida realizamos uma busca generalizada na internet, em *websites* de busca e redes sociais, por meio de palavras-chave. Paralelamente, acessamos o referencial bibliográfico (artigos, livros, teses etc.) que relata, analisa e reflete sobre as transformações no campo da Museologia e as iniciativas museológicas comunitárias. O levantamento foi complementado com informações obtidas por meio do acompanhamento virtual das atividades desenvolvidas pelos museus pesquisados, da participação em eventos, das comunicações com representantes das iniciativas ou pesquisadores interessados pelo tema e também por meio de visitas realizadas a algumas das experiências museológicas.

Foi um levantamento bastante trabalhoso, e tivemos que rever inúmeras vezes os limites e considerações sobre quais iniciativas contemplar. Palavras-chave como “ecomuseu” e “museu comunitário” foram utilizadas para a localização dos primeiros museus, o que posteriormente tornou-se um problema, pois ao mesmo tempo em que observamos a existência de iniciativas que apesar de utilizarem a nomenclatura não estão alinhadas conceitualmente com as ideias relacionadas a essa tipologia de museus, estabelecemos contato com experiências culturais e museológicas que se identificam com os pressupostos dessa tipologia de museus, mas se recusam a utilizar o termo “museu” pela carga ideológica por ele carregada, optando pela utilização de outras denominações. A resposta sobre quais iniciativas contemplar na presente pesquisa veio por meio de muito diálogo com outros/as pesquisadores/as com os/as quais pude me reunir no decorrer da pesquisa e compartilhar dúvidas e reflexões. Por falta de outra alternativa viável, optamos por contemplar as iniciativas que utilizam os termos em sua denominação e aquelas que, mesmo não os utilizando, em seus discursos apresentam-se enquanto museus ou experiências museológicas. Chegamos a um total de 196 ecomuseus e museus comunitários no Brasil, apresentados de forma panorâmica na Figura 2, com destaque para a quantidade de experiências museológicas por estado.

²⁷ Ambos desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC).

Figura 2 – Cartografia dos Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil.
Fonte: SANTOS, 2017.

Algumas experiências museológicas foram objeto de pesquisas universitárias, cujos/as autores/as descrevem minuciosamente o reconhecimento dos patrimônios pelas comunidades, a aproximação com os discursos e recursos museológicos (teorias e técnicas), o processo de constituição dos museus etc. Outras experiências mantêm publicações próprias, publicam artigos em revistas ou capítulos em livros. Outras tantas mantêm *websites* (vários deles desatualizados) ou alimentam *fanpages* em redes sociais (geralmente *facebook*). Raras são as experiências museológicas que não possuem nenhuma das alternativas, mas elas existem. O resultado disso é que enquanto alguns museus tem informações diversas e detalhadas, outros possuem muitas lacunas, o que pode gerar imprecisões que reportem à qualidade das atividades desenvolvidas e a uma visão hierárquica sobre os museus, algo que

definitivamente não é o objetivo da presente pesquisa. Algumas fontes utilizadas, como *blogs* e redes sociais, não são comumente utilizadas em pesquisas universitárias, mas como neste caso apresentam o cotidiano das atividades realizadas por estes museus e/ou discursos realizados pelos mesmos, optamos por utilizá-los enquanto fonte de pesquisa.

Durante a Mesa-redonda “O processo museológico brasileiro: a visão das instituições”, realizada no Seminário “A Museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?”²⁸, Antonio Carlos Lobo Soares, ao representar o Museu Emílio Goeldi, manifesta o desejo de que “o advento da internet minimize os problemas de comunicação existentes no Brasil, reduzindo o isolacionismo da região Norte do país” (MESA-REDONDA [...], 2010e, p.134). Soares associa o problema de comunicação ao desconhecimento de todos os documentos debatidos no encontro: Declaração de Santiago do Chile, Declaração de Quebec e Declaração de Caracas. Não podemos afirmar que Antonio Soares terá acesso à atual dissertação, mas a internet foi um recurso fundamental para estabelecermos contato com a maior parte dos museus pesquisados e acompanharmos as atividades desenvolvidas por eles²⁹.

Observamos que algumas dificuldades enfrentadas pelos museus refletem até mesmo na divulgação de suas atividades, e foi possível constatar que muitas vezes a falta de recursos humanos, financeiros e/ou tecnológicos os impossibilitam de manter um serviço constante de comunicação por meio de mídias digitais. No caso dos museus que conseguem manter uma equipe permanente, desenvolver projetos de documentação e manter uma boa comunicação em seus diversos aspectos (atividades museológicas, divulgação e publicações – virtuais ou bibliográficas), a diversidade de fontes foi satisfatória na maioria dos casos. No entanto, muitos museus são mantidos e geridos por voluntários, o que dificulta o desenvolvimento de algumas atividades importantes como documentação e comunicação.

²⁸ Realizado em São Paulo/SP em novembro de 1995.

²⁹ Em um dos eventos dos quais participei (III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural, realizados entre 29 de abril e 1 de maio de 2014) fui questionada pelo representante de um dos museus indígenas sobre a problemática de analisar essas iniciativas museológicas à distância. Decerto um desafio que tem suas limitações, já que as fontes das quais disponho são em sua maioria discursos que exigem interpretação, pois podem esconder tensões e problemas. Isso me levou a refletir as problemáticas que envolvem o campo de conhecimento histórico. Como é possível analisar comunidades de tempos e locais tão diversos e distantes da realidade atual? A partir de seus vestígios, dos discursos produzidos com base e a partir deles, a partir de documentos oficiais os mais diversos, da cultura material, da observação de acontecimentos ou relatos posteriores, enfim... a diversidade de fontes nos permite afirmar que a distância (no tempo e no espaço) não impede a realização de um estudo qualitativo sobre algo.

Por acreditar que fichas de conteúdo permitiriam uma melhor manipulação, sistematização e análise das informações acessadas por meio das fontes que utilizamos, optamos pela elaboração de fichas museográficas denominadas “Fichas de Apoio à Pesquisa”, com informações básicas sobre as iniciativas que embasaram as reflexões desenvolvidas principalmente nos dois últimos capítulos dessa dissertação, e poderão ser um ponto de partida para pesquisas futuras.

A partir da análise teórica e das fichas de apoio, refletiremos sobre alguns pontos comuns entre as iniciativas, que permitem identificar conceitos referenciais e genéricos, facilitando análises sem que, no entanto, tenham a mínima intenção de se cristalizar, mas contribuir com a compreensão da diversidade museológica dessa tipologia de museus denominados majoritariamente como ecomuseus e museus comunitários.

O trabalho de campo possível para esta pesquisa, que se demonstrou fundamental para os objetivos levantados, foi a participação em eventos museológicos, organizados principalmente por iniciativa de universidades e redes de museologia, onde representantes e/ou pesquisadores de ecomuseus, museus comunitários e demais iniciativas museológicas que correspondem a essa tipologia de museus apresentaram-se em mesas e rodas de debates, ou mesmo em forma de pôsteres, distribuíram materiais de divulgação dos museus e compartilharam informações sobre as experiências nos momentos de descontração. Foram oportunidades ímpares para a coleta de informações sobre as iniciativas, envoltas na dinâmica das relações sociais proporcionadas pelos encontros, algo muito mais profundo do que o simples preenchimento de fichas.

Historiadora que sou, não creio na possibilidade de um estudo plenamente objetivo e neutro sobre o passado, muito menos sobre o presente, e concordo com a afirmação de Margareth Rago (2007, p.9) de que “a produção do conhecimento histórico é bem mais difícil e complexa, envolvendo inúmeras discussões e problematizações”. Sabemos que História (disciplina histórica) passou por diversas mutações e que hoje não é mais possível acreditar que o passado está “lá atrás bem organizado” esperando a revelação de sua “essência” (RAGO, 2007, p.9). Certamente os documentos não são um reflexo dos acontecimentos, mas materialidades construídas por um autor (ou atores) social, em um determinado tempo e local, que nunca serão capazes de fornecer uma “síntese totalizadora” (*idem*, p.11) das realidades – no nosso caso comunidades e museus).

A realidade das experiências museológicas pesquisadas é complexa, e estamos cientes que as análises realizadas apresentarão problemáticas que não puderam ser resolvidas por esta pesquisa exploratória, assim como lacunas, que poderão sem dúvida alguma ser preenchidas por pesquisas futuras realizadas por esta ou outros/as pesquisadores/as. Por outro lado, consideramos importante a apresentação de um panorama que dê conta das discussões acerca dos conceitos relacionados a esta tipologia de museus, a relação entre o desenvolvimento da Museologia e o surgimento desses museus nas três últimas décadas do século XX, assim como o levantamento de referenciais bibliográficos e a organização das informações para a composição de um panorama brasileiro dos ecomuseus, museus comunitários e museus afins.

Exponho aqui uma pesquisa datada, um discurso em construção, aberto a críticas e interpretações as mais diversas, pois apesar de alguns anos dedicados a esta temática, ainda se encontra em “estado nascente” (BOURDIEU, 1989, p.19), com muita coisa a ser desvendada. Infelizmente, o tempo é o grande inimigo de pesquisas de tamanha dimensão, que exigem muito mais leituras, trabalhos de campo, diálogos e reflexões. Esperamos, no entanto, que as reflexões gerais aqui trazidas contribuam com as reflexões e questionamentos sobre esses “novos fazeres museais”, que muito tem a contribuir com o campo museológico brasileiro e internacional.

Inspirada nas palavras de Margareth Rago (2007, p.13) sobre a História, acredito que pluralizar a Museologia significa democratizá-la e libertá-la das “formas hierarquizadoras e excludentes do pensamento identitário, abrindo-a não só para múltiplos sujeitos sociais, mas para enfoques, acontecimentos, métodos e procedimentos diferenciados”. Consideramos de extrema importância que o campo museológico, como tantos outros, saiba conviver com diferentes formas de produção do conhecimento, potencializando-as nessa interdisciplinaridade.

4. Estrutura da Dissertação

A presente dissertação está estruturada em quatro Capítulos (I ao IV) e Considerações Finais.

O “**Capítulo I – Para que vale a teoria?**”, dedicou-se à apresentação de Mapas Conceituais explorando as Declarações de Santiago, Quebec e Oaxtepec e os Conceitos “nova museologia”, “museologia social”, “ecomuseu” e “museu comunitário”,

a partir do ponto de vista de diversos/as autores/as. Buscamos refletir sobre as concepções e comparar os diferentes pontos de vista, identificando semelhanças e diferenças entre eles.

O **“Capítulo II – Novos Modelos no Velho Modelo: Museologia e Nova Museologia”** dedicou-se à contextualização e desenvolvimento do campo museológico internacional no século XX (com breves recuos e avanços), com foco nas transformações museológicas e na museologia de base comunitária, a partir de atividades museológicas organizadas por instituições internacionais, como o Conselho Internacional de Museus (ICOM), órgãos governamentais e privados, e por trabalhadores de referência no campo museológico. Na segunda parte nos debruçamos sobre o desenvolvimento da museologia brasileira e os reflexos das ações, questionamentos, discussões e problemáticas presentes nos encontros e eventos internacionais.

O **“Capítulo III – Panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil”** apresenta o panorama brasileiro dos ecomuseus, museus comunitários e museus afins, com base no levantamento realizado. A partir de informações básicas sobre os museus, apresentadas em quadros e gráficos serão evidenciados alguns aspectos relacionados às denominações utilizadas, à compreensão conceitual, à data e local de criação, assim como definições que permitem vinculá-los a certas “categorias”. A análise relaciona a criação dessas experiências museológicas a eventos, políticas públicas e reflete sobre os vínculos com outras instituições (especialmente universidades), que estimularam a criação e disseminação dessa tipologia de museus no Brasil.

O **“Capítulo IV – O que nos dizem as fichas museográficas?”** apresenta reflexões elaboradas a partir das fichas museográficas dos museus pesquisados, explorando alguns dados apresentados, principalmente referentes a temáticas como gestão, parcerias, sustentabilidade, patrimônio, exposição, atividades museais, identidade e memória. O capítulo evidenciará semelhanças e diferenças entre os museus, além de problemáticas enfrentadas por eles.

Por fim, as Considerações Finais referentes a este universo específico do campo museológico, que se apresenta ora como uma antítese da Museologia e dos museus tradicionais, ora como resultado de um processo de desenvolvimento da Museologia, ou ainda como alternativas ou complementos necessários à democratização dos espaços de memória e para a preservação do patrimônio pertencentes a atores sociais

que foram por muito tempo negligenciados e “esquecidos” pelos Museus, nas quais o ato de – e o que – lembrar e esquecer era determinado exclusivamente por elites intelectuais e econômicas.

Procura-se, através dos capítulos descritos, sistematizar a produção bibliográfica relacionada à Nova Museologia e aos museus comunitários, ecomuseus e museus afins, discutir questões teóricas que consideramos relevantes, apresentar um panorama síntese dessa tipologia de museus no contexto nacional, assim como dados básicos que possibilitem análises gerais acerca dos discursos, objetivos, referências patrimoniais e atividades museológicas desenvolvidas.

Capítulo I - Para que vale a teoria?

É preciso “construir a convicção”!

(Cristina Bruno, 2015³⁰)

Construir a convicção é preciso. É preciso que acreditemos na relevância de nossas pesquisas acadêmicas para o campo da Museologia, da mesma forma que é preciso que os museus (instituições ou processos museológicos não institucionalizados) acreditem na importância de seu papel social, trabalhem em prol dos objetivos traçados, procurem inteirar-se sobre os estudos teóricos já realizados e contribuam com o seu desenvolvimento, para que as estruturas do campo descritas por Pierre Bourdieu (1989, p.14), que envolve “os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos”, sejam transformadas e tornem-se estruturas mais democráticas.

De acordo com André Desvallées e François Mairesse (2013, p.17) “o trabalho museal consiste em uma via de mão dupla entre a prática e a teoria”, e a construção dessa convicção exige necessariamente conhecimentos teóricos e metodológicos sobre o campo de conhecimento ao qual pretendemos nos dedicar³¹. No caso da Museologia, é preciso que conheçamos os diversos processos relacionados à constituição desse conhecimento³², dentro e fora dos museus.

Por se tratar de “representações mentais” (CHAGAS, 1996, p.21), os conceitos têm importância fundamental em uma construção teórica. Não são estáticos e definitivos, por isso torna-se necessária uma abordagem que dê conta das transformações, evidenciando a dinamicidade e reformas que as construções teóricas “tendem a sofrer

³⁰ Informação verbal - frase mencionada pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno durante a disciplina “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos” (PPGMUS-USP), em aula ministrada no primeiro semestre de 2016. Mario Moutinho (2015, p.268) também faz uma reflexão a esse respeito ao afirmar que o que nós fazemos museologicamente “é por convicção”, por acreditar que podemos ser úteis e utilizar nosso trabalho visando contribuir com uma série de coisas – as funções sociais dos museus.

³¹ Segundo a museóloga brasileira Manuelina Duarte Cândido (2013, p.16-17), diversas instituições que seguem os modelos tradicionais, devido à falta de recursos humanos e/ou financeiros, ou mesmo devido ao pouco contato com a produção científica e debates da área, “sequer realizam com qualidade a gestão do seu patrimônio, a salvaguarda e a comunicação” (DUARTE CÂNDIDO, 2013, p.16) – ações básicas da museologia/museografia que compõem a cadeia-operatória de salvaguarda –, ficando à margem das inovações museológicas quanto aos procedimentos técnico-científicos para o tratamento dos acervos.

³² Informação verbal - trecho elaborado a partir das aulas e reflexões estimuladas pelas disciplinas obrigatórias do PPGMUS-USP “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos” e “História dos Processos Museológicos, Coleções e Acervos”, realizadas, respectivamente, nos primeiro e segundo semestres de 2016.

[...] ao longo do tempo” (*idem*, p.18). Além das variáveis espaciais, ideológicas etc., pode também existir “diversos significados para o mesmo termo” (*idem*, p.19).

A Declaração de Santiago do Chile é considerada a “primeira expressão pública e internacional” (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999, p.223³³) ou “ponto de partida” (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.73) do movimento da Nova Museologia por diversos autores. Foi o documento final da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, organizada pela UNESCO³⁴ em parceria com o ICOM em 1972, cuja temática principal foi “O papel dos museus na América Latina”. Nela estão os pressupostos básicos da conformação do “movimento ideológico” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.63). Por sua importância como marco delimitador de uma transformação radical no mundo dos museus e da museologia, será retomado por inúmeros autores e pelas posteriores Declaração de Quebec (1984), Declaração de Caracas (1992), entre outras.

Figura 3 – Mapa Conceitual da “Declaração de Santiago do Chile” (1972) – parte I.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

³³ Texto original de 1984.

³⁴ Segundo Hugues de Varine (2012b, p.143), essa mesa-redonda se inseria em uma série de seminários regionais promovidos pela UNESCO: Rio de Janeiro (Brasil, 1958), Jos (Plateau, Nigéria, 1964) e Nova Delhi (Índia, 1966).

Figura 4 – Mapa Conceitual da “Declaração de Santiago do Chile” (1972) – parte II.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

A partir dos mapas conceituais apresentados nas Figuras 3 e 4 é possível observarmos as considerações, recomendações e propostas contidas no documento. A Declaração de Santiago do Chile (MESA-REDONDA [...], 1999) considera que a humanidade vive um período de crise profunda, marcada pelo progresso técnico que

não refletiu no campo cultural, mas causou desequilíbrios e injustiças entre os diversos países do mundo. Defende que os problemas causados por esse progresso devem ser pensados globalmente e ser resolvidos em seus múltiplos aspectos, o que exige o envolvimento de várias disciplinas e saberes, e também os vários grupos sociais.

A Museologia deve então encarar as transformações sociais, econômicas e culturais do mundo contemporâneo, enquanto o Museu deve se reconhecer como instituição a serviço da sociedade, que deve a ela se integrar, se conscientizar sobre os problemas dos meios rural e urbano, o desenvolvimento técnico-científico e a educação permanente, em seus aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos, e assumir um papel decisivo na educação e conscientização da comunidade sobre esses aspectos (MESA-REDONDA [...], 1999).

Em decorrência dessa nova realidade, a Declaração de Santiago (MESA-REDONDA [...], 1999) recomenda a mutação dos museus na América Latina e a concepção de um novo tipo de museu, o chamado “Museu Integral”. Isso não significa que os museus já existentes e especializados devam ser suprimidos, mas entende-se que novos museus permitirão o desenvolvimento e uma evolução mais racional dos museus para melhor servirem à sociedade, através de transformações que podem ser lentas, experimentais ou mesmo ser o princípio essencial do museu. Segundo a Declaração de Santiago, o Museu Integral deve atuar em nível regional, ter uma equipe interdisciplinar, conscientizar as comunidades a que servem através da promoção de atividades que esclareçam os problemas atuais, conectem passado e presente, contribuam com o engajamento e a transformação das comunidades, respondam às suas necessidades, contribuam para o conhecimento de seu patrimônio natural e cultural, para a recuperação do patrimônio cultural da América Latina, evitando a sua dispersão e tornando as coleções mais acessíveis. Para que o Museu Integral desempenhe seu papel social deve modernizar as técnicas museográficas para uma melhor comunicação, evitar materiais dispendiosos e desperdícios e criar sistemas de avaliação. Ciente de que essas mudanças exigem uma mudança progressiva na mentalidade dos profissionais dos museus, assim como nas próprias estruturas das instituições, a Declaração propôs o aperfeiçoamento dos Centros de Formação de Pessoal da América Latina, seu desenvolvimento nos diversos países, a criação de uma rede regional e a disponibilidade de aperfeiçoamento de formação no estrangeiro.

Hugues de Varine (2010a, p.38-39³⁵) faz considerações importantes a respeito da mesa-redonda: o local escolhido para o encontro (Chile)³⁶; a língua oficial do encontro (espanhol ou “portunhol”); os especialistas convidados (todos latino-americanos); o educador Paulo Freire foi convidado a dirigir a mesa-redonda, mas o delegado brasileiro junto à Unesco, por razões políticas, se opôs à sua designação; a apresentação sobre urbanismo feita pelo argentino Jorge Henrique Hardoy, urbanista e então Diretor do Instituto *Torcuato di Tella* de Buenos Aires, que conscientizou os museólogos presentes de que não conheciam as cidades onde viviam, as necessidades culturais e sociais de suas populações etc. Apesar do autor acreditar que os textos “envelheceram na forma e no conteúdo” (VARINE, 2010a, p.40), reconhece ali a existência de um “sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário” (*idem*), principalmente o conceito de museu integral, que considera “a totalidade dos problemas da sociedade”, o de museu de ação e “museu como processo” (VARINE, 2010b, p.99³⁷), não apenas como instituição, mas como “instrumento de libertação das comunidades e da criatividade coletiva e individual” (*idem*, p.99), um “instrumento dinâmico de mudança social” (VARINE, 2010a, p.40).

Segundo Maria de Lourdes Horta (2010, p.64³⁸), o documento de Santiago é revolucionário em sua redefinição de Museu e “provoca um movimento irreversível [...] de abertura para o entorno e a realidade em que se situam estas instituições”, mas é uma proposta datada, monológica, que “ainda deixa perceber uma visão de dentro para fora” no papel conscientizador do museu, uma função social “com laivos didáticos ou ‘catequéticos’”. E embora tenha chegado a um “novo conceito de ‘patrimônio global a gerir’, no interesse do homem e da sociedade” (*idem*, p.65), ainda não se fala da “comunidade como cogestora desses bens, com sua visão própria e seus próprios interesses” (*idem*, p.65). A autora questiona se “não foram as massas e sua problemática, a crise econômica e ambiental que forçaram os museus a sair de seus muros?” (*idem*, p.64)

A Declaração de Santiago, devido ao contexto político da América Latina naquele momento, em que ditaduras militares eram impostas a diversos países, foi “esquecida” por quase dez anos (VARINE, 2010b, p.98). Maria Célia Santos (2008, p.91) menciona que somente na década de 1980 os profissionais do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) tiveram acesso à Declaração, e Angela Sperb

³⁵ Texto original de 1995.

³⁶ O Chile tinha como Presidente naquele momento Salvador Allende, assassinado em 1973

³⁷ Texto original de 1995.

³⁸ *Ibidem*.

(MESA-REDONDA [...], 2010a, p.101) revela que em meados da década de 1990 a declaração não era conhecida por muitos profissionais de pequenos museus locais.

O conceito Nova Museologia, utilizado no sentido de representar um movimento, foi criado apenas em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, reunião autônoma organizada por um grupo de museólogos em Quebec, Canadá (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999).

De acordo com Marília Cury (2005, p.48) a discussão do Encontro Anual do ICOFOM de 1982, realizado em Paris, que teve como tema “O sistema da museologia e interdisciplinaridade”, não ocorreu por haver “divergência em torno da temática”. Enquanto uma parte dos participantes defendiam que a discussão deveria se debruçar sobre a teoria museológica, outros defendiam uma discussão sobre ecomuseologia. Pierre Mayrand (MESA-REDONDA [...], 2010b, p.109) relata que o segundo grupo solicitou ao ICOFOM a criação de um comitê que tratasse especificamente da Museologia Comunitária, o que provocou a retirada do outro grupo “em um gesto de protesto”. Para Mayrand (*idem*), apesar do desejo manifesto de se alterar o panorama, “as estruturas eram muito rígidas” naquele momento.

Foram então deliberados dois encontros em Londres para o ano de 1983 contemplando as duas propostas. Os encontros tiveram como temas: “Metodologia da museologia e formação profissional” e “Museu, território, sociedade - novas tendências/novas práticas”. O primeiro preocupou-se com a construção de um “pensamento museológico fundado nas ciências do homem e da sociedade” e o segundo discutiu os “conceitos de ecologia, territorialidade e território, memória, desenvolvimento, cotidiano, comunidade, identidade” (CURY, 2005, p.49).

Mario Moutinho (2010, p.52) considera o I Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Quebec uma resposta ao que foi considerada uma “atitude segregadora” do ICOM e do ICOFOM, que rejeitavam a “existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da museologia instituída”. De acordo com Pierre Mayrand (MESA-REDONDA [...], 2010b, p.109), o encontro reuniu cerca de 64 participantes de diversos países. Para Mário Chagas (MESA-REDONDA [...], 2010b, p.115), “a afirmação do conceito Nova Museologia pelo MINOM foi algo estratégico, para marcar diferenças e uma ruptura, e posteriormente se instalou uma ideologia”, como atualmente observamos entre os/as defensores/as do conceito de Museologia Social.

A Declaração de Quebec (1984), documento final do Atelier, é considerada o “segundo documento importante do movimento” (DECARLI, 2003, p.6) e “um divisor de águas no

campo museal” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p.12), mas não foi aprovada sem que houvesse conflitos. Mario Moutinho (2010, p.56) explica que a demonstração “da real existência de uma nova postura museológica, renovadora, criativa e militante” e de um “movimento museológico enraizado numa multiplicidade de práticas” levou à rejeição do primeiro texto proposto. Uma nova leitura, mais atenta, demonstrou a existência de um conjunto de ideias partilhadas e possibilitou a ultrapassagem das “diferenças de sensibilidades”.

Seu subtítulo, “Princípios de Base de uma Nova Museologia” (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999), demonstra a emergência ou autoafirmação de uma (Nova) Museologia preocupada com a função social dos museus e o caráter global de suas intervenções, como observamos nos mapas conceituais das Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Mapa Conceitual da “Declaração de Quebec” – parte I (1984).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 6 – Mapa Conceitual da “Declaração de Quebec” – parte II (1984).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

A Declaração de Quebec (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999) considera que a Museologia deve estender suas funções tradicionais a práticas mais vastas, inserindo os meios físico e humano em que os museus estão localizados em suas ações, utilizando para isso a interdisciplinaridade, métodos contemporâneos de comunicação e meios de gestão moderna, integrando seus usuários (uma comunidade participativa) e agregando meios de desenvolvimento.

Reconhece a existência (há mais de quinze anos), de outras museologias, denominadas “ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa” (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999, p.223), que tem contribuído para o desenvolvimento crítico das comunidades que as adotaram. Demonstra a existência de ações museológicas preocupadas com a função social do museu e com o caráter global de suas intervenções, que tomam os conhecimentos dos povos como formas de aproximação entre eles e meios de desenvolvimento cíclico. Afirma que o movimento da nova museologia, preocupado com questões de ordens científica, cultural, social e econômica, utiliza os recursos da museologia para o alcance de seus objetivos, adaptando-os a cada meio e projeto específico. O documento finaliza demonstrando a preocupação com a criação de bases organizativas de reflexão

comum e um quadro de referência teórica dessas experiências museológicas baseado em suas práticas, favorecendo assim o desenvolvimento e eficácia dessas museologias e contribuindo para o reconhecimento do movimento e dessa nova tipologia de museus.

Alguns dias após a realização do I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia ocorria em Morelos (México) o Seminário “Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus) – O homem e seu entorno”, realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Ecologia com o objetivo de promover o diálogo entre especialistas em Ecomuseologia e Nova Museologia estrangeiros e especialistas nacionais em disciplinas próximas ao tema (MEMORIA DEL [...], 1984, p.2). O Seminário teve como documento final a Declaração de Oaxtepec.

A Declaração de Oaxtepec menciona e se solidariza com a Declaração de Santiago do Chile e com a Declaração de Quebec, como podemos observar nos mapas conceituais das Figuras 7 e 8.

Figura 7 – Mapa Conceitual da “Declaração de Oaxtepec” (1984) – parte I.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 8 – Mapa Conceitual da “Declaração de Oaxtepec” (1984) – parte II.

Fonte: Suzy Santos, 2016.

A Declaração de Oaxtepec (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.174-178), além de mencionar a Declaração de Santiago do Chile e a Declaração de Quebec de 1984, se solidariza com a orientação social do papel da Museologia, com os conceitos utilizados pela Nova Museologia e Ecomuseologia e aos esforços latino-americanos em enxergar a Museologia como instrumento para o livre desenvolvimento das

comunidades. Compreende que tanto a Museologia Tradicional como a Nova Museologia tem como objetivos confrontar o homem com a realidade, através de elementos tridimensionais, representativos e simbólicos desenvolvidos cronologicamente.

A Declaração de Oaxtepec defende a valorização integral do Patrimônio Nacional, considerando a unidade “natureza-homem”. Compreende o território como uma unidade física delimitada por critérios geológicos e biológicos, mas que pode ser delimitado por critérios administrativos e políticos, aspectos de produção e laborais, vínculos de parentesco e relações sociais e por questões jurídicas. Esse território, que se torna patrimônio (território patrimonial) quando passa a ser um recurso utilizado pelas comunidades, é diacrônico e acomoda diferentes formas e conteúdos de acordo com o tempo e do grau de desenvolvimento social da comunidade. O conceito de regionalização assinala os territórios, áreas e conteúdos substanciais à comunidade e exige elasticidade a toda tentativa de tipologização. Esta territorialidade é conformada por distintos habitats que identificam uma comunidade cultural (que é pluridimensional, conforme fatores de parentesco, territoriais e laborais) com seu meio ambiente e podem ou não ser modificados pelo homem, mas não é apenas propriedade, e sim uma herança do grupo que deve ser conservada, o que exige conscientização sobre a atual capacidade humana de destruição e a necessidade de garantir a vida humana (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.174-178).

De acordo com a Declaração (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.174-178) as comunidades devem assumir este patrimônio como resultado da ação homem-meio e defende que o conhecimento, a utilização e o desenvolvimento deste patrimônio constituem o seu ecodesenvolvimento - acredita que os termos “território, patrimônio e comunidade” formam uma unidade indissolúvel. Para que isto ocorra considera necessário o desenvolvimento de ações que integrem vontades políticas para a preservação da cultura viva e do patrimônio material, para o desenvolvimento econômico, para a dignidade humana e finalmente, para uma consciência patrimonial comunitária. Sugere que essas ações políticas incluam:

- a formação de promotores (do próprio meio);
- a criação de estruturas associativas e de uma museografia popular (considerando inventário, conservação, apresentação valorizadora e difusão);
- a preparação e participação de profissionais para um diálogo constante com a comunidade;

- a presença e assistência do Estado (por meio de suas instituições) em sua missão de preservar a identidade nacional.

A Declaração de Oaxtepec sugere ainda a organização e criação de centros de ações comunitárias para o desenvolvimento patrimonial – unidades regionais e subregionais de estudo e ação prática que conformariam uma rede de atividades, com programas locais, estatais e regionais dentro do Plano Nacional de Desenvolvimento –, o uso dos meios de comunicação de massa para a difusão e divulgação das ações e o apoio das secretarias do Estado na reformulação dos conceitos “território, patrimônio e comunidade” através de ações intersetoriais e interdisciplinares. Acredita que todas essas ações permitirão aos ecomuseus o fomento e a proteção das identidades locais e regionais, a capacitação de pessoal (inclusive professores) das comunidades para que disseminem o reconhecimento e a utilização dos recursos comunitários que conformem seu patrimônio e sejam transmissores de consciências coletivas sobre patrimônio e comunidade, contribuindo para o resgate, salvaguarda e fortalecimento da história e da memória coletiva (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.174-178).

Os mapas conceituais permitem uma leitura rápida dos documentos, pois apresentam as ideias contidas de forma organizada, o que facilita sua apreensão. Apenas pelos documentos acima mencionados podemos trazer algumas reflexões interessantes.

A Declaração de Santiago do Chile apresenta um mundo em transformação, em que se acirram as desigualdades, e a necessidade de compreendê-lo em seus diversos aspectos torna-se evidente para a sua superação. Enxerga na Museologia e nos Museus a responsabilidade de assumir uma função social diante do mundo ao seu redor. Devem “olhar para fora”, reconhecer e valorizar a diversidade patrimonial das comunidades, dialogar com a população e contribuir com a melhoria de sua qualidade de vida, contribuindo com a resolução dos problemas locais. Pontua a importância da mudança de mentalidade dos profissionais dos museus, algo que acontecerá de forma lenta e gradual (talvez mais do que o esperado), ao que podemos observar quase meio século após a concepção desta Declaração, em que muitos dos temas abordados pela Declaração de Santiago continuam sendo discutidos nas mesas de debates dos encontros museológicos³⁹.

³⁹ No Brasil tivemos um avanço significativo do campo museológico nas duas últimas décadas. Aprofundaremos este tema no Capítulo II deste estudo.

Enquanto a Declaração de Santiago propõe mudanças e concebe um novo tipo de museu, a Declaração de Quebec demonstra que as mudanças no campo museológico já estão em andamento em diversos países, mas as novas experiências museológicas carecem de reconhecimento pela comunidade museológica internacional e pelos poderes públicos apesar das transformações que tem causado nas comunidades que utilizam a museologia e os museus enquanto ferramentas para o seu desenvolvimento. Para que a potencialidade dessas ações seja reconhecida e valorizada, propõe a criação de estruturas organizativas que permitam reflexões contínuas, a formação de uma base teórica própria e que contribua com formação dos profissionais (ou agentes sociais, muitas vezes atuando como voluntários) dos museus.

A Declaração de Oaxtepec faz reflexões importantes acerca da ampliação dos conceitos de patrimônio e território, associando as ações humanas (atividades laborais, relações sociais etc.) com os patrimônios natural, material e imaterial. Defende a utilização dos territórios e suas especificidades (uma herança coletiva), ocupado por atores e grupos sociais múltiplos e em constante transformação que integram as comunidades, como um recurso para o seu desenvolvimento. É interessante observar que a Declaração considera importante tanto o papel e a participação das próprias comunidades quanto o papel do Estado, que por meio de ações conjuntas trabalhariam em prol do reconhecimento, valorização e preservação destes patrimônios locais e da apropriação desses recursos pelas comunidades.

Visando o reconhecimento pela comunidade museológica internacional e a consolidação do movimento, em 1985 é criado em Lisboa o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM)⁴⁰, que congregou três organizações pré-existentes: a Associação de Ecomuseus de Quebec (Canadá); a Associação Nova Museologia e Experimentação Social - MNES (França) e a Associação do Ecomuseu Experimental de Valônia-Bruxelas (BALERDI, 2002, p.503). Após um período inicial de resistência filiou-se ao ICOM, que passou a receber com interesse os projetos do movimento e foi obrigado a reconhecer seu sucesso em termos ideológicos e organizativos (MOUTINHO, 2010, p.56).

A Nova Museologia, como outros termos utilizados pelos expoentes desse “novo pensamento museológico” e pelos representantes das diversas experiências museológicas que influenciaram e/ou foram influenciadas por ele e fugiam ao modelo

⁴⁰ A criação de uma federação internacional da nova museologia foi uma das propostas da Declaração de Quebec.

de museu tradicional, passa a ser conceituada de formas diversas, de acordo com os posicionamentos políticos e ideológicos, as experiências pessoais e os referenciais teóricos de cada autor(a). Exploraremos algumas dessas definições, que podem ser similares, próximas, distintas ou refletirem opiniões pessoais. Para isso, utilizamos os/as seguintes autores/as, cujas formações profissionais encontram-se no Apêndice B da presente pesquisa:

- Nova Museologia – André Desvallées (França), René Rivard (Canadá), Mathilde Bellaigue-Scalbert (França), Marc-Alain Maure (Noruega), Maria Célia Teixeira Moura Santos (Brasil), Luís Alonso Fernández (Espanha), Peter Van Mensch (Holanda), Raúl Andrés Méndez Lugo (México), Ignacio Díaz Balerdi (Espanha), Maria Alice Duarte Silva (Portugal) e Hugues de Varine-Bohan (França);
- Museologia Social – Mário Canova Moutinho (Portugal), Mário de Souza Chagas (Brasil) e Inês Gouveia (Brasil) / Museologia de Gênero – Irene Vaquinhas (Portugal) / Museologia LGBT – Jean Baptista (Brasil) e Tony Boita (Brasil) / Museologia Indígena – Suzenilson da Silva Santos (Brasil);
- Ecomuseu – Georges Henri Rivière (França), Hugues de Varine-Bohan, René Rivard, André Desvallées, Heloísa Maria Silveira Barbuy (Brasil), Mathilde Bellaigue-Scalbert, Ignacio Díaz Balerdi e Bruno César Brulon Soares (Brasil);
- Museu Comunitário – Hugues de Varine-Bohan, Luís Alonso Fernández, Tereza Morales Lersch e Cuauhtémoc Camarena Ocampo (México)⁴¹.

Ciente de que “o discurso teórico se constrói no diálogo entre o sujeito e o objeto de conhecimento” (CHAGAS, 1996, p.19) e também a partir do diálogo entre diversos sujeitos, o presente estudo optou por uma análise comparativa entre as concepções autorais dos principais termos utilizados nos discursos e na bibliografia de referência dos ecomuseus, museus comunitários e demais museus pertencentes a essa tipologia de museus, expostos por meio de mapas conceituais

1.1. Conceituando a Nova Museologia

O termo Nova Museologia foi criado por André Desvallées em 1981, quando o museólogo francês é convidado a atualizar o artigo “Museologia”, escrito por Germain Bazin em 1968 para a Enciclopédia *Universalis*. O autor relata que aproveitando a moda

⁴¹ Mais informações sobre os/as autores/as vide Apêndice A.

do gênero do título em outras áreas (novas matemáticas, nova história etc.), designa as iniciativas que “caminhavam em direção a uma renovação dos museus e da museologia” como “nova museologia”, nomenclatura que afirma não estar relacionada com a “*New Museology*” dos ingleses (DESVALLÉES, 2015e, p.133⁴²). Apresentamos nas Figuras 9, 10 e 11 os mapas conceituais de três artigos (de 1985, 1987 e 1992) em que o autor conceitua o termo.

Figura 9 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1985).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 10 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1987).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁴² Entrevista realizada em 2012.

Figura 11 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo André Desvallées (1992).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

O artigo de 1985 é escrito num momento de gênese do movimento. Apesar de estar envolvido no processo, Desvallées demonstra uma recusa em aceitar a existência de uma outra museologia, embora reconheça que há museologias distintas, boa e/ou má. Acredita que as reivindicações do movimento da nova museologia são uma reação à museologia oficial, e não algo novo, revolucionário, mas ideias que remontam ao ideal do que os museus deveriam ser, com uma

maior proximidade com seu público e uma melhor relação com o próprio patrimônio (DESVALLÉES, 2015b, p.35-39). No artigo de 1987, Desvallées fala novamente do “retorno às origens” ou evolução da museologia. Reconhece a nova museologia como um movimento que teve origem na França na década de 1980, com precedentes desde a década anterior, um movimento que expande/renova o campo de atuação, o conteúdo e a abordagem do museu, enfatiza a sua vocação social e o caráter interdisciplinar da museologia, e se interessa sobretudo pelos novos tipos de museus surgidos a partir da década de 1970 (DESVALLÉES, 2015d, p.49-68⁴³).

Finalmente, o artigo de 1992 (DESVALLÉES, 2015e, p.87-110) é o mais denso. Nele, Desvallées enfatiza que a Nova Museologia é um movimento que amplia as noções de público e da relação deste com seu patrimônio, retoma o “conceito global de patrimônio” (*idem*, p.93) e os princípios de democratização dos museus defendidos pela Revolução Francesa, acrescenta que o movimento tem preocupações teóricas e metodológicas (prática museográfica), mas que apesar de tudo isso não originou uma revolução cultural e “não tem nada de revolucionário” (*idem*, p.95). Desvallées apresenta então alguns possíveis pontos de partida do movimento, identificados a partir dos textos precursores que compunham a coletânea *Vagues: Une anthologie de la Nouvelle Muséologie*⁴⁴, que organizou, e de sua experiência no campo. São eles:

- 1957: A publicação o livro “*Interpreting Our Heritage*”⁴⁵, de Freeman Tilden (Estados Unidos);
- 1966: As Jornadas de Lurs (França) – onde discutiu-se a preservação dos patrimônios cultural e natural com a participação da população;
- 1966: Reunião de Aspen, Colorado (Estados Unidos) – onde Sidney Dillon Ripley, Secretário da *Smithsonian Institution*, reconheceu a crescente responsabilidade social e política do museu e comprometeu-se a financiar o *Neighborhood Museum* de Anacostia, em Washington D.C (HAUENSCHILD, 1988, n.p.), que foi impulsionado pelo museólogo afroamericano John Kinard (DECARLI, 2003, p.12);
- 1969: Seminário realizado no MUSE - *Belford Lincoln Neighborhood Museum* (Estados Unidos) – onde as discussões foram geradas em torno dos

⁴³ Artigo originalmente publicado em 1987.

⁴⁴ Ondas: Uma antologia da Nova Museologia.

⁴⁵ Interpretando nosso Patrimônio.

seguintes temas: “O papel do museu na coletividade” e “Museu de Vizinhança”⁴⁶;

- 1971: A 9ª Conferência Geral do ICOM, realizada em 1971 nas cidades de Paris, Dijon e Grenoble (França), cujo tema escolhido foi “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã” e onde se destacaram as reflexões de Stanislas Adotevi, John Kinard e Duncan F. Cameron;
- 1971: O 1º anúncio público do termo “Ecomuseu” durante a 9ª Conferência Geral do ICOM, na cidade de Dijon (França) por seu então Prefeito e 1º Ministro do Meio Ambiente da França Robert Poujade;
- 1972: O Colóquio sobre “Museu e meio ambiente” (França);
- 1972: A Mesa-Redonda de Santiago do Chile;
- 1982: A Assembleia Geral Associação Geral de Conservadores Franceses (França) – cuja postura reacionária de seus integrantes impulsionou a formação do MNES (DESVALLÉES, 2015e, p.134);
- 1982: A criação da Associação “Museologia Nova e Experimentação Social” - MNES (França);
- as ideias presentes nos escritos e ações de Georges Henri Rivière e Hugues de Varine.

Estranha o fato de Desvallées não ter dado muita importância às mudanças museológicas no calor dos acontecimentos a ponto de não considerá-las revolucionárias, mas em 1992, data da última publicação, já havia passado duas décadas desde a 9ª Conferência do ICOM, e a espetacularidade da multiplicação de museus de diversas tipologias era notável, assim como as experiências museológicas que fugiam a um modelo tradicional de museu se expandiam, e consequentemente a publicação de relatos e reflexões sobre elas. Portanto, torna-se difícil concordar que uma revolução não estava (está) em desenvolvimento por todos esses anos, mesmo que talvez por meio um processo mais lento do que o esperado.

Como não considerar revolucionário o olhar para patrimônios impensáveis durante o século XVIII (da Revolução Francesa), especialmente quando pensamos em questões como a imaterialidade, a origem patrimonial (étnica, popular...) e as territorialidades extraoficiais? Como não considerar revolucionária a gestão de patrimônio coletivos sem a intervenção do Estado? Certamente o conceito

⁴⁶ *Neighborhood Museum.*

“revolução” pode ser compreendido de diversas maneiras, e uma mudança simbólica pode significar mais a alguns do que a outros. Os estudos interseccionais, que considerada múltiplas identidades sociais, assim como marcadores sociais da diferença (classe, raça, gênero, geração, etc.) e sistemas relacionados de opressão contribuem muito para que desenvolvamos olhares mais atentos às diferenças, e quando pensamos no quanto os museus se tornaram mais diversos nas últimas décadas torna-se difícil concordarmos com a afirmação de Desvallées.

O ponto de vista de Desvallées evidencia uma visão romântica acerca dos ideais da Revolução Francesa. Lembremos que não podemos ser anacrônicos, colocando o nosso ponto de vista acerca de um momento histórico que defendia conceitos que parecem incluir todos, como liberdade, igualdade e justiça, mas é importante refletirmos sobre o alcance desses ideais, e se eles de fato eram inclusivos. Eles alcançavam os diversos povos de outros continentes que a colonização europeia submetia? E quanto às minorias étnicas existentes dentro do próprio continente europeu – classes sociais menos favorecidas, “minorias” de gênero, sexuais etc.? Que museu de todos é esse que se apregoava em uma sociedade baseada em noções como progresso e evolução, que desconsiderava diversas tradições e costumes das populações, impunha uma nova ordem mundial baseada no lucro? Que museus são esses que serviram como ferramentas para a consolidação de discursos científicos xenófobos, racistas e machistas?

Um ano antes do primeiro artigo de Desvallées, o canadense René Rivard apresentava sua concepção de Nova Museologia no “Seminário Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus): O homem e seu entorno”, realizado em 1984 no México. A partir de sua comunicação no encontro e do texto provisório que comporia o livro *“Que el museo se abra...”*, a relatoria do encontro organizou um artigo com suas ideias (MEMORIA DEL [...] 1984, p.63).

Figura 12 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo René Rivard (1984).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

De acordo com este artigo, Rivard associa a Nova Museologia a um movimento de ação dentro da museologia, que reflete um desejo de mudança, cujo principal elemento é a coletividade. Participação, criatividade e apropriação patrimonial são palavras-chave em sua concepção. Para Rivard a Nova Museologia tem como proposta expandir os conceitos de edifício, coleção, público e especialistas, trabalhados pelo museu tradicional. Considera o território e todo o patrimônio (natural, cultural, material e imaterial) nele contido como elementos essenciais para o processo de desenvolvimento com o qual esta museologia ativa está comprometida. O autor enfatiza a importância da coletividade, em sua opinião o principal elemento das ações geradas por este movimento museológico, e enfatiza a importância da recusa do movimento à institucionalização, já que sob seu ponto de vista movimento é ação, coletividade e desejo de mudança, o que “representa uma realidade contraposta em grande medida à instituição tradicional” (MEMORIA DEL [...] 1984, p.64). O ato de institucionalizar-se poderia atrapalhar o dinamismo e a expansão do movimento.

Obviamente a coletividade e a participação social se expandem para além dos especialistas. Nesse ponto, ao mesmo tempo que é importante lembrarmos a frase

de Waldisa Rússio (2010b, p.203⁴⁷) de que os museólogos em seu cotidiano operam enquanto cientistas e trabalhadores sociais e que não devem “recusar a dimensão e o risco político do seu trabalho” (*idem*, p.209), lembremos que muitas pessoas que participam desses processos museológicos são lideranças comunitárias e/ou militantes sociais e, embora não diplomadas, podem também ser considerados museólogos. Aprendem intuitivamente a reconhecer, valorizar, preservar e divulgar seu patrimônio coletivo, evidenciando um autodidatismo capaz de causar inveja a muitos diplomados.

Na concepção de Mathilde Bellaigue (1993, p.74-77), a nova museologia, além de um movimento que pretende renovar a museologia, recusa o lado elitista do museu e busca uma maior aproximação com a população. No entanto, a museóloga francesa distingue a Nova Museologia e a Ecomuseologia. A primeira seria feita “para o público”, e a segunda “para e com o público”. Essa distinção difere do ponto de vista exposto por René Rivard, para quem a participação está intrínseca ao processo de renovação dos museus .

Figura 13 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Mathilde Bellaigue (1993).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

O problema da institucionalização, citado por Rivard (1984, p.17-69), será retomado por outros autores, como Bellaigue (1993, p.77), que afirma que a Nova Museologia institucionaliza práticas que já existiam em campo, a dos ecomuseus. A autora posiciona-se contra esse processo ao relatar a apropriação dos ecomuseus franceses

⁴⁷ Artigo originalmente publicado em 1989.

pelo poder central e a incompreensão dessas ações culturais por parte dos gestores políticos e instituições estatais.

Outro autor, Bruno Brulon (2014, p.34) compreende institucionalização como "um acordo social entre os agentes envolvidos" (*idem*, p.34). O museólogo brasileiro considera a institucionalização um dos “mitos fundadores” dos ecomuseus, e relembra que muitos ecomuseus se engajaram na luta da institucionalização e do reconhecimento oficial, como também podemos observar no contexto brasileiro. É uma questão complexa porque envolve não apenas o reconhecimento, mas também a captação de recursos, já que muitos editais públicos e privados ou outros tipos de verbas públicas destinadas a instituições culturais exigem a existência de um Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ)⁴⁸. Em muitos casos se não institucionalizar não tem recursos, o que pode ser considerado um contrassenso daqueles que pretendem contribuir com o desenvolvimento dessas experiências museológicas. Por outro lado sabemos que existem lideranças comunitárias que se aproximam desses processos “em busca de benefícios próprios” (MOURA, 2016, p.146)⁴⁹. Teoricamente a existência de um Conselho responsável por uma Associação exigiria o envolvimento de diversas pessoas, mas sabemos que em muitos casos esse envolvimento é forjado. Como resolver esse paradoxo? A institucionalização exige um compromisso formal que às vezes muitos voluntários não querem assumir, além de compromissos fiscais e outras burocracias que não condizem com a realidade de muitas experiências museológicas desse perfil.

Figura 14 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Marc Maure (1995).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁴⁸ Na atualidade, após pressão exercida pelos representantes de algumas instituições (museológicas ou não), diversos editais no Brasil aceitam a inscrição de projetos por pessoas físicas.

⁴⁹ Como mencionado por Camila Moura (2016, p.146) ao relatar a experiência do Ponto de Memória da Terra Firme (Belém/PA).

Marc Maure desloca a utilização pioneira do termo da França para os Estados Unidos, mas considera a importância de sua disseminação pelos museólogos franceses. O museólogo norueguês considera a nova museologia um “fenômeno histórico” e um “sistema de valores” (MAURE *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.73) e coloca-a como responsável por “preservar, valorizar, utilizar e difundir” (*idem*, p.106) a cultura daqueles que foram excluídos pela cultura dominante, baseada “no mito da homogeneidade cultural” (*idem*, p.106), a partir de um método de trabalho que envolve o diálogo entre museólogos e comunidade. Maure fala em diálogo entre sujeitos, mas apesar de utilizar o termo democracia cultural como um dos parâmetros da Nova Museologia não fala especificamente em participação social, como enfatiza Rivard (1984).

Figura 15 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Maria Célia Santos (1998).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Maria Célia Santos (SANTOS, 2008, p.21⁵⁰) compreende a nova museologia como um movimento e não uma “nova museologia”, já que considera a Museologia uma ciência em processo, em permanente construção, uma base a partir da qual surgiriam diversas ramificações, diversos “caminhos” (*idem*, p.21). A museóloga brasileira considera que o movimento foi um impulso de renovação e contribuiu para o enriquecimento do fazer museológico, ajustando-o a realidades distintas, incluindo as populações e comprometido com o desenvolvimento social. Santos considera a Museologia como um campo de conhecimento onde atuam diversas forças, e apesar de não mencionar as forças retrógradas que permanecem e resistem às mudanças, o que é comum a todo campo de conhecimento, enfatiza a renovação trazida por novos olhares e práticas.

⁵⁰ Artigo originalmente publicado em 1998.

Figura 16 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Maria Célia Santos (1999).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Em artigo de 1999, Santos (2008, p.80-81) contextualiza o momento de surgimento do movimento da Nova Museologia – a década de 1960 –, que foi palco de muitos

autoritarismos, conflitos e repressão, mas também de muita criatividade, que refletiu no caráter contestador, criativo e transformador (*idem*, p.90) da Nova Museologia, uma “prática humana”, e por isso associada a “experiências passadas e embrionárias” (*idem*, p.81). Foi um momento em que a Museologia iniciou sua abertura à pluralidade e ao respeito às diferenças, às múltiplas realidades e à interação com as comunidades, além de pontuar a necessidade de comprometimento social. Santos (2008, p.80-81) não menciona um local de origem, mas afirma a organização do movimento em diversos países, por profissionais que aproveitaram as brechas dos sistemas de políticas culturais instituídos e organizaram museus ou outros processos museais “fora do espaço restrito do museu” (*idem*, p.80), em contextos diferentes, “mais ajustados às necessidades dos cidadãos” (*idem*, p.80) e interagindo com eles, que passaram a autogerir seu patrimônio cultural. A autora enfatiza as importantes contribuições trazidas por essas novas experiências ao conhecimento museológico como um todo, aos cursos de Museologia, que passaram a repensar seus currículos, e ao papel das universidades na sociedade. Ao vincular comunidade e universidade, torna evidente a penetração de saberes populares nos meios acadêmicos e vice-versa, saberes esses que por muitos séculos foram rejeitados por um saber científico eurocêntrico que adentrou os museus e contribuíram sistematicamente na construção de teorias raciais (SCHWARCZ, 2005, p.124), utilizando seus ricos acervos como instrumentos para comprovar a suposta inferioridades dos povos não-europeus.

Finalmente, Santos (2008, p.69-98) apresenta os ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança, entre outros, como formas de “museologia ativa” (*idem*, p.88) que demonstram a capacidade de auto-organização das populações, são livres das amarras de Estados paternalistas e baseadas em alguns princípios, como: o reconhecimento das identidades e culturas de todos os grupos humanos; a utilização da memória coletiva como referencial para entender e transformar a realidade; o incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio; o desenvolvimento de ações museológicas que tenham como ponto de partida as práticas sociais, e não os acervos (como nos museus tradicionais); a socialização da função de preservação; a interpretação da relação entre o homem e o meio ambiente; e o diálogo entre técnicos e grupos comunitários.

Tanto René Rivard (1984) quanto Maria Célia Santos (2008) enfatizam a importância da participação nas ações museológicas vinculadas ao movimento da Nova Museologia. Santos apresenta a conceituação de Luís Mendonça, para quem a participação é “a variável que define o que e como alguém faz algo em uma

organização” e “envolve uma gama de indagações teleológicas, como distribuição de poder, autoridade, propriedade, trabalho, mecanismo de coordenação e integração e processo de tomada de decisão” – o autor afirma que “a autogestão é considerada como o meio mais aperfeiçoado de participação” (MENDONÇA *apud* SANTOS, 2008, p.102).

Para Bruno Brulon (2014, p.39) pode “parecer ilusória a concepção da *automuseologia*, em que uma coletividade atua como gestora do seu próprio patrimônio”. Autonomia e autogestão são palavras-chave para o desenvolvimento dessas experiências museológicas, sendo que cada uma decide os caminhos que serão percorridos e os limites do envolvimento com o Estado, por meio de suas instituições ou através de representantes eleitos, e com instituições privadas, já que ambos os processos tem suas exigências, como afirmou o pesquisador Marcelo Lages Murta⁵¹ ao analisar a experiência do Programa Ibero-museus, que, apesar de seu mérito, tem diversas contradições, pois mantém-se uma política de fomento verticalizada que atinge principalmente “instituições modelos”, não gerando possibilidades de protagonismo por grupos sociais diversos.

O Programa Ibero-museus é uma “iniciativa de cooperação e integração dos países ibero-americanos para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus e da museologia” (IBERMUSEUS, 2017) que objetiva a formação da Rede Ibero-Americana de Museus. Está vinculado à Secretaria Geral Ibero-Americana e é dirigido por um Comitê Intergovernamental formado por representantes de doze países membros (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Espanha, México, Paraguai, Peru, Portugal, Uruguai e México). Tem como colaboradores administrativos a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e conta com o apoio financeiro da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento. Atualmente é composta por 22 países.

A exemplo do Ibero-museus, outros editais são repletos de burocracias e exigências que ocupam boa parte do tempo e energia dos representantes desses novos museus. É preciso questionar essas regras - e pressionar sua flexibilização –, assim como os conceitos de boa gestão e eficiência, pois a mobilização que um processo

⁵¹ Informação verbal transmitida na mesa-redonda “Cooperação Internacional e Curadoria: Os museus comunitários e as contradições importas na verticalização do fomento na Iberoamérica”, do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (IV EIEMC), realizado entre 14 e 17 de outubro de 2015 em Juiz de Fora/MG.

museológico comunitário gera é muito mais importante do que os produtos gerados pelo trabalho museológico desenvolvido⁵².

Figura 17 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luis Alonso Fernández (1999) – Parte I. Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁵² Reflexões elaboradas a partir das discussões realizadas na Mesa-Redonda acima mencionada, da qual além de Marcelo Lages Murta também participaram Maria Siqueira Santos, Maria Angela Piovesan Savastano, Renata Sparapan (representantes do Projeto Ecomuseu Campos de São José), Mario de Souza Chagas, Nathália Lardosa e Luisa Calixto (representantes da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro - REMUS-RJ), além das pessoas que compareceram à discussão.

Luis Alonso Fernández (1999, p.7-24) nos recorda a polissemia do conceito Nova Museologia. O museólogo espanhol chega a afirmar que os defensores mais radicais do movimento (uma minoria) negaram a própria validade da Museologia, considerando-a obsoleta e “em vias de extinção” (*idem*, p.23). Pondera, no entanto, que se tratam de “novas museologias”, correntes revitalizadoras da Museologia com diferentes princípios e métodos, que se originaram a partir da crise desta e dos Museus de meados do século XX, originadas devido a uma “deficiente ou errônea distinção” (*idem*, p.19) entre objetos e objetivos, temas e métodos, usos e funções, e impulsionadas por uma demanda sociocultural. O autor enfatiza, no entanto, que se trata de um novo “sistema de valores” (MAURE *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p. 24), e justifica a sua contraposição à museologia tradicional devido às suas orientações metodológicas, investigativas, estratégicas, o enfoque dado à prática profissional e a relação com outras disciplinas, com a tecnologia e com a produção de conhecimento como um todo, com ênfase na participação sociocultural. Para o autor essas novas orientações significam uma “ruptura de fronteiras” (*idem*, p.23) entre os meios museal e social.

Observamos então, de acordo com Maria Célia Santos (2008) e Luis Alonso Fernández (1999) o potencial transformador destas experiências museológicas ao aproximar museus, universidades e a população (e seus saberes tradicionais) à qual estas duas instituições (ou no caso de experiências museológicas não institucionalizadas) devem servir.

Alonso Fernández (1999, p.56) afirma que “não existiu uma única forma museal ao largo do tempo”, como se a Nova Museologia fosse o único momento que se distinguiu de uma museologia hegemônica, mas distintos modelos “provenientes de diferentes enfoques com os quais se tem conceituado a instituição chamada museu e os diferentes métodos empregados para conseguir seus objetivos” (*idem*, p.56). O próprio autor, em obra posterior, observa que antes mesmo de se inventar a concepção moderna de museu ele já existia “como vocação intencional de todos os povos e culturas em todas as épocas” (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.45). Reconhece-se assim a existência de uma “intenção museal”, entendida como a guarda, preservação e comunicação de objetos representativos de uma cultura ou povo, em indivíduos e populações de diversos povos e culturas. Dessa forma, inocente seríamos se acreditássemos que há apenas duas Museologias, uma tradicional e uma “nova museologia”, e não diversas museologias, orientadas ou não em prol de uma função social preocupada com o desenvolvimento das populações a que servem e contando com a sua participação efetiva na gestão do patrimônio coletivo. Esse

comprometimento ficará ainda mais explícito na afirmação do conceito de Museologia Social, como veremos adiante.

O fato é que os questionamentos e transformações trazidos pelo movimento da Nova Museologia trouxeram transformações tanto para instituições tradicionais abertas à contemporaneidade, quanto contribuíram para o surgimento de novos museus, que adotaram ideologicamente os pressupostos – teorias e práticas – da Nova Museologia.

Vale destacar a reflexão de Michel Cote (*apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.32) a respeito da resistência às “novas formas de museologia”,

A museologia é um modo de comunicação relativamente recente, muito mais que o teatro, a música ou a dança. No entanto, se aceita que existem várias formas de teatro (teatro para públicos jovens, teatro experimental...), de dança (clássica, moderna, contemporânea...), de música, mas se encontra uma maior dificuldade em aceitar as diversas formas de museologia. [...] "Por que essa mordaza imposta à museologia?"⁵³

Figura 18 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luis Alonso Fernández (1999) – Parte II. Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁵³ Tradução livre para: “La museología es un modo de comunicación relativamente reciente, mucho más que el teatro, la música o la danza. Ahora bien, se acepta que existen diversas formas de teatro (teatro para públicos jóvenes, teatro experimental...), de danza (clásica, moderna, contemporánea...), de música, pero se encuentra una mayor dificultad para aceptar las diversas formas de museología. [...] “Por qué esta mordaza impuesta a la museología” (COTE *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.32).

Enquanto André Desvallées (1992) identificou alguns pontos de partida do movimento da Nova Museologia, Luis Alonso Fernández (1999, p.79-81) seleciona alguns momentos-chave, como podemos observar no mapa conceitual da Figura 18. Com exceção da primeira utilização da expressão, todos os outros momentos selecionados referem-se às décadas de 1980 e 1990, e muitas delas estão relacionadas ao ICOM ou a um de seus Comitês, além é claro do MINOM, organização afiliada. Ao contrário de Desvallées (2015e, p.133), que rejeita a relação com a “*The New Museology*” dos ingleses, Alonso Fernández (1999) considera a publicação de Peter Vergo um dos momentos-chave do movimento. Observa-se também que a dimensão espacial se expande para além do universo europeu, abarcando a Ásia e as Américas (do Norte, central e do sul). A publicação de 1999 não inclui em nenhum desses momentos o Brasil ou algum país africano, lugares onde experiências museológicas significativas têm se desenvolvido, principalmente após a década de 1990.

Figura 19 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luis Alonso Fernández – Parte I (2001). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Luis Alonso Fernández (2001, p.25-102), como Maria Célia Santos (2008), associa o surgimento do movimento da Nova Museologia com a “revolução romântica” (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, 81) de Maio de 1968 e o “sonho popular” (*idem*, p.25) dos anos 1970 e considera-a uma corrente revitalizadora da Museologia, uma consequência desta (portanto a ela vinculada), mas com conceitos e atuação opostos a uma postura tradicional.

Figura 20 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Luis Alonso Fernández – Parte II (2001). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Alonso Fernández (2001, p.25-102) afirma a defesa pela Nova Museologia de uma modernização sociocultural através de metodologias que envolvem conhecimentos antropológicos, etnológicos, históricos, técnicos etc., e a importância tanto de investigações científicas quanto de procedimentos técnicos inovadores, expressos em uma nova linguagem expográfica, sem ignorar a necessária postura crítica diante das demandas e problemas da sociedade. Todas essas ações evidenciam a importância da pluridisciplinaridade no desenvolvimento da Nova Museologia, uma “museologia de ação” (MAURE *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.26) que também baseia-se nos parâmetros da democracia cultural, participação, interação, diálogo entre sujeitos e a utilização da exposição como método para o diálogo e a conscientização. O caráter científico da Nova Museologia fica evidente tanto nas novas formulações teóricas quanto nas metodologias empregadas nas experiências museológicas, mencionadas pelos/as autores/as.

Para Alonso Fernández (2001, p.25-102), além de espaço de investigação e transmissão de conhecimento, o museu deve ser também um “centro cultural vivo” (*idem*, p.63), espaço para ações culturais, participação, educação permanente e para o desenvolvimento econômico. Ao apresentar a noção de desenvolvimento econômico o autor evidencia que uma iniciativa museológica local, ligada a um território e uma população específica, que além de potenciais culturais e sociais, também o é economicamente, capazes de contribuir para verdadeiras “revoluções cotidianas” (grifo nosso).

O museólogo holandês Peter Van Mensch (1996 *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999; 2000 *apud* DUARTE CÂNDIDO, 2003) menciona o conceito “revolução” ao refletir sobre a Nova Museologia, que considera a segunda revolução do universo dos museus, como podemos observar nos mapas conceituais das Figuras 21 e 22.

Figura 21 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Peter Van Mensch (1996).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 22 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Peter Van Mensch (2000).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

De acordo com Mensch (*apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999; *apud* DUARTE CÂNDIDO, 2003), a primeira revolução do mundo dos museus foi o processo de modernização dos museus ocorrido entre 1880 e 1920, responsável por resolver problemas práticos, como a organização profissional, a criação dos primeiros códigos de ética, a transformação das exposições e a afirmação do museu enquanto espaço comprometido com a educação. Já a segunda revolução refere-se ao surgimento da Nova Museologia, entre as décadas de 1960 e 1980, que muda a base de organização das instituições museológicas das coleções para as funções, introduz um novo aparato conceitual, com destaque para o museu integrado à sociedade, e o museu assume-se com espaço orientado para o desenvolvimento comunitário.

A museóloga brasileira Waldisa Rússio (*apud* CÂNDIDO, 2013, p.23) afirmava a existência de uma museologia existente, real, e uma postulada, sonhada, desejada. A primeira seria aquela que permeia o cotidiano dos processos museológicos institucionalizados, desrespeita os procedimentos técnicos, despreza a discussão teórico-metodológica e sobrevive “em função de apoios político-empresariais pontuais” (*idem*), mantendo-se elitista e excludente, cujos profissionais imediatistas se utilizam de manifestações museológicas direcionadas pelo mercado e modismos da comunicação de massa, comprometendo inclusive a preservação patrimonial e o acesso aos bens culturais. A segunda, utópica, trabalho interdisciplinar sonhado por profissionais e professores da área museológica, refere-se às discussões ideológicas e metodológicas, ou ainda ao domínio das técnicas – “inerentes aos processos de musealização” –, entrelaçados aos “desejos de um fazer museal inclusivo e democrático” (BRUNO, 2006, p.6).

Cabe o questionamento: todas as instituições museais passaram necessariamente pelas revoluções mencionadas por Peter van Mensch? Qual o grau de desenvolvimento desses museus? Quais tipos de museologia permeiam o universo museológico, a real ou a sonhada? Existem “meios termos” entre as duas?

A afirmação de Manuelina Duarte Cândido (2013, p.16-17) de que muitos museus brasileiros estão à margem das inovações museológicas quanto aos procedimentos técnico-científicos não evidencia os diversos graus de “desenvolvimento” desses museus? Se existem inúmeras dificuldades que impedem museus baseados em um modelo tradicional, quais dificuldades podem existir nos ecomuseus, museus comunitários e demais experiências museológicas da mesma tipologia? Será que as limitações institucionais e o vínculo com o Estado prejudicam ou contribuem com o desenvolvimento dessas iniciativas museológicas?

A reflexão de Méndez Lugo (2002, n.p.) segue a mesma linha de raciocínio daqueles/as autores/as que reconhecem os avanços e limites do museu e da museologia tradicional. O autor considera a Nova Museologia um movimento ideológico internacional que após fazer uma reflexão crítica sobre esses avanços e retrocessos compreendeu que o museu precisava se relacionar com a sociedade, cumprir uma função social, integrar-se à comunidade à qual pertence e contribuir com o seu desenvolvimento, considerando seus interesses e necessidades. Ao utilizar o termo “soluções coletivas” (MÉNDEZ LUGO, 2002, n.p.), evidencia a importância da participação, o que enfatiza ao descrever o processo metodológico e relacionar o processo de investigação necessário às experiências museológicas com o conceito de educação popular. O autor afirma ainda que as experiências museológicas procedentes ou precedentes à nova museologia se desenvolvem em contextos específicos e de diferentes formas, encontrando abordagens museográficas próprias.

Relacionar as experiências desenvolvidas pelos adeptos do movimento da Nova Museologia à Educação Popular é algo que se torna inevitável quando analisamos o contexto de seu surgimento e a importância que o discurso democrático assumiu nas décadas seguintes. No entanto, apesar dos avanços, atualmente é discutível e questionável o papel do cidadão comum nas democracias que se instalaram após a queda de governos ditatoriais e independência das colônias africanas. Portanto, processos metodológicos que envolvam a investigação de realidades específicas com o objetivo de gerar conhecimentos sistemáticos sobre uma comunidade, a fim de compreendê-la em seus diversos aspectos (sociais, econômicos, políticos, culturais etc.), com toda a certeza tem um potencial imenso de contribuir para que sejam desenvolvidas estratégias eficientes para a resolução dos problemas levantados e ir além do campo teórico, já que a museologia pretende-se uma ciência social aplicada e a nova museologia especificamente compromete-se com o desenvolvimento social.

Ignacio Balerdi (2002, p.494) descreve a Nova Museologia como um movimento que busca uma ruptura com a Museologia Tradicional, sendo muito mais do que uma adequação museográfica. Ao mesmo tempo em que o museólogo espanhol afirma ser este um fenômeno visto com receio pelos representantes da museologia tradicional, apresenta uma crítica à associação de qualquer novidade no mundo museal à Nova Museologia, o que considera fraudulento. Por outro lado admite a existência de modelos diversos, mas com um “espírito comum” (*idem*, p.495), relacionados à participação democrática, protagonismo, diálogo, interatividade, interdisciplinaridade e principalmente engajados com o desenvolvimento integral e sustentável.

Figura 24 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Balerdi (2002).

Fonte: Suzy Santos, 2016.

Apesar de enfatizar uma ruptura e uma postura radical diante da Museologia Tradicional – que apesar de ter evoluído, segue concepção, estrutura e funcionamento tradicionais – e relacionar a Nova Museologia com os princípios das Declarações de Santiago do Chile e de Quebec, Balerdi (2002, p.493-513) afirma que essa museologia que se autodeclarou crítica teve que se autoavaliar constantemente, e além disso

enfrentou “perigos degenerativos” (*idem*, p.507) relacionados à mitificação do passado, perda de autonomia (advinda com a institucionalização), banalização dos novos modelos surgidos, ou utilizando o neologismo de Roux, a “museomania” (*idem*, p.507), entre outros. Por fim, identificou-se uma forte carga ideológica nos novos modelos, que afinal de contas “nunca tinham sido tão revolucionários” (HUBERT *apud* BALERDI, 2002, p.507).

Ignacio Balerdi (2002, p.493-513) evidencia uma distância entre discursos e práticas. A Nova Museologia foi um movimento que causou desconfiças, convulsionou o mundo dos museus, trouxe mudanças tanto para o museu tradicional quanto para os novos museus, mas que após o radicalismo dos momentos iniciais enfrentou diversos perigos, como a formação de museus com discursos associados à Nova Museologia, mas com práticas distintas, que idealizam e mitificam o passado. É impossível negar os avanços trazidos com a Nova Museologia, influenciada pelo sonho democrático dos anos 1960, mas quando se tratam de experiências museológicas desenvolvidas por comunidades não basta a crítica pela crítica, é preciso compreender os contextos históricos em que as dificuldades se apresentam. Muitas comunidades ainda lutam por direitos básicos, como moradia, saneamento básico, condições dignas de trabalho, afirmação (ou reafirmação) identitária, direito à memória etc., e enxergam museus não como protagonistas – como afirma o autor (BALERDI, 2002, p.508) –, mas como mais uma ferramenta de luta para a conquista desses direitos e para o desenvolvimento local: social, político, econômico etc.

Para Balerdi (2002, p.512-513) a museologia tradicional ainda é hegemônica em um mundo neoliberal onde “primam conceitos como espetacularidade ou rentabilidade sobre participação ou debate”, entre tantos outros, mas as mudanças são visíveis, expressas no “permanente questionamento sobre os museus” e no trabalho desenvolvido por muitos “museólogos sem fronteiras”, que trabalham em diferentes lugares e tentam “transformar as coisas” (*idem*, p.513).

Para a museóloga portuguesa Alice Duarte (2013, 99-117) a expressão Nova Museologia traduz uma “virada teórica e reflexiva” (*idem*, p.108) da museologia contemporânea, compreendendo diversas problemáticas e museologias, trata-se de um movimento com “larga abrangência teórica e metodológica” (*idem*, p.112). A autora identifica duas linhas distintas de renovação (as vertentes francófona e anglo-saxônica) que resultarão em duas vertentes sobrepostas e complementares.

Figura 25 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Alice Duarte – parte I (2013).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 26 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Alice Duarte – parte II (2013).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Ao distinguir duas linhas de renovação da Museologia, Duarte (2013, 99-117) afirma que enquanto a francófona defende o ideal político de democratização cultural, a anglo-saxônica está centrada em reflexões teóricas e epistemológicas acerca dos museus e suas práticas. É uma reflexão interessante, mas parece ignorar que as reflexões acerca dos museus e o diálogo com outras disciplinas (principalmente a antropologia) também foram realizadas pela versão francófona, e a versão anglo-saxônica também realizou novas experimentações museográficas e aproximou o público dos museus. Sua análise parece uma distinção entre uma museologia feita fora das instituições museológicas tradicionais, com ampla participação popular, e outra dentro, envolvendo intelectuais e profissionais de museus. Uma museologia que preza a participação e outra que preza a representação.

Ignacio Balerdi (2002, p.509) afirma que, ao menos no começo, o mundo anglo-saxônico não foi muito sensível às novas propostas, exceto os museus de vizinhança dos Estados Unidos (comunidades afroamericanas) e as diversas experiências na África. O autor relata que houve uma divisão entre “francófonos e anglófonos” na XVI Conferência Geral do ICOM, realizada em Quebec em 1992, e acrescenta que curiosamente, a partir desse momento, as comunidades ameríndias de Quebec assumiram certo protagonismo no movimento, sobretudo a partir dos contatos estabelecidos com o México e o Sudoeste dos Estados Unidos, particularmente o Arizona.

É possível estabelecer um diálogo entre a Nova Museologia e a “história vista de baixo” (RAGO, 2007, p.10), defendida por historiadores sociais que, principalmente a partir da década de 1970 passaram a reivindicar “histórias plurais” (*idem*, p.11), questionando a presença dessas “minorias” nas narrativas históricas e também a construção discursiva dessas narrativas. E é possível ir além, ao considerar o protagonismo dos próprios representantes dessas “histórias plurais”.

O relato de Ignacio Balerdi (2002, p.509) parece corroborar a interpretação de Alice Duarte (2013, 99-117), confirmando uma posterior sobreposição e complementaridade das duas linhas de renovação.

O museólogo francês Hugues de Varine (2013, n.p.) enfatiza o enraizamento da Nova Museologia nas comunidades, como observamos no mapa conceitual da Figura 27.

Figura 27 – Mapa Conceitual: Nova Museologia segundo Hugues de Varine (2013).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Para Varine (2013, n.p.) a Nova Museologia baseia-se em dois princípios: a função social do museu (princípio político), que foi defendida na Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972); e a valorização dos saberes de todas as pessoas (princípio empírico), um princípio clássico dos movimentos locais ligados a modelos desenvolvimentistas, que tem como base a filosofia do pedagogo Paulo Freire. O autor não ignora a dimensão ideológica do movimento, mas dá atenção especial à dimensão prática, pois afirma que estas duas dimensões precisam se unir em um projeto para que haja participação comunitária.

Como os/as diversos/as autores/as demonstraram, a Nova Museologia é um movimento museológico que reflete o espírito de um tempo e está intrinsicamente relacionado com as crises, contestações, transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram durante e após a década de 1960. Relaciona-se com o novo paradigma de democracia, a partir de um ponto de vista não apenas representacional, mas participativo. Estruturou-se internacionalmente nas décadas seguintes, e para isso contou com a predisposição de profissionais de museus a abrir-se ao “novo”, ao incerto e experimental, de onde surgiram novas relações sociais. Contou também com uma ascensão das “minorias”, que passaram a ocupar novos espaços na sociedade. Por se tratar de algo novo, desenvolvido paralelamente em diversas regiões (muitas vezes instintivamente, sem quaisquer relação com o movimento surgido na França), é impossível identificar e impor modelos (embora muitos o queiram).

As concepções acima apresentadas correspondem a pessoas com pontos de vista que ora se assemelham, ora se distinguem, de acordo com experiências pessoais, sensibilidades e concepções ideológicas próprias. Trazê-las nesta pesquisa através de

mapas conceituais, refletindo sobre cada uma delas, foi uma forma de apresentar uma visão panorâmica, relacionar alguns pontos, questionar outros e contribuir para a compreensão desse movimento que é tão disseminado no campo museológico.

Os conceitos apresentados pelos autores permitem a caracterização da Nova Museologia como um movimento ideológico e empírico que trouxe inovações teóricas e metodológicas ao campo museológico, que retira o protagonismo dos museus e considera-os como ferramentas, transcende as paredes dos edifícios e considera todo o território como referência patrimonial e campo de ações museológicas, reconhece diferentes formas museais e processos museológicos desenvolvidos por instituições diversas, amplia a noção de patrimônio e dessacraliza os objetos, dialoga com o público e integra-se às comunidades, contempla diversos modelos de gestão (participativa, autogestionária, co-gestionária etc.), valoriza e utiliza os diversos saberes (tradicionais, populares, acadêmicos, técnicos etc.) e tenta canalizá-los em prol da preservação dos patrimônios e do desenvolvimento pessoal e coletivo dos membros da comunidade.

1.2. Conceituando a Museologia Social

Na década de 1990 as mudanças propostas pelos adeptos da nova museologia foram sendo incorporadas pelos museus brasileiros mais clássicos, mas de acordo com Camila Moura (2016, p.120), isso não representava “a adesão ao caráter político e ético proposto pela museologia social”.

No ano de 1993, paralelamente ao processo de transformação do Curso de Especialização em Museologia Social no primeiro Curso de Mestrado do Instituto Superior de Matemáticas e Gestão da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), foi criado o Centro de Estudos de Socio-Museologia. A publicação “Cadernos de Sociomuseologia” foi criada neste contexto, com o objetivo de “apoiar a formação em Museologia que então se iniciava”, por meio da publicação de “artigos que visavam contribuir para a reflexão e para a consolidação da Museologia enquanto Ciência Social, mas tendo a Sociomuseologia como fio condutor”. Essa opção resulta do contexto social e cultural no qual nasceram os primeiros programas de formação, que tinham como objetivo acolher pessoas que já trabalhavam em museus e tinham por referência a Ecomuseologia e/ou a Nova Museologia (ULHT, 2016).

O primeiro artigo da primeira edição dos *Cadernos de Sociomuseologia*, “Sobre o Conceito de Museologia Social”, foi escrito pelo museólogo português Mário Moutinho e levava o mesmo título da edição. O autor explica ser este um conceito que traduz o “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO, 2016, p.13⁵⁴), e menciona a comunicação de Frederic Mayor, então Diretor Geral da UNESCO, durante a XV Conferência Geral do ICOM (1989), para quem esse esforço de adequação está ligado ao “fenômeno mais geral do desenvolvimento da consciência cultural” (*idem*) e envolve desde a transformação do museu de “instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonômicos” (*idem*) em “entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social” (*idem*), algo que se manifesta principalmente na “aparição de museus comunitários, museus ‘sans murs’, ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna” (*idem*).

Figura 28 – Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Moutinho (1993).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁵⁴ Artigo originalmente publicado em 1993.

De acordo com Moutinho (2016, p.13-15), Museologia Social é um conceito que traduz uma revolução museológica decorrente do processo anunciado na Declaração de Santiago do Chile (1972) e reforçado na Declaração de Caracas (1992), que consiste na abertura do museu ao contexto social em que está inserido. Essa abertura remete à necessidade de uma mudança de mentalidade por parte dos profissionais dos museus, o que exige uma formação que dê conta de esclarecer as transformações desse processo: o alargamento da noção de patrimônio, a redefinição dos objetos museológicos, a ideia de participação comunitária não apenas enquanto público visitante, mas na gestão do museu e definição das práticas museológicas, o uso de novas tecnologias da informação e da museografia como um “meio autônomo de comunicação”.

Figura 29 – Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Moutinho (1995) – Parte I.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 30 – Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Moutinho (1995) – Parte II.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Enquanto a primeira definição (1993) enfatiza a necessidade de formação para as pessoas envolvidas com esses processos museológicos, na segunda definição Moutinho (1995b, p.22-24) insere essa nova museologia no contexto mais amplo da Museologia, afirmando que não se trata de um fenômeno de ruptura que se desenvolve à margem da “museologia tradicional e urbana” (*idem*, p.22), mas de uma museologia informal, que não tem recursos financeiros ou saberes sofisticados, que pode ser marcada por ideologias e paradigmas defasados – o que reflete a cultura das misturas do nosso tempo –, mas que reflete também uma mudança, que ao mesmo tempo que integra os saberes museológicos acumulados ao longo do tempo, é resultado “das novas condições de produção do discurso museológico” (*idem*, p.22).

Mario Moutinho (1995b, p.23) pontua que não se trata de uma modernização dos museus tradicionais por meio da criação de lojas e grandes exposições com objetos e altos orçamentos, mas de uma concepção segundo a qual expor é (ou deveria ser) um posicionamento contra a ignorância, o preconceito e estereótipos culturais, é lidar não apenas com objetos, mas com ideias, é tomar e calcular o risco de desorientar e

perturbar a harmonia / consenso, que constituem o lugar comum (banal). Um posicionamento que nos remete mais uma vez à afirmação de Waldisa Rússio (2010a, p.209) de que os museólogos não devem “recusar a dimensão e o risco político do seu trabalho”, e também à afirmação de Marília Cury (2010, n.p.), para quem os museus devem estar “na contramão” da proporção harmonia social – um discurso construído pelas “hegemonias dominantes” que denota uma “conciliação” (*idem*) – e “insistir na diversidade e na diferença, porque promovem a criatividade, a inovação, a audácia, o diálogo, a negociação” e faz “aflorar as contradições, os conflitos e jogos de interesse e poder presentes na nossa sociedade e que estão incorporados no patrimônio cultural musealizado e naquele musealizável” (*idem*).

Ao reconhecer que as iniciativas ou processos museológicos formados por “movimentos associativos culturais e ecológicos” (MOUTINHO, 1995b, p.22) podem ser “permanentes ou intermitentes, criativos ou reprodutores de modelos, conservadores ou participantes no desenvolvimento das comunidades que lhes dão vida” (*idem*), Moutinho (1995b, p.23) demonstra que Museologia Social refere-se a um posicionamento ético cujo efeito da intervenção “acaba por ser longínquo, perverso tantas vezes e alheio às intenções primeiras” que pode ser tomado ou não pelas iniciativas ou processos museológicos. A ênfase na formação expressa na definição de Museologia Social de 1993 tem então uma importância fundamental para que haja uma mudança progressiva na mentalidade das pessoas envolvidas nesses processos, como apontado na Declaração de Santiago do Chile (1972).

Figura 31 – Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Moutinho – parte I (2007).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 32 – Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Moutinho – parte II (2007).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 33 – Mapa Conceitual: Sociomuseologia segundo Moutinho – parte III (2007).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Em artigo de 2007, Moutinho (2014, p.423-427) finalmente define a Sociomuseologia como uma nova área disciplinar caracterizada por sua interdisciplinaridade, como a própria Museologia é definida. No entanto, o autor menciona novas áreas de conhecimento que, diferente das ciências sociais e cognitivas, apenas recentemente tem recebido maior atenção do campo museológico, como a informática, novas tecnologias da informação, comunicação, gestão da inovação, ciências de administração, ciências jurídicas, estratégia empresarial, marketing, engenharia industrial, design. Especificamente, Moutinho (2014, p.425) menciona uma nova área denominada Ciência de Serviços, Gestão e Engenharia, que visa o entendimento transversal de outras áreas e a articulação dos conhecimentos para atender a uma economia orientada pela produção e uso de serviços. A compreensão dos Museus como “entidades prestadoras de serviços” (*idem*, p.425) insere-o nesse contexto de utilização de múltiplos conhecimentos que contribuam qualitativamente com suas ações.

Mário Chagas (2014, n.p.) afirma que a Museologia Social é uma museologia crítica, socialmente engajada e combativa, o que implica um “rompimento político, ético e científico com a museologia tradicional, clássica e conservadora e normativa”. Considerando que há um rompimento, fica evidente que essas “diferentes museologias” coexistem. Trata-se de um posicionamento político que nos leva a refletir sobre experiências museológicas dessa tipologia onde percebemos grande influência da museologia tradicional, e também sobre museus tradicionais com forte influência da Museologia Social. Mário Moutinho (1995b, p.22), ao descrever a “Museologia Informal”, afirma ser essa uma museologia “que tantas vezes é marcada por ideologias e paradigmas defasados”. Considerando ambos os pontos de vista, é possível afirmar que esses “modelos” não são necessariamente bipolares, e não precisam atuar como experiências museológicas antagônicas. Sendo assim, os compromissos políticos, éticos e sociais apresentados na definição de Museologia Social de Mário Chagas podem (e devem) estar presentes em quaisquer tipologia de museu.

Em um artigo elaborado com Inês Gouveia (2014, p.16), Mário Chagas reforça seu ponto de vista. Diferente de Mário Moutinho (2015, n.p.), que diferencia os conceitos Museologia Social e Sociomuseologia, Chagas e Gouveia consideram-nos sinônimos.

Figura 35 – Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Chagas e Inês Gouveia (2014) – parte I. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 36 – Mapa Conceitual: Museologia Social segundo Mario Chagas e Inês Gouveia (2014) – parte I. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Para Chagas e Gouveia (2014, p.16), a Museologia Social é um neologismo que indica uma museologia comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais, o combate aos preconceitos, a melhoria da qualidade de vida coletiva, o fortalecimento da dignidade e da coesão social, a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu em favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas e dos movimentos sociais. Os autores consideram a fragilidade do argumento de que “toda museologia é social” (*idem*), baseados no fato de que existem museologias que não assumem esses compromissos.

É fato que apenas a utilização de termos como nova museologia, museologia comunitária, museologia social em discursos não atestam se as práticas empregadas pelos museus tem um compromisso político com as questões apresentadas, e é fato que muitos profissionais de museus praticam museologias comprometidas, mas não utilizam o adjetivo “social” ao descrevê-las. Também é evidente que existem resistências ao “novo”, resta saber se expressam um novo temor ao surgimento de “anti-museologias”, como afirmou Ignacio Balerdi ao relatar o temor de alguns teóricos com o desenvolvimento da Nova Museologia (BALERDI, 2002, p.493). Será que essas “museologias indisciplinadas”, que “elaboram permanentemente seus saberes e

fazerem à luz das transformações sociais que vivenciam como protagonistas” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p.16) e comprometidas politicamente representam algum perigo para a sobrevivência de “outras museologias”? Nesse sentido, ecomuseus, museus comunitários e ainda museus tradicionais comprometidos (política, ética e socialmente), podem contribuir para que avaliemos criticamente as iniciativas museológicas mais próximas à indústria cultural⁵⁶.

Há ainda outras museologias que se aproximam da Museologia Social ou afirmam-se estarem em seu âmbito que não podemos deixar de mencionar. Museologias afirmativas, referentes a grupos específicos, que evidenciam os lugares de fala em primeira pessoa. Estudos mais aprofundados certamente surgirão em um futuro próximo e serão muito bem vindos.

Um exemplo que poderia ser trazido à luz das reflexões travadas sobre a dimensão social da Museologia é o conceito Museologia de Gênero, apresentado pela museóloga portuguesa Irene Vaquinhas (2014, p.2).

Figura 37 – Mapa Conceitual: Museologia de Gênero segundo Irene Vaquinhas (2014).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁵⁶ Indústria cuja produção cultural está intrinsicamente ligada à obtenção de lucro.

Apesar de ser compreendida como um “ato de justiça” (RECHENA *apud* VAQUINHAS, 2014, p.2) e um passo a mais na construção de uma sociedade mais justa, igualitária (questões de gênero⁵⁷), inclusiva (socialmente) e democrática (participativa), a Museologia de Gênero tem sua legitimidade questionada por muitos autores, que se posicionam contra a “fundação de museus das mulheres e de gênero, bem como a aplicação de perspectivas de gênero à museologia atual, ou seja, que se considere a condição feminina como eixo estruturante das coleções, permanentes ou temporárias, de museus e das atividades desenvolvidas no espaço museal” (VAQUINHAS, 2014, p.2). Para a autora esses autores desconsideram os pontos de vista “profundamente androcêntricos” (CAO *apud* VAQUINHAS, 2014, p.9) presentes nos grandes museus europeus e naqueles que seguem estes modelos, que constituíram-se “elementos fundamentais na formação dos nacionalismos e dos colonialismos” (LEVIN *apud* VAQUINHAS, 2014, p.9) ao exibir “os espólios da conquistas e os pontos de vista dos vencedores, subentendem um discurso de gênero que valoriza a masculinidade e as funções militares, associando a mulher à vida privada e à maternidade” (*idem*).

A Museóloga e Professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), Joana Angélica Flores Silva, em sua dissertação de mestrado “A Representação das Mulheres Negras nos Museus de Salvador: Uma Análise em Branco e Preto” (2015) vai mais adiante. Ao analisar a representação das mulheres negras nas exposições de alguns museus de Salvador/BA, constata que as “representatividades encontram-se sempre atreladas à figura estereotipada da mulher escravizada”⁵⁸ (SILVA, 2015, p.14) ou através de seus corpos, que são utilizados “como suportes expositivos para os objetos fetiches” (*idem*, p.27), e conclui que a memória das mulheres negras “ainda não foi retirada dos ‘porões’” (*idem*, p.17). Mesmo nas discussões teóricas da Museologia há, sob seu ponto de vista, “uma dominação do masculino no campo museal”, ou seja, “o sujeito masculino aparece como marcador nos estudos que trazem a representação do negro” (*idem*, p.26), prevalecendo a pouca visibilidade à

⁵⁷ De acordo com Irene Vaquinhas (2014, p.11), “[...] chama-se gênero à masculinidade ou à feminilidade convencionadas socialmente, em contraste com o sexo que é o termo usado para designar as diferenças biológicas e fisiológicas entre homens e mulheres. O conceito de *gênero* é mais abrangente do que a palavra sexo, ou seja, o primeiro é um dado cultural; o segundo um dado biológico”. Os estudos de gênero partem do pressuposto de que “a diferença de sexos não é apenas um fenômeno natural, mas uma construção cultural e histórica”, e abrange mais do que a história das mulheres, incidindo sobre outros grupos LGBTTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), assim como “membros de comunidades marginalizadas pelas suas práticas sexuais dissonantes das normas sociais” (PINTO *apud* VAQUINHAS, 2014, p.11).

⁵⁸ Quase sempre associada ao estereótipo da mãe preta, sem nome, filiação ou status social - reflexão compartilhada por Joana Flores na palestra “Memórias e Narrativas das Mulheres Negras nos Museus: Silêncio ou Esquecimento?”, que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016.

presença de mulheres negras nos espaços museológicos. Uma exceção é observada nos Memoriais criados para “homenagear figuras representativas de um grupo político, religioso, ou mesmo uma personalidade de grande veiculação midiática no cenário cultural da Cidade” (*idem*, p.26), como podemos observar nos Museus e Memoriais em Ilês e Terreiros de Candomblé e Umbanda.

A utilização do corpo negro como elemento central de atividades museológicas no transcorrer dos séculos (XIX e XX) foi discutida por Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, Professor da UFBA, na palestra “Memórias e Estigmas: Museus e a Objetivação do Corpo Negro em Exposições”⁵⁹. Em sua palestra, Cunha mencionou o “Zoohumano”, fenômeno de massa que animalizava os povos não europeus a partir de espetáculos ou apenas para a observação de um cotidiano forjado, que compuseram as Exposições Universais utilizadas pelas potências coloniais do século XIX para demonstrar seu poderio, justificar a ação colonizadora e o empreendedorismo que acreditavam (ou não) messiânico. Cunha enfatizou como sua utilização serviu de fomento às teorias raciais, com a agregação de valores negativos ao corpo negro (cabelo, cor da pele etc.), que era exibido sem censura, e aos poucos passou por um processo de deserotização para de exotização, mantida até os dias atuais.

Essa constatação pode ser observada principalmente nos anúncios publicitários, mas também em alguns museus de Arte e História⁶⁰, que ao expor as obras artísticas do século XIX referentes a estes povos, geralmente não tem uma abordagem que dê conta da construção dessa problemática, quer pela falta de conhecimento, sensibilidade ou mesmo interesse.

Há também a Museologia LGBT (no âmbito da Museologia Social), cujas reflexões apresentadas no mapa conceitual da Figura 38 foram desenvolvidas pelos Professores da Universidade Federal de Goiás, Jean Baptista e Tony Boita⁶¹, que compõem o corpo editorial da Revista Memória LGBT⁶² e articuladores da Rede LGBT de Memória e Museologia Social.

⁵⁹ Que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016.

⁶⁰ Inúmeros museus brasileiros possuem pinturas de artistas renomados que abordam as populações indígenas ou negras. Muitas dessas obras apresentam estereótipos ou são imagens claramente erotizadas. Um dia quem sabe as exposições façam uma abordagem problemática da realidade social em que as obras foram criadas e reservem um papel mais digno aos povos nelas representados. Algumas abordagens interessantes tem sido feitas pelos serviços educativos de diversos museus, como por exemplo a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu Paulista e o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, entre outros.

⁶¹ Durante a palestra “Memória LGBT e Museus”, que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016.

⁶² Revista Bimestral criada com o objetivo de mapear (coletando informações em museus, associações, coletivos LGBT's e pessoas físicas), salvaguardar (documentar, higienizar e

Figura 38 – Mapa Conceitual: Museologia LGBT segundo Jean Baptista e Tony Boita (2016). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Em artigo publicado em 2014, Baptista e Boita (2014) problematizam a ausência de um debate museológico sobre a questão LGBT e enfatizam a necessidade da democratização da memória, pois conderam que a “transfobia tenha determinado a exclusão do pensamento trans da produção museológica” (BAPTISTA; BOITA, 2014, p.176). Ao mencionarem o Museu Travesti do Peru, fundado por Giuseppe Campuzano em 2003, evidenciam o tom de denúncia em que o museu atua, ao tornar visível “o racismo e a transfobia católica, estatal, peruana, latino-americana, o não-lugar de cada um de nós LGBT” (*idem*). No entanto, em sua defesa por uma Museologia sensível à questão LGBT, os autores deixam claro que mais do que denunciar, essa museologia tem um propósito pedagógico, um “enfrentamento positivo destinado à superação da homofobia nos museus” (*idem*, p.183), e acrescentamos, fora deles. Ao defender um “fora do armário histórico”, demonstram que é possível ir além dos estereótipos e valorizar as pessoas independentemente de sua identidade

digitalizar) e comunicar (exposição em revista) o patrimônio cultural e iniciativas em memória e museologia social da comunidade LGBT. Trata-se de um “processo análogo a um museu” que “amplia os conceitos da cadeia-operatória museológica” e transforma-se igualmente em uma ferramenta de diálogo entre estes atores sociais. Está vinculada ao Projeto Patrimônio Cultural LGBT e Museus: Mapeamentos e Potencialidades de Memórias Negligenciadas, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Comunidades e Museologia Social - COMUSAS (Ibram/CNPq): extensão universitária e ações afirmativas entre comunidades negras, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBT. Vide: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4241582T5>. Acesso em: 29 mar. 2017.

de gênero e orientação sexual. Estas, no entanto, não devem ser ocultadas, pois evitam que reconheçamos LGBT's entre pessoas públicas cujo talento é reconhecido, mas pouco se fala de suas vidas pessoais com o intuito principal de evitar constrangimentos às famílias, como demonstra o trecho “proibido” da carta enviada pelo escritor Mário de Andrade ao poeta Manuel Bandeira em abril de 1928, disponibilizada para consulta na íntegra pela Fundação Casa de Rui Barbosa somente em junho de 2015 (BOECKEL, 2015, n.p.).

Vivemos em um contexto social em que há uma resistência muito grande por parte da sociedade – principalmente entidades religiosas conservadoras com representantes que ocupam cargos políticos (legislativos) – em discutir as identidades de gênero, direitos humanos e sexuais. A Colunista Luiza Martins (2015)⁶³ apresentou as frases mencionadas por alguns deles em artigo sobre referências de gênero nos Planos Estaduais de Educação, baseados no Plano Nacional de Educação:

O Brasil não está preparado para isso (Deputado Pastor Cleiton Collins, PP⁶⁴-PE).

A questão de gênero não tem necessidade de estar em um plano que prevê a educação para os próximos 10 anos (Deputado Alexandre Postal, PMDB⁶⁵-RS).

Havia um trecho que citava classe social, orientação sexual e gênero. Retiramos, pois quando se trata de respeito às diferenças, já subentende-se essas coisas (Deputado Padre Honório, PT⁶⁶-ES).

Estávamos há mais de um mês em uma grande frente de trabalhos para aprovar o PEE sem a presença de temas contrários à família. Foi uma grande luta, mas, graças a Deus, conseguimos aprová-lo, retirando do texto da lei a ideologia de gênero (Deputado Gilson de Souza, PSC⁶⁷-PR).

Essa resistência não acontece somente a nível nacional. Em 12 de abril de 2017 o *website* da Revista Isto É divulgou uma notícia assombrosa sobre a existência de um campo de concentração secreto mantido pela polícia da Chechênia para prender,

⁶³ No artigo “Pelo menos oito Estados retiram referências a gênero dos planos de educação”, publicado no Portal ZH Educação em 29 de junho de 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/06/pelo-menos-oito-estados-retiram-referencias-a-genero-dos-planos-de-educacao-4791753.html>. Acesso em: 25 jul. 2015.

⁶⁴ PP - Partido Progressista.

⁶⁵ PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

⁶⁶ PT - Partido dos Trabalhadores.

⁶⁷ PSC - Partido Social Cristão.

torturar e assassinar homossexuais foi matéria de capa de diversos jornais e circulou pelas redes sociais⁶⁸. Talvez a recusa da inclusão da chamada “ideologia de gênero” nos planos curriculares não pareça à primeira vista tão danoso, mas quando nos deparamos com uma notícia como esta percebemos o quanto precisamos falar sobre esses “temas perturbadores” (MENESES, 1984, p.198).

No caso dos indígenas e quilombolas apesar de ser reconhecida a identidade étnica e origem social, são grupos que também sofrem discriminação e aos quais é negado principalmente o direito aos territórios reivindicados pelas coletividades. A defesa de uma Museologia Indígena fica clara na fala de Suzenilson Santos⁶⁹, do Povo Kanindé de Aratuba (CE), coordenador do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé, articulador da Rede Indígena de Memória e Museologia Social e consultor do IBRAM para os Pontos de Memória Indígenas.

Figura 39 – Mapa Conceitual: Museologia Indígena segundo Suzenilson Santos (2016).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

⁶⁸ De acordo com o artigo “Chechênia mantém ‘campo de concentração’ para torturar gays”. Disponível em: <http://istoe.com.br/chechenia-mantem-campo-de-concentracao-para-torturar-gays/>. Acesso em: 13 abr. 2017.

⁶⁹ Ou Suzenilson Kanindé, durante a Palestra “Memórias Indígenas e Museus”, que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016, e também durante a participação em diversos outros eventos, como o V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o II Fórum Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco, realizados respectivamente em abril e em agosto de 2016, no Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuîre (Tupã/SP) e no Território Indígena Kapinawá (Buíque/PE).

Enquanto Suzenilson Kanindé afirma a construção de uma Museologia Nativa, Francilene Pitaguary⁷⁰, do Povo Pitaguary de Pacatuba (CE), representante do Museu Indígena Pitaguary, Xamã seguidora do Pajé e Professora formada pela "Universidade das Matas", afirma que a Museologia Indígena é apenas um nome atual para um processo já existente há muito tempo, de preservação e valorização dos patrimônios e territórios sagrados indígenas. Aqui, a "intenção museal" existente "como vocação intencional de todos os povos e culturas em todas as épocas", mencionada por Alonso Fernández (2001, p.45) se expande para além da guarda/preservação de objetos, já que na própria noção de preservação para os povos indígenas está implícita uma noção muito ampliada de patrimônio, abarcando patrimônios naturais, culturais, materiais e imateriais.

Os conceitos Museologia Social, Museologia de Gênero, Museologia LGBT e Museologia Indígena são utilizados para demarcar campos afirmativos, uma militância por parte de seus defensores. Baseada em Barbara Caine e Glenda Sluga, Irene Vaquinhas (2014, p.9) nos recorda que o discurso ideológico fundamentado em princípios darwinistas pressupõe hierarquias entre as raças, nações e sexos que se traduzem em narrativas que marginalizam as mulheres. Talvez eles não estejam tão claros em diversos museus contemporâneos, mas onde não há presença há ausência, e quando optam por não mostrar escondem, e é exatamente contra este tipo de exclusão – nos acervos, nas pesquisas, nas exposições, representações e atividades educativas – nos espaços museológicos que as museologias acima mencionadas se posicionam e militam.

Justifica-se, portanto, a importância da demarcação de campos afirmativos na Museologia, partindo do pressuposto de que ainda há muito conservadorismo e preconceito permeando o campo museológico. Reivindica-se e atua-se a favor da função social dos museus no sentido de expor, discutir, valorizar as diferenças e defender a tolerância religiosa, étnica, sexual etc., um papel educativo que infelizmente muitas escolas tem sido impedidas de assumir. Reivindica-se ainda que haja espaço nos museus para o protagonismo dos diversos grupos (ou "comunidades") que compõem a nossa sociedade, para as falas em primeira pessoa. Durante o II Fórum Nacional de Museus Indígenas, Suzenilson Kanindé compartilhou uma frase do Pajé Luis Caboclo que traduz bem o momento atual: "Teve um tempo que pra gente viver tivemos que calar, e hoje pra gente viver temos que falar".

⁷⁰ Ou Francilene da Costa Silva, durante o II Fórum Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco (15-20/08/2016, Terra Indígena Kapinawá, Buíque/PE).

Preocupada especialmente em expressar a necessidade dos lugares de fala na Museologia, em novembro de 2016 Joana Flores Silva compartilhou uma reflexão interessante em sua página do *facebook*⁷¹. Acreditamos que faça muito sentido na discussão que ora trazemos.

Porque a nossa consciência museológica tem cor e é preta! A dor do racismo não é só minha. Conversando com uma amiga, raridade nos discursos museológicos da atualidade sobre esse tema, mais propriamente dito sobre o racismo institucional, acadêmico, dê o nome que quiser, o fato, é que para nós, mulheres negras intelectuais, a pedra não é pequena, porque a sociedade é uma muralha. Quando trazemos os nossos inscitos com apropriação, os(as) brancos (as), ou quase brancos(as), tentam nos arrancar as letras sorrateiramente, disfarçando os conceitos, trocando palavras de lugar... A essência, “parecida”. A ideia, também. O lugar de fala, jamais! Daí a diferença entre quem fala e quem diz. Já não sofro por nunca ter sido lembrada e nem me desespero porque me tratam como esquecida. De resto que sou negra. Vivencio, milito, teorizo e tenho autoridade para apropriar-me das críticas que faço. Ainda que tomem temporariamente o lugar que é da minha fala, ou melhor, das nossas falas, que a sociedade lhes outorgue esse lugar porque brancos(as) são, que lhes assegurem a cadeira do meio e das pontas na “mesa-redonda” ou retangular, nunca poderão tirar de nós algo que nunca nos deram porque o encontramos nas brechas deixadas pelos rastros repetidos de um discurso banal, frouxo, sem sujeito e sem vida, o entre-lugar. Para ver e pertencer tem que sentir o incômodo de ter vindo desse lugar que é lugar nenhum, em todo lugar. Eis a rasura que torna mais evidente o olhar, o falar e o lugar do racismo.”

1.3. Conceituando Ecomuseu

O conceito de Museu Integral, criado no âmbito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, questiona “noções consagradas do universo museológico” (BRUNO; ARAÚJO, 2010, p.19): o colecionismo, o museu entre quatro paredes, o patrimônio oficial -

⁷¹ Trata-se de um pequeno poema que comporá o livro de sua autoria, lançado em julho de 2017. Para mais informações, vide: <https://www.facebook.com/joana.flores.731/posts/1189282304481715>. Acesso em: 24 nov. 2016.

histórico e artístico. Esses questionamentos despertaram “a atenção dos profissionais para todo um patrimônio à espera de musealização, para a importância da participação comunitária em todas as instâncias museológicas”, “impôs novos métodos de trabalho” e “a necessidade de se repensar a formação profissional para a área” (*idem*). Finalmente, “trouxe uma nova perspectiva de atuação, fora das fronteiras tradicionais” (*idem*). Esse novo cenário gerou uma crise de identidade nos museus, que “se confundiram com outros modelos de ação cultural” (*idem*).

Diversos adeptos do movimento da Nova Museologia passaram a conceituar um novo tipo de museu, que deveria assumir “diferentes atitudes e comportamentos com a comunidade, provenientes de uma concepção antropológica de serviço e desenvolvimento social” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.138), e assim “torna-se um instrumento de desenvolvimento sociocultural a serviço de uma comunidade concreta dentro de uma situação democrática” (*idem*, p.139).

Paralelamente às mudanças que despontavam em alguns museus tradicionais, surgiram experiências museológicas denominadas ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança etc. – modelos diferenciados da Nova Museologia, adaptados a seus contextos, mas com uma filosofia próxima (DECARLI, 2002, p.9),

A presente pesquisa se debruçará nos termos ecomuseus e museus comunitários, por serem estas as denominações mais utilizadas para caracterizar novas tipologias de museus. A intenção é compreender se há diferenças entre essas duas concepções de acordo com os/as autores/as utilizados/as. Utilizamos como referência os/a museólogos(as) franceses Georges Henri Rivière, Hugues de Varine, René Rivard, André Desvallées e Mathilde Bellaigue, a brasileira Heloísa Barbuy e o espanhol Ignacio Díaz Balerdi.

Hugues de Varine “inventou em 1971, ‘por acidente – como ele mesmo confirmou – a palavra ‘ecomuseu’” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.104), em um almoço com Serge Antoine (BRULON, 2014, p.31), conselheiro do primeiro Ministro do Meio Ambiente francês, Robert Poujade, no qual Georges Henri Rivière estava presente e posteriormente lhe deu as diversas significações. Posteriormente, na ocasião da realização da IX Conferência Geral do ICOM na cidade de Dijon (a conferência foi realizada em 1971 nas cidades francesas de Paris, Dijon e Grenoble, sob o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã”), Poujade anuncia-o publicamente pela primeira vez (DESVALLÉES, 2015a, p.87-110)

Enquanto Varine (*apud* DUARTE CÂNDIDO, 2002, p.72) afirma que termo foi utilizado para qualificar uma inovação presente em Rivière desde o momento em que foi desenvolvido o pensamento de um museu ecológico, do homem e da natureza, relativo a um território sobre o qual vive uma população, para François Hubert (1993, p.196) o termo foi criado para qualificar um “novo museu”, que se relaciona estreitamente com seu contexto/meio, intenciona a preservação desse meio ambiente social e natural, a explicação de suas mudanças, evoluções e permanências, um museu consciente dos problemas da sociedade e que atue à serviço dela em prol da resolução desses problemas, enfim, um museu vivo onde seu público não seja apenas visitante, mas habitante.

De acordo com Bruno Brulon (2014, p.32), a primeira definição foi realizada por Jean Blanc em um Colóquio Internacional “Museu e meio ambiente”, organizado pelo ICOM em 1972. Blanc (1972) define-o como um “‘museu específico do meio ambiente’, que funcionava como um ‘elemento de conhecimento’ de um conjunto de relações no espaço através do desenvolvimento histórico dessas relações”.

Na tentativa de “escapar às definições” (DESVALLÉES, 2015c, p.23) e relacionar os ecomuseus com a “evolução permanente” (*idem*, p.26) das populações que os conceberam, Rivière criou três definições que chamou de “evolutivas”. A primeira definição, de 1973, é publicada no primeiro dossiê sobre o Ecomuseu de Creusot – CRACAP / *Informations*, nº 2-3, 1976 (DESVALLÉES, 2015e, p.137-138).

Figura 40 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1973).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 41 – Mapa conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1976).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 42 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Georges Henri Rivière (1980).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

A bibliografia acessada (HUBERT, 1993; BRULON, 2014) permitiu a enumeração de algumas características essenciais das duas primeiras definições: 1973 - interdisciplinaridade, união com a comunidade, participação comunitária, a ideia de um “órgão primário e coordenador” e outros “órgãos secundários”, o papel social de atuar como instrumento de interpretação sobre o meio ambiente natural e cultural, informação, tomada de consciência pela comunidade e intercâmbio com outras; 1976⁷²: a afirmação de ser este um museu do homem, da natureza, do tempo e do espaço, uma escola que ajuda a formar especialistas e estimula a população a apreender seus problemas, um laboratório de campo que pode assumir diversas formas. São conceitos que relacionam-se claramente com os mencionados nas definições da Nova Museologia apresentadas anteriormente.

A versão de 1980 é a mais difundida e tornou-se referência (HUBERT, 1993, p.201). Nela, o ecomuseu aparece novamente como um instrumento, mas aqui é definido o papel exato do poder público e da população. Portanto, trata-se de uma concepção que vincula automaticamente este tipo de instituição a poderes políticos formalizados, algo que ainda hoje é discutido por muitos desses novos museus. A definição também apresenta o ecomuseu como um espelho, uma expressão do homem, da natureza e do tempo, uma interpretação do espaço, um laboratório, um conservatório e uma escola. Portanto, a ele estão ligadas as atividades de pesquisa, conservação e educação. Finalmente, Rivière conclui que o princípio da diversidade cultural deve ser levado em conta pelos ecomuseus e que uma “população não está fechada em si mesma” (*idem*, p.102).

François Hubert (1993, p.201) considera a primeira versão “muito geral e bastante imprecisa”, e observa que “entre as versões de 1976 e 1980 se produzem poucas mudanças de fundo exceto o desaparecimento da palavra ‘museu’”⁷³ (*idem*, p.202).

Apesar do “desaparecimento” do termo museu, as atividades mencionadas por Rivière não estão muito distantes das atividades tradicionalmente exercidas por estas instituições: pesquisa, conservação e educação. Muitas vezes de forma falha, mas elas lá estão principalmente a partir do século XIX.

É notável que os conceitos que representam as características desse novo tipo de museu (interdisciplinaridade, diálogo, participação, expansão da ideia de patrimônio e do campo de atuação do museu etc.) aos poucos adentram os museus tradicionais.

⁷² De acordo com Brulon (2014, p.32) a segunda definição foi elaborada em 1978.

⁷³ Tradução livre.

De acordo com Varine (*apud* DECARLI, 2003, p.10-11), o Ecomuseu de Meio Ambiente, considerado uma evolução do Museu Tradicional, seria um aperfeiçoamento dos “museus ao ar livre” escandinavos e das “casas do parque” americanas. O autor menciona o progresso técnico de um modelo baseado em limites territoriais, que tem uma abordagem integradora que considera homem e meio (natural e cultural) e a preocupação com os problemas atuais da população. Já o Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário teria um caráter mais experimental, além de uma “origem e essência comunitária” (VARINE *apud* DECARLI, 2003, p.12). As técnicas e princípios temporais e espaciais seriam as mesmas do Ecomuseu de Meio Ambiente, mas há aqui uma rejeição a qualquer tipo de normalização. O Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário assume-se como um instrumento para o desenvolvimento das comunidades, que aí não é apenas seu objeto e público, mas sujeito de sua criação, ação e animação, com o apoio de outros tipos de associações comunitárias.

O termo Ecomuseu, como observamos, indicaria um novo tipo de fazer museal. Podemos supor que a emergência do *novo* (Nova Museologia e Ecomuseu), estremeceu o campo museológico (BALERDI, 2002) e fez com que profissionais e instituições museais não gostassem de associar-se ao *velho*. Talvez por essa razão alguns museus tenham optado pela mudança de denominação e o termo Ecomuseu tenha entrado na moda na década de 1980, como afirma André Desvallées (2015e, p.139). No contexto brasileiro identificamos dois museus que modificaram sua denominação: o Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha (Florianópolis/SC), atualmente Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; e o Museu de Santa Luzia, atualmente Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo. Além de agregar o termo “comunitário” passou a homenagear seu idealizador, que também foi seu Diretor Cultural e principal incentivador, Jeová Batista de Azevedo, após o seu falecimento⁷⁴.

Georges Henri Rivière (1993, p.204) e Hugues de Varine (2014a, p.245-246⁷⁵) não tiveram a intenção de controlar o uso do termo, mas puderam observar a sua rápida disseminação, embora sem a necessária assimilação das ideias inovadoras relacionadas a essa nova proposta museal. Varine considera um fracasso “a procura de uma nova museologia sob o nome de Ecomuseu ou de Ecomuseologia” (*idem*, p.145), pois “a confusão em torno da palavra, a moda que fez com que centenas de museus locais ou industriais se criassem com este nome, quando nada tinham de

⁷⁴ Mais informações vide Fichas 2 (Ecomuseu do Ribeirão da Ilha) e 3 (Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo) no Apêndice B.

⁷⁵ Entrevista originalmente publicada em 1995.

comunitário, a definição ambígua de G. H. Rivière, a utilização abusiva do museu da comunidade Le Creusot-Montceau como modelo (quando não se tratava senão de um ecomuseu no começo e ainda menos de um modelo) tudo isso faz com que a tentativa de alguns de identificar a nova museologia com essa palavra seja um erro” (*idem*, p.245-246). Ao considerar que “cada projeto local é uma invenção” (VARINE, 2013, n.p.) o autor enfatiza sua oposição à ideia da existência de modelos pré-concebidos.

Figura 44 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo René Rivard (1984).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

René Rivard (1984, p.66-68) não utiliza o termo modelo. Sua definição de Ecomuseu é facilmente adaptada a distintas realidades, e aproxima-se da definição das propostas da Nova Museologia sobre a transformação dos componentes do museu tradicional “edifício – coleção – público” (com atividades sob responsabilidade de especialistas), para “território – patrimônio – população” (com atividades realizadas por especialistas e comunidade). Podemos considerá-los, segundo seu ponto de vista, como as ferramentas utilizadas na aplicação das ideias concebidas pela Nova Museologia.

Apesar das definições de Rivière (elaboradas em 1973, 1976 e 1980) e Varine (elaborada em 1973) não mencionarem esses componentes de forma clara, eles estão presentes quando é exposta a necessidade de um novo olhar diante do território a ser referenciado como campo de atuação do Ecomuseu, um olhar ampliado sobre o patrimônio (a menção aos patrimônios naturais, culturais, tangíveis e intangíveis) e a mudança de percepção sobre a população, que passa de público passivo a público ativo, participativo e gestor.

André Desvallées (2015d, p.21-26) afirma que “este museu que não é museu” interessa-se pelo passado, presente e futuro, pelas coisas da natureza e pelas coisas, atividades e testemunhos culturais produzidas pelo homem e que, portanto, constituem a sua cultura, e não se interessa apenas com coisas, mas também com

peças. Com isso coloca o museu diante de preocupações de sua contemporaneidade e insere-o como uma instituição que também se responsabilizará com a construção de um futuro, onde o público, além de ator e gestor que contribuirá para a construção desse futuro, de acordo com os seus interesses, torna-se também patrimônio do Ecomuseu.

Figura 45 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo André Desvallées (1985).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Ao mesmo tempo em que afirma a existência de um modelo conceitual, Desvallées (2015c, p.24) afirma que "não há modelo, o que se tem são exemplos". O autor faz

algumas observações importantes: a existência em outros países de experiências próximas ao modelo conceitual do Ecomuseu (francês) com denominações diferentes; a abrangência territorial (a consideração de limites que envolvam identidades culturais); a ambiguidade existente entre Ecomuseus que foram criados em resposta a uma demanda social e “falsos Ecomuseus” criados por terceiros para a preservação de atividades técnicas ou de elementos arquitetônicos, que em sua opinião “se pretendem como tal, por abuso de linguagem” (*idem*, p.24); a necessidade de enquadramento jurídico para que haja reconhecimento e sejam disponibilizados recursos; e finalmente defender os patrimônios de uma comunidade considerando necessariamente a sua conexão cotidiana com eles.

São considerações importantíssimas, pois se associam a muitas problemáticas levantadas ainda hoje pelos membros da comunidade museológica ou de outros campos de conhecimento que se dedicam a compreender estas experiências museológicas, se envolvem com elas ou que através delas adentram o universo museológico. Existem “ecomuseus de nome” que não são “ecomuseus de conceito”, ao mesmo tempo em que existem “ecomuseus de conceito” que não são “ecomuseus de nome” (assim como museus comunitários), existem ecomuseus que foram criados por comunidades e suas coletividades organizadas, e existem outros que tiveram sua gênese em projetos de extensão universitária, programas governamentais (municipais, estaduais ou federais) e assim por diante. A realidade é diversa e complexa.

O próprio Desvallées (2015a, p.100-101) afirma posteriormente que a institucionalização dos ecomuseus franceses reduziu-os a “meros museus a céu aberto, quando não a ‘centros de lazer’ com finalidades, antes de tudo, comerciais”. Portanto, nem sempre a institucionalização representou uma boa opção para a garantia de reconhecimento oficial e recursos. Por fim, logra-se êxito pelo reconhecimento dos patrimônios comunitários, ao mesmo tempo em que expande-se a consciência de que: 1) é impossível preservar tudo; 2) o conceito de preservação deve ser ampliado para além da integridade física dos objetos e estruturas arquitetônicas, considerando igualmente as informações e conhecimentos relacionados ao patrimônio material; 3) preservar é antes de tudo “apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando-se a construção de uma nova prática social” (MESA-REDONDA, 2010a, p.102⁷⁶).

⁷⁶ Comunicação verbal de Maria Célia Santos a respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile.

Para a museóloga brasileira Heloísa Barbuy (1989, p.C4), o Ecomuseu é uma "inovação revolucionária do campo da museologia" que, embora nunca tenha atingido "plenamente seus objetivos", gerou polêmicas.

Figura 46 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Heloísa Barbuy (1989).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Heloísa Barbuy (1989, p.C4) debruça-se sobre os ecomuseus franceses para explicar o conceito. A autora traz dois elementos importantes que podem contribuir com a análise dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros. O primeiro diz respeito ao seu contexto de criação, o segundo sobre o sistema de cogestão/autogestão segundo o qual foram pensados. De acordo com a autora os ecomuseus são frutos de uma

política sociocultural implantada na França que visava a implantação de um polo turístico para o impulsionamento de regiões que perdiam sua vitalidade e sofriam com o êxodo populacional. Evidencia dessa forma que os ecomuseus franceses são frutos de uma política “de cima para baixo” (uma política estatal em favor de comunidades específicas). No entanto, trata-se de uma concepção que valorizava pressupostos democráticos, e por isso previa uma composição formada por três comitês (formado por representantes da administração urbana, financiadores, universidades e da população local - associações e sindicatos).

Ao considerar esse sistema de autogestão como utópico, Heloísa Barbuy (1989, p.C4) dialoga com Bruno Brulon (2014, p.39), que afirma “parecer ilusória a concepção da *automuseologia*, em que uma coletividade atua como gestora do seu próprio patrimônio”, no seu ceticismo diante de sistemas coletivos de autogestão do patrimônio. Talvez estejamos acostumados demais a viver em uma democracia representativa onde existem poucos espaços para aprendermos e vivenciarmos o verdadeiro sentido do conceito de participação com autonomia. Em contexto francês ou em contexto brasileiro, talvez precisemos de mais experiências de autogoverno “de que sempre, realmente, nos distanciamos e quase nunca experimentamos, que nos teria propiciado um melhor exercício da democracia” (FREIRE, 2013, p.90).

O problema não é a falta de participação, pois a própria Barbuy (1989, p.C4) relata a participação de membros da população nas atividades ecomuseológicas, mas sim as relações humanas e a divisão do poder. O reconhecimento atual das diversidades e da importância de pontos de vista variados para que as diversas “sensibilidades” sejam contempladas reforça a importância de voltarmos a considerar o “sonho romântico” da década de 1960.

Lamentavelmente uma das maiores difusoras da ideia de Ecomuseu e Museus Comunitários no Brasil na década de 1980, a Professora e Museóloga Waldisa Rússio, não pode observar a multiplicação e apropriação desses conceitos de museus por comunidades brasileiras principalmente após o século XXI, mas as sementes plantadas deram frutos, pois muitos de seus/suas ex-alunos/as são parceiros/as importantes desses museus, e impulsionam as universidades onde atuam – instituições e discentes – a contribuir com os processos museológicos. Demonstram com isso que valeu a pena a militância de Rússio em prol de uma maior responsabilidade social por parte dos museólogos.

Figura 47 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Heloisa Barbuy (1995).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Na definição de 1995, Barbuy (1995, p.209-236) afirma que o termo Ecomuseu remete a muitas ideias, noções, imagens e paixões e tem sido interpretado de forma distorcida, talvez por falta de informação sobre estas instituições ou sobre a política cultural francesa. Segundo a autora os Ecomuseus foram formados com diversos fins: afirmação de identidades, valorização das potencialidades físicas, culturais, humanas e econômicas do território, conectar passado e presente para a resolução de "questões cadentes da atualidade social" (*idem*, p.226) etc. Algumas críticas levantadas pela autora referem-se: 1) à problemática relacionada ao "limite entre o caráter revolucionário ou conservador da construção de identidades culturais" (*idem*, p.222); 2) à distorção de algumas experiências, que transformavam-se em agremiações, partidos políticos, postos de assistência social, fóruns de reuniões comunitárias, mas fugiam às atividades museológicas propriamente ditas; 3) a alguns Ecomuseus que, apesar de ampliar a noção de patrimônio, não utilizavam-nos como documentos (talvez pela condução de suas atividades por leigos) e sim (apenas) como símbolos de determinadas causas, o que acabava por fetichizá-los, como faziam os museus tradicionais aos quais tantas críticas se levantaram; 4) a Ecomuseus que seguiam o caminho da "nostalgia passadista" (*idem*, p.226).

As críticas levantadas por Barbuy (1995) sobre as experiências francesas são muito importantes e podem servir de exemplo às experiências brasileiras de museus e ecomuseus. É preciso que estes museus que se afirmam diferenciados não caiam nas mesmas contradições que os museus tradicionais, que apregoam um discurso, mas exercem outras práticas. Decerto que há algumas dificuldades para que os discursos tornem-se realidades, principalmente no que se refere à formação e aos recursos necessários para a realização de determinadas atividades. As preocupações com a formação apontadas por Mario Moutinho (1993, 2007) revelam-se fundamentais para o desenvolvimento desses museus no território brasileiro, e as soluções encontradas para essa problemática surgem através da formação de redes de apoio e de parcerias.

Para Mathilde Bellaigue (1993, p.74-77) os Ecomuseus devem estar fundamentados em quatro fundamentos: população, território, tempo e patrimônio.

Figura 48 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Mathilde Bellaigue (1993).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Podemos observar nos quatro fundamentos (população, território, tempo e patrimônio) mencionados por Bellaigue (1993, p.74-77) alguns conceitos que orientam esse tipo de ação museológica: participação comunitária, valorização de múltiplos saberes (popular e técnico), coesão social, relação espaço-tempo e passado-presente, educação patrimonial (contemplando a ampliação no conceito de patrimônio e sua consideração enquanto testemunhos e instrumentos para a compreensão de uma realidade específica) e dimensão territorial, na consideração das casas das pessoas, edifícios e paisagens como espaços que constituem o

museu. Apesar da autora não levantar as problemáticas abordadas por André Desvallées (1985)⁷⁷ e Heloísa Barbuy (1989, 1995) e as distorções apontadas por Hugues de Varine (2014a, p.245-246), considera que o termo Ecomuseu “não serve mais”, enquanto que o princípio “deve continuar a existir, independente do nome” (BELLAIGUE, 1993, p.77).

Ao mencionar dois fenômenos relacionados aos ecomuseus franceses, Bellaigue (1993, p.77) reforça alguns pontos mencionados por Varine (2014a, p.245-246) e Desvallées (2015d, p.21-26): a apropriação dos ecomuseus pelo poder central, que não compreende sua ação cultural e prima pela espetacularidade; e a deformação do que é o museu, pois “existe um monte de coisas que chamam de ecomuseus”. Ao afirmar a importância dos princípios, independente da denominação, Bellaigue (1993, p.77) introduz uma problemática que discutiremos no capítulo III desse estudo, sobre a dificuldade de distinção entre iniciativas que são norteadas pelos princípios dos Ecomuseus, mas não utilizam o termo em sua denominação e outras que utilizam o termo, mas não norteiam-se pelos princípios acima mencionados, principalmente no que se refere à constituição de museus feitos para e “com” a população (BELLAIGUE, 1993, p.74).

François Hubert (1985 *apud* BARBUY, 1995, p.215) identifica três gerações de Ecomuseus: 1ª – dos Parques Regionais; 2ª – marcada pelo *Ecomusée Le Creusot-Montceau-les-Mines* (Creusot, França); 3ª – dos ecomuseus pouco criteriosos, considerados “desvios”. Para o autor a 4ª geração ainda estava por ser inventada. Ignacio Balerdi (2002, p.499-500) caracteriza cada uma das gerações de acordo com a ênfase adotada e objetivos pretendidos, que mudam de uma geração para a outra ou são agregadas novas preocupações. Balerdi observa que o neologismo Ecomuseu sancionou um processo que antecede a própria invenção de seu nome, pois como observado apenas a partir dos Ecomuseus de 2ª Geração a denominação é adotada. Já os Ecomuseus de 3ª Geração passam a utilizar outras denominações, como Museus Comunitários, Museus de Vizinhança, entre tantas outras indicativas do pertencimento a uma nova tipologia de museus, que privilegia a participação comunitária na gestão dos patrimônios locais.

⁷⁷ DESVALLÉES, 2015d, p.21-26.

Figura 49 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Ignacio Balerdi (2002).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Observemos que, de acordo com Balerdi (2002, p.499-500), a 1ª Geração de Ecomuseus está intrinsecamente ligada a problemas econômicos e ambientais das regiões rurais (francesas) em que foram criados, de forma a valorizar e potencializar através do turismo as regiões e os patrimônios locais. Enquanto a primeira está voltada “para fora e para dentro das comunidades”, a 2ª Geração de Ecomuseus parece estar preocupada principalmente com as dinâmicas internas das populações, já que correspondem às suas aspirações democráticas – participativas e de autogestão, desenvolve atividades em vários espaços, contribuindo para a recuperação de identidades comunitárias, e defende a preservação dos patrimônios *in situ*. O autor

não considera os Ecomuseus de 3ª Geração um “desvio”, como assim os consideram Hubert (*apud* BARBUY, 1995, p.215). Ao mencionar a diversidade de metodologias, organizações, temáticas abordadas etc., parece evidenciar a fuga às tentativas de padronização e reforçar que a preocupação dessa geração de ecomuseus é primeiramente com o meio ambiente social (considerando os territórios, o meio ambiente, os patrimônios e as pessoas) e não necessariamente em seguir modelos ou técnicas específicas.

Finalmente, Bruno Brulon (2014, p.30-47) identifica alguns “mitos fundadores” do Ecomuseu, que considera um “museu de vanguarda” (*idem*, p.30), “novo tipo impreciso de museu” (*idem*, p.32) e “modelo experimental” (*idem*, p.43).

Figura 50 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Bruno Brulon – parte I (2014).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 51 – Mapa Conceitual: Ecomuseu segundo Bruno Brulon – parte II (2014).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

A primeira observação de Brulon (2014, p.30-47) que vale a pena mencionar é a localização desses museus. Estão localizados em regiões periféricas, à “margem do sistema cultural hegemônico” (*idem*, p.39), como a maioria dos museus que a presente pesquisa acompanhou. Para o autor a “invenção” dos Ecomuseus envolveu a criação de “mitos fundadores” (BRULON, 2014, p.43), e enumera cinco desses mitos: institucionalização, comunidade, público, participação e democratização.

Quando discorre sobre o “mito da comunidade”, Brulon (2014, p.30-47) afirma que a comunidade é uma "entidade ilusoriamente estável", que o conceito de “comunidade” pode variar de um contexto. Para o autor este é um conceito que remete a uma suposta unidade do grupo, e que pode transformá-la em “monumento e objeto do culto laico” e parte constituinte do “acervo de ilusões” do ecomuseu (*idem*, p.38).

De acordo com Benedict Anderson (2008, p.33), qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. Para o autor, as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas. Durante o V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (14-17/10/2015, Juiz de Fora/MG), o Consultor do Programa Pontos de Memória (IBRAM) e representante do Museu do Taquaril (Belo Horizonte/MG), Wellington Pedro da Silva, foi responsável pelo curso “Memória e Cidadania na Diversidade Cultural”⁷⁸, onde apresentou o conceito “comunidade” enquanto representação, demonstrando que existem comunidades dentro de comunidades. Baseado nesta constatação, afirmou a impossibilidade de contemplar todas as memórias existentes em uma comunidade. Dessa forma, reconhece-se que ao “escolher” algumas memórias, inevitavelmente os museus silenciam outras, que também tem o direito de reivindicar seu lugar ao sol. Wellington Silva enfatizou a importância da Museologia Social enquanto transformação social de práticas e conceitos no campo da museologia (que também é permeado por disputas e poderes), permitindo o florescimento de novas identidades. Portanto, memórias são silenciadas o tempo inteiro nas escolhas dos discursos e ações museológicas, e isso independe da tipologia de museu ao qual possamos nos referir.

Uma observação importante trazida por Brulon (2014, p.46) é que alguns Ecomuseus se voltaram à “lógica turística”, o que acarretou em um afastamento da comunidade em que estavam inseridos. Observação relevante para os ecomuseus e museus comunitários brasileiros que optam por atividades relacionadas ao turismo sustentável, já que há precedentes de museus dessa tipologia que acabaram afastando-se de seu público referencial.

⁷⁸ O curso é oferecido pelo IBRAM aos Pontos de Memória premiados nas oficinas de formação em Museologia Social, que objetivam compartilhar conceitos, ideias e pensamentos que reconhecem a diversidade, compreendem a distância existente entre termos e conceitos e contribui para que, cada vez mais, os Pontos de Memória – experiências museológicas comunitárias – compartilhem um ideal comum, mesmo reconhecendo a existência de reinterpretções e reapropriações.

Esse tema relaciona-se diretamente com o “mito do público”. Para Brulon (2014, p.30-47), enquanto Georges Rivière tinha uma abordagem que enfatizava o público externo às comunidades (visitantes), Hugues de Varine privilegia o público interno (moradores). O autor defende que “a própria comunidade deve se fazer público para passar a olhar as coisas com ‘outros olhos’ ou com ‘os olhos de outros’” (BRULON, 2014, p.40). Ou seja, deixar de olhar as coisas cotidianas com naturalidade e passar a pensá-las em uma relação de tempo e espaço, centro e periferia, e outras dualidades passíveis de análise.

Para Varine (2005, n.p.),

[...] a composição do público das exposições importa pouco, pois a atividade pública do museu corresponde à totalidade e à globalidade do seu processo. Poderá haver públicos identificáveis, grupos escolares ou turistas por exemplo, mas eles serão apenas um produto derivado da atividade principal, pois tal museu não tem visitantes, mas habitantes.

Ao mencionar a disseminação de uma imagem do coletivo que representaria a totalidade dos membros de uma comunidade urbana (BRULON, 2014, p.42) e que a tendência à centralização é negada por “aqueles que estão no centro” (*idem*, p.41), Brulon (2014, p.30-47) nos traz elementos que permitem questionar os discursos, ao afirmar que em alguns Ecomuseus o discurso destoava da ação. Enquanto o “discurso fala de escolhas do grupo” a “ação mostra claramente que apenas alguns decidem” (*idem*, p.46).

Devemos reconhecer que seria muito improvável uma comunidade inteira participar de processos museológicos de forma direta, soa mesmo utópico um discurso que assim se apresenta. No entanto, quando um discurso apresenta o termo comunidade precisamos estar atentos para perceber se trata-se de uma representação, como afirmou Wellington Silva (2015)⁷⁹, ou de uma defesa incoerente por parte dos representantes das iniciativas.

O “mito da participação” (BRULON, 2014, p.40) pode ser relativizado de acordo com alguns elementos. De acordo com Brulon e Scheiner (2009, p.2470), o prefixo “Eco”,

⁷⁹ Comunicação verbal realizada no Painel 1 – “Programas de Pós-Graduação”, do II Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia (II SIInPeM), realizado em outubro de 2015 pelo PPGMUS-USP.

do grego “*oikos*”, remeteria à palavra casa, o que refletiria a noção de participação comunitária nesses museus. É preciso, no entanto, definir a compreensão do conceito participação. Se olharmos para experiências museológicas como um todo, a noção de participação torna-se evidente ainda no século XIX, quando se dá a primeira “abertura” dos museus para o “todos os públicos”, ainda que questionável. De lá para cá ampliou-se a noção de público, e este passou de passivo a ativo nos processos de interpretação dos patrimônios. Observamos que o conceito de participação é polissêmico, e uma comunidade pode participar de uma experiência museológica de diversas formas.

O último mito identificado por Brulon (2014, p.30-47) é o da democratização. Ao demonstrar que algumas experiências museológicas se autoconsumiram e esgotaram suas propostas devido ao “incessante fluxo de debates, votações e assembleias” (*idem*, p.46) que paralisam a ação, o autor evidencia que ainda temos dificuldade em colocar em prática o conceito de democracia participativa. Temos dificuldades em convocar assembleias, sermos objetivos na apresentação de propostas e debates e na proposição de soluções viáveis.

O conceito de democracia participativa associa-se ao conceito de gestão participativa nos Ecomuseus, e é notável tanto na referência teórica quanto nas experiências práticas a existência de discursos utópicos alimentando as iniciativas museológicas. Com toda a certeza encontrar um consenso exige coesão social, e para que isso ocorra torna-se essencial que as comunidades - pessoas ou grupos étnicos - que conformam esses museus tenham características, necessidades e preocupações comuns (BELLAIGUE, 1993, p.74). Dessa forma evitam-se discussões onde prevaleçam interesses pessoais sobre interesses coletivos, interesses “políticos” sobre interesses “pelo patrimônio” (SCHEINER, 2012, p.26) ou outras distorções que possam gerar a perda de interesse nos processos museológicos. Por outro lado, não ignoremos que aos membros economicamente ativos (em idade laboral) de uma comunidade talvez se apresentem maiores dificuldades em participar cotidianamente das atividades museológicas, por não possuírem a disponibilidade de tempo que crianças, jovens e idosos possuem, tampouco o mesmo grau de paixão pelas diversas expressões artísticas e processos socioeducativos que entusiasma e inspira os/as representantes de grupos culturais organizados. No entanto, nem sempre a qualidade de um trabalho coletivo reflete a quantidade de tempo dedicado, pois trabalho coletivo não significa necessariamente “todo mundo o tempo inteiro”, mas o esforço em vencer

todas as barreiras (falta de tempo, recursos, interesse etc.) que possam dificultar sua realização.

Apresentamos diversos pressupostos, interpretações, análises e críticas sobre os Ecomuseus. É impossível negar o potencial transformador gerado por essas iniciativas museológicas, mas também é difícil medir quantitativamente (ou mesmo qualitativamente) o efeito das intervenções realizadas por elas, que como afirmou Moutinho sobre a Museologia Social, “acaba por ser longínquo, perverso tantas vezes e alheio às intenções primeiras” (MOUTINHO, 1995b, p.23).

A diversidade de interpretações e usos levou alguns autores/as a acreditar que o termo tornou-se enganoso (VARINE, 2014b, p.34) e que já não deve ser utilizado (BELLAIGUE, 1993, p.77). Varine (*apud* DECARLI, 2003, p.10-12) e Desvallées (2015b) apontam a existência de outra especificidade de Ecomuseu, definida pelo primeiro como Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário e pelo segundo como museus originários de uma demanda social. Barbuy (1995) menciona que entre os Ecomuseus franceses existiam aqueles denominados comunitários, que foram criados sobre bases associativas. Essa distinção realizada pelos autores leva-nos ao outro conceito trabalhado pela presente pesquisa: Museus Comunitários. No Brasil, alguns Ecomuseus denominam-se criados sobre bases comunitárias, outros afirmam trabalhar em prol da comunidade como instrumento de desenvolvimento. Não é possível distinguí-los de imediato, mas um olhar mais atento é capaz de identificar proximidades e distanciamentos das comunidades - quais deles são feitos “para” a população, quais são feitos “para” e “com” a população e ainda quais são feitos “pela” população. Essas diferenças fogem aos termos, mas acreditamos que apresentar as duas denominações mais utilizadas por essas novas experiências museológicas possa contribuir para uma compreensão geral – surgimento e desenvolvimento – do fenômeno no Brasil.

1.4. Conceituando Museu Comunitário

Em 1992, ao refletir sobre os Museus Comunitários, André Desvallées (2015a, p.97) afirma que,

Não se tratava mais, entretanto, apenas de animar o museu ou de o abrir a um público amplo, tratava-se fundamentalmente de atuar no sentido de fazer com que esse mesmo público se apropriasse dele, que ele tomasse a iniciativa de suas ações e, ainda, fizesse de todo o seu patrimônio a base do museu.

Diversos ecomuseus e museus comunitários brasileiros foram criados por órgãos públicos, e nota-se nos discursos institucionais, assim como nos museus criados de forma autônoma, um apelo à participação das comunidades nas atividades desenvolvidas. No entanto, o fato de serem órgãos públicos, com funcionários públicos ou comissionados, limita a participação do público como gestor do museu, pois as burocracias institucionais a serem cumpridas, como prazos e prestações de conta, dificultam consultas públicas e discussões coletivas acerca da gestão patrimonial, o que também é possível notar nos relatos dos/as representantes de alguns Pontos de Memória (ORGANIZAÇÃO, 2016). Perde-se assim a possibilidade de potencializar espaços de participação comunitária. Por outro lado, observamos que ao serem apropriados pelas comunidades, os museus comunitários tornam-se ferramentas nas lutas por outras demandas, que associam o resgate, a valorização, a preservação e a divulgação dos patrimônios, culturas, memórias e histórias locais à qualidade de vida das comunidades. É possível que essas mudanças sejam consideradas distorções por alguns/mas profissionais de museus, mas também é possível considerarmos a amplitude de funções sociais que um museu pode assumir como missão.

Hugues de Varine (2014b, p.35-45) apresenta a dimensão global desse fenômeno museal, que se desenvolve em todos os continentes do planeta, que apesar de toda a diversidade, optam por esta forma de gestão de seu patrimônio, com o objetivo de servir ao desenvolvimento das comunidades.

Figura 52 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine (1995).

Fonte: Suzy Santos, 2017.

O museu é apresentado por Varine (2014b, p.35-45) como uma ferramenta, um processo, um museu novo e um organismo vivo. Ao apresentá-lo como uma ferramenta de mobilização, que revela os recursos disponíveis pertencentes à

comunidade e apresenta estratégias para o seu desenvolvimento, desvincula-se da imagem de um museu ligado ao passado, cujo interesse maior é preservar coleções, e coloca-o no presente, como um meio para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, que reconhece e valoriza seus patrimônios e os utiliza em prol do desenvolvimento comunitário, dando-os um sentido atual (significando-os e ressignificando-os). Ao apresentá-lo como um processo construído pelo povo (com auxílio de profissionais, que podem pertencer à própria comunidade ou não), que utiliza diversas metodologias, desvincula-o da imagem de modelos pré-estabelecidos, construídos por instâncias externas à comunidade, que apesar de toda “boa vontade” que possam ter, não vivenciam o complexo cotidiano comunitário, podendo equivocarse em suas pretensões “missionárias”, como outrora os jesuítas e outros grupos religiosos o fizeram com populações autóctones, que podiam ter relações complexas e problemáticas, mas que decerto encontrariam formas próprias de ajustes e transformações no decorrer do tempo.

Segundo Varine (2014b, p.35-45) esse novo tipo de museu não precisa carregar esta denominação, o que consideramos que pode gerar complicações não a eles próprios, mas para a aproximação de pessoas (da própria comunidade ou de fora) que possam contribuir com a construção desses projetos. O nome Museu, apesar de toda a carga que carrega (que pode ser positiva para alguns e negativa para outros, ou mesmo ambígua), é uma referência, um conceito que remete a algo conhecido, e abdicar de seu uso pode acarretar um isolamento, no sentido de incompreensão do projeto.

A recusa ao termo Museu remete a uma recusa a um modelo de instituição tradicional, mas pensamos que não se deve abrir mão da referência designada pelo termo. Em texto posterior, Varine (2005, n.p.) inclusive defende o uso do termo para os projetos que assim o desejam, e justifica que mesmo que os Museus Comunitários tenham uma estrutura institucional “mais frágil e menos organizada” (VARINE, 2005, n.p.), o “fundo patrimonial é o mesmo, trata-se bem de mostrar, educar, valorizar” (*idem*), o que de acordo com seu ponto de vista enquadra-se na atual definição de Museu do ICOM.

Para Varine (2014b, p.35-45) os Museus Comunitários não devem servir de arapuca para turistas, tampouco como monumento “inaugurado pelo político local às vésperas da eleição” (*idem*, p.29). É comum representantes políticos aproximarem-se de projetos comunitários (museológicos ou não) como cabos eleitorais e para propaganda política. É preciso ficar atentos se eventuais parcerias ou a institucionalização dos

museus não acabam por prejudicar a autonomia das experiências museológicas. Finalmente, o autor afirma que os Museus Comunitários precisam ser um organismo vivo, como a comunidade, e se adaptar às mudanças para que viva "ao longo do mesmo ciclo que a população que lhe dá suporte" (*idem*, p.31). Temática complicada porque envolve a mudança de gerações, e consequentemente as mudanças de interesses do coletivo. Como fazer com que essas experiências resistam ao tempo e as mudanças acarretadas por ele?

Figura 53 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine – parte I (2005). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 54 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Hugues de Varine – parte II (2005). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Posteriormente, Varine (2005, n.p.) menciona que alguns Museus Comunitários possuem coleções de objetos e documentos, embora esse não seja seu principal objetivo, mas uma opção. Por seu próprio caráter comunitário, quanto mais dinâmica é a preservação e a comunicação desses acervos, envolvendo diversos atores sociais, maior é o interesse para que neles sejam feitas pesquisas por diversos campos de conhecimento, que realizam-se mesmo com a permanência dos objetos “*in situ*”⁸⁰ – podendo se tratar também de territórios, “lugares de memória” ou ainda patrimônios imateriais e/ou naturais. A noção de que os habitantes do museu, ou seja, moradores locais que participam das atividades cotidianas, são o seu público, não necessariamente exclui públicos externos (visitantes), mas reitera que a preocupação é antes de tudo com seu público imediato, comunidade esta que responsabiliza-se pela preservação e exposição de seu patrimônio, contando comumente com apoio técnico de parceiros/as. Com base nisso, é notável que além das dinâmicas internas, as relações de diálogo e receptividade a visitantes (público externo) na concepção de Museu Comunitário não são ignoradas.

A clara noção de Varine (2005, n.p.) de que os Museus Comunitários podem ter uma vida curta ou longa, transformar-se em outras ações, extinguir-se ou até mesmo transformar-se em museus clássicos, demonstra que não há tentativas de limitar o modo de atuação ou de conceber um modelo específico. A dinâmica é livre e sua permanência, extinção ou transformação depende unicamente dos interesses comunitários.

⁸⁰ “No próprio local”, ou seja, nas residências de seus donos.

Figura 55 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Luís Alonso Fernández (2001). Fonte: Suzy Santos, 2017.

Para Luis Alonso Fernández (2001, p.102-105) os museus comunitários tem como principal objetivo a educação não-formal onde as comunidades aprendem sobre si

próprias, em suas semelhanças (identidades) e diferenças (multiculturalidades), e possa resolver seus conflitos. O autor traz à tona a ideia de diversidade, o que não está claro nas concepções de Varine (de 1995 e 2005) e é uma questão aberta por Bruno Brulon (2014) quando este identifica o “mito da comunidade” e reflete sobre uma “suposta unidade de grupo”. Diversidade que não pode ser negligenciada por esses museus que pretendem ser acessíveis a todos.

A educação não formal a que se refere Alonso Fernández (2001, p.102-105), a nosso ver, é contemplada nas concepções de desenvolvimento trazidas por Varine em 1995 e 2005, mas esta última diz respeito a uma mobilização comunitária que tem sim uma dimensão pedagógica, e relaciona-se também com demais formas de mobilização, gestão, estabelecimento de parcerias etc.

Figura 56 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2004) – parte I. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 57 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2004) – parte II. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2004, n.p.), assim como Hugues de Varine (definições de 1995 e 2005), definem os Museus Comunitários como ferramenta, um processo coletivo (e não um produto) que pertence à comunidade e que é por ela criada e gerida (instâncias organizadas), a partir de formas próprias de organização. Algumas palavras-chave importantes nesta definição são: autoconhecimento, identidade, sujeito coletivo, conscientização e ação coletiva. Essa sequência apresenta a própria dinâmica de uma ação museológica que parte de dentro para fora: um sujeito conhece suas raízes, fortalece sua identidade, se relaciona com outras pessoas que compartilham histórias e interesses, formando sujeitos coletivos que se unem em prol da preservação dessas histórias, memórias e patrimônios, além de organizar outros tipos de atividades que possam contribuir para a melhoria das condições de vida atuais. Quando Morales e Camarena (2004) afirmam que o Museu Comunitário não pretende ser um “museu da história vivida” ou uma “expressão direta da vida” falam do que foi levantado anos depois por Brulon (2014, p.34) ao discorrer

sobre a metáfora do espelho e questionar a apresentação dos Ecomuseus como a realidade e não “uma representação institucionalizada do real” (*idem*).

De acordo com Morales e Camarena (2004) os Museus Comunitários podem vincular-se a instâncias do governo local, mas não devem depender de instituições estaduais ou federais. Os autores não mencionam os riscos que esses vínculos podem acarretar na autonomia dos museus, como Varine (em 1995 e 2005) faz questão de enfatizar. Outra dimensão importante trazida por Morales e Camarena (2004) é a dimensão coletiva externa, relacionada ao intercâmbio com outras comunidades. A cada momento surgem redes mais e mais específicas que tem como objetivo unir pessoas e grupos com interesses comuns, e a formação de redes e alianças entre Museus Comunitários é algo que acontece em diversos países. Morales e Camarena contribuíram para a criação da União dos Museus Comunitários, da União Nacional de Museus Comunitários e Ecomuseus, da Rede de Museus Comunitários da América, entre outras. No Brasil temos a Rede Cearense de Museus Comunitários (2011), a Rede dos Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social do Rio Grande do Sul (2012), a Rede de Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte (2012), a Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (2013, Bahia), a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (2013), a Rede LGBT de Museologia Social do Brasil (2013), a Rede SP de Memória e Museologia Social (2014) e a Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil (2015), entre outras tantas redes criadas em localidades específicas, regionais, estaduais etc.

Figura 58 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2009) – parte I. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Figura 59 – Mapa Conceitual: Museu Comunitário segundo Teresa Morales e Cuauhtémoc Camarena (2009) – parte II. Fonte: Suzy Santos, 2017.

No *Manual para la Creación y Desarrollo de Museos Comunitarios*, Morales e Camarena (2009, p.15-18) trazem a concepção de Museu Comunitário, assim como seus objetivos e características, de forma mais estruturada. Os museus são apresentados como ferramentas criadas e geridas pelas comunidades para seu fortalecimento cultural (através da preservação de seus patrimônios e de sua identidade), a melhoria de sua qualidade de vida e como ponte para a conexão, a troca e a solidariedade com outras comunidades. É reforçado o caráter comunitário da proposta e a distância entre ela e os museus tradicionais. De acordo com essa concepção, o museu é uma conquista da comunidade, que o cria e administra (por meio de instâncias organizadas), é por ele consultada (por meio de assembleias

comunitárias, reuniões de bairro etc.), compõe as equipes de pesquisa e coordena o trabalho desenvolvido pelos especialistas e assessores.

Sem dúvida alguma o “mito da participação” identificado por Brulon (2014) tem aqui um contraponto. A definição dos autores não apresenta um sentido individualista de participação, mas além da participação de indivíduos pertencentes à comunidade em atividades administrativas, de pesquisa e conservação (o que envolve um trabalho cotidiano), menciona a consulta a instâncias de representação da comunidade (o que seriam atividades mais pontuais) e acrescentamos, por fim, a participação nas atividades comunicacionais desenvolvidas pelos museus, por meio de exposições, atividades educativas ou utilizando outras metodologias.

Por sua essência dinâmica, obviamente os Museus Comunitários nem sempre correspondem exatamente ao que é apresentado por essas definições, que podemos interpretar como uma tentativa não de estabelecer modelos, e sim princípios – mais o que “deve ser” do que de fato “o que é” – a fim de que esses museus não reproduzissem os problemas conceituais, éticos e metodológicos existentes nos museus que os adeptos da Nova Museologia tanto criticaram.

Pode sim haver uma “tendência a uma centralização” (BRULON, 2014, p.31), mas reforço que essa dificuldade pode remeter à nossa falta de experiência autogestionária e com a democracia participativa. Cabe a essas iniciativas se autoquestionarem constantemente e assumirem um posicionamento crítico diante das distorções que possam ocorrer que distanciam discursos de ações.

José Cláudio Oliveira (2007) menciona ainda os museus didáticos comunitários, que são “uma tentativa de superar as barreiras até hoje existentes, em nossos países, entre comunidade e técnicos” (CARVALHO *apud* OLIVEIRA, 2007). Concebidos, administrados e desenvolvidos por diferentes membros da população (estudantes, professores e funcionários das escolas, pais de alunos e demais membros da comunidade), neles são apresentadas suas linguagens e visões de mundo, tornando os museus menos elitistas e mais inteligíveis.

De acordo com Ruth Cardoso (1983, p.134-144), a palavra “comunidade” foi utilizada como uma crítica a formas de organização baseadas na representação (partidos políticos). Representava a possibilidade de uma participação política igualitária, onde os problemas poderiam ser discutidos por todos e as decisões para a sua resolução seriam igualmente tomadas por todos. Portanto, seria uma “identidade forjada” que geraria um sentimento de pertencimento e uniria as pessoas com experiências

comuns para uma ação coletiva. A autora menciona que alguns mecanismos são utilizados para reforçar essa noção de pertencimento, como histórias e memórias, que podem ser reais ou “inventadas”, e o perigo dos líderes formadores de opinião se tornarem autoritários.

Georgina DeCarli (2003, p.8-9) apresenta duas acepções que relacionam o termo “Comunidade” com o processo museal: 1) grupos ou setores da sociedade que compartilham interesses, vocabulário especializado e desenvolvem atividades conjuntas (comunidade acadêmica, científica, artística, educativa, desportiva etc.) – “o ‘público de museus’ está integrado por várias dessas ‘comunidades’, e é também de alguma forma uma comunidade em si mesma”; 2) “um grupo social completo, mas em uma escala menor, que compartilha atitudes, crenças e valores, assim como propósitos e interesses específicos que os unem” (*idem*, p.8).

As definições de Cardoso (1983) e DeCarli (2003) confirmam a afirmação de Brulon (2014, p.39), de que o conceito “comunidade” pode diferir de um contexto a outro. Os Museus Comunitários parecem entrelaçar as duas acepções apresentadas por DeCarli, além de contribuir para a formação de “identidades forjadas”, no sentido de agrupar pessoas com experiências e anseios comuns. Apresentam-se como uma ferramenta que pode ser utilizada por um grupo social (“comunidade”) que ocupa o mesmo espaço físico e compartilha propósitos e interesses específicos relacionados a esta unidade geográfica, e também pode reunir grupos sociais (“outras comunidades”) com atitudes, crenças, valores e interesses culturais distintos, enfim, pode compreender uma diversidade imensa de “comunidades imaginadas” (BENEDICT ANDERSON, 2008), que estão em permanente mudança. Portanto, para que o conceito Museu Comunitário faça sentido e seja legítimo, é imprescindível a participação (concepção, execução e avaliação) consciente da comunidade em todas as atividades museológicas desenvolvidas.

* * *

Como observamos, o campo museológico é composto por palavras polissêmicas, o que exige atenção para evitar confusões terminológicas. Para Varine (2005, n.p.), “estamos constantemente enfrentando o problema do vocabulário, das palavras”. O autor defende, no entanto, que

[...] a trilha recentemente aberta para definir as palavras-chaves do vocabulário da nova museologia, se é indispensável para a credibilidade internacional do movimento, ficará num nível intelectual

superior e não responderá aos atores do terreno que se interessam menos à semântica e mais às suas relações cotidianas com as populações, as autoridades locais e os outros museus (VARINE, 2005, n.p.).

Esse ponto de vista é questionável ao percebemos que os “atores do terreno” (VARINE, 2005, n.p.) estão sim preocupados com a semântica, como demonstra especialmente o conceito de Museologia Indígena, aqui representado pela conceituação de Suzenilson Kanindé. Talvez essa necessidade tenha sido colocada justamente pelo “encontro” com ambientes acadêmicos proporcionado pelo interesse nessas iniciativas museológicas, onde pesquisadores insistem em “falar por eles” (indígenas, negros e demais grupos étnicos e sociais).

Na dúvida, e/ou para suscitar mais debates e reflexões nas abordagens acerca das experiências museológicas que utilizam esses conceitos em seus discursos e se autodenominam Ecomuseus e Museu Comunitários, consideramos relevante apresentá-los em Mapas Conceituais, que em seu esforço de síntese acabam por ser mais uma interpretação dos textos originais. Esperamos que a organização e representação dos conceitos apresentados nessas ferramentas gráficas possam ser úteis aos pesquisadores e também às comunidades que optam por criar e desenvolver museus próprios.

A profusão conceitual é um problema que, a meu ver, pode ser resolvido, ou ao menos amenizado, com o “suporte teórico, conceitual e metodológico” fornecido pela bibliografia referencial da Museologia (DUARTE CÂNDIDO, 2013, p.21). No caso desta pesquisa, nos debruçamos sobre as principais referências teóricas utilizadas pela produção acadêmica e mencionadas nos discursos dos representantes dessas experiências museológicas.

As renovações propostas pela Nova Museologia se constituíram “paradigmas da renovação museológica”, e aos poucos alcançam os museus, e mesmo aqueles mais tradicionais buscam inovar (ALONSO FERNANDEZ, 2001, p.27). No entanto, sabemos que ainda estamos caminhando rumo a uma real transformação nas “mentalidades e técnicas para adequação entre teoria e prática museológica” (PRIMO *apud* CÂNDIDO, 2013, p.14).

Cientes da necessidade dessa transformação, podemos questionar se no âmbito dos ecomuseus e museus comunitários também existe uma museologia real e uma

museologia sonhada e em que medida é possível alinhar realidade e sonho nesses museus com características tão específicas, de realidades distintas e com enorme capacidade de invenção e reinvenção, que não aceitam “modelos” e concepções teóricas limitadoras e, por vezes, recusam a segurança e as delimitações da institucionalização.

Mesmo desenvolvidos “à margem do sistema museológico oficial” (VARINE, 2005, n.p.), esses museus são responsáveis por retomar, aprofundar e aplicar os princípios formulados em Santiago, e vão além, pois tem um olhar crítico diante das realidades atuais ou de outrora.

Consideramos que o campo museológico brasileiro na atualidade é composto por profissionais de distintas áreas (museólogos, educadores, arquitetos, conservadores, biólogos, historiadores etc.). Há também profissionais (ou agentes culturais) com larga experiência em organizações de base comunitária e/ou em movimentos sociais. As experiências e conhecimentos trazidos aos Ecomuseus e Museus Comunitários por essa diversidade humana constituem o verdadeiro sentido da transdisciplinaridade, que importa no sentido de que a realidade não deve ser compreendida de forma fragmentada, e as múltiplas abordagens possíveis só tem a contribuir com o desenvolvimento do campo museológico.

CAPÍTULO II – Novos Modelos no Velho Modelo: Museologia e Nova Museologia

Inspiradas pela obra do historiador inglês Eric Hobsbawn⁸¹, denominamos o século XX como a “Era dos Extremos da Museologia”. Consideramos que após um desenvolvimento excepcional no campo houve um período de crise e questionamento de paradigmas, que desemboca no surgimento de novas museologias.

Hobsbawn (1995, p.15-25) apresenta uma visão positiva do século XIX, e enfatiza “o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e [...] o progresso material e moral” (*idem*, p.16). Considera a Europa “o berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria” (*idem*). Em relação ao século XX apresenta uma visão negativa, considerando os confrontos religiosos e ideológicos, a desintegração dos “velhos laços sociais” (*idem*, p.25) e a tendência comportamental ao individualismo. Denomina sua primeira metade como “Era da Catástrofe”, por ser este um período marcado por duas guerras mundiais, pela ruína dos impérios coloniais, pelas revoluções globais responsáveis pela ascensão do sistema socialista, pela crise econômica mundial (década de 1930) e pela ascensão do fascismo e outros movimentos ou regimes autoritários. As décadas de 1950 e 1960 são denominadas como “Era de Ouro”, marcada pela modernização dos países agrários “atrasados” (*idem*, p. 18), pela estabilização do capitalismo e pela transformação econômica que trouxe consigo transformações sociais e culturais. Já as décadas entre 1970 e 1990 foram denominadas como “uma nova era de decomposição, incerteza e crise” (*idem*, p.15), marcada por crises econômicas e políticas, que foram responsáveis pelo desemprego em massa, pelo aumento das desigualdades sociais em todo o mundo, pela crise dos países socialistas, que culmina com o colapso do socialismo soviético, pela ascensão de uma economia transnacional e pela crise dos estados nacionais. Para o autor, trata-se de uma crise social e moral, nas “crenças e supostos” racionalistas e humanistas sobre os quais se apoiava a sociedade moderna e nos triunfos trazidos pelo “progresso material apoiado na ciência e na tecnologia” (*idem*, p.20).

⁸¹ Eric Hobsbawn é o historiador responsável pela trilogia *A Era das Revoluções (1789-1848)*, *A Era dos Impérios (1875-1914)* e *A Era do Capital (1848-1875)*, obras que explicavam o seu ponto de vista sobre o “longo século XIX” (HOBSEBAWN, 1995, p.16). Sua obra *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)* deu continuidade à trilogia anterior.

Consideramos o ponto de vista de Hobsbawn essencialmente eurocêntrico. Ao mencionar os avanços do século XIX, o autor não considera as nações e povos que foram subjugados pelos impérios europeus, e por isso não experimentaram as mesmas alegrias ou dissabores do continente colonizador, cujas nações e impérios coloniais enriqueceram com pilhagens feitas em diversos locais da África, da Ásia e das Américas (Central e do Sul). O que diriam desse “progresso” os diversos povos africanos escravizados que foram transportados em navios negreiros como verdadeiras “mercadorias” para o “Novo Mundo”, e também os povos originários das “novas nações”, submetidos a outros modos de vida, que tiveram seus territórios tradicionais tomados, sua religiosidade ofuscada e proibida por um catequismo messiânico etc.? O que diriam os africanos mortos nas guerras coloniais ou durante o transporte nos navios negreiros? E aqueles/as que foram utilizados/as como cobaias nas experiências da “ilustre” ciência europeia, que se desenvolvia a todo vapor legitimando as ideologias raciais que “confirmavam” a superioridade europeia diante de outros povos? Hobsbawn (1995, p.16) fala de intolerância religiosa e ideológica no século XX, mas parece ignorar esses acontecimentos do século anterior.

Do ponto de vista museológico, foi justamente no século XIX que as coleções dos museus europeus foram incrementadas pelos objetos coletados nas expedições colonizadoras, dando origem a muitas coleções particulares dos gabinetes de curiosidades e coleções principescas. De acordo com Jacomy (2007, p.16), a convergência dos gabinetes de curiosidades e de história natural foi a “semente para o moderno museu das técnicas”, cuja vocação tripla “experimentação, formação e recreação/representação”, será reproduzida “na maioria dos museus fundados no século XIX”. No entanto, ao mesmo tempo em que as coleções de elementos da história natural (espécimes vegetais e animais) eram pesquisadas, classificadas, inventariadas, publicadas em catálogos, expostas etc., os pesquisadores passaram a mesma lógica de classificação para os artefatos e para as próprias populações das colônias, com base em uma ordem hierárquica e sob forte influência de uma ciência nada neutra, que distorce os estudos naturalistas no intuito de justificar a superioridade europeus em relação a outras populações e sua cultura material.

Inspirados pelos ideais disseminados pela Revolução Francesa, os Museus assumiram-se como instituição pública, entidade cultural aberta a todos os públicos, que tinha como objetivo disponibilizar o acesso a acervos anteriormente disponíveis apenas às elites monárquicas e pessoas “ilustres”. São também utilizados como instrumentos de caráter político e ideológico, e ao mesmo tempo em que legitima a

consolidação da burguesia no poder, contribui para a formação de uma consciência nacional nas populações dos recentes Estados Nacionais, fenômeno que se inicia no continente europeu e posteriormente se expande para os outros, que reproduzem a fórmula europeia. Por meio de uma linguagem visual e didática, as massas eram educadas para uma nova ordem, um mundo que aos poucos se industrializa e utiliza o conceito “progresso” como expressão de todas as benesses trazidas por essa nova classe social que ascendia ao poder (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p. 41-64).

Decerto que a noção de público disseminada no século XIX é uma noção limitada, tendo em vista que muitos habitantes das colônias não frequentava os museus enquanto público, apesar de estarem presentes enquanto mais um “objeto” a ser observado sob o olhar superior da população das chamadas “nações civilizadas”, receptiva a um discurso museológico que os inferiorizava.

Também foi o século de realização das primeiras Exposições Universais, criadas com o intuito de apresentar a reorganização social e econômica do mundo sob domínio europeu e as consequentes transformações nas relações comerciais do mercado mundial, assim como desenvolver uma cultura moderna – técnica e industrial – e encorajar inovações (GOMES; PICCOLO; REY, [2013?], p.1-2). As Exposições Universais “foram verdadeiras vitrines do mundo moderno e do ascendente ideal burguês”, e também demonstrava a nova etapa industrial que se desenvolvia (*idem*, p.1). As nações que pretendiam se apresentar enquanto nações modernas nelas mostravam suas riquezas naturais (entende-se matérias-primas disponíveis), manufaturas, potencial industrial, modernidade (técnicas agrícolas, uso de eletricidade etc.), o que era exposto por meio de mapas, fotografias, álbuns, almanaques, pinturas artísticas, estatísticas ou mesmo através da mostra de produtos e pessoas – como assim o fizeram os Zoológicos Humanos, grande atração da Exposição de Paris de 1889, que representava o mundo rural, caracterizando as culturas e tipos regionais por meio da demonstração de suas atividades de produção, produtos de seus ofícios, modos de vestir etc. (BARBUY, 1995, p.213; GOMES; PICCOLO; REY, [2013?], p.6)⁸².

⁸² A participação do Brasil na Exposição de Paris de 1889 recebeu grande apoio do imperador Dom Pedro II. Sua intenção era atrair emigrantes e o capital estrangeiro. O pavilhão do Brasil, localizado próximo à Torre Eiffel, foi decorado com elementos que ressaltavam as riquezas do país. Doze esculturas de índios criadas pelo artista francês Gilbert decoravam o interior das seis entradas que representavam os principais rios brasileiros (Paraná, Amazonas, São Francisco, Paraíba, Tietê e Tocantins). O andar térreo exibiu produtos brasileiros (café, tabaco, minerais, peles, mármore, carvão de ferro, borracha, mate, algodões brutos, fibras vegetais têxteis, cereais, entre outros), fotografias, gravuras e mapas. O primeiro andar produtos manufaturados de indústrias nacionais (fios, tecidos, chapéus, sapatos, luvas, máquinas para chuveiros, aparelhos postais, entre outros). O segundo andar exibia “a cultura do Brasil letrado”

As populações indígenas e negras apresentavam-se como um obstáculo ao progresso das novas nações das Américas (central e do sul), e a saída encontrada para as populações indígenas e negras, que tiveram sua condição humana negada por muitos intelectuais, foi, para os indígenas, a exaltação de seu exotismo, nobreza e características higiênicas e, principalmente, sua boa fé e disposição à domesticidade (MONTAIGNE *apud* SCHWARCZ, 2005, p.120; TENORIO TRILLO, 1998), seguindo a cartilha do “bom selvagem” (ROUSSEAU *apud* SCHWARCZ, 2005, p.120). Quanto aos negros, enquanto alguns teóricos temiam que a miscigenação levasse à degeneração (racial e social) da “raça branca”, outros defendiam que a miscigenação contribuiria para a eliminação das “raças inferiores” (SCHWARCZ, 2005, p.124). Diversos museus participaram ativamente das discussões a esse respeito, e neles eram realizadas diversas pesquisas que buscavam comprovar as teorias científicas.

Após comporem as Exposições Universais, muitos objetos e maquinários abasteceram as coleções de museus já formados e/ou impulsionaram a criação de museus técnicos e industriais, que assumiram a missão de divulgar a ciência e a tecnologia, desenvolver os “meios da educação industrial”, “estender a influência da arte e da ciência para a indústria produtiva” e contribuir com a construção das identidades nacionais (JACOMY, 2007, p.18). Esses museus contribuíram com a construção de discursos homogeneizantes sobre as sociedades, que exclui as diferenças étnicas e culturais de diversos povos, assim como “eventos históricos considerados infelizes ou indesejados” (CABRERA HANNA, 2014, p.7). Por meio de “objetos-monumento”, revalida uma concepção histórica linear de ordem evolutiva, que começa em “circunstâncias específicas de situação social (o passado pré-histórico)” e progride para um “estágio sempre ‘superior’ de cristalização da ordem social (Independência e República) artificialmente” (*idem*, p.3). Como “espaço de encenação de memórias”, acabavam por reforçar “esquecimentos e omissões” (PEREZ, 2010, p.87).

De acordo com Heloísa Barbuy (1995, p.212-213), os museus antropológicos, respondendo a interesses imperialistas, tiveram grande destaque enquanto centros de estudo das culturas exóticas. Os museus regionais de folclore ou tradições populares (etnologia regional) tendiam “mais à auto-representação cultural do que à representação do outro” (*idem*, p.212), já os museus de etnografia regional receberam diversas orientações e sentidos ao longo de sua história, e ao mesmo tempo em que havia a necessidade de registrar cientificamente as culturas rurais em desaparecimento devido à aceleração dos processos de industrialização, houve

(litografias, gravuras, livros, entre outros) e “objetos da vida burguesa” (malas, valises, vestuários etc.) (GOMES; PICCOLO; REY, [2013?], p.6-7).

“tendências nostálgicas românticas”, que atuavam como “trincheiras de resistência contra o capitalismo” (*idem*, p.213).

Experiências museológicas importantes do final de século XIX são os museus a céu aberto, e os primeiros caracterizavam-se como “como museus populares” – *folk museums* (BRULON; SCHEINER, 2009, p.4). O pioneiro foi o *Nordiska Museet* (Estocolmo, Suécia), criado em 1872 por Artur Hazelius, que pretendia “demonstrar tudo o que há num território em sua vida própria” (*idem*). O *Nordiska Museet* era um parque popular que combinava a experiência educacional e a recreativa, onde enfatizava a apresentação de objetos pertencentes aos trabalhadores locais e às classes camponesas. No entanto, a ideia clássica de coleção ainda era predominante e as casas foram organizadas de acordo com o seu valor histórico, sendo remontadas em locais diferentes diversas vezes, de modo a formar uma ordenação cronológica” (*idem*, p.4-5). De acordo com Georgina DeCarli (2003, p.10) os museus a céu aberto “implicaram a inicial ‘desarquiteturação’ do conceito museu e paralelamente a animação dos mesmos espaços vernáculos com atividades de carácter étnico”. Aos poucos multiplicaram-se o número dessas experiências museológicas.

Lembremos que ainda neste século, de acordo com Peter van Mensch (*apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999; *apud* DUARTE CÂNDIDO, 2003), se inicia a primeira revolução do mundo dos museus – por volta de 1880 a 1920 –, referindo-se à organização profissional, à criação dos primeiros códigos de ética, à transformação das exposições e à afirmação do museu como espaço comprometido com a educação. De acordo com Barbuy (1995, p.212), é nele que se iniciam os “movimentos voltados para uma chamada cultura popular”, o que considera as raízes dos Ecomuseus.

2.1. Século XX: a “Era dos Extremos” da Museologia

Contextualizar o século XX museológico em âmbito mundial é algo complexo, pois dinâmicas diferentes se desenvolveram em diversos países, que por vezes dialogaram, se confrontaram e/ou se alinharam em grande parte graças à atuação do ICOM. Para o presente estudo, trouxemos uma contextualização um tanto eurocêntrica, pois as referências bibliográficas utilizadas em sua maioria está centrada neste continente, e em um segundo momento nos debruçamos sobre as experiências museológicas brasileiras.

Nas primeiras décadas do século XX muitos museus enciclopédicos especializam-se, e as coleções classificadas nas décadas anteriores dão origem a museus de diversas tipologias: Arte, História Natural, História, Arqueologia, Antropologia, Ciências, Tecnologia etc.; além de museus temáticos: Museu dos Transportes, Museu do Mar, Museu do Telefone etc. (MENESES, 1994, p.15). Essas instituições utilizam o maior rigor científico possível no trato de suas coleções, e as expõe de maneira descontextualizada de seu meio de origem.

Experiências museológicas interessantes desenvolveram-se nesse período. Após a Revolução Russa de 1917 (União Soviética), o governo revolucionário resolveu criar novos museus nas cidades de província, estruturados de acordo com a teoria marxista, com o objetivo de conscientizar a população sobre as diferenças de classe, as forças produtivas, as relações de produção etc., por meio de exposições que buscavam contextualizar objetos e obras expostos (SUANO, 1986, p.51-52). Na década de 1930, a política cultural do Terceiro *Reich*, regime nacional-socialista da Alemanha Nazista (1933-1945) cria mais de dois mil *Heimatismuseen*, museus regionais que tiveram o objetivo de “resgatar as raízes do povo germânico” (DECARLI, 2003, p.10), exaltar “o sangue, a terra e a raça” e “formar no indivíduo um estado de espírito que o ligasse indissolavelmente à pátria, que devia constituir o fundamento maior de sua vida” (BRULON; SCHEINER, 2009, p.5). Suas coleções eram formadas de acordo com o ideal do regime, e buscavam valorizar a relação humana com o patrimônio local. Como os museus soviéticos, os *Heimatismuseen* tinham como objetivo propagandear o novo regime político e utilizavam para isso uma mensagem fortemente ideológica. Por um lado, podemos problematizar os diferentes usos da instituição museu e a finalidade dessas experiências museológicas, e por outro, Brulon e Scheiner (2009, p.5) defendem que esses museus expressam “uma mudança de sentido pela qual passa o museu – que antes era orientado para o objeto e agora se volta para a sociedade e as experiências individuais, caracterizando o que alguns chamaram de ‘museu social’”.

Na década de 1930 uma das mais importantes personagens ligadas à criação dos Ecomuseus, impulsionador do movimento da Nova Museologia e “uma referência quando se trata de ‘etnomuseologia’” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318), o francês Georges Henri Rivièrre, entra para o mundo dos museus. Em 1937 Rivièrre é contratado como assistente do diretor do Museu de Etnografia do Trocadero, Paul Rivet, e torna-se um dos responsáveis pela remodelagem do museu para a “Exposição Internacional das Artes e Técnicas da Vida Moderna”, responsabilizando-se pela parte relativa à

agricultura em uma exposição retrospectiva sobre a vida rural a que nomeia “museu da terra”, que naquele momento estava sob responsabilidade do Front Populaire⁸³, partido socialista ao qual era ligado. O projeto teve como objetivo pesquisar e reinterpretar os objetos, revolucionar sua apresentação, inserindo-os em seu “contexto social e funcional” (*idem*), reconhecer o homem que os manuseava. Muitos deles haviam sido coletados para as Exposições Universais (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318; BARBUY, 1995, p.215).

De acordo com Heliana Angotti-Salgueiro (2006, p.317-320), Rivière empreendeu importantes trabalhos coletivos, e sua museografia “diferenciada”, que utilizava fios de nylon para “suspender os objetos como elementos de um sistema de signos dentro de vitrines nas chamadas ‘galerias culturais’, onde a informação se completava com fotos, legendas e textos” (*idem*, p.319-320), lhe rendeu o apelido de “o mágico das vitrines” (*idem*, p.317). Para o museólogo, o museu deveria ser um lugar de mediação entre a ciência e o grande público, um “museu-laboratório” (*idem*, p.318), um “lugar de comunicação” e um “centro de educação e de pesquisa” (*idem*, p.320), devendo se direcionar pelas funções de coleta, conservação, estudo, exposição e animação.

No final desta década Rivière compõe a equipe responsável pela criação do Museu Nacional das Artes e Tradições Populares e, influenciado pelo *Nordiska Museet* e pelos museus soviéticos, começa a desenvolver “seu conceito sobre o Museu das Províncias e do Folclore, museu da ‘França em miniatura’” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318), que pretendia “entrecruzar a França com um certo número de museus a céu aberto” (BRULON, 2015, p.141) projeto que foi interrompido com o eclodir da II Guerra Mundial.

Georges Rivière era um vanguardista, portanto, suas ideias não refletiam a realidade da maior parte dos museus daquele período. Somente após o término da II Guerra Mundial e com o advento de uma Nova Ordem Social, Museu e Museologia se veem obrigados à renovação, aderindo ao consenso geral da necessidade de mudanças (BALERDI, 2002, p.496-498). Em diversas partes do mundo, profissionais de museus intensificam os debates e se organizam para contestar o papel do museu na sociedade, críticas que se acentuarão na década de 1960.

Em novembro de 1946, por ideia do então diretor do Museu de Ciências de Buffalo (Nova Iorque, Estados Unidos), Chauncey Jerome Hamlin, o Conselho Internacional

⁸³ *Front Populaire* - Movimento político popular fruto de uma coligação dos partidos de esquerda franceses, que chega ao poder em 1936, ocupando a maioria das cadeiras parlamentares em disputa.

de Museus (ICOM) é criado⁸⁴, durante um encontro internacional realizado no Museu do Louvre, e recebe o patrocínio da UNESCO⁸⁵. Rivière ocupa o cargo de Diretor do ICOM entre 1948 e 1965, quando é substituído por Varine, que ocupa o cargo de 1965 a 1973 (MORO; NOVAES, 2010, p.33-41). Atualmente o ICOM é a organização que congrega profissionais e instituições museais mais importante no plano internacional (BRANDÃO, 2010, p.11).

No âmbito do ICOM incrementam-se discussões e proposições em torno da transformação das instituições museológicas, envolvendo inovações técnicas nas áreas de conservação, exposição, pesquisa e coleção, e são criados comitês internacionais e temáticos, que reúnem-se periodicamente a fim de discutir e formular proposições. Se junta a esse panorama as inovações quanto aos modelos, instalações, funções didáticas e socioculturais (museus canadenses e estadunidenses), renovações teóricas e práticas (museus alemães, britânicos, franceses, holandeses e italianos), novos enfoques e funções (escolas museológicas dos desaparecidos países socialistas do Leste Europeu, e universidades de diversos países do Oriente e Ocidente) (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.24-25). Além de Rivière, outros visionários do campo museológico aplicam suas teorias museológicas, como Duncan F. A. Cameron (*Art Gallery of Ontario*, Canadá) e Jean Gabus (*Musée d'Ethnographie de Neuchâtel*, Suíça) (DUARTE, 2013, p.101), entre outros.

Fernanda Moro e Lourdes Novaes (2010, p.36-37) mencionam três eventos organizados pelo ICOM na década de 1950 que se relacionam com a temática da presente pesquisa: a Conferência Internacional sobre o tema “Museus locais e desenvolvimento cultural fora dos grandes centros” (7-9/07/1954, Schaffhouse, Suíça); a Reunião do ICOM sobre “Museus ao ar livre” (5-9/07/1957, Dinamarca e Suécia); e o Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus (7-30/09/1958, Rio de Janeiro, Brasil).

O Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus, que teve a direção de Rivière, foi o primeiro de uma série de seminários regionais promovidos pela UNESCO (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.320; VARINE, 2010b, 97; VARINE, 2012b, p.143): Rio de Janeiro (Brasil, 1958), Jos (Plateau, Nigéria, 1964), Nova Delhi (Índia, 1966),

⁸⁴ "A primeira cooperação internacional entre museus foi criada no âmbito da Liga das Nações, por meio de seu Comitê de Cooperação Intelectual que, em 1922, criou o Escritório Internacional de Museus" (VIAL, 2015, p.68), que será sucedido posteriormente pelo ICOM.

⁸⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) é um órgão das Nações Unidas criado em 1946 (pós-II Guerra Mundial) para contribuir com a paz mundial por meio de ações internacionais voltadas à educação, ciência e cultura.

entre outros, que nas palavras de Varine (2010b, 97) tiveram como objetivo “lhes levar uma ‘Museologia de herança europeia’”. Impossível não notar uma noção museológica centralizadora e eurocêntrica nesse discurso, o que reflete a observação de Mário Chagas (MESA-REDONDA [...], 2010d, p.95-96), que reconhece a importância das temáticas ali tratadas (questões ecológicas regionais, outros modelos de museus etc.), mas observa que o Seminário de 1958 tratava de uma Museologia baseada no modelo museológico europeu, que não dialogava com outros campos de conhecimento e estava “contaminada por ideais desenvolvimentistas” (*idem*, p.95).

Estes profissionais e eventos, dentre tantos outros, impulsionaram as diversas renovações museológicas dos séculos posteriores.

2.1.1. Museologia: entre a afirmação e os questionamentos

Em meados do século XX a Museologia firma-se enquanto campo de conhecimento e disciplina científica independente. Como outros campos da sociedade, Museu e Museologia enfrentam a crise de paradigmas de meados do século. Surge a necessidade de transformar o museu em uma instituição educativa, com sistemas didáticos e com alguma participação pública (DECLARATORIA DE OAXTEPEC, 1984, p.2).

A década de 1960 foi conturbada. De acordo com Branca Alves e Jacqueline Pitanguy (1991, p.58), caracterizou-se “por intensa mobilização na luta contra o colonialismo, a discriminação racial, pelos direitos das minorias, pelas reivindicações estudantis”, movimentos estes que “ampliaram o campo do político, alargando a compreensão das contradições sociais para além do estritamente econômico, revelando a existência de outras formas de exercício de poder”. Para as autoras, “tais experiências trazem o individual para o campo do político, tornando-o coletivo, demonstrando que o ser social não se esgota na experiência de sua classe” (ALVES; PITANGUY, 1991, p.58). Maria Célia Santos (2008, p.81) menciona que houve “uma contestação maciça de todas as instituições, abalando valores, ameaçando posições estabelecidas e, ao mesmo tempo, forçando os responsáveis dessas instituições a olhar com novos olhos suas ações e a repercussão sobre a sociedade”.

Cobrava-se dos museus que se transformassem de “instituições burguesas” a instituições abertas e representativas de outras classes sociais, dispostas a

reconhecer outros tipos de patrimônio e ampliar seu campo de ação (DUARTE, 2013, p.100). O próprio conceito de patrimônio “é revisto e ampliado, considerando-se o meio ambiente, o saber e o artefato – o patrimônio integral (SANTOS, 2008, p.82-83), e essa nova conceituação tem a contribuição de vários grupos, como “os ecologistas, os diferentes países emergentes do colonialismo, que reivindicam o retorno dos bens pilhados ou expatriados pelas sociedades ocidentais, os grupos socialistas ou socializantes que reclamam, em nome do patrimônio coletivo, uma acessibilidade aos monumentos, às coleções dos museus” (*idem*).

De acordo com Alonso Fernández (1999, p.107), o

[...] desenvolvimento dos museus regionais e locais de caráter principalmente etnológico e histórico [...] com atenção preeminente à animação participativa e comprometida com o público [...] trouxe consigo o despertar da consciência coletiva sobre a realidade do próprio patrimônio nas comunidades sensíveis a sua realidade e identidade cultural.

Um exemplo desses novos fazeres museais é o Museu de Letje (Dinamarca)⁸⁶, criado em 1964 sobre um sítio arqueológico, que se torna um ateliê, permitindo aos visitantes uma maior interação com os objetos, pois além de contemplá-los, era possível utilizá-los (BRULON; SCHEINER, 2009, p.5).

Heloisa Barbuy (1995, p.215-219) relata que em 1969 Rivière finalmente conseguiu inaugurar sua ideia de museu ao ar livre. Ao ser convidado para colaborar com a criação de parques regionais, que tinham por objetivo reavivar zonas consideradas em degradação que enfrentavam êxodo populacional e passavam por um processo de empobrecimento, o museólogo busca enfatizar os patrimônios natural e cultural por meio de um programa antropológico em torno da cultura regional das Landes de Gascogne, e posteriormente expande-o a outras regiões. O ponto de partida para os trabalhos museológicos foi a valorização da arquitetura rural, e posteriormente abarcou os modos de vida da população local, as práticas culturais etc. De acordo com a autora, Rivière preocupava-se especialmente com a comunicação museológica e buscava criar sistemas articulados em suas exposições temáticas e pedagógicas, que apesar de serem compostas por diversos recursos expográficos (audiovisuais, maquetes, modelos de objetos etc.), não negligenciava a pesquisa e os objetos, considerados os “componentes mais importantes da exposição” (*idem*, p.218).

⁸⁶ *Sagnlandet Lejre* – “Terra das Lendas Lejre” (Lejre, Roskilde, Dinamarca).

Mais tarde, os importantes trabalhos desenvolvidos por Rivière nos parques regionais franceses receberiam o nome de Ecomuseus – os ecomuseus de 1ª Geração (BARBUY, 1995, p.215). Enquanto “os museus de artes e tradições populares trouxeram novos tipos de acervos” para dentro dos museus, os ecomuseus foram responsáveis por incluir “territórios inteiros, com seus patrimônios naturais e culturais” (*idem*, p.219) nos trabalhos museológicos.

Alguns eventos que se destacam na década de 1960 são: um Estágio Regional de estudos sobre museus-centro cultural e seu papel no desenvolvimento da comunidade (30/09/1960, Tóquio, Japão)⁸⁷; o Colóquio sobre os problemas dos museus nos países em vias de desenvolvimento rápido (12-15/06/1962, Neuchâtel, Suíça)⁸⁸; as exposições organizadas pelos Comitês Nacionais do ICOM organizam exposições dedicadas à luta contra a fome – Campanha Mundial Contra a Fome (1964)⁸⁹; um Colóquio Internacional do ICOM sobre o papel educativo e cultural dos museus (23-27/11/1964, Paris, França)⁹⁰; as Jornadas Nacionais de Estudos sobre os Parques Naturais Regionais⁹¹ - Jornadas de Lurs (1966, Lurs, França); o 7º Estágio Regional de Estudos sobre o “Papel dos museus na comunidade” (31/01-28/02/1966, Nova Delhi, Índia)⁹²; o Seminário realizado no MUSE - Belford Lincoln Neighborhood Museum (1969, Estados Unidos)⁹³. Lembramos ainda que, de acordo com Mensch (*apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999; *apud* DUARTE CÂNDIDO, 2003), essa foi a década em que se iniciou a segunda revolução no mundo dos museus, com o surgimento da Nova Museologia, que se estende até a década de 1980. Essa segunda revolução é responsável pela mudança na base de organização das instituições museológicas das coleções para as funções, por introduz um novo aparato conceitual, com destaque para o museu integrado à sociedade, e o museu assume-se com espaço orientado para o desenvolvimento da comunidade.

Na década de 1970 os movimentos da contracultura desdobram-se no “movimento *underground*, *punk*, misticismo oriental, vida em comunidades religiosas ou naturalistas, valorização do individualismo, expansão do uso das drogas” (HABERT *apud* SANTOS, 2008, p.82). Havia uma preocupação em “confrontar as bases dos

⁸⁷ Organizado pela UNESCO/ICOM (MORO; NOVAES, 2010).

⁸⁸ MORO; NOVAES, 2010, p.31.

⁸⁹ *Op. cit.*, p.41.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Journées nationales d'études sur les parcs naturels régionaux*. Onde discutiu-se a preservação dos patrimônios cultural e natural com a participação da população – nota do tradutor (DESVALLÉES, 1992).

⁹² Organizado pela Unesco/ICOM (MORO; NOVAES, 2010, p.42).

⁹³ Onde discutiram-se os seguintes temas: “O papel do museu na coletividade” e “Museu de vizinhança” (*Neighborhood Museum*) (DESVALLÉES, 1992, p.90).

mecanismos de dominação” por meio do desenvolvimento de uma consciência popular (que utiliza como ferramenta a educação popular⁹⁴), o que “passa a ser compreendido como um processo global de organização de setores populares que se tornaram capazes de enfrentar o Estado e as coalizões dominantes, implicando uma transformação radical da sociedade” (SANTOS, 2008, p.82).

De acordo com Maria Célia Santos (2008, p.82), como uma reação às ações populares e de contestação e lutas revolucionárias impetradas em diversos lugares do mundo na década de 1960, uma onda de golpes e “revoluções” são empreendidas com investimentos dos países imperialistas, e tem como consequência a implantação de ditaduras militares na América Latina, a ampliação da intervenção militar na Indochina, o reforço aos governos colonialistas e de *apartheid* na África, a manutenção da política israelense no Oriente Médio etc.

Os eventos que se destacam na década de 1970 foram: a 9ª Conferência Geral do ICOM (1971, Paris, Dijon e Grenoble, França); o Colóquio sobre “Museu e meio ambiente” (1972, França); a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972, Chile); e a 10ª Conferência Geral do ICOM (5-14/06/1974, Copenhage, Dinamarca)⁹⁵. Não esqueçamos que foi a década em que o famoso Ecomuseu da Comunidade Urbana *Le Creusot-Montceau-les-Mines* (França) foi criado⁹⁶.

Fernanda Moro e Lourdes Novaes (2010, p.26-29) consideram a 9ª Conferência Geral do ICOM, sob o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã”, um verdadeiro marco para todo o futuro do ICOM, a esperança de um “ICOM democrático e mais flexível” (*idem*, p.26). No entanto, afirmam que as atas dessa conferência, talvez por receio, escondem o grande movimento. As autoras consideram a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, considerada como “um marco para as reformas” (*idem*, p.29), um movimento regional e governamental de adaptação, uma “dimensão própria da revolução de ideias e ideais que ocorrera em Grenoble” (*idem*, p.27), portanto, uma consequência da “Revolução de 1971”, considerada o “núcleo de tudo” (*idem*, p.29)

⁹⁴ Cujo suporte fundamental é a proposta educativa do educador Paulo Freire, que era então Consultor para Educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra. Também defendia-se a investigação participativa e a pesquisa-ação para a explicação da realidade (SANTOS, 2008, p.83).

⁹⁵ O tema do encontro foi “O museu e o mundo moderno”. De acordo com Moro e Novaes (1996, p.49), a Assembleia Geral do encontro adotou novos Estatutos para o ICOM, com uma estrutura mais democrática (conforme o manifesto de Grenoble), o que permitiu uma participação mais ampla dos membros da organização em suas atividades e gerou o aumento de afiliações.

⁹⁶ Falaremos sobre ele em momento posterior.

mas que tornou-se um “mistério”, pouco conhecido pelos novos membros e alguns dirigentes.

De acordo com Moro e Novaes (2010, p.45) a tônica da conferência foi a abertura ao diálogo entre os membros, com destaque para os participantes dos países em vias de desenvolvimento, que fizeram “um movimento unido e de grande importância para a transformação dos museus”.

A primeira palestra, realizada por Stanislas Adotevi (Daomé, África) é referenciada por diversos autores, e foi considerada “um choque de realidade” (MORO; NOVAES, 2010, p.28). Adotevi fez críticas ao espaço museal e ao conteúdo dos museus, e defendeu que o museu deveria deixar de ser um palácio/templo e adquirir uma dimensão contextualizada e a contemplação substituída pela tomada de consciência, pois o objeto museal não poderia ser testemunha sem sua interpretação (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.82-83). Para André Desvallées (2015b, p.35), o questionamento de Adotevi a todos os presentes se a museografia seria radical ou não foi considerado um “grito de alarme” e o ponto de partida para o surgimento do movimento por uma nova museologia.

Outro momento importante foi a palestra realizada por Jonh Kinard, então diretor do Museu de Anacostia (Washington, Estados Unidos), reconhecido como um novo modelo de museu denominado *neighbourhood museum* (museu de vizinhança), criado com o objetivo principal de construir e analisar a história das comunidades, contribuir para a identificação e valorização das identidades, utilizar as técnicas museológicas para solucionar problemas sociais e urbanos etc. (SANTOS, 2008, p.85).

A Conferência questionou o próprio conceito Museu, assim como suas funções tradicionais (coleccionar, conservar, restaurar, investigar e comunicar), às quais foram acrescentadas novas atitudes e propostas, como educação, ação cultural e desenvolvimento das comunidades. Foi definido que a primeira função do museu seria a sociocultural, ou seja, o museu deve estar “a serviço da humanidade”, devendo se abrir para a comunidade onde está inserido e considerar sua constante mudança. Essa nova perspectiva exigiria uma transformação dos programas e atividades dos museus (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.95; ALONSO FERNÁNDEZ, 2001, p.73, 100, 326). Varine (2010a, p.38) acrescenta que a conferência modificou a forma da cooperação internacional entre os museus, provocou a revisão dos estatutos, afirmou a importância do meio ambiente na vocação dos museus, contribuiu para o surgimento da dimensão política no conceito de museu etc. Em relação aos aspectos

pedagógicos, Santos (2008, p.84) menciona a preocupação com a avaliação dos serviços prestados pelo museu, com a transformação da visita guiada em um momento de aprendizado, estimulando o aluno a comparar estilos e formas, a contextualizar, conectar arte e ciência, velho e novo, uma civilização a outra etc. Lembremos ainda que foi nessa conferência que o termo ecomuseu foi mencionado publicamente pela primeira vez (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.96).

O Manifesto de Grenoble “propunha a democratização mais ampla do ICOM e uma visão mais extensa e moderna para os museus” (MORO; NOVAES, 2010, p.45). A partir de então a necessidade de mudanças ampliou-se, a ponto de muitos museus buscarem novos modelos institucionais.

O Colóquio sobre “Museu e meio ambiente” foi uma iniciativa do Ministério Francês do Meio Ambiente e do Comitê Francês do ICOM. Neste evento, foi definido “um novo tipo de museu específico do meio ambiente”, que recebeu o nome de Ecomuseu, e foi deliberado que o museu deveria “buscar uma simbiose total com a comunidade a que ele atende” (MORO; NOVAES, 2010, p.46).

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile foi organizada pela UNESCO em parceria com o ICOM em 1972, e sua temática principal foi “O papel dos museus na América Latina”. Não nos debruçaremos novamente sobre este evento, que já foi contemplado no capítulo I quando abordamos sua declaração final. No entanto, é válido que tragamos algumas impressões e opiniões relevantes a seu respeito.

Para Moro e Novaes (2010, p.46), “esse evento baseou-se nas aberturas e nas novas ideias desenvolvidas pelos profissionais que haviam participado em Grenoble levadas a nível governamental”, e foi “um ato de reconhecimento, pelos governos da região, das novas propostas profissionais”.

Hugues de Varine (2010a, p.42) alerta que a maioria das resoluções adotadas em Santiago não puderam ser implementadas nos anos posteriores por razões políticas, mas afirma que a partir do movimento de Santiago nasceram “museologias nacionais ‘incultas’”, multiplicaram-se as formações universitárias em Museologia e também os museus locais, relacionados “à iniciativa comunitária, sem especialização disciplinar, e muitas vezes sem muito profissionalismo”, mas que considera a identidade e os projetos desenvolvidos pela população de um território. Os museus assumiram a função de libertar as “forças criativas da sociedade” (*idem*), e o patrimônio deixou de ser apenas objeto de deleite, transformando-se em fonte de desenvolvimento.

A distinção feita por Varine entre o Ecomuseu de Meio Ambiente e o Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário parece se relacionar com os dois eventos anteriormente mencionados. Enquanto o primeiro, em sua opinião, “reflete a evolução do conceito museu, mas não tem ligação com Santiago”, o segundo é herdeiro direto de Santiago (VARINE, 2010a, p.41).

Apesar dessas “intervenções” não terem gerado mudanças imediatas, foi uma década muito importante para o surgimento da Nova Museologia e o desenvolvimento de experiências museológicas em diversos países, que buscavam se distanciar dos paradigmas do Museu e da Museologia Tradicionais, aderindo às causas das manifestações populares em favor da democracia participativa.

Para Tereza Scheiner (MESA-REDONDA [...], 2010b, p.110-111), o ambiente que propicia mudanças na Museologia é produto de movimentos mais recuados (abarcando o século XIX e o início do século XX), e relaciona-se com o processo de industrialização nos países europeus, a criação dos museus da indústria, o advento da teoria marxista, a percepção do operariado como sujeito atuante e como público dos museus, a importância da educação “para todos os segmentos da sociedade” (*idem*, p.111), o início do movimento da ecologia internacional (pelo cientista alemão Ernst Haeckel em 1873 – criador do termo ecologia), o advento da tecnologia, a criação de parques nacionais (primeiras décadas do século XX), a alteração dos conceitos de espaço e tempo (consequência da teoria da relatividade de Albert Einstein), o conceito e a teoria do Exploratório (criada por Frank Oppenheimer na década de 1950), o movimento *hippie*, a luta pelos direitos humanos e os movimentos raciais nos Estados Unidos.

Maria Célia Santos (2008, p.84) enfatiza que “a prática da Nova Museologia não pode ser dissociada das experiências passadas” e que “as reflexões em torno do papel social dos museus, [...] do seu papel pedagógico e da sua relação com o público, foram acontecendo, em um processo gradual, provocadas pelas mudanças na sociedade como um todo, refletindo no interior das instituições”. Já Alonso Fernández (1999, p.41) defende a existência de uma dupla realidade na evolução da Museologia: a primeira refere-se à sua compreensão “como feito histórico, cuja gênese e desenvolvimento tem dado lugar a uma concepção convencional ou tradicional da disciplina”, uma museologia histórica ou tradicional, “concebida como ciência que se ocupa de tudo concernente ao museu, sua história, sua missão e sua organização”; a segunda “como resultado de um enfoque essencialmente antropológico e sociocultural propiciado pelas correntes da nova museologia” (*idem*), visões que “defendem e

impulsionam uma museologia mais extensiva e globalizadora” e “concebem o museu como uma realidade ou entidade sem limites” (*idem*, p.64-65). De acordo com o autor, essas “duas vertentes distintas em seu processo de evolução” implicam e confirmam “a existência de duas orientações diferentes e opostas da museologia atual”: a primeira seria “restritiva e linear”, enquanto a segunda seria “aberta, multidisciplinar e circular” (*idem*, p.41).

Tereza Scheiner (MESA-REDONDA [...], 2010b) e Maria Célia Santos (2008) baseiam-se em situações históricas e experiências museológicas anteriores, que obviamente seguem uma linha contínua de desenvolvimento, ou seria mais correto falarmos em linhas? Nossa hipótese é que esses desenvolvimentos (históricos e museológicos) não podem ser observados a partir de um ponto de vista unidimensional, tampouco ignorar que cada uma das “linhas de desenvolvimento” enfrenta avanços e retrocessos. Talvez a concepção de Luis Alonso Fernández (1999) traduza melhor a realidade contemporânea, que ao nosso ver é ainda mais diversa e complexa, com museus que literalmente “pararam no tempo”, outros que mantêm algumas pressupostos do Museu e da Museologia Tradicional, mas avança em outros aspectos, e outros tantos que transformam-se diariamente.

A realidade é múltipla e dinâmica, e não esqueçamos que também é preciso considerar “o espírito do tempo”. Por exemplo, talvez as concepções de cultura, patrimônio e museu em Mário de Andrade dialogue muito com a nossa concepção atual, que considera a diversidade das manifestações culturais e concebe o museu como um “espaço capaz de estimular a descoberta” (CHAGAS, 2015, p.93), mas no jogo de poder das instituições de seu tempo, que, como hoje, era composto por diversos “personagens” com pontos de vista diferentes, outras noções de cultura, patrimônio e museu prevaleceram, o que hoje lamentamos. É preciso que novamente tomemos o cuidado de não sermos anacrônicos, e reconhecer que nem sempre o espírito vanguardista e inovador de alguns personagens tiveram muitos adeptos, e acabaram perdendo as disputas políticas de seu tempo.

Na década de 1980 o Movimento da Nova Museologia se consolida. De acordo com Mario Moutinho (*apud* SANTOS, 2008, p.88) a comunidade museal é confrontada “com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelam uma museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional”. As ações concretas já realizadas em diferentes países motivaram os profissionais envolvidos para a busca de intercâmbio, com o objetivo de

discutir as experiências de Ecomuseologia, da Nova Museologia, buscando as suas relações com a Museologia instituída (SANTOS, 2008, p.88).

Os eventos que se destacam na década de 1980 foram: a 12ª Conferência Geral do ICOM (25/10-4/11/1980, Cidade do México, México); o Encontro Anual do ICOFOM (1982, Paris, França); o Seminário Especial do ICOFOM sobre Ecomuseus (1983, Londres, Inglaterra); o I Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia (1984, Quebec, Canadá); o Seminário “Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus) – O homem e seu entorno” (15-18/10/1984, Morelos, México); o Encontro Especial sobre Ecomuseus (1984, Leiden, Holanda)⁹⁷; o Encontro sobre Ecomuseus (1985, Zagreb, Croácia)⁹⁸.

A 12ª Conferência Geral do ICOM (1980, México) teve como tema principal “Os museus e sua responsabilidade diante do patrimônio mundial” (MORO; NOVAES, 2010, p.59). Segundo Tomislav Sola (*apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.165) foi onde “se tratou pela primeira vez de formar um grupo de trabalho sobre a museologia em países em desenvolvimento”, mas “a ideia foi rechaçada imediatamente com o pretexto de que ‘não existem várias museologias, mas uma só’”. Para Alonso Fernández (1999, p.165), ao mesmo tempo em que “o argumento é aparentemente válido, já que para ser uma ciência, a museologia deve ser universalmente aplicável”, é incorreto, “porque a museologia tradicional é [...] ineficaz e inaplicável fora do contexto cultural que lhe deu origem”.

O Encontro Anual do ICOFOM (1982, França) foi marcado por embates. Ao mesmo tempo em que havia uma crise no Comitê, o tema do encontro, “O sistema da museologia e interdisciplinaridade”, não ocorreu devido a divergências em torno da temática. De acordo com Vinos Sofka (*apud* CURY, 2005, p.49), o próprio encontro só ocorreu graças ao empenho pessoal de Georges Henri Rivière, André Desvallées e Gérard Tupin e do suporte da Direção de Museus da França⁹⁹ (SOFKA, 1995, p.15-16).

Quanto ao embate em relação ao tema, enquanto uma parte dos participantes defendia que a discussão deveria se debruçar sobre a teoria museológica, outros defendiam uma discussão sobre ecomuseologia (CURY, 2005, p.48). Esse segundo grupo solicitou ao ICOFOM a criação de um comitê que tratasse especificamente da Museologia Comunitária, proposta que foi rejeitada (MESA-REDONDA [...], 2010b,

⁹⁷ Em conexão com as conferências do ICOFOM (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.80).

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Direction des Musées de France*.

p.109¹⁰⁰). No entanto, deliberou-se a realização de dois encontros para o ano seguinte: o primeiro, sob o tema “Metodologia da museologia e formação profissional”, dedicou-se à construção de um “pensamento museológico fundado nas ciências do homem e da sociedade” (CURY, 2005, p.49); o segundo, sob o tema “Museu, território, sociedade - novas tendências/novas práticas” (o referido “Seminário Especial do ICOFOM sobre Ecomuseus”), discutiu os “conceitos de ecologia, territorialidade e território, memória, desenvolvimento, cotidiano, comunidade, identidade” (*idem*, p.50). Alonso Fernández (1999, p.80) menciona que o museólogo canadense Pierre Mayrand propõe a formação de um grupo de trabalho sobre museologia comunitária em um encontro de 1983, o que acreditamos referir-se a este último encontro.

Entre a 12ª e a 13ª Conferência Geral do ICOM é criada na França a Associação Museologia Nova e Experimentação Social - MNES (1982), que desenvolve trabalhos, cursos formativos e publicações (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.77), com o objetivo de “agilizar as transformações no campo museológico” (DESVALLÉES, 2015c, p.36).

O I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia (1984, Canadá), organizado por iniciativa dos museólogos canadenses Pierre Maryand e René Rivard, foi o primeiro seminário internacional destinado a discutir Ecomuseus e Nova Museologia, e teve como objetivos a criação de condições de intercâmbio para discutir assuntos relacionados à Nova Museologia e à Ecomuseologia, a definição das suas relações com a Museologia, o aprofundamento dos conceitos e o encorajamento de práticas relacionadas à Ecomuseologia e à Nova Museologia (SANTOS, 2008, p.88). O encontro foi considerado por Mario Moutinho (1995a) uma resposta a uma “atitude segregadora” do ICOM e do ICOFOM, que rejeitavam a “existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da museologia instituída”. No entanto, também houve embates, e seu documento final, a Declaração de Quebec, considerada o segundo documento importante do movimento da Nova Museologia, não foi aprovado sem conflitos.

De acordo com Mario Moutinho (1995a, p.53), o ateliê pretendia organizar “o que se sentia ser um movimento simultâneo em numerosos países”, pois a “multiplicidade de formas que os ecomuseus haviam tomado alargava a ideia de ecomuseus e das suas diferentes potencialidades: reivindicação social, investigação e ligação com as universidades, identidade”. Reconhecia-se inclusive a “existência de ecomuseus tradicionais e ecomuseus de desenvolvimento” (*idem*, p.55). Entendia-se que a

¹⁰⁰ Relato de Pierre Mayrand.

museologia deveria assumir uma “nova postura museológica, renovadora, criativa e militante” (*idem*, p.56), comprometida com o desenvolvimento comunitário.

O ano de criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM (Lisboa, Portugal), 1985, foi o ano em que uma das personagens mais importantes do campo museológico, que contribuiu com diversas inovações práticas e teóricas e foi um dos principais impulsionadores de novas formas museais, Georges Henri Rivière, deixou de existir fisicamente neste mundo. Esse tão referenciado museólogo não pode ver a consolidação do movimento que ajudou a construir. O MINOM congrega três organizações pré-existentes: a Associação de Ecomuseus de Quebec (Canadá); a Associação Nova Museologia e Experimentação Social - MNES (França) e a Associação do Ecomuseu Experimental de Valônia-Bruxelas (BALERDI, 2002, p.503), e após um período inicial de resistência filiou-se ao ICOM, que passou a receber com interesse os projetos do movimento e foi obrigado a reconhecer seu sucesso em termos ideológicos e organizativos (MOUTINHO, 2010, p.56).

O Seminário “Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus) – O homem e seu entorno” (15-18/10/1984, México) não é muito mencionado nas bibliografias acessadas. Podemos relacionar o encontro, desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Ecologia com o objetivo de promover o diálogo entre especialistas em Ecomuseologia e Nova Museologia estrangeiros e especialistas nacionais em disciplinas próximas ao tema (MEMORIA DEL [...], 1984, p.2), com o próprio projeto experimental *Casa del Museo*, desenvolvido pelo Museu Nacional de Antropologia desde a década de 1970, que foi idealizado pelo museógrafo mexicano Mario Vásquez Ruvalcaba com o objetivo de cumprir os compromissos acordados em Santiago do Chile, ou seja “integrar o museu à comunidade” (LUGO, 2002).

Ainda no final desta década o professor inglês Peter Vergo publica o livro *The New Museology*, considerada por Alonso Fernández (1999, p.80) um dos momentos-chave do movimento, ideia contrária à de Desvallées (2015e, p.133), que rejeita a relação da “*New Museology*” dos ingleses com a Nova Museologia francesa.

A década de 1990 realizou diversos eventos importantes sobre Ecomuseus e Museus Comunitários: O encontro do ICOFOM “Museologia e o meio ambiente” (1990, Livingstone e Mfuwe, Zâmbia)¹⁰¹; o Seminário “A missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios” (16/01-06/02/1992, Caracas, Venezuela); o I Encontro

¹⁰¹ Que retoma a discussão trazida pelos Ecomuseus sobre a “relação das instituições museológicas e o meio no qual se situam, ou seja, a relação com o meio social, cultural e econômico” (CURY, 2005, p.53).

Internacional de Ecomuseus (18-23/05/1992, Rio de Janeiro, Brasil); o encontro conjunto realizado pelo ICOFOM e o MINOM na 16ª Conferência Geral do ICOM (19-26/09/1992, Quebec, Canadá); o Simpósio do ICOFOM “*Museum and Community I*” (09/1994, Pequim, China); o Simpósio do ICOFOM “*Museum and Community II*” e a 17ª Conferência Geral do ICOM (1-7/07/1995, Stavanger, Noruega); e o II Encontro Internacional de Ecomuseus (17-20/05/2000, Rio de Janeiro, Brasil).

O Seminário “A missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios” (1992, Venezuela), também conhecido como Encontro de Caracas, foi uma iniciativa da Oficina Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe (ORCALC-UNESCO) e do Comitê Venezuelano do ICOM (DECARLI, 2002, p.2; HORTA, 2010, p.61), e recebeu o apoio do Conselho Nacional de Cultura (CONAC) e da Fundação Museu de Belas Artes da Venezuela (STUDART, 2010, p.150¹⁰²). A Declaração de Caracas, documento final do Seminário, apresenta uma avaliação crítica dos percursos da Nova Museologia, reafirma os princípios da Declaração de Santiago, renova compromissos como a educação permanente das populações (função socioeducativa do museu) e reafirma a ação do museu como canal de comunicação (DECLARAÇÃO DE CARACAS [...], 1999¹⁰³).

Após uma avaliação crítica do processo de globalização dos últimos anos, a Declaração conclui que a tão sonhada paz duradoura estava distante, pois apesar dos avanços científicos e tecnológicos as diferenças entre os homens aumentavam, e nem mesmo o desenvolvimento extraordinário da comunicação foi capaz de reduzir as distâncias sociais, políticas (direitos) e econômicas entre os homens. Pelo contrário, houve uma estandardização e homogeneização das culturas e a consequente “propagação de antivalores” (DECLARAÇÃO DE CARACAS [...], 1999, p.247), desvirtuando a essência dos povos. Nesse contexto tão complexo de crise – social, política, econômica e ambiental –, os museus deveriam transformar-se em um “instrumento eficaz para o fortalecimento da identidade cultural” (*idem*, 249-250) dos povos da América Latina, contribuindo para seu conhecimento, reconhecimento e integração.

De acordo com Varine (2010a, p.41), o Encontro de Caracas “permitiu rejuvenescer a doutrina de Santiago, desenvolvê-la e retomá-la junto a uma nova geração de museólogos”. A noção de Museu como instrumento de desenvolvimento e “libertador das forças criativas da sociedade” passa a ser “largamente formulada e admitida”,

¹⁰² Texto originalmente publicado em 2003.

¹⁰³ Texto originalmente publicado em 1992.

assim como a função social do museu e a responsabilidade política do museólogo. O patrimônio deixa de ser visto apenas como objeto de deleite e transforma-se em “uma fonte maior de desenvolvimento”, e incorpora-se a utilização do “patrimônio natural e cultural, mesmo fora do âmbito dos museus” em suas ações, abrangendo um território específico (*idem*, p.42).

Para Maria de Lourdes Horta (MESA-REDONDA [...], 2010c, p.121), a existência de uma polarização entre oprimidos e opressores em Santiago, que estava expressa na ideia de que “não havia mais nada a fazer com o velho, com o tradicional”, refletia o momento político-social que se vivia. A autora observa que essa separação entre “nós e os outros” ainda pode ser notada em algumas manifestações relacionadas à Nova Museologia.

O I Encontro Internacional de Ecomuseus (1992, Brasil) ocorreu no âmbito da ECO 92 – Cúpula Mundial sobre o Meio Ambiente¹⁰⁴. Foi organizado pela Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e a AMICOM-BR/*Mouseion*, com apoio do Comitê Brasileiro do ICOM (MORO; NOVAES, 2010, p.76) e financiamento da Petrobrás e do Serviço Social da Indústria (SESI), e contou com algumas presenças importantes do universo museológico já mencionadas neste estudo, como Varine (França), Rivard (Canadá), Moutinho (Portugal) e Hernán Crespo Toral (Equador). O Professor Alpha Konaré (Mali) confirmou presença, mas deixou de comparecer por ter sido eleito Presidente da República (NOVAES, 1992, n.p.). Esse encontro recebeu representantes de vários pontos do Brasil, que “expuseram, ouviram, debateram, aprenderam” e abriram os “caminhos para a compreensão” do conceito “museu da comunidade” (NOVAES, 1992, n.p.).

“Museu e Comunidade” foi o tema escolhido pelo ICOM para a 17ª Conferência trienal do ICOM, que foi realizada em 1995. Como preparação para o encontro, o ICOFOM organizou dois Simpósios. O primeiro “*Museum and Community I*” foi realizado em sua Conferência anual realizada em Pequim (China) no ano de 1994, onde foram apresentados trabalhos pela húngara Maria Bezzeg, a canadense Adriana Albi Davies, o francês Andre Desvallées, o tanzaniano Pius B. Mbonya, o estoniano Heiki Pardi e a indiana Anita B.Shah (ISS, 1994, p.9). O segundo “*Museum and Community II*” foi realizado durante a 17ª Conferência Geral do ICOM (1995, Noruega), onde também foram realizadas sessões conjuntas entre o MINOM e o ICTOP. Nela, foram apresentados trabalhos pelo holandês Peter Van Mensch, o norueguês Marc Maure, o

¹⁰⁴ ECO 92 ou UNCED - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (MORO; NOVAES, 2010, p.76).

canadense Paule Doucet, o francês Jean Davallon (Nova Museologia ou Novas Museologias) e a brasileira Tereza Scheiner (sensibilização de museus e comunidades) (ISS, 1995, p.3).

Encerrando o século XX, em maio de 2000 é realizado o II Encontro Internacional de Ecomuseus (Brasil), juntamente com o IX Encontro do ICOFOM LAM¹⁰⁵, fruto de uma parceria entre o MINOM e o ICOFOM e com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura/ Departamento Geral do Patrimônio Cultural da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (Ecomuseu de Santa Cruz – NOPH). O primeiro teve como tema “Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável”, e o segundo “Museologia e Desenvolvimento Sustentável na América Latina e Caribe”. De acordo com a comissão organizadora do evento, a adesão do ICOFOM

[...] fortaleceu o espírito integrador desse encontro, significando para toda a comunidade museológica uma perspectiva da retomada de um diálogo possível entre o exercício acadêmico regional e da reflexão teórica aplicada à realidade da América Latina e as mais diversas experiências iluminadas pela Nova Museologia, aportando novas abordagens, novos caminhos, novos olhares, novas significações e novas interpretações das atividades museológicas no Brasil, na América Latina e no mundo (ANAIS [...], 2001, p.9).

Maria Célia Santos (2008, p.83) observa algumas “transformações radicais” pelas quais o mundo passou nos últimos anos: a revolução das comunicações, o aumento da produtividade industrial e agrícola, a urbanização, o surgimento de novos centros de poder econômico e político. No entanto, essas transformações não refletiram na melhoria da qualidade de vida das populações, pelo contrário, “produziu o aumento da pobreza, da violência, de doenças e da poluição ambiental, além de conflitos religiosos, étnicos, sociais e políticos”, que são “problemas globais, cujas soluções dependem da capacidade de articulação de um espectro mais amplo de agentes sociais” (TENÓRIO *apud* SANTOS, 2008, p.83).

Para não sermos totalmente negativos, como o foi Eric Hobsbawm (1995) ao descrever “o breve século XX”, é importante lembrarmos algumas transformações importantes

¹⁰⁵ Subcomitê Regional de Museologia para América Latina e Caribe (ANAIS [...], p.9).

ocorridas neste século, como as lutas empreendidas por movimentos sociais no geral e outras específicas relacionadas aos movimentos feministas, indígenas, negros e LGBT's, "movimentos de massa" extremamente significativos que vem demonstrando que existe mais diversidade do que podemos supor, assim como outras subjetividades. Essas lutas tem a ver com direitos: direito a ter uma vida digna enquanto ser humano, com acesso a uma boa alimentação, à moradia digna, a um trabalho que seja respeitado e bem remunerado; à educação de qualidade, que não seja um adestramento; à manutenção de costumes tradicionais; à terra, principalmente o direito a territórios tradicionais por povos indígenas e quilombolas; ao respeito às diversas religiosidades; sobre o próprio corpo (liberdade sexual, uso de contraceptivos, aborto etc.); à identidade étnica e de gênero, entre outros. Talvez a "onda democrática" que se espalhou pelo mundo após a década de 1960 tenha trazido à tona toda essa diversidade, que a cada dia tem novas e diferentes demandas.

Como os Museus não vivem em bolhas, desconectados da realidade, embora alguns deles resistam em se relacionar com a sociedade de seu entorno e com os problemas locais, nacionais e internacionais, o processo de renovação do fenômeno Museu e da Museologia (campo de conhecimento, ciência social ou disciplina aplicada) tem sido influenciado pelos acontecimentos externos a eles e, conseqüentemente, tem sofrido transformações importantes, que não têm a ver apenas com conhecimentos técnicos, novas formas de apresentação de objetos e interação com o público, mas em abrir mão de privilégios, do privilégio de "ser detentor de todo o conhecimento" (profissionais de museus: museólogos, conservadores, educadores etc.), de decidir o que são patrimônios, quais devem ser preservados e de que forma, de decidir quais atividades serão realizadas a partir do uso desses patrimônios e com quais objetivos; de decidir quem será representado nesses lugares de memória, enfim, para cada privilégio há um tipo de exclusão, que pode e deve ser questionada e extinta. E tudo isso obviamente está diretamente ligado a relações de poder.

Como os diversos encontros realizados desde a década de 1970 demonstram, a própria descentralização das discussões museológicas, anteriormente centralizadas no continente europeu, trazem outros sujeitos à cena, que obviamente apresentam pontos de vistas e demandas próprias, que não devem ser ignorados pelo campo museológico com um todo.

2.1.2. Enquanto isso no Brasil...

O desenvolvimento dos Museus e da Museologia no Brasil está intimamente ligado ao desenvolvimento do fenômeno museológico europeu. Bruno (2016)¹⁰⁶ remete as origens da historicidade do fenômeno museológico brasileiro às próprias expedições coloniais realizadas no Brasil Colônia (séculos XV ao XVIII) por naturalistas estrangeiros, artistas, curiosos etc., que com as espécimes vegetais e animais, artefatos dos povos originários e outras curiosidades, contribuíram para o colecionismo e a formação das coleções dos museus europeus.

De acordo com Chagas (PAINEL 2 [...], 1992, p.163), alguns “ensaios museológicos” são desenvolvidos nos séculos XVII e XVIII, mas os primeiros museus brasileiros são criados no século XIX, baseando-se no modelo dos museus europeus (instituições enciclopédicas, de pesquisa, com um saber classificatório, que buscavam embasar cientificamente as discussões ideológicas – raciais – e preocupadas em contribuir com a construção da História Oficial da Nação¹⁰⁷ (JULIÃO, 2006, p.19-20; SCHWARCZ, 2005, p.129-139).

Consideramos alguns acontecimentos desse século importantes para as discussões que trazemos na presente pesquisa. No decorrer do século XX formam-se cada vez mais instituições que estudam a realidade social, cultural e patrimonial nacional: museus, institutos históricos e geográficos estaduais, universidades etc., locais destinados a discussões acadêmicas e culturais, verdadeiros fóruns de interlocução entre intelectuais e políticos¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Informação verbal transmitida pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno durante a disciplina “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos” (PPGMUS-USP), em aula ministrada no primeiro semestre de 2016.

¹⁰⁷ A escrita de uma História Geral do Brasil foi discutida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) já no seu primeiro ano de atuação (1838). Sua mesa diretora abriu um concurso para a escolha da melhor ideia para a escrita dessa história, e premiou a dissertação apresentada pelo médico e naturalista alemão Karl Friedrich Philopp von Martius, que esteve no país entre 1817 e 1820. O texto, intitulado “Como se deve escrever a História do Brasil”, publicado pela revista do IHGB em 1844, afirma que a singularidade da nação brasileira estava no fato de ser este um país mestiço, com uma população formada a partir da miscigenação de três “raças”: o negro, o índio e o branco. Von Martius defendia o estudo de cada um dos troncos raciais antes e depois do contato. No entanto, “apesar de ter como base fundamental a questão da miscigenação racial” (RODRIGUES, 2007, p.7), o projeto enfatiza a superioridade da “raça” branca. De acordo com Von Martius, o sangue português “absorveria” as demais e inferiores raças por meio da miscigenação, aperfeiçoando-as. Para Rodrigues (2007, p.7), tratou-se de “um projeto centralizador, monarquista, filosófico, pragmático”.

¹⁰⁸ Informação verbal transmitida pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno durante a disciplina “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos” (PPGMUS-USP), em aula ministrada no primeiro semestre de 2016.

Na década de 1920 é realizado o I Congresso Brasileiro de Regionalismo (fevereiro de 1926, Recife/PE). Seu documento final, o “Manifesto Regionalista”, afirma a existência de um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais do Nordeste brasileiro, que não se pretendia separatista ou bairrista, mas posicionava-se contra o “estadualismo” e propunha sua substituição por um sistema novo e flexível em que as regiões seriam consideradas mais importantes que os Estados, devendo se completar e se integrar “ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional” (MANIFESTO [...], 1996, p.2). Contrapunha-se principalmente à “novidade estrangeira” referindo-se às inovações propostas pela Semana de Arte Moderna de 1922, que propunha novas ideias e conceitos artísticos, almejava novas experimentações e estava “embebida por um impulso criador de rupturas com a narrativa cultural brasileira de então” (ZIN, 2012). O Manifesto Regionalista se contrapunha à “novidade estrangeira”, consagrada como elegante e moderna por intelectuais de outras províncias, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo (MANIFESTO [...], 1996, p.2).

É possível relacionar a defesa do Manifesto Regionalista pela reabilitação de valores regionais e tradicionais com o objetivo de diversos Ecomuseus e Museus Comunitários em descobrir, desvendar, registrar, valorizar, preservar e comunicar histórias, memórias e culturas tradicionais e locais relacionadas às comunidades em que estão inseridos, ponto de vista que claramente se contrapõe à tendência da cultura de massas homogeneizante do mundo contemporâneo globalizado e a valores relacionados ao consumo. Trata-se de um olhar para si próprio e da descoberta de formas próprias de ser e estar no mundo, fortemente enraizadas em culturas tradicionais “esquecidas” ou obscurecidas por uma cultura dominante “importada”, que em sua modernidade nega toda a diversidade cultural existente não apenas Brasil adentro, mas mundo afora.

A década de 1930 vê nascer uma legislação preservacionista, a criação de novos museus, que contribuíram com a formação de uma identidade nacional entre as décadas de 1930 e 1950, e a preocupação com a formação profissional: em 1932 é criado o primeiro Curso de Museologia do Brasil¹⁰⁹, no âmbito do Museu Histórico Nacional, no qual permanece até 1979; em 1934 é criado o Serviço de Proteção aos Monumentos Históricos e Obras de Arte, também sob direção de Barroso, e é realizado o I Congresso Afro-Brasileiro (11-15/11/1934, Recife/PE); e em 1937 é criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que foi dirigido

¹⁰⁹ Atualmente trata-se do Curso de Museologia da UNIRIO.

por Rodrigo Mello Franco de Andrade (1898-1969) entre 1937 e 1967 (JULIÃO, 2006, p.20-23)¹¹⁰.

Apesar de ter sido a primeira política pública preservacionista do Brasil e representar um marco no processo de institucionalização de uma política para o patrimônio cultural, o SPHAN, que de acordo com Julião (2006, p.22) teve como anteprojeto uma “proposta etnográfica generosa” elaborada por Mário de Andrade (1893-1945)¹¹¹, foi criado “no contexto da política autoritária e nacionalista do Estado Novo”, o que representou a oficialização de “um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites”, uma “ideia hierárquica da cultura”, a adoção de um “critério exclusivamente estético dos bens culturais” e a entronação do barroco, que foi convertido em “centro da política de preservação do patrimônio, símbolo da identidade nacional”. A autora afirma que algumas iniciativas importantes foram tomadas pelo SPHAN, como medidas para impedir a evasão de acervos do país e a implementação de uma política de criação de museus nacionais. No entanto, considera a atuação do órgão tímida na coordenação da política de museus “se comparada aos tombamentos dos bens edificados” (JULIÃO, 2006, p.22).

O I Congresso Afro-brasileiro contou com uma exposição organizada pelo pintor Cícero Dias, auxiliado por Clarival Valladares, irmão do então diretor do Museu do Estado da Bahia (criado em 1918), José Valladares. Nela foram expostos objetos afro-brasileiros e obras de pintores brasileiros: Lasar Segall, Portinari, Noêmia, Di Cavalcanti, Santa Rosa, e o grupo do Recife, com Cícero Dias, Luis Jardim e Manoel Bandeira (CERÁVOLO, 2011, p.216). Além das sessões acadêmicas, divididas nas disciplinas Etnografia, Antropologia/Sociologia/Etnologia, Folclore/Arte e Psicologia Social, o encontro também contou com saídas de campo para os terreiros do Pai Oscar (culto gegê) e do Pai Rozendo (culto Xambá), visitas ao Hospital de Assistência aos Psicopatas e à ilha de Joaneiro, um jantar de quitudes afro-brasileiros oferecidos aos participantes pela Escola Doméstica de Pernambuco e uma apresentação de toadas de Xangô compostas pelo Maestro Ernani Braga (SKOLAUDE, 2014, p.6-7).

Apesar dessa experiência não ter sido reconhecida posteriormente pelo Movimento Negro como um espaço privilegiado para os debates sobre as relações raciais no

¹¹⁰ Atual Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

¹¹¹ A pedido de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde Pública, em 1936 Mário de Andrade foi convidado a elaborar o anteprojeto do SPHAN. Sua proposta pretendia “institucionalizar uma política de patrimônio para o país, incorporando as mais diversificadas manifestações da cultura brasileira”, e propôs a criação de quatro grandes museus, um arqueológico e etnográfico, um histórico, um de belas artes e de artes aplicadas e tecnologia industrial (JULIÃO, 2006, p.22).

Brasil naquela década, pois muitos dos intelectuais ainda viam os negros como inferiores racialmente, ou compactuavam com o ponto de vista da obra de Gilberto Freyre e com “mito da democracia racial, Skolaude (2014, p.5) afirma que as principais lideranças do movimento na década de 1930, como a Frente Negra Brasileira (RJ) e o Movimento da Mocidade Negra Paulista (SP), apoiaram o encontro, que contou com a participação – também em sua organização – não apenas de artistas e intelectuais renomados, mas igualmente de estudantes, populares, babalorixás e ialorixás do Recife, e de personalidades negras como Albertina Fleury (rainha de maracatu) e Miguel Barros (representante da Frente Negra Pelotense), o que “gerou revolta e indignação por parte de setores mais tradicionais da imprensa nacional” (SKOLAUDE, 2014, p.8), que criticaram a incorporação da população negra na identidade nacional. Para Skolaude (2014), que apresenta a diversidade ideológica dos textos publicados nos anais do evento e reconhece que “a perspectiva informal e não somente acadêmica” foi uma das marcas do congresso, as críticas superficiais direcionadas a ele ignoram a riqueza contida nas demais fontes primárias. Nos encaminhamentos do encontro é notável o posicionamento contra a opressão policial sofrida pelas religiões de matriz africana e a discriminação sofrida por negros e mestiços, demanda que permanecem atuais quase um século após o evento.

Em 1937 o escritor, etnólogo e folclorista Edison Carneiro, estufiasmado com os resultados do I Congresso, organiza o II Congresso Afro-brasileiro em Salvador (BA), realizado de forma descentralizada, contemplando atividades no Terreiro de Gantois, no Axé Opô Afonjá e no Terreiro de Joãozinho da Gomeia¹¹². Mãe Aninha (líder do Axé Opô Afonja), apresentou no congresso um estudo sobre o emprego das ervas no cotidiano do candomblé. De acordo com Nobre (2016, n.p.), em termos políticos e estratégicos esse congresso teve mais importância do que o primeiro, pois teve como desdobramentos a criação de entidades em defesa da preservação dos valores de matriz africana, do enfrentamento às perseguições aos cultos afro pela polícia e contra a intolerância religiosa, como por exemplo a União das Seitas Afro-Brasileiras.

Na década de 1940 o Brasil é um dos países fundadores do ICOM. Oswaldo Teixeira, então diretor do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro (1937), foi o escolhido para representar o Brasil na formação do ICOM, mas como não pode participar pessoalmente, enviou um representante para a reunião no Museu do Louvre (1946).

¹¹² Atualmente esses terreiros são também as sedes do Memorial Mãe Menininha de Gantois, do Museu Ilê Ohun Lailai (Casa das Coisas Antigas), ambos em Salvador (BA) e do Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, em Lauro de Freitas (BA). Para maiores informações vide Fichas 14, 32 e 37 no Apêndice B.

No ano seguinte, Teixeira começa a organizar a formação do Comitê Brasileiro do ICOM, fundado oficialmente em 1948, no qual atua como diretor até 1953, tendo como vice-diretores Gustavo Barroso – Diretor do MHN e fundador do Curso de Museologia, Heloísa Alberto Torres – Diretora do Museu Nacional, e Alcindo Sodré – Diretor do Museu Imperial de Petrópolis, criado em 1940 (MORO; NOVAES, 2010, p.31-33). De acordo com Fernanda Moro e Lourdes Novaes (*idem*, p.38), até 1976 este Comitê adota uma postura política fechada, fortemente vinculada ao governo.

Para Moro e Novaes (2010, p.25), “as ideias de um museu aberto à participação de todos, da interdisciplinaridade dos museus e da necessidade de renovação permanente dos conceitos já eram, guardadas as proporções, um tema de discussão naquela época”. As autoras relatam que ainda em 1949 o avô de Fernanda Moro, Carlos Ferreira D’Almeida, apresenta a Rivière a ideia de formar o Museu da Comunidade dos Antigos da “Casa São Luís para os Antigos”¹¹³, localizada no bairro do Caju (Rio de Janeiro/RJ), que pertencia à Instituição Visconde Ferreira D’Almeida. No entanto, o orçamento da casa foi insuficiente para a realização do projeto (*idem*, p.34).

Na década de 1950 são criadas algumas experiências museais extremamente relevantes, o Museu de Imagens do Inconsciente (1952) e o Museu do Índio (1953), e também são realizados o 1º Congresso Brasileiro de Museus (23-27/07/1956, Ouro Preto/MG)¹¹⁴, o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus (07-30/09/1958, Rio de Janeiro/RJ) e o 2º Congresso Brasileiro de Museus (15-20/02/1959, São Paulo/SP).

Em 1952, a Doutora Nise da Silveira cria o Museu de Imagens do Inconsciente - MII, instalado no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. O MII exibia as obras produzidas nos ateliês de Pintura e Modelagem, atividades de caráter terapêutico realizadas desde 1946 pela Seção de Terapêutica Ocupacional. Os *clientes* dos ateliês, como eram chamados os pacientes do Centro Psiquiátrico, eram estimulados a desenvolver “através da pintura e da modelagem, as suas necessidades de expressão” (ALEVATO, 2009, p.50), o que contribuiu para uma melhor “compreensão das doenças ligadas à desagregação da consciência” (*idem*). As imagens criadas provocaram interesse artístico e científico, pois “o estudo em conjunto de imagens poderia demonstrar o processo pelo qual o indivíduo estava passando e como a

¹¹³ A (atual) “Casa São Luiz” é uma instituição filantrópica de referência em residencial para a terceira idade. Vide: <http://www.casasluiz.com.br/csl/>. Acesso em: 21 abr. 2017.

¹¹⁴ LAYTANO, 1956, n.p.

terapia estaria atuando” (*idem*, p.51). De acordo com Mário Pedrosa (*apud* ALEVATO, 2009, p.51) além de estimular a criatividade, a experiência também contribuiu para um melhor convívio entre os pacientes e para estabelecer relações de afeto.

Após 1973 o MII tornou-se um museu de território, considerando o Centro Psiquiátrico, seus edifícios e seu parque (MORO, 1984, p.91-92). Sua proposta baseou-se na observação do homem enquanto ser humano aceito em todo o seu processo de desenvolvimento, seu trabalho – considerado suas formas de expressão – e seu ambiente (*idem*). A presença do museu foi sentida em todo o Centro e avançou pelo bairro, o que justifica sua consideração enquanto museu de território.

No ano seguinte, 1953, é criado o Museu do Índio, idealizado pelo antropólogo, escritor e político brasileiro Darcy Ribeiro. O Museu do Índio é considerado um divisor de águas na abordagem e na maneira de apresentar os povos indígenas no espaço museal, que deixam de ser vistos como exóticos e inferiores, ou ainda como preguiçosos (estigma que foi construído ao longo do tempo) – a negação ao trabalho foi compreendida como uma forma de resistência. O antropólogo enxergava o museu como ferramenta para a construção de um outro imaginário acerca das populações nativas, para o combate ao preconceito, para a construção da alteridade e para a preservação da diversidade desses povos. Além disso, o Museu pretendia contribuir para o reconhecimento oficial das populações nativas pelo Estado Brasileiro e para a construção de políticas públicas em seu favor¹¹⁵.

Nesse mesmo ano (1953) Rodrigo Melo Franco de Andrade assume a direção do Comitê Brasileiro do ICOM e posteriormente substitui este Comitê pela Organização Nacional do ICOM (ONICOM), organização da sociedade civil brasileira (TORRES, 1957). Em 1957 Heloísa Alberto Torres assume a direção do ONICOM, cargo que ocupa até 1971 (MORO; NOVAES, 2010, p.40).

Em 1956 é realizado o 1º Congresso Brasileiro de Museus (Ouro Preto/MG), organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM e pelo Governo de Minas Gerais. O encontro contou com cerca de 100 participantes (MORO; NOVAES, 2010, p.37).

Em 1958 é realizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ) o 1º Seminário Internacional sobre museus no Brasil, o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, organizado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura –

¹¹⁵ Informação verbal compartilhada pelo historiador João Paulo Vieira Neto na palestra “Memórias Indígenas e Museus”, que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016.

IBECC¹¹⁶ e pelo Comitê Brasileiro do ICOM, e dirigido por Rivière. O Seminário reuniu representantes de 20 países latino-americanos, além de Estados Unidos, França, Países Baixos e Reino Unido e teve como objetivo debater a função educativa que deveria ser assumida pelos museus, principalmente em relação à educação escolar. Foram revisados conceitos como Museu, Museologia e Museografia, tratadas questões relativas a museus, principalmente aspectos técnicos como os tipos e objetivos das exposições (ecológica, sistemática, polivalente, circulante etc.), recursos expositivos, conservação etc. – o objeto neste momento é visto como o “o cerne do museu” (TORAL, 2010, p.26) – e também a necessidade de incentivar a criação de instituições de formação (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.320; TORAL, 2010, p.23-35).

Enquanto Hernán Crespo Toral (2010, p.26) defende que o Seminário de 1958 “marcou o desenvolvimento da cultura latino-americana, pois colocou problemas essenciais para a transformação do museu em um elemento dinâmico dentro da sociedade”, Mário Chagas (MESA-REDONDA [...], 2010d, p.95-96) observa que se tratava de uma Museologia ainda “contaminada por ideais desenvolvimentistas” (*idem*, p.95), baseada no modelo museológico europeu, que não dialogava com outros campos de conhecimento, supervalorizava o papel do conservador, enquanto subestimava a ação do pedagogo, não lhe dando autonomia em relação ao conservador etc. O autor relata a existência de um “alto nível de romantismo museológico e uma certa mentalidade desenvolvimentista” (PAINEL 2 [...], 1992, p.165) no seminário. Reconhece, no entanto, a abordagem de temáticas diversas e questões ainda não respondidas, como questões ecológicas regionais, outros modelos de museus (museus ao ar livre e regionais, museus escolares etc.), entre outras. Apesar de discutir o modelo de “museu ao ar livre”, para Chagas (MESA-REDONDA [...], 2010d, p.96) a origem da mudança está na proposição de museus regionais, que em sua opinião “é o germe do museu integrado, do museu da comunidade”.

Fernanda Moro e Lourdes Novaes (2010, p.38) observam que os profissionais ligados a instituições privadas não puderam participar do Seminário, que ficou restrito aos funcionários governamentais. Para as autoras (*idem*, p.35) a tentativa de manter o Comitê no domínio governamental, sem abertura aos museus privados e seus profissionais, trouxe muitos prejuízos à profissão e à permanência do ICOM no Brasil.

¹¹⁶ O IBECC foi criado como Comissão Nacional da UNESCO no Brasil em 1946 com o objetivo de desenvolver projetos nas áreas de educação, ciência e cultura (ABRANTES; AZEVEDO, 2010, p.469).

Aproveitando sua estadia no Brasil, Rivière visita a Casa São Luís para os Antigos. Moro e Novaes (2010, p.34-35) relatam que mesmo assim o projeto não vai adiante, pois os membros do Comitê Brasileiro não o compreenderam ou talvez tenham julgado “muito avançado para a época” (*idem*, p.35), pois se diferenciava das formas clássicas de museus. Na década seguinte, o regime militar e autoritário instaurado no país (1964-1984) considerou o projeto “temerário” (*idem*).

Em 1959 é realizado o 2º Congresso Brasileiro de Museus (São Paulo/SP), que foi organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM e pelo Governo de São Paulo. A discussão do Congresso ficou restrita à “valorização dos objetos” (MORO; NOVAES, 2010, p.38).

Entre 1960 e 1980 criam-se diversos museus públicos e privados de muitas tipologias, museus universitários, e as discussões teóricas são intensificadas. Segundo Maria Célia Santos (2008, p.90) foi a grande fase dos memoriais, do culto ao herói, que buscava autenticar a nação enquanto uma realidade nacional. Na década de 1960 são realizados o 3º Congresso Brasileiro de Museus¹¹⁷ (11/1962, Salvador/BA) e o 4º Congresso Brasileiro de Museus¹¹⁸ (1965, Rio de Janeiro/RJ), e são criados o Museu do Folclore (1968) e o 2º Curso de Museologia do país, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (1969, Salvador/BA).

Em 1962 o cientista brasileiro Paulo Duarte cria o Instituto de Pré-História, que posteriormente integra o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (BRANDÃO; COSTA, 2007, p.210). Neste mesmo ano é convidado pelo ICOM a participar da Conferência Internacional sobre o papel dos museus nos países em desenvolvimento (Neuchâtel, Suíça), mas não conta com o apoio da ONICOM, que a essa altura era gerido somente por funcionários governamentais que, de acordo com Moro e Novaes (2010, p.40) “não compreendiam as modernizações vindas de Paris”.

Em 1964 o governo de João Goulart sofre um golpe militar (com o apoio das elites do país) e é destituído. Instaura-se em seu lugar um regime militar que dura 20 anos, apesar de inicialmente se apresentar como governo provisório. Esse regime, de acordo com Moro e Novaes (2010, p.41), impede as atividades museológicas externas e internas e torna a representação brasileira do ICOM “mais profissional e menos politizada” (*idem*, p.26), ao ponto de, em 1968, o Comitê Brasileiro impedir a

¹¹⁷ Organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM e o Governo da Bahia (MORO; NOVAES, 2010, p.40). Curiosamente, no mesmo ano em que o Governo da Bahia subsidia esse Congresso, é publicada uma reportagem no jornal A Tarde denunciou as precárias condições do Museu do Estado da Bahia (CERÁVOLO, 2011, p.224).

¹¹⁸ Organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM com apoio de comunidades locais (MORO; NOVAES, 2010, p.41).

participação de membros sem vínculo com organismos governamentais nas reuniões promovidas pelo ICOM (MORO; NOVAES, 2010, p.43).

Apesar dessa “intervenção”, em 1968 é inaugurado o Museu do Folclore, cujo projeto foi lançado oficialmente em 1951. De acordo com Letícia Julião (2006, p.23), sua fundação é resultado das aspirações do movimento folclorista das décadas de 1940 e 1950. No entanto, Regina Abreu (*apud* JULIÃO, 2006, p.23) afirma que tal iniciativa expressa uma política de museus (implantada em 1922) orientada por um modelo dicotômico da cultura nacional, cindida entre erudita e popular. Essa política preservou e promoveu uma “cultura nomeada erudita (predominantemente histórica) — resultado da marcha evolutiva das sociedades humanas na direção do progresso e da civilização” e, de outro lado, “uma cultura nomeada popular (folclórica) — relíquias de tradições primitivas, comunitárias e puras, coletadas em sua maior parte por folcloristas no contexto de uma sociedade em avançado processo de industrialização e mudança”.

Outra iniciativa importante implementada em 1968, que talvez possa ser considerado o primeiro Ecomuseu do Brasil, foi o Projeto Pandora (Rio de Janeiro/RJ), também denominado “Museu Conceitual do Distrito” e “Projeto Santa Teresa - a memória de um bairro”, que foi desenvolvido por membros da equipe do Grupo Cepi (futura ONG *Mouseion*¹¹⁹ – Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente). O Projeto, que entusiasma Rivière, abarcava todo o bairro de Santa Teresa, e foi concebido como um museu ao ar livre e participativo, incluindo seus moradores, trabalhadores, sua vida cotidiana, estruturas e memórias. As atividades educativas e culturais eram realizadas em estúdios de artistas, museus e outros estabelecimentos do bairro, principalmente o mercado local (MORO; NOVAES, 2010, p.45; MORO, 1984, p.91; MORO, 1985, p.237-241).

Nesta mesma década “setores da intelectualidade brasileira [...] começaram a formular críticas à atuação SPHAN, acusando-o de elitista, exclusivamente técnico e alheio aos debates e às inovações no campo das políticas culturais” (JULIÃO, 2006, p.23). Podemos considerar esse movimento reivindicatório como um reflexo das aspirações democráticas que se faziam presentes no território europeu e em diversas partes do globo.

Na década de 1970 a América Latina vive “uma história de exílios e exilados” (SANTOS, 2008, p.89), relacionada à instalação de ditaduras militares em diversos países, que com o apoio dos Estados Unidos, principal potência imperialista mundial,

¹¹⁹ Instituição que desenvolveu diversos “programas e projetos de pesquisa e ações no campo da museologia alternativa no Rio de Janeiro” (MORO, 1985, p.237).

tiveram como objetivo acelerar o desenvolvimento capitalista e consolidar a integração desses países no “sistema capitalista monopolista internacional”, como países associados periféricos. Essa transformação acelera o processo de êxodo rural e provoca um aumento considerável da população urbana em diversas cidades brasileiras, o que acarreta inúmeros problemas sociais e ambientais¹²⁰. Entre as décadas de 1960 e 1980 o Brasil e diversos outros países latino-americanos são palcos de contestação, repressão, tortura, censura e terrorismo oficial.

Os principais eventos realizados nesta década que interessam ao recente atual são o 5º Congresso Brasileiro de Museus (1970, Petrópolis/RJ)¹²¹ e o 1º Encontro de Dirigentes de Museus (1975, Recife/PE). Nesta década são também criadas/os: a Fundação Nacional das Artes – FUNARTE (1975), que auxilia novos projetos, abertos democraticamente a participantes de todas as regiões e origens (MORO; NOVAES, 2010, p.53); o Museu do Homem do Nordeste – MUHNE (1979)¹²², que resulta da fusão de outras três instituições cujas temáticas estão intrinsicamente ligadas à cultura popular e aos povos a ela associada (minorias étnicas e sociais): o Museu de Antropologia¹²³ (1961), o Museu de Arte Popular (1955) e o Museu do Açúcar (1963); e o Curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), primeiro curso de Especialização em Museologia a nível de Pós-Graduação *lato sensu*, criado por iniciativa da museóloga Waldisa Rússio¹²⁴ com apoio da AMICOM-BR e do Comitê Brasileiro do ICOM, que contribuíram com a formação de seu programa de base (MORO; NOVAES, 2010, p.58)¹²⁵.

Em 1971, Fernanda Moro, Professora de Arqueologia da Escola Superior de Museologia (Curso de Museus do MHN) participa da 9ª Conferência Geral do ICOM (França). No entanto, a “Revolução de 1971” não é bem vista pelo representante do

¹²⁰ Diversos Ecomuseus e Museus Comunitários estão localizados em comunidades que se formaram a partir desse processo.

¹²¹ Organizado pela Associação Brasileira de Museologia (MORO; NOVAES, 2010, p.42).

¹²² Vinculado à Fundação Joaquim Nabuco. Vide “Museu do Homem do Nordeste”. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=250&Itemid=238. Acesso em: 23 abr. 2017.

¹²³ O Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atual Fundação Joaquim Nabuco) e o próprio instituto foram idealizados e criados por Gilberto Freyre. Vide “Fundação Joaquim Nabuco” - Histórico. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=250&Itemid=238. Acesso em: 23 abr. 2017.

¹²⁴ Segundo Barbuy (1989), Waldisa Rússio Camargo Guarnieri foi uma das difusoras da ideia do Ecomuseu no Brasil.

¹²⁵ De acordo com Léa Blezer (em sua banca de qualificação, realizada em 09/08/2016), que atualmente desenvolve a pesquisa “A tecitura de uma Museologia Paulista: tramas do ensino especializado em São Paulo” pelo PPGMUS-USP, o curso da FESPSP foi responsável pela formação de 142 especialistas em Museologia entre 1978 e 1996.

Comitê Brasileiro do ICOM, que considera o Manifesto de Grenoble uma atividade de ordem política e acusa oficialmente às autoridades brasileiras o membro brasileiro que havia assinado o manifesto de subversão. Moro passa a ser perseguida e perde seu cargo de professora (MORO; NOVAES, 2010, p.45-46).

Para Moro e Novaes (1996, p.46) a restrição do Comitê Brasileiro do ICOM a profissionais ligados ao governo e a perseguição sofrida “fortalecerá o trabalho dos profissionais de iniciativa privada, criando fortes correntes de uma nova museologia que faz oposição à museologia retrógrada das organizações oficiais”. As autoras relatam que

[...] diante dos problemas administrativos e profissionais e da estagnação do comitê brasileiro, alguns membros do ICOM associam-se e fundam a Associação de Membros do ICOM (AMICOM-BR), que representava uma nova força de trabalho de caráter específico e que tinha por objetivo a expansão e a difusão de novos conceitos estabelecidos em Grenoble e em outras reuniões (MORO; NOVAES, 2010, p.47).

Diversos membros ligam-se à AMICOM-BR que, junto ao Grupo Cepi, lideram a vanguarda museológica brasileira e desenvolvem experiências envolvendo museu, meio ambiente e comunidade. Muitos membros ligam-se à AMICOM-BR, e até mesmo o presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, Geraldo Câmara, participa de algumas de suas atividades (MORO; NOVAES, 2010, p.47-48).

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972) contaria com a participação do pedagogo Paulo Freire, que foi convidado a dirigí-la e onde adaptaria sua doutrina e métodos à prática museológica e museográfica. No entanto o delegado brasileiro junto à UNESCO, por razões políticas – Freire era considerado uma personalidade “subversiva” que se opunha ao regime militar brasileiro –, se opôs formalmente à sua designação (VARINE, 2010a, p.39; VARINE, 2014, p.244; VARINE, 2012, p.96). Maria Célia Santos (2008, p.93) considera que essa proibição trouxe perdas aos participantes e à própria Museologia. No entanto, a autora pondera que, apesar da sua ausência, os temas mais marcantes da obra de Freire – conscientização e mudança –, “que levam o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente, estiveram e ainda estão presentes, ou melhor, são o cerne das proposições de Santiago”.

De acordo com Moro e Novaes (2010, p.46), a representante do governo brasileiro (IPHAN) votou contra as propostas da Declaração de Santiago “por desconhecimento dos novos ideais do ICOM”. Talvez também tenha sido por razões políticas, pois foram por sua conta que “nada fizeram ou puderam ou quiseram fazer em seus países os participantes do encontro de Santiago”, cuja maioria dos países eram controlados por ditaduras militares (STUDART, 2010, p.149).

Ainda neste ano (1972) representantes do Projeto Pandora “Santa Teresa, um museu ao ar livre” são convidados por Rivière a apresentá-lo na reunião do Comitê Internacional para a Educação e a Ação Cultural (CECA/ICOM) em Amsterdã, Holanda (MORO; NOVAES, 2010, p.47).

Em 1973, a Associação de Membros do ICOM (AMICOM-BR) e o Grupo Cepi do Brasil são convidados pela Dra. Nise de Oliveira para tratar museologicamente o arquivo do Museu de Imagens do Inconsciente e para desenvolver uma proposta segundo a nova ótica museu-comunidade. No ano seguinte esse trabalho é apresentado por Lourdes Novaes ao Ministério da Saúde da Dinamarca (MORO; NOVAES, 2010, p.48-49).

Em 1975 é realizado o 1º Encontro de Dirigentes de Museus (Recife/PE), organizado pelo Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. O encontro contou com diferentes grupos de trabalho, e um deles, denominado “Relações do Museu com o Meio”, foi coordenado pelo historiador Ulpiano Bezerra de Menezes, que convidou os dirigentes de museus a refletirem sobre as razões que distanciavam a comunidade do museu (OLIVEIRA; RUOSO, 2014, p.277). No ano seguinte, como resultado desse encontro, foi publicado o documento “Subsídios para a Implantação de uma Política Museológica Brasileira”, com o objetivo de contribuir com a formação de uma consciência museológica no Brasil (*idem*, p.285).

Neste mesmo ano o Grupo Cepi transforma-se em *Mouseion* - Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem, e apresenta uma série de programas científicos que transcorrem durante cinco anos, cujo objetivo principal era a descentralização da formação (MORO; NOVAES, 2010, p.51-52).

Fernanda Moro, Presidente da AMICOM-BR, torna-se membro do Comitê Consultivo do ICOM em 1973 e em 1976 assume a Presidência do Comitê Brasileiro do ICOM, onde permanece até 1987, quando é substituída por Lourdes Novaes, que o preside até 1997. Com a nova Presidência, o Comitê Brasileiro do ICOM reformula seus estatutos e realiza eleições gerais. Uma nova diretoria é eleita e começa a trabalhar diretamente com a AMICOM-BR (utilizando inclusive sua sede), através de um acordo estatutário e,

por fim, ambas organizações formam o ICOM-BR. O novo programa abre o Comitê para profissionais de museus públicos e privados (MORO; NOVAES, 2010, p.34-53).

Em 1976, a AMICOM-BR/*Mouseion* e o Comitê Brasileiro do ICOM organizam e ministram uma formação em Museologia e Museografia em diversas regiões do Brasil, inclusive cursos sobre museu comunitário “com perfil de ecomuseu” para as cidade de Niterói (RJ), que buscou estabelecer um programa de base para a proteção cultural e do meio ambiente da cidade, e Salvador (BA)¹²⁶, que teve como objetivo “a formação de uma equipe especializada em ação educativa e cultural para um programa especial sobre o papel social do museu” (MORO; NOVAES, 2010, p.54).

Maria Célia Santos (2008, p.90) defende que o documento de Santiago e as iniciativas do Movimento da Nova Museologia permaneceram desconhecidos no Brasil, encerrados nas gavetas dos gabinetes. No entanto, a própria autora menciona que por iniciativa individual alguns profissionais começaram a “trilhar novos caminhos, quebrando barreiras institucionais e filosóficas, na busca desse processo museológico transformador”. Essa observação é salientada por Letícia Julião (2006, p.26), que defende que o movimento de renovação dos museus repercutiu no Brasil, nos anos 1970 e 1980, com iniciativas que buscavam revitalizar as instituições museológicas, adequando-as aos parâmetros da Nova Museologia, por meio da reformulação de espaços físicos, das exposições, da adoção de critérios e procedimentos adequados de conservação e segurança dos acervos e, principalmente, da implantação de serviços educativos que tinham como referência o “princípio da participação do público na construção de relações culturais”. No plano conceitual, diversos/as autores/as desenvolveram reflexões críticas sobre cultura, memória, patrimônio, educação e museologia.

O contexto político talvez possa ter adiado uma maior repercussão dos pressupostos da Nova Museologia, assim como o desenvolvimento de iniciativas museológicas de base comunitária, que partissem de dentro das comunidades para fora, e não de fora para dentro, como as propostas mencionadas anteriormente, que apesar das boas intenções, não partiam necessariamente do desejo e interesse das comunidades. No entanto, podemos observar que atualmente muitas iniciativas museológicas desenvolvidas em comunidades também não tiveram sua gênese concebida pelos seus moradores, o que não lhes tira a importância, desde que posteriormente sejam apropriadas por eles.

¹²⁶ A convite do Museu da Cidade de Salvador.

Embora a participação social sempre tenha existido na história política do Brasil, como confirmam algumas análises histórico-culturais, houve uma construção discursiva que desqualificava “o comportamento e a atitude do povo brasileiro, que incorpora as culturas negras e indígenas na forma de manifestar suas insatisfações” (ROCHA, 2008, p.132). De acordo com Anid Rocha (2008, p.132), a forma e a intensidade de luta varia “de acordo com os usos e costumes de cada época, com a experiência histórica e política de cada um dos movimentos sociais e com a abertura ao diálogo e à negociação com os governantes da vez”. Citando Eduardo Fagnani (2005), a autora afirma que, com o advento da ditadura militar, “marcado por uma modernização conservadora, que beneficiava as classes médias e altas em detrimento das camadas mais pobres da população” (*idem*, p.133), a desigualdade social é acentuada. Os movimentos sociais são deixados à deriva e “passa-se a viver um Brasil onde predomina um cotidiano de violência que impede todo e qualquer tipo de mobilização política da sociedade” (*idem*).

Mesmo diante deste contexto, a partir de meados dos anos 1970 novos movimentos sociais se organizam em torno de “reivindicações urbanas, como educação, saúde, moradia, saneamento e transporte coletivo”, despontam novas expressões da luta social, como as Comunidades Eclesiais de Base (que lutavam anteriormente de forma oculta), o movimento operário do ABC Paulista¹²⁷, a União Nacional dos Estudantes (UNE) é refundada (1979), são criados a Central Única dos Trabalhadores – CUT (1983) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1984), que deram origem a um período de ascensão das lutas populares no Brasil (ROCHA, 2008, p.134).

Há ainda movimentos sociais compostos por populações indígenas, quilombolas, movimento LGBT, entre outros, que pressionam o governo para a construção participativa de políticas públicas que garantam direitos e o respeito às diferenças. Muitos desses movimentos passam a utilizar o patrimônio (cultural, natural, tangível e intangível) como campo favorável para a afirmação de “novas” identidades coletivas (JULIÃO, 2006, p.26). Pioneiramente alguns povos indígenas da região do Alto Solimões (Amazônia) “descobrem o museu” e cria o seu próprio, que será o Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna (processo iniciado em 1988), primeiro Museu Indígena brasileiro (FREIRE, 1999).

¹²⁷ O ABC Paulista (ou ABCD) localiza-se na Região Metropolitana de São Paulo do Estado de São Paulo e é formado pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e Santo André (e ainda Diadema – ABCD), e é conhecido por sua tradição industrial.

Mario Moutinho (2015, p.263) nos recorda que o país saído da ditadura é “um Brasil que se redescobre completamente, um Brasil onde há um espaço grande para a discussão sobre cidadania, identidade, relações sociais e é dentro desse caldeirão de imensas preocupações que existe também gente que nos museus faz parte desse processo”. No campo dos museus, esses movimentos lutam por espaços em que os grupos sociais possam “falar na primeira pessoa e a apresentar seus próprios pontos de vista sobre suas culturas” (CHAGAS, 2007 *apud* MOURA, 2016, p.20).

Fernanda Moro (1984, p.95-96) menciona duas experiências ecomuseológicas ainda no final da década de 1970: a partir de 1979 o Museu Casa de Casimiro de Abreu (Barra de São João, Casimiro de Abreu/RJ) torna-se o centro de desenvolvimento de um programa experimental de ecomuseologia preocupado com a defesa do ecossistema local, considerando antigos armazéns do século XVIII, uma pequena igreja, o rio São João, a flora e a fauna locais, a praia e outros patrimônios cuja preservação estava fortemente ameaçada; o Projeto Piauí foi desenvolvido na área do Parque Nacional de Sete Cidades (cidades de Brasileira e de Piracuruca/PI) com o objetivo de proteger o território composto por sítios arqueológicos pré-históricos, casas antigas, recursos naturais e comunidades tradicionais e com imensa criatividade. O território foi compreendido como um museu ao ar livre, e sua preservação foi pensada a partir da utilização de tecnologias apropriadas locais.

Durante a década de 1980 as inovações trazidas pela Nova Museologia e os novos processos museológicos de base comunitária começaram a circular com maior intensidade. Em 1980, após retornar de um evento sobre “os prenúncios da nova museologia” na Europa, Rússio oferece um curso de Museologia Popular e inicia uma troca de mensagens com Mário Moutinho (DUARTE CÂNDIDO; RUOSO, 2012, p.44).

Entre 1981 e 1983, a AMICOM-BR/*Mouseion*/Comitê Brasileiro do ICOM, com apoio da Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), organizam miniseminários para profissionais de museus, onde abordam os seguintes temas: conservação, segurança, documentação, pesquisa interdisciplinar, comunicação no museu, museus perante a proteção do meio ambiente, museus comunitários e nova museologia. Organizam também várias edições da Conferência dos Museus Brasileiros. Todas elas discutiram temas de interesse para a Nova Museologia, em especial a 3ª Conferência de Museus Brasileiros (23-26/07/1985), que teve como tema “Nova Museologia, Sistemas Alternativos e Ecomuseologia” (MORO; NOVAES, 2010, p.66).

Em 1982 é iniciado o “Projeto São Cristóvão Cultural, um ecomuseu de bairro”, denominado “Ecomuseu Integrado de São Cristóvão”, que foi implantado pela ONG *Mouseion*, em parceria com o Museu do Primeiro Reinado e apoio do Comitê Brasileiro do ICOM. O projeto reuniu diversas instituições do bairro de São Cristóvão (Rio de Janeiro/RJ), um dos mais antigos da cidade: Museus, o Observatório Astronômico, o Instituto de Investigação Científica, o Jardim Zoológico, o mercado, grandes feiras, escolas de samba, igrejas, associações de moradores, indústrias, comércios etc. O grupo de pesquisa e animação do projeto foi composto por um representante de cada instituição e realizou calendários de atividades culturais nos diversos espaços, nas quais a comunidade inteira foi convidada a participar e gradativamente transformaram-se em articuladores do projeto (MORO, 1984, p.94; MORO, 1985, p.237-241; MORO; NOVAES, 2010, p.63).

Em outubro de 1984 Moro apoia o I Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia (1984, Quebec, Canadá) e participa do Seminário “Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus) – O homem e seu entorno”, em Oaxtepec (Morelos, México)¹²⁸. Em sua comunicação, intitulada “Museologia Alternativa, Ecomuseologia e outras possibilidades de utilização das tecnologias apropriadas em meu país, o Brasil”, apresenta o Projeto Pandora (Museu Conceitual do Distrito), o Museu de Imagens do Inconsciente, o projeto de Ecomuseu desenvolvido pelo Museu Casa de Casimiro de Abreu e o “Projeto Piauí” (MORO; NOVAES, 2010, p.65; MORO, 1984, p.90-96). Neste mesmo ano é aprovada a lei nº 7.287 (18/12/1984), que dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo.

Em 1985, momento em que “todo o país se organiza em torno da luta pela convocação e realização de uma Assembleia Nacional Constituinte, soberana e democrática” (BRUNO, 2010, p.85), é enviado ao Ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, o documento “Proposta para uma Política Nacional de Museus”, que tem como signatários o ICOM-Brasil, a Associação Paulista de Museólogos (APM) e a Associação de Museólogos da Bahia (AMB). A proposta recomendava uma política cultural, ampla, aberta e participativa. A proposta referente a uma política nacional para os museus brasileiros só foi efetivada em 2003, pelo Ministro Gilberto Gil (BRASIL, 2003).

A Constituição de 1988 (art.216) foi exitosa ao apresentar um amplo conceito de patrimônio, delegar “as responsabilidades de competência comum da União, estados e municípios e a responsabilidade da ‘comunidade’ no apoio à política de preservação”,

¹²⁸ Cujo documento final foi a Declaração de Oaxtepec, que baseou os mapas conceituais das Figuras 7 e 8 (Capítulo I).

ampliar os instrumentos para a preservação dos patrimônio para além do tombamento, até esse momento “instrumento central das ações de preservação” (VIAL, 2015, p.106). No entanto, o documento ficou restrito ao discurso, e praticamente não houve práticas que o efetivassem por quase 20 anos.

Em 1987 é criado o Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR), cuja gestão é realizada pela Itaipu Binacional, empresa binacional (Brasil e Paraguai). Além de apresentar a história da usina hidrelétrica e da região do seu reservatório, o Ecomuseu “desenvolve especialmente atividades de comunicação, como exposições e atividades de educação patrimonial” (VIAL, 2015, p.128)¹²⁹. No ano seguinte (1988) Moro, responsável pelo Plano Museológico do projeto, foi convidada a apresentar a experiência das oficinas de ciências desenvolvidas pelo Ecomuseu na Oficina “*Science Museums Without Walls – Exhibits to go*”, realizada nas cidades indianas de Calcutá e Bangalote (MORO; NOVAES, 2010, p.69). Em 1989 a AMICOM-BR/*Mouseion* e a Itaipu Binacional realizaram em Foz do Iguaçu o Simpósio “O papel do museu face ao impacto do meio ambiente”, no qual o museólogo francês Hugues de Varine participa como convidado especial (*idem*, p.70).

A partir da década de 1990 algumas inovações propostas pelos defensores da Nova Museologia (ou novas museologias) vem sendo incorporados por museus mais clássicos, que desenvolvem projetos junto a comunidades de seu entorno (MOURA, 2016, p. 121) ou outras comunidades específicas. No entanto, para Moura (2016, p.120) nem sempre isso representa a adesão ao caráter político e ético proposto pela Museologia Social. Como enfatizou Balerdi (2002) não podemos associar qualquer novidade no mundo museal com a Nova Museologia.

A adesão a uma política econômica neoliberal pelos governantes desta década, Fernando Collor de Melo (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), significou o aumento de empresas multinacionais e a implantação de políticas de privatizações, apontadas como as causas para o alto índice de desemprego, baixos salários, aumento das diferenças sociais e dependência do capital internacional.

De acordo com Letícia Julião (2006, p.27) foi a década em que os museus e outros equipamentos culturais “estreitaram os laços com o mercado”. Através de leis de incentivo à cultura nos âmbitos municipal, estadual e federal, os governos “têm assegurado recursos, provenientes da renúncia fiscal do Estado” para que as empresas apoiem e patrocinem atividades culturais. Por um lado, esses recursos tem

¹²⁹ Mais informações sobre o Ecomuseu de Itaipu vide a Ficha 9 do Apêndice B.

permitido a “sobrevivência e/ou a revitalização de muitos museus, bem como a realização de projetos arrojados de preservação do patrimônio cultural”, e por outro “têm obrigado os museus a se adequarem à lógica do mercado, às exigências do marketing e do consumo cultural”. A autora cita como exemplos a recepção de exposições do circuito internacional e a promoção de grandes exposições locais, concebidas como megaeventos que atraem milhares de pessoas para os museus, e enfatiza que “ao serem convertidas em espetáculos, as exposições transformam os museus em espaços de mero consumo cultural, relegando para o segundo plano a sua função social e educativa, tão enfatizada nas últimas décadas”.

A preocupação com o meio ambiente, considerando a intervenção humana e os aspectos sociais que importam à sua manutenção, esteve presente na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO 92), que abrigou em seu âmbito o I Encontro Internacional de Ecomuseus (1992, Rio de Janeiro/RJ), como mencionamos anteriormente.

Este encontro teve como objetivo lançar as bases de um Ecomuseu ou Museu Comunitário na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A programação do encontro contou com comunicações sobre Museus, Cultura, Desenvolvimento Sustentável, Memória Coletiva, experiências museológicas na França, Portugal e Canadá, experiências de Museus a Céu Aberto no Brasil e sobre o Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR). Constatou-se que em Santa Cruz há 9 anos (desde 1983) estava sendo desenvolvida uma experiência museológica com este perfil, estimulada principalmente pelo NOPH e pela Associação de Moradores e Amigos de Santa Cruz. De acordo com Hugues de Varine (1992) já havia uma mobilização de setores importantes da população e da vida associativa, assim como locais de referência que poderiam constituir a base (antenas) de atividades a serem realizadas, e também havia uma forte vontade local, que contava com apoio municipal. A experiência reconhecida foi denominada Ecomuseu do Quarteirão Cultural de Santa Cruz, atualmente apenas NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz (VARINE, 1992), que após alguns anos vinculado à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro rompeu com a parceria por não concordar com as decisões tomadas por esta última sem consulta à comunidade, permanecendo enquanto “NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz”. No entanto, os gestores públicos mantiveram outro “Ecomuseu de Santa Cruz” associado à Prefeitura¹³⁰.

¹³⁰ Para mais informações sobre as particularidades das duas experiências vide as Fichas 6 (NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz) e 19 (Ecomuseu de Santa Cruz) no Apêndice B.

Em 1993 o tema escolhido pelo ICOM para o Dia Internacional de Museus (18 de Maio) foi “Museus e os povos autóctones”, em referência ao Ano dos Povos Autóctones das Nações Unidas (MORO; NOVAES, 2010, p.78). Em consonância, o Comitê Brasileiro e outros profissionais organizam um “curso de museologia para alguns povos indígenas interessados em criar museus em suas regiões com o objetivo principal de proteger seus patrimônios”. Documentos e publicações sobre o Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna são enviados pela antropóloga Jussara Gomes Gruber, uma de suas assessoras, ao ICOM (MORO; NOVAES, 2010, p.79; FREIRE, 1999).

Em 1995 o tema escolhido para o 1º Encontro Nacional do ICOM-BR, realizado no Museu Imperial (Petrópolis/RJ) foi “Museus e Comunidades no Brasil: realidade e perspectivas”. O Encontro discutiu a problemática da relação dos Museus com as comunidades, "tendo como base a realidade e as perspectivas dessa interação no contexto brasileiro" (ICOM-BR, 2010, p.95¹³¹).

A metodologia proposta foi a reunião dos participantes em grupos de interesse de acordo com as diferentes especialidades, correspondendo aos Comitês Internacionais do ICOM: Documentação – Comitê Internacional para a Documentação (CIDOC); Educação (CECA); Museografia e Exposições – Comitê Internacional para a Arquitetura e as Técnicas Museográficas (ICAMT) e Comitê Internacional para o Intercâmbio de Exposições (ICEE); Conservação e Segurança – Comitê para a Conservação (ICOM-CC) e Comitê Internacional para a Segurança nos Museus (ICMS); Relações Públicas e Marketing - Comitê Internacional para o Marketing e as Relações Públicas em Museus (MPR); Museus de Arte – Comitê Internacional para Museus e Coleções de Belas Artes (CIMAM/ICFA); Museus de Arqueologia e História – Comitê Internacional para Museus e Coleções de Arqueologia e História (ICMAH); e Museus Regionais – Comitê Internacional para os Museus Regionais (ICR). Os grupos deveriam considerar o compromisso e a responsabilidade dos museus para com as comunidades em que atuam “em sua nova dimensão social e comunicacional” (ICOM-BR, 2010, p.95).

Os grupos consideraram o texto de divulgação da Conferência eurocêntrico, pois apesar de se tratar de um encontro nacional considerava os conflitos nos países europeus como “questões fundamentais e centrais” a serem discutidas, e em segundo plano os problemas políticos e sociais que afetavam outros continentes (ICOM-BR, 2010, p.95-96). O Museu Magüta é declarado o “museu-símbolo” de 1995 pelo Comitê Brasileiro do ICOM e por todos os participantes do Encontro (*idem*, p.110).

¹³¹ Documento elaborado em 1995.

Nesse mesmo ano (1995) o Comitê Brasileiro do ICOM realiza o Seminário “A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?” (BRUNO, 2010b, p.11), onde pesquisadores brasileiros e estrangeiros reuniram-se para fazer um balanço das experiências institucionais nas últimas décadas e refletir sua relação com os documentos que pautaram a dinâmica da Museologia ao longo da segunda metade do século XX: Documento do Rio de Janeiro de 1958, Declaração de Santiago do Chile (1972), Declaração de Quebec (1984) e Declaração de Caracas (1992). Observa-se que os três últimos documentos estão intrinsecamente ligados ao movimento da Nova Museologia.

Finalizando o século XX tivemos o II Encontro Internacional de Ecomuseus (2000, Rio de Janeiro/RJ). A programação do encontro contou com comunicações sobre Comunidade, Patrimônio, Museologia e Desenvolvimento Sustentável, Memória e Poder, Participação Comunitária, Educação, Identidades, Ecomuseu, Museu Comunitário, Museus de Cidade, grafite enquanto objeto museológico etc. Foram apresentadas experiências museológicas desenvolvidas na Índia, México, Espanha, Costa Rica, Argentina, Portugal e Brasil, com destaque para o Ecomuseu Municipal do Seixal (Portugal), o Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR), o Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (Rio de Janeiro/RJ)¹³², o Museu Didático-Comunitário de Itapuã¹³³ (Salvador/BA) e o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha¹³⁴ (Florianópolis/SC) – este último por meio de exibição de pôster. O Encontro foi responsável pela elaboração do documento “Agenda 21 para Ecomuseus” (ANAIS [...], 2001).

* * *

Adentramos o século XXI e muita coisa aconteceu no contexto museológico brasileiro nos últimos anos. Por essa razão não podemos deixar de mencionar, mesmo que superficialmente, algumas mudanças gerais relacionadas ao Patrimônio e à Museologia brasileira de lá para cá.

No ano 2000 é instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e é criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), “os quais vêm implementando

¹³² Atualmente “NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz”. Maiores informações vide a Ficha 6 do Apêndice B.

¹³³ Criado em 1992 no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, localizado no bairro de Itapuã. Maiores informações vide a Ficha 16 do Apêndice B.

¹³⁴ Criado em 1971 como Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha. Não conseguimos determinar em que momento é adotada a nova denominação. Maiores informações vide a Ficha 2 do Apêndice B.

políticas públicas voltadas para o reconhecimento, a valorização e o apoio sustentável aos chamados bens culturais de natureza imaterial”: ofícios e modos de fazer tradicionais, formas de expressão (musicais, coreográficas, cênicas, literárias e lúdicas), lugares onde se concentram ou se reproduzem práticas culturais e celebrações coletivas etc. (IPHAN, 2014, p.115). Por meio de “parcerias com instituições dos governos federal, estaduais e municipais, universidades, organizações não governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura e à pesquisa” (PROGRAMA NACIONAL [...], 2017) o programa pretendeu viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda (inventário e registros) e promoção desse patrimônio. Tombaram-se áreas remanescentes de quilombos (territórios quilombolas), locais sagrados de povos indígenas, manifestações culturais (como o jongo e a roda de capoeira) etc.

No campo museológico também houve mudanças importantes. Segundo Cecília Machado (2015)¹³⁵, “nos últimos 20 anos, assistimos a mudanças muito significativas na área museológica brasileira. Novas perspectivas de ação passaram a exigir reformulações nas Leis e Decretos existentes nessa área. Com a criação do IBRAM [...], houve uma normatização na área museológica brasileira”. Para a museóloga “o IBRAM protagoniza em nível nacional um novo parâmetro para os trabalhos técnicos institucionais”. Não podemos deixar de mencionar a multiplicação dos cursos de formação em Museologia nos níveis médio e superior (graduação e pós-graduação) e a formação do Sistema Nacional e dos Sistemas Estaduais e Municipais de Museus¹³⁶.

Com a eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003), diversos intelectuais e frentes políticas de cultura voltadas para museus compunham sua base aliada. O músico Gilberto Gil, nomeado como Ministro da Cultura da primeira fase do governo (2003-2008), já em 2003 lança as bases para a consolidação de uma Política Nacional de Museus (PNM), que considerou as experiências anteriores e estimulou a participação da comunidade museológica, a fim de referenciar a diversidade e a complexidade cultural do país (BRASIL [...], 2003, p.5). Para Márcio Meira (2003, p.6) tratou-se de uma ação ousada do governo que compunha uma estratégia para o desenvolvimento (social, econômico, político e ambiental) do país, assim como para

¹³⁵ Informação transmitida pela museóloga no curso “Gestão Museológica”, oferecido pelo Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP), realizado no Museu da Casa Brasileira (São Paulo/SP) em março de 2015.

¹³⁶ De acordo com Cecília Machado, em comunicação verbal no curso “Gestão Museológica” (2015, SISEM/SP) o SISEM-SP foi criado em 1985 e em 2008 teve uma significativa reformulação.

uma “afirmação positiva da nacionalidade brasileira, fincada nos marcos profundos da enorme diversidade étnica e cultural do nosso povo”.

A Política Nacional de Museus (PNM) teve como objetivo “promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país” (BRASIL, 2003, p.8).

Juntamente com a PNM foram lançados o Cadastro Nacional de Museus (CNM) e o Programa de Formação e Capacitação de Recursos Humanos em Museologia, que compunham os sete eixos programáticos¹³⁷ de implantação da Política (BRASIL, 2003, p.7). O primeiro visava a criação de uma base unificada de amplitude nacional, “estabelecendo uma plataforma de informações e dados sobre os museus brasileiros”. Foi compreendido como o passo inicial para a implementação do Sistema Nacional de Museus, também previsto na PNM. Já o Programa Nacional de Capacitação em Museologia previa a ampliação da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, assim como oficinas e cursos de aperfeiçoamento para os técnicos.

Participaram da formulação dos eixos da PNM os cursos de especialização das Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia, Goiás e da Universidade de São Paulo, além dos cursos de Museologia da UFBA e da UNIRIO (BRASIL, 2003, p.36-37). Consequentemente, diversos cursos de especialização em Museologia tornam-se cursos de graduação, além de outras universidades que criaram novos cursos. Atualmente, o Ministério da Educação apresenta 16 Cursos de Graduação em Museologia brasileiros cadastrados, mas apenas 14 deles estão ativos¹³⁸.

¹³⁷ Eixos Programáticos da PNM: 1) Gestão e Configuração do Campo Museológico; 2) Democratização e Acesso aos Bens Culturais; 3) Formação e Capacitação de Recursos Humanos; 4) Informatização de Museus; 5) Modernização de Infraestruturas Museológicas; 6) Financiamento e Fomento para Museus; 7) Aquisição e Gerenciamento de Acervos Culturais (BRASIL, 2003, p.10-12).

¹³⁸ Apesar de aparecerem como ativos no website do MEC, os cursos de Graduação em Museologia da FAECA Dom Bosco e da UNICASTELO não encontram-se em funcionamento.

Cursos de Graduação em Museologia (Brasil)				
Ano de Criação	Instituição de Ensino Superior	Sigla	Cidade	UF
1932	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO	Rio de Janeiro	RJ
1969	Universidade Federal da Bahia	UFBA	Salvador	BA
2004	Centro Universitário Barriga Verde	UNIBAVE	Orleans	SC
2006	Universidade federal do Recôncavo Baiano	UFRB	Cachoeira	BA
2006	Universidade Federal de Pelotas	UFPEL	Pelotas	RS
2007	Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	Ouro Preto	MG
2007	Universidade Federal do Sergipe	UFS	Sergipe	AL
2008	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Porto Alegre	RS
2009	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	Recife	PE
2009	Universidade de Brasília	UnB	Brasília	DF
2009	Universidade Federal do Pará	UFPA	Belém	PA
2010	Universidade Federal de Goiás	UFG	Goiânia	GO
2010	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Belo Horizonte	MG
2010	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Florianópolis	SC
2012	Faculdade de Educação Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível	FAECA Dom Bosco	Monte Aprazível	SP
2014	Universidade Brasil (Universidade Camilo Castelo Branco)	UNICASTELO	São Paulo	SP

Quadro 1 – Cursos de Graduação em Museologia (Brasil).

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017.

No âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, foram implantados Programas de Mestrado em Museologia na UNIRIO (2006), USP (2012) e UFBA (2013). Há ainda uma série de cursos de especialização *latu sensu* relacionados ao campo Museológico. Alguns dos cursos mencionados desenvolvem ações junto a Ecomuseus e Museus Comunitários, tornando-se parceiros fundamentais para o desenvolvimento dessas iniciativas.

Ainda em 2003 é criado o Departamento de Museus do IPHAN (DEMU/IPHAN), unidade institucional responsável por “promover estratégias de mobilização política e corporativa, difundir e estimular ações específicas e algumas reflexões no campo dos museus”. Em 2004 o Sistema Brasileiro de Museus (SBM) é formulado e institucionalizado, com a finalidade de promover a interação entre os museus, instituições afins e profissionais ligados ao setor, valorizar, o registrar e disseminar conhecimentos da área, promover uma gestão integrada e o desenvolvimento das instituições, acervos e processos museológicos (BRASIL, 2013, p.64).

O DEMU/IPHAN será substituído pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, criado oficialmente em 2009, cujo primeiro Presidente foi o antropólogo José Nascimento Junior (MOURA, 2016, p.22). No mesmo ano (2009) o Estatuto de Museus (elaborado em 2003), que estabelece uma série de regras ao setor, é transformado em lei (*idem*, p.23) e é criado o Programa Pontos de Memória.

O Programa Pontos de Memória é uma ação do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura (MinC), que concebe os museus como “instrumentos de mudança social e desenvolvimento sustentável” (IBRAM, 2014a, n.p.). Foi criado com o objetivo de “apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social” (*idem*), estimular e valorizar o protagonismo comunitário, ou seja, “reconstruir a memória social e coletiva de comunidades, a partir do cidadão, de suas origens, suas histórias e seus valores, em especial em regiões metropolitanas caracterizadas pelo alto índice de violência” (SOUZA, 2012, p.93). Tratam-se de ações específicas para iniciativas do campo da memória de grupos e comunidades que “historicamente foram expropriados do direito de narrar e expor suas próprias histórias, suas memórias e seus patrimônios nos museus” (CHAGAS *apud* MOURA, 2016, p. 124).

Baseada em Luciana Avelar, Camila Moura (2016, p.125) explica que a proposta foi implementada visando ampliar a capacidade técnica e institucional do IBRAM por meio de sua atuação junto a comunidades carentes para a preservação das memórias locais e regionais, propiciando às comunidades “autonomia para conduzir, inicialmente, seu processo museológico e posterior na sua consolidação em museus comunitários”. A autora acrescenta que a proposta resultou de um “movimento político iniciado com a implantação do DEMU/IPHAN que provocou diversos avanços no campo dos museus no Brasil” (MOURA, 2016, p.44), frentes políticas estas que priorizaram ações voltadas para a consolidação da Museologia Social no país. No entanto, apesar do programa evidenciar o “reconhecimento do poder público sobre as transformações sociais que os museus provocam nos lugares e nas pessoas” (*idem*), a autora revela a existência de correntes no interior do IBRAM que “primam por outro tipo de política” (MOURA, 2016, p.27). Assim, o programa sofreu e sofre vários cortes que dificultam a realização das ações propostas inicialmente.

A Ação Piloto (experimental) do Programa Pontos de Memória foi desenvolvida a partir de 2009 em 12 comunidades periféricas de centros urbanos das cinco regiões brasileiras (MOURA, 2016, p.24):

1. Comunidade do Bairro da Terra Firme (Belém/PA) - Ponto de Memória da Terra Firme;
2. Comunidade do Taquaril (Belo Horizonte/MG) - Ponto de Memória Museu do Taquaril;
3. Comunidade da Estrutural (Brasília/DF) - Ponto de Memória da Estrutural;
4. Comunidade do Sítio Cercado (Curitiba/PR) - Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE);

5. Comunidade Grande Bom Jardim (Fortaleza/CE) - Museu Comunitário do Grande Bom Jardim;
6. Comunidade do Jacintinho (Macei/-AL) - Museu Cultura Periférica;
7. Comunidade da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre/RS) - Museu Comunitário Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião;
8. Comunidade do Coque (Recife/PE) - Museu Mangue do Coque;
9. Comunidades do Pavão-Pavãozinho-Cantagalo (Rio de Janeiro/RJ) - Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF);
10. Comunidade da Brasilândia (São Paulo/SP) - Museu Social da Brasilândia;
11. Comunidade do Beiru (Salvador/BA) - Ponto de Memória Museu do Beiru;
12. Comunidade do São Pedro (Vitória/ES) - Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro.

Posteriormente o Programa foi ampliado e ao invés de selecionar comunidades, passou a premiar experiências já consolidadas, como forma de reconhecimento por parte do poder público das “práticas museais e processos dedicados às memórias desenvolvidas por grupos, povos e comunidades em âmbito nacional e por comunidades brasileiras no exterior” (MOURA, 2016, p.58).

Foram lançados Editais de Premiação em 2011, 2012 e em 2014¹³⁹. O IBRAM promoveu ainda encontros entre os Pontos de Memória, denominados “Teias da Memória”, que ocorreram em novembro de 2009 (Salvador/BA), março de 2010 (Fortaleza/CE) e novembro de 2014 (Belém/PA). Moura (2016, p.24) refere-se às 12 comunidades acima mencionadas como “Pontos Pioneiros” e aos pontos premiados posteriormente como “Pontos Premiados” - categorias criadas durante a IV Teia da Memória. A autora explica que a reformulação do programa de certa forma coagiu os “Pontos Pioneiros”, pois além dos editais premiarem experiências que “fugiam das aspirações da museologia social defendida e apropriada pelos pontos pioneiros” (*idem*, p.58), acenavam mudanças na metodologia de desenvolvimento do programa.

De acordo com Mário Chagas e Inês Gouveia (*apud* MOURA, 2016, p.59), a ampliação do programa e o fortalecimento das iniciativas reconhecidas possibilitaram o surgimento de Redes de Pontos de Memórias nos âmbitos local, regional e nacional. Essas redes “promovem a aproximação e articulação de ações e trocas de experiências entre iniciativas culturais de base comunitária que atuam no campo da memória, patrimônio cultural e museologia”.

¹³⁹ Os recursos dessa última premiação não foram liberados para as iniciativas museológicas premiadas.

Desde 2014 não foram abertos mais Editais de Premiação, o que demonstra certa descontinuidade de ações do programa. Essa descontinuidade não é despercebida, como demonstra a Carta Aberta publicada pela a Rede Indígena de Memória e Museologia Social em junho de 2016, que reivindica uma gestão mais democrática do programa, que

[...] é o único programa desenvolvido em âmbito governamental – com o compromisso de ser estabelecido enquanto política pública de Estado – voltado ao fortalecimento, apoio, fomento e promoção de práticas e processos de museologia social no país (REDE INDÍGENA DE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA SOCIAL, 2016).

Ao mesmo tempo em que o Estatuto de Museus reconhece instituições e processos museológicos “voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades” (BRASIL, 2013, p.28), as obrigações pesam sobre experiências museológicas desenvolvidas por comunidades, mas não apenas¹⁴⁰, pois ainda se observa nos museus em geral a escassez de recursos humanos e financeiros, e os recursos disponibilizados oficialmente não conseguem alcançar todas as instituições museológicas, tampouco as premiações previstas em editais públicos e privados¹⁴¹.

A PNM também prevê a construção de uma “ampla e diversificada rede de parcerias” para a valorização, preservação e o gerenciamento do patrimônio cultural brasileiro. Essa rede seria composta por órgãos do governo federal, estadual, municipal, órgãos do setor privado ligados à cultura, pesquisa e fomento e entidades da sociedade civil organizada (BRASIL, 2003, p.9).

No tocante à formação, Manuelina Duarte Cândido e Carolina Ruoso (2012, p.40) relatam que ao longo do século XX a formação em Museologia no Brasil “se ateve a dois estados com cursos de graduação e a uma série de cursos de especialização”, organizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Amazonas, Maranhão,

¹⁴⁰ Muitos representantes de museus oficiais compartilham nos eventos museológicos as dificuldades que enfrentam para adequar-se às regras estabelecidas pela legislação.

¹⁴¹ Apenas para mencionar alguns deles, no Estado de São Paulo temos desde 2006 o Programa de Ação Cultural (*ProAC*), instituiu o *ProAC* ICMS (captação por meio do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS) e o *ProAC* Editais (recursos diretos da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo), e a nível federal temos a Lei Rouanet, que instituiu o Programa Nacional de Cultura (captação) e o Fundo Nacional de Cultura (destinação direta de recursos do Ministério da Cultura).

Rio Grande do Norte, Goiás e São Paulo, “além da formação em serviço e diversos cursos de extensão, seminários e congressos, que procuravam suprir as lacunas e demandas”.

De acordo com Hugues de Varine (2013, n.p.), encontros não são lugares de ação, mas momentos para ouvir e refletir. Acrescentamos que encontros também são lugares privilegiados para intercâmbios, autocríticas e momentos inspiradores para a formação de outras experiências museológicas. Dessa forma, não podemos deixar de relacionar os diversos encontros e eventos promovidos nas últimas décadas como grandes impulsionadores de iniciativas museológicas de base comunitária. Podemos citar os eventos oficiais do próprio IBRAM, que anualmente desenvolve a Semana de Museus (no mês de Maio) e a Primavera de Museus (no mês de Setembro), bienalmente o Fórum Nacional de Museus (FNM), além de diversos outros Seminários, Encontros etc., os Sistemas Estaduais de Museus e as Universidades, que também realizam encontros periódicos ou esporádicos, assim como as associações e redes de Museologia. No âmbito do III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários – EIEMC, realizado em setembro de 2004 em Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ), foi criada a Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC)¹⁴², responsável pela organização do IV e do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários foram realizados, respectivamente, em junho de 2012 (Belém/PA) e outubro de 2015 (Juiz de Fora/MG).

Como outros setores da sociedade, os museus se segmentaram, se especializaram, tornaram-se “temáticos e biográficos, atendendo à demanda progressiva de segmentos e grupos sociais – indígenas, negros, imigrantes, ambientalistas, moradores de bairros etc. – que reivindicavam o direito à memória (JULIÃO, 2006, p.26). No entanto, já não basta simplesmente reivindicar representatividade nos espaços de memória, é preciso estar nos lugares de representação, interferir em sua política, concepção e ações, e também criar espaços de autorrepresentação autônomos, distantes das amarras institucionais e de toda a burocracia decorrente, e relacionem-se mais com a dinâmica e interesses próprios das comunidades do que de um campo de conhecimento que também está permeado por instâncias de poder.

Os avanços e mudanças são visíveis, mas em um momento em que “tudo o que é sólido desmancha no ar”, como diria Marshall Berman, imagine o que ainda não está solidificado. Em um momento em que um governo que não foi democraticamente

¹⁴² No Capítulo III faremos uma abordagem mais pormenorizada sobre a ABREMC.

eleito assume o poder e extingue o Ministério da Cultura¹⁴³, e em seguida volta atrás devido aos inúmeros protestos do setor, não podemos confiar que todas essas mudanças estejam consolidadas, principalmente programas que ainda não são políticas públicas, como o Pontos de Memória (por mais críticas que se tenha a ele), que interessam especialmente às iniciativas museológicas de base comunitária¹⁴⁴.

A Museologia do século XX passou por momentos de reflexão e autocrítica, adotou novas atitudes e práticas museológicas, novos olhares sobre seu papel educativo, buscou o diálogo com as comunidades, assim como preservar os patrimônios natural, cultural, tangível e intangível de diversas parcelas da população e, finalmente, assumiu-se como recurso para a construção identitária, o desenvolvimento sustentável, o empoderamento social. Dia a dia novas demandas se impõem aos museus, obrigando seus/suas profissionais e atores sociais a repensar suas formas de atuação, ou seja, a exigência por uma mudança de mentalidades continua atual.

¹⁴³ Doze dias após o Senado brasileiro decidir pelo afastamento da Presidenta Dilma Rousseff, o Presidente Interino Michel Temer, que assume em seu lugar dia 12 de maio de 2016, extingue o Ministério da Cultura, assim como os Ministérios das Comunicações e do Desenvolvimento Agrário e as Secretarias (com status de Ministérios) de Políticas para as Mulheres, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e de Direitos Humanos, entre outros (TEMER [...], 2016).

¹⁴⁴ Após a entrega da primeira versão da presente dissertação, após reuniões temáticas realizadas com representantes de pontos de memória e redes de museologia social de várias partes do Brasil durante o 7º Fórum Nacional de Museus (30/05-04/06/2017, Porto Alegre/RS), o atual presidente do IBRAM, Marcelo Araujo, e a diretora do Departamento de Processos Museais (DPMUS), Renata Bittencourt, assumiram compromisso pela institucionalização do programa. No dia 11 de setembro de 2017, o IBRAM publicou no Diário Oficial da União a Portaria Nº 315, que institucionaliza o Programa Pontos de Memória (IBRAM, 2017a, n.p).

Capítulo III – Panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe (Paulo Freire, 1965).

A inexistência de pesquisas sistematizadas que apresentassem um panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil tornou necessária a elaboração de “Fichas de Apoio à Pesquisa”¹⁴⁵, aqui referidas como museográficas¹⁴⁶, para a reunião e sistematização de informações sobre os museus pesquisados, facilitando assim a reunião e organização dos dados, análises comparativas e panorâmicas dessa tipologia de museus.

Para a elaboração das fichas museográficas contamos com a experiência profissional anterior, com banco de dados de arquivos (públicos e privados) e de museus¹⁴⁷, e também consideramos cadastros de outras instituições/organizações às quais tivemos acesso: o Cadastro Nacional de Museus (CNM) do IBRAM, o Diagnóstico da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro e as fichas de identificação de práticas educativas em museus comunitários da região Nordeste, elaboradas pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

A ficha museográfica (Figura 60) que ora apresento foi composta pelos seguintes campos: imagem, ficha, denominação, data de criação, endereço, telefone, situação atual, entidade(s) gestora(s), parceiros(as)/apoio, recursos, cadastro, ingresso, observação, funcionamento, a questão “é necessário agendar visita?”, estrutura física do museu, e-mail institucional, *website* ou blog, rede social, logotipo, categorias propostas, histórico, referências patrimoniais, atividades desenvolvidas, ações de preservação, referências bibliográficas, referência da imagem e preenchimento.

¹⁴⁵ Apresentadas na íntegra no Apêndice B.

¹⁴⁶ A descrição museográfica refere-se a uma forma de olhar, registrar, escrever e analisar, que contempla outras disciplinas e saberes.

¹⁴⁷ Trabalhei com bancos de dados do Arquivo Público do Estado de São Paulo, do SENAC-SP, do Museu Paulista e da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo.

Com o objetivo de facilitar seu preenchimento, a fim de não serem apresentadas informações destoantes entre uma iniciativa e outra, elaboramos um roteiro para o preenchimento dos campos específicos:

- **Imagem:** fachada da sede ou imagem que represente a iniciativa museológica;
- **Ficha:** número da ficha, a fim de facilitar a localização de cada experiência;
- **Denominação:** nome completo do museu – alguns museus aparecem com nomes diferentes dependendo da fonte, ou modificaram o nome em algum momento de sua existência, essas informações serão especificadas no campo “histórico”;
- **Data de criação:** ano de criação ou data correspondente ao processo de constituição do museu – nos casos onde não encontramos essa informação, foram registradas as iniciais s/d (sem data);
- **Endereço:** rua, número, bairro, Código de Endereçamento Postal (CEP), cidade e estado;
- **Telefone:** a abreviatura “tel.” seguida do código de Discagem Direta à Distância (DDD) e número de telefone atualizado;
- **Situação atual:** preenchimento com os termos “em formação”, “em funcionamento”, “fechado” ou “extinto”;
- **Entidade(s) gestora(s):** organização ou grupos sociais responsáveis pela gestão do museu;
- **Parceiros(as)/apoio:** instituições (universidades, organizações não-governamentais, empresas etc.) ou pessoas físicas que contribuem com as atividades do museu;
- **Recursos:** Instituições mantenedoras (como as secretarias de cultura, no caso dos museus municipais), premiações de editais públicos e privados e outras formas de sustentabilidade da iniciativa;
- **Cadastro:** se a iniciativa é registrada no Cadastro Nacional de Museus (IBRAM) ou algum outro (sistemas de museus estaduais, redes de museologia, entre outros);
- **Ingresso:** valores de acesso ao museu;
- **Observação:** a abreviatura “obs.” seguida de casos específicos de descontos ou gratuidades;
- **Funcionamento:** dias da semana e horários de funcionamento do museu;
- **É necessário agendar visita?:** disponibilidade de recepção do museu;

- **Estrutura do museu:** detalhamento do espaço físico do museu – territórios ou edificações;
- **E-mail institucional, *webpage* ou *blog* e rede social:** endereços eletrônicos específicos;
- **Logotipo:** Identidade visual do museu;
- **Categorias Propostas:** categoria conceitual com a qual o museu se identifica;
- **Histórico:** Síntese elaborada a partir das fontes bibliográficas acessadas. As informações serão apresentadas de acordo com a seguinte estrutura:
 - onde? – informações sobre o território de atuação do museu (bairro, distrito, cidade etc.);
 - o que? –motivações para a criação do museu;
 - como? –síntese do processo de constituição do museu;
 - porque? – objetivos do museu.
- **Referências Patrimoniais:** patrimônios identificados e salvaguardados pelo museu (dentro ou fora de suas estruturas físicas) – este campo respeitará as classificações realizadas pelos próprios museus (quando essas informações estiverem disponíveis);
- **Atividades desenvolvidas:** exposições, oficinas, cursos, rodas de conversa etc.;
- **Ações de preservação:** ações relacionadas com a preservação patrimonial e conservação preventiva, incluindo a produção bibliográfica dos museus;
- **Referências bibliográficas:** fontes utilizadas na elaboração das fichas;
- **Referência da Imagem:** referência da fotografia apresentada no início da ficha para a identificação do museu;
- **Preenchimento:** autora da dissertação, data do preenchimento e colaboradoras/es (representantes das iniciativas museológicas).

**Ficha de apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:	Denominação:	
	Data de Criação: Endereço: Tel.: Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: (☐) IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.: _____		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? (☐) sim (☐) não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas:		
Histórico:		
Referências Patrimoniais:		
Atividades Desenvolvidas:		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas:		
Referência da Imagem:		
Preenchimento:		

Figura 60 – Fichas de Apoio à Pesquisa. Fonte: Suzy Santos, 2017.

A pesquisa que desenvolvemos, por não se tratar de uma instituição, considerou que muitos museus poderiam não responder a questionários enviados *online* ou pelo correio sem nos conhecer pessoalmente, e como durante seu processo de elaboração, paralelamente ao levantamento das iniciativas – algumas entraram e saíram da nossa listagem, por mudarmos os critérios de identificação –, ainda procurávamos compreender a teoria ligada a esses fenômenos museológicos, e estávamos conscientes de que não seria possível visitar um grande número de iniciativas, optamos por utilizar fontes primárias (*websites*, *blogs* e redes sociais), onde as iniciativas falam por elas mesmas, sem intermediários, e secundárias (*websites*, *blogs*, redes sociais, artigos de revistas, capítulos de livros, dissertações e teses de terceiros) no preenchimento das fichas. Além disso, a participação em encontros museológicos possibilitaram o contato e o diálogo com diversos/as representantes de ecomuseus e museus comunitários, que compartilharam as experiências e atividades realizadas pelas iniciativas.

Além das atividades realizadas pelos museus, as fichas museográficas foram criadas com o objetivo de apresentar informações que possibilitassem a captação de movimentos, articulações, processos e soluções museológicas. Devemos considerar que sua elaboração já é uma leitura/interpretação pessoal da bibliografia acessada sobre as experiências museológicas, o que fica evidente nas sínteses elaboradas para o campo “histórico”, baseadas nas diversas fontes pesquisadas.

3.1. Mapeamento

As diversas transformações ocorridas no universo museológico (brasileiro e internacional) desde as últimas décadas do século XIX refletem de forma espetacular o desenvolvimento da Museologia. Após a década de 1970, a disseminação das inovações teóricas e metodológicas propostas pela Nova Museologia (ou novas museologias) influenciaram diversas tipologias de museus e também organizações não-museais (associações culturais, organizações não-governamentais etc.), que começaram a desenvolver atividades museológicas e se compreender como “novos museus”, embora nem sempre utilizem o termo “museu” em sua denominação. Embora a Nova Museologia possa ser compreendida como um movimento ideológico, seria errôneo afirmarmos que se tratam apenas de utopias, já que mudanças teórico-conceituais e também novas e diversificadas práticas-metodológicas desenvolvidas no campo museológico são notadamente reconhecidas.

É importante considerarmos a multiplicidade de gêneses possíveis, os diálogos, intercâmbios, convergências, desencontros, as transformações das práticas – talvez até mesmo antes das mentalidades –, e reconhecermos que as mudanças ocorrem cotidianamente, de forma mais ou menos simultânea ou mesmo em tempos e espaços diferentes, e embora o continente europeu catalise as mudanças e assuma uma posição de “vanguarda museológica”, seria etno(euro)cêntrico acreditarmos ser esse um fenômeno de base apenas europeia.

Certamente a atuação de organizações como o ICOM e a UNESCO contribuem para a realização de intercâmbios e alinhamento dos discursos, mas seriam elas capazes de agregar toda a diversidade museológica existente? A cada dia contam-se novas histórias de pessoas que criaram museus e espaços de memória para a guarda/preservação de objetos (e de aspectos intangíveis da materialidade), sendo que muitas delas sequer haviam estado em um museu anteriormente – como por exemplo o Cacique Sotero, idealizador do Museu Indígena Kanindé (Aratuba/CE). Essas histórias confirmam a observação de Alonso Fernández (2001, p.45) sobre a existência de uma “intenção museal” quase que intuitiva, uma espécie de “vocação intencional de todos os povos e culturas em todas as épocas”.

No Capítulo II optamos por apresentar estudos com outros ângulos do desenvolvimento da Museologia no Brasil, como a existência de museus a céu aberto (ao ar livre) desde o século XVII, evidenciada por Chagas, “ainda que sem sistemática e continuidade espaço-temporal” (PAINEL 2 [...], 1992, p.165). Não interessa a nós confirmarmos ou negarmos mitos de origem, mas reconhecermos que não existe um único ponto de partida para o surgimento de novas museologias, mas gêneses diversas que dialogam ou não entre si.

Iniciativas museológicas surgiram e se desenvolveram em diálogo com as “novas museologias” ou como seu reflexo, enquanto experimentações estimuladas e realizadas pelos/as principais defensores/as desse “movimento”. No Brasil algumas experiências foram desenvolvidas entre as décadas de 1950 e 1990, mas foi especialmente na última década do século XX e com o adentrar do século XXI que vimos crescer de forma surpreendente a quantidade de museus que se identificam como pertencentes a novas tipologias e se autodenominam ecomuseus, museus comunitários ou outros neologismos que demonstram uma diferenciação em relação aos museus tradicionais. Vale a pena mencionar a provocação de Morales e Chagas (*apud* MOURA, 2016, p.30) durante a IV Teia da Memória (realizada em 2014, Belém/PA) sobre a necessidade de constante “exercício de reflexão” por parte desses

novos museus, a fim de que não reproduzam museus tradicionais, embora utilizem outros nomes. Ou seja, não basta mudar de nome, é preciso transformar os discursos e as atitudes.

Após notarmos a ausência de estudos exploratórios que fornecessem uma visão panorâmica de iniciativas museológicas de base comunitária desenvolvidas no Brasil, resolvemos assumir essa responsabilidade, o que não foi tarefa fácil de realizar. Logo notamos que, apesar das boas intenções, a realidade é muito mais complexa, e que sua compreensão exigirá a realização de outros estudos (mais tempo, mentes e braços). No entanto, aceitamos o desafio de sinalizar uma tentativa de sistematização dos dados e reflexões.

O levantamento realizado na Pesquisa de Iniciação Científica “Ecomuseus e Museus Comunitários: Estudo das Possibilidades de Salvaguarda da Memória Popular”, desenvolvida entre julho de 2013 e julho de 2014 já havia causado uma grande surpresa, pois foram localizadas nesse período 78 iniciativas espalhadas pelos diversos estados brasileiros, número esse que logo foi superado. A cada dia surgem novas experiências museológicas que se identificam com os pressupostos da Nova Museologia, e atualmente com os da Museologia Social, utilizam os termos “ecomuseu” e “museu comunitário” (entre outros) em suas denominações como forma de demonstrar que se tratam de experiências museológicas diferenciadas, e a cada dia essas experiências museológicas acessam e se apropriam de novas tecnologias de comunicação, o que permite a abrangência de seu raio de atuação para ambientes virtuais, facilitando não apenas uma maior interação intra-comunidade, mas também sua localização por pesquisadores/as e demais pessoas interessadas.

Observamos que a utilização do termo “ecomuseu” no Brasil, assim como na França, “viralizou”, o que fez com que muito se perdesse das ideias e paradigmas inicialmente propostos para essa tipologia de museus. O mesmo ocorreu com o termo “museu comunitário”, pois verificamos uma ampla e diversificada compreensão do conceito “comunidade”. De qualquer forma, essas terminologias foram nosso ponto de partida para a realização do levantamento inicial, e mesmo observando que algumas experiências se apropriaram e reapropriaram desses termos, ressignificando-os e por vezes transformando-os em algo totalmente novo, optamos por considerar as autodenominações e/ou autoconceituações, considerando também os pontos de vista de pesquisadores/as que atuam junto às iniciativas museológicas.

A presente pesquisa nos levou a um novo e significativo número de 196 iniciativas museológicas, mas visto que a cada dia surgem novas iniciativas ou entramos em contato com outras não tão novas assim, certamente este número trata-se apenas de uma amostragem. Esses museus serão apresentados em quadros e gráficos, com dados básicos que possibilitam reflexões sobre termos e conceitos, assim como evidenciam aspectos que, associados e relacionados com outros dados, ajudam a levantarmos hipóteses sobre a expansão desse fenômeno museológico em território brasileiro nas duas últimas décadas.

A criação do Cadastro Nacional de Museus (CNM), em 2006, teve como objetivo reunir “profissionais com a missão específica de mapear e cadastrar os museus do Brasil”, a fim de constituir uma cartografia museológica brasileira e difundir informações sobre o setor (HOLLANDA, 2011, p.9). Como fruto desse trabalho, em 2011 o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), vinculado ao Ministério da Cultura (MinC) lança o Guia dos Museus Brasileiros (GMB), que apresenta mais de 3.000 museus brasileiros mapeados – embora nem todos cadastrados. Em suas páginas iniciais, o então Presidente do IBRAM, José do Nascimento Junior (2011, p.12) afirma o compromisso do MinC em “ampliar o acesso e a capacidade de apropriação de bens simbólicos pela população do Brasil”.

O CNM “foi desenvolvido com o objetivo de recolher sistematicamente informações sobre os museus brasileiros e compartilhá-las amplamente com a sociedade, visando assim constituir-se não apenas em importante fonte de pesquisa, mas também em centro difusor dos museus brasileiros” (MIRANDA, 2011, p.13). A presente pesquisa, com outras pretensões, objetiva a sistematização de informações sobre os museus comunitários e ecomuseus brasileiros e seu compartilhamento, de modo a contribuir com a potencialização de pesquisas mais específicas e com a divulgação das experiências museológicas. Sabemos que se trata de um estudo com limites, portanto não pretendemos ser conclusivos.

O primeiro passo para o levantamento das experiências museológicas foi acessar meios oficiais de divulgação, como o Guia dos Museus Brasileiros (GMB) e o Cadastro Nacional de Museus (CNM). Acessamos em seguida a lista veiculada no *website* da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC). Após esses meios “oficiais” de busca, recorremos às ferramentas disponibilizadas pela internet e realizamos uma busca generalizada em *websites* de busca e redes sociais. Além disso, o referencial teórico acessado possibilitou o conhecimento de outras experiências museológicas. Por fim, a participação em eventos museológicos,

conversas e trocas com profissionais de museus, pesquisadores/as da área e representantes de ecomuseus e museus comunitários possibilitaram encontrarmos outras tantas iniciativas.

Como mencionado anteriormente, os termos “ecomuseu” e “museu comunitário” foram nosso ponto de partida para a realização do levantamento, pois foram utilizados como palavras-chave para que pudéssemos encontrar museus pertencentes a essa tipologia. Logo notamos a limitação desse recurso, visto que muitas iniciativas museológicas não utilizam nenhum dos dois termos em sua denominação, embora fique claro em seus discursos e atividades museológicas os vínculos aos “conceitos” ecomuseu e museu comunitário, intuitivamente ou conscientemente.

Com a disponibilização do Banco de Dados *on-line* do CNM (atualizado permanentemente de forma a subsidiar o Guia dos Museus Brasileiros) e principalmente após a criação da Plataforma Virtual Museus Br (Rede Nacional de Identificação de Museus - ReNIM) em 2015, o GMB tornou-se quase obsoleto.

Mapear as experiências museológicas de caráter comunitário não tem sido o objetivo apenas da presente pesquisa. Algumas outras iniciativas tem se preocupado em desenvolver mapeamentos a nível estadual, regional ou nacional, como a ABREMC, as redes de museologia criadas localmente (desenvolvidas principalmente a partir das redes criadas no âmbito do Programa Pontos de Memória) e a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Desses levantamentos, apenas o da ABREMC pretende abarcar todo o território nacional. O da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ) abrange o Estado do Rio de Janeiro e o da FUNDAJ a região Nordeste.

A ABREMC é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 2004 (em Assembleia Geral convocada pelo NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz) durante o III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários / X Atelier Internacional do MINOM, realizado em Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ), onde está sediada. Foi criada com o objetivo de “fomentar a criação, cooperação e divulgação de ecomuseus e museus comunitários”, formar “uma rede nacional de solidariedades e trocas de experiências entre os participantes e simpatizantes de processos museológicos comunitários, [...] promover a interlocução com as demais tipologias de museus e instituições culturais, reivindicar junto aos poderes públicos, em todas as esferas de governo, a escuta e a representação desses processos, consolidados ou em fase de gestação, nas discussões e fóruns da comunidade museológica brasileira” e fortalecer

as iniciativas que desejarem dela participar (ABREMC, 2016; V ENCONTRO [...], 2015, p.5).

Para atingir seus objetivos, a ABREMC já promoveu 4 Jornadas de Formação em Museologia Comunitária:

- I Jornada em 2009, em Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ);
- II Jornada em 2011, em Santa Maria (RS);
- III Jornada em 2014, em São José dos Campos (SP);
- IV Jornada em 2016, em Maranguape (CE).

Também foi responsável pela organização do III e do V Encontros Internacionais de Ecomuseus e Museus Comunitários, realizados respectivamente em Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ) em setembro de 2004, e em Belém (PA) em junho de 2012.

A ABREMC conquistou representação no Conselho Gestor do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) e comprometeu-se, durante o 6ª Fórum Nacional de Museus (FNM), realizado em Belém (PA) em novembro de 2014, a realizar um mapeamento dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros. Dois anos se passaram e em março de 2016 foi realizado um Simpósio em São José dos Campos (SP) para o lançamento do “Mapeamento dos Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros”, ainda em processo de desenvolvimento¹⁴⁸.

Em maio de 2017 tivemos acesso à Plataforma Virtual do Mapeamento¹⁴⁹, mas apenas 24 iniciativas museológicas haviam participado da pesquisa autodeclaratória:

- Ecomuseu Campos de São José (São José dos Campos/SP);
- Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro – Memorial da Família Remião (Porto Alegre/RS);
- Museu Comunitário de Percurso (Picada Café/RS);
- Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia¹⁵⁰ (São João do Polêsine, Agudo, Dona Francisca e Faxinal do Soturno/RS);
- Museu Comunitário UMBU (Alvorada/RS);
- Museu Comunitário Treze de Maio (Santa Maria/RS);
- Ecomuseu da Picada (Rio Grande/RS);

¹⁴⁸ Informação compartilhada no I Simpósio Nacional da ABREMC, realizado nos dias 17 e 19 de março de 2016 em São José dos Campos (SP).

¹⁴⁹ Agradecemos à Nádya Helena Almeida (Ecomuseu de Maranguape / ABREMC) pelas informações compartilhadas.

¹⁵⁰ Os Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia, integrante do Projeto CONDESUS Quarta Colônia, possui unidades museológicas nos quatro municípios citados.

- Memorial da Colônia Japonesa (Ivoti/RS);
- Centro de Referência do Negro - Nilo Alberto Feijó (Porto Alegre/RS);
- Ponto de Cultura Espaço Escola Áfricanamente (Porto Alegre/RS);
- Museu de Percurso do Negro (Porto Alegre/RS);
- Ecomuseu de Sepetiba (Rio de Janeiro/RJ);
- Sala de Memórias de Queimadas (Horizonte/CE);
- Ecomuseu do Cipó (Jaboticatubas/MG);
- Minimuseu Firmeza (Fortaleza/CE);
- Museu da Indumentária e da Moda (Virtual);
- Ecomuseu Natural do Manguê da Sabiaguaba (Fortaleza/CE);
- Museu da Boneca de Pano (Fortaleza/CE);
- Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense – CEVACI (Ibiapina/CE);
- Associação Ambiental Oiticica (Quixerê/CE);
- Ponto de Memória do Tropeirismo (Vitória da Conquista/BA);
- Museu das Ilhas (Porto Alegre/RS);
- Manancial das Artes (São Paulo/SP);
- Museu do Babaçu (Porto Velho/RO).

A REMUS-RJ vem realizando um trabalho de mapeamento (cartografia) e diagnóstico de experiências museológicas e experiências de memória no estado do Rio de Janeiro. A necessidade de elaboração de um diagnóstico surgiu a partir da necessidade de sistematizar “o conjunto de saberes, práticas e histórias e de identificar as necessidades que cada coletivo apresenta, potencializando as capacidades de cooperação” (CHAGAS; LARDOSA; CALIXTO, 2015, p.95). A experiência vem sendo realizada por bolsistas do Projeto de Extensão “Mutações – Museologia, Turismo e Ação” – da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, que utiliza a metodologia de pesquisa-ação.

As questões do formulário do diagnóstico da REMUS-RJ foram criadas de forma coletiva e tiveram como base o Cadastro Fluminense de Museus e especificidades da Museologia Social. Além de identificar as necessidades de cada grupo, o diagnóstico procura estimular a troca e o intercâmbio de saberes e fazeres entre as iniciativas, potencializando a cooperação, a produção de material útil para pesquisa, divulgação e ensino, a realização de documentários audiovisuais por meio dos quais serão registrados aspectos das iniciativas e experiências consideradas significativas. A Rede reconhece as diferentes formas de musealização desenvolvidas por cada comunidade, e entende que o diagnóstico permitirá um olhar para si, a fim de entender as

necessidades próprias, pontos fortes e fracos, das iniciativas museológicas que a compõe, o que contribuirá para que alcance seus objetivos de forma mais eficaz (*idem*, p.95-96)¹⁵¹.

A cartografia de experiências museológicas da REMUS-RJ também alcança experiências de memória que se relacionam com os princípios da Museologia Social, embora não se identifiquem enquanto museus. Em maio de 2017 tivemos acesso a algumas delas (como algumas se identificam apenas como iniciativas de memória, utilizamos o critério da autodefinição para inseri-las ou não no mapeamento da presente pesquisa)¹⁵²:

- Museu da Rocinha Sankofa Memória e História (Rio de Janeiro/RJ);
- Ecomuseu Nega Vilma (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu do Horto (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu do Samba (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu das Remoções (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento (Rio de Janeiro/RJ);
- Ecomuseu de Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ);
- Museu Vivo do São Bento (Duque de Caixas/RJ);
- Museu de Artes Lúdicas/Casa da Rua do Amor (Rio de Janeiro/RJ);
- Instituto Pretos Novos – IPN (Rio de Janeiro/RJ);
- Memórias do Cerro Corá (Rio de Janeiro/RJ);
- Ecomuseu Amigos do Rio Joana (Rio de Janeiro/RJ);
- Ecomuseu de Manguinhos (Rio de Janeiro/RJ);
- Ecomuseu de Ilha Grande (Angra dos Reis/RJ);
- Rede Fitovida (Belford Roxo/RJ).

A Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), em parceria com a UNESCO, entre outubro de 2014 e maio de 2015 realizou uma pesquisa exploratória sobre os processos educativos existentes nos museus comunitários da região Nordeste, com o objetivo de fortalecer a capacidade

¹⁵¹ Informação complementada verbalmente na Comunicação do Eixo Temático 2, “Experiências, desafios e estratégias de gestão e sustentabilidade das iniciativas museológicas comunitárias”, realizado no V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (Juiz de Fora, 2015).

¹⁵² Agradecemos à Luiza Calixto (REMUS-RJ) pela informações compartilhadas.

institucional da FUNDAJ no desenvolvimento de pesquisas na área de avaliação de políticas públicas em educação. Os estudos realizados pela pesquisa subsidiaram o processo de implementação de um programa de integração entre o Programa Mais Educação (MEC) e os museus comunitários da região (integrantes do Programa de Memória Social do Museu do Homem do Nordeste, que articula pesquisa, comunicação e ação educativa em ações voltadas para o campo da museologia social), através do desenvolvimento de processos formativos para as equipe técnicas, gestores e educadores dos museus. A primeira etapa da pesquisa consistiu na identificação e mapeamento de ações e práticas educativas desenvolvidas por museus comunitários, através de fichas que foram enviadas às iniciativas (informação pessoal¹⁵³).

Em abril de 2015 foi realizado um *workshop* intitulado “Ação Educativa em Museus Comunitários e o Programa Mais Educação: intercâmbio de experiências e parcerias para a educação integral”, que reuniu representantes de iniciativas museológicas e museus comunitários com diretores/professores de escolas públicas, comitês territoriais do Programa Mais Educação e gestores públicos de Educação e Cultura para a troca de experiências e desenvolvimento de “estratégias para a implantação de programas que integrem iniciativas museológicas de base comunitária às políticas de educação integral” (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2015). Infelizmente não tivemos acesso aos dados obtidos pela pesquisa.

Além desses meios “oficiais” de busca, aos poucos tivemos acesso a uma quantidade surpreendente de artigos, livros, dissertações, teses etc., com descrições e reflexões sobre essa tipologia de museus e também alguns “estudos de caso”. Reforçamos a importância das pesquisas em *websites* e redes sociais (principalmente *facebook*), pois por meio delas foi possível não apenas complementar o mapeamento mas acompanhar à distância as atividades desenvolvidas pelos museus, que também são compartilhadas por suas “redes de apoio” (incluindo pessoas físicas e instituições), com o objetivo de divulgar as experiências museológicas de base comunitária.

¹⁵³ Mapeamento de práticas educativas em museus comunitários do Nordeste – FUNDAJ. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 11 out. 2014.

3.2. Iniciativas Museológicas

O levantamento realizado entre agosto de 2015 e junho de 2017¹⁵⁴ permitiram a localização de 196 ecomuseus e museus comunitários em todo o território brasileiro. Apresento-os no Quadro 2, organizados em ordem cronológica, considerando as datas de criação apresentadas nas referências bibliográficas acessadas (na ausência desta informação, foram apresentadas no final da lista), a denominação escolhida pela experiência museológica, a cidade e o estado em que está localizada e a sua comunidade de atuação.

Os dados apresentados no Quadro 2, apesar de básicos, possibilitam analisar a opção pelo uso ou não das terminologias “museu”, “ecomuseu” ou “museu comunitário” em suas denominações, associar ou não o surgimento das iniciativas museológicas com a realização de encontros e demais eventos museológicos, políticas públicas ou atividades desenvolvidas por instituições de ensino superior, e ainda associá-las com os Cursos de Graduação em Museologia ou outros cursos universitários.

MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS NO BRASIL					
Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
1968	Museu Conceitual do Distrito	Rio de Janeiro	RJ	Santa Teresa (bairro)	1
1971	Ecomuseu do Ribeirão da Ilha	Florianópolis	SC	Ribeirão da Ilha (distrito)	2
1971	Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo	Santa Luzia	PB	Santa Luzia	3
1979	Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller	Itapiranga	SC	Itapiranga	4
1982	Ecomuseu Integrado de São Cristóvão	Rio de Janeiro	RJ	São Cristóvão (bairro)	5
1983	NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	Santa Cruz (bairro)	6
1983	Museu Memória do Jaçanã	São Paulo	SP	Jaçanã (distrito)	7
1984-1988	Museu Comunitário de Ipumirim	Ipumirim	SC	Ipumirim	8
1987	Ecomuseu de Itaipu	Foz do Iguaçu	PR	29 municípios	9
1988	Ecomuseu da Fazenda Boa Vista	Roseira Velha	SP	População de Roseira Velha e turistas	10

¹⁵⁴ Sem esquecer o período anterior em que realizamos levantamento para a Pesquisa de Iniciação Científica (julho de 2013 a julho de 2014).

MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS NO BRASIL					
Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
1988-1991	Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna	Benjamin Constant	AM	Povo Ticuna	11
1992	Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri	Nova Olinda	CE	Nova Olinda	12
1992	Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser	Novo Hamburgo	RS	Novo Hamburgo	13
1992	Memorial Mãe Menininha de Gantois	Salvador	BA	Terreiro do Gantois	14
1993	Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas”	Vitória	ES	Movimento Negro Capixaba	15
1992-1993	Museu Didático-Comunitário de Itapuã	Salvador	BA	Itapuã (bairro)	16
1994	Memorial Lajuomim	Salvador	BA	Terreiro Pilão de Prata	17
1995	Ecomuseu da Picada	Rio Grande	RS	Rio Grande	18
1995	Ecomuseu de Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	Santa Cruz	19
1995	Museu Indígena Kanindé	Aratuba	CE	Comunidade Indígena de Sítio Fernandes (bairro)	20
1996	Projeto CONDESUS Quarta Colônia	Silveira Martins	RS	4 municípios (São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Agudo)	21
1997	Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque	Oiapoque	AP	Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kali'na	22
1997	EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental	Chapecó	SC	Chapecó	23
1997	Memorial Iyá Davina	Nova Iguaçu	RJ	Terreiro Ilê Omolu Oxum	24
1997	Museu Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy	Embu das Artes	SP	Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy	25
1997 (?)	Museu Comunitário Umbu	Alvorada	RS	Parque Residencial Umbu (bairro)	26
1998	Casa da Memória de Jaguaribara	Jaguaribara	CE	Jaguaribara	27
1998	Ecomuseu Rural	Bom Jardim	RJ	Sítio Córrego de Santo Antônio (bairro)	28

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
1998	Museu Comunitário Engenho do Sertão	Bombinhas	SC	Sertãozinho (bairro)	29
1998	Museu do Futebol Douglas Bandeira	Carnaubeira da Penha	PE	Quilombo-Indígena Tiririca dos Crioulos	30
1999	Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG	Rio Grande	RS	Comunidades e visitantes do Estuário Lagoa dos Patos	31
1999	Museu Ilê Ohun Lailai (Casa das Coisas Antigas)	Salvador	BA	Terreiro Kêtu do Axé Opô Afonjá	32
1999	Museu Comunitário Memorial do Quilombo de São Roque	Anajatuba	MA	Comunidades Quilombolas do Povoado São Roque (bairro)	33
2000	Museu Indígena da Aldeia Pataxó	Santa Cruz Cabralia	BA	Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha	34
2001	Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri	General Carneiro	MT	Aldeia Bororo de Meruri	35
2001	Ecomuseu Natural do Manguê da Sabiaguaba	Fortaleza	CE	Sabiaguaba (bairro)	36
2001	Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas	BA	Terreiro de São Jorge Filho da Gomeia	37
2002	Ecomuseu do Seringal Vila Paraíso	Manaus	AM	Manaus	38
2002	Museu Comunitário de Percurso	Picada Café	RS	Picada Café	39
2002	Museu Brinquedim	Pindoretama	CE	Pindoretama	40
2003	Ecomuseu UNIVALI	Porto Belo	SC	Comunidades litorâneas	41
2003	Museu Treze de Maio	Santa Maria	RS	Comunidade negra de Santa Maria	42
2003	Ponto de Memória Missioneira	São Miguel das Missões	RS	São Miguel das Missões	43
2003	Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô	Quixelô	CE	Quixelô	44
2003	Museu Eco-cultural Monte Olimpo	Meruoca	CE	Palestina do Norte (distrito)	45
2003	Memorial da Colônia Japonesa	Ivoti	RS	Comunidade japonesa de Ivoti	46
2003	Centro de Referência do Negro - Nilo Alberto Feijó	Porto Alegre	RS	Comunidade negra de Porto Alegre	47
2004	Museu Comunitário Professora Dona Tiquinha	Alto do Rodrigues	RN	Alto do Rodrigues	48

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2004	Ponto de Cultura Espaço Escola Africanamente	Porto Alegre	RS	Porto Alegre	49
2004 (?)	Ecomuseu do Carste	Matozinhos	MG	Região do Carste	50
2004 (?)	Museu Comunitário do Poço Cumprido	Vicência	PE	Poço Cumprido (distrito)	51
2005	Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas	BA	Terreiro Ilê Asé Opô Ajagunã	52
2005	Ecomuseu Comunitário Graciliano é uma Graça	Maceió	AL	Comunidade do Graciliano e adjacências	53
2005	Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau	Caucaia	CE	Comunidades Indígenas Tapeba	54
2005	Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavantes de Sangradouro	Primavera do Leste	MT	Aldeia Xavante de Sangradouro	55
2005	Ecomuseu da Serra de Ouro Preto	Ouro Preto	MG	Comunidades dos Morros da Queimada (sítio arqueológico), de Santana, de São João, de São Sebastião e da Piedade	56
2005	Museu Vivo de São Bento	Duque de Caixas	RJ	Baixada Fluminense	57
2005	Museu Vivo do Fandango	Cananéia e Iguape (SP), Guaracema, Paranaguá e Morretes (PR)	SP PR	Comunidades Caiçaras do Sul de SP e Norte do PR	58
2006	Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale	São Bento do Sapucaí	SP	São Bento do Sapucaí	59
2006	Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão	Sobradinho	DF	Sobradinho	60
2006	Ecomuseu de Maranguape	Maranguape	CE	Comunidade rural de Cachoeira (distrito)	61
2006	Museu Vivo Casa Cultural Povo Kokama Patriarca Cacique Geral Antonio Januario Samias	Tabatinga	AM	Comunidade de Guadalupe (Povo Kokama)	62
2006	Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite	Cachoeirinha	RS	Cachoeirinha	63
2006	Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião	Porto Alegre	RS	Lomba do Pinheiro (bairro)	64
2006	Museu da Maré	Rio de Janeiro	RJ	Complexo da Maré (bairro)	65
2006	Ecomuseu do Sítio do Físico	São Luís	MA	Coroadinho (bairro)	66

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2007	Ecomuseu da Amazônia	Belém	PA	13 comunidades rurais: Distrito de Icoaraci (Bairros Paracuri e Cruzeiro/Orla); Ilha de Caratateua (Bairros Tucumaeira, Fama, São João de Outeiro, Curuperé e Nova República); Ilha de Cotijuba (comunidades do Poção e Faveira); Ilha de Mosqueiro (comunidades de Caruaru, Castanhal do Mari-Mari e Assentamentos Paulo Fonteles e Mari Mari)	67
2007	Casa da Memória de Porteiras	Porteiras	CE	Porteiras	68
2007	Ecomuseu de Manguinhos	Rio de Janeiro	RJ	Complexo de Manguinhos (bairro)	69
2007	Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes	Blumenau	SC	Região da Mina da Prata	70
2007	Ponto de Cultura e Memória Ibaô	Campinas	SP	Mestres/as da Cultura Popular, Zeladoras/es de Axé, grupos culturais, educadores, amigos e familiares	71
2007	Ponto de Memória do Tropeirismo	Vitória da Conquista	BA	Região do Sertão da Ressaca	72
2007	Ecomuseu Ilha Grande	Angra dos Reis	RJ	População da Ilha Grande	73
2007	Museu Comunitário Indígena Pipipã	Floresta	PE	Comunidades Travessa do Ouro Capoeira de Barros, Faveleira, Caldeirão, Caraíba, Giquiri, Pai João, Barra do Joá e Alfredo	74

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2008	Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima	Divino	MG	Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima	75
2008	Casa de Memória do Tronco Velho Pankaruru	Tacaratu	PE	Aldeia Brejo dos Padres – Povo Pankararu	76
2008	Oca da Memória	Poranga	CE	Escola Indígena Jardim das Oliveiras (Povos Tabajara e Kalabaça)	77
2008	Ecomuseu da Lagoa dos Patos (Ecomuseu da Colônia Z3)	Pelotas	RS	Colônia de Pescadores Z3	78
2008	Ecomuseu de Osasco	Osasco	SP	Jardim das Flores (bairro)	79
2008	Museu Usina Itinerante de Itabirito	Itabirito	MG	Itabirito	80
2008	Ecomuseu da Cultura do Vinho	Bento Gonçalves	RS	Bento Gonçalves	81
2008	Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)	Rio de Janeiro	RJ	Comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo	82
2008	Espaço Pâvânh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena	Nonoai	RS	T.I. Nonoai (Kaingang)	83
2008 (?)	Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó	Porto Seguro	BA	Povo Pataxó (Aldeia Velha)	84
2009	Museu Comunitário do Pinhal Alto	Nova Petrópolis	RS	Pinhal Alto (distrito)	85
2009	Ponto de Memória da Terra Firme	Belém	PA	Terra Firme (bairro)	86
2009	Museu da Rocinha Sankofa Memória e História	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade da Rocinha	87
2009	Catapoesia Museu Virtual / Ponto de Memória Recordança	Serra Negra (SP), Belo Horizonte (MG)	SP/ MG	Comunidades e coletivos de Serra Negra, Amparo (SP), Cordisburgo, Jaboticatubas, Belo Horizonte e São João das Missões (MG). Ex.: Comunidade Quilombola do Mato do Tição e Território Indígena Xakriabá	88
2009	Ponto de Memória Museu do Beiru	Salvador	BA	Beiru (bairro)	89

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2009	Ponto de Memória Museu do Taquaril	Belo Horizonte	MG	Taquaril (bairro)	90
2009	Ecomuseu do Mangue	Curuçá	PA	Comunidades: Arapiranga, Beira-Mar, Candeuá, Iririteua, Murajá, Mutucal, Nazaré do Mocajuba, Pedras Grandes e Piquiateua	91
2009	Ecomuseu Nega Vilma	Rio de Janeiro	RJ	Morro Santa Marta – Botafogo (bairro)	92
2009	Museu Comunitário do Grande Bom Jardim	Fortaleza	CE	Grande Bom Jardim: bairros Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira	93
2009	Museu Cultura Periférica	Maceió	AL	Bairro de Jacintinho: Comunidades de Jacintinho, Vergel, Vila Emater e Vila de Pescadores de Jaraguá	94
2009	Museu do Percurso do Negro em Porto Alegre	Porto Alegre	RS	Comunidade negra de Porto Alegre	95
2009	Ecomuseu do Sertão Carioca	Rio de Janeiro	RJ	Maciço da Pedra Branca	96
2009	Museu Indígena Maria Firmina de Melo	Monsenhor Tabosa	CE	Aldeia Tourão (Povo Potiguara)	97
2009-2010	Museu Social da Brasilândia	São Paulo	SP	Brasilândia (distrito)	98
2009-2010	Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro	Vitória	ES	Comunidade da Grande São Pedro	99
2010	Museu do Horto	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade do Horto Florestal	100
2010	Museu Potyगतapuia	Monsenhor Tabosa	CE	Aldeia Novo Mundo (Povos Potiguara, Gavião, Tabajara e Tubiba-tapuia)	101
2010	Ecomuseu de Sepetiba	Rio de Janeiro	RJ	Sepetiba (bairro)	102
2010	Museu da Boneca de Pano	Fortaleza	CE	Pici (bairro)	103

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2010	Museu Vivências e Memórias do Vale do Gramame	João Pessoa, Conde	PB	Comunidades rurais: Engenho Velho, Gramame e Ponta do Gramame: indígenas (Tabajara), quilombolas e pescadores (Comunidade Mituaçu) e população urbana (comunidades Colinas do Sul I e II, Gervásio Maia e Conjunto Marinês) do Vale do Gramame	104
2010	Yny Heto - Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Javaé e Karajá	Formoso do Araguaia	TO	Povos Javaé e Karajá (Ilha do Bananal) e população do Formoso do Araguaia	105
2010	Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade do Catiri (bairro)	106
2010	Casa da Memória da Rede Fitovida	Belford Roxo	RJ	Grupos comunitários (RJ) que trabalham com plantas medicinais	107
2010	Museu Indígena Jenipapo-Kanindé	Aquiraz	CE	Povo Jenipapo-Kanindé	108
2010	MAWO - Casa de Cultura Ikpeng	Parque Indígena do Xingu	MT	Aldeia Moygu	109
2010 (?)	Museu Mangue do Coque	Recife	PE	Comunidade do Coque (bairro)	110
2011	Museu do Alto Sertão da Bahia	Caetité, Guanambi e Igaporã	BA	Comunidades dos municípios de Caetité, Guanambi e Igaporã	111
2011	Memorial Kisimbê – Águas do Saber	Salvador	BA	Terreiro Mokambo	112
2011	Ponto de Memória da Estrutural	Brasília	DF	Cidade Estrutural (bairro)	113
2011	Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE)	Sítio Cercado	PR	Sítio Cercado (bairro)	114
2011	Memorial do Imigrante Topa	Cerqueira César	SP	Cerqueira César	115

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2011	Memorial Kalunga Casa de Dona Lió	Monte Alegre de Goiás	GO	Quilombo Kalunga	116
2011 (?)	Memorial do Quilombo de Outeiro	Monção	MA	Quilombo de Outeiro	117
2011-2012	Museu-Escola Povo Pankararu	Tacaratu	PE	Aldeia Brejo dos Padres / Escola Municipal Maria Quitéria	118
2012	Ecomuseu Amigos do Rio Joana	Rio de Janeiro	RJ	Comunidades do Morro do Andaraí	119
2012	Museu Comunitário Casa Branca	Imperatriz	MA	Comunidade rural do Assentamento Itacira (Vila Conceição)	120
2012	Museu da Beira da Linha do Coque	Recife	PE	Comunidade do Coque (bairro)	121
2012	Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU)	Belo Horizonte	MG	Aglomerado Santa Lúcia	122
2012	Centro de Memória Cohab Raposo Tavares	São Paulo	SP	Cohab Raposo Tavares (bairro) - comunidade escolar da EMEF Professora Maria Alice Borges Ghion	123
2012	Museu Vivo do Barro	Cascavel	CE	Comunidade de Moita Redonda (distrito) e artesãos locais	124
2012	Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã	São Luís	MA	Comunidade, integrantes e simpatizantes do Boi de Maracanã	125
2012	Ponto de Memória Memorial do Povo de Baiacuí	Icatú	MA	Quilombo Baiacuí	126
2012	Museu da Indumentária e da Moda - MIMO	Virtual			127
2012	Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense)	Ibiapina	CE	Ibiapina	128
2012 (?)	Ponto de Memória - Museu Comunitário Boi da Floresta	São Luís	MA	Comunidade do Boi da Floresta (Boi de Apolônio)	129
2013	Museu das Ilhas	Porto Alegre	RS	Bairros Arquipélago (Porto Alegre) e Picada Norte (Eldorado do Sul)	130

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2013	Memórias do Cerro Corá	Rio de Janeiro	RJ	Moradores da Favela Cerro Corá (bairro Cosme Velho)	131
2013	Museu Integral da Comunidade de São Vítor	São Raimundo Nonato	PI	Comunidade São Vítor (zona rural)	132
2013	Museu Quilombola do Ipiranga	Conde	PB	Comunidade Quilombola do Ipiranga (remanescente de Quilombo)	133
2013	Museu Comunitário da Serra do Evaristo	Baturité	CE	Comunidade Quilombola Serra do Evaristo	134
2013	Ecomuseu do Cipó	Jaboticatubas	MG	Comunidades do entorno da Fazenda do Cipó (Serra do Cipó)	135
2013	Associação Ambiental Oiticica	Quixeré	CE	Quixeré	136
2013 (?)	Museu Comunitário Memorial do Divino de Porto Grande	São Luís	MA	Porto Grande (distrito)	137
2013 (?)	Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás	São Luís	MA	São Luís	138
2013 (?)	Ecomuseu do Valério	Cachoeiras de Macacu	RJ	Comunidade do bairro do Valério e visitantes	139
2013-2014	Museu Comunitário de Araquém	Coreaú	CE	Araquém (distrito)	140
2014	Eco Museu Kaá-Atlântica	Rio de Janeiro	RJ	Senador Camará (bairro)	141
2014	Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília	Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã	DF	População, escolas, instituições públicas e privadas e associações de moradores das quatro cidades	142
2014	Ecomuseu Dr. José Humberto	Rio de Janeiro	RJ	Sítio Paraíso Verde	143
2014	Museu da Umbanda	Cachoeiras de Macacu	RJ	Comunidade de Cachoeiras de Macacu	144
2014	Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho	Monsenhor Tabosa	CE	Povos Potiguar, Gavião, Tabajara e Tubiba-tapuia	145
2014	Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes	Catanhede	MA	Catanhede	146

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2014	Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne	Abadiânia, Águas Lindas, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto	GO	Comunidade, movimentos sociais, projetos, instituições da sociedade civil e governamentais	147
2014 (?)	Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan	Monção	MA	Quilombo Mata Boi / Terreiro Ilê Ashé Olúfón Oxalufan	148
2014 (?)	Museu Comunitário Morro da Providência	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade do Morro da Providência	149
2014-2015	Ecomuseu Campos de São José	São José dos Campos	SP	Comunidade de Campos de São José (bairro)	150
2015	Museu de Artes Lúdicas	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade do Saquacu (bairro de Santa Cruz)	151
2015	Mataquiri Museu	Cascavel	CE	Famílias do Povoado de Moita Redonda (distrito) ligadas ao Grupo Uirapuru	152
2015	Museu Kapinawá	Buíque	PE	23 comunidades da Aldeia Colorau (Território Indígena Kapinawá)	153
2015	Ecomuseu de Pacoti	Pacoti	CE	Serra do Batiruté	154
2015	Sala de Memórias de Queimadas	Horizonte	CE	Comunidade de Queimadas (distrito)	155
2015	Ecomuseu de Mangaratiba	Mangaratiba	RJ	Mangaratiba	156
2015	Museu Wowkriwig (Sol Nascente)	Arco Íris	SP	Povo Kaingang da T.I. Vanuíre	157
2015 (?)	Museu Comunitário Social	Água Fria	BA	Pataíba (distrito)	158
2015 (?)	Ecomuseu da Usina	Tanguá	RJ	Tanguá	159
2015 (?)	Ecomuseu Mata do Índio	Delfinópolis	MG	Grupos escolares de Delfinópolis e moradores no geral	160
2015 (?)	Museu Indígena Tremembé	Itarema	CE	Área Indígena Tremembé de Almofalala	161

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
2016	Museu Arqueológico Comunitário de Cumbe e Canavieira (MACC)	Aracati	CE	Comunidade Quilombola do Cumbe	162
2016	Museu Indígena Pitaguary	Pacatuba	CE	Aldeia Monguba – T.I. Pitaguary (Povo Pitaguary)	163
2016	Museu das Remoções	Rio de Janeiro	RJ	Comunidade da Vila Autódromo (bairro de Jacarepaguá) e outras semelhantes	164
2016	Museu Paiter A Soe	Cacoal	RO	Aldeia Gãpgir – T.I. 7 de Setembro (Povo Paiter Surui)	165
2016	Manancial das Artes	São Paulo	SP	Barragem, Colônia e Nova América	166
2016	Museu do Babaçu	Porto Velho	RO	Comunidades tradicionais dos distritos de Cujubim Grande e Cujubinzinho	167
2016 (?)	Ecomuseu Serra do Rio do Rastro	Lauro Muller	SC	População de Lauro Muller e turistas	168
11/2016	Museu Akam Oram Krenak	Arco Íris	SP	Povo Krenak da T.I. Vanuíre	169
2017	Museu Comunitário de Caatingueirinha	Potiretama	CE	Comunidade de Caatingueirinha (distrito)	170
2017	Museu Comunitário Filhos de Obá	Laranjeiras	SE	Egbe Omo Obá (Comunidade do Terreiro Filhos de Obá)	171
2017	Museu Nhandé Manduá-Aty	Avaí	SP	Aldeia Nimuendaju – T.I. Araribá (Povo Guarani Nhandewá)	172
1969?	Minimuseu Firmeza	Fortaleza	CE	Fortaleza	173
s/d	Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas	Pirassununga	SP	Pirassununga	174
s/d	Ecomuseu da Praia do Hermenegildo	Santa Vitória do Palmar	RS	Santa Vitória do Palmar	175
s/d	Ecomuseu Paranhana	Três Coroas	RS	Vale do Paranhana	176
s/d	Museu Comunitário do Mucuriipe	Fortaleza	CE	Mucuriipe (bairro)	177

Ano de Criação	Iniciativa Museológica	Cidade	UF	Comunidade de atuação	Ficha
s/d	Museu do Velho Xangô / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô	Carnaubeira da Penha	PE	Quilombo-indígena Tiririca dos Crioulos	178
s/d	Casa de Cultura Kariri	Jundiá	SP	Povo Kariri (Comunidade de Jundiá)	179
s/d	Museu Indígena Potiguara	Monsenhor Tabosa	CE	Aldeia Jucás (Povo Potiguara)	180
s/d	Ponto de Memória do Quilombo Sítio do Meio	Santa Rita	MA	Quilombo Sítio do Meio	181
s/d	Ponto de Memória Quilombo Miranda de Santa Maria	Rosário	MA	Quilombo Miranda de Santa Maria	182
s/d	Ponto de Memória Negros do Riacho	Currais Novos	RN	Comunidade Quilombola Negros do Riacho/ população de Currais Novos	183
s/d	Museu Indígena do Povo Anacé	Caucaia	CE	Povo Anacé	184
s/d	Museu Comunitário e Territorial Fulni-ô	Águas Belas	PE	Povo Fulni-ô	185
s/d	Ecomuseu Itatiaia	Itatiaia	RJ	Itatiaia	186
s/d	Museu Comunitário Mororó	Santana do Cariri	CE	Comunidade do Sítio Mororó	187
s/d	Museu Comunitário Histórias de Vida da Vila Embratel	São Luís	MA	Vila Embratel (bairro)	188
s/d	Casa de Cultura Pindu - Museu Comunitário de Ponta Grossa	Icapuí	CE	Comunidade de Ponta Grossa	189
s/d	Museu Indígena da Comunidade de Nazaré	Lagoa de São Francisco	PI	Comunidade Indígena de Nazaré – Povos Tabajara e Tapuia	190
s/d	Museu dos Kariri do Crato	Crato	CE	Povo Kariri	191
s/d	Museu Cabaça de Colo	Monsenhor Tabosa	CE	Povo Potiguara	192
s/d	Museu Indígena Casa do João de Barro	Monsenhor Tabosa	CE	Povo Gavião	193
s/d	Museu da T.I. Icatu (?)	Braúna	SP	Povos Indígenas Kaingang e Terena	194
s/d	Museu Terena da T.I. Araribá (?)	Avaí	SP	Povo Terena	195
s/d	Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol	Bias Fortes	MG	Comunidade Quilombola da Colônia do Paiol	196

Quadro 2 – Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil. Fonte: Suzy Santos, 2017.

Há ainda casos específicos de museus que não chegaram a se constituir, cito como exemplo o Museu Comunitário dos Trabalhadores da Limpeza Urbana de Porto Alegre (Porto Alegre/RS) e o Ecomuseu do Flamengo (Rio de Janeiro/RJ). De acordo com Oliveira (2015, p.24), o Museu Comunitário dos Trabalhadores da Limpeza Urbana de Porto Alegre foi um projeto concebido durante o curso “Como trabalhar com museus comunitários em grandes centros urbanos”, ministrado em 2001 pelo antropólogo, professor e pesquisador do Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH) e articulador da Rede de Museus Comunitários das Américas, Cuauhtémoc Camarena, e o curso “Método, Técnica e Análise em História Oral: Como trabalhar com museus comunitários em grandes centros urbanos”, ministrado em 2003 pelo Professor da Universidade Autônoma do México, Mario OCampo. Esses cursos, que tiveram como objetivo promover a aproximação com outras propostas de museu, foram oferecidos pela Coordenação da Memória da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e contaram com a articulação da Professora Zita Rosane Possamai (UFRGS). O Projeto teve como desdobramento a criação de uma equipe de projetos especiais na Secretaria Municipal de Cultural em 2003, que impulsionaria um Programa de Museologia Comunitária em Porto Alegre. No entanto, não houve continuidade pela gestão municipal sucessora, e fora do âmbito do estado “faltaram subsídios e estrutura” (OLIVEIRA, 2015, p.24). O Ecomuseu do Flamengo (Rio de Janeiro/RJ) foi criado por meio de um Decreto Municipal de 1995 – projeto de lei da Vereadora Leila Maywald (RIO DE JANEIRO, 1995, n.p.). No entanto, não conseguimos obter quaisquer informação sobre o desenvolvimento do projeto.

Além desses museus que não se constituíram vale deixar registrado que tivemos acesso a diversos projetos desenvolvidos principalmente por coletivos culturais, mas que atualmente não se identificam enquanto museus ou “processos museológicos”, embora seja possível observar semelhanças entre as ações desenvolvidas e a museologia comunitária. No entanto, optamos por não trazê-las nominalmente, pois apesar de apresentarem-se em um número significativo e serem experiências de memória e patrimônio interessantes, não correspondem aos critérios de autodefinição que optamos seguir no presente estudo.

3.3. O que há de novo na museologia comunitária?

As informações apresentadas no Quadro 2, apesar de básicas, permitem delinear de algumas observações a partir das denominações utilizadas, datas de criação, localização e “comunidades” de atuação dos museus.

Objetivando sistematizar as informações e agrupar a quantidade de experiências museológicas adequadas a determinadas denominações, subdividimos as 196 experiências museológicas apresentadas no Quadro 2 em:

- Ecomuseu (incluindo as variações “eco-museu” e “eco museu”): 50 iniciativas;
- Museu Comunitário (incluindo as variações “museu didático-comunitário” e “museu arqueológico comunitário”): 38 iniciativas;
- Museu [...] ¹⁵⁵ (com as complementações: “museu conceitual”, “museu indígena”, “museu eco-cultural”, “museu afro”, “museu vivo”, “museu de favela”, “museu virtual”, “museu do percurso”, “museu social”, “museu casa”, “museu-escola”, “museu integral”, “museu quilombola” e “minimuseu”): 70 iniciativas;
- Outras denominações (que geralmente utilizam os termos “casa”, “memória” e “cultura” para situar os trabalhos desenvolvidos ¹⁵⁶): 38 iniciativas.

Gráfico 1 – Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por denominação.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

¹⁵⁵ As reticências indicam a existência de termos complementares.

¹⁵⁶ Algumas exceções que entraram nesta última subdivisão são o “Projeto CONDESUS Quarta Colônia” (Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins/RS), o Centro de Referência do Negro - Nilo Alberto Feijó (Porto Alegre/RS), a Associação Ambiental Oiticica (Quixeré/CE) e o Manancial das Artes (São Paulo/SP).

Em seguida subdividimos as experiências museológicas por décadas de criação (exceto as 24 iniciativas que não identificamos). Observa-se que o número de iniciativas se desenvolveram timidamente entre as décadas de 1960 e 1990, mas nos últimos 16 anos cresceram de forma significativa.

Gráfico 2 – Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por década de criação.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Por fim, subdividimos as experiências museológicas territorialmente - por região e por Estados (exceto o Museu da Indumentária e da Moda – MIMO, por ser virtual), concentrando-se:

- 10 na região Norte: 3 Amazônia, 1 Amapá, 3 Pará, 2 Rondônia;
- 85 na região Nordeste: 2 Alagoas, 13 Bahia, 38 Ceará, 14 Maranhão, 3 Paraíba, 10 Pernambuco, 2 Piauí, 2 Rio Grande do Norte, 1 Sergipe, 1 Tocantins;
- 8 na região Centro-Oeste: 3 Distrito Federal, 2 Goiás, 3 Mato Grosso;
- 61 na região Sudeste: 2 Espírito Santo, 10 Minas Gerais, 30 Rio de Janeiro, 20 São Paulo;
- 32 na região Sul: 3 Paraná, 21 Rio Grande do Sul, 8 Santa Catarina.

Gráfico 3 – Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por região.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Gráfico 4 – Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: por Estado.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

As informações básicas apresentadas no Quadro 2 e Gráficos 1, 2, 3 e 4 revelam aspectos complexos que podem ser explorados de diversas formas, principalmente se comparadas aos referenciais teóricos e questões como a realização de eventos museológicos, a criação de Cursos de Graduação em Museologia ou a relação com demais cursos universitários, a formação de coletivos ou redes de Museologia e também a existência de políticas públicas de incentivo que viabilizam ou potencializam os projetos.

Alguns questionamentos são possíveis ao observar esses números: Quais razões tornaram possível o surgimento de número tão significativo de ecomuseus e museus comunitários no Brasil nas duas últimas décadas? A adoção das denominações

“ecomuseu”, “museu comunitário”, “museu indígena”, “museu quilombola” etc., reflete realmente alguma mudança conceitual sobre o trabalho museológico? O que explica a grande diferença no número de iniciativas de uma região para outra, ou de um estado para outro? O que explica que em estados como o Acre¹⁵⁷, Mato Grosso do Sul e Roraima não exista nenhuma iniciativa, enquanto Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo concentrem quase 2/3 das iniciativas?

O fenômeno “museu moderno”, que historicamente teve sua gênese vinculada ao colonialismo (embora questionemos essa afirmação) e foi utilizado como instrumento de caráter ideológico e sociocultural, também não se cristalizou, é uma instituição em constante mudança. Transformou-se em arena política, enfrentou diversos questionamentos, avanços e retrocessos... mas não há apenas críticas a essa instituição. É também reconhecida sua importância como lugar privilegiado para a guarda, a salvaguarda, o estudo e a difusão de testemunhos (patrimônios) culturais e naturais, espaço de instrução, educação e construção da memória coletiva, que contribui para a promoção de identidades, por onde circulam ideias, conhecimentos e valores, lugar de interação social e com o patrimônio, enfim, meio de informação e comunicação com potencial para contribuir com o desenvolvimento da comunidade onde se insere e da população como um todo.

Fernanda Moro (1985, p.240) chama atenção para o fato de que “embora alguns museólogos façam um chamado para um tipo mais moderno de museologia, o público ainda ama o *Wander Labinet* - o museu por excelência” ou “museu à moda antiga”. Ou seja, não é preciso acabar com os museus tradicionais ou considerá-los “inimigos museológicos”, é possível aprender, ensinar e dialogar com eles. Acreditamos ser possível a existência da pluralidade no mundo dos museus, o que não deve continuar existindo são discursos que legitimem desigualdades e injustiças sociais. Não se trata de uma simples submissão ao “politicamente correto”, como muitos/as afirmam, mas de tratar o outro com dignidade e respeito, pois as diferenças existentes não devem servir para a manutenção de hierarquias sociais e culturais, entre outras formas de dominação, mas para permitir a possibilidade de

¹⁵⁷ O Povo Huni Kuin (Kaxinawá) do município do Jordão (AC) possui o Centro de Memória Aldeia São Joaquim. Apesar de não utilizar a denominação “museu” tampouco encontrarmos quaisquer referência nesse sentido em sua *fanpage* no facebook, realizam seus trabalhos com base na memória, no patrimônio e na cultura do Povo Huni Kuin. Ninawá Inú Hunikui (Presidente da Federação do Povo Huni Kui do Estado do Acre – FEPHA), representou-os no I Fórum Nacional de Museus Indígenas, em agosto de 2016, iniciando um diálogo com a Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

diálogos e intercâmbios entre os diferentes atores sociais, assim como dos diversos “universos museológicos”.

As apropriações e ressignificações atuais demonstram que os museus podem ser muita coisa, e confirmam a afirmação de Mário Chagas (*apud* DUARTE CÂNDIDO, 2013, p.57) de que “para ser museu, o que precisa é ter um argumento que mostre que é museu, seja uma igreja, um arquivo ou um dicionário”. Já Santos (1999, p.68) defende que “a aplicação do processo museológico não está restrita à instituição museu, ele pode anteceder à existência objetiva do museu ou ser aplicado em qualquer contexto social”. Poderíamos questionar o que é compreendido como “existência objetiva”, pois se concordarmos que processos museológicos desenvolvidos por comunidades em relação com seus patrimônios são museus mesmo não sendo instituições permanentes e institucionalizadas, encerradas em um edifício e um acervo físico, os argumentos que não consideram as experiências museológicas como “museus” caem por terra.

Em outros casos não se trata necessariamente da rejeição a um “modelo”, mas de coletivos ou instituições que ainda não acessaram as teorias e métodos museológicos, mas desenvolvem instintivamente atividades relacionadas à preservação de memórias e patrimônios tradicionais. Durante o 7º Encontro Paulista de Museus¹⁵⁸, no Painel “Territórios e Públicos”, Alessandra Gama, representante do Ponto de Cultura e Memória Ibaô (Campinas/SP) e da Rede SP de Memória e Museologia Social, nos convidou à uma reflexão, de forma poética, sobre a relação de diálogo existente entre a Museologia e os espaços culturais de matriz africana (centros culturais, núcleos de capoeira e terreiros) que, embora não utilizem a fundamentação teórica da Museologia, de forma intuitiva e instintiva, através da oralidade e materialidade dos objetos dispostos, constroem narrativas para a apresentação dos espaços, memórias e histórias a eles associados – uma “expografia sensível”.

Ao relatar o desafio apresentado durante o processo de legitimação dos Pontos de Memória nas primeiras comunidades em que o programa foi implementado, especificamente a comunidade de Terra Firme (Belém/PA) – Ponto de Memória da Terra Firme –, Camila Moura (2015, p.62) expõe o questionamento que se colocou diante das experiências: ser ou não ser Museu?

A rejeição à utilização do termo “museu” pode acontecer de forma consciente, como um posicionamento crítico diante das formas de atuação das instituições museológicas

¹⁵⁸ Realizado entre 24 e 26 de junho de 2015, em São Paulo/SP.

“tradicionais”, ou inconsciente, sem que haja uma reflexão profunda sobre o significado do termo e um discurso contrário à instituição tradicional. As fontes demonstram que algumas iniciativas possuem discursos bem embasados que legitimam a rejeição, ligado a um conceito de Museu que não é mais (talvez nem sempre tenha sido) considerado o ideal, uma instituição conservadora, preocupada primordialmente com a preservação dos objetos, descontextualizando-os de suas origens sociais e territoriais, eurocêntrica e que estabeleceu um modelo único a seguir (apesar das diferenças tipológicas), muitas vezes carregado de ideologias que legitimam preconceitos étnico-raciais, de gênero e sociais.

A Sala de Memórias de Queimadas (Horizonte/CE), apesar de se apresentar como um “museu comunitário” não utiliza o termo para denominar esse espaço permanente e dinâmico, onde a própria comunidade é responsável pelo processo de coleta, preservação e divulgação das memórias e histórias da região e seus habitantes¹⁵⁹.

Outra iniciativa que não utiliza o termo “museu” em sua denominação é o Centro de Memória Cohab Raposo Tavares (São Paulo/SP), projeto desenvolvido na EMEF¹⁶⁰ Maria Alice Borges Ghion. Segundo o museólogo Carlos Oliveira (2016, p.149), não se trata de uma iniciativa museológica, embora as atividades desenvolvidas relacionem-se com as propostas da Sociomuseologia. No entanto, ao observarmos a primeira postagem de sua *fanpage* no *facebook* (em 9 de setembro de 2012) notamos que a iniciativa se apresenta enquanto “projeto Museu-Centro de Memória do Bairro COHAB Raposo Tavares”, o que podemos considerar uma evidência de sua autocompreensão enquanto espaço museológico e a perda do “receio” em utilizar o termo “museu”¹⁶¹.

Por estar associado a uma imagem do passado, já ultrapassada (VARINE, 2013, n.p.), Museu é um termo que já não basta, devido à carga ideológica que carrega. Assim, diversos atores sociais vêm ressignificando-o conceitualmente, utilizando-o enquanto “ferramenta” para a transformação de realidades, transformando-o em algo novo, talvez ainda mais complexo e contraditório que os museus ditos tradicionais. A utilização de novas terminologias ou adjetivos complementares parece refletir essas transformações, que na prática demonstram ora semelhanças ora diferenças com o modelo de museu tradicional. Os termos podem ser indicativos de mudanças, mas

¹⁵⁹ Maiores informações sobre a Sala de Memórias de Queimadas vide a Ficha 155 do Apêndice B.

¹⁶⁰ Escola Municipal de Ensino Fundamental.

¹⁶¹ Maiores informações sobre o Centro de Memória Cohab Raposo Tavares vide a Ficha 123 do Apêndice B.

somente observando atentamente as práticas podemos confirmar se de fato algo mudou.

Após refletirmos sobre a opção de “ser ou não ser museu”, é importante destacarmos algumas reflexões acerca da denominação escolhida pelas iniciativas, já que estas muitas vezes refletem o “pré-conceito” existente sobre as instituições museológicas tradicionais, vistas como retrógradas. Sobre isso, Mário Chagas (1992, p.195) apresentou um ponto de vista interessante no I Encontro Internacional de Ecomuseus¹⁶²:

O nome ecomuseu eu posso aplicar às coisas mais variadas, eu posso chamar de um ecomuseu um coelho azul, eu posso chamar de um ecomuseu meu sofá, posso chamar de ecomuseu as coisas que eu quiser. Posso dar o nome de ecomuseu a minha loja [...]. Isso é um nome. Outra coisa é o conceito ecomuseu. O conceito ecomuseu já exige uma definição mais precisa, quer dizer, ele, na realidade só pode ser aplicado com certos critérios. O conceito é, também uma delimitação. A instituição ecomuseu é completamente diferente do conceito. Eu posso ter uma instituição ecomuseu que, em certo momento, está adaptada a esse conceito e em outro momento não está. Até porque todo o conceito, por natureza, é muito mais dinâmico do que a instituição que é mais enraizada.

Para Chagas (1992, p.168), é importante “discutir o conceito, o nome e a instituição museu”, assim como a manipulação do discurso ecológico, dos museus e da memória, pois “a função social e a ação educativa, tanto podem servir à dominação, à conformação, quanto à libertação e à transformação”. O autor menciona que devem haver alguns critérios para que o conceito “ecomuseu” seja aplicado. Isso quer dizer que a conceituação de um ecomuseu pelos atores sociais que o desenvolvem corresponde às definições teóricas desenvolvidas dentro e fora da academia? Provavelmente não. Trouxemos neste estudo as definições de Georges Henri Rivière (1973, 1976, 1980), Hugues de Varine (1973), René Rivard (1984), André Desvallées (1985), Heloisa Barbuy (1989, 1995), Mathilde Bellaigue (1993), Ignacio Balerdi (2002)

¹⁶² Realizado entre 18 e 23/05/1992 em Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ, e organizado pela Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, com apoio da Petrobrás, do Serviço Social da Indústria (SESI), do ICOM e da UNESCO. O encontro contou com a presença de museólogos importantes envolvidos com o movimento da Nova Museologia, como Varine, Moutinho, Hernan Crespo Toral, Rivard, e ainda com as/os brasileiras/os Fernanda de Camargo-Moro, Lourdes Novaes, Tereza Scheiner, Maria Célia Santos, Ulpiano Bezerra de Meneses, Mario Chagas, entre outras/os (I ENCONTRO [...], 1992).

e Bruno Brulon (2014). No entanto, podemos trazer como exemplo definições e justificativas próprias elaboradas pelos museus.

Com o objetivo de justificar a mudança de nome do Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha (criado em 1971) para Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (Florianópolis/SC)¹⁶³, o discurso assumido é de que este insere-se em um “ecossistema sócio-econômico-cultural” - considerando os modos de viver, sentir, simbolizar e fazer da comunidade dos açorianos - o que levou à denominação dos sistemas de produção da casa rural açoriana do Ribeirão da Ilha, especialmente o Engenho de Farinha de Mandioca de “ecomuseu” (ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA, 2017)¹⁶⁴. Esta justificativa revela uma reinterpretação do termo em certa medida. Em alguns pontos relaciona-se com as definições trazidas pelos/as autores/as utilizados neste estudo, principalmente no que diz respeito à liberação do “esqueleto arquitetônico” (RIVARD, 1984, p.66) e ampliação da noção de patrimônio. No entanto, é notável a limitação quanto à participação comunitária. Nesse sentido não se difere muito de museus locais, em que a população doa objetos, conta suas histórias e torna-se seu visitante, contribuindo assim com a construção e o desenvolvimento do museu. O ponto crítico é justamente a questão relacionada à gestão.

Outro exemplo é o Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR). Sua criação, em 1987, é fruto de ações compensatórias dos danos socioambientais causados pela implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A necessidade da criação de um museu para a salvaguarda e exposição do acervo resultante dos estudos ambientais (pesquisas, inventários ambientais e processos de reflorestamento) realizados para a sua construção, relacionados a temas como arqueologia, flora, fauna, hidrologia, história regional, entre outros, mostrou-se logo presente. O Plano Diretor do Ecomuseu e a Exposição de Longa Duração foram concebidos pela museóloga Fernanda Moro, que associou os anseios das propostas da empresa com os conceitos defendidos pela “museologia social/nova museologia” (RIBEIRO; MOREIRA, 2014, p.291). A participação comunitária sempre apresentou-se como um desafio para o ecomuseu, o que vem sendo solucionado, em parte, pela criação da Rede Regional de Museus, Memória e Patrimônio Natural e Cultural (2008), que contribui para a articulação do Ecomuseu com os municípios da Bacia Paraná 3 (Unidade Hidrográfica do Paraná 3)¹⁶⁵. Através de encontros regulares e reuniões extraordinárias ou temáticas, o

¹⁶³ Não obtivemos a informação da data em que houve a mudança.

¹⁶⁴ Mais informações sobre o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha vide a Ficha 2 do Apêndice B.

¹⁶⁵ Cascavel, Céu Azul, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal,

ecomuseu vem discutindo e construindo projetos em Grupos de Trabalho com representações dos municípios, desenvolvendo atividades coletivas, realizando avaliações anuais etc. (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.297)¹⁶⁶.

Esses dois casos exemplares não são os únicos em que a questão da participação comunitária apresenta-se como um desafio ou mesmo uma contradição. Para André Desvallées (2015c, p.24), os ecomuseus que não são geridos pela população são “falsos ecomuseus”. A noção de gestão comunitária deve ser relativizada, já que é improvável toda uma comunidade ter disponibilidade para participar de um ecomuseu ou museu comunitário. Geralmente existem algumas lideranças que tomam a iniciativa e atuam como representantes das coletividades, o que pode ser rotativo entre várias, e em alguns momentos as dificuldades de articulação com a comunidade serem mais evidentes. A questão é, não há um modelo fechado, mas uma dinâmica que envolve lideranças, agentes, representação e articulação.

Durante o I Encontro Internacional de Ecomuseus, Magali Cabral questionou a identificação do “Projeto São Cristóvão Cultural”¹⁶⁷ enquanto ecomuseu. A museóloga explica que o projeto, que tinha “uma filosofia que preside a ecomuseologia” (PAINEL 2 [...], 1992, p.192), deu origem à “sala Memória de São Cristóvão” no Museu do Primeiro Reinado. Quando assume a direção do museu, Cabral dá continuidade ao projeto, “buscando trabalhar com os diversos segmentos da comunidade do bairro de São Cristóvão” (*idem*). No entanto, a autora afirma que, apesar de não se tratar de um ecomuseu, a sala leva a comunidade “para dentro do museu”. Chagas (PAINEL 2 [...], 1992, p.195) observa posteriormente que um ecomuseu pode deixar de ser um ecomuseu em algum momento, o que podemos relacionar às diversas formas e níveis que uma comunidade pode participar das atividades e da gestão de um ecomuseu ou museu comunitário.

Na teoria, os ecomuseus deveriam surgir a partir de projetos governamentais, que compartilharia com a “comunidade” a gestão patrimonial e as ações museológicas, e os museus comunitários deveriam nascer da iniciativa de um coletivo (MORALES, 2004). Na prática observamos que os processos podem se desenvolver de diferentes formas.

Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Pato Bragado, Quatro Pontes, Ramilândia, Santa Helena, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha de Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Tupãssi e Vera Cruz do Oeste.

¹⁶⁶ Mais informações sobre o Ecomuseu de Itaipu vide a Ficha 9 do Apêndice B.

¹⁶⁷ Ecomuseu Integrado de São Cristóvão (Rio de Janeiro/RJ). Mais informações vide a Ficha 5 do Apêndice B.

Heloisa Barbuy (1995, p.225) observa que a “fórmula ideal” proposta por Rivière, que previa uma gestão formada por três comitês (científico – universidades / administrativo – representantes dos órgãos financiadores e administração / usuários – representantes de associações e sindicatos locais), dificilmente conseguiu ser aplicada na íntegra. Entre nós uma iniciativa interessante é o Museu do Alto Sertão da Bahia – MASB (Caetité/BA). Durante as obras para a implantação do Complexo Eólico do Alto Sertão, a partir de 2009, encontraram-se mais de 50 mil artefatos arqueológicos (nos municípios de Caetité, Guanambi e Igaporã). Por não existir uma instituição no município capaz de abrigar esse acervo o IPHAN iria direcioná-lo para a Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA). Cientes disso, em 2011 alguns moradores da cidade, professores e alunos da Universidade do Estado da Bahia, representantes das Secretarias Municipais de Educação e Cultura, entre outros segmentos da sociedade civil mobilizaram-se em prol da reivindicação de um espaço museológico na região para a guarda, preservação e difusão dos acervos arqueológicos encontrados. Esse processo desembocou na criação do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), criado por uma lei municipal em agosto de 2013, fruto de uma parceria entre a empresa Renova Energia (uma das responsáveis pela implantação do parque eólico), a UNEB (Campus IV) e a Prefeitura Municipal de Caetité. O MASB possui uma gestão compartilhada entre a Prefeitura (gestão administrativa), a UNEB (gestão técnica) e a Associação de Amigos do Museu do Alto Sertão da Bahia¹⁶⁸ (questões sociais).

Obviamente devemos observar, como apontou Barbuy (1995), se existe uma real disposição entre os ecomuseu/museu comunitário em abrir-se ao desafio de uma gestão compartilhada, se não há um apego demasiado à preservação nostálgica de bens patrimoniais, se há uma visão ufanista do passado, em que o termo ecomuseu mascare “tendências passadistas e mitificadoras” (BARBUY, 1995, p.222), ou ainda se o patrimônio é utilizado apenas como símbolo de determinadas causas, sem que haja um tratamento deste enquanto documento histórico e objeto de estudos (interdisciplinares), retornando dessa forma à noção de “objeto-fetiche” (*idem*, p.221). De acordo com a autora, “como princípio, o ecomuseu foi proposto como instrumento permanente de ligação entre o passado e questões candentes de atualidade social” (*idem*, p.226). Essa permanência, sabemos hoje, não é determinante, pois um museu pode ter vida curta ou longa, a depender das necessidades do lugar, das pessoas, da coletividade.

¹⁶⁸ A gestão da AMASB é rotativa entre as iniciativas comunitárias que deram origem ao MASB. Mais informações vide a Ficha 111 do Apêndice B.

Talvez a principal diferença entre um ecomuseu e um museu comunitário sejam as paredes, já que este último, apesar de possuir um referencial patrimonial baseado em territórios específicos (regiões, cidades, distritos, bairros ou ainda territórios “intangíveis”), não necessariamente precisa se expandir por eles, musealizando “lugares de memória”¹⁶⁹ e patrimônios naturais. Para Barbuy (1995, p.225) o âmbito espacial é “o diferenciador mais visível dos ecomuseus; é isto que os torna diferentes às vistas do visitante comum”.

A própria Plataforma Museus Br (IBRAM) apresenta os campos “Museu de Território/Ecomuseu” e “Museu de Caráter Comunitário” de formas separadas. Esses campos nos direcionam a supor que nem todo Ecomuseu é comunitário, que nem todo Museu Comunitário é um “museu de território” e que todo Ecomuseu é um “museu de território”. No entanto, as fichas museográficas nos mostram que alguns ecomuseus utilizam seus territórios como referências patrimoniais, mas nem sempre se expandem por eles, por meio da criação de núcleos diversos ou de percursos de visita, como por exemplo o Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale (São Bento do Sapucaí/SP)¹⁷⁰ e o Ecomuseu de Osasco (São Paulo/SP)¹⁷¹. O Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale está sediado em um casarão do século XIX (cedido pelo seu atual proprietário) onde nasceu o filósofo, jurista, educador e poeta Miguel Reale, considerado um dos “filhos ilustres” da cidade. Além do acervo pessoal de Miguel Reale tem como referência os patrimônios cultural, natural e histórico da cidade de São Bento do Sapucaí. Já o Ecomuseu de Osasco ocupa uma das salas do Núcleo de Educação Ambiental (NEA) Padre Angelo Mazarotto, localizado no Parque Dionísio Álvares Mateos, mas utiliza outras instalações para suas atividades, como o pátio, o auditório e o próprio parque. Tem como referência patrimonial os patrimônios socioambientais da região.

Por outro lado existem diversos museus comunitários que realizam atividades de modo a explorar os territórios mas não se identificam enquanto ecomuseus, como os diversos museus indígenas localizados pela presente pesquisa.

¹⁶⁹ Os lugares de memória podem ser compreendidos como aqueles identificados pelos moradores como guardiões ou testemunhos de memórias, histórias etc., ou seja, estão ligados à experiências e subjetividades.

¹⁷⁰ Para maiores informações sobre o Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale vide a Ficha 59 do Apêndice B.

¹⁷¹ Para maiores informações sobre o Ecomuseu de Osasco vide a Ficha 79 do Apêndice B.

Devemos observar, com base nos/as diversos/as autores/as utilizados, que ecomuseu não é apenas um museu aberto, ao ar livre, como algumas pessoas e instituições o concebem¹⁷².

De acordo com Mário Chagas (1992, p.165), os museus a céu aberto, ou ao ar livre, existem no Brasil desde o século XVII, “ainda que sem sistemática e continuidade espaço-temporal”¹⁷³. O museólogo explica que o conceito de museu ao ar livre “implica no conceito de objeto musealizado e exposto fora do espaço construído e fechado por paredes e tetos. Nesse caso, quando os bens imóveis de uma cidade são considerados objetos musealizados, temos aí também um museu ao ar livre” (*idem*, p.167). Para o autor, que propõe a classificação dos museus ao ar livre como “museus ao ar livre”, “museus em circuito fechado e coberto” e “museus mistos, que se desenvolvem parte em circuito fechado, parte em circuito aberto” (*idem*, p.168), existem diversos tipos de museus deste tipo: museus arqueológicos ao ar livre, museus etnográficos ao ar livre, museus artísticos ao ar livre (*idem*, p.165).

A partir de 2013, a Associação Cultural Quântica Laboratório de Arte Contemporânea, contando com o patrocínio obtido por meio do Edital de Desenvolvimento Humano e Social (2012) da empresa Bandeirante Energia S/A e da Fundação EDP¹⁷⁴, desenvolve nas cidades paulistas de Guarulhos e Mogi das Cruzes o projeto “Museu Arte na Rua”, que se trata de “uma ocupação de arte urbana” por meio da pintura de muros das Estações Transformadoras de Distribuição (de energia elétrica às cidades), que conta com a participação de jovens das comunidades do entorno “para a criação de museus a céu aberto” (PROJETO [...], 2013). Observa-se com este exemplo que um museu ao ar livre não necessariamente assume as funções sociais que estão na

¹⁷² Na etapa final da escrita da atual dissertação, verificamos novamente a Plataforma Museus Br (IBRAM). Notamos a existência de um campo de busca onde podemos identificar iniciativas autodeclaradas “Museus de Território/Ecomuseus”. Para a nossa surpresa apareceram 41 iniciativas, muitas delas não consideradas na presente pesquisa. Após uma rápida análise de algumas, verificamos que as apropriações do termo tornaram-se muito mais diversas do que inicialmente supúnhamos. No entanto, optamos por não inseri-las no mapeamento aqui exposto, pois seriam necessários estudos mais aprofundados sobre as iniciativas.

¹⁷³ Chagas (PAINEL 2 [...], 1992, p.163) refere-se a alguns “ensaios museológicos” desenvolvidos nos séculos XVII e XVIII. O primeiro, considerado uma “experiência ousada, isolada e pioneira”, foi desenvolvido pelo governo do Conde Maurício de Nassau e instalado no grande parque do Palácio de *Widenburg* (Recife/PE). Tratava-se de “um museu vivo e ao ar livre no Jardim Botânico, no Zoológico e um observatório que cumpriam as funções de pesquisa, preservação e testemunho de preservação do meio ambiente”, que serviria a toda comunidade - guardadas as proporções e limitações da época. No final do século XVIII, “em virtude de interesses econômicos, políticos e científicos da Metrópole” são criados outros jardins botânicos no Brasil, com destaque para o Horto Botânico da Academia Científica do Rio de Janeiro (estatutos de 1977), o Jardim Botânico de Belém do Pará (criado em 1976) e o Jardim Botânico do Goiás (criado em 1801).

¹⁷⁴ “A Fundação EDP é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, criada pela EDP – Energias de Portugal, S.A. em dezembro de 2004” (EDP, 2017).

base do conceito ecomuseu, tampouco no que se refere à participação social e gestão coletiva do patrimônio.

Podemos questionar igualmente se os conceitos “museu de percurso” e “museu itinerante” se associariam à concepção de “ecomuseu”. O primeiro decerto associa-se, pois a elaboração (musealização) de percursos ou roteiros exige a apropriação, interpretação ou reinterpretação coletiva do território e das referências patrimoniais nele presente. Já o segundo pode ou não estar associado, pois podemos considerar ações museológicas de itineram dentro de um território específico e também exposições que itineram em outros espaços e/ou comunidades como método de divulgação das ações desenvolvidas pelas experiências museológicas.

Mesmo o termo “museu comunitário”, aparentemente mais claro e compreensível do que o termo ecomuseu, pode apresentar interpretações diversas e contradições. Se pensarmos que a própria definição de “comunidade” pode variar de acordo com o contexto e as concepções de quem a proclama a confusão está armada. Relembremos a concepção trazida por Cardoso (1983, p.134-144), de que comunidade refere-se a uma “identidade forjada” (podendo ser real ou inventada) que gera um sentimento de pertencimento e une as pessoas com experiências comuns para uma ação coletiva.

Quando observamos as comunidades de atuação dos chamados “museus comunitários” percebemos a diversidade de interpretações do conceito “comunidade”, que pode estar associado às populações de uma região, cidade, distrito ou bairro, ou ainda a comunidades específicas, como povos indígenas e “comunidades-terreiro” (GAMA, 2015).

Elizabeth Gama (2015, p.1) desenvolve uma reflexão interessante acerca de “comunidades-terreiro” que aderem a políticas de musealização a partir da criação de memoriais. A autora evidencia a relação dessas iniciativas com a categoria “museus comunitários”, e a importância da utilização dessa “ferramenta” como estratégia de visibilidade e afirmação de identidades, para a ampliação do debate sobre a “patrimonialização do candomblé para além dos processos de tombamento de terreiros” (*idem*), para a preservação do espaço físico dos terreiros (por meio do *status* adquirido pela existência do memorial), como forma de contar as histórias ancestrais de luta e resistência em primeira pessoa e de preservar as memórias dos terreiros, e assim preencher lacunas que podem ser evidenciadas ao observarmos a ausência de representação dessas “comunidades” nos museus. Com base na organização social

dessas “comunidades”, associamos os museus de/em terreiros com o conceito de “museu comunitário”, mesmo quando este não é utilizado abertamente por seus representantes.

O mesmo foi feito em relação aos museus indígenas, já que em vários dos discursos apresentados pelas lideranças indígenas presentes em alguns encontros museológicos¹⁷⁵ é possível observar a dimensão coletiva da experiência museológica:

[...] um museu indígena [...] tem que ser para nós, nessa perspectiva do que é a construção coletiva [...] mais do que espaço... mais do que território... seria até mais do que a vida... porque é a nossa história que ‘tá’ em jogo (Suzenilson Kanindé - Museu Indígena Kanindé, V Encontro Indígena Questões Indígenas e Museus - Tupã/SP, abril 2016).

[...] quando nós indígenas falamos de museus... não estamos falando de uma casa e sim de um território [...]. Tem a ver com o saber dos mais velhos... e nós indígenas muitas vezes pra saber da própria história temos que pesquisar dentro do próprio povo... somos professores-pesquisadores... e pesquisando... na base... com os mais velhos que a gente consegue transmitir pra os mais novos (Ronaldo Kapinawá - Museu Kapinawá, II Encontro Nacional de Museus Indígenas - Buíque/PE, agosto 2016).

Museu pra nós indígenas [...] é tudo o que tem nele desde a construção do prédio... desde cada folha da mata... desde cada raiz e canto dos pássaros... eles também é um museu [...] (Francilene Pitaguary - Museu Indígena Pitaguary, II Encontro Nacional de Museus Indígenas - Buíque/PE, agosto 2016).

[...] o que nós estamos plantando não é simplesmente o museu... nós estamos plantando é a... futura geração... são os novos índios que está nascendo e é a nossa cultura que tá em jogo [...] nós temos [...] consciência de que este espaço [que] nós estamos criando... o museu indígena... é um espaço político realmente (Suzenilson

¹⁷⁵ No caso, o V Encontro Indígena Questões Indígenas e Museus (28-30/04/2016, Tupã/SP), realização do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre e da ACAM Portinari, e o II Encontro Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco, realização da Rede Indígena de Memória e Museologia Social e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade da Universidade Federal de Pernambuco - NEPE/UFPE (15-20/08/2016, Terra Indígena Kapinawá, Buíque/PE).

Kanindé – Museu Indígena Kanindé, II Encontro Nacional de Museus Indígenas, Buíque/PE, agosto 2016).

Além da dimensão coletiva, é possível verificar a abrangência dos patrimônios considerados, incluindo histórias, territórios, saberes tradicionais, fauna e flora, a preocupação com o passado e também com o futuro, com as novas gerações. Enfim, é possível observar o museu como importante recurso para a preservação de bens naturais e culturais, tangíveis e intangíveis, para o acesso ao passado por meio de pesquisas, dos relatos dos mais velhos e também como meio educacional, que contribui para coesão da comunidade e para a garantia de um futuro que mantenha vínculos com o passado e com as heranças tradicionais.

Há também os museus comunitários que se apresentam em ambientes virtuais (museus virtuais ou digitais), possibilitando amplo acesso ao “banco de dados” da comunidade por esta mesma ou por terceiros (parceiros/as, familiares distantes, pesquisadores/as etc.): o museu indígena Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó (Porto Seguro/BA), criado pelo Povo Pataxó da Aldeia Velha Pataxó em parceria com o Instituto Tribos Jovens, com recursos providas premiação do Programa Pontos de Memória (IBRAM/MinC)¹⁷⁶; o Museu do Horto (Rio de Janeiro/RJ), fruto de projetos ligados à memória social do Horto Florestal realizados desde o ano 2000 pela Associação de Moradores e Amigos do Horto (AMAHOR), cujo *website* e a definição dos circuitos - percursos de visitação a lugares de memória –, lançados em 2010, contribuem para o reconhecimento do Horto enquanto lugar de memória e “sítio Histórico” (SOUZA, 2012, p.35) e para a conquista do direito à moradia por sua comunidade “tradicional”¹⁷⁷; e o Museu da Indumentária e da Moda – MIMO (apenas virtual), fruto de estudos e ações de pesquisa universitária nas áreas de Moda, Design, História, Antropologia e Museologia, que apresenta parte de seu trabalho de acervo e gestão museológica por meio de uma plataforma digital <www.mimo.org.br>¹⁷⁸.

De acordo com Celina Lage e Jade França (2015, p.45), o “ciberespaço permite que as identidades sejam reafirmadas ou transformadas, conferindo-lhes grande fluidez e se configura como um espaço propício para criação, manutenção e

¹⁷⁶ Na Aldeia Velha Pataxó há também o Ponto de Cultura Aldeia Velha e o Museu Aberto Aldeia Velha Pataxó, que espalha-se pelo território da aldeia. Mais informações vide a Ficha 84 do Apêndice B.

¹⁷⁷ Maiores informações sobre o Museu do Horto vide a Ficha 100 do Apêndice B.

¹⁷⁸ Maiores informações sobre o Museu da Indumentária e da Moda vide a Ficha 127 do Apêndice B.

difusão de memórias pessoais ou coletivas. O museu ganha nova potência na medida em que se virtualiza e desterritorializa, se tornando um espaço poético e experimental”.

Temos ainda as experiências museológicas denominadas “Pontos de Memória”, relacionadas ao Programa Pontos de Memória¹⁷⁹. Poderíamos automaticamente considerá-los como “museus comunitários”. No entanto, nem todos os Pontos de Memória se compreendem como museus. Optamos então por associar a conceituação apenas para aqueles localizamos essa autodefinição.

No caso das práticas museais desenvolvidas por coletivos ou instituições criadas e geridas por entidades do movimento negro ou outras comunidades “afro”, como as comunidades-terreiro, as comunidades quilombolas e grupos culturais voltados às questões afro, que contribuem para a preservação do patrimônio cultural de matriz africana, as denominamos “museus afro-comunitários”. Se entendermos que “Quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos” (FUNDAÇÃO PALMARES *apud* SOUZA, 2012, p.79), todos os museus voltados às questões afro poderiam ser considerados “museus quilombolas”. Mas respeitaremos as autodefinições.

Apesar de considerarmos os museus indígenas e museus afro-comunitários como museus comunitários, optamos por agregar à autodefinição “categorias específicas”, de modo a evidenciar as temáticas trabalhadas pela experiência, que apresentam uma “consciência museológica” ainda mais particular do que os museus comunitários como um todo.

Refletindo sobre os termos e conceitos utilizados por essa tipologia de museus, resolvemos elaborar o Quadro 3, com algumas formas de autodefinição ou autoreconhecimento das iniciativas museológicas. Relembramos a frase de Varine (*apud* MOURA, 2016, p.61), de que “alguns nem se chamarão museus, mas todos seguirão os princípios da nova museologia (Santiago, Quebec, Caracas) no seu espírito ou na sua escrita (teoria)”.

¹⁷⁹ Com exceção do Ponto de Memória Negros do Riacho, iniciativa que compõe a Rede Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte, mas que não utiliza essa denominação por ter sido contemplada pelo Programa Pontos de Memória, e sim pelo critério de autodefinição. Maiores informações vide a Ficha 183 do Apêndice B.

MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS NO BRASIL: Autodefinição								
Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
1	Museu Conceitual do Distrito							
2	Ecomuseu do Ribeirão da Ilha							
3	Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo							
4	Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller							
5	Ecomuseu Integrado de São Cristóvão							
6	NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz							
7	Museu Memória do Jaçanã							
8	Museu Comunitário de Ipumirim							
9	Ecomuseu de Itaipu							
10	Ecomuseu da Fazenda Boa Vista							
11	Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna							
12	Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri							
13	Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser							
14	Memorial Mãe Menininha de Gantois							
15	Museu Capixaba do Negro "Veronica da Pas"							
16	Museu Didático-Comunitário de Itapuã							
17	Memorial Lajuomim							
18	Ecomuseu da Picada							
19	Ecomuseu de Santa Cruz							
20	Museu Indígena Kanindé							
21	Projeto CONDESUS Quarta Colônia							
22	Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque							
23	EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental							
24	Memorial Iyá Davina							
25	Museu Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy							
26	Museu Comunitário Umbu							
27	Casa da Memória de Jaguaribara							
28	Ecomuseu Rural							
29	Museu Comunitário Engenho do Sertão							
30	Museu do Futebol Douglas Bandeira							

Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
59	Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale							
60	Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão							
61	Ecomuseu de Maranguape							
62	Museu Vivo Casa Cultural Povo Kokama Patriarca Cacique Geral Antonio Januario Samias							
63	Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite							
64	Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião							
65	Museu da Maré							
66	Ecomuseu do Sítio do Físico							
67	Ecomuseu da Amazônia							
68	Casa da Memória de Porteiras							
69	Ecomuseu de Manguinhos							
70	Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes							
71	Ponto de Cultura e Memória Ibaô							
72	Ponto de Memória do Tropeirismo							
73	Ecomuseu Ilha Grande							
74	Museu Comunitário Indígena Pipipã							
75	Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima							
76	Casa de Memória do Tronco Velho Pankaruru							
77	Oca da Memória							
78	Ecomuseu da Lagoa dos Patos (Ecomuseu da Colônia Z3)	Museu de Território						
79	Ecomuseu de Osasco							
80	Museu Usina Itinerante de Itabirito							
81	Ecomuseu da Cultura do Vinho							
82	Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)							Museu Itinerante
83	Espaço Pâvânh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena							
84	Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó							
85	Museu Comunitário do Pinhal Alto							

Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
86	Ponto de Memória da Terra Firme							
87	Museu da Rocinha Sankofa Memória e História							Museu Itinerante
88	Catapoesia Museu Virtual / Ponto de Memória Recordança							
89	Ponto de Memória Museu do Beiru							
90	Ponto de Memória Museu do Taquaril							
91	Ecomuseu do Mangue							
92	Ecomuseu Nega Vilma							
93	Museu Comunitário do Grande Bom Jardim							
94	Museu Cultura Periférica							
95	Museu do Percurso do Negro em Porto Alegre							
96	Ecomuseu do Sertão Carioca							
97	Museu Indígena Maria Firmina de Melo							
98	Museu Social da Brasilândia							
99	Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro	Museu Itinerante						
100	Museu do Horto	Museu de Percurso						
101	Museu Potygatapuia							
102	Ecomuseu de Sepetiba							
103	Museu da Boneca de Pano							
104	Museu Vivências e Memórias do Vale do Gramame							
105	Yny Hetó - Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Javaé e Karajá							
106	Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento							
107	Casa da Memória da Rede Fitovida							
108	Museu Indígena Jenipapo-Kanindé							
109	MAWO - Casa de Cultura Ikpeng							
110	Museu Mangue do Coque							
111	Museu do Alto Sertão da Bahia	Museu de Território						
112	Memorial Kisimbê – Águas do Saber							
113	Ponto de Memória da Estrutural							
114	Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE)							
115	Memorial do Imigrante Topa							

Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
116	Memorial Kalunga Casa de Dona Lió							
117	Memorial do Quilombo de Outeiro							
118	Museu-Escola Povo Pankararu							
119	Ecomuseu Amigos do Rio Joana							
120	Museu Comunitário Casa Branca							
121	Museu da Beira da Linha do Coque							
122	Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU)							
123	Centro de Memória Cohab Raposo Tavares							
124	Museu Vivo do Barro							
125	Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã							
126	Ponto de Memória Memorial do Povo de Baiacuí							
127	Museu da Indumentária e da Moda - MIMO							
128	Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense)							
129	Ponto de Memória - Museu Comunitário Boi da Floresta							
130	Museu das Ilhas	Museu de Percurso						
131	Memórias do Cerro Corá							
132	Museu Integral da Comunidade de São Vitor							
133	Museu Quilombola do Ipiranga				Museu Quilombola			
134	Museu Comunitário da Serra do Evaristo							
135	Ecomuseu do Cipó							
136	Associação Ambiental Oitica							
137	Museu Comunitário Memorial do Divino de Porto Grande							
138	Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás							
139	Ecomuseu do Valério							
140	Museu Comunitário de Araquém							
141	Eco Museu Kaá-Atlântica							
142	Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília							
143	Ecomuseu Dr. José Humberto							

Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
144	Museu da Umbanda	Museu de Percurso						
145	Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho							
146	Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes							
147	Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne	Museu Itinerante						
148	Museu Comunitário do Ilê Ashê Olúfón Oxalufan							
149	Museu Comunitário Morro da Providência							
150	Ecomuseu Campos de São José							
151	Museu de Artes Lúdicas							
152	Mataquiri Museu							
153	Museu Kapinawá							
154	Ecomuseu de Pacoti							
155	Sala de Memórias de Queimadas							
156	Ecomuseu de Mangaratiba							
157	Museu Wowkriwig (Sol Nascente)							
158	Museu Comunitário Social							
159	Ecomuseu da Usina							
160	Ecomuseu Mata do Índio							
161	Museu Indígena Tremembé							
162	Museu Arqueológico Comunitário de Cumbe e Canavieira (MACC)							
163	Museu Indígena Pitaguary							
164	Museu das Remoções							
165	Museu Paiter A Soe							
166	Manancial das Artes							
167	Museu do Babaçu							
168	Ecomuseu Serra do Rio do Rastro							
169	Museu Akam Oram Krenak							
170	Museu Comunitário de Caatingueirinha							
171	Museu Comunitário Filhos de Obá							
172	Museu Nhandé Manduá-Aty							
173	Minimuseu Firmeza							
174	Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas							
175	Ecomuseu da Praia do Hermenegildo							
176	Ecomuseu Paranhana							

Ficha	Iniciativa Museológica	Ecomuseu Museu de Território (Museu de Percurso)	Museu Comunitário	Museu Indígena	Museu Afro- comunitário	Ponto de Memória	Museu Virtual Museu Digital	Museu ao Ar Livre / Museu a Céu Aberto
177	Museu Comunitário do Mucuripe							
178	Museu do Velho Xangô / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô							
179	Casa de Cultura Kariri							
180	Museu Indígena Potyguara							
181	Ponto de Memória do Quilombo Sítio do Meio							
182	Ponto de Memória Quilombo Miranda de Santa Maria							
183	Ponto de Memória Negros do Riacho							
184	Museu Indígena do Povo Anacé							
185	Museu Comunitário e Territorial Fulni-ô							
186	Ecomuseu Itatiaia							
187	Museu Comunitário Mororó							
188	Museu Comunitário Histórias de Vida da Vila Embratel							
189	Casa de Cultura Pindu - Museu Comunitário de Ponta Grossa							
190	Museu Indígena da Comunidade de Nazaré							
191	Museu dos Kariri do Crato							
192	Museu Cabaça de Colo							
193	Museu Indígena Casa do João de Barro							
194	Museu da T.I. Icatu (?)							
195	Museu Terena da T.I. Araribá (?)							
196	Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol							

Quadro 3 – Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil: Autodefinição.

Fonte: Suzy Santos, 2017.

Se compararmos os museus a partir dos termos (denominações) e conceitos (autodefinições) apresentados – Ecomuseu/Museu de Território (Museu de Percurso), Museu Comunitário, Museu Indígena, Museu Afro-Comunitário, Ponto de Memória, Museu Virtual/Museu Digital e Museu ao Ar Livre/Museu a Céu Aberto – percebemos que os dados quantitativos se modificam e apontam ainda a identificação das experiências museológicas com mais de uma definição.

Georges Rivière (*apud* PRIOSTI; VARINE, 2007, p.61) afirma que “o Brasil e seu território continental é [...] um celeiro de ecomuseus, e se poderia acrescentar, de

criações museológicas populares ou comunitárias”. Observamos que identificar esses museus de acordo com “perfis” específicos não é uma tentativa de categorizá-los, enquadrando-os a algo restritivo, mas uma forma de facilitar a compreensão dessa diversidade e especificidades museais.

Ao compararmos as denominações utilizadas pelos ecomuseus e museus comunitários brasileiros e as formas como as experiências museológicas se autodefinem, verificamos uma mudança de quadro em relação à quantidade de um ou outro “tipo” de experiências, como é possível verificar nos Gráficos 5 e 6.

Gráfico 5 – Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil: por terminologias.
Fonte: Suzy Santos, 2017.

Gráfico 6 – Museus Comunitários e Ecomuseus no Brasil: por autodefinições.
Fonte: Suzy Santos, 2017.

Ao observarmos as datas de criação dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros constatamos que entre as décadas de 1960 e 1980 as iniciativas museológicas aparecem de forma tímida. Na década de 1990 o número quase dobra e a partir da década de 1990 triplica, o que se repete na década seguinte. A partir do ano 2000 há um crescimento significativo do número de iniciativas dessa tipologia. Somente na primeira década do século XXI localizamos 76 iniciativas museológicas, e de lá para cá mais 61, números mais que significativos, pois representam que a Museologia não está estagnada, presa a paradigmas ultrapassados e instituições formais e oficiais, mas que pode ser fluida e abrir espaço para as diferenças – étnicas, sociais, de gênero etc.

Como os ecomuseus e museus comunitários, cujas experiências se multiplicaram principalmente após o ano 2000, 14 dos 16 cursos de Graduação em Museologia foram criados somente após 2004. Alguns ecomuseus e museus comunitários são geridos por instituições de ensino superior, como o Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG¹⁸⁰ (Rio Grande/RS), o Ecomuseu UNIVALI¹⁸¹ (Porto Belo/SC), o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto¹⁸² (Ouro Preto/MG) e o Ecomuseu Ilha Grande¹⁸³ (Angra dos Reis/RJ). Outros possuem universidades em seu Conselho Gestor, como o Museu do Alto Sertão da Bahia¹⁸⁴ (Caetitê, Guanambi e Igaporã/BA), o Museu das Ilhas¹⁸⁵ (Porto Alegre/RS) e o Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne¹⁸⁶ (Abadiânia, Águas Lindas, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto/GO). Muitos outros possuem-nas como parceiras, mas essa parceria não está restrita a discentes e docentes dos cursos de Museologia, há também pessoas de muitas outras áreas (História, Turismo, Biologia, Antropologia, Arquitetura etc.), o que demonstra que a Museologia de base comunitária também é espaço propício para a

¹⁸⁰ Gerido pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Para maiores informações vide a Ficha 31 do Apêndice B.

¹⁸¹ Gerido pela Fundação Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Para maiores informações vide a Ficha 41 do Apêndice B.

¹⁸² Gerido pelo Departamento de Museologia e de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para maiores informações vide a Ficha 56 do Apêndice B.

¹⁸³ Gerido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Para maiores informações vide a Ficha 73 do Apêndice B.

¹⁸⁴ Gestão compartilhada entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus IV), a Prefeitura Municipal de Caetitê - Secretaria de Educação e a Associação de Amigos do Museu do Alto Sertão da Bahia (AMASB). Para maiores informações vide a Ficha 111 do Apêndice B.

¹⁸⁵ Gestão compartilhada entre a Associação Art'Escama e o Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). Para maiores informações vide a Ficha 130 do Apêndice B.

¹⁸⁶ Gerido pelo Instituto Huah entre 1997 e 2007. Atualmente, o Núcleo impulsor é composto por Professores da Universidade de Brasília (UnB), mas cada membro - projetos ou ação individual, coletiva ou institucional - possui formas próprias de gestão. Para maiores informações vide a Ficha 147 do Apêndice B.

existência de inter e pluridisciplinaridades, obviamente considerando os saberes tradicionais e/ou populares associados às comunidades e territorialidades como as “essências” dos museus.

Um dado importante é que das 196 iniciativas levantadas apenas 61 encontram-se nas capitais dos estados, ou seja, menos de 30% das iniciativas, sendo que somente a cidade do Rio de Janeiro (RJ) possui 20 museus dessa tipologia, quase 10% do total de museus localizados. Nas capitais que possuem Cursos de Graduação em Museologia temos:

- Belém (PA): 3 ecomuseus/museus comunitários;
- Belo Horizonte (MG): 2 ecomuseus/museus comunitários;
- Brasília (DF): 1 ecomuseu/museus comunitário;
- Florianópolis (SC): 1 ecomuseu/museus comunitário;
- Porto Alegre (RS): 5 ecomuseus/museus comunitários;
- Recife (PE): 2 ecomuseus/museus comunitários;
- Salvador (BA): 6 ecomuseus/museus comunitários;
- São Paulo (SP) 4 ecomuseus/museus comunitários;
- Sergipe (AL): 1 ecomuseu/museus comunitário.

Os Cursos de Museologia existentes nestas capitais relacionam-se com os ecomuseus e museus comunitários em graus diferentes, principalmente por meio de seus discentes, que desenvolvem neles projetos de pesquisa e de extensão¹⁸⁷.

As demais capitais que possuem essa tipologia de museus não possuem Cursos de Graduação em Museologia:

- Vitória (ES): 2 ecomuseus/museus comunitários;
- Fortaleza (CE): 5 ecomuseus/museus comunitários;
- Manaus (AM): 1 ecomuseu/museus comunitário;
- São Luís (MA): 6 ecomuseus/museus comunitários;

As cidades de Pelotas (RS) e Ouro Preto (MG), apesar de não serem capitais, possuem Graduação em Museologia que interagem, apoiam e também participam da gestão dos museus comunitários locais – Ecomuseu da Lagoa dos Patos / Ecomuseu

¹⁸⁷ No caso de São Paulo (SP), o Curso de Graduação em Museologia da Universidade Brasil (Universidade Camilo Castelo Branco) não está ativo. Por outro lado, a única iniciativa museológica que possui parceria com uma universidade é o Centro de Memória Cohab Raposo Tavares, mas não com o Curso de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP, e sim com as Faculdades de Educação (FE) e de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

da Colônia Z3¹⁸⁸ (Pelotas/RS) e Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Ouro Preto/MG). Não obtive informações sobre museus comunitários em Goiânia, onde a Graduação em Museologia vem promovendo diversos eventos interessantes, como por exemplo o “III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia: Gênero, Sexualidades e Etnicidades”, realizado em dezembro de 2016, e obtivemos a informação de que diversas pessoas oriundas de “comunidades” estão buscando o curso referido visando contribuir com as estratégias de desenvolvimento local¹⁸⁹.

Os números podem parecer poucos, mas o fato de que cerca de 70% dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros se encontram em cidades do interior ou litorâneas do país, com menos recursos do que as grandes e distantes dos “centros de poder” – centros de decisões políticas e econômicas, demonstram tanto a carência de iniciativas museológica nessas localidades e a existência de uma demanda social¹⁹⁰, quanto o fato de que as populações dessas “comunidades” conseguem se organizar coletivamente em torno da preservação patrimonial de forma mais dinâmica do que nos grandes centros urbanos.

De acordo com Maria Célia Santos (2008, p.75), a atuação dos Cursos de Graduação em Museologia pode “contribuir, efetivamente, para os avanços teórico-metodológicos, em nosso campo de atuação”, mas torna-se necessária “uma abertura maior no sentido de dotar seus currículos de conteúdos substantivamente relevantes, sem perder de vista que a sua maior missão é a político-cultural”, missão essa que não se restringe aos “espaços fechados da academia”.

Como afirmado anteriormente, as experiências analisadas permitem que associemos a atuação de estudantes/as e professores/as dos cursos de Museologia com a criação de ecomuseus e museus comunitários nas regiões em que as universidades estão instaladas.

A museóloga Fernanda Moro (da Escola Superior de Museologia – Curso de Museus do Museu Histórico Nacional¹⁹¹), uma das primeiras museólogas a trabalhar com o conceito de ecomuseu no Brasil, contribuiu com a criação das primeiras experiências museológicas dessa tipologia no Rio de Janeiro e no Paraná: o Museu Conceitual do

¹⁸⁸ Possui parceria com os Cursos de Turismo e Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Para maiores informações vide a Ficha 78 do Apêndice B.

¹⁸⁹ Comunicação verbal – diálogos com a Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers em agosto de 2016.

¹⁹⁰ De acordo com Duarte Cândido (2014, p.22), 78,9% dos municípios brasileiros não possuem instituições museológicas.

¹⁹¹ Atual curso da UNIRIO.

Distrito¹⁹² (Rio de Janeiro/RJ), o Ecomuseu Integrado de São Cristóvão¹⁹³ (Rio de Janeiro/RJ) e o Ecomuseu de Itaipu¹⁹⁴ (Foz do Iguaçu/PR), e ainda foi uma das responsáveis pela organização, ainda na década de 1980, da 3ª Conferência dos Museus Brasileiros (23-26/07/1985, Rio de Janeiro/RJ)¹⁹⁵, sob o tema “Nova Museologia, Sistemas Alternativos e Ecomuseologia” e do Simpósio “O papel do museu face ao impacto do meio ambiente” (04-07/04/1989, Foz do Iguaçu/PR)¹⁹⁶, e na década de 1990 do “Curso de Museologia para Indígenas” – que contou com a participação de representantes do Museu Magüta – Museu Comunitário dos Ticuna (Benjamin Constant/AM) e do I Encontro Internacional de Ecomuseus (18-23/05/1992, Rio de Janeiro, Brasil) (MORO; NOVAES, 2010, p.66-79).

O Museu Didático-Comunitário de Itapuã (Salvador/BA), implantado entre 1992 e 1993 por meio de uma parceria entre o curso de Museologia da UFBA e o Instituto Anísio Teixeira, teve como origem o projeto de doutorado da museóloga Maria Célia Santos. Diversos/as estudantes de Graduação em Museologia da UFBA tiveram a oportunidade de estagiar nesse museu (SANTOS, 2008, p.39).

O Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha, atual Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (Florianópolis/SC), idealizado pelo Professor Nereu do Vale Pereira, contou com a colaboração do Departamento de Sociologia da UFSC para a sua criação, em 1971. Talvez a identificação posterior ao termo/conceito “ecomuseu” seja porque apenas em um segundo momento houve aproximação com o referencial teórico do campo museológico, visto que o museu foi idealizado por um sociólogo e contou com a colaboração do Departamento de Sociologia e não de Museologia.

Alguns Projetos de Extensão Universitária importantes são desenvolvidos por professores/as universitários/as, envolvendo alunos de Graduação Museologia, Turismo, Geografia, entre outros, muitos deles com bolsas pagas pelas universidades.

¹⁹² Criado em 1968 pelo Grupo CEPI, futura ONG Mouseion - Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente. Para maiores informações vide a Ficha 1 do Apêndice B.

¹⁹³ Criado em 1982 pelo Grupo CEPI, futura ONG Mouseion - Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente, em parceria com o Museu do Primeiro Reinado e apoio do Comitê Brasileiro do ICOM. O projeto reuniu diversas instituições do bairro de São Cristóvão. Para maiores informações vide a Ficha 5 do Apêndice B.

¹⁹⁴ Criado em 1987 pela Itaipu Binacional, empresa responsável pela implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, uma ação compensatória pelos danos socioambientais causados pelas obras realizadas no processo de implantação da hidrelétrica. Para maiores informações vide a Ficha 9 do Apêndice B.

¹⁹⁵ Organizado pela Amicom-br/Mouseion/Comitê Brasileiro, com apoio do Museu de Astronomia/CNPq (MORO; NOVAES, 2010, p.66).

¹⁹⁶ Organizado pela Amicom-br/Mouseion/Itaipu Binacional, contando com a participação do museólogo Hugues de Varine como convidado especial (MORO; NOVAES, 2010, p.70).

Na UNIRIO (Rio de Janeiro/RJ) foram/são desenvolvidos os projetos “Mutação I: Museu, Turismo, Ação” e sua continuidade, o “Mutação II: Museu, Turismo, Ação” (UNIRIO), iniciado em 2009 no Museu de Favela (Rio de Janeiro/RJ) e estendido a outras iniciativas cariocas, como o Museu Sankofa Memória e História Rocinha, o Ecomuseu Nega Vilma, o Museu do Horto, o Museu da Maré¹⁹⁷ etc. O projeto é coordenado pelo professor e museólogo Mário Chagas, que também foi um dos responsáveis pela PNM e um dos responsáveis pela criação do SBM, do IBRAM, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), do CNM e do Programa Pontos de Memória (IBRAM/MinC)¹⁹⁸.

No Departamento de Museologia da UFOP foram/são desenvolvidos os Projetos de Extensão Universitária “Implantação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto” e o “Desenvolvimento do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto”, desenvolvidos respectivamente desde 2005 e 2012, sob coordenação da professora e museóloga Yára Mattos¹⁹⁹.

O Curso de Museologia da UFRGS desenvolve o Projeto de Extensão Universitária “Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania”, por meio de uma parceria com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro²⁰⁰ (Porto Alegre/RS). O Programa, coordenado pela professora Ana Maria Dalla Zen, se propõe a realizar atividades de ação cultural e educativa com o objetivo de “incentivar a formação do sentimento de pertencimento a recuperação da autoestima entre os moradores” do bairro Lomba do Pinheiro, contribuindo assim com a diminuição dos índices de exclusão social, cultural e econômica (PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO [...], 2017).

A professora e museóloga do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia e do Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP, Marília Xavier Cury, desenvolve desde 2015 diversos Cursos de Museologia para Indígenas, e vem contribuindo com a criação de diversos museus indígenas no Oeste Paulista, nas Terras Indígenas: Vanuíre (Arco Íris/SP) - Museu Wowkriwig (Sol Nascente), do povo Kaingang, e Museu Akam Oram Krenak (Novo Olhar Krenak), do povo Krenak; Araribá (Avaí/SP) - Museu Nhandé Manduá-Aty, do povo Guarani Nhandewá, e Museu Terena

¹⁹⁷ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 82, 87, 92, 100 e 65 do Apêndice B.

¹⁹⁸ Vide: <http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>. Acesso em: 17 fev. 2017.

¹⁹⁹ Vide: <http://lattes.cnpq.br/3935542510544813>. Acesso em: 17 fev. 2017.

²⁰⁰ Gerido pelo Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE). Para maiores informações vide a Ficha 64 do Apêndice B.

da T.I. Araribá (sem denominação definida), do povo Terena; Icatu (Braúna/SP): Museu da T.I. Icatu (sem denominação definida), dos povos Kaingang e Terena ²⁰¹. Nessa região acontecem ações sistemáticas entre museus e indígenas desde 2010, como projetos de exposições e de educação. Aí, anualmente acontece os Encontros Paulistas Questões Indígenas e Museus (desde 2012), com forte participação indígena. Cury também é parceira da Rede Indígena de Memória e Museologia Social²⁰².

O Curso de Graduação em Museologia da UFPE está fortemente vinculado aos museus indígenas da região Nordeste, por meio da atuação de Renato Athias, Professor dos Departamentos de Antropologia e Museologia, e especialmente por meio da atuação de Alexandre Oliveira Gomes, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, docente da Licenciatura Intercultural Indígena e da Especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, e da Especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Gomes esteve/está envolvido em diversos processos colaborativos de criação, desenvolvimento e articulação dos museus indígenas²⁰³, e é um dos responsáveis pela formação e articulação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social. Juntamente com o historiador João Paulo Vieira Neto, desde 2002 desenvolve o Projeto Historiando, criado com o objetivo de “pesquisar e tornar público a história de comunidades a partir da perspectiva de seus moradores bem como inserir a importância da discussão sobre a construção social da memória nas lutas dos movimentos sociais contemporâneos” (PROJETO HISTORIANDO, 2010).

A partir de 2007 o Projeto Historiando está envolvido com as questões indígenas e circula por diversas comunidades indígenas, quilombolas e assentadas do estado do Ceará, expandindo-se para outros estados da região Nordeste. Como consequência é criada posteriormente a “Escola Livre de Museologia Social”, com o objetivo de formar agentes de museus de base comunitária (informação verbal)²⁰⁴. À vista do número de museus comunitários localizados na região Nordeste, principalmente nos estados de Ceará e Pernambuco, podemos considerar o Projeto Historiando – e também a Rede

²⁰¹ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 157, 169, 172, 194 e 195 do Apêndice B.

²⁰² Vide: <http://lattes.cnpq.br/1362575549351097>. Acesso em: 17 fev. 2017.

²⁰³ Vide: <http://lattes.cnpq.br/4517860485776752>. Acesso em: 5 mar. 2017.

²⁰⁴ Informação verbal compartilhada pelo historiador João Paulo Vieira Neto na palestra “Memórias Indígenas e Museus”, que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo SESC-SP em julho de 2016.

Cearense de Museus Comunitários – uma das principais iniciativas de incentivo à criação e impulsionamento de processos museológicos desenvolvidos por comunidades, especialmente indígenas, pois dos 38 ecomuseus e museus comunitários do estado do Ceará 13 são museus indígenas, e dos 10 ecomuseus e museus comunitários do estado do Pernambuco, 7 são museus indígenas.

No Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), foi criado um Laboratório autointitulado Kizomba Namata. Seu intuito inicial era contribuir com a construção de um acervo sobre a questão quilombola na Zona da Mata Mineira por meio de projetos de iniciação científica, extensão universitária e elaboração de monografias. Destacamos o Projeto “Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira”, que envolve a comunidade de São Pedro de Cima (Divino/MG), a comunidade remanescente de quilombo de Botafogo (Tabuleiro/MG), as comunidades de São Sebastião da Boa Vista e São Bento (Santos Dumont/MG) e a comunidade da Colônia do Paiol (Bias Fortes/MG). Em 2012 a UFJF realizou o “I Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais” e em 2013 o “I Encontro Regional do Programa Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira: entre saberes e sabores”, coordenado pelo Professor do Curso de Geografia, Leonardo Carneiro, e pela Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, Carolina dos Santos Perez (KIZOMBA [...], 2017; PROGRAMA [...], 2012; UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2013). Localizamos, de modo independente, referência ao Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima e ao Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol²⁰⁵.

Os exemplos acima demonstram a existência de diálogos e parcerias com alguns cursos Graduação em Museologia, e também com outros cursos universitários. Caberia a questão: existem limites para essa parceria?

Refletindo sobre o potencial de integração interinstitucional (ensino e pesquisa) e interdisciplinar dos projetos de extensão universitária, Leonardo Carneiro (2016, p.1), Professor da UFJF, enfatiza a necessidade da utilização de metodologias participativas que deem conta “de promover o encontro entre academia e sociedade em posicionamentos horizontais, não hierárquicos e dialógicos”. Carneiro recorda que existe uma grande desconfiança na relação entre a academia e a sociedade, e “este ambiente de constrangimento se observa tanto por parte da sociedade que se vê muitas vezes excluída ou *usada* pela academia, quanto por parte da academia que percebe o conhecimento e as práticas populares enquanto dimensões arcaicas,

²⁰⁵ Para maiores informações, vide respectivamente as Fichas 75 e 196 do Apêndice B.

menores e mitológicas” (CARNEIRO, 2016, p.2). Pondera, no entanto, que é preciso romper este estigma, desfazendo assimetrias e buscando “outro foco relacional entre estes sujeitos coletivos: a promoção dos bons encontros” (*idem*), para que sejam construídas relações diferenciadas, que reconheçam os conhecimentos, práticas e opiniões do “outro”, seja ele um indivíduo ou coletividades.

A partir do século XXI foi consolidada uma Política Nacional de Museus – PNM (2003), criado o Estatuto de Museus (criado em 2003 e transformado em lei em 2009), o Departamento de Museus do IPHAN (DEMU/IPHAN) – que em 2009 será substituído pelo IBRAM –, o Sistema Brasileiro de Museus (2004) e os Sistemas Estaduais e Municipais de Museus, lançado o Cadastro Nacional de Museus (CNM) e o Programa de Formação e Capacitação de Recursos Humanos em Museologia (que previa a ampliação da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, oficinas e cursos técnicos de aperfeiçoamento) e em 2009 é finalmente criado o Programa Pontos de Memória. Multiplicaram-se também os eventos museológicos, organizados por órgãos públicos oficiais, por universidades e pelas organizações e redes de museologia comunitária.

Antes da criação do Programa Pontos de Memória existiam 85 ecomuseus e museus comunitários brasileiros. Nos oito anos posteriores foram criadas mais de 100 iniciativas museológicas (mapeadas até o momento pela presente pesquisa), o que demonstra claramente o impacto das políticas públicas e a importância da ação do Estado. As fontes demonstraram que, das 196 iniciativas museológicas localizadas, 52 já foram contempladas com premiação do programa²⁰⁶, não esquecendo aquelas que foram admitidas mas não foram premiadas.

A criação e o fortalecimento das redes de museologia também tem um papel fundamental nesse processo, já que articula iniciativas locais que anteriormente não haviam estabelecido vínculos com o campo museológico, como o Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã (São Luís/MA), um dos maiores e mais importantes grupos de folclore do estado do Maranhão, atuante há mais de 100 anos, que foi reconhecido como Ponto de Memória em 2011, e a partir de então assumiu a identidade de “museu comunitário”²⁰⁷. Além disso, há outras premiações a níveis municipal, estadual, federal (algumas do próprio IBRAM²⁰⁸) ou mesmo internacional,

²⁰⁶ Lembrando que os recursos da premiação de 2014 não foram liberados para as iniciativas museológicas premiadas.

²⁰⁷ Maiores informações sobre o Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã vide a Ficha 125 do Apêndice B.

²⁰⁸ Como por exemplo o Prêmio Modernização de Museus – Microprojetos, o Prêmio Darcy Ribeiro e o Prêmio Mario Pedrosa.

como o Programa Ibermuseus (já mencionado no Capítulo 1), além de editais de empresas (como a Petrobrás) etc., aos quais os ecomuseus e museus comunitários recorrem. Não esqueçamos, no entanto, que editais de fomento costumam ser muito exigentes e são repletos de burocracias, o que pode estar associado à chamada “cultura de resultados” da sociedade contemporânea.

A articulação em rede também gera bons frutos. Desde 2014 a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro lança esforços para o desenvolvimento de um plano de trabalho visando fortalecer as iniciativas dela integrantes por meio de pesquisas, formações, registros audiovisuais e divulgação de suas ações. Em 2015 o projeto formulado pela REMUS-RJ recebeu apoio de uma emenda parlamentar (do Deputado Federal Chico Alencar, sob o nº14680017), que destinou uma quantia de R\$30.000,00 para iniciativas da área cultural e social com ações de memória e museologia social e/ou junto a museus comunitários, ecomuseus e afins. Finalmente, em 2016 foi celebrado um convênio entre a Associação dos Amigos do Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias (RJ) e o IBRAM, conforme o plano aprovado pelo Sistema de Gestão de Convênios (SICONV), e foi lançado o Edital Prêmio de Museologia Social do Rio de Janeiro. O termo de fomento que rege o plano foi denominado Redes de Memória e Resistência (REDE DE MUSEOLOGIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO, 2017).

Na primeira metade do século XX a crise europeia gerada pelas grandes guerras provoca emigrações em massa para diversos países do continente americano, o que coincide com as políticas de embranquecimento introduzidas pelos governos locais. Pessoas que fugiam de guerras, da fome, de intolerâncias diversas etc., que não encontravam alternativas viáveis para a sobrevivência em suas nações de origem e preferiam arriscar-se no “Novo Mundo”. A “Era de Ouro” (décadas de 1950 e 1960) europeia também influenciou outras partes do mundo, e no Brasil vimos a aceleração da urbanização e da industrialização (FREIRE, p.23), que trouxe consequências para uma economia predominantemente agrária. Por fim, a nova era de crise (1970-1990) europeia coincidiu com a ascensão de ditaduras militares em diversos países das Américas, governos esses que contaram com o apoio dos Estados Unidos, principal potência imperialista mundial, objetivando acelerar o desenvolvimento capitalista e consolidar a integração desses países no “sistema capitalista monopolista internacional”, como países associados periféricos. A crise no campo gera o êxodo de

grande parte da população rural, que direciona-se principalmente para os grandes centros urbanos, aumentando consideravelmente a grande massa urbana, pobre e periférica e diversas cidades brasileiras.

Relacionamos as glórias e/ou dissabores europeus com as trajetórias de povos africanos, povos originários americanos (indígenas) e imigrantes europeus, assim como o processo de desenvolvimento do capitalismo no século XX com as migrações rurais (principalmente nordestinos) e populações urbanas periféricas²⁰⁹ porque serão justamente as comunidades formadas por essas parcelas da população brasileira que serão os principais responsáveis pela criação de Ecomuseus e Museus Comunitários no contexto brasileiro.

O Brasil contemporâneo enfrenta os males causados pelos “processos desenraizadores” das sociedades globalizadas. Além dos processos mencionados acima, observa-se a disseminação da cultura de massas²¹⁰ e a universalização de hábitos, costumes etc., o que contribui para o rompimento ou processos de rompimento dos vínculos com os locais de origem – e consequentemente com familiares, vizinhos e comunidades, e também com histórias, memórias, territórios, expressões culturais, saberes tradicionais e patrimônios específicos. Algumas pessoas não saíram de seu local de origem, mas devido aos processos mencionados acima vêem diariamente suas culturas de base comunitária serem perdidas (ou esquecidas).

Apesar dos processos de ruptura, ou talvez influenciadas por eles, as Histórias privadas e públicas (individuais e coletivas) de diversos segmentos da sociedade, principalmente grupos marginalizados econômica, social, cultural, física ou religiosamente, surgem, principalmente a partir de iniciativas de pessoas físicas, coletivos, instituições públicas e privadas, pesquisas universitárias etc., e buscam seu lugar ao sol, mas não sem rasgos e fissuras, e como um tecido gasto e comido por traças, aparecem cheias de lacunas, que também permeiam os aspectos culturais das “comunidades”²¹¹.

Nesse contexto de perdas e resistências, setores populares e outras “minorias”²¹² que geralmente não adentram os espaços de memória e representação ou são por estes negligenciados, criam “espaços” próprios para preservar suas memórias, histórias,

²⁰⁹ Muitas delas sem acesso a recursos básicos como moradia digna, saúde, educação, lazer etc., direitos humanos essenciais.

²¹⁰ Que consiste na apropriação das expressões culturais pela indústria cultural, com o intuito de gerar produtos para o consumo das massas, ou seja, um objetivo meramente comercial.

²¹¹ Tradicionais ou relativamente novas, formadas por grupos que partilham históricos e anseios em comum.

²¹² Grupos marginalizados pela sociedade.

costumes, saberes (conhecimentos), fazeres (práticas), bens patrimoniais (naturais, culturais, materiais ou imateriais) etc. Esses espaços de memórias aglutinam demandas, anseios e sonhos... e tornam-se locais propositivos, responsáveis por projetos e atividades que visam tanto a preservação das memórias quanto a melhoria da qualidade de vida dos/as moradores/as das comunidades. Revelam não apenas “processos sociais que têm constituído objetos disciplinares centrais para a legitimação de processos culturais ofuscados pelas dinâmicas políticas das elites” (LÓPEZ ROSAS, 2015, p.116), mas também diversos atores sociais outrora excluídos dos espaços de memória. E não é mais preciso e desejável que falem por eles, pois estes assumem um discurso em primeira pessoa e contam eles próprios suas histórias e memórias, como foi possível verificar nos discursos de representantes de diversos museus comunitários e ecomuseus em eventos, na bibliografia acessada, nas redes sociais e *websites* dos diversos museus pesquisados e nas visitas realizadas a alguns deles²¹³.

A existência de experiências museológicas sob diversas denominações demonstram a atual necessidade de memória dessas comunidades, que historicamente tem suas histórias e memórias desvalorizadas e desprestigiadas pelas políticas públicas. A conservação e o acúmulo de coleções aos poucos deixam de ocupar o espaço central nas reflexões sobre a preservação patrimonial, e cede espaço para uma maior preocupação com as interações sociais e com os patrimônios identificados e reconhecidos coletivamente como tais, para processos de autoreconhecimento identitário pelas comunidades (além de seu reconhecimento externo), e abrem espaço para que sejam tratadas questões “perturbadoras” da sociedade contemporânea ou problemas internos das próprias comunidades etc. Todos esses processos contribuem e legitimam as reivindicações políticas das comunidades em prol de seu desenvolvimento sustentável.

Mesmo reconhecendo a existência de alguns descompassos entre teorias e práticas – pois geralmente quem teoriza não é aquele que vive o cotidiano –, é possível, depois de tudo o que foi exposto, considerar os avanços da Museologia brasileira nas últimas décadas, especialmente a Museologia desenvolvida sob bases comunitárias.

²¹³ Especialmente no Ecomuseu Nega Vilma (em 07/12/2014), no Museu Indígena Kapinawá (em 16/08/2016), no Museu da Beira da Linha do Coque (em 21/08/2016), no Museu do Horto (em 15/09/2016), no Museu da Maré (em 15/09/2016).

Capítulo IV – O que nos dizem as fichas museográficas?

O atual Capítulo tem como objetivo analisar alguns dados apresentados nas fichas museográficas individuais, elaboradas a partir das informações coletadas em diversas fontes, apresentadas na íntegra do Apêndice B. Buscamos evidenciar as principais semelhanças e diferenças entre as iniciativas museológicas, como as formas de gestão, contextos de origem, objetivos das iniciativas, concepções de patrimônio, metodologias empregadas em suas atividades etc.

4.1. Sobre Formas de Gestão, Capacitação, Parcerias e Sustentabilidade

Nas Definições Evolutivas de Ecomuseu elaboradas em 1973 e 1976, apesar de defender a participação comunitária na construção e funcionamento dos ecomuseus, Georges Rivière evidencia a participação comunitária em sua gestão, o que fica evidente na versão de 1980, onde o museólogo defende que o ecomuseu é um instrumento que deve ser concebido, criado e explorado conjuntamente pelo poder público e pela população (HUBERT, 1993, 191-192), o que fica evidente em sua concepção de gestão compartilhada que agrega universidades (Comitê científico), representantes dos órgãos financiadores e administração pública (Comitê administrativo) e representantes de associações e sindicatos locais (Comitê de usuários) (BARBUY, 1995, p.225).

Quando Hugues de Varine (*apud* DECARLI, 2003, p.10-12), em 1973, distingue o Ecomuseu de Meio Ambiente do Ecomuseu de Desenvolvimento Comunitário, a nosso ver, lança as bases para a distinção de dois perfis museológicos. O primeiro, por “teoricamente” se tratar de uma modernização dos “museus ao ar livre” e abarcar grandes porções territoriais, a população é considerada objeto de estudo e público privilegiado da ação educativa. Já o segundo, de caráter mais experimental, tem “origem e essência comunitária” (*idem*, p.12). Nele, a comunidade deixa de ocupar uma posição passiva e além de objeto e público do ecomuseu, é também sujeito de ação, responsável por sua gestão, com o apoio de coletividades organizadas e associações.

André Desvallées (2015c, p.21-26) é categórico ao defender a existência de “verdadeiros ecomuseus”, originários de uma demanda social e geridos pela população, e “falsos ecomuseus”, geridos por terceiros. Heloisa Barbuy (1989) explica que, apesar do principal pressuposto dos ecomuseus ser a atuação e a iniciativa das populações locais, este foi o menos utilizado pelas experiências francesas, que tornaram-se menos democráticas do que era desejado, pois o sistema de autogestão urbana idealizado por Rivière pouco funcionou. A autora nos lembra que a criação dos ecomuseus franceses deveu-se a uma política sociocultural que visava implantar um polo turístico em regiões que perdiam sua vitalidade e impulsionar financeiramente os territórios, tendo como base os patrimônios locais. No entanto, considera que a transformação dos ecomuseus em agremiações, partidos políticos, postos de assistência social etc., assim como sua condução por leigos, os afastava dos trabalhos museológicos (BARBUY, 1995, p.226).

De acordo com Bruno Brulon (2014, p.30-47), os ecomuseus são museus com um modo de organização original que associa os poderes locais aos organismos do Estado. Ao enumerar alguns mitos fundadores ligados às iniciativas museológicas, menciona o “mito da participação”. No seu ponto de vista a noção de uma museologia participativa leva à crença de um “modelo democrático e ‘aberto’” (*idem*, p.40), que refletiria uma participação “da base”, o que considera uma “ilusão museal” (*idem*, p.42).

Ao analisar a bibliografia de referência é possível notar que diversos ecomuseus não surgem necessariamente de iniciativas comunitárias, podendo estar associados a projetos de extensão universitária, como por exemplo o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Ouro Preto/MG), projetos governamentais, como o Museu do Seringal Vila Paraíso (Manaus/AM) e até mesmo a iniciativas de empresas privadas ou público-privadas, como o Ecomuseu da Cultura do Vinho (Bento Gonçalves/RS) e o Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR)²¹⁴. Já os museus comunitários são apresentados como iniciativas intrinsecamente comunitárias, apropriadas e geridas pelas populações, feitas para, com e por elas (ALONSO FERNÁNDEZ, 2001; DESVALLÉES, 2015a, p.97; MORAES; CAMARENA, 2004, 2009; VARINE, 2014b). Ou seja, teoricamente, a base fundamental dos ecomuseus e museus comunitários seria a gestão comunitária.

Sabemos que o ato de gerir, administrar uma organização, instituição ou mesmo uma empresa, pode ocorrer de diversas formas. Ao observarmos os ecomuseus e museus comunitários brasileiros notamos que em alguns casos fica claro quem foi responsável

²¹⁴ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 56, 38, 81 e 9 do Apêndice B.

pela sua criação, pela gestão e os/as parceiros/as das iniciativas museológicas. Em outros casos fica um tanto vago, e não podemos encontrar nem nos *websites* e redes sociais próprios, tampouco nas divulgações das atividades museológicas realizadas por terceiros. A referência bibliográfica acessada nos possibilitou identificar algumas composições em relação à gestão dessas experiências museológicas²¹⁵:

- 19 são geridos por órgãos de Prefeituras Municipais;
- 3 são geridos por órgãos de Governos Estaduais;
- 11 são geridos por Universidades;
- 34 são geridos por organizações indígenas (institucionalizadas ou não);
- 11 são geridos por Terreiros/Ilês de Candomblé;
- 2 são geridos por empresas;
- 40 são geridos por Associações (ou Fundações) diversas²¹⁶;
- 25 são geridos por ONG's ou OSCIP's²¹⁷;
- 37 possuem outros tipos de organização (conselhos gestores mistos, professores etc.).

As informações acima apresentadas evidenciam que as formas de gestão dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros possuem diversas composições.

Quando a gestão é realizada pelas Prefeituras, geralmente ocorre por meio de suas Secretaria de Educação, Cultura, Esportes, Turismo, Meio Ambiente, Juventude, Agricultura e Desenvolvimento Econômico. Isso demonstra o potencial dessas iniciativas museológicas em envolver diferentes áreas em prol do desenvolvimento local. Três dos museus pesquisados são geridos pelas Secretaria de Cultura dos Governos dos Estados (Amapá, Tocantins e Amazonas): Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque (Oiapoque/AP), Ecomuseu do Seringal Vila Paraíso (Manaus/AM) e Yny Heto - Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Javaé e Karajá (Formoso do Araguaia/TO)²¹⁸.

No caso da gestão por Universidades, geralmente ocorre por meio de seus Departamentos ou Fundações criadas com esse fim. No entanto, nem sempre fica claro se existe um vínculo institucional ou apenas pessoal por parte dos docentes, que

²¹⁵ Excetos algumas exceções que não conseguimos comprovar nossas suposições e optamos por não considera-las.

²¹⁶ Exceto as indígenas, especificadas no item anterior.

²¹⁷ OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

²¹⁸ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 22, 38 e 105 do Apêndice B.

desenvolvem projetos de extensão universitária aproveitando os recursos das universidades, promovendo dessa forma uma maior aproximação destas com a sociedade por meio de ações de intervenção social. Em alguns casos os egos ou egoísmos acadêmicos acabam prejudicando as relações entre academia e comunidades, pois como nos lembra Leonardo Carneiro (2016, p.1), nem sempre as relações ocorrem de forma horizontal, não hierárquica e dialógica.

Sabemos que as comunidades indígenas e comunidades-terreiros possuem organizações sociais que respeitam algumas hierarquias, e acreditamos que essas hierarquias são espontaneamente transmitidas para as iniciativas museológicas. Consideramos, no entanto, que não se tratam de hierarquias autoritárias²¹⁹, mas de divisões de tarefas que ajudam a estruturar os diversos trabalhos realizados, de modo a delegar responsabilidades e deveres específicos. Observamos em alguns eventos museológicos, como por exemplo o V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários²²⁰ e II Fórum Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco²²¹, que há espaço de atuação de diversas lideranças, inclusive de crianças e adolescentes, nas experiências museológicas desenvolvidas por essas “comunidades” específicas.

No caso das gestões por empresas percebemos um esforço em aproximar o público, estimulando sua participação na atividades do museu. No caso do Ecomuseu da Cultura do Vinho (Bento Gonçalves/RS) não conseguimos identificar que tipo de participação existe no ecomuseu por parte da população local, já o apelo turístico para o público visitante é evidente. Já no caso do Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR) foi possível notar que existem esforços para que atores regionais dos 29 municípios em que o ecomuseu atua participem dos “diálogos referentes às demandas e especificidades patrimoniais e culturais da região” (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.296). Menos evidente está o poder de decisão desses atores sociais na iniciativa museológica.

Quando a gestão é realizada por meio de Associações da Sociedade Civil, de Moradores, de Produtores Rurais, Culturais etc., Fundações, ONG's ou OSCIP's²²², em alguns casos uma co-gestão envolvendo universidades e comunidades (por meio

²¹⁹ Embora reconheçamos que talvez possam existir casos de excessos.

²²⁰ Realizado entre os dias 14 e 17 de outubro de 2015 em Juiz de Fora (MG).

²²¹ Realizados entre os dias 15 e 20 de agosto de 2016 no Território Indígena Kapinawá (Buíque/PE).

²²² Entidades de interesse público, mas de direito privado, com pessoa jurídica (mas sem proprietários), geralmente criadas por meio de doações de particulares ou com recursos do Estado.

de associações civis organizadas ou coletivos – institucionalizados ou não) é possível notar uma diversidade grande na composição dos “núcleos gestores”, envolvendo lideranças comunitárias, estudantes de diversos níveis, professores, profissionais de diversas áreas, mestres/as da Cultura Popular etc., o que também é verificado nos conselhos gestores das demais iniciativas.

Embora os níveis de participação comunitária sejam constantemente questionados nos eventos museológicos, sabemos que nenhum museu é administrado por apenas uma pessoa. Os níveis de participação, obviamente, depende das relações sociais desenvolvidas pelas iniciativas museológicas. Além disso, são experiências dinâmicas, cujos núcleos gestores são rotativos. No caso das experiências geridas por órgãos associados ao poder público e universidades, verificamos que é necessária grande sensibilidade por parte dos profissionais responsáveis pela mediação com as comunidades, de modo que ao mesmo tempo haja espaço para que as comunidades tenham “voz ativa” e que tenham suas demandas atendidas, mesmo que em alguns casos aparentemente fujam aos interesses museológicos. Como afirmar, no entanto, que as demandas sociais em momentos posteriores não serão elementos importantes na composição dos acervos dos ecomuseus e museus comunitários?

Embora haja reivindicações para que o poder público se comprometa com a preservação das memórias e patrimônios dos grupos sociais outrora não contemplados nos espaços de memória “oficiais”, nota-se que isso não necessariamente deve ocorrer de forma direta, já que a maior parte dos museus pesquisados não são geridos por meios oficiais.

Uma das exigências do Programa Pontos de Memória (IBRAM/MinC) é que as experiências sejam administradas por Conselhos Gestores, visando justamente sua inserção e enraizamento nas comunidades. No entanto, há relatos de que nem sempre esse formato funcionou, havendo inclusive disputas internas por poder (MOURA, 2016; ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2016, p.87).

Não ignoramos a existência de relações de poder no interior das comunidades, e que cada indivíduo de uma equipe possui diferentes níveis de poder em um determinado local (organização ou instituição) e exercem influência sobre outras. Vale acrescentar que em um país que viveu sob sistema escravista por quase quatro séculos, os descendentes das populações submetidas à escravidão ainda hoje sofrem os efeitos das relações de poder em suas vidas cotidianas.

Do mesmo modo, as iniciativas em que gestão é compartilhada com órgãos do poder público e universidades, também enfrentam conflitos. Alguns deles são comentados em diálogos paralelos durante os encontros museológicos, mas dificilmente os encontramos como conteúdo de artigos acadêmicos e de revistas especializadas. Refletindo sobre a relação universidade-sociedade, Leonardo Carneiro (2016, p.1) defende que as “metodologias participativas devem dar conta de promover o encontro entre academia e sociedade em posicionamentos horizontais, não hierárquicos e dialógicos”, onde o outro – sua fala, conhecimentos, práticas e opiniões – seja reconhecido “enquanto sujeitos individualizados ou institucionalizados, coletivizados” (*idem*, p.3).

Talvez as dificuldades em estabelecer gestões compartilhadas estejam relacionadas à inexperiência de autogoverno mencionada por Freire (2013, p.90) e evidenciam a necessidade de construirmos cotidianamente mais espaços em que seja possível desenvolver comportamentos participantes, formas de diálogo e autogestão, para que tenhamos “considerável experiência e conhecimento da coisa pública” (*idem*, p.109).

O Professor e Sociólogo Nildo Viana (2007, p.1) explica que “a forma de relacionar democracia e autogestão depende da definição e significado dos termos”, e que ao mesmo tempo em que existem teses que defendem serem estas expressões opostas, há outras que defendem que são complementares. Para o autor “a autogestão geralmente é compreendida como ‘democracia direta’”, diferente da concepção da democracia moderna, que seria uma democracia representativa. Citando Carlos Néelson Coutinho, o autor menciona ser possível a existência de uma “‘dualidade de poderes’, isto é, a convivência entre democracia representativa e democracia direta” (*idem*).

Para Hugues de Varine (2005, n.p.), “a organização do museu comunitário deve de qualquer maneira repousar sobre métodos de gestão completamente diferentes dos museus oficiais”. Talvez a administração de ecomuseus e museus comunitários por empresas ou gestões públicas facilitem a sua sustentabilidade financeira, mas pode também inibir a participação das comunidades em sua gestão, como ocorreu no Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu/PR), que quinze anos após sua criação (1987) passou por um momento de “revisão conceitual da gestão socioambiental” (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.295), ampliação de sua missão e de seu território de abrangência (dos 16 municípios iniciais para os 29 municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Paraná 3), reorganização da ação ambiental e fortalecimento de sua atuação e relação com os municípios e atores regionais, estimulando a participação destes “nos

diálogos referentes às demandas e especificidades patrimoniais e culturais da região” (*idem*, p.296)²²³.

Também é possível que a relação com os órgãos públicos também iniba a participação de membros das comunidades na gestão dos museus quando são contratados profissionais que não residem nos territórios de atuação do museu, por meio de cargos de confiança, que geralmente mudam de uma gestão para outra.

Mathilde Bellaigue (1993, p.76) alerta que o poder público “sempre deseja que a ação seja espetacular”, ou seja, ações que dêem visibilidade para os governos, o que pode comprometer o desenvolvimento dos processos museológicos de base comunitária, onde as dinâmicas ocorrem em tempos diferentes daqueles idealizados por gestões públicas, que primam pela “cultura dos resultados”, valorizando as metas alcançadas. Há ainda que se pensar nas relações de poder e disputas políticas existentes dentro das dinâmicas internas das próprias comunidades, pessoas que utilizam de algo público em prol de benefícios privados ou ainda disputas de egos existentes entre lideranças comunitárias.

As disputas ficam evidentes ao nos debruçarmos sobre as trajetórias de alguns museus. Sobre as disputas com o poder público pela gestão do museu temos como exemplo o NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz, o Ecomuseu de Santa Cruz (ambos no Rio de Janeiro/RJ) e o Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas” (Vitória/ES)²²⁴. Sobre a utilização da “coisa pública” em prol de benefícios privados temos como exemplo os relatos mencionados por Camila Moura (2016, p.146) sobre o Ponto de Memória da Terra Firme (Belém/PA)²²⁵. Sobre as disputas políticas e conflitos entre lideranças utilizamos como exemplo o Museu da Beira da Linha do Coque, o Museu Mangue do Coque (ambos em Recife/PE) e o Museu Treze de Maio (Santa Maria/RS)²²⁶. Enfim, está claro que mesmo os museus comunitários e ecomuseus são lugares de conflitos, e podemos considerá-los “empecilhos” ao desenvolvimento dos museus, mas também como uma característica que deve ser observada com mais atenção, devido à sua complexidade. Com base nos movimentos sociais, Maria Amélia Teles (1993, p.128) alerta que “o importante é discutir com franqueza e sem medo, não só a autonomia como a questão do poder”, o que pode ser trazido para o campo museológico. Para Maria Célia Santos (2008, p.109), “mais importante que buscar

²²³ Para maiores informações sobre o Ecomuseu de Itaipu vide a Ficha 9 do Apêndice B.

²²⁴ Para maiores informações, vide respectivamente as Fichas 6, 19 e 15 do Apêndice B.

²²⁵ Para maiores informações sobre o Ponto de Memória da Terra Firme vide a Ficha 86 do Apêndice B.

²²⁶ Para maiores informações, vide respectivamente as Fichas 121, 110 e 42 do Apêndice B.

soluções totais é reconhecer que se trata de um processo prolongado de aprendizagem, cuja primeira etapa é aprender a aprender”.

Acreditamos que as experiências são válidas, mesmo que hajam conflitos, já que a gestão comunitária dos patrimônios locais proporcionada por essas experiências museológicas, além de garantir a preservação das memórias, cultura material e imaterial dessas comunidades, possuem o potencial de contribuir com a construção de sua autonomia e autodeterminação. A cada encontro museológico com museus dessa tipologia é notável um empoderamento cada vez maior por parte de seus/suas representantes. Com base em Maria Célia Santos (2008, p.22), consideramos esse empoderamento uma “passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade”, que não apenas observa, mas se apropria e reapropria do patrimônio cultural, buscando construir novas práticas sociais.

Poderíamos supor que os/as moradores/as das comunidades²²⁷ economicamente ativos (homens e mulheres em idade “apropriada” para a composição do mercado de trabalho) tenham grandes dificuldades para participar das atividades museológicas dos ecomuseus e museus comunitários. Afinal de contas, dispor de tempo livre para participar de atividades culturais pode ser visto como um privilégio que nem todos/as temos acesso. Nas periferias urbanas principalmente, as altas cargas de horário de trabalho, somadas ao tempo gasto com transporte e afazeres domésticos são fatores importantes que dificultam a participação de grandes parcelas da população em atividades desenvolvidas nas mesmas. No entanto, é notável que cada dia mais se enfatiza a importância de “tempo livre” para o lazer e o divertimento, o que também é visível nessas comunidades. Com base em Wilson Lopes Junior e Regina Santos (2009, p.351), consideramos ainda que, nas últimas décadas, novas centralidades se apresentam à dualidade centro x periferia, devido à reorganização espacial das cidades, que vê surgir novas áreas com atividades comerciais e de serviços. Dessa forma, muitas pessoas que não residem ou trabalham nos centros urbanos não precisam se deslocar cotidianamente em sua direção, o que favorece o envolvimento com programações culturais em seus próprios bairros de origem.

Ao observarmos as fotografias de divulgação postadas pelos ecomuseus e museus comunitários em seus *websites* e redes sociais, é possível identificar pessoas de diversas faixas etárias participando das atividades museológicas. Dessa forma, percebemos que a participação comunitária não se limita a determinadas faixas etárias que teriam mais “tempo livre” disponível.

²²⁷ No caso daquelas que ocupam geralmente as periferias dos centros urbanos.

Em artigo recente, A Professora Ana Maria Zen (2014, p.355-372) relata os benefícios que a parceria entre o Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (Porto Alegre/RS) trouxe às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária. Ao mesmo tempo em que descreve o afastamento da comunidade da gestão do museu, enfatiza a aproximação deste último com as escolas locais, graças às ações desenvolvidas pelos estudantes universitários em atividades de extensão universitária. A autora utiliza os termos *utopia* para caracterizar a idealização presente nos primeiros anos do museu e *atopia* para caracterizar a transformação da experiência em algo novo. Porém, o novo não é desqualificado, pelo contrário, é percebido como uma nova fase do museu, em que os estudantes (universitários e do ensino básico) assumem-se como sua nova “comunidade” de atuação e gestão. O relato é interessante no sentido de evidenciar as diversas comunidades que compõem a experiência museológica em diferentes momentos de sua existência.

De acordo com Andrea Vial (2015, p.11), a participação de diferentes grupos sociais nas políticas culturais e nas políticas de preservação de bens culturais e ambientais no Brasil tem sido restrita, “ficando sob a responsabilidade de indivíduos com alto grau de especialização profissional”. A autora acredita que esses processos museológicos tem um potencial transformador desde que sejam utilizados como instrumentos catalisadores de outras lutas (em prol do desenvolvimento social, econômico e cultural) empreendidas por movimentos sociais, ou mesmo pela permanência ou reconquista de um território por meio da implantação de um ecomuseu (VIAL, 2015, p.10). É notável que essas demandas sociais estão presentes em muitas das iniciativas museológicas, assim como suas respectivas organizações (de mulheres, indígenas, de trabalhadores rurais, entre outras). Um desses casos é vivenciado pelo Museu Indígena Pitaguary²²⁸ (Pacatuba/CE), que foi instalado na região de uma pedreira existente na Aldeia Pedreira dos Encantados, localizada em um território sagrado do Povo Pitaguary (localidade de Monguba), que foi retomado e é reivindicado como parte de seu território tradicional. A antiga pedreira Britaboa causou grande degradação ambiental na região, e corre o risco de ser reaberta a qualquer momento. Fica notável que além de espaço de memória, patrimônio, arte e cultura, o museu é também uma ferramenta fundamental para as lutas sociais das comunidades.

Muitos esforços no sentido de capacitação são realizados por meio da contribuição dos/as parceiros/as dos museus, de forma individual ou através das redes de

²²⁸ Para maiores informações sobre o Museu Indígena Pitaguary vide a Ficha 163 do Apêndice B.

museologia. Contribuem muitas pessoas físicas, profissionais de diversas áreas, coletivos, associações, ONG's, sindicatos e outras instituições existentes nos bairros ou de bairros adjacentes, museus tradicionais públicos e privados, outros ecomuseus e museus comunitários, os Sistemas Estaduais de Museus, Prefeituras e Governos dos Estados (principalmente por meio de suas Secretarias de Cultura), comércios e empresas, escolas públicas e privadas (de níveis fundamental e médio) e universidades. Vale frisar que essas parcerias geralmente não ocorrem de forma constante, podendo durar um período de tempo ou ocorrer apenas em ações pontuais.

É interessante observar como as instituições de ensino superior estão presentes nesses museus por meio de seus docentes ou discentes. No entanto, não se trata apenas de alunos e professores de cursos graduação em Museologia, mas muitos outros cursos que exigem estudos de campo nas pesquisas de seus alunos. Causou-nos surpresa a quantidade de pesquisas realizadas sobre os museus ou sobre as organizações às quais estão vinculados. Esses estudos comprovam a abertura desses espaços museais para a recepção de estudantes universitários, o que contribui ainda mais com a divulgação das atividades realizadas. Além da divulgação, é possível observar, em alguns casos, outros tipos de contrapartida por parte dos estudantes, que contribuem com as atividades dos museus oferecendo formações técnicas ou atuando na organização das atividades museológicas (pesquisa-ação).

Compartilhar o conhecimento adquirido na academia com as comunidades envolvidas nesses processos museológicos contribui tanto com a democratização do acesso às atividades desenvolvidas pelas instituições de ensino superior quanto aumentar o diálogo entre academia e sociedade. Não é possível acompanhar se o conhecimento adquirido e elaborado por meio das atividades de campo nos museus e exposto nas pesquisas acadêmicas retornam a estes e são utilizados pelos seus integrantes, contribuindo com o desenvolvimento das iniciativas, inclusive na realização de autocríticas. Talvez seja importante que estudantes-pesquisadores tenham uma postura mais pró-ativa nos momentos posteriores à finalização das pesquisas, certificando-se que estas foram acessadas pelas experiências museológicas, diferindo assim de tantos pesquisadores que adentraram/adentram as comunidades e não dão um retorno sobre estudos desenvolvidos.

Algumas das pessoas envolvidas com iniciativas museológicas, moradores das comunidades, estão ingressando as universidades visando uma formação qualificada ancorada em uma certificação "oficial". Não sabemos se a formação em Museologia por meio de cursos de graduação corresponderão às necessidades apresentadas

pelos ecomuseus ou museus comunitários, mas é importante observar que existe uma busca pela formação acadêmica por parte de membros envolvidos com essa tipologia de museus.

Os encontros promovidos pelas diversas Redes de Museologia também tem contribuído imensamente para a formação museológica dos membros das comunidades, tanto no sentido atitudinal, por meio de discussões conceituais, reflexões críticas sobre os museus e compartilhamento dos problemas, a fim de encontrar soluções viáveis que possam contemplar o maior número de iniciativas museológicas possível, quanto como espaço de formação técnica, por meio de oficinas e cursos de Museologia Social, Inventário Participativo, Audiovisual, Gestão de Acervos, entre outras²²⁹. De acordo com Santos (2008, p.103), “a meta é desenvolver os talentos dos trabalhadores a fim de desenvolver todo o sistema”.

Iniciativas como o Programa Pontos de Memória, apesar das boas intenções, demonstraram-se falhas na formação oferecida aos integrantes das iniciativas premiadas, como demonstram os relatos de vários dos “Pontos Pioneiros” (MOURA, 2015) na publicação “Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social” (ORGANIZAÇÃO [...], 2016). Visando integrar os diferentes esforços de formação já empreendidos e facilitar o processo de formação, o IBRAM criou o Programa “Saber Museu”, “um ambiente virtual de aprendizagem – *Moodle*, com o propósito de expandir o acesso aos conteúdos instrucionais que serão produzidos e disponibilizados *online*, para além da oferta direta e pontual de oficinas presenciais, que deverão ser retomadas e redesenhadas nesse novo projeto” (IBRAM, 2015). Por ser um curso on-line, talvez perca-se muito das dinâmicas e relações sociais que se desenvolvem nos encontros entre Pontos de Memórias.

As parcerias podem contribuir para o preenchimento de muitas lacunas quanto aos recursos humanos e materiais necessitados pelos ecomuseus e museus comunitários. No entanto, ainda se tratam de ações pontuais, que podem deixar de ocorrer a qualquer momento.

A relação de parceiros com os quais as iniciativas museológicas trabalham demonstram grande envolvimento de grupos culturais e educativos que já desenvolvem algum projeto nas comunidades, e alguns deles inclusive se revezam na gestão dos museus, como ocorre por exemplo no Museu do Percurso do Negro em

²²⁹ Alguns cursos e oficinas promovidos pela REMUS-RJ ou por um dos museus que a compõe, com o seu apoio.

Porto Alegre (RS), onde a gestão é realizada por projetos, e em cada projeto uma ONG do Movimento Negro local assume a gestão da iniciativa²³⁰, ou no Museu do Alto Sertão da Bahia (Caetité, Guanambi e Igaporã/BA), onde os grupos locais revezam a gerência da Associação de Amigos do Museu do Alto Sertão da Bahia (AMASB), responsável pela gestão das questões sociais do museu. Neles, os coletivos, grupos culturais e projetos sociais locais desenvolvem muitas de suas atividades, divulgando-as e potencializando-as, como podemos observar no Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ)²³¹, onde ocorrem diversas atividades lúdicas e educativas envolvendo coletivos da comunidade, grupos de teatro, de artesanato etc., como por exemplo o Projeto Marias Maré (Grupo de Produção Artesanal) e o Projeto Ondas Radiofônicas: Processos Colaborativos em Arte Pública e Sonora (parceria com a FUNARTE e a CEASM²³²). São diversos os grupos teatrais, de dança, artes visuais, coletivos audiovisuais, entre outros, que compõem a rede de parceiros dos museus, e muitos de seus representantes também compõem os núcleos gestores.

Alexandre Gomes e João Paulo Vieira (2009), ao exporem o processo de criação e desenvolvimento de alguns museus indígenas no Ceará, enfatizam a importância do estabelecimento de parcerias com escolas locais. Diante da crise educacional que vivemos em nosso país, esse é um desafio que pode gerar grandes frutos, tanto para os museus, já que muitos precisam contar com a ação voluntária de membros das comunidades, quanto para os próprios estudantes e instituições escolares, já que pode contribuir com os processos formativos dos alunos e a reconstrução do espírito comunitário na comunidade escolar (que inclui alunos, professores, funcionários, mães, pais e outros familiares, comerciantes, além de membros da comunidade no geral), o que pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade como um todo.

A parceria com escolas de nível fundamental e médio foi uma característica extremamente interessante em algumas iniciativas museológicas nas quais os próprios alunos são responsáveis pela realização de atividades técnicas ou educativas dos museus. Crianças e adolescentes se apropriam dos discursos, reflexões, métodos museológicos e formas comunicacionais, como é possível observar no Ecomuseu Maranguape (Maranguape/CE), no Museu Indígena Kanindé (Aratuba/CE), na

²³⁰ Para maiores informações sobre o Museu do Percorso do Negro em Porto Alegre vide a Ficha 95 do Apêndice B.

²³¹ Para maiores informações sobre o Museu da Maré vide a Ficha 65 do Apêndice B.

²³² Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM).

Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda/CE)²³³, entre outros.

Além das instituições de ensino formal (escolas e universidades) vale mencionar o importante intercâmbio realizado por essa tipologia de museus com instituições como bibliotecas públicas e comunitárias, centros culturais etc. Essas ações “em rede” refletem qualitativamente nas ações de curadoria coletiva, que privilegia o compartilhamento teórico, metodológico e técnico.

Apesar de alguns museus tradicionais/oficiais estarem presentes na relação de parceiros dos ecomuseus e museus comunitários, sua presença é tímida em comparação à presença das universidades. O que justificaria essa distância em um momento em que diversos museus tradicionais resolvem abrir-se às comunidades de seu entorno é uma questão válida a se explorar.

Em diversas cidades brasileiras são criados grupos culturais de forma voluntária, que promovem atividades e sobrevivem de forma autônoma, sem recursos e sem que as gestões públicas se proponham a colaborar com suas atividades. Esse descompromisso impacta especialmente os/as diversos/as arte-educadores/as que, apesar de profissionais, não são reconhecidos como tais, sendo acometidos/as por discursos idealizadores de uma suposta “paixão pela arte”, como se eles/as também não precisassem se alimentar, morar, vestir etc. Alguns problemas apresentados pelos museus seguem essa mesma tendência, pois vários deles apresentam dificuldades em obter recursos para o seu manutenção, transtornos causados pela ausência de espaços físicos, mesmo naqueles museus que realizam suas atividades de forma itinerante, ao ar livre, entre outros.

Para Hugues de Varine (2013, n.p.) é preciso refletir sobre a “gestão econômica e comercial dos ecomuseus”, ou seja, é necessário “conceber e executar uma política de sustentabilidade” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.58). Para o autor, somente atividades pontuais devem ser financiadas por recursos públicos, pois em sua opinião, “a independência do museu e seu caráter comunitário custam esse preço” (VARINE, 2005, n.p.). Varine (2005, n.p.) justifica que, por seu caráter de processo, os museus comunitários “devem nascer e sobreviver dos recursos da comunidade, essencialmente não-monetários”. Por um lado, garantir formas de subsistência no seio da comunidade pode garantir a autonomia do museu, por outro, como não exigir do Estado, ao qual todos nós estamos submetidos e ao qual todos mantemos

²³³ Maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 61, 20 e 12 do Apêndice B.

financeiramente, que não retorne para a população benefícios diante dos altos impostos que pagamos, principalmente no Brasil?

Diversas iniciativas museológicas receberam apoio de programas governamentais voltados para o resgate da memória e a preservação cultural, por meio de editais de premiações como Ponto de Memória, o Ponto de Cultura, o PROAC²³⁴ entre outros. Como já mencionado, e apresenta-se claramente no Quadro 3, das 196 iniciativas museológicas pesquisadas, 52 delas já foram contempladas com premiação do Programa Pontos de Memória. Algumas iniciativas são também Pontos de Cultura, como por exemplo o Memorial Iyá Davina (Nova Iguaçu/RJ), o Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão (Salvador/BA), o Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô (Quixelô/CE) e o Ponto de Cultura Espaço Escola Áfricanamente (Porto Alegre/RS)²³⁵. E outras foram contempladas com editais do PROAC, como por exemplo o Museu Wowkriwig - Sol Nascente (Arco Íris/SP)²³⁶ e o Museu da T.I. Icatu – ainda sem denominação (Braúna/SP)²³⁷.

Estes editais públicos são apoios importantes para o fortalecimento de projetos embrionários nas comunidades ou para o desenvolvimento e consolidação de novos projetos por entidades que já desenvolvem atividades relacionadas à memória e ao patrimônio. Porém, são pontuais, e os ecomuseus e museus comunitários brasileiros precisam buscar constantemente formas de sustentabilidade que superem esses limites.

Vários deles recorrem à venda de produtos locais, como artesanatos, produtos alimentícios, vestuários etc., visando obter recursos para as iniciativas museológicas e ao mesmo tempo contribuir com a geração de renda dos moradores locais, como por exemplo o Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – MUF (Rio de Janeiro/RJ), o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU (Belo Horizonte/MG), o NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ)²³⁸ e ainda os diversos museus indígenas, que vêem o museu como espaço potencial para a preservação e divulgação de suas culturas e também para a venda de seus artesanatos.

²³⁴ O primeiro, edital do IBRAM/Ministério da Cultura, o segundo, edital do MinC e o PROAC (Programa de Ação Cultural), edital da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo.

²³⁵ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 24, 37, 44 e 49 do Apêndice B.

²³⁶ PROAC 2016 - Projeto “Ampliação e consolidação do Museu Wowkriwig”. Para maiores informações vide a Ficha 157 do Apêndice B.

²³⁷ PROAC 2017 - Projeto “Dois Povos em uma Trilha”. Para maiores informações vide a Ficha 194 do Apêndice B.

²³⁸ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 82, 122 e 6 do Apêndice B.

Também verificamos a realização de campanhas solidárias virtuais em plataformas de financiamento coletivo, realizadas por *websites* como o Kickante e o Benfeitoria²³⁹, realizadas por exemplo pelo Museu Indígena Pitaguary (Pacatuba/CE) e o Memórias do Cerro Corá (Rio de Janeiro/RJ)²⁴⁰. Há ainda opções interessantes, relacionadas ao turismo comunitário, realizadas pelos ecomuseus e museus comunitários ou por coletivos culturais que criaram museus comunitários em seu âmbito. Alguns museus que tem trabalhado nesse sentido são o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (Aquiraz/CE), o Ecomuseu Rural (Bom Jardim/RJ) e o Museu Comunitário Engenho do Sertão (Bombinhas/SC)²⁴¹. São alternativas possíveis que possibilitam novos recursos para a sustentabilidade dos museus, além da atividade incrementar a geração de renda para a própria comunidade.

A opção pelo Turismo Comunitário parece mais adequado para essas iniciativas do que o próprio Turismo Sustentável, já que, de acordo com a Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum) “compreende o turismo comunitário como estratégia de garantia de território e uma oportunidade para as populações tradicionais possuírem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo diretamente responsáveis pelo planejamento e gestão das atividades, estruturas e serviços turísticos propostos” e realiza-o “integrado à perspectiva de fortalecer a relação entre sociedade, cultura e natureza, com justiça ambiental” (REDE TUCUM, 2017b). Já a definição de Turismo Sustentável não demonstra preocupação com a autonomia e autodeterminação das comunidades, como demonstra a definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), para quem “o turismo sustentável deve ser aquele que salvaguarda o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento econômico da atividade, ou seja, capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações”.

É preciso que os museus estejam atentos aos riscos que o turismo pode acarretar. De acordo com o relator da ONU e jurista senegalês Doudou Diène (2014), o turismo é “uma das maneiras mais perigosas” de esconder as histórias dos países. O jurista defende a apropriação das histórias e memórias dos lugares para que os países não sejam representados apenas em sua “beleza estética”. Ao afirmar que “uma das maneiras de manter o silêncio sobre a escravidão consiste em transformar a identidade dos lugares”, salienta a necessidade de se lembrar que “o hotel onde está

²³⁹ Vide <https://www.kickante.com.br/> e <https://benfeitoria.com/>.

²⁴⁰ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 163 e 131 do Apêndice B.

²⁴¹ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 108, 28 e 29 do Apêndice B.

hospedado é uma antiga fazenda onde trabalharam escravos ou onde eles eram mantidos”.

Ainda há muito o que se fazer para que haja uma política pública que alcance essas iniciativas sem limitá-las a trâmites burocráticos provenientes de processos de institucionalização. Há também muitas formas de sustentabilidade possíveis que devem ser testadas por essas iniciativas de caráter experimental. Contudo, é importante que estas informações estejam acessíveis e que as metodologias contemporâneas de gestão e captação de recursos sejam apropriadas e disseminadas pelos diversos ecomuseus e museus comunitários brasileiros.

4.2. Sobre Comunicação: Patrimônio, Exposição e Atividades Museais

É possível afirmar, com base na composição dos patrimônios mencionados pelos ecomuseus e museus comunitários e descritos no campo “referências patrimoniais” das fichas museográficas, que há uma ampla noção de patrimônio por parte dessas iniciativas museológicas, envolvendo os patrimônios natural, cultural, material e imaterial. Esses patrimônios locais envolvem objetos diversos (de usos domésticos, ferramentas de trabalho etc.), fotografias, mobiliário, documentos, gastronomia, manifestações culturais, brinquedos, modos de fazer (técnicas e conhecimentos tradicionais), espaços de memória, pessoas e suas memórias, recursos naturais, paisagens culturais ou naturais, edifícios de interesse histórico, enfim, envolve concepções amplas sobre a noção de patrimônio.

De acordo com Maria Célia Santos (2008, p.105), “a ampliação do conceito de patrimônio está relacionada à criação de novas categorias de museus, como ecomuseus, museu comunitário, museu de vizinhança etc., que não estão fechados nas paredes de um edifício, mas realizam as ações museológicas em um território, com uma população”. Dos museus pesquisados muitos espalham-se pelos territórios. Alguns exemplos são: o Museu Conceitual do Distrito (Rio de Janeiro/RJ), já extinto, que foi definido como um museu ao ar livre e participativo, impulsionados por membros da equipe do Grupo Cepi, futura, ONG Mouseion, que buscou desenvolver um trabalho comunitário agregando a comunidade (moradores, trabalhadores e visitantes) por meio dos estabelecimentos locais, como estúdios de artistas, comércios, indústrias, escolas, museus, o mercado local e muitos outros, que incluíram em suas programações atividades educativas e culturais relacionadas ao

projeto do Ecomuseu²⁴², pensando na preservação integral do território, o bairro de Santa Tereza (MORO, 1985)²⁴³; o Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba (Fortaleza/CE), cuja sede está instalada em uma antiga barraca de praia adaptada, situada na Área de Preservação Ambiental (APA) e Área de Preservação Permanente (APP) do Parque Natural Municipal de Dunas da Sabiaguaba, na Foz do Rio Cocó, além da área expositiva na barraca, que possui também uma biblioteca e uma pequena lojinha, realiza a maior parte de suas atividades ao ar livre, no território da Sabiaguaba, e também por meio do Museu do Mangue Móvel, um “museu itinerante” que percorre escolas, parques, lagoas etc. em Fortaleza e outros municípios do Ceará, visando contribuir com a preservação do meio ambiente (considerando a fauna e a flora) e do patrimônio cultural (saberes, fazeres e referências culturais etc.) relacionados ao ecossistema do manguezal, com o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das comunidades ribeirinhas locais²⁴⁴; e o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (Aquiraz/CE), um museu comunitário que abarca todo o território da Reserva Indígena Jenipapo-Kanindé, que utiliza o recurso do turismo comunitário, explorando o território por meio de Trilhas Etnoecológicas - Trilha da Lagoa Encantada, Trilha da Sucurujuba, Trilha do Marisco, Trilha do Tapuio, Trilha do Morro do Urubu, contribuindo para a garantia e a preservação do território (envolvendo sua natureza e seus patrimônios natural e cultural), considerado fonte de sobrevivência física, cultural e espiritual²⁴⁵.

Alguns dos patrimônios comunitários são identificados por meio de Inventários Participativos, cuja principal referência é a metodologia disseminada pelo IPHAN por meio de publicações como “Educação Patrimonial: Manual de Aplicação” (2013), onde são apontados direcionamentos para procedimentos como pesquisa, documentação, organização e divulgação dos patrimônios coletivamente identificados.

Os Inventários Participativos podem ser úteis para revelar os patrimônios de diversas comunidades, para os quais até então não havia sido desenvolvido nenhum olhar que os enquadrasse enquanto “indicadores de memória”²⁴⁶, e que posteriormente possibilitasse a sua socialização. Trata-se do “processo no qual as comunidades

²⁴² Também apresentado como “Projeto Pandora” ou “Projeto Santa Tereza - a memória de um bairro” (MORO, 1984; MORO, 1985).

²⁴³ Para maiores informações vide a Ficha 1 do Apêndice B.

²⁴⁴ Para maiores informações vide a Ficha 36 do Apêndice B.

²⁴⁵ Para maiores informações vide a Ficha 108 do Apêndice B.

²⁴⁶ Informação verbal - expressão utilizada pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno durante a disciplina “Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos”, em aula ministrada no primeiro semestre de 2016.

assumem, em primeira pessoa, a identificação, a seleção e o registro das referências culturais mais significativas para suas memórias e histórias sociais” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.39), o que envolve, a nosso ver, a decisão de como registrar, considerando inclusive a oralidade como forma de registro e transmissão dos costumes e conhecimentos. A riqueza patrimonial a ser explorada pelos ecomuseus e museus comunitários é imensa, e os diferirá dos museus tradicionais.

Nos museus comunitários, a identificação de “heranças” e “testemunhos” ocorrem por uma pessoa ou um grupo pequeno de pessoas, o importante nesse caso é que esse patrimônio seja reconhecido pela comunidade enquanto algo que a represente socialmente. Alguns deles se originaram a partir da vontade e iniciativa de indivíduos, atores sociais que instintivamente tornaram-se colecionadores de objetos, documentos e outras referências culturais relacionados às comunidades às quais pertencem, e apenas posteriormente se tornaram coletivos. Alguns exemplos são o Cacique Sotero²⁴⁷ (Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé – Aratuba/CE), a Dona Socorro Potyguara (Museu Indígena Maria Firmina de Melo e Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho, ambos em Monsenhor Tabosa/CE²⁴⁸) e o Sr. Sylvio Bittencourt (Museu Memória do Jaçanã - São Paulo/SP²⁴⁹). Este último faleceu em março de 2017, e desde então o museu vem sendo mantido por moradores voluntários membros da Associação Museu Memória do Jaçanã. Basta saber se a paixão que moveu o Sr. Sylvio Bittencourt a criar e manter o museu por tantos anos tomará os corações de seus novos impulsionadores.

É preciso, portanto, que a escolha sobre quais memórias e patrimônios importantes para a comunidade sejam constantemente apropriados culturalmente, para que os ecomuseus ou museus comunitários não imobilizem e “congelem” o patrimônio, utilizando o termo apresentado por Graça Filipe e Hugues de Varine (2015, p.27) a fim de representar alguns riscos da patrimonialização, ou ainda para que os museus não “envelheçam” (FILIPE; VARINE, 2015, p.21-28), termo utilizado a fim de representar a mudança de gerações nesses museus e a dificuldade de acompanhar as mudanças trazidas com o tempo e manter os conceitos iniciais em que as experiências museológicas se basearam.

²⁴⁷ O Cacique Sotero se destaca porque não apenas formou uma coleção, mas também a classificou de forma única. Para maiores informações sobre o Museu Indígena Kanindé vide a Ficha 20 do Apêndice B.

²⁴⁸ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 97 e 145 do Apêndice B.

²⁴⁹ Criado em 1983. Para maiores informações sobre o Museu Memória do Jaçanã vide a Ficha 7 do Apêndice B.

Para Santos (2008, p.37) “não é necessária a existência de uma coleção para que seja instalado um museu”. No entanto, o esforço empreendido em recuperar, salvaguardar e transmitir as memórias coletivas comunitárias pode gerar acervos (conjunto de objetos retirados de seus locais e usos), que são “dinâmicos, vivos e em constante mudança” (SOUZA, 2012, p.93), mas em algum momento exigem espaços adequados para seu armazenamento.

De acordo com Luis Alonso Fernández (1999, p.144), reconhecer os objetos como patrimônio é um ato social, “[...] se um indivíduo realiza, só e primeiramente, este reconhecimento é necessário que outros membros da comunidade lhe sigam e acordem comumente colocar estes objetos fora do mundo cotidiano e considere-os como bem comum”. Verificamos nos museus pesquisados que os patrimônios nem sempre deixam o mundo cotidiano para adentrar o universo museológico, apenas são reconhecidos como bens comuns e, posteriormente, são pensadas formas para preservá-los. Por exemplo, caso de coisas materiais como objetos, muitos ecomuseus e museus comunitários são seus locais de guarda (mas não de posse), outros recebem-nos como doação por parte dos moradores locais, no caso de fotografias e documentos, muitos deles são digitalizados e higienizados pelos museus e posteriormente devolvidos aos seus donos. Um caso interessante foi a primeira exposição organizada pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) para ser exposta no Museu da República, a convite de Mário Chagas. Os objetos utilizados na exposição, emprestados por diversos/as moradores/as do Complexo da Maré, não foram aceitos de volta por estes últimos, que manifestaram o desejo de criar um lugar de memória próprio da comunidade, onde os objetos continuassem expostos, e assim surgiu a demanda para a criação do Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ)²⁵⁰.

Apesar de o valor da memória predominar mais que o dos objetos nessa tipologia de museus, as coleções podem ter sua importância como suportes de memória e inclusive como documento histórico. O ponto central do trabalho museológico, no entanto, é o patrimônio contextualizado, considerando os territórios, as culturas locais, a população, a natureza etc., ou seja, o patrimônio integral.

A comunidade local, público e ator social dos ecomuseus e museus comunitários, tem por eles proporcionada a possibilidade de transformar-se em sujeito dos processos de patrimonialização e musealização, contribuindo ativamente na identificação, proteção, preservação, (re)interpretação e (re)apropriação de seu próprio patrimônio, e assim

²⁵⁰ Para maiores informações sobre o Museu da Maré vide a Ficha 65 do Apêndice B.

possibilitando a vinculação entre passado e presente, o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a própria história e possíveis redefinições de identidades.

A conservação de objetos não se apresenta como algo essencial para a maior parte dos museus dessa tipologia, mas notamos a oferta de cursos de conservação nas atividades organizadas por vários deles, como por exemplo o Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna (Benjamin Constant/AM) – Oficina de Conservação Preventiva, a Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri (Nova Olinda/CE) – Oficina de Conservação do Patrimônio, o Museu Didático-Comunitário de Itapuã (Salvador/BA) – Conservação de Papel e Fotografia, e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião (Porto Alegre/RS) – Conservação de Acervo²⁵¹.

Notamos que existe uma grande necessidade de registrar as memórias, os saberes e fazeres, enfim, toda a dimensão imaterial das culturas locais, especialmente por meio de recursos fotográficos e audiovisuais. Como nos recorda Andreas Huyssen (2000, p.20), “a memória vivida é ativa: tem vida, está encarnada no social, vale dizer, nos indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Essas são as memórias necessárias para construir os diferentes futuros locais em um mundo global”. A tecnologia apresenta-se como recurso importante para garantir a preservação desses patrimônios comunitários, para que memórias, histórias, personagens, saberes e fazeres não sejam perdidos ou esquecidos.

Aos poucos os ecomuseus e museus comunitários (que atuam também como arquivos e bibliotecas públicas de base comunitária) constituem bancos de dados próprios, com imagens digitalizadas e catalogação de objetos e outras referências patrimoniais. Constituem-se, portanto, locais importantes onde documentos históricos diversos poderão ser acessados pelas gerações futuras como importantes fontes de pesquisa. A maioria dos museus pesquisados divulgam amplamente as atividades museológicas realizadas, principalmente por meio de *websites* ou páginas em redes sociais.

As exposições apresentam-se como “as possibilidades de socialização e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, organização e solução de problemas de forma criativa” (SANTOS, 2008, p.54). Importa que a oralidade e a imaterialidade, tão

²⁵¹ Para maiores informações vide as Fichas 11 (Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna), 12 (Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri), 16 (Museu Didático-Comunitário de Itapuã) e 64 (Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião) do Apêndice B.

valorizada pelos ecomuseus e museus comunitários, são referenciadas de diversas formas. No caso das exposições é possível incorporar a multisensorialidade, o que permite a exploração dos diversos sentidos (visão, audição, tato e olfato) nas interações com os patrimônios. Isso fica ainda mais evidente nos museus de comunidades indígenas, comunidades-terreiro e quilombolas, que exploram a multisensorialidade (muitas vezes de forma instintiva) nas apresentações de canto e dança onde o público do museu é convidado a participar e interagir com os grupos culturais. Podemos considerá-las atividades educativas ou ainda, se ousarmos um pouco, como exposições dinâmicas, especialmente quando muitos dos atores sociais se apresentam igualmente como acervo de seus museus – notamos essa afirmação nos discursos de diversos representantes dos museus indígenas, mas também em museus comunitários de outros perfis, como por exemplo o Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – MUF (Rio de Janeiro/RJ)²⁵², que considera os/as cerca de 20 mil moradores do território museal como parte de seu acervo.

No caso das exposições, os ecomuseus e museus comunitários valorizam a coletividade, e em alguns casos não especificam quais foram os/as pesquisadores/as, curadores/as e articuladores/as envolvidos nos processos de criação das exposições. Já quando há o envolvimento de universidades e outros órgãos oficiais, geralmente as identidades individuais são apresentadas nas fichas técnicas, evidenciando quais indivíduos ou grupos comunitários formalizados participaram do processo.

Por meio da amostragem de atividades que coletamos, verificamos que o principal tema tratado pelas exposições é a história dos lugares em que os museus pesquisados estão inseridos: municípios, bairros, aldeias, terreiros etc. Em seguida, temas relacionados à arte (artes plásticas, artes cênicas, arte gráfica, artes visuais etc.) e à memória e cultura indígena (por diversos museus, não apenas os museus indígenas) e afro-brasileira. Outros temas bastante trabalhados nas exposições são artesanatos, meio ambiente (fauna e flora), religiosidade/espiritualidade e saberes tradicionais, principalmente relacionados a atividades como a pesca, a agricultura, o bordado, técnicas construtivas, entre outras. O conhecimento sobre ervas medicinais também está bastante presente nas exposições museológicas, e em vários casos ocorre a musealização do próprio local onde as ervas estão plantadas, considerados parte da exposição dos museus, assim como muitas paisagens naturais e culturais. No

²⁵² Para maiores informações sobre o Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) vide a Ficha 82 do Apêndice B.

Museu Quilombola do Ipiranga (Conde/PB)²⁵³, até mesmo as crianças possuem conhecimentos sobre as propriedades das ervas medicinais e as transmitem aos visitantes do museu.

Notamos que vários museus homenageiam personalidades locais, como lideranças comunitárias, pajés, caciques e outras lideranças indígenas, mães e pais de santo (Ialorixás, Babalorixás etc.), guardiães de memórias etc., e algumas personagens coletivas, como pescadores, benzedeiros, parteiras, quebradeiras de coco, mestres e mestras da cultura popular, tropeiros, trabalhadoras domésticas etc. O reconhecimento da comunidade chancela a posição de liderança das “personalidades”, e referenciá-los nos ecomuseus e museus comunitários é apenas uma forma de homenagem em agradecimento ao grande esforço que fizeram ou fazem pela melhoria da qualidade de vida da comunidade como um todo. Há também exposições não formalizadas, sem título, que apresentam objetos antigos diversos, como instrumentos musicais, aparelhos de televisão, rádio, telefone etc., e muitas exposições fotográficas, cujos temas variam consideravelmente.

Verificamos também algumas inovações interessantes, principalmente no que se refere à representação e participação de mulheres, idosos, LGBT's e outros grupos nos espaços museológicos.

Em 2011, inspirados pela 5ª Primavera de Museus, evento anual do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), cujo tema foi “Mulheres, Museus e Memórias”, diversos museus comunitários e ecomuseus organizaram exposições nesse sentido. O Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ) organizou a exposição “Musas da Maré”, que apresentou o cotidiano de algumas mulheres do bairro que por sua braveza tornaram-se inspiração nas lutas na construção de uma sociedade mais justa²⁵⁴. O Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião (Porto Alegre/RS), organizou a exposição “Algumas das Muitas Mulheres do Lomba do Pinheiro”, mostra de fotografias e biografias²⁵⁵. O Ecomuseu da Amazônia (Belém/PA)²⁵⁶ organizou a exposição “Mulheres da Terra”, com fotografias de mulheres das áreas de atuação do Ecomuseu.

²⁵³ Para maiores informações sobre o Museu Quilombola do Ipiranga vide a Ficha 133 do Apêndice B.

²⁵⁴ Para maiores informações sobre o Museu da Maré vide a Ficha 65 do Apêndice B.

²⁵⁵ Para maiores informações sobre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião vide a Ficha 64 do Apêndice B.

²⁵⁶ Para maiores informações sobre o Ecomuseu da Amazônia vide a Ficha 67 do Apêndice B.

O Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – MUF (Rio de Janeiro/RJ) organizou a exposição itinerante “Mulheres Guerreiras”. Inspirados pelo tema da 5ª Primavera de Museus, o MUF criou o “Sarau das Mulheres Guerreiras das favelas do Cantagalo, Pavão, Pavãozinho” dentro de sua programação, agraciando com o “Prêmio Mulheres Guerreiras 2011” doze mulheres “que possuem um valor social para a favela”, cujas histórias são compostas por luta e superação, e que “são compreendidas como guardiãs da memória da experiência de vida dos morros do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho” (COUTINHO, 2015). O prêmio tornou-se parte integrante do calendário anual da instituição, e em março de 2015 foi lançada a exposição “Mulheres Guerreiras”, que homenageia treze mulheres selecionadas pelo colegiado do museu, cujas histórias representam a memória coletiva do complexo de favelas. A exposição é “resultado do esforço coletivo dos integrantes do MUF, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro” (MUF, 2015)²⁵⁷.

Em 2012 o Ponto de Memória da Estrutural (Brasília/DF) organizou a exposição “Movimentos da Estrutural – A Mulher e a Cidade”, que “tratou sobre como é ser mulher na Estrutural” (CHAVES, 2016, n.p.). Foram expostas fotografias de moradoras do bairro, retiradas por estudantes universitários, ao lado de fotografias de “mulheres notáveis, como Rosa Luxemburgo, Dilma Rousseff e Carolina de Jesus” (*idem*)²⁵⁸.

No Dia da Empregada Doméstica, em 27 de abril de 2014, o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU (Belo Horizonte/MG) organizou a exposição “Doméstica: da escravidão à extinção, uma antologia do quartinho de empregada no Brasil”. Durante o evento de inauguração,

[...] foi organizada uma oficina para a montagem de um Quartinho de Empregada, contendo vários objetos selecionados pelas profissionais: caminha, vassouras, material de limpeza, televisãozinha, aparelho de telefone [...] retratos, pôsteres de cantores, perfumes, roupas, armário (MUQUIFU, 2014).

A exposição foi apresentada como “uma construção coletiva em constante mutação”, e foi considerada “a primeira ‘peça’ do acervo do MUQUIFU”, propondo uma reflexão sobre as relações de gênero e raciais no Brasil. Teve como objetivo lançar um olhar crítico “ao modelo racista e escravocrata que se silencia diante de milhares de

²⁵⁷ Para maiores informações sobre o Museu de Favela - Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) vide a Ficha 82 do Apêndice B.

²⁵⁸ Para maiores informações sobre o Ponto de Memória da Estrutural vide a Ficha 113 do Apêndice B.

mulheres negras e pobres”, que são “exploradas, humilhadas e mal pagas” dentro de um “regime de semiescravidão” (MUQUIFU, 2014)²⁵⁹.

No mesmo ano, o Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas” – MUCANE (Vitória/ES) organizou a exposição “Todas as faces de Maria”, uma homenagem às mulheres negras por meio da caxambuzeira, parteira, coveira e líder comunitária Maria Laurinda Adão²⁶⁰.

Em abril de 2015 o Museu Vivo do São Bento (Duque de Caxias/RJ), em parceria com o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Duque de Caxias e o Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias organizou o evento “Mulheres em Movimento na Cidade Duque de Caxias”, que contou com a palestra “A história de luta das mulheres na construção histórica de Caxias” (ministrada pela professora Marlucia Santos Souza), lançamento de um Calendário homenageando 12 mulheres caxienses importantes para a luta contra o preconceito de gênero, raça/etnia e classe social (Vera Lúcia Pereira, Josefa Paulino da Silva, Maria da Conceição Santos da Silva, Josefa Paulino da Silva, Mãe Regina de Bamboxê, Maria da Conceição Santos da Silva, Mariazinha, Regina Topazio de Souza, Regina Celis, Ildacilde - Justiceira do Capivar -, Edna Maia, Isabel Cristina Ferreira Baltazar, Lídia Cunha e Odete Maria de Oliveira) e lançamento de uma exposição sobre a Professora e Pesquisadora negra Lídia Cunha²⁶¹.

Na atualidade, podemos considerar a questão LGBT como um daqueles “temas perturbadores” mencionados por Meneses (1984, p.198). A ponto de, em 2012, ocorrer uma experiência extremamente relevante para a Museologia brasileira, mas que infelizmente se encerrou de forma trágica.

Por iniciativa da museóloga Girlene Chagas Bulhões, diretora do Museu das Bandeiras - MUBAN (Goiás/GO), em 2012 se iniciaram as ações museológicas do Programa Afirmção, “voltado à promoção da inclusão social e da igualdade racial, da valorização da diversidade cultural e do respeito aos direitos e à dignidade humanos” (MUSEU DAS BANDEIRAS [...], 2013, n.p.). Entre 28 de junho e 7 de julho de 2013, por ocasião do Dia do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual (28 de junho), foi realizada a

²⁵⁹ Para maiores informações sobre o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU) vide a Ficha 122 do Apêndice B.

²⁶⁰ Para maiores informações sobre o Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas” (MUCANE) vide a Ficha 15 do Apêndice B.

²⁶¹ Para maiores informações sobre o Museu Vivo de São Bento vide a Ficha 57 do Apêndice B.

“1ª Semana do Babado”, objetivando discutir a presença e a memória da comunidade LGBTTTT brasileira e os preconceitos sofridos por seus membros.

De acordo com Jean Baptista e Tony Boita (2014, p.185), a programação incluiu rodas de conversas, shows de divas trans, exibição de filmes, piquenique e uma exposição temporária intitulada “Do babado: registros de uma sociedade plural e homofóbica”²⁶², para a qual foi realizada ampla campanha pelas redes sociais, convidando LGBT’s de todo o país a enviarem fotografias em atividades cotidianas, “com o objetivo de comunicar aos visitantes” que o dia a dia dos integrantes dessa comunidade “não é tão diferente assim dos demais” (*idem*). A exposição foi composta por textos e as fotografias selecionadas, expostas no pátio do MUBAN, e contou também com uma “imensa bandeira LGBT erguida na fachada do prédio” (*idem*). Segundo os autores, a intenção não era chocar o público, mas aproximá-lo, além de tornar o museu um espaço das mais diversas memórias, um “Museu de Todas as Bandeiras” (*idem*).

Originalmente o Museu das Bandeiras destinou-se- à manutenção da identidade dos bandeirantes, considerados “facínoras da história nacional” (BAPTISTA; BOITA, 2014, p.185). Apesar do museu já haver “dedicado atividades e exposições a moradores de rua, apenados, deficientes físicos, negros e indígenas” (*idem*), a exposição “Do babado [...]” causou uma forte reação por parte dos setores conservadores da cidade, o que custou a exoneração da diretora.

A experiência do Museu das Bandeiras é também exemplar para refletirmos sobre “qual museu queremos” e sobre os conflitos de interesses relacionados às ações museológicas, assim como evidencia como o Poder ainda está concentrado nas mãos de camadas conservadoras da sociedade.

No caso dos museus comunitários, Baptista e Boita (2014, p.177) afirmam que, mesmo sendo tão mais inclusivos e democráticos em seus discursos, apresentam resistência em tratar as questões de gênero. Localizamos apenas duas experiências museológicas que trataram o tema em suas exposições.

²⁶² Além da participação da comunidade LGBTTTT com o envio das fotografias, a 1ª Semana do Babado contou com a colaboração de profissionais de museus, professores universitários, estudantes de museologia e integrantes da Rede LGBT em Memória e Museologia Social do Brasil. O Museu das Bandeiras estipulou alguns pré-requisitos para o envio das fotografias, como a recusa de fotografias que envolvessem nu frontal, sexo explícito, violência, apologia ao crime e uso de drogas e bebidas alcoólicas, e as fotos onde apareciam menores de idade deveriam apresentar autorização dos pais ou responsáveis e documento de comprovação legal de parentesco ou de responsabilidade (BAPTISTA, BOITA, 2014; MUSEU DAS BANDEIRAS [...], 2013, n.p.)

Em 2013 a Casa da Memória de Porteiras (Porteiras/CE), organizou a exposição “Sexualidade: Papéis e Amores”, que problematizou a construção dos papéis e imagens socialmente atribuídos aos homens e mulheres²⁶³. E em abril de 2015 o Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – MUF (Rio de Janeiro/RJ) realizou o Projeto Memória LGBT, por meio de uma parceria com a Revista Memória LGBT (da Rede de Memória LGBT), em comemoração aos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro. O projeto, que foi financiado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (II Programa de Fomento à Cultura Carioca), teve como objetivo “assegurar um diálogo com a comunidade sobre os desafios enfrentados por LGBT na contemporaneidade” (EXNEMUS, 2015). Sua programação incluiu rodas de memórias, oficinas, formações, exposições, publicações da Revista Memória LGBT, apresentações artísticas, Mapeamento e Inventário do Patrimônio Cultural LGBT na Favela²⁶⁴.

Durante o II Fórum Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco²⁶⁵ o discurso de dois representantes do Museu Indígena Pitaguary (Pacatuba/CE) foram extremamente importantes no sentido de desconstruir preconceitos existentes nas comunidades. Raimundo Carlos da Silva, o Pajé Babosa, demonstrou sua preocupação com a perda da espiritualidade indígena e a importância dos museus indígenas considerarem o sagrado em suas ações museológicas, recomendou que os indígenas reconhecessem, respeitassem e protegessem seus gays e lésbicas. Francilene Pitaguary, sua filha e seguidora, enfatizou a importância da espiritualidade da mulher indígena e recomendou aos museus indígenas que considerem a relação com o meio natural, contribuindo com a sua preservação, relacionada intrinsecamente ao modo de vida dos povos indígenas²⁶⁶.

As falas do Pajé Babosa e de Francilene Pitaguary evidenciam que as comunidades não são homogêneas, podendo existir “diversas comunidades” em uma “comunidade”. Sendo assim, não basta a afirmação de uma “identidade”, é preciso que outras “identidades específicas”, as chamadas “minorias”, tenham a liberdade de se manifestar e sejam tratadas com respeito e dignidade.

²⁶³ Para maiores informações sobre a Casa da Memória de Porteiras vide a Ficha 68 do Apêndice B.

²⁶⁴ Para maiores informações sobre o Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) vide a Ficha 82 do Apêndice B.

²⁶⁵ Realizado em agosto de 2016 no Território Indígena Kapinawá (Buíque/PE).

²⁶⁶ Para maiores informações sobre o Museu Indígena Pitaguary vide a Ficha 163 do Apêndice B.

Retomemos Waldisa Rússio (2010a, p.203), para quem os museólogos devem operar em seu cotidiano enquanto cientistas e trabalhadores sociais e não devem “recusar a dimensão e o risco político do seu trabalho” (*idem*, p.209). Retomemos Mario Moutinho (1995, p.23), para quem a Museologia Social não se trata de uma modernização dos museus tradicionais, mas de um posicionamento contra a ignorância, o preconceito e estereótipos culturais, é lidar não apenas com objetos, mas com ideias, é tomar e calcular o risco de desorientar e perturbar a harmonia / consenso, que constituem o lugar comum (banal). Por fim, retomemos Mário Chagas (2014), para quem a Museologia Social é uma museologia crítica, socialmente engajada e combativa, que implica um “rompimento político, ético e científico com a museologia tradicional, clássica e conservadora e normativa”, ou ainda Mário Chagas e Inês Gouveia (2014, p.12-17), para quem a Museologia Social indica uma museologia comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais, o combate aos preconceitos, a melhoria da qualidade de vida coletiva, o fortalecimento da dignidade e da coesão social, a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu em favor das comunidades populares, povos indígenas, quilombolas e movimentos sociais.

Muitas dessas exposições recebem grandes contribuições dos chamados guardiões de memória, homens e mulheres idosos moradores (ou frequentadores) das comunidades que são personagens fundamentais para trazer à tona as memórias relacionadas às suas histórias e territórios, onde estão localizados diversos museus comunitários e ecomuseus. Além de suas memórias, também fornecem aos museus objetos, fotografias e outros documentos históricos que ajudam a reconstruir as histórias locais. Nas rodas de memórias promovidas por vários museus, são personagens marcantes que compartilham com as novas gerações suas memórias, saberes e fazeres, como é possível observar nas diversas Rodas de Conversa promovidas pelo Ecomuseu Campos de São José (São José dos Campos/SP)²⁶⁷.

Nas populações indígenas a valorização dos “velhos” é evidente, como demonstrado por muitos representantes dos museus indígenas. O mesmo acontece em outras comunidades que tem no idoso um ponto de apoio. Nos museus comunitários e ecomuseu eles adquirem um novo status, enquanto guardiões de tradições e memórias. É notável a valorização dos mais velhos em diversas falas de representantes de museus comunitários e ecomuseus presentes em eventos museológicos, e também ficou evidente nas visitas realizadas ao Ecomuseu Nega Vilma (em 07/12/2014), ao Museu Indígena Kapinawá (em 16/08/2016), ao Museu da

²⁶⁷ Para maiores informações sobre o Ecomuseu Campos de São José vide a Ficha 150 do Apêndice B.

Beira da Linha do Coque (em 21/08/2016), ao Museu do Horto (em 15/09/2016), ao Museu da Maré (em 15/09/2016), entre outros.

É preciso salientar a importância e o significado dos ecomuseus e museus comunitários serem de fato opções diferentes dos museus tradicionais, e não apenas museus tradicionais locais com menos recursos. Esses museus constroem ou reconstróem as histórias locais, evidenciando alguns processos históricos vividos pelas comunidades, que acabam por relacionar umas com as outras. Nessas (re)construções, é visível o esforço em não reproduzir estereótipos sobre as identidades representadas. No entanto, é visível a complexidade de alguns casos, especialmente em relação aos povos indígenas em processo de reconhecimento étnico, que enfatizam sua identidade em seus corpos, por meio da utilização de colares, cocares e outros adornos indígenas.

A crítica está presente em seus discursos o tempo inteiro, principalmente na importância de apresentar outras versões para os com fatos narrados pela “História Oficial”, demonstrando como o passado pode ser constantemente reinterpretado, ou até mesmo “manipulado e desfigurado pelos propósitos do presente” (MENSCH *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.151).

As atividades museológicas mais comumente realizadas pelos ecomuseus e museus comunitários são visitas guiadas, rodas de conversa, organização de seminários, palestras, mesas redondas, saraus, cursos e oficinas. Há ainda a realização de gincanas, feiras de artesanato, espetáculos teatrais e musicais, eventos gastronômicos etc. Essa diversidade de atividades evidencia que são espaços dinâmicos, que atuam como verdadeiros centros culturais, e quanto mais estiverem conectados com outros atores sociais, organizações e coletivos existentes nas comunidades, mais potencial terão em contribuir com o desenvolvimento local, contando para isso com a participação comunitária nas diversas fases de desenvolvimento das atividades - concepção, organização e execução.

As atividades museológicas contribuem com a interação comunitária, especialmente entre diferentes gerações, a manutenção dos saberes e fazeres relacionados aos patrimônios e com a interação de indivíduos e coletividades com seus bens patrimoniais. É possível notarmos a expansão do “fato museal”, ou seja, a relação entre o homem (sujeito que conhece), o objeto (parte de uma realidade da qual o homem também participa) que realiza-se no cenário institucionalizado do museu (RÚSSIO, 1989, p.180).

Durante a Palestra “Memórias e Narrativas das Mulheres Negras nos Museus: Silêncio ou Esquecimento?”, a Museóloga Joana Flores nos convidou a refletir sobre quem é este homem (qual seu sexo, gênero, orientação sexual, cor, identidade étnica?), que patrimônio é esse (envolve o imaterial, o natural, as memórias traumáticas?) e que museu é esse (está ancorado sob qual ponto de vista - tradicional ou renovado?). Consideramos essas reflexões relevantes para a presente pesquisa, pois os ecomuseus e museus comunitários pesquisados apresentam muitos tipos de diversidades: a diversidade que compõe a sociedade brasileira; a diversidade de patrimônios a serem identificados e preservados dentro e fora dos museus (mas aptos a serem musealizados); a diversidade de formas que os museus podem assumir; e a diversidade de pontos de vista que podem estar presentes nos museus²⁶⁸. A preservação patrimonial ocorre de forma dinâmica, envolvendo diversos atores sociais, que são convidados por estes museus a reforçarem as relações sociais já existentes e construir novas.

4.3. Sobre Memórias, Identidades e Museus

O olhar para as comunidades de atuação dos ecomuseus e museus comunitários brasileiros nos remete novamente à discussão sobre o conceito de comunidade. O termo está presente nos discursos dos representantes das iniciativas, embora seja possível notar diferenças nas concepções.

As “comunidades” mencionadas podem representar um grupo específico ou mesmo a população geral de um bairro, cidade ou região, quilombos, terreiros de candomblé e umbanda... que se (re)únem acerca de uma identidade, que como afirmou Cardoso (1983, p.134-144) pode ser real ou “inventada”. Alguns museus envolvem diversas comunidades, localizadas em diferentes cidades, como é possível verificar no Quadro 2.

Memória e Identidade são duas palavras-chave na realidade dos ecomuseus e museus comunitários. De acordo com Huyssen (2000, p.2), a partir da década de 1960, “como consequência da descolonização e dos novos movimentos sociais que buscavam historiografias alternativas e revisionistas”, surgem “discursos da memória

²⁶⁸ Que compôs o ciclo de palestras “Memória e Esquecimento nos Museus”, promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) em julho de 2016.

de novo cunho”. Esse processo de democratização da História trouxe a emergência da memória de diversos grupos sociais e étnicos.

Apesar de uma "história homogeneizadora da sociedade e excludente tanto das diferenças étnicas e culturais minoritárias, como dos grupos subalternos e eventos históricos considerados infelizes ou indesejados" (CABRERA HANNA, 2014, p.7) ter se constituído e estabelecido há muitas décadas – e adentrarem os espaços museológicos –, pesquisas contemporâneas vêm analisando a importância da participação popular, e “revelam” novos atores sociais: indígenas, negros, homens e mulheres anônimos (PEREZ, 2010, p.96). Partem de paradigmas históricos contemporâneos, baseados no multiculturalismo e na pluriétnicidade, e vem interferindo nas narrativas museográficas da atualidade, que “procuram representar [...] os atores que não haviam sido incluídos dentro da história Oficial” e os “processos sociais que têm constituído objetos disciplinares centrais para a legitimação de processos culturais ofuscados pelas dinâmicas políticas das elites” (LÓPEZ ROSAS, 2015, p.116).

A grande novidade apresentada no momento atual é que esses novos paradigmas históricos vem sendo desenvolvidos pelos próprios atores sociais, que dentro ou fora das universidades rejeitam cada dia mais as falas em terceira pessoa, enfatizando a importância de que sejam criados espaços onde possam contar sua própria história. Observamos essa reivindicação nos discursos de representantes de diversos museus comunitários e ecomuseus presentes em diversos eventos sobre museologia e em visitas realizadas. Nos discursos é evidenciada a importância que a (re)construção das histórias locais adquirem nesses museus. O acervo levantado por eles é composto por documentos e fotografias antigas, artigos de jornais, livros, memórias, objetos etc., e contribui nesse processo reconstrutivo.

Observamos na atualidade a emergência de diversas identidades ou grupos sociais “embutidos por entre as classes sociais” (BARBOSA, 1979, p.11), relacionadas às próprias, mas também a localidades, gêneros, sexualidades, religiões, etnias, pessoas ou possuem algum tipo de deficiência (e se reconhecem enquanto grupo social) ou mesmo pelo o que denominamos “identidades etárias” (crianças e idosos). Essa diversidade de identidades sempre existiu, mas foi diluída nas categorias povo, sociedade, população, supondo uma homogeneidade e camuflando as diferenças, que no momento atual sentem a necessidade de autoafirmação e exigência de seus direitos (sociais e políticos) de existir e ser tratado de forma digna e respeitosa.

Algumas dessas identidades adentravam os museus, mas quando isso ocorria geralmente eram representadas de forma estereotipada ou mesmo, como afirma Bittencourt (2003, p.166), como representantes de uma ameaça ao Estado ou a poderes religiosos – e elites culturais, econômicas ou políticas a ele vinculadas –, tornando-se objeto de sua violência reguladora e de suas instituições. Um exemplo são as perseguições sofridas historicamente por diversos terreiros de Candomblé e Umbanda, que por meio de seus museus trazem essas e outras histórias à tona, além de cumprir a função social de contribuir com a luta em favor da tolerância religiosa. Alguns museus em terreiros que atuam nesse sentido são o Memorial Mãe Menininha de Gantois (Salvador/BA), o Memorial Lajuomim (Salvador/BA), o Museu Ilê Ohun Lailai (Salvador/BA), o Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão (Salvador/BA), o Museu Ilê Afro-brasileiro Odé Lorecy (Embu das Artes/SP) e o Memorial Iyá Davina (Nova Iguaçu/RJ)²⁶⁹. Entre seus objetivos encontram-se principalmente a preservação e divulgação das memórias, cultura material e imaterial relacionadas aos terreiros e suas principais lideranças religiosas, a preocupação em contribuir com a luta contra o preconceito e a intolerância religiosa sofridos pelas religiosidades de matriz africana.

A raiz da palavra identidade é o grego *idios*, que se refere a “mesmo”, “si próprio”, “privado”. Segundo Meneses (1993, p.208), identidade pressupõe “semelhanças consigo mesmo, como condição de vida biológica, psíquica e social” e “tem a ver mais com os processos de reconhecimento do que de conhecimento”. O autor acrescenta que a identidade não é uma essência, um referencial fixo, estático, mas “um processo incessante de construção/reconstrução”, que “ganha sentido e expressão nos momentos de tensão e ruptura – precisamente quando se aguça a percepção da diferença e sua presença se faz mais necessária” (MENESES, 1993, p.210). Também não é “fruto do isolamento de sociedade e grupos, mas [...] de sua interação”, sendo “crucial quando existem segmentos sociais que não se pensam como totalidades únicas” (CARVALHO *apud* MENESES, 1993, p.210). Como já dito, o caso dos indígenas é exemplar nesse sentido.

Citando a Declaração de Políticas Culturais da Unesco de 1982, Meneses (1993, p.207) afirma que “a identidade contribui para a libertação dos povos” e “qualquer forma de dominação constitui uma negação ou impedimento de alcançar a dita identidade”. No entanto, para o autor, “identidade e poder não se dissociam”, e junto com as identidades que surgem ou ressurgem no mundo contemporâneo, estão os

²⁶⁹ Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 14, 17, 32, 37, 25 e 24 do Apêndice B.

conflitos de interesses e o renascimento de “separatismos, racismos e estigmatizações culturais” (MENESES, 1993, p.209).

Analizando as realidades dos processos de constituição dos ecomuseus e museus comunitários é possível notar diferenças e semelhanças, principalmente no que se refere a discursos que defendem o direito e a valorização de histórias, memórias e culturas próprias às diversas “comunidades”. É possível então considerá-los “lugares de construção de memórias e identidades” (CURY, 2008). Apesar de não termos noção da dimensão que estes discursos podem alcançar, é preciso apontar os perigos que permeiam esse campo de autoafirmação, evitando assim que novamente se caia em discursos homogeneizantes e estereotipados.

Consideramos que as identidades de grupos culturais e étnicos historicamente desfavorecidos, como indígenas, negros/as, mulheres, LGBT's, idosos etc., não devem mais ser ignoradas ou negligenciadas pelos museus, pois trabalhar com essas memórias revelam diferenças de classe, mas também peculiaridades outras relacionadas a costumes, gêneros, sexualidades, etnicidades etc., que não refletem apenas situações de opressão, mas formas próprias de ser e estar no mundo – os estudos interseccionais tem muito a contribuir nesse sentido. São indivíduos e grupos que compõem camadas da população que, se não subjugada pela dependência econômica, sofrem opressões ou ainda diversos tipos de exclusões, preconceitos e discriminações dentro e fora das classes sociais às quais pertencem.

Os museus comunitários e ecomuseus são pensados enquanto representantes de identidades culturais (BARBUY, 1995. p.206). Seria legítima a afirmação de identidades nesses espaços museológicos? Ou seria mais uma forma de mobilização ideológica e legitimação de práticas sociais, como afirma Meneses (1993, p.210)? E caso haja mobilização e legitimação de práticas sociais, será que isso pode ser considerado algo negativo ou cair no julgamento entre certo ou errado, bom ou ruim, diante das realidades enfrentadas historicamente por esses diversos grupos? Não se trata de eximir esses museus de responsabilidades sociais, mas de reconhecer a sua existência, importância e os riscos que correm.

Durante participação no II Fórum Nacional de Museus Indígenas / III Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco²⁷⁰, uma frase exposta na camiseta dos professores da Escola Indígena Kapinawá chamou a atenção de vários dos participantes do evento: “Educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito”. Transportando-a

²⁷⁰ Realizado na Terra Indígena Kapinawá (Buíque/PE), entre os dias 15 e 20 de agosto de 2016.

para o campo da museologia comunitária, é como afirmar algo do tipo “todos temos direito ao museu, mas nós que decidimos o que queremos preservar e as formas como nosso patrimônio será tratado”.

Os museus comunitários e ecomuseus brasileiros tornam-se um campo fértil para a desmistificação dos olhares estereotipados ou romantizados sobre as diversas identidades, juntamente com os museus tradicionais de diversas tipologias que assumem a missão de colaborar com a “descolonização”. Mas não são apenas os museus indígenas, museus “afro-comunitários” e museus quilombolas que podem contribuir para essa desmistificação. É importante que outros ecomuseus e museus comunitários estejam atentos às especificidades das “tradições” que são reivindicadas pelas comunidades de atuação, e questionem se houveram influências culturais externas, de outros povos (autocrítica que interessa principalmente os museus da região Sul do país).

Com o desenvolvimento dos processos de emergência étnica iniciados principalmente na região Nordeste nas últimas décadas, as populações que se autodeclaram indígenas tem sua “originalidade” questionada. Alega-se que são populações miscigenadas e que, por essa razão, não podem ser mais consideradas indígenas. O direito de afirmação étnica lhes foi negado outrora e ainda permanece, devido principalmente aos direitos garantidos constitucionalmente (referente à terra) a essas populações caso sua identidade seja reconhecida. Por outro lado, não vemos questionamentos referente à identidade étnica e cultural de outros grupos, descendentes de alemães, italianos, açorianos etc.

Um caso exemplar que diz respeito às influências externas no desenvolvimento cultural dos vários povos é a constatação exposta pelo Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (Florianópolis/SC), de que alguns traços da cultura açoriana valorizada e preservada pelo ecomuseu tiveram que se ajustar às realidades ambientais locais e foram influenciadas por outras culturas (como a indígena). Trazendo essa informação à tona o ecomuseu ao mesmo tempo em que pode contribuir para a desmistificação de ideais “puristas” sobre povos e culturas, reforça a importância da valorização étnica e cultural dos inúmeros povos indígenas que sobreviveram às diversas violações sofridas nos últimos séculos²⁷¹.

²⁷¹ Para maiores informações sobre o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha vide a Ficha 2 do Apêndice B.

O mesmo é válido para os museus tradicionais ou comunitários que possuem acervos relacionados aos modos de vida, manifestações culturais e religiosas de matriz africana. Por mais que não seja este seu “tema principal”, é importante que haja um olhar sensível para esses acervos, que sejam realizadas leituras críticas que possibilitem a esses museus que os “guarda” e “preserva” contribuir para a diminuição das desigualdades e intolerâncias ainda presentes na sociedade contemporânea, urgência apresentada principalmente pelos museus de terreiros.

O trabalho museológico desenvolvido por essas comunidades apresenta objetivos diversos: contribuir com o “resgate” e a afirmação de identidades sociais e étnicas, memórias e histórias próprias, com o reconhecimento dos direitos aos seus territórios, culturas, religiosidades, tradições e modos de vida, assim como sua valorização, com o direito à participação política e com a garantia da transmissão dessas tradições para as futuras gerações.

Diversos museus comunitários e ecomuseus, devido à sua localização em periferias urbanas e rurais, marcadas por diversos problemas sociais, olhando para as realidades locais, associam suas atividades a temáticas relacionadas às questões negra e periférica, espiritualidade/religiosidade, origem nordestina, questões ambientais, abordando outras temáticas de forma tímida, como observamos sobre as questões de gênero.

Lembremos ainda, com base em Schwarcz (2008, p.17), que a imaginação nacional não comportava “a ideia de exclusão social e da violência”. Mesmo com a condição de cidadania negada a grandes parcelas da população que ficaram fora da História (RUFER, 2010, p.22) e “independentemente da desigualdade e da exploração efetivas” existentes, a nação sempre foi “concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p.34). Foi estabelecida “a ideia de um ‘nós’ coletivo, irmandade em relações em tudo distintas” (SCHWARCZ, 2008, p.12), e esse “ideal” acaba por se legitimar emocionalmente, pois as nações “fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejo e projeções” (*idem*, p.9-10).

Consideramos as memórias traumáticas igualmente importantes para a afirmação de identidades e a garantia de direitos das “comunidades”. E os ecomuseus e museus comunitários estão trazendo à tona por meio de seus discursos, atividades educativas e exposições outras versões históricas sobre as diversas experiências, histórias das localidades e identidades, que demonstram a diversidade de genocídios, verdadeiros “holocaustos” que acontecem cotidianamente em nosso país em detrimento das

minorias. A Exposição Itinerante lançada em dezembro de 2016 pelo Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ) – em parceria com o Museu da República –, sob o título “Canudos: Memória da Favela”, é exemplar no sentido de exibir no território da favela rico acervo sobre a Guerra de Canudos (1896-1897), relacionando nos eventos organizados de forma paralela os problemas sociais enfrentados pelos moradores de canudos e pelos atuais moradores de favelas de todo o Brasil.

Algumas violências contemporâneas tem sido expostas por essas experiências museológicas, como por exemplo o Museu do Horto, o Museu das Remoções e o Museu da Maré²⁷², todos localizados no Rio de Janeiro (RJ), que dão visibilidade aos processos de resistência às tentativas de remoção dos moradores das favelas dos centros urbanos, apresentam e representam a luta de diversas comunidades pelo direito à terra, moradia, à preservação de suas memórias e identidades, de seus patrimônios e sociabilidades. Para Thainã Medeiros (*apud* PELEGRINO, 2016), “a questão da memória na dinâmica das remoções, disputando narrativa sobre quem é o invasor e quem é que tem a necessidade de sair de um local é muito importante”.

A comunidade do Horto Florestal é formada por cerca de 589 famílias de baixa renda, em sua maior parte pessoas idosas, famílias de funcionários e ex-funcionários de uma antigas fábricas da e do Jardim Botânico, que reside há décadas em um território pertencente à União, com a autorização (formal e informal) das diversas administrações do Jardim Botânico. Por ali residirem, os moradores do Horto cuidam da localidade e impedem a implantação de projetos de impacto socioambiental. No entanto, são classificados (pela imprensa e pela elite local) como “invasores” e “novos favelados”, e sofrem ameaças de despejo desde 1985, tendo enfrentado mais de 267 processos de reintegração de posse (algumas famílias já foram removidas). O fato de o local ser uma das maiores zonas de maior especulação imobiliária no Rio de Janeiro, na opinião dos moradores, é um dos motivos para que esses processos de remoção aconteçam²⁷³.

Desde o ano 2000, a Associação de Moradores e Amigos do Horto (AMAHOR), através de diversas parcerias, trabalha projetos ligados à memória social do Horto. Em 2008 nasce a proposta da criação do museu e a partir de 2009, a equipe do museu, com o apoio de professores e estudantes de Museologia da UNIRIO, organiza

²⁷² Para maiores informações vide, respectivamente, as Fichas 100, 164 e 65 do Apêndice B.

²⁷³ Para maiores informações e acesso à bibliografia sobre o Museu do Horto vide a Ficha 100 do Apêndice B.

caminhadas e encontros em diversas áreas do Horto, conversas com moradores sobre a importância da memória e o desejo de criação do museu, mobiliza as escolas locais e participa das ações promovidas pelo IBRAM. Finalmente, em 2010 o Museu do Horto é lançado oficialmente, através da criação de seu *website* (o que possibilitou a reunião de documentos, mapas, artigos, depoimentos, vídeos, fotografias e projetos, material que se encontrava disperso). Além do *website*, o museu, que é composto por 5 núcleos operacionais (Núcleo de Memória Afrodescendente, Núcleo de Memória da Resistência, Núcleo de Cultura e Educação, Núcleo Socioambiental e Núcleo Esporte e lazer) recebe visitantes para caminhadas pelos percursos dos lugares de memória identificados pelos moradores, acompanhados por guias locais. Define-se como uma construção coletiva criada com o objetivo de: Preservar o patrimônio (natural, cultural, material e imaterial) do lugar; Reafirmar a identidade sociocultural da comunidade; Apresentar as memórias e histórias (em primeira pessoa) da comunidade para o reconhecimento (interno e público) da luta e resistência (cultural e política) pelo direito à moradia²⁷⁴.

A Vila Autódromo está localizada na Barra da Tijuca, bairro situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro e constituiu-se uma comunidade formada por cerca de 600 famílias. A “favela” se tornou conhecida mundialmente pela resistência contra a especulação imobiliária e a política de remoções promovidas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. A área, que foi escolhida para a construção do Parque Olímpico para os Jogos Olímpicos 2016, é também para onde se expandem os condomínios da Barra da Tijuca, daí a relação entre a remoção e a pressão exercida pela especulação imobiliária de renomadas construtoras. Das 580 famílias restaram apenas 20, que resistiram aos diversos assédios (indenizações, violências, pressões psicológicas etc.) e conseguiram firmar um acordo histórico de realocação assinado coletivamente. Algumas famílias ficaram abrigadas por alguns meses em casas containers (habitação provisória) e em julho de 2016 foram entregues 20 casas. Segundo Talbot (2016), o novo acordo excluiu diversos moradores que não queriam deixar o local, não corresponde ao desejo expresso no Plano Popular de Urbanização, projeto elaborado pela comunidade que ganhou o Prêmio Internacional de Urbanismo *Urban Age Award*, em 2013, e também correspondeu à entrega de casas de qualidade duvidosa.

O Museu das Remoções, idealizado pelo museólogo e membro do Coletivo Papo Reto Thainã de Medeiros, foi construído por moradores, ex-moradores, moradores

²⁷⁴ *Ibid.*

de comunidades próximas, apoiadores da Vila Autódromo e estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhanguera em maio de 2016. Sob o *slogan* “Memória não se Remove”, apresenta-se como um “ato simbólico e político fundamental de resistência” (PELEGRINO, 2016), um instrumento de luta que disputa a narrativa da memória dos megaeventos. Apresenta-se como um museu a céu aberto com os objetivos de: Resgatar e registrar a memória e as práticas sociais da comunidade Vila Autódromo; Construir e narrar as histórias (anteriores e posteriores ao processo de apagamento cultural produzido pela remoção sofrida), memórias e patrimônios da comunidade; Divulgar uma narrativa contrária à divulgada pelo poder público a respeito da luta da Vila Autódromo e da política de remoções de favelas; Refletir sobre as dinâmicas em que historicamente se dão as remoções no Rio de Janeiro e no Brasil; Elaborar novos planos de consciência e criatividade; Conceber laços visando o desenvolvimento e a manutenção dos direitos, que precisam ser democratizados.

Para saber o que as experiências de remoções trazidas por esses museus tem a ver com identidades e memórias basta olhar para a origem da maior parte das populações que vivem nessas comunidades. O século XX foi marcado por experiências de deslocamentos, migrações e diásporas, intolerâncias e violências extremas, em diversos lugares do mundo. São fenômenos que, apesar de não resumir toda a história, acontecem com mais frequência do que imaginamos, e continuam acontecendo cotidianamente²⁷⁵. Por outro lado, as memórias, mesmo que traumáticas, revelam a existência de outras dinâmicas muito mais profundas, relacionadas a formas de resistência e sobrevivência nas novas circunstâncias, à formação de comunidades específicas, à manutenção de manifestações culturais, crenças religiosas, questões políticas etc., que foram e são muito significativas e importantes não apenas no contexto atual de afirmação de identidades e exigência de direitos, mas para o conhecimento histórico como um todo.

Esses museus estão se constituindo independente da região e do poderio econômico das “comunidades” que os criam, e surgem da necessidade de reconstruir passados, construir novas representações sobre si e uma memória social relacionada a

²⁷⁵ Basta olharmos para a questão dos refugiados na atualidade, povos diversos obrigados a migrações forçadas por razões étnicas, religiosas, políticas etc. De acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), somente o Brasil possuía (em abril de 2016) 8.863 refugiados reconhecidos, de 79 nacionalidades distintas (28,2% deles são mulheres) – incluindo refugiados reassentados. Os principais grupos são compostos sírios (2.298), angolanos (1.420), colombianos (1.100), congolese (968) e palestinos (376) (UNHCR-ACNUR, 2016).

identidades/territorialidades específicas, da necessidade de promover o desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas e retirar da marginalidade social, política e também econômica muitos de seus indivíduos. São museus que valorizam fontes históricas diversas, principalmente a tradição oral das comunidades, discursos afirmativos de uma história e de uma memória popular, e problematizam a História Oficial, confrontando diversos saberes e promovendo um novo olhar historiográfico, múltiplo e dinâmico.

Podemos interpretar que a recuperação dos passados por essas comunidades e seus museus também está vinculado às prerrogativas das formas populares de protesto (como observado no caso do Museu das Remoções, Museu do Horto e Museu da Maré). Contribuem igualmente para transformar a relação entre História e Memória, sem que uma esteja subordinada a outra.

Mario Barrio, liderança do Movimento Indígena da Argentina, em entrevista realizada em 2005, afirma sua vontade em “ser parte da história nacional” e admite um certo reconhecimento das culturas indígenas. No entanto, afirma que não os reconhecem enquanto História por sua cultura não produzir documentos. É permitido que mostrem suas vestimentas e ornamentos, mas não que falem sobre o saque de suas terras e o reconhecimento de seus direitos. Quanto a isso, questiona:

Agora você me diz, ¿ Vocês realmente acreditam que seus documentos são histórias verdadeiras sobre o que aconteceu? ¿ Vocês realmente acreditam que sua história é real e que nós precisamos de mais do que temos para contar a nossa? (RUFER, 2010, p.27)²⁷⁶

Podemos relacionar a fala de Mario Barrio como um momento posterior ao exposto por Ronaldo Kapinawá (Museu Kapinawá), quando este último defende que é preciso “pesquisar dentro do próprio povo [...] na base... com os mais velhos”²⁷⁷. Relacionando as duas falas percebemos que não basta pesquisar a própria história, pois para que ela contribua com as funções sociais assumidas pelos museus é preciso que sua legitimidade seja reconhecida também por não-indígenas, principalmente pelas

²⁷⁶ Tradição livre para: *Pero ahora usted dígame, ¿ realmente cree que sus documentos son historias verdaderas sobre lo que pasó? ¿ Realmente ustedes creen que su historia es real y que nosotros necesitamos más de lo que tenemos para contar la nuestra?* (RUFER, 2010, p.27).

²⁷⁷ Informação verbal - II Encontro Nacional de Museus Indígenas - Buíque/PE, agosto 2016.

gestões públicas responsáveis pela garantia de direitos às populações – não apenas as indígenas.

Entre a omissão e os pontos de vista da História Oficial, os museus de comunidades optam pela subjetividade das memórias, com aquilo que foi lembrado, “que significou”, ciente de que através das memórias individuais é possível também alcançar “uma memória social, familiar e grupal” (BOSI, 1979, p.1). Quando as vozes das chamadas “minorias” são registradas apresentam-se com elas outros estilos de vida e de pensamento, que refletem modos específicos de ser e estar no mundo.

De acordo com Hugues de Varine (2005, n.p.), o processo vivo de um museu comunitário pode ter vida curta ou longa, e terminar após ter cumprido a função de mobilização e dinamização da comunidade, podendo ser substituído por outras ações, se institucionalizar e tornar-se um museu clássico ou se transformar em outro processo de natureza museológica adaptado a uma nova geração. No entanto, mesmo considerando que as missões dos museus podem estejam cumpridas, qual será o futuro dos acervos riquíssimos gerados, compostos por uma diversidade de objetos e suportes (fotografias, vídeos, artigos de jornais e revistas, documentos, obras de arte etc.). Qual o futuro desses acervos e dessas coleções e memórias se não forem apropriados pelas novas gerações das comunidades?

Andreas Huyssen (2000, p.12) questiona se, “passado o boom da memória, existirá realmente alguém que recorde algo”. Diante disso, podemos questionar o que será dessa multiplicidade de museus comunitários se essa preocupação com o passado como forma de legitimação do presente deixar de ser relevante para as novas gerações?

Considerações Finais

No campo museológico é possível notar uma idealização sobre os modos de funcionamento dos ecomuseus e museus comunitários. No desenvolver da presente pesquisa participamos de alguns eventos museológicos e podemos acompanhar diversas discussões em que vezes ou outra esses museus apareciam de forma romantizada ou eram muito criticados e acusados até de não se tratarem de museus – extremos opostos. Esses conflitos provocaram diversas reflexões, mas também

inseguranças, e nos levou a desconfiar das fontes utilizadas e metodologias empregadas para a análise dos museus. Resolvemos então acessar algumas referências teóricas de diversos campos do conhecimento (Antropologia, História, Filosofia etc.), que contribuíram com as reflexões sobre a complexidade que envolve a produção do conhecimento em Museologia.

De acordo com Pierre Bourdieu (1989, p.12-13) cada campo de produção é formado por um corpo de especialistas que produz sistemas simbólicos próprios, que correspondem a condições sociais e funções específicas e, posteriormente, são apropriados pelo grupo e por não-especialistas. A nosso ver, o momento atual demonstra uma nova realidade, um movimento de diálogo e intercâmbio (mas também de tensões e conflitos) entre teóricos/as e atores/atrizes sociais que produziram e produzem cultura instintivamente como forma de preservar suas raízes/tradições. Aos poucos observamos que tantos os conhecimentos tradicionais e populares adentram as muralhas das universidades e contribuem para a sua transformação (não sem nenhum tipo de resistência), mas que os conhecimentos acadêmicos também chegam às comunidades e são trabalhados e até ressignificados por seus membros.

Vivemos um momento histórico em que pessoas com diferentes origens étnicas e condições sociais, que enfrentam diversos níveis de marginalidades impostas por uma sociedade racista, machista, homo/transfóbica, excludente e desigual. Momento esse que deve ser considerado, no nosso ponto de vista, um momento revolucionário, onde “pequenas revoluções” cotidianas, que ocorrem de forma lenta e gradual, transformam as relações sociais na nossa sociedade, e acabam por influenciar a produção acadêmica - objetos e metodologias de análise – e também a própria vida cotidiana de diversas comunidades. O campo de forças das disciplinas acadêmicas está sendo minado (em um sentido positivo) por estes novos agentes sociais, que excluídos por muitas gerações dos espaços de construção de conhecimento e poder, agora anseiam em garantir o seu lugar ao sol e à sombra, quando necessário e desejado for.

Ao mesmo tempo em que é possível observar a romantização de algumas experiências, também notamos certa frustração por parte de alguns pesquisadores que idealizam e fazem projeções sobre os museus, que a experiência de campo demonstra ser errônea, pois se tratam de realidades muito mais complexas, que nem sempre – ou quase sempre – se apresentam em consonância com as teorias. É preciso estudos interdisciplinares para uma visão mais completa sobre o fenômeno da criação e ampliação desse tipo de experiência museológica sem que deixemos as paixões dominarem nossas análises críticas.

O referencial teórico relacionado à chamada Nova Museologia e iniciativas museológicas que influenciaram ou foram influenciadas por ela foi a base fundamental para uma compreensão mais panorâmica desse fenômeno. Os pontos de vista e reflexões trazidas pelos/as diferentes teóricos/as, além de contribuir para que permanentemente realizássemos autocríticas em relação às metodologias e pontos de vista adotados na presente pesquisa, contribuíram para que evidenciássemos que é preciso considerar diversos pontos de vista para que compreendamos as complexidades de um campo. Igualmente importante foi a utilização de mapas conceituais para a análise dos conceitos, que demonstrou ser uma ferramenta útil tanto para a sistematização das informações quanto para o acesso posterior aos autores.

Além dessa importante contribuição não podemos deixar de lado a importância das discussões e leituras realizadas durante as disciplinas do PPGMUS-USP, os intercâmbios obtidos com outros/as pesquisadores/as e atores sociais responsáveis por representar esses museus durante a participação em seminários, simpósios, palestras, cursos, contribuições obtidas nas duas ocasiões que tive a oportunidade de apresentar este projeto de pesquisa e seus anseios (II SInPeM e V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural), que foram fundamentais para o desenvolvimento das reflexões aqui trazidas.

Lamentamos a centralidade ocupada pelo Continente Europeu na bibliografia adotada. No entanto, os intercâmbios entre museólogos brasileiros se não ocorreram com teóricos procedentes deste continente (principalmente com franceses), tiveram ele como pólo central das discussões museológicas. Buscamos, no entanto, evidenciar o diálogo com o desenvolvimento da Nova Museologia em outras localidades. Foi igualmente importante trazer experiências importantes desenvolvidas antes mesmo da década de 1980 no Brasil, e demonstrar que o governo militar que esteve no poder entre 1964 a 1984 pode ser considerado responsável por impedir o desenvolvimento da museologia comunitária no país durante aquele período. Isso representa o quanto, por mais autônomas que as iniciativas sejam, as políticas públicas interferem no desenvolvimento do campo.

Acreditamos que as análises e reflexões realizadas a partir das informações básicas (ano de criação, região, estados e denominações) e a partir dos dados apresentados em alguns campos das fichas museográficas poderão servir de base para novas reflexões e poderão ser acrescidas constantemente por esta ou outros/as pesquisadores/as. A opção pela elaboração de fichas museográficas individuais para

servir de apoio à pesquisa foi a saída que encontramos para que as informações sobre os museus pesquisados não se apresentassem superficiais, percebemos no entanto que por mais que tenhamos boas intenções tratam-se de recortes, que não são capazes de substituir estudos mais aprofundados sobre cada uma das iniciativas, embora o esforço de síntese empreendido possibilite um “primeiro contato” e/ou uma ideia mais sólida de como são e funcionam essas iniciativas museológicas.

Foi surpreendente descobrir a existência de museus em comunidades urbanas e rurais, aldeias indígenas, comunidades quilombolas, terreiros de candomblé e umbanda etc. Como afirma Rago (2007, p.10), com a entrada e o fortalecimento de “novas forças sociais, étnicas, sexuais e geracionais” que “ganham espaço e respeitabilidade no mundo público”, fica impossível “afirmar simplesmente que a História é o registro do que aconteceu no passado, pois se vários acontecimentos foram lembrados e registrados, muitos perderam seus rastros, foram esquecidos, ou deliberadamente apagados”. Portanto, muitos desses museus de comunidades, ao apresentarem as memórias de pessoas e comunidades desconhecidas, até então “ausentes de visibilidade histórica”, confrontam o “discurso do vencedor” (*idem*, p.10), e apresentam olhares históricos de outros ângulos. Como afirma Jenkins (2007, p.40), toda história é um “constructo ideológico”, que “está sendo constantemente retrabalhada e reordenada por todos aqueles que, em diferentes graus, são afetados pelas relações de poder”.

Buscamos agregar e sistematizar o conhecimento teórico e prático disperso nas diversas bibliografias sobre esses museus, e esperamos ter conseguido cumprir o desafio com o qual nos comprometemos. Diversas dúvidas surgiram no meio do caminho sobre quais tipos de critérios seriam utilizados no reconhecimento de uma ou outra iniciativa enquanto ecomuseu ou museu comunitário, principalmente aquelas que optaram por não utilizar o nome “museu” em sua denominação. As contribuições de outros/as pesquisadores/as do campo contribuíram muito para que chegássemos a um denominador comum entre as várias possibilidades apresentadas, optamos então por considerar tanto as autodefinições das próprias iniciativas, mas também a consideração de pesquisadores/as do campo que com elas tiveram contato e as reconheceram enquanto museus ou processos museológicos de base comunitária.

Os museus não são iniciativas isoladas de seu contexto tampouco são capazes de resolver os problemas do mundo, mas podem constituir-se em ferramentas importantes para que alguns problemas sejam amenizados ou mesmo resolvidos. Algumas dessas comunidades já perceberam o potencial dessas iniciativas que, por

meio das memórias e dos patrimônios comunitários, podem contribuir com as lutas pela garantia de direitos, contra formas de discriminação e intolerâncias.

Perceber que os ecomuseus e museus comunitários, embora não estejam vinculados a museus tradicionais e a cursos de museologia não estão trabalhando de forma isolada é importante pois desconstrói rótulos que possam ser criados sobre as experiências museológicas e as comunidades às quais estão vinculadas. Nem tudo são flores na elaboração dos projetos, como nem tudo são flores nos museus institucionalizados. Nem a presente pesquisa tampouco as propagandas e vídeos institucionais são capazes de apresentar as iniciativas museológicas como um todo, tampouco os conflitos e tensões que acontecem nos bastidores museológicos, que envolve desde problemas técnicos e a falta de recursos até as complexas relações humanas.

Maria Célia Santos (2008, p.73) considera importante que as ações museológicas estejam embasadas na teoria “e na relação necessária entre a teoria e a prática, possibilitando que ambas sejam fortalecidas e enriquecidas”. Cabe observar que, se a teoria não chega às comunidades, essas não devem ser culpabilizadas por isso não ocorrer. É preciso que as instituições educacionais e os poderes públicos assumam a responsabilidade de promover espaços de intercâmbio e aumentar as possibilidades do ingresso de pessoas oriundas a grupos menos favorecidos nas instituições de ensino superior.

Ao refletir sobre a exigência da implantação de museus indígenas pelo governo Canadense para que fosse efetuada a repatriação de objetos da festa sagrada *Polatch*, Tolentino (2016, p.2) conclui que “um museu, mesmo imposto e considerado como uma instituição extremamente elitista, pode ser recomeçada e reinventada”. Será que tanto os museus tradicionais quanto ecomuseus e museus comunitários não podem se autoavaliar e se reinventar constantemente? É importante apresentar soluções para os problemas mais do que apontar os problemas existentes. Como afirma Moutinho (1995b, p.24), é preciso “relativizar os sucessos e insucessos, duvidar das avaliações de curto prazo e recomeçar cada dia conscientemente uma nova história, um novo museu”.

Consideramos importante compreender os conceitos, as teorias, mas também é importante respeitarmos as formas próprias que cada comunidade encontra para a preservação de suas memórias e patrimônios. É preciso, antes de tudo, garantir que os conhecimentos lhe estejam acessíveis e sejam utilizados “do modo que lhes

convém” (CHAGAS; ASSUNÇÃO; GLAS, 2014, p.433), sem que processos burocráticos destruam o potencial transformador das dinâmicas existentes.

O fato das práticas não necessariamente condizerem com as teorias não quer dizer que não sejam práticas bem sucedidas, tampouco que as teorias não possam ser posteriormente apropriadas ou reapropriadas pelas experiências museológicas. Já não basta a democratização do acesso aos museus como público visitante, essas experiências demonstram a importância de núcleos museológicos locais enraizados nas comunidades, espaços culturais cheios de possibilidades quanto à participação democrática – lugares de debates e poder –, à reativação das memórias, à construção e reconstrução de identidades – autoestima e construção da tolerância para com o Outro –, à descoberta e redescoberta de patrimônios etc.

A nosso ver, não se trata de defender visões museológicas periféricas, mas de reconhecer museologias para as quais, antes das técnicas – embora não desprezando-as completamente –, importa a prerrogativa política, a resistência ao *status quo*, a necessidade de (auto)afirmação, reconhecimento e valorização. São museus que penetram o passado das comunidades por meio de suas memórias e bens patrimoniais, mas que tem relações estreitas com o presente – no qual intervêm –, exposto nas principais demandas/lutas sociais contemporâneas apresentadas em seus objetivos, e além disso, por meio de suas ações, projetam o futuro.

Não se trata apenas de representação, mas também de representatividade, ou seja, não basta que as “minorias” sejam representadas em espaços museológicos, é preciso que elas componham os processos de produção das memórias, histórias, coleta, preservação e comunicação dos patrimônios. Afinal de contas, centralidade não é protagonismo.

Como afirma Ignacio Balerdi (2002, p.513), decerto “há acertos e erros, conquistas e dificuldades”, mas há também um “sopro de ar fresco”, uma promoção dos valores que talvez não estejam muito na moda, uma crítica à museologia tradicional, um fazer de coisas de outra maneira, com outros fins, demonstrando que há outros caminhos que podem ser percorridos, mas que exigem uma “mente aberta” e um “espírito generoso”.

Talvez ainda seja cedo para avaliarmos se estes ecomuseus e museus comunitários estão realmente alcançando seus objetivos, pois como afirma Moutinho (2010, p.22) a Museologia Social refere-se a um posicionamento ético cujo efeito da intervenção “acaba por ser longínquo, perverso tantas vezes e alheio às intenções primeiras” (*idem*, p.23) que pode ser tomado ou não pelas iniciativas ou processos museológicos.

No entanto, podemos compreender as experiências museológicas que assumem um compromisso social com as comunidades em que estão inseridas como lugares de aproximação – entre pessoas e grupos sociais, entre pessoas e seus patrimônios, entre pessoas e o patrimônio do “Outro” etc. – e estímulos diversos, que podem ser importantes ferramentas utilizadas para o (re)conhecimento e a valorização de (o/a):

- territórios e referências patrimoniais que os compõem (recursos naturais, paisagens naturais e culturais etc.);
- patrimônios naturais, culturais, materiais e imateriais (frutos do trabalho ou do ócio dos atores sociais locais) - a serem utilizados de forma consciente como recursos comunitários para a melhoria da qualidade de vida da coletividade;
- modos próprios de viver, pensar, sentir e se relacionar;
- manifestações culturais que expressam culturas próprias;
- identidades individuais e coletivas (construídas ou reconstruídas);
- ações organizadas coletivamente – participação social.

O estudo presente não teve a pretensão de esgotar as reflexões sobre essas experiências museológicas que vem transformando a museologia contemporânea. Esperamos que os dados e reflexões trazidos possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento do campo museológico brasileiro, e abrir caminho para que sejam realizadas pesquisas mais aprofundadas e análises comparativas sobre essa tipologia de museus.

Referências²⁷⁸

ABRANTES, Antonio Carlos Souza de; AZEVEDO, Nara. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966.

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas Belém: MPEG, v.5, n.2, p.469-489, maio-ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n2/a16v5n2.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

AK-CHIN INDIAN COMMUNITY. Disponível em: <http://www.ak-chin.nsn.us/>. Acesso em: 03 abr. 2017.

ALEVATO, Gabriela Machado. Museu de Imagens do Inconsciente: pesquisa e arte. **MUSAS** - Revista Brasileira de Museus e Museologia. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, n.4, p.50-57, 2009.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. **Museus, desenvolvimento e mudança: A reação dos “espaços banais”**. 2008. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=15>. Acesso: 10 fev. 2013.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luís. **Introducción a la Nueva Museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

_____. **Museología: Introducción a La Teoría y Práctica del Museo**. Madrid: Fundamentos Mayor, 1993.

_____. **Museología y Museografía**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 8ª ed., 1991.

ANACOSTIA Community Museum. Disponível em: <http://anacostia.si.edu/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Nina Gorgus. Le Magicien des vitrines - Le museologue Georges Henri-Rivière. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.14, n.2., p.317-322, jul.-dez. 2006.

²⁷⁸ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC.

Disponível em: <http://www.abremc.com.br/ecomuseus.asp>. Acesso em 22 mai. 2016.

_____. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

BALERDI, Ignacio Díaz. Qué fue de la Nueva Museología? El caso de Québec. **Artigrama**, n. 17, p.493-516, 2002.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e Museologia Social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó. Ano. 27, n.41, p. 175-192, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2602/1501>. Acesso em: 2 fev. 2015.

BARBOSA, João Alexandre. Uma psicologia do oprimido. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T.A. Editor, 1979, p.XI-XV.

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. A Conformação dos Ecomuseus: elementos para a compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v.3, n.1, p.209-236, jan./dez. 1995.

_____. A experiência dos ecomuseus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Cidades, p.C4, 26 jan. 1989.

_____. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8742815851577473>. Acesso em: 17 fev. 2017.

BELLAIGUE, Mathilde. Actores en el mundo real. In: UNESCO. **Museum - Imágenes del Ecomuseo**. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura – UNESCO, n.148, Vol. XXXVII, nº 4, p.194-197, 1985. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

_____. Memória, Espaço, Tempo, Poder. **Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS UNIRIO / MAST, v.2, n.2, p.87-90, jul./dez. 2009. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/78/98>.

Acesso em: 31 mar. 2017.

_____. Uma nova visão do passado. **Memória**. São Paulo: Eletropaulo, v. 5, n. 19, p. 74-77, jul./dez. 1993. Entrevista concedida a Heloisa Barbuy.

BENFEITORIA. Disponível em: <https://benfeitoria.com/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, vols. 8/9, p.151-174, 2003.

BOECKEL, Cristina. Mário de Andrade cita 'tão falada homossexualidade' em carta proibida. **G1 Rio**, 18 jun. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/06/mario-de-andrade-cita-tao-falada-homossexualidade-em-carta-proibida.html>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade)

BRANDÃO, Carlos Roberto. Apresentação a Maria Cristina Oliveira Bruno (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, vol. 1.

BRANDÃO, Carlos Roberto; LANDIM, Maria Isabel. Museus: o que são e para que servem?. In: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS (org.) **Museus: o que são, para que servem?**. Brodowski/São Paulo: ACAM Portinari / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011, p.93-104. (Coleção Museu Aberto)

BRANDÃO, Carlos Roberto Ferreira; COSTA, Cleide. Uma crônica da integração dos museus estatutários à USP. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol.15, n.1, p. 207-217, jan.-jun. 2007.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. **Legislação sobre Museus** [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2ª ed., 2013. (Série legislação; n.108). Disponível em:

http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/14599/legislacao_museus_2ed.pdf?sequence=3. Acesso em: 3 abr. 2017.

_____. **Política Nacional de Museus**: Memória e Cidadania. 2003. Brasília: Ministério da Cultura, 2003. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em: 3 abr. 2017.

BRULON, Bruno. André Desvallées: entre museologias. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.11-14, 2015.

_____. André Desvallées: Trajetória Profissional. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.167-170, 2015.

_____. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9885138624847414>. Acesso em: 18 abr. 2017.

_____. Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. **MUSAS** - Revista Brasileira de Museus e Museologia, Brasília, n.6, p.30-47, 2014. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BRULON SOARES, Bruno; CURY, Marília Xavier. Museologia – Uma disciplina, muitos conceitos, inúmeras aplicações. Considerações sobre a tradução dos Conceitos-chave de Museologia. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013, p.25-27.

BRULON, Bruno; SCHEINER, Tereza. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. In: X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. A responsabilidade social da ciência da Informação, 2009, João Pessoa. **E-book do X Encontro** [...]. João Pessoa: Ideia Editora, 2009, p.1-21. Disponível em: <http://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/12/a-ascensc3a3o-dos-museus-comunitc3a1rios.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. **Cadernos de Sociomuseologia** - XIII Encontro Nacional Museologia e Autarquias: A qualidade dos museus. Lisboa: ULHT, v.25, p.3-15, 2006. Disponível

em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/42>.
Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, Vol. 1.

_____. (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, Vol. 2.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAÚJO, Marcelo Mattos. Introdução. BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, Vol. 2.

CABRAL, Magaly. Museus e o patrimônio intangível: O patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural. 2004. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, 2010, p.158-170.

CABRERA HANNA, Santiago. **Péndulos**. Política patrimonial y conflictos socioculturales en Ecuador. Quito, Universidad Andina Simón Bolívar, 2014.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2ª ed., 2006.

CARDOSO, Ruth. Building senses of “community”: Social Memory, Popular Movements and Political Participation. **Vibrant**, v.10, n.1, 1983.

CARNEIRO, Leonardo. Aprendendo e Ensinando com a Extensão: Possíveis Caminhos para uma Geografia Engajada. In: **XVIII Encontro Regional de Geógrafos – A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia**. 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467575417_ARQUIVO_extensaoeogeografia.pdf. Acesso em: 8 fev. 2017.

CASA SÃO LUIZ. Disponível em: <http://www.casasluiz.com.br/csl/>. Acesso em: 21 abr. 2017.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES - CUT. Disponível em: <http://cut.org.br/conteudo/historico/>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v.12, n.1, p. 237-268, jan./dez. 2004.

_____. O Museu do Estado da Bahia, entre ideais e realidades (1918 a 1959). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v.19, n.1, p. 189-243, jan.- jun. 2011.

CHAGAS, Mário de Souza. **A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder** em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. 2003. 307fl. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ), Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/50087891/Imaginacao-Museal-Museu-Memoria-e-Poder-em-Gustavo-Barroso-Gilberto-Freyre-e-Darcy-Ribeiro-CHAGAS-Mario>. Acesso em: 28 mar. 2017.

_____. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó, SC: Argos, 2 ed., 2015.

_____. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável - Museologia e Desenvolvimento Sustentável, 2000, Rio de Janeiro. **Anais do II Encontro [...]**. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001, p.12-18. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____. **Museália**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: JC Editora, v.1, 1996.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.430-436, dez. 2014. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

CHAGAS, Mário de Souza; GOUVEIA, Inês. Museologia Social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.9-24, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

CHAGAS, Mário de Souza; LARDOSA, Nathália; CALIXTO, Luisa. Rede de Museologia Social do Rio do Janeiro: uma experiência de diagnóstico e cartografia. In: V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, 2015, Juiz de Fora. **Caderno de Resumos: experiências e pesquisas**, 2015, p.95-96.

CHAVES, Gláucia. A Estrutural é feita de luta e sonhos. **Correio Braziliense**, 20 nov. 2016. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2016/11/20/interna_revista_correio,557595/uma-cidade-que-se-inventa.shtml. Acesso em: 12 jan. 2017.

CHECHÊNIA mantém 'campo de concentração' para torturar gays. **Isto É**, 12 abr. 2017. Disponível em: <http://istoe.com.br/chechenia-mantem-campo-de-concentracao-para-torturar-gays/>. Acesso em: 13 abr. 2017.

CININI, Maria Fernanda. Ciências Sociais Aplicadas: O homem e o espaço, infinitas possibilidades. **Revista Diversa**. Belo Horizonte: Núcleo Web do Centro de Comunicação da UFMG, n. 15, 2009. Disponível em: https://www.ufmg.br/diversa/15/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=15&Itemid=14. Acesso em: 06 abr. 2017.

CÓDIGO DE ÉTICA DO ICOM PARA MUSEUS. Versão Lusófona, 2009. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM-BR). Disponível em: http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf. Acesso em: 20 mai. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS - ICOM. **Código de Ética do ICOM para Museus**. Versão Lusófona, 2009. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM-BR). Disponível em: <http://icom.org.br/wp->

[content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf](#). Acesso em: 20 mai. 2015.

COUTINHO, Davison. Exposição 'Mulheres Guerreiras' no Cantagalo. **Jornal do Brasil**, 04 mar. 2015. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2015/03/04/exposicao-mulheres-guerreiras-no-cantagalo/>. Acesso em: 19 nov. 2016.

CURY, Marília Xavier. Análise de exposições antropológicas. Subsídios para uma crítica. In: XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação - A informação na sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano / XIII ENANCIB, 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XIII Encontro...** Rio de Janeiro: ANCIB, v. 1, 2012, p.1-20.

_____. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1362575549351097>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. Museologia – Marcos Referenciais. **Cadernos do CEOM** – Museus: pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó: Unochapecó, Ano 18, n.21, p.45-73, jun. 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>. Acesso em: 30 out. 2015.

_____. Museologia: Novas Tendências. In: GRANATO, Marcus et al. (org.) **MAST Colloquia** - Museu e Museologia. Interfaces e perspectivas. 1ª ed. Rio de Janeiro: MCT: MAST, v.11, p.25-41, 2009.

_____. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico – uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 5, p.55-73, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/10949/7824>. Acesso em: 29 mar. 2017.

_____. Museus - Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento. **Revista Museu**, p.1-3, 2008. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16583>. Acesso em: 05 fev. 2014.

_____. Museus e Harmonia Social (sic). **Revista Museu**, 2010. Sem paginação. Disponível em: <http://revistamuseu.com/18demaio/artigos.asp?id=24000>. Acesso em: 19 nov. 2016.

DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. A Historiografia Brasileira do Século XIX e a Questão Racial. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (org.). **Caderno de Resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia**. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/leandro.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DECARLI, Georgina. Vigencia de la Nueva Museología em América Latina: Conceptos y Modelos. **Revista ABRA de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional**. Costa Rica: Editorial EUNA, jul./dic. 2003.

DECLARAÇÃO DE CARACAS - ICOM, 1992. In: PRIMO, Judite (org.). **Cadernos de Sociomuseologia** - Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Tradução Maristela Braga. Lisboa: ULHT, v.15, n.15, p.243-265, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>. Acesso em: 27 mai. 2016.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC - Princípios de Base de uma Nova Museologia, 1984. In: PRIMO, Judite (org.). **Cadernos de Sociomuseologia** - Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Tradução Mário Moutinho. Revisão Marcelo Mattos Araújo. Lisboa: ULHT, v.15, n.15, p.223-225, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342/251>. Acesso em: 27 mai. 2016.

DECLARAÇÃO MINOM RIO 2013. In: **XV Conferência Internacional do MINOM**, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2016.

DECLARATORIA DE OAXTEPEC. In: **Memoria del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad (Ecomuseos)** – “El Hombre Y Su Entorno”, Oaxtepec, Morelos, p.174-178, 1984. Disponível em: <http://nuevamuseologia.net/declaratoria-de-oaxtepec-morelos-1984/>. Acesso em: 20 mai. 2015.

DEMO, Pedro. **Pobreza Política**. Campinas: Editora Autores Associados, 6ª ed., 1996. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

DEPARTAMENTO DE IST, AIDS E HEPATITES VIRAIS - Ministério da Saúde. **O que é HIV**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>. Acesso em: 29 mar. 2017.

DESVALLÉES, André. Apresentação à obra *Une anthologie de la Nouvelle Muséologie*, vol.1. 1992. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.87-110, 2015.

_____. Entrevista com André Desvallées [30 mar. 2012]. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.131-150, 2015. Entrevista concedida a Bruno Brulon.

_____. Museologia nova 1985 ou O nascimento da “nova museologia”. 1985. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.33-40, 2015.

_____. O ecomuseu: museu grau zero ou museu fora das paredes? (1985). **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.21-26, 2015.

_____. Uma virada da museologia. 1987. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.49-68, 2015.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/conceito/>. Acesso em: 20 mai. 2016.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Yin Yang. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/yin-yang/>. Acesso em: 17 fev. 2017.

DIÈNE, Doudou. Visitar museus da ditadura não é suficiente para entender as violações dos direitos humanos. **Revista Fórum**, 15 nov. 2014. Entrevista concedida a

Marcelo Hailer e Vinicius Gomes. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/digital/173/entrevista-diene/>. Acesso em: 01 dez. 2016.

DUARTE, Alice. O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. In: I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2009, Porto. **Actas do I Seminário [...]**. Porto: Universidade do Porto, Volume 1, 2009, p.41-61. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8108.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. Nova Museologia: Os Pontapés de Saída de uma Abordagem Ainda Inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.6, n. 2, p. 99-117, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Conceitos e proposições presentes em Vagues, a Antologia da Nova Museologia. **Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**, Porto Alegre: FAPA, n.31, p.63-75, 2002.

_____. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2013.

_____. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, vol.20, n.20, 2003. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/37>. Acesso em: 12 abr. 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; RUOSO, Carolina. Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.44, p.33-52, 2012. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibvirtmhn&pagfis=28794>. Acesso em: 23 abr. 2017.

DU REST, Erwan Le Bris. Buhez-Vie! **Icofom Study Series** - ISS Hors-série - Hommage a Andre Desvallees. Paris: ICOFOM-ICOM, p.123-134, 2014.

ÉCOMUSÉE de Hearst Ecomuseum. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseeDeHearst/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA. Disponível em: <https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

EDP. **Fundação** EDP. Disponível em:
<http://www.edp.pt/pt/sustentabilidade/fundacoes/fundacaoedp/Pages/FundacaoEDP.aspx>. Acesso em: 25 mai. 2017.

ELABORAÇÃO DE TESAURO DOCUMENTÁRIO. Disponível em
<http://conexaorio.com/bit/tesauro/termo.htm>. Acesso em: 20 mai. 2016.

ESCOBAR, Giane Vargas; VARINE, Hugues de. Patrimônio Comunitário e Novos Museus: A Face Afro-Brasileira da Museologia Comunitária. In: **IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**, 2012, Belém. Atas do IV EIMC. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012.

EXNEMUS. **Memória LGBT no Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo** – MUF (publicado em 17/04/2015). Disponível em:
<https://exnemusbrasil.wordpress.com/2015/04/17/memoria-lgbt-no-museu-de-favela-pavao-pavaozinho-e-cantalo-muf/>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FERREIRA, Ana Maria Napolitano e. **Processo de Formação do Museu Comunitário Monte Azul**, Município de São Paulo. Monografia (Especialização em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello Figueiredo. **Gestão Sustentável da Paisagem Cultural**: legados e lições da experiência de Paranapiacaba. São Paulo: Revista CPC, n.18, p.29-55, dez. 2014 - abr.2015. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/74963/92653>. Acesso em: 10 mai. 2017.

FILIPPE, Graça; VARINE, Hugues de. Que Futuro Para os Ecomuseus? **Revista Al-Madan**. Almada, Portugal: Centro de Arqueologia de Almada, II Série: 19, p.21-36, jan. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/21742401/Que_futuro_para_os_ecomuseus. Acesso em: 20 jan. 2017.

FREIRE, José R. Bessa. A descoberta do museu pelos índios. **Terra das Águas** - Revista semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília, Ano 1, n.1, Sem.1999. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/58829252/A-Descoberta-Do-Museu-Pelos-Indios>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 15ª ed., 2013.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Histórico**. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=250&Itemid=238. Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. **Muhne promove o I Seminário de Pesquisa em Ecomuseus e Museus Comunitários**. 29 nov. 2016. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=44&Itemid=183. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Muhne realiza segunda etapa do Workshop Ação Educativa em Museus Comunitários e o Programa Mais Educação**: intercâmbio de experiências e parcerias para a educação integral. 20 mar. 2015. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4338:muhne-realiza-segunda-etapa-do-workshop-acao-educativa-em-museus-comunitarios-e-o-programa-mais-educacao-intercambio-de-experiencias-e-parcerias-para-a-educacao-integral&catid=44:sala-de-impressa&Itemid=183. Acesso em: 5 mar. 2017.

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <http://www.fct.pt/>. Acesso em: 06 abr. 2017.

FUNDAÇÃO TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária**: Teresa Morales Lersch. Disponível em: <http://ongterra.org/palestrantes/teresa-morales/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GAMA, Elizabeth Castelano. Kissimbê: Águas do saber. Compreendendo a política de musealização como estratégia das comunidades-terreiro. In: 2º Simpósio Sudeste da ABHR, 2015, São Paulo. **Anais do 2º Simpósio [...]**, vol.1, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1338/958>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GOLDSTEIN, Ilana. **Reflexões sobre a Arte Primitiva**: o caso do Musée Branly. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, Ano 14, n.29, p.279-314, 2008.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio**: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. 2012. 322f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: https://www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao_3.pdf. Acesso em: 4 nov. 2014.

_____. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4517860485776752>. Acesso em: 5 mar. 2017.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará**: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.71-90. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

GOMES, Ana Carolina; PICCOLO, Priscilla; REY, Ricardo. **Exposições Universais: Sociedade no século XIX**. Rio de Janeiro: UFF, [2013?], 9p. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais_Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf. Acesso em: 20 abr. 2017.

GRELLET, Fábio. Museu Nacional, o mais antigo do Brasil, fecha por falta de dinheiro. **Estadão**, 12 jan. 2015. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,museu-nacional-o-mais-antigo-do-brasil-fecha-por-falta-de-dinheiro,1618890>. Acesso em: 8 fev. 2017.

RÚSSIO CAMARGO GUARNIERI, Waldisa. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação (1990). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, v. 1, parte 2, p.203-210, 2010.

_____. Museologia e identidade (1989). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, p.176-185, 2010.

HAUENSCHILD, Andrea. **Claims and Reality of New Museology: Case Studies in Canada, the United States and Mexico**. Hamburg, 1988. Disponível em: <http://museumstudies.si.edu/claims2000.htm>. Acesso em: 16 jul. 2014.

HISTÓRIA do Brasil. net. **Governo de Nassau em Pernambuco** - resumo, características. Disponível em: http://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/governo_nassau.htm.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, T (org.) **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Ana. Ao Brasil, seus museus. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, p.9-10.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.61-65, 2010.

HUBERT, François. Historia de los Ecomuseos. In: Georges Henri Rivière. **La Museología – Curso de Museología/Textos y testimonios**. Tradução Antón Rodríguez Casal Madrid: Ediciones Akal, p.195-206, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WcsnkN4w2xUC&pg=PA201&lpg=PA201&dq=definicion+evolutica+del+ecomuseo&source=bl&ots=mdFQcQAQYW&sig=Q_AoTI6Nn9KexPvJxD2hCZjup7o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj1sanj4nTAhVCIJAKHeCyDWsQ6AEIYzAJ#v=onepage&q=definicion%20evolutica%20del%20ecomuseo&f=false. Acesso em: 16 abr. 2015.

HUYSEN, Andreas. En busca del tiempo futuro. **Revista Puentes**. Buenos Aires, año 1, n. 2, 2000.

HYPENESS. **Fazenda no Rio de Janeiro trata escravidão como atração turística**. Dez. 2016. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2016/12/fazenda-no-rio-de-janeiro-trata-escravidao-como-atracao-turistica/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 1992, Rio de Janeiro. **Anais do I Encontro [...]** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.

IBERMUSEUS / IBERMUSEOS. **O espaço dos museus ibero-americanos**. Disponível em: <http://www.bermuseum.org/instit/conheca-o-programa-bermuseum/>. Acesso em: 05 abr. 2017.

ICOM Brasil - ICOM-BR. Museus e Comunidades no Brasil: realidade e perspectivas - Documento Final do 1º Encontro Nacional do ICOM-BR, Petrópolis, 1-5 maio 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, parte 3, p. 95-112, 2010.

ICOFOM Study Series - ISS. **Symposium Museum and Community I**. Vevey: ICOFOM/ICOM/UNESCO, n.24, 1994. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2024%20\(1994\).pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2024%20(1994).pdf). Acesso em: 21 abr. 2017.

ICOFOM Study Series - ISS. **Symposium Museum and Community II**. Vevey: ICOFOM/ICOM/UNESCO, n.25, 1995. Disponível em: [http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2025%20\(1995\).pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2025%20(1995).pdf). Acesso em: 21 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - ICOM. **Cadastro Nacional de Museus**. Disponível em: <http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf>. Acesso: 10 out. 2013.

_____. **Editais 2012**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/>. Acesso em: 5 jan. 2017.

_____. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

_____. **Histórico**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas-2/de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>. Acesso em: 03 jan. 2014.

_____. **Ibram dá pontapé inicial para a construção do Saber Museu**. Brasília: 6 out. 2015. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/ibram-da-pontape-inicial-para-a-construcao-do-saber-museu/>. Acesso em: 5 jan. 2017.

_____. **Museu das Bandeiras realiza atividades para comemorar Dia do Orgulho Gay**. Brasília, 10 jun. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu-das-bandeiras-realiza-atividades-para-comemorar-dia-do-orgulho-gay/>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. **Museus em Números**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museus-em-numeros/>. Acesso em: 05 jun. 2014.

_____. **Portaria do Ibram institucionaliza o Programa Pontos de Memória.** Brasília: IBRAM, 11 set. 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/portaria-do-ibram-institucionaliza-o-programa-pontos-de-memoria/>. Acesso em: 11 set. 2017.

_____. Rede Nacional de Identificação de Museus – **ReNIM. Museus Br.** <http://renim.museus.gov.br/bem-vindo-a-museus-br-a-maior-plataforma-de-informacoes-sobre-os-museus-existentes-no-brasil/>. Acesso: 12 abr. 2017.

_____. **Rio de Janeiro articula rede de memória e museologia social.** Brasília: IBRAM, 18 out. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/rio-de-janeiro-articula-rede-de-memoria-e-museologia-social/>. Acesso em: 13 nov. 2013.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável.** Brasília: IBRAM, 2015. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Educação Patrimonial:** Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA E HISTORIA. **Investigadores INAH:** Teresa Morales Lersch. Disponível em: https://investigadores.inah.gob.mx/index.php?option=com_content&view=article&id=821:teresa-morales-lersch&catid=10&Itemid=200. Acesso em: 22 abr. 2017.

JACOMY, Bruno. Introdução: Instrumentos, máquinas e aparatos interativos de ciência e tecnologia exibidos nos museus. In: Valente, M. E, A. (org.). **Museus de Ciência e Tecnologia.** Interpretações e ações dirigidas ao público. Rio de Janeiro: MAST (CIMUSET-ICOM), p.15-24, 2007.

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** Tradução Mario Vilela São Paulo: Contexto, 2007.

JULIÃO, Letícia. Apointamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas.** Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, p. 17-30, 2006. 2ª Ed.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Teologia da Libertação. **InfoEscola.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/religiao/teologia-da-libertacao/>. Acesso em: 18 abr. 2017.

JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. A prática das ações museológicas e a constituição dos museus em Uberlândia, Minas Gerais. In: XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio [...]** Fortaleza: ANPUH, 2009, p.1-9. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0940.pdf>. Acesso: 17 dez. 2013.

KASEKER, Davidson Panis. **Diretrizes do Processo de Musealização na Gestão do Patrimônio de Itapeva** (SP). 2014. 288f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMUS-USP), São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-09022015-115653/pt-br.php>. Acesso: 2 set. 2016.

KICKANTE. Disponível em: <https://www.kickante.com.br/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

KIZOMBA NAMATA. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/kizombanamata/>. Acesso: 4 mar. 2017.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, n. 31, p. 185-205, 2005.

LAGE, Celina Figueiredo; FRANÇA, Jade Liz de Oliveira. A curadoria de arte no ciberespaço – conceitos e experiências na construção de um museu virtual. In: V Encontro Internacional DE Ecomuseus e Museus Comunitários, 2015, Juiz de Fora. **Caderno de Resumos:** experiências e pesquisas, 2015, p.45.

LAYTANO, Dante de. I Congresso Nacional de Museus e o I.B.E.C.C. Correio do Povo, Rio Grande do Sul, 3 ago. 1956. **Lux Jornal**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=53564>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LOPES JUNIOR, Wilson Martins; SANTOS, Regina Célia Bega dos. Novas centralidades na perspectiva da relação centro – periferia. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, vol. 21, n. 3, p.351-359, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9616/5787>. Acesso em: 22 fev. 2017.

LÓPEZ ROSAS, William Alfonso. Disputas pela narrativa do Museu Nacional da Colômbia. In: VASCONCELLOS, Camilo de Mello, FUNARI, Pedro Paulo &

CARVALHO, Aline (org.). **Museus e Identidades na América Latina**. São Paulo, Annablume/UNICAMP, p. 115-136, 2015.

MACGREGOR, Arthur. The Ashmolean as a museum of natural history, 1683-1860. **J Hist Collections**, 13 (2), p.125-144, 2001.

MAGALHÃES, Alexandre. “Sairei da Minha Casa, mas Não da Luta” – Jane Nascimento, ao ser removida da Vila Autódromo. **Rio on Watch**, 14 ago. 2015. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=14952>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MAGALHÃES JUNIOR, R. O Sr. Gustavo Barroso e o destino dos integralistas. A Tribuna, Santos - São Paulo, 7 jan. 1959. **Lux Jornal**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=53564>. Acesso em: 22 abr. 2017.

MANOEL-CARDOSO, Pedro. O que é Museologia? **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó. Ano. 27, n.41, p.117-154, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

MAPEAMENTO de práticas educativas em museus comunitários do Nordeste – FUNDAJ. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <suzy.santos@yahoo.com.br> em 11 out. 2014.

MARTINS, Luiza. Pelo menos oito Estados retiram referências a gênero dos planos de educação. **ZH Educação**, 29 jun. 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/06/pelo-menos-oito-estados-retiram-referencias-a-genero-dos-planos-de-educacao-4791753.html>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MATTOS, Yára. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3935542510544813>. Acesso em: 17 fev. 2017.

MEDEIROS, Thainã de; BOGADO, Diana; CHAGAS, Mario, SOUZA, Sandra Maria de; SILVA, Luiz Claudio da; TERRA, Manan. Confluência de Vestígios. **Designing Politics**. Designing Respect. Disponível em: <http://www.designingpolitics.org/designing-respect/galeria/confluencia-de-vestigios/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MEIRA, Márcio Augusto Freitas de. Palavra do Secretário do Patrimônio, Museus e Artes Plásticas. **Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania**. 2003. Brasília: Ministério da Cultura, 2003. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em: 3 abr. 2017.

MEMORIA del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad (Ecomuseos) – “El Hombre Y Su Entorno”, Oaxtepec, Morelos, p.174-178, 1984. Disponível em: <http://nuevamuseologia.net/declaratoria-de-oaxtepec-morelos-1984/>. Acesso em: 20 mai. 2015.

MÉNDEZ LUGO, Raúl Andrés. **Curriculum Vitae**. 2009. Disponível em: <http://www.minommex.galeon.com/cvitae2207748.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. **Documentos Básicos de Nueva Museología**. 2002. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=16>. Não Paginado. Acesso em: 15 mar. 2013.

_____. **Textos y Reflexiones sobre la Nueva Museología Internacional**. Disponível em: <http://www.nuevamuseologia.galeon.com/>. Acesso em: 04 abr. 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. Nova série. São Paulo, MP/USP, vol.1, 1993.

_____. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, v.2, p.9-42, jan./dez. 1994.

_____. O Museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol.5, n.8/9, set.1984/abr.1985, p.197-205.

MESA-REDONDA: A Declaração de Santiago do Chile (1972). 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.97-107, 2010.

MESA-REDONDA: A Declaração de Caracas (1992). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de

Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.119-128, 2010.

MESA-REDONDA: O Documento do Rio de Janeiro (1958). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.95-96, 2010.

MESA-REDONDA: O Processo Museológico Brasileiro: a visão das instituições. 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, parte 3, 2010, p. 131-143.

MESA-REDONDA de Santiago do Chile - ICOM, 1972. In: PRIMO, Judite (org.). **Cadernos de Sociomuseologia** - Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais. Tradução Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno Lisboa: ULHT, v.15, n.15, p.111-121, 1999. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/335>. Acesso em: 27 mai. 2016.

MIGUEL, Aline Cântia Corrêa. Como nascem as histórias: uma conversa sobre o programa Pontos de Memória. In: **II Encontro Funarte** - Políticas para as Artes: Interações Estéticas em Rede. 2012. Disponível em: http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/045.825.166-61_Aline-Cantia.pdf>. Acesso em: 7 out. 2013.

MINISTÉRIO da Educação. **Relação das Instituições de Ensino Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MIRANDA, Rose. Apresentação. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, p.13-22.

MOUGEOLLE, Léa. O Conceito de “Interseccionalidade”. **Portal Sociologia**, 20 jul. 2015. Disponível em: <http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MONTALVÃO, Claudia Soares de Azevedo. Visualizando o passado: museu e história. In: BITTENCOURT, José et al (org.). **História Representada: o dilema dos museus**. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2003, 113-126.

MORADORES protestam contra reintegração de posse no Rio. **UOL Notícias**, 5 mai. 2014. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2014/05/05/moradores-protestam-contr-reintegracao-de-posse-no-rj.htm#fotoNav=7>. Acesso em: 9 nov. 2016.

MORALES LERSCH, Teresa; CAMARENA OCAMPO, Cuauhtémoc. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?**. Tradução Odalice Miranda Priosti. 2004. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2015.

MORALES LERSCH, Teresa; CAMARENA OCAMPO, Cuauhtémoc. **Capacitacion de los Actores de los Museos Comunitarios**. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/3art/1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MORALES MORENO, Luis Gerardo. Museus, memória e historicidade na museologia mexicana. In: VASCONCELLOS, Camilo de Mello, FUNARI, Pedro Paulo & CARVALHO, Aline (org.). **Museus e Identidades na América Latina**. São Paulo: Annablume/UNICAMP, p. 189-210, 2015.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. Museologie Alternative, Ecomuseologie et d'Autres Possibilites d'Utilisation des Technologies Appropriées dans mon Pays – le Bresil. In: **Memoria del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad (Ecomuseos)** – “El Hombre Y Su Entorno”, Oaxtepec, Morelos, p.90-96, 1984. Disponível em: http://www.minom-icom.net/_old/signud/DOC%20PDF/198403304.pdf. Acesso em: 20 mai. 2015.

_____. São Cristóvão: a district ecomuseum. **Museum International**. Paris: UNESCO, v.37, ed.4, p.237-241, 1985.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida; NOVAES, Lourdes. ICOM e Brasil: um diálogo – lembranças (1946-1993). 1996. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, p.31-81, 2010.

MOTTA, Débora. Pesquisa analisa a trajetória de inserção das mulheres no ensino superior. **Faperj**, 28 ago. 2014. Disponível em: <http://www.faperj.br/?id=2748.2.6>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MOURA, Camila de Fátima Simão de. **Ponto de Memória**: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa. 2016. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2016. Disponível em: <http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CAMILA%20MOURA%20ALC%C3%82NTARA.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MOUTINHO, Mario Canova de Magalhães. A Declaração de Québec (1984). 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.2, p.52-56, 2010.

_____. Decifrando Conceitos em Museologia: Entrevista com Mário Canova Moutinho. [22 jun. 2015]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa: **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. IV, nº8, p.252-269, dez. 2015. Entrevista concedida a Ana Carvalho. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/15824/12210>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão, 2007. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó. Ano. 27, n.41, p.423-427, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. **Introdução à Etnologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. Museologia Informal. **Boletim Associação Portuguesa de Museologia – APOM**. Lisboa: APOM, série II, n.3, p.22-24, 1995. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/old/signud/DOC%20PDF/199501604.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. **Cadernos de Sociomuseologia** - Reedição 1993-2012 – Volume I. Lisboa: ULHT, Vol. 1, 2016, p.13-15.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Acesso em: 23 abr. 2017.

MUSEOLOGIA PARA INDÍGENA. 2015. **APOLO** - Sistemas USP. Disponível em: https://uspdigital.usp.br/apolo/apoObterAtividade?cod_oferecimentoatv=64412. Acesso em: 17 fev. 2017.

MUSEOLOGIA PARA INDÍGENA – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta. 2017. **APOLO** - Sistemas USP. Disponível em: https://uspdigital.usp.br/apolo/apoObterAtividade?cod_oferecimentoatv=76033. Acesso em: 04 abr. 2017.

MUSEU COMUNITÁRIO ALMIRO THEOBALDO MULLER. Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/turismo/item/detalhe/2275>. Acesso em 20 mai. 2014.

MUSEU DAS REMOÇÕES. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudasremocoas/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MUSEU de Favela - MUF. **Série Mulheres Guerreiras.** Disponível em: <http://www.museudefavela.org/exposicoes/>. Acesso em: 19 nov. 2016.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=250&Itemid=238. Acesso em: 23 abr. 2017.

MUSEU DO HORTO. Disponível em: <http://www.museudohorto.org.br/>. Acesso em: 11 set. 2016.

MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS - MUQUIFU. **Doméstica, da escravidão à extinção.** Abr. 2014. Disponível em: <http://muquifu.com.br/site/exposicoes/domestica-da-escravidao-a-extincao/>. Acesso em: 19 nov. 2016.

MUSEU ÍNDIA VANUÍRE. **Fortalecimento da Memória Tradicional Kaingang** – de Geração em Geração. Disponível em: <https://www.museuindiavanuire.org.br/exposicao-virtual/fortalecimento-da-memoria-tradicional-kaingang-de-geracao-em-geracao>. Acesso em: 04 abr. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu do Horto. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6171/#tab=sobre>. Acesso: 09 nov. 2016.

NASCIMENTO JUNIOR, José do. Um Guia para marcar encontro. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, p.11-12.

NEOLIBERALISMO. Sua Pesquisa. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/neoliberalismo.htm>. Acesso em: 3 abr. 2017.

NOBRE, Carlos. Dois grandes congressos afro-brasileiros que marcaram época nas ciências sociais. **Agência Áfricas de Notícias**, 13 abr. 2016. Disponível em: <http://www.portalafricanas.com.br/v1/dois-grandes-congressos-afro-brasileiros-que-marcaram-epoca-nas-ciencias-sociais/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **MUSAS** - Revista Brasileira de Museus e Museologia, Brasília, n. 4, p. 6-10, 2009. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

NOVAES, Carlos Eduardo. Apresentação. **Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.

NOVAK, Joseph Donald; CANÃS, Alberto J. **A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 9-29, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://cmap.ihmc.us/docs/pdf/TeoriaSubjacenteAosMapasConceituais.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.

O QUE É O MUSEU DAS REMOÇÕES? **Youtube**, 17 mai. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6k-b8UCk2DRWsiQBW6pmVA>. Acesso em: 25 nov. 2016.

OLIVEIRA, Albino; RUOSO, Carolina. A festa do objeto: os signos da participação presentes no Museu do Homem do Nordeste. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.273-287, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O Patrimônio Total: dos Museus Comunitários aos Ecomuseus. **Revista Museu**, 2007. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=14>. 17 abr. 2017.

OLIVEIRA, Patrícia Maria Berg Trindade de. **Apropriações e Invenções: A Experiência dos Museus Comunitários no México (1958-1993)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117822/000968689.pdf?sequence=1>. Acesso: 15 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO dos Estados Ibero-americanos. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília: Phábrica / Instituto Brasileiro de Museus / Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.23-27. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PAINEL 2 - experiências brasileiras: Museus a Céu Aberto. In: I Encontro Internacional de Ecomuseus, 1992, Rio de Janeiro. **Anais do I Encontro...** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992, p.149-199.

PARANHOS, Noemia Araújo. **As Histórias dos Quilombos e Quilombolas na Escola: Arte, Cultura, Diversidade**. 2015. Disponível em: https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/banner_pibiex_noemia1.pdf. Acesso em: 16 abr. 2017.

PELEGRINO, Miriane. Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo. **Jornal O Cidadão**, 26 mai. 2016. Disponível em: <http://jornalocidadao.net/museu-das-remoco-es-e-inaugurado-na-vila-autodromo/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PENSAMENTO Verde. **Sustentabilidade Cultural: Os ecomuseus no Brasil**, 24 de. 2013. Disponível em: <http://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-cultural-ecomuseus-brasil/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

PEREIRO, Xerardo. Do museu ao ecomuseu: os novos usos do património cultural. In: PARDELLAS, X. **Turismo Natural e Cultural**. Vigo: Universidade de Vigo, 2002.

PEREZ, Amada. La independencia como gesta heroica en el continuo histórico nacional: la densidad de una representación, 1880/1909. **Catálogo Las Historias de**

un Grito: doscientos años de ser colombianos – Exposición Conmemorativa del Bicentenario. Museo Nacional de Colombia, p. 75-103, 2010.

PIRES, Vladimir Sibylla. Para o levante da multidão, uma museologia da monstruosidade? **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.225-238, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

PRIOSTI, Odalice Miranda. **Memória, Comunidade e Hibridação:** museologia da libertação e estratégias de resistência, 2010, 245p. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese9.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2015.

PRIOSTI, Odalice Miranda; MATTOS, Yára. Caminhos e percursos da museologia comunitária. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, v. 28, n.28, p. 61-80, 2007. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/513/416>. Acesso em: 10 nov. 2014.

PRIOSTI, Odalice Miranda; VARINE, Hugues de. O Novo Museu das Gentes Brasileiras: Criação, Reconhecimento e Sustentabilidade dos Processos Museológicos Comunitários. **Cadernos de Sociomuseologia** - Actas do XII Atelier Internacional do MINOM. Lisboa: ULHT, v.28, n.28, p.57-70, 2007. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/45>. Acesso em: 03 out. 2013.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFJF. **Kizomba Namata** – 1º Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira. 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgeografia/curso/eventos/kizomba-namata-1%C2%BA-encontro-de-comunidades-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira/>. Acesso: 4 mar. 2017.

PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO, Memória, Informação e Cidadania. 2017. Disponível em: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=27026. Acesso em: 22 fev. 2017.

PROGRAMA NACIONAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL (PNPI). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

PROJETO ECOMUSEU CAMPOS DE SÃO JOSÉ. **Blogspot**. Disponível em: <http://ecomuseusjc.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 out. 2016.

PROJETO HISTORIANDO. Educação para o patrimônio, direito a memória e políticas públicas patrimoniais. **Wordpress**, 30 jun. 2010. Disponível em: <https://projetohistoriando.wordpress.com/>. Acesso em: 13 jun. 2014.

PROJETO MUSEU ARTE NA RUA. Um muro é o melhor lugar para divulgar uma ideia. **Blogspot**, 22 mar. 2013. Disponível em: <http://museuartenarua.blogspot.com.br/search/label/projeto>. Acesso em: 15 mai. 2017.

RAGO, Margareth. **A História Repensada com Ousadia**. Prefácio de Keith Jenkins. São Paulo: Contexto, 2007, p.9-13.

RAMOS, Rita de Cássia P. F. O que é Turismo Sustentável? **Turismo Sustentável**, 7 mai. 2013. Disponível em: <http://www.sustentavelturismo.com/2011/04/o-que-e-turismo-sustentavel.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

RE: Cursos de Museologia. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.s@usp.br em 27 jul. 2016.

RED DE MUSEOS COMUNITARIOS DE AMERICAS. **Boletín MC**, n.17, 2014. Disponível em: http://museoscomunitarios.org/boletines_pdf/boletin17RMCA.pdf. Acesso em: 20 jul. 2015.

REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. Disponível em: <http://museuscomunitarios.wordpress.com/historico/>. Acesso em: 15 nov. 2013.

REDE DE MEMORIAIS DE TERREIROS DISCUTE MUSEOLOGIA EM PORTÃO. **Vilas Magazine**, 16 jul. 2013. Disponível em: <http://vilasmagazine.blogspot.com.br/2013/07/rede-de-memoriais-de-terreiros-discute.html>. Acesso em: 15 nov. 2013.

REDE DE MUSEOLOGIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. Projeto Redes de Memória e Resistência. **Blogspot**, 26 abr. 2017. Disponível em: <http://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com.br/search?q=emenda>. Acesso em: 30 abr. 2017.

REDE DE MUSEOLOGIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/remusri/>. Acesso em: 2 jun. 2017.

REDE DE PONTOS DE MEMÓRIA E INICIATIVAS COMUNITÁRIAS EM MEMÓRIA E MUSEOLOGIA SOCIAL DO RS. **Blogspot**. Disponível em: <http://redepontors.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2013.

REDE INDÍGENA DE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA SOCIAL. **Carta Aberta da Rede Indígena de Memória e Museologia Social**. Brasília, 2 jun. 2016. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/pontos-de-memoria-promove-oficina-sobre-memorias-indigenas-museus-e-cultura-digital/>. Acesso em: 5 jan. 2017.

REDE TUCUM. **Jenipapo-Kanindé (Aquiraz/CE)**. Disponível em: <http://www.tucum.org/comunidades/jenipapo-kaninde-aquiraz/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. **Turismo Comunitário**. Disponível em: <http://www.tucum.org/rede-tucum/turismo-comunitario/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

RIBEIRO, Fabrícia. Você conhece a verdadeira origem do símbolo da paz? **Mega Curioso**, 7 abr. 2014. Disponível em: <http://www.megacurioso.com.br/historia-e-geografia/42784-voce-conhece-a-verdadeira-origem-do-simbolo-da-paz-.htm>. Acesso em: 17 fev. 2017.

RIBEIRO, Tatiara S. Damas; MOREIRA, Isabela das Costa. Ecomuseu de Itaipu e Programa Cultivando Água Boa: gestão patrimonial comunitária na Bacia Paraná 3. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p. 289-305, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

RIO DE JANEIRO. **Lei 2360**, de 6 de setembro de 1995. Cria o Ecomuseu do Flamengo e dá outras providências. Disponível em: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/d38566aa34930b4d03257960005fdc91/4f1d6a3ff791c6dd032576ac0073373c?OpenDocument>. Acesso em: 13 mai. 2017.

RIVARD, René. Los Ecomuseos de Quebec. In: UNESCO. **Museum - Imágenes del Ecomuseo**. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura – UNESCO, n.148, Vol. XXXVII, nº 4, 1985, p.202-205. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

_____. Nueva Museologia y Transformacion Social. In: **Memoria del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad (Ecomuseos)** – “El Hombre Y Su Entorno”, Oaxtepec, Morelos, p.17-18, 63-69, 1984. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/old/signud/DOC%20PDF/198403304.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

RIVIÈRE, Georges Henri. Definición Evolutiva del Ecomuseo. **La Museología – Curso de Museología/Textos y testimonios**. Tradução Antón Rodríguez Casal. Madrid: Ediciones Akal, p.195-206, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WcsnkN4w2xUC&pg=PA201&lpg=PA201&dq=definicion+evolutica+del+ecomuseo&source=bl&ots=mdFQcQAQYW&sig=Q_AoTI6Nn9KexPvJxD2hCZjup7o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj1sanj4nTAhVCIJAKHeCyDWsQ6AEIYZAJ#v=onepage&q=definicion%20evolutica%20del%20ecomuseo&f=false. Acesso em: 16 abr. 2015.

ROCHA, Anid. A Constituição Cidadã e a institucionalização dos espaços de participação social: avanços e desafios. In: VAZ, Flavio Tonelli (org.). **20 Anos da Constituição Cidadã: Avaliação e Desafio da Seguridade Social**. Brasília: ANFIP, p.131-148, 2008. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/outras_pesquisas/a%20constituo%20cidad%20e%20a%20institucionalizao%20dos%20espaos%20de%20participao%20social.pdf. Acesso em: 23 abr. 2017.

RODRIGUES, Neuma Brilhante. Como se deve escrever a Historia do Brasil: uma leitura de von Martius. In: XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo/RS, 2007. **Anais do XXIV Simpósio [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=13599>. Acesso em: 25 mai. 2017.

RUFER, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectivas poscoloniales. **Revista Memoria y Sociedad**, vol.14, n. 28, p.11-33, 2010.

SAGER, Juan C. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam/Philadelhia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

SAGNLANDET LEJRE. Disponível em: <http://www.sagnlandet.dk/en/>. Acesso em: 10 set. 2016

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

_____. Processos museológicos: critérios de exclusão. 2002. **Cadernos de Sociomuseologia** - Reedição 1993-2012 – Volume III. Lisboa: ULHT, vol.III, 2016.

_____. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, v.7, n.7, 1996.

Disponível em:
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24>. Acesso em: 25 jun. 2016.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e Museus Comunitários**: Estudo das Possibilidades de Salvaguarda da Memória Popular. 2014. 45 f. Relatório Final (Iniciação Científica) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3365427281617058>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**. Belém: MPEG, v. 7, n. 1, jan./abr., p. 15-30, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a03v7n1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. In: FIGUEIREDO, B.; VIDAL, D. G. **Museus**: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

_____. Imaginar é difícil (porém necessário). Apresentação à Benedict Anderson. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.9-17.

SIEX – UFMG. **Projeto - 401841** - Implantação do Museu Xakriabá. 2013. Disponível em: <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=22185>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM MUSEOLOGIA – SinPeM, II, 2015, São Paulo. **Museu e Produção de Conhecimento**: caderno de resumos e programa. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus-USP) do Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu Paulista, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 2015. 43p.

SILVA, Joana Angélica Flores. Porque a nossa consciência museológica tem cor e é preta!. **Facebook**, 24 nov. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/joana.flores.731/osts/1189282304481715>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SILVA, Michele Souza da. **Percepções e relações dos moradores do bairro Santa Cruz-RJ**, frente ao Patrimônio Histórico-Cultural. Disponível em: <http://eng2012.agb.org.br/lista-de-artigos?download=1402:artigo-santa-cruz-eng-2012&start=1860>. Acesso em: 2 abr. 2017.

SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade Nacional e Historicidade: O 1º Congresso Afro-brasileiro de 1934. In: XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS, São Leopoldo/RS, 2014. **Anais do [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2014. Disponível em: http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1404752235_ARQUIVO_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf. Acesso em: 25 mai. 2017.

SOARES, Will; ACAYABA, Cíntia. Secretário de Doria ameaça agente cultural em reunião: 'Vou quebrar sua cara'. **Globo.com**, 30 mai. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/secretario-de-doria-ameaca-agente-cultural-em-reuniao-vou-quebrar-sua-cara.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2017.

SOBRE O I E O II ENCONTROS INT. ECOMUSEUS. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por odalice.priosti@ig.com.br em 7 jan. 2005. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/old/signud/DOC%20PDF/200403004.pdf>. Acesso em 25 mar. 2015.

SOUSA, Izabela de; SANCHEZ, Celso. Populações tradicionais e a contribuição dos seus saberes para o desenvolvimento das etnociências e para a sustentabilidade. **TEKOA**. Curso de Ciências Biológicas da UVA, Ano II, 2ª edição, mai. 2008. Disponível em: https://www.uva.br/pdfs/graduacao/ccbs/revistabiologia/05-08/artigos/populacoes_tradicionais.htm. Acesso em: 18 jan. 2017.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Horto Florestal**: um lugar de memória da cidade do Rio de Janeiro. A construção do Museu do Horto e seu correspondente projeto social de memória. 2012. 219f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812527_2012_completo.pdf. Acesso em: 8 dez. 2016.

STUDART, Denise. Conceitos que transformam o museu, suas ações e relações. Conferência Internacional do Ceca, Oaxaca, 2003. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.148-157, 2010.

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

SUSTENTABILIDADE Cultural: Os ecomuseus no Brasil. Disponível em: <http://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-cultural-ecomuseus-brasil/>. Acesso em: 12 out. 2013.

TALBOT, Adam. Apagando a Favela da Vila Autódromo. **Rio on Watch** – relatos das favelas cariocas, 26 mai. 2016. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=19959>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª ed., 1993.

TEMER decide recriar Ministério da Cultura; ministro assume na terça. **G1**, 21 mai. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/temer-decide-recriar-ministerio-da-cultura-anuncio-deve-ser-na-terca.html>. Acesso em: 22 fev. 2017.

TENORIO TRILLO, Maurício. México em Paris 1889: Os Assistentes do Progresso. In: **Artilugio de la Nación Moderna**: México en las Exposiciones Universales, 1880 a 1930. Tradutor Germán Franco. Fondo de Cultura Económica, México, 1998, p.80-102.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Patrimônio cultural e discursos museológicos: narrativas de memórias e identidades locais. **Revista Midas**, n.6, 2016. Disponível em: <https://midas.revues.org/1012>. Acesso em: 5 dez. 2016.

TORAL, Hernán Crespo. Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (Rio de Janeiro 1958). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.23-35, 2010.

TORRES, Heloísa Alberto. D. Heloísa Alberto Torres e o ICOM [Cartas ao cronista]. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, p.12, 12 abr. 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=75027&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 22 abr. 2017.

TV NBR. Universidades buscam aproximar conhecimentos acadêmico e tradicional. **Youtube**, 9 dez. 2014. Conexão Ciências. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fF_Fu0UJ_FI. Acesso em: 18 jan. 2017.

UNESCO. **Museum** - Imágenes del Ecomuseo. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura – UNESCO, n.148, Vol. XXXVII, nº 4, 1985. Publicación Trimestral. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

UNHCR-ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Abr., 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estadisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Programa de Pós-Graduação em Museologia**. Disponível em: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/>. Acesso em: 01 mar. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF. **Apresentação do projeto Ecomuseu Kizomba Namata**. 8 abr. 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/arquitetura/2015/04/08/apresentacao-do-projeto-ecomuseu-kizomba-namata/>. Acesso: 4 mar. 2017.

_____. UFJF reúne quilombolas da Zona da Mata Mineira. **Pró-Reitoria de Extensão**, 14 mai. 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/proex/2013/05/14/ufjf-reune-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira-e-promove-debate-acerca-de-problemas-e-solucoes/>. Acesso: 4 mar. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UFRJ. **Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** - Informações gerais. Disponível em: <http://ppg-pmus.mast.br/index.html>. Acesso em: 01 mar. 2017.

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS - ULHT. **Cadernos de Sociomuseologia** - Reedição 1993-2012 – Volume III. Lisboa: ULHT, vol.III, 2016.

V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS, 2015, Juiz de Fora. **Caderno de Resumos: experiências e pesquisas**, 2015.

VIANA, Nildo. Democracia e Autogestão. **Achegas** - Revista de Ciência Política, num. 37, 2007. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/37/nildo_37.pdf. Acesso em: 28 mar. 2017.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **MIDAS** [Online], 3, 2014 [publicado em 22 Mai. 2014]. Disponível em: <http://midas.revues.org/603>. Acesso em: 29 nov. 2016.

VARINE-BOHAN, Hugues de. A museologia se encontra com o mundo moderno (29.09.84). 1984. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (orgs.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972. Brasília: Ibram/MinC / Programa Ibero-museos, v.1, p.142, 2012.

_____. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.38-42, 2010.

_____. **As Raízes do Futuro: o Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local**. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta Porto Alegre, Medianiz, 2012.

_____. Em torno da Mesa-redonda de Santiago - Minhas lembranças da aventura de Santiago. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (orgs.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibero-museos, v.1, p.143-144, 2012.

_____. Entrevista de Hugues de Varine concedida a Mario Chagas. 1995. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.239-248, dez. 2014. Entrevista concedida a Mario Chagas. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. Notas sobre um Projeto de Museu Comunitário. In: I Encontro Internacional de Ecomuseus, 1992, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992. Sem paginação.

_____. Mesa-redonda: A Declaração de Santiago do Chile (1972). 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.97-98, 2010.

_____. Museologia: entrevista com Hugues de Varine. [19 abr. 2013]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa: **No Mundo dos Museus**. Entrevista concedida a Ana Carvalho. Disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. Museus e desenvolvimento social: um balanço crítico. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas**. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, p.11-20, 2008.

_____. O museu comunitário é herético? 2005. Tradução Odalice Miranda Priosti. Disponível em <http://www.abremc.com.br/pdf/11.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

_____. O museu comunitário como processo continuado. 1995. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.25-35, dez. 2014. Entrevista concedida a Mario Chagas. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. **O tempo social**. Tradução Fernanda de Camargo-Moro. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1987.

_____. Patrimônio e Educação Popular. **Ciências e Letras** - Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, n.31, p.287-296, 2002. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=13>. Acesso em: 30 mar. 2017.

VIAL, Andréa Dias. **Patrimônio Integrado e a Prática Museológica**. 2015. 179f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-140001/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2015.

WERA, Kaka. Renasce a Embaixada dos Povos da Floresta. **Blogspot**, 12 jun. 2012. Disponível em: <http://kakawera.blogspot.com.br/2013/06/renasce-embaixada-dos-povos-da-floresta.html?m=1>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ZEN, Ana Maria Dalla. Entre a Utopia e a Atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação & Cidadania, Porto Alegre-RS. **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.355-372, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

ZIN, Rafael Balseiro. Os bastidores da Semana de Arte Moderna de 1922. **Caros Amigos**, 12 mar. 2012. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/227-revista/edicao-197/3464-frei-betto-carta-da-vo>. Acesso em: 23 abr. 2017.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
MUSEOLOGIA

Suzy da Silva Santos

**Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas**

VOLUME II

São Paulo
2017

APÊNDICE A

Biografias dos/as autores/as utilizados/as

Autora: Alice Duarte (Maria Alice Duarte Silva)
País: Portugal
<p>Resumo Biográfico</p> <p>Alice Duarte (Maria Alice Duarte Silva) é uma antropóloga e professora portuguesa. É Mestre em Antropologia Social e Cultural pela Universidade do Minho (1997), na especialidade de Etno-Museologia, doutorou-se em Antropóloga das Sociedades Complexas (2007) pelo Instituto Universitário de Lisboa e realizou seu pós-doutorado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), centrado na Etnografia das Organizações de Cooperação e Desenvolvimento (com início em 2008). Atua como Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 1990, em diversos dos seus Departamentos (Geografia, Sociologia, Ciências e Técnicas do Património, História e Estudos Germanísticos) e é Investigadora Integrada do “Grupo Recomposições Sociais, Cultura e Território”, do Instituto de Sociologia. Publicou diversos livros e artigos sobre consumo, património português, desenvolvimento local, museus portugueses, nova museologia, ecomuseus etc.</p>
<p>Referências</p> <p>DUARTE, Alice. O desafio de não ficarmos pela preservação do património cultural imaterial. In: I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2009, Porto. Actas do I Seminário [...]. Porto: Universidade do Porto, Volume 1, 2009, p.41. Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8108.pdf. Acesso em: 06 abr. 2017.</p> <p>_____. Nova Museologia: Os Pontapés de Saída de uma Abordagem Ainda Inovadora. Revista Museologia e Património, v.6, n. 2, 2013, p.99.</p> <p>INSTITUTO DE SOCIOLOGIA – Faculdade de Letras / Universidade do Porto. Maria Alice Duarte Silva. Disponível em: http://www.isociologia.pt/investigacao.aspx?id=131. Acesso em: 06 abr. 2017.</p>

Autor: André Desvallées

País: França

Resumo Biográfico

André Desvallées é um professor e museólogo francês. Formou-se no *Lycée Pasteur* da comuna francesa *Neuilly-sur-Seine* e na Universidade Paris-Sorbonne. Mudou-se para Marrocos, onde iniciou sua carreira no campo dos museus, onde permaneceu entre 1953 e 1956. Após prestar serviço militar na Argélia (1956-1958), retorna a Paris e torna-se assistente de Rivière no MNATP (1939), onde dirigiu o Serviço de Museologia entre 1959 e 1977. De 1977 a 1984 trabalhou na Inspeção Geral dos Museus Classificados e Controlados – IGMCC (*Inspection Générale des Musées Classés et Contrôles*) – atualmente Inspeção Geral dos Museus (IGM) –, onde foi responsável por inspecionar os museus de etnografia. Atuou como Professor da Escola do Louvre entre 1978 e 1981, onde iniciou uma cadeira sobre o Patrimônio Técnico e Industrial entre 1995 e 1999. Participa do ICOM desde 1966 e do ICOFOM desde 1980, onde ocupou diversos cargos e deu imensas contribuições ao *ICOFOM Study Series*. Também foi membro do Conselho Diretivo do Comitê Francês do ICOM entre 1981 e 1995 e um dos membros fundadores das associações francesas Nova Museologia e Experimentação Social (*Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale – MNES*), na qual chegou a atuar como vice-presidente, e “Museus, Homens e Sociedade”, e do MINOM, representando esta última em diversas reuniões do ICOM. Na década de 1970 torna-se um militante em favor dos ecomuseus franceses, coletando e disseminando informações, orientações, envolvendo-se na gestão e no seu reconhecimento oficial. Na década de 1980 assume um setor experimental da Direção de Museus da França, tornando-se responsável por auxiliar “novas formas de museus, em particular os ecomuseus e os centros de cultura científica e técnica, assim como os museus do patrimônio técnico e industrial” (BRULON, 2015b, p.168). Também é eleito (1980 ou 1981) Secretário Geral da Associação Geral dos Conservadores de Museus e Coleções Públicas, considerada reacionária pelos criadores do MNES, o que o faz ficar dividido entre as duas associações.

Desvallées foi diretor dos Museus franceses durante 7 anos, Curador Honorário de Museus e Conservador Geral Honorário do Patrimônio na França, membro da Seção do Patrimônio Científico e Técnico, da Comissão Superior dos Monumentos Históricos e Sítios e vice-presidente da Seção de Etnologia e de Antropologia Francesa do Comitê de Obras Históricas e Científicas (*Comité de Travaux Historiques et Scientifiques*). Entre 1984 e 1987 vinculou-se ao Conservatório Nacional das Artes e Ofícios (*Conservatoire National des Arts et Métiers*) para dirigir o Museu Nacional das Técnicas (*Musée National des Techniques*), do qual foi também vice-presidente entre 1990 e 2001 e posteriormente membro honorário. Entre 1996 e 1997 foi conselheiro do diretor do MNATP, Michel Colardelle. Desvallées tem uma carreira ampla e diversificada. É autor e co-autor de inúmeros livros e artigos sobre etnografia francesa, antropologia, história das técnicas e das técnicas e museologia, contribuindo para o seu desenvolvimento teórico e prático e com a “busca de um historicismo e de uma terminologia para o campo” (BRULON, 2015a, p.13), sendo responsável pela criação do termo “Nova Museologia”. Em 1993 é encarregado pelo ICOFOM de redigir um “*thesaurus* de museologia”, que resulta na publicação “Conceitos-Chave de museologia”, já mencionada neste estudo e no Dicionário Enciclopédico de Museologia, publicado em francês em 2011 (BRULON, 2015b, p.170). Atualmente é Curador Honorário de Patrimônio e Membro de Honra (eleito em 2013) do ICOM.

Observações:

Os ecomuseus franceses são reconhecidos pelo Ministério da Cultura em 1981. Após esse reconhecimento passam a receber financiamento estável e encerra-se a tutela e financiamento pelo Ministério do Meio Ambiente (DESVALLÉES, 2012, p.144-145 – nota do tradutor).

Segundo Brulon e Cury (2013, p.133), o termo em francês “*conservateur*” pode apresentar distintos sentidos, aparecendo como profissão ou carreira, e em algumas situações o seu uso se assemelha ao de “museólogo” no Brasil. Em Portugal usa-se o termo “conservador”.

Referências

BRULON, Bruno. André Desvallées: entre museologias. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, p.11-14, 2015.

_____. André Desvallées: Trajetória Profissional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.168-169. Tradução Bruno Brulon.

BRULON SOARES, Bruno; CURY, Marília Xavier. Museologia – Uma disciplina, muitos conceitos, inúmeras aplicações. Considerações sobre a tradução dos Conceitos-chave de Museologia. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013, p.25-27.

DESVALLÉES, André. Museologia nova 1985 ou O nascimento da “nova museologia”. 1985. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.35-36.

_____. O ecomuseu: museu grau zero ou museu fora das paredes? (1985). **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.21-26.

_____. Entrevista com André Desvallées [30 mar. 2012]. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.132-145. Entrevista concedida a Bruno Brulon.

Autor: Bruno César Brulon Soares

País: Brasil

Resumo Biográfico

Bruno César Brulon Soares é um museólogo, historiador e professor brasileiro. É Bacharel em Museologia (2006) e História (2011) e também Licenciado (2011) nesta última, todos os cursos realizados na UNIRIO. É Mestre pelo PPG-PMUS/UNIRIO (2008) e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (2012). Foi professor de escolas secundárias, estagiário no Museu Naval (2005-2006), Assistente Técnico de Pesquisa do IPHAN (2005-2006), pesquisador, tradutor e museólogo na empresa “Museo – Museologia e Museografia”, pesquisador bolsista na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – França (2011-2012), Professor da Universidade Federal Fluminense (desde 2009). Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Museologia da UNIRIO, Professor do quadro permanente da PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, coordena o Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem - MEI (desde 2014) e é pesquisador colaborador do Grupo de Pesquisa Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades, do Museu Histórico Nacional (desde 2016). É membro do ICOFOM e atualmente seu Vice-Presidente e membro do Corpo Editorial da Revista Eletrônica Jovem Museologia, da Revista *Museology and Cultural Heritage* (Universidade da Bratislava). É autor de diversos artigos sobre Museus, Teoria Museológica, Museologia Experimental, Ecomuseus, Museus Etnográficos, Ensino de Museologia e Patrimônio.

Referências

BRULON, Bruno. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9885138624847414>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Autor: Cuauhtémoc Camarena Ocampo

País: México

Resumo Biográfico

Cuauhtémoc Camarena Ocampo é um antropólogo, pesquisador e professor mexicano. Atua como Professor Investigador do INAH desde 1981, com ênfase em Antropologia Social e Museografia e trabalha junto a populações indígenas para a criação de museus comunitários em Oaxaca desde 1985, o que o levou a impulsionar o “intercâmbio de experiências e o apoio mútuo entre comunidades” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17), desembocando na fundação da União dos Museus Comunitários de Oaxaca em 1991, da qual é consultor (*idem*, p.17-19).

Em suas trajetória profissional, Camarena assessorou a criação de dezenas de museus comunitários e tem contribuído para o desenvolvimento de metodologias participativas e a expansão da rede de museus comunitários, para isso conta com a colaboração de “autoridades locais, professores, artesãos, homens e mulheres, jovens e crianças destas comunidades indígenas e mestiças” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17). Entre 1993 e 1996 estabeleceu e dirigiu o Programa Nacional de Museus Comunitários e Ecomuseus, desenvolvido conjuntamente pelo INAH e a Direção Geral de Culturas Populares, e também promoveu diversos cursos (também para alunos/as de escolas primárias e secundárias) e encontros em vários estados mexicanos, impulsionando a criação da União Nacional de Museus Comunitários e Ecomuseus (1994), onde atualmente atua como assessor, e em 2000 impulsionou a criação da Rede de Museus Comunitários da América. Junto com sua companheira, Tereza Morales Lersch, é autor de diversos livros e artigos sobre museus comunitários, realizam cursos e dão assessoria em diversos outros países (Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Equador, Chile e Brasil). Por suas contribuições à museologia mexicana, “orientada principalmente ao desenvolvimento conceitual e metodológico de museus comunitários” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17) receberam em 2014 a Premiação “Reconocimiento ICOM México 2014” do Comitê Mexicano do ICOM (*idem*, p.17-19).

Referências

RED DE MUSEOS COMUNITARIOS DE AMERICAS. **Boletín MC**, n.17, 2014, p.17-19. Disponível em: http://museoscomunitarios.org/boletines_pdf/boletin17RMCA.pdf. Acesso em: 20 jul. 2015.

Autor: Georges Henri Rivière

País: Brasil

Resumo Biográfico

Georges Henri Rivière foi um antropólogo e museólogo francês reconhecido internacionalmente pelas contribuições que trouxe ao campo museológico. Em sua juventude, foi um músico e “viajante infatigável” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318). Iniciou sua trajetória como museólogo a partir dos anos 1930. Em 1939 criou o Museu Nacional das Artes e Tradições Populares (MNATP) e na década de 1940 foi encarregado de criar o modelo dos cadernos de inventário dos museus franceses e delegado a assistir o novo inspetor geral, Jean Vergnet-Ruiz. Acrescentou à Inspeção Geral de Museus “uma política coordenada de modernização e de criação” (DESVALLÉES, 2012, p.142) para os museus de etnologia e história regional. Seu projeto de “entrecruzar a França com um certo número de museus a céu aberto” (*idem*, p.141) foi interrompido com o eclodir da II Guerra Mundial. Fundou e foi o primeiro diretor do ICOM, cargo que ocupou de 1948 a 1965, quando tornou-se conselheiro permanente desta instituição, contribuindo também com seus vários comitês. Suas ideias tiveram papel importante, juntamente com Hugues de Varine-Bohan, para a definição da filosofia do ICOM e foram o ponto de partida da nova museologia (DESVALLÉES, 2015, p.89).

Rivière foi o inventor de diversos museus regionais, “museus de sociedade” e “ecomuseus” provinciais (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318). Compôs a Comissão de Museologia da Conferência de Parques, onde criou três definições “evolutivas” para o ecomuseu (VIAL, 2015, p.110) justamente para “escapar às definições” (DESVALLÉES, 2015, p.23) e relacionar-se com a “evolução permanente” da população que o concebeu (*idem*, p.26). Foi Professor na Escola do Louvre, onde foi partidário do trabalho de campo como base da pesquisa (“observação participante”) - atuação como teórico e prático. Entre 1970 e 1975 supervisionou “a realização das galerias de exposições temporárias” do MNATP. Entre 1971 e 1982 organizou e ministrou o Curso de Museologia na Universidade de Paris, onde transmitiu suas contestações à dominante. “Demonstrou uma clara evolução desde as posições do museu tradicional para a abertura de um museu mais antropológico e socialmente influente” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.65), contribuindo para a renovação dos museus e da museologia (*idem*, p.8-9). Tornou-se “referência quando se trata de ‘etnomuseologia’” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.318), com a valorização do patrimônio comunitário para as coletas museológicas (MORO; NOVAES, 2010, p.163) e por defender o princípio “público servido primeiro” (DESVALLÉES, 2015, p.93). Pela revolução que desenvolveu com sua “museografia do ‘fio de Nylon’” (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2006, p.319), recebeu o título de “mágico das vitrines” (*idem*, p.317) e é considerado “um dos pais indiscutíveis da museologia do nosso tempo” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.66).

Observações:

Museu Nacional das Artes e Tradições Populares - *Musée National des Arts et Traditions Populaires*.

Nos anos 1930 Rivière visitou alguns *Open Air Museums*, experiências museológicas que surgiram na Suécia no final do século XIX. Seu projeto de “entrecruzar a França com um certo número de museus a céu aberto” (DESVALLÉES, 2012, p.141) teve

neles sua inspiração.

Segundo Alonso Fernández (1999, p.67), as definições de museu, museologia e museografia realizadas pelo ICOM desde 1951 levam sua assinatura, especialmente as que foram desenvolvidas entre 1970 a 1985.

Referências

ALONSO FERNÁNDEZ, Luís. **Introducción a la Nueva Museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p.65-67.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Nina Gorgus. Le Magicien des vitrines - Le muséeologue Georges Henri-Rivière. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.14, n.2., jul.-dez. 2006, p.318.

BELLAIGUE, Mathilde. Uma nova visão do passado. **Memória**. São Paulo: Eletropaulo, v. 5, n. 19, jul./dez. 1993, p.77. Entrevista concedida a Heloisa Barbuy.

CABRAL, Magaly. Museus e o patrimônio intangível: O patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural. 2004. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, 2010, p.163.

DESVALLÉES, André. Entrevista com André Desvallées [30 mar. 2012]. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.142. Entrevista concedida a Bruno Brulon.

_____. Apresentação à obra *Une anthologie de la Nouvelle Muséologie*, vol.1. 1992. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.89.

MÉNDEZ LUGO, Raúl Andrés. **Documentos Básicos de Nueva Museología**. 2002. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=16>. Não Paginado. Acesso em: 15 mar. 2013.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida; NOVAES, Lourdes. ICOM e Brasil: um diálogo – lembranças (1946-1993). 1996. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, 2010, p.33.

VIAL, Andréa Dias. **Patrimônio Integrado e a Prática Museológica**. 2015. 179f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-140001/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2015.

Autora: Heloísa Maria Silveira Barbuy

País: Brasil

Resumo Biográfico

Heloísa Maria Silveira Barbuy é uma museóloga e professora brasileira. Graduiu-se em Direito pela USP (1981), especializou-se em Museologia (1987), pelo Instituto de Museologia de São Paulo da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), e é Mestre (1995) em História da Cultura Material pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), e Doutora (2001) em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Pós-Doutora como Pesquisadora do *Centre André Chastel / Institut d'Art et d'Archéologie*, pela Universidade Paris-Sorbonne (2005). Foi funcionária da Secretaria de Estado da Cultura entre 1986 e 1989, através da qual trabalhou no Museu da Imagem e do Som e na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 1988 realizou estágios em museus franceses, com destaque para o Ecomuseu de *Saint-Nazaire*, e participou do programa de administração cultural do Ministério da Cultura da França para profissionais de Cultura da América Latina (*Courant de l'Amérique Latine*, 1995), e entre 1988 e 1990 foi Professora do Curso de Especialização em Museologia da FESPSP. Na década de 1990, participou da criação do Museu da Cidade de Salto/SP e ingressou como servidora da Universidade de São Paulo, com atuação no Museu Paulista da USP, onde ocupou diversos cargos, dentre elas a Supervisão do Museu Republicano "Convenção de Itu" (entre 2012 e 2014). É membro do ICOM, atuando no ICOFOM e no Comitê Brasileiro, e entre 2000 e 2007 atuou como membra do Conselho Consultivo de seu Comitê Brasileiro, da Câmara Setorial de Museus (2008-2010) e da Comissão de Avaliação e Averiguação de Projetos Culturais (2010-2011) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo – SEC-SP e representou as universidades públicas (2015-2016) no Conselho do SISEM-SP.

Barbuy atua principalmente nos campos da cultura material, cultura visual, museus, exposições universais, patrimônio cultural, documentação museológica e história da cidade de São Paulo nos séculos XIX-XX, e publicou diversos livros e artigos sobre estas temáticas. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH-USP, do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMUS-USP), é Pesquisadora Associada da Biblioteca Brasileira "Guita e José Mindlin" e Membro do Conselho Consultivo do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo, do Conselho de Orientação Cultural do Museu da Casa Brasileira e da Academia Paulista de História.

Observações:

Segundo Duarte Cândido (2003, p.188), o Museu da Cidade de Salto foi considerado “um dos raros exemplos de experimentações no Brasil do modelo de ecomuseus”. Na atualidade, segundo o discurso do coordenador Rafael Barbi no 6º Encontro Paulista de Museus, realizado entre 2 e 4 de junho de 2014 em São Paulo/SP, apesar de ser definido como um museu brasileiro pioneiro nos conceitos “Museu de Percurso” e “Museu a Céu Aberto”, o Museu da Cidade de Salto precisa recuperar estas ideias.

Referências

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8742815851577473>. Acesso em: 17 fev. 2017.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, vol.20, n.20, 2003. Disponível em: <http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/37>. Acesso em: 12 abr. 2014.

Autor: Hugues de Varine-Bohan

País: França

Resumo Biográfico

Hugues de Varine-Bohan é um arqueólogo, historiador e museólogo francês. Formou-se em Arqueologia pela Escola do Louvre e História pela Universidade Paris-Sorbonne. Por ter herdado um patrimônio “relativamente importante, formado notadamente por elementos muito antigos” (VARINE, 2012, p.24), pertencentes ao patrimônio local e nacional, ultrapassando interesses estritamente familiares, esteve envolvido por toda a sua vida com a sua preservação (provendo-se dos recursos necessários para mantê-lo), a transmissão às futuras gerações no ciclo familiar e fora dele, a sua valorização e afirmando seu papel no desenvolvimento da comunidade onde ele está inserido. Varine participou ativamente da criação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS (1965) e atuou em diversas instituições: Foi Chefe do Centro de Documentação Cultural Francesa no Líbano (1958-1960); Diretor Adjunto de Rivière na direção do ICOM (1962-1965) e seu sucessor, ocupando o papel de 2º diretor desta organização entre 1965 e 1974 e atuando em diversos de seus comitês; Diretor do Sindicato Misto do Sul da Picardia (1975-1977); Oficial de Pesquisa do Ministério da Cultura da França, encarregado de realizar missões culturais em diversos países (1977-1982); Diretor do Instituto Franco-Português de Lisboa (1982-1984); Diretor da ASDIC Consultores (1989-1999), entidade que criou para o desenvolvimento cultural, social e econômico de comunidades. Também atuou como Técnico para os Programas Governamentais de Desenvolvimento Local e Comunitário (França). Sua trajetória profissional levou-o a conhecer mais de 75 países, muitos profissionais, instituições e problemas relacionados aos patrimônios cultural e natural.

Na década de 1970 Varine criou a Organização Não-Governamental (ONG) Internacional Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos - INODEP (1972) e atuou como um dos fundadores do Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau (França), chamado inicialmente Museu do Homem e da Indústria, do qual foi diretor entre 1993 e 1995, “um período difícil de transição e de institucionalização” (VARINE, 2012, p.31). Nos anos 1980 foi um dos membros-fundadores do Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM) e presidente de honra da associação Nova Museologia e Experimentação Social (MNES). Atualmente é consultor internacional em museologia, desenvolvimento local e comunitário, tendo participado de projetos patrimoniais de desenvolvimento e em movimentos de construção de ecomuseus e museus comunitários em diversos países (França, Suécia, Alemanha, Noruega, Canadá, México, Brasil, Itália, Portugal, Espanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Reino Unido, entre outros). Criou o termo “ecomuseu” em 1971 “por acidente” (ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.104), debruçou-se sobre a dimensão social do ecomuseu, que na sua opinião deveria ser utilizado pelas comunidades como “uma ferramenta para seu próprio desenvolvimento” (VARINE *apud* ALONSO FERNÁNDEZ, 1999, p.105). Pensando na conservação das coleções, defende a criação pelos museus de banco de dados informatizados para que os testemunhos culturais permanecessem *in situ* (DESVALLÉES, 2015, p.36), esforçou-se em ampliar os olhares e práticas museológicas em direção ao patrimônio intangível, à ação cultural e intervenção social (CABRAL, 2010, p.163). É autor de diversos livros e artigos em periódicos franceses e publicações internacionais sobre museu, patrimônio, ação comunitária e desenvolvimento local.

Observações:

Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) - *International Council of Monuments and Sites*.

Nova Museologia e Experimentação Social (MNES) - *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale*.

Hugues de Varine e Georges Henri Rivière desenvolveram diversos projetos juntos.

Internacional Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP) - *Institut Oecuménique pour le Développement des Peuples*. Varine desejava que a presidência desta organização fosse ocupada pelo pedagogo Paulo Freire (VARINE, 2010, p.39), que na época era Consultor para Educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra (SANTOS, 2008, p.83), o que não foi possível por razões políticas. Segundo Varine (2014, p.243), o INODEP, atualmente extinto, teve uma atuação muito ativa “durante quase 20 anos na Europa, África, Ásia e América Latina, notadamente como suporte à ação comunitária nesse campo”.

Referências

ALONSO FERNÁNDEZ, Luís. **Introducción a la Nueva Museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p.104-105.

BELLAIGUE, Mathilde. Uma nova visão do passado. **Memória**. São Paulo: Eletropaulo, v. 5, n. 19, jul./dez. 1993, p.77. Entrevista concedida a Heloisa Barbuy.

CABRAL, Magaly. Museus e o patrimônio intangível: O patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural. 2004. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, 2010, p.163.

DESVALLÉES, André. Entrevista com André Desvallées [30 mar. 2012]. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.137. Entrevista concedida a Bruno Brulon.

_____. Museologia nova 1985 ou O nascimento da “nova museologia”. 1985. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Tradução Bruno Brulon. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Histórico Nacional, v.47, 2015, p.35-36.

FILIPE, Graça; VARINE, Hugues de. Que Futuro Para os Ecomuseus? **Revista Al-Madan**. Almada, Portugal: Centro de Arqueologia de Almada, II Série: 19, p.21-36, jan. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/21742401/Que_futuro_para_os_ecomuseus. Acesso em: 20 jan. 2017.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida; NOVAES, Lourdes. ICOM e Brasil: um diálogo – lembranças (1946-1993). 1996. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, 2010, p.41.

VARINE-BOHAN, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile. 1995. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento**

Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 2, p.38-42, 2010.

_____. **As Raízes do Futuro:** o Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta Porto Alegre, Medianiz, 2012.

_____. Entrevista de Hugues de Varine concedida a Mario Chagas. 1995. **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.239-248, dez. 2014. Entrevista concedida a Mario Chagas. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/hugues-de-varine-1a173488/>. Acesso em: 05 abr. 2017.

_____. **O tempo social**. Tradução Fernanda de Camargo-Moro. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1987.

_____. Patrimônio e Educação Popular. **Ciências e Letras** - Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, n.31, 2002, p.296. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=13>. Acesso em: 30 mar. 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro:** Documentos Seleccionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Vol. 2, 2010, p.19-39.

Autor: Ignacio Díaz Balerdi

País: Espanha

Resumo Biográfico

Ignacio Díaz Balerdi é um professor e museólogo espanhol. Formou-se como Doutor em História da Arte. É Professor Titular e realiza diversas pesquisas sobre Museologia e Arte Americana Pré-Colombiana na Faculdade de Filologia, Geografia e História da Universidade do País Basco, onde é atualmente diretor do Mestrado em Museologia, e também em Universidades de Salamanca, México D.F. (Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM) e na Complutense de Madrid, além de realizar pesquisas periódicas em Paris, Canadá e Estados Unidos. É técnico superior no Museu de Belas Artes de Álava. Escreveu diversos livros e artigos para revistas especializadas sobre arte pré-hispânica e museologia.

Referências

BALERDI, Ignacio Díaz. Qué fue de la Nueva Museología? El caso de Québec. **Artigrama**, n. 17, 2002, p.493.

UNIVERSIDAD del Pais Vasco - Grupo de Investigación en Patrimonio Construido. **Díaz Balerdi, Ignacio.** Disponível em: <http://www.ehu.eus/gpac/portal/index.php/es/miembros/119-quienes-somos/miembros/297-ignacio-diaz-balerdi.html>. Acesso em: 04 abr. 2017.

Autora: Inês Gouveia

País: Brasil

Resumo Biográfico

Inês Gouveia é uma educadora e pesquisadora brasileira. Licenciou-se em História (2004) pela UERJ, é Mestra (2008) em Memória Social pelo PPGMS/UNIRIO e está com o Doutorado em Museologia e Patrimônio pelo PPG-PMUS/UNIRIO em andamento. Trabalhou como docente em diversas escolas entre 2005 e 2010, foi educadora do Centro Cultural da Justiça Eleitoral (2008), pesquisadora do Museu da Pessoa (2008-2010) e do Museu Histórico Nacional (2002-2008) e foi Consultora do Programa Pontos de Memória do IBRAM (2010-2014). Atualmente é uma das articuladoras da REMUS-RJ e da Rede LGBT de Memória e Museologia Social, e desenvolve pesquisas no campo da Museologia, a partir dos temas e áreas: museologia social, patrimônio, virtualização em museus, cultura, história e educação.

Referências

GOUVEIA, Inês. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1988474390908523>. Acesso em: 17 fev. 2017.

Autora: Irene Vaquinhas

País: Portugal

Resumo Biográfico

Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas, ou Irene Vaquinhas, é uma Historiadora portuguesa. Possui Licenciatura (1977) e Doutorado (1991) em História pela Universidade de Coimbra. Atua no campo das Humanidades com ênfase em História econômica e social dos séculos XIX e XX (em particular história rural, história da violência, história das mulheres e história da vida privada) e Arqueologia. Tem publicado vários trabalhos nestas áreas.

Irene Vaquinhas leciona desde 2004 e desde 2012 é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi membra da Association d'Histoire des Sociétés Rurales (1994-1998), da Associação Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres - A.P.H.I.M. (1993-2007), Associação Portuguesa de Estudos de História Econômica e Social (1996-2013), Academia Portuguesa de História (2008-2013). Atualmente é membra do Centro de História da Sociedade e da Cultura (desde 1992) e do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (desde 2016). É também coordenadora científica do Centro de História da Sociedade e da Cultura e membra do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Entre 2014 e 2015 foi Diretora do 2º Ciclo em Patrimônio Cultural e Museologia e atualmente é Diretora do II Ciclo de "História, Especialidade em Museologia".

Referências

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Irene Vaquinhas**. Disponível em: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/galeriaautores/irenevaquinhas. Acesso em:

VAQUINHAS, Irene. **Curriculum Vitae** - Plataforma De Góis. Disponível em: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2616239516163469>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. Museus do feminino, museologia de género e o contributo da história. **MIDAS** [Online], 3, 2014 [publicado em 22 Mai. 2014]. Disponível em: <http://midas.revues.org/603>. Acesso em: 29 nov. 2016.

Autor: Jean Tiago Baptista

País: Brasil

Resumo Biográfico

Jean Tiago Baptista, ou Jean Baptista, é um historiador brasileiro. Possui Graduação (2001), Mestrado (2004) e Doutorado (2007) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Atuou como Historiador no Museu das Missões (2006-2010) e Professor na Universidade de Caxias do Sul – UCS (2005) e Faculdades EST (2013), Professor Substituto (2006-2008) e Professor Adjunto (2010-2013) na Universidade Federal do Rio Grande –FURG. Desde 2013 é Professor Adjunto e Vice-coordenador do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem se especializado em História da América Indígena e Museologia Social, trabalhando com temas como Museologia Comunitária, Comunidades LGBT, Direitos Humanos, Democratização, Ações Afirmativas, Patrimônio e Extensão Universitária.

Jean Baptista coordenou o Projeto de Extensão “COMUF - Comunidades FURG” (2010-2013), que buscava atuar, a partir da Museologia Social e da História, em resposta às demandas sociais apresentadas pelas comunidades à universidade, e também o Projeto de Extensão “Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena da FURG” - Neabi-Furg (2012-2013). Desde 201 coordena o Programa de Ações Afirmativas e acompanhamento acadêmico da UFG. Compôs a Rede Pontos de Memória, Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social (REPIM-RS) e atualmente é um dos/as articuladores/as da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil.

Foi membro do corpo editorial da Revista Estudos Ibero-Americanos – PUC-RS (2008-2009), dos Anais do Museu Histórico Nacional (2011-2012) e da Revista Brasileira de Museus e Museologia (2015-2016). Desde 2013 compõe o corpo editorial da Revista Memória LGBT.

Referências

BAPTISTA, Jean Tiago. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9407792021708165>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Autor: Luis Alonso Fernández

País: Espanha

Resumo Biográfico

Luis Alonso Fernández é um filósofo, professor e museólogo espanhol. Formou-se Doutor em Filosofia, Letras e Belas Artes. Foi diretor do Museu de Arte Contemporânea de Sevilha, Conservador Chefe do extinto Museu Espanhol de Arte Contemporânea, dirigiu o programa museológico do *Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo* de Badajoz e é membro fundador do módulo de Museologia comparada da União Europeia. Atua é professor de Museologia, atuando como professor visitante em diversas universidades e museus europeus e americanos, e Museografia, diretor do Mestrado em Museografia e Exposições, na Universidade Complutense de Madri e Conservador de Museus. É membro do ICOM, da Associação Internacional de Críticos de Arte e do corpo facultativo de Conservadores de Museus. Coordenou diversas exposições nacionais e internacionais.

Referências

ALONSO FERNÁNDEZ, Luís. **Introducción a la Nueva Museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

_____. **Museología**: Introducción a La Teoría y Práctica del Museo. Madri: Fundamentos Mayor, 1993.

_____. **Museología y Museografía**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.

Autor: Marc-Alain Maure

País: Noruega

Resumo Biográfico

Marc-Alain Maure é um museólogo norueguês. Foi um dos fundadores do MINOM (do qual se desligou em 1989 por desentendimentos internos) e atuou no ICOFOM. Foi como Consultor de Desenvolvimento de museus e produção de exposições, participando de projetos em várias partes do mundo, Professor de Museologia, Membro o Conselho Editorial da Revista *Nordisk Museologi* e do *ICOFOM Newsletter*, além de atuar como Conservador do Museu Agrícola Norueguês (*Norsk Landbruksmuseum*). Publicou diversos artigos sobre Teoria Museológica e Nova Museologia (MAURE, 2004, p.84).

Referências

MAURE, Marc. [Carta] 12 fev. 1989, Lommedalem [para] Pierre Mayrand, Montréal. 3. Carta de Demissão de Marc Maure. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/old/signud/DOC%20PDF/198900704.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MAURE, Marc. *Bønder, ånder, dukker og skuespillere i de første folkemuseene. Nordisk Museologi*, n.1, p.59-84, 2004. Disponível em: http://www.nordiskmuseologi.org/Gamle%20numre/NM_mat%201-2004.pdf. Acesso em: 18 abr. 2017.

MAYRAND, Pierre. *Haute-Beauce: Psychosociologie d'un écomusée*, n.22 (2004). **Cadernos de Sociomuseologia** - Reedição 1993-2012 – Volume IV. Lisboa: ULHT, Vol. 4, p.9-113, 2016.

Autora: Maria Célia Teixeira Moura Santos

País: Brasil

Resumo Biográfico

Maria Célia Teixeira Moura Santos é uma Educadora, Museóloga e Pesquisadora brasileira. Graduiu-se em Museologia (1973), é Mestra (1981) e Doutora (1995) em Educação pela UFBA. Estagiou em alguns museus estadunidenses (1976), coordenou a Fundação Cultural do Estado da Bahia (1974) e desde 1976 atua na UFBA: Museu de Arte Sacra (Departamento de Educação), Coordenadora do Curso de Museologia (1992-1994), Professora (atualmente aposentada). Contribuiu com a implantação do Museu de Ciência e Tecnologia em Salvador, foi uma das criadoras da Associação de Museólogos da Bahia, Conselheira do Comitê Brasileiro do ICOM, Coordenadora do Eixo 3 (Democratização e Acesso aos Bens Culturais) da Política Nacional de Museus (Ministério da Cultura), integrou o corpo docente do Curso de Especialização do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - CEMMAE/USP (São Paulo/SP), convidada pela museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. É uma impulsionadora da relação museu-escola, e buscou em sua trajetória profissional potencializar a utilização dos museus como recurso educativo e de interação, instituições capazes de produzir conhecimento e construir “uma nova prática social” (SANTOS, 2008, p.22). Contribuiu com a criação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã (1992), “implantado por meio de uma parceria entre o curso de Museologia da UFBA e o Instituto Anísio Teixeira” (SANTOS, 2008, p.39), que teve sua origem em seu projeto de doutorado. Entre 2011 e 2013 foi Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia.

Atualmente Maria Célia Santos é Professora Colaboradora da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde ministra disciplina sobre museus comunitários, Professora da ULHT, Professora Visitante e Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do IBRAM, mantém-se Membro do ICOM, integra o Conselho Editorial da Revista do Museu Antropológico da UFG, o Conselho de Redação do Centro de Sociomuseologia da ULHT e o Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC). Tem diversos livros e artigos publicados e é Consultora nas áreas da Museologia, Educação, Gestão e Organização de Museus.

Referências

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6886118654617575>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. **Encontros Museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

Autora: Mathilde Bellaigue-Scalbert

País: França

Resumo Biográfico

Mathilde Bellaigue-Scalbert é uma pedagoga, educadora e museóloga francesa. Formou-se em letras modernas e atuou como Professora e Pesquisadora na área da Pedagogia. Também dirigiu vários cursos de pintura e traduziu diversas obras sobre arte e artesanato do inglês para o francês. Atuou como Secretária e Vice-Presidente do ICOFOM e participou de diversos encontros e pesquisa sobre Museologia. Foi uma das responsáveis pela implantação e desenvolvimento do Ecomuseu da Comunidade Le Creusot-Montceau-les-Mines, onde atuou como diretora na década de 1980 (pelo período de 9 anos). Posteriormente foi responsável pelo Centro de Documentação no Laboratório de Investigação dos Museus da França e atualmente é Conservadora do Museu do Louvre. Publicou diversos artigos sobre Museologia, Museografia, Ecomuseus, Objetos Etnográficos, entre outros.

Referências

BELLAIGUE, Mathilde. *Actores en el mundo real*. In: UNESCO. **Museum - Imágenes del Ecomuseo**. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura – UNESCO, n.148, Vol. XXXVII, nº 4, p.194-197, 1985. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

_____. Uma nova visão do passado. **Memória**. São Paulo: Eletropaulo, v. 5, n. 19, p. 74-77, jul./dez. 1993. Entrevista concedida a Heloisa Barbuy.

BRULON, Bruno; SCHEINER, Tereza. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. In: X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. A responsabilidade social da ciência da Informação, 2009, João Pessoa. **E-book do X Encontro [...]**. João Pessoa: Ideia Editora, 2009, p.2. Disponível em: <http://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/12/a-ascensc3a3o-dos-museus-comunitc3a1rios.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

CURY, Marília Xavier. Museologia – Marcos Referenciais. **Cadernos do CEOM – Museus: pesquisa, acervo, comunicação**. Chapecó: Unochapecó, Ano 18, n.21, jun. 2005, p.59. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>. Acesso em: 30 out. 2015.

RIVIÈRE, Georges Henri. Definición Evolutiva del Ecomuseo. **La Museología – Curso de Museología/Textos y testimonios**. Tradução Antón Rodríguez Casal. Madrid: Ediciones Akal, p.195-206, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WcsnkN4w2xUC&pg=PA201&lpg=PA201&dq=definicion+evolutica+del+ecomuseo&source=bl&ots=mdFQcQAQYW&sig=Q_AoTI6Nn9KexPvJxD2hCZjup7o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj1sanj4nTAhVCIJAKHeCyDWsQ6AEIYzAJ#v=onepage&q=definicion%20evolutica%20del%20ecomuseo&f=false. Acesso em: 16 abr. 2015.

RÚSSIO CAMARGO GUARNIERI, Waldisa. Museologia e identidade (1989). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, p.176-185, 2010.

Autor: Mario Canova Moutinho

País: Portugal

Resumo Biográfico

Mario Canova Moutinho é um arquiteto, professor e museólogo português. Formou-se em Arquitetura (1972) pela Superior das Belas Artes de Paris (*Ecole Nationale Supérieur des Beaux Arts*) e doutorou-se em Antropologia Cultural (1983) Universidade de Paris VII, período em que recebeu a influência de importantes intelectuais, como Roland Barthes, Michel Foucault, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Levi Strauss, entre outros. Retornando a Portugal, interessou-se pelo estudo do Patrimônio Local, contribuiu com a criação do Museu Etnológico de Monte Redondo, momento em que conheceu Varine, que o aproximou de experiências museológicas com “abordagens menos convencionais, conhecidas então como Nova Museologia” (MOUTINHO, 2015, p.252). Desenvolveu sua carreira profissional em diversas instituições de ensino: Liceu Nacional de Oeiras (1976-1979), Universidade Nova de Lisboa (1988-1989), Universidade de Lisboa (1979-1994), Universidade Autónoma de Lisboa (1988-1991) e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT (1994 a atual). Na década de 1980 foi um dos responsáveis pela criação do primeiro Curso de Especialização em Museologia de Portugal (1989), na Universidade Nova de Lisboa, que se tornou Mestrado, mudou-se para o Instituto Superior de Matemáticas e Gestão que viria a dar origem anos mais tarde à ULHT, e posteriormente contribuiu com formação do Doutorado em Museologia (2007) da ULHT, curso que tem como enfoque a dimensão comunicacional e a função social do museu.

Moutinho foi um dos Membros-fundadores do MINOM (1985), onde atualmente é Vice-Presidente, Diretor do Centro de Estudos de Sociomuseologia (1993-?), Assessor do Museu Nacional História Natural (1998-2007) e desde 2007 é Reitor da ULHT. É autor de diversos livros e artigos em revistas especializadas, compôs a equipe editorial de diversas publicações, em especial a Revista Cadernos de Sociomuseologia (desde 2010), do qual é atualmente diretor.

Observações:

O Doutorado em Museologia da ULHT foi criado pela museóloga brasileira Judite Santos Primo (MOUTINHO, 2015, p.164).

Os Cadernos de Sociomuseologia foram criados em 1993 com o objetivo de apoiar a formação em Museologia que se iniciava na ULHT e atualmente são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CEleD) (ULHT, 2016, p.2, 7).

Referências

MOUTINHO, Mario Canova de Magalhães. Decifrando Conceitos em Museologia: Entrevista com Mário Canova Moutinho. [22 jun. 2015]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa: **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. IV, nº8, dez. 2015, p.252-269. Entrevista concedida a Ana Carvalho. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/15824/12210>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. **Introdução à Etnologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. **Curriculum Vitae** - Plataforma De Góis. Disponível em: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7873152942076524>. Acesso em: 06 abr. 2017.

Autor: Mário de Souza Chagas

País: Brasil

Resumo Biográfico

Mário de Souza Chagas é um poeta, museólogo e professor brasileiro. Graduou-se em Museologia (1976) pela UNIRIO, licenciou-se em Ciências Sociais (1980) pela UERJ, é Mestre em Memória Social (1997) pela UNIRIO e Doutor em Ciências Sociais (2003) pela UERJ. Desenvolveu sua carreira profissional. Atuou profissionalmente como Diretor da Divisão Museológica do Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ (1980-1987), Técnico da Fundação Nacional pró-Memória - FNPM (1987-1990) e do Coordenador Técnico do DEMU/IPHAN/MinC (1990-2009), Professor Visitante do CEMMAE/USP (2000-2002) e da UFG (2001). Foi um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (PNM) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do IBRAM. Fundou a Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia e criou o Programa Editorial do IBRAM.

Atualmente é Professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, com atuação na Escola de Museologia, no Programa de Pós-Graduação e Memória Social (PPGMS) e no PPG-PMUS, Professor Visitante da ULHT (desde 1994) e do Programa de Pós-graduação de Museologia da UFBA (desde 2013), Conselheiro do Conselho Federal de Museologia - COFEM (desde 1999), Coordenador Técnico do Museu da República (desde 2011), Diretor Cultural da Associação Brasileira de Museologia (desde 2012), Servidor do IBRAM (desde 2015), onde atuou como Diretor dos Processos Museais, Presidente do MINOM (desde 2016). É também Conselheiro Científico do MAST e membro do Conselho Consultivo da Revista Cadernos do CEOM (desde 2003) e dos Cadernos de Sociomuseologia. Desde 2016 é Presidente do MINOM.

Chagas é uma referência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, onde atua com ênfase na Museologia Social, educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio. Publicou diversos livros e artigos explorando estas temáticas. É colaborador e militante a favor dos denominados museus sociais, dos pontos de cultura e pontos de memória, e um dos articuladores da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Observações:

Mário Chagas é Professor da UNIRIO desde 1994.

Cadernos do CEOM - Revista do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ.

Referências

CHAGAS, Mário de Souza. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>. Acesso em: 17 fev. 2017.

Autora: Odalice Miranda Priosti

País: Brasil

Resumo Biográfico

Odalice Miranda Priosti é uma professora e museóloga brasileira. É Mestra (1999) e Doutora (2010) em Memória Social pelo PPGMS/UNIRIO. Desde 1992 é Coordenadora de Estudos e Projetos do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) e Membro da Equipe dinamizadora do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz). É Membro fundador da ABREMC, da qual foi Presidente entre 2006-2009 e atualmente é Conselheira do MINOM, onde já atuou como Vice-Presidente. Escreveu diversos livros e artigos sobre Museologia, com ênfase em Ecomuseologia e Museologia Comunitária, Patrimônio, Memória Social, Cultura e Desenvolvimento Local.

Referências

PRIOSTI, Odalice Miranda. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3504548255498651>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Autor: Peter Van Mensch

País: Holanda

Resumo Biográfico

Peter Van Mensch é um professor e museólogo holandês. Formou-se em Zoologia e Arqueologia pela Universidade de Amsterdã e doutorou-se pela Universidade de Zagreb, onde em 1992 defendeu a tese “Em direção a uma Metodologia da Museologia” (*Towards a Methodology of Museology*), debruçando-se sobre os fundamentos teóricos do campo museológico (TANUS, 2012, p.133). Trabalhou no campo da arqueologia para uma agência estatal e em 1967 ingressou no mundo dos museus, onde trabalhou como educador, museógrafo, secretário e curador em museus de diversas tipologias. Entre 1977 e 1982 foi diretor de programas educacionais e exposições para o Museu Nacional de História Natural (*National Museum of Natural History* - Leiden, Holanda). Tornou-se Professor Sênior em Teoria Museológica e Ética Museológica na *Reinwardt Academie*, que compõe a Escola de Artes de Amsterdã (*Amsterdamse Hogeschool voor de Kunsten*), onde foi o primeiro professor de Patrimônio Cultural e dirigiu o Programa Internacional de Mestrado em Museologia entre 1998 e 2001 e entre 2005 e 2010.

Mensch foi membro ativo do ICOM, onde atuou no Comitê Internacional de Educação e Ação Cultural (CECA), no Comitê Internacional para a Formação de Pessoal (ICTOP) e no ICOFOM (onde foi presidente entre 1989 e 1993) e contribuiu com a criação do Comitê Internacional de Coleta (COMCOL) (2010). Desde 1993 é um dos colaboradores do Projeto “*Thesaurus Museologicus – Proyecto Permanente de Investigación*”, que vem sendo desenvolvido pelo ICOFOM sob a coordenação de Désvallées. É autor de extensa produção na área museológica, consultor de sua empresa *Mensch Museological Consulting* e conferencista, sendo professor visitante e palestrante convidado em diversas universidades e programas internacionais de museologia.

Referências

AMSTERDAMSE Hogeschool voor de Kunsten. **Reinwardt Academie**. Disponível em: <http://www.ahk.nl/de-ahk/locaties/reinwardt-academie/>. Acesso em: 04 abr. 2017.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museália**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: JC Editora, v.1, 1996.

CURY, Marília Xavier. Museologia – Marcos Referenciais. **Cadernos do CEOM** – Museus: pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó: Unochapecó, Ano 18, n.21, jun. 2005, p.54. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>. Acesso em: 30 out. 2015.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, v.7, n.7, 1996, p.108. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24>. Acesso em: 25 jun. 2016.

TANUS, Gabrielle Francinne de S.C. Resenha/Review. **Revista Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em

Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO / MAST, vol. 5, nº2, 2012, p.133.
Disponível em:
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/221/204>. Acesso em: 04 abr. 2017.

Autor: Raúl Andrés Méndez Lugo

País: México

Resumo Biográfico

Raúl Andrés Méndez Lugo é um antropólogo, professor, “museólogo social e gestor cultural” (MÉNDEZ LUGO, 2017) mexicano. Licenciou-se em Antropologia Social pelo Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH) em 1984, em Teoria e Método da Nova Museologia (1991) e em Conservação do Patrimônio Cultural de Nayarit (2005), pelo Conselho Nacional para a Cultura e as Artes (CONACULTA) e em *História Regional pela Universidade Autónoma de Nayarit* (1999). Desenvolveu sua trajetória profissional no INAH, onde foi Analista Especializado da Direção de Museologia da Coordenação Nacional de Museus e Exposições e Coordenador-assessor do Programa Nacional de Museus Comunitários e Serviços Educativos (1984-1986), Chefe do Departamento de Museus Comunitários e Coordenador do Programa de Museus Comunitários do Estado de Hidalgo (1986-1989), Subdiretor de Planejamento e Avaliação do Departamento de Museologia (1989-1991), Delegado Estadual em Nayarit (1991-2005), Delegado Estadual em Sonora (2005-2006), Coordenador Geral Curso de Cerâmica “El Tepalcate” (2007-2008) e Coordenador Operativo do Bicentenário Nayarit (2008-2010). Atuou também como Professor de Ciências Sociais e Humanas no Campus “Venustiano Carranza” do *Colegio Nacional de Educación Profesional Técnica* entre 1983 e 1985, Coordenador do Programa de Assistência Técnica para a Criação de Museus Comunitários e de Vizinhança Pró-Conservação e Difusão do Patrimônio Histórico-Cultural do Estado de Nayarit (1992-2005), Presidente da Fundação Cultural Nayarit (1994-2000), Professor de Métodos e Técnicas de Investigação em Licenciatura de Desenvolvimento Cultural (2007 e 2008) e de Antropologia na Especialidade de Gênero e Sociedade (2007 a 2009) da Universidade Autónoma de Nayarit.

Méndez Lugo contribuiu com a criação de diversos museus, museus comunitários, ecomuseus e casas de cultura, dentre eles a Casa da Cultura e Museu Comunitário de Ahuacatlán em Nayarit (2000) e o Museu Comunitário Municipal de Magdalena de Kino em Sonora (2006). Em 2001 coordenou a Primeira Reunião da Nova Museologia Regional Mexicana. É membro do ICOM, com atuação no MINOM, onde foi Tesoureiro do Conselho de Administração (1999 a 2001) e Presidente (2003 a 2007). É autor de diversos livros e artigos sobre Museologia e Nova Museologia, Cultura, Patrimônio Nayarita, Patrimônio Arqueológico, Turismo, Desenvolvimento, Identidade, museu comunitário e ecomuseus. Atualmente é Coordenador Geral da Consultoria de Políticas Educativas, Culturais, Artísticas e Turísticas para o Desenvolvimento Regional do México e é Instrutor de diversos cursos e Conferencista Nacional e Internacional sobre Antropologia, Nova Museologia e Patrimônio Cultural etc. Recebeu diversas premiações, como o Prêmio “Manuel Gamio” de 2005, pelo melhor trabalho de gestão do patrimônio cultural desenvolvido no ano anterior.

Referências

MEDINA, Pedro Amparo. *Ecomuseos ya están en Tepic*: Méndez Lugo. **Gente y Poder**, 10 ago. 2016. Disponível em: <http://diariogenteypoder.com/nota.php?id=66193>. Acesso em: 04 abr. 2017.

MÉNDEZ LUGO, Raúl Andrés. **Curriculum Vitae**. 2009. Disponível em: <http://www.minommex.galeon.com/cvitae2207748.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. **Documentos Básicos de Nueva Museología.** 2002. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=16>. Não Paginado. Acesso em: 15 mar. 2013.

Autora: René Rivard

País: Canadá

Resumo Biográfico

René Rivard é um educador e museólogo canadense. Formou-se como Bacharel em Artes e Humanidades em 1963. Entre 1970 e 1972 atuou como Diretor dos parques e sítios históricos de Quebec e Ontário (Canadá) e em seguida criou o Serviço de Interpretação e Museologia *Parks Canada*, que dirigiu até 1980. Em 1978 criou a empresa *Muséart* e tornou-se Consultor em Museologia, Valorização do Patrimônio e Desenvolvimento Cultural. Entre 1978 e 1985 trabalhou para a UNESCO como assessor comissionado em alguns países do Continente Africano, onde contribuiu com a implementação de museus nacionais. Em sua trajetória formou diversos profissionais e equipes e contribuiu com a renovação e desenvolvimento de museus no Canadá, na França, Estados Unidos, em vários países africanos e muitos outros. Em 1987 criou juntamente com Paule Renaud a Escritório “Cultura” (do qual é Presidente e Museólogo *Sênior*), responsável pela concepção e realização de conteúdos, cenarização e produção de exposições temáticas e espetáculos multimídia para museus, sítios históricos, centros de interpretação, equipamentos culturais etc. Dentre os ecomuseus que contribuiu encontram-se o Ecomuseu Ameríndio *Ak-Chin* (Arizona, Estados Unidos da América) e o *Écomusée du Nordaski à Hearst* (Ontário, Canadá). Como forma de reconhecimento por sua atuação no campo museológico, Rivard foi contemplado com diversas premiações: pela Sociedade de Museus de Quebec em 1996, pelo ICOM Canadá em 2000, pela Rainha Elizabeth II em 2003 – de quem recebeu a Medalha do Jubileu de Ouro, entre outros.

Observações:

Ak-Chin Indian Community - Ecomuseu e Centro Comunitário Ameríndio localizado em Maricopa (Arizona, EUA).

O *Écomusée de Hears* tem como objetivo contribuir para construção identitária e preservação da identidade e cultura franco-ontariana da população da cidade de Hearst, localizada no norte-franco da Província Ontário, Canadá.

Referências

AK-CHIN INDIAN COMMUNITY. Disponível em: <http://www.ak-chin.nsn.us/>. Acesso em: 03 abr. 2017.

CULTURA - Bureau d'Études. **Les Associes et Collaborateurs:** René Rivard, FAMC. Disponível em: <http://www.cultura.ca/les-associes-2.html>. Acesso em: 03 abr. 2017.

ÉCOMUSÉE de Hearst Ecomuseum. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseeDeHearst/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RIVARD, René. Los Ecomuseos de Quebec. In: UNESCO. **Museum** - Imágenes del Ecomuseo. Paris: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura – UNESCO, n.148, Vol. XXXVII, nº 4, 1985, p.202. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347So.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

Autora: Tereza Morales Lersch

País: México

Resumo Biográfico

Tereza Morales Lersch é uma antropóloga, pesquisadora e professora mexicana. Atua como Professora Investigadora do INAH desde 1981, com ênfase em Antropologia Social e Museografia e trabalha junto a populações indígenas para a criação de museus comunitários em Oaxaca desde 1985, o que a levou a impulsionar o “intercâmbio de experiências e o apoio mútuo entre comunidades” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17), desembocando na fundação da União dos Museus Comunitários de Oaxaca em 1991, da qual é consultora (*idem*, p.17-19).

Em suas trajetória profissional, Morales assessorou a criação de dezenas de museus comunitários e tem contribuído para o desenvolvimento de metodologias participativas e a expansão da rede de museus comunitários, para isso conta com a colaboração de “autoridades locais, professores, artesãos, homens e mulheres, jovens e crianças destas comunidades indígenas e mestiças” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17). Entre 1993 e 1996 estabeleceu e dirigiu o Programa Nacional de Museus Comunitários e Ecomuseus, desenvolvido conjuntamente pelo INAH e a Direção Geral de Culturas Populares, e também promoveu diversos cursos (também para alunos/as de escolas primárias e secundárias) e encontros em vários estados mexicanos, impulsionando a criação da União Nacional de Museus Comunitários e Ecomuseus (1994), onde atualmente atua como assessora, e em 2000 impulsionou a criação da Rede de Museus Comunitários da América. Junto com seu companheiro, Cuauhtémoc Camarena Ocampo, é autora de diversos livros e artigos sobre museus comunitários, realizam cursos e dão assessoria em diversos outros países (Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Equador, Chile e Brasil). Por suas contribuições à museologia mexicana, “orientada principalmente ao desenvolvimento conceitual e metodológico de museus comunitários” (*RED DE MUSEOS [...]*, 2014, p.17) receberam em 2014 a Premiação “*Reconocimiento ICOM México 2014*” do Comitê Mexicano do ICOM (*idem*, p.17-19).

Referências

RED DE MUSEOS COMUNITARIOS DE AMERICAS. **Boletín MC**, n.17, 2014, p.17-19. Disponível em: http://museoscomunitarios.org/boletines_pdf/boletin17RMCA.pdf. Acesso em: 20 jul. 2015.

Autor: Tony Boita

País: Brasil

Resumo Biográfico

Tony Willian Boita, ou Tony Boita, é um Museólogo brasileiro. Possui Graduação em Museologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2015), Especialização em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado” pelo Centro Universitário Senac – SENAC-SP (2015) e atualmente é Mestrando em Antropologia Social pela UFG. O Título de seu Projeto de Pesquisa do Mestrado é “Etnografia e Memória LGBT: potencialidades da salvaguarda enquanto estratégia de superação de fobias à diversidade sexual no Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF-RJ)”. “Atua principalmente com os seguintes temas: Museologia Comunitária, Museologia Afirmativa, Museologia Social, Memória e Patrimônio Cultural de grupos vulneráveis, Cultura Popular e Interdisciplinaridade” (BOITA, 2017, n.p.).

Entre 2010 e 2013 foi coordenador de Museologia Social do Programa de Extensão Comunidades FURG (Proext-Mec), atuando em “comunidades indígenas e quilombolas do extremo sul do Rio Grande do Sul em vista de seu reconhecimento patrimonial e territorial” (BOITA, 2017, n.p.). Em 2012, atuou no Programa de Formação de Guias Turísticos e Professores da Rede de Ensino promovido pelo Museu das Missões (IBRAM) em parceria com a Prefeitura de São Miguel das Missões (RS). Em 2014, foi consultor do Ponto de Cultura “Fica aí Dizendo”, clube social negro de Pelotas, e do Projeto premiado “Mestre de Cultura Popular”, concedido à Mestre de Cultura Dona Sinhá, e desde então é Coordenador LGBT do Projeto de Extensão Universitária “Patrimônio Cultural LGBT e Museus: mapeamento, limites e possibilidades de memórias negligenciadas”, no Grupo de Pesquisa “Comunidades e Museologia Social” - UFG (Comusas - CNPq/Ibram), com ações afirmativas em comunidades negras, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBT. Em 2015 coordenou o Projeto Memória LGBT no MUF-RJ, financiado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro em comemoração aos 450 anos da cidade. Entre 2015 e 2016 coordenou os Projetos de Pesquisa “Mapeamento de iniciativas comunitárias em memória e museologia social da região Centro-Oeste”, e os Projetos de Extensão “Formação, Promoção, Geração de Renda e Fortalecimento de Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social da Região Centro-Oeste” (2015) e “Exposição Mulher e Ofícios no Sertão Goiano” (2016). Atualmente coordena os Projetos de Extensão “Memórias LGBT” (desde 2011), “Mulheres do Vale Araguaia” (desde 2012) e “Exposição Curricular Museologia 2017”.

Tony Boita lecionou nas Faculdades EST (2013), foi Professor Substituto do Bacharelado em Museologia da UFG (2015-2017) e desde 2013 é membro do corpo editorial da Revista Memória LGBT. Atualmente é Colaborador da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-GOIÁS) e da Rede dos Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias (REPIM-RS). Também é o atual Presidente do Conselho Regional de Museologia (4R-COREM, Brasil).

Referências

BOITA, Tony William. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9179927304604562>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Autor: Suzenilson da Silva Santos

País: Brasil

Resumo Biográfico

Suzenilson da Silva Santos, ou Suzenilson Kanindé, é índio Kanindé residente da Aldeia Sítio Fernandes (Aratuba/CE). Possui formação específica para professores indígenas – Magistério Indígena Médio, pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (CEDUC). Possui Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé (LII PITAKAJÁ) pela Universidade Federal do Ceará (2016). Há alguns anos participa de diversas formações relacionadas à educação escolar indígena, história, antropologia, arqueologia, museologia etc., e recebe formação para suceder o cacique Kanindé.

Foi tesoureiro da Coordenação de Organizações dos Povos Indígenas no Ceará (2005-2009) e vice-coordenador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Atualmente é professor de Ensino Fundamental da Escola Manoel Francisco dos Santos do Povo Indígena Kanindé (a partir de 2002), desde 2012 coordena o Núcleo Educativo do Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé, é articulador da Rede Indígena de Memória e Museologia Social e consultor do IBRAM para os Pontos de Memória Indígenas.

Criou e elaborou o Inventário Participativo no Museu Indígena Kanindé e no Museu Comunitário da Serra do Evaristo (Baturité/CE) e já recebeu diversas premiações, dentre elas “Agente Jovem de Cultura” - 2013 (Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural) e “Prêmio Culturas Indígenas” – 2013 (Ministério da Cultura).

Referências

CURY, Marília Xavier (editora). Museus e Indígenas: Saberes e Ética, Novos Paradigmas em Debate. In: III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural., abril-maio de 2014, Tupã. **Programa e Resumos.** Tupã/SP: Secretaria da Cultura - Governo do Estado de São Paulo, ACAM Portinari, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuîre, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo, 2014, p.100-101.

SANTOS, Suzenilson da Silva. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9701158522184939>. Acesso em: 10 fev. 2017.

APÊNDICE B

Fichas Museográficas

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 1	Denominação: Museu Conceitual do Distrito
	Data de Criação: 1968 Endereço: Santa Teresa, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: Situação atual: extinto.

Entidade(s) Gestora(s): Grupo CEPI (posteriormente ONG Mouseion - Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente).

Parceiros(as)/apoio: Programa de Arqueologia e Conservação da Faculdade de Museologia do Rio de Janeiro (UNIRIO), Georges Henri Rivière e Hugues de Varine, entre outros.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: As instalações do museu consistiu todo o distrito de Santa Tereza “com seus participantes, vida, estruturas e memorabilia” (MORO, 1985, p.237). As atividades educativas e culturais eram realizadas em estúdios de artistas, museus e outros estabelecimentos locais, principalmente o mercado local.

E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
--	-----------------

Categorias Propostas: Museu ao Ar Livre, Ecomuseu

Histórico:

O bairro de Santa Teresa, localizado na zona central do município do Rio de Janeiro (RJ), é um bairro de classe média e classe média alta em uma colina entre as zonas sul e central da cidade.

O Museu Conceitual do Distrito foi um projeto (“Projeto Pandora” ou “Projeto Santa Tereza - a memória de um bairro”) implementado por membros da equipe do Grupo Cepi e desenvolvido a partir de um trabalho comunitário agregando a vizinhança (incluindo seus moradores, trabalhadores, estabelecimentos locais - comerciantes, indústrias, escolas sua vida cotidiana, estruturas e memórias). O Grupo Cepi posteriormente se torna a ONG *Mouseion* – Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente, instituição responsável por desenvolver diversos “programas e projetos de pesquisa e ações no campo da museologia alternativa no Rio de Janeiro” (MORO, 1985, p.237).

O Museu Conceitual do Distrito foi compreendido como um museu ao ar livre e participativo. A equipe propulsora encorajava os moradores e trabalhadores do bairro a participar das atividades e procurou se manter o máximo possível “invisível”, a fim de não provocar mudanças nas estruturas já existentes. Por tudo isso, o projeto identificou-se com o conceito de ecomuseu apresentado por Georges Henri Rivière em 1971 e com as ideias do movimento da Nova Museologia. Seu programa foi redefinido com frequência, e teve como objetivos (MORO, 1985, p.237):

- Descobrir o bairro, preservá-lo e aumentar seu potencial;
- Despertar a consciência da comunidade, colocando-a em contato direto com o ambiente natural e cultural, desenvolvendo suas tradições, aproveitando suas raízes e estimulando sua própria criatividade;
- Contribuir para o desenvolvimento e a preservação integral do bairro, agregando estúdios de artistas, museus, o mercado local e outros estabelecimentos em um projeto comum por meio de atividades educativas e culturais.

O projeto recebeu o prêmio do Salão da Eletrobrás, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1971. Para Moro e Novaes (2010, p.26), nele se desenvolveu “um conceito de museu virtual que as estruturas museológicas do país, por razões políticas ou não, não conseguiam compreender”.

Referências Patrimoniais:

Construções históricas, bonde, mercado local, estúdios de artistas, museus, escolas e outras instituições culturais, utilizados como locais de encontro e centros de criatividade, moradores e trabalhadores do bairro, sua vida cotidiana, estruturas e memórias...

Atividades Desenvolvidas:

As atividades educativas e culturais eram realizadas em estúdios de artistas, museus, escolas e outras instituições culturais, principalmente no mercado local, que organizavam programas educacionais e culturais inserindo os habitantes e as instituições em uma participação ativa. Por conta dessa característica, o Programa do Museu se expandia e era redefinido constantemente, de acordo com as necessidades do momento;

Participação em Eventos: Reunião CECA/IBRAM (1972, Amsterdã, Holanda); Seminário “Território-Patrimônio-Comunidade (Ecomuseus): O homem e seu entorno” (15-18/10/1984, Oaxtepec, Morelos, México).

Ações de Preservação:

Projeto Santa Tereza - ensinando matemática na feira: Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Jogos infantis (1969);

Projeto Pandora - desenvolvimento de material didático ou instrucional - Conhecer e manipular a arte (1971).

Referências Bibliográficas:

MAGNO, Edson. Santa Teresa história de um dos bairros mais famosos do Rio de Janeiro. **Guia do Carnaval**, 27 mai. 2014. Disponível em: <http://www.ingressocarnaval.com.br/2014/05/santa-teresa-charme-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 18 fev. 2017.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2570119996484232>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. Museologie Alternative, Ecomuseologie et d'Autres Possibilites d'Utilisation des Technologies Appropriées dans mon Pays – le Bresil. In: **Memoria del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad (Ecomuseos)** – “El Hombre Y Su Entorno”, Oaxtepec, Morelos, p.90-96, 1984. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/old/signud/DOC%20PDF/198403304.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2015.

_____. São Cristóvão: a district ecomuseum. **Museum International**. Paris: UNESCO, v.37, ed.4, p.237-241, 1985.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida; NOVAES, Lourdes. ICOM e Brasil: um diálogo – lembranças (1946-1993). 1996. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado de Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol.1, p.31-81, 2010.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 2	Denominação: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha
	Data de Criação: 01/07/1971 Endereço: Rodovia Baldicero Filomeno, 10.106, CEP 88064-002, Ribeirão da Ilha, Florianópolis/SC. Tel.: (48) 3237-8148 / 99953-8327 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): o Ecomuseu já foi administrado pela Sociedade dos Amigos Pró-desenvolvimento do Ribeirão da Ilha (SAPDRI) – extinta em 1973. Em 1974 passou a ser administrado pelo Professor Nereu do Vale Pereira, que o administra até os dias atuais, representando a Associação Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

Parceiros(as)/apoio: Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre outros.

Recursos: Foi mantido pela SAPDRI até 1973 (com o auxílio da Prefeitura), entre 1974 e 1991 manteve convênio com a Prefeitura, entre 1992 e 2007 foi mantido pela Fundação Cultural Açorianista. Atualmente é mantido pela Associação Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; Prêmio Elisabete Anderle 2014 / Prêmio Catarinense de Museus - Fundação Catarinense de Cultura (Projeto de Documentação Museológica do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha).

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SISEM-SC)

Ingresso: R\$ 6,00

Obs.: “O museu adota política de redução do valor de ingresso para estudantes das redes pública e privada, guias de turismo acompanhados de grupos, professores, crianças, terceira idade” (MUSEUS Br, 2017).

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: A sede do Ecomuseu é uma propriedade rural do século XVIII restaurada (de propriedade do Professor Nereu do Vale Pereira), localizada à beira-mar, composta por casa residencial, terreno com chácara e quintal, unidade de produção e área para plantações, “conforme a ‘desenhou’ o colonizador açoriano” (ECOMUSEU [...], 2017a). O Ecomuseu possui auditório, biblioteca e um arquivo em suas dependências.

E-mail institucional: ecomuseuribeirao@gmail.com

Websíte ou blog: www.ecomuseuribeirao.wordpress.com

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseudoribeirao/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

Ribeirão da Ilha é um bairro (considerado “bairro-dormitório”) localizado a sudoeste da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis (SC) que atualmente (Censo IBGE 2010) possui cerca de 1.444 habitantes (RIBEIRÃO [...], 2017a). Há indícios de ocupação por povos nativos há pelo menos 2.000 anos (RIBEIRÃO [...], 2017a). Antes da chegada dos colonizadores, foi habitada por índios Carijó - Guarani (ECOMUSEU [...], 2017a). O primeiro grupo de europeus (21 marujos espanhóis pertencentes à frota do navegador Juan Dias de Solís) chegaram ao local no início do século XVI (provavelmente 1514), onde se miscigenaram com a população nativa. As primeiras famílias estrangeiras habitantes de Ribeirão da Ilha foram parte dos/as 6.000 açorianos/as enviados pela Coroa Portuguesa à antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) em meados do século XVIII “com o objetivo de tornar as terras produtivas e assegurar as posses portuguesas no Brasil Meridional” (ECOMUSEU [...], 2017a). Essas famílias contribuíram para a consolidação de uma cultura de base açoriana que incorporou elementos de outros povos, principalmente indígenas e africanos (levados para trabalhar nas lavouras e na pesca de baleias), e também elementos da cultura nordestina.

No período inicial de colonização predominaram as atividades econômicas agrícolas, a pecuária e a pesca. Posteriormente os açorianos mecanizaram o processo do fabrico da farinha de mandioca e chegaram a construir mais de 80 engenhos de farinha de mandioca na região, atividade econômica que declina a partir da década de 1920. A partir da década de 1970 o desenvolvimento do turismo trouxe nova vida à região, atraídos pelas características culturais, festas tradicionais, a arquitetura dos séculos XVIII e XIX, artesanatos e principalmente pela expansão do setor gastronômico (frutos do mar).

O Museu Etnológico do Ribeirão da Ilha, idealizado pelo sociólogo, economista, escritor e professor Nereu do Vale Pereira, com apoio da comunidade local e a colaboração do Departamento de Sociologia da UFSC, foi criado em 1971 “em função de um programa de organização e desenvolvimento de comunidade (DOC)” (ECOMUSEU [...], 2017a), baseado no turismo cultural. Mesmo reconhecendo que “o designativo ecomuseu possa ser aplicado para uma larga faixa de situações concretas” e que “seu emprego gera controvérsias e resistências”, a compreensão de que este museu localiza-se dentro de um “ecossistema sócio-econômico-cultural” - considerando os modos de viver, sentir, simbolizar e fazer da “comunidade” (grifo nosso) dos açorianos levou à denominação dos sistemas de produção da casa rural açoriana do Ribeirão da Ilha, especialmente o Engenho de Farinha de Mandioca, como Ecomuseu do Ribeirão da Ilha

(ECOMUSEU [...], 2017a).

O Ecomuseu passou por diversas formas administrativas e em alguns momentos manteve-se fechado para visitação pública devido à falta de recursos para sua manutenção e funcionamento. Na atualidade, tem como principais objetivos:

- Conservar e apresentar a propriedade rural (possivelmente 1793 - reedificada com o mesmo desenho em 1921), envolvendo seu sistema artesanal de produção delineado pelo colonizador açoriano século XVIII;
- Apresentar o modo de vida da família açoriana no período colonial (sem energia elétrica, água encanada, sanitários e formas modernas de comunicação);
- Registrar e preservar a memória, os valores e a cultura material e imaterial açoriana, conforme seu ajustamento às realidades ambientais locais e intercâmbio com outras culturas;
- Resgatar, registrar e divulgar o contributo açoriano na estruturação humana e urbana de Florianópolis;
- Contribuir para o desenvolvimento social e econômico da região.

O Ecomuseu do Ribeirão da Ilha é considerado um símbolo do que foi a atividade rural do açoriano e passou a receber uma visitação expressiva, atraindo turistas em geral, professores universitários brasileiros e estrangeiros e representantes governamentais das ilhas portuguesas (Açores). Está associado à Federação de Amigos de Museus do Brasil (FEAMBRA).

Referências Patrimoniais:

O Ecomuseu possui um acervo diversificado, que inclui o contexto ecossistêmico da propriedade, composto por edificações com arquitetura de características açorianas (residência e espaços laborais) e arborização com plantas nativas. Suas coleções envolvem elementos da cultura material, com destaque para o Engenho de Farinha de Mandioca, Teares, Mó de moinho, Baú de viagem, Oratório - pertencentes a José Lino Vieira (primeiro morador da residência), Gramofone e outros objetos (utensílios domésticos, ferramentas etc.) que representam traços culturais específicos.

Elementos patrimoniais intangíveis também compõem o repertório do museu, como a menção a hábitos alimentares característicos (consumo de pirão e aguardente), hábitos higiênicos (banhos semanais e a utilização de penicos), saberes das rendeiras e bordadeiras, além das formas de fazer, sentir, pensar e simbolizar da população tradicional açoriana de Ribeirão da Ilha.

Atividades desenvolvidas:

Exposições, recepção a escolas, turistas, universitários ou pesquisadores da cultura luso-açoriana – visitas guiadas;

Participação em Eventos: II Encontro Internacional de Ecomuseus (17-20/05/2000, Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ); Eventos gastronômicos com base na maricultura (mexilhões e ostras); Festivais de Folclore; Comércio de artesanato etc.; 10ª, 11ª, 13ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com o Seminário “Estudo das transformações culturais do Ribeirão da Ilha a partir da colonização açoriana do século XVIII” - apresentação de vídeos e discussões pelos diversos espaços do museu (14-18/05/2012), a Mesa Redonda “Diálogos de aprofundamento das correlações culturais entre os objetos constantes das coleções a partir dos registros da colonização açoriana - século XVIII na Ilha de Santa Catarina (13-16/05/2014), o Debate sobre as relações do Ecomuseu com a economia da sociedade e o turismo e a didática sobre a importância dos museus quanto a geração de emprego e renda (19-21/05/2015), a visita guiada abordando a importância dos museus para a preservação cultural e o papel do ecomuseu na paisagem cultural da Ilha de Santa Catarina (18/05/2016); 6ª, 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com a Palestra “Açores e Brasil: ontem e hoje” (24-30/09/2012), a exibição do Filme “O Folclore Açoriano na Ilha de Santa Catarina” (23 e 28/09/2014) e o Seminário “História dos 43 anos do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha e debates sobre conceitos de Ecomuseu” (25/09/2014).

Ações de Preservação:

- Restauro da propriedade (realizado a partir de um convênio com a Prefeitura);
- Catalogação das plantas nativas (algumas em extinção);
- Produção audiovisual sobre objetivos e conteúdos do museu (apresentado aos visitantes);
- Higienização das Peças e Controle de Pragas;
- Início do Projeto de Documentação Museológica do acervo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha (12/09/2015 a 08/2016).

Referências Bibliográficas:

AMORIM, Luiz Carlos. **O Ecomuseu e a História de Florianópolis**. Publicado em 4 dez. 2011. Disponível em: <http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br/2011/12/o-ecomuseu-e-historia-de-florianopolis.html>. Acesso em: 22 fev. 2017.

BOAVENTURA, Mateus; FELDMANN, Simone; CAMARGO, Thales. **Um pedacinho dos Açores perdido no mar**. Documentário radiofônico. Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC. Disponível em: <http://bit.ly/1NdxTZU>. Acesso em: 23 fev. 2017.

ECOMUSEU do Ribeirão da Ilha. Disponível em: <https://ecomuseuribeirao.wordpress.com/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

ECOMUSEU do Ribeirão da Ilha. **Facebook:** fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudoribeirao/?fref=ts>. Acesso em: 22 fev. 2017.

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Lista final premiados Edital Elisabete Anderle 2014**. Disponível em: http://www.fcc.sc.gov.br/arquivosSGC/DOWN_171301LISTA_FINAL_Ganhadores_Anderle_2014_2015_Itima.pdf. Acesso em: 22 fev. 2017.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.369. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.167. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.372. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.442. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.455. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.358. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu do Ribeirão da Ilha. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9100/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

POPULAÇÃO Ribeirão de Ilha – Florianópolis. Disponível em: http://populacao.net.br/populacao-ribeirao-da-ilha_florianopolis_sc.html. Acesso em: 22 fev. 2017.

RIBEIRÃO da Ilha. **Guia Floripa** – Bairros. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/cidade/bairros/ribeirao-da-ilha>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RIBEIRÃO da Ilha. **Guia Floripa** – Praias. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/ribeirao-da-ilha>. Acesso em: 22 fev. 2017.

Referência da Imagem:	Sede do Ecomuseu.	Disponível em:
https://www.facebook.com/ecomuseudoribeirao/photos/ms.c.eJw90NsRRCEIA9COdgggi~:4b2zHC~:TxjiKh7npBAfhJ~:JzORFtW9bj8aEJxxq205DMA5s9Z1z1HTR806LSxvX6dfnjT2L54edt8Gq0xLm5rM9993fffB~:apk9F7rz03Kfg~:elr5b6y71fiPqk7n3YdPf1a7Dff8wbnpdbBfMqzye2X7uk343~ b4A~ KW04M.bps.a.447560451937921.119983.197706680256634/447560845271215/?type=3&theater . Acesso em: 22 fev. 2017.		

Preenchimento: Cristina Maria Dalla Nora (08/08/2017) / Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 568"> Ficha: 3 </td> <td data-bbox="751 315 1385 568"> Denominação: Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo Data de Criação: 24/11/1971 Endereço: Praça Silvino Cabral, Centro, CEP 58600-000, Santa Luzia/PB Tel.: (83) 3461-2427 / (83) 99610-8219 Situação atual: em funcionamento </td> </tr> </table>	Ficha: 3	Denominação: Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo Data de Criação: 24/11/1971 Endereço: Praça Silvino Cabral, Centro, CEP 58600-000, Santa Luzia/PB Tel.: (83) 3461-2427 / (83) 99610-8219 Situação atual: em funcionamento
Ficha: 3	Denominação: Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo Data de Criação: 24/11/1971 Endereço: Praça Silvino Cabral, Centro, CEP 58600-000, Santa Luzia/PB Tel.: (83) 3461-2427 / (83) 99610-8219 Situação atual: em funcionamento		
Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Santa Luzia – Secretaria de Educação Parceiros(as)/apoio: Recursos: O Museu é mantido com recursos da Prefeitura Municipal de Santa Luzia. Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 11 e das 15 às 17 horas É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu: Até dezembro de 2016 o museu esteve sediado em uma casa localizada na Rua Seráfico Nóbrega, 168 (antiga sede de um Posto de Saúde). A nova sede refere-se ao antigo Ginásio (da Professora Dona Ana) restaurado, conhecido como "Sobrado", na popular "Rua de Baixo" (PREFEITURA [...], 2016).			
E-mail institucional: museuslpb@gmail.com Website ou blog: www.santaluzia.pb.gov.br/ Rede social: https://www.facebook.com/Museu-Comunit%C3%A1rio-Jeov%C3%A1-Batista-de-Azevedo-561301954053713/	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário			
Histórico: <p>Santa Luzia é um município do estado da Paraíba localizado no rebordo ocidental do Planalto da Borborema, na região do Seridó Ocidental Paraibano. Atualmente, de acordo com o IBGE (2006), sua população é de cerca de 14.730 habitantes.</p> <p>O Museu de Santa Luzia foi idealizado por Jeová Batista de Azevedo e criado em 1971, no âmbito das comemorações do centenário da cidade. Em 1984 o Professor Renault Vieira de Souza criou a “Fundação Museu Comunitário de Santa Luzia, sociedade civil sem fins lucrativos” (MARINHO, 1984), que tornou-se a instituição mantenedora do museu e da biblioteca constituída em 1984. Posteriormente foi assumido pela Prefeitura. Azevedo foi seu Diretor Cultural e principal incentivador. Em sua homenagem, após seu falecimento, o Museu passou a denominar-se Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo.</p> <p>O Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar as obras de artes do município “em todas as suas formas de manifestação” (MUSEU [...], 2017) e “resgatar o Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Ecológico da cidade” (MARINHO, 1984); • O estudo, a preservação, a valorização e a divulgação da história do município de Santa Luzia e região; • Incentivar a arte, a cultura, a pesquisa e a educação através da valorização, democratização e divulgação de seu acervo; • Preservar as obras de arte do município. 			
Referências Patrimoniais: <p>Seu acervo foi formado a partir da coleção particular de Jeová Batista de Azevedo, doada ao município. Atualmente é composta por mais de 8 mil peças “encontradas na região do Seridó e demais circunvizinhas” (MARINHO, 1984) ou doadas por antigos moradores.</p> <p>As coleções foram classificadas e catalogadas por Azevedo, assim subdivididas: Arte Sacra, Armaria, Munições, Numismática, Material Lítico, Arte Indígena, Máquinas de Costura, Instrumentos Musicais, Apetrechos (indumentárias, bolsas, sapatos, carteiras, cintos, fivelas etc.), Cerâmica, Mobiliário, Documentos, Iconografia e Diversos (discos, ferramentas, lamparinas etc.).</p> <p>Os destaques do acervo são machados de pedras, louçaria européia, armamentos, instrumentos musicais (violino, alaúde, clarinet, flauta, bombardino etc.), quadros com brasões das famílias da região, pedra com pegada de dinossauro proveniente do Vale dos dinossauros (município de Souza). Na antiga sede o acervo do museu estava dividido em 16 sessões – 8 salas.</p>			
Atividades desenvolvidas: Exposições. Exemplos: Exposição dos 70 anos do São João de Santa Luzia (2012); Exposição Itinerante “As			

fotografias que contam histórias” – Projeto Museu Itinerante (22/08-24/11/2016, Colégio CEDUC - Centro Educacional de Santa Luzia, EMEIEFs - Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental - Ana Brito de Figueirêdo e Jovino Machado da Nóbrega, Creche Rui de Figueiredo Moraes, Escola REIEF – Recanto de Educação Infantil e Ensino Fundamental – Carrossel etc.), entre outras;

Atendimento a estudantes escolares e universitários e atendimento diário de visitas espontâneas;

Participação em Eventos: 10ª e 13ª Primavera de Museus (IBRAM), com o “Projeto Museu Itinerante: Valorização, democratização e divulgação do acervo do Museu” (22/08-24/11/2016) e com Palestras e apresentações de números artísticos e Mostra de Documentários (18-22/05/2015, Yayu Clube).

Ações de Preservação:

Catologação das coleções.

Referências Bibliográficas:

ESCOLA PADRE JERÔNIMO LAUWEN. **Alunos visitam exposição do Museu de Santa Luzia**. Publicado em mai. 2012. Disponível em: <http://escolapadrejeronimo.blogspot.com.br/2012/05/alunos-visitam-exposicao-do-museu-de.html>. Acesso: 4 abr. 2016.

FUNDACIÓN ILAM. **Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo**. Disponível em: <http://www.ilam.org/index.php/es/museo?id=4144>. Acesso: 23 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Luzia**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=251340>. Acesso: 23 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, p.126.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.36. Disponível em: <http://guiadaprogramacao.museus.gov.br/arquivos/guia-da-programacao.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.110. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MARINHO, Armando. Jeová Batista e o Museu de Santa Luzia. **Jornal A União**, 27 mai. 1984. Disponível em: <http://www.santaluzia.pb.gov.br/cidade/museu>. Acesso em: 4 abr. 2016.

MEDEIROS, Otoniel. Museu Jeová Batista será reaberto ao público no próximo dia 10 de dezembro. **Política do Vale**, 25 nov. 2016. Disponível em: <http://politicadovaledosabugi.blogspot.com.br/2016/11/museu-jeova-batista-sera-reaberto-ao.html>. Acesso: 23 fev. 2017.

MUSEU COMUNITÁRIO JEOVÁ BATISTA DE AZEVEDO. **Facebook**: fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-Comunit%C3%A1rio-Jeov%C3%A1-Batista-de-Azevedo-561301954053713/>. Acesso: 23 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7564/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

PREFEITURA DE SANTA LUZIA. **História**. Publicado em 30 jan. 2017. Disponível em: <http://www.santaluzia.pb.gov.br/2017/01/20/historia/>. Acesso: 23 fev. 2017.

_____. **Facebook**: Fanpage, 15 abr. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituradesantaluziapb/>. Acesso: 11 mai. 2017.

PREFEITURA de Santa Luzia entrega reforma de prédio histórico na próxima semana. **Política do Vale**, 19 nov. 2016. Disponível em: <http://politicadovaledosabugi.blogspot.com.br/2016/11/prefeitura-de-santa-luzia-entrega.html>. Acesso: 23 fev. 2017.

SANTA LUZIA – PARÁIBA. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ct5ok7Gkous>. Acesso: 23 fev. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu Comunitário Jeová Batista de Azevedo. Disponível em: <http://politicadovaledosabugi.blogspot.com.br/2016/11/museu-jeova-batista-sera-reaberto-ao.html>. Acesso em: 24 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
4

Denominação: Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller

Data de Criação: 1979

Endereço: Rua São José, s/n, CEP 89896-000, Centro, Itapiranga/SC.

Tel.: (49) 3677-0423 / (49) 3678-7700

Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Itapiranga - Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: O Museu é mantido pela Prefeitura Municipal de Itapiranga

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina (SISEM-SC)

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 7:30 às 11:30 e das 13 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: A primeira sede do museu foi em uma sala da antiga casa Canônica na Rua da Matriz. Mais tarde, foi transferido para uma sala do Colégio Integrado - FUNEI (Jardim Bela Vista) e em 1991 passou a ocupar um edifício junto à Rodovia SC 472. A partir de dezembro de 2012, o museu volta a ocupar a casa Canônica, dessa vez integralmente. O museu possui um arquivo e uma sala para pesquisas tecnológicas em suas dependências.

E-mail institucional: museuitapiranga@hotmail.com, itapiranga@itapiranga.sc.gov.br, marina.bianchi@hotmail.com

Website ou blog: <http://www.itapiranga.sc.gov.br> e

<http://museualmirotheobaldomuller.blogspot.com.br/>

Rede social: <http://facebook.com/museu.itapiranga>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

Itapiranga é um município localizado no extremo oeste do estado de Santa Catarina. Possivelmente foi habitada por povos nativos nômades, que estabeleceram “pouco contato com os colonizadores” (IBGE, 2017a), chegados à região em 1926. Tratava-se de dirigentes da Sociedade União Popular (VOLKSVEREIN), com sede em Porto Alegre (RS), que decidiram fundar um núcleo a ser colonizado exclusivamente por católicos de origem germânica. Estabeleceram na região a Colônia de Porto Novo, entre os rios Macuco e Peperi-Guaçu, às margens do rio Uruguai, onde formaram núcleos rurais dedicados à agropecuária, agricultura de subsistência, e à exportação (para o Uruguai) das madeiras provenientes da mata nativa. O desenvolvimento dos núcleos rural e urbano contribuíram para que em 1932 a região fosse reconhecida como distrito do município de Chapecó, sendo elevada a município em 1960. Atualmente a base da economia é a agropecuária (cultivo de milho, fumo, feijão e a criação de aves, suínos e gado de leite), a produção das várias pequenas, médias e grandes indústrias no município e o turismo (MUNICÍPIO [...], 2014a).

A descoberta de artefatos arqueológicos na região ocorreu devido a escavações realizadas em 1967, coordenadas pelo Padre Rohr, que revelaram diversos sambaquis e mais de 53 sítios arqueológicos aos longo dos mananciais do Rio Uruguai, comprovando a presença indígena há mais de 8.000 anos. “A população se deparava com esse patrimônio arqueológico”, que acabava sendo destruído “por não existir um local ideal para serem guardados” (MUNICÍPIO [...], 2016), ou perdido, encontrando-se atualmente em museus europeus e norte-americanos e em outras cidades brasileiras.

O Museu Comunitário de Itapiranga foi criado em 1979 com o objetivo de abrigar uma coleção de artefatos arqueológicos encontrados em escavações realizadas próximas aos riachos da Linha Glória por Almiro Theobaldo Müller, que desde o início de 1970 buscava sensibilizar o poder público para a criação de um local para abrigá-los. Criou-se também um Conselho Comunitário, que ficou responsável pela sensibilização da população para a valorização desses artefatos e sua doação ao museu. Apesar de estar vinculado à administração municipal, em alguns períodos o museu ficou inativo por falta de pessoal e o Conselho Comunitário acabou sendo desativado. O vínculo com a gestão municipal é compreendida como um dos principais empecilhos para a realização de um trabalho contínuo e comprometido com a comunidade, já que a cada mudança da administração municipal é estabelecida uma nova gestão para o museu.

Em 2007 o Museu passou a ser denominado como Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller, em reconhecimento ao trabalho realizado pelo seu idealizador e defensor. Entre seus objetivos estão:

- A conservação e divulgação dos artefatos arqueológicos encontrados na região de Itapiranga, assim como os demais acervos representativos da cultura da população local;

- A valorização e a preservação dos costumes e tradições da população local;
- A viabilização de um espaço público de conhecimentos e estudos.

No Cadastro Nacional de Museus (IBRAM) constam dois cadastros, um com a denominação Museu Comunitário de Itapiranga, criado em 1979, e o outro com a denominação Museu Almiro Theobaldo Muller, com data de abertura de 1991.

Referências Patrimoniais:

O acervo do museu é composto principalmente por artefatos arqueológicos e um vasto acervo sobre a colonização alemã. As cerca de 721 peças estão classificadas como: Patrimônio Arqueológico (urnas funerárias, fragmentos humanos, objetos de cerâmica, adornos, pedra lascada e polida); Ferramentas Agrícolas (prensa de cana, foice, carroça, machado etc.); Objetos dos Colonizados; Coleção de Vestidos de Noivas; Numismática; Acervo Fotográfico.

O museu também valoriza festividades tradicionais do município, como a *Oktoberfest* de Itapiranga, representada em diversos objetos de seu acervo.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição especial resgatando a importância histórica da antiga casa canônica e seus principais habitantes para a história do município (2012); Exposição de dinheiro e moedas (20/02-30/04/2013); Exposição de Instrumentos Musicais Antigos (05/2013 e 05/2015); Exposição "Olhares da Inclusão" - trabalhos manuais realizado pelos alunos da Escola Especial Irene Schroeder (05/2013); Exposição de trabalhos produzidos pelos alunos da APAE (10-29/06/2013); Exposição de ícones religiosos - homenagem aos Padres Pioneiros do município de Itapiranga (10/2013 e 12-19/05/2014); Exposição sobre o Rádio (12/03/2014); Máquinas de escrever e sua evolução (05/2014); Exposição de cenário fotográfico história da Oktoberfest na 36ª Oktoberfest (10/2014); Exposição: "Natal Juntos" (12/2014); Reprodução de cenário: quarto e cozinha típico do período de colonização, entre outras;

Visitas guiadas a estudantes escolares e universitários e atendimento diário de visitas espontâneas;

Participação em eventos: Desfile Cívico de 7 de Setembro – Tema: De volta ao passado até que a moda os repare (07/09/2013); 6ª Feira do Livro da Faculdade de Itapiranga – FAI (10-13/09/2013); 35ª Oktoberfest de Itapiranga (08/2013); 36ª Oktoberfest de Itapiranga (08/2014); Curso de Capacitação Museológica – promovido pela Fundação Catarinense de Cultura (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM, Chapecó/SC, 12/2014); 11ª, 12ª e 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposições; 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com o I Chá Cultural de Vestidos de Noivas: mostra com o tema "De volta ao passado até que a moda os repare" (09/2013, Salão Encanto Festas, Edifício Kliemann).

Através de sua página no facebook o museu apresenta várias curiosidades relacionadas ao acervo do museu e à cultura local.

Ações de Preservação:

- Programas de catalogação, preservação e restauro do acervo;
- Ações de coleta de acervo junto à comunidade (2014).

Referências Bibliográficas:

DIRETORA do Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller de Itapiranga participa de capacitação museológica em Chapecó. **Força D'Oeste**, 2 dez. 2014. Disponível em: <http://www.portalfp.com.br/noticias/2388/diretora-do-museu-comunitario-almiro-theobaldo-muller-de-itapiranga-participa-de-capacitacao-museolo>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MUNICÍPIO DE ITAPIRANGA. **Histórico**. 22 abr. 2014 às 08:36. Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/29748#.WLBvH9IrdU>. Acesso em: 09 jun. 2016.

_____. **Museu Almiro Theobaldo Muller**. Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/turismo/item/detalhe/2275>. Acesso em: 09 jun. 2016.

_____. **Museu Comunitário**. 15 mai. 2014. Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/32191#.WLCWk9IrdU>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____. **Museu Comunitário suspende temporariamente atendimento ao público em preparação para mudança**. 16 mai. 2014. Disponível em: <http://itapiranga.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/9307/codNoticia/65250#.WLCMSdIrdU>. Acesso em: 24 fev. 2017.

MUSEU ALMIRO THEOBALDO MÜLLER. **Facebook**: fanpage. Disponível em: <http://facebook.com/museu.itapiranga>. Acesso em: 24 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Almiro Theobaldo Muller. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7809/#tab=tab-mais>. Acesso em: 24 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário de Itapiranga. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6910/>. Acesso em: 24 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Itapiranga**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420840>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____. **Itapiranga** - Histórico. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=420840&search=santa-catarina/itapiranga/infograficos:-historico>. Acesso em: 24 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.257. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.432. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.449. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.460. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem:	Sede do Museu.	Disponível em:
https://www.facebook.com/photo.php?fbid=281792695323123&set=pb.100004771837273.-2207520000.1487962294.&type=3&theater . Acesso em: 24 fev. 2017.		

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
5

Denominação: Ecomuseu Integrado de São Cristóvão

Data de Criação: 1982

Endereço: São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ.

Tel.:

Situação atual: extinto.

Entidade(s) Gestora(s): Grupo CEPI (posteriormente ONG Mouseion - Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem e do Meio Ambiente) e Museu do Primeiro Reinado

Parceiros(as)/apoio: Comitê Brasileiro do ICOM, entre outros.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu atuava como aglutinador das instituições locais, e suas atividades aconteciam em algumas delas: Parque Quinta da Boa Vista, Museu Nacional e Museu do Primeiro Reinado (e suas coleções), Observatório Nacional; Mercado do Nordeste etc.

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

São Cristóvão é um bairro de classe média localizado na zona central do município do Rio de Janeiro (RJ). Já abrigou aldeias indígenas (dizimadas durante o Período Colonial), vila de pescadores e comerciantes e no século XIX o local foi escolhido por Dom João VI como local de instalação do Palácio Real da Casa de Bragança (Paço de São Cristóvão, que abriga atualmente o Museu Nacional da UFRJ) e tornou-se bairro imperial. Neste século, o mar foi aterrado em vários metros, os manguezais e pântanos erradicados e a nobreza construiu inúmeros casarões e instituições na região. No século XX, a industrialização mudou o perfil do bairro, atraindo imigrantes. Os casarões antigos abandonados pela antiga nobreza começaram a se deteriorar ou foram transformados em lojas comerciais e pensões, que passaram a receber migrantes de outras regiões do país, atraídos pelas fábricas da região. Paralelamente ocorreu um processo de ocupação desordenada e favelização das áreas do entorno das fábricas.

Em 1982, a equipe do Grupo Cepi passou a desenvolver, junto ao Museu do Primeiro Reinado e com o apoio do Comitê Brasileiro do ICOM, o “Projeto São Cristóvão Cultural, um ecomuseu de bairro”. Foram realizadas diversas atividades de exploração e análise do bairro para o desenvolvimento de um ecomuseu integrado que associasse instituições já existentes. O projeto reuniu museus públicos e privados, o Observatório Astronômico, o Instituto de Investigação Científica, o Jardim Zoológico, o mercado, grandes feiras, escolas de samba, igrejas, associações de moradores, indústrias, comércios e outros estabelecimentos educativos e culturais. O grupo de pesquisa e animação do projeto foi composto por um representante de cada instituição e realizou um calendário de atividades culturais nos diversos espaços. A comunidade inteira foi convidada a participar e gradualmente transformaram-se em articuladores do projeto (MORO, 1984, p.94; MORO, 1985, p.237-241; MORO; NOVAES *in* BRUNO, 2010, p.63). Instituições, moradores, trabalhadores e visitantes do bairro (compradores regulares do Mercado do Nordeste) trabalharam coletivamente em uma atitude participativa e interdisciplinar na “coleta de tudo o que pertence à memória coletiva” (MORO, 1985, p.239).

O Ecomuseu Integrado de São Cristóvão foi concebido como um projeto de participação comunitária e um museu de bairro aberto e integrador. Por essa razão foi um projeto flexível e integrador. Teve como objetivos:

- Entrelaçar as atividades do distrito, encorajando transações e encontros;
- Induzir a comunidade a aumentar sua participação criativa e espontânea na vida cotidiana do museu, encorajando-a (grupos locais de músicos, de jovens etc.) a utilizar as instalações do Museu do Primeiro Reinado para suas próprias atividades criativas;
- Promover a interação entre a comunidade e o patrimônio;
- Preservar a história viva da comunidade e suas formas específicas de vida, atividades cotidianas, o patrimônio natural e cultural local;
- Infundir nova vida às tradições locais;
- Promover o intercâmbio com comerciantes do bairro, mecânicos de garagem locais, alunos e moradores das favelas;
- Forjar laços dentro de uma comunidade pertencente a uma área aberta sem “limites ou restrições”.

O Museu do Primeiro Reinado foi transformado em um “lugar de intensa atividade cultural” (MORO, 1985, p.240) e as atividades realizadas promoveram mudanças em suas exposições e nas próprias coleções existentes. Após o desenvolvimento do projeto, a comunidade passou a organizar atividades por iniciativa própria (MORO, 1985, p.241).

Atualmente, a “Sala Memória de São Cristóvão” desenvolve atividades que levam a comunidade para o museu, mas a “filosofia ecomuseológica” desenvolvida anteriormente perdeu-se (PAINEL 2 [...], 1992, p.192).

Referências Patrimoniais:

Museu do Primeiro Reinado, Museu Nacional da UFRJ, Parque Quinta da Boa Vista, Observatório Nacional, Mercado do Nordeste (objetos e gêneros alimentícios, cantores e contadores de histórias), favelas, igrejas, escolas de samba e outros estabelecimentos educativos e culturais, empresas de grande, médio e pequeno porte, indústrias, tradições, costumes, saberes e memórias dos moradores, trabalhadores e visitantes do bairro.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposições temporárias no Museu do Primeiro Reinado - “O Carnaval de Veneza” - seu contexto, origem e desenvolvimento, tomando as escolas de samba como um ponto de referência; “Gosto nos Dias do Império” – estudo do Museu do Primeiro Reinado (ex-Casa Senhorial da Marquesa de Santos) como a expressão das aculturações absorvidas através da miscigenação e da forma como os gostos foram formados na época do Império; “O Caminho das Índias” – ilustração do entrelaçamento das raças e culturas que compuseram a formação do Brasil, onde um Mercado de especiarias dialogava com o Mercado do Nordeste (1983). Obs.: a exposição foi um contraponto às exposições sobre as descobertas portuguesas, organizadas em Lisboa em 1983 (MORO, 1985, p.240-241);

Apresentações de grupos locais de música e grupos de jovens;

Intercâmbio com comerciantes do bairro, mecânicos de garagem locais, alunos e moradores das favelas;

Calendário de atividades culturais em diversas instituições do bairro;

Agendamento de visitas às instituições do bairro.

Ações de Preservação:

Grupos de pesquisa sobre a história do bairro.

Referências Bibliográficas:

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. ICOM e Brasil: um diálogo – lembranças (1946-1993). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: Documentos Seleccionados**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, vol. 1, p.31-81.

_____. São Cristóvão: a district ecomuseum. **Museum International**. Paris: UNESCO, v.37, ed.4, p.237-241, 1985.

PAINEL 2 - experiências brasileiras: Museus a Céu Aberto. In: I Encontro Internacional de Ecomuseus, 1992, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992, p.149-199.

O RIO DE JANEIRO. **São Cristóvão**. Disponível em: <http://www.oriodejaneiro.com/sao-cristovao/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

Referência da Imagem: Parque Quinta da Boa Vista (MORO, 1985, p.238).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017)

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
6

Denominação: NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz

Data de Criação: 1983

Endereço: Rua das Palmeiras Imperiais (antiga Rua do Matadouro), s/n, Santa Cruz, CEP 23550-134, Rio de Janeiro/RJ.

Tel.: (21) 3395-1489 / 99618-0672

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) – já passaram pela equipe dinamizadora do Ecomuseu comerciantes, artesãos, historiadores, professores/educadores, padres, artistas plásticos, militar, promotor, fotógrafo, advogado, poetas, escritores, engenheiros, pedagogas, arquitetos, estudantes universitários, vereadores, jornalista, moradores locais, entre outros. A equipe de gestão é escolhida por meio de votação, e atua durante o período de 3 anos. As reuniões do NOPH ocorrem toda terceira terça-feira do mês e são abertas à comunidade.

Parceiros(as)/apoio: diversas pessoas físicas, moradores e políticos (vereadores) locais, associações de moradores, da sociedade civil, de comerciantes e empresas, Organizações Não Governamentais (ONG's), instituições culturais do bairro, universidades públicas e privadas, batalhões militares da região, entidades religiosas (paróquias e centros espíritas), órgãos ligados à Prefeitura Municipal, fundações, hospitais, clubes, radio comunitária e outras instituições culturais e educativas (escolas locais, faculdades e universidades públicas e privadas). Organizações museológicas e museus: Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ICOM-BR – International Council of Museums (Comitê Brasileiro), MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, Fédération des Écomusées et des Musées de Société (FEMS), Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM-RS), Sistema de Museus do Estado do Rio de Janeiro, Ecomuseu de Sepetiba, Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, Ecomuseu da Amazônia, Ecomuseu de Mangaratiba, Ecomuseu de Maranguape, Museu do Folclore de São José dos Campos, Museu Treze de Maio, Museu Ambiental CAA - Atlântica- Santíssimo, Museu de Bangu, Museu do Pontal. Instituições de ensino: Universidade Cândido Mendes (UCAM Santa Cruz), Universidade CasTel.o Branco, Universidade Estácio de Sá-Santa Cruz, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRRJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Faculdade Machado de Assis (FAMA), Faculdades Simonsen, Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos (CUMSB), Centro Educacional Estações do Ano (CEEANO), Santa Mônica Centro Educacional, Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante (CETEP/ FAETEC Santa Cruz), CIEP Barão de Itararé, Fundação Educacional Campograndense (FEUC), SESI/ SENAI Santa Cruz, Escola Técnica de Santa Cruz (ETESC), Universidade CasTel.o Branco (UCB), Universidade Gama Filho (UGF), Universidade Estácio de Sá – Santa Cruz (UNESA), Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste (CIEZO), Coordenadoria Regional de Educação (10ª CRE), Secretaria de Estado de Cultura (SEC), Sindicato dos Profissionais da Educação (SEPE), escolas do bairro, Biblioteca Escolar Municipal Joaquim Nabuco, Universidade de Colúmbia, entre outros.

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 17 horas, sábado mediante agendamento

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O espaço de atuação do NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz corresponde ao território do atual bairro de Santa Cruz. O Ecomuseu está sediado no Centro Cultural Municipal de Santa Cruz - Centro Cultural Municipal Dr. Antônio Nicolau Jorge (Palacete Princesa Isabel), que também abriga em seu interior a Biblioteca Escolar Municipal Joaquim Nabuco, o Cine Clube Humberto Mauro, a Escola Livre de Música Maestro José Maurício Nunes Garcia e a Companhia Escola de Teatro André Villon (os três últimos em fase de implantação) (ECOMUSEU [...], 2017). Possui em sua estrutura teatro/auditório, arquivo, biblioteca, além de livraria e loja (Empório Quarteirão).

E-mail institucional: ecomuseusc@gmail.com, ecomuseusc@br.inter.net,
odalice@openlink.com.br
Website ou blog: <http://www.quarteirao.com.br>
Rede social: <https://www.facebook.com/Noph-Ecomuseu-De-Santa-Cruz-808422822527419/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Ecomuseu Comunitário

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Ecomuseu Comunitário

Histórico:

O bairro de Santa Cruz está localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), a 65 km do centro da cidade, sendo o terceiro maior bairro da Cidade em espaço territorial. Integra Baixada de Sepetiba e a XIX Região Administrativa, que possui uma população de cerca de 280.000 habitantes. Antes de ser ocupada pelos colonizadores portugueses, a região foi ocupada por populações indígenas que remontam ao século XVI. Neste século houve grande disputa pelo território (com os povos originários) e posteriormente o Capitão-Mór Cristóvão Monteiro construiu um engenho e uma capela. Após seu falecimento metade de suas terras foram doadas à Companhia de Jesus, e nos anos seguintes os jesuítas anexaram novas glebas à área inicial, denominando-a Santa Cruz. A sede da Fazenda de Santa Cruz foi construída possivelmente no início do século XVIII, e além da sede contava com uma Igreja (Capela de Santa Bárbara) e um Convento no bloco principal e outros pequenos prédios. Já foi considerada a maior do Brasil (com 36 celas). Possuía milhares de escravos, um grande rebanho bovino e uma agricultura avançada para a época. Com a expulsão dos jesuítas em meados do século a Fazenda passa a ser administrada pela Coroa Portuguesa, entrando em uma fase de declínio e abandono. Com a chegada ao Brasil da Família Real Portuguesa em 1808 D. João VI escolhe Santa Cruz como local de descanso. O antigo convento jesuítico passa por reformas e torna-se o Palácio Real de Santa Cruz (Fazenda Imperial de Santa Cruz).

O Matadouro de Santa Cruz foi construído nas décadas finais do século XIX devido à falta de espaço na região central da cidade (que crescia incessantemente) e obsolescência do primeiro matadouro. O Matadouro, que foi colocado em funcionamento em 1881 no Campo de São José, contribuiu para o desenvolvimento do comércio local, a melhoria da infraestrutura (Santa Cruz foi o primeiro bairro do subúrbio a possuir iluminação elétrica) e para o surgimento de novas residências, indústrias e casas de negócios. Foram construídas duas Vilas Operárias para receber os operários industriais oriundos de outras localidades. Após a decadência do Matadouro (em 1995 a comunidade decidiu que o espaço seria destinado a um uso cultural ou educacional, e em 1998 é criado o Centro de Educação Integral / CEI Santa Cruz – atual Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante - CETEP –, vinculado à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia) e com a criação do Distrito Industrial de Santa Cruz na década de 1960 a vocação agrícola do bairro (a região, dedicada à agricultura, foi conhecida como sertão carioca e integrou por muito tempo o “cinturão verde” da cidade do Rio de Janeiro) foi aos poucos sendo substituída. Após esse período proliferaram a construção de conjuntos habitacionais provisórios para as comunidades removidas das favelas do Rio de Janeiro. A explosão demográfica, que não foi acompanhada pela implementação de uma infra-estrutura para a recepção dos novos moradores, contribuiu por um lado para um crescimento desordenado, empobrecimento e descaracterização do bairro, e por outro levou mais diversidade à cultura local. Aumentaram também as demandas sociais por políticas públicas que levassem melhoria de qualidade de vida à população.

O Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) surgiu como uma reação de resistência a essas mudanças e ao descaso governamental. Integrou o movimento cultura de Santa Cruz e lutou pela criação de uma Casa de Cultura e pelo (re)conhecimento, preservação, valorização e divulgação do patrimônio e da história do bairro. Como o Palacete Princesa Isabel (nome atual do antigo Palacete do Matadouro – sua sede administrativa – que posteriormente abrigou uma escola municipal) encontrava-se abandonado e em deterioração no início da década de 1980, o movimento cultural liderado pelo NOPH lutou por seu restauro (uma lei municipal de 1983 destinou o espaço ao Centro Cultural de Santa Cruz).

Com a realização do I Encontro Internacional de Ecomuseus em Santa Cruz em 1992 (realizado na cidade do Rio de Janeiro no âmbito da Eco-92 - Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento), o NOPH associou suas ações de salvaguarda e gestão comunitária do patrimônio ao conceito de Ecomuseu, e foi identificado e reconhecido como tal. A partir de então foi formado um Grupo de Trabalho (GT) para a criação da legislação do ecomuseu, que adotou a designação Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro. Em 1995 o Ecomuseu é criado oficialmente por uma lei municipal, e passa a integrar a estrutura da Secretaria Municipal de Cultura (uma lei municipal de 1997 reconheceu todo o quarteirão como ecomuseu). O Ecomuseu passou a ocupar duas salas das Obras Sociais da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, e no ano 2000 foi transferido com todo o acervo arquivístico, bibliográfico e museológico para o Palacete Princesa Isabel. A designação Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro foi sendo substituída por Ecomuseu de Santa Cruz, e a designação anterior restringiu-se aos trâmites burocráticos.

O corpo administrativo do museu sempre contou com moradores locais, funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e professores aposentados, e sua direção foi exercida por um membro indicado pela comunidade. No entanto, a partir do ano 2000 começaram a surgir conflitos com a administração municipal, que interviu na organização interna do ecomuseu - sua vertente junto à Secretaria Municipal de Cultura. Desde então a equipe inicial passou a assinar como NOPH/Ecomuseu de Santa Cruz. Em 2011 foi implantada pela administração municipal uma nova gestão sem consulta à comunidade, e por conta disso não conseguiu se articular com os atores e parceiros do ecomuseu. Em 2012 o braço burocrático do Ecomuseu foi desarticulado e a equipe de funcionários foi levada para o bairro de Laranjeiras, onde responde por um setor divorciado de sua origem (NOPH). Atualmente, o NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz e o Ecomuseu de Santa Cruz tratam-se de dois ecomuseus distintos.

Alguns dos objetivos definidos pelo NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz:

- Compartilhar saberes, vivências, projetos, métodos, realizações, reflexões e utopias;
- Articular projetos junto à comunidade;
- Contribuir com as lutas sociais por educação de qualidade, saúde ambiental, transporte, emprego, cultura e lazer;
- Contribuir com o processo de patrimonialização do território de Santa Cruz;
- Contribuir para a compreensão do patrimônio como instrumento de expressão e um poderoso recurso para o desenvolvimento e a sustentabilidade da comunidade;
- Construir um projeto globalizado de cultura, esporte e lazer que englobe todo o bairro;
- Atuar como um museu participativo, educador-liberador, museu-processo (PRIOSTI, 2002).

Referências Patrimoniais:

Elementos arquitetônicos dos períodos colonial e imperial (sítio histórico), um rico patrimônio material (objetos históricos) e imaterial (vocações musical), histórias e moradores locais, patrimônios naturais (bacia hidrográfica), trabalhos de artistas locais, gráficos, monografias, dissertações e teses, doações espontâneas da comunidade (livros, objetos, mapas, maquetes, fotografias, desenhos, entre outros) etc.

Alguns lugares de Memória: Batalhão-Escola de Engenharia Villagran Cabrita (antiga Sede da Fazenda Santa Cruz), Casa do Sal, Casa Ciraucho, Vila Celina, Palacete Horácio Leme, Marco XI, Antigo Solar da Família Araújo (atualmente incorporado ao Shopping Santa Cruz), Colégio Ferreira Lins (antiga residência do senador Júlio César de Melo), Morro do Mirante (Atalaia dos Jesuítas), Vila Operária do Matadouro, Centro Cultural de Santa Cruz (antiga sede administrativa do Matadouro de Santa Cruz), Hangar do Zepellin (Base Aérea de Santa Cruz), Ponte dos Jesuítas, Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante – CETEP (antigo Matadouro de Santa Cruz), Largo do Bodegão, antiga Estação Ferroviária do Matadouro, Hangar do Zepellin, Fonte Wallace, Marcos Imperiais (marcos de pedra), entre outros.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Itinerantes. Exemplos: Exposição “Feito or Nós” - mostra de artesanato do Projeto Tramacultura (13-17/05/2013); Exposição “NOPH / Ecomuseu de Santa Cruz - 30 Anos- O patrimônio de todos para todos” (17/05-17/12/2013); Exposição “Em tempos de memória curta, curta memória!” - Projeto Salão da Memória (12-23/05/2014); Exposição Itinerante em tendal Santa Cruz Revisitada (12-23/05/2014, em praças, escolas, colégios, universidades, Shopping Santa Cruz, Bancos, Clínicas e Postos de Saúde do bairro); Exposição “Conexões - arte é vida” - feira cultural, com oficinas de música, dança, artes visuais, artesanato (13-27/05/2014); Exposição “Primavera em Tela” (23/09-23/11/2014); Exposição Centenário de André Villon (11/2014-01/2015); Exposição “Rastros de História e de Memória” (01/2015); Exposição “De casa de matança a lugar de esperança - O Matadouro transformando vidas” (19-29/05/2015); Exposição “Da Oca aos Casarões - Quanta Coisa Mudou Aqui!”, com obras selecionadas no atelier de pintura 2015, da Semana de Santa Cruz (16/09-16/12/2015); Exposição “Criações de Tonn Alves”, pinturas com destaque para a cultura indígena (15/09/2015-15/03/2016); Exposição “Cidade expandida” – complementa a Oficina Internacional Projeto Urbano para Santa Cruz (16/05-16/10/2016). Obs.: De acordo com Priosti (*in* BRUNO, 2010, p.110), o Ecomuseu de Santa Cruz “não é apenas um espaço para visita, mas para participação”. Os objetos expostos são uma “insistência da comunidade, mas sua ação vai além dos objetos e de seu espaço expositivo”.

Palestras, Seminários, Projetos em escolas, espetáculos teatrais, Oficinas: Oficina de Arte (2014-2015, “Ecomusearte - A gente também quer cultura e arte!”); Oficina Meio Ambiente e Território em Santa Cruz (26/11/2014), Oficina Meio Ambiente e Saúde das Mulheres da Zona Oeste (18/11/2014); Oficina Internacional Projeto Urbano para Santa Cruz – parceria com a Universidade de Colúmbia e a FAU-PROURB/UFRJ (02/2015); Oficinas da Escola Livre de Música Maestro José Maurício Nunes Garcia – teclado, violão, flauta transversa, percussão, violino; Oficina de Capoeira etc.;

Organização de Eventos: II e III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários – EIEMC (2000, 2004), I Jornada de Formação em Museologia Comunitária (2009); Festival de Teatro André Villon (11/2014); 2º Fórum de Mulheres Pretas de Atitude - Realização COMZO em parcerias com o NOPH/Ecomuseu de Santa Cruz e outras instituições (28/11/2014); Seminário “Baía de Sepetiba e Santa Cruz : em busca de um futuro legal” (05/12/2014), entre outros;

Participação em Eventos: I ao IV Encontros Internacionais de Ecomuseus e Museus Comunitários (1992, 2000, 2004, 2012); I, II e III Jornadas de Formação em Museologia Comunitária (2009, 2011, 2014); 11ª a 14ª Semana de Museus (IBRAM), com exposições, oficina de artesanato-modelagem, feira de artesanato, visita dramatizada ao Palacete Princesa Isabel, I Festicultura - Capoeira, Dança, Música - evento artístico do Projeto Tramacultura em Santa Cruz: feita por nós, patrocinado pela Casa Da Moeda do Brasil/ Atitude Cidadã 2012, implantação do Projeto “Salão da Memória- Quem te viu, quem te vê!” (13-31/05/2013); exposições, exposições itinerantes, Roda de Conversa com membros do NOPH, professores e representantes de instituições educacionais e culturais da região, Espetáculo Teatral “O Fantasma do Casarão” – Companhia Escola de Teatro Livre André Villon (Projeto Tramacultura em Santa Cruz), Quinzena Cultural “Ecomusearte - A gente também quer cultura e arte!”, Exposição “Conexões - arte é vida” - feira cultural, com oficinas de música, dança, artes visuais, artesanato, Sarau “Santa cruz da boa música – o patrimônio na pauta”, apresentações do Coral do NOPH/Ecomuseu de Santa Cruz e músicos da Escola Livre de Música, visita “Recriando conexões com o patrimônio perdido: Reconhecimento do antigo cais de Sepetiba” – em parceria com o Ecomuseu de Sepetiba (12-23/05/2014), exposições, exibição de filmes e documentários, visita a espaços históricos (ruínas) do Antigo Matadouro – com a participação de antigos funcionários, visitas guiadas, lançamento de livro, realização do Inventário Participativo de Santa Cruz, Colóquio “O Matadouro de Santa Cruz: apogeu, declínio e transformação”, Apresentação “O resgate do olhar: Memória e identidade”, Palestras “O Matadouro de Santa Cruz sob o olhar da Arqueologia Industrial e Arqueologia da paisagem” e “Comércio de carnes no Rio de Janeiro colonial- O ciclo de vida do Matadouro”, visita a espaços históricos no Antigo Matadouro, Apresentação “Do Bodegão ao São Fernando: história e ambiente no bairro de Santa Cruz” – por professores e alunos da Escola Técnica de Santa Cruz, Roda de conversas sobre o patrimônio (18-26/05/2015); Caldeirão Cultural com exposição, feira e venda de artesanato e produtos gastronômicos relacionados à presença imigrante no bairro, visitas agendadas às exposições, Oficina de Capacitação sobre sobre Museologia Social / Ecomuseologia / Museologia Comunitária: conceitos e práticas, Oficinas de bonecas abayomi, Seminário “Santa Cruz acolhedora - cultura com sotaque” - 28-29/05 (16-29/05/2016); 7ª, 8 e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com a “Semana de Santa Cruz” - tradicional conjunto de eventos realizados em setembro em diversas instituições do bairro para celebrar a atividade cultural do bairro: com missa, Atelier de pintura (gincana), lançamento de livro, sarau etc (14-28/09/2013); Primavera Árabe - música, dança e gastronomia, missa, exposição, Portão de Flores, XII Torneio de Xadrez, Sarau (13-28/09/2014); missa campal, lançamento de exposições, visitas guiadas, noite de autógrafos, II Festicultura “Viva Santa Cruz Na Piracema!”, feira de artesanato, mostra de dança e atividades esportivas, oficinas de artesanato, dança, exibição de filme etc., Sarau Literário com Baile da Primavera, XIII Torneio de Xadrez, Noite Árabe (14-26/09/2015, vários espaços do bairro).

Ações de Preservação:

Jornal Quarteirão (editado a partir de 1993);

Projetos: Inventário Participativo de Santa Cruz / patrimônios materiais ou imateriais, naturais ou culturais – Gravação de

depoimentos de antigos funcionários do Matadouro (26/05/2015); “Salão da Memória- Quem te viu, quem te vê!” – coleta participativa da memória de moradores antigos e atuais, em relatos e narrativas gravados e apresentados no Salão da Memória; “Tem Sarau no Centro Cultural” (bimestralmente); registro de depoimentos e entrevistas com moradores, organização de eventos culturais etc.

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU DE SANTA CRUZ. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br>. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.235. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.103-104. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.114. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.259-260. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.278-279. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.299-300. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.227. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

III JORNADA de Formação em Museologia Comunitária prossegue nesta terça-feira (5). **CECP** – Centro de Estudos de Cultura Popular, 5 ago. 2014. Disponível em: <http://cecpdesaojose.blogspot.com.br/2014/08/iii-jornada-de-formacao-em-museologia.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica - Ecomuseu de Santa Cruz. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8743/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

NOPH ECOMUSEU DE SANTA CRUZ. **Facebook:** fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Noph-Ecomuseu-De-Santa-Cruz-808422822527419/?fref=ts>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PRIOSTI, Odalice Miranda. Ecomuseu Urbano e Iniciativas Comunitárias: Autonomia, Liberdade e Cidadania na Relação com o Patrimônio. In: II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável - Museologia e Desenvolvimento Sustentável, 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001, p.77-84. Disponível em: <http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>. Acesso em: 17 out. 2013.

_____. **Por uma gestão patrimonial comunitária. Por que não?. 2002.** Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=19>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Palacete Princesa Isabel. Disponível em: <http://www.riocomela.com.br/index.php/2012/11/13/santa-cruz-e-seus-445-anos-de-muita-historia/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
7

Denominação: Museu Memória do Jaçanã

Data de Criação: 30/12/1983

Endereço: Rua Benjamin Pereira, 1021, Jaçanã, São Paulo/SP.

Tel.: (11) 2241-4286

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Museu Memória do Jaçanã

Parceiros(as)/apoio: Companhia Metropolitana de São Paulo, ETEC (Escola Técnica Estadual), moradores voluntários, entre outros.

Recursos: Doações de moradores do bairro

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: mmjmuseu@gmail.com

Website ou Blog: <http://www.museujacana.com.br>

Rede Social: <https://www.facebook.com/museujacana/>

Logotipo

Categorias Propostas: [Museu Comunitário]

Histórico:

Jaçanã é um bairro localizado na zona norte da cidade de São Paulo (SP) que, segundo o Censo de 2000 (IBGE), possuía uma população de aproximadamente 91.649 habitantes. No século XIX a região era conhecida Guapira, nome dado pelos indígenas para a região da Cantareira. Somente na década de 1930 o bairro passa a se chamar Jaçanã (espécie de ave ribeirinha também conhecida por parrídea). Nesta mesma década grandes glebas de terra foram loteadas pelos irmãos Mazzei, tornando a área um típico bairro paulistano de classe média. O bairro Jaçanã tornou-se conhecido e foi imortalizado pela música “Trem das Onze”, de Adoniran Barbosa, na qual o compositor faz referência ao Trem da Cantareira (ligava o centro da cidade ao reservatório de água Cantareira), principal meio de transporte do bairro, que esteve em atividade entre 1893 e 1965.

Na década de 1980, o colecionador Sr. Sylvio Bittencourt, morador do bairro há mais de quarenta anos (havia crescido no bairro do Bixiga) decide fundar um museu, espaço físico destinado a guardar/contar os patrimônios e as histórias do bairro e de seus moradores. Em 1983 o museu é registrado em cartório e tem como sede provisória a garagem da casa do Sr. Sylvio. Entre 1985 e 1990 funciona em uma sede alugada na Avenida Abílio Pedro Ramos, mas retorna à casa de seu idealizador. Após verificar uma propriedade abandonada pertencente à Fazenda do Estado de São Paulo, o Sr. Sylvio mobiliza os moradores para reivindicá-lo para ser instalada a sede do museu, o que foi autorizado pela Procuradoria Geral do Estado de São Paulo. Um galpão foi doado pela Companhia Metropolitana de São Paulo –Metrô para a instalação da nova e definitiva sede do museu (em 1993), situada próxima à Praça Comendador Alberto de Souza, onde estava localizada a antiga estação de trem da Cantareira.

O acervo inicial foi ampliado, recebendo por coleções doadas por outros moradores, instituições, indústrias e comércios do bairro. Em 2014 a sede do museu passou por reformas, para as quais contou com os recursos arrecadados com a venda do livro “Moro em Jaçanã: 143 anos de história”, de autoria do Sr. Sylvio Bittencourt, além de doações de moradores do bairro e parceiros do museu. Após as reformas sua frente foi mudada da Rua São Luiz Gonzaga (nº 156) para movimentada Rua Benjamin Pereira, o que aumentou a visibilidade do museu. Posteriormente, a luta do Sr. Sylvio foi buscar apoio de pessoas e empresas para a realização de projetos de ampliação do espaço físico do museu e de seu acervo.

O Museu do Jaçanã tem como objetivo principal preservar, defender e comunicar o patrimônio cultural do bairro do Jaçanã.

Após falecimento do Sr. Sylvio Bittencourt (aos 86 anos), em março de 2017, o Museu vem sendo mantido por moradores voluntários membros da Associação Museu Memória do Jaçanã.

Referências Patrimoniais:

Acervo composto por objetos, jornais e depoimentos de famílias tradicionais do bairro (Mesquisa, Mazzei, Barbosa, Lito, Laet, entre outras) doados por moradores do bairro, pelo Departamento de Geriatria D. Pedro II (Asilo) da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, pelo Hospital de Lázaro (hoje São Luiz Gonzaga), pela Indústria Metalúrgica Aliança, pelos estúdios da Companhia Cinematográfica MarisTel.a, pelo ex-arcebispo D. Paulo Evaristo Arns e pelas

Igrejas Católicas de Santa Teresinha e de São Benedito etc.	
Patrimônio Imaterial (canção "O trem das Onze" de Adoniran Barbosa – primeiro patrimônio histórico do bairro), Bloco Trem das Onze, rodas de samba, o extinto estúdio de cinema Companhia Cinematográfica Maristela (imortalizado nos instrumentos de trabalho e nas fotografias), memórias dos moradores etc.	
Atividades Desenvolvidas:	
Exposições. Exemplos: Exposição do acervo – objetos e fotos – do bairro do Jaçanã e do Trem da Cantareira, mais conhecido como "Trem das Onze", imortalizado na música de Adoniran Barbosa; Exposição Temporária "Jaçanã: Memória e Poesia" – mostra fotográfica - em parceria com o Coletivo SP/PB (28/02-28/03/2015); Exposição Temporária de pinturas "Elas Brasil África", do artista nigeriano Chikezie Paul (07/2015), entre outras.	
Rodas de samba etc.	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas:	
ALENCAR, Vagner de. Coletivo SP/PB lança exposição com fotografias do bairro do Jaçanã. Catraca Livre , 24 fev. 2015. Disponível em: https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/coletivo-sppb-lanca-exposicao-com-fotografias-do-bairro-do-jacana/ . Acesso em: 28 abr. 2017.	
EXPOSIÇÃO: 'ELAS - África Brasil' no Museu do Jaçanã. Catraca Livre , 3 julh. 2015. Disponível em: https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/exposicao-elas-africa-brasil-no-museu-do-jacana/ . Acesso em: 28 abr. 2017.	
MELO, Aline Kátia. Museu do Jaçanã pede doações para concluir reforma de prédio. Blog Mural - FSP , 03 fev. 2014. Disponível em: http://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/02/03/museu-do-jacana-pede-doacoes-para-concluir-reforma-de-predio/ . Acesso em: 28 abr. 2017.	
_____. O que aprendi com o aposentado criador do museu do Jaçanã. Agência Mural , mar. 2017. Disponível em: https://noticias.agenciamural.com.br/o-que-aprendi-com-o-aposentado-criador-do-museu-do-ja%C3%A7an%C3%A3-ff67f33e37e2 . Acesso em: 28 abr. 2017.	
MUSEUM TROVE.	Associação Museu Memória do Jaçanã. Disponível em: http://www.museumtrove.com/museum/725433577470950/Associa%C3%A7%C3%A3o+Museu+Mem%C3%B3ria+Do+Ja%C3%A7an%C3%A3 . Acesso em: 28 abr. 2017.
PREFEITURA REGIONAL JAÇANÃ	TREMEMBÉ. Histórico. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/jacana_tremembe/historico/index.php?p=315 . Acesso em: 28 abr. 2017.
Referência da Imagem: Fachada do Museu. Crédito: Marcelo Rodrigues. Disponível em: https://www.panoramio.com/user/5666726?photo_page=13 . Acesso em: 28 abr. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
8

Denominação: Museu Comunitário de Ipumirim

Data de Criação: 1984-1989

Endereço: Avenida Dom Pedro II, 230 B, Centro, CEP 89790-000, Ipumirim/SC.

Tel.: (49) 3438-1111

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Fundação Cultura Félix Bonissoni de Ipumirim (desde 2007), vinculada à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes (Prefeitura Municipal de Ipumirim).

Parceiros(as)/apoio: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina / Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Ceom/Unochapecó), entre outros.

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 13:30 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: fcbf.memoria@multynet.sc.gov.br

Webside ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

Ipumirim é um município localizado no meio-oeste do Estado de Santa Catarina. Artefatos encontrados em sítios arqueológicos comprovam sua ocupação desde a proto-história por populações indígenas. Até a década de 1920 a região foi ocupada por famílias caboclas. Em 1925 a Empresa Colonizadora Eberle-Mosele Ahrons & Cia., adquiriu da Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande – Brasil Development e Colonization Company cerca de 5.500 colônias de 10 alqueires. Para a colonização da área levou colonos de outras partes do estado e do Rio Grande do Sul (famílias descendentes de imigrantes italianos). A colonização oficial teve início em 1928. Somente em 1946 a região recebeu a denominação Ipumirim (anteriormente denominava-se Harmonia), que teve sua emancipação do distrito de Concórdia consolidada em 1963.

Não obtivemos informações sobre a origem do Museu Comunitário.

Referências Patrimoniais:

Objetos históricos, fotografias...

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição Itinerante “Amor à moda antiga” – exposição fotográfica elaborada em parceria com o Ceom/Unochapecó, o Museu Histórico de Pinhalzinho, a Fundação Cultural de Concórdia (2010, circulou por mais de 20 municípios); Exposição “Amor antigo – mais de cinquenta anos” (23/07-09/2010, Hall da Fundação Cultural Felix Bonissoni/Museu Municipal de Ipumirim); Exposição “Amor Antigo - Casamentos de 1900 a 1970” - Projeto Museu Andante (01/04-30/05/2011, Fundação Cultural Felix Bonissoni); Exposição Temporária de artesanato em madeira confeccionadas pelo artista Germano Lucio Luiz (07/04-16/05/2014, Fundação Cultural Felix Bonissoni), entre outras.

Participação em Eventos: 9ª e 12ª Semana de Museus (IBRAM), com a exposição “Amor Antigo - Casamentos de 1900 a 1970” - Projeto Museu Andante, na Fundação Cultural Felix Bonissoni, e Conversas “Eu, Minha Família, Nosso Museu”, realizadas em escolas estaduais e municipais de Ipumirim, com a presença dos(as) 81 entrevistados(as) participantes das exposições “Amor a Moda Antiga” e “Amor Antigo”, estudantes e professores (01/04-30/05/2011); exposição de artesanato em madeira – artista Germano Lucio Luiz, exibição de filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis no Auditório da Fundação Cultural, visitas orientadas (07/04-16/05/2014).

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Ceom/Unochapecó beneficia mais de 45 mil pessoas em 2012.** FCC, 06 mar. 2013. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/?mod=pagina&id=14454>. Acesso em: 06 mai. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 370. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso

em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.448. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUNICÍPIO DE IPUMIRIM. **Histórico do Município de Ipumirim. 01 ago. 2014.** Disponível em: <http://www.ipumirim.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/7589#WSc8JpLysdU>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário de Ipumirim. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6603/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IPUMIRIM. **Lei Complementar n° 025/2007**, de 11 de abril de 2007. Cria a fundação cultural e dá outras providências. Ipumirim, SC. Disponível em: https://www.google.com/url?q=http://ipumirim.sc.gov.br/uploads/326/arquivos/227910_0.364939001371131415_25.doc&sa=U&ved=0ahUKEwjbkrqL44vUAhUK1CYKHxENDRkQFggHMAE&client=internal-uds-cse&usq=AFQjCNFIROXodMS_HshxxEWpVTHlsluoPg. Acesso em: 06 mai. 2015.

UNOCHAPECÓ. **Em Ipumirim:** Exposição Amor Antigo - Mais de Cinquenta Anos. 13 ago. 2010. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/ceom/noticias/em-ipumirim-exposicao-amor-antigo-mais-de-cinquenta-anos>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: IPUMIRIM participa da Semana Nacional de Museus confira a programação. **Rádio Sintonia FM**, 2 mai. 2014. Disponível em: http://www.radiosintonia.fm.br/arquivos_internos/index.php?abrir=informativos&acao=conteudo&id=54. Acesso em: 28 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 9	Denominação: Ecomuseu de Itaipu
	Data de Criação: 1987 Endereço: Avenida Tancredo Neves, 6.001, Usina Hidrelétrica de Itaipu, CEP 85867-000, Foz do Iguaçu/PR. Tel.: (45) 3530-5816 / (45) 3520-5833 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Itaipu Binacional

Parceiros(as)/apoio: Ministério da Cultura e Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), Coordenadoria Estadual de Museus, Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Huguês de Varine, gestões municipais e Conselhos Municipais de Cultura dos 29 municípios que compõe a Bacia Hidrográfica do Paraná 3 (BP3), entre outros.

Recursos:

Cadastro: (☒) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$ 12,00

Obs.:

Funcionamento: 3ª a domingo, das 8 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? (☐) sim (☒) não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu atua nos 29 municípios que compõe a Bacia Hidrográfica do Paraná 3 e possui sua sede na Itaipu Binacional. Possui arquivo e biblioteca.

E-mail institucional: ecomuseu@itaipu.gov.br / info@turismoitaipu.com.br

Website ou blog: <https://www.turismoitaipu.com.br/pt/atracoes/ecomuseu>,
<http://www.itaipu.gov.br>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

A região onde foi instalada a Usina Hidrelétrica de Itaipu (Unidade Hidrográfica do Paraná 3) “teve como primeiros habitantes os índios Guarani daí a origem do nome Paraná – ‘semelhante ao mar’”. Entre 1864 e 1970 a região foi palco da Guerra do Paraguai e a partir da década de 1950, intensificaram-se o plantio do café, algodão e cana de açúcar.

A Hidrelétrica de Itaipu (do tupi “a pedra que canta”) - Itaipu Binacional, empreendimento binacional entre Brasil e Paraguai, começou a ser construída em 1974 entre os rios Iguaçu e Paraná, e contribuiu para a melhoria das estradas e equipamentos urbanos da região, além de incentivar novas atividades econômica. Por conta disso atraiu grande contingente populacional para a região. No entanto, a construção de seu reservatório de água (Lago de Itaipu) trouxe impactos ambientais a diversos territórios (16 municípios). A partir desta década “a legislação de preservação ambiental e patrimonial nacionais se transformam, ampliando as responsabilidades e as exigências de contrapartidas socioambientais frente aos danos e/ou transformações provocadas pela sua implantação” (VIAL, 2015, p.126).

A criação do Ecomuseu de Itaipu (primeiro brasileiro a utilizar a denominação “ecomuseu”), em 1987, é fruto de ações compensatórias dos danos socioambientais causados pela implantação da hidrelétrica, programa previsto na política ambiental presente desde a sua construção, que contou com pesquisas, inventários ambientais e processos de reflorestamento. A necessidade da criação de um museu para a salvaguarda e exposição do acervo resultante desses estudos (temas relacionados à arqueologia, flora, fauna, hidrologia, história regional, entre outros) mostrou-se logo presente. Nele também é avaliado o processo de implantação da hidrelétrica e suas formas de sustentabilidade. O projeto é de autoria da museóloga Fernanda de Camargo Almeida Moro, responsável pela elaboração do Plano Diretor do Ecomuseu e concepção da Exposição de Longa Duração. Moro associou os anseios das propostas da empresa com os conceitos defendidos pela “museologia social/nova museologia” (RIBEIRO; MOREIRA, 2014, p.291).

A partir de 2003 a Itaipu passa por um momento de “revisão conceitual da gestão socioambiental” (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.295) e ampliação de sua missão, o que leva a uma revisão conceitual da própria atuação do Ecomuseu, que assume uma nova posição na empresa. Foi então criado o Programa Cultivando Água Boa, “que integrou e complementou os projetos e ações socioambientais já desenvolvidos pela empresa” (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.293), ampliou o território de abrangência do ecomuseu dos 16 municípios iniciais para os 29 municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Paraná 3 (Cascavel, Céu Azul, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaira, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Pato Bragado, Quatro Pontes, Ramilândia, Santa Helena, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha de Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Tupãssi, Vera Cruz do Oeste, ?) e reorganizou a ação ambiental “por meio de um conjunto de programas/projetos que atuam transversalmente, a saber: Educação Ambiental, Gestão por bacias, Saneamento, Energias renováveis, Desenvolvimento rural sustentável, Plantas medicinais, Aquicultura e pesca, Jovem jardineiro, Coleta solidária,

Comunidades Indígenas, Infraestrutura social, Monitoramento e avaliação ambiental, Programa Valorização do Patrimônio Institucional e Regional, dentre outros" (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.294-295).

Em um segundo momento foi proposta a criação do "Programa Valorização do Patrimônio Institucional e Regional, coordenado e desenvolvido pelo Ecomuseu de Itaipu em parceria com os municípios, comunidades, sociedade civil organizada e instituições governamentais e não governamentais da região" (*idem*, p.295), com o objetivo de fortalecer a atuação do ecomuseu e fortalecer o sua relação com os municípios e atores regionais, estimulando sua participação "nos diálogos referentes às demandas e especificidades patrimoniais e culturais da região" (*idem*, p.296). As práticas do Ecomuseu passaram a focar nas questões patrimoniais (natural e cultural) e também na gestão do patrimônio (material e imaterial, regional e institucional), a equipe responsável pela educação ambiental foi substituída por uma equipe terceirizada com formação específica, que assumiu a responsabilidade das ações educativas. A articulação do Ecomuseu com os municípios da BP3 teve como fruto a criação em 2008 da Rede Regional de Museus, Memória e Patrimônio Natural e Cultural, que realiza encontros regulares, reuniões extraordinárias ou temáticas, discute e constrói projetos em Grupos de Trabalho com representações dos municípios, desenvolve atividades coletivas, realizam avaliações anuais etc. (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.297). Uma demanda compartilhada pela Rede Regional foi a construção de um Centro de Memória Regional, com o intuito de contribuir para o "fortalecimento de um sentimento de pertencimento e identificação cultural no território" (*idem*, p.301).

Dentro os objetivos do Ecomuseu de Itaipu destacam-se:

- Registro, a conservação e a apresentação da história da usina hidrelétrica e da região de seu reservatório, baseado em um trabalho que vincule (integre) o território e elementos representativos da natureza, o desenvolvimento cultural da região (patrimônio) e a população local (comunidade);
- Desenvolvimento de ações de Educação Patrimonial junto à população;
- Contribuir para o desenvolvimento cultural da região e para a consolidação de políticas públicas com este fim;
- A intensificação do diálogo e do desenvolvimento comunitário dos municípios da região;
- Apoio às ações de preservação e fortalecimento dos museus e centros de memória da BP3;
- Contribuir para a ampliação da participação da sociedade civil na Rede Regional.

Atualmente a Hidrelétrica de Itaipu é um de seus principais atrativos turísticos de Foz do Iguaçu, considerada a 7ª maravilha do mundo moderno. Integra um dos circuitos turísticos que compõem o Complexo Turístico Itaipu, desenvolvido pela Itaipu Binacional, que inclui atrativos culturais e ambientais.

O Ecomuseu compõe a Rede Regional de Museus "Memória e Patrimônio Natural e Cultural da Bacia Paraná 3".

Referências Patrimoniais:

Possui em seu acervo coleções arqueológicas, históricas, botânicas, zoológicas, arqueológicas e geológicas (fruto dos estudos, pesquisas e inventários realizados), compostas por instrumentos de trabalho (área externa), fotografias, depoimentos em vídeo dos trabalhadores da construção da usina, maquetes etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exposição de Longa Duração (Módulos Expositivos e Espaços Temáticos): O Território Regional (história da região e fatos históricos que antecederam a construção da Usina); O Empreendimento (destaca a história da construção da Itaipu e homenageia os trabalhadores envolvidos); A Gestão Ambiental – Uso Qualificado do Patrimônio (ações socioambientais desenvolvidas pela Itaipu Binacional, instituições e comunidades parceiras). As reservas técnicas são abertas à visitação, onde podem ser visualizadas as coleções de memória institucional, fauna e flora regional, etnografia, geologia e arqueologia;

No Espaço das Artes são realizadas exposições temporárias, que "oportuniza o acesso popular às diversas manifestações culturais, socializa a produção artístico-cultural e promove a reciclagem de artistas regionais, com a realização de oficinas e palestras de artistas e curadores" (SOUZA, [entre 2003 e 2008]). O Ecomuseu de Itaipu também realiza exposições itinerantes. Algumas exposições temporárias: Exposição "Ecomuseu de Itaipu: 27 anos promovendo cultura e sustentabilidade" (05/2015); Exposição "Paisagens: conexões com minha história" – mural com fotos tiradas por crianças em suas comunidades no entorno do Ecomuseu (05/2016); Exposição "Poeta Alice: Alice Ruiz" (03/2017); Exposição "Meu coração de Polaco Voltou: Paulo Leminski" (08/03/2017); Exposição Itinerante "Nas Correntezas da Memória" - apresenta pesquisas, estudos e documentações sobre a história e as especificidades regionais e também a integração cultural do território, entre outras.

Obs.: Entre 2010 e 2011 os conteúdos e circuito museográfico de Exposição de Longa Duração foram revisados e atualizados, "ampliando as possibilidades de construção identitária e comunitária" (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.299).

Palestras, eventos culturais, jogos, cursos, oficinas, entre outros.

Processo de formação continuada em gestão de cultura e patrimônio (iniciado em 2013): Oficina de Gestão de Riscos ao Patrimônio, Oficina de Gestão e Conservação de Acervos Arqueológicos e Arqueologia: Turismo e Educação Patrimonial, Oficina de Hai Kai, Oficina de Educação Patrimonial, Oficinas técnicas de Museologia (1996), Oficinas de criatividade (mensalmente) etc.;

Ações educativas e ambientais com as comunidades do entorno do museu, a partir de programas específicos (em parceria com instituições e municípios) dirigidos a escolas (Eureka), creches (Ação Cidadã), crianças, adolescentes e familiares (Grupo Comunidade Crescer e Grupo Varanda), além dos visitantes e turistas, "com o intuito de promover a memória das comunidades, a conservação da biodiversidade, o desenvolvimento científico, o consumo responsável e o fortalecimento da imagem institucional de Itaipu" (RIBEIRO, MOREIRA, 2014, p.296). Ex.: Museu vai à escola (1991), Feira de Ciências com alunos de primeiro e segundo graus de escolas públicas, Práticas educacionais interativas com alunos da rede de ensino, Curso "Descubra o Ecomuseu como instrumento didático" (realizado mensalmente com professores da rede de ensino da área do reservatório de Itaipu), entre outras.

Organização de Eventos: Simpósio "O papel do museu face ao impacto do meio ambiente" (4-7/04/1989), "Verão 90" - ação da equipe do Ecomuseu nas praias do reservatório de Itaipu com conceitos patrimoniais e de museologia comunitária (1990), I Encontro de Museus da área do reservatório de Itaipu (1994), "Olho da terra: panorama das manifestações artísticas e culturais da área do reservatório de Itaipu" (1996), Encontro Cultivando Água

Boa (anualmente), Festival das Águas (em parceria com os municípios) etc.;

Participação em Eventos: I e II Jornada de Museologia Comunitária – ABREMC (2009, RJ; 2011, RS), Conferências Municipais de Cultura; III Conferência Estadual de Cultura (2013), Ciclo de diálogos sobre Comunidades Quilombolas; 7ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com visita técnica à comunidade Quilombola Apepú, de São Miguel do Iguaçu, com a Rede Regional de Museus, Memória e Patrimônio da BP3 e representantes da Comunidade Quilombola Manoel Ciriaco, de Guaíra, Roda de conversa - Museus, Memória e Cultura Afro-Brasileira, com Comunidades Quilombolas da BP3, representantes do Movimento Quilombo Livre, pesquisadores e gestores de cultura da região, Oficina de Implantação dos Sistemas Municipais de Cultura - Sistema Nacional de Cultura (24-25/09/2013); com eventos envolvendo a comunidade infanto-juvenil do entorno do Museu visando promover a conscientização e a sensibilização sobre questões indígenas (26/09/2015); 11ª, 13ª e 14ª **Semana de Museus** (IBRAM), com Seminário “Valorização do Patrimônio: conceitos e práticas”, Oficinas “Fotografia e Patrimônio” – que resultou na construção coletiva de exposição itinerante sobre o patrimônio de Foz do Iguaçu, e “Cultura e Patrimônio: Organização Popular e Mudança Social”, Atividades recreativas “Museu – Lugar onde tudo acontece” (15-19/05/2013), com visitas guiadas, abertura de exposição, Roda de Memória com os ex-funcionários da Itaipu Binacional, cursos de “Formação Continuada em Gestão de Cultura e Patrimônio da BP3” – para os gestores públicos dos 29 municípios, “Gastronomia Agroecológica e Aproveitamento Integral de Alimentos”, “Cultivando Saúde: conhecimentos populares de saúde e plantas medicinais”, oficina “Horta Orgânica em Mandala”, Piquenique comunitário, Atividades lúdicas e recreativas focadas no conceito de Bem Viver e apresentação musical de artistas regionais (19-24/05/2015), com visitas guiadas, ações educativas “Eu faço parte desta paisagem”, “Memória Ambiental” e “Trilha dos Sentidos”, desenvolvimento da Exposição “Paisagens: conexões com minha história”, atividade recreativa “Qual é o Animal?” – mimica (16-22/05/2016).

Ações de Preservação:

Estudos (ambientais, históricos etc.), Pesquisas e Inventários etc.

Referências Bibliográficas:

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Bacias Hidrográficas do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEMA, 2010. Disponível em: http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista_Bacias_Hidrograficas_do_Parana.pdf. Acesso em: 10 mar. 2017.

ECOMUSEU DE ITAIPU. **Facebook**: Locais.: <https://www.facebook.com/pages/Ecomuseu-de-Itaipu/113825305359712>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. **Currículo Lattes** – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2570119996484232>. Acesso em: 17 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu de Itaipu. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9161/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus**: Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.307-308. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.150. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **11ª Semana de Museus**: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.351. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus**: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.393. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus**: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.303. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

ITAIPU BINACIONAL. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Ecomuseu**. Disponível em: <https://www.turismoitaipu.com.br/pt/atracoes/ecomuseu>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Ecomuseu**. Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/turismo/ecomuseu>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. **A cidade**. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3bjsessionid%3d14354967752ccce99536981844f5?idMenu=1004>. Acesso em: 10 mar. 2017.

RIBEIRO, Tatiara S. Damas; MOREIRA, Isabela das Costa Moreira. Ecomuseu de Itaipu e Programa Cultivando Água Boa: gestão patrimonial comunitária na Bacia Paraná 3. **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.289-305, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

SOUZA, Maria Emília Medeiros de. **Ecomuseu de Itaipu – PR**. s/d. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=4>. Acesso em: 06 jun. 2014.

VIAL, Andréa Dias. **Patrimônio Integrado e a Prática Museológica**. 2015. 179f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p.126-129. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-140001/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2015.

Referência da Imagem: Entrada do Ecomuseu de Itaipu. Disponível em: <http://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-cultural-ecomuseus-brasil/>. Acesso em: 30 dez. 2015.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
10

Denominação: Ecomuseu da Fazenda Boa Vista

Data de Criação: 1988

Endereço: Rodovia Presidente Dutra, km 77 (SP-Rio) s/n, Roseira Velha, CEP 12580-000, Roseira Velha/SP.

Tel.: (12) 3646-2071 / 3646-2441

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Faculdade de Roseira (FARO)

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$ 5,00

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu possui arquivo e biblioteca

E-mail institucional: faz.boavista@uol.com.br, biblioteca.faro@ceavap.com.br

Website ou blog: <http://faroroseira.edu.br/site/ecomuseu/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu a Céu Aberto

Histórico:

Roseira Velha é um bairro do município de Roseira Velha, localizado no Vale do Paraíba, região sudeste do Estado de São Paulo. A região compunha o Caminho Real que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro e foi onde se originou o município de Roseira por volta do século XVIII, formado a partir de um povoado formado em torno da Capela de Nossa Senhora do Rosário, hoje Nossa Senhora da Piedade. O município foi um centro produtor e exportador de açúcar, aguardente, milho, feijão, arroz, farinha de mandioca, fumo, algodão e azeite de mamona nos séculos XVIII e XIX, e a partir de 1840 os engenhos de açúcar foram substituídos pelas plantações de café e por volta de 1920 estas foram substituídas pela pecuária leiteira. Os imigrantes italianos, franceses, japoneses, espanhóis que aí chegaram nas décadas seguintes cultivavam arroz, legumes e verduras. Com a inauguração da Estação Ferroviária (1877) o então bairro de Guaratinguetá é elevado à cidade de Roseira Velha, mas na década de 1920 sua área integra o recém-criado município de Aparecida. Somente em 1963 o município de Roseira é desmembrado de Aparecida.

A Fazenda Boa Vista é a sede de um primitivo engenho de açúcar e aguardente (século XVIII), fazenda produtora de café (século XIX), produtora de arroz e criadora de gado (século XX). O Ecomuseu Fazenda Boa Vista foi criado em 1973 (com outra denominação) e compreende-se como um “museu a céu aberto”. Desenvolve desde então eventos ligados à história, cultura e à preservação do meio ambiente (educação ambiental), interagindo com a comunidade local. O local foi reconhecido pela UNESCO como um posto avançado de reserva da biosfera da Mata Atlântica.

O Posto Avançado da RBMA / Fazenda Boa Vista tornou-se um laboratório vivo, onde realizam-se aulas práticas dos cursos superiores da Faculdade de Roseira e de escolas de ensino fundamental e médio da região.

Referências Patrimoniais:

A Fazenda Boa Vista conserva as senzalas, trulhas que serviam para guardar café e algumas dependências domésticas com as paredes externa construídas de taipa-de-pião. Em sua área externa é possível observar o Tanque das Negras, Rochas graníticas, árvores centenárias (Figueira do Imperador), chafariz e todo seu conjunto, além da reserva da biosfera da Mata Atlântica (com viveiro de mudas e espécies da flora nativa) etc.

“Trilha a Independência” - antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, passagem de tropas e tropeiros e o marco comemorativo da passagem da comitiva de Dom Pedro em 1822.

Atividades desenvolvidas:

O Ecomuseu promove exposições periodicamente. Algumas delas: Exposição de Aquarelas de monumentos históricos do Vale do Paraíba (14-19/05/2012); Exposição de Artesanato regional - esculturas temáticas (14-19/05/2012); Exposição “Semeando Arte e Cultura Afro-Brasileira” (09/2013); Exposição “Mostre sua coleção e revele seu coração” - espaço aberto para pessoas exporem suas coleções, mostrando sua conexão e valores com esse material (14-17/05/2014); Exposição fotográfica sobre a cidade de Roseira (22-27/09/2014); Exposição “Arte e sustentabilidade: O mundo em transformação” - artistas regionais que utilizam materiais recicláveis em suas obras (18-23/05/2015); Exposição fotográfica “Construindo a Memória dos indígenas do Vale do Paraíba e Litoral Norte de SP” (21-26/09/2015), entre outras;

Trilhas, projetos florestais, agroflorestais, estágios técnicos, cursos, visitas guiadas, eventos culturais etc.

“Pátio das Artes” - espaço dedicado a manifestações culturais, lançamento de livros, exposições de artes, entre

outros eventos.

Participação em Eventos: 6ª à 9ª Primavera de Museus, com apresentações das atividades socioambientais desenvolvidas pela Faculdade de Roseira e visita guiada às Trilhas Ecológicas da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e ao cenário histórico da Fazenda Boa Vista (26/09/2012); abertura de exposição e apresentação de danças afro-brasileiras (26/09/2013); exposição fotográfica (22-27/09/2014); exposição fotográfica; 10ª à 14ª Semana de Museus, com exposição de aquarelas e artesanato regional, narração de histórias infantis, oficinas de escotismo e *le parkour*, apresentação musical e Trilha ecológica monitorada (14-19/05/2012); Palestra “Brasil África - Construindo Novos Saberes”, apresentação de grupos de capoeira da FARO, apresentação do coral jovem de Aparecida-SP com cantos africanos e afro-brasileiros (13/05/2013); Exposição “Mostre sua coleção e revele seu coração” (14-17/05/2014); exposição, apresentação musical dos alunos da FARO e concurso “Inovação e Tecnologia: Construindo uma sociedade sustentável” - a partir de material reutilizado, estudantes terão a tarefa de criar equipamentos que auxiliem a vida em sociedade (18-23/05/2015); Mesa redonda sobre paisagens e história local (21/05/2016).

Ações de Preservação:

Trabalho de recuperação da Mata Atlântica.

Referências Bibliográficas:

CÂMARA MUNICIPAL DE ROSEIRA. **Pontos Turísticos.** Disponível em: www.camararoseira.sp.gov.br/?page_id=1565. Acesso em: 16 mar. 2015.

CHÃO CAIPIRA. **Roseira.** Disponível em: <http://www.chaocaipira.org.br/cidades/roseira>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FACULDADE DE ROSEIRA – FARO. Décima Semana Nacional de Museus. **Blogspot**, 23 mai. 2012. Disponível em: <http://faculdaderoseira.blogspot.com.br/2012/05/decima-semana-nacional-de-museus.html>. Acesso em: 16 mar. 2015.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/faculdade.deroseira/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **RBMA Posto Avançado de Roseira.** Disponível em: <http://faroroseira.edu.br/site/rbma-posto-avancado-de-roseira/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus.** Brasília: IBRAM, 2012, p.262. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.263. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.118. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.129. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.270-271. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.292. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.317. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.344-345. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.265. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Fazenda Boa Vista. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9082/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PARABÉNS, Roseira!. **Roseira RM Vale**, 21 mar. 2012. Disponível em: <http://roseira.rmvalle.com.br/>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROSEIRA. <http://roseira.sp.gov.br/site/historia/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Ecomuseu. Disponível em: <http://www.chaocaipira.org.br/midia/fotos?cidade=Roseira>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
11

Denominação: Museu Magüta / Museu Comunitário dos Ticuna

Data de Criação: 1988-1991

Endereço: Avenida CasTel.o Branco, 396, Centro, CEP 69630-000, Benjamin Constant/AM.

Tel.: (97) 3415-6067

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação de Caciques - Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT)

Parceiros(as)/apoio: Departamento de Antropologia e Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Museu Nacional da UFRJ, Ministérios da Cultura, da Educação e do Meio Ambiente, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED), Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), e apoio setorial de diversas agências nacionais e internacionais, como a OXFAM/Recife, a ICCO/Holanda, *Medécins du Monde*/França, Amigos da Terra/Itália, VIDC/Áustria, entre outros.

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Museu Magüta”).

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$4,00 (turistas); R\$3,00 (estudantes turistas)

Obs.: gratuito para moradores locais.

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 8 às 16 horas, sábado das 9 às 15:30 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Magüta “foi instalado em uma casa de arquitetura simples, com varandas ao redor, cinco salas de exposição e uma pequena biblioteca, cercado por um jardim com flores, onde crescem também algumas espécies botânicas usadas na confecção e decoração de artefatos indígenas” (BESSA, 1999).

E-mail institucional: cgtt.mmaguta@hotmail.com

Websíte ou blog: <http://www.museumaguta.com>

Rede social: <https://pt-br.facebook.com/Museu-Mag%C3%BCta-560591093959134/>

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Tribal (BESSA, 1999), Museu Comunitário, Ponto de Memória

Histórico:

Benjamin Constant é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas que compõe a Microrregião do Alto Solimões, na confluência dos rios Javari e Solimões e próximo às fronteiras com o Peru e a Colômbia, situado a 1.200 km de Manaus, e possui uma população de cerca de 15.000 habitantes. Nessa região está presente a maioria da população *Ticuna*, estimada em cerca de 40 mil indígenas (povo mais numeroso da Amazônia), que vivem em 28 Terras Indígenas, localizadas em 16 municípios (e também na Colômbia e no Peru). As populações em sua maioria estão em área rural, mas as que habitam T.I. próximas às cidades enfrentam escassez de recursos para a alimentação (caça e pesca) e para a produção de artesanatos. Os *Ticuna* se autodenominam Magüta, que em sua língua (que não é filiada a nenhum tronco linguístico) significa “povo pescado”, nome ligado à história de sua origem (MINC, 2008, p.246).

Em 1985 uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional da UFRJ, coordenados pelo Professor João Pacheco de Oliveira e por lideranças indígenas do CGTT, com recursos provenientes do “Mutirão contra a violência: Ruas em paz” (programa do Ministério da Justiça), criaram o “Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões: Maguta”, entidade civil sem fins lucrativos sediada na cidade de Benjamin Constant (AM), com o objetivo de divulgação e fortalecer a cultura do povo Ticuna. A partir de então o “Centro Maguta”, como ficou popularmente conhecido, participou de todas as atividades importantes relacionadas ao movimento indígena da região. Em 1986 foi adquirido um terreno na avenida CasTel.o Branco, no centro da cidade, para ser instalada sua sede, obra iniciada em 1988 (ASSOCIAÇÃO [...], 2009).

Paralelamente às obras de construção do museu, tiveram início atividades de organização do acervo, definição dos objetos, levantamento de dados sobre eles, seleção dos que seriam expostos e das ilustrações utilizadas em sua contextualização. A atividade mobilizou boa parte dos Ticuna e contou com a assessoria da antropóloga Jussara Gomes Gruber, que teve “papel decisivo na criação, planejamento e instalação do Magüta”. Tratava-se de um momento crítico da luta pela defesa do território, onde os Ticuna tiveram que enfrentar inclusive grupos de pistoleiros armados – o massacre do Igarapé do Capacete mantém-se vivo na memória dos Ticuna.. Cientes de que a consolidação do museu contribuiria para a luta pela demarcação de terras, intrinsecamente ligada ao reconhecimento de sua identidade étnica, políticos, madeiros e latifundiários buscaram apoio popular local contra o Museu, e obtiveram o apoio do próprio prefeito da cidade, que convocou uma manifestação hostil contra a demarcação das terras indígenas em frente ao museu na hora prevista para sua inauguração, o que obrigou o adiamento da solenidade (BESSA, 1999).

Devido à grande repercussão na imprensa, protestos de universidades e à intervenção do Comando Militar da Amazônia a exposição de Longa Duração, cuja e a "museografia foi delineada pelos próprios indígenas" (MUSEU [...], 2017), foi aberta três semanas depois (1991). O Magüta (como ficou popularmente conhecido) passou a receber diariamente estudantes (brasileiros, colombianos e peruanos), pesquisadores, turistas brasileiros e estrangeiros, a população regional e grupos de Benjamin Constant e das escolas indígenas da região do Alto Solimões, e tornou-se um centro de referência para o povo Ticuna. Em junho de 1995 madeireiros ameaçaram incendiar o Museu, mas não obtiveram apoio da população local (BESSA, 1999).

A partir de 1996 o museu passa a funcionar exclusivamente sob administração indígena, mas em 1997 suas atividades foram suspensas devido a uma grande crise interna. Em 2009 uma ação de despejo e penhora de bens é movida pela Fazenda. Não obtivemos maiores informações sobre o desfecho da ação. O fato é que o Museu Magüta foi reconhecido como uma experiência pioneira e singular – primeiro museu indígena “gerido por indígenas” (FREIRE, 1999, p.1), sendo premiado pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1995, recebeu o prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2007 o diretor do Museu, Nino Fernandes, foi agraciado pelo Presidente Lula com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, em dezembro de 2008 o Museu recebeu o Prêmio Chico Mendes (Ministério do Meio Ambiente), e também foi tema de uma grande exposição realizada no *Tropenmuseum* (Museu Tropical) em Amsterdam (Holanda), em 1999.

O Museu Magüta foi criado com os objetivos de:

- Promover e preservar a cultura Ticuna;
- Fortalecer a identidade étnica do grupo;
- Fortalecer a consciência política e a participação em conquistas como a demarcação topográfica de terras, programas de desenvolvimento sustentável, movimento de professores Indígenas, criação de escolas indígenas etc;
- Diminuir o preconceito/perseguições da população local, a fim de uma convivência mais respeitosa.

Referências Patrimoniais:

Antes mesmo da inauguração do Museu Magüta seu acervo já dispunha de cerca de 420 peças, registradas e fichadas pelo índio Ticuna Constantino Ramos Lopes Cupeatücü, “primeiro índio museólogo” (BESSA, 2012), que posteriormente tornou-se responsável pela guarda do acervo e sua dinamização.

Coleção de objetos relativos aos mais variados aspectos da cultura material do povo Ticuna, um acervo bibliográfico de quase 3.000 títulos, extensa documentação (documentos, iconografias históricas de cronistas e viajantes e feitas pelos próprios indígenas, fotografias etc.) sobre a história da região e as lutas desenvolvidas pelo CGTT, literatura e registros visuais produzidos sobre o povo e a cultura Tikuna.

Parte de sua coleção foi um trabalho desenvolvido por artistas indígenas “especializados em diferentes artes: confecção de máscaras rituais, esculturas de madeira e de cocos de palmeira, pintura de painéis decorativos de entrecasca, fabricação de colares, cestos, redes e bolsas”, enquanto outra parte deveu-se à recuperação de artefatos em processo de extinção ou em desuso, reconstituídos a partir de fotografias antigas pertencentes a museus etnográficos, entrevistas com anciãos e registros feitos desde 1929 pelo etnólogo Curt Nimuendajú (BESSA, 1999).

De acordo com Gruber (*apud* BESSA, 1999), “a notícia da existência do Museu se espalhou rapidamente pelas aldeias [...], de onde começaram a chegar objetos, alguns confeccionados fora dos padrões usuais daqueles destinados à venda, denominados de *experiências*, criados especialmente para o Magüta”;

O Patrimônio Imaterial também foi considerado pelo Museu, como por exemplo o Ritual da Moça Nova – festa sagrada que ocorre com o primeiro ciclo menstrual da mulher indígena.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição “Esculturas Ticuna” (10/1995, Manaus); Exposição “Ritual Ticuna: Passado e Presente, 1959-2010” - fotos da festa da moça nova, tiradas em Lauro Sodre (2010) e fotos do acervo de Roberto Cardoso de Oliveira doadas ao Museu, organizados por Rafael Pessoa e Ângela Melo (19-30/09/2011); Exposição Sala do Ritual da Moça Nova – com objetos empregados no ritual da moça nova, entre outras.

Cursos e oficinas: Formação de monitores de saúde indígena; Treinamento de indígenas no registro em vídeo (audiovisual) e em informática; Curso de Documentação; Curso de Formação de Jovens; Oficinas de valorização da cultura (tradições orais, arte etc.).

Criação de um programa de radiocomunicação entre as aldeias, Programas de desenvolvimento sustentável, operacionalização dos distritos sanitários especiais indígenas, trabalho educativo realizado junto a escolas da região, reuniões periódicas do grupo, vendas de artesanato etc.

Participação em Eventos: I Encontro Nacional do Conselho Internacional de Museus - ICOM-Brasil (1995, Petrópolis/RJ); II Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (17-20/05/2000, Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ); 5ª, 6ª e 9ª *Primavera de Museus* (IBRAM), com exposição fotográfica, visita guiada à exposição de Longa Duração, o curso “Produção e acondicionamento de artefatos/artesanatos no Museu” - coordenado por Hilda Pinto Felix, Mostra de filmes e documentários sobre a cultura Tikuna e a temática indígena no geral, a Oficina “Criação livre de artesanato tikuna, revendo técnicas e artefatos junto aos mais velhos da comunidade” - coordenado por Dionísia Almeida (19-30/09/2011), exposições e atividades relacionadas aos objetos expostos no museu, histórias narradas por Caciques e Pajés Tikuna (28-29/09/2012).

Ações de Preservação:

Cursos/Oficinas de Conservação Preventiva;

Boletim do Museu Maguta.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Nota sobre a ameaça iminente de fechamento do Museu Maguta.** 16 abr. 2009. Disponível em:

<http://www.abant.org.br/conteudo/005COMISSOESGTS/Documentos%20da%20CAI/Nota%20sobre%20fechamento%20do%20Museu%20Maguta.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2016.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta do museu pelos índios. **Terra das Águas** - Revista semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília, ano 1, n.1, sem.1999. Disponível em: http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&task=download&id=31. Acesso em: 12 ago. 2016.

_____. Um Índio Museólogo na Canoa das Almas. Diário do Amazonas, 18 nov. 2012. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1007-um-indio-museologo-na-canoa-das-almas>. Acesso em: 12 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.110-111. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.118. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.57. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.246. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU MAGÜTA. Disponível em: <http://www.museumaguta.com.br/>. Acesso em: 12 ago. 2016.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/Museu-Mag%C3%BCta-560591093959134/>. Acesso em: 12 ago. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Magüta. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8176/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <http://www.museumaguta.com.br/>. Acesso em: 12 ago. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 562"> Ficha: 12 </td> <td data-bbox="751 315 1385 562"> Denominação: Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri Data de Criação: 1992 Endereço: Avenida Jeremias Pereira, 444, Centro, CEP 63165-000, Nova Olinda/CE. Tel.: (88) 3521-8133 / 3546-1333 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 12	Denominação: Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri Data de Criação: 1992 Endereço: Avenida Jeremias Pereira, 444, Centro, CEP 63165-000, Nova Olinda/CE. Tel.: (88) 3521-8133 / 3546-1333 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 12	Denominação: Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri Data de Criação: 1992 Endereço: Avenida Jeremias Pereira, 444, Centro, CEP 63165-000, Nova Olinda/CE. Tel.: (88) 3521-8133 / 3546-1333 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri - a gestão do museu é feita por jovens e crianças da cidade.</p> <p>Parceiros(as)/apoio: SESC Juazeiro do Norte, entre outros.</p> <p>Recursos: Provenientes de premiações... Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto de Ecomuseu da Chapada do Araripe)</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento: diariamente, das 8 às 17 horas</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim (X) não</p> <p>Estrutura física do Museu: A Fundação Casa Grande / Memorial do Homem Kariri está instalada na primeira casa da cidade, a casa grande da Fazenda Tapera.</p>			
<p>E-mail institucional: fundacaocasagrande@veloxmail.com.br, fundacaocasagrandemhk@gmail.com Website ou blog: https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com Rede social: https://www.facebook.com/fcgmhk/?fref=ts</p>	<p align="center">Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: Ecomuseu, Ponto de Memória</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Nova Olinda é um município do estado do Ceará, localizado na microrregião do Cariri, mesorregião do Sul Cearense, Região Metropolitana do Cariri. A região foi habitada pelo povo kariri (kariú – água saída do mato), que foram aldeados após a chegada dos primeiros colonizadores, no século XVII. No final deste século, período do ciclo do couro, a região era ponto de passagem da estrada das boiadas que ligava o Cariri ao sertão dos Inhamuns. A Casa da Fazenda Tapera, que deu origem ao primeiro povoado da região, era utilizada para comercialização de produtos e para o descanso dos comerciantes do ciclo do couro, e foi um dos últimos ranchos do comboieiro do caminho das boiadas.</p> <p>Em 1933 a casa foi comprada por Neco Trajano, um comerciante local de rapadura da localidade. Em 1992, após o restauro da casa grande, realizado pela (e com recursos provenientes da) população local, um casal de músicos, Alemberg Quindins (neto de Trajano) e Rosiane Limaverde, fundam a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, organização não-governamental, cultural e filantrópica. Após a casa ser inaugurada, foi “ocupada” (CONHECENDO [...], 2014) pela criança da cidade. As crianças ajudaram a montar o museu, organizar o espaço e fazer a finalização na linguagem de comix (história em quadrinhos), uma linguagem infantil. As crianças e jovens que aí chegam são protagonistas em gestão cultural por meio de seus programas, e passam por uma formação inicial como recepcionistas, atendendo o público, e posteriormente aprendem mais sobre a Fundação e se torna relações públicas do lugar.</p> <p>A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri considera-se um museu e um laboratório, e tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar e guardar a memória local e integrá-la ao patrimônio histórico da cidade (desenvolve pesquisas sobre mitologia e arqueologia do homem kariri, primeiros habitantes da região); • Possibilitar o acesso da população à primeira casa da cidade e contribuir com a sua preservação; • Estimular o turismo a região – turismo comunitário; • Oferecer formação educacional interdisciplinar para crianças e jovens - “a sensibilização do ver, do ouvir, do fazer e conviver através do acesso a qualidade do conteúdo e ampliação do repertório” (FUNDAÇÃO [...], 2017b). <p>A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri recebeu diversas premiações, homenagens e condecorações em reconhecimento pelo serviço prestado à comunidade, dentre eles: <i>Summer of Goodwill New York Time Warner</i> (1996), Troféu Chapéu de Couro - Jornal do Cariri (2000), Prêmio Cláudia - Editora Abril (2002), Prêmio UNICEF Criatividade Patativa do Assaré - Projeto mais criativo e melhor projeto de educação (2002), Prêmio Fellow - Empreendedor Social Ashoka (2002), “Esta empresa tem responsabilidade cultural” - Secretaria da Cultura do Ceará (2006), Prêmio Crianças do Mundo <i>Children’s World</i>, Prêmio Orilaxé – Direitos Humanos Grupo Cultural AfroReggae (2008), Prêmio Valores do Brasil – Educação e Geração de Conhecimento Banco do Brasil (2008), Prêmio Economia</p>			

Criativa (2012), Prêmio Jovem Amigo da Criança – Fundação Abrinq (2013), Prêmio “Menção Honrosa das Crianças” - Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil – CECIP (2014). Em 2009 recebeu do IPHAN o título de Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe.

O Memorial compõe a Rede de Sustentabilidade Eco-Museu da Chapada do Araripe.

Referências Patrimoniais:

Casa Grande, acervo religioso (imagens de santos, oratórios, ex-votos, artefatos ritualísticos), iconográfico (fotografias, mapas, quadros...), utensílios domésticos (cofres, talheres, fruteiras, painéis...), artefatos indígenas encontrados nas pesquisas arqueológicas (cerâmicas, cachimbos, material lítico, urnas funerárias etc.), esculturas, tijolos, entre outros tantos objetos.

Patrimônio Imaterial: lendas, mitos e todo o universo que povoa o imaginário do homem kariri, histórias mal-assombradas da Casa Grande etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Sua Exposição de Longa Duração está dividida eixos temáticos: Sala Coração de Jesus, Sala de Etnias, Sala de Arte Rupestre, Sala de Arte Cerâmica, Sala da Arte Lítica, Sala de Mitos e Lendas. Exposição Temporária: Exposição “Exibição Casa do Meu Coração - História do Ciclo do Couro na Região do Cariri” - parceria com o SESC Juazeiro do Norte (21-27/09/2015), entre outras.

A **formação social e cultural** é oferecida pelo museu a partir de programas: Educação Infantil; Profissionalização de Jovens; Empreendedorismo Social; Geração de Renda Familiar; Sustentabilidade Institucional. O Programa de Memória resgata o acervo mitológico e arqueológico da pré-história do homem da região do Cariri, catalogando-os e expondo-os para formação antropológica que a Fundação Casa Grande desenvolve nos laboratórios de produção. O laboratório do Memorial do Homem kariri, tem a formação de recepcionistas mirins (guias mirins), com aulas de arqueologia, conservação do patrimônio, mitologia e museologia.

O museu também é considerado um laboratório, onde além de ter acesso ao vasto acervo as pessoas produzem conteúdo nos **laboratórios de produção**. Além do espaço expositivo, conta com gibiteca (onde ocorre formação em quadrinhos), biblioteca Infanto-juvenil, biblioteca de pesquisas (arqueologia, história, economia etc.), DVDteca (como mini-dvds), Sala da TV Casa Grande (onde ocorre formação em fotografia, programa de rádio, produção cultural, vídeos), Rádio Casa Grande FM (onde ocorre formação em roteiro, programação, comunicação etc.), Teatro Violeta Araes (onde ocorre formação na área de produção).

Projeto Arqueologia Social de Inclusão (Passeio Arqueológico na Ponte de Pedra e escavações)

Através de seus programas de formação, a Fundação Casa Grande desenvolve atividades de complementação escolar.

Organização de Eventos: Cariri das Artes de Países de Língua Portuguesa (12-16/05/2009); Seminário Internacional de Turismo de Base Comunitária (14-16/08/2009); I Seminário de Avaliação e

Planejamento das Casas do Patrimônio(27/11-01/12/2009); Cariri Mostrando a 9ª Arte de Quadrinhos e Animação (2010); Cariri Mostra Musical Iberoamericana (03-05/06/2011); Seminário Regional de Turismo de Base Comunitária (28-29/04/2012); Fórum Onda Cidadã 10 Anos (2013); Mostra Warakdzã (06-09/08/2015); Mostra Cine Cariri (03-06/07/2015) etc.

Participação em Eventos: 9ª **Primavera de Museus** (IBRAM), com exposição, Oficina de Educação Patrimonial, visita guiada ao Memorial, oficina de contação de histórias, show musical, visitas “arte educativas” ao Memorial – programação realizada em parceria com o SESC Juazeiro do Norte e com patrocínio da CAIXA e do Governo Federal (21-27/09/2015); 9ª, 13ª e 14ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com oficina de contação de histórias em escolas públicas – sobre “As lendas do Cariri”, visitas guiadas ao Memorial para alunos e palestra para professores de escolas públicas da região (16-22/05/2011), Seminário para apresentação da “Rede de Sustentabilidade Eco-Museu da Chapada do Araripe” - que integra os Museus da região do Cariri numa agenda comum voltada para a inclusão social e o turismo comunitário (23/05/2015), visitas guiadas ao Memorial e exibição de filmes educativos (16-22/05/2016).

Ações de Preservação:

Atividades de formação social e cultural.

Referências Bibliográficas:

FUNDAÇÃO CASA GRANDE. Disponível em: <https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE - Memorial do Homem Kariri. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/fcgmhk/about/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CONHECENDO MUSeus - Ep. 23: MEMORIAL DO HOMEM KARIRI. **Youtube**, 03 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WP5oqNNsoTw>. Acesso em: 16 jul. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9245/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 04/2015 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.36. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-76. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.83-84. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.64. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Edifício Sede. Disponível em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
13

Denominação: Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser

Data de Criação: 1992

Endereço: Avenida General Daltro Filho, 929, Hamburgo Velho, CEP 93540-000, Novo Hamburgo/RS.

Tel.: (51) 3593-6233

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Fundação Scheffel / Sociedade de Amigos da Fundação Scheffel (gestão financeira a partir de 2003)

Parceiros(as)/apoio: Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil, Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Universidade Feevale, entre outros.

Recursos: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Fundação Scheffel

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 3ª a 6ª, das 8:30 às 11:30, e das 13:30 às 17 horas, sábado e domingo das 11 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Museu está instalado em prédio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), onde residiu o imigrante alemão João Pedro Schmitt, considerado o fundador da cidade de Novo Hamburgo.

E-mail institucional: museuscheffel@yahoo.com.br

Websíte ou blog: <http://www.museuscheffel.com.br/casaschmitt.htm>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

Hamburgo Velho (*Hamburger Berg*) é um bairro do município de Novo Hamburgo (referência à cidade alemã de Hamburgo), localizado na região Metropolitana de Porto Alegre (Rio Grande do Sul/RS). O bairro, núcleo inicial da cidade de Novo Hamburgo, possui atualmente cerca de 2.625 habitantes (PREFEITURA [...], 2017). A cidade foi colonizada principalmente por imigrantes alemães, para quem o Governo Imperial (século XIX) doava lotes para a criação de colônias agrícolas de pequenas propriedades, com culturas diversificadas. A partir da República os lotes passaram a ser vendidos, e no século XX a região se especializou na produção coureiro-calçadista.

O povoado de *Hamburger Berg* “teve sua origem nas casas comerciais e de artefatos que se estabeleceram no entroncamento de importantes estradas do século passado: o caminho das tropas, que vinham dos campos de cima da Serra e a estrada do Norte” e “cresceu espontaneamente com ruas estreitas, largos, becos, praças, casario e quintais” (FUNDAÇÃO [...], 2017).

O imigrante alemão João Pedro Schmitt (Johann Peter Schmitt) é considerado o fundador da cidade de Novo Hamburgo. Após seu falecimento sua esposa Catharina continuou sua atividade comercial. Em 1920 a casa da família foi alugada para sediar a Padaria Reiss, e posteriormente, após o rebaixamento da rua, a edificação ganhou mais um andar, onde Edwino Rodolfo Presser, casado com uma neta de Schmitt, reabriu o a “venda” e “comercializou tecidos, miudezas e alguns produtos de armazém” até o ano de 1973 (FUNDAÇÃO [...], 2017).

A partir de 1975 o artista Ernesto Frederico Scheffel passou a defender a preservação da casa, construída na primeira metade do século XIX com uma arquitetura enxaimel, característica das áreas de imigração germânica. Para isso obteve recursos com a Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil. Em 1981 a casa foi declarada de utilidade pública pela Prefeitura Municipal e em 1985 foi tombada como Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). Em 1990, com recursos da Prefeitura Municipal e do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), são iniciadas novas obras de restauro, lideradas por um movimento comunitário. Em 1992 a casa restaurada foi reaberta à comunidade com a instalação do Museu Comunitário.

O Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser é responsável por:

- Contar a história da colonização alemã no município;
- Abrigar a reconstrução de uma antiga venda de Colônia e da residência de João Pedro Schmitt;
- Atender o público escolar;
- Desenvolver atividades culturais;
- Servir de apoio a pesquisas históricas.

Referências Patrimoniais:

Casa Schmitt, mobiliário de época, objetos diversos...

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Além de reconstituir uma antiga venda de Colônia e espaços da residência do imigrante João Pedro Schmitt, o museu promove exposições temporárias. Exemplo: Exposição Fotográfica “Coleção de Memórias” - acervo de imagens do fotógrafo amador Frederico Gerhardt realizado sobre a cidade de Novo Hamburgo na década de 1920 (12-20/10/2013), entre outras.

A Fundação Scheffel desenvolve um vasto calendário de atividades culturais durante todo o ano, e também projetos em parceria com escolas e com a administração municipal. O museu atende escolas, organiza eventos de música, exposições temporárias e presta apoio a pesquisas históricas.

Participação em Eventos: 9ª e 12ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com a palestra “História e memória negra no Vale do Rio dos Sinos: Possibilidades e desafios de uma nova escrita” - com a Profª. Dra. Magna Lima Magalhães, do Grupo Pesquisa Cultura e Memória da Comunidade Universidade Feevale (18/05/2011), exposição fotográfica e palestra “Coleção de Memórias” - em parceria com o Projeto de Extensão da Universidade Feevale (12-20/10/2013).

Ações de Preservação:

Restauro da Casa Schmitt...

Referências Bibliográficas:

DE NEGRI, Vanessa. **Casa Schmitt-Presser** – História e Preservação. 31 jul. 2015. Disponível em: <http://refarq.com/2015/07/31/casa-schmitt-presser-historia-preservacao/>. Acesso em: 11 mar. 2017.

FUNDAÇÃO SCHEFFEL. **Casa Schmitt**. Disponível em: <http://www.museuscheffel.com.br/casaschmitt.htm>. Acesso em: 11 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 326. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.404. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8928/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. Bairros. <https://www.novohamburgo.rs.gov.br/modules/catsq/novohamburgo.php?conteudo=472>. Acesso em: 11 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <http://www.patrimonioredeviva.com.br/cidades/6/novo-hamburgo/categoria/8/memorial-museu/patrimonio/81/museu-comunitario-casa-schmitt-presser>. Acesso em: 11 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 591"> Ficha: 14 </td> <td data-bbox="751 315 1385 591"> Denominação: Memorial Mãe Menininha do Gantois Data de Criação: 1992 Endereço: Rua Mãe Menininha do Gantois, 23, Alto de Gantois, Federação, CEP 40213-050, Salvador/BA. Tel.: (71) 3331-9231 / (71) 9195-6716 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 14	Denominação: Memorial Mãe Menininha do Gantois Data de Criação: 1992 Endereço: Rua Mãe Menininha do Gantois, 23, Alto de Gantois, Federação, CEP 40213-050, Salvador/BA. Tel.: (71) 3331-9231 / (71) 9195-6716 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 14	Denominação: Memorial Mãe Menininha do Gantois Data de Criação: 1992 Endereço: Rua Mãe Menininha do Gantois, 23, Alto de Gantois, Federação, CEP 40213-050, Salvador/BA. Tel.: (71) 3331-9231 / (71) 9195-6716 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Associação São Jorge Ebé Oxóssi</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) e Fundação Pedro Calmon (FPC) - unidades da Secretaria de Cultura do Estado (Secult/BA), entre outros.</p> <p>Recursos: Edital 09/2012 Setorial de Museus - Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - DIMUS/IPAC (Projeto “Acessibilidade comunicacional para o Memorial Mãe Menininha do Gantois”); Edital Setorial de Museus 20/2016 – Fundo de Cultura da Bahia (“Projeto de Requalificação do Memorial Mãe Menininha do Gantois”)</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento: 3ª a 6ª feira, das 9 às 12 horas, e das 14 às 17 horas.</p> <p>É necessário agendar a visita? (X) sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Memorial foi instalado no quarto que era ocupado pela lalorixá Mãe Menininha do Gantois, no Terreiro do Gantois (Ilê Iyá Omin Axé Iyamassê).</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="240 1037 1177 1122"> E-mail institucional: memorialmaemenininha@gmail.com Websíte ou blog: http://terreirodogantois.com.br/index.php/memorial/ Rede social: </td> <td data-bbox="1182 1037 1385 1122"> Logotipo </td> </tr> </table>		E-mail institucional: memorialmaemenininha@gmail.com Websíte ou blog: http://terreirodogantois.com.br/index.php/memorial/ Rede social:	Logotipo
E-mail institucional: memorialmaemenininha@gmail.com Websíte ou blog: http://terreirodogantois.com.br/index.php/memorial/ Rede social:	Logotipo
<p>Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]</p>			
<p>Histórico:</p> <p>O Terreiro do Gantois (Ilê Iyá Omin Axé Iyamassê – a Casa da Mãe das Águas) foi fundado por Maria Júlia da Conceição Nazareth (bizavó de Mãe Menininha), Filha de Santo de Marcelina da Silva, proveniente do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho (Ilê Axé Iyá Nassô Oká). Após a sua morte, assume sua filha Pulchéria Maria da Conceição Nazareth (Mãe Pulchéria), e após esta falecer sua sobrinha Maria da Glória Nazareth (mãe de Mãe Menininha). Enquanto Maria Escolástica da Conceição Nazaré, popularmente conhecida como Mãe Menininha do Gantois, era preparada para assumir o terreiro, sua mãe permanece à sua frente. Em 18 de fevereiro de 1922 Mãe Menininha do Gantois assume, aos 28 anos, o maior posto hierárquico do terreiro.</p> <p>Mãe Menininha do Gantois inicia um importante trabalho de preservação da memória do Terreiro, mesmo em meio à repressão aos cultos e celebrações afro-brasileiras (a liberdade de culto foi assegurada pela Constituição Federal apenas em 1946). Para isso, além de seus filhos/as de santo, firmou alianças com pessoas importantes dos cenários político e cultural da Bahia. O reconhecimento dessa trajetória do terreiro veio através do tombamento da casa pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (atual IPHAN).</p> <p>Mãe Menininha recebeu muitos títulos, homenagens e medalhas ainda durante a vida. Falece em 1986 de causas naturais, aos 92 anos de idade. Após seu falecimento, seus filhos de santo transformaram seu antigo quarto no Memorial Mãe Menininha do Gantois, que se tornou uma das grandes atrações do bairro. O Memorial foi criado com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a memória e o protagonismo de Mãe Menininha do Gantois, refletindo seus hábitos, vontades, comportamento, gosto e preferências; • Promover ações que resultem em trabalhos sociais e culturais, sempre pensando na acessibilidade que deve ser dada ao público; • Contribuir com o combate ao preconceito às religiões de matriz Africana; • Socializar o conhecimento e contribuir para a transformação da realidade da comunidade; • Legar às futuras gerações o segmento religioso dos referenciais identitários de matriz Africana. <p>Em fevereiro de 2017 teve início a primeira etapa do “Projeto de Requalificação do Memorial Mãe Menininha do Gantois”. Um debate para a criação do Plano Museológico reuniu a comunidade do Gantois, a instituição e moradores. Não há funcionários no terreiro, por essa razão as filhas de santo de Mãe Carmem (atual lalorixá) são responsáveis por preservar o espaço e pela manutenção do acervo. O Memorial compõe a Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé.</p>			
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O acervo do Memorial é composto por fotografias, medalhas, indumentárias, móveis, oratório, imagens de orixás e</p>			

santos, ferramentas de orixás, adjás, abebés, jogo de búzios, fios de conta, panos-da-costa, mobílias, louças, jóias, bibelôs, leques e outros objetos de uso pessoal de Mãe Menininha e ritualísticos (óculos, bengala de marfim presenteada por um embaixador africano, selo e carimbo dos Correios com a sua imagem, medalha do Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia...) etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. “Fixas” e “Extra-muros”. Exemplo: “Sacerdotisa de uma raça, rainha de uma nação” - conta a história de Mãe Menininha do Gantois (02-22/05/2014, Praça Mãe Menininha do Gantois - Shopping Iguatemi, Salvador/BA), entre outras.

Organização de Eventos: IV Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (12/08/2013); **Palestra** “Revisitando o Memorial de Mãe Menininha: Um Olhar para o Passado, Pensando no Futuro”, Mostra de Audiovisual e **apresentação musical** do Grupo Rum Alagbê (10/02/2017, palestra ministrada pelo Professor e Museólogo Marcelo Cunha) etc.

Ações de Preservação:

- Publicação “Memorial Mãe Menininha do Gantois: seleta do acervo” (2010) – obra fotográfica idealizada pela atual ialorixá da casa Carmem Oliveira da Silva, com curadoria e organização de Raul Lody;
- Projeto “Acessibilidade Comunicacional para o Memorial Mãe Menininha do Gantois” - prevê a criação de uma programação visual, placas de sinalização e criação de um folder institucional com informações sobre o acervo e a história do memorial e do Terreiro do Gantois (2012);
- Plano de Salvaguarda Patrimonial do Terreiro do Gantois – resgate da memória do local (2016);
- Projeto de Requalificação do Memorial: processo de documentação museológica – medição, fotografia, identificação, descrição e catalogação dos objetos, que será informatizada (2017).

Referências Bibliográficas:

AQUINO, Carol. Encontro discute requalificação do Memorial Mãe Menininha do Gantois. **Correio 24 Horas**, 10 fev. 2017. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/encontro-discute-requalificacao-do-memorial-mae-menininha-do-gantois/?cHash=9229186889465bb4719b845298a6ce22>. Acesso em: 03 mar. 2017.

ARAÚJO, Glauco. Casa onde viveu Mãe Menininha do Gantois vira tema de livro na Bahia. **Globo.com**, 22 jul. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07/casa-onde-viveu-mae-menininha-do-gantois-vira-tema-de-livro-na-bahia.html>. Acesso em: 03 mar. 2017.

DIRETORIA DE MUSEUS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Memoriais e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede**. DIMUS-IPAC, 30 mai. 2013. Disponível em: <https://dimusbahia.wordpress.com/2013/05/30/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Palestra sobre patrimônios marca 4º Encontro de Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé**. DIMUS-IPAC, 9 ago. 2013. Disponível em: <http://dimusbahia.wordpress.com/2013/08/09/palestra-sobre-patrimonios-marca-4o-encontro-de-rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble/>. Acesso em: 3 mar. 2017.

EXPOSIÇÃO conta os 120 anos de história de Mãe Menininha do Gantois. **Globo.com**, 2 mai. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/05/exposicao-counta-os-120-anos-de-historia-de-mae-menininha-de-gantois.html>. Acesso em: 22 out. 2016.

JESUS, Danilo Nascimento de; SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes dos; BRITTO, Clovis Carvalho Britto. Memorial Mãe Menininha do Gantois: Seleta do Acervo como “Guardiã da Memória”. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, jul./ago. 2014. **Anais do [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400247536_ARQUIVO_ArtigoMaeMenininha.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

MARIANO, Agnes. Histórias do Povo Negro. A mãe da Sabedoria. Wordpress, [2012]. Disponível em: <http://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/a-mae-da-sabedoria/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Memorial Mãe Menininha do Gantois / Associação de São Jorge Ebé Oxossi. Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8492/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

TERREIRO MOKAMBO. **Memorial Kisimbiê sedia I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé**. Publicado em 27 mai. 2013. Disponível em: <http://terreiomokambo.org.br/v2/memorial-kisimbie-sedia-i-encontro-da-rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble-2/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

Referência da Imagem: Fachada do Memorial. Créditos: Paulo Macedo. Disponível em: <http://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/a-mae-da-sabedoria/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 15	Denominação: Museu Capixaba do Negro “Veronica da Paz”
	Data de Criação: 1993 Endereço: Avenida República, 121, Centro, CEP 29015-330, Vitória/ES (provisório). Tel.: (27) 3026-1989 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Organização Afrocultural Associação dos Amigos do Museu Capixaba do Negro - Conselho gestor paritário e deliberativo composto por 5 representantes da administração pública municipal e de entidades do Movimento Negro Capixaba / Secretaria Municipal de Cultura (SEMC)

Parceiros(as)/apoio: Professores e Colabores da comunidade (voluntários), União de Negros pela Igualdade (UNEGRO), Instituto ELIMU (Prof. Cleber Maciel), entre outros.

Recursos: Doação feita por alunos e voluntários

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 21 horas, sábado das 8 às 14 horas.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O museu está sediado em um edifício construído em 1912 pelo Coronel Francisco Schwab e cedido à Prefeitura de Vitória em 2007. Em seu andar térreo do prédio se encontra a delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, a Cooperativa dos Servidores Públicos e uma loja de antiguidades, e o pavimento superior é ocupado pelo Museu do Negro, que possui arquivo e biblioteca.

E-mail institucional: museucapixabadonegro@gmail.com / mucaneoficinas@yahoo.com.br, alcionezinho@vitoria.es.gov.br, mucane@correio1.vitoria.es.gov.br
Website ou blog: <http://museucapixabadonegro.blogspot.com.br/>
Rede social:

Categorias Propostas: Ecomuseu, [Museu Comunitário], [Museu Afro-Comunitário]

Histórico:

O Museu Capixaba do Negro (MUCANE), criado através de um decreto estadual de 13 de maio de 1993, teve seu projeto elaborado pelo Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo (DEC-ES), a partir de reivindicações das entidades negras capixabas (Verônica da Paz foi uma de suas idealizadoras). A licitação para a contratação de museólogos e arquitetos para a construção do edifício acabou não ocorrendo, e o museu sobreviveu por décadas sem o apoio do poder público, sendo administrado pela comunidade através do apoio de voluntários, que formaram uma comissão provisória.

Após a instalação no edifício (construído em 1912 pelo Coronel Francisco Schwab), estrategicamente ocupado para a garantia da continuidade do projeto, as atividades oferecidas foram definidas a partir das demandas da comunidade, expressas por meio de consulta realizada através do preenchimento de uma ficha cadastral. Em 1997 a Comissão Provisória passa por um desgaste e se extingue com o fim do DEC-ES, e o museu passa a maior parte do ano de portas fechadas. Sem recursos para sua manutenção, o edifício se deteriora cada dia mais, e a luta por seu restauro é impulsionada por um novo grupo organizado. Em 1999 as Oficinas de Música e Arte Afro-brasileiras marcam um período de revitalização sociocultural do MUCANE.

Em 2007 o edifício é cedido à Prefeitura de Vitória, que viabiliza recursos municipais e federais para seu restauro. Em 2010 a reforma é finalmente aprovada, mas a prefeitura é acusada de expulsar a comunidade que manteve o museu vivo, sem se responsabilizar pelas atividades culturais e pesquisas sobre a história e a cultura desenvolvidas em seu âmbito. Algumas oficinas passaram a funcionar em outro endereço e algumas deixaram de acontecer.

O Museu Capixaba do Negro, adepto às ideias defendidas pela nova museologia, assume-se como Ecomuseu, um museu vivo e interativo comprometido com o desenvolvimento da comunidade negra capixaba. Tem como objetivos:

- Resgatar e preservar a memória da cultura, história e identidade negra capixaba;
- Reunir, preservar e conservar os bens culturais da população negra do Espírito Santo;
- Valorizar a cultura de origem africana e a população afrodescendente;

Expressar as “lutas e processos contemporâneos de reconhecimento e afirmação da população negra do Espírito Santo” (IBRAM, 2014a).

Referências Patrimoniais:

Objetos de valor histórico, documentos referentes à história do negro, biblioteca com títulos de literatura negra e autores negros, pesquisas...

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição Fotográfica “Manifestação da Cultura Popular no Espírito Santo” (1996); Exposição

de instrumentos musicais africanos em cerâmica, do artista capixaba Zuilton Ferreira (1996); Exposição da artista plástica negra Nice do Cacaú (2000?); Exposição da artista plástica negra Marli Diniz (13/05-03/06/2011); Exposição Fotográfica "Nos Caminhos Afros" - acervo da Fundação Pierre Verger (05/06/2012); Exposição de peças artísticas e culturais dos alunos e professores voluntários das Oficinas Oficiais de Arte e Música Afro-brasileiras do MUCANE (24-30/09/2012); Exposição Fotográfica "O Corpo da Luta - A experiência Quilombola no Espírito Santo" - fotografias do professor Sandro José da Silva (15/02-13/03/2013); Exposição "Reinos, Escudos e Máscaras" - Obras de arte, dentre máscaras e esculturas, integrantes do acervo do África/Brasil Museu Intercontinental (13-18/05/2014); Exposição: "Todas as Faces de Maria" - homenagem a mulheres negras através da caxambuzeira, parteira, coveira, líder comunitária, Maria Laurinda Adão (09/2014); Exposição "Rastros" - arte contemporânea da cultura afro-brasileira (2015); Exposição "Obá: Entre Deuses e Homens" - Série de Desenhos de Candomblé da Bahia e da Nigéria, Inspirados nas fotos de Pierre Verger e nos retratos de zeladores de terreiros da Grande Vitória (14/08-13/10/2015); Exposição de Fotos de manifestações culturais do congo, em Ibirapu e Fundão, e Reis de Bois em São Mateus no ES - projeto coordenado por Marlene Martins de Oliveira, curadoria de Fraga Ferri e Karoll Oliveira (21/03-22/05/2016); Exposição de Máscaras Africanas; Exposição de Santos e Orixás; Exposição de Instrumentos e Música de Origem Africana, entre outras;

Recepção a alunos de ensino superior para pesquisas, pesquisas e palestras interativas com escolas de ensino regular e superior, Grupo de Contadores de Histórias "Filhos de Griô", 1º curso pré-vestibular para negros e negras (1994);

As atividades oferecidas (cursos e oficinas) oferecidas permanentemente pelo MUCANE são realizadas por grupos do movimento negro: Oficinas de Música e Arte Afro-brasileiras (a partir de 1999), Dança Afro, Penteado Afro, Desfile de Penteado e Beleza Negra, Capoeira Angola, Consciência Negra e Cidadania Brasileira, Coral de Músicas Afro (Mulheres Negras), Orquestra de Percussão Afro Capixaba, Orquestra Instrumental Mista, Grupo de Dança e Hip Hop, Grupo de Chorinho e Samba, Oficinas de Ritmo Afroreligioso, Oficinas de Break e Rap, Artesanato, Artes Visuais, Violão, Guitarra, Cavaquinho, Atribaque, Teclado, Harmonia e Improvisação, ATel.iê de Artes Plásticas, Oficinas "Ler e Cantar", "Manipulação e Histórias com Objetos" e "Elaboração de projetos culturais", Curso de Capacitação na Lei 10.639/03, Curso de História e Cultura Afro, Curso de Teatro. Os alunos são formados como oficinairos multiplicadores das oficinas e cursos.

Organização de Eventos: Vigília Cultural "Zumbi Vive" (01-29/11/1996); I Seminário de Planejamento e debate conceitual do Museu Capixaba do Negro - com a participação de técnica do IBRAM (08/02/2014); I Encontro de Histórias Afro-Brasileiras (12-14/08/2015), entre outros;

Participação em Eventos: 5ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com homenagem à Doutora Maria Verônica da Pas, Inauguração do Centro de Memória e Biblioteca, Palestra sobre o papel das curandeiras e parteiras negras, Palestra sobre o papel da mulher negra como detentora e mantenedora da memória afro brasileira, Palestra sobre Identidade, Evento "Primavera no Museu Capixaba do Negro", com palestras, apresentações culturais e exposições (19-23/09/2011); Exposição "Nos Caminhos Afro" (07/07-07/10/2012 - programação "oficial"); ação educativa sobre a Lei 10.639/03, apresentações do Côro Afro Capixaba e Orquestra de Percussão Afro Religiosa do MUCANE, oficinas de consciência negra para educandários capixabas, exposição, Seminário "As agressões do poder público municipal à função social dos 19 anos do Museu Capixaba do Negro: antes, durante e após a reforma do prédio", Mostra viva das Oficinas Oficiais do Museu Capixaba do Negro (24-30/09/2012 - sede provisória); lançamento da Revista Mucane, seminário com os pesquisadores, Passeio ciclístico cultural (24-29/09/2013); Exposição, Contação de História "Histórias do Folclore Brasileiro", exibição do filme "A Idade da Terra", peça teatral "The Clowns" (24-27/09/2014); Exposição "Obá: Entre Deuses e Homens", Encontro "Natureza: Mitos e lendas indígenas" - contos de histórias e músicas infantis, Colóquio "Diálogos entre a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645, a participação da cultura africana e indígena na formação de nossa identidade nacional", Palestra "Oxossi e Ossaim: Em terra de caboclos", Tributo a Dorival Caymmi: Seus mitos, cantos, lendas e crenças - Projeto Sarau na Biblioteca Uma tarde Lítero Musical, Inauguração da Biblioteca do Museu Capixaba do Negro - Mucane Verônica Da Paz, Seminário "Desafios e perspectivas para a juventude negra na contemporaneidade - UNEGRO/ES" (22-24/06/2015); 9ª a 14ª Semana de Museus (IBRAM), com comemoração do 18º aniversário do MUCANE, exposição da artista plástica negra Marli Diniz (13/05/2011, sede provisória); exposição, Oficinas de música, dança e capoeira, espetáculo teatral "Conexões" - Companhia Enki de Dança (15/04-30/05/2012 - programação "oficial"), comemoração do 19º aniversário do MUCANE (14/05/2012 - sede provisória); espetáculo teatral "Chico Prego" - Cia. de Teatro Makuamba (16-17/05/2013); exibição de filme, exposição, Audiência Pública "Discriminação Racial e Ações afirmativas no Mercado de Trabalho", espetáculo teatral "O defeito de Família" (13-18/05/2014); mesa-redonda sobre a curadoria da exposição "Rastros", ensaio aberto do projeto Construtivismo Musical, apresentação dos alunos e dança afro do mucane, lançamento do livro "Jongo do cativo aos dias atuais" - José Geraldo Oliveira, palestra "A fotografia compartilhando dois continentes" - Ricardo Tel.es e Ricardo Rangel, encontro dos artistas da exposição "Rastros" com professores de arte e história da rede pública de ensino, Colóquio "A arte de curar" e a "A arte de cuidar" nas religiões de matriz africana (19-24/05/2015); exposição de fotográfica e Colóquio "A introdução do negro na sociedade de classe, o mito da democracia racial, e o movimento negro na contemporaneidade" - UNEGRO/ES em parceria com o MUCANE (18-22/05/2016) etc.

Ações de Preservação:

Revista Mucane, Pesquisas, Oficinas e Cursos oferecidos pelo museu.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Iniciativas de memória e museologia social. **Informativo Pontos de Memória**, IV edição, 11 fev. 2014. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/02/InformativoPontos_11_02_2014.pdf. Acesso em: 2 fev. 2017.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.127. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.136-137. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.137. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.60. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.79-80. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-148. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.160. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.159. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.172. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.183-184. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.141. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUCANE – Museu Capixaba do Negro. Disponível em: <http://museucapixabadonegro.blogspot.com.br/>. Acesso em: 5 set. 2016.

MUCANE – Museu Capixaba do Negro: 16 anos de resistência. 2009. Disponível em: <https://plus.google.com/photos/102267419806896281022/albums/5380348195138454209?banner=pwa>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU Capixaba do Negro será reaberto com shows e exposição no dia 5 de julho. **Capixabão**, 30 jun. 2012. Disponível em: <http://www.capixabao.com/noticia/11887/cultura/museu-capixaba-do-negro-sera-reaberto-com-shows-e-exposicao-no-dia-5-de-julho/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Capixaba do Negro. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6757/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PARQUE MOSCOSO. **MUCANE**. Disponível em: <https://parquemoscoso.wordpress.com/mucane/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA DE VITÓRIA. **Museu Capixaba do Negro recebe 1º Encontro de Histórias Afro-Brasileiras**. 10 ago. 2015. <http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/museu-capixaba-do-negro-recebe-1o-encontro-de-historias-afro-brasileiras-18613>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TV CAPIXABA - Afiliada BAND. Espaço Sustentável 27/01/2012: Museu Capixaba do Negro. **Youtube**, 30 jan. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kBo6PKOLrQ8>. Acesso em: 2 fev. 2017.

_____. Espaço Sustentável 15/02/2013: Museu Capixaba do Negro. **Youtube**, 15 fev. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uk6bvu_Tr1s. Acesso em: 2 fev. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <http://nagrandevitoria.com.br/vitoria-atracoes-e-eventos/pontos-turisticos/museu-capixaba-do-negro-mucane.html#>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
16

Denominação: Museu Didático-Comunitário de Itapuã

Data de Criação: 1992-1993

Endereço: Rua Professor Souza Brito, Estrada do Farol, Itapuã, Salvador/BA.

Tel.:

Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Núcleo Básico formado por professores do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, alunos e ex-alunos, funcionários, moradores locais, estagiários e professores do Curso de Museologia da UFBA.

Parceiros(as)/apoio: Professores e estagiários dos Cursos de Museologia e História da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Instituto Anísio Teixeira, entre outros.

Recursos: Comerciantes locais

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento: _____

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Didático-Comunitário de Itapuã ocupa uma das salas do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior.

E-mail institucional:

Websíte ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

Itapuã é um bairro do município de Salvador (BA), localizado a cerca de 25 quilômetros do centro da cidade. O nome *Itapuã* **origina-se da** língua tupi e significava "pedra que ronca". É um bairro banhado pelo mar, com uma orla repleta de coqueiros, que por volta da década de 1950 foi uma colônia de pescadores que sobrevivia da pesca da baleia. Por conta de suas diversas belezas naturais (Parque Metropolitano do Abaeté - situado dentro de uma área de proteção ambiental, Lagoa do Abaeté ou "lagoa tenebrosa" etc.), manifestações religiosas (como a Lavagem de Itapuã) e culturais, diversos moradores na atualidade sobrevivem do turismo. No entanto, é um bairro caracterizado como de "baixa renda" e suas festas são acompanhadas de cenas de violência e venda de drogas ilícitas (PROJETO [...], 2017).

O Museu Didático-Comunitário de Itapuã foi implantado no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior por meio de uma atuação integrada entre o curso de Museologia da UFBA e o Instituto Anísio Teixeira (Secretaria de Educação) e teve como origem o projeto de doutorado (pesquisa-ação) da museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos. Tratou-se de uma ação conjunta (pesquisa, preservação e comunicação) envolvendo estudantes do 1º Grau e do Curso de Magistério do Colégio, professores, funcionários e membros da comunidade.

De acordo com Santos (1996), tratou-se de um processo museológico aplicado à educação que "antecedeu à existência objetiva do museu" e "teve na pesquisa o suporte essencial para o seu desenvolvimento" (*idem*, p.307). A musealização ocorreu a partir do processo de construção do conhecimento em sala de aula e da prática social na escola e no bairro, abordando o patrimônio cultural local (o bairro e o colégio) de forma integrada às dimensões do cotidiano e em suas dimensões de tempo e espaço, qualificando-a por meio das ações de pesquisa, preservação e comunicação.

De acordo com Santos (1996), a proposta do Museu procurou:

- Desenvolver uma ação museológica baseada na participação (gestão e organização);
- Envolver professores, alunos (de 1º e 2º graus) e membros da comunidade local em uma ação museológica "de caráter social" (SANTOS, 2008, p.15)
- Abordar o bairro como forma, lugar de ação de forças sociais e imagem (SANTOS, 2008, p.16);
- Analisar o bairro dentro de uma perspectiva histórica;
- Contribuir com a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, qualificando a cultura através da pesquisa, da preservação e da comunicação, "compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimento e construindo uma nova prática social" (1996, p.312);
- Construir "atitudes preservacionistas" (*idem*, p.310) em relação ao bairro, à cidade e ao mundo;
- Preservar a memória do bairro e utilizá-la como referencial para a realização de outras ações;
- "Abrir novos campos de atuação para a Museologia e para a Educação" (SANTOS, 2008, p.17).

O desenvolvimento do Museu, no entanto, passou por algumas dificuldades, como a falta de recursos materiais, a infraestrutura (espaço físico) inicial inadequada, a desmotivação dos professores, a insatisfação da comunidade escolar com as ações da direção, os "obstáculos para se realizar uma Museologia participativa" (1996, p.338), entre outros. O próprio museu "foi vítima da ação autoritária da direção" da escola, sofrendo modificações em seu espaço sem a discussão com os componentes dos setores que o compunham (2000, p.5).

O Núcleo Básico do Museu, composto por professores, alunos e ex-alunos, funcionários, moradores locais, estagiários e professores do Curso de Museologia da UFBA, era formado por: Setor de Documentação, Setor de Comunidade, Setor do 1º Grau, Setor do 2º Grau, Setor de Exposição e Programação Visual (*idem*, p.40-47)...

Referências Patrimoniais:

Santos (1996, p.130-140) identifica o acervo do Museu como acervo institucional e acervo operacional. O Acervo Institucional diz respeito à toda a produção cultural referente ao universo do cotidiano e do trabalho (ex.: Feira de Itapuã). É formado gradualmente, considerando os contextos sociais e históricos documentados pelas peças, levantando outras referências desses contextos. O Acervo Operacional diz respeito aos materiais arquivísticos e iconográficos: fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas (vídeos, relatórios etc.), a documentação urbana disponível, paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos em sua carga documental e em sua capacidade de alimentar as representações urbanas (SANTOS, 2008, p.16);

Acervo da Colônia Z-6 – classificado por temas e subtemas: fotografias, história da Colônia, entrevistas, sócios, eventos, projetos / marcos referenciais no mar e pesqueiros etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição "A escola na feira" – realizada por alunos, professores e integrantes do museu, que contou com uma dramatização feita pelos alunos, um samba de roda espontâneo e apresentação de uma banda de axé de jovens da comunidade (1994, Praça Dorival Caymmi); Exposição "Um dia fomos criados, hoje vamos criar" – realizada pelos alunos, equipes e integrantes dos setores do museu a partir da atividade "Releitura da Exposição Labirinto da Moda", e contou com apresentação de um teatro de fantoches realizados pelos estudantes, que posteriormente foram doados a uma creche do bairro (1994); Exposição "Um dia fomos criados, hoje vamos criar" (1996 e 1997); Exposição sobre as diversas etapas do trabalho do pescador – elaborada pela equipe do museu e pelos pescadores (01/1997, em frente à sede da Colônia Z-6), Exposição sobre a Oficina de Papel reciclado (1997); Exposição sobre o trabalho realizado no Setor de Conservação do MDCI (1997); Exposição para divulgação dos resultados alcançados no "Preservar a Escola, Preservar a Vida" (1997); Exposição Interativa "Museu Didático-Comunitário de Itapuã: A História de Itapuã está aqui" (08/11/2016), entre outras;

Implantação da disciplina "Museologia" (relacionada ao patrimônio cultural, aos museus e à preservação) no Colégio, que posteriormente foi substituída por outra denominada "Patrimônio Cultural e Educação";

Entrevistas, conferências, seminários, mesas-redondas ou outras atividades com profissionais de diferentes áreas (filosofia, sociologia, pedagogia, museologia, medicina etc.) e instituições;

Cursos de Conservação de Papel e Fotografia à equipe do Museu e à secretária da Colônia de Pesca Z-6 (ministrado pela museóloga Gilka Santana);

Atividades educativas: "A Escola na Feira" – atividade desenvolvida na disciplina de Educação Artística (Profª Rita Pimentel.), com a 5ª série do ensino fundamental, que teve como tema "cores e monocromia" e estudou diversos aspectos da Feira de Itapuã (1994); "Releitura da Exposição Labirinto da Moda" – releitura da exposição circulante organizada pelo Sesc-SP no Museu de Arte da Bahia, sobre moda infantil realizada pelo Setor de 2º Grau / alunos do curso de Magistério (09-11/1996); "A Colônia de Pesca de Itapuã" – ação museológica junto aos membros da Colônia de Pesca Z-6 de Itapuã, abordando seu fazer cultural, considerado patrimônio cultural, da qual participaram alunos do curso de museologia da UFBA, pescadores e componentes do Núcleo Básico do Museu (1996); dramatizações, confecção de objetos com sucatas, apresentações de dança e coral, limpeza e plantio de canteiros, elaboração de textos, redação, poesias, composições de música, maquetes, cartazes, material didático etc.

Ações de Preservação:

- Ações de pesquisas em documentos referentes à História do colégio e ao bairro existentes no Colégio, pesquisas sobre a cultura local;
- Registro do acervo;
- Entrevistas com feirantes da Feira de Itapuã, comerciantes e moradores do bairro, pescadores da Colônia Z-6 (assim como transcrição, coleta, diagnóstico de acervo e aplicação de procedimentos de conservação);
- Produção de desenhos, história em quadrinhos, dramatização sobre a Feira de Itapuã; Jornal do Colégio (editado com patrocínio dos comerciantes locais) etc.;
- Material produzido nas atividades realizadas pelo museu: fotos, vídeos, textos, entrevistas etc.;
- Criação e Organização de um Banco de Dados Digital do Museu e Criação de um Banco de Dados para a Colônia Z-6;
- Projeto "Preservar a Escola, Preservar a Vida" (1997), entre outros;
- Obs.: Várias ações do Projeto de Preservação foram realizadas como atividade da disciplina "Patrimônio Cultural e Educação" (SANTOS, 2000, p.6).

Referências Bibliográficas:

FERNANDES, Bianca. Lomanto Junior sedia exposição interativa que retrata a história de Itapuã; dia 8. **Itapuã City**, 7 nov. 2016. Disponível em: <http://itapuacity.com.br/lomanto-junior-sedia-exposicao-interativa-que-retrata-a-historia-de-itapuã-dia-8/>. Acesso em: 13 fev. 2017.

PROJETO VERTENTES. **Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia**. [2017]. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/bairro-itapuã>. Acesso em: 13 fev. 2017.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008, p.14-19, p.39-56.

_____. **Museu e Comunidade: uma relação necessária.** 2000. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/13.pdf>. Acesso em: . Acesso em: 6 jun. 2014.

_____. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: ULHT, v.7, n.7, 1996. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24>. Acesso em: 25 jun. 2016.

Referência da Imagem: Aspectos do colégio após o projeto de preservação. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/13.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2014.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 338 746 622" rowspan="2"> Ficha: 17 </td> <td data-bbox="751 338 1385 398"> Denominação: Memorial Lajuomim </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 398 1385 622"> Data de Criação: 1994 Endereço: Rua Thomaz Gonzaga, 298, Alto do Achundé, (antiga Estrada do Curralinho), Boca do Rio, CEP 41710-750, Salvador/BA. Tel.: (71) 3341-9055 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 17	Denominação: Memorial Lajuomim	Data de Criação: 1994 Endereço: Rua Thomaz Gonzaga, 298, Alto do Achundé, (antiga Estrada do Curralinho), Boca do Rio, CEP 41710-750, Salvador/BA. Tel.: (71) 3341-9055 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 17	Denominação: Memorial Lajuomim			
	Data de Criação: 1994 Endereço: Rua Thomaz Gonzaga, 298, Alto do Achundé, (antiga Estrada do Curralinho), Boca do Rio, CEP 41710-750, Salvador/BA. Tel.: (71) 3341-9055 Situação atual: em funcionamento.			

Entidade(s) Gestora(s): Terreiro Pilão de Prata

Parceiros(as)/apoio: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) e Fundação Pedro Calmon (FPC) - unidades da Secretaria de Cultura do Estado (Secult/BA), entre outros.

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Memorial foi instalado nas dependências do Terreiro Pilão de Prata.

E-mail institucional: pilaodeprata@hotmail.com Webside ou blog: http://www.pilaodeprata.com.br/museu.html Rede social:	Logotipo
---	--

Categorias Propostas: Museu [Afro-comunitário], [Museu Comunitário]

Histórico:

O Terreiro Pilão de Prata (Ilê Odô Ogê) foi fundado em janeiro de 1961 por Pai Air José Souza de Jesus, em terreno situado no Alto do Caxundé, no bairro da Boca do Rio, município de Salvador (BA). O terreiro, consagrado ao orixá Oxaguiã, herda a missão de cultivar o orixá Xangô e também Oxum (berço sagrado de Pai Air desde sua participação no Ilê Lajuomim, terreiro que origina o Ilê Odô Ogê).

O Memorial Lajuomim recebeu esse nome em homenagem a Caetana Américo Sowzer (Iyá Caetana), conhecida também como Lajuomim (Mãe dos Olhos D'água), filha de Oxum e herdeira espiritual (bisneta) do sacerdote de Xangô e babalão nigeriano Bámbósé Obítikó, responsável por estabelecer as bases litúrgicas para a organização do culto a Orixá e no Brasil. Iyá Caetana, tia e mãe de criação de Pai Air, faz sua passagem em 1993. Um ano depois o Memorial em sua homenagem é inaugurado, com os objetivos principais de:

Além do Memorial Lajuomim, o Terreiro Pilão de Prata também abriga a Sociedade de Preservação do Àse Bámbósé - SPAB (Egbé Ipamo Àse Bámbósé Obítikó), a Biblioteca Lajuomim e o Memorial Oba Deyí. A SPAB foi fundada de 1996 com o objetivo de zelar pela memória e pelo legado do babalão Bámbósé Obítikó. Para isso, preserva objetos históricos, promove eventos e encoraja estudos que fortalecem os laços ancestrais e a compreensão das origens africanas. A Biblioteca Lajuomim, inaugurada em 2000, conta com publicações sobre os cultos e tradições afrobrasileiras e esculturas com temáticas africanas. O Memorial Oba Deyí foi criado em 2013 na antessala da Casa de Xangô, em homenagem à Iyalaxé Haidee Paim Bámbósé (Mãe Dedê de Xangô), que fez sua passagem em 2011.

O Terreiro Pilão de Prata recebeu diversas homenagens e honrarias, e em 2004 foi tombado pelo Governo do Estado da Bahia, através do Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), em reconhecimento ao valor histórico do terreiro na manutenção das tradições culturais e religiosas afrobrasileiras.

- Homenagear a Iyalorixá Caetana Américo Sowzer, a Iyá Caetana “Lajuomim”;
- Preservar a memória ancestral da Família Bámbósé;
- Contribuir com o combate ao preconceito às religiões de matriz africana.

O Memorial Lajuomim compõe a Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé. A dificuldade em manter o Memorial (e a biblioteca) foi exposta por Valmir Francisco de Sousa, filho do Terreiro, no primeiro encontro da Rede, realizado em maio de 2013, quando este aponta a falta de parcerias.

Referências Patrimoniais:

O acervo reúne objetos pessoais, roupas históricas, esculturas e instrumentos musicais que pertenceram à Iyalorixá Iyá Caetana.

Atividades desenvolvidas:			
Exposições:			
Organização de Eventos: Oficina de Orientação para Elaboração de Projetos voltados aos editais do Fundo de Cultura da Bahia - III Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (22-23/07/2013), entre outros.			
Participação em Eventos: I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (29/05/2013, Memorial Kisimbê); II Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (15/07/2013, Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão), entre outros.			
Ações de Preservação:			
Referências Bibliográficas:			
DIRETORIA DE MUSEUS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. Memoriais e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede. Publicado em 30 mai. 2013. Disponível em: https://dimusbahia.wordpress.com/2013/05/30/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede/ . Acesso em: 10 jun. 2014.			
_____. Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé promove encontro e oficina no mês de julho. Publicado em 9 jul. 2013. Disponível em: https://dimusbahia.wordpress.com/2013/07/09/rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble-promove-encontro-e-oficina-no-mes-de-julho/ . Acesso em: 10 jun. 2014.			
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Memorial Lajoumim - Terreiro Pilão de Prata. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/6816/ . Acesso em: 16 mar. 2017.			
MUSEUS	DA	BAHIA.	Disponível em:
		Facebook:	Fanpage.
		https://www.facebook.com/museusdabahia/photos/a.273868135976396.79808.272004192829457/647217808641425/?type=3&theater .	
		Acesso em: 16 mar. 2017.	
TERREIRO PILÃO DE PRATA. Memorial Lajuomim. Disponível em: http://www.pilaodeprata.com.br/museu.html . Acesso em: 5 jun. 2014.			
SALVADOR	DESTINATION.	Terreiros de Candomblé.	Disponível em:
		http://www.salvadordestination.com.br/pagina/30/Terreiros.aspx . Acesso em: 16 mar. 2017.	
Referência da Imagem: Detalhe da fachada do Terreiro. Disponível em: http://www.salvadordestination.com.br/pagina/30/Terreiros.aspx . Acesso em: 16 mar. 2017.			
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 18	Denominação: Ecomuseu da Picada
	Data de Criação: 1995 Endereço: Rodovia BR 392 - km 35, s/n, Estrada do Arraial, Arraial, Distrito Povo Novo, CEP 96240-000, Rio Grande/RS Tel.: (53) 3503-2417 / 3233-5878 / 8121-7759 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), entre outros.

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$ 2,00

Obs.: R\$ 1,00 para escolas e universidades, gratuito para crianças carentes, doentes e idosos

Funcionamento: 3ª feira a domingo, das 8 às 20 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está instalado em uma propriedade rural do município de Rio Grande.

E-mail institucional: ecomuseudapicada@riogrande-rs.com.br, dhmseco@hotmail.com

Website ou blog: <http://ecomuseudapicada2.blogspot.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseudapicada/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

Rio Grande é um município brasileiro localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. Fundada em 1737 pelo Brigadeiro José da Silva Paes, a vila de Rio Grande já havia sido território ocupado por índios minuanos, palco de disputa entre espanhóis e portugueses pelo território e chegou a ser a capital administrativa do Rio Grande do Sul no século XVIII, quando recebeu os primeiros migrantes açorianos. A cidade é criada oficialmente em 1835. A base de seu desenvolvimento é a indústria, e atualmente é uma das cidades mais ricas do estado. A cidade também recebeu africanos, italianos, alemães, poloneses, árabes libaneses e ainda árabes palestinos, ingleses, espanhóis e japoneses (TORRES, 2008).

Em 1995 o professor e etnógrafo Rui de Souza Martins (Universidade dos Açores) visita a então residência da antiga Fazenda Picada e sugere a criação de um espaço resgate da cultura açoriana no local. A herdeira da propriedade rural, a rio-grandina Dulce Helena Mendonça dos Santos (que possui ascendentes de origem na Ilha do Faial, Arquipélago dos Açores), resolve então transformá-lo em um ecomuseu interativo, que é criado ainda em 1995.

A propriedade conta com figueiras centenárias, um casarão do século XIX e grande parte de sua flora preservada. “Pelos suas qualidades ambientais, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) reconhece o Ecomuseu como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Entre seus objetivos principais encontram-se:

- Comunicar e expor, especialmente para fins de estudo, conservação, educação, turismo e cultura, os testemunhos representativos do homem na sua história local, sua cultura e a natureza circundante;
- Contribuir com a construção de um olhar que valorize a biodiversidade, a preservação da natureza e a criação de uma consciência ecológica sustentável;
- Preservar o casarão enquanto patrimônio cultural da sociedade.

Em 2014 o casarão passou por problemas em sua estrutura, o que obrigou dona Dulce a buscar recursos para o custeio de sua reforma. O projeto posterior era transformá-lo em Fundação.

Referências Patrimoniais:

Habitação do século XIX com móveis, objetos e vestuários da época, bens culturais que representam hábitos e costumes do meio rural, flora e da fauna do ecossistema lagunar etc. O Ecomuseu possui ainda um rico acervo bibliográfico sobre as tradições gaúchas e do folclore lusitano.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Permanentes e Temporárias Itinerantes (em feiras, escolas, mostras e espaços culturais). Exemplo: Exposições itinerantes sobre as fundadoras do Ecomuseu da Picada (09/2011), Exposição fotográfica sobre os 20 anos de atividades do Ecomuseu da Picada (16-22/05/2016), entre outras;

Seminários, reuniões, oficinas sobre preservação do meio ambiente, **passeios a cavalo, caminhadas em trilhas** de matas nativa (Trilha da Reflexão, Trilha do Cachim, Recanto do Amor), **brincadeiras** em figueiras bicentenárias,

projetos educacionais e culturais, oficinas de sensibilização sobre o meio ambiente etc.

Participação em Eventos: 5ª, 6ª, 8ª e 9ª **Primavera de Museus** (IBRAM), com a **Mesa redonda** reunindo pessoas do MTG 1ªRT com o objetivo de despertá-los para a questão museológica no cotidiano dos Centros de tradições Gaúchas, durante a Semana Farroupilha (Parque da Harmonia, Porto Alegre/RS), Trilhas guiadas com professores doutores da FURG e da UFPEL na sede do Ecomuseu, Exposições itinerantes sobre as fundadoras do Ecomuseu da Picada, Visitas guiadas pelas trilhas, oficinas de agricultura de flores, história da região (17-25/09/2011, escolas da Vila da Quinta, no Povo Novo, Quarta Secção da Barra e no salão paroquial); visitas guiadas pelas trilhas do Ecomuseu e região analisando as marcas deixadas pelos povoadores açorianos (24-30/09/2012); Ação Educativa "O que o Ecomuseu da Picada tem oferecido na educação municipal e estadual e na Fundação Universidade do Rio Grande - FURG?" (23-28/09/2014); Recepção dos visitantes, palestra, passeio pelas trilhas, elaboração de pintura, oficinas de arte e agricultura natural, práticas campeiras, ikebana, trilhas na mata native (22/08-27/09/2015); 9ª a 14ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com visita guiada "Trilhas da Memória", Seminário de Pesquisas desenvolvidas no espaço do Ecomuseu (Educação Ambiental, Meio Ambiente, Biologia, História, Ornitologia, Arquitetura e Educação Física) FURG, UCPEL e UFPEL (16-22/05/2011, no Ecomuseu e no Campus da FURG); Ação Educativa em escolas rurais do município sobre a imigração luso-açoriana, visitas guiadas, "Fórum da Cultura Açoriana no Litoral" (14-20/05/2012, no Ecomuseu e no Núcleo de Memória do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI, Campus da FURG - projeto "MMEBI mostra seu acervo"); Ação Educativa sobre o ecossistema que envolve o Ecomuseu, plantio de flores, frutas e legumes no sistema agroecológico, oficinas de confecção de alimentos, Passeio a cavalo pela Trilha dos açorianos etc. (13/05-19/05/2013); Oficina de Ikebana – arte japonesa de arranjos florais, Curso de Agricultura Natural – horta em casa, visita guiada nas trilhas do Ecomuseu – monitores da FURG, Encontro da família Mendonça, III Colóquio de Pesquisa e Ensino Intercursos, Palestra sobre os 81 anos da criação do Museu de Ciências do Colégio Americano, atual Núcleo de Ciências do Museu Metodista (12-18/05/2014, na sede do Ecomuseu e no Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço); Palestra sobre a sede do Ecomuseu, entre outras, apresentações folclóricas da região, coquetel, oficinas envolvendo atividades no meio ambiente – horta caseira, ikebana, lides campeiras, gastronomia portuguesa e campeira, trilhas, oficina de montaria de cavalo (18-24/05/2015), sarau poético com degustação de petiscos naturais, exposição, oficinas de agricultura natural e de flores - direcionada para as escolas do município, atividades de interação e valorização do meio ambiente (16-22/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Pesquisa e Documentação do acervo museológico sobre a história e a arquitetura da região, o mobiliário, estudos étnicos sobre a formação do homem rio-grandense, catalogação de espécies da flora e fauna da região etc.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseu e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

BIBLIOTECARIO RIOGRANDENSE. **Eco-Museu da Picada.** Disponível em: http://www.bibliotecariograndense.com.br/guia/museus/nova_pagina_3.htm. Acesso em: 11 mar. 2017.

ECOMUSEU DA PICADA. **Facebook: Fanpage.** Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudapicada/?fref=ts>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ECOMUSEU da Picada em Rio Grande/RS. **Youtube.** 2 jun. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EPyj50oT_zM. Acesso em: 11 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.282-283. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.352. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.159. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.163. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 343. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.353. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.400. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 6 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.417. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.434-435. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.340. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Picada. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7802/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Atrativos Turísticos** – Eco-Museu da Picada. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+18389,,eco-museu-da-picada.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TORALES, Gabriela. **Cultura açoriana é preservada em Rio Grande. Bom dia Comunidade**, 24 abr. 2006. Disponível em: <http://www.bomdiacomunidade.com.br/index.php?p=lernoticia&area=3&pagina=18&codigo=7724>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia Básica da História da Cidade do Rio Grande (1737-1947). **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**. Rio Grande, RS: ICHI-FURG, v. 22, n.2, 2008. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/957/424>. Acesso em: 10 mar. 2017.

YELP. **Eco Museu da Picada**. Disponível em: <https://www.yelp.com.br/biz/eco-museu-da-picada-rio-grande#zO6TCR8cvhwXNUHYU4O76w>. Acesso em: 3 mar. 2017.

Referência da Imagem: Casarão do Ecomuseu. Disponível em: http://www.bibliotecariograndense.com.br/guia/museus/nova_pagina_3.htm. Acesso em: 11 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 19	Denominação: Ecomuseu de Santa Cruz
	Data de Criação: 1995 Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 455 - 2º andar, Sala 209 - Cidade Nova, CEP 20211-110, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 2976-2548 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura do Município do Rio de Janeiro - Secretaria Municipal de Educação	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 10 às 18 horas.	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: ecomuseucsc_smc@rio.rj.gov.br Website ou blog: www.ecomuseusantacruz.com.br/ , http://www.rio.rj.gov.br/web/cultura Rede social: http://facebook.com/ecomuseusc	Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu
Histórico: <p>O bairro de Santa Cruz está localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), a 65 km do centro da cidade, sendo o terceiro maior bairro da Cidade em espaço territorial. Integra Baixada de Sepetiba e a XIX Região Administrativa, que possui uma população de cerca de 280.000 habitantes. Antes de ser ocupada pelos colonizadores portugueses, a região foi ocupada por populações indígenas que remontam ao século XVI. Neste século houve grande disputa pelo território (com os povos originários) e posteriormente o Capitão-Mór Cristóvão Monteiro construiu um engenho e uma capela. Após seu falecimento metade de suas terras foram doadas à Companhia de Jesus, e nos anos seguintes os jesuítas anexaram novas glebas à área inicial, denominando-a Santa Cruz. A sede da Fazenda de Santa Cruz foi construída possivelmente no início do século XVIII, e além da sede contava com uma Igreja (Capela de Santa Bárbara) e um Convento no bloco principal e outros pequenos prédios. Já foi considerada a maior do Brasil (com 36 celas). Possuía milhares de escravos, um grande rebanho bovino e uma agricultura avançada para a época. Com a expulsão dos jesuítas em meados do século a Fazenda passa a ser administrada pela Coroa Portuguesa, entrando em uma fase de declínio e abandono. Com a chegada ao Brasil da Família Real Portuguesa em 1808 D. João VI escolhe Santa Cruz como local de descanso. O antigo convento jesuítico passa por reformas e torna-se o Palácio Real de Santa Cruz (Fazenda Imperial de Santa Cruz).</p> <p>O Matadouro de Santa Cruz foi construído nas décadas finais do século XIX devido à falta de espaço na região central da cidade (que crescia incessantemente) e obsolescência do primeiro matadouro. O Matadouro, que foi colocado em funcionamento em 1881 no Campo de São José, contribuiu para o desenvolvimento do comércio local, a melhoria da infraestrutura (Santa Cruz foi o primeiro bairro do subúrbio a possuir iluminação elétrica) e para o surgimento de novas residências, indústrias e casas de negócios. Foram construídas duas Vilas Operárias para receber os operários industriais oriundos de outras localidades. Após a decadência do Matadouro (em 1995 a comunidade decidiu que o espaço seria destinado a um uso cultural ou educacional, e em 1998 é criado o Centro de Educação Integral / CEI Santa Cruz – atual Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante - CETEP –, vinculado à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia) e com a criação do Distrito Industrial de Santa Cruz na década de 1960 a vocação agrícola do bairro (a região, dedicada à agricultura, foi conhecida como sertão carioca e integrou por muito tempo o “cinturão verde” da cidade do Rio de Janeiro) foi aos poucos sendo substituída. Após esse período proliferaram a construção de conjuntos habitacionais provisórios para as comunidades removidas das favelas do Rio de Janeiro. A explosão demográfica, que não foi acompanhada pela implementação de uma infra-estrutura para a recepção dos novos moradores, contribuiu por um lado para um crescimento desordenado, empobrecimento e descaracterização do bairro, e por outro levou mais diversidade à cultura local. Aumentaram também as demandas sociais por políticas públicas que levassem melhoria de qualidade de vida à população.</p> <p>O Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz, também conhecido como Ecomuseu de Santa Cruz, foi criado em 1995 e integra a estrutura da Secretaria Municipal de Cultura (Prefeitura da Cidade do Rio de</p>

Janeiro). Sua criação está associada às ações da gestão municipal, que em 1992 organizou no local o I Encontro Internacional de Ecomuseus, evento que reuniu profissionais do campo da Museologia e representantes de bairros da zona oeste carioca. Como Santa Cruz já desenvolvia ações relacionadas à preservação do patrimônio local (principalmente o Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz, que atualmente é responsável pelo NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz), contando para isso com a participação dos moradores.

O Ecomuseu de Santa Cruz entende-se como um museu de território, e estende-se por todo o bairro, estruturando-se a partir de sete núcleos. Sua sede administrativa ocupou por muitos anos quatro salas do andar superior do Centro Cultural Municipal de Santa Cruz Dr. Antônio Nicolau Jorge. Em 2010 a gestão do centro cultural foi transferida para a Secretaria Municipal de Educação, e a sede administrativa do Ecomuseu de Santa Cruz foi transferida para as dependências da Secretaria Municipal de Cultura. Enquanto a equipe associada NOPH permaneceu no Centro Cultural e passou a se autodenominar “NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz”, a equipe vinculada à administração municipal manteve a denominação Ecomuseu de Santa Cruz. O Ecomuseu de Santa Cruz entende-se como um museu de território, e estende-se por todo o bairro, estruturando-se a partir de sete núcleos que são alguns pontos de referência no território musealizado (Núcleo Quarteirão Cultural do Matadouro, Núcleo Residência da Fazenda de Santa Cruz, Núcleo Agrícola, Núcleo Base Aérea, Núcleo Comunidades, Núcleo Comercial e Industrial), cuja visitação é livre. Sua sede administrativa ocupou por muitos anos quatro salas do andar superior do Centro Cultural Municipal de Santa Cruz Dr. Antônio Nicolau Jorge. Em 2010 a gestão do centro cultural foi transferida para a Secretaria Municipal de Educação, e a sede administrativa do Ecomuseu de Santa Cruz foi transferida para as dependências da Secretaria Municipal de Cultura. Enquanto a equipe associada NOPH permaneceu no Centro Cultural e passou a se autodenominar “NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz”, a equipe vinculada à administração municipal manteve a denominação Ecomuseu de Santa Cruz, e os dois “ecomuseus” passaram a atuar de forma distinta.

O Ecomuseu de Santa Cruz tem como objetivos:

- Preservar, valorizar, pesquisar e comunicar o patrimônio histórico, cultural e ambiental do bairro de Santa Cruz, considerando seu núcleo central, a população do entorno e adjacências;
- Fomentar o desenvolvimento cultural e humano dos moradores do território, com foco na sustentabilidade do bairro e de sua população;
- Fomentar a participação comunitária nos processos de musealização e a gestão compartilhada do patrimônio, com o intuito de promover o desenvolvimento sustentável dos grupos culturais envolvidos no processo.

Referências Patrimoniais:

Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da comunidade de Santa Cruz.

Patrimônios Tangíveis (presentes no Inventário Preliminar de Bens Musealizados): Centro Cultural Municipal de Santa Cruz Dr. Antônio Nicolau Jorge, Avenida Matadouro, FAETEC Santa Cruz, Ponte dos Jesuítas, Base Aérea de Santa Cruz, G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz, ONG Ser Cidadão, Fonte Wallace, Marco de Léguas nº11, Casa do Sal, Rio Guandú, 1º Batalhão Escola de Engenharia de Combate Villagrán Cabrita, Marco nº 7 da Fazenda de Santa Cruz.

Principais exemplos de bens intangíveis: lendas da Fazenda Imperial de Santa Cruz e do Matadouro Público de Santa Cruz, Sambas do G. R. E. S. Acadêmicos de Santa Cruz, Festa de São Jorge, entre outros.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Virtuais e Exposições Itinerantes, visitas agendadas, espetáculos de música/teatro; oficinas (Oficina Cultural “Rádio Quarteirão de Santa Cruz”) e seminários envolvendo o patrimônio, inventários participativos etc;

Percursos temáticos: Nos tempos do matadouro (Centro Cultural Municipal Dr. Antônio Nicolau Jorge, Av. Matadouro, Cetep, Ser Cidadão); Caminhos da Fazenda (Ponte dos jesuítas, Rio Guandú); Fazenda de Santa Cruz (Batalhão Villagrán Cabrita, Marco 7, Casa do Sal, Fonte Wallace, Marco XI); Santa Cruz Republicana (G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz, Base Aérea de Santa Cruz). Obs.: “A visitação no Ecomuseu de Santa Cruz é livre em todo o território musealizado”. É recomendada ao visitante a a impressão dos percursos temáticos, que fornecerão informações sobre o patrimônio e o ajudarão a se localizar (ECOMUSEU [...], 2017);

Participação em Eventos: 6ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com a apresentação do programa “De Santa Cruz das Terras da Piracema ao Ecomuseu” pelo Rádio Quarteirão de Santa Cruz, atividades lúdicas abordando temas relacionados à história de Santa Cruz (26-28/06/2012, Vila Olímpica Oscar Schmidt); Ação Educativa “Quem nunca foi ao museu não sabe o que perdeu” – atividade lúdica (24/09/2015, Lona Cultural Municipal Sandra de Sá); 11ª, 13ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposição multimídia, oficina de arte e educação patrimonial (13-17/05/2013, Nave do Conhecimento de Santa Cruz); 6º Encontro do Ensino e Pesquisa do PPG-PMUS / I Seminário Comemorativo 20 Anos do Ecomuseu de Santa Cruz (18-20/05/2015, Auditório do Memorial Municipal Getúlio Vargas); Rádio Quarteirão de Santa Cruz: Ação Educativa destinada ao público infantil que apresenta as referências históricas do bairro de Santa Cruz (18/05/2016, ONG Ser Cidadão), entre outros.

Ações de Preservação:

Programa de Pesquisa, Programa de Acervo, Publicações, Arquivo Institucional, Inventário Preliminar de Bens Musealizados, Inventários Participativos etc.

Referências Bibliográficas:

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/202327/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ECOMUSEU DE SANTA CRUZ. Disponível em: <http://www.ecomuseusantacruz.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Facebook**: *Fanpage*. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseusc/?fref=ts>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus**: A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.221. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.110. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.247. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.284. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.216. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO DE SANTA CRUZ. **Inventário Preliminar de Bens Musealizados - 2016:** Patrimônio Tangível. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição “Tendais de Memórias”, realizada no campus da Universidade Cândido Mendes - UCAM Santa Cruz (23/11/2016). <https://www.facebook.com/ecomuseusc/photos/a.612989905568006.1073741830.305122896354710/612990065567990/?type=3&theater>

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 591"> Ficha: 20 </td> <td data-bbox="751 315 1385 591"> Denominação: Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé Data de Criação: 1995 Endereço: Sítio Fernandes, s/n, s/c, Zona Rural, CEP: 62762-000, Aratuba/CE. Tel.: (85) 98605-4757 / 98956-5346 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 20	Denominação: Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé Data de Criação: 1995 Endereço: Sítio Fernandes, s/n, s/c, Zona Rural, CEP: 62762-000, Aratuba/CE. Tel.: (85) 98605-4757 / 98956-5346 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 20	Denominação: Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé Data de Criação: 1995 Endereço: Sítio Fernandes, s/n, s/c, Zona Rural, CEP: 62762-000, Aratuba/CE. Tel.: (85) 98605-4757 / 98956-5346 Situação atual: em funcionamento.		

Entidade(s) Gestora(s): Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA)

Parceiros(as)/apoio: Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, Associação Missão Tremembé (AMIT), Projeto Historiando, Grupo de Jovens Indígenas Kanindé (HUVIXA), Núcleo de Estudos e Pesquisa Indígena Kanindé (NEPIK), Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido (ADELCO) e outras ONG's, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza (CDPDH), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), antropólogos, historiadores e outros profissionais (Pierre Morél, entre outros)...

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Museu dos Kanindé – Formação, Fomento e Infra-Estrutura)

Cadastro: (☒) **IBRAM (CNM)** / **outro:** Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE), Rede Cearense de Museus Comunitários, Rede Indígena de Memória e Museologia Social do Brasil.

Ingresso: gratuito

Obs.: Contribuição Voluntária.

Funcionamento: 2ª feira a sábado, das 8 às 17 horas, domingo das 8 às 12 horas.

É necessário agendar a visita? (☐) sim (☒) não

Estrutura física do Museu: Inicialmente o Museu dos Kanindé ocupou algumas salas de casa cedida pelo Cacique Sotero, onde morava um de seus filhos. Posteriormente (2012), com recursos do Prêmio Pontos de Memória e em regime de mutirão, é construída uma nova sede e a partir de então o Museu adota a denominação “Ponto de Memória: Museu Indígena Kanindé”. Outras reformas e ampliações são realizadas posteriormente (2016 e 2017).

E-mail institucional: mkindio@gmail.com , museukaninde@gmail.com Website ou blog: http://mkindio.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museu.kaninde?fref=ts	Logotipo
--	--

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu de território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória

Histórico:

Kanindé foi uma liderança indígena do século XVII pertencente à etnia Tarairiú, que ocupou diversas áreas da então Capitania do Ceará. Era hábito desta etnia chamar o próprio povo pelo nome de sua liderança. Devido à seca, perseguições que sofreram dos não-índios, e invasão de suas terras, foram forçados a migrar para outras regiões e perderam diversos aspectos de sua cultura, como a língua tradicional, e outros foram “adormecidos” (em 1863 um decreto governamental decretou extintas as populações indígenas do Ceará, e estes foram proibidos de falar a língua tradicional e manifestar costumes, crenças e tradições publicamente).

Atualmente os Kanindé vivem em comunidades diferentes, mas ligadas por laços de parentesco e sociabilidade, localizadas nos municípios de Canindé - Serra da Gameleira e localidades de Negreiros, Nojosa e Alto Bonito, na região serrana do Maciço de Baturité, município de Aratuba – Sítio Fernandes (CE) e no litoral, município de Aquiraz (CE). Devido às diversas queimadas as caças foram prejudicadas, o que os obrigou a viver do roçado (roça coletiva) que plantam: milho, feijão, fava, arroz, hortaliças etc., e ainda da criação de pequenos animais e da venda de artesanatos (GOMES; VIEIRA, 2009, p.93; PRÊMIO [...], 2008, p.56, 62). Os Fernandes, como são conhecidos os Kanindé de Aratuba, “são cerca de 125 famílias, mas nem todas se assumem indígenas” (GOMES; VIEIRA, 2009, p.93). De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.95-102), antes do processo de etnogênese a comunidade estava mobilizada junto ao movimento de trabalhadores rurais de Aratuba, com os quais houve grandes querelas na divisão da terra pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

A participação em uma reunião indígena no município de Maracanaú (CE) em 1995 despertou em José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, a lembrança das próprias histórias familiares, contadas pelos seus pais e avós, sobre a ancestralidade indígena. Após essa experiência o Cacique Sotero iniciou dois processos intrinsecamente conectados entre seu povo, a constituição de um acervo documental e arquivístico e a mobilização pelo reconhecimento étnico e delimitação territorial. Com a convicção de que “museus são histórias”, o Cacique começou a coletar junto à população da Aldeia Fernandes e a guardar as primeiras “pecinhas” do museu dos Kanindé, referenciando sua própria cultura: machados, foices, caças (animais taxidermizados), artesanatos etc. Dez anos depois, em 2005, os

Kanindé foram reconhecidos pela FUNAI (SOTERO *in* GOMES; VIEIRA, 2009, p.91-92; GOMES, 2012, p.98).

O Museu Indígena foi a primeira organização educacional indígena da comunidade. Surgiu antes mesmo da Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA), entidade representativa dos Kanindé, criada em 1998 (e a partir de então Conselho Indígena Kanindé de Aratuba – CIKA), e da Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos, criada em 1999 (GOMES, 2012, p.18-243), e com quem desenvolve projetos de interação pedagógica na área de educação museal para os alunos e indígenas Kanindé. O Museu Indígena Kanindé tem como seus principais objetivos:

- Contribuir com a (re)construção, afirmação e o fortalecimento da identidade étnica dos Kanindé;
- Contribuir com a organização comunitária por meio de ações e atividades de socialização de memórias e práticas culturais;
- Apresentar a memória, o modo de vida e a cultura dos Kanindé;
- “Contar a história do índio na sociedade” (SOTERO *in* GOMES, 2012, p.99);
- Contribuir com (e fortalecer) a militância do movimento indígena – estratégia política – pela demarcação de territórios indígenas, pela educação indígena diferenciada e pela manutenção das culturas indígenas;
- Garantir a autonomia e a formação dos indígenas em gestão museológica, por meio da demanda por políticas públicas para o setor.

Gomes e Vieira (2009, p.90-111), que em 2009 coordenaram o Projeto Emergência Étnica (Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará), apresentaram algumas propostas de aperfeiçoamento do Museu, elaboradas conjuntamente com representantes dos Kanindé, como a reestruturação do museu (reforma do imóvel, reelaboração das formas de exposição e acondicionamento dos objetos), organizado do núcleo educativo (em parceria com os professores indígenas da Escola Diferenciada), incorporação de novas peças para o acervo, organização da documentação museológica (livro de tomo, marcação, catalogação e inventário do acervo etc.), organização de um núcleo gestor para o museu, elaboração coletiva do plano museológico, entre outras. Em 2011, Gomes realizou sua “pesquisa-ação” de Mestrado em Antropologia no Museu Indígena Kanindé, o que possibilitou o fortalecimento do processo de musealização (inventário e elaboração da documentação museológica) efetuado pelos Kanindé. O Grupo de Trabalho criado nesta ocasião hoje atua como Núcleo Educativo, sob coordenação do Professor Suzenilson Kanindé, filho do Cacique Sotero (GOMES, 2012, p.7-18).

De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.96), “o Museu constitui-se [...] num centro de documentação que guarda interessantes indícios sobre o processo de organização política em torno da identidade étnica”. Por ser o único museu de Aratuba, o museu recebe visitas de escolas e universidades do município e da vizinhança (*idem*, p.97).

Referências Patrimoniais:

O acervo apresenta objetos que representam o modo de vida do povo Kanindé, intimamente ligado às matas e predominantemente relacionados à caça (GOMES; VIEIRA, 2009, p.95), sem que sejam desconsiderados os aspectos intangíveis da materialidade.

O acervo coletado pelo Cacique Sotero foi classificado por ele como “coisas dos índios” ou “novidades”: coisas dos índios (atribuídas aos índios do passado ou do presente), coisas dos velhos (de seus antepassados diretos), coisas das matas (da natureza), coisas do mar... Posteriormente foram criadas sub categorias: coisas dos índios (achados arqueológicos, equipamentos rituais etc.); coisas dos velhos (técnicas artesanais etc.); coisas das matas (mamíferos, aves - empalhados por técnica caseira de Sotero –, vegetais etc.); coisas do mar (peixes etc.) etc. Essas categorias foram chamadas por Gomes (2012) como “categorias nativas”.

Com a colaboração do antropólogo Alexandre Gomes (GOMES, 2012, p.111-115), o acervo foi organizado e reclassificado (permanecendo ambas classificações) como: Coleção Bibliográfica: livros, publicações, revistas, catálogos e congêneres; Coleção Arquivística: Categorias 1 - Documentos manuscritos (cartas, bilhetes, atas de reuniões etc.); 2 - Documentos impressos (ofícios, pesquisas etc.); 3 - Documentos hemerográficos (jornais); Coleção de Objetos: Categorias 1 – Artefatos (subcategorias: 1. achados arqueológicos; 2. técnicas artesanais - cerâmica, escultura em madeira, trançado em cipó, em palha de carnaúba e de coqueiro; 3. equipamento ritual; 4. adorno corporal); 2 – Equipamento musical; 3 - Equipamento para o trabalho; 4 - Equipamento doméstico e de uso pessoal; 5 – Numismática; 6 - Zoológica (subcategorias: mamíferos, aves, répteis, peixes e mariscos); 7 – Vegetal; 8 – Mineral; 9 - Fotográfica.

Patrimônio Imaterial: conhecimentos referentes à fauna e flora locais, espiritualidade indígena, “Troncos Velhos” (guardiões da memória) etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições de Longa Duração e Temporárias. Alguns exemplos: Exposição Temporária “Artesanato Indígena Kanindé” (2012, E.I. Manoel Francisco dos Santos); Exposição Temporária “Os Povos Indígenas no Acervo da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza”, - conta a história e caminhada dos povos indígenas até a atualidade (2013, organizada pelo Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza/CDPDH em parceria com o Projeto Historiando e os povos indígenas no Ceará); Exposição de fotos das lideranças tradicionais do povo indígena kanindé e artesanato indígena kanindé (2013, E.I. Manoel Francisco dos Santos);

Cursos, Oficinas (História, Antropologia, Arqueologia, Cinema e Vídeo, Fotografia), Palestras (com guardiões da memória Kanindé ou com profissionais externos), Seminários, Rodas de Conversa, Mostra de Vídeos, Intercâmbios com outros museus e museus indígenas (Museu Kuahí, Museu Indígena Pitaguary etc.), Visitas Guiadas ao Museu, Trilha Ecológica, Atividades de Formação para o Núcleo Educativo, Participação em Protestos etc. Alguns exemplos:

Seminário “Antropologia e Educação Escolar Indígena Kanindé” (2012); Oficina “Etno Construção kanindé” (2012, ministrada pelos indígenas Paulo Kanindé, Reginaldo Kanindé, Nilton Kanindé e Suzenilson Kanindé); Roda de Conversa “A arte de Fazer Farinha” (2013); Oficina “A Devoção a São José entre os Kanindé” (ministrada por Rita Pequena e Senhor Bernardo); Oficina “Fazendo remédio do mato: cura e saúde entre os kanindé” (ministrada por Dona Odete Soares, rezadeira e curandeira tradicional, 2014); Oficina “Museu e Memória Indígena Kanindé”

(ministrada por Suzenilson Kanindé e Nilton Kanindé, 2014); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu Indígena Kanindé, Aldeia Fernandes, Aratuba-CE); I Conferência de Jovens Indígenas Kanindé – Tema: “Buscar desafios, conquistando ideias” (4-5/03/2017) etc.;

Organização de Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015); I Conferência de Juventude Indígena Kanindé (04-05/03/2017);

Participação em Eventos: I Encontro da Rede Cearense de Museus Comunitários (22/05/2013, Fortaleza/CE); III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014); IV Teia da Memória (11/2014, Belém/PA); II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE -Recife/PE); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá – Espaço Sagrado Ajucá, Buíque/PE); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); 10ª a 13ª Semana de Museus (IBRAM), com visitas guiadas, o Seminário “antropologia e educação escolar indígena kanindé - desafios e inspirações” e a Mesa-redonda “práticas museais na escola indígena kanindé: objetos, memória e etnicidade” – em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (18/05/2012); o Seminário “Museus Indígenas e suas Experiências Comunitárias” e a Mesa-redonda “Museu, Memória e Mudança Social” etc. – em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (17/05/2013); o Seminário “Museu Indígena Kanindé: “novidades” e “coisas” – os objetos na concepção de Museu dos Kanindé” (14/05/2014); o Seminário e trabalho de estudo com os componentes da Escola Indígena Kanindé para discutir as ações sobre museu indígena para uma sociedade indígena sustentável – em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (20/05/2015); 6ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com visita guiada, Roda de Conversa com os guardiões da memória kanindé: cacique, pajé e outras lideranças - Tema: “A memória da tradição, experiências da escola dos mais velhos”, Seminário sobre a função social dos museus e debate “o museu dos kanindé suas experiências em ação educativa e sua função social” - em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (25 e 28/09/2012); Seminário com Mesas-redondas entre indígenas e quilombolas para trocas de experiências culturais e educacionais entre as culturas destacadas - em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (26/09/2013); Seminário com o tema “Museus Criativos: Museologia Social e Educação Escolar Indígena, uma Reflexão Sobre a Prática Cultural e Educacional” – em parceria com a Escola Diferenciada Manoel Francisco dos Santos (26/09/2014); Seminário com o tema “Museologia, Educação e museus indígenas: Quais os diálogos possíveis com a comunidade indígena kanindé na aldeia Sítio Fernandes, escola indígena kanindé e MK” (24/08/2015); entre outros.

Ações de Preservação:

Algumas ações: Diagnóstico Participativo (6-7/03/2009 - Projeto Emergência Étnica); Curso “Inventário Participativo em Museus Indígenas” (2011, ministrado por Alexandre Gomes); Oficinas “Inventário Participativo” e “Museologia Social” (06-07/12/2013, 17-18/01/2014, 08/2014, ministradas por João Paulo Vieira - Programa Ponto de Memória); Catalogação e Registro dos Objetos do Museu dos Kanindé (07/2014, sob orientação de Alexandre Gomes); Coleta de objetos etc.

Referências Bibliográficas:

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará**. 2012. 322f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: https://www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao_3.pdf. Acesso em: 4 nov. 2014.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Fortaleza: SECULT, 2009, p.90-111. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.54-55. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.61. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.25. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.33. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.62. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.66. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.71. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.70. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.			
QUADRO “Nosso Ceará” – Programa CF. Reportagem de Rodrigo Vargas (11 ago. 2015). Disponível em: http://g1.globo.com/ceara/cetv-1dicao/videos/t/edicoes/v/nosso-ceara-mostra-as-comunidades-indigenas-do-estado/4385211/ . Acesso em: 12 ago. 2015.			
MUSEU	INDÍGENA	KANINDÉ.	Disponível em:
		Facebook	Fanpage.
		https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1380941088810325&set=pb.100006833405535.-2207520000.1461599013.&type=3&theater . Acesso em: 25 abr. 2016.	
MUSEU KANINDÉ. Blogspot. Disponível em: http://mkindio.blogspot.com.br/ . Acesso em: 13 mar. 2017.			
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ponto de Memória Museu Indígena Kanindé. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/6580/ . Acesso em: 10 mar. 2017.			
PRÊMIO CULTURAS INDÍGENAS. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru . Acesso em: 13 mar. 2017.			
REDE	CEARENSE	DE	Disponível em:
		MUSEUS	COMUNITÁRIOS.
		http://museuscomunitarios.wordpress.com/page/2/ . 12 ago. 2015.	
Referência da Imagem: Sede Atual do Museu Indígena Kanindé. Créditos: Antônia Kanindé. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=601552480052333&set=a.601555750052006&type=3&theater . Acesso: 7 mar. 2017.			
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
21

Denominação: Projeto CONDESUS Quarta Colônia

Data de Criação: 09/1995

Endereço: Rua Maximiliano Vizzotto, 587, Centro, CEP 97230-000, São João do Polêsine/RS.

Tel.: (55) 3269-1022 / 9114-3247

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS).

Parceiros(as)/apoio: Prefeituras Municipais (Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins); Escritórios municipais (EMATER) dos municípios; Governo do Estado do Rio Grande do Sul: Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM), Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA), Secretaria da Agricultura, Pesca e Agronegócios (SEAPA), Secretaria de Turismo (SETUR), Secretaria de Desenvolvimento Rural e Cooperativismo (SDR), Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (SDECT), Fundação Zoobotânica (FZB), Secretaria da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM): Centro de Ciências Rurais (CCR), Engenharia Florestal, Engenharia de Alimentos, Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU), Centro de Artes e Letras (CAL), Departamento de Biologia, Departamento de Paleontologia; Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia (CAPPa); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): Instituto de Geociências – Departamento de Paleontologia, Departamento de Biologia; Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS): Instituto de Geociências – Departamento de Paleontologia, Departamento de Biologia; Universidade Federal do Pampa – São Gabriel; Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – CANOAS); Professor Dr. Sergio Furtado Cabreira, Professor Doutorando Lucio Moura; Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB-RS); Ministério da Cultura (MINC), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério do Turismo (MTur), Casa Civil da Presidência da República, Secretaria de Desenvolvimento Social e Econômico da Presidência da República (SEDS), Petrobras, Eletrobras, entre outros.

Recursos: O projeto conta com o apoio das prefeituras associadas ao CONDESUS, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Secretaria Estadual do Turismo, Fundação Estadual de Proteção Ambiental, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Ministério do Turismo, Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Agricultura, Pecuária e Agronegócios, Ministério de Minas e Energia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Petrobras, Eletrobras, ABENGOA BRASIL-BNDES, SEBRAE-RS, FAPERGS-RS, Banco Mundial.

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito.

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O território da Quarta Colônia envolve 9 comunidades rurais das cidades de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

E-mail institucional: condesus@condesusquartacolonia.com.br

Website ou blog: www.condesusquartacolonia.com.br

Rede social: <https://www.facebook.com/condesus/>

Logotipo

Categorias Propostas: [Ecomuseu]

Histórico:

A Quarta Colônia é uma região que atualmente reúne nove municípios do estado do Rio Grande do Sul: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins, localizada a cerca de 400 km da capital do estado, Porto Alegre. Foi batizada de Quarta Colônia por ter sido o quarto núcleo de colonização italiana no Estado, concedida nos anos 1980 por Dom Pedro II. Trata-se de uma “zona acidentada coberta pela floresta atlântica primária úmida (Mata Atlântica) e pelo Vale do Jacuí” (VARINE, 2012, p.244). A região foi anteriormente ocupada pelo povo Guarani e depois por militares, bandeirantes, comerciantes e aventureiros. Atualmente a população das localidades é majoritariamente de origem italiana, com uma minoria de origem alemã, e trata-se de uma região possui uma grande riqueza cultural.

O Projeto CONDESUS Quarta Colônia foi antecedido pelo “Projeto Identidade”, desenvolvido entre os anos de 1990 e 1995, que foi responsável por localizar “pessoas-recurso” na população e realizar inventário do patrimônio local e fóruns de cultura no município de Silveira Martins (VARINE, 2014, p.29-30; VARINE, 2012, p.244;). De acordo com Varine (2012, p.244), a tomada de consciência sobre o passado da colônia se deu através da realização de pesquisas sobre as instalações dos primeiros colonos e da localização de seus túmulos. A partir dessa experiência as demais municipalidades se uniram para juntos desenvolver um projeto incluindo patrimônio e economia, e foi iniciado um programa de patrimônio cultural, que envolveu atividades escolares e posteriormente um plano de desenvolvimento mais abrangente, que incluiu a identificação e a avaliação de todos os recursos disponíveis no território para a criação de atividades economicamente e socialmente significativas: restauração de edifícios antigos, recuperação do uso do tradicional dialeto “Veneto” (por um grupo teatral); implementação de vários projetos para criar vínculos com a população italiana de origem e atrair turistas; tentativas de exploração da “Mata Atlântica” que circunda a terra cultivada; e um estudo do uso do produto agrícola tradicional, a batata, para produção de “chips”. As demais municipalidades se uniram para juntos desenvolver um projeto incluindo patrimônio e economia.

Em 1995 a região foi indicada para participar do Programa de Execução Descentralizada (PED) do Rio Grande do Sul, em convênio com o Programa Nacional do Ministério do Meio Ambiente (PNAM) e Banco Mundial. Para executar o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS/ Quarta Colônia) foi criado o CONDESUS Quarta Colônia, assim como instrumentos legais que possibilitassem a participação das Prefeituras Municipais na gestão do projeto. Em 1996 foi realizada uma Assembleia Geral onde foi fundada, eleita e tomou posse a presidência e vice-presidência do Conselho de Prefeitos do CONDESUS Quarta Colônia, que é renovada a cada dois anos. Atualmente, o projeto é mantido de forma paritária, com recursos dos municípios membros.

Entre os principais objetivos do Projeto estão:

- Fomentar a integração cultural, social e econômica da Quarta Colônia, integrando e horizontalizando as relações intermunicipais, independente de posições políticos/partidárias, religiosas ou étnicas;
- Valorizar e resgatar as identidades regionais;
- Conservar os patrimônios (natural, cultural, material e imaterial) dos grupos formadores do território da Quarta Colônia;
- Propor, planejar, captar recursos e executar, por meio de parcerias, programas, projetos e ações associadas que visem o desenvolvimento local e regional, fundamentando-se em princípios éticos pela vida e a sustentabilidade social, cultural e ambiental da Quarta Colônia;
- Atuar através de programas que visem uma relação solidária e fraterna entre os municípios, respeitando as individualidades locais.

Para Varine “o resultado não é um museu no sentido comum da palavra, mas certamente é um conceito museológico, articulado a um esforço global de desenvolvimento” (VARINE, 2014, p.30).

Referências Patrimoniais:

Patrimônios (natural, cultural, material e imaterial). Alguns exemplos: edifícios históricos dos séculos XIX e XX, jazidas paleontológicas, vestígios arqueológicos, técnicas agrícolas tradicionais, a fauna e a flora da região, lendas etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições, Educação Patrimonial nas escolas, Rádio local criada pela comunidade alemã;

Dentre os projetos desenvolvidos pelo Projeto CONDESUS Quarta Colônia destacam-se: Programa de Habitação Rural e Urbana; Redes de Produção e Comercialização de Produtos Agroecológicos; Casa da Quarta Colônia (terminal de comercialização); Inventário do Patrimônio Histórico; Sinalização; Parques Paleontológicos Integrados (Período Triássico) e Geoparque; Sinalização da Rota Paleontológica; Turismo Rural Integrado; Programa de Fruticultura Irrigada da Metade Sul/Quarta Colônia; Planejamento Ambiental (Programa Pró Guaíba – Educação Ambiental); Corredores da Quarta Colônia – Projeto Biodiversidade; Projeto de Desenvolvimento Sustentável. É um projeto amplo que não pode ser efetivado sem a participação ativa de suas comunidades (BATTISTELLA; COSTA; SALLES, 2008), entre outros.

Obs.: Os Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia possui unidades museológicas São João do Polêsine, Agudo, Dona Francisca e Faxinal do Soturno.

Ações de Preservação:

Caderno Quarta Colônia (Informe Comercial que circula encartado nos jornais Diário de Santa Maria e Zero Hora em 37 cidades do Centro de Distribuição de Santa Maria e Centro de Porto Alegre);

Tombamento do material descoberto pelo Setor Científico do Centro de Apoio a Pesquisa Paleontológica (CAPPA) etc.

Referências Bibliográficas:

BATTISTELLA, Luciana Flores; COSTA, Vania Medianeira Flores da; SALLES, Elijeane dos Santos. A busca do desenvolvimento sustentável pelo Condesus/Quarta Colônia, Rio de Janeiro, 2008. In: **XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção: A Integração de Cadeias Produtivas com a Abordagem da Manufatura Sustentável**. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STO_079_549_11286.pdf. Acesso em: 4 abr. 2016.

CADERNO QUARTA COLÔNIA. 2001, ed.221. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/53459709/Caderno-Quarta-Colonia-Edicao-221>. Acesso em: 9 nov. 2016.

CONDESUS QUARTA COLÔNIA. Disponível em: <http://www.condesusquartacolonia.com.br>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia. **MUSEUS Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9208/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ROTAS E ROTEIROS. Roteiros Integrados da Quarta Colônia. Disponível em: http://www.rotaseroteiros.com.br/rotas/quarta_colonia/quarta_colonia.htm . Acesso em: 4 abr. 2016.
VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012, p.243-245.
_____. O museu comunitário como processo continuado. 1995. Cadernos do CEOM – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.25-35, dez. 2014. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc . Acesso em: 2 fev. 2015.
Referência da Imagem: Placa Indicativa da Quarta Colônia. Disponível em: https://www.facebook.com/condesus/photos/a.273449369724211.1073741828.273438626391952/275600476175767/?type=3&theater . Acesso em: 27 fev. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
22

Denominação: Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque

Data de Criação: 1997-2007

Endereço: Avenida Barão do Rio Branco, 160, Centro, CEP 68980-000, Oiapoque/AP.

Tel.: (96) 3521-3293

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Governo do Estado do Amapá – vinculado à estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Cultura do Amapá (SECULT/AP).

Parceiros(as)/apoio: Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (APIO), Programa Demonstrativo para Populações Indígenas / Ministério do Meio Ambiente (PDPI / MMA), Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ), Petrobras Cultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, Ministério da Cultura (MinC), Museu do Índio – FUNAI, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), entre outros.

Recursos: Secretaria de Estado da Cultura do Amapá (SECULT/AP)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a sábado, das 8 às 18 horas; domingo das 8 às 12 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Kuahí é composto por 4 salas de exposição (3 de longa duração e 1 temporária), reserva técnica, auditório, sala de processamento documental, biblioteca, sala de leitura, sala de pesquisa, sala pedagógica, loja de artigos indígenas e varanda.

E-mail institucional: museukuahi@secult.ap.gov.br, museukuahi@gmail.com

Website ou blog: <http://museudospovosindigenas-kuahi.blogspot.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/MuseuKuahidosPovosIndigenasDoOiapoque/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

Oiapoque é um município do estado do Amapá, localizado a cerca de 600 km da capital, Macapá. Possui cerca de seis mil indígenas (40% da população o município), distribuídos em 34 aldeias, nas terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminã. “Os povos indígenas do extremo norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e baixo curso do rio Oiapoque – Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kali’na – são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes de etnias diferentes e mesmo não-índios” (VIDAL, 2013, p.4). Possuem tradições culturais heterogêneas, histórias de contato, trajetórias, línguas e religiões diferenciadas. De acordo com Vidal (2013, p.8) “as comunidades indígenas mantêm um contato muito próximo com a cidade de Oiapoque e mesmo com *Saint Georges*, na Guiana Francesa, onde vendem seus produtos agrícolas e artefatos, geralmente na própria rua ou à beira do rio”. Anualmente ocorrem Assembleias entre as quatro etnias, o que possibilita sua reunião e contribui para que sejam mantidas e reativadas “relações de parentesco e ajuda mútua”, assim como a união para que lutem juntos por “terra, saúde, educação e infraestrutura” (VIDAL, 2013, p.4).

Inspirados por uma viagem de algumas lideranças indígenas à Alemanha, França e Portugal em companhia da deputada federal Janete Capiberibe, no ano de 1997, e pelos trabalhos realizados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG (Belém/PA) e pelo Museu Magüta (Benjamin Constant/AM), os povos indígenas da região propuseram a criação de um museu em Oiapoque, no centro da cidade. O museu seria um espaço ideal para dar visibilidade à cultura indígena, para incentivar um vasto conjunto de atividades que beneficiariam as comunidades indígenas e suas iniciativas, para estreitar as relações entre os índios e a população do município de Oiapoque, para o intercâmbio entre os povos indígenas e museus brasileiros e internacionais, por meio de convênios com instituições e universidades, finalmente, seria um centro de referência, memória, documentação e de pesquisa para os índios da região (VIDAL, 2013, p.8-9).

Em 1998, lideranças indígenas representantes das quatro etnias que habitam a região – Palikur, Galibi Kali’na, Karipuna e Galibi Marworno –, assessoradas por Lucia H. van Velthem, do MPEG, e pela antropóloga Lux Vidal, apresentaram a proposta concreta para a construção do Museu ao governo do Amapá (o museu seria mantido pelo estado e gerido pelos próprios índios, que se envolveriam em todas as atividades), que foi “incluída formalmente no Programa de Desenvolvimento Sustentável do então governador João Alberto Capiberibe”. As obras da construção do museu, que não se pretendia ser “um museu sobre os índios, mas dos índios”, iniciaram no ano 2000 (VIDAL, 2013, p.9).

Desde então as aldeias indígenas passaram a desenvolver projetos e ações de resgate e fortalecimento de seus Patrimônios Culturais, se articular com organizações indígenas, órgãos governamentais, ONG's etc. Paralelamente, a partir de 2001 foram ministrados cursos de capacitação museológica para indígenas escolhidos pelas próprias comunidades, que também visitaram alguns museus no município de Oiapoque e em Belém (PA).

Em 19 de abril de 2007 - Dia Nacional do Índio - foi inaugurado o "Kuahi - Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque", contando com a presença de indígenas, autoridades governamentais, representantes da SECULT/AP e da população local. O termo Kuahí refere-se a um pequeno peixe da região e ao nome de um padrão gráfico muito utilizado na decoração dos mais diversos artefatos. Para Vidal (2013, p.49), "o museu lhes aparece [...] como mais uma conquista do movimento indígena", e além de beneficiar aos povos envolvidos, ainda recebe muitos eventos da cidade de Oiapoque. Entre os objetivos do museu, encontram-se:

- Abrigar, preservar, divulgar a história, a sabedoria, as tradições e o acervo cultural dos povos indígenas do Oiapoque (Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi Kalinã e Palikur);
- Promover o respeito à identidade cultural das populações indígenas;
- Promover atividades culturais que mantenha o intercâmbio entre as aldeias, instituições acadêmicas, museus nacionais e internacionais e organizações sócio-ambientais;
- Dar visibilidade aos artefatos produzidos nas aldeias, dinamizar a divulgação dos saberes dos mestres artesãos e artistas, suscitar a preocupação com a sustentabilidade da matéria-prima utilizada em suas produções materiais e possibilitar alternativas de renda por meio da comercialização planejada da produção artesanal;
- Contribuir com a fabricação, exposição e comercialização das peças artesanais indígenas;

De acordo com Fabrício Narciso dos Santos, que representou o Museu Kuahí no II Fórum Nacional de Museus Indígenas (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE), o Museu Kuahí passa atualmente com problemas estruturais em sua edificação e com falta de recursos materiais, assim como diversos outros museus mantidos pelos estados brasileiros.

Referências Patrimoniais:

"A coleção do Museu Kuahí é formada por mais de 300 peças, encomendadas, representando todos os artefatos mais expressivos de uso cotidiano e ritual e peças fabricadas para o comércio. O acervo inclui também algumas peças arqueológicas e esculturas de madeira, do povo palikur, diretamente relacionadas à astronomia indígena". Alguns exemplos de artefatos da coleção: esculturas, potes de cerâmica, bancos esculpidos, cuias gravadas, cestaria, instrumentos musicais, joalheria indígena, redes, plumárias etc. Além disso possui acervo bibliográfico (livros, revistas etc.), iconográfico (fotografias, desenhos), audiovisual, e também dispensa atenção especial ao registro de rituais (como por exemplo o Turé), técnicas e conhecimentos (como o processo de construção de cuias e canoas, jóias em miçanga e penas etc.), ladainhas e cantos etc.

Artistas e mestres-artesãos culturalmente reconhecidos, seus conhecimentos e técnicas que demonstra a arte, a ciência e a tecnologia desenvolvidas pelos quatro povos indígenas da região e que compõem suas culturas materiais e imateriais (MUSEU KUAHÍ [...], 2012c).

O setor de comercialização do Museu Kuahí registra em diferentes documentos o nome, a aldeia e a etnia da/o artesã/ão, a matéria-prima utilizada e o valor da peça sugerido. Há um controle da entrada e venda de cada objeto e posteriormente é realizada a prestação de contas e o pagamento aos artesãos.

Obs.: De acordo com Vidal (2013, p.51), existem documentos acessíveis a todos os públicos e documentos confidenciais, aos quais somente os/as indígenas tem acesso. O Museu levanta uma série de discussões atuais, sobre propriedade intelectual e maneiras de documentar e divulgar a cultura indígena de maneira concreta.

Atividades desenvolvidas:

Exposições De Longa Duração, Temporárias e Itinerantes. Exemplos: Exposição Itinerante sobre o ritual do Turé (2009); Exposição Transfronteiriça (Brasil-Guiana Francesa) "Memória e identidade Kali'na Tilewuyu" - curadoria de Lux Vidal (2010); Exposição Transfronteiriça "Contestado Franco-Brasileiro" (2012); Exposição "A Roça e o Kahbe - a produção de farinha de mandioca no Oiapoque" (07 a 12/2012); Exposição "A Arte e o Saber dos Mestres" - exposição inteiramente de curadoria indígena (05/2012-05/2013), entre outras;

Recepção de Exposições externas. Exemplos: Exposição "Encontros Transfronteiriços" (2008 e 2011, organizada pelo IEPÉ em parceria com representantes e organizações indígenas do Brasil (Amapá e Norte do Pará), do Suriname e da Guiana Francesa; Exposição "Jane Reko Mokasia" - sobre a organização social dos Waiãpi (2009); Exposição Etnográfica "Tecendo a Arte, Tecendo a Vida: mulheres Tiryó e Kaxuyana" - organizada pelo IEPÉ e Museu do Índio - FUNAI e montada pela equipe do Kuahí (05/2011-06/2012); Exposição Serigrafias "Eco Art" - Coleção Cia. Bozano, coordenada pelo Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira e Neidiane Sucupira Assunção (14-20/05/2012), entre outras;

Cursos e Oficinas de capacitação (desde 2006): Museologia, Museografia, Cenografia, Documentação, Conservação Preventiva, Ação Educativa, Métodos de Pesquisa, História da América Indígena e do Amapá, Administração e Gestão, Antropologia, Arqueologia, Jornalismo Comunitário, Editoração de Boletim, Leitura e Produção Textual, Linguagem Audiovisual etc.

Programa de Formação de Pesquisadores Indígenas de Oiapoque (com apoio da SECULT e do IEPÉ);

Visitas Monitoradas com grupos escolares;

Participação em Eventos: II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé - Aratuba/CE); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá - Espaço Sagrado Ajucá, Buíque/PE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); 8ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com oficina de biojóias, workshop sobre "empreendedorismo criativo" - voltado para os artesãos indígenas que expõem seus trabalhos na loja de conveniência do museu, Mostra Cultural Indígena com apresentação de moda, artesanato, exposição fotográfica, turé (25-27/09/2014); apresentação das atividades desenvolvidas pelo Museu Kuahí, projetos e desafios futuros, exibição de vídeos e documentários sobre os Povos Indígenas do Baixo Oiapoque, atividades educativas com alunos das

escolas indígenas e das escolas municipais e estaduais do município de Oiapoque, oficina de escultura, cestaria e joalheria, ministradas pelos artesãos indígenas do município, ritual da dança do Turé (21-25/09/2015); 10ª e 12ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com manifestações culturais, mostra de audiovisuais indígenas – coordenada por Alexandre Brito, exposição Serigrafias "Eco Art", palestra "Os Núcleos Museológicos Indígenas do Amapá: aspectos teóricos e metodológicos" – ministrada pelo Coordenador do PET Indígena da UNIFAP, Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira, e petianos indígenas, Seminário "Educação indígena e as tradições culturais" – ministrado pela Profa. Meire Adriana da Silva, coordenadora do curso de educação intercultural indígena, e pelo Prof. Adilson Barros, Palestra "As pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo CEPAP/UNIFAP no Estado do Amapá" – ministrada pelo Prof. Dr. Edinaldo Nunes Pinheiro, apresentação de grupos musicais indígenas (14-20/05/2012); Mesa redonda com a presença de autoridades municipais, estaduais, federais, Palestra sobre Museologia, visita monitorada, Palestra sobre grafismo dos povos indígenas do Oiapoque, exibição de documentários sobre a temática e direitos dos povos indígenas, oficina de pintura corporal, atividades educativas com alunos das escolas da rede pública do município, divulgação de publicações elaboradas pelo Museu Kuahí, espetáculo teatral (12-18/05/2014, Museu Kuahí, Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva e Escola Estadual Joaquim Nabuco), entre outros.

Ações de Preservação:

Publicação de livros, catálogos ilustrativos, publicações, boletins informativos mensais (disponíveis em: <http://www.institutoiepe.org.br/infoteca/documentos-indigenas/boletim-museu-kuahi-artes-ciencia-e-tecnologia/>), relatórios anuais, pesquisa e registro dos conhecimentos tradicionais etc.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **8ª Primavera dos Museus**: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.51-52. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.60-61. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **10ª Semana de Museus**: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.138-139. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus**: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.151. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2015.

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. **Iepé realiza oficina sobre administração e avaliação das atividades do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque**. 27 jun. 2013. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/2013/06/iepe-realiza-oficina-sobre-administracao-e-avaliacao-das-atividades-do-museu-kuahi-dos-povos-indigenas-do-oiapoque/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

MUSEU KUAHÍ DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. Artes, Ciência e Tecnologia. Boletim Informativo, nº 1, mai. 2012. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2013/07/2012-04-Boletim-Museu-Kuahi.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

_____. Artes, Ciência e Tecnologia. Boletim Informativo, nº 2, mai. 2012. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2013/07/2012-05-Boletim-Museu-Kuahi.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

_____. Artes, Ciência e Tecnologia. Boletim Informativo, nº 3, jun. 2012. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2013/07/2012-06-Boletim-Museu-Kuahi.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2016.

_____. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuKuahiDosPovosIndigenasDoOiapoque/?fref=ts>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Kuahí** - Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8517/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

VIDAL, Lux. Kuahí: The Indians of the Lower Oiapoque and their museum. **Vibrant**. Brasília, DF: Vibrant Virtual Brazilian Anthropology, v.10, n.1, p. 387-423, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.vibrant.org.br/downloads/v10n1_vidal.pdf. Acesso em: 25 abr. 2016.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuKuahiDosPovosIndigenasDoOiapoque/photos/a.122942484513267.21508.122939811180201/122942491179933/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 23	Denominação: EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental
	Data de Criação: 1997 Endereço: Rua Hipólito José da Costa, 314 E, Jardim América, CEP 89803-650, Chapecó/SC. Tel.: (49) 323-0247. Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Chapecó - Departamento de Meio Ambiente	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos: Departamento de Meio Ambiente (Prefeitura Municipal de Chapecó)	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira, em horário comercial.	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: prefeitura@chapeco.sc.gov.br Website ou blog: www.chapeco.sc.gov.br Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>Chapecó é um município brasileiro localizado no estado de Santa Catarina. A hipótese mais difundida sobre a origem do nome “Chapecó” aponta-o como “como vocábulo de origem Kaingang, que significaria “Donde se avista o Caminho da Roça”. O território foi ocupado desde tempos imemoriais por diversos povos indígenas, sobretudo kaingangs e guaranis. Os primeiros exploradores (possivelmente bandeirantes paulistas) percorreram o oeste catarinense durante o século XVII, mas o território permaneceu pouco explorado até o início do século XIX, quando passou a ser ocupada por fazendeiros criadores de gado. Em meados do século XIX foi aberta uma Estrada denominada “Caminho das Missões”, que ligava os Campos de Palmas à região missioneira do Rio Grande do Sul, viabilizando uma nota rota de tropeiros no sul do País. A construção dessa Estrada exigiu a negociação com os Kaingangs que habitavam a região. Posteriormente, devido ao intenso fluxo de tropeiros que transitavam pela região, apareceram os primeiros núcleos de povoamento nas localidades onde as tropas paravam para descansar. Além do tropeirismo, a economia regional também se desenvolveu a partir da atividade extrativista de erva-mate na região (CÂMARA [...], [2012]).</p> <p>A região foi motivo de diversas disputas entre Espanha e Portugal (século XIX), e posteriormente entre os estados brasileiros do Paraná e Santa Catarina (século XX). O município de Chapecó é criado oficialmente em 1917, e a partir de então companhias colonizadoras receberam do governo estadual grandes áreas de terras, que são loteadas e vendidas a novos colonos, em sua maioria provenientes das antigas colônias do Rio Grande do Sul (sobretudo italianos, mas também alemães e poloneses). Desenvolveram a economia da região por meio da extração e exportação da madeira, posteriormente pela agroindústria (o município é reconhecido internacionalmente como grande produtor de aves e suínos) e atualmente por setores industriais e de prestação de serviços (CÂMARA [...], [2012]).</p> <p>EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental foi criado em 1997 com os objetivos principais de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o Programa de Educação Ambiental da Prefeitura de Chapecó, envolvendo as diferentes redes de ensino, entidades sociais, ambientalistas e a comunidade por meio de projetos e atividades educativas; • Transmitir práticas de preservação do ecossistema e reflorestamento; • Promover discussões sobre questões sócio-ambientais; • Desenvolver e viabilizar projetos para a recuperação de áreas degradadas; • Contribuir com a melhoria da qualidade de vida e a conquista da cidadania; • Articular projetos educativos que integrem lazer, cultura e questões ambientais; • Promover eventos de iniciação técnico-científica e cultural. 	
Referências Patrimoniais:	
Atividades desenvolvidas:	
Trilhas ecológicas, palestras e oficinas pedagógicas sobre a exploração e colonização do oeste catarinense, ecossistema, cadeia produtiva do lixo, ciclo da água, efeito estufa, camada de ozônio, cavernas, ervas medicinais, entre outras temáticas, reuniões de estudos e planejamento etc.	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

ACHE Tudo e Região. **TURISMO DE CHAPECÓ.** [2016]. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/sc/chapeco/turismo.htm>. Acesso em: 31 mai. 2016.

CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **História de Chapecó.** [2012]. Disponível em: <http://www.cmc.sc.gov.br/2012/index.php/o-municipio/historia>. Acesso em: 10 mar. 2017.

FGV-EAESP-CEAPG. **6943 Ecomuseu Laboratório de Interpretação Ambiental.** São Paulo: Fundação Getúlio Vargas / Escola de Administração de Empresas de São Paulo / Centro de Estudos em Administração Pública e Governo, [2015]. Disponível em: <http://ceapg.fgv.br/programa/ecomuseulaboratoriointerpretacaoambiental> 16 mar. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Ecomuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental. Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7267/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
24

Denominação: Memorial Iyá Davina

Data de Criação: 26/07/1997

Endereço: Nova Iguaçu/RJ

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Sociedade Civil Religiosa Ilê Omolu e Oxum

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Memorial está instalado no Terreiro Ilê Omolu Oxum

E-mail institucional:

Website ou blog: <http://ileomolueoxum.blogspot.com.br/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]

Histórico:

Davina Maria Pereira (1888-1964), conhecida como Iyá Davina, foi uma Iyalorixá do Candomblé. Foi iniciada em 1910 por Procópio Xavier de Souza, o Procópio d'Ogum, no Ilê Ogúnjá, situado no Baixão, antigo Matatu Grande, em Salvador/BA. Filha de Omolu e Oxalá, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro na década de 1920, juntamente com seu marido, Theóphilo Pereira, ogan do Ilê Ogúnjá. Se instala no bairro da Saúde, e por receber diversos conterrâneos sua casa fica popularmente conhecida como "Consulado Baiano" (CULTNE [...], 2013). De acordo com Pereira e Pacheco (2004, p.18), a trajetória de Iyá Davina permite traçar um levantamento histórico sobre os intercâmbios, articulações e redes de solidariedade na preservação das religiões afro-brasileiras.

O Ilê Omolu e Oxum foi fundado pela Iyalorixá Meninazinha de Oxum em 1968, inicialmente em Marambaia (Nova Iguaçu) e em 1972 mudou-se para o bairro de São Matheus, em São João de Meriti, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que possui o maior contingente populacional de afro-descendentes do estado. O terreiro, além de sua função religiosa, comprometeu-se com a implantação de projetos em prol do desenvolvimento social, cultural, econômico e político da região (atendimento médico, atendimento jurídico, cursos de capacitação profissional e geração de renda, oficinas culturais etc.), além de projetos contra a intolerância religiosa e as desigualdades de gênero e raça, com recursos próprios ou por meio de parcerias.

O Memorial Iyá Davina, idealizado Mãe Meninazinha D'Oxum, uma das principais referências do candomblé no Rio de Janeiro, foi criado em 1997 pela comunidade-terreiro do Ilê Omolu Oxum, e contou com recursos da Lei de Incentivo à Cultura, da Secretaria de Esporte e Lazer de São João de Meriti e dos amigos do Ilê Omolu Oxum. Alguns de seus objetivos são:

- Constituir-se como centro de documentação e pesquisa sobre a sociedade, a cultura afro-brasileiras e a formação das primeiras comunidades-terreiro de candomblé no Rio de Janeiro;
- Contribuir com a preservação, divulgação e valorização da cultura afro-brasileira;
- Constituir-se como um canal de preservação e reconstrução da memória histórica das religiões afro-brasileiras e seus personagens integrantes;
- Contribuir para o reconhecimento e a transmissão de valores e saberes das religiosidades de matriz africana.

Atualmente o Ilê Omolu e Oxum participa de duas redes: “Iyá Àgbá – Rede de Articulação de Mulheres Negras Frente à Violência” e a “Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde”. Também é Ponto de Cultura, desenvolvendo trabalhos culturais para preservação, valorização e divulgação da cultura Afro-Brasileira.

Referências Patrimoniais:

Acervo material composto por objetos, fotografias, desenhos, certidões e textos referentes à religião dos orixás e à formação das primeiras comunidades-terreiro de candomblé no Rio de Janeiro;

Valores e saberes da religiosidade de matrizes africanas: cânticos, toques, indumentária, história ancestral, rituais etc.

<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p><u>Exposição</u> Permanente com fotografias e objetos;</p> <p>Organização de Eventos: Seminário Nacional "Ancestralidade, Memória e Patrimônio Afro-brasileiro" (14/12/2013)</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Elaboração de Publicações. Exemplos: Catálogo "Obirin Odara - Fazendo Arte com Axé"; Guia de Direitos "Mulheres Guerreiras contra a Violência";</p> <p>Produção do CD "Ilê Omolu Oxum: Cantigas e Toques para os Orixás", que compõe a Coleção Documentos Sonoros, realizada pelo Museu Nacional/UFRJ, entre outras.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>CULTNE DOC - Iya Davina - Ilê Omolu Oxum. Youtube, 23 dez. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qzUFLiPASTU. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>ILE OMOLU E OXUM. Nossa história. [2013]. http://ileomolueoxum.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>PEREIRA, Edmundo; PACHECO, Gustavo. Ilê Omolu Oxum: Cantigas e toques para os Orixás. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/9795297/2004._Il%C3%AA_Omolu_Oxum_Cantigas_e_toques_para_os_Orix%C3%A1s. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>REDE DE RELIGIOES AFRO-BRASILEIRAS E SAÚDE. Facebook: Group, 2 mar. 2013. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/269441646466666/?fref=nf. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>ILE OYA MÉSAN AXE OPO AJAGUNNA 1966. Blogspot, 3 abr. 2008. Disponível em: http://axeopojagunna.blogspot.com.br/search?q=museu. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>Referência da Imagem: Ilê Omolu Oxum. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qzUFLiPASTU. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 25	Denominação: Museu Ilê Afro-brasileiro Odé Lorecy
	Data de Criação: 1997 Endereço: Rua Monte Alegre, 2012 (antigo 126), Jardim Pinheiros, CEP 06835-050, Embu das Artes/SP. Tel.: (11) 4704-4621 Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy

Parceiros(as):

Recursos: Prêmio Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2015 – IPHAN (Projeto “Acervo do museu Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy - Resgatando, preservando, disseminando e valorizando o patrimônio cultural afro-brasileiro”)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: sábado, das 9 às 17 horas

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O museu possui arquivo e biblioteca

E-mail Institucional: lucianosteski@gmail.com

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Caráter Comunitário (Museus Br, 2017), [Museu Afro-comunitário]

Histórico:

O Ilê Afro-brasileiro Odé Lorecy é um terreiro localizado no município de Embu das Artes, na região metropolitana de São Paulo, e liderado pelo pai de santo Léo de Logun Edê, ou Ogundarê, “sacerdote paulista que embora iniciado no candomblé viajou várias vezes à África, onde se submeteu a rituais dedicados à Ifá, o principal oráculo da adivinhação na tradição iorubá” (SILVA; SANTOS, 2013).

De acordo com Silva e Santos (2013), “o terreiro adota uma organização espacial, ritos e liturgia fortemente influenciados pela visão de mundo iorubá negando inclusive que ali se pratica o candomblé. O pai-de-santo prefere chamar seu culto de “ibilé”, termo que, segundo ele, designa na África a religião da terra (natureza), ou seja, o culto aos orixás”.

O Museu Ilê Afro-brasileiro Ode Lorecy foi criado em 1997 e tem como objetivos:

- Contribuir com a valorização da cultura e da tradição dos povos de matriz Africana;
- Promover a “inclusão social, cultural e educacional da comunidade para elucidar o conhecimento e a tradição dos povos de matriz africana” (IPHAN, 2015, p.30);
- Contribuir com o combate ao racismo e à intolerância religiosos” (IPHAN, 2015, p.30).

Atualmente o terreiro reúne informações para solicitar seu tombamento junto ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) do estado de São Paulo.

Referências Patrimoniais:

O acervo do museu conta com objetos, esculturas africanas, fotos, roupas, insígnias, máscaras, e também “uma área que agrega templos sagrados, meio ambiente e espaço social” p.30

“[...] acervo etnográfico e muito bem organizado com roupas, insígnias, máscaras e assentamentos das divindades do panteão africano.” (Museus Br, 2017)

Atividades Desenvolvidas:

Exposições, visitas...

Organização de Eventos: Alairê Xirê 2013 – Seminário e Festival Internacional de Culturas Africanas e Afro-brasileiras (30/10-02/11/2013)

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial:** Catálogos Premiados Edição 2014. Brasília: MINC- Iphan/Palmares/Deppir, 2015, p.27. Disponível em: https://issuu.com/ttcatalao333/docs/premio_iphan_-_palmares_-_deppir_ma. Acesso em: 15 fev. 2017.

IPHAN Bahia. Iphan premia 31 ações de preservação do patrimônio de povos de matriz Africana. **Blogspot**, 18 set. 2015. Disponível em: <http://iphanba.blogspot.com.br/2015/09/iphan-premia-31-acoes-de-preservacao-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

KULTAFRO. 6 nov. 2013. Disponível em: <http://www.kultafro.com.br/2013/11/como-foi-o-xiv-alainde-xire-2013/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Òsun Ìya Oke Ile Afro-Brasileiro Ode Lorecy. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6678/#tab=sobre>. Acesso em: 7 mar. 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves da; SANTOS, Bruna Amaro dos. **Do candomblé ao Ibilé**: a reafricanização de um terreiro paulista. Biblioteca Virtual da FAPESP. 2013. Disponível em: <http://bv.fapesp.br/pt/bolsas/140371/do-candomble-ao-ibile-a-reafricanizacao-de-um-terreiro-paulista/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Ilê Afro-brasileiro Odé Lorecy. Disponível em <https://twitter.com/odelorecy>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 26 </td> <td data-bbox="751 315 1375 584"> Denominação: Museu Comunitário Umbu Data de Criação: 01/2001 Endereço: Rua Concórdia, 571, Parque Residencial Umbu, Alvorada/RS. Tel.: (51) 3447-5662 / 94834-021 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 26	Denominação: Museu Comunitário Umbu Data de Criação: 01/2001 Endereço: Rua Concórdia, 571, Parque Residencial Umbu, Alvorada/RS. Tel.: (51) 3447-5662 / 94834-021 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 26	Denominação: Museu Comunitário Umbu Data de Criação: 01/2001 Endereço: Rua Concórdia, 571, Parque Residencial Umbu, Alvorada/RS. Tel.: (51) 3447-5662 / 94834-021 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): ONG MOVIMENTAÇÃO - Associação Humanística de Ações Social, Cultural e Educativa Parceiros(as)/apoio: Sociedade de Ônibus União Ltda. SOUL, Coletivo de Negros e Negras da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos CONCOR-RS, Cooperativa Habitacional dos Correios e Associação Recreativa dos Trabalhadores dos Correios ARCO. Recursos: Através de projetos e doações. Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: _____ Obs.: _____ Funcionamento: _____ É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: _____			
E-mail institucional: griprudencio.trocadesaberes@gmail.com , ong.movimentacao@gmail.com Website ou blog: http://ongmovimentacao-movimentacao.blogspot.com Rede social: _____	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário			
Histórico: <p>Umbu é um bairro localizado no município de Alvorada (RS). Sua ocupação atual teve início no final da década de 1980, devido a crise de habitação enfrentada pela população.</p> <p>A ONG Movimentação foi criada no âmbito do processo de formação e atuação de diversos movimentos sociais, principalmente após a década de 1960. Suas ações objetivavam transformar a “situação de vulnerabilidade social das comunidades periféricas, com destaque para as ações afirmativas para garantir políticas públicas de proteção da criança e geração de emprego e renda”. Promove desde então atividades socioeducativas e fomenta processos de mediação de conflitos (VIAL, 2015, p.135).</p> <p>Devido à falta de equipamentos públicos no município de Alvorada, especialmente no Parque Residencial Umbu, foi pensado, por meio da Caravana da Restauração Social da ONG Movimentação, a “consolidação de um espaço de construção coletiva de vivências com troca de saberes e fazeres” (PESQUISA [...], 2016). Em 2001 é criado o Museu Comunitário UMBU, um “instrumento de ações compartilhadas que integra o Ponto de Leitura MOVIMENTAÇÃO – Biblioteca Comunitária, o Grupo de Estudo e a Caravana da Restauração Social da ONG Movimentação”. Sua consolidação foi possível devido ao “Prêmio dos Microprojetos Mais Cultura do Ministério da Cultura e do Ministério da Justiça durante a vigência do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania PRONASCI – Território de Paz do Umbu” (PESQUISA [...], 2016).</p> <p>O Museu Comunitário UMBU apresenta como alguns de seus objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuar como instrumento para a garantia de direitos e acesso à informação; • Alargar os conceitos de ações compartilhadas por meio de oficinas de comunicação e arte; • Contribuir para a construção da autoestima da população local, assim como para a formação do sentimento de pertencimento ao local; • Contribuir com o processo de formação de sujeitos com visão crítica do seu espaço na sociedade; • Consolidar o tombamento da Rua Concórdia do Parque Residencial Umbu como Patrimônio de Museu a Céu Aberto. 			
Referências Patrimoniais: _____			
Atividades desenvolvidas: <u>Oficinas e Rodas de Troca de Saberes e Fazeres, caminhada com Ações Griô</u> - transmissão da cultura ancestral dos nossos Mestres e Mestras Griôs, Projeto “Mulheres da Paz” (oficinas de pintura), entre outras. Projetos desenvolvidos por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) no Território de Paz do Umbu: Projeto “Janela Social – Telecentro Comunitário Museu do Umbu”, Projeto “Alimento Social - Cozinha Comunitária”, Projeto “Revista Olhares do Umbu”, Projeto “Olhar de Criança Feliz”, entre outros.			

Participação em Eventos: II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS); Oficina no Fórum Social Temático: Roda de Memória – Comunicação com Protagonismo Comunitário (28/01/2012, Quilombo Central), entre outros.

Ações de Preservação:

Rodas de Troca de Saberes e Fazeres com a participação democrática da comunidade.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

SECRETARIA de Políticas para as Mulheres do Rio Grande do Sul. **Ações integradas da ONG Movimentação e a OSCIP Guayí na realização de projetos no Território de Paz de Alvorada/RS.** 18 nov. 2011. Disponível em: http://www2.spm.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=1420&cod_menu=1

UMBU ALVORADA RS. **Youtube**, 17 ago. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ch67sBdBD8A>. Acesso em: 10 mar. 2017.

VIAL, Andréa Dias. **Patrimônio Integrado e a Prática Museológica.** 2015. 179f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-140001/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2015.

Referência da Imagem: Entrada do Telecentro do Museu do Umbu. Disponível em: <http://ongmovimentacao-movimentacao.blogspot.com.br/2011/12/uma-janela-para-criacao-do-telecentro.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
27

Denominação: Casa da Memória de Jaguaribara

Data de Criação: 1998
Endereço: Jaguaribara/CE
Tel.:
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Moradores de Jaguaribara e Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC)

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: Inicialmente a sede da Casa da Memória funcionou foi uma antiga mercearia, cedida por sua proprietária, e em 2001, com a mudança da população para a Nova Jaguaribara, em 2001, está sediada em uma casa alugada e aguarda a construção de sua sede própria.

E-mail institucional:

Website ou blog: <http://casadamemoriajaguaribara.blogspot.com.br/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

Jaguaribara é um município localizado no Vale Jaguaribe, estado do Ceará, a aproximadamente 287 km da capital Fortaleza. No século XVII, após forte resistência dos indígenas que habitavam a região, é estabelecida no local uma fazenda destinada à criação de gado. No século XIX a região enfrenta embates entre as tropas imperiais e os componentes da Confederação do Equador, que lutavam pela independência do Nordeste. Em 1957, Jaguaribara, até então distrito de Jaguaratama, torna-se independente. Sua denominação refere-se aos tupis que habitavam a região (Jaguaribara = Moradores do Rio das Onças) (IBGE, 2017).

Na segunda metade da década de 1980 a população de Jaguaribara foi a principal atingida pela construção da Barragem do Castanhão, novo reservatório hídrico que inundou 2/3 da cidade. Seus moradores foram obrigados a se deslocar para uma cidade planejada, que possuía inclusive algumas réplicas de igrejas da antiga sede do município. A população da cidade não recebeu as notícias de forma passiva, e com o apoio do Instituto de Memória do Povo Cearense (IMOPEC) envolveu-se na mobilização frente ao processo de expropriação sofrido, para a garantia de seus direitos. Para evitar o esquecimento e a perda de referências recorreram às memórias dos moradores.

Após a realização do Seminário "Símbolos e memórias de Jaguaribara: o que se perde e o que se leva", promovido pela IMOPEC em parceria com a Associação dos Moradores do bairro, do qual participaram professores, líderes comunitários, adolescentes etc., que discutiram a questão da memória jaguaribarense, decidiu-se iniciar um processo de registro da vida em Jaguaribara antes que a cidade fosse completamente demolida.

A Casa da Memória foi o local escolhido para armazenar os objetos que retratassem as famílias de Jaguaribara, seu cotidiano e suas memórias. Foi inaugurada em 1998, e passou a ser administrada pelos adultos, crianças e adolescentes envolvidos no projeto de resgate e preservação da memória do município. Inicialmente funcionou em uma antiga mercearia, cedida por sua proprietária, e em 2001, com a mudança da população para a Nova Jaguaribara, em 2001, está sediada em uma casa alugada e aguarda a construção de sua sede própria, contando com o apoio financeiro do BNDES.

De acordo com a moradora Hermana Bernarde (*apud* GAMBOGGI, 2006), o local não se podia chamar “museu” por este ser uma coisa estática, ligada ao passado, enquanto que a memória é considerada “uma coisa que vai se fazendo à medida que a história vai acontecendo”.

Para MELO (1999), “a Casa da Memória de Jaguaribara funciona como um símbolo vivo da resistência dos seus habitantes à mudança da cidade; todos os objetos lá preservados servem de referência para as gerações seguintes, referências essas de uma cidade que não existirá mais no futuro”.

Referências Patrimoniais:

O acervo da Casa da Memória foi composto por doações dos moradores de Jaguaribara, e nele constam: oratórios, balança de pesar algodão, “burrinhas” de reisado, instrumentos musicais, fotografias dos moradores, de paisagens e ruas da cidade etc.

Alguns lugares de memórias mencionados pelos moradores são: o cemitério, o marco de Tristão Gonçalves, o rio

<p>Jaguaribe...É notada pelos moradores a perda de alguns hábitos com a mudança para a nova localidade, notados pelo esvaziamento da missa aos domingos, da praça central (existem 14 praças na nova cidade), das ruas (o número de brincadeiras infantis diminuíram), entre outros. Além disso, o rio foi afastado da cidade (atualmente fica a 3 km de distância), o que dificulta o seu acesso.</p> <p>Dentro os costumes que se mantiveram, encontra-se o ensaio da quadrilha de São João.</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>Exposição, Oficinas de teatro, fotografia, música e artesanato, Oficina sobre Cultura e Memória (2003) etc.</p> <p>"Com o passar dos anos e a través de uma produção cultural local, a Casa da Memória passou a ser um centro de produção de narrativas sobre a identidade Jaguaribarense, sobre as tradições locais, e sobre a história da mudança. Essas narrativas se contrapõem a produção propagandística-ideológica do estado como uma historiografia alternativa, uma produção da história segundo agendas locais." (GAMBOGGI, 2006)</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Limpeza e fichamento de fotografias (2006);</p> <p>Projeto para a Informatização do Acervo (2009) - Programa Petrobras Cultural;</p> <p>Publicações diversas: livros de poesias escritas pelos moradores, livros de fotografias, cartões postais, artigos publicados na revista do IMOPEC etc.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>CASA DA MEMÓRIA DE JAGUARIBARA. <i>Blogspot</i>, 29 mai. 2009. Disponível em: http://casadamemoriajaguaribara.blogspot.com.br/. Acesso em: 20 mai. 2016.</p> <p>GAMBOGGI, Ana. Memória e Museu Comunitário: Jaguaribara, Uma Nova História. <i>Blogspot</i>, nov. 2006. Disponível em: http://memoriaemuseo.blogspot.com.br/2006/11/. Acesso em: 20 mai. 2016.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Jaguaribara. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ce/jaguaribara/historico. Acesso em: 20 mai. 2016.</p> <p>MELO, Liliane Peixoto de. A Casa da Memória de Jaguaribara. 1999. Disponível em: http://www.propgpgq.uece.br/semana_universitaria/anaais/anaais1999/SemanaIV/VIII_IC/humanas/4inihum04.htm. Acesso em: 20 mai. 2016.</p>
<p>Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: http://casadamemoriajaguaribara.blogspot.com.br/. Acesso em: 20 mai. 2016.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 28	Denominação: Ecomuseu Rural
	Data de Criação: 1998
	Endereço: Sítio Córrego de Santo Antônio, s/n, Distrito de Barra Alegre, Distrito de Barra Alegre, CEP 28666-00, Bom Jardim/RJ.
	Tel.: (22) 99881-1322
Situação atual: em funcionamento.	

Entidade(s) Gestora(s): Instituto de Imagem e Cidadania (ONG)

Parceiros(as)/apoio: Associação de Moradores Produtores e Artesãos de Barra Alegre, Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (SEC-RJ), Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), Escola Municipalizada Vieira Batista, Escola Municipal de São Pedro da Serra, Colégio Estadual Ramiro Braga, universidades, organizações culturais, Ministério da Cultura (MinC), Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) e Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), entre outros.

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Rural”), Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Ponto de Memória Rural: uma alternativa no campo”),

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu Rural envolve todo o complexo do Sobrado Cultural Rural.

E-mail institucional: sobradocultural@gmail.com

Websíte ou blog:

Rede social: <https://www.facebook.com/sobradoculturalrural/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória

Histórico:

Barra Alegre é um distrito do município de Bom Jardim, localizado na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro. A ocupação atual do município associa-se à ocupação das terras auríferas de Cantagalo, a partir do século XVIII. Os municípios desta região foram colonizados principalmente por descendentes de alemães, suíços, franceses, portugueses e libaneses. No século XIX Bom Jardim tanto configurou-se enquanto rota de trânsito de tropas que transportavam o café para o Rio de Janeiro, como também desenvolveu uma lavoura cafeeira (PREFEITURA [...], 2017).

Atualmente o Bom Jardim tem recebido diversas fábricas e sendo identificado como o novo distrito industrial, o que tem provocado “um processo de descaracterização da identidade local” (BOTELHO, 2014, p.308). Ao mesmo tempo em que vários agricultores vão trabalhar nas fábricas, muitas pessoas e empreendimentos imobiliários são atraídos para o local. Na contramão dessas mudanças, a ONG Instituto de Imagem e Cidadania, formado por um grupo de jovens oriundos dos movimentos sociais e estudantes, criou no vilarejo de Santo Antônio, uma comunidade agrícola de Barra Alegre, um equipamento educativo denominado Sobrado Cultural Rural.

- Ecomuseu Rural integra o equipamento educativo Sobrado Cultural Rural, cujas ações desenvolvidas estão organizadas em quatro programas: 1) fomento à leitura e às artes em geral; 2) memória e patrimônio cultural; 3) incidência em políticas públicas; 4) escola de formação rural. Apresenta como seus principais objetivos:
- Contribuir com a valorização, o fomento e a preservação do patrimônio cultural material e imaterial e dos modos de vida presentes nas comunidades rurais do interior do Estado do Rio de Janeiro;
- Desenvolver ações que proporcionem a valorização e o reconhecimento dos mestres de saberes populares; Desenvolver ações museológicas que dialoguem com diferentes linguagens artísticas, estimulando a criatividade e uma visão crítica de mundo;
- Ampliar o acesso, à criação, à fruição e a produção cultural para moradores de áreas rurais;
- Contribuir com a garantia do acesso aos livros e fomentar a leitura;
- Contribuir com a manutenção da identidade local, especialmente por meio do registro e do incentivo à transmissão dos conhecimentos tradicionais.

Além do Ecomuseu, o Sobrado Cultural Rural, que também é Ponto de Leitura, Pontinho de Cultura (MinC), Biblioteca Rural de Artes Visuais Armando de Barros (FUNARTE), Ponto de Memória Rural (IBRAM), Ecomuseu Rural e Biblioteca Comunitária (SEC-RJ), possui uma Biblioteca Infantil Conceição Knupp Amaral, um Galpão de Artes Mafor, um Centro de Memória, uma Biblioteca de Artes Visuais, uma Brinquedoteca, uma Cozinha Comunitária, um Alojamento (Hostel com capacidade para hospedar até 12 pessoas), Capril, Galinheiro, Horta Comunitária e área de

reflorestamento. “Essas estruturas são batizadas com nomes de moradores da região como uma forma de demonstrar a importância da participação de todas as pessoas na história da região” (BOTELHO, 2013).

Visando contribuir para a execução de políticas públicas de cultura para áreas rurais, o Ecomuseu Rural /Sobrado Cultural Rural integra diferentes fóruns e redes: Fórum de Museus, Fórum dos Pontos de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (Programa Cultura Viva); Comissão Nacional de Pontos de Cultura; Conselho Nacional de Juventude; Rede de Mestres e Griôs (MinC); Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ), a Rede de Pontos de Memória, a Rede Brasil Memória em Rede, entre outros/as.

Referências Patrimoniais:

Ecomuseu Rural de Barra Alegre possui um acervo de fotografias, vídeos e objetos sobre os saberes e fazeres rurais. Além de considerar estruturas como moinhos d'água, forno à lenha, fazendas, cotidiano da roça, entre diversos outros itens que caracterizam o ambiente enquanto patrimônios rurais materiais e imateriais;

Alguns saberes e fazeres identificados: feitura de broas com fubá do moinho d'água, produção de remédios caseiros com as ervas encontradas na floresta, criação de cabras, produção de sabão caseiro com gordura de porco, feitura dos doces em compota, com frutas retiradas do próprio pomar; confecção das quissambas, cestas produzidas com uma espécie de bambu; entre outros;

Algumas manifestações culturais: folias de reis, mineiro pau e boi pintadinho.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exibição da coleção “Saberes e Tradições Rurais” (05/2014); Exposição “Saberes e Fazeres Rurais” – sobre o cotidiano presente nas áreas rurais (09/2014); Exposição sobre a manifestação indígena realizada durante as comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento do Brasil, que questionava o marco do “início da história do Brasil” (09/2015);

As ações desenvolvidas estão organizadas em quatro programas: 1) fomento à leitura e às artes em geral; 2) memória e patrimônio cultural; 3) incidência em políticas públicas; 4) escola de formação rural. Algumas delas: visitas guiadas, recepção a escolas, conversas com mestres de tradição oral, Oficinas de Bambu, de Educação Patrimonial por meio das artes visuais, de fotografia digital, de fotografia artesanal utilizando caixas de sapatos ou latas de leite, de produção de vídeo etc., Oficina “Museu, Memória e Cidadania” - Programa Pontos de Memória (2013), apresentações musicais etc.

Participação em Eventos: 6ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com exibição dos documentários “Saberes e Tradições Populares do Interior do Estado do Rio de Janeiro” e “Rezas e Ervas” (28-29/09/2012); Oficina de Dança - manifestações populares típicas de áreas rurais - mineiro pau e folias (26/09/2013); Oficina de Fotografia Documental sobre o cotidiano das áreas rurais, exposição “Saberes e Fazeres Rurais” (22/09/2014); Exposição sobre a manifestação indígena no âmbito da comemoração dos 500 anos (23/09/2015); 10ª a 12ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com lançamento do livro digital “Agricultores do Estado do Rio de Janeiro”, exposição fotográfica e exibição do documentário “Dona Jacira” (18-20/05/2012); exibição do documentário “Saberes e Tradições Populares do Interior do Estado do Rio de Janeiro” (15/05/2013); Exibição da coleção “Saberes e Tradições Rurais”, com seis histórias de famílias que vivem em áreas rurais (21/05/2014), entre outros.

Ações de Preservação:

- Pesquisas sobre os modos de vida das populações rurais, ações de monitoramento e avaliação, produção de artigos, participação em redes e em espaços de diálogo entre a sociedade civil organizada e o poder público;
- Produção do livro de Folia de Reis e Mineiro – com algumas histórias de folias e de grupos de mineiro pau presentes na região Serrana (Superintendência de Museus do Estado do Rio de Janeiro/ Secretaria de Cultura de Macuco);
- Produção do documentário “Rezas e Ervas”, de Claudio Paolino, que aborda a feitura da pomada milagrosa pelos erveiros e rezadeiras - mestres da tradição oral - do Grupo Grãos de Luz (Ponto de Cultura Tesouros da Terra);
- Produção do documentário “Saberes e Tradições Populares do Interior do Estado do Rio de Janeiro”, que registra a história da Folia de Reis da Bandeira do Divino Espírito Santo de Barra Alegre em Bom Jardim;
- Produção da “Coleção Saberes e Tradições Rurais”, que compartilha histórias de vida de famílias;
- Produção do livro “Agricultores do Estado do Rio de Janeiro” - narra a história de vida de cinco famílias de agricultores compartilhando suas trajetórias e seus modos de vida (parceria com INEPAC);
- Inventário sobre o Patrimônio Cultural Rural de Barra Alegre - conta a história da região através da sua ocupação territorial (parceria com INEPAC);
- Trilhas pela Memória Rural – registro de histórias de vida dos moradores que vivem no campo.

Referências Bibliográficas:

BOM JARDIM: Ecomuseu Rural de Barra Alegre recebe prêmio. **A Serra**, 20 mai. 2014. Disponível em: <http://aserra.com.br/entretenimento/bom-jardim-ecomuseu-rural-de-barra-alegre-recebe-premio.html#sthash.4yDW71xQ.dpuf>. Acesso em: 19 nov. 2015.

BOTELHO, Marjorie. “Ponto de Cultura Rural” é exemplo de uma iniciativa construtiva de valorização da cultura local e do ambiente rural. Fórum Século XXI, 24 jul. 2013. Disponível em: <http://www.forumseculo21.com.br/noticias4694.ponto-de-cultura-rural-e-exemplo-de-uma-iniciativa-construtiva-de-valorizacao-da-cultura-local-e-do-ambiente-rural.html>. Acesso em: 19 nov. 2015.

BOTELHO, Marjorie; PAOLINO, Claudio. Ecomuseu Rural de Barra Alegre preservando o patrimônio presente nas áreas rurais. **Cadernos do CEOM** – Museologia Social. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.307-313, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/ . Acesso em: 23 out. 2015.			
_____. 6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.196. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf . Acesso em: 6 mai. 2015.			
_____. 7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.205-206. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf . Acesso em: 6 mai. 2015.			
_____. 8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.90. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf . Acesso em: 6 mai. 2015.			
_____. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.102. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.			
_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.217. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.231-232. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.245. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
INSTITUTO DE IMAGEM E CIDADANIA. Ponto de Cultura Rural Lança a Campanha “Seja Amigo do Sobrado Cultural Rural”. Blogspot , dez. 2011. Disponível em: http://imagemcidadania.blogspot.com.br/2011/12/ponto-de-cultura-rural-lanca-campanha.html . Acesso em: 10 mar. 2017.			
_____. Ponto de Cultura Rural Memória Visual: Uma Alternativa no Campo. Rio de Janeiro: 1ª ed. 2015. Disponível em: https://issuu.com/imagemcidadania/docs/livrosobradoculturalrural . Acesso em: 10 mar. 2017.			
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Rural (Instituto de Imagem e Cidadania). Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/6318/ . Acesso em: 10 mar. 2017.			
PONTO DE CULTURA RURAL/SOBRADO CULTURAL RURAL. Facebook: <i>Fanpage</i> . Disponível em: https://www.facebook.com/sobradoculturalrural/?fref=ts . Acesso em: 25 abr. 2016.			
PREFEITURA DE BOM JARDIM. História. Disponível em: http://www.bomjardim.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=129 . Acesso em: 10 mar. 2017.			
Referência da Imagem:	Sede do Ecomuseu.	Disponível em:	
https://www.facebook.com/sobradoculturalrural/photos/pcb.787438891429561/787438734762910/?type=3&theater . Acesso em: 10 mar. 2017.			
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 29	Denominação: Museu Comunitário Engenho do Sertão
	Data de Criação: 1997 Endereço: Rua Abacate, 452, Sertãozinho, CEP 88215-000, Bombinhas/SC. Tel.: (47) 3393-3099 / 9923-0835. Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Boimamão - Preservação e Fomento da Cultura (ONG)	
Parceiros(as)/apoio: Pousada Vila do Farol, Fundação Municipal de Cultura, Secretaria de Assistência Social Bombinhas, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Bombinhas, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Instituto Adelina Souza, Ponto de Cultura Engenhos de Farinha, Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), Brasil Memória em Rede, Temporada Livre, Instituto MAC, Ministério da Cultura, Sistema de Crédito Cooperativo (SICREDI), Governo do Estado de Santa Catarina, Fundação Catarinense de Cultura, Prefeitura Municipal de Bombinhas, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Cine + Cultura, Pontão de Cultura Ação Griô, Brazil Foundation, Instituto Junia Rabello, Instituto Carlos Roberto Hansen, Sebrae SC, For.B Inteligência para sua Marca, Imotion-Info, Malhas Kyly, Procave e diversas pessoas físicas.	
Recursos: Prêmio Culturas Populares - Mestre Duda 100 Anos de Frevo (2007), Prêmio Pontinho de Cultura (2008), Prêmio Areté Cultura Viva – Eventos em Rede (2008), Prêmio Cultura Viva (2008), Prêmio Tuxáua Cultura Viva (2009), Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura (2010 e 2013), Prêmio Pontinho de Cultura (2012), Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Farinhada Engenho do Sertão”), Fundo para a Infância e Adolescência (FIA), MinC/IPHAN (Lei Rouanet), Edital/2012 de Apoio ao Artesanato Brasileiro (Caixa Econômica Feder)...	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: Gratuito	
Obs.: contribuição espontânea ou R\$ 10,00 por pessoa quando a visita é guiada para grupos	
Funcionamento: visitas guiadas das 16 às 20 horas, loja de artesanato Engenho do Sertão, das 18 às 24 horas.	
É necessário agendar a visita? (X) sim () não	
Estrutura física do Museu: O Museu Comunitário está instalado em um complexo cultural instalado em um antigo engenho de farinha (Engenho do Sertão), sede do Instituto Boimamão.	
E-mail institucional: contato@engenhodosertao.com.br Website ou blog: http://www.engenhodosertao.com.br , http://engenhodosertao.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/engenho452/?fref=ts	Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória.

Histórico:

Sertãozinho é um bairro do município de Bombinhas, localizado no litoral centro-norte no estado de Santa Catarina. Vestígios arqueológicos (sambaquis) encontrados em Bombinhas indicam que índios carijós pertencentes à nação tupi-guarani foram os primeiros a povoar a região. No século XVIII, visando garantir o domínio do novo território, o governo Português resolve enviar-lhe colonos das Ilhas do Açores e da Madeira. Os novos colonos dedicam especialmente às atividades agrícolas e à pesca, e comercializam entre si a produção excedente ao seu sustento. A partir da década de 1950, e com mais intensidade na década de 1970, a cidade de Bombinhas verificou significativo aumento populacional. O Município de Bombinhas foi criado oficialmente somente em 1992.

A partir de 1997 um grupo de moradores do bairro e outros/as colaboradores/as iniciaram um processo de preservação do patrimônio material e imaterial em Bombinhas (arquitetura, gastronomia, literatura popular, danças, músicas, crenças, artesanato etc.), que desencadeou na criação do Instituto Boimamão (em 1998), associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, criada com o objetivo de salvaguardar usos, costumes, saberes e fazeres da comunidade local, e sediada em um antigo engenho de farinha. O Engenho do Sertão tornou-se então uma referência histórica da região e um atrativo turístico-cultural. Em 2007 foi inserido no cadastro nacional como Museu Comunitário.

Em 2012 o Instituto Boimamão cria na sede do Museu Comunitário uma unidade produtiva de artesanatos, visando fomentar o empreendedorismo e o associativismo, a inclusão social e a geração do emprego e renda. Em 2013 é criado o Núcleo de Ação e Criação Artesanal (NACA), que desenvolve o projeto “Nas Tramas da Cultura Alinhavos dos Saberes”, com o objetivo de aprimorar as técnicas tradicionais utilizadas pelas artesãs locais, com base na cultura Açoriana e considerando a influência de outros grupos étnicos que povoaram o município de Bombinhas e região. Já o Núcleo Agrícola e Produção Orgânica (NAPO) tem como objetivo “promover o exercício da cidadania com ações voltadas à realidade cultural local e socioambiental, como instrumento de apoio e complemento à educação formal fora do espaço escolar” e produzir “mudas nativas para venda, dentro do programa municipal de reposição ambiental” (INSTITUTO [...], 2017).

O Museu Comunitário Engenho do Sertão integra o complexo cultural instalado pelo Instituto Boimamão no antigo engenho de farinha, que conta também com uma hospedagem e uma unidade produtiva de artesanato. Entre seus objetivos principais encontram-se:

- Resgatar, Preservar e Fomentar a cultura local, por meio da gastronomia, folclore, tradição e costumes do município de Bombinhas;
- Atuar como espaço de referência histórica, lugar de vivências, aprendizados, participação comunitária e desenvolvimento sociocultural;
- Constituir-se enquanto instrumento para analisar a memória, reinterpretar o passado, discernir o aprendizado de experiências anteriores e (re)definir identidades.

O Museu Comunitário Engenho do Sertão também é Ponto de Cultura Escola Terra Engenho do Sertão e Ponto de Memória. Com o intuito de recriar e fomentar a produção artesanal baseada na cultura local, em 2011 foi criada a marca Engenho do Sertão. O Instituto Boimamão recebeu diversas premiações pelos serviços sociais prestados.

Referências Patrimoniais:

O acervo do museu é diversificado, composto por elementos que compunham o engenho de farinha, utensílios, móveis antigos, narrativas e objetos da época do povoamento açoriano, e também por vídeos, fotografias, documentos, artesanatos inspirados na cultura de base açoriana (em madeira, retalhos, bordados, rendas etc.), entre outros elementos.

Patrimônio Imaterial: música, folclore, folguedos (como o boi de mamão), narrativas de época, saberes e fazeres da comunidade local, além de comidas típicas, como a consertada (bebida típica da cidade) e o beijú (alimento de base de farinha de mandioca), entre outros.

Atividades desenvolvidas:

Exposições, Palestras, Visitas guiadas a grupos de turistas, grupos escolares, grupos universitários, visitação com apresentação de folclore, oficinas e café etc.; Oficinas de Bordado, Costura em Retalhos; Oficinas de música, folclore e folguedos; Bazar de Aviamentos; Exposição e venda de artesanato típico de cerâmica e peças tecidas à mão, produzidas pela comunidade nas oficinas oferecidas no local, Feira de Produtos Orgânicos;

Escola da Terra - oficinas de arte-educação envolvendo aspectos da cultura popular local e percepção ambiental. Exemplos: Oficina de Bioconstrução; Oficina de Patrimônio Alimentar; Oficina sobre sementes tradicionais ou "crioulas"; Oficina de Destinos de Resíduos Sólidos e Compostagem.

Participação em Eventos: 9ª e 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exibição do filme "Espinando e Reparando histórias" - Cine Clube Boimamão e Palestra (16-20/05/2011); visitas guiadas e espetáculo cênico musical Abrindo as Janelas do Tempo "Cantadores de Engenho", formado por integrantes nativos que encenam a história do lugar através de composições de autoria do grupo (18-19/05/2013), entre outros.

Ações de Preservação:

Mapeamento dos engenhos de farinha dessa região (1999), Oficinas diversas etc.

Referências Bibliográficas:

BORGES, Raquel. Conheça o Sertãozinho, em Bombinhas, em qualquer época do ano! **Temporada Livre**, 8 fev. 2014. Disponível em: <https://www.temporadalivre.com/blog/conheca-o-sertaozinho-em-bombinhas-em-qualquer-epoca-do-ano/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CASA DO TURISTA. **Engenho do Sertão**: uma atração cultural em Bombinhas. Disponível em: <https://casadoturista.com.br/engenho-do-sertao-uma-atracao-cultural-em-bombinhas/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ENGENHO DO SERTÃO. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/engenho452/?fref=ts>. Acesso em: 25 abr. 2016.

INSTITUTO BOIMAMÃO. Disponível em: <http://www.engenhodosertao.com.br/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus**: Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 358. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus**: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.417. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 6 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário Engenho do Sertão. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9169/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

NOSSO JORNAL SC. V Fórum do Turismo da Abrajat/SC e I Encontro Regional Sul da Abrajat/BR inicia hoje (11), em Bombinhas. **Blogspot**, 11 abr. 2013. Disponível em: <http://nossojornal.sc.blogspot.com.br/2013/04/v-forum-do-turismo-da-abrajat-sc-e-i.html>. Acesso em: 6 mai. 2015.

PREFEITURA DE BOMBINHAS. **História Município**. 22 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bombinhas.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/11119#.WT8Wc5LysdU>. 6 mai. 2015.

TURISMO BOMBINHAS. Disponível em: <http://turismo.bombinhas.sc.gov.br/atrativos/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Núcleo do Museu. Disponível em: <https://casadoturista.com.br/engenho-do-sertao-uma-atracao-cultural-em-bombinhas/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
30

Denominação: Museu do Futebol Douglas Bandeira

Data de Criação: 20/11/1998

Endereço: Carnaubeira da Penha/PE

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu está instalado em uma pequena casa de taipa.

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: [Museu Comunitário]

Histórico:

O Quilombo-Indígena Tiririca dos Crioulos está localizado no pé da Serra do Arapuá, a 20 quilômetros do centro do município de Carnaubeira da Penha, no sertão de Pernambucano. É uma comunidade formada por cerca de 60 famílias, que relacionam-se entre si. O território foi ocupado há mais de cem anos por negros e negras que viviam no sertão do São Francisco e fugiam à condição de escravizados. O território vizinho ao quilombo era ocupado pelos povos Pankarás da Serra do Arapuá, que ao longo dos anos foram se miscigenando com a população do quilombo. Daí a denominação “quilombo-indígena”. Já “Tiririca dos Crioulos” refere-se ao capim Tiririca - resistente inclusive nas épocas de seca -, e Crioulos era o nome dado pelos brancos aos negros. Os vizinhos brancos no quilombo chamavam de forma preconceituosa os negros que o habitavam como “negros da Tiririca”. A apropriação e ressignificação do nome “Tiririca dos Crioulos” é considerada uma forma de combater a discriminação (SÁ; SERRADELA; NETO, 2016, p.6).

A união entre Tiririca e Pankará formou a base da comunidade e de suas histórias de resistências e a lutas pelo território tradicional, que é dividido em localidades menores (Riacho, Tiririca – dividida em Tiririca de Cima, Tiririca de Baixo e Tiririca do Meio -, Riacho Fundo, Caminho de Santana – que se divide em Nico e Ouricuri – e Boa Viagem) (SÁ; SERRADELA; NETO, 2016, p.7).

Na década de 1980 foi fundada a equipe de futebol do Riacho do Olho D’água, e em 1983 foram realizados os primeiros torneios. As premiações na época era feita com animais, que eram servidos na comemoração da vitória era feita. A partir de 1993 as premiações passaram a ser troféus e medalhas, que eram guardadas nas casas dos integrantes do time. Após a quebra accidental do primeiro troféu conquistado, Douglas Bandeira do Nascimento, o goleiro, teve a ideia de criar o Museu do Futebol, para que mais nenhuma taça se perdesse. Com a colaboração de outros integrantes Douglas recolheu as premiações e em 1997 ergueram uma casa de taipa para ser utilizada como sede do museu.

O Museu do Futebol Douglas Bandeira foi inaugurado dia 19 de novembro de 1998, dia do aniversário de Douglas e “Dia da Bandeira”. O nome do time desde então passou a ser “Bandeirantes Futebol Clube”. Além das lembranças e objetos relacionados ao futebol, o Museu tem como objetivo valorizar a cultura comunitária local, enfatizando a composição étnica do quilombo-indígena.

A partir de 2013 vem sendo realizado um trabalho colaborativo denominado “Do Buraco ao Mundo”, reunindo profissionais de diversas áreas e adultos, jovens e crianças do quilombo-indígena. Trata-se de um processo de formação e pesquisa realizado por meio do desenvolvimento de ações educativas colaborativas, incluindo inventário participativo de referências culturais, pesquisa sobre história e memória local e ainda a formação de um núcleo gestor para os dois museus comunitários existentes na comunidade: o Museu do Velho Xangô / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô / Casa-Grande do Marinheiro e o Museu do Futebol Douglas Bandeira.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu é composto por medalhas, troféus, fotografias, luvas, bolas utilizadas nos jogos, cédulas, cerâmicas simbolizando prêmios ganhos (peru, galo etc.), chifres, cascos ou penas de animais ganhos nos jogos, muitas histórias e memórias, além de objetos não necessariamente ligados ao futebol: ferramentas, artefatos indígenas (cerâmicas, borduna), armamentos, artesanatos, maquete, rádio antigo, instrumento musical (pife), berimbau, fardas etc.

Patrimônio Imaterial: Hino Bandeirantes Futebol Clube (criado em 1988), Toré, Capoeira, comemorações (19 de novembro – aniversário do Bandeirantes Futebol Clube) com jogos, missas, terços etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposição...

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

DO BURACO AO MUNDO. **Facebook:** fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/doburacoamundo/about/?ref=page_internal. Acesso em: 26 abr. 2017.

MUSEU INDÍGENA DO FUTEBOL - Douglas Bandeira do Nascimento. **Youtube**, 1 mar. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbiBR3e-cTA>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SÁ, Aleckssandra Ana dos Santos; SERRADELA, Larissa Isidoro; NETO, Nivaldo Aureliano Léo (coord.). **Tiririca dos crioulos:** um quilombo-indígena. Carnaubeira da Penha, PE: Associação dos Remanescentes do Quilombo Tiririca, 2016. Disponível em: http://afro.culturadigital.br/wp-content/uploads/2016/07/Tiririca_dos_crioulos_um_quilombo_indi%CC%81gena-1.pdf. Acesso em: 26 abr. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Museu. Crédito: Carmelo Fioraso. Disponível em: <https://www.facebook.com/doburacoamundo/photos/a.1691713371072005.1073741843.1588118524764824/1691715097738499/?type=3&theater>. Acesso em: 26 abr. 2017.

Obs.: Algumas informações foram compartilhadas pelo antropólogo Alexandre Gomes via facebook.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 31 </td> <td data-bbox="751 315 1372 584"> Denominação: Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG Data de Criação: 22/04/1999 Endereço: Rua Capitão Heitor Perdigão, 10, CEP 96200-970, Rio Grande/RS. Tel.: (53) 3232-9107 / 3231-3496 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 31	Denominação: Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG Data de Criação: 22/04/1999 Endereço: Rua Capitão Heitor Perdigão, 10, CEP 96200-970, Rio Grande/RS. Tel.: (53) 3232-9107 / 3231-3496 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 31	Denominação: Eco-Museu da Ilha da Pólvora – FURG Data de Criação: 22/04/1999 Endereço: Rua Capitão Heitor Perdigão, 10, CEP 96200-970, Rio Grande/RS. Tel.: (53) 3232-9107 / 3231-3496 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Parceiros(as)/apoio: Recursos: Exército Brasileiro e a Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 6ª, sábado e domingo, das 14 às 17:30 horas É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: A sede do Ecomuseu está instalada em um edifício neo-colonial construído na Ilha da Pólvora, mas as atividades realizadas abrangem toda a Ilha.			
E-mail institucional: museu@furg.br Website ou blog: http://www.museu.furg.br/eco-museu-da_ilha-da-polvora.html Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu			
Histórico: <p>A Ilha da Pólvora é uma das ilhas do estuário da Laguna dos Patos, localizada no município de Rio Grande, no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. É um espaço natural com uma grande biodiversidade, possuindo cerca de 42 hectares de marismas (áreas periodicamente alagadas pela maré que servem de habitat para várias espécies de aves, roedores, moluscos, crustáceos, larvas e juvenis de peixes). No século XIX a ilha foi adquirida pelo inglês Thomas Messiter, que posteriormente a vendeu para o Governo Imperial (1854). Em 1856 foi nela construído um edifício neo-colonial para abrigar o paiol do exército. Atualmente a ilha é um patrimônio do Exército Brasileiro.</p> <p>Visando maior proteção ambiental do patrimônio natural e cultural da região, o Exército Brasileiro e a Fundação Universidade Federal do Rio Grande uniram esforços e lançaram em 1987 o Projeto Ilha da Pólvora, que foi aprovado pelo Ministério da Educação dez anos depois. O Eco-Museu da Ilha da Pólvora, inaugurado em 1999, integra o complexo de museus e centros associados da Fundação Universidade do Rio Grande, que inclui também o Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios (o primeiro, criado em 1953), o Museu Antártico, o Museu Náutico, o Centro de Recuperação de Animais Marinhos (CRAM) e o Centro de Educação e Formação Ambiental Marinha (CEFAM).</p> <p>O Eco-Museu da Ilha da Pólvora apresenta como alguns de seus objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Organizar ações de conservação e manejo, contribuindo para a preservação do patrimônio natural e cultural da Ilha (biológico, paisagístico, arquitetônico e cultural); • Atuar como espaço privilegiado para a realização de atividades de pesquisas e educação ambiental. <p>O traslado até a ilha é realizado por embarcação, com saída do píer do Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios.</p>			
Referências Patrimoniais: <p>O acervo do museu é composto por todo o ecossistema local: espécies nativas da fauna e flora, além de objetos e instrumentos pertencentes ao exército brasileiro etc.</p>			
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições permanentes e itinerantes. Exemplo: exposição sobre a história natural do estuário do Rio Grande;</p> <p>Atividades de pesquisa (trabalhos de graduação e pós-graduação - estudos sobre a vegetação, crustáceos, aves e roedores), educação ambiental, entre outras.</p>			
Ações de Preservação: <ul style="list-style-type: none"> • Restauo do edifício neo-colonial; • Construção de passarelas para que a fauna e a flora não fosse prejudicadas com as visitas; 			

- Atividades de Educação Ambiental etc.

Referências Bibliográficas:

ECO MUSEU DA ILHA DA PÓLVORA. Disponível em: <http://www.museu.furg.br/index.php/museus/eco-museu-da-ilha-da-polvora>. Acesso em: 31 mai. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Ilha da Pólvora - FURG (Universidade Federal do Rio Grande). **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7905/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEUS E CENTROS DA FURG. **O Complexo de Museus e Centros Associados da FURG.** <http://www.museu.furg.br/index.php>. Acesso em: 31 mai. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Atrativos Turísticos** - Eco-Museu da Ilha da Pólvora. <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+1836c,,eco-museu-da-ilha-da-polvora.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SOUZA, Gil Souza de; SOUZA, Hélio Alves de. **Histórico da Ilha da Pólvora** - Reservistas da "Classe de 1935". <http://www.mikrus.com.br/~classe35/ilhapolvora.htm>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Referência da Imagem: Vista Panorâmica do Ecomuseu. Disponível em: <http://www.museu.furg.br/index.php/museus/eco-museu-da-ilha-da-polvora>. Acesso em: 31 mai. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
32

Denominação: Museu Ilê Ohun Lailai (Casa das Coisas Antigas)

Data de Criação: 1999

Endereço: Rua Direita de São Gonçalo do Retiro, 557, Cabula, CEP 41190-000, Salvador/BA.

Tel.: (71) 3384-5229

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá

Parceiros(as)/apoio: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) e Fundação Pedro Calmon (FPC) - unidades da Secretaria de Cultura do Estado (Secult/BA).

Recursos: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia - DIMUS/IPAC (Projeto de Requalificação Física e Readequação Expográfica, 2011).

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$ 2,00

Obs.: gratuidade para estudantes da rede pública (carente) e crianças até 5 anos.

Funcionamento: 2ª a sábado, das 9 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Ilê Ohun Lailai está localizado no andar inferior da Casa de Xangô. Além da sala de exposição, possui arquivo histórico.

E-mail institucional:

Websíte ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]

Histórico:

O Cabula é um bairro do município de Salvador (BA), localizado em um morro de mata fechada “intensa até as cinco primeiras décadas do século XX, enquanto havia ocupação natural da população interna originária daquele lugar” (NICOLIN, 2007, p.56), condição que favoreceu a constituição de um território quilombola. Segundo Nicolin (2007, p.56), até o século XIX a região de Cabula “abrigava em suas matas vários pousos e roças constituintes de uma comunalidade plantada por africanos rebelados contra a escravidão e o colonialismo”. Segundo a etnolinguísta Yeda Castro (*apud* NICOLIN, 2007, p.60), cabula é uma palavra de origem banto das línguas kicongo. Nina Rodrigues descreve-o enquanto um “culto secreto e rural [...] da nação Jeje-Nagô realizado nas matas dos arredores de Salvador no século XIX. Ainda neste século, após a derrubada de diversos quilombos, Cabula foi dividida em fazendas produtoras de laranja ou “pouso de descanso” dos barões e viscondes (*idem*, p.60). No século XX, diversos moradores sofreram a “desapropriação de terras feita pela prefeitura” (*idem*, p.69) e a localidade passou a receber novos moradores. As ocupações aí existentes foram caracterizadas pelo Estado como “irregulares”, sem que fossem consideradas como uma “maneira própria de organização socioexistencial” (*idem*, p.67). Na década de 1970 uma política urbanística deu novo perfil ao bairro. Com a construção de diversos condomínio (casas e edifícios), a classe média foi atraída para o local. Atualmente, Segundo o IBGE (2000), o bairro é composto por cerca de 47 mil habitantes.

O Ilê Axé Opô Afonjá (“Casa de Força Sustentada por Afonjá”), também conhecido como Centro Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá ou Terreiro Kêtu do Axé Opô Afonjá, é um terreiro de candomblé fundado pela lalorixá Oba Biyi Mãe Aninha (Eugênia Anna dos Santos) em 1910 (NICOLIN, 2007, p.57), junto a um grupo dissidente do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. O terreiro, tombado pelo IPHAN no ano 2000, ocupa uma área de 39.000 metros quadrados (doada pelo Ministério da Cultura / Fundação Palmares) e é composto por edificações religiosas e habitacionais, por uma área de vegetação densa e também pela Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos.

O Museu Ilê Ohun Lailai (“Casa das Coisas Antigas”, em iorubá) é o primeiro museu criado em um terreiro. Existe desde a década de 1980, mas sua inauguração oficial ocorre somente em 1999. Entre seus objetivos principais encontra-se:

- Testemunhar a evolução do candomblé no Brasil através do registro de uma das suas principais casas de culto;
- Contribuir com o combate ao preconceito às religiões de matriz Africana.

“Célia Silva, gestora do Museu Ilê Ohun Lailai, optou por estudar Museologia para dar um tratamento adequado às peças que compõem seu acervo e percebe que, muitas vezes, os próprios frequentadores desconhecem o valor dessas obras” (DIRETORIA [...], 2013).

Com o apoio da DIMUS, o museu passou por uma reforma que incluiu readequação do espaço físico, concepção de um novo projeto expográfico, higienização e restauro de seu acervo, climatização e aquisição de novo mobiliário, e foi reaberto em 2011 (MUSEU [...], 2011). O Museu integra a Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé.

Referências Patrimoniais:

O Acervo do museu é composto por mais de 750 objetos utilizados nos rituais ou cotidiano do terreiro e de seus fiéis: insígnias dos Orixás, utensílios usados no preparo das oferendas, plantas litúrgicas e terapêuticas, objetos de culto das Iyalorixás da casa, vestimentas e objetos pessoais das Ialorixás, instrumentos musicais e documentos do Ilê Axé Opô Afonjá;

Patrimônios Intangíveis: Mitologia dos Orixás; Festividades; Iyalorixás da casa: Mãe Aninha (1909-1938); Mãe Bada de Oxalá (1939-1941); Mãe Senhora (1942-1967); Mãe Ondina de Oxalá (1969-1975); Mãe STel.la de Oxóssi (1976-atual).

Obs.: Em 2016 a Corregedoria Geral da Justiça da Bahia doou a réplica de um livro histórico, que contém transações feitas com escravos entre 1879 a 1887, como notas e escrituras de penhor e alforria de negros escravizados.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de Longa Duração - reúne a história do terreiro e das Ialorixás, com objetos de culto e roupas (2011-atual); Pannel Fotográfico com as descrições das espécies vegetais existentes no território do terreiro - um dos produtos finais do Projeto de Extensão da UFBA - Ação Curricular em Comunidade e Sociedade - ACCS - "Matas Urbanas e Agroecologia, usos e convivências nas áreas verdes da UFBA" (2014);

Recepção a visitantes;

Participação em Eventos: I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (29/05/2013, Memorial Kisimbê), entre outros.

Ações de Preservação:

- Higienização e restauro do acervo, climatização e aquisição de novo mobiliário (2010-2011)
- Produtos finais do Projeto de Extensão da UFBA - Ação Curricular em Comunidade e Sociedade - ACCS - "Matas Urbanas e Agroecologia, usos e convivências nas áreas verdes da UFBA", realizado em 2014:
 - Mapa Ilustrado para a trilha interpretativa do museu e do entorno - onde foram indicadas as espécies vegetais (principalmente as recomendadas como litúrgicas) e os espaços utilizados para os diferentes rituais;
 - Material didático sobre a relação dos Orixá com as plantas ritualística para crianças e adultos;
 - Folheto "Plantas litúrgicas e terapêuticas do ritual africano";
 - Pannel Fotográfico com as descrições das espécies vegetais existentes no território do terreiro.

Referências Bibliográficas:

DIRETORIA DE MUSEUS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Memoriais e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede.** Publicado em 30 mai. 2013. Disponível em: <https://dimusbahia.wordpress.com/2013/05/30/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

ILÊ AXÉ OPÓ AFONJÁ. **Wikipedia.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Il%C3%AA_Ax%C3%A9_Op%C3%B3_Afonj%C3%A1#Museu. Acesso em: 11 ago. 2016.

MUSEU Ilê Ohun Lai Lai reabre como novo projeto expográfico. **Cidade do Saber** - Prof. Raimundo Pinheiro, 2 fev. 2011. Disponível em: <http://www.cidadedosaber.org.br/detalhe/noticia/museu-ile-ohun-lai-lai-reabre-como-novo-projeto-expografico/?cHash=4f92fd9c807cd27bd96b069242ea551d>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Ilê Ohun Lailai. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7279/>. Acesso em: 03 mar. 2017.

NICOLIN, Janice Sena. **Artebagaço Odeart:** Ecos que Entoam a Mata Africano-Brasileira do Cabula. 2007. 103p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2007. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2007/janice_de_sena_nicolin.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

ROMANELLI, Cristina. Orixás renovados. **Revista de História**, 2 mar. 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/orixas-renovados>. Acesso em: 11 ago. 2016.

SALVADOR DESTINATION. **Terreiros de Candomblé.** Disponível em: <http://www.salvadordestination.com.br/pagina/30/Terreiros.aspx>. Acesso em: 16 mar. 2017

SANTANA, Joselita da Silva. **Impressões de uma Trilha:** Museu - Ilê Ohun Lailai - Casa das Coisas Antigas. 2014. Disponível em: <https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/poster-n127-impressoes-de-uma-trilha-museu-ile-ohun-lailai-joselita-2014.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

SECRETARIA da Cultura requalifica museu do Ilê Axé Opô Afonjá. **Correio 24 Horas**, 24 jan. 2011. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/secretaria-da-cultura-requalifica-museu-do-ile-axe-opo-afonja/>. Acesso em: 11 ago. 2016.

TERREIRO MOKAMBO. **Memorial Kisimbê sedia I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé.** Publicado em 27 mai. 2013. Disponível em: <http://terreiomokambo.org.br/v2/memorial-kisimbie-sedia-i-encontro-da-rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble-2/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DA BAHIA. **Corregedoria doa livro com registro de alforria de escravos para terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.** 28 jan. 2016. Disponível em: http://www5.tjba.jus.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95440%3Acorregedoria-doa-livro-com-registro-de-alforria-de-escravos-para-terreiro-ile-axe-opo-afonja&catid=55&Itemid=202. Acesso em: 11 ago. 2016.

Referência da Imagem: Fachada do Terreiro. Disponível em: <http://www.salvadordestination.com.br/pagina/30/Terreiros.aspx>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 33	Denominação: Museu Comunitário Memorial do Quilombo de São Roque	
	Data de Criação: 1999 Endereço: Rua São Roque, s/n, Sede da Associação - Povoado São Roque - Zona Rural, Anajatuba/MA. Tel.: (98) 3223-1587 / 8407-0713 Situação atual: em formação (?)	
Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Produtores Rurais Quilombolas do Povoado São Roque		
Parceiros(as):		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: elzadotambor@hotmail.com Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário		
Histórico: <p>O Povoado São Roque está localizado na zona rural do município de Anajatuba (MA). A região foi historicamente ocupada por povos indígenas, que durante o período colonial, devido às perseguições sofridas, migraram para outras regiões. Os colonos estabeleceram na região a criação de gado. No século XIX a região é elevada à categoria de distrito e entre idas e vindas é elevado a município em 1948 (PREFEITURA [...], 2017).</p> <p>Em 2005 a comunidade de São Roque foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ). Em 2012 a Associação dos Produtores Rurais Quilombolas do Povoado São Roque inscreveu o Projeto “Museu Comunitário Memorial do Quilombo de São Roque – preservação da memória, dos saberes e da história na construção da identidade dos afrodescendentes em Anajatuba” no Edital do Prêmio Pontos de Memória (Instituto Brasileiro de Museus), mas a iniciativa não foi contemplada.</p>		
Referências Patrimoniais: Memórias, saberes e história da comunidade.		
Atividades Desenvolvidas: Participação em Eventos: 6ª Primavera de Museus (IBRAM), com apresentação de Tambor de Crioula, ações educativas voltadas para crianças e adolescentes das escolas da comunidade e de comunidades vizinhas sobre a importância do museu para a identidade do povo quilombola, Toque de Caixa de Divino Espírito Santo (25-29/09/2012); 1º Arraial Quilombola da Comunidade do Cumbi (30/06/2015), entre outros.		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) Atualizada até a Portaria nº- 84, de 8 de Junho de 2015. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/C%C3%B3pia-de-Lista-das-CRQs-Certificadas-Portaria-n%C2%B0-84-08-06-2015.pdf . Acesso em: 22 mai. 2017. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus . Brasília: IBRAM, 2012, p.63. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf . Acesso em: 6 mai. 2015. _____. Lista de inscrições inadmitidas - Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/11/Divulga-Lista-de-inscr-inadmitidas_pontosMEMORIA.doc . Acesso em: 22 mai. 2017. PREFEITURA MUNICIPAL DE ANAJATUBA. Facebook: Fanpage, 1 jul. 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/anajatuba/posts/421952001329954 . Acesso em: 22 mai. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
34

Denominação: Museu Indígena da Aldeia Pataxó

Data de Criação: 04/2000

Endereço: Rodovia BR 367, km 75 - Aldeia Pataxó s/n, Coroa Vermelha, CEP 45807-000, Santa Cruz Cabrália/BA.

Tel.: (73) 9141-3178.

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Governo do Estado da Bahia (?)

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Governo Federal (Ministério do Esporte e do Turismo), Governo do Estado da Bahia

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 2ª a sábado, das 8 às 17 horas

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Museu Indígena foi construído em formato circular, seguindo uma arquitetura “étnica”, coberto com cobertura de piaçava em algumas partes e com um espaço ao ar livre em seu centro (MIRANDA, 2006, p.49-50).

E-mail institucional: karkajupataxo@yahoo.com.br

Websíte ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

Coroa Vermelha é uma enseada no extremo sul do estado da Bahia, localizada entre Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro. A História Oficial conta que em sua praia ocorreu o “descobrimento oficial” do Brasil. Na localidade encontra-se uma Reserva Indígena Pataxó, a Aldeia de Coroa Vermelha, uma das aldeias remanescentes da Aldeia de Barra Velha, localizada entre as vilas de Prado e Porto Seguro, criada em 1861 por ordem do presidente da Província da Bahia com o objetivo de “abrigar e isolar as famílias indígenas ainda ‘selvagens’, em benefício das vilas regionais” (MIRANDA, 2006, p.21). Sua população era composta por Pataxós, Maxacalis, Botocudos, Tupiniquins e possivelmente os Kamakãs, mas como a maioria eram Pataxós este foi o etnônimo adotado pelo grupo. Na década de 1950 houve na aldeia um levante que levou a população local se dar conta não apenas da existência de populações indígenas mas também das péssimas condições em que viviam. A violenta repressão policial gerou a morte de duas lideranças indígenas, a prisão de 38 e ocasionou um incêndio da aldeia, episódio que ficou conhecido como “Fogo de 51”. Devido às perseguições sofridas, os Pataxó de Barra Velha foram impelidos a se dispersar pela região, e esse êxodo deu origem à formação de cerca de outras 22 aldeias Pataxó. Barra Velha ficou conhecida como “Aldeia Mãe” (MIRANDA, 2006, p.21-22).

Em 1972 foi fundada a aldeia de Coroa Vermelha. Por situar-se no perímetro urbano do município de Santa Cruz Cabrália teve no mercado de artesanato a motivação principal para a sua fundação. Devido à emergente indústria turística o estabelecimento dos Pataxó na região foi “apoiado e estimulado por políticos e empresários locais” (MIRANDA, 2006, p.22). O território foi demarcado apenas em 1997. De acordo com Miranda (2006, p.7), “o processo de construção da identidade indígena Pataxó [...] está inserido em contexto de longo e intenso contato com a população regional, sendo, na atualidade, intersectado pela forte influência do mercado turístico” que, “entrelaçado à prática de ‘mercantilização de culturas’, exotiza e transforma as mais diversas dimensões da cultura indígena em atrativo central”.

No âmbito das comemorações dos 500 anos do Descobrimento a “aldeia urbana” (MIRANDA, 2006, p.23) recebeu uma série de reformas planejadas pelos governos federal e estadual, e a implantação de “um Conjunto Cultural que integrava a Escola Indígena, o Centro de Saúde, Oficinas de Fitoterapia, Horta Medicinal e o Centro Cultural Pataxó” (*idem*, p.24). Na parte turística, dentre as mudanças estruturais implementadas foram construídos um museu e um *shopping* indígenas. De acordo com Miranda (2006, p.26) se trata “de uma comunidade indígena amplamente organizada, em constante luta política em prol da efetivação de seus direitos enquanto grupo étnico diferenciado”, pois como outras etnias existentes no nordeste brasileiro, é constantemente questionada “quanto à legitimidade de sua identidade indígena” (*idem*, p.27).

O Museu Indígena da Aldeia Pataxó, inaugurado em abril de 2000, foi criado com o objetivo de “informar aos visitantes acerca da realidade Pataxó” (MIRANDA, 2006, p.26). Miranda (2006, p.50) relata que as próprias crianças, que “circulam ativamente por amplos espaços geográficos”, atuam como guias, sendo as responsáveis por atrair os turistas ao Museu e o *shopping* indígena. Para a autora, a informação sobre os próprios Pataxó no museu é restrita (MIRANDA, 2006, p.49).

O Museu Indígena da Aldeia Pataxó é um museu privado, mas não obtivemos informações sobre quem o administra e outros possíveis objetivos.

Referências Patrimoniais:

Fotografias de diversos povos indígenas no Brasil, artefatos, danças e cantos tradicionais, *Patxohã* (idioma Pataxó)...

Atividades desenvolvidas:

Exposições;

Aos sábados há apresentação de danças típicas e rituais de caráter público – *awé*;

Participação em Eventos: 1ª Reunião entre representantes e agentes culturais envolvidos em museus e centros culturais indígenas – organizada pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), em parceria com o Museu Nacional da UFRJ (15-16/09/2009, Rio de Janeiro/RJ), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

GONZÁLEZ, Christianne. Celebração do Descobrimento muda cotidiano dos pataxós. **Uol** – Folha On Line, 27 fev. 2000. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/report_6.htm. Acesso em: 11 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Culturas Indígenas**. 15 set. 2009. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/2009/09/15/culturas-indigenas-4/>. Acesso em: 25 out. 2016.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó:** práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. 2006. 111f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Departamento de Antropologia e Etnologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/12486988782006%20MIRANDA,%20Sarah%20-%20Identidade%20Pataxo%20entre%20Crianças%20de%20Coroa%20Vermelha.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Indígena da Aldeia Pataxó. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6876/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

THAME, Daniel. Pataxós viram 'decoração'. **Uol:** A Região, 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aregiao/art/pataxo.htm>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Entrada do Museu. Créditos: Nina Barros. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Museu-Indigena-da-Aldeia-Pataxo/1600119570306372>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
35

Denominação: Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri

Data de Criação: 2001

Endereço: BR 070, km 113 s/n, Aldeia Bororo de Meruri, CEP 78620-000, General Carneiro/MT.

Tel.: (67)3326-9788 / (66)3416-1172 (contato Missão Salesiana)

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação [...]

Parceiros(as)/apoio: Missão Salesiana, Museu das Culturas Dom Bosco, Universidade Católica Dom Bosco

Recursos: Prêmio Cultura Viva 2006 – Categoria Tecnologia Sociocultural – MinC (Projeto “Museu na Aldeia: Comunicação e Transculturalismo”); Prêmio Cultura Indígenas 2007- Edição Xicão Xukuru (Projeto “Os Bororo pelos Bóe: uma Visão Atualizada da Cultura Tradicional”); Pontos de Cultura Indígenas 2015 – Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (Projeto “Comunidade Bororo - Aldeia Garça”); Projeto de Extensão Universitária da Universidade Católica Dom Bosco...

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 8 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri está instalado no complexo arquitetônico da Missão Sagrado Coração de Jesus, obra religiosa criada dirigida pela Missão Salesiana do Mato Grosso, da Congregação Salesiana, e é formado por um arquivo, uma biblioteca (biblioteca Simão Bororo), uma sala de vídeo, um laboratório de imagem e som e uma Sala de Expressão de Cultura (Sala “Koge Ekureu”).

E-mail institucional: agostinho_pc@hotmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário, “Experiência Museal Comunitária” (SILVA, 2011, p.23)

Histórico:

A Aldeia Bororo de Meruri está localizada no município de General Carneiro (MT). É uma das Terras Indígenas da bacia dos rios Araguaia e São Lourenço, uma região de cerrado e pantanal. “Bororo é o nome dado ao espaço central da aldeia circular, onde ocorrem os cerimoniais” e o nome com o qual o povo que se autodenomina “Bóe” (gente) ficou conhecido pelos não-indígenas. Até o final dos anos 1970 os missionários que habitavam a região os proibiam de falar a própria língua, o bóe wadáru, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê. Por essa razão em algumas aldeias a língua tradicional encontra-se enfraquecida. Em 2008 os Bóe-Boro foram estimados em 1.024 pessoas, distribuídos nas Terras Indígenas de Meruri, Perigara, Sandradouro/Volta Grande, Tadarimana, Teresa Cristina e Jarudori. Nesta última foi inteiramente ocupada, sendo construída uma cidade em seu interior. Em 2015 o número estimado da população da Terra Indígena Meruri era de 550 habitantes (MINC, 2015, p.363).

A partir de 1997 a Profa. Dra. Aivone Carvalho Brandão iniciou uma pesquisa junto à coleção bororo do Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco (Itália) e promoveu o intercâmbio com a aldeia Bororo de Meruri, onde a coleção foi coletada por missionários salesianos na primeira metade do século XX. A repatriação visual da coleção (documentação fotográfica) e concreta de 14 objetos (repatriados em 1999) pertencentes ao ritual denominado Mori (que integra as cerimônias associadas ao tradicional ciclo fúnebre nativo), serviu de estímulo para a realização de pesquisas e a produção de textos a fim de reconstruir a vida cultural dos Bororo, e com esse intuito realizaram-se diversas oficinas que, além de reaprender as técnicas empregadas, despertou lembranças individuais e memórias coletivas. Além da pesquisa em si, a Associazione Missione Don Bosco revitalizou 67 casas de alvenaria da aldeia.

O projeto, iniciado na Escola Indígena de Meruri, envolveu os professores indígenas, a pesquisadora Brandão, com respaldo dos missionários, e contou com “apoio da maioria esmagadora da população da aldeia” (SILVA, 2011, p.22), e culminou com a criação do “Centro de Pesquisa e Valorização da Cultura Bororo Padre Rodolfo Lunkenbein”, inaugurado em 2001, assim nomeado por escolha dos Bororo em homenagem ao missionário alemão assassinado em 1976 em defesa de suas terras. De acordo com Silva (2011, p.91), foi nele estabelecido um modelo de gestão participativa. Posteriormente, o Centro passou a ser denominado “Museu Comunitário Padre Rodolfo Lunkenbein” (*idem*, p.25) e atualmente aparece na Plataforma Museus Br (2017) como “Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri”. Dentre seus objetivos encontram-se: a revitalização da memória mítica, o fortalecimento da identidade étnica e a preservação da cultura dos Bororo de Meruri (SILVA, 2011).

O Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri atualmente está vinculado a um Projeto de Extensão Universitária da Universidade Católica Dom Bosco (ligada à Missão Salesiana de Mato Grosso), tornou-se “o núcleo de organização dos demais Bororo para a participação de eventos dentro e fora da aldeia” (SILVA, 2011, p.310).

Em 2003 o antigo Museu Dom Bosco (Campo Grande/MT) iniciou um projeto de reestruturação que objetivou a elaboração de uma nova museografia no seu novo espaço e também o desenvolvimento de um método de gestão compartilhada e participativa do acervo. Para isso, iniciou um intercâmbio com as culturas indígenas Bororo e Xavante, cujas coleções estavam sob guarda do museu (BRANDÃO, [2012]).

Referências Patrimoniais:

Coleção de artefatos repatriados: *aígo burégi, baragára, powári móri, bokodóri inógi, áe, bá, baragára orógu e adúgo ika* (SILVA, 2011, p.264);

Fotografias, Documentos, Brinquedos Tradicionais, Artefatos diversos, Canto Cibae Etawadu, acervo musical em áudio compilado pelo Padre Ochoa, acervo em vídeo (registro de suas festas e rituais);

Obs.: Os objetos encontram-se em contínuo movimento entre a exposição e os rituais (BRANDÃO, [2012]).

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição de Longa Duração na Sala de Expressão de Cultura “Koge Ekureu” – ao centro os objetos repatriados, em volta, em uma estrutura circular representando as aldeias originais, “vitrines clônicas” (de cada clã) com os objetos representativos de suas festas e rituais; Exposição no Museu da Cultura do Mundo – Castelo D’Albertis (10/2004-01/2005, Museo delle Culture del Mondo – Castello D’Albertis, Gênova, Itália), dentre outras.

Oficinas de Produção Cultural (revitalização das técnicas tradicionais), Fotografia, Audiovisual etc.; **Visitas Mediadas:**

Participação em Eventos: I Seminário de História Bororo para Bororo (2006); II Fórum Nacional de Museus (2006, Ouro Preto/MG); Universidade Autônoma de Barcelona (2008?); Smithsonian Institution - Washington D.C. (2008?); 1ª Reunião entre representantes e agentes culturais envolvidos em museus e centros culturais indígenas – organizada pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), em parceria com o Museu Nacional da UFRJ (15-16/09/2009, Rio de Janeiro/RJ), entre outros.

Obs.: O Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri contribuiu com a Exposição de Longa Duração do Museu de História do Pantanal (Corumbá/MS).

Ações de Preservação:

- Pesquisas permanentes sobre a história e a cultura local;
- Oficinas de revitalização da técnica, conservação preventiva, práticas museológicas, novas tecnologias de comunicação etc.;
- Digitalização de acervos em áudio e vídeo;
- Elaboração de Catálogo de Pinturas Faciais Clônicas – resultante de pesquisa desenvolvida pelo Bororo Ailton Koge Ekureu, do clã dos Baadogeba;
- Revitalização dos rituais de nomeação de acordo com as tradições Bororo;
- Reintrodução e produção de brinquedos tradicionais das culturas Bororo;
- Registro dos rituais e atividades culturais em audiovisual etc.

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Aivone Carvalho. **Produção Partilhada do Conhecimento e Museus Comunitários:** Descolonização, Comunicação e Conhecimento Compartilhado entre os Bororo e Xavante. [2012?]. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/pos-doc/Projeto%20ACB.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

IMPRENSA NACIONAL. **Diário Oficial da União.** Seção 1, nº 246, 24 dez. 2015, p.64-71. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=24/12/2015&jornal=1&pagina=64&totalArquivos=404>. Acesso em: 16 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Culturas Indígenas.** 15 set. 2009. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/2009/09/15/culturas-indigenas-4/>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. **Catálogo Prêmio Cultura Viva 2006.** Brasília: MinC, 2006. Disponível em: <http://www.premioculturaviva.org.br/download/1edicao/catalogo1ed.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

_____. **Prêmio Culturas Indígenas.** Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, 363-364. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO. **Museu de Meruri** – Museu Comunitário de Meruri. Disponível em: <http://www.mcdb.org.br/materias.php?subcategoriald=28>. Acesso em: 25 out. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri. Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7415/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de. **Significação do lúdico na cultura Bororo:** o brincar e o brinquedo na construção da identidade. 2011. 198f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

SILVA, Aramis Luis. **Mapa de Viagem de uma Coleção Etnográfica** – A Aldeia Bororo nos Museus Salesianos e o Museu Salesiano na Aldeia Bororo. 2011. 360f. Tede (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Referência da Imagem: Vista Panorâmica da Aldeia, do alto do Morro de Meruri. Crédito: Aramis Luis Silva (in: SILVA, 2011, p.258).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 577"> Ficha: 36 </td> <td data-bbox="751 315 1385 577"> Denominação: Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba Data de Criação: 19/01/2001 Endereço: Rua Professor Valdevino, 48, casa 1, Foz do Rio Cocó, Sabiaguaba, CEP 60835-275, Fortaleza/CE. Tel.: (85) 98749-5286 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 36	Denominação: Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba Data de Criação: 19/01/2001 Endereço: Rua Professor Valdevino, 48, casa 1, Foz do Rio Cocó, Sabiaguaba, CEP 60835-275, Fortaleza/CE. Tel.: (85) 98749-5286 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 36	Denominação: Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba Data de Criação: 19/01/2001 Endereço: Rua Professor Valdevino, 48, casa 1, Foz do Rio Cocó, Sabiaguaba, CEP 60835-275, Fortaleza/CE. Tel.: (85) 98749-5286 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): O Ecomuseu é gerido por um núcleo de voluntários</p> <p>Parceiros(as)/apoio: ONG's, movimentos socioambientais locais, regionais e internacionais, ambientalistas, museólogos, sociólogos, pedagogos, historiadores, biólogos, artistas plásticos, produtores culturais – todos voluntários etc.</p> <p>Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba: reflorestamento e musealização do território, Fortaleza/CE), contribuição dos alunos</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento: 2ª a sábado, das 8:30 às 16 horas</p> <p>É necessário agendar a visita? (X) sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está instalado em uma antiga barraca de praia adaptada, que além da área expositiva possui uma biblioteca e uma pequena lojinha. Porém, a maior parte de suas atividades é realizada ao ar livre, no território da Sabiaguaba.</p>			
<p>E-mail institucional: projeto.educar@hotmail.com</p> <p>Website ou blog: https://museunaturaldomangue.wordpress.com/, http://ecomuseudomangue.webenode.com.br</p> <p>Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseunaturaldomangue/</p>	<p>Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu Itinerante, Museu de Caráter Comunitário (CNM), Ponto de Memória</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Sabiaguaba é um bairro rural de preservação ambiental, localizado no Extremo-Leste ao litoral de Fortaleza (CE), com poucas com poucas áreas habitadas e cercada por três lagoas, um rio, manguezais, um grande lençol de dunas e pelo mar. Apesar de se tratar de uma Área de Preservação Ambiental (APA) e Área de Preservação Permanente (APP) do Parque Natural Municipal de Dunas da Sabiaguaba, a área de manguezal aos poucos vinha sendo devastada para corte de madeira e ocupação de barracas. Na atualidade, as comunidades tradicionais de pescadores e extrativistas enfrentam diversas transformações em seu modo de vida devido à inserção da Sabiaguaba na dinâmica urbana e de especulação imobiliária de Fortaleza, algo que se intensificou após a construção da ponte sob o rio Cocó.</p> <p>O “Museu Natural do Mangue” ou “Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba” é uma entidade sem fins lucrativos instalada em uma antiga barraca de praia adaptada, está situado na APA da Sabiaguaba, na Foz do Rio Cocó, e foi criado a partir da iniciativa do ambientalista e morador, Sr. Rusty Sá Barreto, que junto a voluntários e amigos desenvolve um trabalho de educação ambiental e reflorestamento com a comunidade, escolas e visitantes. Apresenta-se como um espaço de educação interativo e colaborativo, em que a ação educativo-museológica constitui-se como mecanismo para a percepção do meio ambiente como patrimônio que deve ser preservado. Apresenta como seus principais objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educar o olhar da comunidade e visitantes para as questões sociais, culturais e ambientais da Unidade de Conservação (UC) Sabiaguaba e a importância da proteção e conservação do seu ecossistema e biodiversidade, contribuindo para a construção de uma nova consciência ambiental planetária; • Desenvolver um projeto de educação ambiental, preservação, reflorestamento e musealização do patrimônio cultural e natural - salvaguarda de um acervo sobre a fauna, a flora e a cultura do mangue; • Coletar, arquivar e conservar bens materiais e imateriais - documentar e criar mecanismos museológicos sobre os manguezais; • Contribuir com a manutenção e a salvaguarda dos saberes, fazeres e das referências culturais relacionadas ao ecossistema do manguezal; • Contribuir com o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da comunidade local - comunidades ribeirinhas que tradicionalmente sobrevivem do mangue; <p>Sabiaguaba é um bairro rural de preservação ambiental, localizado no Extremo-Leste ao litoral de Fortaleza (CE), com poucas com poucas áreas habitadas e cercada por três lagoas, um rio, manguezais, um grande lençol de dunas e</p>			

pelo mar. Apesar de se tratar de uma Área de Preservação Ambiental (APA) e Área de Preservação Permanente (APP) do Parque Natural Municipal de Dunas da Sabiaguaba, a área de manguezal aos poucos vinha sendo devastada para corte de madeira e ocupação de barracas. Na atualidade, as comunidades tradicionais de pescadores

O Museu do Mangue Móvel, extensão do Ecomuseu, é um museu itinerante que percorre escolas, parques, lagoas etc. em Fortaleza e outros municípios do Ceará.

O trabalho de reflorestamento desenvolvido pelo Ecomuseu foi responsável por dobrar a área de mangue somente entre os anos de 2009 e 2012. Por conta disso foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) como escola de inovação e criatividade. O Ecomuseu integra a Rede Brasileira de Museus e a Rede Cearense de Museus Comunitários (da qual é membro fundador).

Referências Patrimoniais:

O acervo do Ecomuseu é composto de animais taxidermizados e outros (espécies típicas dos manguesais) coletados nas imediações da foz do rio Cocó, nos mangues e terrenos próximos, inclusive achados arqueológicos. Grande parte foi recolhido enquanto lixo na praia e no mangue ou doado por moradores da região, e são conservados enquanto objetos museológicos e disponibilizados aos visitantes;

Ecosistema (fauna e flora) da região da Sabiaguaba.

Atividades desenvolvidas:

Exposições; Visitas Guiadas; Trilhas Ecológicas (percurso-vivência para o conhecimento da fauna e flora locais); Expedições de Canoagem; Oficina de Canoagem, Aulas de Campo com escolas; Turismo de Aventura;

Participação em Eventos: Carnaval Ambiental (02/2010); Encontro Internacional sobre a Natureza (23-25/11/2015, Fortaleza/CE); Palestra “De Olho no Mangue” (31/06/2016, Instituto João Carlos Paes Mendonça); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC); Mutirão Nacional de Limpeza Parceiros do Mar – promovido pela ONG Parceiros do Mar (27/05/2017); Palestra “Ecomuseu Natural do Mangue – um Convite a Conhecer” (01/06/2017, Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará); 5ª e 6ª Primavera de Museus (IBRAM), com exibição de vídeos, entrega de cartilhas abordando as questões da “Mulher” e as palestras “Saúde da mulher – prevenção” e “Lei Maria da Penha” (19-25/09/2011); visitas guiadas na área protegida do manguezal (laboratório Vivo) na Foz do Rio Cocó, APA da Sabiaguaba (24-30/09/2012); 9ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposição (16-22/05/2011); exibição de filmes, visitas, trilhas, passeio de barco, canoagem, palestras, degustação e apreciação do por do sol (14-20/05/2012); exposição, visita guiada e atividade de reflorestamento de plantas nativas (13-19/05/2013); trilhas ecológicas guiadas no manguezal da Sabiaguaba e exposição fotográficas das atividades e da fauna e flora do manguezal (12-18/05/2014); visita guiada nas trilhas ecológicas pelas 11 estações no mangue (18-25/03/2015); caminhada até o acervo (exposição fixa de fósseis), participação no reflorestamento (plantio de sementes de mangue vermelho), ação educativa na área de educação ambiental, exposição “Patrimônio Cultural dos Sítios Arqueológicos e Práticas de Sabiaguaba” - em parceria com o Instituto Cobra (16-22/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Todas as atividades desenvolvidas pelo Ecomuseu podem ser compreendidas como ações de preservação, considerando o ambiente natural e social de Sabiaguaba.

Referências Bibliográficas:

ECO MUSEU NATURAL DO MANGUE. Disponível em: <http://ecomuseundomangue.webnode.com/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseunaturaldomangue/?pnref=story>. Acesso em: 5 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.61. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.56. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-73. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.64. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.68. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.75. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.75. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.59. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

SISTEMA JANGADEIRO. Museu ao ar livre mostra a importância do mangue. **Youtube**, 4 jun. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8axDiAN7Jtc>. Acesso em: 19 mar. 2017.

MUSEU NATURAL DO MANGUE. Disponível em: <https://museunaturaldomangue.wordpress.com/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7469/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PITAGUARY, Benício. Você conhece o Ecomuseu Natural do Mangue??. **Youtube**, 29, jan. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8_4iq7py8c. Acesso em: 3 fev. 2017.

REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. Nota pública em Solidariedade ao EcoMuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba – Fortaleza/CE. **Racismo Ambiental**, 21 ago. 2013. Disponível em: <http://acervo.racismoambiental.net.br/2013/08/21/nota-publica-em-solidariedade-ao-ecomuseu-natural-do-mangue-da-sabiaguaba-fortalezace/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência	da	Imagem:	Sede	do	Ecomuseu.	Disponível	em:
https://www.facebook.com/ecomuseunaturaldomangue/photos/a.1157170730963778.1073741828.1045425838804935/1164224840258367/?type=3&theater . Acesso em: 3 fev. 2017.							

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 37	Denominação: Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão
	Data de Criação: 2001 Endereço: Rua Queira Deus, 78, Portão, CEP 42700-000, Lauro de Freitas/BA. Tel.: (71) 3369-2813 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação São Jorge Filho da Goméia	
Parceiros(as)/apoio: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) e Fundação Pedro Calmon (FPC) - unidades da Secretaria de Cultura do Estado (Secult/BA) etc.	
Recursos: Prêmio Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana – Edital 2014 (Projeto “Bankoma e Sabedoria Ancestral das Senhoras do Mundo”).	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: _____	
Ingresso: gratuito	
Obs.: _____	
Funcionamento: _____	
É necessário agendar a visita? (X)sim () não	
Estrutura física do Museu: O Museu está sediado nas dependências do Terreiro São Jorge Filho da Goméia.	
E-mail institucional: sgomeia@ig.com.br Webside ou blog: _____ Rede social: _____	Logotipo

Categorias Propostas: Museu Afro-comunitário, Museu Comunitário

Histórico:

O Terreiro São Jorge Filho da Goméia, localizado no bairro Portão, município Lauro de Freitas (Região Metropolitana de Salvador/BA), foi fundado em 1948 pela lalorixá Altanira Maria Conceição Souza, popularmente conhecida como Mãe Mirinha de Portão, pertence à linhagem de Joãozinho da Goméia, um dos maiores pais de santo do Brasil, conhecido como “Rei do Candomblé”, de origem banto. Os terreiros mais antigos tinham o nome do santo da Igreja católica, uma espécie de disfarce utilizado para a manutenção da religiosidade de matriz africana. São Jorge no sincretismo religioso é Oxóssi (gongobira - o caçador, que é a energia maior da casa). Envolvida em causas sociais, Mãe Mirinha foi uma das responsáveis pela implantação do único hospital da região, além de participar de decisões importantes nas áreas de transporte público e campanhas de alimentação.

Após o falecimento de Mãe Mirinha, em 1989, os integrantes do terreiro, preocupados em preservar a memória memória social e cultural do Terreiro e suas ações, solicitaram o seu tombamento, realizado pelo *Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA)* em 2004. O Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão foi criado como forma de homenagear Mãe Mirinha e com o objetivo, e a partir de seu patrimônio material e imaterial articula com a comunidade práticas religiosas e sociais, dando continuidade ao trabalho social realizado pela lalorixá.

O Terreiro São Jorge Filho da Goméia já havia aberto suas portas para atividades culturais e sociais antes mesmo da criação do Museu, estimulado pela carência existente no bairro. A Associação São Jorge Filho da Goméia já desenvolvia projetos de capacitação, oficinas, atendimento à comunidade do terreiro. Posteriormente foi criado o Bloco Afro Bankoma, que anualmente participa do carnaval de Salvador. O terreiro abriga ainda o Centro Digital de Cidadania (para a promoção da inclusão digital), uma lojinha (onde são vendidos produtos confeccionados nas oficinas realizadas em seu âmbito), um arquivo e uma biblioteca (estes dois últimos não abertos à visitação pública).

O Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão tem também os objetivos de:

- Dar continuidade às ações praticadas por Mãe Mirinha junto à comunidade do bairro;
- Contribuir com a preservação dos saberes ancestrais de matriz africana - patrimônio imaterial;
- Articular “práticas representativas do patrimônio cultural, na comunidade de Portão e adjacências, que possibilitem a valorização do homem, tendo como base ações de pesquisa e de comunicação de seus referenciais” (MIRANDA, 2008, p.3-4);
- Contribuir com a valorização da identidade, com base nas ações de pesquisas, capacitação, artísticas e de produção cultural;
- Contribuir com o combate ao preconceito às religiões de matriz africana.

O Terreiro foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Culturas Bankoma (em 2005). Integra a Rede Mauanda (composta por cerca de 20 terreiros do estado da Bahia que tem atuado na área da economia criativa de matriz africana) e a Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé.

Referências Patrimoniais:

Memória e ações de Mãe Mirinha; A cultura material e imaterial relacionada com a cultura, a indumentária, a música e a religiosidade do candomblé; Manifestações culturais de matriz Africana etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Permanentes e Temporárias. Nas permanentes prestigia-se a memória de Mãe Mirinha, um referencial; Nas temporárias são explorados temas provocados pela própria comunidade, com o intuito de provocar reflexão sobre as energias que são trabalhadas dentro do contexto do terreiro. Exemplos: Exposição "Muxima Ua Uembu" - sobre as histórias de vida das Griôs (21-25/09/2011); Exposição "Nossos carnavais - 15 anos de Afro Bankoma" (05/2015);

Visitas Guiadas;

Ações junto à Associação São Jorge Filho da Gomeia - oficinas culturais e sociais voltadas para a comunidade: tecelagem (resgate cultural do fazer e para geração de renda), xaxará, percussão, dança, canto, confecção de instrumento, música e percussão, adereços, estética afro (para valorização e auto-estima), capoeira, sobre ervas e rezas no ambiente religioso etc.;

Organização de Eventos: II Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé – Tema: "Museus, Memoriais e Espaços de Memória" (15/07/2013); III Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé; entre outros Seminários diversos.

Participação em Eventos: I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (29/05/2013, Memorial Kisimbê); 5ª e 6ª Primavera de Museus (IBRAM), com exposições, ação educativa "O conhecimento da medicina alternativa pelo saber ancestral da Rezadeira Griô D. Detinha", Oficina de adereços africanos (com a Artesã Griô D. Nice), Roda de Prosa "Trabalhando Virtudes e valores", com jovens que fazem parte da Ala de dança do Bloco Afro Bankoma, Roda de prosa "O Poder Feminino nas Comunidades Tradicionais - socializando saberes ancestrais de liderança de grupo", com a líder espiritual do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia (Mameto Kamurici) (21-25/09/2011); show musical do Bloco Afro Bankoma (em Tereza Batista – Pelourinho), Diálogo aberto para discussão da visão cosmológica que trata o Tema do Afro Bankoma (27-29/09/2012); 10ª e 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com ação educativa – visita guiada, exposição "Nossos Carnavais" (21-24/05/2015); Encontro para reflexão sobre o tema "O Tempo e a Criança", exibição de filme infantil com a proposta de promover a reflexão e a valorização/orgulho do pertencimento das crianças negras dos terreiros, Cantigas de roda e brincadeiras populares - O resgate da cultura infantil (15-19/05/2012), entre outros;

Obs.: No âmbito do Terreiro existem as casas das divindades: Casa de Gongobira (Caçador dos Céus), Casa de Kitembo (passado-presente), Casa de Nkosi Mukumbi (luta-resistência), Casa de Bamburucema (ar-vento), Casa de Lembarenganga (paz), Casa de Angorô (sabedoria), Casa de Martim Pescador (alegria-festejar), Casa de Nzazi (justiça), Casa de Nzila, Casa Nsumbu e Gangazumba (terra-amor). Estas não são abertas para os visitantes do museu comunitário, pois é considerado falta de respeito entrar sem pertencer à energia da casa.

Ações de Preservação:

Todas as atividades desenvolvidas pela Associação São Jorge Filho da Gomeia, incluindo o Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, podem ser compreendidas como ações de manutenção/preservação de memórias, costumes, saberes, fazeres e das manifestações culturais relacionadas às populações de origem africana, especialmente as comunidades de terreiro.

Referências Bibliográficas:

CONHECENDO MUSEUS - Episódio 30: Museu Comunitário Mãe Mirinha do Portão. **Youtube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XBAnCFN2fZk>. Acesso em: 16 abr. 2016.

DIRETORIA DE MUSEUS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Memoriais e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede.** DIMUS-IPAC, 30 mai. 2013. Disponível em: <https://dimusbahia.wordpress.com/2013/05/30/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Palestra sobre patrimônios marca 4º Encontro de Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé.** DIMUS-IPAC, 9 ago. 2013. Disponível em: <http://dimusbahia.wordpress.com/2013/08/09/palestra-sobre-patrimonios-marca-4o-encontro-de-rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé promove encontro e oficina no mês de julho.** DIMUS-IPAC, 9 jul. 2013. Disponível em: <https://dimusbahia.wordpress.com/2013/07/09/rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble-promove-encontro-e-oficina-no-mes-de-julho/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.47-48. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.39. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.48. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.58. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Catálogo do Prêmio Matrizes Africanas 2014.** Brasília: MINC- Iphan/Palmares/Deppir, 2015, p.23. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Edital_PNPI_2014_catalogo_dos_premiados_IPHAN_GFCA.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MIRANDA, Rose Moreira de. **As novas práticas de representação e construção de identidades e alteridades nos museus brasileiros.** In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/Rose_Moreira_de_Miranda.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7553/>. Acesso em: 03 mar. 2017.

REDE de Memoriais de Terreiros discute museologia em Portão. **Vilas Magazine**, 16 jul. 2013. Disponível em: <http://vilasmagazine.blogspot.com.br/2013/07/rede-de-memoriais-de-terreiros-discute.html>. Acesso em: 15 nov. 2013.

Referência da Imagem: Fachada do Terreiro São Jorge Filho da Goméia. Crédito: *GoogleMaps*. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Projeto+Cultural+Bankoma/@-12.8658712,-38.3025732,3a,75y,237h,90t/data=!3m7!1e1!3m5!1sitviTkwi7xnwbFUnJH7MnA!2e0!6s%2F%2Fgeo0.ggpht.com%2Fcb%3Fpanoid%3DitvjTkwi7xnwbFUnJH7MnA%26output%3Dthumbnail%26cb_client%3Dsearch.TACTILE.gps%26thumb%3D2%26w%3D392%26h%3D106%26yaw%3D237.87976%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i13312!8i6656!4m13!1m7!3m6!1s0x7163e3d904950c9:0x604724a1dd15eff3!2sR.+Queira+Deus,+78+-+Port%C3%A3o,+Lauro+de+Freitas+-+BA,+42700-000!3b1!8m2!3d-12.8658787!4d-38.3025951!3m4!1s0x7163e3d904950c9:0xd5242d897c80c3e4!8m2!3d-12.8658787!4d-38.3025951!6m1!1e1. Acesso em: 7 abr. 2014.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 38	Denominação: Museu do Seringal Vila Paraíso
	Data de Criação: 16/08/2002 Endereço: Igarapé São João – Afluente do Igarapé Tarumã Mirim (Zona Rural) s/n, Manaus/AM. Tel.: (92) 3631-3632 (DEMUS) / 9132-9521 / 9128-5752. Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Governo do Estado da Amazônia - Secretaria de Estado de Cultura (SEC-AM)	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos: Secretaria de Estado de Cultura (SEC-AM) / Governo do Estado da Amazônia.	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: R\$ 5,00	
Obs.: Estudantes pagam meia-entrada.	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim (X) não	
Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está situado no Igarapé São João, local escolhido e construído como cenário para a gravação do filme “A Selva”.	
E-mail institucional: demus@culturamazonas.am.gov.br Webside ou blog: http://www.culturamazonas.am.gov.br Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
<p>Histórico:</p> <p>Igarapé São João, afluente do Igarapé Tarumã-Mirin, está localizado à margem esquerda do Rio Negro, na zona rural do município de Manaus (AM). O local, distante a cerca de 25 minutos de Manaus, é acessível apenas por via fluvial, com barcos saídos do centro da cidade (Marina do David). O local foi o escolhido para a composição do cenário do longa metragem “A Selva”, dirigido pelo português Leonel Vieira com parceria entre Brasil e Espanha, baseado no romance homônimo, do escritor português Ferreira de Castro.</p> <p>Como contrapartida pelo Patrocínio, o Governo do Estado da Amazônia solicitou o cenário (complexo de edificações) construído para o filme com o objetivo de reproduzir fidedignamente um seringal que existiu em Humaitá (AM) – onde o escritor viveu por algum tempo –, e o navio Justo Chermont (navio de época utilizado nas filmagens).</p> <p>O “Ciclo da Borracha”, que teve como seu período áureo as décadas entre 1879 a 1912, e uma sobrevida entre 1942 e 1945, devido à II Guerra Mundial (1939-1945), foi um período em que a economia brasileira estava baseada na extração e comercialização da borracha. O ciclo teve como centro a região amazônica, e é considerado o responsável pela expansão da colonização na região, impulsionou principalmente as cidades de Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Belém (PA), e causou grandes transformações culturais e sociais.</p> <p>Em agosto de 2002 o Museu do Seringal Vila Paraíso foi inaugurado, identificando-se enquanto como ecomuseu e projeto cultural e turístico da Secretaria de Estado de Cultura, com o objetivo de conduzir o visitante aos tempos áureos do “Ciclo da Borracha”, apresentando uma visão próxima dos seringais do século XX.</p> <p>O guia contratado pelo museu, seu Jorge, é um ex-seringueiro, que no roteiro da visita narra as próprias experiências de vida.</p>	
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Móveis, vestimentas e utensílios da época do Ciclo da Borracha; Modo de vida, costumes e equipamentos utilizados em um seringal – incluindo problemas de saúde e desigualdades sociais.</p>	
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p><u>Exposição.</u> O Ecomuseu é composto por um complexo construtivo que forma o roteiro de visitação. Nele é explicado ao visitante o processo técnico, social e econômico de como funcionava um seringal na época do Ciclo da Borracha. Composição do roteiro: Casarão do Seringalista, o Barracão de Aviação (comércio local no qual os seringueiros entregavam as peladas da borracha e adquiriam os produtos manufaturados), Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, Casa do Banho das mulheres, Trilha das Seringueiras (onde é explicada a técnica de extração utilizada no processo de coleta do látex), Casa de Defumação (tapiri de defumação da borracha - onde são confeccionadas as peladas), Cemitério (cenográfico), Estrebaria, Casa de Farinha e Barracão dos Seringueiros;</p> <p>Visitas guiadas;</p> <p>Participação em Eventos: 9ª a 14ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com visitas guiadas ao Ecomuseu (16-22/05/2011; 14-20/05/2012; 14-19/05/2013; 13-18/05/2014; 19-24/05/2015; 17-22/05/2016).</p>	

Ações de Preservação:**Referências Bibliográficas:**

ARRUDA, Rita. **Museus do Amazonas** - Museu do Seringal Vila Paraíso. **Blogspot**, 10 mai. 2011. Disponível em: <http://museusdoamazonas.blogspot.com.br/2011/05/museu-do-seringal-vila-paraíso.html#/2011/05/museu-do-seringal-vila-paraíso.html>. Acesso em: 31 mai. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 256-126. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.129. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social**. Brasília: IBRAM, 2013, p.131. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.145. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.155. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.120. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MELO, Tiago. Museu do seringal conduz visitantes ao Ciclo da Borracha, em Manaus. **G1**, 30 ago. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/08/museu-do-seringal-conduz-visitantes-ao-ciclo-da-borracha-em-manaus.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu do Seringal - Villa Paraíso. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7448/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PROGRAMA SEM FRONTEIRAS MANAUS. Visite o Museu do Seringal em Manaus. **Youtube**, 10 mai. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VC5vwEbd6EI>. Acesso em: 31 mai. 2016.

Referência da Imagem: Entrada do Museu. Foto por Tiago Melo (MELO, 2012).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
39

Denominação: Museu Comunitário de Percurso

Data de Criação: 01/2000

Endereço: Rua Professora Martha Wittmann Kirschner, 866, Centro, CEP 95175-000, Picada Café/RS.

Tel.: (54) 3285-1300

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Picada Café

Parceiros(as)/apoio: Prefeitura e Escolas Municipais; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – bolsista de extensão etc.

Recursos: Financiada pelo poder público municipal

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Comunitário está situado nas dependências do Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn.

E-mail institucional: parque@picadacafe.rs.gov.br, educacao@picadacafe.rs.gov.br

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Rua, Ecomuseu

Histórico:

Picada Café é um município localizado na Encosta da Serra Gaúcha, a cerca de 90 km de Porto Alegre (RS). De acordo com Hansen (2013), a região começou a ser ocupada por famílias de imigrantes alemães ainda no século XIX. Picada Café apresenta uma geografia montanhosa, com matas nativas, riachos que deságuam no Rio Cadeia, afluente do Rio Cai. “Picadas” era o nome dado às trilhas abertas nas encostas escarpadas e de difícil trânsito por onde transitavam os tropeiros carregando produtos coloniais para a comercialização. Com a ampliação das vias tornaram-se carreiras (trânsito de carretas) e compõem muitos caminhos primitivos sobre os quais existem as atuais estradas. Contam-se duas versões sobre a origem do nome da cidade. A primeira delas relata que os tropeiros passavam pela estrada próxima ao Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, onde acampavam para tomar o café e/ou pernoitar para seguir viagem no dia seguinte. A segunda conta que os imigrantes receberam algumas mudas de café para serem plantadas em uma área denominada Kaffeeck (Canto do Café). A plantação não prosperou, mas a localidade manteve seu nome.

Administrativamente, Picada Café, popularmente conhecida como “Cidade dos Lírrios”, esteve vinculada à São Leopoldo até março de 1992, data de sua emancipação. É uma cidade com muitas paisagens naturais e culturais, além de edifícios históricos e uma rica cultura material e imaterial.

O Museu Comunitário de Percurso, também conhecido como “Ecomuseu de Picada Café”, está situado nas dependências do Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, considerado o mais importante conjunto arquitetônico da região de colonização alemã, propriedade da família Kuhn é adquirida pela prefeitura em 2004 (ano em que foi comemorado os 160 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul), e a partir desta data transforma-se em parque.

Com o objetivo de resgatar a memória local foi iniciado o trabalho do “Museu de Rua”, que envolveu a localização, coleta e restauro de objetivos significativos da comunidade e também da cultura imaterial, processo realizado com professores e alunos das redes municipal e estadual. Em decorrência desse projeto diversos edifícios históricos foram restaurados no município.

Dentre os objetivos apresentados pelo Museu Comunitário de Percurso encontram-se:

- Resgatar a cultura material e imaterial da colonização alemã no município de Picada Café;
- Demonstrar a importância de conservar a história local e as construções seculares em estilo enxaimel.

Em 2012 o Museu Comunitário de Percurso recebeu o museólogo Hugues de Varine, que compartilhou suas experiências e contribuiu com diversas sugestões para as próximas ações a serem realizadas pelo museu.

Referências Patrimoniais:

Paisagens Naturais e Culturais (Ex.: Conjunto arquitetônico de influência alemã, em Estilo Enxaimel);

Patrimônios mais citados pela comunidade (compõem o roteiro do Lombatur – turismo de base comunitária): Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro; Cemitério Jardim da Paz; Centro Hípico Recanto do Pinheiro; Fazenda Boqueirão; Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE); Comunidade M'bya-Guarani;

Atividades desenvolvidas:**Exposições:**

Lançamento do livro *“As raízes do futuro: patrimônio a serviço do desenvolvimento local”*, de Hugues de Varine (26/06/2012, EMEF 25 de Julho);

Participação em Eventos: II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS); 10ª e 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Oficina de higienização e catalogação de objetos sacros doados pelas comunidades religiosas do município (realizada no Memorial da Fé - localizado na Igreja Histórica Nossa Senhora da Visitação, bairro Picada Holanda), visita guiada ao Memorial da Fé, visita guiada ao roteiro “Caminho da Fé”, Mesa redonda com depoimentos de artesãos considerados “tesouros humanos” da comunidade cafeense - em Escolas Municipais de Ensino Fundamental inscritas no Projeto “O Passado no Presente” (14-19/05/2012); Contação da história “A colcha de retalhos”, Roda de memória “Retalhos da memória de Picada Café”, com a participação da comunidade - Cafeteria do Museu Açougue Progresso (14 e 16/05/2013, atividades realizadas no Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn), entre outros.

Ações de Preservação:

- Oficina de higienização e catalogação de objetos;
- Catalogação do patrimônio imaterial (ex.: brincadeiras);
- Produção do livro “Na Trilha dos Lírios – Escola e Comunidade” (coordenado por Angela Tereza Sperb e Sussana Maria Mallmann Werle);
- Registro audiovisual de depoimentos de moradores locais etc.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

HANSEN, Patricia Rosina Stoffel. **Picada Café:** Em cada bairro, muitas histórias. 2013. Disponível em: <http://www.picadacafe.rs.gov.br/secao.php?pagina=2>. Acesso em: 31 mai. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário de Percurso. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6516/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.342-343. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.387-388. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

PLURICOM – Comunicação Integrada. **Francês Hugues de Varine lança em Picada Café obra sobre patrimônio e sustentabilidade.** 20 jun. 2016. Disponível em: <http://www.pluricom.com.br/clientes/editora-medianiz/noticias/2012/06/frances-hugues-de-varine-lanca-em-picada-cafe-obra-sobre-patrimonio-e-sustentabilidade>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Referência da Imagem: Entrada do Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn. Disponível em: http://www.badini.com.br/rs/pca/pca_parque1g.jpg. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
40

Denominação: Museu Brinquedim

Data de Criação: 2002

Endereço: Estrada da Coluna, km 20, s/n, Alto Alegre, Capim de Roça, CEP 62860-000, Pindoretama/CE.

Tel.: (85) 99254-9637 / 98603-1667

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Brinquedim de Inclusão Cultural (ONG)

Parceiros(as):

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Museu do Brinquedim”)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso: R\$ 5,00

Obs.: Entrada franca para a comunidade do entorno do museu. Política de redução de valor do ingresso para estudantes, guias de turismo acompanhados de grupos, professores, crianças e terceira idade.

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu Brinquedim está sediado em uma casa típica da região, edificada em 1970, com uma ampla área externa de circulação e uma pequena reserva de vegetação nativa.

E-mail Institucional: museubrinquedim@hotmail.com

Website ou Blog: <http://www.museubrinquedim.org.br>

Rede Social: <https://www.facebook.com/MuseuBrinquedim/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória

Histórico:

Capim de Roça é um distrito do município de Pindoretama, localizado no litoral leste da Região Metropolitana de Fortaleza (CE). Foi o local escolhido para moradia de Antonio Jader Pereira dos Santos, o Dim Brinquedim, um artista brincante brasileiro. Nascido no município de Camocim (CE), Dim Brinquedim cresceu em um meio comunitário onde dividia espaço com seus irmãos, pais, avós, outros adultos, e muitas crianças. Circulava livremente entre as diversas oficinas existentes em seu bairro de origem, Cruzeiro. Dim utilizava as ferramentas do seu avô carpinteiro, João Pereira, para a confecção de brinquedos que reproduziam os espetáculos musicais, a encenação do boi do Mestre Cambraia, entre outras manifestações culturais da região.

O talento de Dim foi percebido e bem aceito por familiares, pessoas da comunidade (de todas as idades) e também pelos meios de comunicação, cineastas e pesquisadores, que por meio de matérias jornalísticas, longa metragens, documentários, livros e pesquisas acadêmicas divulgam a sua obra. Em 2013 Dim Brinquedim foi homenageado pela Escola de Samba Acadêmicos de Cubango, cuja obra foi abordada em um dos carros alegóricos do desfile na Marquês de Sapucaí (Rio de Janeiro/RJ). “Mesmo passada a infância o lúdico permaneceu vivo na sua vida, norteando sua relação com o mundo, com as pessoas e as coisas. E continua brincando de reinventar o que vê e de inventar o que imagina” (MADEIRO, [2017]).

O Museu Brinquedim possui um acervo de 500 peças criadas pelo artista plástico ao longo de 40 anos. Está sediado em uma casa típica da região, edificada em 1970, com uma ampla área externa de circulação e uma pequena reserva de vegetação nativa. Sua abertura pública ocorreu em 2002, e desde então o Museu vem se pautando em uma política cultural ancorada nos princípios de democratização do seu acervo, possibilitando o acesso à coleção para pesquisas sobre diversas temáticas: design, brinquedos tradicionais, arte, ludicidade etc. A vegetação nativa que o rodeia também constitui “parte importante do seu aparato educativo, propiciando conhecimentos sobre a diversidade natural da Região” (MUSEU [...], 2017). O Museu possui ainda arquivo e biblioteca.

Em 2012 o Museu Brinquedim foi reconhecido pelo Instituto Brasileiro de Museus como Ponto de Memória.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu Brinquedim é composto por 500 peças de autoria do artista plástico Dim Brinquedim criadas ao longo de 40 anos, dentre elas: brinquedos, esculturas e telas, de pequenas e grandes dimensões;

Há ainda o acervo de vegetação nativa que rodeia o Museu Brinquedim, considerado “aparato educativo” para o estudo da região.

Atividades Desenvolvidas:

Exposição. “Seu acervo é distribuído em sete núcleos internos e um conjunto externo. Programados dentro de um nexo estético, todos os núcleos exaltam a alegria e a brincadeira, e, criam um ambiente que desperta e motiva o visitante para a compreensão do valor do lúdico para o enriquecimento e fortalecimento da vida” (MUSEU [...], 2017);

<p>Visitas guiadas;</p> <p>Projeto “Crescer com Arte” (2017) – voltado para alunos de escolas públicas (em parceria com M. Dias Branco e MinC).</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Projeto de Catalogação e Digitalização do Acervo (IBRAM/MinC)</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/. Acesso em: 23 out. 2015.</p> <p>MADEIRO, Ângela. Dim Brinquedim – Biografia. Museu Brinquedim. Disponível em: http://www.museubrinquedim.org.br/apresentacao/. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>MUSEU BRINQUEDIM. Disponível em: http://www.museubrinquedim.org.br/. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Brinquedim. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/7287/#tab=sobre. Acesso em: 7 mar. 2017.</p>
<p>Referência da Imagem: Obra artística na área externa do Museu. Disponível em: http://www.museubrinquedim.org.br/fotos/. Acesso em: 7 mar. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 41	Denominação: Ecomuseu UNIVALI
	Data de Criação: 2004 Endereço: Ilha de Porto Belo, s/n, CEP 88210-000, Porto Belo/SC. Tel.: (47) 3261-1287 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Fundação Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)	
Parceiros(as)/apoio: Marinha do Brasil, Comissão Internacional para os Recursos do Mar (CIRM), Instituto Cultural Soto Delatorre etc.	
Recursos: Fundação Universidade do Vale do Itajaí	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito (travessia R\$15,00 por pessoa)	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a domingo, das 9 às 17:30 horas (de setembro a março).	
É necessário agendar a visita? () sim (X) não	
Estrutura física do Museu: O Ecomuseu Univali ocupa a maior edificação da Ilha de Porto Belo (uma área de 500 m²), e abriga diferentes ambientes: deck de entrada, o saguão principal, 2 salas de exposição, 2 terraços, plenário ao ar livre, auditório para 45 pessoas e copa.	
E-mail institucional: ecomuseu@univali.br Website ou blog: http://www.univali.br/ecomuseu Rede social: https://www.facebook.com/EcomuseuUnivali/	Logotipo

Categorias Propostas: Museu de território/Ecomuseu
<p>Histórico:</p> <p>A Ilha de Porto Belo está localizada no município de mesmo nome, capital náutica do estado de Santa Catarina. Inscrições rupestres indicam a existência humana na ilha desde 4 mil anos atrás. No século XVIII ficou conhecida como Ilha Bella das Garoupas. Oficialmente, possui o nome de Ilha do João da Cunha, que foi seu proprietário nesse mesmo século. A então capitania teve como atividade de destaque a pesca de baleias, atualmente proibida. Em 1953, a ilha foi adquirida pelo casal Ernesto e Vera Stodieck, que tinham o objetivo de transformá-la em uma área de preservação ambiental e lazer, projeto que foi concluído por seus netos somente em 1994.</p> <p>Ainda em vida o naturalista Dr. Carlos Nicolau Gofferjé doou todo seu acervo ao Museu Oceanográfico da Univali, e o Ecomuseu Univali, inaugurado em 2004, tutela a parte terrestre dessa coleção. O Ecomuseu se apresenta como “espaço cultural” e “atrativo diferenciado” com os objetivos (UNIVALI, 2017) de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuar “no resgate e na valorização dos costumes, dos hábitos e da história das comunidades litorâneas de Santa Catarina”; • Reforçar os vínculos, entre as pessoas e o ambiente através da integração de atividades educacionais e turísticas; • Divulgar e preservar o patrimônio natural e cultural da região. <p>Além do Ecomuseu, Porto Belo também oferece a infra-estrutura da praia, serviços de alimentação e bebidas. O embarque para a ilha pode ser feito no píer turístico da cidade de Porto Belo.</p>
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O Ecomuseu Univali tutela a parte terrestre da coleção do naturalista Carlos Nicolau Gofferjé, composta por espécimes taxidermizados representativos da fauna catarinense (como por exemplo a do Jacaré-do-papo-amarelo, atualmente em extinção), e exemplares de outras áreas, como Entomologia, Ornitologia, Botânica e Antropologia.</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p><u>Exposições</u> de longa e curta duração e exposições itinerantes (com instituições parceiras). Exemplos: Exposição de Longa Duração “Gigantes do Passado” - apresenta os grandes mamíferos que viveram na América do sul durante o Pleistoceno conhecido como a Era do Gelo, cerca de 10-15 mil anos atrás (revitalizada para a temporada de 2010-2011); Exposição de Curta Duração “Cetáceos marinhos” - exibiu exemplares dos principais cetáceos do litoral sul-brasileiro como o golfinho Toninha - Pontoporia blainvillei e a baleia-de-Bryde - Balaenoptera edeni (2003-2008); “Laboratório do Naturalista” - Reprodução do gabinete do Dr. Carlos Nicolau Gofferjé, naturalista da primeira metade do século XX; Exposição Paleontológica “Fauna fóssil do Araripe” - com fósseis da região nordestina do Araripe (14-20/05/2012); Exposição “Tartarugas Marinhas” - apresentou as cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil e questões interessantes da sua biologia e conservação; Mostra histórica sobre a Ilha de Porto Belo e região da enseada de Porto Belo (14-20/05/2012), entre outras;</p>

Participação em Eventos: 5ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com exposição (19-25/09/2011); com visita guiada à exposição, com ênfase na história das comunidades indígenas que habitavam e habitam Santa Catarina, especialmente os Homens dos Sambaquis (21-27/09/2015); 9ª a 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposições e visitas guiadas (16-20/05/2011; 14-20/05/2012; 13-19/05/2013; 12-18/05/2014; 18-24/05/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

CASA DO TURISTA. Ilha de Porto Belo: um paraíso privado aberto à visitação. 29 set. 2016. <https://casadoturista.com.br/ilha-de-porto-belo-um-paraíso-privado-aberto-visitacao/>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ECOMUSEU UNIVALI. **Facebook: Fanpage.** Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseuUnivali/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias.** Brasília: IBRAM, 2011, p.292. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas.** Brasília: IBRAM, 2013, p.173. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória.** Brasília: IBRAM, 2011, 377. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações.** Brasília: IBRAM, 2012, p.382. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social.** Brasília: IBRAM, 2013, p.440. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões.** Brasília: IBRAM, 2014, p.457. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável.** Brasília: IBRAM, 2015, p.466. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Univali - Universidade do Vale do Itajaí. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7234/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

UNIVALI. **Ecomuseu Univali.** Disponível em: <http://www.univali.br/institucional/ecomuseu-univali/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Entrada do Museu. Crédito: Romulo Porthos Carta Maio. Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseuUnivali/photos/a.1516403688652262.1073741828.1516102442015720/1516403701985594/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
42

Denominação: Museu Comunitario Treze De Maio

Data de Criação: 04/2001

Endereço: Rua Silva Jardim, 1407, Nossa Senhora do Rosário, CEP 97010-490, Santa Maria/RS

Tel.: (55) 3226-6082

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio

Parceiros(as)/apoio: Companhia de dança Afro Ewá Dandaras, Grupo de Capoeira Barra Vento, várias unidades da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Coletivo AFRONTA, 8ª CRE, Secretaria Municipal de Cultura, Conselho Municipal de Cultura, Sistema Municipal de Museus, TV OVO, Escola de Samba Barão do Itararé, Confraria Boabá, Bloco Tom Maior, UNEGRO, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), sindicatos, outras organizações da sociedade civil, pessoas físicas diversas etc.

Recursos: Trabalho voluntário de seus membros, Projetos - principalmente LIC e FUNARTE -, Campanha de Arrecadação Virtual no *website* Kickante para viabilizar a reforma do prédio, Ministério da Cultura – Pontos de Cultura, entre outros.

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / **outro:** Sistema Municipal de Museus, Sistema Estadual de Museus, Cadastro Nacional de Entidades Custeadoras de Acervos Arquivísticos (CONARQ – CODEARQ) e ABREMC.

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 8 às 12 horas, sábado das 14 às 18 horas

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Museu está instalado no edifício que abrigou o antigo Clube Social Negro de Santa Maria.

E-mail institucional: museu13demaio@gmail.com

Website ou blog: <http://museutrezedemaio.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/museutrece.demaio/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Afro-comunitário, Museu Comunitário

Histórico:

O antigo Clube Social Negro da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio foi criado em 1903 em Santa Maria (RS) por funcionários negros da extinta Viação Férrea, onde se reuniam para atividades de lazer, educação, cultura, política etc. Após a década de 1980, por diversos fatores, a Sociedade entra em decadência. No entanto, o “Treze”, como o clube ficou conhecido, pertence ao imaginário coletivo da cidade. Devido à precariedade e ociosidade do espaço, em 2001 a comunidade negra juntamente com alunos da Museologia da Unifra (Centro Universitário Franciscano) e antigos sócios decidiram transformar o famoso “Treze” em um Museu Comunitário. Em 2004 o edifício foi tombado como patrimônio histórico municipal por sua importância no desenvolvimento da cidade. Atualmente, o Treze está inserido no intitulado Movimento Clubista Negro.

O Museu Comunitário Treze de Maio apresenta-se como uma organização construída coletivamente e com compromisso social. Dentre seus objetivos encontram-se:

- Preservar a memória da Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, potencializando a história do antigo clube, dando-lhe um novo significado e empoderando a comunidade negra da cidade;
- Identificar, coletar, catalogar, documentar, estudar, conservar, salvar, expor e divulgar bens materiais e imateriais de valor histórico e cultural relacionadas à cultura africana e Afro-brasileira;
- Contribuir com a reconstrução da identidade do Movimento Negro em Santa Maria, tornando-se espaço de identidade e de autoafirmação;
- Conhecer e tornar conhecida a cultura afro-brasileira para a comunidade gaúcha;
- Contribuir com o combate à discriminação, preconceito e racismo;
- Trabalhar com a autoestima e autoimagem positivas de homens, mulheres e crianças negras;
- Dar visibilidade, elaborar e executar projetos de etnodesenvolvimento para as comunidades remanescentes de quilombos urbanas e rurais da região;
- Associar-se a outras organizações e instituições para o desenvolvimento de ações educativas e culturais de forma integrada.

Os coordenadores e dinamizadores do Museu são voluntários oriundos da comunidade. Como reconhecimento pelo trabalho realizado, o Museu Comunitário Treze de Maio já recebeu algumas premiações: International Museum Prize Winner 2014 (Museum Horizon), Medalha Zumbi dos Palmares (Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul), entre outras.

Em agosto de 2014 o edifício do “Treze” foi interditado devido a problemas estruturais, o que acarretou na suspensão das atividades desenvolvidas no local. O Museu passou por alguns conflitos entre grupos que disputavam por sua gestão.

Referências Patrimoniais:

Acervo museológico constituído a partir de levantamentos arqueológicos, antropológicos, históricos, documentais, fotográficos a respeito da ancestralidade Africana, dos negros escravizados, do modo de vida quilombola etc.

Documentação da Sociedade Cultural Treze de Maio (atas, fotos, cartas etc.)

Patrimônios Materiais (casas, ferramentas, utensílios domésticos, partituras, roupas etc.);

Patrimônio Imaterial (Receitas de cucas, histórias, resgate de brincadeiras, vivências realizadas no ambiente do “Treze” etc.).

Atividades desenvolvidas:

Exposições de Longa Duração, Temporárias e Itinerantes. Exemplo: Exposição Fotográfica Itinerante “Olhares Negros” - mostra que retrata as múltiplas faces negras da cidade de Santa Maria/RS (13/05-13/06/2012), entre outras;

Oficinas de dança afro, capoeira, percussão, samba, oficinas profissionalizantes etc.;

Encontros da juventude negra, do Movimento Negro, do grupo vocal de mulheres negras etc.;

Estágios acadêmicos de alunos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES);

Organização de Eventos: I Encontro Nacional de Clubes Sociais Negros – parceria com o SEPPIR (2006), entre outros;

Participação em Eventos: II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS); 5ª a 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com Coleta, Identificação e Digitalização de Acervos Fotográficos de Mulheres Negras da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, Clube Social Negro de Santa Maria/RS (19-25/09/2011); recebimento das partituras originais da adaptação do Hino à Negritude para a Banda de Música da Es-FAS-BM/SM (28/09/2012); Sexta Feira Treze” - “Alabês, Encontro de Alabês de Santa Maria e Região Centro”, com o subtema o Toque da Batida do Tambor, reunindo artistas, comunidade e representações de comunidades de terreiros (27/09/2013); 9ª a 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com o lançamento do Portal para os Clubes Sociais Negros do Brasil (www.clubessociaisnegros.com.br), financiado pela Secretaria de Políticas de Promoção, exibição do documentário “O Treze em 13” - Direção: Alexon Messias, Franciele Oliveira, Iana Meira (13 e 18/05/2011); exposição “Olhares Negros” (13/05-13/06/2012); I Festival Municipal de Artes Negras de Santa Maria (I FESMAN) - mostra cultural de diversas potencialidades negras, tais como: culinária, religiosidade, música, dança, artes visuais e teatro (10-13/05/2013), entre outros.

Ações de Preservação:

- Pesquisas concluídas e em andamento sobre a história do Clube;
- Registro, documentação e comunicação das atividades/dinâmicas realizadas diariamente pelo Museu;
- Coleta, Identificação e Digitalização de Acervos Fotográficos;
- Exposição e a musealização das pesquisas e atividades realizadas no âmbito do Museu;
- Produção de material gráfico informativo etc.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.285. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.355. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.347. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 352. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.356. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.403. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEU TREZE DE MAIO. Breve Histórico. **Blogspot.** Disponível em: <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/p/breve-historico.html>. Acesso em: 8 abr. 2016.

_____. Disponível em: <http://museutrezedemaio.com.br/>. Acesso em: 8 abr. 2016.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museutrece.demaio/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Treze de Maio. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9356/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ESCOBAR, Giane Vargas; LAMEIRA, Leonardo Veronimo; LIMBERGER, Lucienne Rossi Lopes. Museu Treze de Maio: memória e identidade negra em Santa Maria – RS. **Musas** - Revista Brasileira de Museus e Museologia. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, n.2, p.58-68, 2006.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <https://www.kickante.com.br/campanhas/mobiliza-treze>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 591"> Ficha: 43 </td> <td data-bbox="746 315 1385 591"> Denominação: Museu Ponto de Memória Missioneira Data de Criação: 2003 Endereço: Quadra 36, lote 14, Rua Arnaldo Daher Boays, Nº 514, em São Miguel das Missões/RS. Tel.: Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 43	Denominação: Museu Ponto de Memória Missioneira Data de Criação: 2003 Endereço: Quadra 36, lote 14, Rua Arnaldo Daher Boays, Nº 514, em São Miguel das Missões/RS. Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 43	Denominação: Museu Ponto de Memória Missioneira Data de Criação: 2003 Endereço: Quadra 36, lote 14, Rua Arnaldo Daher Boays, Nº 514, em São Miguel das Missões/RS. Tel.: Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor formado por membros da comunidade Parceiros(as)/apoio: Associação Amigos das Missões, moradores de São Miguel das Missões Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Apoio ao Ponto de Memória Missioneira”), colaboração voluntária dos moradores de São Miguel das Missões, Museu das Missões Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:			
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/Museu-Ponto-de-Mem%C3%B3ria-Missioneira-412457718822717/	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória			
Histórico: <p>O município de São Miguel das Missões (RS), emancipado politicamente em 1988 do município de Santo Ângelo, é fruto de um loteamento urbano realizado em 1926 “próximo aos remanescentes históricos do antigo templo de São Miguel Arcanjo”. A partir de então o vilarejo foi (re) povoado e mais mais tarde alçado à condição de distrito, cuja comunidade vive atualmente de atividades relacionadas à agricultura, pecuária e ao turismo. Seu núcleo urbano localiza-se no entorno do Museu das Missões e do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo. As obras de pavimentação das ruas realizadas na década de 1990 trouxe à tona vestígios materiais do antigo povoado missional dos séculos XVII e XVIII (com destaque para artefatos indígenas e de origem europeia), que passaram a ser recolhidos por moradores locais, quando o próprio poder público não os depositou em terrenos baldios (VIVIAN, 2012, p.1).</p> <p>No início do século XXI o Sr. Valter Rodrigues Braga começou a coletar diversos dos objetos guardados pelos moradores locais para compor a denominada “Exposição da Cultura Missioneira”, que passou a ocupar “um ‘terreno de esquina que era fechado de unhal de gato’ e que serviu de depósito improvisado para fragmentos arqueológicos durante as obras de pavimentação realizadas pela prefeitura” (VIVIAN, 2012, p.2), comprador do município pelo próprio Braga. Aos poucos a exposição ganhou visibilidade e foi reconhecida socialmente como espaço de memória.</p> <p>O número de doações dos moradores cresceu deste então, “ampliando significativamente o acervo de bens culturais musealizados”. Cabe observar que “o ato de doar se encontrava condicionado ao compromisso de manter o empreendimento livre de relações clientelísticas” (<i>idem</i>, p.3). Paralelamente foram realizadas diversas parcerias com desenhistas, artesãos e escultores miguelinos, moradores da cidade vizinha (Cerro Largo), que passaram a doar novos objetos à “exposição”, pesquisadores etc. De acordo com Vivian (2012, p.5), o acervo “em tais proporções que hoje em dia enfrenta carência de espaço físico”.</p> <p>A partir de 2010 a Exposição da Cultura Missioneira aproximou-se do “Setor de Pesquisa do Museu das Missões, que reconheceu nos princípios norteadores do Programa Pontos de Memória a base sobre qual deveria ocorrer esta aproximação” institucional (VIVIAN, 2012, p.6). Decidiu-se pela inscrição no Edital do Programa Pontos de Memória de 2011, no qual o então denominado “Museu Ponto de Memória Missioneira” foi contemplado.</p> <p>O “Ponto de Memória representa um processo de natureza comunitária e popular, capaz de dar sentido a um forte desejo de memória existente entre moradores de São Miguel das Missões. Surge como um meio para assegurar a participação comunitária no trabalho de reconhecimento, proteção e promoção do patrimônio cultural, apostando na interação entre os diversos grupos tradicionais, étnicos e populares existentes no contexto local” (POUSADA [...], 2013).</p> <p>Além de preservar o acervo histórico da região, a iniciativa visa valorizar expressões culturais regionais, como por exemplo a música (tradicionalista e nativista), a trova gaúcha em suas diversas modalidades (Gildo de Freitas, Mi Maior de Gavetão e Trova Martelo) e a declamação de poesias (VIVIAN, 2012, p.9).</p>			

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu é composto por mais de 300 peças confeccionadas pela população local e doadas à instituição, incluindo elementos arquitetônicos que remontam ao período dos chamados Sete Povos das Missões Orientais (séculos XVII e XVIII), artefatos e instrumentos de grupos de imigrantes que ocupam o atual território de São Miguel das Missões (séculos XIX e XX), bens representativos da cultura material indígena, particularmente da comunidade Mbyá-Guarani (instrumentos musicais, utensílios em cerâmica, artefatos em rocha, entre outros), apetrechos utilizados na lida campeira e/ou por membros de Centros de Tradições Gaúchas – CTG's (como esporas, arreios para montaria, utensílios para cozinhar ao fogo de chão e realizar refeições, entre outros), objetos que fazem referência a grupos de africanos escravizados que viveram na região missioneira, objetos relacionados a conflitos que marcaram a história da região (Guerra dos Farrapos, Revolução Federalista, Coluna Prestes);

Patrimônio Imaterial: Ritual de Acendimento do Tatarandê - referência para diversos grupos sociais, incluindo o povo Mbyá Guarani (aldeia *Tekoá Koenju*), e o principal símbolo do Ponto de Memória Missioneira; Ritual da Erva Mate, Gaitaço Missioneiro (encontro musical) etc.

Atividades desenvolvidas:Exposições:

Participação em Eventos: 9ª e 10ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Oficina "Museus e Memória: da Comunidade Local ao Patrimônio Mundial" e "Exposição da Cultura Missioneira" - atividades em parceria com o Museu das Missões (16/05/2011); Oficina sobre a história da produção e utilização da erva mate, Ritual de Acendimento do Tatarandê, buscando integração com a comunidade escolar e com os demais participantes, Apresentação do Ritual da Erva Mate na Opy (Casa de Reza) situada dentro do Ponto de Memória, abordando significados de crenças e práticas indígenas num mundo em transformação - atividades em parceria com o Museu das Missões, com participação de membros da Aldeia Alvorecer "Tekoá Koenju" (14-15/05/2012).

Ações de Preservação:

Coleta de objetos junto à população e atividades realizadas pelo Museu.

Referências Bibliográficas:

BLOG POUSSADA DAS MISSÕES. Ponto de Memória Missioneira. Blogspot, 3 jun. 2013. Disponível em: <http://pousadamissoes.blogspot.com.br/2013/06/ponto-de-memoria-missioneira.html>. Acesso em: 9 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. Integração cultural com oficina e rituais indígenas em São Miguel das Missões. **Notícias**, 17 mai. 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/integracao-culturalsemana-nacional-de-museus-em-sao-miguel-das-missoesrs/>.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, p.349. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.363. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEU PONTO DE MEMÓRIA MISSIONEIRA. **Facebook:** *Fanpage*. Disponível em <https://www.facebook.com/Museu-Ponto-de-Mem%C3%B3ria-Missioneira-412457718822717/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

SCHUABB, Sara. Ponto de Memória Missioneira (RS) une patrimônio e identidade. **Revista do IBRAM**, 10 nov. 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/ponto-de-memoria-missioneira-rs-liga-patrimonio-e-identidade-locais/>. Acesso em: 12 jun. 2014.

VIVIAN, Diego Luiz. Ponto de Memória Missioneira: Iniciativas Comunitárias e Populares de Preservação e Promoção do Patrimônio Cultural em São Miguel das Missões (RS). In: XI Encontro Estadual de História, 2012, Rio Grande. **Anais do [...]**. Rio Grande: ANPUH-RS, 2012. Disponível em: http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346206977_ARQUIVO_PontodeMemoriaMissioneira_apresentacao_anpuh_FINAL.pdf. Acesso em: 6 jun. 2014.

Referência da Imagem: Sede do Museu Comunitário. Disponível em: <https://www.facebook.com/412457718822717/photos/a.413686812033141.91576.412457718822717/563758623692625/?type=3&theater>. Acesso em: 9 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 44 </td> <td data-bbox="751 315 1385 584"> Denominação: Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô Data de Criação: 16/07/2003 Endereço: Rua Pedro Gomes de Araújo, 96, Centro, CEP 63515-000, Quixelô/CE. Tel.: (88) 9983-5947 / 9697-9542 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 44	Denominação: Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô Data de Criação: 16/07/2003 Endereço: Rua Pedro Gomes de Araújo, 96, Centro, CEP 63515-000, Quixelô/CE. Tel.: (88) 9983-5947 / 9697-9542 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 44	Denominação: Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô Data de Criação: 16/07/2003 Endereço: Rua Pedro Gomes de Araújo, 96, Centro, CEP 63515-000, Quixelô/CE. Tel.: (88) 9983-5947 / 9697-9542 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Instituto Cultural e Econômico de Quixelô (ICEQUI) Parceiros(as)/apoio: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, Ministério da Cultura, comerciantes de Quixelô, diversas pessoas físicas, entre outros. Recursos: contribuição dos associados, Câmara de Vereadores (contribuição mensal de R\$ 250,00 para ajudar nos custos de transmissão das sessões, incluindo uma gratificação a operadores de áudio, manutenção e depreciação de equipamentos) etc. Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: _____ Funcionamento: 2ª a sábado, das 8 às 19 horas É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu: O Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô está sediado em uma das casas mais antigas da cidade.			
E-mail institucional: icequi-quixelo@hotmail.com; quixelo@ig.com.br Websíte ou blog: http://www.icequi.blogspot.com.br/ Rede social:
Categorias Propostas: Museu [Comunitário]			
Histórico: <p>Quixelô é um município brasileiro situado no alto Jaguaribe, região Centro Sul do estado do Ceará, banhada pelo Açude Orós e pelos riachos Faé, Antonico, Cunha Poti, Madeira Cortada e Riacho do Meio. Seu nome está associado aos índios Quixelôs, que habitavam a região e resistiram bravamente à colonização do século XVII. Até 1985, quando obteve sua emancipação política, foi um distrito de Iguatu (distrito Bom Jesus do Quixelô) (PREFEITURA, 2017).</p> <p>O Instituto Cultural e Econômico de Quixelô (ICEQUI) é uma associação sem fins lucrativos fundada em 2003 com o objetivo de “promover, coordenar e integrar a concepção, o agenciamento, o desenvolvimento e a implantação de ações de interesses comuns da comunidade quixeloense, que visem nos locais de sua atuação ao desenvolvimento econômico, social local, integrado, sustentável e cultural de sua população” (ESTATUTO, 2003).</p> <p>O Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô, além do Museu, abriga a Rádio Comunitária Quixelô FM (FM 104,9), a Biblioteca Comunitária Padre João Firmino da Cruz, a Escola de Informática e Cidadania, e o Cine Mais Cultura Quixelô. Além de contribuir com a formação educacional e desenvolvimento sócio-cultural dos quixeloenses, por meio de informação e capacitação, o Casarão visa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a memória do povo de Quixelô; • Valorizar artistas, artesãos, grupos culturais locais, entre outros. <p>Em 2009 o espaço foi reconhecido como Ponto de Cultura, o que possibilitou a ampliação das atividades oferecidas aos moradores do município.</p>			
Referências Patrimoniais: <p>Histórias, Memórias e Cultura Material relacionada aos moradores do Município de Quixelô. Exemplos: Fotografias (positivos e digitalizadas), mobiliários, artefatos indígenas, materiais de construção utilizados nas edificações antigas, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, objetos pessoais pertencentes ao produtor rural Belchior Gomide Araújo (nome que perdura no imaginário popular por sua fama de violento) etc.</p>			
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplos: Exposição “Quixelô, Memória Sócio Política” (05/2011); Exposição “Corredor do Tempo” - com os principais fatos que marcaram a vida da população de Quixelô (05/2013); Exposição de Fotos em comemoração aos 30 anos de criação do Município de Quixelô, com fotos de João Alencar de Oliveira Júnior e José Mácio Alves (05/2015); Exposição de fotos realizadas em 1969 pelo Sr. Zé de Serafim, morador de Quixelô, com paisagens que retratam aspectos urbanos e eventos socioculturais (05/2016), entre outras;</p>			

Participação em Eventos: 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com Palestra sobre Cultura Afro-Brasileira - com a Prof. Edileuda Santiago, visita guiada ao Casarão, exibição do filme "Carolina" e "A Negação do Brasil", show musical com Raul Rodrigues com a participação de artistas locais, apresentação teatral e Sarau - Performance Poética do Projeto Quintal de Poesias em homenagem aos 10 Anos do ICEQUI (23-29/09/2013); 9ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposição, Programa de Rádio "Quixelô e seu Museu", lançamento do Cartão Postal do Casarão da Memória Viva do Povo de Quixelô, exibição de filmes históricos (14-22/05/2011); visitas ao Casarão (14-20/05/2012); visitas ao Casarão, exposição e exibição de filmes (13-19/05/2013); visitas ao Casarão (12-18/05/2014); exposição, visitas ao Casarão, exibição de filmes e Palestra sobre sustentabilidade, Mesa Redonda sobre a criação do Município de Quixelô - com pessoas que participaram do movimento emancipação, Apresentação Teatral (18-24/05/2015); exposição, visitas ao Casarão, exibição de filmes, Oficina de Produção de Vídeo com Sara Bevenuto, VIII Quintal de Poesias - com escritos de poetas Quixeloenses (16- 22/05/2016), entre outros.

Obs.: O Ponto de Cultura Quixelô realizou mais de 90 oficinas nas áreas de Comunicação Radiofônica, Formação Cineclubista, Literatura e Teatro, Vídeo e Fotografia e Informática Básica, beneficiando moradores das áreas urbanas e rurais do município.

Ações de Preservação:

Reforma do Casarão

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Honório. Casarão preserva a memória do povo de Quixelô. **Diário do Nordeste**, 3 jun. 2017. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/casarao-preserva-a-memoria-do-povo-de-quixelo-1.1765076>. Acesso em: 5 jun. 2017.

ICEQUI - Instituto Cultural e Econômico de Quixelô. **Blogspot**. Disponível em: <http://icequi.blogspot.com.br/2017/03/a-radio-comunitaria-quixelo-fm-recebeu.html>. Acesso em: 15 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.72. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-79. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.73. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.78. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.87. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.86. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.66. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO CULTURAL E ECONÔMICO DE QUIXELÔ. **Estatuto Social do Instituto Cultural e Econômico de Quixelô**. Quixelô, 2003. Disponível em: http://icequi.blogspot.com.br/p/blog-page_19.html. Acesso em: 15 mai. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Instituto Cultural e Econômico de Quixelô. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9135/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PREFEITURA DE QUIXELÔ. **História da Cidade**. <http://www.quixelo.ce.gov.br/historia-da-cidade-2/>. Acesso em: 15 mai. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Casarão. Disponível em: <http://icequi.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
45

Denominação: Museu Eco-cultural Monte Olimpo

Data de Criação: 2007

Endereço: Sítio Monte Olimpo, Saco do São Pedro (Zona Rural), s/n, Distrito de Palestina do Norte, CEP 62300-00, Meruoca/CE.

Tel.: (88) 9642-0654 / 9462-2080

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Luar da Serra

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 3ª feira a domingo, das 8 às 20 horas

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: asso.luardaserra@outlook.com, pauloemilioaa@gmail.com

Website ou blog:

Rede social: <https://pt-br.facebook.com/SitioMonteOlimpo/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

O Sítio Monte Olimpo, localizado no bairro Saco do São Pedro, zona rural do distrito de Palestina do Norte (Meruoca/CE), foi herdado pelo professor de História aposentado Paulo Emílio, que resolveu transformá-lo em um espaço cultural.

O Museu Eco-cultural Monte Olimpo, ou “Ecomuseu Monte Olimpo”, criado entre 2003 e 2007, foi idealizado pelo professor, com o objetivo de preservar e contar a história local, valorizar a cultura da Zona Norte de Ceará e promover um turismo histórico e ecológico na região (compõe o Plano de Revitalização do Turismo na cidade, desenvolvido pela Prefeitura e pelo Sebrae).

O projeto turístico abrange alojamento para turistas (áreas para camping ou chalés), áreas para atividades de lazer (restaurante, bar, parque infantil, brinquedos de aventura para adultos, adega e boate), culturais e profissionais (anfiteatro com 150 lugares) e educativas, baseadas no patrimônio naturais e culturais locais (cachoeira, trilhas, casa de farinha, engenho, casa de taipa, praças, lunário, biblioteca etc.). Além do “museu histórico”, “há ainda a projeção de um museu biológico com exposição de serpentes e fotos de animais da região” (BRAGA, 2011).

Referências Patrimoniais:

O acervo do Ecomuseu é composto por mobiliário do século XVIII (piano, imagens sacras, penteadeiras, cômodas, armários, guarda-roupas etc.), utensílios domésticos, máquinas e ferramentas de trabalho, adornos etc. (pertencentes a famílias locais, como de dom José Tupinambá da Frota, Frota Aguiar, Marinho de Andrade e Visconde de Sabóia);

Histórias e manifestações culturais locais (quadrilhas juninas, bumba meu boi, entre outras).

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exibição de peças de origem ou relacionadas à cultura indígena (09/2015), entre outras;

Apresentações culturais tradicionais (quadrilhas juninas, bumba meu boi etc.);

Participação em Eventos: 8ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com a exibição do filme “O bule e a família”, visita guiada à Visita guiada a Casa de Farinha, Bodega e Casa de Taipa (residencial) - seguida de debate, exposições sobre economia regional, peças do mobiliário, objetos pessoais e pecuária regional, Palestra a alunos das escolas públicas de Palestina e Floresta, Seminário com estudantes dos cursos de História e Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA), Sarau (22-28/09/2014); exposição, visitas guiadas a estudantes das escolas municipais, Palestra sobre a influência cultural indígena nas comunidades de Meruoca (21-27/09/2015); 12ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exibição de filmes de produtores locais, oficina de educação patrimonial com alunos da rede pública municipal, espetáculo de rua “A lenda do boi Diamante” (12-17/05/2014, atividades realizadas o Ecomuseu e no Centro de Feiras e Eventos); Palestra “Meio Ambiente: Os Impactos de Três Anos de Seca na Serra da Meruoca”, visita guiada a alunos das escolas públicas municipais, ação educativa “Adote uma Árvore, Adote uma Atitude” - objetivando despertar na comunidade atitudes preservacionistas e de reflorestamento das matas, Mesa Redonda “Reflexões sobre Consciência Ambiental e Sustentabilidade Social” (18-24/05/2015); exposição (16-22/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Catalogação das peças do acervo;

Ação educativa "Adote uma Árvore, Adote uma Atitude" etc.

Referências Bibliográficas:

BRAGA, Lauriberto. Museu vai retratar história da Zona Norte. **Diário do Nordeste**, 6 dez. 2011. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/museu-vai-retratar-historia-da-zona-norte-1.775066>. Acesso em: 31 mai. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **8ª Primavera dos Museus**: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.28. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.35. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **12ª Semana de Museus**: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.85. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus**: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.83. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus**: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.64. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Eco-cultural Monte Olimpo. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7942/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SÍTIO MONTE OLIMPO (Associação Luar da Serra). **Facebook**: Fanpage. Disponível em <https://www.facebook.com/SitioMonteOlimpo?filter=2>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da sede do Ecomuseu. Disponível em: <https://www.facebook.com/SitioMonteOlimpo/photos/a.362869210453825.86813.362867490453997/384536561620423/?type=3&theater>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 46	Denominação: Memorial da Colônia Japonesa
	Data de Criação: 2010 Endereço: Rua Sakura, 1353, Colonia Japonesa, CEP 93900-000, Ivoti/RS Tel: 3564-2803 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Ivoti – Departamento de Cultura	
Parceiros(as): Prefeitura Municipal de Ivoti	
Recursos: Prefeitura Municipal de Ivoti	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 9 às 11:30 e das 13:30 às 17 horas, aos sábados, domingos e feriados, das 9 às 12 e das 13:30 às 18 horas.	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu: O Memorial foi instalado em uma construção de 914 metros quadrados de arquitetura típica nipônica.	
E-mail Institucional: cultura@ivoti.rs.gov.br Website ou Blog: www.ivoti.rs.gov.br Rede Social:	Logotipo

Categorias Propostas:

Histórico:

Ivoti, do tupi-guarani "ipoti-catu", que significa flor (PREFEITURA [...], 2017)., é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, localizado na região metropolitana de Porto Alegre. Há indícios da presença de povos nativos na localidade há cerca de 10.500 anos, "constituindo o que os arqueólogos chamam de Tradição Umbu" (*idem*). No século XVIII a região começou a ser ocupada por bandeirantes paulistas e posteriormente tropeiros, e foi inserida na rota do gado. No século XIX (1826) as terras conhecidas pelo nome de Bom Jardim (denominadas Ivoti apenas em 1938 – o município foi criado em 1964) recebeu imigrantes de origem germânica, que trabalhavam principalmente como agricultores, que cultivavam milho, feijão e aipim. Uma das tradições da cidade é o plantio de flores em frente às casas, que formam jardins multicoloridos. Finalmente, em 1966, os dirigentes municipais destinaram uma área de terras para 26 famílias de imigrantes japoneses, surgiu assim a Colônia Japonesa (a maior do estado), "produtora de uvas de mesa, kiwi, hortaliças e flores" (*idem*). Nos fundos das casas os imigrantes construíram oficinas, que aos poucos transformaram-se em fábricas calçados e curtumes, atraindo migrantes do norte do estado e de Santa Catarina. Atualmente, Ivoti possui cerca de 20 mil habitantes (*idem*).

O Memorial da Colônia Japonesa, criado em 2010 com investimentos da Prefeitura de Ivoti, tem como objetivos:

- Fomentar a discussão da história e da memória da comunidade japonesa;
- reconhecer o passado e as conquistas dos imigrantes japoneses e divulgar aspectos da cultura, do esporte e da religião, por meio da exposição de objetos e comercialização de itens produzidos pelos descendentes japoneses;
- Promover atividades de educação patrimonial;
- Buscar intercâmbio com instituições análogas;
- Manter viva a cultura e as tradições.

Referências Patrimoniais:

O acervo do museu é formado por objetos (louças, vestimentas, malas, documentos, ferramentas, artesanatos entre outros) doados pelas 46 famílias de origem japonesa que vivem em Ivoti. Baseia-se em suas histórias e tradições.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições Temporárias e Permanentes;

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

MEMORIAL da Colônia Japonesa, em Ivoti, conta a história dos imigrantes. **Gaúcha ZH**, 3 FEV. 2012. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/02/memorial-da-colonia-japonesa-em-ivoti-conta-a-historia-dos-imigrantes-3652049.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Treze de Maio. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9356/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MUNICÍPIO DE IVOTI. **Turismo**. Disponível em: <http://www.ivoti.rs.gov.br/turismo>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO: UMA REDE VIVA. **Memorial da Colônia Japonesa**. Disponível em: <http://www.patrimonioredeviva.com.br/cidades/3/ivoti/categoria/8/memorial-museu/patrimonio/33/memorial-da-colonia-japonesa>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TRIP ADVISOR – Paulo S. **Memorial da Colônia Japonesa**. 20 dez. 2015. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2572696-d8790488-i164677883-Memorial_da_Colonia_Japonesa-Ivoti_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html. Acesso em: 10 mar. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Memorial da Colônia Japonesa. Disponível em: <http://doisirmaosrs.blogspot.com.br/2011/01/ivoti-cidade-das-flores.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 47	Denominação: Centro de Referência do Negro Nilo Alberto Feijó
		Data de Criação: 2012-2016 Endereço: Avenida Ipiranga, 311, CEP 90160-091, Porto Alegre/RS. Tel: (51) 3392-0432 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Comitê Gestor formado por entidades da sociedade civil, a Secretaria de Direitos Humanos e a Secretaria Adjunta do Povo Negro (Prefeitura de Porto Alegre)

Parceiros(as)/apoio: Sindicatos, bares locais, associações comunitárias, escolas, entre outros.

Recursos: Trabalho voluntário de seus membros e venda de camisetas, livros, artesanatos e alimentos.

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Centro de Referência está sediado em um edifício pertencente à Associação das Escolas de Samba da cidade, espaço considerado historicamente “território negro” de Porto Alegre. O espaço abriga uma biblioteca, um miniauditório e salas multiuso em seu interior.

E-mail Institucional: cristinadegbemi@gmail.com

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas:

Histórico:

Porto Alegre é um município e a capital do estado do Rio Grande do Sul. Começou a ser construída com a chegada de colonos açorianos no século XVIII. “A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses” (PREFEITURA [...], 2017), que dedicavam-se a atividades como a agricultura de pequena propriedade, a pecuária, a produção de artesanatos e posteriormente instalaram restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e outros tantos estabelecimentos comerciais. Atualmente possui cerca de 1,5 milhão de habitantes (*idem*).

No imaginário popular, Porto Alegre é “uma capital branca e europeia [...]. No entanto, a presença da população negra, historicamente invisibilizada, é grande na capital gaúcha e tão antiga quanto a própria colonização desse espaço.” (BRAZ; SCHARB, 2017). Ocorreram na cidade “diversos processos de ‘limpeza urbana’, que alijaram as populações de menor renda e, sobretudo, negra para as periferias da cidade” (*idem*).

A falta de espaço para apresentação de uma peça teatral na comunidade fez com que um grupo de moradores utilizassem um edifício pertencente à Associação das Escolas de Samba da cidade, que havia sido transferida para outra localidade. Por estar alocado em um espaço considerado historicamente território negro (século XIX), de grande valor histórico, o edifício foi reconhecido como patrimônio cultural da comunidade. Após sua limpeza e organização, a partir de 2012, mediante autorização da prefeitura, o local foi transformado em espaço cultural baseado na cultura negra, e recebeu o nome de Centro de Referência do Negro Nilo Alberto Feijó, em homenagem ao carnavalesco e antigo militante do movimento negro.

O Centro de Referência do Negro Nilo Alberto Feijó, inaugurado em março de 2016, é resultado de uma parceria entre a Associação das Entidades Carnavalescas do Município, movimentos sociais e a Prefeitura de Porto Alegre. Em novembro de 2016 a Associação Negra de Cultura (ANdC), iniciou uma campanha para a sua revitalização, e para isso contou com a colaboração de diversos artistas plásticos. Dentre seus principais objetivos estão:

- Tornar-se um espaço de cultura e memória com equipamentos que contribuam para a valorização da comunidade negra;
- Dar visibilidade à arte negra incentivando o protagonismo da comunidade;
- Contribuir para construção de autoestima nas crianças negras;
- Oferecer atividades culturais e educativas (debates, palestras e fóruns de discussões) voltadas para as questões do povo negro.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Centro de Referência é formado por revistas, vídeos, livros;

Manifestações culturais da comunidade negra na cidade.

Atividades Desenvolvidas:
Exposições;
Exposições da Feira Afro Microempreendedora;
Saraus Poéticos Adulto/Infantil, peças teatrais, oficinas de poesia, oficinas literárias (Projeto Cultural Sopapo Poético Ponto Negro da Poesia – últimas terças-feiras do mês);
Debates, seminários, palestras e fóruns de discussões voltados para as questões do povo negro etc.
Ações de Preservação:
Registro das atividades realizadas por meio de fotografias e atas.
Referências Bibliográficas:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.
BRAZ, Carolina; SCHARB, Dina. Projeto Territórios Negros: preservando a memória de Porto Alegre. Nonada , 1 set. 2017. Disponível em: http://www.nonada.com.br/2017/09/projeto-territorios-negros-preservando-memoria-de-porto-alegre/ . Acesso em: 1 set. 2017.
FRAGA, Luis Pedro. Cerimônia de Inauguração. Facebook , 30 mar. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=996399760396060&set=a.996399477062755.1073742634.100000781370810&type=3&theater . Acesso em: 17 dez. 2016.
OLIVEIRA, Fatima R. Agora é real, Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. Liga Independente das Escolas de Samba de Porto Alegre . Disponível em: http://www.liespaoa.com.br/agora-e-real-centro-de-referencia-do-negro-nilo-feijo/ . Acesso em: 17 dez. 2016.
OS PRIMEIROS Imigrantes. RS Virtual , 8 set. 2007. Disponível em: http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul/os_primeiros_imigrantes-o3158.html . Acesso em: 17 dez. 2016.
PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Inaugurado o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. Facebook : Fanpage, 31 mar. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/prefpoa/ . Acesso em: 15 mai. 2017.
_____. Histórico da Cidade . Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=257 . Acesso em: 17 dez. 2016.
SOUZA, Juarez Gutierrez de. Agora é real, Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. Liespa-POA , mar. 2016. Disponível em: http://www.liespaoa.com.br/agora-e-real-centro-de-referencia-do-negro-nilo-feijo/ . Acesso em: 15 mai. 2017.
Referência da Imagem: Fachada do CRN Nilo Alberto Feijó. Créditos: Sopapo Poético. Disponível em: https://www.facebook.com/SopapoPoetico/photos/pcb.1135994503175100/1135986153175935/?type=3&theater . Acesso em: 17 dez. 2016.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 48	Denominação: Museu Comunitário Professora Dona Tiquinha
	Data de Criação: 2004 Endereço: Rua Francisco Rodrigues, 157 (ou 180?), Centro, Alto do Rodrigues/RN Tel.: (84) 3523-2213 / 3523-2228 / 9983-7061 / 9954-5100 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Alto do Rodrigues - Departamento de Cultura da Secretaria de Educação	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira (sábado, domingos e feriados com horário agendado)	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: semecarg@yahoo.com.br , ambiente.tiquinha@gmail.com , museudealtodorodrigues@gmail.com , educarg@gmail.com , semecarg@gmail.com Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário	
Histórico: <p>Alto do Rodrigues é um município localizado na microrregião do Vale do Açu, no estado do Rio Grande do Norte. Teve sua origem em uma fazenda de gado pertencente ao Capitão Rodrigues Ferreira, político da região que viveu entre os séculos XIX e a primeira metade do XX. O topônimo deve-se ao fato da casa grande da fazenda estar situada em uma elevação do terreno, à margem direita do Rio Açu. Em seu entorno lavradores cultivavam algodão e culturas de subsistência, além de extrair cera de carnauba (espécie de palmeira). Em 1942 passou a ser considerado povoado do município de Pendências, e em 1963 foi elevado à categoria de município e distrito (IBGE, 2017).</p> <p>Francisca Alves da Silva (1944-2015), popularmente conhecida como Dona Tiquinha, foi professora no distrito de Riacho Verde (Quixadá/CE), é mãe de uma vereadora local (Dedê). O Museu Comunitário Professora Dona Tiquinha, criado em 2004, aparece em algumas referências com outras denominações: “Museu Comunitário de Alto do Rodrigues” (IBRAM, 2014), “Museu Comunitário Alto do Rodrigues Professora Dona Tiquinha” (IBRAM, 2015), “Museu Ambiente Cultural Professora Dona Tiquinha” (Plataforma Museus Br).</p> <p>Não obtivemos maiores informações sobre a iniciativa.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades Desenvolvidas: <p><u>Exposições.</u> Exemplos: Exposição Fotográfica de imagens e recortes históricos de Alto do Rodrigues (05/2014); Exposição do artesanato do grupo de artesãs do museu comunitário (05/2014), entre outras.</p> <p>Grupo de Artesanato Vovó Marié – Programa Social ligado à Secretaria de Educação (até 12/2015)</p> <p>Participação em Eventos: 7ª e 9ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com Oficinas de Artesanato Afro-brasileiro, exposição dos artesanatos produzidos nas oficinas, degustação de comidas da culinária afro-brasileira (02-29/09/2013); Produção e Exposição de maquete sobre ocupação dos índios na região, oficinas de artesanato com características indígenas, apresentações culturais (22-27/09/2015); 12ª a 14ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com exposição de fotografias e artesanatos, visita guiada com alunos da rede pública municipal (13-18/05/2014); Oficinas de reciclagem com a comunidade, exposição e apresentações culturais do Grupo de Senhoras do Ambiente Cultural do museu, da Banda Fanfarra Rosa do Vale, do Projeto Projeto Despertar, Mais Educação da Escola Walfredo Gurgel, Mais Educação da Escola Francisco de Oliveira (06/04-16/05/2015); Oficinas, teatro e exposição sobre o tema “Museus e Paisagens Culturais” (16-22/05/2016), entre outros.</p>	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Alto do Rodrigues**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rn/alto-do-rodrigues/historico>. Acesso em: 8 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus**: Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.100-101. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf

_____. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.50. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **12ª Semana de Museus**: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.129. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus**: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.139. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus**: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.101. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

IRREVERENTE – A Notícia com Credibilidade. Museu Comunitário Dona Tiquinha desenvolverá programação cultural nesta segunda-feira (25). **Blogspot**, 25 mai. 2015. Disponível em: <http://pmfalandoirreverente.blogspot.com.br/2015/05/museu-comunitario-dona-tiquinha.html>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Ambiente Cultural Professora Dona Tiquinha. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8334/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

OLIVEIRA, Laéce. Morre mãe da vereadora Dedê. **Pé no Chão Informativo**, 18 fev. 2015. Disponível em: <https://penochaoinformativo.com.br/2015/02/morre-mae-da-vereadora-dede/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <http://pmfalandoirreverente.blogspot.com.br/2015/05/museu-comunitario-dona-tiquinha.html>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
49

Denominação: Ponto de Cultura Espaço Escola Áfricanamente

Data de Criação: 2001 (Ponto de Cultura inaugurado em 2014)
Endereço: Avenida Cristóvão Colombo, 761, CEP 90560-000, Porto Alegre/RS
Tel: (51) 9630-2807
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Áfricanamente – Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação das Tradições Afrodescendentes (OSCIP)

Parceiros(as): SEDAC, Comunidade Terreira Ile Ase Iyemonja Omi Olodo e Escola Áfricanamente de Capoeira Angola.

Recursos: Convênio com o Ministério da Cultura e SEDAC (atividades, mensalidade dos alunos da Escola Áfricanamente de Capoeira Angola, aluguel do espaço), Edital Pontos de Cultura do RS - 2012

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: africanamenters@gmail.com, africanamente.poa@hotmail.com

Website ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/Ponto-de-Cultura-Espa%C3%A7o-Escola-%C3%81fricanamente-596831847105491/>

Logotipo

Categorias Propostas:

Histórico:

Porto Alegre é um município e a capital do estado do Rio Grande do Sul. Começou a ser construída com a chegada de colonos açorianos no século XVIII. “A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses” (PREFEITURA [...], 2017), que dedicavam-se a atividades como a agricultura de pequena propriedade, a pecuária, a produção de artesanatos e posteriormente instalaram restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e outros tantos estabelecimentos comerciais. Atualmente possui cerca de 1,5 milhão de habitantes (*idem*).

No imaginário popular, Porto Alegre é “uma capital branca e europeia [...]”. No entanto, a presença da população negra, historicamente invisibilizada, é grande na capital gaúcha e tão antiga quanto a própria colonização desse espaço.” (BRAZ; SCHARB, 2017). Ocorreram na cidade “diversos processos de ‘limpeza urbana’, que alijaram as populações de menor renda e, sobretudo, negra para as periferias da cidade” (*idem*).

A ONG Africanamente – Centro de pesquisa, resgate e preservação das tradições afrodescendentes, foi criada em 2001, reunindo jovens negros de diversas manifestações culturais (capoeira, samba, religiões de matriz africana etc.). Seu objetivo era desenvolver projetos a partir de convênios com órgãos públicos e privados. Posteriormente foi transformada em OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público).

O Ponto de Cultura Espaço Escola Áfricanamente apresenta-se como uma construção coletiva, baseada na lógica das culturas de matriz africana preservadas na diáspora. Tem como objetivos:

- Potencializar as ações culturais já desenvolvidas pelo coletivo, relacionadas à arte, cultura e educação das culturas de matriz africana preservadas ou ressignificadas no Brasil – fortalecimento da cultura e a educação popular;
- Contribuir com o combate ao racismo e formas correlatas de discriminação;
- Divulgar e promover as culturas afrodescendentes, baseada em valores ancestrais (transgeracionalidade, ludicidade, senioridade, circularidade, oralidade, corporeidade, musicalidade, memória, comunitarismo/cooperativismo, complementaridade);
- Tornar-se uma organização negra de referência no Brasil.

Em janeiro de 2014, após ser reconhecido pelo Ministério da Cultura (edital de 2012), o Ponto de Cultura Espaço Escola Áfricanamente foi inaugurado, iniciando a parceria estabelecida entre a Áfricanamente Escola de Capoeira Angola e a Secretaria de Cultura do Estado (Ministério da Cultura).

Referências Patrimoniais:
Práticas e manifestações culturais de matriz africana realizadas próximas ao território.
Atividades Desenvolvidas:
Atividades culturais e educativas relacionadas às manifestações de matriz Africana: Encontros, Seminários, Congressos, Oficinas, Palestras, Rodas de Conversa, Intervenções Culturais, Exibição de Filmes etc.;
Projeto Áfricanamente Escola de Capoeira Angola (a partir de 2003) - objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre a cultura da Capoeira Angola; Projeto de Educação Étnico-Social “Ori Inu Erê: Valores Civilizatórios Afrodescendentes na Construção de um Mundo melhor” (2006-2010).
Ações de Preservação:
Registro de áudio e vídeo de entrevistas realizadas.
Referências Bibliográficas:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.
BRAZ, Carolina; SCHARB, Dina. Projeto Territórios Negros: preservando a memória de Porto Alegre. Nonada , 1 set. 2017. Disponível em: http://www.nonada.com.br/2017/09/projeto-territorios-negros-preservando-memoria-de-porto-alegre/ . Acesso em: 1 set. 2017.
OS PRIMEIROS Imigrantes. RS Virtual , 8 set. 2007. Disponível em: http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul/os_primeiros_imigrantes-o3158.html . Acesso em: 17 dez. 2016.
PONTO DE CULTURA ESPAÇO ESCOLA ÁFRICANAMENTE. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/Ponto-de-Cultura-Espa%C3%A7o-Escola-%C3%81fricanamente-596831847105491/ . Acesso em: 17 dez. 2016.
PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Inaugurado o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. Facebook : Fanpage, 31 mar. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/prefpoa/ . Acesso em: 15 mai. 2017.
_____. Histórico da Cidade . Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=257 . Acesso em: 17 dez. 2016.
Referência da Imagem: Roda de Conversa sobre o Papel do(a) educador(a) social negro(a), realizada em julho de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/596831847105491/photos/a.1278349792287023.1073741920.596831847105491/1278353415619994/?type=3&theater . Acesso em: 1 set. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (09/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 50	Denominação: Ecomuseu do Carste
	Data de Criação: 2003 Endereço: Rua Domingos Gomes Ferreira, 130, Mocambo, Matozinhos/MG Tel.: (31) 9647-3173 / 9789-1145 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação de Desenvolvimento Artes e Ofícios (ADAO)	
Parceiros(as)/apoio: Prefeitura Municipal de Matozinhos, Governo do Estado de Minas Gerais, Projeto Manuelzão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre outros.	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: ecomuseudocarste@gmail.com Website ou blog: Rede social:	Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Ecomuseu de Percurso, Museu Comunitário (MOTTA, 2015)

Histórico:

Mocambo é um distrito do município de Matozinhos (MG) localizado a cerca de 46 km de Belo Horizonte. Matozinhos é “uma região de relevo cárstico, caracterizado pela existência de cavernas, dolinas, vales secos, rios subterrâneos, lagos intermitentes, paredões rochosos expostos e lapíais”. Contém grutas e afloramentos rochosos que apresentam inscrições de grupos humanos coletores e caçadores (ARMOND, 2015, p.55). A paisagem singular do território possibilitou sua constituição enquanto patrimônio natural e cultural.

O povoado denominado Matozinhos teve seu início ao redor da Capela do Senhor Bom Jesus, edificada no local onde foi descoberta a imagem do santo (que passou a ser o padroeiro do lugar) entre ruínas de um antigo acampamento. Em 1823 o povoado foi elevado à categoria de freguesia (Freguesia do Senhor Bom Jesus de Matozinhos), pertencendo sucessivamente a Sabará, Santa Luzia e Pedro Leopoldo. Foi elevado a município em 1944 (MOTTA, 2015, p.79). De acordo com Motta (2015, p.145), “a origem do Mocambo remonta à Fazenda do Mucambo, uma das nove fazendas vinculadas à fazenda-sede da Jaguará”, pertencente ao Coronel Antônio de Abreu Guimarães. O local recebeu esse nome por abrigar um “conjunto de ‘mucambos’, casebres rústicos de barro e pau-a-pique, cobertos com folhas de palmeiras”, que serviam de residência para negros escravizados e posteriormente tornou-se um quilombo ou ainda local de refúgio para ex-escravos. Apesar da comunidade atual abrigar poucos de seus descendentes, as manifestações culturais afro-brasileiras ainda são mantidas (culinária, festas religiosas, lendas, linguagem etc.).

O Ecomuseu do Carste de Minas Gerais, anteriormente denominado “Ecomuseu de Mocambo”, inicialmente restringia-se a este distrito, mas posteriormente passa a abarcar toda a região do Carste. Atualmente é um parque natural na região cárstica de Lagoa Santa, pertencente à Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa (APA Carste Lagoa Santa). De acordo com a Secretaria de Cultura e Turismo de Matozinhos o Ecomuseu ocupa 64% da área territorial do município (MOTTA, 2015, p.12).

Para Motta (2015, p.13), o Ecomuseu do Carste “é um misto de ecomuseu de território e de ecomuseu comunitário”, pois “há uma crescente participação da comunidade local”, que “mantém vivas tradições culturais de seus antepassados quilombolas, como por exemplo o Candomblé e o Congado” (CARVALHO; MOTTA *apud* MOTTA, 2015, p.13). Trata-se de “um projeto de gestão integrada dos bens culturais e naturais, realizado pela comunidade com o objetivo de desenvolver o território que habita, a partir da valorização da história local e do patrimônio natural e cultural nele existente” (ARMOND *apud* MOTTA, 2015, p.64).

Referências Patrimoniais:

O acervo do Ecomuseu é composto por Patrimônios Naturais, Históricos e Culturais, dentre eles “elementos naturais do relevo cárstico” (MOTTA, 2015, p.13), conjuntos paisagísticos, um sítio arqueológico com pinturas rupestres, fazendas do século XVIII, conjunto arquitetônico rural com obras de Aleijadinho, tradições e costumes das comunidades locais (Congado, Reinado e outras manifestações culturais, culinária, artesanato, música etc.).

Atividades desenvolvidas:

Encontros, oficinas, palestras sobre Meio Ambiente, Educação Patrimonial, Arqueologia, Fotografia, Inventário Participativo, Visitas guiadas, pesquisas junto aos moradores;

Participação em Eventos: 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Seminário sobre as características geológicas, arqueológicas e culturais do município, legislação e ações comunitárias do Ecomuseu do Carste – no Palácio da Cultura, exibição de animação sobre o do patrimônio cultural local e o Ecomuseu do Carste, apresentação da orquestra jovem, de músicos, feira de artesanato e gastronomia, passeio (a pé, de bicicleta ou a cavalo) por Mocambeiro - Fazenda da Jaquara, Monumento Natural do Estado Vargem da Pedra, Centro de Referência Tia Nizinha e Parque Cerca Grande (22-24/05/2015).

Ações de Preservação:

Inventário Participativo para a Vargem da Pedra (financiado pelo Fundo Estadual de Defesa dos Direitos Difusos, 2012) e posterior publicação;

Sinalização do Mocambeiro;

Pesquisas junto aos moradores etc.

Referências Bibliográficas:

ARMOND, Márcia Andréa. Inventário participativo no Ecomuseu do Carste de Minas Gerais. In: V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS, 2015, Juiz de Fora. **Caderno de Resumos:** experiências e pesquisas, 2015, p.55.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.235-236. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MARTINS, Francisca de Paula. Ecomuseu: iniciativa pioneira em MG. **Diário do Comércio**, 31 mar. 2010. Disponível em: http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=ecomuseu_iniciativa_pioneira_em_mg&id=63849. Acesso em: 6 mar. 2017.

MOTTA, Frederico Patto Sá. **Ecomuseu do Carste de Minas Gerais:** design e sustentabilidade na sinalização museal. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://anapaulanasta.com/wp-content/uploads/2016/03/dissertac%CC%A7a%CC%83o-Frederico-Patto.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Placa improvisada de Monumento Externo - Vargem da Pedra/Ecomuseu do Carste Mocambeiro. Créditos: Frederico P. S. Motta (MOTTA, 2015, p.89). Disponível em: <http://anapaulanasta.com/wp-content/uploads/2016/03/dissertac%CC%A7a%CC%83o-Frederico-Patto.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 51	Denominação: Museu Comunitário do Poço Comprido Data de Criação: 2004 (?) Endereço: Engenho Poço Comprido, Acesso pela Rodovia BR 408 e Rodovia PE 74, Zona Rural, Vicência/PE. Tel.: (81) 99788-7117 / 99670-6815 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Filhos e Amigos de Vicência (AFAV) - desde 2004		
Parceiros(as):		
Recursos:		
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso: R\$4,00		
Obs.: escolas públicas do Município de Vicência são isentas. Escolas públicas de demais localidades, até o nível médio, pagam meia entrada.		
Funcionamento: 9 as 16 horas		
É necessário agendar a visita? (X) sim () não		
Estrutura física do Museu: O Museu integra as edificações do Engenho Poço Comprido (casa grande, capela, moita e o auditório), além das áreas ao ar livre.		
E-mail Institucional: afav_vicencia@yahoo.com.br Website ou Blog: http://pococomprido.com.br/ , http://museupococomprido.wixsite.com/afav Rede Social: https://www.facebook.com/engenhopoco.comprido		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória		
Histórico: <p>Vicência é um município localizado no estado de Pernambuco. Até 1850 as terras do município eram conhecidas como um rincão rural. Associa-se o topônimo à existência de uma moradora local, muito católica, conhecida pelo nome de Vivência de Melo, cujo rancho era constantemente procurado pelos viajantes condutores de animais e mercadorias. O local transformou-se em ponto de encontro e gradativamente se tornou um povoado. Em 1879 foi criado o distrito de Vicência, subordinado ao município de Nazaré, do qual se emancipa politicamente em 1928 (PREFEITURA, 2015). Atualmente a economia local está voltada para a monocultura da cana-de-açúcar e da banana.</p> <p>O Engenho Poço Comprido, localizado no Vale do Siriji, é o único remanescente do século XVIII em Pernambuco, que foi tombado pelo IPHAN em 1962. Em 1999 foi criada a Associação dos Filhos e Amigos de Vicência (AFAV), ONG sem fins lucrativos, com o objetivo de “resgatar e promover a cultura do município de Vicência” (MUSEU, 2017). A partir de 2004 a AFAV passa a ser a gestora do Museu Comunitário do Poço Comprido.</p> <p>O “Museu Comunitário do Poço Comprido” ou “Museu Poço Comprido”, criado com o objetivo de “atuar na preservação do patrimônio imaterial e patrimônio material edificado do Estado de Pernambuco” (MUSEU, 2017), integra as edificações da casa grande, Capela São João Batista, moita (fábrica) do engenho de açúcar e o auditório Frei Caneca, totalizando 4 hectares de área. Além do Museu, a AFAV administra o Ponto de Cultura Poço Comprido e a Escola de Cultura Canavial Frei Caneca. Esta última foi criada com o “objetivo de incentivar crianças e adolescentes de área rural a (re)conhecerem sua cultura, desenvolvendo atividades de formação de grupos que promovam lazer e entretenimento, ampliando o sentimento de pertencimento a sua localidade com acesso a ações culturais e cidadãs nas comunidades tradicionais e rurais, contribuindo para a preservação do patrimônio nacional Engenho Poço Comprido e para a história local” (MUSEU, 2017).</p> <p>No local é ainda servido o “almoço de engenho” (para grupos de 40 pessoas mediante agendamento prévio), e o auditório pode ser alugado para a realização de eventos diversos.</p>		
Referências Patrimoniais: Conjunto arquitetônico remanescente e Engenho de açúcar do século XVIII e outros Patrimônios Materiais e Imateriais; Histórias da região e relacionadas ao engenho;		
Atividades Desenvolvidas: <u>Exposições.</u> Exemplos: Exposição “Mostra do Açúcar”; Visitas Guiadas; Exibição de curtas-metragem; Ações Culturais; Atividades de Formação em cultura popular, educação patrimonial e cidadania. Exemplo: Projeto Educação Para Museus; Organização de Eventos: I Encontro de Estudantes da Especialização em Museus (13/05/2014); Festival de Gastronomia da Mata Norte (2014); Mostra Rural de Cinema (2014); Celebração da Consciência Negra (2014), entre outros.		

Ações de Preservação:**Referências Bibliográficas:**

PREFEITURA DE VICÊNCIA. **História**. 16 dez. 2015. Disponível em: <http://www.vicencia.pe.gov.br/portal/index.php/historia>. Acesso em: 22 abr. 2017.

MUSEU COMUNITÁRIO POÇO COMPRIDO. Disponível em: <http://pococomprido.com.br/>. Acesso em: 22 abr. 2017.

MUSEU POÇO COMPRIDO. Disponível em: <http://museupococomprido.wixsite.com/afav>. Acesso em: 22 abr. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Poço Comprido. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7002/>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Museu. Disponível em: <http://pococomprido.com.br/>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 52	Denominação: Museu Afro Omon Ajagunan	
	Data de Criação: 2005 Endereço: Rua Dois de Julho, 169, Areia Branca, CEP 42700-000, Lauro de Freitas/BA. Tel.: (71) 3291-8631 / 9320-0675 / 8727-9024 Situação atual: em funcionamento.	
Entidade(s) Gestora(s): Fundação Cultural Ajagunã		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos: Fundação Cultural Ajagunã		
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso: gratuito		
Obs.:		
Funcionamento: 3ª e 5ª feira, das 10 às 16 horas, sábado das 9 às 13 horas		
É necessário agendar a visita? () sim (X) não		
Estrutura física do Museu: O Museu está sediado nas dependências do Terreiro Ilê Axé Opô Ajagunã		
E-mail institucional: paiajistides@hotmail.com , paiaiaajaguna@bol.com.br Webside ou blog: http://ajagunacultura.sites.uol.com.br Rede social:		Logotipo
Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]		
Histórico: <p>O Terreiro Ilê Axé Opô Ajagunã, localizado no bairro de Areia Branca (Lauro de Freitas/BA), é um terreiro de Candomblé da nação Ketu, fundado pelo Babalorixá Aristide Mascarenhas, o “Pai Ari D’Ajagunã”, em 1980. Sua tradição cultural remonta à fundação do Afonjá por Mãe Aninha (bisavó do Pai Ari), em 1910 e sua linhagem matrilineal liga-o ao Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Terreiro da Casa Branca), primeiro terreiro da Bahia. Pai Ari é também Presidente da Federação Nacional da Cultura Afro no Brasil, autor do Código de Ética do Candomblé e do projeto que garante aposentadoria aos sacerdotes religiosos. O Terreiro Ilê Axé Opô Ajagunã foi reconhecido como patrimônio afrodescendente e tombado pela Fundação Cultural Palmares e pelo Ministério da Cultura em 2006.</p> <p>O Museu Afro Omon Ajagunan (MAOA), abrigado no interior do Terreiro de Candomblé, foi a segunda instituição museológica inaugurada na cidade de Lauro de Freitas (a primeira foi o Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, inaugurado em 2001), criada em 2005. Pai Ari “resolveu fundar o museu com o objetivo principal de ‘preencher uma lacuna de falta de instituições culturais sobre a religião de matrizes Africanas’” (CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS <i>apud</i> MIRANDA, 2008, p.4). Entre seus objetivos encontram-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar e Preservar a História do Terreiro de Candomblé e da cidade; • Valorizar a cultura de Matriz Africana e a sua identidade de resgate da cultura Afro e da comunidade do Terreiro; • Preencher a lacuna da falta de instituições culturais sobre a religião de matrizes Africanas. <p>Além do museu, o sacerdotes do Ajagunã estão envolvidos em outros projetos sociais, e mantém uma fundação beneficente que realiza trabalhos de inclusão social na comunidade de Areia Branca, uma creche e uma escola de primeiro grau para crianças da comunidade.</p>		
Referências Patrimoniais: <p>O Museu possui um acervo (doador pelo Babalorixá Aristides Mascarenhas) com cerca de 120 objetos, composto por mobiliário, indumentárias africanas, adereços, medalhas, troféus, utensílios domésticos, fotografias etc.</p> <p>Obs.: 20 bens culturais existentes no museu foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC (MIRANDA, 2008, p.4).</p>		
Atividades desenvolvidas: <p>Atividades sociais, culturais e religiosas voltadas para a comunidade em geral.</p>		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: <p>FUNDACIÓN ILAM. Museu Afro Omon Ajagunan. Disponível em: http://www.ilam.org/index.php/es/museo?id=6566. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>MIRANDA, Rose Moreira de. As novas práticas de representação e construção de identidades e alteridades nos museus brasileiros. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/Rose_Moreira_de_Miranda.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p>		

MORAES, Cristina de. Terreiro de Ajagunã vira patrimônio da Bahia. **Jornal a Tarde**, 21 mar. 2006. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1285890-terreiro-de-ajaguna-vira-patrimonio-da-bahia>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Afro Omon Ajagunan. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8473/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
53

Denominação: Ecomuseu Comunitário Graciliano é uma Graça

Data de Criação: 2005

Endereço: Avenida Principal, 1195, Conjunto Graciliano Ramos – Cidade Universitária, Tabuleiro, CEP 57073-340, Maceió/AL.

Tel.: (82) 3372-3228

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): ONG Graciliano é uma Graça (Prograça)

Parceiros(as)/apoio: Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIL-AL), SUTCAL, SEBRAE, pessoas físicas diversas etc.

Recursos: Edital Pontos de Cultura 2004 – Ministério da Cultura (Projeto “Ecomuseu Comunitário Graciliano é Uma Graça”), Prêmio Escola Viva (2007) etc.

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 8 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu tem uma sede própria (um amplo barracão), mas também realiza atividades em locais públicos do bairro.

E-mail institucional: gracilianoemagraca@hotmail.com

Website ou blog: <http://gracilianoemagraca.blogspot.com.br/>,

www.gracilianoemagraca.al.org.br

Rede social: <https://www.facebook.com/Progra%C3%A7a-ONG-Graciliano-%C3%A9-uma-Gra%C3%A7a-1394089737499863/>

Categorias Propostas: Ecomuseu, [Museu Comunitário]

Histórico:

O Conjunto Graciliano Ramos está localizado na Cidade Universitária, um dos maiores bairros do município de Maceió (AL), que abriga a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o Sistema Prisional do Estado e diversos diversos conjuntos habitacionais, dentre eles o Conjunto Residencial Graciliano Ramos, criado em 1992, que recebeu em suas 30 quadras e 50 ruas moradores pessoas oriundas do interior do Estado e de outras capitais.

O nome do Conjunto Residencial incentivou a valorização do romancista moderno alagoano pela população local, que também foi Prefeito de Palmeira dos Índios, atuou como Secretário de Educação do Estado e Diretor da Imprensa Oficial, além de ser comerciante de tecidos.

Em 2002 um grupo formado por moradores locais criou o “Projeto Graciliano é uma Graça”, com os objetivos de:

- Ampliar a compreensão político social da vida e obra de Graciliano Ramos;
- Contribuir com a melhoria da qualidade de vida da comunidade;
- Desenvolver ações de arte, cultura, esportes, meio ambiente e profissionalização na comunidade do Graciliano e Adjacências.

Em 2004 o Ministério da Cultura aprovou o Projeto “Ecomuseu Comunitário Graciliano é Uma Graça”, no 1º edital dos Pontos de Cultura. Os recursos provenientes do Edital possibilitaram a construção da sede do ecomuseu e a realização de oficinas que geraram o acervo museológico. Em 2007, foi contemplado com o Prêmio Escola Viva, pela iniciativa de explorar o contexto educacional nas ruas e praças através de intervenção museológica. Por conta desse histórico, o Ecomuseu se constituiu uma referência para o turismo estudantil na região. Sua sede contém uma biblioteca (Biblioteca Comunitária Mestre Graça) e um Balcão de Vendas de produtos do Ecomuseu.

Referências Patrimoniais:

A vida e a obra de Graciliano Ramos;

Objetos de época etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Permanentes e Itinerantes. Exemplos: Quebragulo (AL), terra natal de Graciliano Ramos; 6 esculturas em cimento criadas por jovens locais simbolizando as obras de Graciliano Ramos, que foram afixadas nas fachadas de residências e comércios de alguns moradores (musealização do território), Exposição Itinerante e Pedagógica “Vida e Obra de Graciliano Ramos, abordando onze obras que representam as ilhas literárias do Ecomuseu”; Roteiro Itinerante: 1ª Instalação – romances narrados em primeira pessoa; 2ª Instalação – Autobiografia; 3ª Instalação – romances narrados em primeira pessoa; 4ª Instalação – Contos; 5ª Instalação: Crônicas; Roteiro de turismo cultural estudantil: Viva Graciliano Linha do Tempo do Mestre Graça, entre outras;

Seminários sobre literatura; 1º Festival de Cultura Graciliano é Uma Graça - envolvendo grupos artísticos e culturais da cidade (12/2006); Sessões de Cinema nas ruas e praças do Ecomuseu - filmes sobre a vida e a obra de Graciliano Ramos; Visitas Guiadas; Oficinas de circo, escultura, teatro, música, artesanato, capoeira, mangá, artes plásticas, leitura, produção de texto (em parceria com a UFAL); Reforço escolar; Capacitação na área de cultura, protagonismo juvenil e cursos profissionalizantes (camareira/o); Festa Junina;

Companhia Circense Graciliano é uma Graça - recreação e animação de festas e eventos;

Organização de Eventos: 1º Festival de Cultura Graciliano é uma Graça – com a participação de grupos artísticos e culturais da cidade de Maceió (12/2006)

Participação em Eventos: 6ª Primavera de Museus (IBRAM), com exposição e a Palestra “Armadilha do olhar” – ministrada por Eurípedes Norberta Silva para professores (24-30/09/2012); 10ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Oficina de Ambientação para a exposição “Vida e Obra de Graciliano Ramos” - construção museográfica, exposição de artistas e artesãos/ãos do bairro, Oficina de Leitura e Colagem – com a arte-educadora e gestora ambiental Beth Krizam, Palestra “Problemas Ambientais na Cidade” - com o consultor ambiental Noaldo Gomes Araújo, Oficina de Contação de Histórias - técnicas de contação, dramatização e interpretação (14-19/05/2012).

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

CAETANO, Willian da Silva Pontual. Conjunto Graciliano Ramos. **Bairros de Maceió**, jun. 2004. Disponível em: <http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=17>. Acesso em: 3 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.27. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.34-35. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

ITEIA. **Projeto Graciliano é uma Graça**. 28 mai. 2009. Disponível em: <http://www.iteia.org.br/gracilianoemagraca>. Acesso em: 3 mai. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Comunitário Graciliano é uma Graça. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8978/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PROGRAÇA - ONG Graciliano é uma Graça. **Facebook**: Fanpage. <https://www.facebook.com/Progra%C3%A7a-ONG-Graciliano-%C3%A9-uma-Gra%C3%A7a-1394089737499863/>. Acesso em: 3 mai. 2017.

Referência da Imagem: Parte da Fachada da ONG. Disponível em: <http://gracilianoemagraca.blogspot.com.br/2012/07/preparatorio-para-o-enem-tem-aula-de.html>. Acesso em: 4 abr. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 54	Denominação: Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau
	Data de Criação: 11/2005 Endereço: Rodovia BR 222 - km 7 s/n, Aldeia Ponte, CEP 61600-000, Caucaia/CE. Tel.: (85) 8753-8353 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação das Comunidades Indígenas Tapeba (ACITA)	
Parceiros(as)/apoio: Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido - ADELCO (2005-2010), <i>Fondation Abbé Pierre por le Logement des Défavorisés</i> – FAP (apoio internacional), Projeto Historiando, ONG ADER-França...	
Recursos: Edital Turismo Comunitário - Ministério do Turismo (em conjunto com a ADELCO); Programa Petrobrás Ambiental (em conjunto com a ADELCO)	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE); Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum); Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC); Rede Indígena de Memória e Museologia Social	
Ingresso: gratuito	
Obs.: _____	
Funcionamento: sábado e domingo, das 9 às 14 horas.	
É necessário agendar a visita? (X) sim () não	
Estrutura física do Museu: O Museu está localizado no complexo do Centro de Produção Cultural Tapeba.	
E-mail institucional: gabrieltapeba@hotmail.com Website ou blog: http://www.tapeba.com.br/ (fora do ar) Rede social:	Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário

Histórico:

O nome Tapeba tem origem no Tupi-Guarani Itapeva (ita-pedra, peva-plano ou chato), “pedra chata” ou “pedra polida”. O povo Tapeba é formado por 17 comunidades indígenas reunidas na aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Caucaia. As três principais etnias que deram origem aos Tapeba são os Potiguara, os Tremembé e os Cariri. Devido a um decreto governamental de 1863 que declarava extintas as populações indígenas do Ceará, foram proibidos de falar a língua tradicional e manifestar costumes, crenças e tradições publicamente. Por conta disso sua língua atual é o português. A Terra Indígena (T.I.) Tapeba localiza-se no município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza (CE), e sua população é estimada em 6.326 pessoas. O reconhecimento como índio Tapeba é recente. Em 1993 tiveram suas terras identificadas e delimitadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), mas a homologação e o registro cartorial das terras não haviam sido concluídos até 2008 devido às ações contestatórias dos posseiros. Além de sofrer com os posseiros, que ocupam o território e o desmatam, empreendimentos como rodovias, ferrovias e gasodutos provocam outros danos ambientais (GOMES; VIEIRA, 2009, p.71-90; MINC, 2008, p.56).

Antes da inauguração do Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau, que recebeu esse nome em homenagem a José Alves dos Reis, o Zé Zabel “Perna-de-Pau”, ancestral comumente mencionado tido como a última forte liderança, os Tapeba foram surpreendidos com ordens judiciais embargando a obra, uma ação dos posseiros (família Arruda, entre outros) e políticos locais que buscavam impedir a conclusão das obras do Centro Cultural e do Memorial. Foi preciso trabalhar durante as madrugadas para erguê-los.

O Memorial Cacique-Perna-de-Pau, que compõe o complexo do Centro de Produção Cultural Tapeba, foi inaugurado em novembro de 2005 (o projeto remonta a 2001), a partir dos esforços da ACITA, em parceria com a ADELCO e o apoio internacional da FAP. Surge como uma proposta de espaço voltado a responder aos anseios da comunidade onde está inserido (comunidade Ponte, composta por cerca de 300 habitantes), privilegiando a relação com o próprio meio e a gestão democrática através da participação dos membros da comunidade em todas as ações de criação, investigação e interpretação, mapeamento, documentação, preservação, educação, exposição e comunicação da cultura Tapeba. Nele, o índio toma as rédeas de sua história transformando-se em agente organizador de sua memória, concebida sob seu próprio ponto de vista.

O Memorial foi criado com o objetivo:

- Combater a discriminação e dar visibilidade ao povo e à cultura Tapeba;
- Mapear, documentar, preservar e catalogar as práticas culturais dos Tapeba;
- Contribuir com as lutas por visibilidade e reconhecimento público do povo da etnia Tapeba em Caucaia e no Ceará;
- Acessar às pesquisas já realizadas sobre os Tapeba;
- Viabilizar capacitação contínua (oficinas e curso) aos organizadores e monitores do núcleo educativo do Memorial e à comunidade no geral;
- Promover a identificação das comunidades Tapeba mais distantes com o Memorial.

Após o encerramento da parceria com a ADELCO (2010), o Memorial não conseguiu se manter com as atividades realizadas (venda do artesanato e visitas), o que levou à sua desativação em 2012. O restauro do Centro Cultural e do Memorial foi financiado pela empresa Vivo (compensação ambiental devido à passagem de cabos de fibra óptica da empresa passam pelas terras indígenas) e em janeiro de 2014 ambos os espaços foram reabertos após ampla reforma de suas instalações.

Gomes e Vieira (2009, p.71-90), que em 2009 coordenaram o Projeto Emergência Étnica (Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará), apresentaram algumas propostas elaboradas conjuntamente com representantes dos Tapeba, como a incorporação de objetos que suscitem temáticas ainda não presentes no acervo da instituição, a realização de novo tombamento do acervo, marcação e catalogação dos objetos, a (re)estruturação da reserva técnica, adaptações estruturais no entorno do Memorial onde são realizadas atividades externas, a elaboração de um Plano Museológico envolvendo a comunidade e colaboradores, entre outras.

Referências Patrimoniais:

Acervo composto de fotografias, objetos de uso doméstico, ervas medicinais, artesanatos diversos, documentos, recortes de jornais etc.

Imaterial: Festas e rituais sagrados, lugares de memória (Terreiro Sagrado dos Pau-Branco, entre outros).

Atividades desenvolvidas:

Exposições de Longa Duração e Temporárias. Alguns exemplos: Exposição Historiando os Tapeba (2007, Escola Diferenciada Índios Tapeba, Memorial Tapeba Cacique-Perna-de-Pau e Museu do Ceará); Exposição “Encantados das Águas - os Mitos das Águas Presentes nas Histórias do Povo Tapeba” (2011, Museu do Ceará); Exposição “Ambientes Aquáticos Tapeba-Avifauna” (2011, Museu do Ceará)

Oficinas, capacitações e ações de educação patrimonial e ambiental com estudantes das escolas diferenciadas e convencionais, além de impulsionar a economia local, reunindo e comercializando o artesanato produzido pelas comunidades Tapeba etc.; Apresentações de rituais sagrados; Trilhas ecológicas na Terra Indígena Tapeba, contemplando alguns lugares de memória;

Participação em Eventos: 1ª Reunião entre representantes e agentes culturais envolvidos em museus e centros culturais indígenas – organizada pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), em parceria com o Museu Nacional da UFRJ (15-16/09/2009, Rio de Janeiro/RJ); II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE), entre outros.

Ações de Preservação:

Curso “Historiando os Tapeba” (Projeto Historiando) – com as comunidades Jardim do Amor, Jandaiguaba e Lagoa 2, que realizaram pesquisa histórica coletiva sobre a etnia e gerou a publicação de folheto com alguns resultados (2007); Oficina de Diagnóstico Participativo – com monitores do local e integrantes da ADELCO e da ACITA (6-7/04/2009); Projetos realizados junto à ADELCO (a partir de 2009), Coleta de Objetos etc.

Referências Bibliográficas:

CAUCAIA: Comunidade Tapeba ganha memorial. **AVOL**, 16 nov. 2005. Disponível em: http://www.antonioviana.com.br/2009/site/ver_noticia.php?id=41355. Acesso em: 04 abr. 2015.

CENTRO cultural indígena é desativado por falta de recursos. **O Povo**, 9 out. 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/fortaleza/2012/10/09/noticiasjornalfortaleza.2933759/centro-cultural-indigena-e-desativado-por-falta-de-recursos.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2015.

ETNIA tapeba cobra reabertura de centro cultural indígena. **O Povo**, 7 set. 2013. Disponível em: <http://www2.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/07/06/noticiasjornalcotidiano.3087392/etnia-tapeba-cobra-reabertura-de-centro-cultural-indigena.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2015.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Fortaleza: SECULT, 2009, p.71-90. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

ÍNDIOS tapebas fazem festa para a carnaúba. **Diário do Nordeste**, 18 out. 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/indios-tapebas-fazem-festa-para-a-carnauba-1.348674>. Acesso em: 04 abr. 2015.

KRICHANÁ, Marco. Oficinas reiniciam as atividades do Centro de Produção Cultural. **Blogspot Funai Ceará**, 27 nov. 2013. Disponível em: <http://funaiceara.blogspot.com.br/2013/11/cpc-tapeba.html>. Acesso em: 04 abr. 2015.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Culturas Indígenas**. 15 set. 2009. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/2009/09/15/culturas-indigenas-4/>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, 56-57. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9358/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PESSOA, Evelyne Pessoa. Comunidade dos Tapebas – tradição e resistência. **Educação, Cultura & Arte**, 28 jun. 2011. Disponível em: <http://culturaeartefa7.blogspot.com.br/2011/06/comunidade-dos-tapebas-tradicao-e.html>. Acesso em: 04 abr. 2015.

REDE TUCUM. **Abrace o diferente em cultura, natureza e gente!**. Disponível em: <http://www.tucum.org/oktiva.net/2313/nota/161362>. Acesso em: 04 abr. 2015.

Referência da Imagem: Sede do Memorial Cacique Perna de Pau. Disponível em: <http://funaiceara.blogspot.com.br/2013/11/cpc-tapeba.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
55

Denominação: Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro

Data de Criação: 2005

Endereço: BR 070, km 163, s/n, Aldeia Xavante de Sangradouro - São José, CEP 78850-000, Primavera do Leste/MT.

Tel.: (66) 3498-5298 (Missão Salesiana - Contato) / 9908-0475

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação [...]

Parceiros(as)/apoio: Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB)

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 8 às 17 hora

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: tserewahu@yahoo.com.br, penidza@gmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário

Histórico:

A Aldeia de Sangradouro/Volta Grande, localizada na Serra do Roncador (Primavera do Leste/MT) é uma das 9 Terras Indígenas habitadas pelo povo Xavante. Esta e as demais T.I. (Chão Preto, Ubawawe, Parabubure, Marechal Rondon, Maraiwatsede, São Marcos, Pimentel Barbosa e Areões) estão localizadas na região da Serra do Roncador e Vales dos rios das Mortes, Kuluene, Couto de Magalhães, Batovi e Garças, localizada a leste do estado de Mato Grosso. Os Xavante, que se autodenominam A'uwe (modo como também se autodesignam os Xerente) e tem uma população estimada em 13.000 pessoas, que falam o idioma Xavante (família linguística Jê – tronco Macro-Jê) e como segunda língua o português. A base de sua alimentação é o milho, o feijão, a abóbora, raízes silvestres, castanhas, frutos (pequi, jatobá, mangaba etc.), carne de caça e peixe. Desde a década de 1960 vem sofrendo com os impactos ambientais enfrentados devido à multiplicação de fazendas de agropecuária e de soja na região do cerrado (MINC, 2008, p. 356-357).

De acordo com Silva (2015, p.146), a Aldeia de Sangradouro foi criada pelos padres da Missão Salesiana “para se tornar um modelo de aldeamento salesiano, para serem ‘reunidas as famílias Bororo que melhor correspondessem aos trabalhos dos missionários’”. No entanto, a distância do rio não agradava os Bororo. Atualmente, a aldeia abriga moradores Xavante e Bororo “como um tenso dissabor”, haja vista que são “tradicionais grupos inimigos”. Sua população atual é de cerca de 1.600 habitantes (TSÕ'REHIPÁRI'RE ROMHÖIMANA, 2011). A aldeia vem sofrendo com o impacto ambiental decorrente do agronegócio e também enfrenta crises por conta da perda dos costumes tradicionais e do alcoolismo (MINC, 2008, p. 356-357).

Em 2003 o antigo Museu Dom Bosco (Campo Grande/MT) iniciou um projeto de reestruturação que objetivou a elaboração de uma nova museografia no seu novo espaço e também o desenvolvimento de um método de gestão compartilhada e participativa do acervo. Para isso, iniciou um intercâmbio com as culturas indígenas Bororo e Xavante, cujas coleções estavam sob guarda do museu (BRANDÃO, [2012]). Um dos frutos do trabalho realizado foi a criação do Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro, inaugurado em 2006.

O Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro apresenta como seus objetivos principais:

- Contribuir com a valorização da cultura e tradição Xavante;
- Preservar a cultura material e imaterial do povo Xavante;
- Atrair os mais jovens para retomarem os costumes tradicionais perdidos após o contato com a cultura do branco.

Referências Patrimoniais:

Costumes tradicionais do povo Xavante: danças, festas tradicionais e festas religiosas como a *wai'a*, corrida de buriti, iniciação dos jovens, idioma Xavante, comidas, lutas, rituais, pinturas corporais etc.

Peças doadas por moradores da comunidade, objetos pertencentes aos ancestrais etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições:

Exibição de Filmes (9ª Primavera de Museus – 2015);

Atividades de Formação: I Curso de Formação: Técnico em Museologia Aplicada ao Museu Comunitário de Sangradouro (2004, Programa de Museologia e Conservação Patrimonial e Programa Museu na Aldeia - Museu das Culturas Dom Bosco) etc.

Ações de Preservação:

Inventário dos objetos...

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Aivone Carvalho. **Produção Partilhada do Conhecimento e Museus Comunitários:** Descolonização, Comunicação e Conhecimento Compartilhado entre os Bororo e Xavante. [2012?]. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/pos-doc/Projeto%20ACB.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.14. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

LUIZA, Viviane; MOURA, Heloiza; PLATERO, Rejjane. **Programas interdisciplinares do Museu das Culturas Dom Bosco Multiplicando Saberes.** Disponível em: http://mcdb.web283.uni5.net/arqs/materia/80_a.pdf. Acesso em: 21 abr. 2016.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas.** Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.356-357. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU COMUNITÁRIO E CENTRO DE CULTURA XAVANTE DE SANGRADOURO. **Youtube, 5 nov. 2010.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UzoLE5z5rlk>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro. Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6941/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

TSÕ'RÉHIPÂRI'RE ROMHÖIMANA - Problemas na Aldeia Xavante Sangradouro. **Youtube, 25 jan. 2011.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_3RdaOw3QA. Acesso em: 21 abr. 2016.

Referência da Imagem: Sede do Museu Comunitário. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UzoLE5z5rlk>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
56

Denominação: Ecomuseu da Serra de Ouro Preto

Data de Criação: 2005

Endereço: Praça Tiradentes, 20, Departamento de Museologia da UFOP - Escola de Minas, sala 27, Centro, CEP 35400-000, Ouro Preto/MG

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Departamentos de Museologia e de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Parceiros(as)/apoio: NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz, Hugues de Varine-Bohan, Morro de Santana (Escola Municipal Profª Juventina Drummond, Fundação Auta de Souza, Moto Clube Kissassa do Asfalto, Casa Paroquial da Capela de São João, Capela de Santana e Associação de Bairro do Morro de Santana), Morro de São Sebastião (União Recreativa Sebastianense, Escola Municipal São Sebastião, Bar Cores, Flores e Sabores, Casa Paroquial da Igreja de São Sebastião), Movimento Internacional da Nova Museologia - MINOM/ICOM, Museus integrantes do SMOP, Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Escritório Técnico do IPHAN em Ouro Preto, Câmara Municipal de Ouro Preto, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), entre outros.

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: yaramattos@uai.com.br, ecomuseudaserradeop@yahoo.com.br

Website

ou

blog:

http://www.ecomuseuserraop.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=67

Rede social: <https://www.facebook.com/EcomuseuOuroPreto/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

O “Morro da Queimada” é um antigo arraial minerador do século XVIII conhecido como “Arraial do Pascoal” – em referência ao comerciante Paschoal da Silva Guimarães (arraial minerador do Ouro Podre), localizado em Ouro Preto (MG). O local já foi palco de diversos episódios históricos (como por exemplos a “Sedição de Vila Rica”, em 1720), mas entrou em ruínas após o declínio da mineração. Apenas nos anos 1940 houve uma nova ocupação no local, a partir de uma nova ocupação desordenada, impulsionada pela ausência de políticas públicas mediante o aumento populacional.

A ideia de construção do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto teve início em 2005, durante audiência pública realizada no Morro de Santana, onde discutiram-se temas referentes à preservação e criação do Parque da Cachoeira das Andorinhas, transformando o local em área de proteção ambiental, e do Parque Arqueológico do Morro da Queimada. Após a sensibilização de lideranças locais e intercâmbios com outros ecomuseus, como o atual NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz

O Ecomuseu da Serra de Ouro Preto é um programa de extensão universitária/PROEX/UFOP que tem como objetivos:

- Implementar o desenvolvimento de um processo museológico comunitário nos bairros circunvizinhos às ruínas do “Morro da Queimada”: Morros da Queimada, Santana, São João, São Sebastião e Piedade - instalação de “núcleos culturais” de acordo com as especificidades, necessidades e demandas locais;
- Trabalhar o conceito de “cultura viva” relacionando-o à valorização do patrimônio vivenciado cotidianamente pelas comunidades: saberes, sabores, relações de afeto e de poder, conflitos etc.;
- Promover a participação de diferentes representações sociais, por meio de ações relacionadas com a Museologia e suas interfaces com a História, a Arqueologia, a Educação e o Turismo;
- Constituir um complexo museológico que potencialize uma rede de relações “sustentáveis” entre homem, natureza, cultura e sobrevivência;
- Resgatar a memória tropeira na/da região - origens e processos culturais.

Referências Patrimoniais:

Parque Arqueológico do Morro da Queimada;

Lugares de memória do período da exploração aurífera - “Ciclo do Ouro”;

Acervo arquitetônico, paisagístico, histórico e artístico etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição “Tropeiros e Tropeirismo na Serra de Ouro Preto” - aborda aspectos históricos do tropeirismo na região, até os dias atuais (19/05-19/06/2013, Espaço Cultural Cores, Flores e Sabores - Morro São Sebastião, Ouro Preto/MG); Exposição “Tropeiros, Tropas e Traias” (19/05-16/06/2014, Espaço Cultural Cores, Flores e Sabores).

Projetos Projeto Circuito Ecomuseológico (2011), “A Museologia Comunitária Aplicada aos Bairros da Serra de Ouro Preto”, “VERdeFOTO” e “Inventário Participativo do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: capital social e turismo comunitário”;

Oficinas “**Lenheiras: buscando lenha e fazendo história**” (10-11/2008), “Marias de Chita” - Festival de Inverno de 2008, “Comunicação e Cultura” (6 e 8/2009), Oficinas sobre protagonismo comunitário, autoestima, Educação, Patrimônio direcionadas à capacitação de jovens;

Rodas de conversa/ Rodas de Lembrança; Sarau de Poesias (25/11/2010, Fundação Auta de Sousa, Morro do Santana);

Participação em Eventos: Fórum das Artes/ Festival de Inverno de Ouro Preto, com a oficina de artes plásticas “Nas pegadas de Pedro II: aula passeio no Morro da Queimada” (8-30/07/2005); Seminário “O Museu e as Cidades” – na mesa “Modelos de Gestão Museológica e a Inclusão Social: ecomuseu” (2005); 7º Encontro Paulista de Museus (24-26/06/2015); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC); 10ª Primavera de Museus (IBRAM), com a oficina “O Passeio das Flores: identificação e registro das flores da região da Serra de OP” (21/11/2010, Creche Profa Anita Araújo, no Morro do Santana); 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposição (19/05-19/06/2013), entre outros.

Ações de Preservação:

Mapeamento do Patrimônio;

Desenvolvimento de Pesquisas, entre outras.

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU DA SERRA DE OURO PRETO. Disponível em: http://www.ecomuseuseraop.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=53. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em <https://www.facebook.com/EcomuseuOuroPreto/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.208. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

MATTOS, Yára. Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: relações entre lugar, comunidades e patrimônio. In: V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, 2015, Juiz de Fora. **Caderno de Resumos:** experiências e pesquisas, 2015, p.65.

_____. **Ecomuseu dos Morros da Queimada, São Sebastião, Santana, São João e Piedade:** primeiros passos para a realização de um projeto ou quando o sonho começa a se tornar realidade. 2005. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1482447/9.-ecomuseu-dos-morros-da-queimada--s%C3%A3o-sebasti%C3%A3o--santana>. Acesso em: 3 jan. 2014.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Serra de Ouro Preto. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8969/>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ONG TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária** – Programação. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

PRIOSTI, Odalice Miranda; MATTOS, Yára. Caminhos e percursos da museologia comunitária. **Cadernos de Sociomuseologia.** Lisboa: ULHT, v. 28, n.28, p. 61-80, 2007. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/513/416>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Referência da Imagem: Detalhe de Exposição. Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseuOuroPreto/photos/a.705324969543074.1073741830.567352513340321/984484654960436/?type=3&theater>. Acesso em: 06 mai. 2015.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
57

Denominação: Museu Vivo de São Bento

Data de Criação: 2005-2008
Endereço: Duque de Caxias/RJ
Tel.: (21) 2653-7681 / 8875-7480 (Marlúcia)
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense - Secretaria Municipal de Educação / Prefeitura Municipal de Duque de Caxias

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Prefeitura Municipal de Duque de Caxias

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 9 às 17 horas, sábado dependendo da atividade

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu está instalado no complexo cultural na Antiga Fazenda do São Bento do Iguaçu.

E-mail institucional: contato@museuvivodosaobento.com.br

Website ou blog: <http://www.museuvivodosaobento.com.br>

Rede social: <https://www.facebook.com/museuvivodosaobento/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu de Percurso, Museu de Território/Ecomuseu

Histórico:

Por volta de 3 a 2 mil A.P. chegaram no local os Tupinambás, que construíram entre os rios Iguaçu e Meriti a aldeia Jacutinga. Ao ocupar o Rio de Janeiro os franceses estabeleceram alianças com os Tupinambás mais antigos, denominados Tamoios. Com a ofensiva e a vitória portuguesa no território os Tamoios foram transformados em inimigos, sendo perseguidos e escravizados durante décadas. Para assegurar o domínio lusitano, homens de confiança da Coroa Portuguesa foram designados para ocupar a região. Cristóvão Monteiro, Ouvidor-mor do Governo Geral recebeu a doação de imensas faixas de terras (sesmarias) onde instalou a Fazenda do Aguassú e a Fazenda Santa Cruz (Zona Oeste). Após sua morte, a viúva, Marquesa Ferreira, doou partes das terras e vendeu parte da Fazenda do Aguassú para os beneditinos e a Fazenda Santa Cruz para os jesuítas. A Fazenda dos beneditinos recebeu a denominação de Fazenda de São Bento do Aguassú, e possui construções que datam dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX. No século XIX, o território foi palco da presença de vários quilombos nomeados pelos órgãos de repressão da época da Hidra de Igoassú. A Fazenda tornou-se espaço de acolhimento de fugitivos, mas também criou-se uma rede de solidariedade. Enquanto os escravos beneditinos teciam uma rede de proteção ao aquilombado, os quilombos empreendiam a circulação de mercadoria produzida pelos escravos da fazenda nos seus momentos de folga. Nos anos 30 do século XX, a fazenda foi desapropriada para fins de saneamento e colonização, e o governo Vargas instituiu no lugar o Núcleo Colonial São Bento e posteriormente, nos limites do núcleo a Cidade dos Meninos.

O Museu Vivo do São Bento é um museu de percurso, também denominado ecomuseu ou museu território, localizado no bairro de São Bento, baixada fluminense (Duque de Caxias/RJ), território que apresenta “diversas temporalidades: pré-cabralina (sambaquis), período escravista (produção açucareira), república (núcleos coloniais déc. 1930-40 – imigrantes) e o Tempo Presente (ocupações irregulares, oferecendo a leitura crítica da trajetória humana, das suas lutas, das resistências e da conformação, também)” (A VOZ [...], 2016). O Museu está sediado no complexo cultural da Antiga Fazenda do São Bento do Iguaçu, situada na Área de Preservação Ambiental do São Bento. A instituição do percurso foi uma estratégia utilizada para a promoção de pesquisas em torno dos lugares visitados e da História da Cidade e efetivação de uma educação patrimonial junto aos professores, alunos e comunidades, contribuindo assim para a preservação dos vestígios mais antigos deixados pelo homem no tempo. Apresenta como alguns de seus principais objetivos:

- A construção e execução de políticas públicas que promovam a cidadania, por meio da valorização de lugares e memórias que marquem as temporalidades da presença humana no território - difusão do conhecimento;
- Desenvolver programas, projetos e ações que utilizem o Patrimônio Cultural, educacional e turístico de modo a contribuir para a inclusão social e a dignidade da pessoa humana;
- Assegurar a importância dos sujeitos históricos que viveram e vivem como - atores sociais e construtores de seu tempo – na região da baixada fluminense, contribuindo para a construção de um sentimento de pertencimento ao território;

- Fortalecer o movimento de defesa do patrimônio material e imaterial do território do Grande São Bento;
- Democratizar o acesso, o uso e as produções de bens culturais;
- Oferecer formação contínua de Educação Patrimonial a docentes, discentes e comunidades da região;
- Contribuir para a formação da dignidade da Pessoa humana ao proporcionar a ampliação da construção identitária, estimular a percepção crítica da realidade cultural brasileira e das especificidades do município;
- Desenvolver atividades que promovam e produzam o conhecimento e novas oportunidades de lazer, utilizando o patrimônio cultural como Recurso Educacional de Inclusão Social
- Contribuir para a afirmação do direito à memória e o com a (re)escrita da história da Baixada Fluminense;
- Revitalizar e potencializar os Lugares de Memória e os marcos patrimoniais do percurso;
- Promover o turismo histórico e patrimonial no município;
- Incentivar a produção artesanal e cultural local;
- Favorecer as trocas culturais e promover a constituição de iniciativas análogas em outras áreas do município.

O Museu Vivo do São Bento possui em suas dependências arquivo e auditório. É um dos integrantes da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu Vivo do São Bento é composto por mais de mil peças, entre livros, móveis, esculturas, quadros, peças de cerâmica, fotos, bens arqueológicos, ambientais, documentais artísticos, testemunhos orais, e outros objetos de vários períodos históricos. Muitos dos quais foram doados por colecionadores, artistas locais e pesquisadores.

Lugares de memória presentes nos Percursos do Museu Vivo São Bento;

Percursos do Museu Vivo São Bento: I. prédio colonial existente nas dependências da FEUDUC adaptado como Casa do Administrador do Núcleo Colonial São Bento; II. Igreja Nossa Senhora do Rosário e Casarão Beneditino – sede da antiga Fazenda São Bento, tombados como Patrimônio Nacional pelo IPHAN; III. Antiga Tulha da Fazenda São Bento e do Núcleo Colonial – edificação destinada para instalação do Espaço Cultural de Agregação Popular; IV. Prédio da Fazenda São Bento, adaptado como Tulha, Posto Médico do Núcleo Colonial e Abrigo para Menores recentemente – destinado a abrigar um espaço museal da História e da Educação da Cidade de Duque de Caxias; V. Prédio da Fazenda do São Bento adaptado como Escola Agrícola Nísia Vilela, escola do Núcleo Colonial – destinado como sede do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, e como Arquivo Público Municipal; VI. Casa do Colono – casa de colono do núcleo que guarda os modos viventes do trabalhador rural no pós-30, destinada à instalação de um espaço museológico que restitui o ambiente interno da vida cotidiana do colono; VII. Sambaqui do São Bento – sítio arqueológico que guarda os vestígios das ocupações humanas pré-cabralinas nas cercanias da Guanabara, destinado a instalação do Museu dos Povos das Conchas; VIII. Casarão do Centro Panamericano de Febre Aftosa instituído no território do Grande São Bento na segunda Era Vargas; IX. Elevação conhecida como Morro da Escadaria ou da Marinha, destinada como mirante do Grande São Bento e como espaço de reserva ambiental; X. Novo São Bento – ocupação organizada pelo movimento social no início dos anos 90, espaço privilegiado para as ações de educação patrimonial e cultural.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de Longa Duração “A História da Fazenda do Iguaço: os sinais do caminho no tempo”; Exposição de Longa Duração do Sítio Escola Sambaqui do São Bento; Exposição Itinerante “Lentes da Memória: Olhares Fotográficos de Filipo Tardim”; Exposição Itinerante “Mulheres em Movimento na Cidade Dique de Caxias” – parceria com o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, das Secretarias Municipais da Assistência e da Educação, do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias, entre outras, Exposição sobre a diáspora africana na Baixada Fluminense (2013), Exposição “Os segredos da cabaça” - a cabaça é a cidade, é o território que guarda segredos culturais e religiosos precisos. Os segredos são pérolas raras do lugar que são mantidos na invisibilidade (05/2016), Exposição “Lentes da memória: olhares fotográficos de Filipo Tardim” (05/2016);

Visitas guiadas, Oficinas de Artesanato, Aulas de Capoeira, Cineclube, Palestras, Mulheres Artesãs, Quintal Cultural, Jovens Agentes do Patrimônio etc.;

Organização de Eventos: I Jornada de Museologia Social do Rio de Janeiro: Questões Contemporâneas – tema: “Museu e Escravidão: Patrimônio, Memória e Museologia Social”. (07-08/04/2017), entre outros;

Participação em Eventos: 7ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com exposição e Visitas Guiadas pelo roteiro do Museu (23-29/09/2013); Samba no Museu, Curso “Jovens Agentes Patrimoniais”, Exibição de curta metragem, Oficinas de teatro, artesanato, capoeira, Lançamento da Coleção “Reisado de Folia de Reis Flor do Oriente” (20/08-20/12/2014); 12ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Visitas Guiadas, Oficina de capoeira, Lançamento do título/DVD “Os Impactos da Ditadura Militar na Baixada Fluminense” e debate (12-16/05/2014); exposições e Visitas Guiadas (16-22/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Atividades desenvolvidas no âmbito do Museu.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Pontos de Memória também participam da 7ª Primavera dos Museus** (07/09/2013). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/pontos-de-memoria-tambem-participam-da-7-primavera-dos-museus/>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.209. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.92. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.247-248. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.204. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. Disponível em: <http://www.museuvivodosaobento.com.br/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museuvivodosaobento/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Vivo do São Bento. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7166/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PAPA, Cíntia. Museu Vivo do São Bento é referência para outros municípios da Baixada. **Extra – Globo.com**, 11 fev. 2012. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/museu-vivo-do-sao-bento-referencia-para-outros-municipios-da-baixada-3943247.html>. Disponível em: 4 de abr. 2016.

VOZ DO SÃO BENTO. Museu Vivo do São Bento - Percurso do Museu Vivo do São Bento. **Blogspot.** Disponível em: <http://vozdosabento.blogspot.com.br/p/museu-vivo-do-sao-bento.html>. Disponível em: 4 de abr. 2016.

Referência da Imagem: Samba no Museu – Edição 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/museuvivodosaobento/photos/a.637554776365641.1073741838.456902707764183/637561726364946/?type=3&theater>.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
58

Denominação: Museu Vivo do Fandango

Data de Criação: 2005

Endereço: Cananéia e Iguape (SP), Guaraqueçaba, Paranaguá e Morretes (PR)

Tel.:

Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Associação Cultural Caburé

Parceiros(as)/apoio: Secretarias de Educação municipais e estaduais dos 5 municípios

Recursos: Programa PETROBRAS Cultural SP e PR / 2005 a 2006 (Projeto “Museu Vivo do Fandango”); Prêmio Avon Cultura de Vida (2007)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu do Fandango constituiu-se enquanto um museu comunitário a céu aberto, sob a forma de um circuito de visitação e troca de experiências nos cinco municípios, que inclui casas de fandagueiros e artesãos de instrumentos musicais, centros culturais e de pesquisa e espaços de comercialização de artesanato caiçara.

E-mail institucional:

Website ou blog: <http://associacaoculturalcabure.blogspot.com.br/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário a Céu Aberto, [Museu de Território]

Histórico:

O Fandango é o conjunto de várias danças de natureza popular, conhecidas como ‘marcas’. Foi introduzido ao folclore brasileiro pelos portugueses açorianos (com forte inspiração da cultura espanhola) que ocuparam o litoral do estado do Paraná a partir de meados do século XVIII, onde foi assimilado pela população local e assumiu seu caráter folclórico. Suas danças coreografadas podem ser bailadas ou sapateadas pelos dançarinos trajados tipicamente, e as violas são o principal instrumento utilizado, juntamente com o acordeão, a rabeca e o pandeiro rural (adufe ou maxixe). Atualmente o Fandango se estende do extremo sul ao estado de São Paulo (SANTANA, [2017]). O Fandango Caiçara é uma manifestação popular que, além de reunir dança e música está associada aos mutirões de trabalho, especialmente na lavoura e na pesca, e a festas religiosas locais. De acordo com “possui uma estrutura bastante complexa, envolvendo diversas formas de execução de instrumentos musicais, melodias, versos e coreografias” (PIMENTEL; PEREIRA; CORRÊA, 2011, p.5).

Com as transformações urbanas sociais decorrentes do aumento da especulação imobiliária no litoral brasileiro a partir da década de 1960, seguiu-se um acelerado processo de desmatamento e da redução da cobertura de Mata Atlântica do país. 20 anos depois vieram as políticas ambientalistas que implicaram na criação de reservas e parques que, além de restringir as casas de veraneio afetou a população residente e as atividades laborais exercidas (lavoura e pesca). Consequentemente muitas famílias se mudaram para a periferia dos núcleos urbanos. Todo esse processo acarretou na redução da prática dos mutirões, afetando consequentemente os bailes de fandango, que passaram a ocorrer de forma desarticulada e mais raramente. Algumas famílias que permaneceram na região são atualmente amparadas por programas de agricultura familiar, pesca artesanal e demarcação de terras quilombolas (PIMENTEL; PEREIRA; CORRÊA, 2011, p.8).

A Associação Cultural Caburé, criada em 2002, é uma organização não-governamental sem fins lucrativos voltada para pesquisa e ação no campo da cultura popular, reunindo pesquisadores, artistas e gestores culturais. Entre suas linhas de atuação estão a pesquisa e o registro de expressões da cultura brasileira, a criação artística, a produção cultural, a elaboração e edição de livros, filmes, vídeos e discos, a capacitação e mobilização comunitárias e a participação em debates sobre políticas públicas. Em 2003, participou da fundação do Fórum de Culturas Populares e Indígenas e Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro. Um dos principais projetos desenvolvidos foi o “Museu Vivo do Fandango”, que teve como objetivo fomentar o Fandango Caiçara por meio de diversas ações, dentre elas a publicação de um livro, um CD duplo e um *website*.

O projeto de preservação da cultura fandango (uma pesquisa-ação participante) que originou o “Museu Vivo do Fandango”, foi elaborado de forma colaborativa e implementado em 2005, reunindo mais de 300 fandagueiros das cidades de Cananéia (SP), Iguape (SP), Guaraqueçaba (PR), Paranaguá (PR) e Morretes (PR). Teve como principais objetivos:

- A promoção de atividades em prol da salvaguarda do fandango, considerado patrimônio cultural das comunidades caiçaras;

- Contribuir com a “reapropriação material e simbólica de suas áreas de uso por meio do referenciamento de um território cultural, especialmente relacionado à prática do fandango” (PIMENTEL; PEREIRA; CORRÊA, 2011, p.9-10).

Como desdobramento do projeto foi constituído um museu comunitário a céu aberto, sob a forma de um circuito de visitação e troca de experiências nos cinco municípios, que inclui casas de fandanguinhos e artesãos de instrumentos musicais, centros culturais e de pesquisa (acervos bibliográficos e audiovisuais), espaços de comercialização de artesanato caiçara.

Para que o projeto tivesse continuidade foi constituída uma rede de cooperação das instituições e grupos estabelecidos localmente, composta por: Associação dos Jovens da Juréia (Iguape, SP); Associação Rede Cananéia (SP); Instituto de Pesquisa Cananéia (SP) - responsável pela gestão do Ponto de Cultura Caiçara; Associação dos Fandanguinhos 16 de Cananéia (SP); Associação de Fandanguinhos do Município de Guaraqueçaba (PR); a Associação de Cultura Popular Mandicuéra (PR); Associação Cultural Caburé; Núcleo de Estudos de Populações de Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub/USP); Grupo de Fandango Professora Helmosa.

Em 2011 o Museu Vivo do Fandango foi incluído pela UNESCO na Lista de Melhores Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Humanidade.

A Associação Cultural Caburé encerrou suas atividades no primeiro semestre de 2017.

Não obtivemos informações sobre a continuidade do projeto.

Referências Patrimoniais:

Patrimônios materiais e imateriais relacionados ao Fandango Caiçara: danças, músicas, instrumentos musicais (construídos de forma artesanal), indumentárias, ornamentos etc.

Alguns espaços do Circuito: Casa de Fandango de Mestre Eugênio dos Santos; Clube Sandália de Prata, de Dona Maria das Neves; Fundação Municipal de Cultura (Paranaguá), entre outros.

Atividades desenvolvidas:

Apresentação de espetáculos locais, de seminários com professores, publicação de livros e CD's, e disponibilização de coleções bibliográficas e audiovisuais para consulta;

Apoio à estruturação de espaços culturais comunitários que abrigam apresentações e bailes de fandango e outras expressões, oficinas e visitas culturais.

Organização de Eventos: I Encontro de Fandango e Cultura Caiçara (2006, Guaraqueçaba); II Encontro de Fandango e Cultura Caiçara (07/2008), entre outros.

Ações de Preservação:

Lançamento do livro e CD (coletânea com vários grupos) “Museu Vivo do Fandango” (2006);

Pesquisa-ação que deu origem ao livro e ao CD;

Folheto do Circuito de Visitação – “Guia do Museu Vivo do Fandango”;

Organização de pequenos acervos bibliográficos, fonográficos e audiovisuais destinados à disponibilização para consulta em sete pontos (espaços culturais, museus e bibliotecas locais) dos cinco municípios (PIMENTEL; PEREIRA; CORRÊA, 2011, p.13).

Referências Bibliográficas:

AGENCIA EFE. Unesco exalta Museu do Fandango pelo trabalho de preservação cultural. **Globo.com**, 25 nov. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/11/unesco-exalta-museu-do-fandango-pelo-trabalho-de-preservacao-cultural.html>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. A Construção Social do Fandango como Expressão Cultural Popular e Tema de Estudos de Folclore. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, vol.6, n.2, mai/ag. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752016000200407. Acesso em: 15 mar. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Museu Vivo do Fandango**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/938/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

PIMENTEL, Alexandre; PEREIRA, Edmundo; CORRÊA, Joana. Museu Vivo do Fandango: aproximações entre cultura, patrimônio e território. In: **35º Encontro Anual da ANPOCS** - GT19 “Memória social, museus e patrimônios”. Caxambu, 2011. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/gt-29/gt19-25/1042-museu-vivo-do-fandango-aproximacoes-entre-cultura-patrimonio-e-territorio/file>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SANTANA, Ana Lucia. **Fandango**. <http://www.infoescola.com/danca/fandango/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Referência da Imagem: Acervo Museu Vivo do Fandango - Instrumentos artesanais de fandango na oficina de Martinho dos Santos, em Morretes/PR (06/2005). Créditos: Felipe Varanda. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752016000200407. Acesso em: 15 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
59

Denominação: Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale

Data de Criação: 2006

Endereço: Rua Sargento José Lourenço, 105, CEP 12490-000, São Bento do Sapucaí/SP

Tel.: (12) 3971-1665 / 98305-8025

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação de Moradores e Amigos de São Bento do Sapucaí (AMASÃOBENTO)

Parceiros(as)/apoio: Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí, Acampamento Paiol Grande, Supermercado Goulart, Hospedaria Casarão, entre outros.

Recursos: Ponto de Memória 2014? (Projeto Sapucaia - contribuição para o ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 5ª feira a domingo e feriados, das 10 às 17 horas

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está sediado em um casarão do século XIX (cedido pelo seu atual proprietário) onde nasceu Miguel Reale.

E-mail Institucional: casadaculturasbs@gmail.com

Website ou Blog: <http://casadaculturasbs.wixsite.com/casadaculturasbs>,
www.casadaculturasaovento.org.br

Rede Social: <https://www.facebook.com/Casa-da-Cultura-Miguel-Reale-297245133621554/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, Ponto de Memória

Histórico:

O Município da Estância Climática de São Bento do Sapucaí está situado ao leste do Estado de São Paulo, nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, na região Vale do Paraíba, mais especificamente no Alto Sapucaí. O clima é ameno e saudável e o solo fértil, o que permite uma agricultura diversificada que, ao lado da pecuária, forma a base econômica do município, ao lado da produção de hortifrutigranjeiros. A história de São Bento do Sapucaí remonta ao tempo do bandeirantismo, quando os paulistas de Taubaté transpunham a Serra da Mantiqueira e seguiam o curso do Rio Sapucaí para chegar às regiões auríferas das Minas Gerais. O *topônimo do município tem origem no Tupi Guarani* (sapucaia-i = rio do galo ou rio que grita), e São Bento (fundador da ordem dos Beneditinos) foi o santo escolhido como seu padroeiro (PREFEITURA, 2017).

A Casa da Cultura Miguel Reale, inaugurada em julho de 2006, é um projeto desenvolvido e administrado pela Associação de Moradores e Amigos de São Bento do Sapucaí (AMASÃOBENTO), e conta com apoio da população e instituições da comunidade. Está sediada em um casarão do século XIX (cedido pelo seu atual proprietário) que foi residência do filósofo, jurista, educador e poeta Miguel Reale, um dos “filhos ilustres” da cidade. Tem como principais objetivos:

- Promover a cultura da cidade, contribuindo com melhoria da qualidade de vida da comunidade local;
- Valorizar, divulgar, preservar e resgatar o patrimônio cultural, natural e histórico da cidade;
- Organizar acervos museológicos e promover exposições Artístico-Culturais e Oficinas Educativas visando fortalecer o espírito solidário da cidade;
- Estimular artisticamente crianças e jovens - núcleo ativo voltado para cultura e educação;
- Atuar como lugar de encontros, risadas, diversão e comemoração.

Referências Patrimoniais:

Patrimônio cultural, natural e histórico da cidade de São Bento do Sapucaí;

Acervo Miguel Reale.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: “Exposição Ouvindo Meu Coração – Retrospectiva do artista Billy Gibbons (01/2012); Exposição de Fotos de São Bento do Sapucaí (03/2013); Exposição Aprendizes d' Arte (08/2013); Exposição São Bento por Vários Fios (12/2013); Exposição de Aquarelas de Ricardo Montenegro (11/2014); Exposição Vozes Têxteis de Cláudia Mattos (15/11-14/12/2014); Exposição Fragmentos Lúdicos do artista André Wagner (02/2015); Exposição “Uma Viagem pela natureza e pelo realismo fantástico” (09/2015); Exposição “Ei conhece Dom Quixote? E Portinari? E Drummond?” (26/03/2016); Exposição: Retrospectiva 10 Anos da Casa da Cultura Miguel Reale! (01/07-31/08/2016); Exposição em Homenagem a Pintora Maria de Godoy (20/01-10/03/2017), entre outras;

Contação de Histórias, Oficinas, Shows, Visitas Monitoradas, Cursos, Brechós, Projetos Socioeducativos com crianças e jovens, Rodas de Conversa, Lançamento de Livros, Palestras;

Organização de Eventos: 1ª Semana Profº Miguel Reale (3-5/11/2016); 2ª Festa do Quentão (16-17/07/2017), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

CASA DA CULTURA MIGUEL REALE. Disponível em: <http://casadaculturasbs.wixsite.com/casadaculturasbs>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Casa-da-Cultura-Miguel-Reale-297245133621554/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI. **Sapucaí.** Disponível em: <http://www.dicionariotupiquarani.com.br/dicionario/sapucaí/>. Acesso em: 5 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

PREFEITURA DA ESTÂNCIA CLIMÁTICA DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ. **História.** <https://www.saobentodosapucaí.sp.gov.br/site/historia/>. Acesso em: 5 jan. 2017.

Referência da Imagem: Fachada da Casa da Cultura Miguel Reale. Disponível em: <https://www.facebook.com/297245133621554/photos/a.297258683620199.81772.297245133621554/1321285024550888/?type=3&theater>. Acesso em: 5 jan. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 60	Denominação: Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão
	Data de Criação: 2006 Endereço: Sobradinho/DF Tel.: Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Núcleo gestor composto por moradores, professores, artistas e outros profissionais que atuam na região.

Parceiros(as)/apoio: autoridades governamentais e órgãos públicos (Secretarias municipais e estaduais, entre outros), professores e coordenadores da rede de ensino público, artistas, estudantes universitários e sociedade civil, entre outros.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: Website ou blog: Rede social:	Logotipo
--	-----------------

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

Sobradinho é uma região administrativa do Distrito Federal brasileiro, cidade satélite de Brasília. Há diversas versões para a origem do topônimo. A região do Cerrado remonta há milhares de anos, sendo ocupada por diversos povos. A ocupação econômica ocorreu com o avanço da colonização da Coroa Portuguesa, que estabeleceu diversas cidades em prol da exploração dos recursos naturais do planalto brasileiro. Com a construção de Brasília, na década de 1960, a ocupação tomou outras dimensões, pois foram ocupadas grandes áreas de antigas fazendas de forma desordenada. Nesse período chegaram a Sobradinho pessoas oriundas da Vila Amauri, do Bananal e das ocupações próximas à Vila Planalto. Com o crescimento da cidade, na década de 1980 foi criado o Setor de Expansão do Setor Oeste de Sobradinho, conhecido popularmente como Sobradinho II, que inicialmente abrigou a população que vivia aos arredores do Ribeirão Sobradinho e do Lixão. Entre as décadas de 1980 e 1990 formaram-se diversos movimentos sociais, que passaram a reivindicar melhores condições de vida. Foram então instituídas áreas de preservação de mananciais e a preservação de espécies características do bioma cerrado (COSTA; BARROS, 2015, p.205-206).

De acordo com Costa e Barros (2015), a preocupação ambiental foi a primeira a preocupar os impulsionadores do Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão, pois o Vale da Contagem é composto por quatro parques ecológicos (Parque Recreativo e Ecológico Canela de Ema, Parque Vivencial Ecológico de Sobradinho/Horto Florestal, Parque Ecológico Jequitibás e Parque Vivencial Sobradinho Dois), que exigiam maiores investimentos em suas estruturas em prol de sua preservação, além de outros problemas ambientais enfrentados na região. Um grupo de professores do Centro de Ensino Fundamental nº 8, da Região Administrativa de Sobradinho II, resolveu realizar trabalhos multidisciplinares envolvendo conteúdos das disciplinas de História, Meio Ambiente e Geografia, relacionando com a ocupação do território da cidade, à consciência política e à construção de práticas educativas ambientais. Em novembro de 2011 foi organizado o 1º Fórum de Educação Ambiental do Vale da Contagem, realizado no Ministério Internacional Batista do Avivamento (MIBA), com o objetivo de compreender integralmente o meio ambiente do Vale da Contagem e enraizar a Educação Ambiental na comunidade e na cidade como um todo. Posteriormente foram realizados diversos encontros, interações e troca de experiências entre educadores e instituições ambientais do Centro-Oeste.

Em junho de 2006 foi realizado o I Seminário “Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão” (no Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília/DF) com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre a implantação do Ecomuseu, que favoreceria o reconhecimento, resgate e preservação da história e do meio ambiente do Vale da Contagem - uma ação complementar ao Projeto Estrada Geral do Sertão (incluindo os estados da Bahia, Goiás e Mato Grosso, e o Distrito Federal). O Seminário contou com a participação de autoridades governamentais, professores, coordenadores da rede de ensino público, artistas, estudantes universitários e sociedade civil, e foi organizado pela Secretaria de Estado de Educação em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura/Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico (DePHA), Secretaria de Estado de Administração de Parques e Unidades de Conservação, COMPARQUES, Instituto Estrada Geral do Sertão, Instituto Bertran Fleury e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais (IPHAN/DEMU). No mesmo ano ocorreu o II Encontro de Educadores Ambientais do DF e Entorno.

Para difundir o trabalho do Ecomuseu, outras atividades variadas foram realizadas periodicamente, e consequentemente ampliaram-se as temáticas de interesse do Ecomuseu, e ele se tornou um “espaço de produção de ações educacionais, culturais e políticas” (COSTA; BARROS, 2015, p.206). Além da preocupação ambiental, o Ecomuseu tem como objetivos (COSTA; BARROS, 2015):

- Promover o reconhecimento e a preservação do patrimônio local;
- Atuar como agente promotor da história e da cultura, reunindo acervos significativos para a população;
- Atuar como facilitador do movimento artístico da comunidade como resposta a um discurso contra-hegemônico;
- Contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população.

Para Costa e Barros (2015, p.208), “o Ecomuseu mostra-se em processo de desenvolvimento político, cultural e socioambiental”. No entanto, já se apresenta como “local de cultura e de pertencimento, [...] espaço que permeia a história, a memória e organizações políticas, levantadas e discutidas de acordo com as necessidades do momento” (*idem*, p.210).

Referências Patrimoniais:

Patrimônios Naturais e Culturais da região;

Acervo composto por documentos, fotografias, publicações, objetos, projetos e trabalhos artísticos etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição “Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão: caminhos do imaginário” (3-14/06/2006, Teatro Nacional Claudio Santoro), entre outras;

Encontros com moradores da região vinculados ao movimento artístico da cidade;

Cavalgadas nos doze quilômetros da Estrada Real – apresentando os problemas e o potencial para as pesquisas, as características do cerrado, o levantamento histórico de como era a vida dos grupos que passavam pela região etc.)

Visitas às nascentes dos rios;

Organização de Eventos: Seminário “Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão” – com a participação dos Profs. Mário de Souza Chagas, Laís Aderne, Robson Eleutério e Iara Brasileiro (10/06/2014, Teatro Nacional Claudio Santoro), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

COSTA, Alcidea coelho; BARROS, Sullivan Charles. Por uma Política de Cidadania: o Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão. **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. IV, nº8, p. 199-212, dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/15823>. Acesso em: 23 mai. 2017.

MANZATTI, Marcelo. **Seminário:** Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão. Brasília/DF. 8 jun. 2006. Disponível em: <http://www.famalia.com.br/?p=222>. Acesso em: 08 jun. 2014.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 591"> Ficha: 61 </td> <td data-bbox="751 315 1385 591"> Denominação: Ecomuseu de Maranguape Data de Criação: 2006 Endereço: Distrito de Cachoeira, s/n, Zona Rural, CEP 61940-000, Maranguape/CE. Tel.: (85) 3374-0032 / 3341-1323 / 8887-6357 (Nádia) Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 61	Denominação: Ecomuseu de Maranguape Data de Criação: 2006 Endereço: Distrito de Cachoeira, s/n, Zona Rural, CEP 61940-000, Maranguape/CE. Tel.: (85) 3374-0032 / 3341-1323 / 8887-6357 (Nádia) Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 61	Denominação: Ecomuseu de Maranguape Data de Criação: 2006 Endereço: Distrito de Cachoeira, s/n, Zona Rural, CEP 61940-000, Maranguape/CE. Tel.: (85) 3374-0032 / 3341-1323 / 8887-6357 (Nádia) Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Fundação do Trabalho Educacional com Recursos Renováveis e Arte (Fundação Terra), Centro Comunitário de Cachoeira, Comitê Agrícola de Cachoeira</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Escola de Ensino Fundamental José de Moura, Prefeitura de Maranguape (Secretaria de Educação de Maranguape, FITEC), entre outros.</p> <p>Recursos: Editais e Premiações - Prêmio Brasil Criança Cidadã - 1998, Prêmio Organização Amiga da Criança/Fundação ABRINQ - 1999, Prêmio Criança e Radio Comunitária - 2000 (UNICEF), Fundação Banco do Brasil - 2007, Pontos de Cultura - 2008 (MinC), Menção Honrosa Prêmio Iberoamericano de Educação em Museus, Programa Juntos pela Educação Integral (2011-2013), Edital Natal de Luz 2010 - Secretaria do Estado do Ceará (Projeto Exposição Itinerante “Bordados de Luz?”), Fundo Juntos pela Educação (Instituto Arcor Brasil e Instituto C&A), Instituto Oi Futuro etc.</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: _____</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento: Aberto diariamente para visita pública e agendamento estudantil, das 8 às 17 horas</p> <p>É necessário agendar a visita? (X) sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: A sede do Ecomuseu é um casarão de uma antiga fazenda do século XIX</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="240 1059 1177 1176"> E-mail institucional: Websíte ou blog: www.ecomuseudemaranguape.org.br Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudemaranguape/ </td> <td data-bbox="1182 1059 1385 1176"> Logotipo </td> </tr> </table>		E-mail institucional: Websíte ou blog: www.ecomuseudemaranguape.org.br Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudemaranguape/	Logotipo
E-mail institucional: Websíte ou blog: www.ecomuseudemaranguape.org.br Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudemaranguape/	Logotipo
<p>Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Comunitário</p>			
<p>Histórico:</p> <p>A comunidade rural do distrito de Cachoeira (Maranguape/CE) está localizada em uma área destinada para reforma agrária onde foram assentadas famílias por meio do Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agricultura do Norte e Nordeste - PROTERRA (1971), “uma das primeiras experiências de reforma agrária no estado do Ceará” (VIAL, 2015, p.121). Trata-se de uma comunidade com uma forte organização comunitária e um rico patrimônio cultural. O núcleo de formação histórico-social da comunidade é uma fazenda do século XIX pertencente a uma família tradicional do Ceará, que abriga um conjunto arquitetônico composto por um casarão, uma capela e um açude. A partir da década de 90 começou a ser engendrada a ideia da criação de um centro cultural comunitário na comunidade.</p> <p>De acordo com Vial (2015, p.122), o aspecto que motivou sua criação foi “a memória da luta e conquista pela terra”. O projeto foi idealizado e coordenado pela Organização Não-Governamental Fundação Terra (Fundação do Trabalho Educacional com Recursos Renováveis e Arte), que assessora a comunidade em diferentes questões e “apresentou ao grupo a proposta da criação de um ecomuseu, para tratar dos diferentes aspectos da história local, mas que também poderia incorporar as preocupações e ações frente a manutenção do território e o seu desenvolvimento”. O projeto integraria a comunidade, o território e o patrimônio cultural em prol do desenvolvimento local. Seu público alvo era a comunidade escolar da Escola Municipal José de Moura (educadores, estudantes e funcionários e a comunidade do local), que seria sujeito em ações de valorização do patrimônio ambiental, artístico, histórico e arquitetônico de Cachoeira.</p> <p>O Ecomuseu concebe a comunidade e seu patrimônio cultural, assim como as relações entre homem, cultura e natureza como seus integrantes. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar a história da comunidade; • Estudar e catalogar as manifestações simbólicas do local; • Mapear os conteúdos das experiências de vida; • Promover uma ação integrada que congregue a identificação e conservação do patrimônio cultural da comunidade; • Planejar, programar e realizar programas de educação ambiental, patrimonial e artístico-cultural; • Contribuir com a formação e o aperfeiçoamento profissional e humano da comunidade de Cachoeira e de seus visitantes. 			

A equipe de monitores do Ecomuseu é formada pelos alunos da escola, capacitados pela ONG Fundação Terra, que realiza atividades de educação integral, considerando cada espaço do território como material de ensino e aprendizagem. Além do espaço expositivo, possui uma biblioteca itinerante e uma rádio comunitária, e é reconhecido enquanto Ponto de Cultura. Compõe a Rede Juntos pela Educação Integral.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Ecomuseu cresce continuamente, através de pesquisas desenvolvidas pelos moradores e estudantes. Contém fotografias, exemplares de espécies, artefatos históricos, artesanato, mobiliário, quadros, objetos cedidos pelos moradores etc.

O patrimônio natural e cultural externo ao casarão também é considerado (trilhas, vegetação, fauna, paisagens de floresta e semi-árido, antigas edificações...), assim como o patrimônio imaterial (tradições populares como os Autos Natalinos, Via Sacra, Farinhada, culinária típica, Bordados de Luz – ofício do bordado etc.), além da própria população local.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição Itinerante “Bordados de Luz” (financiada pelo Programa de Incentivo aos Grupos Natalinos – edital Natal de Luz 2010 da Secretaria do Estado do Ceará), Vídeo-Exposição “Vida e Trabalho” (2010), Exposição Fotográfica “Nossa Gente” - resulta da pesquisa dos Agentes Jovens do Patrimônio Cultural do Ponto de Cultura do Ecomuseu de Maranguape, apresentando os primeiros moradores locais (05/2012), Exposição Fotográfica “Farinha do Mesmo Saco” - conta a história das Farinhadas Tradicionais da Comunidade (10/03-10/06/2013), Exposição Fotográfica “Paisagens Culturais de Maranguape” (05/2016), entre outras.

Oficinas de patrimônio cultural, artesanato, permacultura e cultivo de alimentos orgânicos, informática, música; Cursos; Palestras; Vivências Comunitárias; Projetos alternativos de desenvolvimento ambiental sustentável;

Projeto Amigos da Escola;

Organização de Eventos: IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC).

Participação em Eventos: Festa do Feijão Verde; Farinhada; II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS); III Jornada de Formação em Museologia Comunitária (04-06/08/2014, São José dos Campos/SP); 9ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exposições, Visitas Guiadas, Oficina “A História de Cachoeira: Saberes, fazeres e Paisagens” (13/03-13/06/2011, Escola Municipal José de Moura e Ecomuseu Maranguape); Exposições, Exibição de Filmes – Festival do Minuto de Maranguape, Apresentação de Pesquisa, Premiação dos melhores filmes do Festival do Minuto de Maranguape - produzidos por estudantes das Escolas Públicas de Maranguape, Apresentação do grupo de Maracatu Nação Cachoeira “(infanto-juvenil) do Ecomuseu (14-20/05/2012, Ecomuseu de Maranguape, Escola Municipal José de Moura e outras escolas públicas da região); Exposições, Visitas Guiadas, Itinerância da Mini-Biblioteca em Educação Patrimonial nas residências dos educandos da Pré-escola da comunidade, Exibição de vídeos produzidos pelos Agentes Jovens do Patrimônio Cultural, Oficina “A Nova Museologia, Juventudes e Mudanças Sociais”, VII Festival do Feijão-Verde e Trovadores de Maranguape (13-19/05/2013); Visitas Guiadas, Ação Educativa “Educação para transição: as contribuições da Museologia Comunitária na educação integral da comunidade local”, Oficina de Educação Patrimonial em escolas públicas da região, Roteiro Ecomuseológico no espaço de Cachoeira, Palestras “Conhecer o passado para compreender o presente e assim, poder construir um futuro melhor: a história e a memória da organização comunitária em Cachoeira, Maranguape” e “Gestão compartilhada e Auto-gestão: Museu e Escola, uma parceria sustentável”, I Conferência Infanto-Juvenil em Educação Patrimonial da Escola Municipal de Ensino Fundamental José de Moura: O Patrimônio Cultural como um direito da criança e do adolescente, Apresentação do Quarteto de Câmara do município de Maranguape, Oficina de Trovas ministrada pelos poetas da União Brasileira de Trovadores em Maranguape - 7º Festival do Feijão Verde (12-18/05/2014, Ecomuseu de Maranguape, Escola Municipal José de Moura e outras escolas públicas da região, Centro Comunitário de Cachoeira); Palestra “Educação integral em tempo integral: a democracia e o patrimônio cultural - um diálogo possível”, Atividades Pedagógicas com o tema “Museus para uma sociedade sustentável”, Oficina de elaboração de projetos socioculturais, Roda de Conversa “Educação Patrimonial e a Aprendizagem em Comunidade”, Palestra “O patrimônio natural e a cultura da sustentabilidade: as contribuições da permacultura na contemporaneidade”, Inauguração do espaço “Café Arte - Raízes do Futuro” (leitura, entretenimento e gastronomia regional), Sarau com Quarteto de Câmara de Maranguape, I Encontro do programa Mais Cultura das escolas de Maranguape, Oficina de Trovas para estudantes do ensino fundamental de escolas públicas – VIII Festival do Feijão-Verde (15-23/05/2015, Ecomuseu de Maranguape e Escola Municipal José de Moura); Exposições, Visitas Guiadas, Produção de jogos pedagógicos com a temática das paisagens culturais de Maranguape, Formalização da parceria entre o Ecomuseu de Maranguape e o observatório da cidade educadora de Maranguape para a educação integral, Oficinas “Ecoturismo e turismo de aprendizagem” e “A 7ª arte e as paisagens culturais”, IX Festival do Feijão Verde e Trovadores de Maranguape (16-22/05/2016, Ecomuseu de Maranguape, Escola Municipal José de Moura e Biblioteca Pública de Maranguape - Capistrano de Abreu).

Ações de Preservação:

Catálogo do Acervo;

Pesquisa “Paisagens Culturais de Maranguape” - desenvolvida por Nádia Helena (2007), que formou um mapa cultural e originou a Exposição Itinerante “Bordados de Luz”;

Pesquisa sobre as contribuições da cultura afro e indígena na formação sócio-espacial da sua comunidade (2012), entre outras ações;

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU DE MARANGUAPE. **Bordados de Luz**: Pastoril das Jornadas. Folder. Maranguape, [2010?].

_____. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudemaranguape/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. **Folder**. Maranguape, 2015.

ECOMUSEU DE MARANGUAPE. Ponto de Cultura do Ecomuseu de Maranguape vídeo-exposição Vida e Trabalho. Youtube , 7 jul. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X535PDKWdRI . Acesso em: 7 mar. 2017.				
ECOMUSEU DE MARANGUAPE – Reportagem. Youtube , 19 mai. 2009. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=jfpv-9L5Pi8 . Acesso em: 15 abr. 2015.				
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Semana de Museus: Museu e Memória . Brasília: IBRAM, 2011, 256-75. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.				
_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações . Brasília: IBRAM, 2012, p.71-72. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.				
_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social . Brasília: IBRAM, 2013, p.75-76. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.				
_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões . Brasília: IBRAM, 2014, p.84-85. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.				
_____. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável . Brasília: IBRAM, 2015, p.82-83. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.				
_____. 14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais . Brasília: IBRAM, 2016, p.63. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.				
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu de Maranguape. Museus Br : no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/9529/ . Acesso em: 13 mar. 2017.				
NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. Ecomuseu se funde com escola e comunidade em Maranguape. Uol , 18 dez. 2013. Disponível em: http://portal.aprendiz.uol.com.br/2013/12/18/ecomuseu-se-funde-com-escola-e-comunidade-em-maranguape/ . Acesso em: 20 jan. 2017.				
ONG TERRA. IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária – Programação . Disponível em: http://ongterra.org/programa/ . Acesso em: 12 dez. 2016.				
REDE Juntos Pela Educação Integral. Ciclo de Aprendizagem 2014-2016 . Folder. 2014.				
VIAL, Andréa Dias. Patrimônio Integrado e a Prática Museológica . 2015. 179f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p.121-122. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09102015-140001/pt-br.php . Acesso em: 18 dez. 2015.				
Referência	da	Imagem:	Sede	do Museu.
Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseudemaranguape/photos/a.822880407749247.1073741852.822879867749301/822880461082575/?type=3&theater . Acesso em: 13 mar. 2017.				
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).				

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 62	Denominação: Museu Vivo Casa Cultural Povo Kokama Patriarca Cacique Geral Antonio Januario Samias	
	Data de Criação: 2006 Endereço: Rua Santos Dumont, 74 A – Beco Marechal Rondon -Portobras, nº 5, CEP 69964-000, Tabatinga/AM. Tel.: (97) 3471-1632 Situação atual: em funcionamento.	
Entidade(s) Gestora(s): Associação de Moradores Indígenas Kokama de Tabatinga (AMIKCT)		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos: Doações		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso: gratuito		
Obs.:		
Funcionamento: Sábado das 14 às 17 horas.		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: edney_cunha@hotmail.com , gildays12@hotmail.com Website ou blog: Rede social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]		
Histórico: <p>A população Kokama está distribuída em três países: Brasil, Peru e Colômbia. No Brasil habitam 15 Terras Indígenas na região do alto e médio Solimões (principalmente nos municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Benjamim Constant, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins, Fonte Boa, Tefé e Jutai), no estado do Amazonas. Os aldeamentos e deslocamentos forçados, impostos pelas missões e depois pelas frentes extrativistas, criaram um contexto adverso de reprodução física e cultural dos grupos, que lhes suscitou a negação da identidade indígena por muitas décadas. Atualmente apenas os mais velhos dominam idioma Kokama, pertencente à família Tupi-Guarani, tronco Tupi (INSTITUTO, 2017; MINC, 2008, p.250-251).</p> <p>Após os anos de 1980 a identidade Kokama vem sendo mais valorizada, principalmente no contexto da luta política por terras, acesso a programas diferenciados de saúde, educação e alternativas econômicas. Além disso, os Kokama vem lutando para fortalecer suas práticas culturais.</p> <p>Não obtivemos maiores informações sobre a iniciativa.</p>		
Referências Patrimoniais: Histórias, costumes tradicionais, idioma Kokama etc.		
Atividades desenvolvidas:		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: BRASIL ARTE ENCICLOPÉDIAS. Tabatinga – Casa Cultural Povo Kokama. Disponível em: www.brasilarteseniciclopedias.com.br/museus/amazonas . Acesso: 05 jun. 2014. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. Povos Indígenas no Brasil . Kokama. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kokama/448 . Acesso em: 13 mar. 2017. MINISTÉRIO DA CULTURA. Prêmio Culturas Indígenas . Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.250-251. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru . Acesso em: 13 mar. 2017. MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Vivo Casa Cultural Povo Kokama Patriarca Cacique Geral Antonio Januario Samias. Museus Br : no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/6513/ . Acesso em: 13 mar. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 555"> Ficha: 63 </td> <td data-bbox="746 315 1385 555"> Denominação: Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite Data de Criação: 2005 Endereço: Rua Deolindo Manoel Selão, 71, Parque da Matriz, CEP 94950-705, Cachoeirinha/RS. Tel.: (51) 3439-3146 / (51) 3471-4796 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 63	Denominação: Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite Data de Criação: 2005 Endereço: Rua Deolindo Manoel Selão, 71, Parque da Matriz, CEP 94950-705, Cachoeirinha/RS. Tel.: (51) 3439-3146 / (51) 3471-4796 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 63	Denominação: Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite Data de Criação: 2005 Endereço: Rua Deolindo Manoel Selão, 71, Parque da Matriz, CEP 94950-705, Cachoeirinha/RS. Tel.: (51) 3439-3146 / (51) 3471-4796 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Cachoeirinha - Secretaria Municipal da Cultura de Cachoeirinha Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 9 às 18 horas É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em uma edificação denominada Casa do Leite			
E-mail institucional: cultura@cachoeirinha.rs.gov.br Website ou blog: http://cachoeirinhacasadoleite.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/casadoleitecachoeirinha/ e https://www.facebook.com/Memorial-e-Espa%C3%A7o-Cultural-Casa-do-Leite-ecomuseu-931220373583960/
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017).			
Histórico: <p>A Casa do Leite é uma edificação localizada no bairro Parque da Matriz, no município de Cachoeirinha (RS), pertencente à Região Metropolitana de Porto Alegre. Nos meados da década de 1930, João Brochado Smith, genro e herdeiro do Coronel João Baptista Soares da Silva e Souza, construiu uma casa nas terras herdadas, arrendando-as para família Brambilla, que instalou um tambo de leite e dedicou-se à produção leiteira por mais de três décadas. A edificação passou a ser denominada pela população local como “Casa do Leite”. Em 1967, a Companhia Rio-Grandense de Laticínios e Alimentos Correlatos – CORLAC, assumiu a propriedade e sua atividade leiteira, posteriormente vendida para uma construtora que abandonou a Casa.</p> <p>Após anos de esquecimento a Casa do Leite foi reformada e devolvida pela Habitasul à Prefeitura Municipal de Cachoeirinha. Em julho de 2006, a Secretaria Municipal da Cultura assumiu a Casa do Leite com a missão de transformá-la em um espaço cultural.</p> <p>Atualmente, a Casa do Leite é um espaço museológico que tem como funções a pesquisa, a preservação, a gestão e comunicação do patrimônio histórico, da memória e da história de Cachoeirinha. Em dezembro de 2009 o Ecomuseu - Casa do Leite foi insituído em lei como Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite. O espaço contempla um arquivo e uma biblioteca.</p>			
Referências Patrimoniais: Patrimônio histórico, memória e história de Cachoeirinha.			
Atividades desenvolvidas: Exposições, Exibição de Documentários, Palestras, Oficinas nas áreas de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro etc. Organização de Eventos: 25ª Feira do Livro de Cachoeirinha (8-16/10/2011), entre outros.			
Ações de Preservação:			
Referências Bibliográficas: CASA DO LEITE - Memorial e Espaço Cultural. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/casadoleitecachoeirinha/ . Acesso em: 13 mar. 2017. MEMORIAL E ESPAÇO CULTURAL CASA DO LEITE - Ecomuseu. Blogspot. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Memorial-e-Espa%C3%A7o-Cultural-Casa-do-Leite-ecomuseu-931220373583960/about/?ref=page_internal . Acesso em: 13 mar. 2017. MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Memorial e Espaço Cultural Casa do Leite. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8356/ . Acesso em: 13 mar. 2017.			

Referência da Imagem: Casa do Leite. Disponível em: https://www.facebook.com/casadoleitecachoeirinha/photos/a.1456980347928624.1073741827.1456872801272712/1655128254780498/?type=1&theater . Acesso em: 13 mar. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="611 320 746 562"> Ficha: 64 </td> <td data-bbox="754 320 1375 562"> Denominação: Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião Data de Criação: 02/2005 Endereço: Estrada João de Oliveira Remião, 2874, Lomba do Pinheiro, CEP 91550-300, Porto Alegre/RS. Tel.: (51) 3352-7131 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 64	Denominação: Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião Data de Criação: 02/2005 Endereço: Estrada João de Oliveira Remião, 2874, Lomba do Pinheiro, CEP 91550-300, Porto Alegre/RS. Tel.: (51) 3352-7131 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 64	Denominação: Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião Data de Criação: 02/2005 Endereço: Estrada João de Oliveira Remião, 2874, Lomba do Pinheiro, CEP 91550-300, Porto Alegre/RS. Tel.: (51) 3352-7131 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE) Parceiros(as)/apoio: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doações etc. Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 8:30 às 12:30 e das 14 às 18 horas, sábado das 9 às 13 horas. É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu: Todo o bairro é considerado espaço museal, e a sede do Museu é uma casa do século XIX doada pelos proprietários do antigo “Armazém Vencedor” (e também antiga residência da família Remião) ao IPDAE.			
E-mail institucional: museulombadopinheiro@gmail.com , museu@ipdae.com.br Website ou blog: http://www.ipdae.com.br/index.php/i/museu-comunitario-9 Rede social: www.facebook.com/museu.lomba	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Museu de Percurso, Ponto de Memória			
Histórico: <p>Porto Alegre é um município e a capital do estado do Rio Grande do Sul. Começou a ser construída com a chegada de colonos açorianos no século XVIII. “A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses” (PREFEITURA [...], 2017), que dedicavam-se a atividades como a agricultura de pequena propriedade, a pecuária, a produção de artesanatos e posteriormente instalaram restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e outros tantos estabelecimentos comerciais. Atualmente possui cerca de 1,5 milhão de habitantes (<i>idem</i>).</p> <p>O bairro Lomba do Pinheiro está localizado na região leste de Porto Alegre (RS). Seus primeiros moradores foram famílias de origem portuguesa vindas do interior e de outros bairros da cidade, que foram responsáveis por diversas transformações socioculturais do bairro. Na década de 1960, o bairro (que era essencialmente rural, compost por chácaras e sítios), passou a receber diversas famílias carentes que enfrentaram uma enchente em Porto Alegre. Atualmente a região é formada por 24 vilas e duas comunidades indígenas (Charrua, Kaingang e M'byá Guarani), e reúne cerca de 70 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.40-44).</p> <p>Durante uma reunião do Orçamento Participativo do Governo do Estado, lideranças comunitárias do bairro, representando a comunidade, apresentou o desejo pela construção de um espaço para preservação da história e da memória do bairro, que realizasse diversas atividades educativas e culturais que interessasse a comunidade. Posteriormente, procuraram a diretora do IPDAE (organização da sociedade civil sem fins econômicos e apartidária fundada em 1998), Fátima Flores Jardim, que se mobilizou para que a casa da Família Remião se tornasse um espaço comunitário (a casa em estilo colonial português construída no final do século XIX foi doada ao IPDAE pelo senhor Edemar Gonçalves Remião).</p> <p>Em 2006 o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro foi inaugurado, tendo o IPDAE como instituição mantenedora. Dentre seus principais objetivos encontram-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reunir, ampliar, preservar e difundir referenciais patrimoniais e acervos para promover a preservação do Patrimônio material e imaterial, histórico e cultural do bairro Lomba do Pinheiro; • Informar, divulgar e preservar a memória individual e coletiva dos moradores da comunidade; • Contar essa história do bairro a partir do olhar e da memória individual e coletiva dos seus próprios moradores, recuperando e valorizando sua auto-estima; • Estimular a participação e o conhecimento do patrimônio cultural do bairro; • Contribuir para o autorreconhecimento dos grupos sociais do bairro; • Possibilitar novas relações entre as comunidades; • Desenvolver atividades de Educação Patrimonial e Educação Ambiental; 			

- Fortalecer a memória e patrimônio junto às escolas, famílias e entidades associativas;
- Servir de ponto de partida para novos inventários, produção de músicas, imagens, pesquisas e transformações locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.40);
- Contribuir para o desenvolvimento de "outras demandas que possam envolver a comunidade em seus aspectos político, econômico e social, reconhecendo o patrimônio cultural como fonte da identidade local, da valorização individual e coletiva, estimulando o trabalho em grupo e a inclusão social" (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.44).

A partir de 2009 o Museu firmou parceria com o Curso de Museologia da UFRGS no Programa de extensão universitária "Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania". No mesmo ano a comunidade da Lomba do Pinheiro foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM. O Ponto de Memória foi criado em 2012, mas segundo Zen (2014, p.365), "hoje o Ponto de Memória e o Museu Comunitário se separaram, num doloroso processo que somente trouxe prejuízo para a comunidade, que merece ser revisto e melhor interpretado".

Em 2013 o Programa de extensão universitária foi renovado. A partir de então houve um maior envolvimento do Museu com as escolas locais, e foram desenvolvidos diversos projetos relacionados à educação patrimonial. No entanto, enquanto a universidade assumiu "praticamente todas as atividades do Museu" (ZEN, 2014, p.365) aos poucos a comunidade deixou de atuar enquanto gestora da iniciativa, mantendo-se na atualidade como público participante.

Referências Patrimoniais:

Principais acervos inventariados: O Bugio Ruivo; Parada de ônibus; Figueiras; Represa Lomba do Sabão; Vinícola Bordignon; Pinheiros (pinus e araucária); Nascentes; Sítios arqueológicos; Ponto de Memória; Saberes das benzedadeiras; Associação dos Amigos da Vila São Francisco; Centro Hípico Recanto do Pinheiro; Comunidades indígenas M'byá Guarani, Kaingang e Charrua; Artesanato local; Equipamentos públicos (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.40-42). Manifestações culturais, artefatos arqueológicos, objetos, além de amplo acervo documental, composto por jornais, boletins, atas, depoimentos orais, fotografias etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8º Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília), Exposição "Saber Popular: Ervas, Rezas e Benzeduras. Alternativas de saúde" (21/05-23/08/2011), Mostra de Fotografias e Biografias "Algumas das Muitas Mulheres do Lomba do Pinheiro" (09/2011), Exposição "Lomba do Pinheiro: patrimônio inventariado e itinerários culturais" – Roteiro (2012/2013)

Lomba Tur (rota de turismo comunitário), Museus de Rua (museu de percurso), Rodas de Memória (cultura ervateira, futebol etc.), Contação de Histórias, Trilhas Ecológicas, Atividades Lúdicas - voltadas a diversos temas que envolvem conceitos de sociedade, memória, história, patrimônio e museus;

Oficinas de Educação Patrimonial, Produção Textual, Capacitação em Conservação de Acervo, Artesanato, Saberes Tradicionais, Mapa, Quem sou?, Arqueologia;

Visitas técnicas em instituições museológicas do Estado do Rio Grande do Sul;

Programa "Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania" (extensão universitária UFRGS – a partir de 2009);

Participação em Eventos: II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS); 5ª Primavera de Museus e 9ª Semana Nacional de Museus – 2011 (IBRAM), com Exposições Temporárias, 2º Congresso de Extensão da AUGM - Universidades Associadas Grupo Montevideu (9-12/10/2015, UNICAMP), entre outros.

Ações de Preservação:

- Identificação de Pontos Culturais de Interesse Turístico;
- Análise de documentos;
- Registro das Rodas de Memória;
- Inventário Participativo;
- Mapeamento, listagem, registro e fotografia dos bens patrimoniais imóveis;
- Listagem das manifestações culturais;
- Catálogo em formato de mapa produzido pelos moradores (curadoria da professora Elizabeth R. Torresini) (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.43).
- Material multimídia (disponibilização das informações coletadas no inventário participativo na forma digital), entre outras ações.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

CONHECENDO MUSEUS - Episódio 03: Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. **Youtube**, 28 mai. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4my_5OnggmI&feature=youtu.be. Acesso em: 29 jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.276. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 336. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

INSTITUTO POPULAR DE ARTE-EDUCAÇÃO. **O IPDAE**. Disponível em: <http://www.ipdae.com.br/index.php/i/ipdae-1>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário Lomba do Pinheiro / Memorial da Família Remião. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7356/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 39-44, 86. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

OS PRIMEIROS Imigrantes. **RS Virtual**, 8 set. 2007. Disponível em: http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul/os_primeiros_imigrantes-o3158.html. Acesso em: 17 dez. 2016.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Inaugurado o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. **Facebook**: Fanpage, 31 mar. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefpoa/>. Acesso em: 15 mai. 2017.

_____. **Histórico da Cidade**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=257. Acesso em: 17 dez. 2016.

SILVA, Cláudia Feijó da. O Museu Comunitário Lomba do Pinheiro pela Narrativa de seus Atores Sociais. In: **ANAIS do IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Belém/PA. 2012, p. 243-245. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/3art/5.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2015.

ZEN, Ana Maria Dalla. Entre a utopia e atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.355-372, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

Referência da Imagem: Sede do Museu. Créditos: Kiran Federico León. Disponível em: <http://www.ipdae.com.br/index.php/i/museu-comunitario-9>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 65	Denominação: Museu da Maré
	Data de Criação: 08/05/2006 (inauguração) Endereço: Avenida Guilherme Maxwell, 26, Maré, CEP 21040-212, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 3868-6748 / 2561-4604 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) / Associação de Moradores da Maré

Parceiros(as)/apoio: Museu da República (Prof. Mário Chagas), Museu da Vida - da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Secretaria da Cidadania Cultural, Ministério da Cultura (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Museus, Terminal 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Casa da Ciência, Laboratório de Etnomusicologia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (cursos de Museologia e Turismo (desde 2009) - Projeto “Mutação: Museu, Turismo, Ação” - coordenado pelo Professor Mário Chagas), Ediouro, DER-Rio, Associação de Moradores do Morro do Timbau, FAPERJ, Fundação Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECERJ), Programa Jovens Talentos, Ação Comunitária do Brasil, Solrisa, Segmentos Cia de Dança, Cia de Teatro Os Populares, Secretaria Municipal de Assistência Social - Rio / CREAS Stella Maris, Fundação Nacional da Arte (FUNARTE), diversos moradores e parceiros do bairro etc.

Recursos: 2004 – Edital Ponto de Cultura do Programa Cultura Viva - Projeto “Museu da Maré” (MinC), 2005 - Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - Categoria Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (IPHAN), 2006 – Prêmio Cultura Viva – Categoria Tecnologia Sociocultural - MinC/CENPEC (Projeto “Museu da Maré”), 2007 - Prêmio Culturas Populares (MinC), 2007 – Projeto “Museu da Maré: Construção de um Plano Museológico” (CNIC), FAPERJ (Programa Jovens Talentos), Fundação Ford, Campanha Somos Todos CEASM (doações), Campanha Benfeitoria “Somos CEASM. Somos Maré” (financiamento coletivo), Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Os Tempos da Maré: exposição de longa duração do Museu da Maré”), Lamsa S/A, Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria Estadual de Cultura/RJ, Instituto C&A, Campanha Somos CEASM. Somos maré (doações), Campanha de Financiamento Coletivo (website Benfeitoria) etc.

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.: Contribuição Voluntária.

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 10 às 18h, sábado das 10 às 14h.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em um galpão que foi sede de uma antiga fábrica da indústria naval.

E-mail institucional: contato@museudamare.org.br, coordenacao@museudamare.org.br

Website ou blog: <http://www.museudamare.org.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/museudamare/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória

Histórico:

O Complexo da Maré localiza-se na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ), no entorno da Baía de Guanabara, na faixa litorânea que fica em frente à Ilha do Fundão (onde localiza-se o Campus da UFRJ), e é composto atualmente por 17 comunidades. A região começou a ser ocupada na década de 1940 a partir do morro do Timbau e se expandiu para a área dos manguesais, por pessoas oriundas principalmente dos estados do Nordeste e Minas Gerais. Associa-se a transformação da região da Leopoldina em um núcleo industrial, que elevou o valor das terras do subúrbio carioca, como razão para que as camadas mais pobres comessem a ocupar áreas de mangues e aí construíssem seus barracos sobre palafitas, em regimes de mutirão. Apesar da região alagada e da falta de infraestrutura, o Complexo da Maré cresceu e começou a ser aterrado pelo poder público e pelos moradores na década de 1960, mas só obteve o status de bairro em 1994. Da década de 1940 até a atualidade, o bairro passou por processos de transformações intensas, e a mobilização dos moradores em busca de melhores condições de vida fez e faz parte do cotidiano da Maré. Atualmente, o bairro é composto de cerca de 132 mil habitantes.

A compreensão desses processos de memória são considerados cruciais para o desenvolvimento dos moradores, por conta disso entre 1989 e 1992 alguns moradores do bairro desenvolveram o projeto intitulado TV Maré, que consistiu em coletar depoimentos com os moradores sobre seu cotidiano para a concepção de documentários a serem exibidos

em espaços públicos do bairro. Esse projeto levou os moradores aos arquivos públicos da cidade, e os documentos ali preservados comprovavam os relatos dos moradores. Alguns anos depois, em 1997, alguns moradores criaram a ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), cujo primeiro projeto foi um cursinho pré-vestibular comunitário, que tinha o objetivo de contribuir para a ampliação do acesso dos jovens às universidades transformando-as em um espaço mais democrático.

Para estimular a sensação de pertencimento e a identidade desses jovens, foi criado o Projeto Rede Memória da Maré, que potencializou o acervo gerado pelo projeto TV Maré e se desdobrou na criação de um arquivo institucional destinado à pesquisa, preservação e divulgação de documentação nos mais variados suportes sobre a história local, com a colaboração dos moradores mais antigos. Foi desenvolvido programa de história oral, para coleta e registro do depoimento dos moradores e lideranças da região e a criação do grupo de contadores de histórias, com o objetivo de difundir as histórias e lendas surgidas das vivências dos moradores.

Em 1999 o Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desenvolveu junto ao CEASM o projeto político-pedagógico de formação dos bolsistas do museu, que deveriam ser moradores da Maré. Essa experiência possibilitou uma nova visão sobre a instituição museu e uma introdução aos ideais da museologia social, e um seminário de avaliação realizado em 2001 possibilitou o intercâmbio da equipe do CEASM com diversas pessoas que pertenciam ao campo museológico e demais atores sociais. No mesmo ano a equipe do CEASM foi convidada por Mário Chagas a organizar a exposição "A força da Maré", no Museu da República. Os objetos utilizados nesta exposição, no entanto, não foram aceitos de volta pelos moradores, que manifestaram o desejo de criar um lugar de memória próprio da comunidade, onde os objetos continuassem expostos.

A Casa de Cultura da Maré (assim batizada desde 2003) cedeu espaço para o Museu da Maré, fundado em 2006 pela Associação de Moradores, com recursos oriundos do Programa Cultura Viva – Pontos de Cultura e o apoio técnico do Departamento de Museus do IPHAN, que acabou absorvendo todas as outras atividades da ONG para si e tornou-se um novo instrumento de transformação social para o projeto político-educativo desenvolvido no bairro. O Museu da Maré, primeiro museu criado dentro de uma favela, idealizado e mantido por seus moradores, tem como objetivos:

- Desenvolver ações voltadas para o registro, a preservação e a divulgação das memórias e histórias (aspectos culturais, sociais ou econômicos) das comunidades da Maré, a partir da narrativa de seus próprios moradores;
- Contribuir para o reconhecimento e reflexões sobre as trajetórias de vida dos moradores, famílias e comunidades da Maré;
- Contribuir para a construção da noção de pertencimento, formação das identidades da comunidade e fortalecer os vínculos comunitários entre os moradores;
- Tornar-se um espaço de convivência, lugar de encontro;
- Registrar e contar a história de resistência e luta por moradia no Rio de Janeiro;
- Dialogar com outras comunidades através dos temas escolhidos para suas exposições;
- Dialogar com a diversidade sem reforçar preconceitos e desigualdades;
- Contribuir para a ampliação do conceito museológico para os grupos sociais da população que não são contemplados pelos espaços oficiais de memória.

Além do espaço expositivo, o Museu da Maré também conta com a Biblioteca Elias José e o Arquivo Histórico Dona Orosina Vieira (cujas equipes são formadas por jovens universitários moradores da Maré, que realizam um trabalho de pesquisa junto aos moradores locais para reproduzir os acervos pessoais sobre a história da Maré). Em reconhecimento pelo trabalho realizado, o Museu foi contemplado por diversos editais de fomento e recebeu premiações como a Ordem do Mérito Cultural – Grau Cavaleiro (2006), o Reconhecimento pelo Desenvolvimento da Museologia no Ano Nacional dos Museus - DEMU/IPHAN (2006), Medalha Pedro Ernesto - Câmara Municipal do Rio de Janeiro (2010). O Museu da Maré integra a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

O espaço onde o Museu está situado abrigava uma antiga fábrica de transportes marítimos – a Cia. Libra de Navegação, e foi cedida ao CEASM pelo prazo de dez anos. No entanto, em 2014 a instituição recebeu uma ordem de despejo da Companhia Paulista de Comércio Marítimo (Grupo Libra S/A), proprietária do local. Teve início uma campanha denominada "Salve o Museu da Maré", com o objetivo de sensibilizar as esferas públicas e privadas e levar os diretores da Companhia Paulista de Comércio Marítimo a repensar a decisão.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu da Maré está em permanente construção permanente. É composto por fotografias (muitas delas são cópias de outros acervos existentes na cidade), recortes de jornais e outros documentos textuais, objetos pessoais e de uso doméstico, relatos de moradores (tradição oral) gravados em áudio e vídeo, produções audiovisuais (em diversos suportes), mapas, brinquedos etc. Patrimônios Imateriais: Memórias, Manifestações Culturais, Festas Populares, Feira Pública, O Gato de Bonsucesso (bloco de carnaval) etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de Longa Duração "12 Tempos da Maré", exposição concebida pelo cenógrafo Marcelo Vieira com a colaboração dos moradores, onde as transformações ocorridas na Maré apresentam-se separadas por acontecimentos marcantes na vida dos moradores em espaços denominados tempos - Tempo da água, da casa, do trabalho, da resistência, da festa, da feira, da fé, do cotidiano, da criança, do medo, do futuro (2006-atual); Exposição "Musas da Maré" (2011); Exposição "Energia Nuclear" (05/2011); Exposição Temporária "Brasil através dos Selos Postais (05/2012); Exposição temporária "Dissidências Criativas na Maré" - parceria com a Casa Nuvem (08/07-20/08/2014); Exposição Temporária "Da Maré ao Canindé, inspiração para as Periferias" - homenagem a Dona Orosina Vieira e Carolina Maria de Jesus (21/11/2017-31/01/2015); Exposição Fotográfica "Projeto Olhares: fotografias de moradores de comunidades do Rio" (21-23/05/2015); Exposição "Visões da Maré" - Grupo Maremoto (11/2015); Exposição "Maré de Cidadania" - concebida por alunos da turma 1902 da Escola Municipal Nerval de Gouveia (24/10-3/12/2015); Exposição Temporária "Ciência e Arte na Maré!" (17/06-17/08/2016);

Exposição "Revelações Olímpicas", a partir do olhar de Belxavier (07/2016); Exposição Itinerante "Canudos: Memórias da Favela", rememorando os 120 anos do fim de Canudos e as resistências - parceria com Museu da República, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura (17/12/2016-31/03/2017), entre outras; Visitas Guiadas, Chá de Memórias, Seminários, Atividades lúdicas e educativas, Contação de Histórias, Saraus, Apresentações Teatrais, Bancas de Qualificação, Curso de Informática, Rodas de Leitura Oficinas culturais (dança - Ballet, Jazz, Hip Hop Dance e Dança de Salão, música, teatro, artesanato, Consciência Corporal etc.) acesso de internet à comunidade, Laboratório de criação têxtil, pintura em tecido, customização, patchwork, crochê, macramê, Batik, Tai - Dai, bordados, papel machê, modelagem e corte-costura;

Projeto Marias Maré (Grupo de Produção Artesanal), Projeto Ondas Radiofônicas: Processos Colaborativos em arte pública e Sonora – 2010 (parceria com FUNARTE e CEASM); Curso "Histórias Vivas – O histórico de resistência das favelas do Rio de Janeiro" (27/11/2016, organizado pela jornalista e moradora da Maré, Gizele Martins); Ciclo de Oficinas "Maré de Histórias: encontros de educação no museu" (11/2016);

Organização de Eventos: XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM (8-10/08/2013), Debate "(In)Segurança Pública e Olimpíadas" (14/07/2016); Caminhada por Memória, Cultura e Direitos, Chá de Memórias Cultura Negra na Maré: Arte e Memória (17/12/2016), Seminário Ventres Livres (10/2016), entre outros;

Participação em Eventos: Encontro Internacional de Museus Comunitários em Cartagena (10/2011), V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG); 5ª a 8ª **Primavera de Museus** (IBRAM), com Caminhada, Contação das Histórias até a Vila Olímpica da Maré, Visitas Guiadas, Apresentação Teatral "Chegança" - Parceria da ECOART da UERJ, Exposições, Chá de Memória, Lançamento do Rádio Conto "Colcha de Contos da Maré: O Porco com Cara de Gente", Lançamento do Blog do Museu da Maré (21-23/09/2011, no Museu da Maré e na Associação de Moradores do Parque União); Contação de Histórias com oficinas de Memória (26-28/09/2012, no Museu da Maré, na Escola Municipal Bahia e no CIEP Operário Vicente Mariano), Encontro do "Fórum Museu Maré", que reúne moradores antigos, lideranças e representantes das instituições locais e Reabertura da exposição de longa duração "Os Tempos da Maré" (26-28/09/2013), Oficina de ilustração ministrada pelo artista plástico Héder Troiano, morador da Maré (22-28/09/2014); 9ª, 10ª e 13ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com Exposições, Apresentação de contos e lendas da região pelo Grupo "Maré de Histórias" (16-31/05/2011); Exibição do Filme "Museu da Maré: Memória e (Re) Existência", Exposições, Visitas Guiadas, Oficina de leitura (14-18/05/2012); Mesa Redonda "Museus e sustentabilidade", Exposições e Lançamento do Livro "A Guanabara como Natureza: a Baía da Guanabara a partir do olhar de Magalhães Correia" (21-23/05/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Organização de acervo documental;

Pesquisas em história oral e transcrição das entrevistas com os moradores;

Publicação do livro "Contos e Lendas da Maré", criado a partir da oficina de contadores de história com depoimentos dos moradores locais ao Grupo Maré de Histórias etc.

Referências Bibliográficas:

ARAGÃO, Helena. Ameaçado de despejo, Museu da Maré mobiliza comunidade. **Globo.com**, 21 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/ameacado-de-despejo-museu-da-mare-mobiliza-comunidade-14000424#ixzz4kv4gZLzK>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BENFEITORIA. **Somos CEASM**. Somos Maré. Disponível em: <https://benfeitoria.com/ceasm>. Acesso em: 3 fev. 2017.

CHAGAS, Mário de Souza. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Brasília, n.6, p.130-152, 2014. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.430-436, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Daqui do morro, eu não saio não. **Vozerio**, 18 nov. 2016. Disponível em: <http://vozerio.org.br/Daqui-do-morro-eu-nao-saio-nao>. Acesso em: 29 nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Cadastro Nacional de Museus**. Disponível em: <http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf?FiltroConsultaAvancadaForm%5BnoEntidade%5D=museu+da+mar%C3%A9&btnConsultar=Consultar+por+Nome&uf=>. Acesso em: 11 set. 2016.

_____. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, p.254, 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros/>. Acesso em: 18 set. 2013.

_____. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.189. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.226. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.227. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.99. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 227. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.234. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.290. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

CATÁLOGO Prêmio Cultura Viva 2006. Brasília: MinC, 2006. Disponível em: <http://www.premioculturaviva.org.br/download/1edicao/catalogo1ed.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.

CONHECENDO MUSEUS - Série I - Museu da Maré. **Youtube**, 4 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TVHrrtM9UDQ>. Acesso em: 31 jan. 2017.

MUSEU DA MARÉ. Disponível em: <http://museudamare.org.br/>. Acesso em: 3 fev. 2017.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudamare/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU da Maré é o primeiro museu criado e mantido por moradores. **Rede TVT**, São Paulo, 28 jan. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/redetvt/videos/1362141520522589/>. Acesso em: 3 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu da Maré. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9423/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SILVA, Claudia Rose Ribeiro da. **Minha escola é minha aldeia.** Entrevista concedida a Alberto Nasiasene. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u9gg_54zb6g. Acesso em: 31 jan. 2017.

VIEIRA, Antonio Carlos Pinto. Maré: casa e museu, lugar de memória. **MUSAS** - Revista Brasileira de Museus e Museologia, Brasília, n.6, p.153-161, 2014. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

Referência da Imagem: Entrada do espaço expositivo do Museu da Maré. Acervo Pessoal Suzy Santos (foto tirada em setembro de 2016).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

	Denominação: Ecomuseu Sítio do Físico
	Ficha: 66 Data de Criação: 2006 Endereço: Estrada do Sítio do Físico, s/n, Vila dos Frades, Coroadinho, CEP 65075-000, São Luís/MA. Tel.: (98) 8102-1205 / (98) 3227-2704 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Associação de Amigos do Ecomuseu Sítio do Físico, Universidade Ceuma (UNICEUMA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro Educacional e Profissional do Polo Coroadinho (CEPC), Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA), entre outros.	
Recursos:	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim (X) não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: nerymendonca@gmail.com , sitiodofisico@gmail.com Website ou blog: http://sitiodofisico.org/ Rede social: https://www.facebook.com/Ecomuseu-S%C3%ADtio-do-F%C3%ADsico-1633085370290702/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu a Céu Aberto	
Histórico:	
<p>O Sítio do Físico está localizado no Parque Estadual do Bacanga (criado em 1980), na Vila dos Frades, em Coroadinho (São Luís/MA). Compreende as ruínas de um complexo industrial (o Sítio Santo Antonio da Alegria) à margem direita do rio Bacanga, construída por Antônio José da Silva Pereira, Físico-Mor da Província do Maranhão no período de 1799 a 1817. A indústria trabalhava com o beneficiamento do couro, fabricação de cera e cal e com o cultivo de arroz, e com a morte do físico passou a fabricar fogos de artifício. O conjunto arquitetônico foi Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1981. Em 1997 a família proprietária inventariou o terreno e passou a vender parte dele. Parte dele foi adquirido pela família de Dona Nery Mendonça, que resolveu disponibilizá-lo para o público.</p>	
<p>O Ecomuseu Sítio do Físico foi criado em 2006 com os objetivos de:</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • “Aliar a pesquisa científica, o patrimônio, a paisagem, a memória e a cultura de um território em benefício da sociedade” (NERY in CUNHA, 2016); • Atuar na preservação patrimonial e no desenvolvimento social, contribuindo com a transformação da sociedade sob a ótica do desenvolvimento sustentável. 	
<p>O Ecomuseu integra a Rede Coroadado de Natal e a Rede de Educadores em Museus.</p>	
Referências Patrimoniais:	
<p>Complexo arquitetônico do sítio arqueológico: residência, curtume, fornos, conjunto de tanques, poços, armazéns, cais, laboratório, rampas, telheiros, canalizações;</p>	
<p>Artefatos encontrados durante as escavações realizadas etc.</p>	
Atividades desenvolvidas:	
<p>Exposições. Exemplos: Exposição “Xingó: 9000 Anos” (2007), Exposição Fotográfica “Ecomuseu Sítio do Físico: trajetória e ação” (13/05-02/06/2014, Saguão do Aeroporto Cunha Machado em São Luís), Exposição “LAB Lixo” (2015, Casa do Maranhão), Exposição nas escolas Comunitárias de Coroadinho (2015), Exposição itinerante do Ecomuseu Sítio do Físico (10/2015, U.E.B. Darcy Ribeiro), Exposição “Ecomuseu Sítio do Físico: Dez Anos” (2016, Museu Histórico e Artístico do Maranhão), entre outras;</p>	
<p>1ª Campanha de Escavação – Sambaqui (2006), Praça e Marco da Rotatória Físico Mor (2011), Projeto “Janelas para o Futuro” – parceria com a Faculdade de Arquitetura do UNICEUMA (2014), Oficina de marcador de leitura (10/2015), Oficina sobre Resíduo Sólido (31/10/2015, Centro de Ensino Médio Dorilene Silva Castro), Curso de formação de mediadores de leitura da Rede Leitora - realizada pelo curso de Letras da UEMA através de um projeto financiado pela Fapema e articulação do Ecomuseu Sítio do Físico (2016), Oficina de Pamônhas (02/2017), Oficina de reaproveitamento de Materiais (27/05/2017, Campus da UFMA, São Luís/MA);</p>	

Organização de Eventos: Coroado de Natal (2007), Seminário Águas Perenes, em prol da preservação das bacias dos rios Bacanga e Itapecuru – parceria com a Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão (2007),

Participação em Eventos: III Encontro Nordestin de Museus (2008, Tauá/CE), III Fórum Nacional de Museus (2008), I Fórum Territorial da Bacia do Bacanga (2014), III Fórum Territorial da Bacia do Bacanga (2015), III Encontro Nacional do Grafite (2015), XXXVI Congresso Brasileiro de Guias de Turismo em São Luís-MA - exposição e venda de artesanato de reaproveitamento de resíduos sólidos (26-27/05/2016); 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Oficina de papietagem usando como elementos decorativos os desenhos das cerâmicas do Sambaqui do Bacanga, Palestras “Sambaqui do Bacanga, ocupação do território e sóciomuseologia no âmbito do Ecomuseu Sítio do Físico” e “Arqueologia, Museus e Sociedade. Local: Centro Educacional e Profissional do Coroadinho”, Oficina de Confecção de Cartão Postal, Visita Mediada ao Sambaqui do Bacanga, Oficina de estêncil com desenhos do Sambaqui do Bacanga no Projeto Risque Rabisque (21-27/09/2015, atividades realizadas nas Escolas do Polo Coroadinho, no Centro de Ensino Médio Dorilene Silva Castro e na Associação dos Artesãos do Bom Jesus); 12ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exposição Fotográfica “Ecomuseu Sítio do Físico: trajetória e ação”, Palestras nas Escolas do Polo Coroadinho, Exposição ITINERANTE conjunta com os demais museus de São Luís (13-18/05/2014, diversos locais); Participação na 3ª Mostra de Museus, Exposição na na UEB Rubem Almeida, Coleta de material reciclável nas Organizações da Rede Coroado de Natal e entrega do material na Associação dos Catadores do Maranhão – ASCAMAR, Oficina de Marcador de Leitura, Visita Mediada às ruínas do Sítio do Físico, Palestra “A importância da água na sua vida”, Oficina de reaproveitamento de pneus, Oficina de reaproveitamento de vidros (18-24/05/2015, atividades realizadas no Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, Praia Grande, São Luís/MA, na UEB Rubem Almeida, no Museu Histórico e Artístico do Maranhão, Associação de Artesãos do Bom Jesus); Oficina de fotografia seguida de mostra fotográfica, Distribuição de lixeiras, folders e oficina sobre compostagem, Coleta de materiais não biodegradáveis, Palestra “Sítio do Físico e Guarimanduba: a história em comum” (16-21/05/2016, atividades realizadas no Centro de Ensino Médio Dorilene Silva Castro e no Guarimanduba), entre outros.

Ações de Preservação:

Escavações Arqueológicas e Pesquisas.

Referências Bibliográficas:

AVEREQUETE. Sítio do Físico. **Blogspot**, 13 out. 2010. Disponível em: <https://averequete.blogspot.com.br/2010/10/sitio-do-fisico.html>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CUNHA, Patrícia. Museu a céu aberto traz riqueza natural, histórica e arqueológica. **O Imparcial**, 28 jun. 2016. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/cidades/2016/06/museu-a-ceu-aberto-traz-riqueza-natural-historica-e-arqueologica/>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ECOMUSEU SÍTIO DO FÍSICO. **Facebook**: Fanpage. Disponível em <https://www.facebook.com/Ecomuseu-S%C3%ADtio-do-F%C3%ADsico-1633085370290702/?fref=ts>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. **Sítio do Físico: Pioneirismo Industrial ou uma Grande Conspiração?**. Folder. [2015?].

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.39. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.94. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.94-95. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.71. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Ecomuseu do Sítio do Físico. Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7728/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SOUSA, Laura Natasha Nery Mendonça de. Ecomuseu Sítio do Físico: Um Estudo sobre Nova Museologia em São Luís – MA. In: **60ª Reunião Anual da SBPC**. Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/60ra/resumos/resumos/R1483-1.html>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Referência da Imagem: Detalhes das ruínas do Sítio do Físico. Disponível em: <https://www.facebook.com/1633085370290702/photos/a.1633086413623931.1073741825.1633085370290702/1633086420290597/?type=3&theater>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 309 746 546" rowspan="2"> Ficha: 67 </td> <td data-bbox="746 309 1385 376"> Denominação: Ecomuseu da Amazônia </td> </tr> <tr> <td data-bbox="746 376 1385 546"> Data de Criação: 2006 - 08-10/06/2007 Endereço: Avenida Nossa Senhora da Conceição, s/n, São João do Outeiro, Ilha de Caratateua, CEP: 66840-450, Belém/PA. Tel.: (91) 3267-1444 / 98133-2760 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 67	Denominação: Ecomuseu da Amazônia	Data de Criação: 2006 - 08-10/06/2007 Endereço: Avenida Nossa Senhora da Conceição, s/n, São João do Outeiro, Ilha de Caratateua, CEP: 66840-450, Belém/PA. Tel.: (91) 3267-1444 / 98133-2760 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 67	Denominação: Ecomuseu da Amazônia			
	Data de Criação: 2006 - 08-10/06/2007 Endereço: Avenida Nossa Senhora da Conceição, s/n, São João do Outeiro, Ilha de Caratateua, CEP: 66840-450, Belém/PA. Tel.: (91) 3267-1444 / 98133-2760 Situação atual: em funcionamento.			
Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Belém - Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) – integrado ao Centro de Referência em Educação Ambiental / Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (FUNBOSQUE).				
Parceiros(as)/apoio: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Sociedade de Artesãos e Amigos de Icoaraci (SOAMI), Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), Sociedade São Vicente de Paulo (Paracuri, Icoaraci), Universidade Federal do Pará (UFPA), Hugues de Varine Bohan (consultor), entre outros.				
Recursos: Prêmio Modernização de Museus – Microprojetos 2012 (IBRAM); SEMEC				
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:				
Ingresso: gratuito				
Obs.:				
Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 17h.				
É necessário agendar a visita? () sim (X) não				
Estrutura física do Museu: A área de atuação do Ecomuseu é composta por 13 comunidades localizadas em 4 microrregiões distintas: Distrito de Icoaraci; Ilha de Caratateua; Ilha de Cotijuba; Ilha de Mosqueiro.				
Sua casa-sede, Ilha de Caratateua, é o local onde ocorrem as reuniões comunitárias, exposição permanente e onde funciona o escritório da equipe.				
E-mail institucional: ecomuseuamazonia@gmail.com Webside ou blog: http://ecomuseuamazonia.blogspot.com , ecomuseuamazonia@yahoo.com.br Rede social: https://pt-br.facebook.com/ecomuseuamazonia	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu (CNM), Museu de caráter comunitário (CNM)				
Histórico: <p>O Ecomuseu da Amazônia está localizado na cidade de Belém (PA) e abrange 13 comunidades rurais, periurbanas e ribeirinhas “relativamente marginalizadas ou isoladas” (MARTINS, VARINE, 2012, p.49), localizadas em 4 microrregiões distintas: Distrito de Icoaraci (Bairros Paracuri e Cruzeiro/Orla); Ilha de Caratateua (Bairros Tucumaeira, Fama, São João de Outeiro, Curupeté e Nova República); Ilha de Cotijuba (comunidades do Poção e Faveira); Ilha de Mosqueiro (comunidades de Caruaru, Castanhal do Mari-Mari e Assentamentos Paulo FonTel.es e Mari Mari). Já atuou nas comunidades do Seringal, Piri (Ilha de Cotijuba) e Vila (Ilha de Mosqueiro). Também já atuou nas comunidades do Seringal, Piri (Ilha de Cotijuba) e Vila (Ilha de Mosqueiro). Em cada microrregião a integração do homem ao seu meio ambiente ocorreu de forma específica, de forma que elas tem características e necessidades próprias (MARTINS, 2012).</p> <p>O Ecomuseu, criado em 2007, sob o âmbito da Secretaria Municipal de Educação – SEMEC, está vinculado a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, foi idealizado pela professora da Universidade de Brasília (UnB) Laís Fontoura Aderne com o objetivo de dar continuidade ao projeto que chamou de “Neo-Liceu de Artes e Ofícios” (Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso), que visava “retomar o papel impulsionador do eco-desenvolvimento” (GUEIROS, 2012, p.4). Surgiu em decorrência da crise ambiental planetária e da necessidade de motivar a implementação de políticas de desenvolvimento que respeitem e preservem as características de cada uma de suas regiões, assim como a integração do homem ao seu meio ambiente (MARTINS, 2012). Teve como inspiração o “Subsistema de Educação para o Desenvolvimento Sustentável” (1995/6).</p> <p>O Ecomuseu é coordenado desde sua criação pela professora Maria Terezinha Resende Martins. Apresenta-se como um “museu território” (de territórios plurais) e um museu aberto, “que privilegia a formação profissional e a atividade econômica” (MARTINS, 2012, p.125). A metodologia utilizada está baseada nos princípios da museologia social, planejamento e gestão biorregional, sustentabilidade e museu como agente de desenvolvimento, respeitando os interesses e aspirações das comunidades (urbanas, rurais e ribeirinhas), a partir de prioridades estabelecidas por elas com o apoio técnico do Ecomuseu. Apresenta-se como um museu aberto que vivencia o dia a dia das comunidades, e tem como principais objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar as populações locais (participação popular) para que: <ul style="list-style-type: none"> - percebam e valorizem os aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais de cada região; - conheçam, valorizem e se apropriem de forma sustentável do patrimônio coletivo local; - repensem os problemas locais, principalmente os ambientais; • Valorizar as populações histórias e patrimônios locais – seus saberes, fazeres, cultura e meio ambiente; 				

- Capacitar atores sociais através de seu patrimônio, visando o desenvolvimento local;
- Promover autonomia, empoderamento e sentimento de pertencimento nas populações, ativando e construindo a memória coletiva local;
- Fortalecer as atividades regionais, ações de base comunitária e apoiar as organizações sociais locais;
- Promover a autonomia socioeconômica e do desenvolvimento local através do patrimônio;
- Implementar políticas de desenvolvimento que respeitem e preservem as características das regiões e que integrem homem e meio ambiente.
- Contribuir com a melhoria de vida dos indivíduos das comunidades.

Referências Patrimoniais:

Patrimônios Cultural e Natural, Material e Imaterial da região: artesanatos, gastronomia, músicas, danças, histórias, memórias, saberes e fazeres; Materiais produzidos nas oficinas do Programa “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local” (acervo pedagógico). O Ecomuseu considera os habitantes (com seus saberes e sua cultura) e o patrimônio locais como os principais recursos desses territórios.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de artesanato das comunidades – o acervo da comunidade (s/d); Exposição “Estivas” (curadoria de Mario Chagas, Espaço Raízes do Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009); Exposição de fotos de Laís Aderne (09/2011); Exposição “Mulheres da Terra” - Fotos de mulheres das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia (09/2011); Exposição - “Achados do Patrimônio” (05/2012); Exposição “TALHAMAR” - Grafismo em Canoas (05/2013), Exposição “Tudo é farinha do mesmo saco” - Curador: Vinicius Pacheco (05/2014); EXPOSIÇÃO - Guardiões da Memória. Registros fotográficos de comunitários pertencentes à área de atuação do Ecomuseu da Amazônia (09/2015), entre outras;

Programa de Capacitação “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local” (desde 2010), organizado em 4 eixos temáticos: cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania. Sua aplicação segue 3 etapas: identificação, registro, valorização e resgate (interpretação e comunicação). As atividades do programa envolvem informação teórica (oficinas e minicursos nos territórios de atuação), trabalho prático (projetos diversos associados à vida cotidiana das populações) e o que chamam de saber-estar (estímulo ao convívio social).

Palestras, oficinas de produção, pesquisas na área do patrimônio, memória social, formação de organizações sociais, geração de renda, exposições etc. Exemplos: Palestra “Turismo de base comunitária e desenvolvimento local” (2009); Capacitação de Recursos Humanos (2009/2010); Diagnóstico Rápido Participativo (DRP); Inventário Participativo; Oficinas de artesanato em cerâmica, dança, culinária (agregando valores regionais como geração de trabalho e renda), culturas alimentares, beneficiamento de sementes, horta, plantas medicinais, frutíferas, viveiro de mudas florestais, aquicultura sustentável – peixe e camarão, educação ambiental; Aulas de musicalização aplicada ao Carimbó, sobre cultura para a valorização da identidade local; Terapia de grupo com o Portal da Melhor Idade; Elaboração de calendário de frutas, de roteiros patrimoniais para visitação; Cursos de inglês instrumental, libras, estruturação e sinalização de trilhas para o fomento do turismo ecológico; Capacitação para a recepção de turistas e viabilização do escoamento da produção; Workshops e Palestras para as comunidades abordando temas ligados à cidadania; Encontro entre as comunidades para troca de experiências; Apoio à formação de organizações sociais, Participação em Conselhos Municipais de: Turismo, Meio Ambiente, Parque Ecológico de Belém, Conselho Consultivo da Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, Fórum Sustentável das Ilhas etc.); Cine vídeo comunitário; Exposições para escoamento das produções artesanais e gastronômicas das comunidades;

Organização de Eventos: IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (12-16/06/2012), entre outros;

Participação em Eventos: III Jornada de Formação em Museologia Comunitária (04-06/08/2014, São José dos Campos/SP), VI Fórum Nacional de Museus (24-28/11/2014, Belém/PA); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária (24-26/11/2016, Maranguape/CE); 5ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Performance Teatral e Feira de Trocas em homenagem a mestra em arte e sociedade Laís Fontoura Aderne, Exposição “Mulheres da Terra”, criação de mural com desenhos de alunos da escola retratando mulheres da comunidade, Seminário “Laís Aderne na Arte e na Sociedade”, Exposição de fotos de Laís Aderne, Conferência “Museus, Museologia e Mulheres: Contribuições Museológicas de Laís Fontoura Aderne”, Roda de conversas sobre mulheres das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia na cultura, na arte, no meio ambiente e na educação e Condecorações, “Pôr do Sol Cultural”, apresentação das expressões artísticas locais, Inauguração da placa de identificação da Feira do Paracuri em homenagem a Laís Aderne e fundadores (20-23/09/2011, atividades realizadas no Ecomuseu da Amazônia, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Laís Fontoura Aderne, UFPA, Feira de Artesanato do Paracuri - Orla do Distrito de Icoaraci); Visita Guiada a museus da cidade de Belém com o grupo “Portal da Melhor Idade” da Ilha de Caratateua, Ação Educativa sobre planejamento familiar e saúde infantil para famílias ribeirinhas, Oficina de Empreendedorismo, Apresentações artísticas de poesia, dança, performance e música, Palestra sobre Empreendedorismo (25-28/09/2012, atividades realizadas no Centro Histórico de Belém do Pará, Ilha de Cotijuba, Ilha de Mosqueiro, Distrito de Icoaraci, Feira de Artesanato do Paracuri); Lançamento do Turismo de Base Comunitária – apresentação dos roteiros, Visita Guiada às Trilhas (23-25/09/2013); Ações Educativas (23-26/09/2014); Exposições, Exibição de Filmes com a temática relacionada aos saberes e fazeres tradicionais herdados da cultura indígena amazônica, Oficina “Produção de farinha d’água”, Visita Guiada à ilha de Cotijuba (24-26/09/2015); 9ª e 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Rodas de Conversas com a temática “Nossa Produção Cultural” (16-21/05/2011, atividades realizadas nas Ilhas de Caratateua, Mosqueiro, Cotijuba e Distrito de Icoaraci); Exposições, Ação Educativa “Guardiões do Patrimônio”- leitura da memória da comunidade, Sarau “Pôr-do-Sol Cultural - Minha Música, Meu Patrimônio” (14-18/05/2012, atividades realizadas nas Ilhas de Caratateua, Mosqueiro, Cotijuba e Distrito de Icoaraci, na Feira de Artesanato do Paracuri); Exposições, Lançamento do Manual de Canoas, Palestra sobre a Pesquisa “Levantamento Etnográfico de Produção de Canoas” e Apresentação de Entrevistas dos comunitários, Entrega de mudas das espécies florestais utilizadas para a fabricação das canoas e Curso “Capacitação em Grafismo: Qualificação Estética de canoas” às Comunidade do Poção, do Caruaru (14-16/05/2013); Exposições, Exibição do Vídeo “Produção de farinha de mandioca”, Oficinas “Produção de farinha d’água”, “Produção de tapioca” e “Produção de derivados da farinha” (13-16/05/2014), Exposições, Mesa Redonda

"Cultura Ausente: Possibilidades de divulgação e consumo de sua produção" e Sarau, com produções musicais, dramatizações, danças regionais e recital de poesias (20-22/05/2015); Exposições (19-21/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

- Pesquisa e registro do patrimônio material e imaterial;
- Pesquisa e estudo etnográfico com a população ribeirinha;
- Pesquisas e Registros Gráfico de estruturas das embarcações;
- Construção de biomapas com a comunidade;
- Incentivo ao resgate da cultura de quintais;
- Registro das atividades desenvolvidas por meio de depoimentos, relatos de experiências, levantamentos estatísticos e pesquisas, que também são utilizados para avaliação contínua.

Referências Bibliográficas:

DESAFIANDO A NOMENKLATURA CIENTÍFICA. Conceito de "ecomuseu" no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Blogspot**, 5 nov. 2009. Disponível em: <http://pos-darwinista.blogspot.com.br/2009/11/conceito-de-ecomuseu-no-museu-paraense.html>. Acesso em: 9 nov. 2016.

ECOMUSEU DA AMAZÔNIA. **Facebook:** *Fanpage*. Disponível em <https://www.facebook.com/ecomuseuamazonia?fref=ts>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. Folder. 2015.

ECOMUSEU da Amazônia lança programação para Semana de Museus. **ORM News**, 20 mai. 2016. Disponível em: <http://www.ormnews.com.br/noticia/ecomuseu-da-amazonia-lanca-programacao-para-semana-de-museus>. Acesso em: 8 nov. 2016.

FEIRA DO PARACURI. **Blogspot**. Disponível em: <http://feiradoparacuri.blogspot.com.br/>. Acesso em: 9 nov. 2016.

FUNBOSQUE. **Ecomuseu**. Disponível em: <http://www.funbosque.com.br/eco-museu>. Acesso em: 9 nov. 2016.

FUNDAÇÃO TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária**. Programação. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

GUEIROS, Therezinha Moraes. Apresentação. In: IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários. 2012, Belém. **Atas do IV EIMC**. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012, p.3-6.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Cadastro Nacional de Museus**. Disponível em: <http://sistemas.museus.gov.br/cnm/pesquisa/filtrarUf?FiltroConsultaAvancadaForm%5BnoEntidade%5D=amaz%C3%B4nia&btnConsultar=Consultar+por+Nome&uf=>. Acesso: 10 out. 2013.

_____. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, p.41, 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_norte.pdf. Acesso: 18 set. 2013.

_____. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.115-116. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.121-122. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.123. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.54. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.62-63. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 256-130. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.140. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social**. Brasília: IBRAM, 2013, p.139. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.154. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.164. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.124. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

III JORNADA de Formação em Museologia Comunitária prossegue nesta terça-feira (5). **CECP – Centro de Estudos de Cultura Popular**, 5 ago. 2014. Disponível em: <http://cecpdesaojose.blogspot.com.br/2014/08/iii-jornada-de-formacao-em-museologia.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

JUNIOR, Roberto de Mendonça França. Ações do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Cotijuba/PA: possibilidades de interpretação do patrimônio natural e cultural local. In: IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários. 2012,

Belém. **Atas do IV EIEMC**. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012, p. 219-228.

MARTINS, Maria Terezinha Resende. Ecomuseu da Amazônia: a prática da partilha do patrimônio. In: IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários. 2012, Belém. **Atas do IV EIEMC**. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012, p.119-127.

_____. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA. In: **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó. Ano 27, n.41, p.315-328, dez. 2014.

_____. **Metodologias alternativas exitosas e a busca do desenvolvimento humano sustentável**. 2008. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/pdf/1.pdf>. Acesso: 9 nov. 2016.

MARTINS, Maria Terezinha Resende; VARINE, Hugues de. A capacitação: Práticas e Tentativas de Teorização. In: IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários. 2012, Belém. **Atas do IV EIEMC**. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012, p.46-50.

MORAES, Lecinda Maria das Chagas. Cultura Popular: Memórias do Paracuri. In: IV Encontro de Ecomuseus e Museus Comunitários. 2012, Belém. **Atas do IV EIEMC**. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012, p. 277-279.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Amazônia. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9321/#tab=sobre>. Acesso: 14 fev. 2017.

OLIVEIRA, Edinete Pinheiro de. **Concepção e implantação do Ecomuseu da Amazônia**: o estudo de suas possibilidades a partir do Distrito de Icoaraci (Paracuri e Orla). 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano). Belém: Universidade da Amazônia - Unama, 2009.

Referência da Imagem: Casa-sede do Ecomuseu. Disponível em: <http://ecomuseuamazonia.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-03-01T00:17:00-03:00&max-results=10&start=6&by-date=false>. Acesso em: 08 nov. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 68	Denominação: Casa da Memória de Porteiras
	Data de Criação: 2007 Endereço: Rua Luís Granjeiro 73, Centro, CEP 63270-000, Porteiras/CE Tel.: (88) 8107-3055 / 8106-5098 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Retratores da Memória de Porteiras	
Parceiros(as)/apoio: Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), Prefeitura Municipal de Porteiras, Serviço Social do Comércio Juazeiro do Norte (SESC), PROEX-URCA, Núcleo de Pesquisa e Extensão em História, Tradição Oral e Artes (NHISTAL/URCA), entre outros.	
Recursos: Edital Programa Petrobras Cultural 2009?, Ponto de Memória 2014 (Projeto “Museu Comunitário Casa da Memória de Porteiras”)...	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 5ª, das 8 às 11 e das 14 às 16 horas (exceto 4ª feira, que atende das 18 às 20 horas)	
É necessário agendar a visita? () sim (X) não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: a.remop@yahoo.com , remop.p@bol.com.br Websíte ou blog: retratores.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/remopcme/	Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória
<p>Histórico:</p> <p>Em 2004, alguns jovens resolveram criar uma instituição sem fins lucrativos denominada Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), com o objetivo de identificar, registrar, valorizar e preservar a memória e os bens culturais do lugar onde residiam, buscando sensibilizar os moradores do município de Porteiras para a valorização dos bens culturais significativos que constituíam elementos de pertença e identidade social. A partir de então, transformaram-se em um movimento social em defesa da memória, desenvolvendo iniciativas e projetos sociais e incentivando-os moradores locais para uma gestão comunitária da memória.</p> <p>A ideia de construir um museu comunitário, pensado espaço permanente de reflexão sobre o patrimônio, as memórias representativas dos diferentes grupos e indivíduos que compõem a sociedade local e a história local, surgiu em 2007, após mobilização popular desencadeada com a realização da 3ª edição de um evento local denominado ESPACULT (Espaço Aberto à Cultura). A Campanha Casa da Memória de Porteiras foi impulsionada pelo REMOP e recebeu apoio do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC) e da Prefeitura Municipal de Porteiras. A população entusiasmou-se com o projeto, e contribuiu com doações e empréstimo de objetos que refletiam experiências vividas e objetos “antigos”, produzidos em outras temporalidades. Na Casa da Memória, os objetos passaram a ser utilizados como documentos para o ensino da história.</p> <p>As atividades desenvolvidas pelos jovens do REMOP, que junto ao museu abriga um arquivo e uma biblioteca, desencadearam um processo de reconhecimento, por parte dos porteirenses, das suas referências culturais, elevando sua autoestima e despertando um sentimento de pertença às múltiplas memórias e identidades culturais.</p>
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O acervo da Casa da Memória de Porteiras é formado por objetos (baús, ferro de engomar, oratório etc.), fotografias, histórias, vivências etc. Além das doações realizadas pelos moradores locais, foi construído por meio de pesquisas históricas, mapeamento e registros fotográficos dos lugares da memória e dos eventos ocorridos na localidade. Conta também com entrevistas realizadas com a população idosa, documentos históricos, livros, cordéis etc.</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p><u>Exposições.</u> Exemplos: Exposição “Memórias da Afro-descendência” (05/2011), Exposições: “Porteiras: Memórias Entrelaçadas” (05/2011), Exposição “Natureza (Des)encantada” (05/2012); Exposição “Sexualidade: Papéis e Amores” – problematiza a construção dos papéis e imagens socialmente atribuídos aos homens e mulheres (05/2013), Exposição Temporária “Coisas de velhos?” (05/2015), Exposição Temporária “Coisas de jovens?” (05/2016), entre outras;</p> <p>Oficina “Memória e Patrimônio Cultural” – promovida pelo IMOPEC (11-12/05/2009);</p>

Participação em Eventos: 9ª a 11ª, 13ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exposições, Visitas Guiadas, IV Espacult – Espaço Aberto à Cultura, Memória e Afro-descendência, Lançamento da- Cartilha: “Caminhos: Mapeamento das Comunidades Negras e Quilombolas do Cariri cearense” - Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC)/ Cáritas Diocesana de Crato-CE, Oficinas de Brinquedos e Brincadeiras Infantis, “Turismo Cultural e Desenvolvimento Regional”, “Literatura, Cinema e Televisão: Construtores de significados e comportamentos”, “Museu, Memória e Ensino de História”, “O Negro na Literatura Brasileira” (20-21/05/2011, atividades realizadas na Casa de Memórias e em espaços culturais da cidade); Exposições, Visitas Guiadas, V Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (Espacult): memória e natureza, Espetáculo Teatral “Projeto Arte Retirante” - do Centro Cultural Banco do Nordeste – Cariri, Seminário “Memória e natureza”, Trilha Interpretativa à Pedra Branca (18-19/05/2012, atividades realizadas na Casa de Memórias, no Pólo de Atendimento da Secretaria de Ação Social, na Praça da Liberdade e na Pedra Branca - Sítio Jatobá); Exposições, Cortejo de tradição cultural – em parceria com o SESC, VI Seminário ESPACULT: Espaço Aberto à Cultura - tema “Memória e Sexualidade”, Espetáculo Teatral de rua, abordando o tema “sexualidade” - apoio SESC, show musical (16-17/05/2013, atividades realizadas na Casa de Memórias, nas ruas da cidade, na E.E.F.M Aristarco Cardoso e no Anfiteatro da Praça da Liberdade); Exposições, Visitas Guiadas, Gincana Cultural: Memória e História local, VIII Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT): Memória e Velhice - Conferência “Velhice, sentimento e memória social”, Oficinas de Brincadeiras infantis, Arte na terceira idade, Teatro de rua, Gênero, violência e direitos humanos, Show Musical (22-23/05/2014, atividades realizadas na Casa de Memórias, na E.E.F. Franklin Pinheiro e na Praça da Liberdade), Exposições, Visitas Guiadas, IX Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura: Memória e Juventude, Contação de histórias, Entrega da comenda Retratores da Memória 2016, Show Musical (20/05/2016, atividades realizadas na Casa de Memórias, em escolas locais e na Praça do Sol Nascente), entre outros.

Ações de Preservação:

Identificação, pesquisa e exposição do acervo em salas temáticas;

Informatização dos acervos (Programa Petrobras Cultural) etc.

Referências Bibliográficas:

CASA DA MEMÓRIA DE PORTEIRAS. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/remopcmepl/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-77-78. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.72. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.77-78. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.84-85. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.65. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Casa da Memória de Porteiros. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7442/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

REMOP. **Blogspot.** Disponível em: <http://remoporteiras.blogspot.com.br/2011/08/criacao-da-casa-da-memoria-de-porteiras.html>. Acesso em: 12 mar. 2017.

RETRATORES DA MEMÓRIA DE PORTEIRAS. **Blogspot.** Disponível em: <http://www.retratores.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Necessidades de História: os usos da Memória na Construção da Cidadania Cultural. **Políticas Culturais em Revista**, 1(6), p. 54-70, 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/viewFile/8257/6068>. Acesso em: 12 mar. 2017.

RIQUEZAS DO CEARÁ. Casa da Memória de Porteiros. **CNEWS** – O Portal de Notícias da Cidade, 10 nov. 2013. Disponível em: http://cnews.com.br/video/4150/casa_da_memoria_de_porteiras. Acesso em: 5 jun. 2014.

Referência da Imagem: Inauguração da Casa da Memória. Disponível em: <http://remoporteiras.blogspot.com.br/2011/08/criacao-da-casa-da-memoria-de-porteiras.html>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 544" rowspan="2"> Ficha: 69 </td> <td data-bbox="754 315 1385 383"> Denominação: Ecomuseu de Manguinhos </td> </tr> <tr> <td data-bbox="754 394 1385 544"> Data de Criação: 2007 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 69	Denominação: Ecomuseu de Manguinhos	Data de Criação: 2007 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 69	Denominação: Ecomuseu de Manguinhos			
	Data de Criação: 2007 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento.			
<p>Entidade(s) Gestora(s): Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, Democrático, Integrado e Sustentável (REDECCAP)</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Coordenadoria de Cooperação Social da Presidência/FIOCRUZ, Coordenação de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIESV), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Museu da Vida/Fiocruz, Projeto CAIS (ICICT/FIOCRUZ), Coletivo de Integração Artística de Benfica (CIAB), entre outros.</p> <p>Recursos: Programa Cultura Viva - Minc</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Rede Manguinhos Tem Cultura</p> <p>Ingresso: _____</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento: _____</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: _____</p>				
<p>E-mail institucional: _____</p> <p>Website ou blog: http://redeccap.org.br/?page_id=49</p> <p>Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseu.demanguinhos</p>	<p align="center">Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Comunitário</p>				
<p>Histórico:</p> <p>O Ecomuseu de Manguinhos, localizado na favela de Manguinhos, no Rio de Janeiro (RJ), foi criado no âmbito do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) Manguinhos, a partir das discussões de moradores de Manguinhos e Jacaré sobre a identidade local.</p> <p>O Ecomuseu define-se como um coletivo de mobilização do território, um aparelho cultural, um museu sem muros, onde as atividades acontecem de modo itinerante, que como objetivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconstruir uma narrativa histórica do Complexo de Manguinhos sob a perspectiva dos moradores; • Ressignificar o universo simbólico que deriva da expressão “Complexo de Manguinhos” - “Imprimir novos signos num meio estigmatizado, novas referências sobre essa população local, desconstruir estigmas que legitimam o status quo; ocupar simbolicamente um espaço aparentemente esvaziado de cidadania” (MELO, 2012). • Promover atividades de emergência da identidade e memória local - ações voltadas para os campos da cultura, história e comunicação; • Constituir-se espaço de criação acessível e construído por muitos, de forma participativa. <p>Atualmente o Ecomuseu é também um Ponto de Cultura e faz parte da Rede de Empreendimentos Sociais - RedeCCAP (OSIP presente em Manguinhos desde 1986) e conta com a parceria da Coordenadoria de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz.</p> <p>A Rede Manguinhos Tem Cultura foi formada a partir da I Mostra Cultural de Manguinhos (07/2013), organizada pelo Ecomuseu de Manguinhos, o Projeto CAIS e o CIAB.</p>				
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Patrimônio imaterial do Complexo de Manguinhos - lendas, memórias, histórias, arte e cultura.</p>				
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>Exposições. Exemplo: Exposição Itinerante “Território em Transe” – sobre a história social da cultura de Manguinhos, buscando reforçar a identidade local (em parceria com o Museu da Vida/Fiocruz);</p> <p>Atividades culturais: Rádio Web Manguinhos Livre (notícias locais), Bando Editorial Favelofágico (produção literária crítica), Curso de audiovisual em Manguinhos, Exibição de documentários nas ruas da comunidade;</p> <p>Organização de Eventos: I Mostra Cultural de Manguinhos – em parceria com o Projeto CAIS (ICICT/FIOCRUZ) e o Coletivo de Integração Artística de Benfica - CIAB (07/2013), Agenda Cultural Mandela Vive (2015), entre outros.</p>				

Ações de Preservação:				
Identificação dos atores artísticos-culturais do território (desde 2011);				
Produção de 10 documentários sobre as lendas de Manguinhos				
Referências Bibliográficas:				
ECOMUSEU DE MANGUINHOS.	Facebook:	Fanpage.	Disponível em:	
https://www.facebook.com/ecomuseu.demanguinhos . Acesso em: 13 mar. 2017. Acesso em: 14 mar. 2017.				
MANGUINHOS TEM CULTURA. A Mostra Cultural de Manguinhos.	Disponível em:			
https://manguinhoscultural.wordpress.com/mostra-cultural-de-manguinhos/ . Acesso em: 14 mar. 2017.				
MELO, Renata. Manguinhos e o Ecomuseu. Blogspot, 18 jul. 2012.	Disponível em:			
http://museu2009.blogspot.com.br/2012/07/manguinhos-e-o-ecomuseu.html . Acesso em: 14 mar. 2017.				
REDECCAP. Ecomuseu de Manguinhos.	Disponível em:	http://redeccap.org.br/?page_id=49 .	Acesso em:	14 mar. 2017.
Referência da Imagem: Detalhe da Exposição “Manguinhos: Território em Transe”. Disponível em:				
https://www.facebook.com/photo.php?fbid=164798217018348&set=a.164797463685090.1073741830.100004645123905&type=3&theater . Acesso em: 14 mar. 2017.				
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).				

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
70

Denominação: Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes

Data de Criação: 2007
Endereço: Rua Mina da Prata s/n, Garcia/Zona Rural, CEP 89011-000, Blumenau/SC.
Tel.: (47) 3322-3099
Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Associação Amigos do EDAF (Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes)

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 6ª feira a domingo

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está sediado na casa de campo do Dr. Agobar Fagundes.

E-mail institucional: ecomuseu.agobarfagundes@gmail.com, litterae@terra.com.br, diretoria.edaf@gmail.com

Website ou blog: <https://www.ecomuseuagobarfagundes.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseudragobarfagundes/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

O Dr. Agobar Fagundes (1943-2001) foi um médico que desde 1987 participou ativamente dos movimentos de conservação e preservação na região rural da Nova Rússia (Blumenau/SC). Após seu falecimento, a família decide criar o Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes em sua residência de campo na região da Mina da Prata, a fim de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por ele.

O Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, criado em 2007, tem como objetivos:

- Promover o conhecimento, a reflexão e a preservação dos patrimônios material, imaterial e natural da região, numa perspectiva que privilegie a cultura local, a memória e a interação do homem com estes patrimônios;
- Promover e executar serviços, ações e projetos que contribuam com o resgate, conservação, preservação e difusão da cultura, comunicação, meio ambiente, educação ambiental, memória social e turismo rural;
- Acolher, preservar e promover a fauna, a flora e os saberes e dizeres da comunidade local e regional, utilizando seu território como ferramenta de Educação Ambiental e pesquisas sobre os setores social, econômico, ambiental e cultural da região;
- Constituir-se como lugar de permanente diálogo e estimulador de estudos e projetos de pesquisa voltados para a preservação de valores culturais, práticas e símbolos de identidade social da comunidade local;
- Proporcionar à comunidade participação nas atividades do Ecomuseu, mediante atuação em seus Conselhos.

O Ecomuseu possui em suas dependências um auditório para a realização de atividades e uma biblioteca Infante-Juvenil.

Referências Patrimoniais:

Patrimônios material, imaterial e natural da região da Mina da Prata;

O acervo físico do ecomuseu é constituído de instrumentos e objetos e utensílios utilizados pelo homem do campo.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Permanentes e Temporárias. Exemplo: Exposição de Arte Naif - retratando o trabalho dos homens e mulheres no campo, com a participação de artistas catarinenses e de outros estados brasileiros (18/05-18/06/2013);

Visitas Guiadas ao acervo do Ecomuseu;

Passeio guiado por Trilhas Ecológicas Interpretativas, Caminhadas Ecológicas;

Saraus Literários, Plantio de mudas nativas, Jogos e brincadeiras tradicionais, Narração de histórias, Oficinas de arte, Venda de produtos coloniais, *Birdwatching* etc.;

Acampamento dos Escoteiros "Lobinhos" (17/09/2016); Acampamento da Tropa II do G.E. Cruzeiro do Sul (13/11/2016);

Participação em Eventos: 9ª a 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com a Palestra "Alguns Aspectos da História e Memória da Região Rural, Nova Rússia" e Abertura da Biblioteca Infanto-Juvenil do Ecomuseu (21-22/05/2011); Palestra "Educação Museal nos Museus sem Paredes" (15/05/2012); Exposição de Arte Naif (18/05-18/06/2013); 2º Seminário Interdisciplinar em Museologia – SIM (18-19/08/2016, *Museu Hering*), entre outros.

Ações de Preservação:

Programa de Educação Cultural e Ambiental;

Projetos de Pesquisa:

- Turismo de Experiência e a Interpretação em Museu;
- Conceito de "Bem Viver" e Ecomuseologia: Entre o desenvolvimento e a Descolonialidade do poder;
- As múltiplas faces do saber fazer rural, em territórios musealizados: Uma experiência de "Bem Viver";
- Projeto Levantamento da Flora no território do EDAF;
- Projeto Levantamento da Mastofauna no território.

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU DR. AGOBAR FAGUNDES. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudragobarfagundes/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ECOMUSEU DR. AGOBAR FAGUNDES – EDAF. Disponível em: <https://www.ecomuseuagobarfagundes.com.br/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 357. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.366. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.415. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Doutor Agobar Fagundes. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7201/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Ecomuseu. Disponível em: <https://www.ecomuseuagobarfagundes.com.br/o-ecomuseu?lightbox=dataitem-irmv00xd>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 568" rowspan="2"> Ficha: 71 </td> <td data-bbox="746 315 1385 383"> Denominação: Ponto de Cultura e Memória Ibaô </td> </tr> <tr> <td data-bbox="746 383 1385 568"> Data de Criação: 2007 Endereço: Rua Ema, 170, Vila Padre Manoel de Nóbrega, Campinas/SP. Tel.: (19) 3342-5911 / 3342-5912 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 71	Denominação: Ponto de Cultura e Memória Ibaô	Data de Criação: 2007 Endereço: Rua Ema, 170, Vila Padre Manoel de Nóbrega, Campinas/SP. Tel.: (19) 3342-5911 / 3342-5912 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 71	Denominação: Ponto de Cultura e Memória Ibaô			
	Data de Criação: 2007 Endereço: Rua Ema, 170, Vila Padre Manoel de Nóbrega, Campinas/SP. Tel.: (19) 3342-5911 / 3342-5912 Situação atual: em funcionamento.			
Entidade(s) Gestora(s): Instituto Baobá de Cultura e Arte (IBAÔ) Parceiros(as)/apoio: Mestres e Mestras da Cultura Popular, Zeladoras e Zeladores de Axé, grupos, educadores, amigos e familiares, Museu da PUCC, Museu Afro Brasil, Instituto Ideia Coletiva, Secretaria de Cultura de Campinas Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Museu Ibaô”), Programa Mais Cultura - MinC Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:				
E-mail Institucional: pculturaibao@gmail.com Webside ou Blog: https://institutobaoba.wordpress.com/ Rede Social: https://www.facebook.com/ibaoba/	Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória				
Histórico: <p>O Instituto Baobá de Cultura e Arte (Ibaô) é um coletivo que vivencia a memória e a preservação da Capoeira e do Patrimônio Cultural de Matriz Africana na cidade de Campinas (SP). Esse histórico teve início em 1982, a partir dos ensinamentos do Mestre Tedi Wilson de Souza, ou Mestre Tedi, como era conhecido, há mais de 30 anos.</p> <p>Fundado em 2007, o Ibaô tem seus alicerces na prática da Capoeira e de seus fundamentos, em diálogo com diferentes formas de (re)construção e (re)significação das referências culturais afrobrasileiras na comunidade. Apresenta entre seus objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer, dar continuidade e disseminar as raízes culturais de matriz Africana, desenvolvendo iniciativas de salvaguarda e memória dos ofícios, costumes, tradições e saberes da cultura de matriz africana, em especial, a preservação da memória de Mestre Tedi. • Desenvolver práticas educativas e artísticas que contribuam com a formação da cidadania, das relações étnicas e da identidade cultural brasileira na sociedade contemporânea; • Criar, unir e multiplicar as ações em rede, por meio de parcerias com outras comunidades, grupos e instituições que compartilham da diversidade cultural, colaborando com o desenvolvimento pessoal e coletivo; • Realizar pesquisas contínuas, documentação e difusão de acervo das culturas de matriz Africana. <p>Em 2012 o Ibaô, que é Ponto de Cultura, também foi reconhecido “Ponto de Memória” pelo IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Atualmente apresenta-se como Ponto de Cultura e Memória Ibaô.</p>				
Referências Patrimoniais: Saberes, conhecimentos e tradições culturais de matriz Africana; Mestres e Mestras da Cultura Popular, Zeladoras e Zeladores de Axé etc.				
Atividades Desenvolvidas: <p>O Ibaô oferece ao público atividades que interagem múltiplas linguagens, formas e expressões: oficinas culturais e de formação (Fotografia); rodas de Capoeira e de danças tradicionais (Afoxé, Maculelê, Samba de Roda, Puxada de Rede do Xaréu); grupos de leitura e estudos; encontros (Sarau Ibaô), palestras, workshops e seminários (Canjerê); produção artística e ensaios; visitas monitoradas; produção audiovisual e cultura digital (CineCultura - projeto de difusão audiovisual desenvolvido desde 2008); exposição, conservação e manutenção de acervo;</p> <p>Algumas Exposições: Exposição “Ressignificações da cultura afro-brasileira” - Coleção de Memórias - Acervo do Ponto de Cultura Ibaô (05-30/05/2012, Museu Universitário da PUC Campinas); Exposição “Ponto de Memória Museu Comunitário Ibaô - Projeto: Memória social da capoeira e culturas de matriz africana” (05/2013); Exposição “Balaio de Memórias” (05/2013); Exposição Memórias Históricas do Hip Hop Interior – mostra com um panorama histórico do Movimento Hip Hop do Interior DDD 019, idealizada por Fred MLK / curadoria de Andrea Mendes (15-19/05/2017), entre outras;</p>				

Organização de Eventos: Balaio das Águas - reflexão sobre o uso consciente da água e saudação à Iemanjá e Kaiá, divindades cultuadas entre as comunidades tradicionais de matriz Africana, entre outros;

Participação em Eventos: III Seminário de Patrimônio Imaterial Ponto de Cultura e Memória IBAÔ – Canjerê Patrimonial (2014); 7ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com Encontro “II Conversa de Terreiro: entre memórias e saberes”, Exibição do documentário “Cidade das Mulheres” - de Ruth Landes, Roda de Conversa com as Iyás Iberecy, Maria de Ibeji, Bá e Obadè, Exposição de objetos (29/09/2013); Encontro “Museologia Social, diversidade e articulação em Rede” – 2º Encontro presencial da Rede SP de Museologia Social (19-20/09/2014); 10ª e 11ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Seminário Patrimônio Cultural Imaterial “Cultura Viva - Pontos de Cultura”, Lançamento do projeto “Museu Comunitário Ibaô - Memória local e social da Capoeira e das culturas de matriz africana” (17-20/05/2012), Exposições, II Seminário de Patrimônio Cultural Imaterial / Ginga Cultural 2013 (15-19/05/2013), entre outros.

Ações de Preservação:

Pesquisa, documentação e difusão de acervo das culturas de matriz africana, por meio de mobilizações coletivas e comunitárias.;

Projeto Nós Culturais – oficinas baseadas no Programa de Educação Patrimonial do IPHAN/Mais Educação com ações de formação de jovens pesquisadores/as para a produção de um Inventário de Referências Culturais (2014, Programa Mais Cultura nas Escolas - MEC/MinC), entre outras.

Referências Bibliográficas:

IBAÔ - Instituto Baobá de Cultura e Arte. Disponível em: <https://institutobaoba.wordpress.com/>. Acesso em: 12 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.243. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.108. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.253. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.272. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.291. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

PONTO DE CULTURA E MEMÓRIA IBAÔ. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ibaoba/>. Acesso em: 12 mai. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da entrada – Balaio das Águas 2017. Créditos: Amanda Castro Batista (Mandy Castro). Disponível em: <https://www.facebook.com/ibaoba/photos/a.647921822062463.1073741877.125263297661654/647931355394843/?type=3&theater>. Acesso em: 12 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
72

Denominação: Ponto de Memória do Tropeirismo

Data de Criação: 2007

Endereço: Rua Doutor Parmênio Ferreira da Silva, Quadra 23, Lote 24, Loteamento Morada dos Pássaros II - Bairro Felícia, CEP 45055-390, Vitória da Conquista/BA.

Tel.: (77) 3421-7725

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): ONG Carreiro de Tropa (CATROP)

Parceiros(as)/apoio: Museu Regional de Vitória da Conquista, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Museu do Tropeiro de Sorocaba, Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (Secretarias de Educação e Cultura), TV Local 36, Colégios particulares da cidade, Associações de bairro e dos trabalhadores rurais, entre outros.

Recursos: Doações de seus membros, Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Memória do Tropeirismo em Vitória da Conquista – Bahia”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: carreirodetropa@gmail.com

Website ou Blog: <https://carreirodetropa.wordpress.com/>

Rede Social: <https://www.facebook.com/Catrop/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória

Histórico:

Diante da invisibilidade do tropeirismo e dos tropeiros na história oficial da cidade de Vitória da Conquista (BA), assim como expressões culturais tradicionais dos sertanejos, e após a doação voluntária de material de acervo realizada a uma aluna durante graduação no curso de História da *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia* entre 1998 e 2004, resolveu-se pela criação da ONG Carreiro de Tropa (CATROP), efetivada em 2007.

A ONG Carreiro de Tropa tem como objetivos:

- Preservar, difundir e valorizar o patrimônio cultural tropeiro na região do Sertão da Ressaca - revitalização e sobrevivência das raízes culturais que constituem os sertões;
- Despertar, incentivar, fortalecer e contribuir para o desenvolvimento do potencial cultural, turístico, ambiental e educacional que manifestem em suas práticas interfaces com o tropeirismo na região de Vitória da Conquista/BA;
- Atuar na promoção do reconhecimento de interfaces entre o fenômeno do tropeirismo e o senso de pertença identitária de toda a comunidade conquistense;
- Tornar-se referência em estudos e pesquisas sobre o sertão com base em valores humanos que privilegiem a educação, cultura e história com ênfase no reconhecimento e viabilidade do tropeirismo como patrimônio cultural e imaterial da região;
- Investir em inventários participativos e na criação de pequenos museus comunitários em comunidades rurais, com o intuito de fomentar a preservação das memórias locais e criar uma rede de solidariedade que favoreça a valorização das populações tradicionais do sertão.

Apesar das dificuldades enfrentadas desde a sua criação (referente a recursos humanos e financeiros), a ONG Carreiro de Tropa mantém uma atuação constant, em parceria com pessoas de comunidades urbanas e rurais (sócios da instituição) e o poder público (escolas, museus, entre outros equipamentos). Em 2014 a ONG foi reconhecida como Ponto de Memória pelo IBRAM.

Referências Patrimoniais:

Histórias, memórias e expressões socioculturais (oralidade, músicas, danças, rezas etc.) associadas ao tropeirismo;

Expressões culturais associadas ao tropeirismo: ternos de reis, candomblés do sertão, conhecimentos tradicionais associados ao manejo de recursos naturais e no tratamento de animais, medicina popular (benzedura, utilização de ervas e outras terapêuticas), espaços urbanos e rurais de referência (como antigos espaços de rancharia dos tropeiros), feiras pela região, objetos utilizados por tropeiros e em outros ofícios, paisagens, rotas e estradas por onde passavam as tropas, cavalgadas que refazem as rotas das antigas tropas, os "intelectuais da Tradição" de cada comunidade - anciões que guardam as memórias e repassam conhecimentos às novas gerações etc.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição temática sobre tropeirismo no 1º Festival SESC de Educação e Cultura (2011, Centro SESC Conquista);

Rodas de Conversa sobre Tropeirismo; Montagem do Rancho do Tropeiro nas festividades juninas da cidade; Título de reconhecimento como Intelectual da Tradição entregue em Audiência Pública no Dia Nacional do Tropeiro (26 de outubro); Mostra Cultural; Oficinas, entre outras.

Ações de Preservação:

Pesquisas de campo de caráter etnográfico e histórico em captação de fontes orais, doações e aquisições de acervo;

Sistematização e Catalogação do acervo;

Registros audiovisuais das memórias da população com relação ao tropeirismo;

Elaboração do documentário "Tropeirismo: O Ser Humano é a Grande Viagem", entre outras.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

CARREIRO DE TROPA – Memória e História do Tropeirismo na Bahia. Disponível em: <https://carreirodetropa.wordpress.com/acoes/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

ONG CARREIRO DE TROPA – Catrop. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Catrop/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

TROPEIRISMO é discutido em Vitória da Conquista. **Prefeitura Vitória da Conquista**, 15 fev. 2017. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/tropeirismo-e-discutido-em-vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição – 4ª Roda de Conversa - Ong Carreiro de Tropa - Catrop. Disponível em: <https://www.facebook.com/Catrop/photos/a.1258256750917054.1073741854.511847048891365/1258277637581632/?type=3&theater>. Acesso em: 20 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 73 </td> <td data-bbox="751 315 1385 584"> Denominação: Ecomuseu Ilha Grande Data de Criação: 14/12/2007 Endereço: Rua Amapá s/n, Vila Dois Rios, CEP 23960-000, Angra dos Reis/RJ. Tel.: (21) 2334-0939 / (24) 3361-9055 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 73	Denominação: Ecomuseu Ilha Grande Data de Criação: 14/12/2007 Endereço: Rua Amapá s/n, Vila Dois Rios, CEP 23960-000, Angra dos Reis/RJ. Tel.: (21) 2334-0939 / (24) 3361-9055 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 73	Denominação: Ecomuseu Ilha Grande Data de Criação: 14/12/2007 Endereço: Rua Amapá s/n, Vila Dois Rios, CEP 23960-000, Angra dos Reis/RJ. Tel.: (21) 2334-0939 / (24) 3361-9055 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Parceiros(as)/apoio: diversas unidades da UERJ, Associações de Moradores de Vila Dois Rios e do Abraão, Comitê de Defesa da Ilha Grande (Codig), Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), Museu da Vida, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Projeto Garoupa, Recursos: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 3ª a domingo, das 10 às 18 horas É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu:			
E-mail institucional: ecomuseu@uerj.br Website ou blog: http://ecomuseuilhagrande.eco.br Rede social: https://www.facebook.com/Ecomuseu-Ilha-Grande-214672578661027/?fref=ts	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017)			
Histórico: <p>O Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), que teve parte de suas edificações demolidas em 1994, foi construído durante o Estado Novo (entre 1938 e 1945) por presos enviados à Ilha Grande. A partir de sua desativação, uma parte do complex foi aproveitada para a promoção do turismo na ilha. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) obteve o direito de cessão das áreas e benfeitorias remanescentes localizadas na Vila Dois Rios, anteriormente ocupadas pelo presídio, e iniciou suas atividades em 1995. Em 1998, inaugurou o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), que desenvolve investigações científicas e tecnológicas, ensino para alunos de graduação e pós-graduação e atividades de extensão.</p> <p>A partir de 1999, a UERJ desenvolve o programa de Extensão e Pesquisa Ecomuseu Ilha Grande, um processo participativo que envolveu a universidade, as comunidades e diversos organismos governamentais e não-governamentais, voltado para a preservação do meio ambiente e do patrimônio artístico, histórico e cultural da Ilha Grande, através do incentivo ao desenvolvimento sustentável. Foram então delineados quatro unidades: Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e Centro Multimídia. O Ecomuseu Ilha Grande tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Incorporar a comunidade como sujeito do processo de conservação e desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão da de sua história, memória, cultura e identidade locais, bem como do de seu patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente; • Desenvolver programas de recuperação e preservação dos patrimônios arquitetônico, histórico, natural e cultural do território da Ilha Grande; • Contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da Ilha, a partir da valorização da memória coletiva, vinculada às dimensões ambiental, social, educativa, cultural, política e econômica; • Proporcionar o encontro, a interseção e a articulação entre os diferentes campos do saber, contribuindo para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, ambiental e social do Estado do Rio de Janeiro. 			
Referências Patrimoniais: Patrimônios natural, material e imaterial da do território da Ilha Grande.			
Atividades desenvolvidas: Exposições. Exemplos: Exposição "Sem livros indígenas ou Cem livros indígenas" (2016), Exposição "Certos Modos de Ser Caiçara" (2016), Exposição "Conhecendo a biodiversidade marinha da baía da Ilha Grande" (2017); Exposição "Comida e Cárcere" (2017), Exposição Ecomuseu Recicla (2017), entre outras; Projetos: Ecomuseu Recicla, Museólogas de Família, Cultura Caiçara da Ilha Grande, Flora da Ilha Grande e Ecovila Digital;			

Participação em Eventos: 6ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com “Chá com artes” - Oficinas de artesanato sustentável enquanto são servidos chás de plantas típicas da Ilha (29-30/09/2012), Ação Educativa “Museólogas de família” – Inspirado no “Médico de Família”, a atividade propõe a visita às residências da Vila do Abraão a fim de sensibilizar os moradores quanto a preservação de suas memórias, Oficina “A colagem da mistura brasileira”, do artista Sidiney Rocha (23-25/09/2013, atividades realizadas na Vila de Sítio Forte e na Escola Municipal do Sítio Forte); Visita Guiada ao circuito AbraãoDois Rios – parceria com o Parque Estadual da Ilha Grande, Oficina “Memória dos Sentidos” - estímulos sensoriais e Contação de História sobre questões ambientais - parceria com Projeto Garoupa, Roda de conversa com os moradores da Vila de Palmas, Exposição apresentando os trabalhos produzidos por adultos e crianças durante a Primavera dos Museus, apresentando objetos com valor afetivo selecionado pelos próprios moradores, Oficina “Museu Encena” - com jogos teatrais e atividades de improviso, sobre as histórias da região e questões ambientais, Contação da História “Quibungo e outros monstros”, seguida da realização da Oficina de dedoches de personagens e monstros, Contação da História “Menina Bonita do Laço de Fita”, seguida da realização da Oficina de bonecos de pano, Contação da História “O Rei de Quase Tudo”, seguida da realização da Oficina de desenhos “Eu gosto de brincar...”, Oficina do brinquedo Barangandão arco-íris (23-28/09/2014, atividades realizadas no Centro de Convivência de Vila Dois Rios e na Praia de Palmas); Exposições e Exposição “Sem livros indígenas ou cem livros indígenas” - Pequena mostra da produção escrita dos índios nos últimos anos, Oficina de Cianotipia - técnica fotográfica de impressão em papel, utilizando padrões estéticos básicos da cestaria tradicional dos índios Guarani (21-27/09/2015); 9ª a 12ª e 14ª a Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Ação Educativa “Museólogas de família”, “Dinâmica do Objeto” - com objetos trazidos pelos moradores da Vila, Inauguração de Exposição realizada a partir das ações educativas “Museólogas de Família” e “Dinâmica do Objeto” (16-21/05/2011); 2ª, 3ª e 4ª edição do “Museólogas de Família” (14-18/05/2012; 17/05/2013; 12-18/04/2014); Abertura da Exposição Fotográfica “Biodiversidade da Ilha Grande”, no MuCa, e Oficina de técnicas artesanais fotográficas (21-22/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Ações desenvolvidas no âmbito do Ecomuseu.

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU ILHA GRANDE. **Blogspot.** Disponível em: <http://ecomuseuilhagrande.blogspot.com.br/>. Acesso em: 31 mai. 2016.

ECOMUSEU ECOMUSEU ILHA GRANDE. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ecomuseu-Ilha-Grande-214672578661027/?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ILHAGRANDE.ORG. **Museu do Cárcere** - Dois Rios - Ilha Grande - RJ. Disponível em: <http://www.ilhagrande.org/pagina/museu-do-carcere-ilha-grande>. Acesso em: 31 mai. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.195. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.222. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.102. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.89-90. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 204-205. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.216. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.231. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.262-263. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.216-217. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Ilha Grande. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6486/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos. Rio de Janeiro, vol.12, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000400020. Acesso em: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Ecomuseu Ilha Grande e Museu do Cárcere. Disponível em: <https://www.facebook.com/214672578661027/photos/a.218671561594462.49991.214672578661027/707958765999070/?type=1&theater>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 74	Denominação: Museu Comunitário Indígena Pipipã
	Data de Criação: 2007 Endereço: Terra Indígena Kambiawá, Ibimirim /PE Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos: Prêmio Culturas Indígenas 2007 - Edição Xicão Xukuru / MinC (Projeto “Museu Comunitário Pipipã”); Prêmio Culturas Indígenas 2010 – Edição Marçal Tupã-y / MinC (Projeto “Museu Comunitário Indígena Pipipã”)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: _____	
Obs.: _____	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário	
Histórico: <p>Os Pipipã são povos que habitam áreas dispersas nos municípios pernambucanos de Ibimirim e Floresta (PE). Habitam a Terra Indígena Kambiawá enquanto seu território tradicional não é oficialmente reconhecido, mas distingue-se destes. Vivem do plantio de roças e da criação de aves, cabras, bodes, ovelhas e porcos. Alguns sobrevivem da produção artesanato, coleta e venda de mel, imbu, varas e frutos coletados na caatinga. Os Pipipã falam português, embora alguns vocábulos da língua materna tenham sido preservados pelos mais velhos e são utilizados em práticas religiosas (MINC, 2008, p.30).</p> <p>As comunidades do Povo Pipipã que compõem a Terra Indígena Kambiawá são: Comunidades Travessa do Ouro, Capoeira de Barros, Faveleira, Caldeirão, Caraíba, Giquiri, Pai João, Barra do Joá e Alfredo (Ibimirim/PE).</p> <p>O Museu Comunitário Indígena Pipipã foi criado com os seguintes objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer a cultura do povo Pipipã; • Manter presente a história dos antepassados e da luta pela ocupação do território; • Atuar como um Centro de Apoio para atividades realizadas com os jovens da comunidade; • Atuar como um Centro de Referência para a realização de pesquisas e registros dos acontecimentos da comunidade. 	
Referências Patrimoniais: Cultura Tradicional do povo Pipipã.	
Atividades desenvolvidas:	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. Prêmio Culturas Indígenas . Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.31-32. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru . Acesso em: 13 mar. 2017. SOARES, Diego. Vencedores do Prêmio Culturas Indígenas - Edição 2010. Antropologia Simétrica, 20 dez. 2010. Disponível em: http://antroposimetria.blogspot.com.br/2010/12/vencedores-do-premio-culturas-indigenas.html . Acesso em: 14 mar. 2017.	
Referência da Imagem:	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 75	Denominação: Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima
		Data de Criação: 2008-2010 Endereço: Divino/MG Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Docentes do Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos: Ministério da Cultura (MinC)		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social:		Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, [Museu Comunitário], Museu Afro-comunitário		
Histórico: <p>A comunidade quilombola de São Pedro de Cima, localizada a 18 Km do município de Divino (MG), na Zona da Mata Mineira (na divisa dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo), vive da plantação do café e é caracterizada como zona rural.</p> <p>A Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima é uma das comunidades a participar do Projeto “Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira”, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde foi criado um Laboratório autointitulado Kizomba Namata, com o objetivo de contribuir com a construção de um acervo sobre a questão quilombola na Zona da Mata Mineira por meio de projetos de iniciação científica, extensão universitária e elaboração de monografias.</p> <p>O projeto “Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima”, iniciado em 2007, surgiu a partir de um trabalho de campo ministrado pelo Professor Leonardo de Oliveira Carneiro para a disciplina Geografia Agrária, e culminou com a proposta de criação de um Ecomuseu. É coordenado pela professora Maria Lúcia Pires Menezes, do departamento de Geociências da UFJF, e já foi aprovado 3 vezes no Programa de Extensão Universitária (Proext), que recebe recursos do MinC.</p> <p>O recurso de 2011 teve como propósito a construção de um espaço público e de livre acesso a todos da comunidade, que receberá o acervo do Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima, que tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contribuir para que a comunidade reconheça a importância da cultura quilombola e do ambiente rural onde eles vivem; • Propiciar trocas de saberes entre os pesquisadores bolsistas e os moradores da comunidade. 		
Referências Patrimoniais: Patrimônios Cultural, Natural, Material e Imaterial da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima.		
Atividades desenvolvidas:		
Participação em Eventos: I Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais (2012); I Encontro Regional do Programa Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira: entre saberes e sabores (2013); V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG).		
Ações de Preservação: Produção de depoimentos com idosos com relatos sobre as histórias da região (2008); Cartilha sobre a História da Comunidade (1ª fase); Atlas Geográfico Cultural sobre as formas de representação cartográficas da localidade (1ª fase); Cartilha sobre o movimento negro (objetivo da 3ª fase); Cartilha sobre as questões de gênero e juventude na comunidade (objetivo da 3ª fase);		

Registros de imagens sobre a produção local (objetivo da 3ª fase);	
Atlas Cultural sobre o Método da Cartografia Social (objetivo da 3ª fase);	
Elaboração da Cartilha “Artesanato e Receitas da Comunidade de São Pedro de Cima” (2012).	
Referências Bibliográficas:	
KIZOMBA NAMATA. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/kizombanamata/ . Acesso: 4 mar. 2017.	
MENEZES, Maria Lucia Pires Menezes; CARNEIRO, Leonardo de Oliveira; LEOPOLDO, Dayana Francisco; MONTEIRO, Gabriel Lima; SILVA, Ricardo Antônio Santos da; SILVA, Régis Francisco Rafael. Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima: Diagnósticos dos Saberes Necessários para uma Educação Ambiental e Patrimonial. Disponível em: http://www.ufjf.br/latur/files/2008/08/PROJETO-de-extens%C3%A3o-qui-f1.pdf . Acesso em: 12 nov. 2015.	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFJF. Kizomba Namata – 1º Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira. 2012. Disponível em: http://www.ufjf.br/ppgeografia/curso/eventos/kizomba-namata-1%C2%BA-encontro-de-comunidades-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira/ . Acesso: 4 mar. 2017.	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF. Apresentação do projeto Ecomuseu Kizomba Namata. 8 abr. 2015. Disponível em: http://www.ufjf.br/arquitetura/2015/04/08/apresentacao-do-projeto-ecomuseu-kizomba-namata/ . Acesso: 4 mar. 2017.	
_____. Artesanato e Receitas da Comunidade de São Pedro de Cima. 2012. Disponível em: http://www.ufjf.br/latur/files/2016/03/Cartilha-Artesanato.pdf . Acesso em: 12 mai. 2017.	
_____. Ecomuseu da comunidade quilombola de São Pedro de Cima. LATUR – Laboratório de Territorialidades Urbano regionais. Disponível em: http://www.ufjf.br/latur/projetos-vinculados/ecomuseu-da-comunidade-quilombola-de-sao-pedro-de-cima/ . Acesso em: 12 nov. 2015.	
_____. Projeto Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima é aprovado novamente no Proext. 4 ago. 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/proex/2011/08/04/projeto-comunidade-quilombola-de-sao-pedro-de-cima-e-aprovado-novamente-no-proext/ . Acesso em: 12 nov. 2015.	
_____. UFJF reúne quilombolas da Zona da Mata Mineira. Pró-Reitoria de Extensão , 14 mai. 2013. Disponível em: http://www.ufjf.br/proex/2013/05/14/ufjf-reune-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira-e-promove-debate-acerca-de-problemas-e-solucoes/ . Acesso: 4 mar. 2017.	
UNIVERSIA. UFJF: Projeto com comunidade Quilombola obtém aprovação do MEC pela segunda vez. 8 ju. 2010. Disponível em: http://noticias.universia.com.br/vida-universitaria/noticia/2010/07/08/625602/ufjf-projeto-com-comunidade-quilombola-obtem-aprovao-do-mec-pela-segunda-vez.html . Acesso em: 12 mai. 2017.	
Referência da Imagem:	Vista panorâmica da comunidade. Disponível em: http://www.ufjf.br/proex/2011/08/04/projeto-comunidade-quilombola-de-sao-pedro-de-cima-e-aprovado-novamente-no-proext/ . Acesso em: 12 mai. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 591"> Ficha: 76 </td> <td data-bbox="751 315 1385 591"> Denominação: Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu Data de Criação: 2009 Endereço: Aldeia Brejo dos Padres – Terra Indígena Pankararu, s/n, CEP 56480-000, Tacaratu/PE. Tel.: (87) 3843-1731 / 9165-7620 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 76	Denominação: Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu Data de Criação: 2009 Endereço: Aldeia Brejo dos Padres – Terra Indígena Pankararu, s/n, CEP 56480-000, Tacaratu/PE. Tel.: (87) 3843-1731 / 9165-7620 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 76	Denominação: Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu Data de Criação: 2009 Endereço: Aldeia Brejo dos Padres – Terra Indígena Pankararu, s/n, CEP 56480-000, Tacaratu/PE. Tel.: (87) 3843-1731 / 9165-7620 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Movimento Jovens Indígena Pankararu (MOJIP) Recursos: Prêmio Culturas Indígenas 2007 - Edição Xicão Xukuru / MinC (Projeto “Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu” – não foi contemplado inicialmente, mas em 2010 obteve recursos do MinC), Edital Estadual de incentivo à Cultura 2009 (Projeto “Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu”) Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:			
E-mail institucional: gvpankararu@hotmail.com Website ou blog: http://casadememoria.blogspot.com.br/ , http://cmtvp.blogspot.com.br/ Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]			
Histórico: <p>Pankarú é a síntese do nome Pancarú Geritacó Cacalancó Umã Canabrava Tatuxi de Fulô, que se refere ao “tronco velho Pankararu” e provém dos antigos aldeamentos missionários dos séculos passados, quando foram reunidos diferentes povos de Serra Negra, Águas Belas, do Colégio e do Sertão de Rodelas. A língua falada atualmente pelos Pankararu é o português, permanecendo apenas alguns termos da língua materna. O povo Pankararu vive nas Terras Indígenas Pankararu e Entre Serras, nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá (PE), no município de Coronel Murta/MG, no Vale do Jequitinhonha e na região metropolitana de São Paulo/SP (MINC, 2008, p.40).</p> <p>De acordo com Gomes (2014, p.14), “o início do processo de musealização entre os Pankararu foi estimulado a partir da atuação do grupo de dança ‘Pankararu Nação Cultural’, coordenado por George de Vasconcelos (o Vasco Pankararu), liderança da aldeia Brejo dos Padres e atualmente vice-cacique”. Com o tempo, o grupo ampliou suas ações, atingindo as áreas de audiovisual, patrimônio cultural e memória, e em seu interior surgiu a idéia da organização de um museu.</p> <p>O Memorial do Tronco Velho Pankararu, ou Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu, homenageia o mais velho dos caciques Pankararu, o cacique João Binga (1920-2008), que atuou como referência para a formação e atuação de novas lideranças. Tem como sede a Casa do Tronco Velho Pankararu, que também sedia o Movimento Jovens Indígenas Pankararu (MOJIP) – de acordo com Gomes (2014, p.14) ocupa um antigo galpão da Funai. O Projeto Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localizar as pesquisas sem retorno realizadas por antropólogos em Pankararu; • Homenagear as lideranças antigas e atuais para que sejam lembradas como heróis; • Fazer com que as futuras gerações conheçam as histórias de luta do Povo Pankararu, a partir do ponto de vista das lideranças locais; • Estabelecer conexões com as pontas de ramas (etnias que surgiram de Pankararu - famílias que deixaram a aldeia mãe em busca de melhorias e formaram outras); • Atuar como espaço de formação da juventude; • Tornar-se um espaço aberto a todos que tenham interesse em conhecer, ajudar, ser parceiros e etc. 			
Referências Patrimoniais: Histórias, memórias e cultura do Povo Pankararu; Registros em vídeos, fotografias, jornais, revistas, livros, trabalhos acadêmicos etc.			
Atividades desenvolvidas: Capacitação para os Pesquisadores do Projeto (03-04/07/2009 e 28/08/2009, Escola Pankararus Ezequiel); Oficina de Associativismo (17-18/05/2014); Curso de Formação em Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de			

<p>Terras Indígenas - PNGATI – ministrado por Alexandre Gomes (05/2014)</p> <p>Desenvolve trabalhos na área de audiovisual, dança, teatro e história oral;</p> <p>Participação em Eventos: II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE); I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, Espaço Sagrado Anjucá, Território Indígena Kapinawá, Buíque/PE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); entre outros.</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Pesquisas e entrevistas</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>CASA DE MEMÓRIA DO TRONCO VELHO PANKARARU. Blogspot. Disponível em: http://casadememoria.blogspot.com.br/. Acesso em: 13 fev. 2017.</p> <p>FUNAI - Coordenação Geral de Gestão Ambiental. O Tema “Cultura e Natureza como Patrimônios Imateriais” encerra o 1º Módulo de Formação em PNGATI para o Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo. 26 mai. 2014. Disponível em: http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/not-cias/o-tema-cultura-e-natureza-como-patrimonios-imaterias-encerra-o-1-modulo-de-formacao-em-pngati-para-o-nordeste-minas-gerais-e-esp/. Acesso em: 14 mar. 2017.</p> <p>GOMES, Alexandre Oliveira. Por uma antropologia dos museus indígenas: práticas de colecionamento, categorias nativas e regimes de memória. 2014, p.1-20. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402880959_ARQUIVO_Textocompleto-Porumaantropologiadosemuseusindigenas(GT62).pdf. Acesso em: 13 fev. 2017.</p> <p>MAPEAMENTO das iniciativas de museologia social em Pernambuco. Ibram, 2012. Disponível em: http://conexoesibram.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Mapeamento-previo-de-iniciativas-de-museologia-social-PE.pdf. Acesso em: 13 fev. 2017.</p> <p>MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. Prêmio Culturas Indígenas. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.40. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru. Acesso em: 13 mar. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8070/. Acesso em: 14 mar. 2017.</p> <p>PANKARARU, Sarapó. Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu. Índios OnLine, 22 mar. 2009. Disponível em: http://www.indiosonline.net/casa_de_memoria_do_tronco_velho_pankararu/. Acesso em: 13 fev. 2017.</p> <p>Referência da Imagem: Sede da Casa de Memória. Créditos: Alexandre Gomes. Disponível em: http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/not-cias/o-tema-cultura-e-natureza-como-patrimonios-imaterias-encerra-o-1-modulo-de-formacao-em-pngati-para-o-nordeste-minas-gerais-e-esp/. Acesso em: 14 mar. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 77	Denominação: Oca da Memória
	Data de Criação: 2008 Endereço: Rua dos Kalabaças e Tabajaras, s/n, Jardim das Oliveiras, CEP 62220-000, Poranga/CE. Tel.: (88) 3658-1435 / 9625-5908 (Lêuda) Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Professores/as da Escola Diferenciada Jardim das Oliveiras	
Parceiros(as)/apoio: Conselho Indígena de Poranga (CIPO), Escola Diferenciada Jardim das Oliveiras, Projeto Historiando...	
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Ação Educativa da Oca da Memória”)	
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE), Rede Indígena de Memória e Museologia Social	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu: A Oca da Memória integra o complexo da Escola Diferenciada Jardim das Oliveiras, onde ocupa uma sala anexa, que abrigou a primeira sede do Conselho Indígena de Poranga (CIPO). Conta ainda com um espaço externo em formato de oca coberta de palha, utilizado para a recepção de visitantes (GOMES; VIEIRA, 2009, p.113-121).	
E-mail institucional: ocadamemoria@hotmail.com , morubixaba2010@gmail.com Website ou blog: Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário], Ponto de Memória	

Histórico:
<p>Poranga é um município do Estado do Ceará, localizado a 340 km de Fortaleza. (Gomes, 2012, p.7) O processo de organização étnica em Poranga ocorreu no início da década de 1990, e os povos Kalabaça e Tabajara são as duas etnias organizadas em Poranga na atualidade – cujas famílias se misturam entre si – e compõem o grupo denominado “índios do sertão”, juntamente com outras etnias. Ambas residem na Aldeia de Imburana, onde fizeram uma retomada em agosto de 2005. Em 2007 foi realizada uma nova retomada de terras entre os Estados do Ceará e Piauí, em uma área conhecida como Cajueiro (GOMES; VIEIRA, 2009, p.113-115). A maioria das famílias da Aldeia de Imburana residem nos bairros Jardim das Oliveiras e Jericó, e utilizam outros locais para suas plantações, caças e para a plantação de suas plantas medicinais.</p> <p>Em 1994 Poranga sediou a I Assembléia Indígena no Ceará, que reuniu diversas etnias em diferentes fases do processo de afirmação da etnicidade. Com a formação do Conselho Indígena dos Povos Tabajara e Kalabaça de Poranga (CIPO), em 2000, o processo de afirmação étnica e reivindicação dos direitos constitucionais junto às autoridades políticas foi impulsionado. Em 2008 foi realizada a XIV Assembléia Estadual dos Povos Indígenas no Ceará na Aldeia de Cajueiro. Atualmente, as duas etnias encontram-se organizadas na CIPO e também na Associação de Mulheres Indígenas Tabajara e Kalabaça – AMITK. A Escola Diferenciada Jardim das Oliveiras e a assistência à saúde através da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) foram as principais conquistas até o momento (GOMES; VIEIRA, 2009, p.113-115).</p> <p>A missionária belga Margaret Malfliet, responsável pela Pastoral Raízes Indígenas, da Diocese de Crateús, que teve importância fundamental no processo de emergência étnica na região, foi quem teve a iniciativa de reunir os primeiros objetos que comporiam o acervo da Oca da Memória. A partir de 2007, com a parceria e assessoria dos educadores do Projeto Historiando, o acervo inicial foi complementado com outros objetos significativos coletados junto à comunidade (por grupos de pesquisa a partir de temáticas como arqueologia, religiosidade, organização étnica e saber-fazer), foi iniciado o processo de estruturação do espaço de memória da comunidade, elaborada a primeira exposição e organização do núcleo gestor e do núcleo pedagógico (GOMES, 2012, p.18; GOMES; VIEIRA, 2009, p.113).</p> <p>De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.115), “o processo de autoafirmação étnica exigiu uma reflexão da comunidade acerca da sua memória coletiva, das lembranças sobre o passado vivido e das formas como se percebem e são percebidos como grupo diferenciado”. A Oca da Memória, museu indígena organizado e gerido pela própria comunidade, foi inaugurada em 2008, e tem como objetivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuar como um espaço educativo diferenciado de mobilização e afirmação da identidade étnica; • Contribuir para despertar as novas gerações para a história de seu grupo

- Atuar como um espaço educativo diferenciado de mobilização e afirmação da identidade étnica;
- Contribuir para despertar as novas gerações para a história de seu grupo;
- Dialogar com os mais antigos acerca de suas experiências passadas;
- Mapear as pesquisas já realizadas em torno da história dos Tabajara e Kalabaça em Poranga e estimular a realização de novas pesquisas;
- Constituir um Centro de Documentação com documentos importantes para a história indígena local.

Gomes e Vieira (2009, p.115-122), que em 2009 coordenaram o Projeto Emergência Étnica (Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará), apresentaram algumas propostas elaboradas conjuntamente com representantes dos Kalabaça e Tabajara, como a continuidade da campanha de coleta de objetos junto à comunidade, a (re)organização e ajustes dos espaços museais, a documentação do acervo e a elaboração de um Plano Museológico, envolvendo a equipe de professores e lideranças, assessorados/as por profissionais especializados, a oferta de cursos de capacitação para a coordenação do núcleo educativo, a formação de um núcleo educativo, preferencialmente com estudantes da Escola Diferenciada, entre outras.

Referências Patrimoniais:

O Acervo da Oca da Memória é formado por objetos agrupados em quatro núcleos: arqueologia, religiosidade, organização étnica e saber-fazer. Encontram-se também fotografias, documentos, mapas etc., que contam a história dos índios no Ceará (GOMES; VIEIRA, 2009, p.115-116).

Atividades desenvolvidas:

Exposições – as salas de exposição da Oca da Memória estão divididas entre as seguintes temáticas: saberes e fazeres, religiosidade, educação diferenciada, lugares de memória e processo de organização e afirmação étnica (GOMES; VIEIRA, 2009, p.119).

Participação em Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE); 9º Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Apresentação de Toré (ritual sagrado), Exibição de Filmes produzidos no Projeto “Nossos Pais e Avós nos Contaram e nos Contam”, exposição e comercialização de artes indígenas, vídeos e comidas típicas dos índios Tabajara e Kalabaça de Poranga, Palestra “Importância da valorização, preservação e manutenção dos acervos existentes no Museu, visando o fortalecimento da identidade étnica e cultural indígena”, visita à sala Saberes e Fazeres, Ação do Museu Oca da Memória e visita guiada ao Museu (18/05/2011, Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Jardim das Oliveiras - Escola Indígena de Poranga), entre outros.

Ações de Preservação:

Oficina de Diagnóstico Participativo (20-21/04/2009, Projeto Emergência Étnica), Coleta de objetos etc...

Referências Bibliográficas:

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção.** Fortaleza: SECULT, 2009, p.112-130. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória.** Brasília: IBRAM, 2011, 256-77. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2015.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Oca da Memória. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6631/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada da Oca da Memória. Créditos: Alexandre Gomes. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=110535269130706&set=a.110535179130715.13262.100005227003554&ty=pe=3&theater>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 78	Denominação: Ecomuseu da Lagoa dos Patos (Ecomuseu da Colônia Z3) Data de Criação: 2008 Endereço: Pelotas/RS Tel.: (53) 8128-4272 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: diversas instituições públicas e privadas, locais e internacionais, como os Cursos de Turismo e Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Museu de Arte Pré-Histórica de Mação (Portugal), empresas e instituições da Colônia Z3 e de outras regiões etc. Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: ecomuseudacoloniaz3@hotmail.com Website ou blog: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/ Rede social:		Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu/Museu de Território		
Histórico: <p>A Colônia Z3 está localizada às margens da Lagoa dos Patos, na cidade de Pelotas (RS). Subdivide-se em algumas localidades, como: a Colônia de Pescadores Z3, o Ecocamping Municipal, a Ilha da Feitoria, a Granja da Galatéia, o “Cotovelo”, o “Corrientes”, a “Mata do Totó”, a “Ilha doMeio” e a “Lagoa Pequena”. Trata-se de um território marcado pela presença de espécies raras da flora e da fauna brasileira e com profunda interação entre homem e natureza.</p> <p>“Diante da carência de perspectivas, baixa-estima e desesperança no futuro” a sociedade de pescadores profissionais artesanais adere a uma “atividade econômica alternativa focada no seu patrimônio cultural: o turismo” (FIGUEIRA, 2009, p.8). A proposta foi apresentada por instituições e pesquisadores à Z3, instituições e empresários através de encontros e foi prontamente aprovada pela comunidade.</p> <p>O Projeto Ecomuseu da Colônia Z3 apresenta-se como um museu do território, gerido pelos próprios moradores, criado com o objetivo de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimular as memórias e preservar os patrimônios cultural e ecológico locais; • Contar a história local através de objetos relacionados à atividade econômica original da colônia; • Promover o desenvolvimento do turismo local, gerando oportunidades de trabalho e renda para os moradores da Z3; • Representar e preservar qualitativamente a biografia sociocultural e socioambiental da Colônia Z3; • Desenvolver diversas atividades que envolvem conscientização patrimonial-ambiental, infra-estrutura, técnica e logística, com o intuito de aprofundar a participação das comunidades e de visitantes na gestão do projeto. 		
Referências Patrimoniais: Patrimônios Culturais: artesanato, culinária, elementos da paisagem, instrumentos de pesca, troféus, fantasias de carnaval, utensílios, caminhos, fotografias, cartas, livros etc.; Patrimônios Ecológicos: flora, fauna, matas, banhados, campos, lagoas e ilhas, elementos da paisagem etc.; Patrimônios Imateriais: culinária, técnicas tradicionais de produção (saberes e fazeres), crenças, festas religiosas, poesias, expressões linguísticas, medicina caseira, ritmos temporais, entre outros.		
Atividades desenvolvidas: Exposições. Exemplo: Exposição de Lançamento do Ecomuseu (13/07/2008, Salão Comunitário da Igreja Católica João Paulo II - Colônia de Pescadores Z3), Exposição do Projeto Ecomuseu da Colônia Z3 na 78ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (02/02/2009, Colônia de Pescadores), entre outras; Roteiro Turístico Caminhos do Pescador Artesanal, Passeios de Barco, Lojas de artesanato, Restaurantes típicos etc.		
Ações de Preservação: Pesquisas e Inventários ecológicos, socioeconômicos, geopolíticos e culturais; Criação de roteiros turísticos temáticos;		

Publicação de artigos etc.
Referências Bibliográficas: ECOMUSEU DA COLÔNIA Z3. Blogspot . Disponível em: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/ . Acesso em: 14 mar. 2017. FIGUEIRA, Michel Constantino. Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise na Pesca à Expansão do Turismo com base no Patrimônio Cultural . 2009. 157f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Michel-Figueira.pdf . Acesso em: 14 mar. 2017.
Referência da Imagem: Mapa da Colônia de Pescadores Z3. Disponível em: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/ . Acesso em: 14 mar. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 743 584"> Ficha: 79 </td> <td data-bbox="743 315 1385 584"> Denominação: Ecomuseu de Osasco Data de Criação: 2008 Endereço: Rua Georgina, 64, Jardim das Flores, CEP 06120-040, Osasco/SP. Tel.: (11) 3684-0749 Situação atual: em funcionamento </td> </tr> </table>	Ficha: 79	Denominação: Ecomuseu de Osasco Data de Criação: 2008 Endereço: Rua Georgina, 64, Jardim das Flores, CEP 06120-040, Osasco/SP. Tel.: (11) 3684-0749 Situação atual: em funcionamento
Ficha: 79	Denominação: Ecomuseu de Osasco Data de Criação: 2008 Endereço: Rua Georgina, 64, Jardim das Flores, CEP 06120-040, Osasco/SP. Tel.: (11) 3684-0749 Situação atual: em funcionamento		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura de Osasco - Núcleo de Educação Ambiental (NEA) Padre Angelo Mazarotto, mantido pela Secretaria de Meio Ambiente (SEMA)</p> <p>Parceiros(as)/apoio:</p> <p>Recursos: Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Osasco (SEMA).</p> <p>Cadastro: (☒) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 8 às 17h.</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim (☒) não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Ecomuseu Ocupa uma das salas do Núcleo de Educação Ambiental (NEA) Padre Angelo Mazarotto, localizado no Parque Dionísio Álvares Mateos, mas utiliza outras instalações para suas atividades, como o pátio, o auditório e o próprio parque.</p>			
<p>E-mail institucional: cema@osasco.sp.gov.br Website ou blog: Rede social:</p>	<p align="center">Logotipo</p>		
<p>Categorias Propostas: Ecomuseu</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Jardim das Flores é um bairro nobre localizado no sudoeste da cidade de Osasco, ao lado da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e do Serviço Social do Comércio (SESC) de Osasco. Em 1969 a Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FITO) foi instalada na região e, posteriormente, uma parte de seu terreno foi ocupado por populares. Na década de 1990 a Prefeitura do município propôs a construção de loteamentos na região, mas o então Secretário de Esportes, Francisco Motta, apresentou outro projeto que previa a construção de um “mini-Ibirapuera” na localidade, com o objetivo de contribuir para a qualidade de vida dos Osasquenses (MOTTA, 2012). A população foi que ali habitava foi destinada a núcleos de moradias populares e a área de 52.800 m² foi então “recuperada de desmatamento e ocupação desordenada e irregular” (INSTITUTO [...], 2011, p.257) e em 1995, o prefeito Celso Antonio Giglio nomeia o recém criado parque como “Parque Municipal Dionísio Álvares Mateos”.</p> <p>A proposta da criação do Ecomuseu foi realizada pela advogada, educadora ambiental e consultora em projetos socioambientais e então gestora da SEMA, Claudete Pereira Michelassi, através do Projeto “Ecomuseu de Osasco: Contribuindo para a mudança social e o desenvolvimento sustentável”. Em 2008 o Ecomuseu de Osasco, autodeclarado “museu ambiental”, é inaugurado, sob responsabilidade do Núcleo de Educação Ambiental Padre Angelo Mazarotto, localizado no interior do Parque Ecológico Dionísio Álvares</p> <p>Mateos. Entre seus principais objetivos (que constam em seu projeto) encontram-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Democratizar o acervo e a produção de bens socioambientais musealizados; • Trabalhar com o direito à memória socioambiental como um direito de cidadania; • Promover a participação, a reflexão crítica e transformação da realidade social integrada – apropriação de uma cultura museal; • Criar um acervo verde ao ar livre com a implantação do Jardim de Biomas; • Estudar e catalogar as manifestações simbólicas do local; • Mapear o conteúdo das experiências de vida, a partir da concepção da comunidade e seu patrimônio cultural e histórico e a relação entre o homem, cultura e natureza; • Atuar de forma interativa e integrativa, convidando o visitante a percorrer o passado desta comunidade em seu diálogo com o presente e assim promover novos conceitos; • Consolidar-se como instrumento de educação ambiental, atendendo prioritariamente estudantes; • Resgatar, valorizar e divulgar a riqueza cultural e biológica e o desenvolvimento tecnológico. 			
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Patrimônios Naturais e Culturais.</p>			
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p><u>Exposições</u> – a área expositiva apresenta painéis sobre o tempo de decomposição de diversos materiais, objetos que demonstram o desenvolvimento de diversas tecnologias e maquetes que reproduzem o funcionamento de diversos</p>			

ambientes (matas ciliares, parques, aterro sanitário com a rota dos resíduos) etc. Alguns exemplos: Exposição de imagens sobre a história do petróleo e estudos voltados para a produção do biodiesel (05/2013); Exposição de objetos e artes relacionados à cultura Africana (09/2013); Exposição “Desenvolvimento Tecnológico X Sustentabilidade” (05/2015); Exposição de Fotografias sobre o Rio Tietê (05/2016), entre outras.

Recepção a estudantes e crianças atendidas pelo Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) etc.;

Participação em Eventos: 9ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM): com Palestras, Mostra Fotográfica e Visita Monitorada ao Parque (05/2011); Visitas guiadas, mostra de painéis sobre desenvolvimento tecnológico e sustentabilidade, a dinâmica “túnel do tempo” - imagens e depoimentos de moradores antigos do bairro sobre a história da construção do Parque (05/2012); Exposição de imagens sobre a história do petróleo e estudos voltados para a produção do biodiesel, jogo didático “diesel X biodiesel e o impacto ambiental”, análise “diesel X água” (05/2013); Visita monitorada às maquetes do ecomuseu (biodiesel/água/urbanização desordenada) e contação de histórias (05/2014); Apresentação dos vídeos “A carta da Terra para crianças” e “História das coisas”, debates, exposição (05/2015); exposição, performances artísticas - dança, música, poesia –, visitas monitoradas e debate em torno do tema “água” (16-20/05/2016); 6ª e 7ª Primavera de Museus (IBRAM): com visita guiada à exposição de Herbário do Parque, que possui espécies de Mata Atlântica (09/2012); Visitas guiadas, exposição e apresentação musicais e de danças afro-brasileiras (09/2013).

Ações de Preservação:

Atividades realizadas junto ao público escolar.

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU de Osasco mostra a importância dos córregos da cidade e do rio Tietê na Semana Nacional de Museus. **Rosi Cheque** (jornalista e radialista), 25 mai. 2016. Disponível em: <https://rosicheque.wordpress.com/2016/05/25/ecomuseu-de-osasco-mostra-a-importancia-dos-corregos-da-cidade-e-do-rio-tiete-na-semana-nacional-de-museus/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

ECOMUSEU de Osasco terá atividades diferenciadas na Semana dos Museus. **Partido Verde** - Bacia 6 Osasco, 11 mai. 2016. Disponível em: <http://pvosasco.org.br/site/?p=7749>. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Cadastro Nacional de Museus** (2ª edição). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>. Acesso em: 12 set. 2015.

_____. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: IBRAM, 2011, p.307.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.257. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.257. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-257. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.265. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.286. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.311. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.293. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.223. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MOTTA, Francisco. Parque Dionísio Álvares Mateos (Parque da FITO) Jardim das Flores, Osasco. **Youtube**, 11 set. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aRTmJPK_AaA. Acesso em 07 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu de Osasco. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9004/#tab=tab-mais>. Acesso em: 7 mar. 2017.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO MUNICÍPIO DE OSASCO. **Programas**. Disponível em: [http://www.osasco.sp.gov.br/\(Programas\)](http://www.osasco.sp.gov.br/(Programas)). Acesso em: 06 mai. 2015.

TV CIDADE. Semana dos Museus e Ecomuseu de Osasco. **Youtube**, 22 mai. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cf1lqC4SPBM>. Acesso: 05 nov. 2015.

Referência da Imagem: Fachada do Ecomuseu. Crédito: Suzy Santos (out. 2014).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 80	Denominação: Museu Usina Itinerante de Itabirito	
	Data de Criação: 2008 Endereço: Itabirito/MG Tel.: Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso: _____		
Obs.: _____		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: Website ou blog: http://museuitinerantedeitabirito.blogspot.com.br/ Rede social:		Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Comunitário		
Histórico: Itabirito é uma cidade localizada há cerca de 52 km de Belo Horizonte (MG) que aos poucos perde suas características de cidade de origem rural. O Museu Usina Itinerante de Itabirito, criado em 2008, é um projeto idealizado Tatiana Lima Minardi por que compreende-se enquanto ecomuseu ou museu comunitário, e tem como objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar a história e a identidade cultural da população rural; • Contribuir com a manutenção das populações rurais, atendendo às necessidades culturais de cada comunidade; • Garantir e fomentar o desenvolvimento de ações sociais voltadas à cultura, à arte, ao registro e à manutenção da história e da identidade de Itabirito; • Integrar as manifestações culturais e artísticas da cidade e promover a participação comunitária no projeto; • Compor um projeto turístico que contribua com o desenvolvimento das comunidades. O projeto previa a instalação da sede do museu na antiga usina de farinha de mandioca pertencente à família Minardi (cedida por esta), no bairro “Chancudo de cima”. Não obtivemos informações atualizadas sobre a iniciativa.		
Referências Patrimoniais:		
Atividades desenvolvidas:		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: MUSEU ITINERANTE DE ITABIRITO. Contextualização do MUII. Blogspot , 29 abr. 2010. Disponível em: http://museuitinerantedeitabirito.blogspot.com.br/ . Acesso em: 3 fev. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 81	Denominação: Ecomuseu da Cultura do Vinho
	Data de Criação: 2010 Endereço: Rodovia RS 431, s/n, Km 5, Distrito de Farias Lemos, CEP 95700-000, Bento Gonçalves/RS. Tel.: (54) 3449-2234 / 9982-2257 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Vinícola Dal Pizzol	
Parceiros(as)/apoio: Instituições italianas, Embrapa Uva e Vinho	
Recursos: Lei Rouanet	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 9 às 17:30 horas, sábado e domingo das 10 às 16 horas	
É necessário agendar a visita? () sim (X) não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: ecomuseudovinho@gmail.com , instituto@dalpizzol.com.br Website ou blog: http://www.ecomuseudovinho.weebly.com , http://www.dalpizzol.com.br/ecomuseu Rede social: https://www.facebook.com/VinhosDalPizzol/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>A Vinícola Monte Lemos, popularmente conhecida como Dal Pizzol, foi criada em 1974 com o intuito de privilegiar uma produção controlada. Os irmãos Antônio e Rinaldo Dal Pizzol (cuja família dedica-se ao vinho há 13 gerações) são os responsáveis por seu comando, e também pela criação do Ecomuseu da Cultura do Vinho (2010) e do Instituto R Dal Pizzol (2012), criados com o intuito de promover um processo de salvaguarda, exposição e difusão da memória material e imaterial da cultura vitícola.</p> <p>O Ecomuseu da Cultura do Vinho, instalado no interior do Parque Dal Pizzol, é apresentado como um espaço cultural aconchegante - uma área de 80 mil metros quadrados que compreende lagos e áreas verdes -, e os exemplares de vinhos disponíveis para visitação são preciosos e frutos de uma coleção histórica adquirida por Rinaldo Dal Pizzol.</p> <p>O Ecomuseu foi admitido pela <i>Association of Culture and Tourism Exchange (ACTE)</i> com sede em Stranbourg (França).</p> <p>A Dal Pizzol também possui um restaurante - Ristorante Enoteca Dal Pizzol - que resgata a cultura dos imigrantes italianos e uma biblioteca com publicações raras.</p>	
Referências Patrimoniais: <p>Exemplares de vinhos, garrafas exclusivas e outros objetos históricos da vitivinicultura;</p> <p>Paisagem, animais domésticos e silvestres, coleção botânica de espécies nativas, exóticas, ornamentais, frutíferas e medicinais etc.;</p> <p>Objetos de uso pessoal das famílias, utensílios e equipamentos de trabalho, fotografias, documentos, centenas de garrafas de vinhos locais e estrangeiros etc.</p> <p>Coleção ampelográfica privada, em campo, com cerca de 400 variedades de uvas, de 30 países, chamado “Vinhedo do Mundo” - considerada uma das três maiores coleções de uvas privada do planeta e a maior da América Latina;</p> <p>Enoteca - localizada em um antigo forno da olaria, conservado e restaurado, guarda os vinhos produzidos pela empresa da família desde sua fundação em 1974. Contém uma réplica do primeiro vinhedo construído pelos imigrantes, todo de madeira e sem fios de arame.</p>	
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições de Longa Duração e Temporárias. Exemplo: Exposição “A Magia da Cultura do Vinho” - narrativa apresentada em 10 painéis com mecanismos de interatividade mecânica (05/2014, Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves), entre outras;</p> <p>Desde 2011, a vinícola realiza a colheita simbólica no Vinhedo do Mundo, celebrando a cultura do vinho e a solidariedade entre as nações;</p> <p>Participação em Eventos: 12ª e 14ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com a Exposição “A Magia da Cultura do Vinho” no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, e show musical - Fanfarra Bersaglieri - grupo de músicas típicas italianas (02-30/05/2014); Lançamento do Livro “Paisagens do Vinhedo Rio-Grandense” (18/05/2016), entre outros.</p>	

<p>Ações de Preservação:</p> <p>Identificação e catalogação das espécies botânicas;</p> <p>Publicações "Paisagens vitícolas" e "Memórias do Vinho Gaúcho", entre outras;</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>DAL PIZZOL. Sobre a Dal Pizzol. Disponível em: http://www.dalpizzol.com.br/dal-pizzol/sobre-a-empresa. Acesso em: 2 abr. 2017.</p> <p>_____. Ecomuseu da Cultura do Vinho. Disponível em: http://www.dalpizzol.com.br/ecomuseu. Acesso em: 2 abr. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.389-390. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.313. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu da Cultura do Vinho. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/9178/. Acesso em: 14 mar. 2017.</p> <p>VIVENDO A VIDA. A terceira maior coleção privada de uvas do planeta está no Brasil. Disponível em: http://www.vivendoavida.net/?p=32654. Acesso em: 4 jul. 2016.</p>
<p>Referência da Imagem: Enoteca. Disponível em: http://www.dalpizzol.com.br/ecomuseu/galeria. Acesso em: 4 jul. 2016.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584" rowspan="2"> Ficha: 82 </td> <td data-bbox="751 315 1385 394"> Denominação: Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 400 1385 584"> Data de Criação: 11/2008 Endereço: Rua Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), 7, 2º andar, Morro do Cantagalo, Ipanema, CEP 22071-060, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2267-6374 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 82	Denominação: Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)	Data de Criação: 11/2008 Endereço: Rua Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), 7, 2º andar, Morro do Cantagalo, Ipanema, CEP 22071-060, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2267-6374 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 82	Denominação: Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)			
	Data de Criação: 11/2008 Endereço: Rua Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), 7, 2º andar, Morro do Cantagalo, Ipanema, CEP 22071-060, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2267-6374 Situação atual: em funcionamento.			
<p>Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias e representantes de entidades que já atuam na comunidade (Academia de Box Notre Arte, Academia de Dança Stilo, Acme Grafitti, Corte Arte, AfroReggae, Associação de Comerciantes, Favela Surf Clube, Corpo Movimento, Associação de Moradores do Pavão-Pavãozinho, Associação de Moradores de Cantagalo, G.R.E.S. Alegria da Zona Sul, Grupo de Artesãos do Pavão-Pavãozinho, Grupo de Teatro Libertando os Cativos, Harmonicanto Música e Cidadania, Capela Nossa Senhora da Anunciação, Capela Nossa Senota de Fátima, Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Pão e Vida, Rádio Comunitária Panorama, Rio Arte Popular, Solar Meninos de Luz, Rádio Comunitária Caiçaras, Rádio Comunitária Novas Ondas, Dançando pra Não Dançar e Artistas Plásticos). É um Conselho aberto e em processo de formação.</p>				
<p>Parceiros(as)/apoio: Mitra Episcopal; Parceria MUF-ABM; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) - grupo de Psicologia, professores e estudantes, Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura, UNIRIO – cursos de Museologia e Turismo (desde 2009) - Projeto “Mutação: Museu, Turismo, Ação” - coordenado pelo Professor Mário Chagas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), entre outros.</p>				
<p>Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Jornadas Estudantis e Ch� Dançante do Museu de Favela”), Modernização de museus (2009), Edital dinamização de museus / Departamento de Almas e de Sonhos - SEC-RJ (2010), Modernização de museus (2010), Dinamização de museus (2012), Programa de Fomento � Cultura Carioca (Secretaria Municipal de Cultural do Rio de Janeiro) etc.</p>				
<p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p>				
<p>Ingresso: R\$5,00</p>				
<p>Obs.: Visita Guiada ao Circuito Casas-Tela R\$ 60,00 visitante brasileiro e do Mercosul, R\$ 100,00 demais visitantes</p>				
<p>Funcionamento:</p>				
<p>� necessário agendar a visita? (X) sim () não</p>				
<p>Estrutura física do Museu: O MUF tem um edifício sede central (Mitra Episcopal - sede provisória), mas realiza-se no percurso, a céu aberto, contemplando todo o morro.</p>				
<p>E-mail institucional: info@museudefavela.org Website ou blog: www.museudefavela.org Rede social: https://pt-br.facebook.com/museudefavela/</p>	<p align="center">Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: Museu de território/Ecomuseu, Museu de caráter comunitário (MUSEUS Br, 2017), Museu Itinerante, Ponto de Memória, Museu a Céu Aberto</p>				
<p>Histórico:</p> <p>As comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo ficam localizadas na zona sul do Rio de Janeiro, entre os bairros de Ipanema e Copacabana. Atualmente reúnem cerca de 20 mil moradores (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.68). Estão localizadas nas encostas do Maciço do Cantagalo, entre os bairros Ipanema, Copacabana e Lagoa, na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro.</p> <p>A ideia de criação de um museu na favela começou a ser concebida pelos moradores locais em 2007 e foi fundada no ano seguinte. O Museu de Favela (MUF) foi a primeira iniciativa entre as 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto �ndice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62).</p> <p>O Museu de Favela é uma ONG que se autodefine como um museu de território, de percurso, a céu aberto, um museu vivo construído de forma colaborativa pelos moradores locais. Tem como objetivos (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.68-9):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar e valorizar as memórias culturais coletivas; • Contar a história da formação das favelas cariocas, das origens culturais do samba, da cultura do migrante nordestino, da cultura negra, das artes visuais, da dança; • Identificar e valorizar memórias das lutas, conquistas e identificar desafios da comunidade; • Valorizar e fortalecer os modos de vida, as estratégias de sobrevivência, as possibilidades de integração com o ambiente de forma comunitária, a diversidade da cultura local, expressa no samba, capoeira, dança de salão, forró, rap, grafite, rádios comunitárias, artes plásticas, artesanato, arte popular, bares, pensões e construções que mant�m a identidade típica de favela; 				

- Fomentar a troca e a relação entre os saberes e fazeres do morro; Musealizar saberes e fazeres, das práticas e das vivências, preservando a espontaneidade e a diversidade de sentimentos, movimentos e expressões;
- Promover encontros entre os acervos vivos - conectar gerações e promover o diálogo, o conhecimento e o reconhecimento do território;
- Transformar o morro em um monumento turístico cultural e um grande roteiro de visitação turística nacional e internacional;
- Congregar os interesses da comunidade;
- Fortalecer o espírito de coletividade;
- Desmistificar a imagem das favelas como guetos associados apenas à violência e à miséria.

“O MUF encampou a meta de uma grande transformação territorial, de mudança social e desenvolvimento sustentável para ser realizada com muitos parceiros” (APRESENTAÇÃO ONG [...], 2011), mas sob a liderança direta de moradores locais. Sua organização está apoiada em 4 pilares de atuação: 1) Infraestrutura e Logística: Edifício-Sede do Museu, Roteiros Abertos da Favela e Melhoria da Qualidade de Vida no Território; 2) Gestão e Governança: Capacitação Continuada de Quadros, Administração e Fomento de Redes de Negócios Turísticos; 3) Projetos Pedagógicos e de Animação Cultural: Artes, Comunicação, Ritmo, Pesquisa e Documentação; 4) Inserção da cidade na comunidade: roteiros culturais, festivais e eventos, intercâmbios. Há ainda o Núcleo de Desenvolvimento do Turismo e Hospitalidade, criado através de convênio firmado com a UNIRIO e o Núcleo de Comunicação.

O MUF possui auditório, biblioteca e uma loja, a “REDEMUF”, que comercializa a produção artesanal das comunidades. Também apoia outras redes de negócio voltadas à vocação turística do morro: hospedagem, arte, artesanato, serviços de transporte, comunicação, estética, restaurantes e bares etc.

É umas das iniciativas integrantes da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Referências Patrimoniais:

O acervo do MUF são os/as cerca de 20 mil moradores do território museal (considerados galeria de arte e memórias) e seus modos de vida, incluindo patrimônios natural e cultural (tangível e intangível);

Lugares de Memória: Quadra do Pavãozinho, Estrada do Cantagalo, Quadra da Escola de Samba GRES Alegria da Zona Sul, Espaço Criança Esperança, Mirante do Cantagalo,

Patrimônio Natural: Mata Atlântica e vistas panorâmicas da cidade do Rio de Janeiro.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição “Um despertar de almas e sonhos” – 1ª exposição do MUF (14/02/2009, quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Alegria da Zona Sul); Exposição no 8º Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição ‘Arte sobre Escombros’ (idealizada pelo grafiteiro e artista plástico Carlos Esquivel - ACME); Exposição Itinerante “Mulheres Guerreiras” (05/2014, Museu da República, Museu Palácio Negro, Museu do Ingá); Exposição “A Paisagem Encantada do Museu de Favela Pontos de Memórias” (05/2014), entre outras;

Casas-Tela: circuito museal na favela, desenvolvido por 22 artistas grafiteiros, que criaram pinturas representando histórias dos moradores de 22 casas (2011-atual);

Curso “Introdução à Museologia e Noções de Turismo”;

Projeto Memória LGBT – com uma Série de exposições para a Revista LGBT - “Ser LGBT na Favela”, Rodas de memória, oficinas, formação, exposições, publicações, apresentações artísticas, mapeamento e inventário do patrimônio cultural LGBT na favela (03-08/2015);

CIVISMUF - Central de Visitação do Museu de Favela (implantada em 2012), CineMuf Caixa D’água – exibição de filmes e documentários, FESTMUF - evento promovido pelo museu nas lajes dos moradores, Eco Trilha Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – iniciativa dos moradores com apoio do PAC Social em parceria com o MUF, Oficinas, Bazares, Instalações de obras de arte, Performances culturais ao vivo, Ações Comunitárias voltadas para a geração de trabalho e renda (exemplo: Delícias culinárias de mestras do ofício das 3 comunidades, produção de brindes de natal), etc.;

Organização de Eventos: XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM (8-10/08/2013), Curso de Museologia Social (13, 20 e 27/02/2014, parceria UNIRIO)

Participação em Eventos: 5ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Sarau das Mulheres Guerreiras do MUF, a cada dia será homenageado um grupo de mulheres guardiãs de memórias comunitárias (22-25/09/2011, Base Operacional 1 do Museu de Favela, Terraço Cultural); Visitas Guiadas pelo Circuito das Casas-Tela, Sarau de premiação Mulheres Guerreiras 2012, música, dança, exibição de curta-metragem (27-29/09/2012); Percorso Griô (visita guiada), Vivências práticas de capoeira e percussão, Mesa-Redonda “Olhares de fé sobre a cultura afro”, com representantes de diversas religiões existentes na comunidade (24-26/09/2013); Sarau MUF Criativo, Visitas Guiadas pelo Circuito das Casas-Tela, Apresentações de poesia, música e dança acompanhado de um coffee break (26/09/2014); Exibição do Filme “Mulheres Guerreiras” (2015), Premiação do filme e entrevistas com 13 moradoras das favelas de Cantagalo, Pavão/Pavãozinho (18/09/2015); 9ª, 10ª, 12ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Visitas Guiadas pelo Circuito das Casas-Tela (19-22/05/2011; 14-20/05/2012), Exposições “Mulheres Guerreiras” (16-21/05/2014); Ação Educativa com o tema “MUF - onde o lixo vira arte” (23/05/2015); Exposição e Ação Educativa “A Paisagem Encantada do Museu de Favela Pontos de Memórias”, Mesa Redonda com fotógrafos da comunidade (16-21/05/2016).

Ações de Preservação:

Entrevistas para registro de histórias orais sobre a formação do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, Pesquisas, Inventários de Memórias e Manifestações Culturais em várias linguagens, Levantamento de troncos familiares que compõem a árvore genealógica da localidade (primeiras famílias de migrantes: Carvalhos, Pintos, Sobreiras e Schuengs), Revista Digital do Museu de Favela, *website*, entre outras ações.

Referências Bibliográficas:

APRESENTAÇÃO ONG MUSEU DE FAVELA - Pavão/Pavãozinho, Cantagalo. **Youtube**, 25 mai. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LHv1gLbdeMw>. Acesso em: 1 dez. 2016.

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.430-436, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

COUTINHO, Davison. Museu de favela sofre com ventania e precisa de sua solidariedade. **Jornal do Brasil**, 26 ago. 2016. Disponível em: <http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2016/08/26/museu-de-favela-sofre-com-ventania-e-precisa-de-sua-solidariedade/>. Acesso em: 1 dez. 2016.

FAVELA TOUR - O que é o MUF? Museu de Favela. **Youtube**, 26 mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJvUOAvWnOM>. Acesso em: 1 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **Pontos de Memória também participam da 7ª Primavera dos Museus** (07/09/2013). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/pontos-de-memoria-tambem-participam-da-7-primavera-dos-museus/>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.192. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.229. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.229. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.100. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.112. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 230. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.237. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.271. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.293. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.223. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MOURA, Camila de Fátima Simão de. **Ponto de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme**, Belém-Pa. 2016. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2016. Disponível em: <http://ppga.proesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CAMILA%20MOURA%20ALC%C3%82NTARA.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MUSEU DE FAVELA. Disponível em: www.museudefavela.org. Acesso em: 14 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu de Favela. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8223/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 68-71, 84-85. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

SANTOS, Rita de Cássia. Becos e vielas do Museu de Favela. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**. Chapecó: Unochapecó, Ano 27, n.41, p.229-336, dez. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168/showToc>. Acesso em: 2 fev. 2015.

Referência da Imagem: Portal do MUF. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/josephine-dallant/how-art-helps-the-global-south_b_3943767.html. Acesso em: 29 jun. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
83

Denominação: Espaço Pâvañh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena

Data de Criação: 2008

Endereço: Terra Indígena Nonoai, Nonoai/RS

Tel.:

Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

Os Kaingang (Kanhgág), chamados até o final do século XIX por uma grande variedade de termos, se apropriaram da denominação criada por Telêmaco Borba, e assim passaram a se autodenominar. Vivem em cerca de 30 Terras Indígenas espalhadas pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, regiões há poucas terras com boas condições para a pesca e a caça, o que dificulta os meios de subsistência e também a falta de matéria-prima para a produção de artesanatos. Sua língua (Kaingang) pertence à família linguística Macro-Jê, e falam também o português. Os Kaingang enfrentaram diversas tentativas de extermínio, massacres, doenças, opressões e a perda de sua identidade (MINC, 2008, p.380).

O Espaço Pâvañh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena foi criado em 2008 na sede da Terra Indígena Nonoai (que abarca os municípios de Nonoai, Planalto e Rio dos Índios/RS). Foi desenvolvido por professores, pesquisadores e lideranças indígenas, e seu corpo de diretores obrigatoriamente deve ser indígena e receber formação para o exercício da função.

O Espaço Pâvañh de Memória, Pesquisas, Produção e Formação Indígena tem como objetivos:

- Promover, estimular e produzir pesquisa científica original e estudo crítico avançado nos domínios da linguagem, cultura, educação e memória (museologia) indígena;
- Promover o ensino nos domínios da linguagem, educação (formas e processos próprios de ensino-aprendizagem, salvaguarda e manutenção histórica) em todas as manifestações, visando a formação de profissionais indígenas para o exercício do magistério, pesquisas e demais ocupações relacionadas à língua, literatura, educação indígena, cultura e memória;
- Responder pelas intervenções junto às comunidades indígenas que envolvam o conhecimento nos campos acima citados;
- Estabelecer cooperação técnico-científica, cultural e pedagógica com entidades públicas e privadas;
- Instituir ou apoiar projetos que ampliem o conhecimento sobre a língua, a cultura, a educação indígena e a memória.

O Espaço é composto por 5 Departamentos: Linguística e Linguística Aplicada; Produção e Teoria Literária Indígena; Cultura e Etnosaberes; Educação Indígena e Educação Escolar Indígena; Memória (Museologia).

Referências Patrimoniais:

Saberes e Mitos Tradicionais, Memórias, Artesanatos (cestarias, entre outros) e Manifestações Culturais dos Kaingang da T.I. Nonoai.

Atividades desenvolvidas:
<p>Participação em Eventos: II Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus (06-08/08/2013, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); entre outros.</p>
Ações de Preservação:
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>COMUNICAÇÃO VERBAL – Apresentação de Josué Carvalho no II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE);</p> <p>MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. Prêmio Culturas Indígenas. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.380-384. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru. Acesso em: 13 mar. 2017.</p> <p>PORTAL KAINGANG. Terra Indígena Nonoai. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/index_nonoai.htm. Acesso em: 30 nov. 2016.</p>
<p>Referência da Imagem: Produção de Artefatos – T.I. Nonoai/RS. Créditos: Josué Carvalho. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=259388930915534&set=a.100753736779055.615.100005332860429&type=3&theater. Acesso em: 21 mar. 2017.</p>
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589" rowspan="2"> Ficha: 84 </td> <td data-bbox="751 315 1385 394"> Denominação: Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 400 1385 589"> Data de Criação: 2008 (?) Endereço: Aldeia Velha, Porto Seguro/BA Tel.: (73) 3268-3405 (73) 8809-1415 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 84	Denominação: Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó	Data de Criação: 2008 (?) Endereço: Aldeia Velha, Porto Seguro/BA Tel.: (73) 3268-3405 (73) 8809-1415 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 84	Denominação: Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó			
	Data de Criação: 2008 (?) Endereço: Aldeia Velha, Porto Seguro/BA Tel.: (73) 3268-3405 (73) 8809-1415 Situação atual: em funcionamento.			
Entidade(s) Gestora(s): Lideranças Pataxó em parceria com o Instituto Tribos Jovens (ONG)				
Parceiros(as)/apoio: Instituto Tribos Jovens (ONG), Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – SECULT				
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Museu Virtual Pataxó”), Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Aldeia Velha Enquanto Museu Virtual e Aberto Pataxó”)				
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:				
Ingresso:				
Obs.:				
Funcionamento:				
É necessário agendar a visita? () sim () não				
Estrutura física do Museu:				
E-mail institucional: comunicacao@tribosjovens.org.br Website ou blog: www.mukamukaupataxo.art.br Rede social:	Logotipo			
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Virtual, [Museu Comunitário], Ponto de Memória				
Histórico: <p>A Aldeia de Barra Velha, localizada entre as vilas de Prado e Porto Seguro, foi criada em 1861 por ordem do presidente da Província da Bahia com o objetivo de “abrigar e isolar as famílias indígenas ainda ‘selvagens’, em benefício das vilas regionais” (MIRANDA, 2006, p.21). Sua população era composta por Pataxós, Maxacalis, Botocudos, Tupiniquins e possivelmente os Kamakás, mas como a maioria eram Pataxós este foi o etnônimo adotado pelo grupo. Na década de 1950 houve na aldeia um levante que levou a população local se dar conta não apenas da existência de populações indígenas mas também das péssimas condições em que viviam. A violenta repressão policial gerou a morte de dois indígenas, a prisão de 38 e ocasionou um incêndio da aldeia, episódio que ficou conhecido como “Fogo de 51”. Devido às perseguições sofridas, os Pataxó de Barra Velha foram impelidos a se dispersar pela região, e esse êxodo deu origem à formação de cerca de outras 22 aldeias Pataxó. Barra Velha ficou conhecida como “Aldeia Mãe” (MIRANDA, 2006, p.21-22).</p> <p>A Aldeia Velha Pataxó está localizada no município de Porto Seguro (BA). Em 2011 e 2012 foi contemplada pelo Ministério da Cultura com o Prêmio Pontos de Memória, o que possibilitou a concepção do Museu Virtual Muká Mukaú – Portal da Cultura Viva Pataxó, um museu virtual da cultura indígena elaborado em parceria com o Instituto Tribos Jovens. O Museu Virtual Pataxó originou-se no projeto Muká Mukaú e tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a memória do povo Pataxó; • Ampliar o acesso ao Inventário Cultural Pataxó; • Disponibilizar os depoimentos gravados durante o projeto “Saberes, fazeres e memória do povo Pataxó”, realizado pelo Instituto Tribos Jovens em parceria com o Ponto de Cultura da Aldeia Velha. <p>A população da Aldeia Velha Pataxó também possui o Ponto de Cultura Aldeia Velha e o Museu Aberto Aldeia Velha Pataxó, que espalha-se pelo território da aldeia.</p>				
Referências Patrimoniais: <p>Acervo arqueológico, ambiental e de memória, incluindo saberes, fazeres, comidas, bebidas, medicina tradicional, artesanatos, formas de habitação, língua “Patxohã”, rituais, cantos e danças, pintura corporal etc.</p> <p>Vídeos e fotografias das manifestações culturais do Povo Pataxó etc.</p>				
Atividades desenvolvidas: <p>Projeto “Muká Mukaú – Caravana Cultural Indígena” - oficinas, reuniões, entrevistas, gravações de vídeos, fotos etc.</p> <p>Participação em Eventos: II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buique/PE); 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Divulgação do Museu Virtual Muká Mukaú - Portal da Cultura Viva Pataxó para estudantes e professores da Universidade Federal do Sul da Bahia e escolas municipais de Porto Seguro, Inauguração do Museu Aberto Aldeia Velha Pataxó - placas de identificação sobre acervo arqueológico, ambiental e de memória, incluindo saberes e fazeres, Lançamento do videodocumentário Ponto de Cultura Aldeia Velha - Saberes, Fazeres e Memória</p>				

do Povo Pataxó (21-25/09/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Pesquisas sobre o Povo Pataxó;

Elaboração do videodocumentário “Saberes, Fazeres e Memória do Povo Pataxó”;

Inventário Cultural Pataxó;

Projeto “Muká Mukaú – Caravana Cultural Indígena” - registro e salvaguarda da memória, aspectos culturais e identidade da vida das aldeias Pataxó, entre outras.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.26. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO TRIBOS JOVENS. **Facebook:** Fanpage, 8 mai. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/InstitutoTribosJovens/posts/1012665148746141>. Acesso em: 18 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas.** Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.94. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó:** práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. 2006. 111f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Departamento de Antropologia e Etnologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/12486988782006%20MIRANDA.%20Sarah%20-%20Identidade%20Pataxo%20entre%20Crianças%20de%20Coroa%20Vermelha.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TERRITORIALIZAÇÃO da Cultura – Política e Gestão Cultural em Ação. **Projeto visita aldeias indígenas.** Disponível em: <https://territoriosculturaisbahia.wordpress.com/2015/03/31/projeto-visita-aldeias-indigenas/>. Acesso em: 18 mar. 2017.

Referência da Imagem: Jovens em Oficina do Ponto de Cultura Pataxó de Aldeia Velha. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/pontodeculturapataxodealdeiavelha/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 18 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589"> Ficha: 85 </td> <td data-bbox="751 315 1385 589"> Denominação: Museu Comunitário de Pinhal Alto Data de Criação: 2009 Endereço: Rua Otto Walter Schneider, s/nº, Pinhal Alto, Nova Petrópolis/RS. Tel.: (54) 3298-5151 / 3281-1254 / 3281-8446 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 85	Denominação: Museu Comunitário de Pinhal Alto Data de Criação: 2009 Endereço: Rua Otto Walter Schneider, s/nº, Pinhal Alto, Nova Petrópolis/RS. Tel.: (54) 3298-5151 / 3281-1254 / 3281-8446 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 85	Denominação: Museu Comunitário de Pinhal Alto Data de Criação: 2009 Endereço: Rua Otto Walter Schneider, s/nº, Pinhal Alto, Nova Petrópolis/RS. Tel.: (54) 3298-5151 / 3281-1254 / 3281-8446 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Associação de Moradores de Pinhal Alto (AMPA) Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 6ª feiras e sábados, das 08:30 às 11:30 e das 13:00 às 17:00 horas. É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em uma propriedade da família Wickert (que já foi moradia e carpintaria), atualmente cedida à Associação de Moradores de Pinhal Alto			
E-mail Institucional: museuhistorico@novapetropolis.rs.gov.br Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Comunitário			
Histórico: <p>Pinhal Alto é um distrito rural do município de Nova Petrópolis (RS). Foi colonizado no início da década de 1850, antes mesmo da fundação da colônia provincial de Nova Petrópolis. Até a Segunda Guerra a região era conhecida como <i>Tannenwald</i> - “Mata de Pinheiros” – e as escolas locais ensinavam exclusivamente em alemão. Atualmente, 90% de seus moradores possuem ascendência alemã, e possuem um forte espírito comunitário. Em suas casas falam prioritariamente o dialeto alemão, além de preservar a cultura, danças típicas e a culinária de origem. A base da economia local é a produção rural, especialmente a plantação de milho, a avicultura e a suinocultura.</p> <p>O Museu Comunitário de Pinhal Alto, inaugurado em março de 2009, é fruto da colaboração de diversas famílias da localidade e da criatividade comunitária. Está sediado em uma propriedade da família Wickert (que já foi moradia e carpintaria), atualmente cedida à Associação de Moradores de Pinhal Alto. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a história, a cultura e conscientizar as gerações atuais da importância em conhecer a trajetória dos primeiros imigrantes na localidade de Pinhal Alto; • Investigar, resgatar, preservar e difundir o patrimônio histórico e cultural da localidade; • Atuar como ferramenta para avançar na autodeterminação e fortalecer as comunidades como sujeitos coletivos que criam, recriam e decidem sobre sua realidade. 			
Referências Patrimoniais: <p>O acervo do museu é composto por móveis, instrumentos, utensílios, documentos, que retratam o dia-a-dia dos imigrantes alemães desde a sua chegada ao Brasil.</p>			
Atividades Desenvolvidas: <p>Exposições; Visitas Guiadas; Participação em Eventos: 9ª a 13ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Exposição de objetos e documentos da localidade de Pinhal Alto referente ao desenvolvimento cooperativista em Pinhal Alto (16-22/05/2011); Exposição sobre a evolução histórica do município e de Pinhal Alto (14-20/05/2012); Visitas Guiadas à exposição (13-18/05/2013; 12-18/05/2014); Visitas Guiadas ao museu e Palestras (18-23/05/2015), entre outros.</p>			
Ações de Preservação:			
Referências Bibliográficas: <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Semana de Museus: Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 325. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p>			

_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.338. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.381. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.403. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.			
_____. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.420. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.			
MUSEU COMUNITÁRIO DE PINHAL ALTO. Grupo Redesul , 22 ju. 2009. Disponível em: https://www.redesul.com.br/noticias/show/noticia/16370-museu-comunitario-de-pinhhal-alto . Acesso em: 15 out. 2017.			
PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO: Uma Rede Viva!!!. Museu Comunitário do Pinhal Alto. Disponível em: http://patrimonioredeviva.com.br/cidades/5/nova-petropolis/categoria/8/memorial-museu/patrimonio/58/museu-comunitario-do-pinhhal-alto . Acesso em: 15 out. 2017.			
POUSADA PINHAL ALTO. Pinhal Alto . Disponível em: http://www.pousadapinhhalalto.com.br/secao.php?pagina=3 . Acesso em: 15 out. 2017.			
Referência	da	Imagem:	Disponível em:
http://www.pousadapinhhalalto.com.br/secao.php?pagina=3 . Acesso em: 15 out. 2017.			
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
86

Denominação: Ponto de Memória da Terra Firme

Data de Criação: 2009

Endereço: Terra Firme, Belém/PA.

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias e colaboradores.

Parceiros(as)/apoio: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Grupos Culturais: Companhia de Dança Exibela, Grupo de Capoeira Eu Sou Angoleiro, Instituto Amazônia Cultural, Instituto Cultural Pólo São Pedro, Quadrilha Junina Crianças que Brilham, Grupo Cultural Boi da Terra, Grupo Cultural Boi Marronzinho; Projetos Socioculturais: Coletivo Casa Preta (Movimento Hip Hop e Negro); Rádio Comunitária, ASCON (Assessoria de Contabilidade), comerciantes do bairro, colaboradores em geral (pesquisadores, estudantes em geral, alunos do curso de museologia da UFPA e agentes culturais), entre outros.

Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Edital “Micro-Projeto Território de Paz” (2010), do Pronasci/Ministério da Justiça e Programa Mais Cultura/Ministério da Cultura (com os projetos “As Diversas Linguagens da Cultura no Bairro da Terra Firme”, “Escrevendo a Nossa História Outra Vez: O Jornal O Tucunduba” e “Juventudes e Imagens do Bairro da Terra Firme: reafirmando identidades e garantindo cidadania”).

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: Todo o território da Terra Firme compõe o museu e suas ações são itinerantes, realizadas em espaços cedidos (públicos e privados), como o Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, a Igreja São Domingos de Gusmão, as Escolas Estaduais Brigadeiro Fontenelle e Doutor Celso Malcher, Escola de Aplicação da UFPA (NPI), a Praça Olavo Bilac, a Unidade Intensiva Pró-Paz Terra Firme (UIPP) etc.

E-mail institucional: pontodememoriaterrafirme@gmail.com

Webside ou blog: <http://pontodememoriaterrafirme.blogspot.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/pontodememoriaterrafirme?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário, Museu a Céu Aberto (MOURA, 2016, p.66), Ponto de Memória.

Histórico:

Terra Firme é um bairro localizado na periferia da zona sul cidade de Belém (PA), cujo processo de ocupação, em áreas pertencentes à UFPA, teve início entre as décadas de 1940 de 1960. A proximidade com um dos afluentes do Rio Guamá, Igarapé Tucunduba, somada às características topográficas de seus terrenos, deixavam poucas porções de terra firme, o que originou o nome dado ao bairro alagadiço. Seus moradores são em sua maioria migrantes oriundos do interior do Pará ou de outros estados em busca de oportunidades ou “pessoas procedentes do centro urbano da cidade” (MOURA, 2016, p.1). Antes de ocorrer o intenso processo de ocupação os moradores desenvolviam atividades de subsistência como o plantio de verduras, hortaliças e legumes, e estabelecimentos de vacarias (criação de gados para produção de leite e laticínios) que abasteciam as feiras dos bairros próximos. Esses moradores foram removidos para outro local (mediante indenização negociada), pressionados pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (ELETRONORTE), que ali se instalou. O bairro cresceu desordenadamente, com falta ou insuficiência de infraestrutura básica.

Com o intuito de exigir direitos básicos (como moradia digna, regularização fundiária, saneamento básico, energia elétrica, ruas pavimentadas, coleta regular de lixo, educação, saúde, transporte coletivo, trabalho e renda, áreas de lazer e segurança pública) os moradores se organizaram e formaram o Centro Comunitário Bom Jesus (CCBJ), que também foi responsável pela resolução dos conflitos junto à UFPA. Apesar da militância e luta de seus moradores por melhores condições de vida, a consequência das dificuldades socioeconômicas de seus moradores, somada à ausência do poder público foi o crescimento dos índices de criminalidade e intenso tráfico de drogas. Atualmente, Terra Firme é um dos bairros mais populosos de Belém, e carrega o estereótipo de bairro violento, o que é alimentado pelos meios de comunicação locais (SILVIA; SÁ, 2012, p.176). De acordo com o Censo de 2011 (IBGE), o bairro possui cerca de 61.439 habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.44-45).

Os membros do CCBJ há tempos discutiam a memória do bairro, e também existiam diversos grupos culturais que contribuíam para o fortalecimento e o desenvolvimento da cultura no bairro e impulsionavam “a valorização da história e da memória narradas pelos moradores” (MOURA, 2016, p.93).

Desde 1985, em parceria com as comunidades vizinhas ao Campus de Pesquisa localizado no bairro, o MPEG desenvolve o Projeto “O Museu Goeldi leva educação em ciência à comunidade”, coordenado pela Profª Helena Quadros, com o objetivo de contribuir com a consciência ecológica para a preservação do patrimônio ambiental local,

incentivar o interesse por pesquisas científicas e contribuir para a valorização da cultura regional (MOURA, 2016, p.79; 123). Esse fato contribuiu para que, a partir de 2009, a comunidade do bairro Terra Firme tenha sido uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM (AVELAR, 2015, p.62).

O Ponto de Memória da Terra Firme apresenta-se como um “museu diferente”, a céu aberto (MOURA, 2016, p.166) “uma iniciativa de museologia social” (*idem*, p.133), um “projeto comunitário participativo de caráter sociocultural-educacional que adota a museologia comunitária como principal ação transformadora” do bairro (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.44), desenvolvida “para e com a comunidade” (*idem*, p.52). Entre seus objetivos destacam-se:

- A criação de bases para a formação de um museu comunitário: lugar de memória, de representação histórica, de todos e para todos, de educação, encontros, debates, de construção e afirmação da identidade do bairro da Terra Firme (MOURA apud QUADROS, 2016,p.52), assim como as identidades (individuais e coletivas) locais;
- Atuar como agente transformador do bairro por meio de ações museais: identificar, registrar, preservar, valorizar e comunicar as memórias, histórias e características peculiares da Terra Firme;
- Contribuir para a preservação do patrimônio local, a valorização dos saberes, práticas e culturas da comunidade, assim como memória social dos moradores e a reconstrução de sua história;
- Contribuir para “vencer a narrativa oficial de um lugar violento formado por pessoas criminosas, preservada e repetida na mídia” (MOURA, 2016, p.133) e “mudar imagem negativa atribuída ao lugar” (*idem*, p.52);
- Levantar fotografias, entrevistas, contos, lendas e objetos que contam a história da comunidade;
- Apoiar, valorizar e dar visibilidade aos diversos grupos culturais do bairro, mobilizando-os junto aos moradores através de cortejos culturais, quadrilhas juninas, grupos de dança de rua, hip-hop, grupos de capoeira, de carimbó, poetas, artistas plásticos e cantores populares;
- Abordar temas como a questão do lixo, saneamento, saúde e educação na localidade;
- Contribuir para o engajamento dos jovens nas ações socioculturais de interesse para o bairro.

O Ponto de memória “permite que a luta constante dos moradores do bairro da Terra Firme se renove, agregando novas lutas e novas lideranças” (MOURA, 2016, p.82).

Referências Patrimoniais:

Principais referências: Lugares de Memória - lugares que contam histórias e afirmam identidades, instrumentos de caráter “institucional, emocional e sentimental” (MOURA apud NORA, 2016, p.94): Rio Igarapé Tucunduba; Praça Olavo Bilac; Feira da Rua Celso Malcher; Feira do Tucunduba (Rua São Domingos), Horto Mercado Municipal da Terra Firme; Igreja São Domingos de Gusmão; Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle (e outras escolas do bairro); Shopping Chão (xipo chão); comércios, ruas, casas, farmácias, posto de saúde etc.; Histórias de vida de moradores e/ou pessoas que contribuem para a construção diária do bairro, “reconhecidas como patrimônios vivos” presentes no cotidiano do bairro (MOURA, 2016, p.144); Personagens característicos do bairro: vendedores de tacacá, bombom, sorvete, pintor, artistas de rua, grupo da coleta seletiva de lixo etc.; Pregões dos ambulantes ((anúncios feitos por vendedores de rua, com rimas simples de fácil memorização); Letras de Músicas; O processo de luta e conquistas pela moradia; Movimentos socioculturais da Terra Firme; Os transportes utilizados no bairro (ônibus, bicicletas, carroça etc.).

O acervo físico é composto por fotografias, utensílios, vestimentas, adereços e instrumentos cedidos pelos moradores entrevistados, além de registros fotográficos, em áudio ou audiovisuais das atividades do museu.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição Itinerante “Museu Goeldi e o Bairro da Terra Firme: 25 anos de ação comunitária”, elaborada em parceria com o MPEG (05/2010, XIV Feira Pan-Amazônica do Livro, Belém/PA); Exposição no 8º Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília/DF); Exposição Itinerante “Terra Firme: de tudo um pouco”, de “caráter contemplativo e político” (MOURA, 2016, p.108), elaborada coletivamente com a colaboração da arquiteta Carlota Brito, com painéis expositivos retratando os patrimônios reconhecidos e memórias narradas pelos moradores (2013-2014, itinerância dentro e fora do bairro, em igrejas, escolas, centro comunitários, no MPEG, Ecomuseu da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Universidade da Amazônia etc.); Exposição Itinerante “Memórias Plurais” (11/2014 - ?, a exposição percorreu diversos estados onde ocorreram atividades promovidas pelo IBRAM); Exposição “Paisagens culturais e memória do bairro da Terra Firme (Belém, PA)” (18/05/2016 - ?);

Roteiro Ecológico Paisagens e Memórias do Bairro da Terra Firme: Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, Jardim Comunitário na Perimetral, Rua São Domingos, Escola Brigadeiro Fontenelle, Praça Olavo Bilac (Shopping Chão), Feira na Rua Celso Malcher e Igarapé do Tucunduba e Unidade Integrada Pro Paz (UIPP).

Participação em eventos: I Teia da Memória (16-18/12/2009, Salvador/BA); II Teia da Memória (26-28/03/2010, Fortaleza/CE); Palestra para o Programa Mulheres da Paz (15 e 17/09/2010, Escolas NPI e Frei Daniel, na Terra Firme e Guamá); III Teia da Memória (15-17/12/2010, Rio de Janeiro/RJ); XIX Seminário do Programa Institucional de Iniciação Científica do MPEG - participação de Cilane Melo, Isabella Gibson e Camila Moura (08/07/2011); IV Encontro de Economia Comunitária (13/06/2012); IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários - IV EIMC, com a Oficina Inventário Participativo (07/2012); IV Teia da Memória (23-25/11/2014, Belém/PA); Festival de Gastronomia InTel.igente do MPEG (anualmente); encontros dos movimentos socioculturais presentes no bairro e atividades dentro das escolas; 5ª, 7ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com Palestra “Mulheres, Museus, Memória e Cidadania na Terra Firme” e Mesa Redonda “Relatos de mulheres contando suas memórias e histórias” (19-20/10/2011, Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA); Exposição “Terra Firme de Tudo um Pouco” (25-27/09/2013, UFPa); Festival de Gastronomia Inteligente 2014 - parceria com o MPEG (25-28/09/2014, Parque Zoobotânico do MPEG); 9ª, 10ª, 12ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com I Gincana História e Memória do Ponto de Memória do Bairro da Terra Firme - parceria do MPEG-Nuvop/SEC (16-20/05/2011); Roda de Memória “Ponto de Memória da Terra Firme e Museu Goeldi: transformando a juventude do bairro da terra firme”, demonstração de vídeos e amostra de produtos (16/05/2012); II Seminário Museu, Educação e Cidadania, parceria com o MPEG (15/05/2014, Auditório do Campus de Pesquisa do MPEG); Oficina Memória “Micro Olhar sobre o bairro Terra Firme”, destinada aos conselheiros do Ponto e moradores, parceria com MPEG (18-22/05/2015, UIPP);

Exposição "Paisagens culturais e memória do bairro da Terra Firme (Belém, PA)", Roda de memória "A contribuição do Museu Goeldi para as transformações da paisagem cultural do bairro da Terra Firme" (18/05/2016, Quadra da Igreja de São Domingos) / Seminário "Redes de memórias e iniciativas comunitárias da região norte" (28-29/04/2016, Escola de Aplicação da UFPA);

Realização de Seminários ("Ecomuseus e Museus Comunitários: uma nova proposta ao bairro da Terra Firme" - 18-21/05/2010, "1º Seminário do Ponto de Memória e Iniciativas Comunitárias do Estado do Pará" - 16/03/2013, Seminário "O povo da Terra Firme conhecendo suas diversas manifestações culturais" - 18/10/2013), Encontros (I Encontro de Gestores e Professores do bairro da Terra Firme - 2010, I Encontro do Ponto de Memória, Museu Goeldi e Escolas do Bairro da Terra Firme - 07/04/2011; III Reunião de Jardins Botânicos e Pontos de Memória - 2015, em parceria com o MPEG e a Rede Brasileira de Jardins Botânicos - RBJB), Oficinas de Capacitação do Conselho Gestor - Programa Pontos de Memória: "Museu, Memória e Cidadania" (27/05/2010, ministrada por Cláudia Rose Ribeiro, Wélcio de Toledo e Inês Gouveia); Oficinas "Memórias da Terra Firme" (08/04/2011); Oficina de Capacitação para Jovens para a realização das entrevistas com os moradores: Inventário Participativo (12-17/12/2011, ministrada por Camila Moura); Oficinas "Planejamento e Montagem de Exposições para Museus Comunitários" e "Design Participativo: a Terra Fala" (07/2012 e 10/2012, ministradas pela arquiteta do MPEG Carlota Brito); Oficina de Produção de Reportagem; Oficina de Produção de Vídeo-documentário; Rodas de Diálogo em escolas locais (09/2010); Rodas de Memória: I Roda de Memória do Projeto "As diversas linguagens da cultura do Bairro da Terra Firme" (15/02/2012, coordenada por Maria Francisca - Chicona) e outras nas escolas, casas dos moradores, instalações do Campus de Pesquisa do MPEG etc.; Cortejo Cultural do Ponto de Memória de Terra Firme "As diversas linguagens da Cultura", que reuniu artistas ao som de toadas de boi, adereços, tambores, porta-estandarte e carro-som (28/04/2012); Mostras de Vídeo e Palestras em escolas da região; Lançamento da 1ª Edição do Jornal O Tucunduba (23/03/2012).

Ações de Preservação:

11/2011 – 04/2012 → Inventário participativo das práticas de cultura popular (manifestações socioculturais do bairro) e saberes locais: pesquisar, catalogar e sistematizar as linguagens culturais, patrimônios, a história e a memória presente no bairro de Terra Firme, por meio de entrevistas de histórias de vida, a partir de temas norteadores (cotidiano, história do bairro, lutas sociais, cultura popular, instituições de pesquisa presentes no bairro) (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.46-47). Foram coletadas 59 entrevistas de história de vida com moradores e/ou pessoas atuantes no bairro; Produção de dois vídeo-documentários (2011-2012) que retratam a vida cotidiana local: "Todo dia é dia de feira na Terra Firme" e "Ritmos, Cores e Rostos da Terra Firme"; Reedição do extinto jornal comunitário "O Tucunduba" (2012); Mapeamento das manifestações artísticas culturais do bairro Terra Firme (2013); Produção da Cartilha Informativa do Projeto "Um Ponto de Memória na Terra Firme" (2013); Limpeza de lixo no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi (2015), Plantio de espécies nativas da Amazônia (2015).

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.119. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.127. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.54. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus: Museu e Memória**. Brasília: IBRAM, 2011, 134. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.144. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.158. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.168. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.128. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

JORNAL O TUCUNDUBA - O jornal do bairro da Terra Firme, em Belém PA. **Blogspot**. Disponível em: <http://jornalotucunduba.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2017.

MOURA, Camila de Fátima Simão de. **Ponto de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa**. 2016. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2016. Disponível em: <http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CAMILA%20MOURA%20ALC%C3%82NTARA.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória:** Metodologia e Práticas em Museologia Social. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.44-49, 86-87. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PONTO MEMÓRIA TERRA FIRME. **Facebook:** *Fanpage.* Disponível em: <https://www.facebook.com/pontodememoriaterrafirme?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

LUCIANA BARBOSA.NET. **Seminário “Ecomuseus e Museus Comunitários:** uma nova proposta ao Bairro da Terra Firme”. 2010. Disponível em: http://www.lucianabarbosa.net/wp-content/uploads/2010/04/Semin%C3%A1rio_Ecomuseus-e-Museus-Comunit%C3%A1rios_Uma-nova-proposta-ao-Bairro-da-Terra-Firme.pdf. Acesso em: 12 dez. 2016.

SILVA, Maria do Socorro Rocha; SÁ, Maria Elvira Rocha de. Medo da cidade: estudo de caso do bairro Terra Firme de Belém (PA). In: **Argumentum**. Vitória (ES), v.4, n.2, p.174-188, jul/dez 2012. Endereço eletrônico: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4835014.pdf. Acesso em: 13 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-134. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

Referência da Imagem: Lançamento da exposição Terra Firme: de tudo um pouco, na quadra da Igreja São Domingos de Gusmão (Fonte: Acervo do Ponto de Memória da Terra Firme. Foto: Eloiza Barbosa, 2013. Disponível em: MOURA, 2016, p.56).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 87	Denominação: Museu Sankofa Memória e História Rocinha Data de Criação: 2009 Endereço: Estrada da Gávea 242, Rocinha, CEP 22451-261, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 8192-5334 Situação atual: em funcionamento.
<p>Entidade(s) Gestora(s): Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha, Projeto desenvolvido pelo CIESPI (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância e por educadores da Rocinha).</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Laboratório de Educação Patrimonial da Universidade Federal Fluminense (LABOEP-UFF), Movimento Rocinha Comunidade XXI, Ciepe Airton Sena, Museu do Horto, Instituto Moreira Salles (IMS), UNIRIO – cursos de Museologia e Turismo (desde 2009) - Projeto “Mutação: Museu, Turismo, Ação” - coordenado pelo Professor Mário Chagas, entre outros.</p> <p>Recursos: Edital Ponto de Cultura (2004), Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Chá de Museu da Rocinha Sankofa Memória e História”)</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento: _____</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim (X) não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Trata-se de um museu itinerante, que realiza suas atividades nas ruas e becos da Rocinha</p>		
E-mail institucional: centroludico@bol.com.br Webside ou blog: http://museudarocinha.blogspot.com.br Rede social: https://www.facebook.com/SankofaRocinha/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Museu Itinerante, Ponto de Memória		
<p>Histórico:</p> <p>A Rocinha é uma favela localizada na Zona Sul do município do Rio de Janeiro (RJ) – considerada a maior da cidade. Após a realização do I Fórum Cultural da Rocinha, em 2007, um grupo de moradores, grupo pró-museu da Rocinha, resolveu criar um museu para manter a memória e a história da Rocinha viva, retomando a tentativa da década de criação de um Núcleo de Memória e História. Por conta própria ou com apoio de entidades governamentais diversos profissionais ligados à cultura, educação e militantes sociais locais, já desenvolviam atividades para manter viva na memória da comunidade as suas lutas pelo direito básico à moradia, educação e saúde, ou manter manifestações tradicionais, como por exemplo o Projeto da Ação Griô, apoiado pelo Ministério da Cultura.</p> <p>Sankofa é um nome de origem africana, da Costa do Marfim e de Gana, e representa um pássaro que tem a cabeça voltada para trás e os pés para frente, significando que para construir um futuro presente e mais organizado deve-se olhar para o passado.</p> <p>O Museu Sankofa Memória e História Rocinha, ou ainda Museu da Rocinha Sankofa Memória e História, foi criado em 2008 no âmbito do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha (projeto desenvolvido pelo CIESPI - Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância e por educadores da Rocinha). Apresenta-se como um museu comunitário itinerante (não possui espaço físico) que percorre os becos e ruas da favela exibindo seu acervo. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valorizar e constituir um de acervo da Memória e História da Favela da Rocinha, e políticas públicas de cultura para a Rocinha; • Ser um espaço de contestação e de reflexão sobre a história do processo de ocupação local; • Consolidar-se como um local de memória dentro da favela, legitimando o que é importante a partir do ponto de vista do morador, historicamente excluído; • Contribuir para a (re)construção da autoestima dos moradores e fortalecimento de suas raízes culturais e afetivas; • Promover a interação dos moradores a partir de suas histórias e afinidades. <p>Desde 2004 o Centro Lúdico é reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura. E em 2011 o grupo pró-museu da Rocinha foi reconhecido pelo IBRAM como Ponto de Memória. Atualmente o Museu Sankofa Memória e História Rocinha integra a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).</p>		
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O acervo do Museu reúne coleções de entrevistas/histórias de vida, fotografias, recortes de jornais, folhetos, desenhos, cartas e manuscritos, jornais comunitários, mapas, projetos de instituições públicas, relatórios técnicos,</p>		

notas sobre as reuniões do movimento para a reorganização da Federação das Associações de Favela do Rio de Janeiro (FAFERJ) e da Pastoral de Favelas, objetos e filmes que retratam o cotidiano dos moradores da Rocinha e a história da ocupação da favela. Atualmente parte de seu acervo e equipamento fica em uma sala no prédio da Região Administrativa da Rocinha e outra parte está arquivado no Laboratório de Educação Patrimonial da UFF.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição "Ambulantes Ontem e Hoje" - realização do Instituto Moreira Salles – IMS (06/2017, Biblioteca Parque C4 da Rocinha), entre outras;

Curso de Extensão sobre Museus comunitários – parceria IPHAN (10/2009, UFF e Rocinha); Evento "A Coisa Vai Ficar Preta" (11/2013); Chá de Museu; Grafiteagem de muros de arrimo e postes na estrada da Gávea; Rodas de conversas, Contação de histórias;

Participação em Eventos: 5ª a 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com Exposição, prosa feminina e exibição de filme sobre a realidade da mulheres na Rocinha "Memória Feminina em três Tempos - Resgate do direito à memória e história coletiva e feminina" (24/09/2011, Escola Municipal Francisco Paula Brito); Exposição, música, mostra e prosa (28-30/09/2012); Caminhada do Parque da Cidade ao Horto Florestal pela Trilha do "Capim Sagrado" – parceria com o Museu do Horto, Encontro com poesia, artes e apresentação do resultado do Debate Frutos da Matriz Africana da Rocinha e Roda de Conversa (25/08-29/09/2013, ações realizadas no Parque da Cidade e na Biblioteca Parque C4 da Rocinha); 10ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Debate sobre o desafio de preservar a memória e a história local dentro do território (18/05/2012, Ciep Ailton Senna); - Ação expositiva do acervo Sankofa, Exibição do documentário "Nos Tempos dos Mutirões" e divulgação do sítio Memória Rocinha - parceria IMS/Sankofa (21/05/2016, Biblioteca Parque C4 da Rocinha), entre outros.

Ações de Preservação:

Projeto "*Memória Social e trabalho comunitário na Rocinha 1976-1984*", realizado através do Edital ProextMecCultura - resultado de parceria entre o LABOEP-UFF, o Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha e o CIESPI: identificação, classificação e organização do acervo de documentos textuais e iconográficos.

Registro fotográfico e audiovisual das atividades realizadas pelo museu, entre outras.

Referências Bibliográficas:

FIRMINO, Antonio Carlos; SEGALA, Lygia. **Memória Social, Museu e Trabalho Comunitário na Rocinha**. ProextCultura - UFF, 2010. Disponível em: http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=47:museu-da-rocinha-%E2%80%93-sankofa-%E2%80%93-mem%C3%B3ria-e-hist%C3%B3ria. Acesso em: 12 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.191. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.233. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.257. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.235. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.227. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU SANKOFA ROCINHA - Memória e História. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/SankofaRocinha/?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

MUSEU DA ROCINHA – SANKOFA - Memória e História. **Blogspot.** Disponível em: <http://museudarocinha.blogspot.com.br/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. **Museu da Memória e História da Rocinha Sankofa. Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8682/>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Vista Panorâmica da Rocinha. Disponível em: <https://www.facebook.com/SankofaRocinha/photos/a.383915301719237.1073741827.378673135576787/383915318385902/?type=1&theater>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
88

Denominação: Catapoesia Museu Virtual / Ponto de Memória Recordança

Data de Criação: 2009
Endereço: São Paulo, Minas Gerais
Tel.:
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): ONG Trilhas da Serra - Educação, Cultura e Cidadania (instituição que tem matriz em Serra Negra/SP e filial em Belo Horizonte/MG)

Parceiros(as)/apoio: Pontos de Memória "Trilha Verde da Maria Fumaça"

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: catapoesia@gmail.com, solangepoesia@gmail.com

Website ou Blog: <http://www.catapoesiamuseu.org/>, <https://catapoesia.wordpress.com/museu-virtual/>

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Virtual, Museu Comunitário, Ponto de Memória

Histórico:

O projeto Catapoesia teve início no 2º semestre de 2009, como uma das ações do Programa de incentivo à leitura e à escrita “Leitura Viva”, realizada pela ONG Trilhas da Serra – Educação, Cultura e Cidadania. Sua primeira ação aconteceu na Comunidade Quilombola do Mato do Tição - Matição (Jaboticatubas/MG), através de uma atividade de resgate da memória com os mestres da história oral e a sua posterior documentação em um livro e do envolvendo as crianças participantes com a história do Quilombo, numa atividade de resgate. Devido ao alto custo da produção do livro, a idealizadora do projeto realizou uma formação com o núcleo “Dulcinéia Catadora” (São Paulo), que edita livros com capas de papelão, para poder concretizar a ideia no Matição. Posteriormente foi editado o primeiro livro artesanal do projeto, intitulado “Tia Tança, que não me sai da lembrança...”, que registrando e conta a história do mito fundador do Quilombo do Mato do Tição.

Posteriormente a coordenação criou outros núcleos de produção de livros com capa de papelão no estado de São Paulo e de Minas Gerais, transmitindo a metodologia para outros coletivos juvenis, um estímulo para que estes se assumissem como protagonistas da ação – escrita e leitura das histórias. Para que as pessoas conhecessem as histórias era necessário “catá-las”, “buscá-las”, daí a origem do nome “Catapoesia”, que nada mais é do que “catar a poesia do cotidiano”, registrá-la e transformá-la em textos para compor os livros (CATAPOESIA, 2017).

Por fim, foram criados três coletivos de jovens para a multiplicação do projeto: “De-Fusão” (Serra Negra/SP - 2010); “Loucos por Memória” (Cordisburgo/MG - 2011); e “Raízes de Xakri” (São João das Missões/MG - Território Indígena Xakriabá - 2011). Até o ano de 2014 foram editados 35 livros com temáticas diversas: memória, cultura popular, comunidades tradicionais, poemas, mitos, lendas e narrativas, além de vídeos e de áudios.

As ações desenvolvidas pelo Projeto Catapoesia contribuem para o fortalecimento da noção de pertencimento dos indivíduos (a uma sociedade, grupo ou lugar), contribui com o registro e inventário dos bens culturais materiais e imateriais referenciais dos grupos e com a conscientização, respeito e preservação desses bens. O Catapoesia Museu Virtual apresenta-se como um museu comunitário, por envolver as comunidades em todo o processo de produção dos livros, e tem como objetivos principais salvaguardar e difundir a memória coletiva e a história de vida dos autores e dos livros do acervo da Tecnologia Social Catapoesia (editados entre os anos de 2009-2014).

Referências Patrimoniais:

Linguagens, histórias e memórias coletivas (e também os atores sociais), poemas, saberes e fazeres tradicionais (construção de casas, preparação de alimentos etc.) rezas, festividades, costumes e outras manifestações culturais presentes nas ações do povo em suas formas de criar, fazer e viver.

Atividades Desenvolvidas:

Exibição do acervo audiovisual e fotográfico do Projeto Catapoesia.

Ações de Preservação:

Exibição do acervo audiovisual e fotográfico do Projeto Catapoesia.

Para a publicação dos livros o Projeto Catapoesia desenvolve ações coletivas de coleta de histórias locais e orais, memórias, saberes e fazeres das comunidades - registros escritos, fotográficos e audiovisuais – e desenvolve pesquisas - inventários participativos - sobre os temas levantados.

Referências Bibliográficas:

CATAPOESIA. **Histórico**. Disponível em: <https://catapoesia.wordpress.com/historico/>. Acesso em: 4 fev. 2017.

CATAPOESIA MUSEU. Disponível em: <http://www.catapoesiamuseu.org/>. Acesso em: 4 fev. 2017.

Referência da Imagem: Exposição Fotográfica do Ponto de Memória Recordança. Disponível em: <http://www.catapoesiamuseu.org/museologiasocial>. Acesso em: 4 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 89	Denominação: Ponto de Memória Museu do Beiru
	Data de Criação: 2009 Endereço: Travessa Osvaldo Pereira, 22-E – Arenoso, Beiru, Salvador/BA Tel.: (71) 8613-0193 / 3230-1727 Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: beirumundonegro@gmail.com Website ou blog: Rede social:	Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória

Histórico:

O bairro do Beiru, localizado em Salvador (BA) foi um quilombo organizado pelo do líder negro Beiru (Gbeiru, em Yorubá), nigeriano da cidade de Oiô que chegou ao Brasil em 1820 na condição de escravizado e teve sua mão de obra utilizada na fazenda Campo Seco. Em 1945 Beiru ganhou parte da fazenda que pertencia à família Silva Garcia, onde formou um quilombo e tornou-se uma liderança para os escravizados da fazenda. Em 1985 o nome do bairro foi mudado para Tancredo Neves, em homenagem ao ex-presidente do governo militar. A mudança de nome gerou controvérsias na comunidade, pois muitos de seus moradores não aceitaram passivamente a mudança.

O processo de identidade e memória do bairro começou a ser pensado por representantes da comunidade a partir o processo de construção do Livro do Beiru, que conta a história do herói negro e do bairro, o qual foi lançado em 2007 pela Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura e Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.33).

A comunidade do Beiru foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62). O Ponto de Memória Museu do Beiru, criado em 2009, tem como objetivos:

- Valorizar a memória do herói negro Beiru, símbolo de luta e resistência entre os moradores da região;
- Contribuir para a consolidação da identidade e promover expressões culturais da matriz africana;
- Contribuir com a militância em favor da afirmação do nome Beiru para o bairro;
- Constituir-se um espaço cultural que difunda as memórias, histórias de vida e luta comunitária, atuando junto às escolas locais, universidades e entidades comunitárias;
- Transmitir e divulgar a história do bairro a partir da história coletiva contada pelos próprios moradores;
- Contribuir para a compreensão de que a memória de Beiru permeia a história dos cultos afros, terreiros, quilombos, da cultura e história afro-brasileiras e de todos os moradores que constroem o cotidiano do bairro.

Referências Patrimoniais:

Acervos e patrimônios inventariados no bairro: fotografias da Fonte da Bica (rio que abastecia Salvador e onde o pessoal da casa de farinha tomava banho); do Terreirão São Roque (no Largo do Anjo Mau, considerado terreiro de resistência da cultura afro-brasileira) etc.

Os antigos moradores são considerados “tesouros vivos”: Dona Clarice, conhecida como Minha Gal, yalorixá do terreiro Ilê Axé Gezebum; Dona Roxinha, parteira mais antiga do bairro; Dona Dominga, organizadora da ala de baianas da entidade Mundo Negro; Manuel Rufino, famoso curandeiro da época da perseguição aos terreiros de Candomblé; Antônio Rufino (filho do primeiro), conhecido como Lelê, zelador dos santos que seu pai deixou no Ilê Axé Bocum, onde ocorriam reuniões políticas na época da ditadura; Dona Edina, moradora do bairro há 26 anos, que tira o sustento da família vendendo folhas sagradas (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.34-35).

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição no 8º Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília);

Marcha do Beiru – organizada por diversas organizações (anualmente na Semana da Consciência Negra);

Seminário para a criação do conselho gestor do Ponto de Memória (24/03/2010, Centro de Integração Familiar – Ceifar); Lançamento do livro do Beiru (2012); Oficina “*Museu, Memória e Cidadania*” - com apresentações de capoeira e a formação de uma “galeria viva” sobre os Mestres de Capoeira (06/2013, ministrada por Mário Chagas na Estadual Helena Guimarães);

Participação em Eventos: 11ª e 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exibições de filmes (13-19/05/2013); Exposição e visitas guiadas (12-18/05/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Cartilha ilustrada que conta a história da liderança negra na primeira pessoa (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.34);

Blog do Ponto (orgulhodemorarnobeiru.net) – atualmente fora do ar, entre outras.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Beiru debate importância da memória na semana da consciência negra**. 6 nov. 2013. <http://www.museus.gov.br/beiru-debateimportancia-da-memoria-na-semana-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 7 fev. 2016.

_____. **Moradores do Beiru discutem importância do museu e criam conselho**. 5 mai. 2010. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/moradores-do-beiru-discutem-importancia-do-museu-e-criam-conselho/>. Acesso em: 7 fev. 2016.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social**. Brasília: IBRAM, 2013, p.62-63. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.59, 64. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 33-35. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

Referência da Imagem: Busto Beiru – acervo do Museu (ORGANIZAÇÃO [...], 2016, p.34).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
90

Denominação: Ponto de Memória Museu do Taquaril

Data de Criação: 2009-2012 (inauguração)
Endereço: Rua Pedro de Cintra, 156, Taquaril A, Belo Horizonte/MG.
Tel.: 2009-2010.
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor formado por representantes comunitários, com duas instâncias: Diretoria Executiva e Diretoria Plena.

Parceiros(as)/apoio: Pessoas físicas diversas, Escola Municipal Alcida Torres, CRAS Taquaril

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: museutaquaril@hotmail.com

Website ou blog: <http://museutaquaril.blogspot.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/pontodememoriataquaril.museu>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu comunitário, Ponto de Memória

Histórico:

Taquaril é um bairro localizado na zona leste de Belo Horizonte (MG), entre os bairros Alto Vera Cruz, Granja de Freitas e Castanheiras (que faz divisa com o município de Sabará). Começou a ser formado em 1981, em uma área que pertenceu à Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de Minas Gerais (CODEURB). Sua formação foi marcada pela luta por moradia e pelo engajamento da população em movimentos sociais. Atualmente o bairro reúne uma população de cerca de 30 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.20) e é considerado “uma das áreas de maior vulnerabilidade da capital mineira” (DUMONT, 2013).

O bairro, considerado a maior periferia de Belo Horizonte, agrega muitos trabalhadores, associações, ONGs e grupos culturais. A memória local vinha sendo trabalhada por moradores locais desde 2003, e em 2009 a comunidade do Taquaril foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM (AVELAR, 2015, p.62). O projeto foi desenvolvido por representantes da comunidade (lideranças, entidades e grupos culturais locais) em parceria com a equipe do instituto. Estabelecer uma metodologia de organização que compusesse um “democrático processo de trabalho” foi uma preocupação constante dos representantes comunitários, mesmo “cientes dos conflitos e embates inerentes a todo processo de construção que envolva um grande número de atores sociais” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.21).

Dentre os objetivos do Ponto de Memória Museu do Taquaril, criado em 2010, encontram-se:

- Promover e difundir ações de memória (social, artística e cultural);
- Inventariar os locais de referência, fatos e acontecimentos importantes, pessoas e grupos de referência na formação da comunidade;
- Contar a história da comunidade por meio da história de vida de seus moradores;
- Propor ações de intervenção como encontros, debates, rodas de memória e oficinas que contribuam para o reconhecimento enquanto indivíduo inserido em um espaço e na ressignificação da memória local;
- Contribuir para a preservação dos patrimônios histórico, artístico e cultural locais.

Referências Patrimoniais:

Histórias, memórias, manifestações culturais do bairro;

Fotografias, objetos de moradores, recortes, relatos etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição “Antiarte – Microrrevoluções Diárias” - realizada pelo Serviço Voluntário de Assistência Social - SERVAS, Plug Minas e os jovens do Valores de Minas; Exposição Permanente “Fios da Memória: tecendo os primeiros passos” - permanente e inacabada (a partir de 2012); Exposição “Taquaril: um sorriso negro, um abraço negro” - composta por coletânea de fotos de moradores da comunidade (09/2013);

Campanha “Uma Foto Uma História”; I Festival de Música: Taquaril (En) Cantado (28/04/2012, Praça Che Guevara), Abertura da nova sede (2013); Espetáculo de contação de histórias Contos de Lá nos Cantos de Cá, com os artistas

Aline Cantia e Chicó do Céu (13/11/2013);

Participação em Eventos: Taquaril na Praça (19/05/2012); Arte no Morro (20/05/2012); Semana de Arte da Escola Estadual Coração Eucarístico, com exposição de fotos (26/05/2012); Participação no evento Fórum Social Mundial-Tenda Memória e Museus Comunitários do Brasil (26-31/01/2013, Porto Alegre/RS); VI Fórum Nacional de Museus e 4ª Teia da Memória (24-28/11/2014, Belém/PA); 5ª, 7ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com Ciranda de memórias: uma grande roda, onde mulheres contam suas histórias e causos sobre a comunidade do Taquaril em meio a algumas xícaras de chá e quitutes mineiros (21/09/2011, Salão Paroquial); Exposição "Taquaril: um sorriso negro, um abraço negro" e Seminário "Recortes em memória social: a museologia social e a memória das comunidades" (28-29/09/2013); Ação Educativa "Memória na Educação: diálogos possíveis" - encontro formativo entre educadores, gestores da educação e alunos para debate sobre a memória social comunitária, Mesa Redonda "Museus comunitários: por uma vontade política de memória" - debate sobre a memória como um direito político pelas periferias e rincões do país, a memória historicamente calada, Encontro Poético "As histórias que falam do nosso lugar" (25-27/09/2014); 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Ação Educativa "Varal de Memórias: Conectando Minas em Rede" - rodas de conversas em que os participantes transformam em imagens os acontecimentos vivenciados mais marcantes e varal itinerante das memórias dos Pontos de Memória de Minas Gerais (23-24/09/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Elaboração de Cartilha sobre o Taquaril .

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

DUMONT, Patrícia Santos. Memória coletiva da comunidade do Taquaril fica viva. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 2 jan. 2013. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/horizontes/mem%C3%B3ria-coletiva-da-comunidade-do-taquaril-fica-viva-1.85268>. Acesso em: 04 abr. 2016.

FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, 2010, Brasília. **Relatório do 4º [...]**. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus, MinC/IBRAM, 2010. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Relatorio_4FNM_2010.pdf. Acesso em: 21 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu comunitário de Belo Horizonte leva exposição para a Itália. **Notícias**, 20 dez. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu-comunitario-de-belo-horizonte-leva-exposicao-para-a-italia/>. Acesso em: 8 jun. 2014.

_____. **Pontos de Memória também participam da 7ª Primavera dos Museus** (07/09/2013). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/pontos-de-memoria-tambem-participam-da-7-primavera-dos-museus/>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.139. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.159. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.71. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.208. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.20-23, 83. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PEREIRA, Thiago. Outra ideia de alta cultura: Museus situados em aglomerados urbanos da capital arquivam narrativas não encontradas em museus tradicionais. **O Tempo Magazine**, 27 out. 2013. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/outra-ideia-de-alta-cultura-1.737311>. Acesso em: 21 dez. 2016.

PONTO DE MEMÓRIA TAQUARIL MUSEU. **Facebook:** Fanpage. Disponível em <https://www.facebook.com/pontodememoriataquaril.museu?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da Fachada. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/outra-ideia-de-alta-cultura-1.737311>. Acesso em: 21 dez. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 91	Denominação: Ecomuseu do Mangue
	Data de Criação: 2009 Endereço: Curuçá /PA Tel.: Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Peabiru (OSCIP) e Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos: Programa Petrobrás Ambiental	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>O Município de Curuçá está localizado a 134 km da capital do Pará e é uma das principais cidades da região do Salgado Paraense. Possui um núcleo urbano e 54 comunidades interioranas, e é cercado por rios e mangues que influenciaram a formação histórica da cidade e as manifestações culturais nela desenvolvidas.</p> <p>A proposta do Ecomuseu do Mangue é parte de um projeto conveniado entre o Museu Goeldi e o Instituto Peabiru denominado “Escola Casa da Virada”, com investimento do Programa Petrobrás Ambiental. O Ecomuseu, ao ar livre, tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registrar, valorizar e divulgar as manifestações histórico-culturais apresentadas no município; • Resgatar as memórias locais e identificá-las como patrimônio, valorização os atores sociais a elas vinculadas; • Desenvolver pesquisas biológicas, históricas, culturais e etnográficas sobre o ambiente do manguezal; • Contribuir com a conscientização ambiental das populações locais; • Contribuir com o desenvolvimento da atividade turística na região, gerando uma alternativa de renda para as comunidades locais. 	
Referências Patrimoniais: <p>O acervo imaterial do Ecomuseu do Mangue é composto por manifestações históricas e culturais desenvolvidas no município, entrevistas com moradores (história de vida) das comunidades de Curuçá, Mocajuba e Muriá, objetos doados pelos moradores.</p>	
Atividades desenvolvidas:	
Ações de Preservação: Entrevistas com moradores de 18 comunidades do município.	
Referências Bibliográficas: <p>MUSEU 'sem paredes' começa a ser construído em Curuçá, no Pará. Globo.com, 18 nov. 2009. Disponível em: http://imirante.com/sao-luis/noticias/2009/11/18/museu-sem-paredes-comeca-a-ser-construido-em-curuca-no-para.shtml. Acesso em: 14 fev. 2017.</p> <p>MOURA, Camila de Fátima Simão de. Pesquisa "Identificação e Levantamento Histórico-Cultural do Município de Curuçá, PA, Por Meio da Memória dos Atores Sociais Envolvidos no Manguezal". Blogspot, 13 jun. 2010. Disponível em: http://cfsmoura.blogspot.com.br/2010/06/pesquisa-identificacao-e-levantamento.html. Acesso em: 14 fev. 2017.</p> <p>_____. Ponto de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa. 2016. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2016. Disponível em: http://ppga.prospes.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CAMILA%20MOURA%20ALC%C3%82NTARA.pdf. Acesso em: 14 fev. 2017.</p>	
Referência da Imagem: Exemplares de patrimônio cultural dos povos que habitam a região de Curuçá expostos no Museu Emílio Goeldi. Disponível em: http://defender.org.br/tag/geracao-de-renda?print=print-page Acesso em: 14 fev. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 293 746 551" rowspan="2"> Ficha: 92 </td> <td data-bbox="746 293 1385 360"> Denominação: Ecomuseu Nega Vilma </td> </tr> <tr> <td data-bbox="746 360 1385 551"> Data de Criação: 2009 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento </td> </tr> </table>	Ficha: 92	Denominação: Ecomuseu Nega Vilma	Data de Criação: 2009 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento
Ficha: 92	Denominação: Ecomuseu Nega Vilma			
	Data de Criação: 2009 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento			
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: UNIRIO – cursos de Museologia e Turismo (desde 2009) - Projeto “Mutações: Museu, Turismo, Ação” - coordenado pelo Professor Mário Chagas, entre outros. Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: _____ Obs.: _____ Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O museu está sediado no antigo quintal de Dona Vilma				
E-mail institucional: Website ou blog: http://ecomuseu-negavilma.blogspot.com.br/p/sobre-o-ecomuseu.html , http://ecomuseunegavilma.wix.com/santamartari#ecomuseu/c123z Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseu.negavilma	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Comunitário				
Histórico: <p>Santa Marta é uma favela localizada no Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo, Zona Sul do município do Rio de Janeiro (RJ). Foi lá que Vilma José da Costa (1943-2006), a Nega Vilma, residiu por mais de cinquenta anos. Suas rezas, banhos de ervas, poções e conhecimentos eram prestigiados dentro e fora do Morro, e faziam muitos subirem no atrás de seus milagrosos “encantos”. Com o tempo, o quintal de sua família tornou-se ponto de encontro, local de manifestações culturais, de festas e espiritualidade. Mesmo após seu falecimento, Nega Vilma se faz presente. É uma referência ainda viva no Santa Marta.</p> <p>Reconhecendo a importância do papel representado por sua Avó Geralda e a tia Nega Vilma, o produtor cultural Kadão Costa tomou para si o compromisso de institucionalizar o espaço, marcando-o como local de preservação de memórias e construção de histórias que não são apenas familiares, mas que se conectam com as histórias de outras comunidades que vivem situações cotidianas muito próximas e também preocupam-se em preservar suas memórias, com um discurso em primeira pessoa. A aproximação de conceitos como Ecomuseu e Museologia Social foi possibilitada por Nelson Crisóstomo que, na busca da memória de uma africanidade desconhecida, reconheceu ali um local de referência e sobrevivência, cujos patrimônios material e imaterial exigem maior visibilidade, reconhecimento e preservação.</p> <p>O Ecomuseu Nega Vilma, que tem como sede o quintal de Vilma, foi criado oficialmente em 2010, mas desde 2009 realizava atividades educativas e eco-turísticas. Apresenta-se como um ecomuseu e um museu comunitário, que tem com objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a casa de Vilma como um lugar de memória, espaço de intercâmbio cultural entre favela e lugar de encontro entre os membros da comunidade; • Constituir-se um espaço vivo e participativo através do resgate, pesquisa, preservação e disseminação do patrimônio material e imaterial da comunidade Santa Marta; • Promover ações socioculturais, eventos artístico-culturais e atividades ecológicas - oficinas de música, artes plásticas com material reciclável, cultura popular e memória local, teatro, contação de histórias, fotografia, multimídia, palestras, cursos, tratamento do acervo videográfico etc.; • Contribuir com a mudança da auto-percepção e do olhar externo sobre a vida na favela; • Trabalhar questões contemporâneas como: crise ecológica, sabedorias baseadas na razão sensível, nas antigas tradições africanas e orientais etc.; • Contribuir com o desenvolvimento e empoderamento da comunidade a partir da valorização das memórias e histórias locais e do patrimônio nela existente; • Abrigar um espaço cultural multimídia, de uso coletivo; • Oferecer atividades culturais regulares, como: apresentações musicais, peças teatrais, exposições, palestras, cursos, rodas de capoeira e atividades ecológicas; • Gerar sustentabilidade; • Estimular o protagonismo dos habitantes na construção de um museu voltado para sua cultura; • Regularizar, documentar, compilar e conservar o acervo do Ecomuseu. 				

Referências Patrimoniais:
Patrimônios Imateriais: Nega Vilma e seus conhecimentos tradicionais (rezas, chás e banho de ervas etc.), roda de capoeira, roda de sampa, culinária, memórias dos moradores etc.;
História social, religiosa e urbanística do alto da comunidade Santa Marta;
Patrimônios Materiais: arte, artesanato, fotografias, vídeos;
Obras de arte da artista plástica Rosa Costa (irmã de Nega Vilma); Obras de arte do artista plástico Fábio Nélío etc.
Atividades desenvolvidas:
Exposições. Exemplo: Exposição de telas de Rosa da Costa pela comunidade; Exposição “Nó-ssas Raízes” - ensaios fotográficos de François Maurel (05/2013); Exposição Santa Marta dos Anjos – fotografias de Marco Terranova (no Centro Cultural Baukurs), entre outras;
Ação comunitária - doação de roupas, brinquedos e cestas básicas (02/2009); Roda de Samba e mutirão pró Eco Museu (07/2009); Doação de cestas básicas (12/10/2009); Café da manhã comunitário e Encontro de Mulheres da comunidade (23/08/2009); Roda de capoeira com Mestre Sorriso e Garrincha (09/2009); Almoço coletivo e mutirão pró Eco Museu (16/09/2010); Almoço coletivo de apresentação do projeto (06/10/2010); Mutirão pró Eco Museu (20/11/2010); “Memórias de Nega Vilma” (04/12/2010); Reconstrução da casa e do Portal da Vilma (8-12/01/2010);
Organização de Eventos: Intervenção Cultural do Ecomuseu Nega Vilma (27/02/2013), Memórias da Senzala: 50 anos do Grupo de Capoeira Senzala (18/07/2013); Roda de Memória: Ecomuseu é Comunidade (13/07/2013), Roda: Memórias das Geraldas (28/07/2013), entre outros;
Participação em Eventos: 1º Encontro Nacional de Empreendedorismo Cultural (Belém), Cultura Brasil (2011 e 2012), Exposição Tecidoser (2011); IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (2014, Belém/PA); XV Conferência Internacional da Nova Museologia – MINOM (08-10/08/2013), entre outros.
Obs.: Participação na construção do Plano de Histórias e Memórias das Favelas do Rio de Janeiro, discutido e elaborado junto com o governo do Estado, Secretaria de Direitos Humanos e moradores.
Ações de Preservação:
Inventário do Patrimônio Imaterial;
Registro fotográfico e audiovisual das memórias dos moradores do bairro.
Referências Bibliográficas:
DELAMBRE, Dell. Ecomuseu Nega Vilma no MINOM – ICOM. GOL para o Planeta , 2 set. 2013. Disponível em: https://golparaoplaneta.wordpress.com/2013/09/02/ecomuseu-nega-vilma-no-minom-icom/ . Acesso em: 20 dez. 2014.
ECOMUSEU NEGA VILMA . Disponível em: http://ecomuseunegavilma.wix.com/santamartari#ecomuseu/c123z . Acesso em: 20 dez. 2014.
_____. Blogspot . Disponível em: http://ecomuseu-negavilma.blogspot.com.br/p/sobre-o-ecomuseu.html . Acesso em: 20 dez. 2014.
_____. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseu.negavilma . Acesso em: 14 mar. 2017.
ECOMUSEU NEGA VILMA (13:38'). Youtube , 28 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qAlln568Olc . Acesso em: 20 dez. 2014.
Referência da Imagem: Detalhe da exposição do Ecomuseu. Acervo Pessoal Suzy Santos (foto tirada em dezembro de 2014).
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 562"> Ficha: 93 </td> <td data-bbox="746 315 1385 562"> Denominação: Museu Comunitário do Grande Bom Jardim Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Dr. Fernando Augusto, 987, Bom Jardim, Fortaleza/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 93	Denominação: Museu Comunitário do Grande Bom Jardim Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Dr. Fernando Augusto, 987, Bom Jardim, Fortaleza/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 93	Denominação: Museu Comunitário do Grande Bom Jardim Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Dr. Fernando Augusto, 987, Bom Jardim, Fortaleza/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por moradores do bairro e representantes de organizações sociais locais: Granja Lisboa - Associação Espírita São Miguel e Associação Cultural Santa Terezinha do Menino Jesus; Bom Jardim - Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) e Associação Comunitária e dos Comerciantes do Grande Bom Jardim (ASCCOMBOJA); Canindezinho - Associação Comunitária do Parque Jerusalém, Associação Comunitária dos Moradores Vila Planalto (ACMVP) e União dos Moradores do Bairro Canindezinho (UMBC); Siqueira - Associação Comunitária do Jardim Nazaré e Associação Comunitária do Anel Viário (ACAV) – que integram a Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ).			
Parceiros(as)/apoio: Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza, Associação Comunitária do Parque Jerusalém Victor Bento, Universidade Estadual do Ceará (UECE) – professores e profissionais, Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC), entre outros.			
Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Fortalecimento de uma experiência comunitária em Memória Social e Museografia Comunitária: GRANDE BOM JARDIM, Fortaleza/CE”), Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Cirandas Comunitárias da Memória: Grande Bom Jardim”) etc.			
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC)			
Ingresso: _____			
Obs.: _____			
Funcionamento: _____			
É necessário agendar a visita? () sim () não			
Estrutura física do Museu: O Museu está sediado no Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza.			
E-mail institucional: Websíte ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/pages/Ponto-de-Mem%C3%B3ria-do-Grande-Bom-Jardim/491186147626192?fref=ts	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Museu de Território, Ponto de Memória			
Histórico: <p>Grande Bom Jardim (GBJ) é um território composto por cinco bairros (Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira) e dezenas de “comunidades de pertença” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.49), localizado a sudoeste da cidade de Fortaleza (CE). É uma região popular, um “território vivo” caracterizado por uma população de diferentes “vozes, identidades e visões de mundo” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.49), mas estigmatizada pela mídia local como pobre e violenta. Atualmente, reúne um população de cerca de 452.875 habitantes.</p> <p>A comunidade (ou comunidades) do território foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62). Por atuar desde dezembro de 2002 no bairro e reunir cerca de 38 organizações locais (associações de moradores, organizações não-governamentais e equipamentos sociais locais), a Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável (Rede DLIS do GBJ), coletivo mediado e animado pela ONG Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), foi a representação institucional do Programa Pontos de Memória a partir de 2009 (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.50). No decorrer de 2010 foram realizadas ações de difusão e coletivização da proposta do Programa junto às organizações sociais nos bairros, processo que necessitou de algum tempo de amadurecimento devido às fragilidades políticas locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.50-51).</p> <p>O Ponto de Memória do Grande Bom Jardim, inaugurado em dezembro de 2012, se autoidentificou enquanto Museu de Território, Memorial e Museu Comunitário, e se denominou Museu da Memória Territorial do Grande Bom Jardim (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.52). Está sediado no Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza, e é compreendido como um instrumento político, que tem como objetivos (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.49):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Celebrar as lutas das comunidades; • Valorizar expressões e saberes locais; • Recordar positivamente o lugar, suas marcas simbólicas e afetivas; 			

- Contribuir para a afirmação de uma identidade territorial;
- Promover o desenvolvimento local;
- Atuar como ferramenta e arena para pautar e discutir questões locais, promover debates, negociar diferenças;
- Produzir narrativas coletivas que reescrevam ou releiam de fatos, acontecimentos e sujeitos sociais, na perspectiva e vivência dos próprios moradores;
- Utilizar a memória como instrumento de luta para a transformação da realidade.

Foram levantadas algumas temáticas importantes para ser trabalhadas pelo Museu, que explicariam os sentidos e trajetos do processo de ocupação territorial e desenvolvimento urbano dos bairros: 1) ocupações; 2) terreiros e barracões: espaços de exercício das culturas religiosas de matrizes africanas e ameríndias; 3) territórios e territorialidades: fronteiras, manchas e pedaços (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.56).

O Museu Comunitário integra a Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim (Rede DLIS do GBJ), e através dela, apresentou 3 objetos de emenda parlamentar ao orçamento municipal de Fortaleza, exercício 2014, para a revitalização da Lagoa da Viúva, para elaboração de projetos de fortalecimento do Museu Comunitário e para a regulamentação da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Bom Jardim.

Referências Patrimoniais:

Acervo material e imaterial: Histórias, memórias e bens culturais locais - expressões artísticas;

Acervo documental e imagético: documentos, fotografias, registros audiovisuais, artesanatos, objetos etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição "Jardim das Memórias" - retrata as vivências nos cinco bairros, a organização dos moradores, as lutas travadas no cotidiano de um povo, as conquistas no processo de construção de seu território e de afirmação de suas identidades, celebrações culturais e a influência religiosa (31/08/2012 - evento que inaugurou o Ponto de Memória do GBJ); Exposição "De onde viemos? Grande Bom Jardim: Terra de Todos os Santos" - resgate do princípio histórico do bairro e identificação dos agentes mobilizadores, notadamente os movimentos políticos religiosos atuantes nas periferias urbanas brasileiras nas décadas de 1970-1990, entre outras;

Cursos: Curso "Metodologias Qualitativas de Pesquisa em História" - História Oral, Memória e Patrimônio Cultural (02-03/2012, ministrado pelo historiador João Paulo Vieira Neto); Fotografia Básica (03-05/2012, Escola CAIC Maria Alves Carioca, ministrado por Eusélio de Oliveira); Cartografia Comunitária Temática (04-08/2012, 10/03/2012 - comunidade indígena Jenipapo Kanindé e Ecomuseu Comunitário de Maranguape, ministrado por Edivânia Marques); **Rodas de Memória:** Roda de Memória em Siqueira - 19/03/2012, Granja Lisboa - 20/03/2012, Canindezinho - 21/03/2012, Granja Portugal - 22/03/2012, Bom Jardim - 23/03/2012; **Seminários:** "Território, História e Memória" (24/03/2012); **Oficinas:** Oficina de Capacitação do Conselho Gestor - Programa Pontos de Memória: "Museu, Memória e Cidadania" (06/2010, ministrada por Inês Gouveia e Patrícia Albernaz); "Museu, Memória e Cidadania" (28-29/03/2012, ministrada por Mario Chagas); Formação em Diagnóstico Museológico Participativo (11/2013, ministrada por João Paulo Vieira). Obs.: o processo de capacitação do conselho gestor foi interrompido devido a fragilidades políticas locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.50-51); Diagnóstico Museológico Participativo - em parceria com a RCMC (23/11/2013 e 11/01/2014);

Participação em Eventos: III Jornada de Formação em Museologia Comunitária - "As Contribuições da Museologia Comunitária para a Educação Integral" (04-06/08/2014, São José dos Campos/SP); 11ª, 13ª e 14ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com exposições de fotografias das ações e atividades dos grupos pastorais e missionários atuantes na região e Roda de Memória "Congregação Missionária Combonianos: Fé, Política e Desenvolvimento Humano e Territorial" (23/05/2013); Ato místico comunitário para (re)lançar a Exposição Itinerante "Jardim das Memórias" (22/05/2015, bairro Canindezinho); - Realização do Café no Ponto com ensaio aberto à comunidade do Maracatu Nação Bom Jardim e do Toque de Senzala (20/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Inventário participativo dos bens culturais do território (2012): registro de histórias sobre a formação da região, espaços das culturas religiosas de matrizes africanas e ameríndias, celebrações, ofícios, modos de fazer, edificações, lugares de memória, dentre outras diversas expressões culturais locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.49, 51), realizado por jovens pesquisadores e lideranças locais;

Identificação dos moradores "Guardiões da Memória" e gravação de entrevistas em áudio e vídeo (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.54-56);

Elaboração de Mapas Mentais - mapas que expressam os conhecimentos dos moradores sobre seus bairros;

Criação e manutenção de *software* de armazenamento e tratamento de dados etc.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Adriano. O Ponto de Memória GBJ Conquista 180 Mil para Elaborar Projetos Estruturantes. **Rede Cearense de Museus Comunitários**, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://museuscomunitarios.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ALMEIDA, Mozarly. Museu do Bom Jardim será inaugurado hoje. **Diário do Nordeste**, 31 ago. 2012. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/museu-do-bom-jardim-sera-inaugurado-hoje-1.603216>. Acesso em: 25 abr. 2016.

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória Museu do Taquaril**. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

III JORNADA de Formação em Museologia Comunitária prossegue nesta terça-feira (5). **CECP – Centro de Estudos de Cultura Popular**, 5 ago. 2014. Disponível em: <http://cecpdesaojose.blogspot.com.br/2014/08/iii-jornada-de-formacao-em-museologia.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **Grande Bom Jardim discute importância do Ponto de Memória na localidade**. 22 mar. 2010. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/grande-bom-jardim-discute-importancia-do-ponto-de-memoria-na-localidade/>. Acesso em: 29 jun. 2016.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social**. Brasília: IBRAM, 2013, p.68-69. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.76. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.58. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social**. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.49-59. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PONTO DE MEMÓRIA DO GRANDE BOM JARDIM. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ponto-de-Mem%C3%B3ria-do-Grande-Bom-Jardim-491186147626192/?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. **Formação em Diagnóstico Museológico Participativo**. 29 nov. 2013. Disponível em: <https://museuscomunitarios.wordpress.com/2013/11/29/formacao-em-diagnostico-museologico-participativo/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição “Jardim das Memórias”. Disponível em: <https://www.facebook.com/491186147626192/photos/a.491216800956460.1073741829.491186147626192/491222317622575/?type=3&theater>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
94

Denominação: Museu Cultura Periférica

Data de Criação: 2009

Endereço: Rua Santa Luzia, 42 – Jacintinho, Maceió/AL

Tel.: (82) 8843-9311 (82) 8823-9402

Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor formado por lideranças comunitárias

Parceiros(as)/apoio: Bgirl FBA, Posse Atitude Periférica → Movimento de Hip Hop Alagoano, Secretaria de Articulação e Ação Social,

Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: museuculturaperiferica@gmail.com

Website ou blog: <http://museuculturaperiferica.blogspot.com.br/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Comunitário

Histórico:

O bairro do Jacintinho é um dos mais populosos da cidade de Maceió (AL) e é formado por quatro núcleos de comunidades: Jacintinho, Vergel, Vila Emater (que se desenvolveu em torno do aterro sanitário da cidade) e Vila de Pescadores de Jaraguá. Seu nome remete a Jacinto Athayde, primeiro proprietário da região que ali construiu uma casa no poço e uma ladeira de pedra que dava acesso ao sítio onde hoje é o bairro, que a partir da década de 1950 começou a receber famílias oriundas do interior do Estado, em sua maioria afrodescendente, que iam à capital em procura de melhores condições de vida, o que fez a região crescer. Atualmente o bairro reúne cerca de 200 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.29-33).

Trata-se de um bairro que se caracteriza pela existência de intenso comércio, mas também por seus diversos problemas sociais, como um alto índice de violência. Por conta disso, foi uma das 12 comunidades escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62).

O Museu Cultura Periférica, criado em 2009, possui atualmente cinco núcleos: Jacintinho, Vila Emater II, Vila de Pescadores de Jaraguá. Tem atuado junto ao Projeto Mirante Cultural, do Centro de Estudos e Pesquisas Afro-Alagoano Quilombo, que congrega grupos culturais de maracatu, capoeira, coco de roda, hip-hop, danças afros e contemporâneas, escola de samba, teatro popular, dentre outros movimentos ligados à história, cultura e identidade local” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.29).

O Museu Cultura Periférica apresenta-se como um museu móvel, itinerante, que tem como objetivos principais:

- Valorizar as histórias, memórias e tradições das comunidades a partir de seu próprio ponto de vista;
- Contribuir para o conhecimento e a compreensão da comunidade pelos seus moradores;
- Difundir a história e a memória de pessoas e grupos locais;
- Contribuir para a valorização e o reconhecimento da memória da cultura periférica;
- Divulgar, fomentar e fortalecer o vínculo com as comunidades.

Referências Patrimoniais:

A coleção do museu é composta pelas histórias da população a partir do olhar das próprias comunidades.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição itinerante “Memórias que o vento não levou...” (11/2012, Feirinha do Jacintinho: Mercado Municipal); Exposição sobre o Maestro Manoel Francelino dos Santos - memórias biográficas, musicais e pessoais (05/2012); Exposição “A raiz da resistência” (2013); Exposição de garrafas naufragas onde estão histórias e memórias das famílias de pescadores que lutam contra a expropriação de suas terras por parte da prefeitura – convida os visitantes a pode levar uma garrafa ma fim de conectá-los com a luta (12/2013), Exposição Livres Olhares - fotografias capturadas por crianças de 7 a 14 anos na Vila dos Pescadores do bairro do Jaraguá em oficina realizada em 2011

<p>(2013, Memorial à República), entre outras;</p> <p>Exibição de filmes brasileiros e documentários construídos a partir de elementos da comunidade, apresentações culturais, palestras sobre memória cultural em escolas públicas;</p> <p>Chás de Memória - saraus e rodas de conversa onde são partilhados relatos antigos sobre a comunidade que contribuem para a reconstrução da história local;</p> <p>Projeto "Mirante Cultural, um quilombo chamado Jacintinho" – em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas Afro Alagoano Quilombo (11/2012, 03-11/2013);</p> <p>Semana Cultural: Exposição de Fotos / divulgação do museu (2011); Chá de Memória com a comunidade e o Movimento Hip-Hop Alagoano (02/2012, nos Núcleos de Jacintinho, Vila Emater II - Espaço Cultural Vila, Vila de Pescadores de Jaraguá - Associação de Moradores e Amigos de Jaraguá); Palestra "Museu: a construção do conhecimento na interface do tempo e do espaço" (11/2012, Escola Estadual Manoel Simplicio, ministrada pela professora Elizabeth Salgado);</p> <p>Participação em Eventos: 5ª Primavera de Museus (IBRAM), com Seminário "Mulheres atuantes", com a presença de lideranças femininas comunitárias, Roda de Memória com mulheres de gerações distintas da comunidade, Performances "Capote", com os dançarinos Elisângela Santos e Diego Januário retratando o universo feminino, e "Eu SOU", com a dançarina Sirlene Gomes, sobre as inquietações femininas, Roda de Memória com mulheres de gerações distintas da Zona Sul: bairros: Vergel, Pontal, Joaquim Leão, Bom Parto e Trapiche, Oficina Projeto "Gingando Gênero" com Roda Feminina de Capoeira e debate, Seminário "Mulheres por Mulheres", sobre a Lei Maria da Penha e a sexualidade feminina, Grafite e Dança Rua, Grafiteagem com temas femininos e dança de rua bgirl (19-24/09/2011, atividades realizadas na Escola Estadual Theonilo Gama, Núcleo Cultural da Zona Sul, Academia Puma de Fer Kwon do, Instituto em Defesa e Ação Social de Mulheres e Crianças do Jacintinho); Roda de Memória, Exibição de Filmes, Roda de break, Lançamento da Sala Benedito Pereira, mostra de fotografias da comunidade (24-30/09/2012, atividades realizadas na Associação de Amigos e Moradores da Vila de Pescadores de Jaraguá, Praça Mirante Novo no Jacintinho, Núcleo Cultural da Zona Sul, Vila Emater II); Lançamento do Documentário "Memórias que o vento não levou...", Projeto "Mirante Cultural: um quilombo chamado Jacintinho" (26-27/09/2013, Mirante Kátia Assunção); 10ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Lançamento do Documentário "Memórias que o vento não levou...", Exposição sobre o Maestro Manoel Francelino dos Santos, Exposição fotográfica das ruas de Piaçabuçu há mais de 40 anos atrás (14-31/05/2012, Jacintinho); Mostra de fotos e vídeos sobre a história do Jacintinho (17/05/2013, Escola Estadual Manoel Simplicio e Escola Estadual Theonilo Gama)</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Coleta de acervo com os moradores (fotografias, documentos, objetos) (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.30);</p> <p>Entrevista com moradores locais;</p> <p>Produção do Documentário "Memórias que o vento não levou..." (2013)</p> <p>Criação do blog Museu Cultura Periférica, onde são compartilhadas fotos e descrições das ações promovidas etc.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>GOMES, Rivângela. Museu itinerante leva cultura e arte a comunidades da periferia de Maceió. G1, 22 jul. 2013. Disponível em: http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/07/museu-itinerante-leva-cultura-e-arte-comunidades-da-periferia-de-maceio.html. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.34-35. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>_____. 6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.28-29. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.31. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.</p> <p>_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.38-39. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.41. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 29-33, 88. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf. Acesso em: 29 jun. 2016.</p> <p>Referência da Imagem: Chá de Memória. Créditos: Rivângela Gomes/G1. Disponível em: http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/07/museu-itinerante-leva-cultura-e-arte-comunidades-da-periferia-de-maceio.html. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 533"> Ficha: 95 </td> <td data-bbox="746 315 1385 533"> Denominação: Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre Data de Criação: 2009 Endereço: Porto Alegre/RS Tel.: (51) 3224-4445 / 3221-8373 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 95	Denominação: Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre Data de Criação: 2009 Endereço: Porto Alegre/RS Tel.: (51) 3224-4445 / 3221-8373 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 95	Denominação: Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre Data de Criação: 2009 Endereço: Porto Alegre/RS Tel.: (51) 3224-4445 / 3221-8373 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): A gestão é por projetos, e em cada projeto uma ONG do Movimento Negro local assume a gestão da iniciativa (Grupo de Trabalho Angola Janga, Associação Cultural Quilombo do Areal, Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos – IACOREQ, Associação dos Amigos do Bairro Cidade Baixa e Arredores – MOCAMBO, Congregação em Defesa das Religiões Afrobrasileiras – CEDRAB/RS).</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Prefeitura de Porto Alegre, FUNARTE, CEDRAB e Associações do Movimento Negro, Grupo de Trabalho Angola Janga, Ministério da Cultura (MinC), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), UNESCO, Congregação em Defesa das Religiões Afrobrasileiras – CEDRAB, entre outros.</p> <p>Recursos: Através de Projetos e Editais, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Prefeitura de Porto Alegre, Prêmio Funarte de Arte Negra / MinC-Seppir</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: _____</p> <p>Ingresso: _____</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento: _____</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: As ações são realizadas em diversos espaços.</p>			
<p>E-mail institucional: mupenegro@gmail.com Website ou blog: http://museudepercursodonegroemportoalegre.blogspot.com.br/ Rede social: _____</p>	<p align="center">Logotipo </p>		
<p>Categorias Propostas: Museu de Percurso</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Porto Alegre é um município e a capital do estado do Rio Grande do Sul. Começou a ser construída com a chegada de colonos açorianos no século XVIII. “A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses” (PREFEITURA [...], 2017), que dedicavam-se a atividades como a agricultura de pequena propriedade, a pecuária, a produção de artesanatos e posteriormente instalaram restaurantes, pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e outros tantos estabelecimentos comerciais. Atualmente possui cerca de 1,5 milhão de habitantes (<i>idem</i>).</p> <p>No imaginário popular, Porto Alegre é “uma capital branca e europeia [...]. No entanto, a presença da população negra, historicamente invisibilizada, é grande na capital gaúcha e tão antiga quanto a própria colonização desse espaço.” (BRAZ; SCHARB, 2017). Ocorreram na cidade “diversos processos de ‘limpeza urbana’, que alijaram as populações de menor renda e, sobretudo, negra para as periferias da cidade” (<i>idem</i>).</p> <p>A invisibilidade da história do negro na cidade de Porto Alegre (RS) e o desaparecimento dos lugares relacionados a essa história, constatados pelas associações ligadas ao Movimento Negro - reunidas pelo Centro de Referência Afro-brasileiro - desde os anos 1990 foram a motivação para a visibilidade de marcos e monumentos importantes para tornar-se visível a história dos negros na cidade. Em 2010 o Projeto Monumenta (MinC) em Porto Alegre ergueu o primeiro marco (obra de arte pública).</p> <p>O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre vem se desenvolvendo por meio de diversas parcerias, envolvendo entidades públicas e privadas. Tem como objetivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visibilizar a comunidade afrobrasileira com a instalação de obras de arte em espaços públicos da cidade; • Empoderar e dar visibilidade dos negros/as de Porto Alegre; • Contribuir para a diversidade da arte pública no espaço urbano. <p>Em cada etapa o Museu de Percurso do Negro executa algumas obras de arte evidenciando a passagem dos ancestrais por lugares territorializados pela comunidade negra no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre. Essas obras são exploradas por meio de percursos desenvolvidos por jovens monitores.</p>			
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Lugares vivenciados pelos negros localizados em pesquisa histórico-antropológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cais do Porto e antigos Ancoradouros; • Mercado Público e seu entorno; • Largo da Quitanda (Praça da Alfândega); • Pelourinho (Igreja das Dores); 			

- Largo da Força (Praça Brigadeiro Sampaio);
- Esquina do Zaire (Av. Borges de Medeiros com Rua da Praia);
- Igreja da Nossa Senhora do Rosário;
- Santa Casa de Misericórdia;
- Colônia África;
- Areal da Baronesa.

Pontos do percurso feito pelos negros no século XIX e XX (obras de arte realizadas):

- Painel Afrobrasileiro (2014) – Local: Largo Glênio Peres
- Bará do Mercado (2013) – Local: Mercado Público
- Pegada Africana (2011) – Local: Praça da Alfândega
- Tambor (2010) – Local: Brigadeiro Sampaio (Porto Alegre/RS)

Obs.: As obras foram desenvolvidas em diversas técnicas pelos idealizadores e artistas Pelópidas Thebano, Vinicius Vieira, Leandro Machado, Leonardo Posenato, Vilmar Santos, Mãe Norinha de Oxalá, Xaplin, Elaine, Mattos e Gutê.

Atividades desenvolvidas:

Oficinas sobre a História e a Arte Africana, a cultura negra, a arte afrobrasileira ou negro-brasileira destinada a artistas locais (2009);

Cursos de formação para jovens monitores (2009 e 2014, respectivamente na Escola de Saúde Pública e no Quilombo do Areal);

Execução das obras de arte de forma colaborativa;

Participação em Eventos: II Jornada Formação em Museologia Comunitária (2011, Santa Maria/RS), entre outros.

Ações de Preservação:

Elaboração do Catálogo do Museu de Percurso do Negro (lançado em 2015)

Pesquisas históricas e antropológicas envolvendo entrevistas e documentação histórica etc.

Referências Bibliográficas:

BRAZ, Carolina; SCHARB, Dina. Projeto Territórios Negros: preservando a memória de Porto Alegre. **Nonada**, 1 set. 2017. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2017/09/projeto-territorios-negros-preservando-memoria-de-porto-alegre/>. Acesso em: 1 set. 2017.

RAMOS, Jeanice Dias. Museu de Percurso do Negro: arte e memória nas ruas de Porto Alegre. **GELEDÉS** – Instituto da Mulher Negra, 17 abr. 2015. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/museu-de-percurso-do-negro-arte-e-memoria-nas-ruas-de-porto-alegre/#axzz3XZS0A2BN>. Acesso em: 3 mai. 2017.

MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO. **Youtube**, 29 mai. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-inSFMJzIMs>. Acesso em: 3 mai. 2017.

MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO EM PORTO ALEGRE. **Blogspot**. <http://museudepercursodonegroemportoalegre.blogspot.com.br/>. Acesso em: 3 mai. 2017.

OS PRIMEIROS Imigrantes. **RS Virtual**, 8 set. 2007. Disponível em: http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul_os_primeiros_imigrantes-o3158.html. Acesso em: 17 dez. 2016.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Inaugurado o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. **Facebook**: Fanpage, 31 mar. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefpoa/>. Acesso em: 15 mai. 2017.

_____. **Histórico da Cidade**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=257. Acesso em: 17 dez. 2016.

Referência da Imagem: Pegada Africana, obra do artista Vinicius Vieira localizada na Praça da Alfândega (Porto Alegre/RS). Créditos: Isabel Ayala. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1567588276603483&set=pcb.1567588296603481&type=3&theater>. Acesso em: 3 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
96

Denominação: Ecomuseu do Sertão Carioca

Data de Criação: 2009
Endereço: Rio de Janeiro/RJ
Tel.:
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Grupo Caipirando, Brincantes da Pedra Branca (grupo de dança popular)	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: _____	
Obs.: _____	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: filmesdosertao@gmail.com Website ou blog: http://ecomuseusertaocarioca.blogspot.com.br Rede social: https://www.facebook.com/SertaoCarioca/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>Sertão Carioca era a denominação atribuída à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro. Localiza-se nas margens da maior floresta urbana do mundo, o Parque Estadual da Pedra Branca, no Maciço da Pedra Branca, Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). Na localidade, além da abundante flora, é possível encontrar diversas espécies da fauna selvagem.</p> <p>As comunidades do Maciço da Pedra Branca possuem uma memória coletiva ligada a uma convivência secular com a floresta, e possuem uma espécie de cultura cabocla carioca, formada por agricultores tradicionais, artesãos, pescadores, tropeiros, descendentes de quilombolas, caboclos urbanos etc. Há ainda diversos sítios históricos preservados, relacionados a diferentes períodos históricos. Durante muito tempo, além de pulmão da cidade, o Sertão Carioca foi responsável pelo fornecimento de gêneros alimentícios e demais produtos primários para toda a cidade do Rio de Janeiro. Atualmente a localidade é alvo de especulação imobiliária, que prevê sua urbanização.</p> <p>O projeto Sertão Carioca foi criado em 2009 e a fundação do Ecomuseu do Sertão Carioca é fruto desse projeto, que tem os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reencontrar a verdadeira identidade da região; • Resgatar a história dos habitantes mais antigos, a memória dos ancestrais e o modo de viver de um Rio de Janeiro caboclo e caiçara que (quase) não existe mais. 	
Referências Patrimoniais: Patrimônios Imateriais: Folia de Reis do Sertão Carioca; Folia do Morrinho da Alegria, na Estrada do Pontal Patrimônios Arquitetônicos: Bar do Tartaruga, uma das últimas biroskas da Estrada do Pontal; Venda do Pontal - desde 1941 atendendo os moradores de Piabas; Arquitetura das casas (quintal) Patrimônios Naturais: Fauna e Flora da região – que possui diversos animais selvagens: jacarés, capivaras, cachorro-do-mato, preguiças, tamanduás, tucanos, gaviões, répteis e pássaros ameaçados de extinção etc. Lugares de Memória: Ponto de ônibus da extinta linha de ônibus 747 (da Empresa Santa Maria) Sítios históricos preservados: casas de fazenda, senzalas e quilombos, construções seculares, açudes, igrejas (São Gonçalo do Amarante, Igreja de Nossa Senhora da Pena, Capela de Mont Serrat), fortificações do tempo do Império, inscrições rupestres no Morro do Rangel, sambaquis em Guaratiba. Acervo digital: fotografias e artigos publicados.	
Atividades desenvolvidas: Cortejo da Folia de Reis do Sertão Carioca (07/01/2017)	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

ECOMUSEU DO SERTÃO CARIOCA. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/SertaoCarioca/?fref=ts>. Acesso em: 14 mar. 2017.

O SERTÃO CARIOCA. **Blogspot.** Disponível em: <http://ecomuseusertaocarioca.blogspot.com.br/p/o-projeto.html>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SERTÃO CARIOCA. Disponível em: <http://sertaocarioca.org.br/quem-somos/a-rede/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Referência da Imagem: Bandeira da Folia de Reis. Disponível em: <https://www.facebook.com/SertaoCarioca/photos/a.10150924346493017.414106.173771283016/10154229290003017/?type=3&theater>.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 97	Denominação: Museu Indígena Maria Firmina de Melo
	Data de Criação: 2009 Endereço: Aldeia Tourão, s/n, Zona Rural, CEP 63780-000, Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: (88) 9859-9951/ (88) 9441-8503/ (88) 9200-3209 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Projeto Historiando...	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu: arquivo, biblioteca	
E-mail institucional: socorro.potyguara@gmail.com Website ou blog: Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Museu Indígena	
Histórico: <p>Monsenhor Tabosa é um município localizado no sertão Cearense. De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.133-136), o movimento indígena em Monsenhor Tabosa possuía (em 2009) quatro etnias organizadas (Potyguara, Tabajara, Gavião e Tubiba-Tapuia), que reuniam cerca de 17 comunidades rurais (a maioria) e urbanas por todo o município, que possuem organizações próprias. A etnia Potyguara foi pioneira no processo de autorreconhecimento (afirmação étnica), processo que se iniciou através da luta por uma educação diferenciada. Da Aldeia Mundo Novo o processo se expandiu para diversas famílias, e posteriormente abarcou a reivindicação pela demarcação de uma faixa contínua de terras para todas as etnias locais. As associações locais das aldeias, denominadas Conselho Indígena do Povo Potyguara, tem como característica a união e o apoio mútuo, e se articulam semanalmente num Sistema de rodízio entre as aldeias.</p> <p>A partir de uma oficina de diagnóstico participativo ministrada em 2009 (Projeto Emergência Étnica - Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará) na escola diferenciada da comunidade de Jacinto, discutiu-se a possibilidade da construção de 17 museus indígenas, um em cada comunidade, proposta que foi avaliada como inviável para o momento. Decidiu-se pela construção de um museu-piloto, o Museu Potigatatu, que serviria de inspiração para novas iniciativas de organização de espaços de memória, culminando com a criação de um museu em cada comunidade indígena (GOMES; VIEIRA, 2009, p.137).</p> <p>O Museu Indígena Maria Firmina de Melo, criado em 2009, decorre desse processo. Porém, não obtivemos maiores informações sobre as atividades nele realizadas, embora saibamos que a coleção de uma de suas lideranças, Dona Socorro, originou a coleção inicial do Museu Potigatatu (GOMES; VIEIRA, 2009, p.136-138).</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades desenvolvidas:	
Participação em Eventos: 9ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Oficina de Arte e Cultura envolvendo crianças e adultos da Aldeia Tourão e Aldeia Vizinha (08-09/05/2011); I Encontro da Rede Cearense de Museus Comunitários (22/05/2013, Fortaleza/CE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE), entre outros.	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará**: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.133-147. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. I Encontro da Rede Cearense de Museus Comunitários acontece em Fortaleza. 20 mai. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/i-encontro-da-rede-cearense-de-museus-comunitarios-acontece-em-fortaleza/>. Acesso em: 11 jun. 2014.

_____. **9ª Semana de Museus**: Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-75. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Maria Firmina de Melo - Aldeia Tourão. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9415/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
98

Denominação: Museu Social da Brasilândia

Data de Criação: 2009-2010
Endereço: Brasilândia, São Paulo/SP
Tel.:
Situação atual: Extinto.

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor formado por representantes comunitários.

Parceiros(as)/apoio: Associação Cantareira, Associação Amigos Pianoro, Rádio Cantareira, Movimento Social Beneficente (MOSBE), Espaço Cultural do Morro, Jornal Rapidix, Núcleo de Estudos da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo (FAU/USP) etc.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O museu não chegou a possuir estrutura física, realizou suas ações em espaços cedidos (públicos e privados).

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória

Histórico:

A Brasilândia é um distrito localizado na zona noroeste da cidade de São Paulo composto por mais de 40 bairros, próximo a Serra da Cantareira. A região é resultado do desmembramento de antigos sítios e chácaras existentes no início do século XX em pequenas vilas, comprados por indivíduos ou adquiridas por companhias loteadoras. O nome Brasilândia advém de uma homenagem prestada a Brasília Simões, antigo cultivador de cana-de-açúcar, fabricante da “Caninha do Ó” (conhecida aguardente da época) e comerciante, que ajudou na construção da Paróquia Santo Antônio, em lugar de uma antiga capela de mesmo nome. A partir de 1946, com as reformas urbanas no centro da cidade (alargamento de avenidas) e o aumento dos valores dos aluguéis, diversas famílias de operários tiveram que abandonar os cortiços e adquirir lotes nas periferias da cidade, assim como famílias vindas do interior do Estado. Atualmente, a região possui cerca de 300 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.23-27).

A organização política dos moradores da Brasilândia foi a responsável pela conquista de melhorias para o bairro, como saneamento básico, energia elétrica, meios de transporte, ruas asfaltadas etc., e também pela construção de uma história de lutas, enfrentamentos e conquistas. No entanto, a região sofre com o descaso do poder público, as ações de traficantes de drogas, a violência e falta de espaços de esporte, cultura e lazer (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.23-27).

Por conta desse histórico a comunidade da Brasilândia foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62). O projeto, desenvolvido durante cerca de um ano e meio por representantes de diversos grupos, movimentos, entidades sociais e eclesiais e meios de comunicação comunitária locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.24), potencializou um trabalho de memória que já vinha sendo realizado por alguns moradores da comunidade através do levantamento de fotografias e notícias sobre os bairros (PONTO [...], 2010). O Ponto de Memória da Brasilândia, que adotou o nome de “Museu Social da Brasilândia”, ou ainda “Ponto de Memória Museu da Brasilândia”, teve como objetivos:

- Resgatar a origem e os principais fatos do distrito para compreender sua dinâmica e vocação;
- Mapear personalidades importantes da região;
- Levantar documentos e projetos sociais das comunidades;
- Contar outra versão sobre a história do distrito a partir da memória de seus moradores e da documentação levantada.

Apesar de um ano e meio de intensa atividade, as exigências do edital de financiamento para fortalecer as ações museais somadas ao pouco entendimento entre os articuladores do Ponto de Memória contribuíram para o processo de desarticulação local.

Referências Patrimoniais:

Mais de 800 fotografias e as memórias de antigos moradores (PONTO [...], 2010).

Registro das atividades desenvolvidas pelo Ponto de Memória.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição “Brasilândia: suas Vilas e Jardins” (2011, Escola Estadual João Solimeo);

I Mostra de Memória da Brasilândia: Exposição “Brasilândia: suas vilas e jardins”, documentário sobre a história local, apresentações culturais diversas, roda de capoeira, rodas de memória adulta e jovem, apresentação do “Coletivo de Mulheres Esperança Garcia” sobre o preconceito e a violência contra a mulher negra (07-14/05/2011, Escola Estadual Professora Luiza Salette Junca de Almeida, Vila Penteado, Brasilândia – com apoio do Núcleo de Estudos da Paisagem da FAU/USP);

Seminários, Rodas de Conversa, Palestras, Contação de Histórias, Oficinas sobre Direito à Memória, Museus, Museologia Social e Inventário Participativo etc.

Ações de Preservação:**Referências Bibliográficas:**

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória Museu do Taquaril.** 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, 2010, Brasília. **Relatório do 4º [...].** Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus, MinC/IBRAM, 2010. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Relatorio_4FNM_2010.pdf. Acesso em: 21 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Ponto de Memória da Brasilândia inaugura, dia 7, sua primeira exposição. **Boletim Ibram**, nº 351, 05 a 12 mai. 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/boletim-ibram-n-349/>. Acesso em: 21 dez. 2016.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social.** Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.23-27. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PONTO DE MEMÓRIA DA BRASILÂNDIA. **Jornal Rapidix**, 18 jun. 2010. Disponível em: <http://www.jornalrapidix.com.br/?p=4789>. Acesso em: 21 dez. 2016.

RODA DE MEMÓRIA - da troca de experiências à produção de novos saberes. **Blog Chão**, 26 mai. 2011. Disponível em: <http://arquiteturanafevela.blogspot.com.br/2011/05/roda-de-memoria-da-troca-de.html>. Acesso em: 21 dez. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição “Brasilândia: suas vilas e jardins”, realizada na Escola Estadual Luiza Salette em 2011 (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.27).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
99

Denominação: Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro

Data de Criação: 2009-2010

Endereço: Grande São Pedro — Vitória/ES

Tel.: (27)99830-4378 - 3323-8393.

Situação atual: Em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor formado por representantes comunitários.

Parceiros(as)/apoio: Movimentos Sociais, Associação de Mulheres, Associação de Moradores, Escolas Municipais e Estaduais e comerciantes locais.

Recursos: Programa Pontos de Memória 2009; Secretária de Cultura Estadual e Municipal (por meio do Museu do Pescador)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Rede Estadual de Pontos de Memória do ES

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: o museu funciona de forma itinerante com suas exposições e a equipe gestora reúne-se mensalmente.

É necessário agendar a visita? (X)sim () não

Obs.: Para visitas ao território fora da agenda das exposições itinerantes.

Estrutura física do Museu: Todo o território da Terra Firme compõe o museu, e suas ações desenvolvem-se em praças, ruas e outros espaços alternativos cedidos pelos parceiros, de forma itinerante.

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social: <https://www.facebook.com/Museu-Comunit%C3%A1rio-de-Memoria-da-Grande-S%C3%A3o-Pedro-163196300471999/timeline/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário, Museu Itinerante, Ponto de Memória

Histórico:

A Grande São Pedro está situada na zona Norte/Noroeste da cidade de Vitória (ES), nas redondezas do mangue, e abrange os bairros de São Pedro I, II, III, IV, Nova Palestina e Resistência. Até 1977 a região era habitada por uma comunidade de pescadores e era denominada Ilha das Caieiras. A partir de então a área do mangue começou a ser ocupada por aproximadamente 40 famílias que ali instalaram suas casas sobre palafitas. Com o lançamento do lixo no manguezal promovido pela municipalidade, a área transformou-se em aterro sanitário, além de ser um canteiro de obras da Companhia Siderúrgica do Tubarão. No final da década de 70 o local passou a receber migrantes de baixa renda de outras regiões do país. Desde então sua população cresceu e atualmente reúne cerca 60 mil habitantes. É uma região cuja atuação dos movimentos sociais é amplamente conhecida (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.18), movimentos que intuitivamente já desenvolviam trabalhos relacionados à arte e cultura no geral, mas não associava questões relacionadas à memória e identidade a práticas museológicas (AVELAR, 2015, p.65).

A comunidade da Grande São Pedro foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM (AVELAR, 2015, p.62). O Ponto de Memória da Grande São Pedro reúne lideranças comunitárias, representantes de escolas de samba, músicos, dançarinos, jovens, idosos etc., e a metodologia para a sua criação foi desenvolvida entre 2009 e 2012.

A ideia de criação do chamado Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro surgiu após a participação de seus representantes na I Teia da Memória, realizada nos dias 16 e 17 de dezembro de 2009 em Salvador (BA).

O principal objetivo do Museu Comunitário de Memória da Grande São Pedro é o resgate, a manutenção e a divulgação da memória da região.

Referências Patrimoniais:

Patrimônios naturais, imateriais e materiais da Grande São Pedro.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição “Memória em Movimento” – 4º Fórum Nacional de Museus (12-17/07/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição de fotos e documentos sobre a história do bairro (05/2010, Espaço Comunitário); Exposição sobre o desenvolvimento da região da Grande São Pedro (10/2012, Museu do Pescador, Programa Pontos de Memória - parceria com a Secretaria de Cultura do Estado e a Secretaria Municipal de Cultura); Exposição fotográfica, exibição de documentários sobre a formação do bairro e distribuição de um kit com os documentários e informações sobre o Programa Pontos de Memória e o Ponto de Memória da Grande São Pedro para as lideranças locais (25/10/2013, Cerimonial CasTel.o de Sonhos, Bairro Redenção, Grande São Pedro);

Exposição "Releitura de Espaços de locais" - fechamento do bimestre da EJA - Educação de Jovens e Adultos da Escola de Ensino Médio Elza Lemos Andreatta, desenvolvida pelo alunos das 8ª séries da escola (25/06/2014).

Seminário do Ponto de Memória de São Pedro (11/05/2010); Roda Feminina de Conversa (10/2011), Inventário Participativo (2013), Oficinas de Formação, Intervenções em escolas entre os anos de (2013 a 2016).

Participação na Primavera de Museus (IBRAM): 6ª Primavera dos Museus / "A Função Social dos Museus" - Roda de conversa (28/09/2012, Museu Histórico Manoel dos Passos Lyrio), Rodas de Conversa com Mestres e as tradicionais Desfiadeiras de Siri da Ilha das Caieiras - Patrimônio Imaterial (26-28/09/2012, Museu do Pescador).

Ações de Preservação:

Inventário Participativo.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória Museu do Taquaril.** 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, 2010, Brasília. **Relatório do 4º [...]**. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus, MinC/IBRAM, 2010. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Relatorio_4FNM_2010.pdf. Acesso em: 21 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Movimento para criação do Ponto de Memória da Grande São Pedro se fortalece.** Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/grande-sao-pedro/>. Acesso em: 14 dez. 2016.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus.** Brasília: IBRAM, 2012, p.138. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MUSEU COMUNITÁRIO DE MEMÓRIA DA GRANDE SÃO PEDRO. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-Comunit%C3%A1rio-de-Memoria-da-Grande-S%C3%A3o-Pedro-163196300471999/timeline/>. Acesso em: 14 dez. 2016.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social.** Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.18-19, 85. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **São Pedro.** Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao7/saopedro.asp>. Acesso em: 14 dez. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe de Exposição na Roda Feminina de Conversa (10/2011). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Museu-Comunit%C3%A1rio-de-Memoria-da-Grande-S%C3%A3o-Pedro-163196300471999/photos/?tab=album&album_id=163229220468707. Acesso em: 14 dez. 2016.

Preenchimento: João Francisco Bispo de Castro Junior (07/02/2017); Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
100

Denominação: Museu do Horto

Data de Criação: 2009 - 07/11/2010

Endereço: Estrada Dona Castorina, 69, Jardim Botânico, CEP: 22460-320, Rio de Janeiro/RJ.

Tel.: (21) 2511-1533 / 98308-0553.

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação de Moradores e Amigos do Horto (AMAHOR) / Conselheiros, Coordenação técnica e Equipe composta por moradores e profissionais de diversas áreas.

Parceiros(as)/apoio: Pessoas físicas de diversas origens e profissões, professores universitários da UFRJ, UNIRIO, PUC-Rio e ULHT, UNIRIO – cursos de Museologia e Turismo (desde 2009) - Projeto “Mutações: Museu, Turismo, Ação” - coordenado pelo Professor Mário Chagas, Museu Sankofa da Rocinha, Museu da Maré, Museu da Providência, escolas locais, Associação de Capoeira Grupo Igualdade (Mestre Camurça), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESP/Puc-Rio), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Fundação Cultural Palmares (FCP), Pastoral das Favelas, Movimento Nacional de Luta pela Moradia, Brigadas Populares, Superintendência do Patrimônio da União do Rio de Janeiro (SPU), Defensoria Pública da União (RJ), Movimento Favela não se Cala, Coletivo Opavivará, Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas, Bateria da Liga Carnavalesca Amigos do Zé Pereira, Bloco Vagalume O Verde, Bloco da Laranjada, Bloco Tekinão, Museu da Maré, Museu de Favela, Museu Sankofa da Rocinha, Ação Social Padre Ancheita (ASPA – Rocinha), Mídia Ninja RJ, P2L (Produtora Cultural e Midiática), Balança O Audiovisual, Luz Mágica Produções, Mario de Souza Chagas (poeta, museólogo, professor da UNIRIO e da ULHT e assessor cultural do Museu da República), Julio Feferman (Unito Sistemas) e outros militantes sociais.

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “A ludicidade da memória: práticas museais no Horto e na Rocinha”)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Rede Pontos de Memória (IBRAM)

Ingresso: gratuito.

Obs.: contribuição voluntária

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? (X)sim () não

Estrutura física do Museu: O território e lugares de memória da comunidade do Horto Florestal compõem o museu e a casa-sede da AMAHOR é também a sua sede. O Museu do Horto também existe de forma virtual.

E-mail institucional: contato@museudohorto.org.br

Website ou blog: <http://www.museudohorto.org.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/Museu-do-Horto-171077956243078/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território, Ecomuseu, Museu Comunitário, Museu a Céu Aberto, Museu de Percurso, Museu Digital.

Histórico:

O Horto Florestal, localizado no bairro Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro, existe oficialmente com este nome desde 1875, mas fontes históricas diversas revelam uma ocupação histórica desde tempos imemoriais (população nativa), passando pelos períodos colonial (engenhos de açúcar e fazendas de café), imperial (Fábrica Real de Pólvora e Jardim de Aclimação – atual Jardim Botânico) e republicano (Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca, América Fabril e Companhia de Saneamento). Atualmente, a comunidade é formada por cerca de 600 famílias - em sua maioria ex-funcionários do Jardim Botânico e demais empresas da localidade e seus descendentes -, que se reivindicam enquanto comunidade tradicional por habitar a região há várias gerações e portar uma importante memória social da cidade, que relaciona as histórias de resistência negra e territorialidades quilombolas, a resistência espiritual – expressa nas religiões de matrizes africanas, a história operária local, os conhecimentos da cultura ervateira e botânica a preservação do meio ambiente.

O território habitado por esta comunidade, todavia, enfrenta disputas fundiárias históricas, envolvendo de um lado os moradores do Horto, representados pela Associação de Moradores e Amigos do Horto (AMAHOR) e o Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico (IPJBRJ). Apesar de o território pertencer à União, o Jardim Botânico moveu mais de 267 processos de reintegração de posse, alegando a necessidade de expandir seu campo de pesquisa botânica. Conseguiu remover algumas famílias, até ser embargado pela Secretaria do Patrimônio da União (SPU) via Advocacia Geral da União (AGU), que contratou a UFRJ para mapear e propor alternativas para as chamadas “áreas de risco”. O estudo (financiado pelo Governo Federal), foi elaborado e discutido por todos os agentes sociais interessados, chegando a receber o Prêmio FUJB (Fundação Universitária José Bonifácio) na temática Meio Ambiente no “8º Congresso de Extensão da UFRJ”, em 2011. No entanto, a regularização fundiária dos moradores do Horto vem sendo postergada. Paralelamente, com o apoio da mídia local (principalmente o Jornal O Globo), o IPJBRJ e a Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico (AMAJB) – representantes da elite local – passaram a

criminalizar esta população, classificando-a de "invasores" e "novos favelados", disseminando um discurso hegemônico que acusa-os de causar danos ao meio ambiente. Deve-se considerar que este conflito fundiário ocorre em uma das zonas de maior especulação imobiliária no Rio de Janeiro.

Os discursos disseminados apresentam contradições, pois é de conhecimento geral a participação desta comunidade em diversos projetos colaborativos com a antiga Fábrica do Ar, coordenada pela ONG Sociedade das Florestas do Brasil, nas décadas de 1980 e 1990. Criado com o objetivo de valorizar as florestas urbanas e a recuperação das áreas degradadas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (SOUZA, 2012, p.111), esse projeto deixou aprendizados diversos na população local, que identifica e expõe inúmeros os equívocos cometidos pelo IPJBRJ do ponto de vista ambiental e patrimonial, como obras prejudiciais à natureza e o privilégio a interesses comerciais em detrimento de interesses ambientais (SOUZA, 2012, p.198-199).

Desde o ano 2000, a Associação de Moradores e Amigos do Horto (AMAHOR), através de diversas parcerias, trabalha projetos ligados à memória social do Horto. O Museu do Horto foi um "projeto de memória social" (SOUZA, 2012, p.5) criado como decorrência de uma pesquisa-ação realizada pela historiadora Laura Olivieri Carneiro de Souza (PUC-Rio) desde 2002. Em 2008 o projeto é impulsionado devido ao diálogo travado com o IBRAM e com o Professor Mário Chagas. No ano seguinte a equipe do museu, apoiada por alunos de Museologia da UNIRIO, passa a organizar caminhadas e encontros em diversas áreas do Horto, conversas com moradores sobre a importância da memória e o desejo de criação do museu, mobiliza as escolas locais e participa das ações promovidas pelo IBRAM.

O Museu do Horto é lançado oficialmente em novembro de 2010, com a criação de seu *website* e a definição de seus circuitos, entre outras atividades promovidas por seus 5 núcleos operacionais: Núcleo de Memória Afrodescendente, Núcleo de Memória da Resistência, Núcleo de Cultura e Educação, Núcleo Socioambiental e Núcleo Esporte e lazer. É um museu de "caráter comunitário" (MUSEUS [...], 2016), que se apresenta como um museu vivo (que se constrói dialeticamente na interação da experiência da visitação), um museu a céu aberto (considerando a própria comunidade, seu território e lugares de memória), um museu de percurso (se constrói no caminho) e um museu digital (meio que reúne e dissemina o acervo da comunidade). Define-se como uma construção coletiva criada com o objetivo de:

- Contribuir para o reconhecimento do Horto enquanto lugar de memória e "sítio Histórico" (SOUZA, 2012, p.35);
- Contribuir para a conquista do direito à moradia pela comunidade do Horto, dando visibilidade e reconhecimento (interno e público) à sua luta e resistência (cultural e política);
- Combater o discurso hegemônico depreciativo e contar a história da comunidade através de um discurso em primeira pessoa construído por meio de sua memória social;
- Afirmar a identidade sociocultural da comunidade tradicional do Horto Florestal que, segundo Souza (2012, p.33) tem um "*ethos* rural e negro" que emana das culturas ancestrais indígena e africana;
- Contribuir para a preservação do patrimônio (natural, cultural, material e imaterial) local.

Em novembro de 2012 o Museu do Horto foi homenageado pela UNIRIO, recebendo medalha de honra por dedicação à causa da democratização da memória. O Museu integra a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Referências Patrimoniais:

Através da pesquisa-ação realizada pela historiadora Laura Olivieri Carneiro de Souza, foram registrados testemunhos e eventos, identificadas trilhas nas matas e referências patrimoniais etc., que permitiram a construção de um acervo composto por "artefatos, documentos, lugares, pessoas, saberes e práticas" (SOUZA, 2012, p.31), com dois fundos principais: o percurso a céu aberto no território do Horto, onde estão "expostos" seus lugares de memória, e o *website* do museu, onde seu acervo se (re)apresenta (SOUZA, 2012, p.91).

Lugares de memória inclusos nos percursos: ruínas de elementos arquitetônicos coloniais (casarões coloniais, ruína de senzala, aqueduto, açude, mirante, estradas de pé de moleque etc.), vilas operárias, clubes e escolas pertencentes às antigas fábricas, patrimônios naturais como cavernas, grutas, cachoeiras, vegetações e aléias. Os percursos são "permeados" pela memória social da comunidade, que revela memórias relacionadas a aspectos culturais tangíveis e intangíveis, expressões culturais ancestrais e contemporâneas (capoeira, artesanato, tradições religiosas de raízes africanas, festas tradicionais (como a Feijoada da Tia Elza), modos comunitários de fazer e viver, uma história social do trabalho etc.

O *website* apresenta os lugares de memória, representações de expressões culturais, registros de atividades do museu e documentos pertencentes aos moradores (que foram registrados, digitalizados, reproduzidos e devolvidos). Este acervo está categorizado no *website* por temas (Arqueologia, Arquitetura, Arte, Botânica, Brinquedotecas, Cartografia, Culinária, Danças, Educação, Esportes, Lendas, Músicas, Política, Reflexão Histórica e Historiográfica, Religião, Resistência, Ritos, Saúde e Trabalho), suportes de memória (Datas, Depoimentos, Documentos, Eventos, Exposições, Fotografia, Jornais e Revistas, Letras de Música, Livros, Lugares, Mapas, Monumentos, Textos, e Vídeos), e localidades do Horto (Caxinguelê, Morro das Margaridas, Grotão, Hortão, Rua Pacheco Leão, Estrada Dona Castorina, Vila São Jorge, Chácara do Algodão e Major Rubens Vaz) - e em seus interiores os lugares de memória.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição fotográfica - inauguração do Museu do Horto (07/11/2010, Clube Caxinguelê);

Percursos de visitação dos lugares de memória (permanente):

- "Circuito do Engenho": ruínas de antigo engenho e senzala, Aqueduto do Caxinguelê - ou Aqueduto da Levada -, talhão e mirante;
- "Circuito Kubitschek": Escola Municipal Julia Kubitschek, Largo da Pedra, Arboreto Rotary Club e Arcos;
- "Circuito das Árvores Ancestrais": Mangueira, Jequitibá etc.;
- "Circuito Operário": lugares onde funcionavam as fábricas de tecido, vilas operárias e infraestrutura sociocultural do entorno do polo fabril.

Rodas de Memórias, Protestos contra reintegrações de posse: 25/05/2012; 01/04/2013; 03/05/2014; 22/07/2014; Passeio Ciclista Olímpico – Manifestação de Resistência (16/08/2015); 27/03/2016; 10/04/2016; “Fica Horto, Fora Globo” (18/09/2016); **Projetos:** Brinquedoteca do Horto (2010); ATel.iê de Costura do Horto, Projeto Capoeira do Horto (2011-?); “Não saio daqui porque...” (05/05/2014, Rua Pacheco Leão); Capoeira do Horto (2010, 2011, 2016); **Oficinas:** “Guias dos Tempos” - formação de jovens para serem guias do Museu (em desenvolvimento); Hortas Comunitárias (06/01/2017, Praça Cinelândia); Culinária (2016); Crochê (2016); Artesanato (2017); Oficina de Audiovisual: Registros da Museologia Social - parceria com o Museu Sankofa da Rocinha e a REMUS-RJ; **Campanhas:** Doações para as vítimas das enchentes na região serrana do Rio de Janeiro (01/2011); Rodas de Capoeira, Rodas de Samba, Plantação de Mudanças;

Organização de eventos: Inauguração do Museu: Passeio pelo Percurso “Caminho do Aqueduto”, Histórias e Roda de Capoeira, Palavra Cultural (com Maurício Aguiar Dias), Feijoada da Tia Elza, Roda de Samba, apresentação do *website* do museu, exibição do *teaser* do documentário “Horto, um Jardim de Memórias”, Exposição de Artesanato do Projeto ATel.iê de Costura do Horto, Quisque da Memória, Projeto Brinquedoteca do Horto, apresentação do grupo de rap Badalo Consciente (07/11/2010, Clube Caxinguelê); 30 Anos da AMAHOR: missa, caminhada pelo circuito do museu, exposição de artesanato, roda de capoeira, relatos de memórias, rodas de conversa com idosos, atividades infantis, feijoada da Tia Elza, atividade musical (11/08/2012, Clube Caxinguelê); Visita à casa dos Mestres e Roda de Conversa com mestres de tradição oral (29/01/2013, Clube Caxinguelê); Atividades relembando um ano de despejo da família do Sr. Delton Luís, no Grotão: exibição de vídeos das histórias de resistência da comunidade, procissão com faixas, camisetas e velas contra a remoção, mutirão de limpeza, plantio e pintura da localidade, quermesse, música ao vivo, missa campal (4-6/04/2014); Caminhada Museal – Trilha do Capim Sagrado, conversas, poesias, música e almoço (20/04/2013); Exibição do documentário “Remoção”, de Luiz Antonio Pilar e Anderson Quack (15/02/2014, Clube Caxinguelê); Debate sobre a Carta Encíclica (do Papa Francisco) “LAUDATO SI”, que conclama os movimentos sociais por mais justiça, paz, trabalho, terra e teto (28/11/2016, Rua Pacheco Leão); Ocupa Horto - Festival de Cultura com silk, capoeira, poesia, música etc. (19/11/2016, Rua Pacheco Leão); HONK RIO - Festival de Fanfarras Ativas (25/11/2016, Caxinguelê);

Participação em Eventos: Painel “Museus e memórias de comunidades” - 9ª Edição do Expo Brasil Desenvolvimento Local (01/12/2010, Centro de Convenções Sul América, Rio de Janeiro/RJ); III Teia da Memória (15-17/12/2010, Museu da Maré); Palestra na PUC-Rio (06/02/2011); Encontro Nacional da Rede Ação Griô (14-18/04/2011, Palácio Gustavo Capanema, MinC/RJ); XVII Semana do Meio Ambiente da PUC-Rio – Mesa “Jardim Botânico: um conflito socioambiental?” (13/06/2011, PUC-Rio); Seminário “Direito à Moradia” – Painel “Direito à Moradia e Acesso à Justiça” (17/10/2011, Departamento de Direito/PUC-Rio); II Jornada Republicana “Memória, Patrimônio, Museu e Movimentos Sociais” – Horto Florestal: um lugar de memória da cidade do Rio de Janeiro (25/09/2012, Museu da República); Palestra sobre a história, a luta e os direitos da população tradicional do Horto Florestal do Rio de Janeiro (09/05/2013, Instituto de Estudos Críticos de Direito - IECD); Debate sobre o Horto (25/09/2013, Faculdade de Direito da UERJ); Audiência Pública na Câmara dos Deputados (02/10/2013, Brasília/DF); “Um caso: Horto Florestal” - Mesa Direito à Cidade da Semana Jurídica do Ibmeq, organizada pelo Centro Acadêmico Ministro Evandro Lins e Silva – CAMELS (17/09/2014, Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais - IBMEC); “Memórias do Horto” - Encontros Livres: Museologia, Memória e Sociedade - disciplina optativa Museologia, Memória e Sociedade II (01/10/2014, UNIRIO); Ocupa UFRJ (22/11/2016); Ocupa PUC-Rio: bate-papo sobre a Memória do Horto e o Direito à Moradia (01/12/2016); 5ª a 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com Roda de memória feminina com mulheres do Horto: Encontro inter-geracional para promover a memória das anciãs do lugar e a integração, Exibição do Documentário “Horto: Lugar de memórias”, Visita guiada ao Percurso do sítio histórico do Museu (24/09/2011, Clube Caxinguelê); Caminhada pela Trilha do Capim Milagroso, Roda de Samba, Exposição de Fotografias da Comunidade e Feijoada da Tia Elza (29/09/2012); Caminhada Guiada e Visitação a Sítios Históricos, Contação de Histórias, Caminhada do Parque da Cidade ao Horto Florestal pela Trilha do “Capim Sagrado” com a presença dos integrantes do Museu Sankofa da Rocinha, Exposição de Fotos, Feira de Artesanatos, Mesa de Debate sobre a Memória e Cultura Afro-brasileira, Feijoada da Tia Elza, Roda de Capoeira e Música (27-29/09/2013, Clube Caxinguelê e entorno);

Ações de Preservação:

- *I Clean Up the World* - Ação Ambiental no Horto (2010 e 2011) - mutirão de limpeza, construção de canteiros de jardinagem, plantação de mudas, pintura de muros, cercas e grades, atividades lúdicas e distribuição de copinhos com trigo germinando em algodão.
- Mapeamento de casas de terreiro antigas (mais de 20) e dos lugares de memória negra na localidade e florestas do entorno (SOUZA, 2012, p.51).
- Produção do *Teaser* “Horto: Jardim de Memórias” (2010) e do Documentário “Horto: Lugar de Memórias” (2010) por Laura Olivieri Carneiro de Souza.

Referências Bibliográficas:

EXPANSÃO da Rede Globo Ameaça 521 famílias no Horto. *Mídia Ninja*, Rio de Janeiro, 1 jun. 2014. Disponível em: https://ninja.oximity.com/article/Expans%C3%A3o-da-Rede-Globo-Amea%C3%A7a-1?fb_action_ids=546521238792430&fb_action_types=og.comments&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582. Acesso em: 01 dez. 2016.

HORTO: aqui é o meu lugar. **Youtube:** Maria Clara Dias, 5 jun. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1NbM3LfEX4&feature=youtu.be>. Acesso em: 1 nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, p.267, 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf. Acesso em: 18 set. 2013.

_____. **Edital Nº 26/2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **5ª Primavera dos Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.193. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.230. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.238. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p. 255. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.271. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MORADORES protestam contra reintegração de posse no Rio. **Uol Notícias**, Rio de Janeiro, 5 mai. 2014. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2014/05/05/moradores-protestam-contr-reintegracao-de-posse-no-rj.htm#fotoNav=7>. Acesso em: 9 nov. 2016.

MUSEU DO HORTO. Disponível em: <http://www.museudohorto.org.br/>. Acesso em: 11 set. 2016.

MUSEU do Horto. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-do-Horto-171077956243078/?fref=ts>. Acesso em: 01 dez. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu do Horto. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6171/#tab=sobre>. Acesso: 09 nov. 2016.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Horto:** Jardim de Memórias. Rio de Janeiro, 2010 (4 min.), teaser, color. Disponível em: http://www.museudohorto.org.br/Horto_Jardim_de_Memorias_Teaser?locale=pt_BR. Acesso em: 8 dez. 2016.

_____. **Horto:** Lugar de Memórias. Rio de Janeiro, 2010 (13 min.), documentário, color. Disponível em: http://www.museudohorto.org.br/Horto_lugar_de_Memorias_documentario?locale=pt_BR. Acesso em: 8 dez. 2016.

_____. **Horto Florestal:** um lugar de memória da cidade do Rio de Janeiro. A construção do Museu do Horto e seu correspondente projeto social de memória. 2012. 219f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812527_2012_completo.pdf. Acesso em: 8 dez. 2016.

Referência da Imagem: Caminhada pela Trilha do Capim Sagrado (2014). Disponível em: <https://www.facebook.com/171077956243078/photos/a.838198199531047.1073741827.171077956243078/838199022864298/?type=3&theater>. Acesso em: 09 nov. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 101 </td> <td data-bbox="756 315 1385 584"> Denominação: Museu Potyगतapuia Data de Criação: 2010 Endereço: Aldeia Mundo Novo, s/n, Zona Rural, CEP 63780-000, Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: (88) 3696-1126 / 9357-3207 / 3696-1559 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 101	Denominação: Museu Potyगतapuia Data de Criação: 2010 Endereço: Aldeia Mundo Novo, s/n, Zona Rural, CEP 63780-000, Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: (88) 3696-1126 / 9357-3207 / 3696-1559 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 101	Denominação: Museu Potyगतapuia Data de Criação: 2010 Endereço: Aldeia Mundo Novo, s/n, Zona Rural, CEP 63780-000, Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: (88) 3696-1126 / 9357-3207 / 3696-1559 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Conselho Indígena do Povo Potyगतara (?) Parceiros(as)/apoio: Projeto Historiando, entre outros Recursos: Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Rede Indígena de Memória e Museologia Social, Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE) Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado no Centro Cultural Indígena Potyगतara da Serra das Matas (antiga escola na Aldeia Mundo Novo)			
E-mail institucional: tekapotyगतara@hotmail.com , tequinhapereira@yahoo.com.br Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/Museu-Potyगतapuia-Serra-das-Matas-na-Aldeia-Mundo-Novo-1199529730129472/	Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]			
Histórico: <p>Monsenhor Tabosa é um município localizado no sertão Cearense. De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.133-136), o movimento indígena em Monsenhor Tabosa possuía (em 2009) quatro etnias organizadas (Potyगतara, Tabajara, Gavião e Tubiba-Tapuia), que reuniam cerca de 17 comunidades rurais (a maioria) e urbanas por todo o município, que possuem organizações próprias. A etnia Potyगतara foi pioneira no processo de autorreconhecimento (afirmação étnica), processo que se iniciou através da luta por uma educação diferenciada. Da Aldeia Mundo Novo o processo se expandiu para diversas famílias, e posteriormente abarcou a reivindicação pela demarcação de uma faixa contínua de terras para todas as etnias locais. As associações locais das aldeias, denominadas Conselho Indígena do Povo Potyगतara, tem como característica a união e o apoio mútuo, e se articulam semanalmente em um Sistema de rodízio entre as aldeias.</p> <p>A partir de uma oficina de diagnóstico participativo ministrada em 2009 (Projeto Emergência Étnica - Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará) na escola diferenciada da comunidade de Jacinto, discutiu-se a possibilidade da construção de 17 museus indígenas, um em cada comunidade, proposta que foi avaliada como inviável para o momento. Decidiu-se pela construção de um museu-piloto, o Museu Potyगतatu (ou Potyगतapuia), que serviria de inspiração para novas iniciativas de organização de espaços de memória, culminando com a criação de um museu em cada comunidade indígena (GOMES; VIEIRA, 2009, p.137).</p> <p>O Museu Potyगतapuia foi criado com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma campanha de coleta de objetos representativos da memória, história e patrimônio cultural local junto à comunidade; • Registrar a memória dos antepassados e dos povos atuais; • Constituir-se um espaço de memória viva e do patrimônio; • Contribuir com a educação das futuras gerações dos povos da Serra das Matas. • Incorporar as instâncias deliberativas das comunidades organizadas e contribuir para o fortalecimento de sua dinâmica política. <p>Gomes e Vieira (2009, p.138-147), que coordenaram o Projeto Emergência Étnica, apresentaram algumas propostas para a formação e consolidação do Museu, elaborada conjuntamente com representantes das diversas etnias, como a formação de uma equipe de lideranças, estudantes e professores das escolas diferenciadas para o trabalho de formação e organização do acervo, a organização de um núcleo gestor para a captação de recursos para a unidade museológica, a realização do Plano Museológico, oficinas de inventário, pesquisas sobre a história dos objetos do acervo do museu e sobre a história local (costumes, saberes e fazeres, patrimônio cultural, religiosidade, manifestações culturais, história relacionadas ao território etc), documentação do acervo coletado, (re)estruturação do</p>			

<p>espaço físico que sediará o museu, entre outras.</p> <p>Em 2009 o Museu estava cadastrado, mas não filiado ao SEM/CE e Sistema Brasileiro de Museus (SBM), com a denominação Centro Cultural Indígena Potyguara da Serra das Matas (GOMES; VIEIRA, 2009, p.139).</p>
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Objetos referentes à história da comunidade;</p> <p>Patrimônio Imaterial: costumes, saberes e fazeres, religiosidade, manifestações culturais, festas (Festa do Milho...) etc.</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>Exposições;</p> <p>Participação em Eventos: 1ª Reunião entre representantes e agentes culturais envolvidos em museus e centros culturais indígenas – organizada pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC), em parceria com o Museu Nacional da UFRJ (15-16/09/2009, Rio de Janeiro/RJ); 9º <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), apresentação dos símbolos do museu em forma de mesa redonda, mostrando a importância do museu para os povos indígenas da região (24-25/05/2011, Aldeia Mundo Novo); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE), entre outros.</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Campanha de coleta de objetos representativos da memória, história e patrimônio cultural local; • Organização do acervo coletado.
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.133-147. Disponível em: https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf. Acesso em: 20 fev. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Semana de Museus: Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 76. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>MINISTÉRIO DA CULTURA. Culturas Indígenas. 15 set. 2009. Disponível em: http://www2.cultura.gov.br/site/2009/09/15/culturas-indigenas-4/. Acesso em: 25 out. 2016.</p> <p>MUSEU POTYGATAPUIA SERRA DAS MATAS NA ALDEIA MUNDO NOVO. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/Museu-Potygatapuia-Serra-das-Matas-na-Aldeia-Mundo-Novo-1199529730129472/. Acesso: 16 mar. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Potigatapuia. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/9582/. Acesso: 16 mar. 2017.</p>
<p>Referência da Imagem: Antiga escola na aldeia Mundo Novo, zona rural de Monsenhor Tabosa, local escolhido para sediar o museu. Acervo Museu Potigatatu (GOMES; VIEIRA, 2009, p.146).</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 102	Denominação: Ecomuseu de Sepetiba
	Data de Criação: 2009-2012 Endereço: Rua Tenente Haroldo, 27, Sepetiba, Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 9926-58520 / (21) 3427-9471 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Movimento territórios diversos (MTD), Associação dos Pescadores Artesanais de Sepetiba (APAS Sepetiba), Rede Acordar da Zona Oeste (RESAZO), Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz, moradores da localidade	
Recursos: voluntários	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: ecomuseudesepetiba@gmail.com , ecomuseuatitudeseptiba@gmail.com Website ou blog: http://ecomuseudesepetiba.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/?fref=ts	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017)	
Histórico: <p>Sepetiba é um bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Foi palco de importantes acontecimentos históricos durante o Brasil Colônia, Império e República. Possui ainda importantes atributos naturais. No entanto, nos últimos 30 anos Sepetiba é vítima de um rápido processo de degradação, relacionado ao processo de crescimento e industrialização da cidade e crescimento populacional desordenado na região sem políticas públicas adequadas. A vegetação nativa vem sendo devastada, o esgoto e material químico são despejados nas praias sem tratamento, entre outros problemas ambientais.</p> <p>O Ecomuseu em Sepetiba, idealizado Bianca Wild, por foi criado em 2009 para responder às necessidades da comunidade. Para isso, tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar, mobilizar, enaltecer a localidade e empoderar a população • Resgatar histórias, memórias e manifestações culturais locais, por meio da realização de pesquisas e coleta de relatos com os moradores mais antigos; • Resgatar a auto-estima da população que viviam da pesca, do turismo e outras atividades econômicas relacionadas com o meio ambiente; • Contribuir com o desenvolvimento local por meio da educação patrimonial. 	
Referências Patrimoniais: <p>Patrimônio Natural e Cultural de Sepetiba: praias, trilhas, ruínas etc.</p> <p>Histórias e memórias locais, manifestações culturais, saraus, cirandas, folclore local, mitos, lendas etc.</p>	
Atividades desenvolvidas: <p><u>Exposições.</u> Exemplo: Exposição "Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem" (Colégio Oliveira Mallet); Exposição fotográfica "Caminhos de Sepetiba" - fotos antigas e atuais do bairro de Sepetiba (05/2014), Exposição "Espelho onde se revê e se descobre própria imagem" – sobre o processo de degradação e exclusão enfrentado pelo bairro de Sepetiba ao longo dos anos (05/2015), entre outras;</p> <p><u>Passeios de reconhecimento, Colóquios, Mobilização local, Oficinas:</u> Oficina de artesanato com reaproveitamento de materiais e conchas idealizada - realizada pelas artesãs da RESAZO com apoio da APAS Sepetiba;</p> <p>Organização de Eventos: Colóquio "Ecomuseu de Sepetiba: Agindo, pensando e transformando! Um Museu de ação!" - apoio do MTD, Centro Comunitário Santo Expedito etc. (10/2014), entre outros;</p> <p>Participação em Eventos: I Jornada de Formação em Museologia Comunitária (2009, Santa Cruz, Rio de Janeiro/RJ); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - "Criando Comunidades e Cidades Educadoras". A Educação e o Patrimônio Cultural Local: Superando Desafios e Construindo Perspectivas da Educação Ambiental no Século XXI, com a socióloga Bianca Wild (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC); 12ª a 14ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Assembleia Geral de Fundação do Ecomuseu, Exposição fotográfica "Caminhos de Sepetiba" (13-17/05/2014, atividades realizadas no Centro comunitário Santo Expedito e na Praça Washington Luiz); Exposição "Espelho onde se revê e se descobre própria imagem", Seminário "O Ecomuseu de Sepetiba como ferramenta de integração entre a comunidade e a baía", Passeio de Reconhecimento e Ecoturístico nas ruínas do</p>	

Antigo Cais (23-24/05/2015, atividades realizadas na Quadra da Praia do Recôncavo, Praça Washington Luiz e Ilha do Marinheiro – antigo cais); Roda de lembranças - dinâmica lúdica realizada com moradores, ex-moradores, estudantes, famílias etc., Passeio de reconhecimento e ecoturístico pelo caminho do antigo Cais (21-22/05/2016, Praça Washington Luiz), entre outros.

Ações de Preservação:

Inventário Participativo

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

ECOMUSEU DE SEPETIBA. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/?fref=ts>. Acesso: 14 mar. 2017.

Ecomuseu de Sepetiba. **Sepetiba, 448 anos!!!!**. Folder, [2015?].

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.262. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.283-284. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.216. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu de Sepetiba. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6694/>. Acesso: 14 mar. 2017.

ONG TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária** – Programação. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição "Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem". Disponível em:

<https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/photos/a.1736642839887280.1073741880.1626746900876875/1736643926553838/?type=3&theater>. Acesso: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
103

Denominação: Museu da Boneca de Pano

Data de Criação: 2010-2013

Endereço: Rua Deputado Joel Marques 110, Pici, CEP 60511-510, Fortaleza/CE.

Tel.: (85) 3290-1594 / 98631-3064 / 99839-8779

Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Escola Municipal Adroaldo Teixeira Castelo, SECULT-CE, Grupo Brincantes Cordão do Caróá, Oco do Mundo, Sistema Nervoso

Recursos: Recursos próprios e com voluntariados nas atividades

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Rede Cearense de Museus Comunitários.

Ingresso: gratuito

Obs.: Contribuição Voluntária

Funcionamento: 3ª e 5ª feira, das 9 às 17 horas, 4ª e 6ª feira mediante agendamento, sábado das 9 às 12 horas.

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: museudabonecadepano@gmail.com

Website ou blog: <http://museudabonecadepanoblogspot.com/>

Rede social: <https://www.facebook.com/MuseuDaBonecaDePano/?fref=ts>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de caráter comunitário (MUSEUS Br, 2017)

Histórico:

O Pici é um bairro da cidade de Fortaleza (CE). Entre 1942 e 1945 abriu uma base militar Americana, que a abandonou devido ao difícil acesso e aos ventos fortes. Em 1990 a antiga base aérea foi ocupada sem planejamento, e a comunidade acabou ficando sem espaços de lazer.

O Museu da Boneca de Pano foi idealizado pela artesã e pedagoga Liduina Rodrigues, sua atual diretora, e tem como objetivos:

- Fortalecer, preservar e difundir a Cultura Popular de Tradição, especialmente o universo da boneca de pano;
- Realizar programas, projetos, exposições, pesquisas, visitas, oficinas, apresentações artísticas, produção e difusão da cultura da boneca de pano, a fim de resgatar o lúdico e desenvolver na criança o contato com o mundo mágico;
- Estimular o imaginário da criança, possibilitando-as ricas vivências sensoriais;
- Promover a ética, a cultura de paz, a cidadania, a democracia, os direitos universais da pessoa humana e a manifestação da cultura.

Referências Patrimoniais:

Cultura Popular no geral, em especial o universo da boneca de pano.

Atividades desenvolvidas:

Exposições na sede e Exposições Itinerantes. Exemplos: Exposição Permanente de bonecas confeccionadas artesanalmente; Exposição “Eita! é do tempo do vovô e da vovó” (01-03/2017); Exposição no Shopping Benfica (03/2017); Exposição do Projeto de acessibilidade do Museu da Boneca de Pano (09/2016, Sobrado Jose Lourenço);

Oficinas de bonecas, mamulengos, percussão, perna de pau, Contação de Histórias;

Cortejo Cultural com o Bloco Rói Rói - com bonecas vivas, pernas de pau, malabares, matracas, o Grupo Brincantes Cordão do Caróá, as bandas Oco do Mundo e Sistema Nervoso (28/02/2014, ruas do Pici);

Participação em Eventos: V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - Oficina “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” (24-26/11/2016); 6ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Oficina de boneca da sorte, exposição de bonecas, Palestra “A Função Social dos Museus” (24-30/09/2012, EMEIF Adroaldo Teixeira Castelo); Oficina de bonecas de pano negra, Palestra “Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira” e exposição de bonecas (23-29/09/2013), III Calçada Cultural – com apresentações musicais, Varal Poético, Exposições, Exposição “Releitura das obras de Tarsila do Amaral”, Espetáculo Teatral “O Boi Surubim na Perna de Pau”, com o Grupo Cabeça de Mamulengo, do Museu da Boneca de Pano, Exibição dos curta-metragens “Reisado Miudim” e “Vida Maria” e palestra com o ator, audiodescritor e produtor cultural Klistenes Braga (22-28/09/2014, atividades realizadas na Escola Adroaldo Teixeira Castelo), Palestra sobre os indígenas com a historiadora Maria Leni Araújo Lopes e Palestra com o

coordenador do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (21-24/09/2015, atividades realizadas na Escola Adroaldo Teixeira Castelo); 11ª, 13ª e 14ª **Semana Nacional de Museus** (IBRAM), com Oficina de bonecas e de brinquedos tradicionais da arte popular, como rôl-rôl e matracas (13-19/05/2013), Oficina boneca de mamulengo, 4ª Calçada Cultural, com apresentação da Banda Cabeça de Mamulengo (18-24/05/2015); Oficina de desenho com alunos da Escola Municipal Adroaldo Teixeira Castelo e Exposição da oficina de desenho (16-22/05/2016), 7ª edição do Seminário SABERES & VIVÊNCIAS (09/2016) entre outros.

Ações de Preservação:

Catálogo das artesãs que confeccionam bonecas de pano, entre outras.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.57. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus: Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília: IBRAM, 2013, p.65. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos**. Brasília: IBRAM, 2013, p.26. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.34. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social**. Brasília: IBRAM, 2013, p.71. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.76. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.58. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU DA BONECA DE PANO. **Facebook: Fanpage**. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuDaBonecaDePano/?fref=ts>. Acesso: 14 mar. 2017.

_____. **Blogspot**. Disponível em: <http://museudabonecadepano.blogspot.com.br/>. Acesso: 14 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu da Boneca de Pano. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9473/>. Acesso: 14 mar. 2017.

ONG TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária – Programação**. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. **Museu da Boneca de Pano realiza cortejo cultural em Fortaleza**. 27 fev. 2014. Disponível em: <https://museuscomunitarios.wordpress.com/2014/02/27/museu-da-boneca-de-pano-realiza-cortejo-cultural-em-fortaleza/>. Acesso: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada da Sede do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseuDaBonecaDePano/photos/a.954332177928384.1073741825.391414220886852/1089061037788830/?type=3&theater>. Acesso: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 104	Denominação: Museu Vivências e Memórias do Vale do Gramame
	Data de Criação: 05/2010 Endereço: Rua Telegrafista Geraldo Fagundes de Araújo, 10, Bairro do Gramame, CEP: 58081-990, João Pessoa/PB. Tel.: (83) 3220-1138 / 8838-1129. Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Congregação Holística da Paraíba – Escola Viva Olho do Tempo (EVOT)	
Parceiros(as)/apoio: Artistas (cantores, bandas) e políticos locais (deputados e vereadores), advogados, Thiago Nozi Fotografia e Mídia Ninja, Secretaria da Cultura da Paraíba, Prefeitura Municipal de São Pessoa, Conselho Municipal Direitos da Criança e Adolescente – João Pessoa (CMDCA – JP), Governo do Estado da Paraíba, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – João Pessoa (IPHAN), Ministério da Cultura (MinC), Fundação Itaú Social, Grãos de Luz e Griô, Coletivo Mundo, Sesc Paraíba, Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), Antares Comunicação, DOARE (Plataforma de doações online para organizações do Terceiro Setor), GraficaJB, Loteria do Estado da Paraíba (LOTEP), Cooperativa Cultural Universitária da Paraíba Campus I/ UFPB (CODISMA), BR27 Tecnologia, Associação Nacional para Inclusão Digital (ANID), Ateliê Elioenai Gomes, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Rede Educativa, Empreendedora e Colaborativa no Secretariado (RECOSEC/UFPB), Espaço Ser Infinito Yoga Terapias e Desenvolvimento Pessoal.	
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Projeto Ponto de Memória - Nova Expografia do Museu Vivo Olho do Tempo”), Prêmio Pontos de Memória 2013 (Projeto “Projeto Ponto de Memória - Nova Expografia do Museu Vivo Olho do Tempo”), Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Nova expografia do Museu Comunitário da Escola Viva Olho do Tempo: Vale do Gramame: Memórias e Vivências”), Fundo Itaú Excelência Social (FIES 2015), Portal DOARE da EVOT, campanhas de doação (Campanha do Abraço, Campanha Doador 1000), shows beneficentes.	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso: gratuito.	
Obs.:	
Funcionamento: 9 às 11h – 13 às 16h, segunda a sexta-feira.	
É necessário agendar a visita? (X)sim () não	
Estrutura física do Museu: os espaços museais abarcam toda a região da EVOT e o seu entorno, incluindo uma grande área verde de Mata Atlântica. A Exposição de Longa Duração ocupa duas salas da escola.	
E-mail institucional: escolavivaolhodotempo@yahoo.com.br , penha.evot@gmail.com Website ou blog: http://www.olhodotempo.org.br/ Rede social: https://www.facebook.com/escolavivaolhodotempo	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória	
<p>Histórico:</p> <p>O Vale do Gramame está situado nos limites da zona urbana e rural entre os municípios de João Pessoa e Conde, na Paraíba, às margens dos rios Gramame e Jacoca. Abrange uma população aproximada de 20 mil habitantes, distribuída nas comunidades rurais (Engenho Velho, Gramame e Ponta do Gramame), indígenas (Tabajara), quilombolas e pescadores (Comunidade Mituaçu) e uma parcela de população urbana (comunidades Colinas do Sul I e II, Gervásio Maia e Conjunto Marinês - bairros populares resultantes de políticas públicas de habitação), que perceberam uma identidade coletiva (EVOTE, 2015) relacionada à paisagem cultural e à influência dos rios em sua vida cotidiana. No entanto, a implantação de diversas fábricas e indústrias no seu redor vem causando grande impacto ambiental por meio da poluição do rio.</p> <p>A Congregação Holística da Paraíba – Escola Viva Olho do Tempo (EVOT) foi idealizada e criada por Maria dos Anjos Mendes Gomes (Mestra Doci) em 1998 como uma instituição social sem fins lucrativos com o objetivo de preservar os olhos d’água da região (que tem 8 nascentes) e atuar como alternativa educacional (educação não-formal) para crianças e adolescentes do entorno. A partir de 2004, através de uma gestão e ações compartilhadas com a comunidade local (a atual coordenação é composta pelos primeiros alunos da escola), desenvolve projetos e atividades com temáticas relacionadas à valorização da cultura e do meio ambiente.</p> <p>Para contribuir com a “política das memórias coletivas do Vale do Gramame” e mobilizar a “população local e outros atores sociais” em uma “campanha pela revitalização da bacia hidrográfica da região” (TOLENTINO, 2016a) em 2010 a escola criou o Museu da Escola Viva Olho do Tempo (EVOT), denominado Museu Vivências e Memórias do Vale do Gramame, que evidencia em suas exposições e na educação patrimonial que promove junto às escolas e comunidades (juntamente com atividades como ecoturismo, reflorestamento, promoção de atividades culturais e festividades tradicionais locais etc.) a relação da vida da população local com o rio. As ações de educação patrimonial são baseadas na pedagogia griô e pautadas no reconhecimento e valorização das identidades e do patrimônio cultural da região. Entre 2012 e 2013, a partir de uma parceria com a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na Paraíba, através da Casa do Patrimônio de João Pessoa, a exposição de</p>	

longa duração do museu (organizada por membros da comunidade) foi reconfigurada, adotando outras técnicas e materiais expositivos e elaborando uma narrativa representativa das memórias e identidades das comunidades do Vale do Gramame (TOLENTINO, 2016b, p.6). A nova exposição apresenta “as referências culturais da região e os problemas causado pela poluição dos rios, a partir do olhar dos mestres de cultura popular locais”, e recebeu o título “Vale do Gramame: Memórias e Vivências” (TOLENTINO, 2016b, p.5).

O museu é também definido por Tolentino (TOLENTINO, 2016b, p.3) como um Museu Comunitário da EVOT e Museu Vivo Olho do Tempo (IBRAM, 2012, p.86), e seus objetivos estão entrelaçados com os objetivos da Congregação Holística da Paraíba – Escola Viva Olho do Tempo (CHP-EVOT):

- Contribuir com a valorização das culturas, memórias e identidades coletivas locais;
- Promover a conscientização social, cultural e ambiental dos moradores locais;
- Proporcionar o encontro de crianças com mestres e mestras de tradição oral da comunidade estimulando a transmissão de saberes locais (Patrimônio Cultural);
- Contribuir para o engajamento na preservação e valorização da paisagem cultural;
- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população local;

A CHP-EVOT já recebeu diversos prêmios e foi contemplada por editais públicos e privados desde 2009.

Referências Patrimoniais:

A partir da seleção de expressões culturais (coco, ciranda, capoeira, poesia popular, lapinha, quadrilha junina, pesca, forró pé-de-serra, narrativas lendárias etc.), saberes (cultivo de mandioca e feitura da farinha, manuseio de ervas etc.), hábitos cotidianos (banho e a lavagem de roupa no rio, pesca de camarão etc.), lugares de memória (rios Gramame e Jacoca, Ponte dos Arcos), eventos e festas tradicionais (caminhada de São José, São João Rural etc.), foram selecionados alguns objetos para compor a exposição de Longa Duração do Museu: balaio, cestarias, barco, tarrafa, samburá, cova, ratoeira, remos, candeeiro, balaio, gereré etc.

O acervo também é composto por vídeos com depoimentos dos mestres e mestras da região.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de objetos do cotidiano da comunidade relacionados com a pesca e o trabalho rural (2010-2013); Exposição de fotografias e imagens das atividades desenvolvidas pela escola e das manifestações culturais locais (2010-2013); Exposição “Vale do Gramame: Memórias e Vivências” (28/05-16/08/2013, Casa do Patrimônio de João Pessoa); Exposição “Vale do Gramame: Memórias e Vivências” (2014-atual);

As atividades desenvolvidas pelo Ponto de Cultura e pelo Museu estão interligadas e se complementam: Coleta de objetos significativos junto às comunidades; organização de eventos como o São João Rural e o Encontro Cultural “O Vale vai à Praça”; Rodas de Leitura e de Contação de Histórias com crianças e mestres; Recepção a alunos de escolas públicas e privadas do Vale do Gramame; Trilhas pelo Vale do Gramame, Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia no Vale do Gramame (atividades abrangendo as áreas de meio ambiente, cultura digital, esporte/lazer, leitura, memória, arte e cultura). Oficinas: Contação de História, Patrimônio e Cultura Local; Leitura, Patrimônio e Meio Ambiente; Percussão; Informática; Educação Ambiental; Capoeira;

Participação em Eventos: 9ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Roda de Vivência “Museu e Memórias”, com a Griô aprendiz Penhinha, Recitação de poemas e vivência com a Mestra Griô Judite Palhano, Exposição de fotografias, artesanatos e utensílios das famílias da comunidade, Trilha pela área interna do museu, com Mestre Zé Pequeno e condutor Ivanildo, Vivência com os mestres cirandeiros do Vale, Mestre griô João da Penha, Mestra Ciga e Mestra Geralda (18-21/05/2011); Rodas de conversa, rodas de contação de histórias e vivência com os griôs e mestres do Vale do Gramame, recital de poesias e transmissão de saberes com a mestra em poesia Judite Palhano e oficinas (14-18/05/2012); Memórias de Quintal - Visita aos Quintais das Mestras Doci e Judite, nas comunidades do Gramame e de Engenho Velho, para vivências da roda dos saberes com a meninada e a comunidade (14-16/03/2013); Reabertura da Exposição Vale do Gramame: Memórias e Vivências (13/05-16/06/2014); Vivência com os griôs e mestres de tradição oral da comunidade, Oficina com os saberes de ciranda, coco de roda, poesia, contação de histórias, artesanato com paleta de dendê e cipó e quadrilha junina, Vivência na exposição Vale do Gramame: memórias e vivências, Oficina sobre Pedagogia Griô para professores das escolas públicas do Vale do Gramame (18-24/05/2015, Escolas Raimundo Nonato e Gustavo Capanema – comunidades Gervásio Maia e Grotão); Exposição Itinerante fotográfica - resultado da oficina de fotografia com crianças e adolescentes, Oficina para alunos das escolas municipais locais, por meio de rodas, encontros e vivências dos Saberes dos Griôs e Mestres do Vale do Gramame e Campanha “Rio Gramame quer Viver em Águas Limpas” (16-20/05/2016, atividades realizadas na Escola Municipal Raimundo Nonato - Comunidade Gervásio Maia, na Escola Municipal Antenor Navarro - Comunidade Gramame, e nos Quintais das Mestras Doci e Judite, nas comunidades do Gramame e de Engenho Velho); 5ª e 7ª Primavera de Museus (IBRAM), com Roda Griô com a Mestra Judite, recital de suas poesias, produção dos desenhos, Contação da história da Cebola de Xém-Xem, com o Mestre Zé Pequeno (19-21/09/2011); Exposição “Vale do Gramame: Memórias e Vivências”, Homenagem aos griôs, mestres e mestras locais, Vivências no Quintal Cultural Raízes Negras, Trilha pelos quintais dos Mestres e Griôs e lugares de memória da comunidade (26/09/2013, Quintal Cultural Raízes Negra - Comunidade Quilombola Mituaçu), entre outros.

Ações de Preservação:

- Produção de vídeos com entrevistas de Mestres da região, produzidos pela Escola Viva Olho do Tempo;
- Ações de Educação Patrimonial com base na Pedagogia Griô;
- Musical “Luzes do Vale: O Rio Gramame quer Viver”, composto pelas narrativas, memória e patrimônio material e imaterial do Vale do Gramame;
- Campanha “O Rio Gramame Quer Viver em Águas Limpas”, campanha de sensibilização e educação ambiental para mostrar a necessidade de descontaminação da Bacia do Rio Gramame;
- Projeto Contos & Mestres;

Referências Bibliográficas:

EVOTE ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO. **Youtube:** Kalyne Lima, 16 mar. 2015, Kalyne Lima, 6'18. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IhH-xNYUCWl>. Acesso em: 13 dez. 2016.

EXPOSIÇÃO "Vale do Gramame: Memórias e Vivências". **Blog:** Vava da Luz, 21 mai. 2013. Disponível em: <http://blogdovavadaluz.com/sem-categoria/exposicao-vale-do-gramame-memorias-e-vivencias%E2%80%8F>. Acesso em: 13 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.82. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.81. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 93. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **10ª Semana de Museus:** Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.86. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.90. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.103. Disponível em: <http://www.espaciencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.108-109. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.78. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Circuito Cultura Viva chega à Paraíba.** Brasília: MinC, 19 mar. 2015. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/banner3/-/asset_publisher/8J9CFVHcu3W4/content/circuito-cultura-viva-chega-a-paraiba/10883. Acesso em: 20 dez. 2016.

MUSEU COMUNITÁRIO DA ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO. **Paraíba Criativa** – a cultura paraibana no mundo da economia criativa, João Pessoa, 29 set. 2016. Disponível em: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/museu-comunitario-da-escola-viva-olho-do-tempo/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Vivo Olho do Tempo. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7386/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Museus e paisagens culturais: o exemplo do Museu Comunitário da Escola Viva Olho do Tempo. **Revista Museu** – Cultura Levada a Sério, 2016. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/233-museus-e-paisagens-culturais-o-exemplo-do-museu-comunitario-da-escola-viva-olho-do-tempo.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. Patrimônio cultural e discursos museológicos: narrativas de memórias e identidades locais. **Revista Midas**, n.6, 2016. Disponível em: <https://midas.revues.org/1012>. Acesso em: 5 dez. 2016.

Referência da Imagem: Fachada da Congregação Holística da Paraíba – Escola Viva Olho do Tempo. Disponível em:

<https://www.facebook.com/escolavivaolhodotempo/photos/a.467770399995472.1073741826.467770353328810/583658165073361/?type=3&theater>. Acesso em: 13 dez. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
105

Denominação: Yny Heto - Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Javaé e Karajá

Data de Criação: 2010
Endereço: Rua 5, lote 19, quadra 1 s/n, Centro Histórico, CEP 74470-000, Formoso do Araguaia/TO.
Tel.: (63) 3218-3312 / 3357-1431 / 3218-2238
Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Fundação Cultural do Estado de Tocantins, ligada à Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Tocantins

Parceiros(as)/apoio: parcerias entre município, estado e União, com o apoio do Conselho das Organizações Indígenas do Povo Javaé da Ilha do Bananal (Conjaba),

Recursos: Edital Mais Museus de 2008 (Ibram/MinC)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: Salas Temáticas Javaé e Karajá, Loja para comercialização de produtos artesanais, arquivo histórico e cultural sobre a cidade, sala de vídeos.

E-mail institucional: seducformoso@hotmail.com, isarochalima@hotmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena

Histórico:

Os Javaé se autodenominam Iny (“gente”) ou Iny Mahadu (“o povo do meio”). Os povos Javaé, Xambioá e Karajá são três subgrupos da etnia Karajá. O povo Javaé reside em 13 aldeias na Ilha do Bananal (TO), no Parque Nacional do Araguaia, onde também reside os Karajá. Mesmo com a criação do parque a Ilha foi devastada por fazendeiros, pequenos criadores de gado e empreendimentos de turismo. Nos últimos anos os povos indígenas, após muita luta, estão conseguindo retirar os não-índios da região.

O Cacique Juraci Javaé foi o primeiro a idealizar um museu na região. O Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Yny Heto – Javaé e Karajá foi criado em 2010, e está localizado no centro histórico do município de Formoso do Araguaia, em um edifício pertencente à Prefeitura de Formoso do Araguaia. A Fundação Cultural do Tocantins ficará responsável pelo acervo.

O Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Yny Heto – Javaé e Karajá tem como objetivos:

- Atuar como espaço para a divulgação da cultura indígena;
- Contribuir com o processo de conscientização, preservação e conservação cultural e ambiental dos povos Javaé e Karajá;
- Fortalecer o turismo e a geração de renda das comunidades.

Referências Patrimoniais:

O Acervo do museu possui 43 peças produzidas pelos artesãos Javaé e Karajá, com destaque para as peças em cerâmica, roupas usadas em rituais, uma canoa, peças utilizadas durante caça, pesca;

Pinturas tradicionais do povo Iny;

Acervo audiovisual sobre a cultura dos povos Iny;

Documentação sobre a história e os aspectos culturais do município de Formoso do Araguaia etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposição de longa duração;

Participação em Eventos: 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Exibição de Documentários sobre os povos indígenas do Tocantins, Exposição “Cultura dos povos Javaé e Karajá”, Visitas Guiadas e Pintura corporal Javaé e Karajá (21-26/09/2015); 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exposição de fotografias de paisagens naturais e culturais retratando as comunidades indígenas da Ilha do Bananal com ênfase no artesanato, culinária, vestuário, danças e paisagem local (17-19/05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

FUNDAÇÃO Cultural Inaugura Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal. **Conexão Tocantins**, 27 set. 2010. Disponível em: <http://conexaoto.com.br/2010/09/27/fundacao-cultural-inaugura-museu-dos-povos-indigenas-da-ilha-do-bananal>. Acesso: 14 mar. 2017.

GOVERNO DO TOCANTINS. **Facebook**: Fanpage, 29 mai. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/GovernodoTocantins/photos/a.487665397948244.1073741828.487358637978920/859078320806948/?type=3&theater>. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu dos Povos Indígenas está aberto ao público. **Notícias do IBRAM**, 28 set. 2010. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu-dos-povos-indigenas-esta-aberto-ao-publico/>. Acesso: 14 mar. 2017.

_____. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.66. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus**: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.133. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU UNIRIO. **FCT conclui instalação do Museu dos Povos Indígenas**. Facebook: Fanpage, 17 jun. 2010. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/museo-unirio/fct-conclui-instala%C3%A7%C3%A3o-do-museu-dos-povos-ind%C3%ADgenas/119557728087738/>.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu dos Povos Indígenas da Ilha do Bananal - Javaé e Karajá. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8341/>. Acesso: 14 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.347-348. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Foto: Emerson Silva. Disponível em: <http://encantosdocerrado.com.br/n/3745>. Acesso: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
106

Denominação: Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento

Data de Criação: 2010

Endereço: Estrada Do Gericinó, 80, casa 55, Bangu, Rio de Janeiro/RJ

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Raízes de Gericinó

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Prêmio Geraldo Jordão Pereira (Projeto “Bumba Meu Boi Estrela de Gericinó”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: raizesdegericino@gmail.com

Website ou Blog: <http://raizesdegericino.blogspot.com.br/>

Rede Social: <https://www.facebook.com/RaizesdeGericino/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Casa

Histórico:

A ONG Raízes de Gericinó é uma instituição sem fins lucrativos criada por uma família maranhense chegada à comunidade do Catiri, bairro de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro (RJ). A família anualmente se reunia em frente à sua casa, ao som de música nordestina e pratos típicos do maranhão, a fim de relembrar os festejos culturais da terra de origem.

A ONG compreende a cultura popular como instrumento de inclusão social, e tem como objetivos:

- Promover a inclusão social na comunidade do Catiri através do Bumba-meu-boi maranhense;
- Contribuir para transformação social, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por meio da cultura, da arte e da educação, promovendo a convivência familiar e comunitária, através de programa destinados para crianças, jovens e adultos;
- Afirmar-se como uma organização de referência por ações de intervenções no desenvolvimento de projetos culturais e educacionais.

O Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento, criado pela ONG Raízes de Gericinó, atualmente compõe a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Referências Patrimoniais:

O acervo do museu está em exposição. É composto por peças, indumentárias produzidas artesanalmente;

Saberes e fazeres relacionados à manifestação cultural do bumba meu boi.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições;

Oficinas de Desenho, de Trança, Corte e costura, Artesanato, Canto e coreografia, Atividades educativas sócio e ambientais;

Arraiá Flor da Roça (evento anual realizado no mês de junho)

Apresentações em escolas e espaços culturais.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

FUNARTE. **Associação Raízes de Gericinó.** Disponível em: <http://sistemas.funarte.gov.br/codanca/form7.php?cod2=102>. Acesso em: 22 jan. 2017.

INSTITUTO RIO. **Associação Raízes de Gericinó é vencedora do Primeiro lugar do prêmio Geraldo Jordão Pereira.** 7 jan. 2016. Disponível em: <http://www.universidadecomunitariazo.com.br/2016/01/associacao-raizes-de-gericino-e.html>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MUSEU CASA BUMBA MEU BOI EM MOVIMENTO. Blogspot. Disponível em: http://raizesdegericino.blogspot.com.br/ . Acesso em: 22 jan. 2017.			
PROJETO que revitaliza espaços culturais abre circuito na Zona Oeste do Rio. Extra Globo , 20 jul. 2013. Disponível em: http://extra.globo.com/noticias/rio/zona-oeste/projeto-que-revitaliza-espacos-culturais-abre-circuito-na-zona-oeste-do-rio-9076769.html . Acesso em: 22 jan. 2017.			
REDE DE MUSEOLOGIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. Facebook: Grupo Público, 29 jun. 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/212231862288591/permalink/449212458590529/ . Acesso em: 22 jan. 2017.			
Referência da Imagem:	Fachada	do	Museu/ONG. Disponível em: http://www.universidadecomunitariazo.com.br/2016/08/ii-parte-visitas-de-monitoramento-aos.html . Acesso em: 22 jan. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
107

Denominação: Casa de Memória da Rede Fitovida

Data de Criação: 2010

Endereço: Avenida Estrela Branca, 117, Santa Maria, Belford Roxo/RJ

Tel.: (021) 2761-2643

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Amigos da Rede Fitovida

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Primeira Feira dos Saberes e Sabores dos guardiões do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 2ª, 4ª e 6ª feira, das 9 às 16 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: redes.fitovida@yahoo.com.br

Website ou Blog: <http://www.redefitovida.org.br>

Rede Social: <https://www.facebook.com/FitovidaRede/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória

Histórico:

A Rede Fitovida é uma organização voluntária que trabalha com ervas medicinais em atendimento à população composta por 108 grupos comunitários (filhos e filhas de benzedeiras, raizeiros e parteiras) do Estado do Rio de Janeiro - 24 municípios - que compartilham princípios de solidariedade, apoio ao próximo, valorização da vida e respeito à natureza. É fruto de uma parceria com a Secretaria Estadual de Cultura para contribuir como reconhecimento desses saberes como um bem público.

Todos os grupos têm em comum a prática, a vivência, a boa relação com as plantas medicinais e outros elementos da natureza que compõem as práticas populares de saúde.

A Rede tem como objetivos:

- Valorizar, preservar, registrar e transmitir os conhecimentos tradicionais por meio dessas práticas;
- Propagar a voz das nossas avós lembrando das suas avós - receitas de cura e cuidado, transmitidas de geração em geração;
- Partilhar os conhecimentos, contribuindo para a perpetuação da cultura popular do uso das plantas medicinais.

O Ponto de Cultura Casa de Memória da Rede Fitovida foi criado para que esses objetivos fossem alcançados. O espaço, localizado em Belford Roxo, Baixada Fluminense, contempla uma biblioteca denominada “Espaço Chá com letras”, um espaço expositivo permanente e uma sala multimídia para a exibição de vídeos e debates.

Referências Patrimoniais:

Patrimônio Imaterial e Cultural relacionado aos saberes e manipulações relacionados à cultura ervatera.

Atividades Desenvolvidas:

Exposição Fotográfica permanente com a história dos grupos e referências culturais;

Oficinas de Argila, Arte em Jornal, Audiovisual (2011), Xarope, Garrafada, Pomada e Sabão Medicinal, Argiloterapia, Contação de Histórias

Ações de Preservação:

Transmissão dos conhecimentos relacionados às plantas medicinais.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

MAPA DE CULTURA RJ. Casa da Memória da Rede Fitovida. Disponível em: http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/casa-da-memoria-da-rede-fitovida-na-baixada-fluminense . Acesso em: 12 fev. 2017.
PONTO de Cultura Casa de Memória da Rede Fitovida. Disponível em: http://marcelleverdejar.wixsite.com/maparedefitovida/page2 . Acesso em: 12 fev. 2017.
REDE FITOVIDA. Disponível em: https://www.redefitovida.org.br/ . Acesso em: 12 fev. 2017.
_____. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/FitovidaRede/ . Acesso em: 12 fev. 2017.
Referência da Imagem: Oficina sobre preparo de pomada e sabão – feitura da pomada (11/2014). Disponível em: https://www.facebook.com/FitovidaRede/photos/a.851471741560247.1073741831.847268655313889/851472031560218/?type=3&theater . Acesso em: 12 fev. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589" rowspan="2"> Ficha: 108 </td> <td data-bbox="751 315 1385 383"> Denominação: Museu Indígena Jenipapo-Kanindé </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 389 1385 589"> Data de Criação: 2010 Endereço: Reserva Indígena Jenipapo-Kanindé, Lagoa da Encantada, s/n, Aldeia Jenipapo-Kanindé, Iguape, CEP 61700-000, Aquiraz/CE. Tel.: (85) 8736-5696 / 8683-2141 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 108	Denominação: Museu Indígena Jenipapo-Kanindé	Data de Criação: 2010 Endereço: Reserva Indígena Jenipapo-Kanindé, Lagoa da Encantada, s/n, Aldeia Jenipapo-Kanindé, Iguape, CEP 61700-000, Aquiraz/CE. Tel.: (85) 8736-5696 / 8683-2141 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 108	Denominação: Museu Indígena Jenipapo-Kanindé			
	Data de Criação: 2010 Endereço: Reserva Indígena Jenipapo-Kanindé, Lagoa da Encantada, s/n, Aldeia Jenipapo-Kanindé, Iguape, CEP 61700-000, Aquiraz/CE. Tel.: (85) 8736-5696 / 8683-2141 Situação atual: em funcionamento.			
Entidade(s) Gestora(s): Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé (AMIJK)				
Parceiros(as)/apoio: Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido (ADELCO), ONG ADER-França, Projeto Historiando, Coletivo Audiovisual Jenipapo-Kanindé, entre outros.				
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Desenvolvimento e promoção das atividades do Museu Indígena Jenipapo Kanindé – MIJK”), Petrobrás 2014 (Projeto “Matas da Encantada Jenipapo-Kanindé” - desenvolvido pela ADELCO); Programa Pequenos Projetos Ecososociais - Instituto Sociedade (PPP-Ecos), População e Natureza – ISPN - 2014 (Projeto Sistemas Agroflorestais - desenvolvido pela ADELCO); Pontos de Cultura Indígenas 2015 – Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (Projeto “Salvaguarda, Preservação e Difusão do Patrimônio Cultural Material e Imaterial da Etnia Jenipapo Kanindé”) etc.				
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:				
Ingresso: R\$ 5,00				
Obs.: Para estudantes da rede pública, 1 kg de alimento não perecível. Para grupos grandes, R\$ 3,00 por pessoa.				
Funcionamento:				
É necessário agendar a visita? (X) sim () não				
Estrutura física do Museu: O Museu abarca todo o território da Lagoa da Encantada.				
E-mail institucional: ealves94@gmail.com, mostraindigena@gmail.com Website ou blog: http://www.indiojenipapokaninde.org/museu/ Rede social: https://www.facebook.com/Museu-Ind%C3%ADgena-Jenipapo-Kanind%C3%A9-451868561507747/	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Museu Indígena, Ponto de Memória				
Histórico: <p>A Lagoa da Encantada é um território localizado no município de Aquiraz (CE), Região Metropolitana de Fortaleza, onde reside a comunidade indígena “Jenipapo-kanindé”, uma das 14 etnias indígenas reconhecidas no Estado do Ceará. Esta designação, originária dos não-indígenas, foi incorporada por este povo como autodenominação. Anteriormente estes descendentes dos Payaku (povo que no século XVI habitava a faixa litorânea dos estados do Rio Grande do Norte e Ceará) eram conhecidos como “Cabeludos da Encantada”. Atualmente os Jenipapo-kanindé falam unicamente o português.</p> <p>Vendo recursos da Lagoa da Encantada vem serem destruídos pela indústria de plantação de cana e derivados, além da crescente culação imobiliária para a implantação de grandes empreendimentos turísticos na região, na década de 1980 a comunidade iniciou a mobilização política junto ao movimento indígena cearense, assessorada pela Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, por entidades indigenistas e grupos vinculados a universidade, visando o reconhecimento étnico e a preservação de seu território tradicional, do meio ambiente e de seus costumes.</p> <p>O Museu Indígena Jenipapo Kanindé é um museu comunitário que abarca todo o território, e mais um recurso utilizado pelos Jenipapo-kanindé para o reconhecimento de sua identidade étnica e garantia de seus direitos. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ressignificar a identidade étnica indígena por meio da memória dos/nos objetos; • Contribuir para a garantia e preservação do território, considerado fonte de sobrevivência física, cultural e espiritual; • Preservar a natureza e o patrimônio natural e cultural • Desenvolver ações e projetos relacionados a processos educacionais, de mobilização política e de organização sócio-comunitária • Fortalecer a relação entre cultura, sociedade e natureza <p>O Museu Indígena Jenipapo Kanindé, que também é Ponto de Memória, possui um núcleo educativo formado pelos jovens da comunidade. A Aldeia é filiada à Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum), articulação de comunidades que utilizam o Turismo Comunitário no Ceará. Além do Museu, também possui uma Pousada com três quartos e restaurante (JENIPAPO [...], 2015).</p>				

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu é composto por Patrimônios Naturais, Culturais, Materiais e Imateriais. Dentre eles estão referenciados o território da Lagoa da Encantada, seus espaços sagrados, paisagens naturais (dunas fixas, mata nativa preservada, rios, lagoas, praias e área de mangue, fauna), mitos, lendas, encantos ancestrais, celebrações, rituais (Toré, danças etc.), saberes e fazeres (artesanatos, cultivo de batata, mandioca...), histórias e memórias dos Jenipapo-kanindé, pratos típicos, indumentária, adornos plumários, armas, artefatos de ritual mágico, cerâmicas, instrumentos musicais, tecelagem, trançados e utensílios, além de um vasto acervo fotográfico da aldeia, áreas de Cultivo Agrícola (Sistema Agroflorestal – SAF);

Lugares de Memória: Morro do Urubu e seu mirante, Lagoa do Tapuio, Lagoas cajazeira e Sucurujuba, Lagoa do peixe 'Pôde', Galpão de artesanato do tio Odorico, Escola indígena, Cantinho do Jenipapo, Casa da Cacique Pequena, Casa de Farinha, Mangueiras do tio Odorico etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições Permanentes e Temporárias. Exemplos: Exposição Itinerante “Os Povos Indígenas no acervo da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza”, 2013 (organizada pelo Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza/CDPDH), entre outras;

Trilhas Etnoecológicas guiadas: Trilha da Lagoa Encantada, Trilha da Sucurujuba, Trilha do Marisco, Trilha do Tapuio, Trilha do Morro do Urubu;

Ações culturais de formação no campo da museologia, agrofloresta e audiovisual; Apresentações culturais; Exibição de Vídeos; Contação de Histórias, Rodas de Conversa, Apresentações do Ritual Sagrado do Toré; **Intercâmbio** com outros museus indígenas (Museu Indígena Kanindé, Museu Kuahí etc.);

Organização de Eventos: II Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas do Ceará (04/12/2012); Mostra Indígena de Filmes Etnográficos do Ceará (12/2015); 2º Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016 - Organizado pelo Núcleo Estadual da Rede Indígena de Memória e Museologia Social em parceria com a Rede Cearense de Museus Comunitários); IV Festa do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé – Palestra com lideranças, comidas típicas, mocororó, artesanato e toré (12/09/2016); II Mostra Indígena De Filmes Etnográficos do Ceará (28-30/04/2017); Festa do Marco Vivo;

Participação em Eventos: I Encontro da Rede Cearense de Museus Comunitários (22/05/2013, Fortaleza/CE); II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie, Tupã/SP); I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá – Espaço Sagrado Ajucá, Buíque/PE); V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28-30/04/2016, Museu Índia Vanuie – Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” – visita ao Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE); 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Visitas Guiadas (18-25/05/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Conservação, pesquisa e exposição do acervo.

Referências Bibliográficas:

COSTA, Bárbara. Aldeia Indígena Jenipapo – Kanindé - Um paraíso natural a ser descoberto. **Revista Litoral Leste**, 12 mai. 2012. Disponível em: <http://revistalitoralleste.blogspot.com.br/2012/05/aldeia-indigena-jenipapo-kaninde-um.html>. Acesso: 22 abr. 2016.

IMPRENSA NACIONAL. **Diário Oficial da União**. Seção 1, nº 246, 24 dez. 2015, p.64-71. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=24/12/2015&jornal=1&pagina=64&totalArquivos=404>. Acesso em: 16 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.68. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

JABOTICATUBAS: uma cidade recheada de histórias e belezas naturais - Folder. Jaboticatubas/MG: Prefeitura de Jaboticatubas. Acesso em: 27 fev. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.46. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU Índia Vanuie recebe IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus. **ACAM Portinari**, 2015. Disponível em: <https://www.acamportinari.org/noticias/museu-india-vanuie-recebe-iv-encontro-paulista-questoes-indigenas-e-museus>. Acesso: 22 abr. 2016.

MUSEU INDÍGENA JENIPAPO KANINDÉ. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-Ind%C3%ADgena-Jenipapo-Kanind%C3%A9-451868561507747/?fref=ts>. Acesso: 14 mar. 2017.

_____. **Trilhas Etnoecológicas Jenipapo-Kanindé**. Folder. Aquiraz/CE, [2015?].

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Indígena Jenipapo Kanindé. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9177/>. Acesso: 14 mar. 2017.

ONG TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária** – Programação. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

REDE CEARENSE DE TURISMO COMUNITÁRIO - REDE TUCUM. **Jenipapo Kanindé**. Folder. Aquiraz/CE, 2015.

REDE TUCUM. **Jenipapo-Kanindé (Aquiraz/CE)**. Disponível em: <http://www.tucum.org/comunidades/jenipapo-kaninde-aquiraz/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. **Turismo Comunitário**. Disponível em: <http://www.tucum.org/rede-tucum/turismo-comunitario/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SISCULT. **Mapa Cultural do Ceará**. Museu Indígena Jenipapo-Kanindé. Disponível em: <http://mapa.cultura.ce.gov.br/espaco/473/#tab=sobre>. Acesso: 14 mar. 2017.

Referência da Imagem: Participantes do II Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas do Ceará (12/2012). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Museu-Ind%C3%ADgena-Jenipapo-Kanind%C3%A9-451868561507747/photos/?tab=album&album_id=538921236135812. Acesso: 14 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 109	Denominação: Mawo - Casa de Cultura Ikpeng Data de Criação: 10/12/2010 Endereço: Aldeia Moygu, Parque Indígena do Xingu, MT Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Associação Indígena Moygu Comunidade Ikpeng (AIMCI) e Instituto Catitu – Aldeia em Cena Parceiros(as): Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas (PDPI), Embaixada da Noruega, Instituto Socioambiental Recursos: Prêmio Arede 2012, Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Memória e transmissão de conhecimentos: a experiência do povo Ikpeng”), Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Centro de Documentação da Cultura Ikpeng”), Prêmio Pontos de Cultura Indígenas 2015 (Projeto “MAWO - Centro de Documentação da Cultura Ikpeng”), Programa Petrobras Cultural Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: E-mail Institucional: Website ou Blog: http://www.ikpeng.org/projetos/mawo.php Rede Social:		
Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário, Ponto de Memória		
Histórico: <p>O povo Ikpeng é um povo originário do Amazonas (Pule). O nomadismo os levou ao atual território, a sudoeste do Parque Indígena Xingu, no Estado de Mato Grosso, onde guerrearão com diversos povos. Na década de 1950 houve a última guerra com o povo Waura, que terminou com mortes de ambos os lados. Posteriormente o povo Ikpeng foi assolado por epidemias de gripe e sarampo, transmitidas por garimpeiros e aventureiros, que acabou dizimando a metade da população. Foram então transferidos para dentro do Parque Indígena Xingu, onde ainda hoje sentem-se exilados (a luta para recuperar a terra antiga, a Terra Indígena Jatobá, está em curso). O contato pacífico com o homem branco só aconteceu em 1964, quando estabeleceram contato com os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas.</p> <p>Ao longo dos anos os Ikpeng recuperaram-se demograficamente e mantiveram sua cultura, aliando-se às novas tecnologias do mundo contemporâneo.</p> <p>A MAWO – Casa de Cultura Ikpeng, localizada na Aldeia Moygu (Parque Indígena do Xingu), foi criada com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuar como novo espaço de formação, pesquisa, registro e divulgação da cultura do povo Ikpeng; • Valorizar os conhecimentos tradicionais através do uso de novas tecnologias; • Garantir o acesso do patrimônio às novas gerações. <p>Os Ikpeng também criaram um <i>website</i>, que possibilita a comunicação com pessoas de outros lugares, e um centro de documentação que funciona em uma base de dados digital, pensada e estruturada na língua Ikpeng: Ukpamtowonpin: Mira iwonpot (Origem do Mundo: vocabulário da língua e cultura Ikpeng), com material histórico, filmes, fotos, livros e desenhos, que podem ser consultados livremente pela comunidade.</p>		
Referências Patrimoniais: Cultura tradicional Ikpeng, festas, danças, cantos etc. Gravações de áudio, fotografias, relatórios, pesquisas (os materiais originais são conservados na sede do Museu do Índio/Funai, no Rio de Janeiro - com uso exclusivo dos índios, a na aldeia estão as cópias).		
Atividades Desenvolvidas: Oficina de Base de Dados e Projeto de Iniciação Digital, formação de novos administradores da base de dados da Casa de Cultura Ikpeng (2016), Oficinas de Vídeo, Captação Sonora etc.; Participação em Eventos: I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá – Espaço Sagrado Ajucá, Buique/PE), entre outros;		

<p>Ações de Preservação:</p> <p>Produção do CD Yumpuno Eremri (Cantos do Yumpuno)</p> <p>Produção do documentário Som Tximna Yukunang (Gravando Som)</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>IKPENG. Projeto MAWO - Casa de Cultura Ikpeng. Disponível em: http://www.ikpeng.org/projetos/mawo.php. Acesso em: 16 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/. Acesso em: 23 out. 2015.</p> <p>_____. Edital Nº 04/2015 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015. Acesso em: 11 set. 2015.</p> <p>MILANEZ, Felipe. Índios Ikpeng, no Xingu, inauguram museu na aldeia. Terra Magazine, 13 dez. 2010. Disponível em: http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4840848-EI16863,00-Indios+Ikpeng+no+Xingu+inauguram+museu+na+aldeia.html. Acesso em: 23 fev. 2017.</p> <p>MINISTÉRIO DA CULTURA. Prêmio Pontos de Cultura Indígenas - Portaria nº 63, de 23 de dezembro de 2015. Brasília: Secretária da Cidadania e da Diversidade Cultural / MinC. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1313326/24.12.2015+Portaria+63.pdf/ffe9427f-9ffb-405a-acce-0f9efda57804. Acesso em: 16 mar. 2017.</p>
<p>Referência da Imagem: Inauguração da Casa de Cultura. Créditos: Mari Corrêa. Disponível em: http://www.ikpeng.org/projetos/mawo.php. Acesso em: 23 fev. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 595"> Ficha: 110 </td> <td data-bbox="746 315 1385 595"> Denominação: Museu Manguê do Coque Data de Criação: 2010 (?) Endereço: Avenida Martin Luther King, 70, Coque, Recife/PE. Tel.: (81) 9834-1278 (81) 8663-3428 Situação atual: </td> </tr> </table>	Ficha: 110	Denominação: Museu Manguê do Coque Data de Criação: 2010 (?) Endereço: Avenida Martin Luther King, 70, Coque, Recife/PE. Tel.: (81) 9834-1278 (81) 8663-3428 Situação atual:																		
Ficha: 110	Denominação: Museu Manguê do Coque Data de Criação: 2010 (?) Endereço: Avenida Martin Luther King, 70, Coque, Recife/PE. Tel.: (81) 9834-1278 (81) 8663-3428 Situação atual:																				
<table border="1"> <tr> <td colspan="2">Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Parceiros(as)/apoio:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Recursos:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Ingresso:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Obs.:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Funcionamento:</td> </tr> <tr> <td colspan="2">É necessário agendar a visita? () sim () não</td> </tr> <tr> <td colspan="2">Estrutura física do Museu:</td> </tr> <tr> <td data-bbox="240 891 1177 1025"> E-mail institucional: cacauzinha48@hotmail.com Website ou blog: http://museumanguedocoque.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museumanguecoque.mmc?lst=1830141967%3A100003333781856%3A1496030723 </td> <td data-bbox="1177 891 1385 1025"> Logotipo </td> </tr> </table>		Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias		Parceiros(as)/apoio:		Recursos:		Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		Ingresso:		Obs.:		Funcionamento:		É necessário agendar a visita? () sim () não		Estrutura física do Museu:		E-mail institucional: cacauzinha48@hotmail.com Website ou blog: http://museumanguedocoque.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museumanguecoque.mmc?lst=1830141967%3A100003333781856%3A1496030723	Logotipo
Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias																					
Parceiros(as)/apoio:																					
Recursos:																					
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:																					
Ingresso:																					
Obs.:																					
Funcionamento:																					
É necessário agendar a visita? () sim () não																					
Estrutura física do Museu:																					
E-mail institucional: cacauzinha48@hotmail.com Website ou blog: http://museumanguedocoque.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museumanguecoque.mmc?lst=1830141967%3A100003333781856%3A1496030723	Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória																					
Histórico: <p>Coque é uma comunidade localizada na Ilha de Joana Bezerra, a cerca de 2km do centro de Recife. Seus moradores sofrem o estigma de viverem em um lugar “perigoso”, de “gente violenta”. Dentre outros aspectos, a história do Coque é marcada pela relação com o mangue e “pela resistência e luta por moradia”. Atualmente o bairro reúne cerca de 50 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.35).</p> <p>A comunidade foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62). O Museu Manguê do Coque foi criado com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contribuir com a valorização do saber e da história local por meio de ações de pesquisa, preservação e difusão dos patrimônios material e imaterial, reconhecidos pelos moradores; • Estimular o pensamento crítico e a ação cidadã no debate sobre os principais problemas locais, como as memórias do futebol, da religião, do preconceito e discriminação, da violência e a memória de luta e de resistência pela habitação (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.35); • Contribuir para um maior domínio das linguagens midiáticas, proporcionando a ampliação do acesso à informação e um melhor tratamento dela na construção dos conhecimentos; • Desenvolver as competências comunicativas e a autonomia através da produção colaborativa de mídias; • Linguagens audiovisuais e midiáticas, a interação entre os integrantes da comunidade e a construção de uma rede de conhecimento; • Fortalecer a memória coletiva da comunidade a partir do cidadão e de suas origens, histórias e valores. 																					
Referências Patrimoniais: Histórias e memórias dos moradores do Coque, relacionadas com seu cotidiano e com a luta pelo direito à moradia.																					
Atividades desenvolvidas: <p><u>Exposições.</u> Exemplo: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição de Longa Duração “A Museologia Social sobre o universo da comunidade do Coque”, Exposição “Instantâneas da África”, de Diego Di Niglio - 50 imagens de diferentes países africanos (08/2013); entre outras exposições temporárias e itinerantes;</p> <p>Bingo das Mães, Concurso de Pipa, Pula corda, Contando História, Adoção de Árvores, Passeio pelo Mangue, Exposição de Fotos etc. (19/05/2012, Instituto Cultural Renascer do Coque); Café da Memória / Palestra “A Função Social dos Museus” – com Nicole Cosh (29/09/2012); Concurso de Memória Fotográfica do Coque (10/2013);</p> <p>Ballet do Mangue, Rodas de Memória, Oficinas de Memória, Oficina de “produção de blog”, Oficinas com Museu da Abolição (2011 e 2012);</p> <p>Participação em Eventos: 7ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com Exposição “Instantâneas da África”, Ação educativa em parceria com o Museu da Abolição/Ibram - Visita da comunidade do coque ao museu da abolição, e</p>																					

visita do museu da abolição a comunidade do Coque (20-27/08/2013); 11ª e 12ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Contação de história (18/05/2013), Exibição do filme "A Flor de José Saramago" (17/05/2014), entre outros.

Ações de Preservação:

Produção de fanzine próprio do museu para distribuição local, com referência à memória e ações que contribuem para o desenvolvimento da comunidade;

Ações de pesquisa sobre a comunidade, entre outras.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Pontos de Memória também participam da 7ª Primavera dos Museus** (07/09/2013). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/pontos-de-memoria-tambem-participam-da-7-primavera-dos-museus/>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.96. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.107. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.122. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MAPEAMENTO das iniciativas de museologia social em Pernambuco. **Ibram**, 2012. Disponível em: <http://conexoesibram.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Mapeamento-previo-de-iniciativas-de-museologia-social-PE.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.

MUSEU MANGUE DO COQUE. Perspectiva do museu no coque. **Blogspot**, 30 abr. 2011. Disponível em: <http://museumanguedocoque.blogspot.com.br/search?updated-max=2011-05-08T17:36:00-07:00&max-results=1&start=12&by-date=false>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória:** Metodologia e Práticas em Museologia Social. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 35-37, 87. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

Referência da Imagem:	Fachada	do	Museu.	Disponível	em:
http://museumanguedocoque.blogspot.com.br/2012/06/ponto-de-memoria-museu-mangue-do-coqu-e.html .					
					Acesso em: 15 ago. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
111

Denominação: Museu do Alto Sertão da Bahia

Data de Criação: 2011-2013

Endereço: Rua da Chácara, 245, Bairro da Chácara, CEP 46400-000, Caetité/BA.

Tel.: (77) 3454-4114

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Gestão compartilhada entre a Prefeitura Municipal de Caetité - Secretaria de Educação (gestão administrativa), a Universidade do Estado da Bahia / UNEB – Campus IV (gestão técnica) e a Associação de Amigos do Museu do Alto Sertão da Bahia – AMASB (questões sociais)

Parceiros(as):

Recursos: Renova Energia (Programa Catavento)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O MASB está sediado na “Casa da Chácara”, propriedade rural do século XIX localizado no município de Caetité, e possui ainda dez núcleos museológicos rurais e citadinos neste município e também em Guanambi e Igaporã.

E-mail Institucional: masb.altosertao@gmail.com

Website ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/museudoaltosertaodabahia.masb>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu/Museu de Território

Histórico:

Caetité é um município localizado no sertão do estado da Bahia. Seu nome referencia uma formação rochosa à leste da cidade conhecida como “Pedra Redonda”, e significa “mata da pedra grande” – origem tupi (ka’a – mata; itá – pedra; eté – verdadeiro). A região foi habitada por diversos povos indígenas, e possui sítios arqueológicos de mais de 6 mil anos (PREFEITURA [...], 2017).

A partir dos vestígios arqueológicos encontrados durante as obras para a implantação do Complexo Eólico do Alto Sertão, a partir de 2009, foi possível identificar e coletar mais de 50 mil artefatos arqueológicos. Por não existir uma instituição no município que pudesse abrigar esse acervo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) iria direcioná-lo para a Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA). “A partir de uma demanda dos moradores da cidade de Caetité, envolvendo professores e alunos da Universidade do Estado da Bahia, representantes das Secretarias Municipais de Educação e Cultura, entre outros segmentos, entes civis e atores sociais” (CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.1) para a criação de um espaço para a guarda dos acervos arqueológicos encontrados, a priori, nos municípios de Caetité, Guanambi e Igaporã foi criado, em novembro de 2011, um Grupo de Trabalho com estes atores sociais locais e também representantes da Renova Energia (uma das empresas responsáveis pela implantação do parque eólico), e da Zanettini Arqueologia (empresa responsável pelas pesquisas arqueológicas), com o “intuito de qualificar e mediar tecnicamente os debates e dar forma aos anseios da sociedade” (PLANO MUSEOLÓGICO MASB *apud* CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.2).

O GT foi o pontapé inicial do processo de criação do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), “um processo museológico que se coloca como intervenção social coletiva” (PLANO MUSEOLÓGICO MASB *apud* CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.2). Oficialmente, o MASB foi criado por uma lei municipal em agosto de 2013, fruto de uma parceria entre a empresa Renova Energia, a Universidade do Estado da Bahia – Campus IV (UNEB) e a Prefeitura Municipal de Caetité, e sua gestão compartilhada é realizada pela Prefeitura (gestão administrativa), pela UNEB (gestão técnica) e pela AMASB (questões sociais). Apresenta-se como um museu polinuclear, de Território, Ecomuseu e Museu de Arqueologia, Antropologia e História (CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.2; CONHEÇA O MUSEU [...], 2016), que tem com objetivos:

- Contribuir com a preservação do patrimônio cultural do Alto Sertão, por meio de pesquisas e intervenções sociais;
- Tornar-se um instrumento de desenvolvimento do território do Alto Sertão.

Para a elaboração do Plano Museológico, “foram utilizadas dinâmicas e estratégias de ações [...] como: oficinas, encontros, reuniões, conversas e debates, além de Rodas de Conversa nas comunidades, Exposição Itinerante; atividades como o Museu na Escola, dentre outras atividades”, a fim de favorecer a atuação de membros da comunidade como sujeitos e atores do museu (PLANO MUSEOLÓGICO MASB *apud* CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.4). Essas ações evidenciaram o potencial da utilização do patrimônio cultural local como recurso “em favor do fortalecimento das diversas memórias e identidades da região” (CEZÁRIO; LIMA, 2015, p.4).

Sediado na “Casa da Chácara” (Caetité), uma construção do século XIX doada pela família do Sr. Deoclides Pereira de Aguiar (ANDRADE, 2015), o MASP possui ainda 10 Núcleos Museológicos, divididos nas cidades de Caetité, Guanambi e Igaporã: Escola de Cadeiras, Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT), Movimento de Mulheres Camponesas, Comunidade Quilombola Pau Ferro do Juazeiro, Sítio Arqueológico Moita dos Porcos, Colégio Municipal do Tamboril, Comunidade Quilombola de Gurunga, Espaço Cultural de Igaporã, Pajeú do Josefino e Curral de Varas. As ações desenvolvidas pelas iniciativas comunitárias que deram origem ao MASP delinearão o Plano Museológico da instituição.

A sede do museu, que aguarda a transferência do acervo arqueológico para sua inauguração, conta com salas multiuso para oficinas, encontros e debates, laboratórios de arqueologia e lanchonete.

Referências Patrimoniais:

Artefatos arqueológicos encontrados no território do Alto Sertão, histórias, memórias tradições, histórias, culturas, saberes e fazeres da população local

Atividades Desenvolvidas:

Exposições;

Oficinas, encontros, reuniões, rodas de conversas, debates;

Organização de Eventos: I Ciclo de Debates do MASP (03-07/07/2012, Universidade do Estado da Bahia – Campus IV); I Ciclo de Debates do MASP (05-07/05/2014, Universidade do Estado da Bahia – Campus IV);

Participação em Eventos: 10ª Primavera de Museus (IBRAM): com a Exposição Itinerante “Percursos Patrimoniais do Alto Sertão da Bahia” (12-23/09/2016, diversos locais); 15ª Semana de Museus (IBRAM): com Exposição Itinerante sobre ações e mapeamentos já realizados, socialização das oficinas de memória e produção textual e roda de conversa sobre a memória e o patrimônio local (15-18/05/2017, Sede do MASP, IEAT e Centro Cultural de Ibiassucê), entre outros.

Ações de Preservação:

Pesquisas Arqueológicas – estudo e conservação das peças;

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Urano. Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB). *Blogspot* - Pesquisando a História, out. 2015. Disponível em: <https://uranohistoria.blogspot.com.br/2015/10/museu-do-alto-sertao-da-bahia-masb.html>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CAETITÉ SEDIA O II CICLO DE DEBATES DO MUSEU DO ALTO SERTÃO DA BAHIA. **Sudoeste Bahia**, 05 mai. 2014. Disponível em: <http://www.sudoestebahia.com/noticias/8322-2014/05/05/caetite-sedia-ii-ciclo-de-debates-do-museu-do-alto-sertao-da-bahia>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CONHEÇA O MUSEU DO ALTO SERTÃO – MASP. **Sertão Agora**, 1 nov. 2016. Disponível em: <http://sertaoagora.com/conheca-o-museu-do-alto-sertao-masb/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

INFORME sobre o II ciclo de debates do MASP (Museu do Alto Sertão da Bahia). **UNEB**, 14 mai. 2014. Disponível em: http://googleweblight.com/?lite_url=http://www.uneb.br/caetite/dch/print/2014/05/14/ii-ciclo-de-debates-do-masb-museu-do-alto-sertao-da-bahia/&ei=iB5KEjkR&lc=pt-BR&s=1&m=500&host=www.google.com.br&ts=1507216720&sig=ANTY_L0ae49VZCR_gif3OWA0LG3ml8yXag. Acesso em: 27 jun. 2017.

LIMA, Zamana Brisa Souza; CEZÁRIO, Hilda Bárbara Maria. **Museu do Alto Sertão da Bahia: os processos comunitários na formação de núcleos museológicos**. 2015. Disponível em: https://siep3campus6.weebly.com/uploads/3/8/3/9/38392361/hildacezario_zamanalima.pdf. Acesso em: 27 jun. 2017.

MUSEU DO ALTO SERTÃO DA BAHIA. **Facebook**. Perfil. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudoaltosertaodabahia.masb>. Acesso em: 27 jun. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu do Alto Sertão da Bahia. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7109/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

PREFEITURA DE CAETITÉ. **A História**. Disponível em: <http://www.caetite.ba.gov.br/a-historia/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

Referência da Imagem: Fachada da sede do MASP. Créditos: André Koehne. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1397416610325523&set=a.169300879803775.42590.100001715930976&type=3&theater>. Acesso em: 27 jun. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
112

Denominação: Memorial Kisimbê – Águas do Saber

Data de Criação: 11/11/2011

Endereço: Rua Heide Carneiro, 89, Vila Dois de Julho, Trobogy, CEP 41262-100, Salvador/BA.

Tel.: (71) 3360-6668 / 3462-6545

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Beneficente Pena Dourada

Parceiros(as)/apoio: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) e Fundação Pedro Calmon (FPC) - unidades da Secretaria de Cultura do Estado (Secult/BA), entre outros.

Recursos: Prêmio Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana - 2015 – IPHAN (Projeto “Visibilidade e Manutenção da Tradição Bantu no Brasil através do Memorial Kisimbê - Águas do Saber”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **outro:** Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Memorial Kisimbê – Águas do Saber está instalado na sede da Associação dos Moradores da Vila Dois de Julho, que foi reativada para abrigá-lo.

E-mail institucional: mokambo@terra.com.br

Websíte ou blog: <http://www.terreiomokambo.org.br>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]

Histórico:

O Terreiro Mokambo – Onzo Nguzo za Nkisi Dandalunda ye Tempo, filiado à tradição religiosa bantu, Candomblé Angola, tem origem na família Goméia. Foi criado em 1996 pelo sacerdote Anselmo José da Gama Santos, popularmente conhecido como Tata Anselmo, que nascido e iniciado no culto aos Orixás no Rio de Janeiro, constituiu sua trajetória sacerdotal a partir dos anos 1980 na Bahia quando realiza o ritual de sete anos na casa de santo de Mãe Mirinha do Portão em Lauro de Freitas. O Terreiro presta diversos serviços à comunidade de Trobogy e adjacências.

O Memorial Kisimbê – Águas do Saber, inaugurado em novembro de 2001, foi assim batizado em homenagem a uma das divindades da água doce (Kisimbe) cultuada na tradição africana Bantu, que deu origem no Brasil aos Candomblés Congo/Angola. De acordo com Gama (2015, p.6) se trata de “um lugar de memória religiosa que reivindica contar a sua trajetória enquanto comunidade religiosa para a sociedade e defender a contribuição da tradição bantu para a formação e história do Candomblé”.

O Memorial foi construído por meio de verba federal (Edital Público da Secretaria de Cultura). Além do espaço expositivo possui também uma biblioteca. Dentre os objetivos do Memorial Kisimbê – Águas do Saber encontram-se:

- Salvar e socializar as histórias e memórias do terreiro e os patrimônios material e imaterial relacionados às matrizes africanas trazidas ao Brasil;
- Estimular um maior reconhecimento e aceitação das identidades afro-brasileiras na região;
- Contribuir com a construção de uma nova interpretação da história dos povos escravizados no Brasil;
- Contribuir com a consolidação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino;
- Contribuir com o combate ao preconceito às religiões de matriz africana;
- Propiciar uma melhor qualidade de vida aos membros da comunidade onde o Memorial está inserido, bem como do seu entorno, a partir da construção, reconhecimento e aceitação plena de sua própria identidade;
- Consolidar-se como espaço de referência cultural para a comunidade local e pesquisadores.

Referências Patrimoniais:

O Memorial Kisimbê – Águas do Saber possui um acervo composto por objetos (vestimentas, esculturas, adereços, pinturas, mobiliário) diversos e documentos textuais, iconográficos, audiovisuais e sonoros (artigos de periódico, revistas, jornais, apostilas, monografias, dissertações, teses, livros, áudio, vídeos, fotografias etc.) etc.

Patrimônio Imaterial: costumes da cultura Bantu (culinária, dança, fala, modo de vestir e andar etc.).

Obs.: Seu acervo evidencia a ancestralidade do Terreiro Mokambo e a trajetória dos povos de tradição Bantu no Brasil.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição "Da África para o Brasil: Mapa da Rota do Tráfico Negro".

Capacitação dos interessados em atuar no memorial, Trabalho com a comunidade estudantil, Montagem de exposições, Oficinas, Cursos, Palestras, Encontros, Exibição de Filmes e Documentários, Rodas de Conversa etc.;

Organização de Eventos: I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé (29/05/2013, Memorial Kisimbê);

Participação em Eventos: 7ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Espetáculo Teatral com o Grupo Cultural Tuana Uatana (23-24/09/2013); visitas guiadas com alunos do Colégio Municipal Dois de Julho (22-28/09/2014); visitas guiadas (21-29/09/2015); 12ª e 13ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com visitas guiadas (12-18/05/2014; 18-24/05/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

- Pesquisas sobre a história do Terreiro e a tradição Bantu;
- Organização, Higienização e Catalogação do Acervo;
- Implantação de Banco de Dados etc.

Referências Bibliográficas:

COSTA, Hildete Santos Pita. Memorial Kisimbê: Preservando os saberes e fazeres do Terreiro Mokambo. **Revista África e Africanidades**, Ano III, n.12, fev. 2011. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_10.pdf. Acesso em: 24 abr. 2017.

CURSO AFRO SABERES – Módulo 2 – 2012. **Blogspot**. Disponível em: <http://cursoafrosaber.blogspot.com.br/2012/08/memorial-kisimbie-aguas-do-saber.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

GAMA, Elizabeth Castelan. Kissimbê: Águas do saber. Compreendendo a política de musealização como estratégia das comunidades-terreiro. In: 2º Simpósio Sudeste da ABHR, 2015, São Paulo. **Anais do [...]**, vol.1, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1338/958>. Acesso em: 24 abr. 2017.

DIRETORIA DE MUSEUS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Memoriais e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede**. Publicado em 30 mai. 2013. Disponível em: <https://dimusbahia.wordpress.com/2013/05/30/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.50. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.21. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.28. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.62. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.61. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

IPHAN BAHIA. Iphan premia 31 ações de preservação do patrimônio de povos de matriz Africana. **Blogspot**, 18 set. 2015. Disponível em: <http://iphanba.blogspot.com.br/2015/09/iphan-premia-31-acoes-de-preservacao-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MEMORIAIS e museus de terreiros de candomblé se reúnem para formação de uma rede. **Centro de Culturas Populares e Identitárias**, 3 jun. 2013. Disponível em: <http://www.pelourinho.ba.gov.br/2013/06/memoriais-e-museus-de-terreiros-de-candomble-se-reunem-para-formacao-de-uma-rede.html>. Acesso em: 4 abr. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Memorial Kisimbê - Águas do Saber. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8329/>. Acesso: 14 mar. 2017.

SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. IGHB devolve cadeira de Jubiabá ao Terreiro Mokambo, após 95 anos. **SECULT-BA**, 27 out. 2015. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2015/10/147/IGHB-devolve-cadeira-de-Jubiaba-ao-Terreiro-Mokambo-apos-95-anos.html>. Acesso: 14 mar. 2017.

TERREIRO MOKAMBO. **Memorial Kisimbê sedia I Encontro da Rede de Memoriais de Terreiros de Candomblé**. Publicado em 27 mai. 2013. Disponível em: <http://terreiomokambo.org.br/v2/memorial-kisimbie-sedia-i-encontro-da-rede-de-memoriais-de-terreiros-de-candomble-2/>. Acesso em: 10 jun. 2014.

Referência da Imagem: Terreiro Mokambo - Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda YeTempo. Crédito da Foto: Jefferson Vieira. Disponível em: <https://www.facebook.com/governodabahia/photos/pcb.1448404241893914/1448403421893996/?type=3&theater>. Acesso: 30 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
113

Denominação: Ponto de Memória da Estrutural

Data de Criação: 2011

Endereço: Quadra 9, Conjunto E, Casa 21, Estrutural, Brasília/DF

Tel.: (61) 3877-5467 / 8566-6953

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias, moradores, representantes de coletivos locais.

Parceiros(as)/apoio: Círculo Operário do Cruzeiro, Coletivo da Cidade, Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (Mece), Grupo Captura, Marcha Mundial de Mulheres, Instituto Agostin Castejon, Embaixada da Argentina, Grupo Microrrevoluções de funcionários do Itamaraty, Associação Ateliê de Ideias, Grupo Sonho de Liberdade da Estrutural (egressos do sistema prisional), Fórum de Economia Solidária do DF e Entorno, Fórum de Educação de Jovens e Adultos, Grupo Marias Costureiras, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), Professores Universitários e alunos do projeto de extensão do curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica - Projeto Teia do Conhecimento, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), moradores locais e de outras cidades do DF, movimento da cidade, movimento das mulheres, movimento da criança, movimento do trabalho, movimento do lixo, movimento das religiões, movimento da saúde e movimento da educação, entre outros.

Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Realizando o Museu Comunitário da Estrutural DF”), Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Ponto de Memória da Estrutural transformando vidas”); Apoio financeiro do Projeto UnB 50 anos

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ponto de Memória está sediado no Casa dos Movimentos, espaço alugado por várias associações.

E-mail institucional: pontodememoriaestrutural@gmail.com

Website ou blog: <http://memoriaestrutural.blogspot.com.br/>

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Popular

Histórico:

A Cidade Estrutural é um bairro formado por um pequeno grupo de famílias na década de 1960, a antiga Vila Estrutural, localizada a 20 quilômetros de Brasília (DF), nas proximidades da Via Estrutural e da área do aterro sanitário do Distrito Federal e ao lado do Parque Nacional. Na década de 1980 a Vila foi ocupada por catadores de lixo e moradores da Ceilândia na luta por moradia (Ocupação Estrutural), que tiveram que lutar junto aos poderes públicos pelo direito à moradia, resistindo às tentativas de remoção (Operação Tornado), e lutando por condições básicas de infraestrutura – saneamento básico, energia elétrica, creche, espaços de trabalho e lazer etc. A partir de 2002 o bairro sofre novas ocupações, de forma desordenada, e atualmente o bairro reúne cerca de 40 mil habitantes (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.61-62, 80).

Por conta de seu histórico, a comunidade foi uma das 12 escolhidas (caracterizadas pelo alto índice de violência) para o desenvolvimento da Ação-Piloto do Programa Pontos de Memória pelo IBRAM a partir de 2009 (AVELAR, 2015, p.62). Vale frisar que a preocupação com a memória existe desde 2002, impulsionada por vários grupos locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.80).

O Ponto de Memória da Estrutural, ou Ponto de Memória da Cidade Estrutural, reúne movimentos que desenvolvem projetos socioculturais e de educação popular da cidade e se define como um museu popular e autogestionário, que “reúne lideranças comunitárias e representantes de diversos grupos, coletivos e movimentos da cidade” (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.61) e tem como objetivos:

- Pensar e desenvolver ações voltadas à valorização das histórias e memórias locais, como meio de transformar e melhorar a qualidade de vida da população;
 - Valorizar a memória política dos moradores pelo direito à moradia;
 - Dar visibilidade à história da comunidade, contrapondo-se ao discurso de marginalização da mídia local;
 - Recuperar a história das mulheres trabalhadoras e moradoras da periferia;
 - Refletir sobre identidade, pertencimento, movimentos sociais e culturais baseado no protagonismo daqueles que habitam, participam e fazem a história da comunidade;
- Atuar como um espaço cultural e de convivência para a população local, sendo utilizado por grupos de dança, música, pintura ou qualquer outro tipo de atividade cultural;

- Contribuir para a diminuição da violência na comunidade.

A partir do Ponto de Memória surgiram outras iniciativas, como a Editora Abadia Catadora e o Banco Estrutural. A primeira edita livros com capas confeccionadas a partir da reciclagem de caixas de papelão e pretende despertar o gosto pela leitura e escrita e contribuir para o lançamento de escritores locais. O Banco Estrutural é um banco comunitário que trabalha com uma moeda social própria da Estrutural, a moeda Conquista, e trata-se de uma estratégia para o fortalecimento do comércio local e dos grupos locais de economia solidária. O Banco concede empréstimos para a população e reúne a comunidade para debater os problemas locais (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.66-67).

O Ponto de Memória está sediado em um espaço alugado por várias associações – Casa dos Movimentos - que lutam por melhorias sociais na região e também possui em seu interior uma biblioteca comunitária.

Referências Patrimoniais:

Objetos e fotos que ajudam a contar a saga da ocupação. doados pela comunidade.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição no 8ª Fórum Nacional de Museus (12-17/06/2010, Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília); Exposição Itinerante “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas” – composta por alguns objetos retirados do lixão (21/05/2011, Casa dos Movimentos); Exposição Itinerante “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas” (Biblioteca Central Universidade de Brasília); Exposição “Movimentos da Estrutural – A Mulher e a Cidade” (11/2012);

Inauguração do Ponto de Memória – com a Exposição “Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas”, apresentações de rap e grafite, Museu cortejo - conduzido pelo grupo de intervenção artística *Galpão do Riso – Nutra Teatro*;

Café com Memória; Cursos “Promotoras Legais Populares”; Apresentações de teatro de bonecos; Sarau, Bazares do MECE - contribuem para sustentar o espaço onde funciona o Ponto de Memória; Oficinas de grafite, de teatro de bonecos, de ilustração, de escrita criativa, de Comunicação;

Participação em eventos: 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura - lançamento dos títulos “De mãos abertas e punhos fechados”, de Carlos Rodrigues Brandão, e “A menina e o Rio”, de Almir Gomes da Silva (15/04/2012, Esplanada dos Ministérios); Encontros em Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador; Participação no V Fórum de Museus (2013, Petrópolis/RJ); 9ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), Inauguração do Ponto de Memória (21/05/2011); 5ª Primavera de Museus (IBRAM), com Roda de Mulheres (23/09/2011), entre outros.

Ações de Preservação:

Entrevistas orais realizadas com os moradores;

Inventário participativo.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória Museu do Taquaril.** 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

CHAVES, Gláucia. A Estrutural é feita de luta e sonhos. **Correio Braziliense**, 20 nov. 2016. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2016/11/20/interna_revista_correio.557595/uma-cidade-que-se-inventa.shtml. Acesso em: 12 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **Cidade Estrutural (DF) comemora lançamento de Ponto de Memória.** 21 mai. 2008. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/cidade-estrutural/>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. **Edital Nº 10 /2013** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **Ponto de Memória no DF lança editora popular durante bienal do livro.** 13 abr. 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/ponto-de-memoria-no-df-lanca-editora-popular-durante-bienal-do-livro/>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. **5ª Primavera de Museus:** Mulheres, Museus e Memórias. Brasília: IBRAM, 2011, p.6. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **9ª Semana de Museus:** Museu e Memória. Brasília: IBRAM, 2011, 256-15. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/Guia-9-Semana-de-Museus-final.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

MENEZES, Leilane. Ponto de Memória da Estrutural valoriza história da cidade. **Correio Braziliense**, 21 mai. 2011. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/05/21/interna_cidadesdf.253183/ponto-de-memoria-da-estrutural-valoriza-historia-da-cidade.shtml. Acesso em: 15 set. 2016.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social.** Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p.61-68, 80. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL. **Blogspot**. Disponível em: <http://memoriaestrutural.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2016.

Referência da Imagem: Lançamento do Ponto de Memória. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/cidade-estrutural/>. Acesso em: 06 mai. 2015.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 114	Denominação: Museu da Periferia do Sítio Cercado (MUPE) Data de Criação: 15/04/2011 Endereço: Rua Francisco José Lobo, 213, Sede Provisória da Associação Nossa Luta / Auditório da Casa Brasil, Xapinhãl, CEP 81900-747, Curitiba/PR. Tel.: (41) 9678-4399 / 8850-3210 / 8834-5228 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Conselho Gestor composto por lideranças comunitárias		
Parceiros(as)/apoio: bolsistas e professores do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da Universidade Federal do Paraná (Lapeduh/ UFPR), Associação de Moradores, Movimento Xapinhãl		
Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009)		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso: gratuito		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: museudaperiferia.mupe@gmail.com Website ou blog: http://mupesitiocercado.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museudeperiferia.mupe/		Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Comunitário		
Histórico: <p>O Sítio Cercado fica localizado na zona sul de Curitiba e é um bairro formado em decorrência do desmembramento de uma antiga fazenda do início do século XX, pertencente ao Sr. Laurindo Ferreira da Cruz, a Fazenda Cercado. Entre 1950 e 1990 surgiram as primeiras vilas, sendo que na década de 1970 foram construídos conjuntos habitacionais do bairro e em 1888 ocorreu a ocupação do Xapinhãl, que em poucos dias tomou proporções imensas, chegando a ter mais de três mil famílias, organizadas em oito grupos. Outras ocupações se seguiram, demonstrando a intensa luta por moradia pela população do Sítio Cercado, o que forçou o poder público a implantar um grande loteamento chamado Bairro Novo. Atualmente a área, já regularizada pela companhia de habitação, é formada por 13 vilas que atualmente reúne cerca de 150 mil habitantes, que enfrenta problemas como trânsito intenso e violência urbana (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.71-74).</p> <p>O Museu de Periferia, idealizado por Otávio Camargo, apresenta-se como um espaço comunitário desenvolvido por meio de um processo colaborativo (ORGANIZAÇÃO, 2016, p.71, 81), e tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valorizar e mostrar a memória e as histórias de lutas e conquistas da população local, a partir do ponto de vista dos moradores; • Compreender a periferia como um espaço político e urbano, dinâmico e de trocas; • Fortalecer a cultura da periferia, valorizando artistas e manifestações culturais da região e reconhecendo e divulgando o patrimônio cultural local; • Lutar por melhorias para a comunidade, em articulação com outras entidades e movimentos locais; • Atuar como lugar do encontro da troca entre diferentes gerações e culturas que compõe o bairro <p>O local que abriga a exposição do MUPE em 2012 foi alvo de disputa entre membros da Associação de Moradores Nossa Luta, parceiros e moradores da comunidade. Após a reforma feita pelo MUPE nas instalações do prédio, a diretoria da associação solicitou a devolução do espaço oferecendo em troca uma pequena sala no fundo do imóvel e com restrições ao uso do que já foi construído. Após dois meses de negociações foi firmado um Termo de Parceria pelos representantes das entidades e a área foi concedida por dois anos ao MUPE.</p>		
Referências Patrimoniais: Histórias e Memórias do Sítio Cercado; O acervo tem origem nas associações de moradores, no projeto Organização Xapinhãl e com a doações de documentos, dos arquivos familiares dos moradores do bairro. É composto por fotografias, jornais, informativos, documentos, objetos diversos (como troféus, chaleira, auto falante, radio etc.), entre outros.		
Atividades desenvolvidas: Exposições Itinerantes em diversos locais do bairro. Exemplos: Exposição Inaugural "Memórias e Sonhos do Sítio Cercado" (01/2012, Colégio Hasdrubal Bellegard); Exposição "Museu, Escola e Cidadania: O Colégio Hasdrubal Bellegard e o Sítio Cercado resgatando suas Memórias" (10/2011, Colégio Hasdrubal Bellegard); Exposição na		

<p>Ocupação Nova Primavera (06/2013), entre outras. Obs.: as Exposições são organizadas pelos moradores do bairro; Visitas guiadas, Oficinas de Expografia (11/2011, ministrada por Marcelo Vieira e Lavinia Santos), Memória, História, Fotografia e Inventário Participativo, Rodas de Memória (Café da Memória), Atividades lúdicas junto às escolas da região, Programa de rádio "Café com Cidadania" (2013), Rodas de Memória (exemplos: "O Xapinhã é uma história e você faz parte dela"), Apresentações culturais;</p> <p>Oficina do IBRAM "Museu, Memória e Cidadania" (2-3/09/2009, ministrada por Mário Chagas);</p> <p>Participação em Eventos: 10ª a 12ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Inauguração do novo espaço do MUPE, exposição, Roda de Memória e apresentações de grupos culturais (19-20/05/2012); Evento de diversão com atrações culturais e (18-19/05/2013); Apresentação das atividades do projeto de extensão da UFPR e MUPE e Apresentação do documentário "Ribeirão dos Pandilhas Resistência e Luta" (18/05/2014); 6ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com lançamento da exposição itinerante sobre a história dos pioneiros do bairro (29-30/09/2012, Auditório Antonio Santana), entre outros.</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Projeto de extensão "Contando Histórias de Nossa Gente: Museu de Periferia e Educação Histórica" (2013) – desenvolvido junto ao Lapeduh/ UFPR, dividido em duas frentes: 1) Elaboração de inventário e digitalização dos arquivos; 2) Curso de extensão voltado aos professores municipais do Núcleo Bairro Novo.</p> <p>O MUPE possui 4 núcleos de pesquisa sobre a história do bairro, contemplando registro dos relatos de familiares de antigos moradores.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>CULTURA FAZ DIFERENÇA. Sítio Cercado Inaugura Museu de Periferia. Blogspot, 14 dez. 2011. Disponível em: http://culturafazdiferenca.blogspot.com.br/2011/12/sitio-cercado-inaugura-museu-de.html. Acesso: 23 abr. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.308. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.312. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.348. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.373. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>MUSEU DE PERIFERIA. Blogspot. http://mupesitiocercado.blogspot.com.br/. Acesso: 23 abr. 2017. Disponível em: http://mupe.wordpress.com/. Acesso: 23 abr. 2017.</p> <p>MUSEU DE PERIFERIA - MUPE. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/museudeperiferia.mupe/. Acesso: 23 abr. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu da Periferia do Sítio Cercado. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8511/. Acesso: 14 mar. 2017.</p> <p>MUPE. Disponível em: https://mupe.wordpress.com/. Acesso: 23 abr. 2017.</p> <p>ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. Pontos de Memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social. Brasília (DF): Phábrica, Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2016, p. 71-75, 81-82. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Pontos-de-Memoria-ebook-Portugues.pdf. Acesso em: 29 jun. 2016.</p> <p>Referência da Imagem: Roda de Conversa na 11ª Semana de Museus (05/2013). Disponível em: https://www.facebook.com/museudeperiferia.mupe/photos/a.375698115954202.1073741828.375698075954206/375698172620863/?type=3&theater. Acesso: 23 abr. 2017.</p> <p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
115

Denominação: Memorial do Imigrante Topa

Data de Criação: 2011

Endereço: Rua Saldanha Marinho, 154, Centro, CEP 18760-000, Cerqueira César/SP

Tel.: (14) 3714-1252

Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Associacao Memorial do Imigrante Topa

Parceiros(as)/apoio: Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP)

Recursos: Contribuições dos associados e patrocinadores do Jornal do Imigrantes (ligado à Associação Memorial do Imigrante “TOPA”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento: _____

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: _____

E-mail institucional: _____

Website ou blog: _____

Rede social: _____

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário (KASEKER, 2015)

Histórico:

Cerqueira César é um município brasileiro localizado na região sudoeste do Estado de São Paulo, a 280 km da capital. Seu nome é uma homenagem póstuma ao Vice-Presidente da Província de São Paulo (Brasil Império e Primeira República), Dr. José Alves de Cerqueira César. A cidade começou a ser construída a partir de 1896, em consequência da chegada de uma ferrovia ao local (Estrada de Ferro Sorocabana). Há indícios de que a região anteriormente era habitada por duas etnias indígenas, dos Caiuás (Guaranis) e dos Botocudos. O desenvolvimento do então distrito Cerqueira César deveu-se inicialmente pela plantação de café e algodão. Atualmente, o município possui cerca de 18.703 habitantes (IBGE, Censo 2013) e sua economia baseia-se na plantação de cana de açúcar, café, laranjas, extração de madeira, pecuária, laticínios e pequenas indústrias (PREFEITURA, 2017).

A preocupação com a memória e o patrimônio locais envolveu um grupo de moradores da cidade e teve como principal articuladora Maria Ingeborg Paulitsch, que a partir de uma coleção de objetos fabricados por seu pai, Tomas Paulitsch, formou um “acervo eclético composto por doações da população de Cerqueira César, que passou a reconhecer no Memorial do Imigrante Topa um lugar de memória vocacionado para preservar a história da cidade” (KASEKER, 2015). Inicialmente o memorial foi instalado na antiga oficina mecânica de Tomas Paulitsch, e o grupo (formado por profissionais de diversas áreas, donas-de-casa, estudantes etc., grupos pertencentes a diferentes estratos sociais) se dividiu em cinco frentes: 1) catalogação e organização do acervo museológico; 2) preservação das memórias familiares; 3) o apoio e desenvolvimento de pesquisas históricas e ações voltadas às práticas pedagógicas; 4) a salvaguarda do patrimônio ambiental do município e seu entorno; 5) regulamentação legal da entidade para garantir o pleno funcionamento de suas atividades.

Visando o processo de institucionalização do museu, em 2011 foi criada a Associacao Memorial do Imigrante Topa, associação sem fins lucrativos, que teve seu Estatuto aprovado em 2013. O Memorial do Imigrante Topa, de acordo com Kaseker (2015), nasce “com o DNA de museu comunitário”, como uma “legítima e espontânea iniciativa museológica amparada em dois pilares – o desenvolvimento da comunidade e a pedagogia que se apoia no patrimônio integral do território e na participação de agentes pertencentes a essa mesma comunidade”. Apresenta como seus objetivos principais (KASEKER, 2015):

- “Resgatar, preservar e defender a memória, o meio-ambiente e o patrimônio histórico-cultural do município de Cerqueira César e adjacências”;
- Tornar-se um “instrumento de participação popular no planejamento do território e no desenvolvimento comunitário”;

“Atuar, em parceria com a rede de ensino público e privado, como um centro de pesquisas, criação e apoio de práticas pedagógicas de educação popular, visando o desenvolvimento sustentável do município”.

Referências Patrimoniais:

O Memorial possui uma coleção composta por objetos variados fabricados por Tomas Paulitsch, como implementos agrícolas, carroças, ferramentas e instrumentos diversos etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições, entre outras.

Ações de Preservação:

Catálogo e organização do acervo museológico, apoio e desenvolvimento de pesquisas históricas e ações voltadas às práticas pedagógicas, entre outras.

Referências Bibliográficas:

ARQUIVO BRASIL. **Associação Memorial do Imigrante Topa.** Disponível em: <http://www.arquivobrasil.com/cnpj/ca1o4kLh/>. Acesso em: 7 jan. 2017.

KASEKER, Davidson. **Memorial do Imigrante TOPA:** Um museu comunitário em Cerqueira César. 2015. Disponível em: https://www.maxpress.com.br/Conteudo/1,811320,Memorial_do_Imigrante_TOPA_Um_museu_comunitario_em_Cerqueira_Cesar_-_Por_Davidson_Kaseker_811320,1.htm. Acesso em: 7 jan. 2017.

PAULITSCH, Maria Ingeborg. **Jornal do Imigrante** – nº14. Facebook: Perfil, 14 dez. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/profile.php?id=100009519667515&hc_ref=SEARCH&fref=nf

PREFEITURA MUNICIPAL DE CERQUEIRA CESAR. **O Município.** Disponível em: <http://www.cerqueiracesar.sp.gov.br/cidade/>. Acesso em: 7 jan. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe do acervo. Créditos: Davidson Kaseker. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=949951085070128&set=pb.100001657353253.-2207520000.1495548401.&type=3&theater>. Acesso em: 31 set. 2015.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 116	Denominação: Memorial Kalunga Casa de Dona Lió
		Data de Criação: 2011 Endereço: Fazenda da Ema, Teresina de Goiás/GO. Tel.: (62) 3459-0014 / 9656-4669 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Associação Quilombo Kalunga (?)		
Parceiros(as):		
Recursos: Ministério da Cultura (MINC), Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET-UnB).		
Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso: gratuito		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: ibrasileiro@unb.br Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: [Museu Comunitário], [Museu Afro-comunitário]		
Histórico: <p>“O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga está localizado nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, situados no nordeste do Estado de Goiás. Representa o maior território quilombo do Brasil, com quase 272 mil hectares [...]. A formação do Sítio Histórico é fruto da resistência de mais de 300 anos da luta dos afro-descendentes dessa região” e hoje a comunidade é formada por “cerca de 2.000 famílias, aproximadamente 8.000 pessoas, organizadas em mais de 20 comunidades e 42 localidades, distribuídas pelos vãos (vales) que mantêm viva a cultura Kalunga” (QUILOMBO [...], 2011).</p> <p>Leonilda Fernandes de Castro, a Dona Lió, é uma personagem muito respeitada pelos Kalunga “devido aos seus conhecimentos, à sabedoria e à autoridade na Comunidade Ema” (ALMEIDA, 2015, p.301). O projeto de construção do Memorial Kalunga Casa de Dona Lió, no mesmo local onde era a casa de adobe (terra crua) de Dona Lió, envolvendo também as “construções vizinhas, como a casa de farinha e o forno” (Lana <i>apud</i> ROSA, 2016, p.26), foi financiado pelo Ministério da Cultura (MinC) e pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET-UnB). O Memorial localiza-se no bairro Fazenda Ema, município de Teresina de Goiás/GO, mas em Rosa (2016, p.27) sua localização é apontada no município de Monte Alegre.</p> <p>O Memorial Kalunga Casa de Dona Lió, que é apenas um dos diversos projetos desenvolvidos no território quilombola (outro exemplo é o Projeto Kalunga Sustentável) tem como objetivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a memória da Dona Lió; • Resguardar a cultura Kalunga; • Receber estudantes da comunidade, da região e excursões de turismo pedagógico. 		
Referências Patrimoniais: <p>Objetos pessoais (utensílios como quadros, fotografias etc.), ditados, dizeres, fazeres, a sua sabedoria e a liderança espiritual de Dona Dió (<i>idem</i>, p.27), fotografias da comunidade, filmes e documentários sobre Dona Lió e a cultura e tradições Kalunga etc. (ROSA, 2016, p.26-27).</p>		
Atividades Desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplo: Exposição fotográfica com fotos de dona Lió e da comunidade.</p> <p>Participação em Eventos: 5ª Primavera de Museus (IBRAM), com a Inauguração do Memorial e retomada da reza de Nossa Senhora da Abadia, santa de devoção de Dona Lió (15/09/2011).</p> <p>“[...] estão previstas, além da visita à casa e arredores, oficinas de cerâmica, fiação e tecelagem. O local deverá ser um Centro Cultural, além de um produto turístico cultural, assim como um local de reuniões e capacitação” (GOIÁS <i>apud</i> ROSA, 2016, p.27).</p>		
Ações de Preservação:		

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria Geralda de. Territórios e Identidades dos Kalunga de Goiás. In: MOTA, Rosiane Dias; BRETAS, Isabela de Faria; ALMEIDA, Maria Geralda de (orgs.). II Encontro de Pesquisadores sobre os quilombolas kalunga, políticas sociais e pesquisa no território Kalunga: redes de contatos e saberes. 14-15 mai. 2015. **Anais do [...]**. Goiânia/GO: UFG/IESA, p.284-307, 2015. Disponível em: <https://www.odonto.ufg.br/up/133/o/ANAIS.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **5ª Primavera de Museus: Mulheres, Museus e Memórias**. Brasília: IBRAM, 2011, p.13. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/guia-atualizado.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Memorial Kalunga Casa de Dona Lio. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7485/#tab=sobre>. Acesso em: 7 mar. 2017.

QUILOMBO KALUNGA. **Projeto Kalunga Sustentável**. Turismo, cidadania e geração de renda. 13 out. 2011. Disponível em: <http://quilombokalunga.org.br/noticia/projeto-kalunga-sustentavel-turismo-cidadania-e-geracao-de-renda-no-sitio-historico-e-patrimonio-cultural-kalungago/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

ROSA, Eriene dos Santos. **Estudo para o Planejamento da Criação de um Centro de Documentação e Memória na Escola da Comunidade Kalunga Engenho II**. 2016. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, Planaltina, 2016. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13575/1/2016_ErienedosSantosRosa.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Memorial. Disponível em: <http://quilombokalunga.org.br/noticia/projeto-kalunga-sustentavel-turismo-cidadania-e-geracao-de-renda-no-sitio-historico-e-patrimonio-cultural-kalungago/>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 117	Denominação: Memorial do Quilombo de Outeiro
	Data de Criação: 2011 (?) Endereço: Rua Grande, s/n - Quilombo Outeiro, zona rural, Monção/MA Tel.: (98) 9119-7412 / 9133-9642 / 8721-9961 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Produtores Rurais Remanescentes do Quilombo de Outeiro	
Parceiros(as):	
Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Memorial do Quilombo de Outeiro - memória, saberes e história na construção da identidade de um povo”)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: kelsoncultura@hotmail.com , calhombola@gmail.com Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória, [Museu Afro-Comunitário]	
Histórico: <p>Outeiro é uma região localizada na zona rural do município de Monção, às margens do Rio Pindaré, a cerca de 260 km de São Luís (MA). Teve como seus primeiros moradores os índios Guajajaras, que foram persuadidos por brancos a trocar suas terras por utensílios e mercadorias. Em 1855, o major Eduardo de Araújo Trindade, que adquiriu as terras, inicia a construção de sua fazenda, onde utiliza mão-de-obra escravizada de povos africanos de origem Nagô e Bantu nas plantações de cana de açúcar. Com a morte do major, em 1879, a fazenda de Outeiro é desestruturada, permanecendo nela apenas os negros liderados pela escravizada Amélia Trindade, amante do major (SEIR [...], 2011). Posteriormente a eles se agregaram negros oriundos de outros municípios.</p> <p>A Comunidade Remanescente de Quilombo de Outeiro é certificada pela Fundação Palmares, e atualmente é habitada por cerca de 400 pessoas.</p> <p>O projeto Ponto de Memória “Memorial do Quilombo de Outeiro: memória, saberes e história na construção da identidade de um povo”, premiado em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Museus (MinC), foi uma iniciativa criada com os seguintes objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover a democratização e o acesso aos saberes, manifestações culturais e informações históricas para todos os moradores do Quilombo Outeiro; • Formar e desenvolver atividades que busquem estimular o hábito e o prazer pela memória e identidade culturais dos quilombolas de Outeiro; • Promover o acesso sistemático a uma grande variedade símbolos, rituais, elementos, artefatos e saberes culturais. 	
Referências Patrimoniais: <p>Memórias, histórias, saberes, hábitos alimentares, medicina alternativa etc., do Quilombo Outeiro;</p> <p>Festividades tradicionais da cultura Afro, como o tambor de crioula, o bumba-meu-boi;</p> <p>Festividades religiosas, como a do Divino Espírito Santo, Festa de São Benedito e São Brás.</p>	
Atividades Desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplos: Exposição de objetos e artefatos da cultura dos Quilombos Outeiro e Mata Boi (09/2014), entre outras;</p> <p>Participação em Eventos: 6ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com Palestra sobre a importância de se guardar e preservar os artefatos que comprovam a existência do quilombo Outeiro e Apresentação de Tambor de Crioula (28-29/09/2012, atividades realizadas na Capela de São Benedito e em frente ao ao Ponto de Memória); Exposição, Visita Guiada para alunos de escolas públicas e Roda de Tambor de Crioula (22-26/09/2014, atividades realizadas no Ponto de Memória e no Adro da Capela de São Benedito), entre outros.</p>	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.66. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.31. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

MOSTRE-ME. **Ponto de Memória MEMORIAL DO QUILOMBO DE OUTEIRO** - memória, saberes e história na construção da identidade de um povo. Disponível em: <https://mostre.me/cultura/projetos/127534-ponto-de-memoria-memorial-do-quilombo-de-outeiro-%C2%96-memoria-saberes-e-historia-na-construcao-da-identidade-de-um-povo>. Acesso em: 2 abr. 2017.

SEIR trabalha para acabar com conflito no Povoado quilombola Outeiro. **Governo do Maranhão**, 5 abr. 2011. Disponível em: <http://www2.ma.gov.br/index.php/agencia/noticias/?id=15492>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
118

Denominação: Museu-Escola Povo Pankararu

Data de Criação: 2011-2012

Endereço: Aldeia Brejo dos Padres, Tacaratu/PE

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Projeto de Extensão Museus Indígenas em Pernambuco - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Escola, [Museu Comunitário]

Histórico:

Pankaru é a síntese do nome Pancarú Geritacó Cacalancó Umã Canabrava Tatuxi de Fulô, que se refere ao “tronco velho Pankararu” e provém dos antigos aldeamentos missionários dos séculos passados, quando foram reunidos diferentes povos de Serra Negra, Águas Belas, do Colégio e do Sertão de Rodelas. A língua falada atualmente pelos Pankararu é o português, permanecendo apenas alguns termos da língua materna. O povo Pankararu vive nas Terras Indígenas Pankararu e Entre Serras, nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá (PE), no município de Coronel Murta/MG, no Vale do Jequitinhonha e na região metropolitana de São Paulo/SP (MINC, 2008, p.40)

O Museu-Escola Povo Pankararu, coordenado e idealizado Pela Professora Maria Nazaré dos Santos, é o segundo museu da Aldeia Brejo dos Padres (o primeiro é a Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu, criada em 2009).

Referências Patrimoniais:

Memórias, tradições culturais, cultura material... do Povo Pankararu.

Atividades desenvolvidas:

Oficina Diagnóstico Museológico Participativo (3-4/11/2012, Projeto de Extensão Museus Indígenas em Pernambuco – UFPE); Exibição do filme “Ecovilas Brasil” e Roda de Conversa com Ilana, Diretora do Filme e com um grupo de facilitadores do *Dragon Dreaming* (03/2014); 1º Cine Cultural PCI - Ponto de Cultura Indígena (24/04/2014); Seminário Cultural com alunos da Escola Municipal Maria Quitéria (04/2015, ministrada por Professores de arte indígena); Reunião sobre o Projeto “Jovens Indígenas” (27/01/2016);

Participação em Eventos: I Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (13-15/12/2012, UFPE), I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá – Espaço Sagrado Ajucá, Buíque/PE); II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.40. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

NAÇÃO INDÍGENA PANKARARU. **Facebook:** Grupo, 19 jan. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/266382380052323/>. Acesso em: 2 mar. 2017.

PANKARARU, Patrícia. Oficina Diagnóstico Museológico Participativo: No Povo Indígena Pankararu!!! **Índios Online**, 3 nov. 2012. Disponível em: <http://www.indiosonline.net/oficina-diagnostico-museologico-participativo-no-povo-indigena-pankararu/>. Acesso em: 2 mar. 2017.

POVO PANKARARU. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/pankararunet/>. Acesso em: 2 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu Escola Povo Pankararu. Disponível em: <http://www.indiosonline.net/oficina-diagnostico-museologico-participativo-no-povo-indigena-pankararu/>. Acesso em: 2 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 119 </td> <td data-bbox="754 315 1385 584"> Denominação: Ecomuseu Amigos do Rio Joana Data de Criação: 2012 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 96614-6349 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 119	Denominação: Ecomuseu Amigos do Rio Joana Data de Criação: 2012 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 96614-6349 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 119	Denominação: Ecomuseu Amigos do Rio Joana Data de Criação: 2012 Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 96614-6349 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Moradores do bairro, alunos de Economia, Administração, Matemática e Sociologia da Fundação Getúlio Vargas - participantes da Time FGV Enactus, Gol Para o Planeta (o Consultor em Sustentabilidade e Pesquisador de Memória, Dell Delambre), Professor Mario Chagas (UNIRIO), Leonardo Boff Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: _____ Obs.: _____ Funcionamento: _____ É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: _____			
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/EcomuseuAmigosDoRioJoana/
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Comunitário			
Histórico: O Ecomuseu Amigos do Rio Joana, idealizado por Rosângela Tertuliano e seu marido, Luiz Paulo, nasceu do trabalho realizado pelos "Amigos do Rio Joana", que conscientizaram parte da comunidade do Andaraí, (Rio de Janeiro/RJ), a não jogar mais o lixo no Rio Joana, afluente do rio Maracanã que já foi um dos principais cursos d'água do maciço da Tijuca. Conta com a participação de diversos moradores da comunidade e tem como objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar os moradores do Andaraí para não poluírem o rio e os espaços comunitários; • Fundar uma cooperativa de reciclagem de lixo, junto com os alunos da FGV Time Enactus. 			
Referências Patrimoniais: Rio Joana e Comunidade do Andaraí (histórias, memórias, patrimônios...)			
Atividades desenvolvidas: <u>Exposições.</u> Exemplo: Exposição “No tempo que vovó andava no Andaraí!” – parceria com o Museu da República, Gol para o Planeta, WTS Sustainable Business & Coaching WTS (12/2015, Quadra do Flor da Mina; 07/2016, Colégio Batista Shepard - Tijuca); Inauguração do espaço cultural provisório do Ecomuseu Amigos do Rio Joana, com exibição do documentário “A Mulher que Sozinha Salvou o Rio Joana”, sobre o lixo na comunidade do Andaraí e Sarau (25/05/2013); Rodas de Memória; Participação em mobilizações; Caminhadas Ecológicas; Parada de Coleta de Garrafas PET (PACO-PET); Evento “Um dia de beleza na comunidade”, “Rio Joana de Alegria: Histórias Sustentáveis de Crianças” (12/10/2014), Corredor Cultural do Andaraí – Encontro de Grafiteiros (13/12/2015), entre outras.			
Ações de Preservação: Informativo Comunitário do Ecomuseu Amigos do Rio Joana; Entrevistas com moradores da comunidade; Pesquisas sobre a história da comunidade etc.			
Referências Bibliográficas: DELAMBRE, Dell. Ecomuseu Amigos do Rio Joana: Chancelado pelo Museólogo Mário Chagas. GOL Para o Planeta , 16 out. 2013. Disponível em: http://golparaoplaneta.wordpress.com/2013/10/16/ecomuseu-amigos-do-rio-joana-chancelado-pelo-museologo-mario-chagas/ . Acesso: 30 abr. 2015. ECOMUSEU AMIGOS DO RIO JOANA. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/EcomuseuAmigosDoRioJoana/ . Acesso: 14 mar. 2017.			

Referência da Imagem: Faixa do Ecomuseu exposta na comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/EcomuseuAmigosDoRioJoana/photos/a.206869369461204.1073741828.206842686130539/333583920123081/?type=3&theater>

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
120

Denominação: Museu Comunitário Casa Branca

Data de Criação: 2012

Endereço: Rua João Palmeira, Vila Conceição I, Imperatriz/MA

Tel.: (99) 9108-8582

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: CNPQ (Projeto “Nova Cartografia Social da Amazônia” – 2015)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: ascomcasabranca@gmail.com

Webside ou blog:

Rede social: <https://pt-br.facebook.com/museucasabranca>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

A Vila Conceição, localizada a cerca de 20 Km do centro de Imperatriz (MA), é um dos assentamentos mais antigos do Maranhão (Assentamento Itacira), e recebeu esse nome em homenagem ao sindicalista Manoel da Conceição, um dos organizadores do movimento para a desapropriação da área. Em 1987 trabalhadores e trabalhadoras rurais (57 famílias camponesas) ocuparam pacificamente as antigas Fazendas Itacira e Alda, consideradas áreas improdutivas, que devido aos conflitos era popularmente conhecida como “Fazenda Criminosa”. Chegaram a ser expulsos do local, mas retornaram e se estabeleceram. O Assentamento foi criado em 1993, dividido em duas áreas, Assentamentos I e II. Além da falta de infraestrutura no início da ocupação, os assentados sofreram grande discriminação por parte dos demais moradores da região.

O Museu Comunitário Casa Branca é uma instituição não governamental sem fins lucrativos fruto do projeto escolar “Nossa História, Nossas Memórias”, desenvolvido em 2011 por professores e alunos da extinta extensão do Ensino Médio da Vila Conceição. Foi criado em julho de 2012 e inaugurado no ano seguinte, e tem como sede a Casa Branca, que era uma referência das antigas fazendas, serviu como base de apoio no início da ocupação e atualmente é símbolo de luta e conquista da terra. Tem como objetivos:

- Preservar e divulgar a história de lutas, resistências e conquistas e as memórias da comunidade rural do Assentamento Itacira, popularmente conhecido como Vila Conceição;
- Tornar-se instituição de referência no registro, a produção e divulgação de conhecimento sobre a história camponesa regional

Referências Patrimoniais:

Coleção de imagens, documentos e objetos (utensílios domésticos da vida no campo, ferramentas de trabalho etc.) que remontam as histórias e memórias da Vila Conceição.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição Fotográfica “Universo Quebradeiras” – da fotógrafa Vanusa Babaçu, em comemoração aos 26 anos da Vila Conceição e à Inauguração do Museu (12/2013);

Visitas Guiadas, Palestras etc.

Participação em Eventos: Seminário Internacional do Centro de Ciências e Saberes / Exposição Saberes Populares e Pesquisa Etnográfica (04/2016, São Luís/MA); Encontro Internacional de Museus (06-09/04/2016, São Luís/MA), entre outros.

Ações de Preservação:

Reforma da Casa Branca

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589"> Ficha: 121 </td> <td data-bbox="751 315 1385 589"> Denominação: Museu da Beira da Linha do Coque Data de Criação: 04/08/2013 Endereço: sede temporária: Federação Esportiva Amadora Joana Bezerra, Coque, Ilha Joana Bezerra, Recife/PE. Tel.: (81) 98783-0331 (Sr. Rildo – coordenador) Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 121	Denominação: Museu da Beira da Linha do Coque Data de Criação: 04/08/2013 Endereço: sede temporária: Federação Esportiva Amadora Joana Bezerra, Coque, Ilha Joana Bezerra, Recife/PE. Tel.: (81) 98783-0331 (Sr. Rildo – coordenador) Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 121	Denominação: Museu da Beira da Linha do Coque Data de Criação: 04/08/2013 Endereço: sede temporária: Federação Esportiva Amadora Joana Bezerra, Coque, Ilha Joana Bezerra, Recife/PE. Tel.: (81) 98783-0331 (Sr. Rildo – coordenador) Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Ponto de Cultura Espaço Livre do Coque</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Direitos Urbanos, Centro Popular de Direitos Humanos, Núcleo de Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), Federação Esportiva Amadora Joana Bezerra, , Amigos do Museu da Beira da Linha (Frei Aloísio, Cristina Gouveia, Jéssica, Maíra, Marcio, Jampa, estudantes da Universidade Católica, Professor Luiz de la Mora, Vânia Brayner), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), entre outros.</p> <p>Recursos: Projeto Piloto do Programa Pontos de Memória (2009), Edital da Fundarpe - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - 2014? (Funcultura)</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: _____</p> <p>Ingresso: _____</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento: _____</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: Trata-se de um museu itinerante, que circula pelas ruas do Coque e organiza exposições em espaços externos.</p>			
<p>E-mail institucional: cunhafernandes@bol.com.br Website ou blog: http://museudabeiradalinhadocoque.org/ Rede social: https://www.facebook.com/MuseudaBeiradaLinhadoCoque/</p>	<p>Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: Museu Comunitário</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Segundo o relato de moradores, coque era o nome dado a um carvão mineral existente na região que foi meio de subsistência de muitos de seus primeiros habitantes. O bairro do Coque está localizada na Ilha Joana Bezerra, à beira do rio Capibaribe. Acredita-se que sua ocupação da região teve início entre fins do século XIX e início do século XX, posteriormente à instalação da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, que ligava Recife a Caruaru, construída entre 1885 e 1896, já que a comunidade foi formada na beira da linha do trem. As primeiras casas do Coque foram construídas sobre palafitas pelos moradores iniciais, em sua maioria migrantes do interior do estado (que fugiam da pobreza e da violência decorrente do cangaço ou eram expulsos pelos latifundiários) ou advindos de regiões do entorno. Posteriormente o bairro foi aterrado - década de 1970. Alguns moradores trabalharam nas obras do metrô e tiveram suas residências como forma de pagamento.</p> <p>A região era considerada um local privilegiado pela proximidade com a região central da cidade, e também muito fértil, com recursos alimentícios advindos do rio ou dos armazéns ali localizados. No entanto, atualmente o Coque é o bairro de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Recife. Foram criadas diversas organizações no bairro engajadas em defender os interesses da comunidade e reivindicar junto aos órgãos públicos melhorias para o bairro, através de conselhos municipais e da eleição de delegados no orçamento participativo. Outras instituições envolvidas com questões relacionadas ao urbanismo e direito à moradia também se aproximaram. O movimento Coque REXiste é fruto dessas diversas parcerias com os atualmente chamados “Amigos do Museu”.</p> <p>A Comunidade do Coque é alvo constante de especulação imobiliária. Já passou por diversos processos de remoção e condensamento, devido às obras públicas no bairro e a construção de novos edifícios. No entanto, muitos moradores removidos voltaram a ocupar o Coque, em condições piores, por não terem meios de subsistência nos locais para onde foram realocados.</p> <p>A ideia original dos moradores envolvidos com o Ponto de Cultura Espaço Livre do Coque, em sua maioria também ligados a outras entidades locais, era escrever um livro que contasse a história do bairro, mas com a aproximação do IBRAM em 2009 para a implantação de um Ponto de Memória (o Coque foi uma das 12 comunidades escolhidas pelo órgão para a implantação do Programa) surgiu a ideia da construção do museu. O Museu da Beira da Linha do Coque foi criado por um grupo dissidente do Ponto de Memória Museu do Mangue, e se apresenta como um museu comunitário audiovisual e itinerante, criado com o objetivo de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar e contar as histórias de lutas e resistências da Comunidade do Coque; • Conscientizar os moradores mais jovens sobre as lutas para a permanência no bairro; 			

- Desconstruir a imagem negativa e discriminação sobre os moradores da comunidade, lembrados sempre pelo histórico de violência;
- Formar novas lideranças.

Atualmente os membros do museu enfrentam dificuldades como afastamento de diversas pessoas do grupo por questões político-partidárias (cooptação de lideranças por políticos), falta de verba, dificuldades de manter o *website*.

Projetos futuros: traçar um paralelo entre a História Oficial e a História Comunitária, trocar a “cicloteia” (bicicleta criada para circular pelo bairro e como suporte para as projeções) por outros mecanismos de locomoção (perua, ônibus e carreta), entre outros.

Referências Patrimoniais:

Contadores e Contadoras de Histórias do Coque (Coleção de depoimentos em vídeo); Fotografias antigas e recentes do bairro; documentos antigos; artigos de jornais e revistas; Lugares de Memória (Ponte de Fernandinho, Ponte de Gaiola, Gurita do trem, Delegacia - Casarão do Comissariado, gasômetro) etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Mostras Itinerantes com projeções de trechos das entrevistas com os “Contadores e Contadoras de Histórias do Coque” (antigos moradores) através da cicloTel.a, mostruário de fotos; Exposição Itinerante “Museu da Beira da Linha do Coque” (2014, Fundação Joaquim Nabuco);

Oficinas de Audiovisual, Contação de Histórias, Circuito Coque Re-existe;

- Comemoração do “Dia de lutas e conquistas dos moradores do Coque pelo direito de moradia no Coque” (4 de agosto de 2013, 2014 e 2015).

Ações de Preservação:

Entrevistas com 16 moradores antigos do Coque (Contadores e Contadoras de Histórias do Coque), Elaboração do Mapa dos Fatos Urbanos, Edição de Vídeos, Criação do *website* etc.

Referências Bibliográficas:

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus Comunitários no Brasil: O Ponto de Memória** Museu do Taquaril. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13691/Disserta%C3%A7%C3%A3o_AVELAR%2c%20Luciana.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 ago. 2016.

BARBOSA, Analice Albuquerque; MELO, Érica Montenegro; VERARDI, Cláudia Albuquerque. Ilha Joana Bezerra – Coque. (bairro, Recife). **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 1 nov. 2016.

COMUNIDADES da Ilha de Antônio Vaz debatem benefícios do Novo Recife. **Blog das PPP's**, mai. 2015. Disponível em: <http://www.blogdasppps.com/2015/05/comunidades-da-ilha-de-antonio-vaz.html>. Acesso em: 5 set. 2016.

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO. Disponível em: www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1428. Acesso em: 1 nov. 2016.

CUNHA FILHO, Rildo Fernandes da. **Entrevista**. [21 ago. 2016]. Recife. Entrevista concedida a Suzy Santos.

EXPOSIÇÃO no Recife revela história do Coque através dos moradores. **G1**, 17 abr. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/pe-noticias/2014/04/exposicao-no-recife-revela-historia-do-coque-atraves-dos-moradores.html>. Acesso em: 1 nov. 2016.

GASPAR, Lucia. Great Western. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 1 nov. 2016.

_____. Miguel Arraes de Alencar. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 1 nov. 2016.

MUSEU DA BEIRA DA LINHA DO COQUE. Disponível em: <http://museudabeiradalinhadooque.org/>. Acesso em: 25 out. 2016.

_____. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseudaBeiradaLinhadoCoque/>. Acesso: 15 mar. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe do Painel do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseudaBeiradaLinhadoCoque/photos/a.476291822529901.1073741833.305737626251989/516158541876562/?type=3&theater>. Acesso: 15 mar. 2017.

Preenchimento: Rildo Fernandes da Cunha Filho (entrevista concedida em 21/08/2016); Suzy Santos (05/2017)..

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
122

Denominação: Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (MUQUIFU)

Data de Criação: 2013

Endereço: Beco Santa Inês, 30, Barragem Santa Lúcia, CEP 30335-620, Belo Horizonte/MG

Tel.: (31)3296-6690 / (31) 3296-6583.

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Obras Sociais da Paróquia Nossa Senhora do Morro

Parceiros(as)/apoio: alunos do curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voluntários, instituições do Aglomerado Santa Lúcia, Imaginário Coletivo (Produtora Audiovisual), Favela é Isso Aí (ONG), Guarda de Marujos São Cosme e São Damião (Grupo de Congado), Ponto de Cultura Casa do Beco (Projeto Gerações e Grupo “Entre Elas”), Agência Perfil 252, Serralheria Artesanal Ltda, *Università degli Studi di Padova*, Universidade Federal de Minas Gerais, estudantes do Curso de Museologia da UFMG (Professora Verona Segantini), entre outros.

Recursos: Obras Sociais da Paróquia Nossa Senhora do Morro

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 13 às 18 horas, outros dias e horários mediante agendamento

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O museu possui 4 sedes: 1) Beco Santa Inês, 30 – Barragem; 2) Rua Santo Antônio do Monte, 708 – Vila Estrela/Santo Antônio (sede para visitação); 3) Rua Principal, 321 – Barragem; 4) Beco Beira Rio, 110 – Esperança.

E-mail institucional: padremauro@hotmail.com

Website ou blog: <http://www.quilombodepaz.com>, <http://www.muquifu.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/groups/389729061158991/> (grupo)

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território, Museu Comunitário (IBRAM)

Histórico:

O Morro do Papagaio, ou Aglomerado Santa Lúcia é um dos maiores aglomerados do município de Belo Horizonte (MG). Sua composição inicial eram cinco comunidades: Vila Esperança, Vila São Bento, Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia; Vila Barragem Santa Lúcia. O fato de estar rodeada por bairros de classe alta gerou intensa especulação imobiliária no local, e as reformas urbanas empreendidas levou à extinção das duas primeiras comunidades (Vila Esperança e Vila São Bento).

Após a chegada do Padre (e museólogo) Mauro Luiz Silva à Paróquia Nossa Senhora do Morro, no ano 2000, e seu encontro com um grupo de moradores que refletiam a questão dos direitos humanos na favela devido aos excessos cometidos pela polícia no local (após o assassinato de um policial cresceu a onda de violência no aglomerado), foi criada a comissão Quilombo do Papagaio, que anualmente passou a promover o evento “Três Semanas de Paz e Cidadania”, entre os dias 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) e 10 de dezembro (Dia Internacional dos Direitos Humanos), durante as quais foram discutidos temas diversos como direito à moradia, saúde, trabalho etc. Uma das edições tratou da questão da preservação da memória, que reuniu vasto acervo documental.

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), criado em 2013, é fruto desse processo de mobilização. Idealizado pelo Padre Mauro juntamente com os moradores do Aglomerado, o museu apresenta-se como um Museu de Território (sem sede única) e tem como principais objetivos:

- Ser um instrumento de oposição à injustiça social e de resistência diante do risco de expulsão dos favelados dos centros urbanos;
- Garantir o reconhecimento (e a salvaguarda) das favelas enquanto “quilombos urbanos” do Brasil;
- Contribuir com o reconhecimento, preservação e comunicação do patrimônio, histórias, memórias e bens culturais dos moradores de quilombos ou favelas de Belo Horizonte;
- Contribuir com o combate aos estereótipos sobre as favelas;
- Evidenciar a presença africana na formação da cultura brasileira;
- Tornar-se um espaço apropriado pelos próprios moradores do aglomerado.

Além o espaço expositivo, o Muquifu possui arquivo e biblioteca abertos à comunidade.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Muquifu é composto por histórias e memórias dos moradores locais, e também sua expressão material: fotografias, objetos, esculturas, artesanatos, brinquedos, imagens de festas, danças, celebrações, instrumentos musicais, documentos diversos, livros, poemas, receitas e histórias que representam a tradição e a vida cultural local, entre outros

patrimônios materiais e imateriais - Chá da Dona Jovem, Capelinha, Igreja de Santos Pretos etc.
Documentário “Memórias do Aglomerado” (de Mariana Castelo Branco)

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição de Longa Duração “Doméstica, da escravidão à extinção: uma Antologia do Quartinho de Empregada no Brasil” - o Quartinho de Empregada propõe uma reflexão sobre as relações de gênero e raciais, com a curadoria de Padre Mauro e empregadas domésticas do Morro do Papagaio (27/04/2013-atual); Exposição Fotográfica “Favela: Memórias de Mudanças e Permanências” – Coletivo Favela é Isso Aí (05/2013); Exposição Fotográfica “Nossa Memória: Não tire nada além de fotos!” – Imaginário Coletivo (05/2013); Exposição Fotográfica “Muro - O lado de cá” – sobre a Vila São Bento, com curadoria de Jorge Quintão, Projeto Imaginário Coletivo (23/09-11/12/2013); Exposição Fotográfica “Vila Esperança, o Lugar que nunca existiu” (23/09-11/12/2013); *Prima Mostra Itinerante del Muquifu* (15/01-28/02/2014, *Palazzo Liviano*, Universidade de Padova, Itália); Exposição “Pedro Pedreiro: Tijolo com Tijolo num Desenho Lógico” - reflexão sobre o ser humano e o trabalhador da construção civil, com fotos de Jorge Quintão e Imaginário Coletivo (22/09/2014-17/05/2015); Exposição “Memória Revelada” – sobre os 30 anos de memórias do Aglomerado, com fotos de Manoel do Rosário e curadoria de Luciana Campos Horta (2014-2015); Exposição “O meu reino sem folia”- mostra fotográfica de Bianca de Sá e de objetos sobre o extinto grupo de Folia de Reis do Aglomerado (2014-2015); Exposição “Janelas, Histórias e Memórias em Extinção” - mostra fotográfica de Marco Mendes, com Janelas e Personagens das Vilas São Bento e Esperança (2014-2015); Exposição Itinerante “Na Fé da Resistência, no Axé do Nosso Cantol”, com curadoria de Dalva Pereira dos Reis e José Augusto de Paula Pinto (2014-2015); Exposição “Ofícios e Devoções” (2014-2015); Exposição “Mapa Gastronômico do Morro do Papagaio”, com fotos e curadoria de Bianca de Sá e Mariana Zande (05/2015); Exposição “Múltiplas Linguagens” – sobre a implantação de escolas indígenas em Minas Gerais em 1999 (09/2015); Exposição sobre “os costumes e usos dos alimentos e ervas pelos índios e negros e a culinária no Morro do Papagaio” (09/2015), Exposição “Paisagens Afetivas: fotografias e maquete” - resultado das oficinas coordenadas por Gabriela Gomes e Luciana Horta às crianças do Aglomerado Santa Lúcia, com curadoria de Ana Cláudia e Dalva Pereira (05/2016, Museu Casa Alphonsus de Guimaraens), Exposição “O Mundo de Januária” - a coleção de D. Maria Januária nos revela seus tesouros - crucifixo, cuscuzeira, lamparina - e nos interroga sobre o papel social dos Museus, com curadoria de Kelly Amaral de Freitas (05/2016), entre outras. Obs.: A montagem das exposições envolvem a comunidade, através da doação de objetos, fotografias e histórias que fizeram parte do acervo exposto, alunos do curso de Museologia da UFMG e outros parceiros etc.;

Muquifoca – Museu-Biblioteca e Pipoca “Uma Explosão de Memórias” (Ponto Móvel de Leitura)

Chá da Dona Jovem; Projetos “Imaginário Coletivo”, “Retalhos da Memória”, “Chefes do Morro” (“Gastronomia no Morro”), “Caminhos da Cura” (com as benzedoras e fazedoras de chá da comunidade), entre outros;

Participação em Eventos: V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG); 7ª a 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Asteamento da Bandeira de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de São Cosme e São Damião e do Divino Espírito Santo e Santa Efigênia pela Guarda de Marujos São Cosme e São Damião, visita guiada em percurso no Morro do Papagaio, Palestras no Muquifu, Museu Histórico Abílio Barreto, Escola de Ciência da Informação – UFMG, Chá no Muquifu - Lançamento do Projeto “Chefes do Morro”, Missa Conga na Capela Santa Rita de Cássia e Cortejo Festivo (06/2013 – diversos locais); Chá da Dona Jovem, Exibição de documentários, Mesa-Redonda – com a participação de Zildo Gomes Viana, do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Construção Civil, e dos moradores do Aglomerado Santa Lucia, Bruno e Gabriela, Lançamento do livro “Abc dos Museus” – de Soraia Vasconcelos, Contação de histórias, Mesa-Redonda do Projeto Retalhos da Memória - com a participação de mulheres “fundadoras” da Comunidade da Vila Estrela, Missa Afro (09/2014 – diversos locais); Romaria a Capim Branco (MG) para o Jubileu de Bom Jesus do Matozinho, visita ao Museu local e contato com a comunidade indígena, Participação na Festa de Santa Efigênia (Ouro Preto/MG), Exposições, Lançamento do Projeto Caminhos da Cura, Sarau da Memória, Inauguração dos Afrescos da Igreja dos Pretos, visita do Muquifoca à biblioteca Doutora Silvia Lorenso/Escola Municipal Ulisses Guimarães, Contação de Histórias – lendas e poemas indígenas, missa das crianças, visita guiada ao museu, Missa Conga na Capela Santa Rita de Cássia - Paróquia Nossa Senhora do Morro, Cortejo e Grande Festa do Congado da Guarda dos Marujos de São Cosme e Damião na Vila Santa Rita (09/2015 – diversos locais); 11ª a 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com I Fórum Mineiro de Vilas e Favelas - com o tema “Museu (Memória Criatividade) = Mudança Social”, Espectáculos teatrais, Palestra, Asteamento da Bandeira de Nossa Senhora de Fátima - Grupo de Congado São Cosme e São Damião, Mesas-Redondas “Representações da Favela em Belo Horizonte”, “Experiências Museológicas em Favelas”, “Memórias de Comunidades Faveladas”, “Museus, Histórias, Urbanismo e Favelas”, “Arquitetura e Urbanização - Racismo e Exclusão Urbana da População Negra”, “Experiências Culturais nas Favelas”, “Enfrentamento às Violências”, “Gentrificação x Direito à Cidade”, “O direito dos Pobres à Cidade”, Seminário “Museus, Histórias, Memórias e Favelas”, Chá da Dona Jovem, Entrega das Placas (Concurso) do Quilombo das Antenas - A Resistência no Século XXI (Vila das Antenas), Cortejo da Memória, Concurso de Fotografias “Nossa Memória e Nossa História” - Projeto Imaginário Coletivo, Atividades Esportivas com o tema “Nossa Memória e Nossa História” (05/2013 – diversos locais); Exposições, visitas guiadas, Oficinas de Grafite - arte-educador Álan Pires e o Grupo de Oficina Guernica; Oficinas de Restauro das pinturas que decoram a área externa do MUQUIFU, Missa Quilombola, Chá da Dona Jovem, Palestra, Tarde de autógrafos do livro “Racismo no Brasil e afetos correlatos” da escritora Cidinha da Silva, Exibição de documentário, Cortejo do Congado, Mesas- Redondas “Arte/Educação nos Museus de Favela ensina e emociona” e análise das coleções do MUQUIFU pela ótica racial e de gênero no Brasil e nas favelas, Projeto “Gastronomia no Morro” (05/2014 – diversos locais); Exposições, Percurso de Visitação, Palestras e Mesas Redondas (sobre Carolina de Jesus), carreata para entrega oficial do abaixo assinado que reivindica a não destruição da Capela Nossa Senhora da Esperança “Memorial da Esperança” à Prefeitura de Belo Horizonte, Chá da Dona Jovem, Oficina Conservação de acervo fotográfico, com a Profa. Gabriela Lima Gomes e a estudante Dalva Pereira – UFOP, Oficina de Bonecas de Pano Generosas – resgate do modo de fazer das Bonecas da Dona Generosa (moradora da Vila Estrela), Oficina de Reciclagem, Oficina “Cabelo bom é cabelo liso?”, Inauguração da Loja do Muquifu - expõe e vende artigos produzidos pelos próprios moradores, Performance Musical do Padre Mauro, Chá da Dona Jovem (05/2015); Visita do Muquifoca à Vila São Bento, Exibição de documentário e filme, Exposições, IV Mostra Itinerante (Museu Marista), Missa dos Santos Pretos, Sarau, Oficinas, Projeto “Gastronomia no Morro”, Muquifoca visita o Jardim do Museu Histórico Abílio Barreto, o Salão do Encontro Dom

Werner e outros locais de Belo Horizonte, Levantamento da Bandeira de Nossa Senhora do Rosário, Mesa Redonda, Performance Musical do Padre Mauro, Chá da Dona Jovem, Visita Guiada à Mariana/MG (05/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

- Pesquisa sobre o extinto Grupo de Folia de Reis que atuou no Aglomerado Santa Lúcia;
- Produção do documentário experimental "Tijolo com Tijolo num Desenho Lógico" - acerca do ofício do Pedreiro e da Arte de construir (projeto coletivo entre a equipe do Muquifu e moradores);
- Documentário Muquifu – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos;
- Oficinas de Restauro e Conservação de Fotografias etc.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu comunitário de Belo Horizonte leva exposição para a Itália. **Notícias**, 20 dez. 2013. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu-comunitario-de-belo-horizonte-leva-exposicao-para-a-italia/>. Acesso em: 8 jun. 2014.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.148-151. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.66-67. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus:** Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.82-83. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.169-171. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.185-188. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.197-200. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.152-154. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUQUIFU. **Com Criatividade, Tudo Vira Arte.** Muquifu na 8ª Primavera dos Museus: Museu Criativo. Folder. Belo Horizonte, 2014.

_____. **Muquifoca.** Folder. Belo Horizonte, [2015?].

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7059/>. Acesso: 27 fev. 2017.

PEREIRA, Thiago. Outra ideia de alta cultura: Museus situados em aglomerados urbanos da capital arquivam narrativas não encontradas em museus tradicionais. **O Tempo Magazine**, 27 out. 2013. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/outra-ideia-de-alta-cultura-1.737311>. Acesso em: 21 dez. 2016.

PINTO, José Augusto de Paula. **Muquifoca.** Folder. Belo Horizonte, [2015?].

SILVA, Mauro Luiz da. Um Museu de Território. **Muquifoca.** Folder, s/d.

TOMASELLA, Giuliana. O que é o Muquifu. **Prima Mostra Itinerante del Muquifu.** Catálogo. Itália, 2014, p.8.

VLOG #05 - MUQUIFU - Belo Horizonte, Brasil. **Youtube**, 6 nov. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JiOwi0qEWuY&feature=youtu.be>. Acesso em: 12 nov. 2015.

Referência da Imagem: Detalhe de Exposição do Muquifu. Disponível em: <http://borealcomunicacao.com/12-lugares-em-bh-que-vao-fazer-voce-se-sentir-um-turista/>

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
123

Denominação: Centro de Memória Cohab Raposo Tavares

Data de Criação: 2012

Endereço: Rua Cachoeira Poraque, 575, Conjunto Promorar Raposo Tavares, CEP 05574-450, São Paulo/SP.

Tel.: (11) 3782-8909

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Docentes da EMEF Professora Maria Alice Borges Ghion

Parceiros(as)/apoio: estudantes e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e da Faculdade de Educação da USP (FEUSP)

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog: <http://centrodememoriaraposotavares.blogspot.com.br/>

Rede Social: <https://www.facebook.com/Centro-de-Mem%C3%B3ria-COHAB-Raposo-Tavares-523314904393735/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território (OLIVEIRA, 2015); [Museu Comunitário]

Histórico:

Raposo Tavares é um distrito localizado na Zona Oeste de São Paulo (SP) criado na década de 1940, e recebeu esse nome em homenagem ao Bandeirante Paulista. Sua população é a que possui a menor renda entre as que compõem a subprefeitura do Butantã. O distrito abriga três grandes conjuntos habitacionais: Cohab Educandário, Cohab Muncik e Cohab Raposo Tavares.

O Centro de Memória Cohab Raposo Tavares foi criado em 2012 enquanto projeto da EMEF Maria Alice Borges Ghion, no âmbito do Programa Ampliar e agora está vinculado ao Mais Educação SP (MEC), e conta com a parceria da FE-USP e da FAU-USP. A iniciativa, que é coordenada pela Professora Andrea Leão, reúne cerca de 30 alunos e conta com o apoio de toda a comunidade. Tem como objetivos:

- Resgatar a memória local, permitindo um pensamento crítico a respeito das transformações, permanências e melhorias para o bairro;
- Valorizar a identidade da comunidade e fortalecer a sensação de pertencimento ao local;
- Promover o conhecimento e o respeito aos modos de vida de diferentes grupos sociais, em diferentes tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais (OLIVEIRA, 2016, p.145);
- Aproximar a comunidade da realidade escolar e vice-versa.

Algumas iniciativas preocupadas com a cultura e a memória local pensadas anteriormente não vingaram, como o Projeto Espaço Cultural Cachoeiras (Projeto Espaço Cultural Raposo Tavares), de 2001.

Oliveira (2016, p.149) reconhece que não se trata de uma iniciativa museológica, mas evidencia que as atividades desenvolvidas pela iniciativa relacionam-se com as propostas da Sociomuseologia. No entanto, a *fanpage* do *facebook* do Centro de Memória evidencia o seu entendimento enquanto espaço museológico.

O espaço da EMEF tornou-se limitado para o desenvolvimento do projeto, e em 2015 o professor Antônio Barossi (FAU-USP) ajudou a projetar uma nova sede para o Centro de Memória, que prevê a construção de uma sala multiuso, administração, sala para acervo, banheiros e um espaço para circulação na varanda. A ideia foi apresentada à Diretoria Regional de Educação do Butantã e à comunidade da Cohab Raposo Tavares e espera a sua aprovação pela Secretaria Municipal de Educação.

Referências Patrimoniais:

Histórias, memórias e patrimônios culturais do bairro;

Relatos orais e documentos textuais como mapas, jornais, atas de associações de bairros, registro fotográfico e outros materiais escolares etc.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. O acervo construído é exibido em eventos públicos (festa junina, Mostra Cultural, Festa do Saci, Sarau de arte e poesia, Formaturas de estudantes, Confraternizações de professores e funcionários etc.);

Cursos: Cinema – Tela Brasil (2014), Projeto África trabalhando a oralidade e memória (2014);

Oficinas: Oficina de pintura em telha, Produção de Curta metragem (2014);

Rodas de Conversa com alunos da escola;

Exibição de filmes - Cine Clube Maria Alice;

Criação do roteiro ecológico no Parque Juliana de Carvalho Torres;

Visitas Técnicas a outros museus (Museu da Resistência, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Museu da Pessoa, Pinacoteca do Estado de São Paulo), entre outras.

Ações de Preservação:

Projeto Museu-Centro de Memória do Bairro COHAB Raposo Tavares (2013): Entrevistas com moradores e levantamento de documentos sobre o bairro;

Projeto Museu Histórico – Tema: Meu Bairro, Minha História (2013): construção de objetos, pesquisa e produção de textos de conteúdo histórico com base nos documentos levantados;

Pesquisas sobre lugares, saberes, objetos e comemorações locais;

Produção de maquete do bairro;

Entrevistas com professores sobre as memórias da escola etc.

Referências Bibliográficas:

CENTRO DE MEMÓRIA COHAB RAPOSO TAVARES. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Centro-de-Mem%C3%B3ria-COHAB-Raposo-Tavares-523314904393735/>. Acesso em: 21 jan. 2017.

IMPrensa JOVEM MARIA DIRCE. **Wordpress – EMEF PROF. MARIA ALICE**, 30 mai. 2017. Disponível em: <https://emefprofmariaalice.wordpress.com/2017/05/30/inauguracao-do-centro-de-memorias-cohab-raposo-tavares-e-apresentacao-dos-projetos/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MEKARI, Danilo. Em São Paulo, escola resgata memória do bairro e se aproxima da comunidade. **Portal Aprendiz – UOL**, 30 abr. 2015. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/04/30/em-sao-paulo-escola-resgata-memoria-do-bairro-e-se-aproxima-da-comunidade/>. Acesso em: 21 jan. 2017.

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. **A musealização do território:** uma aproximação entre geografia, educação e museologia na Cohab Raposo Tavares. 2016. 288f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Referência da Imagem: Roda de conversa no novo espaço do Centro de Memória COHAB Raposo Tavares. Crédito: Professor João Henrique. Disponível em: <https://emefprofmariaalice.wordpress.com/2017/05/30/inauguracao-do-centro-de-memorias-cohab-raposo-tavares-e-apresentacao-dos-projetos/#jp-carousel-3698>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 124	Denominação: Museu Vivo do Barro
	Data de Criação: 19/12/2012 Endereço: Moita Redonda, Cascavel/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Beija Flor de Cultura, Arte, Educação Ambiental e Cidadania
Parceiros(as)/apoio:
Recursos: Programa Ponto de Memória 2011 (Projeto “Instituto Beija Flor de Cultura, Arte, Educação Ambiental e Cidadania”)
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:
Ingresso:
Obs.:
Funcionamento:
É necessário agendar a visita? (X) sim () não
Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: ibeijaflor@gmail.com Websíte ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/PontoDeMemoriaMuseuVivoDoBarro/?fref=ts	Logotipo
---	---------------------

Categorias Propostas: Ponto de Memória

Histórico: <p>Cascavel é um município tradicional localizado no eixo Leste do litoral do Estado do Ceará. Possui grande de fluxo de turistas brasileiros e estrangeiros. No entanto, o potencial turístico é pouco explorado pelas comunidades ancestrais, que carecem de políticas públicas que contribuam nesse sentido. Um dos grandes atrativos é o artesanato produzido na localidade por mestres e mestras artesãs, cuja mão de obra é explorada por atravessadores estrangeiros e empresários da capital, que aproveitam-se de sua vulnerabilidade econômica, em sistemas produtivos que descaracterizam os saberes e formas tradicionais da produção artesanal, especialmente a arte da cerâmica da região mediana de Moita Redonda, o que tem contribuído para esquecimento e conseqüente extinção desse conhecimento tradicional.</p> <p>O Instituto Beija Flor foi fundado em maio de 1988 com o objetivo de “promover iniciativas de valorização dos laços culturais locais”, contribuir com a “qualidade de vida dos artesãos locais” (CASCABEL [...], 2012). O Instituto já realizou diversos projetos, como por exemplo o “Lampião da Arte e da Cultura” (parceria com o MinC), nas escolas locais. O Ponto de Memória Museu Vivo do Barro da Moita Redonda foi criado com o intuito de dar continuidade ao processo de formação dos jovens junto aos mestres locais, a fim de contribuir com o fortalecimento da cultura local e constituir-se enquanto ferramenta turística, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida e preservação da história, memória e saberes da comunidade Moita Redonda.</p> <p>O Museu Vivo do Barro da Moita Redonda foi criado em 2012 com os objetivos de (CASCABEL [...], 2012):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimular e valorizar o artesanato local, através do acesso aos 48 ateliês e às Mestras e Mestres da Arte da Cerâmica da Moita Redonda; • Promover um momento de proximidade dos visitantes com a cultura artesanal do barro; • Criar um percurso denominado “Rota do Caminho do Barro”, roteiro turístico com vivência terapêutica, possibilitando o contato com o material do barro e a práticas de modelagem de peças. • Desenvolver atividades de emprego e renda com os jovens que serão capacitados para acompanhar visitas; • Resgatar as memórias locais; • Contribuir com a melhoria da Qualidade de Vida das Mestras e Mestres da região e com o desenvolvimento comunitário; • Apresentar o artesanato local aos turistas por meio de ações de turismo comunitário e rural.

Referências Patrimoniais:

Atividades desenvolvidas:
Curso de cerâmica ancestral da Moita Redonda (29/04-03/05/2013)

Ações de Preservação:
Referências Bibliográficas: CASCABEL: Instituto Beija Flor inaugura Museu Vivo do Barro. Portal Vermelho , 19 dez. 2012. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia/201107-61 . Acesso: 16 mar. 2017. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf . Acesso em: 6 jan. 2014. INSTITUTO BEIJA FLOR. Ponto de Memória Museu Vivo do Barro . Disponível em: http://instituto-beija-flor.webnode.com/museu-vivo-do-barro/ . Acesso: 16 mar. 2017. PONTO DE MEMÓRIA MUSEU VIVO DO BARRO DA MOITA REDONDA. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/PontoDeMemoriaMuseuVivoDoBarro/?fref=ts . Acesso: 16 mar. 2017.
Referência da Imagem: Entrada da Sede do Ponto de Memória Museu Vivo do Barro da Moita Redonda. Disponível em: https://www.facebook.com/PontoDeMemoriaMuseuVivoDoBarro/photos/a.102979189897167.1073741832.101619453366474/102979436563809/?type=3&theater . Acesso: 16 mar. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 562"> Ficha: 125 </td> <td data-bbox="751 315 1385 562"> Denominação: Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Ivar Saldanha, 36 - Sede do Boi de Maracanã, Itaperá, Maracanã, São Luís/MA. Tel.: (98) 3241-7658 / 9135-7375 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 125	Denominação: Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Ivar Saldanha, 36 - Sede do Boi de Maracanã, Itaperá, Maracanã, São Luís/MA. Tel.: (98) 3241-7658 / 9135-7375 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 125	Denominação: Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã Data de Criação: 2012 Endereço: Rua Ivar Saldanha, 36 - Sede do Boi de Maracanã, Itaperá, Maracanã, São Luís/MA. Tel.: (98) 3241-7658 / 9135-7375 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Associação Recreativa Beneficente de Maracanã			
Parceiros(as)/apoio:			
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Memorial do Bumba meu Boi de Maracanã”)			
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:			
Ingresso:			
Obs.:			
Funcionamento: 3ª e 5ª feiras			
É necessário agendar a visita? () sim () não			
Estrutura física do Museu:			
E-mail Institucional: contato@boimaracana.com.br Website ou Blog: http://www.boidemaracana.com.br/ Rede Social: https://www.facebook.com/boidemaracana/	Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória			
Histórico: <p>O Bumba Meu Boi é uma das festas folclóricas brasileiras mais tradicionais. Pesquisas indicam que festejo teve origem no nordeste no século XVII, durante o Ciclo do Gado, quando o boi tinha grande importância simbólica e econômica. A lenda conta a história de um casal de escravos, Pai Francisco e Mãe Catirina, que em sua gravidez deseja comer a língua de um boi, o que leva o marido a matar o boi mais bonito de seu senhor. Ao perceber a morte do animal, o dono da fazenda convoca padres, curandeiros e pajés para ressuscitá-lo, e quando o boi volta à vida, toda a comunidade celebra. A lenda está enraizada no catolicismo popular - devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal – e também agrega cultos religiosos afro-brasileiros do Maranhão – orixás - e indígenas – encantados.</p> <p>A encenação envolve a figura central do boi e diversas outras manifestações culturais, como performances dramáticas, musicais e coreográficas, artesanatos - bordados e instrumentos musicais. Suas músicas reúnem vários estilos brasileiros (aboios, toadas, repente, canções pastoris e cantigas). A encenação é feita principalmente nos meses de junho e julho, durante as festas juninas, mas também é realizada em outras épocas do ano.</p> <p>O Bumba-meu-boi inicialmente sofreu grande repressão por parte das elites nordestinas por ser uma festa de origem escrava, chegando a ser proibido entre 1861 e 1868. Em dezembro de 2009, o Governo Federal instituiu o dia 30 de junho como Dia Nacional do Bumba-meu-boi, por meio da Lei nº 12.103, e em 2011 o bumba-meu-boi do Maranhão foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil.</p> <p>O Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã, ou Memorial do Bumba Meu Boi Mestre Humberto, tem como objetivo principal contar a história da manifestação folclórica a partir do ponto de vista do grupo Bumba Meu Boi de Maracanã, um dos maiores e mais antigos grupos de Boi Bumbá do estado do Maranhão.</p>			
Referências Patrimoniais: <p>O acervo do Ponto de Memória Memorial do Bumba Meu Boi de Maracanã é composto por diversos objetos relacionados a essa manifestação cultural e seus protagonistas: indumentárias, discos, chapéus, maracas, documentos diversos (artigos de jornais e revistas, certificados etc.), galeria de fotos de antigos colaboradores, cantadores e presidentes da manifestação folclórica, placas, troféus, medalhas e condecorações de Humberto de Maracanã ao longo de 40 anos de carreira.</p>			
Atividades Desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplo: Exposição sobre os 120 anos da brincadeira do Bumba Meu Boi de Maracanã (25-30/09/2012); Participação nas festividades de São João; Confeção de indumentárias, instrumentos e danças (Ponto de Cultura) etc.</p> <p>Participação em Eventos: 6ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com exposição, ladainha e palestra sobre a importância do museu comunitário do Maracanã, Bate Papo com o Mestre Humberto de Maracanã, visita monitorada à exposição permanente sobre o Bumba meu boi de Maracanã - ação educativa voltada para os alunos das escolas públicas da região (25-30/09/2012), entre outros.</p>			

Ações de Preservação:

Todo o trabalho desenvolvido tradicionalmente pelo Bumba Meu Boi de Maracanã.

Referências Bibliográficas:

BUMBA MEU BOI. Disponível em: <http://bumba-meu-boi.info/>. Acesso em: 23 jan. 2017.

BUMBA-MEU-BOI é destaque em passagem da tocha olímpica. **Jornal do Brasil**, 11 jun. 2016. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/06/11/bumba-meu-boi-e-destaque-em-passagem-da-tocha-olimpica/>. Acesso em: 23 jan. 2017.

IMIRANTE. Boi de Maracanã reunirá mais de 400 brincantes nos arraiais. **O Estado**, 22 mai. 2016. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/05/22/boi-de-maracana-reunira-mais-de-400-brincantes-nos-arraiais.shtml>. Acesso em: 23 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus.** Brasília: IBRAM, 2012, p.74. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

JORNAL CAZUMBA. Mais um prêmio para lembrar um mestre da cultura popular. **Blogspot**, 25 de jun. 2012. Disponível em: <http://jornalcazumba.blogspot.com.br/2012/06/mais-um-premio-para-lembrar-um-mestre.html>. Acesso em: 23 jan. 2017.

MORRE Humberto de Maracanã, ícone do bumba meu boi no Maranhão. **G1 MA**, 19 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/01/morre-aos-75-anos-humberto-de-maracana-icone-do-bumba-meu-boi-no-ma.html>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Referência da Imagem: Mestre Humberto Filho observando acervo - Sede do Boi de Maracanã. Disponível em: <https://www.facebook.com/boidemaracana/photos/a.244253602370737.55908.175639865898778/244256932370404/?type=3&theater>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 126	Denominação: Ponto de Memória Memorial do Povo de Baiacuí
	Data de Criação: 2012 Endereço: Rua São Benedito, s/n - Rural – Baiacuí, Icatu/MA Tel.: (98) 3082-7665 / 8727-2950 / 8867-5130 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): União dos Moradores de Baiacuí	
Parceiros(as):	
Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Memorial do Povo de Baiacuí - saberes ancestrais, cultura popular, ofícios e história do povo do Quilombo Baiacuí - Icatú/Maranhão”)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso: gratuito	
Obs.:	
Funcionamento: 3ª e 5ª feira, das 9 às 14 horas; 6ª, das 9 às 16 horas; sábados e domingos, das 9 às 18 horas.	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: martasantos1949@hotmail.com Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu de território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário, Ponto de Memória	
Histórico: <p>Baiacuí é um povoado rural do município de Icatu (MA). O hino da cidade menciona que no século XVII a terra foi “palco de batalhas e chacinas”, e convida os “guerreiros amigos” a tocar toré (PREFEITURA [...], 2017), o que indica a presença indígena na região.</p> <p>Não obtivemos maiores informações sobre a iniciativa.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades Desenvolvidas: <p><u>Exposições.</u> Exemplo: Exposição “Memória do Bumba Meu Boi” - sobre a simbologia do grupo de Bumba Meu Boi Mimo de São João, do povoado Baiacuí (17-08/05/2014);</p> <p><u>Visitas guiadas:</u></p> <p>Participação em Eventos: 11ª e 12ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com <u>recreações/gincana</u> - soletrando, torneios de dama, xadrez, dominó, futebol e danças populares (18-19/05/2013, Sede da União dos Moradores de Baiacuí); Exposição “Memória do Bumba Meu Boi” (17-08/05/2014), entre outros.</p>	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: <p>‘CULTURA não é valorizada’, diz docente de estado com pior taxa de museus. G1 MA, 1 jul. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/07/cultura-nao-e-valorizada-diz-docente-de-estado-com-pior-taxa-de-museus.html. Acesso em: 9 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf. Acesso em: 6 jan. 2014.</p> <p>_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.82. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11Semana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.92. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. União dos Moradores de Baiacuí Icatu – Maranhão. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8061/#tab=sobre. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>PREFEITURA DE ICATU. Hino da Cidade. Disponível em: http://www.icatu.ma.gov.br/cidades/cidades. Acesso em: 9 mar. 2017.</p>	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 127	Denominação: Museu da Indumentária e da Moda (MIMO)	
	Data de Criação: Endereço: Alameda das Samambaias, 17 (escritório), CEP 13295-000, São Paulo/SP. Tel: (11) 4592-2054 / 9588-27725 Situação atual: em funcionamento.	

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as): Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda (ABEPEM), Confeitaria Cultural, Museu da Pessoa, Museu da Língua Portuguesa, Núcleo do MIMO em Franca-SP e IED-SP (Istituto Europeo di Design)

Recursos: Trabalho voluntário e das inscrições do evento Moda Documenta. Estamos em busca de patrocínios por meio de Lei de Incentivo Fiscal e PROAC-ICMS

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: marcia@mimo.org.br Website ou Blog: www.mimo.org.br Rede Social:	Logotipo
--	-----------------

Categorias Propostas: Museu Digital

Histórico:

O Museu da Indumentária e da Moda (MIMO) é fruto de estudos e ações de pesquisa universitária nas áreas de Moda, Design, História, Antropologia e Museologia. Trata-se de um museu digital, atuando em ambiente *online*, onde apresenta parte de seu trabalho de acervo e gestão museológica, por meio de uma plataforma digital <www.mimo.org.br>.

O MIMO apresenta-se enquanto Centro de Referência em Estudos e Pesquisas de Memória, Indumentária e Moda. Está organizado em conselhos, com uma coordenação geral e setoriais de pesquisa, parceiros e colaboradores. A partir de abril de 2014, sob a liderança da Professora do Instituto Europeo di Design (IED-SP) Márcia Merlo – que desenvolve o Projeto de Pesquisa “Design, Memória e Cultura: experiências museológicas no meio digital”, o MIMO tornou-se um grupo de pesquisa do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) – pode ser visualizado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, credenciado pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Apresenta como seus principais objetivos:

- Investigar, registrar, documentar e difundir modos de vestir e de viver e desvendar significados do vestuário e seu uso, apontando articulações com os quadros socioeconômicos, políticos e culturais, em diferentes épocas;
- Atuar como Centro de Referência em Estudos e Pesquisas de Memória, Indumentária e Moda;
- Ampliar o acervo digital de documentos (fotografias, cartas, postais, imagens publicitárias, revistas, catálogos, projetos e criações de moda etc.) e indumentos;
- Preservar e registrar a memória dos artefatos – roupas, acessórios, instrumentos e processos de criação e técnicas de trabalho;
- Recuperar histórias por meio da memória individual e coletiva, dos estudos em torno da cultura (i)material em acervos de moda e têxteis e por meio da história e da memória individual e coletiva sobre a indumentária e a moda;
- Reunir contribuições de pesquisadores e profissionais da História, da Antropologia, da Filosofia, da Comunicação, da Moda, do Design, da Museologia e áreas afins.

Referências Patrimoniais:

Memórias e Histórias sobre as relações com as roupas;

Acervo digital composto por imagens fotográficas.

Atividades Desenvolvidas:

O acervo será exposto na Exposição Permanente “Histórias Desveladas”, sob a curadoria de Márcia Merlo e convidados. Outras exposições: Jeans: Cotidiano e Subversão; Dener Pamplona; Geny Prado, Clodovil Hernandez, Odete Eid;

Ações acadêmicas: Seminário Moda Documenta; Congresso Internacional de Memória, Design e Moda; Diálogos com o MIMO, encontros dos grupos de estudos Design, Memória & Sociedade (DM&S) e Cotidiano e Design; Publicação de artigos em periódicos nacionais e anais de congressos nacionais e internacionais;

Idealização e criação do *website* do Museu;

Organização de Eventos: Seminário Moda Documenta e o Congresso Internacional de Memória, Design e Moda (evento bienal que contempla mesas redondas, conferências, palestras e reúne os grupos de trabalhos e sessão técnica)

Participação em Eventos: 13ª e 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Seminário para debater as diretrizes para a implementação, preservação e disponibilização de acervos físicos e digitais do MIMO (12/05/2015, Faculdade Santa Marcelina – FASM); Seminário sobre Moda e Memória, processos de geração e gestão de memórias como práticas culturais (12-15/05/2016, Universidade Federal do Paraná, galerias, ateliês, ruas e museus locais), entre outros.

Ações de Preservação:

Digitalização das fotografias impressas, tratamento de imagens, cadastro de fichas técnicas, gravação de depoimentos relacionados às indumentárias (metodologia da história oral);

Elaboração de banco de dados (reserva técnica) - referência para pesquisas em torno da História da Indumentária, da Moda e do Cotidiano. Linhas de Pesquisa: 1) Design, Interfaces Digitais e Museu; 2) Design, Memória e Cotidiano; 3) Acervos Têxteis: Indumentária e Moda; 4) Artefatos Vestíveis: Dos Pés à Cabeça.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.363. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.251. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MIMO - Museu da Indumentária e da Moda. Disponível em: www.mimo.org.br. Acesso em: 7 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 562"> Ficha: 128 </td> <td data-bbox="746 315 1385 562"> Denominação: Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense) Data de Criação: 1998-2001 Endereço: Rua Francisco Custodio de Azevedo, 2, São João, CEP 62360-000, Ibiapina/CE. Tel: (88) 9282-8976 / 9220-5939 / 3653-1338 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 128	Denominação: Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense) Data de Criação: 1998-2001 Endereço: Rua Francisco Custodio de Azevedo, 2, São João, CEP 62360-000, Ibiapina/CE. Tel: (88) 9282-8976 / 9220-5939 / 3653-1338 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 128	Denominação: Museu Cevaci (Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense) Data de Criação: 1998-2001 Endereço: Rua Francisco Custodio de Azevedo, 2, São João, CEP 62360-000, Ibiapina/CE. Tel: (88) 9282-8976 / 9220-5939 / 3653-1338 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): ONG Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense junto à comunidade Parceiros(as): ONG Arco Verde, Coopamil, entre outros. Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:			
E-mail institucional: museucevaci@yahoo.com , ibiapinabr@gmail.com Website ou blog: http://cevaciong.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museu.cevaci	Logotipo		
Categorias Propostas:			
Histórico: <p>O Museu Cevaci - Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense foi criado em 1998 pelo historiador, artista e empresário Antônio Carlos Melo Alves, como forma de suprir a carência que a cidade tinha de ter um museu que preservasse sua história e que servisse de apoio às comunidades indígenas, estudantes e à população em geral. Desenvolve ações na área da cultura, esporte e meio ambiente, com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Salvar bens culturais através de coletas e registro em ata e tombamento; • Registrar saberes, crenças e histórias através de registro por aparelhos eletrônicos; • Registrar e divulgar palestras, exposições e demais atividades culturais; • Compor um arquivo que dê suporte para pesquisas diversas. • Contribuir com a valorização, desenvolvimento e preservação da cultura Ibiapinense pela comunidade; • Sensibilizar o cidadão Ibiapinense para que se oponha a qualquer tipo de discriminação; • Contribuir com a inclusão social da comunidade. <p>O Museu Cevaci possui um arquivo e uma biblioteca. É um dos componentes da Rede Cearense de Museus Comunitários.</p>			
Referências Patrimoniais: Objetos históricos, saberes, crenças e histórias de Ibiapina.			
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições – duas ou três ao ano. Exemplos: Exposição “O abandono aos museus na serra da Ibiapaba” - peças e fotos da trajetória do Museu CEVACI (05/2012); Exposição “Expedito Melo um marco de cultura” – diversas coleções (05/2014); Exposição “Expedito Melo: um marco de cultura” (12-18/05/2014, Studio Ibiapina); Exposição “Maria e Nicolau: uma vida de preservação” - estilo de montagem intitulado “Veja com outros Olhos” exclusiva do artista Antônio Carlos (05/2015), Exposição “Inspiração e fortaleza a luta”- coleção de objetos e fotos das etnias indígenas do Ceará (09/2015), entre outras;</p> <p>Palestras no museu e em escolas, Capoeira, Jiu Jitsu, Muay thai, Plantação de mudas para doação, Replanteio das matas destruídas, Eventos recreativos (Dia da Criança na Comunidade, entre outros), Curso de desenho, violão em várias comunidades;</p> <p>Participação em Eventos: 10ª, 12ª a 14ª <u>Semana Nacional de Museus (IBRAM)</u>, com Exposição “O abandono aos museus na serra da Ibiapaba”, Lançamento do DVD “Crak de Capoeira”, Apresentação de capoeiristas, Visita Guiada aos pontos turísticos da cidade, Inauguração do novo site do Museu, Palestra do Prof. Alexandre: “Drogas - uma violência primeiro ao seu corpo e depois aos Museus” (14-17/05/2012); Exposição “Expedito Melo um marco de cultura”, Visita às coleções de pontos turísticos abandonados – com o historiador Antonio Carlos Alves, Palestra sobre artes marciais com os palestrantes Dario da Academia Gold Thai, professores Paulo, Gildo da Benção Capoeira e Jose Antonio KT, Exibição de filme mostrando as atividades realizadas pelo Museu (12-18/05/2014, atividades realizadas no COOPAMIL, Academia Gold Thai); Plantio de mudas nativas as margens dos rios e distribuição de mudas nas sedes do CEVACI, Sindicatos, comércios e escolas, Apresentação de trabalhos feitos com materiais recicláveis, Exibição de filmes educativos para adultos e crianças com o tema “Preservando o Meio</p>			

Ambiente”, Exposição “Maria e Nicolau: uma vida de preservação”, Visitação de pontos da cidade que praticam ou não alguma ação de conservação do meio ambiente, Palestra “Superação física e mental para criar uma sociedade sustentável”, com Mestre Kim - Kung Fu (18-23/05/2015), Plantio de mudas nativas as margens dos rios e entrega em sedes das comunidades rurais, Exibição de Filme - Campanha de Combate à Homofobia, Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e das Raças Indígenas da América, Exibição dos pontos turísticos de Ibiapina durante os últimos 20 anos, Palestra com o Mestre Kim - Kung Fu (16-25/05/2015); 6ª e 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Exposição de fotos, jornais e outros documentos, com a história das condições dos museus, Palestra “A Função Social dos Museus”, apresentada pelos alunos do Curso de Esportes Olímpicos, Visita Guiada aos monumentos públicos e históricos de Ibiapina e Apresentação de pesquisa sobre o tema “A Função Social dos Museus na serra na Ibiapaba” (24-28/09/2012, atividades realizadas no Studio Ibiapina, no Coopamil e no Centro de Treinamento); Exibição de filme com apresentações e Toré das diversas etnias do Ceará, Exposição “Inspiração e fortaleza a luta”, (21-25/09/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Diversas atividades realizadas pelo Museu Cevaci, como coleta e registro de bens e atividades culturais, entre outras.

Referências Bibliográficas:

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA IBIAPINENSE. **Blogspot**. Disponível em: <http://cevaciong.blogspot.com.br/>. Acesso: 15 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus**. Brasília: IBRAM, 2012, p.58. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf> . Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas**. Brasília: IBRAM, 2013, p.35. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações**. Brasília: IBRAM, 2012, p.68. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões**. Brasília: IBRAM, 2014, p.311-312. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável**. Brasília: IBRAM, 2015, p.80. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. **14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais**. Brasília: IBRAM, 2016, p.61. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU CEVACI. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.cevacj>. Acesso: 15 mar. 2017.

MUSEUS Br. **Museu Centro de Valorização da Cultura Ibiapinense**. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8002/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Referência da Imagem: Participação no II Encontro de Solidariedade (01/2017). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=716954878462477&set=ms.c.eJwIx8kNADAIA7CNKo6QwP6LVQj~%3BLQcUjK6pnnjaJ63BoOGu7H0E72itIX2fWgz~.bps.t.100006021276684&type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 129	Denominação: Ponto de Memória – Museu Comunitário Boi da Floresta Data de Criação: 2012 (?) Endereço: Rua Tomé de Souza, 101 - Floresta – Liberdade, São Luís/MA Tel.: (98) 3251-9222 / 9882-28756 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Sociedade Junina Turma de São João Batista Parceiros(as)/apoio: Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Museu Comunitário Boi da Floresta - preservação de saberes e ofícios com promoção de conhecimentos para toda a comunidade da Floresta e Liberdade, possibilitando a transmissão de conhecimentos para as gerações futuras”) Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: toda 5ª feira e aos sábados É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em um salão no quintal da casa do Mestre Apolônio		
E-mail Institucional: boidaforesta@yahoo.com.br Website ou Blog: http://www.boidaforesta.org/ Rede Social: https://www.facebook.com/boidaforestama/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória		
Histórico: <p>O Bumba Meu Boi é uma das festas folclóricas brasileiras mais tradicionais. Pesquisas indicam que festejo teve origem no nordeste no século XVII, durante o Ciclo do Gado, quando o boi tinha grande importância simbólica e econômica. A lenda conta a história de um casal de escravos, Pai Francisco e Mãe Catirina, que em sua gravidez deseja comer a língua de um boi, o que leva o marido a matar o boi mais bonito de seu senhor. Ao perceber a morte do animal, o dono da fazenda convoca padres, curandeiros e pajés para ressuscitá-lo, e quando o boi volta à vida, toda a comunidade celebra. A lenda está enraizada no catolicismo popular - devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal – e também agrega cultos religiosos afro-brasileiros do Maranhão – orixás - e indígenas – encantados.</p> <p>A encenação envolve a figura central do boi e diversas outras manifestações culturais, como performances dramáticas, musicais e coreográficas, artesanatos - bordados e instrumentos musicais. Suas músicas reúnem vários estilos brasileiros (aboios, toadas, repente, canções pastoris e cantigas). A encenação é feita principalmente nos meses de junho e julho, durante as festas juninas, mas também é realizada em outras épocas do ano.</p> <p>O Bumba-meu-boi inicialmente sofreu grande repressão por parte das elites nordestinas por ser uma festa de origem escrava, chegando a ser proibido entre 1861 e 1868. Em dezembro de 2009, o Governo Federal instituiu o dia 30 de junho como Dia Nacional do Bumba-meu-boi, por meio da Lei nº 12.103, e em 2011 o bumba-meu-boi do Maranhão foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil.</p> <p>O Boi da Floresta, também conhecido como Boi de Apolônio, foi fundado em 1972, por iniciativa do Mestre Apolônio Melônio – que já havia fundado os bois de Viana, São Francisco e Pindaré – e do padre Italiano Giovanni Gallo, pároco do bairro Floresta. O grupo recebeu o nome de Turma de São João Batista, em homenagem ao município maranhense de São João Batista, onde nasceu mestre Apolônio. Até hoje o nome jurídico Sociedade Junina Turma de São João Batista permanece. No entanto, o grupo ficou conhecido publicamente como Boi de Apolônio ou Boi da Floresta.</p> <p>O Boi da Floresta foi reconhecido pelo IBRAM/MinC como Ponto de Memória e Ponto de Cultura/Pontinho de Cultura, e se apresenta também como Museu Comunitário. As atividades realizadas refletem seus objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Combater a violência e a criminalidade (Floresta é um bairro com grande incidência de criminalidade) por meio de projetos socioculturais; • Capacitar jovens e adolescentes por meio de oficinas trimestrais; • Trabalhar a cultura popular de forma lúdica; • Preservar a memória e o acervo do Museu Comunitário do Bumba Meu Boi da Floresta de Mestre Apolônio. <p>O Museu está sediado em um salão no quintal da casa do Mestre Apolônio. Além do espaço expositivo há uma biblioteca para pesquisas, apoio pedagógico e laboratório onde são realizadas aulas de informática.</p>		

<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Cultura material e imaterial relacionada ao Bumba-meu-boi: indumentárias, toadas, chapéus dos caboclos, testeira, caretas de cazumba, esculturas</p>
<p>Atividades Desenvolvidas:</p> <p>Exposição;</p> <p>Projeto " Uma tarde no Museu conversando com mestre Apolônio " – roda de conversa com a participação do grupo de dança e percussão do Projeto Floresta Criativa (07/06/2013, Museu Histórico e Artístico do Maranhão);</p> <p>Projeto Floresta Criativa: Oficinas trimestrais de dança, percussão, inclusão digital, confecção de careta de cazumba, bordado com canutilhos e produção de indumentárias em geral;</p> <p>Rodas de Conversa, Exibição de Documentários;</p> <p>Participação em Eventos: Apresentações em diversas partes do Maranhão e do Brasil; 6ª e 9ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com Espetáculo Teatral "40º Mostra dos Rituais Tradicionais do Bumba Meu Boi do mestre Apolonio" - Morte do boi do sotaque da Baixada, ladainhas tradicionais, divisão do bolo, Quebra dos mourões e festas (23-25/09/2012); Espetáculo Teatral "43º Ritual Tradicional do Bumba Meu Boi da Floresta de Mestre Apolonio: Encenação do Teatro popular de rua" (27-28/09/2015, bairro Liberdade e adjacências); 10ª e 11ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Oficina de Tambor de Crioula do Maranhão (19/05/2012, apresentações públicas nas comunidades quilombolas e palafitadas do Bairro Liberdade); Cortejo de Museus com o tema "O Museu vai à Rua", exposição das atividades desenvolvidas pelas instituições museológicas, Roda de Conversa dos Pontos de Memória do Maranhão, Rodada de Tambor de Crioula do Museu Comunitário Boi da Floresta (14-18/05/2013), entre outros.</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Todo o trabalho desenvolvido tradicionalmente pelo Boi da Floresta.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>ALTERNATIVO. Museu da Floresta. O Estado do Maranhão, Alternativo, p.1, 22 mai. 2012. Disponível em: http://imirante.com/oestadoma/online/22052012/pdf/A01.PDF. Acesso em: 23 jan. 2017.</p> <p>BOI DA FLORESTA. Disponível em: http://www.boidaforesta.org/. Acesso em: 23 jan. 2017.</p> <p>BUMBA MEU BOI. Disponível em: http://bumba-meu-boi.info/. Acesso em: 23 jan. 2017.</p> <p>BUMBA-MEU-BOI é destaque em passagem da tocha olímpica. Jornal do Brasil, 11 jun. 2016. Disponível em: http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/06/11/bumba-meu-boi-e-destaque-em-passagem-da-tocha-olimpica/. Acesso em: 23 jan. 2017.</p> <p>BUMBA Meu Boi da Floresta do Mestre Apolônio. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/boidaforestama/. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf. Acesso em: 6 jan. 2014.</p> <p>_____. 6ª Primavera dos Museus: A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.73. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf. Acesso em: 6 mai. 2015.</p> <p>_____. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.40. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>_____. 10ª Semana de Museus: Museus em um mundo em transformação – novos desafios, novas inspirações. Brasília: IBRAM, 2012, p.81. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia-10-semana-de-museus.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p> <p>_____. 11ª Semana de Museus: Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.86. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 6 mai. 2015.</p> <p>Referência da Imagem: Roda de Conversa sobre o auto do Bumba Meu Boi com alunos de arteterapia do RJ (06/2016). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/boidaforestama/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 23 jan. 2017.</p> <p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 130	Denominação: Museu das Ilhas Data de Criação: 09/2013 Endereço: Rua Salomão Pires Abrahão, 160, Ilha da Pintada, Bairro Arquipélago, CEP 90090-310, Porto Alegre/RS. Tel.: (51) 3211-6208 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Associação Art'Escama, Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS)</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão da Curso de Museologia da FABICO/UFRGS, CESMAR/ Rede Marista, CAR ILHAS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Turismo, Sistema Estadual de Museus (SEM/RS), Governo dos Açores/Portugal Insular e Continental, Centro Administrativo do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS), Instituto Cultural Portugues/RS, ICPRS, CAERGS, AVESOL, Programa Pontos de Memória (IBRAM), empreendedores e pequenos empreendedores na área do Turismo e gastronomia, entre outros.</p> <p>Recursos: Livro Ouro, doações, contribuições dos sócios fundadores e Projetos</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:</p> <p>Ingresso:</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento:</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu:</p> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td data-bbox="240 981 1177 1104"> E-mail Institucional: museudasilhaspoa@gmail.com Website ou Blog: http://museudailhadapintada.org/ Rede Social: https://www.facebook.com/Museu-das-Ilhas-97820623226945/ </td> <td data-bbox="1177 981 1385 1104" style="text-align: center;"> Logotipo </td> </tr> </table>			E-mail Institucional: museudasilhaspoa@gmail.com Website ou Blog: http://museudailhadapintada.org/ Rede Social: https://www.facebook.com/Museu-das-Ilhas-97820623226945/	Logotipo
E-mail Institucional: museudasilhaspoa@gmail.com Website ou Blog: http://museudailhadapintada.org/ Rede Social: https://www.facebook.com/Museu-das-Ilhas-97820623226945/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu de Percurso, Museu de Rua				
<p>Histórico:</p> <p>A demanda por um Espaço Cultural e pelo resgate das raízes culturais luso-brasileiras para a comunidade da Ilha da Pintada (bairro Arquipélago) é uma luta empreendida desde os anos 1980 – aliada a outras lutas com o intuito de garantir trabalho e geração de renda -, e envolve diversos atores sociais e instituições. Nos anos 1990 foi criado o Espaço de Cultura no Centro de Tradições Gaúchas - CTG Madrugada Campeira (na época Ivo Schmitt), onde em 1998 foi inaugurada a Sala Açoriana Manoel Fonseca, que passou a integrar o Patrimônio Cultural do RS. Houve um movimento para que a sala fosse transformada em um museu, mas a proposta não teve continuidade e por diversas razões o espaço foi perdendo sua potência. Em 2010, por meio de recursos da Fundação Banco do Brasil, o espaço foi reformado, e atualmente sedia o Museu das Ilhas, além do Ateliê da Associação Art'Escama e uma loja.</p> <p>Em 2010 foi realizado um curso sobre Eco-turismo no espaço do Almirante Barroso, onde foi desenvolvido um mapa com uma Rota Histórica. Posteriormente o Curso de Museologia da UFRGS foi convidado pela Associação Art'Escama para criar um Ecomuseu na Ilha da Pintada - por se tratar de uma área de preservação ambiental, dentro do Parque Estadual do Delta do Jacuí. A Rota Histórica foi então batizada como um Museu de Percurso, que começou a ser desenvolvido pelas instituições (professores, estudantes e pesquisadores) e pela comunidade por meio do Projeto "Ilha da Pintada: mulheres, trabalho & memória" – experiência de ecomuseu. Posteriormente a comunidade solicitou a sua expansão para as demais ilhas do Bairro Arquipélago.</p> <p>O Museu da Ilha da Pintada, atualmente Museu das Ilhas, foi criado a partir do interesse da própria comunidade e por isso apresenta-se como museu comunitário. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Constituir-se em lugar em que as pessoas se reconheçam como sujeitos e atores - testemunhas do seu passado, protagonistas do território que habitam e responsáveis pela criação de uma nova realidade social; • Resgatar histórias e histórias locais, memórias e tradições açoriana, indígena e afrodescendente, dentre outras, valorizando as narrativas das pessoas em relação ao seu passado; • Reconhecer o território e valorizar o patrimônio material e imaterial das Ilhas - legitimado pela comunidade; • Empoderar e melhorar a qualidade de vida dos moradores do bairro Arquipélago (Porto Alegre/RS) e Bairro Picada Norte (Eldorado do Sul/RS); • Registrar e divulgar o patrimônio cultural da comunidade, assim como suas lutas pela sobrevivência, resistência histórica e crença num futuro melhor; • Articular as memórias e o patrimônio cultural à construção de um presente mais inclusivo e solidário, contribuindo assim para o desenvolvimento social da comunidade; • Desencadear um processo de construção alternativa de Turismo Sustentável para as comunidades das ilhas do Delta do Jacuí, com a permanência dos seus habitantes e da atividade pesqueira. 				

Reconhece-se que ainda há obstáculos a serem enfrentados pelo Museu para sua consolidação como museu comunitário que integre e formalize uma Rede de ações conjuntas.

Referências Patrimoniais:

Patrimônios materiais e imateriais da comunidade: objetos, mitos, lendas, benzedeadas (Leoni Gonçalves Pereira, entre outras), memórias, espaços sociais e culturais (Comissariado da Ilha Pintada, Centro de Umbanda Reino de Iemanjá e Oxóssi, Associação Escola de Samba Afro cultural Unidos do Por do Sol, Antenas da Rádio Guaíba etc.), famílias tradicionais (Família Mabilde, entre outras) etc.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: 25 banners sobre a história da Ilha da Pintada - Museu de Percurso/ Museu de Rua; Exposição sobre o imaginário da Ilha da Pintada; Exposição da Devolução ao Divino Espírito Santo;

Rodas de Memórias, entre outras.

Ações de Preservação:

Pesquisa documental, realização de entrevistas etc.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

MUSEU DAS ILHAS. Disponível em: <http://museudailhadapintada.org/>. Acesso em: 30 abr. 2017.

_____. **Fanpage:** Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-das-Ilhas-978206232226945/>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe de Exposição – Museu de Rua e Polo Marista Formação Tecnológica. Disponível em: <https://www.facebook.com/978206232226945/photos/a.1265368350177397.1073741834.978206232226945/1265398240174408/?type=3&theater>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
131

Denominação: Memórias do Cerro Corá

Data de Criação: 2013

Endereço: Cosme Velho, Rio de Janeiro/RJ

Tel.:

Situação atual: e funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Grupo Cerro Corá Moradores em Movimento

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Obtidos por meio de rifas, venda de camisetas e colaboração de cada integrante do grupo; Campanha Online de Financiamento – website Benfeitoria (Projeto Comunitário Cerro Corá)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/Mem%C3%B3rias-do-Cerro-Cor%C3%A1-485648594816054/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

O Grupo Cerro Corá Moradores em Movimento surgiu em 2013 com jovens moradores da Favela Cerro Corá, localizada no bairro Cosme Velho/ RJ, abaixo do Cristo Redentor, e colaboradores, que passaram a realizar ações e lutas relacionadas com direitos humanos e cultura popular na favela, conscientizando-a sobre seus direitos, realizando debates políticos e mobilizando-a em torno de objetivos comuns dos moradores. O projeto teve início com a ocupação da Associação de Moradores do Cerro Corá, que há alguns anos estava subutilizada. O espaço foi aos poucos reaberto para os moradores.

Em 2013 foi realizada uma exposição de fotos e vídeos-depoimentos recolhidos com os próprios moradores, ação que resultou na criação do Projeto “Memórias do Cerro Corá”, que originará o museu comunitário do morro. No ano seguinte o grupo transformou uma das salas da associação de moradores em uma biblioteca, com livros doados por moradores e parceiros. Neste espaço são realizadas contações de história e leitura para as crianças. No mesmo ano foi realizada uma reforma no espaço por meio de mutirão (em 2015 a associação passou por outra reforma realizada por outra organização). Posteriormente foi criado o CineMorrão.

Em 2016 o Grupo criou uma campanha de arrecadação online no website Benfeitoria com o intuito de reestruturar o espaço da biblioteca, comprar os equipamentos necessários para a realização das atividades e a estruturação necessária para a construção de um “museu do morro e para o morro” (PROJETO COMUNITÁRIO [...], 2016), com os objetivos de:

- Atuar como espaço onde a favela tenha voz e possa se articular;
- Preservar as memórias e contar a história local;
- Valorizar a cultura da Favela Cerro Corá.

Referências Patrimoniais:

Memórias, histórias e cultura da Favela Cerro Corá.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição “**Memórias do Cerro Corá**” - fotos antigas coletadas com os moradores e vídeos-depoimentos de moradores antigos (2013);

Inauguração da biblioteca comunitária – com contação de história, pintura, jogos, exibição de filme e a Exposição “**Memórias do Cerro Corá**” (20/12/2014);

Tardes de Leitura com contação de histórias, Mutirão no morro para a retirada do lixo;

CineMorrão (cine clube - exibição de filmes e debate com os moradores): Exibição do filme “O Estopim” – sobre o desaparecimento do pedreiro Amarildo na favela da Rocinha em julho de 2013, entre outros.

Ações de Preservação:

Organização, higienização e catalogação dos livros;

Levantamento de registros fotográficos realizado pelo grupo junto aos moradores (2013) etc.

Referências Bibliográficas:

MEMÓRIAS DO CERRO CORÁ. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Mem%C3%B3rias-do-Cerro-Cor%C3%A1-485648594816054/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PEREGRINO, Mariane. CERRO CORÁ: inauguração da biblioteca comunitária e exposição fotográfica da comunidade. **ANF** - Agência de Notícias das Favelas, 23 dez. 2014. Disponível em: <http://www.anf.org.br/cerro-cora-inaugura-biblioteca-comunitaria-e-faz-exposicao-fotografica/>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PROJETO COMUNITÁRIO CERRO CORÁ. **Benfeitoria**. Disponível em: <https://benfeitoria.com/cerrocora>. Acesso em: 26 jan. 2017.

Referência da Imagem: Faixa de divulgação da 1ª Mostra de Fotos e Vídeos Antigos e Atuais. Disponível em: <https://benfeitoria.com/cerrocora>. Acesso em: 26 jan. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 132	Denominação: Museu Integral da Comunidade de São Vitor	
	Data de Criação: 2013 Endereço: São Raimundo Nonato/PI Tel.: Situação atual: em funcionamento.	
Entidade(s) Gestora(s): Iniciativas da comunidade e docentes e discentes do curso de Arqueologia e Preservação Ambiental da Universidade Federal do Vale de São Francisco (UNIVASF)		
Parceiros(as)/apoio: iniciativas locais voltadas para o turismo de base comunitária, docentes e discentes do curso de Arqueologia e Preservação Ambiental da Universidade Federal do Vale de São Francisco (UNIVASF), Associação de Moradores, Associação de Produtores Rurais, entre outros.		
Recursos: Projeto de Extensão “Museu Integral da Comunidade de São Vitor: Diálogos entre Memória Social, Multivocalidade e Experimentação Museológica” - UNIVASF (2015-2016)		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em um espaço doado pela Associação de Moradores		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Caráter Comunitário		
Histórico: <p>São Vitor está localizada na zona rural do município de São Raimundo Nonato, interior do estado do Piauí. É uma comunidade oriunda de uma fazenda homônima, “uma famosa unidade escravagista” (MAGESTE; ASSIS; MENDES, 2015, p.51). Além de heranças do período colonial, existem na região sítios arqueológicos e paleontológicos, que são ressignificados cotidianamente pela comunidade. Trata-se de uma região caracterizada por intensa organização popular, negociações e lutas por melhores condições de vida.</p> <p>As ações desenvolvidas para a consolidação do Museu Integral da Comunidade de São Vitor são frutos de uma parceria entre a comunidade (iniciativas voltadas para o turismo de base comunitária), docentes e discentes do curso de Arqueologia e Preservação Ambiental da Universidade Federal do Vale de São Francisco (UNIVASF), um trabalho de extensão desenvolvido a partir de 2013.</p> <p>O Museu Integral da Comunidade de São Vitor, de caráter comunitário e participativo, está sediado em um espaço doado pela Associação de Moradores, e tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a história e o protagonismo da comunidade de São Vitor; • Contribuir com o desenvolvimento local 		
Referências Patrimoniais: <p>Patrimônios culturais e ambientais: Pedra de São Vitor (inselbergue), referenciais da memória e identidade dispersos pelo território, narrativas e saberes tradicionais da comunidade, Folia de Reis (Reisado), Forró-Pé-de-Serra, artesanato, Território Quilombola de Lagoas, Sítios Arqueológicos e Paleontológicos, Coleções particulares compostas por fósseis, Casa de Dona Marcionília (liderança local) etc.</p>		
Atividades Desenvolvidas: <p>Exposições, Oficinas, Rodas de conversa etc.</p> <p>Festejos da Comunidade de São Vitor: exposições temáticas, oficinas de artesanato, exibição de vídeos etc.</p>		
Ações de Preservação: <p>Levantamento topográfico das ilhas, registro fotográfico, levantamento das dificuldades de acesso etc.</p> <p>Concepção de Circuitos Turísticos</p> <p>Levantamento histórico e sistemático de fontes orais e escritas</p>		
Referências Bibliográficas: <p>ATHIAS, Isadora Balsalobre. São Vitor: A Trajetória de uma Comunidade: do Associativismo ao Museu Comunitário. In: Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.100.</p> <p>LOPES, Marlos Pereira; CARVALHO, Aldemir Francisco Rodrigues de; BARBOSA, Rômulo Timóteo Macêdo. Desenvolvimento Sustentável e Transformação Social: Turismo de Base Comunitária no Museu Integral de São Vitor,</p>		

São Raimundo Nonato-PI. In: **Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.79.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; ASSIS, Nívia Paula Dias de; MENDES, Patrícia Muniz. Ciência, Sabedoria Popular e Protagonismo Local: O Museu Integral da Comunidade de São Vitor, São Raimundo Nonato-PI. In: **Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.51.

OLIVEIRA, Taliana Silva; ARAÚJO, Carla Ohana de Castro; SOUZA, Diego Ribeiro de. Museu Integral da Comunidade de São Vitor: Ações e Experimentações nos Festejos de São Vitor. In: **Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.83.

UNIVASF. **Projeto de Extensão “Museu Integral da Comunidade de São Vitor: Diálogos entre Memória Social, Multivocalidade e Experimentação Museológica”**. 2015. Disponível em: http://proex.univasf.edu.br/wp-content/uploads/8016_PROJETO-DE-EXTENS%C3%83O.pdf. Acesso em: 10 nov. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 562" rowspan="2"> Ficha: 133 </td> <td data-bbox="751 315 1385 383"> Denominação: Museu Quilombola do Ipiranga </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 389 1385 562"> Data de Criação: 2013 Endereço: Comunidade Quilombola de Ipiranga, Conde/PB. Tel.: (83) 9358-0699 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 133	Denominação: Museu Quilombola do Ipiranga	Data de Criação: 2013 Endereço: Comunidade Quilombola de Ipiranga, Conde/PB. Tel.: (83) 9358-0699 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 133	Denominação: Museu Quilombola do Ipiranga			
	Data de Criação: 2013 Endereço: Comunidade Quilombola de Ipiranga, Conde/PB. Tel.: (83) 9358-0699 Situação atual: em funcionamento.			
Entidade(s) Gestora(s): Associação da Comunidade Quilombola do Ipiranga				
Parceiros(as)/apoio: Prefeitura Municipal de Conde - Secretaria de Planejamento, TRAMA (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFPB)				
Recursos: Prefeitura Municipal de Conde - Secretaria de Planejamento				
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:				
Ingresso: R\$5,00				
Obs.: entrada gratuita para a comunidade quilombola local				
Funcionamento:				
É necessário agendar a visita? () sim () não				
Estrutura física do Museu:				
E-mail Institucional: anapretaquilombola@gmail.com Websíte ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Quilombola, Museu Comunitário				
Histórico: <p>A comunidade do Ipiranga, localizada na cidade do Conde (PB) – a cerca de 22 Km de João Pessoa – é formada por cerca de 120 famílias, e foi reconhecida como área remanescente de quilombo (Ministério da Cultura) em 2004. A comunidade foi formada durante o Brasil Império (século XIX), por quilombolas oriundos dos estados de Pernambuco, Sergipe e Alagoas.</p> <p>O Museu Quilombola do Ipiranga, ou Museu Novo Quilombo, foi instalado pela comunidade em uma tradicional casa de taipa, onde os visitantes são recebidos por crianças (guias mirins) residentes no quilombo. Foi criado com os objetivos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retratar antigas moradias dos quilombos; • Resgatar a cultura quilombola na Paraíba, enfatizando saberes, conhecimentos e promovendo o respeito às matrizes culturais. <p>Além do Museu, o complexo cultural da Comunidade Quilombola de Ipiranga dispõe de artesanato, degustação dos produtos da agricultura familiar, sítios e restaurantes, caminhadas ecológicas, capoeira, ofício das rezadeiras (com explicações sobre as ervas medicinais utilizadas pela comunidade) e o Coco de Roda Novo Quilombo (grupo que realiza as tradicionais festas de coco de roda) localizado no Pavilhão do Coco Mestre do Coco Bitonho, em homenagem ao zabumbeiro do grupo, onde também são realizadas outras atividades educacionais e recreativas.</p>				
Referências Patrimoniais: Histórias e modos de vida quilombolas - religiosidade e vivências; Ambientes vividos (chão de barro batido), móveis, utensílios e outros objetos utilizados pelos antigos: instrumentos de pesca e caça, oratório, girau, cama feita de varas, fogão à lenha, bonecas de pano, pilão, cestarias etc. Plantas medicinais e ornamentais; Coco de Roda, entre outras.				
Atividades Desenvolvidas: Exposição, Oficinas de leitura, Coco de Roda etc.				
Ações de Preservação:				
Referências Bibliográficas: MUSEU QUILOMBOLA DO IPIRANGA - Mini Doc. Youtube , 15 abr. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BMWwYFBRYAQ . Acesso em: 15 fev. 2017. PARAÍBA CRIATIVA. Museu Quilombola . 15 mar. 2016. Disponível em: http://www.paraibacriativa.com.br/artista/museu-quilombola/ . Acesso em: 15 fev. 2017.				

COCO DE RODA NOVO QUILOMBO - Conde/Paraíba. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/cocoderodanovoquilombo/>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Referência da Imagem: Coco de Roda Novo Quilombo, ao fundo sede do Museu. Crédito: Guilherme Artigas. Disponível em: <https://www.facebook.com/cocoderodanovoquilombo/photos/a.1792598480971473.1073741830.1676050905959565/1792599830971338/?type=3&theater>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
134

Denominação: Museu Comunitário da Serra do Evaristo

Data de Criação: 25/09/2013

Endereço: Serra do Evaristo, s/n, Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, Zona Rural, CEP 62760-000, Baturité/CE.

Tel.: (85) 9645-0054 / 9128-8556

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo

Parceiros(as)/apoio: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-CE), Suzenilson Kanindé (Museu Indígena Kanindé)

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Ações de identificação, registro e difusão do patrimônio cultural imaterial da comunidade quilombola da Serra do Evaristo”)

Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$4,00

Obs.:

Funcionamento: 3ª feira a domingo, das 10 às 16 horas.

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O museu foi instalado em uma pequena sala construída no cume da Serra, feita com detalhes de cerâmica e madeira.

E-mail institucional: evaristoquilombola@yahoo.com.br, evaristoquilombola@hotmail.com

Website ou blog:

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseu.evaristo>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br), Museu Comunitário, Ponto de Memória

Histórico:

A Comunidade Kolping Quilombola da Serra do Evaristo está localizada no Maciço de Baturité (Baturité/CE), a cerca de 90 Km de Fortaleza. É formada por cerca de 140 famílias e certificada pela Fundação Palmares.

O Museu Comunitário da Serra do Evaristo, ou Ecomuseu do Evaristo, é fruto de uma pesquisa e escavações realizadas pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN-CE e pela população local - estudantes dos ensinos fundamental e médio – iniciadas em março de 2012 em um sítio funerário, de onde foram coletados inúmeros vestígios materiais pré-históricos. O museu foi instalado em uma pequena sala construída no cume da Serra, feita com detalhes de cerâmica e madeira, e tem como objetivos:

- Preservar o acervo arqueológico e socializar os resultados da pesquisa arqueológica;
- Contribuir para os estudos sobre os modos de vida (doenças, tipo de alimentação, hábitos, rituais funerários etc.) da população que habitou a região a séculos atrás e outros aspectos da região (vegetação nativa, entre outros).

Em 2014 o Museu foi reconhecido como Ponto de Memória pelo IBRAM.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Museu Comunitário da Serra do Evaristo (preservado *in loco*) é formado por vestígios arqueológicos diversos, como: urnas funerárias, machadinhos polidos, fusos, fragmentos de recipientes cerâmicos, ossos de animais como tatus, lagartos, peixes, pequenos carnívoros e aves, entre outros inúmeros vestígios com mais de 700 anos (entre 1280 e 1390).

Atividades desenvolvidas:

Exposição dos vestígios fruto da escavação arqueológica;

Inauguração do Museu - que contou com missa, apresentação artística e um seminário organizado pela própria comunidade, onde foi relatado o processo que culminou no salvamento do sítio arqueológico e na construção do museu (25/09/2013);

Oficina de Inventário Participativo - juntamente com representantes do Museu Indígena Kanindé (06-07/12/2013, 17-18/01/2014, ministrada por João Paulo Vieira - consultor do Programa Pontos de Memória);

Visitas Guiadas.

Obs.: A comunidade organiza diversos outros eventos e atividades, como Rodas de Capoeira, Seminários sobre Comunidades Quilombolas, Festividades em comemoração ao Dia da Consciência Negra etc.

<p>Ações de Preservação:</p> <p>Pesquisas e Preservação do acervo arqueológico.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>ECO MUSEU EVARISTO. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseu.evaristo. Acesso: 15 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Editais Nº 04/2015 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015. Acesso em: 11 set. 2015.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8958/. Acesso: 14 mar. 2017.</p> <p>REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. Indígenas e quilombolas realizam inventário participativo das referências culturais em seus territórios. 14 dez. 2013. Disponível em: http://museuscomunitarios.wordpress.com/2013/12/14/179/. Acesso em: 15 jan. 2014.</p> <p>MUSEU Comunitário no interior do Ceará reúne achados arqueológicos. Portal Brasil, 24 set. 2013. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/09/museu-comunitario-no-interior-do-ceara-reune-achados-arqueologicos. Acesso: 15 mar. 2017.</p>
<p>Referência da Imagem: Sede do Museu. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseu.evaristo. Acesso: 14 mar. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
135

Denominação: Ecomuseu do Cipó

Data de Criação: 2005

Endereço: Fazenda Cipó, s/n, Rodovia MG 010 km 94, Distrito de São José de Almeida, CEP 35835-000, Jaboticatubas/MG.

Tel.: (31) 3718-7120 / 9986-6452 / 9741-1065 / 9648-4039

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): ONG Baí (Educação, Cultura e Meio Ambiente) - grupo gestor composto por pessoas da comunidade e profissionais de diversas áreas

Parceiros(as)/apoio: Secretaria Estadual de Cultura de Minas Gerais (SEC-MG), Petrobras, Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais (SUMAV-MG), Prefeitura Municipal de Jaboticatubas, Prefeitura Municipal de Santana do Riacho, Conselho de Patrimônio de Jaboticatubas, Subcomitê da Bacia Hidrográfica do Rio Cipó – SCBH Rio das Velhas, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA-MG), Faculdade de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Promotora Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico – MG, Austen Processos Metalúrgicos, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), Associação Imagem Comunitária (AIC), SEBRAE – MG (Catálogo de Negócios da Serra do Cipó), Conselho da Fazenda do Cipó, Instituto Educacional Neusa Rocha, Colégio Rouxinol Parque Nacional da Serra do Cipó, Fundação Casa de Cultura - Conceição do Mato Dentro, Mercadinho Tá Caindo Fulô, escolas da região, entre outros.

Recursos: Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais 2010, 2011 e 2013 (ação Música na Serra) e 2012 (ação Casa da Glória), Fundo Nacional da Cultura – Ministério da Cultura / FNC-MinC 2012 (ação Agente Jovem de Cultura), Programa Federal de Intercâmbio e Difusão Cultural – 2012 (recursos para participação do IV Encontro Internacional de Ecomuseus), Fundo Estadual de Cultura - FEC-MG 2013 (ação Refazenda Cultural), Lei Rouanet / Petrobrás Cultural – 2014 (ação Música na Serra e Inventário), SEBRAE-MG - Catálogo de Negócios da Serra do Cipó 2015 (ação Cipó Fazenda Café), visitas mediadas à Fazenda do Cipó/Ecomuseu do Cipó.

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$ 5,00 para turistas

Obs.: gratuito para moradores da região e escolas públicas.

Marcando com antecedência é possível desenvolver pacotes personalizados, com alimentação e hospedagem, e atender demandas específicas de diversas áreas: competências escolares, artísticas, religiosas, pedagógicas e de lazer.

Funcionamento: 2ª a 6ª, das 9 às 11 horas, e sábado das 9 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está sediado no Espaço Cultural Nhá Rita, na senzala da Fazenda do Cipó

E-mail institucional: ecomuseudocipo@gmail.com / nharita@yahoo.com.br

Website ou blog: www.ecomuseudocipo.com

Rede social: www.facebook.com/ecomuseu.docipo

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (Museus Br)

Histórico:

A Serra do Cipó está localizada nos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho (região central de Minas Gerais), a cerca de 100 km da capital Belo Horizonte e “é um dos conjuntos naturais mais exuberantes” do estado devido à sua “expressiva beleza cênica e atrativos naturais” (ECOMUSEU [...], 2015). A região de Jaboticatubas compõe o Circuito Turístico Parque Nacional da Serra do Cipó, inserido na Estrada Real, e conta com riquíssima e diversificada fauna e flora e uma cultura local expressiva, com diversas manifestações populares. No entanto, “a região vem se constituindo em um palco de mudanças sócio-espaciais ocasionadas pelo fluxo cada vez maior de visitantes”, atraídos pela especulação imobiliária, comércio e atrativos turísticos, principalmente após a criação da Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais e as ampliações no Aeroporto Internacional de Confins – Tancredo Neves. O crescimento urbano e populacional da região somado à “crescente ocupação caracterizada pelas residências de lazer” colocam em confronto “a população local, que ainda guarda vestígios de uma vida rural rica culturalmente com tradições e histórias seculares” e a população urbana, que produz “uma ocupação desordenada e impactante” (ECOMUSEU [...], 2015). Estimulados por essas mudanças ações culturais de salvaguarda e preservação de tradições seculares tem sido desenvolvidas pela população e instituições locais.

Em 2003 foi fundada a ONG BAÍ - Educação, Cultura e Ambiente, com objetivo de “promover a defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao patrimônio cultural, ambiente e direitos humanos; realizar e divulgar pesquisas, estudos e projetos aplicados à defesa do patrimônio cultural e sócio ambiental” (ASSOCIAÇÃO [...], 2016).

Em 2005 uma moradora local e hoje coordenadora do Ecomuseu do Cipó criou o Espaço Cultural Nhá Rita, na senzala da Fazenda do Cipó, com o objetivo de salvaguardar a memória local e a história relacionada à origem das

comunidades da Serra do Cipó. Em 2010, com a ajuda de outros profissionais, o espaço passou a oferecer à população oficinas de música. A ampla participação comunitária originou ações posteriores para o reconhecimento e identidade dessas comunidades, considerando as histórias e riquezas patrimoniais locais, como o evento "Refazenda Cultural", criado com o objetivo de divulgar as manifestações culturais e folclóricas presentes nos municípios que abrangem a Serra do Cipó.

Em 2012, durante o IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (Belém/PA), as ações artísticas e museológicas desenvolvidas há mais de dez anos junto às comunidades foram associadas à concepção de Ecomuseu.

O Ecomuseu do Cipó pretende estimular um pensamento coletivo e interinstitucional a respeito dos problemas regionais, considerando as dimensões ecológicas, sociais, educacionais, culturais, políticas e econômicas locais. Vem se desenvolvendo através de uma gestão participativa, envolvendo as comunidades e com apoio dos setores público e privado. Tem como objetivos:

- Desenvolver programas de preservação do patrimônio local;
- Recuperar "patrimônios naturais, históricos e culturais da Serra do Cipó, visando à emancipação, a sustentabilidade e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e comunidades envolvidas" (MUSEUS BR, 2017);
- Estimular a participação de diferentes representações locais, a partir do conceito de "cultura viva";
- Valorizar e salvaguardar o "patrimônio vivenciado no cotidiano pela comunidade, com seus saberes, suas relações de afeto, de poder e de luta".

O espaço museológico da Fazenda do Cipó possui ainda arquivo e biblioteca.

Referências Patrimoniais:

O acervo do Ecomuseu do Cipó é composto por patrimônios materiais e imateriais, como: edificações históricas da Fazenda do Cipó, acervo do Espaço Cultural Nhá Rita (objetos e fragmentos documentais de diversas épocas da história mineira), folias de reis, sabedorias populares medicinais, modas de violas, memórias dos antigos, modos de produção etc. Considera ainda os patrimônios naturais, como o bioma do cerrado, o Rio Cipó e seus afluentes, a fauna e a flora da região etc.

Rota do Ouro e dos Diamantes – Caminho entre Curral Del Rey e a Serra do Cipó.

Atividades desenvolvidas:

Visitas Mediadas - recebendo escolas e grupos com roteiros personalizados, como noite astronômica, trilhas no cerrado, passeios históricos, entre outros;

Espaço Cultural Nhá Rita, Música na Serra (aulas de música), Refazenda Cultural (evento), Cipó Fazenda Café (café colonial na Casa Grande da Fazenda do Cipó), Oficinas de artes plásticas, patrimônio e cultura, Apresentações culturais da região;

Mostras de Cultura com a produção das oficinas;

Organização de Eventos: V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG);

Participação em Eventos: IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (2012, Belém/PA), entre outros.

Ações de Preservação:

Inventário Comunitário da Serra do Cipó – registro de histórias orais das personalidades locais e pesquisa em documentos históricos;

Publicação do Boletim Cipoal de Ideias;

Gravação e Lançamento do CD "Alegria, amizade, correria, muita água" na Fazenda do Cipó com as comunidades do entorno;

Publicação do Calendário Sócio Cultural;

Registrar fotográfico e audiovisual de todas as ações do Ecomuseu;

Elaboração do Banco de Dados Cultural da Serra do Cipó, com vídeos, documentos, pesquisas históricas, fotografias e áudios referentes à Memória local.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

ECOMUSEU DO CIPÓ - Folder. Jaboticatubas/MG: Ecomuseu do Cipó, 2015.

Facebook: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseu.docipo?fref=ts>. Acesso: 15 mar. 2017.

JABOTICATUBAS: uma cidade recheada de histórias e belezas naturais - Folder. Jaboticatubas/MG: Prefeitura de Jaboticatubas. Acesso em: 27 fev. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu do Cipó. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6144/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da Sede do Ecomuseu. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1902954859939750&set=pb.100006757631213.-2207520000.1488206882.&type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 136	Denominação: Associação Ambiental Oitica
	Data de Criação: Endereço: Rua Padre Zacarias, 232, Centro, Quixeré/CE, CEP 62920-000 Tel: (88) 3443-1252 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Associativismo	
Parceiros(as): Grupo de Amigos da Natureza, voluntários	
Recursos: equipe multidisciplinar de voluntários	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	

E-mail Institucional: aaoitica@oitica.org , eliscastro74@gmail.com Website ou Blog: http://www.associacao-ambiental-oitica.org/ Rede Social: https://www.facebook.com/associacaooitica/?fref=ts	Logotipo
--	--

Categorias Propostas:
Histórico: A Associação Ambiental Oitica é uma instituição engajada na área de Preservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, que atua principalmente na observação de abusos contra a natureza, na sensibilização da coletividade e contribuindo com ações de saneamento e fiscalização em áreas de proteção ambiental.
Referências Patrimoniais: Patrimônio Natural.
Atividades Desenvolvidas: campanhas de sensibilização sobre o impacto da atividade humana na natureza, voltadas à população em geral ou a grupos específicos, a fim de minimização os impactos ambientais e sociais. Exemplos: <ul style="list-style-type: none"> • Não trate a floresta como o caixote de lixo da sua casa; • Animais Selvagens ≠ Animais de Companhia; • A Fauna e a Flora Brasileira tem que ser respeitada; • Respeito pela Natureza; • Dê o destino adequado ao lixo; • Evite o desperdício de água; • Não acumule lixo em casa, na rua, nos quintais e não deixe proliferar moscas e mosquito, mantendo tudo limpo e seco à sua volta; • Ajude no combate às endemias.
Ações de Preservação: Identificação e Diagnóstico dos problemas de Sustentabilidade Ambiental e concepção e implementação de ações de recuperação das espécies em risco, contra a poluição e pela proteção de rios córregos e lagoas: uso indevido dos mananciais, solos e encostas, diagnóstico das vulnerabilidades ambientais no município etc.; Ações permanentes de conscientização para despoluição e preservação do rio velho; Preservação das Áreas de Proteção Ambiental no Município de Quixeré; Conscientização para o uso sustentável da área de Lazer da barragem e seu entorno no rio Quixeré; Manutenção de áreas verdes com plantas frutíferas nos quintais caseiros; Redução, Reuso e Reciclagem de materiais descartáveis, resíduos sólidos e demais poluentes.
Referências Bibliográficas: ASSOCIAÇÃO Ambiental Oitica. Disponível em: http://www.associacao-ambiental-oitica.org/ . Acesso em: 02 mai. 2017. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 137	Denominação: Museu Comunitário Memorial do Divino de Porto Grande	
	Data de Criação: 2013 (?) Endereço: Rua Principal, 39, Distrito Porto Grande - Zona Rural, São Luís/MA Tel.: (98) 8437-0161 / 9133-9642 Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s): Centro Cultural Divino Espírito Santo do Porto Grande		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Museu Comunitário Memorial do Divino de Porto Grande”)		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: ursocarema@hotmail.com Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Comunitário		
Histórico: <p>O Centro Cultural Divino Espírito Santo do Porto Grande é uma associação privada fundada em março de 2004, cuja atividade principal é atuar em defesa dos direitos sociais.</p> <p>Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.</p>		
Referências Patrimoniais: <p>Festejo do Divino Espírito Santo de Porto Grande e cultura material e imaterial associada.</p>		
Atividades Desenvolvidas: <u>Exposições:</u> <p>Participação em Eventos: 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com Exposição de vestuário, objetos e símbolos referentes ao festejo do divino espírito santo de Porto Grande (22-27/09/2014).</p>		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: <p>CENTRO CULTURAL DIVINO ESPIRITO SANTO DO PORTO GRANDE. Econodata. Disponível em: http://www.econodata.com.br/lista_empresas/MARANHAO/SAO-LUIS/C/06229631000163-CENTRO-CULTURAL-DIVINO-ESPIRITO-SANTO-DO-PORTO-GRANDE. Acesso em: 03 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/. Acesso em: 23 out. 2015.</p> <p>_____. 8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.33. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.</p>		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 138	Denominação: Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás	
	Data de Criação: 2013 (?) Endereço: Rua Frei Osvaldo, 56B, Vila dos Frades, Coroadinho, São Luís/MA Tel.: Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s): Associação Cultural e Beneficente Santa Luzia		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 (Projeto “Museu Comunitário da Cultura Popular Tambores e Maracás”)		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Comunitário		
Histórico: A Associação Cultural e Beneficente Santa Luzia é uma associacao privada fundada em novembro de 2002, com nome fantasia de “Bumba-Meu-Boi Original”. Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.		
Referências Patrimoniais:		
Atividades Desenvolvidas:		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE SANTA LUZIA (São Luís). Disponível em: http://wikimapia.org/25915367/pt/Associa%C3%A7%C3%A3o-Cultural-e-Beneficente-Santa-Luzia . Acesso em: 23 out. 2016. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/ . Acesso em: 23 out. 2015.		
Referência da Imagem:		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 139	Denominação: Ecomuseu do Valério Data de Criação: 2013 (?) Endereço: Cachoeiras de Macacu/RJ Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: ecomuseudovalerio@gmail.com Website ou blog: https://ecomuseudovalerio.wordpress.com/ Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudovalerio/		Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu de Território		
Histórico: <p>O bairro do Valério está na região serrana do município de Cachoeiras de Macacu.</p> <p>O Ecomuseu do Valério, ou "Ecomuseu Das Artes - Valério" apresenta-se como um processo vivo, em constante formação, aberto a receber novas obras de artistas locais ou amigos do bairro. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar e a valorizar o meio ambiente natural e cultural do bairro e seus arredores; • Incentivar ao desenvolvimento econômico e humano local, a partir do interesse e da ação da comunidade. • Promover o acesso às expressões plásticas da cidade (desde as esculturas rudimentares de Carmem até a pintura realista de Jorge, passando pelo urbanismo experimental dos pintores de poste); • Promover aspectos da Memória local; • Consolidar o território como um espaço das Artes, da Criatividade e da Memória (ECOMUSEU DO VALÉRIO [...], 2017b); • Constituir-se enquanto proposta cultural, ambiental e turística ampla e criativa. <p>O Ecomuseu combina as ações de uma equipe especializada e a criatividade da população local (ECOMUSEU DO VALÉRIO [...], 2017a).</p>		
Referências Patrimoniais: <p>O Ecomuseu do Valério agrega quatro grandes intervenções artísticas feitas por moradores e amigos da comunidade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) O Parque de Esculturas Arca de Noé, da artista Dona Carmem; 2) O painel Leopoldina Railway, do artista argentino Jorge Ricardo Candia, na parede do espaço cultural Dorvalino Nogueira; 3) A Casa do Folclore, ocupação visual dos quiosques da praça feita por diversos artistas locais; 4) o conjunto de intervenções visuais do projeto Arte no Poste, em postes, bancos e outros objetos. <p>Considera também outras expressões locais, como a Memória Ferroviária; Lendas locais e nacionais (curupira, mãe-do-ouro etc.), obra do artista Allan Aires - que pintou um "Banco do Amor" onde ele mesmo costuma namorar.</p>		
Atividades desenvolvidas: Visitas guiadas; 1º Festival do Pé da Serra (13-15/06/2014) Projeto "Cineclube Valério" ; Divulgação de atividades culturais no bairro etc.		

Ações de Preservação:
Referências Bibliográficas:
ECOMUSEU DO VALÉRIO. Ecomuseu . Disponível em: https://ecomuseudovalerio.wordpress.com/sobre/ . Acesso em: 17 fev. 2017.
ECOMUSEU DO VALÉRIO - Cachoeiras de Macacu RJ. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseudovalerio/ . Acesso em: 17 fev. 2017.
Referência da Imagem: Produção Cultural da UFF no Ecomuseu. Disponível em: https://www.facebook.com/jequitibaproducoes/photos/a.399168793612390.1073741856.337881633074440/399169196945683/?type=3&theater . Acesso em: 17 fev. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 140	Denominação: Museu Comunitário de Araquém
	Data de Criação: 2013-2014 Endereço: Rua da Adeca, s/n - Cartório - Distrito de Araquém, Coreaú/CE Tel.: (88) 9266-9374 Situação atual: em construção

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: rutetelles@hotmail.com Website ou Blog: Rede Social: https://www.facebook.com/groups/1790122384462376/ (grupo)	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário	
Histórico: A ideia de criação de um Museu Comunitário começou a ser concebida em 2013, com o objetivo de contemplar as memórias dos moradores locais através de um espaço museológico. No entanto, sem o apoio do poder público para a sua efetivação, o projeto encontra-se parado.	
Referências Patrimoniais: Memórias da população local.	
Atividades Desenvolvidas:	
Participação em Eventos: 12ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com, Palestra sobre a importância de um museu comunitário no interior estado do Ceará (16/05/2014, Escola Ruth Cristino).	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.73. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015. MUSEU COMUNITÁRIO DE ARAQUÉM. Facebook: Grupo. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1790122384462376/ . Acesso em: 28 mai. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 141	Denominação: Eco Museu Kaá-Atlântica Data de Criação: 2014 Endereço: Avenida de Santa Cruz, 8040, Senador Camará, CEP 21833-065, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 2333-5194 / 2404-1619 / 9983-50961 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: 3ª feira a sábado É necessário agendar a visita? (X) sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: emkaecomuseu@hotmail.com Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/Eco-Museu-Ka%C3%A1-Atl%C3%A2ntica-697411333650690/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017)		
Histórico: Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.		
Referências Patrimoniais:		
Atividades desenvolvidas: Exposições; Participação em Eventos: 8ª e 9ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com Exibição de Filme, Exposição de fotos antigas da área do Ecomuseu, Visita guiada à Fazenda Viegas (IPHAN) e encosta de morros PEPB (23-28/09/2014); apresentação teatral “A Vida de Stuart Angel e a primavera do Ecomuseu Kaá-Atlântica”, Visita guiada à Fazenda Viegas e caminhada na área reflorestada, Palestra “Primavera na encosta dos morros da região, fauna e flora” (22-25/09/2015); 12ª a 14ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Exposição de fotos antigas da região de Senador Camará à Santíssimo, Sarau na Escola de violão Prof. Célio de Souza, Visita guiada à Fazenda Viegas, morro do exército, estação de trem santíssimo em Rainha Fabiola e Paroquia Sta Inês, Marco 7 (12-18/05/2014); Palestra sobre ecomuseus, Caminhada ecológica (PEPB), visita orientada à Fazenda do Viegas (horto florestal e sede) e encenação de teatro sobre de Stuart Angel (19-24/05/2015); Apresentação teatral, visita à área ambiental, palestras sobre Pontos de Memória em área de ecomuseu, exposição de arte escolar sobre Paisagens Culturais da Região do EMKA; Ponto de Memória Portugal (17-21/05/2016), entre outros.		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: ECO MUSEU KAÁ-ATLÂNTICA. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/Eco-Museu-Ka%C3%A1-Atl%C3%A2ntica-697411333650690/ . Acesso: 15 mar. 2017. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.97. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015. _____. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.110. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017. _____. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.262. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015. _____. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.284. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017. _____. 14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.217. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.		

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Kaá-Atlântica. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8955/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Referência da Imagem: 1ª Caminhada do Eco Museu Kaá-Atlântica. Disponível em: <https://www.facebook.com/697411333650690/photos/a.698816513510172.1073741831.697411333650690/698860936839063/?type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 595" rowspan="2"> Ficha: 142 </td> <td data-bbox="746 315 1385 383"> Denominação: Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília </td> </tr> <tr> <td data-bbox="746 383 1385 595"> Data de Criação: 15/05/2014 Endereço: Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã/DF Tel.: Situação atual: em construção. </td> </tr> </table>	Ficha: 142	Denominação: Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília	Data de Criação: 15/05/2014 Endereço: Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã/DF Tel.: Situação atual: em construção.
Ficha: 142	Denominação: Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília			
	Data de Criação: 15/05/2014 Endereço: Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã/DF Tel.: Situação atual: em construção.			

<p>Entidade(s) Gestora(s):</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Faculdade UNB Planaltina - Universidade de Brasília (FUP/UNB), Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAM), Instituto Homo Cerratusensis, Escola Classe Córrego do Meio, Associação Comercial e Industrial do Paranoá (ACIP), entre outros</p> <p>Recursos:</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: _____</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento:</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Ecomuseu abrange 4 regiões administrativas do Distrito Federal (Planaltina, Sobradinho, Paranoá e Itapoã) e possui um Centro de Referência na Escola Classe Córrego do Meio (Planaltina/DF).</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="240 958 1177 1061"> E-mail institucional: Webside ou blog: http://ecomuseupedrafundamentaldebrasilia.blogspot.com.br/ Rede social: </td> <td data-bbox="1177 958 1385 1061"> Logotipo </td> </tr> </table>	E-mail institucional: Webside ou blog: http://ecomuseupedrafundamentaldebrasilia.blogspot.com.br/ Rede social:	Logotipo
E-mail institucional: Webside ou blog: http://ecomuseupedrafundamentaldebrasilia.blogspot.com.br/ Rede social:	Logotipo	
<p>Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu a Céu Aberto</p>		
<p>Histórico:</p> <p>A Pedra Fundamental de Brasília (DF) foi inaugurada em 1922, e foi o primeiro marco da Missão Cruls, que determinou o lugar exato onde seria instalada a nova Capital Federal do Brasil.</p> <p>A partir de 2013, representantes do movimento popular local, ambientalistas e educadores formaram um grupo visando a elaboração de propostas para a preservação e a valorização da história do Distrito Federal.</p> <p>O Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília (ECOPEB), idealizado pelo Historiador e Professor Robson Eleutério (FUP/UNB), apresenta-se como um centro de referências e um museu a céu aberto que abrange 4 regiões administrativas do Distrito Federal (Planaltina, Sobradinho, Paranoá e Itapoã), abrangendo parte da bacia hidrográfica do alto São Bartolomeu, iniciando na junção dos ribeirões Mestre d'Armas e Pipiripau, atrás do Vale do Amanhecer (Planaltina/DF), passa pelo Núcleo Rural Capão da Erva (Sobradinho) e se estende até o Encontro das Águas, na confluência do Rio Paranoá com o São Bartolomeu, em Sobradinho dos Melos (Paranoá), onde encontram-se os núcleos rurais Pedra Fundamental, Córrego-do Meio, Capão da Erva, Rajadinha, Vale-do-Amanhecer, Sobradinho dos Melos, e as nascentes dos ribeirões Córrego-do-Meio, Sobradinho, Córrego Quinze, Rajadinha, Extrema e Paranoá.</p> <p>O Projeto está vinculado à educação integral da Escola Classe Córrego do Meio (Planaltina/DF), e constitui-se um “espaço abecerrado” que contribui com a implementação de práticas pedagógicas inovadoras. Dentre seus objetivos encontram-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Promover estudos multidisciplinares que reconstituam a eco-historicidade dos lugares ou paisagens culturais anteriores à inauguração de Brasília (1956-1960) e as narrativas dos grupos sociais comunitários que os habitam, produzindo materiais teóricos e pedagógicos (livros, documentários, cartilhas etc) que possam orientar professores e estudantes a construir uma sólida e duradoura consciência de pertencimento social-ecológica fundada na reapropriação coletiva dos bens patrimoniais ainda existentes no Norte do DF e em seu Entorno, inclusive pelos moradores dessas localidades” (ECOPEB, 2017); • Construir novas representações e práticas pedagógicas que valorizem a história e o meio ambiente da região, envolvendo escolas, instituições públicas e privadas e associações de moradores; • “Promover visitas monitoradas (passeios pedagógicos ou eco-turísticos junto às paisagens e às comunidades locais) ao longo da região abrangida pelo ECOPEB como estratégia de valorização e divulgação permanente dessas comunidades, territórios, patrimônios, legados...” (ECOPEB, 2017); • “Montar nas casas dos moradores e em repartições públicas (escolas) situadas na área de abrangência (no DF: Planaltina, Sobradinho I e II, Fercal, Paranoá, Itapoã e Lago Norte; em Goiás: Planaltina, Água Fria de Goiás e Formosa), diversos espaços interativo-comunitários aos quais denominamos de Centros de Referência Identitária e Apoio Regional aos Transeuntes do ECOPEB – CRIARTE” (ECOPEB, 2017); 		

<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O acervo do Ecomuseu inclui Patrimônios Naturais, Culturais, Materiais e Imateriais. Exemplos: Pedra Fundamental de Brasília, Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Aparecida, Catetinho, Conjunto Urbanístico de Brasília, Placa oferecida a Rui Barbosa na II Conferência da Paz (1907, Haia, Holanda), Morro da Capelinha, Escola Técnica Federal, Templo do Vale, Propriedades Rurais, Casa dos Idosos (Planaltina/DF), Igrejinha São Sebastião (Planaltina/DF), Parques Ecológicos, vegetações, cachoeiras, rios (Ribeirão Mestre d'Armas), Larga da Pedra Fundamental, fotografias, mapas, livros, esculturas, conhecimentos sobre a natureza etc.</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>1ª a 4ª Caminhadas Ecomuseu Pedra Fundamental (04/2012, 09/2012, 09/2016, 04/2017);</p> <p>Participação em Eventos: II Virada do Cerrado – com caminhada do Ecomuseu, Sarau, Roda de Prosa e apresentação de catira (09/2016), entre outros.</p> <p>Obs.: O projeto prevê a organização de Exposições, Debates, Cursos, Palestras, Seminários, Exibição de Vídeos, Trilhas Educativas, Apresentações Culturais etc.</p>
<p>Ações de Preservação:</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>ACADEMIA PLANALTINENSE DE LETRAS – APL. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/apldf/. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>ADM ADAMANTINA DF. Ecomuseu Pedra Fundamental. Blogspot, 8 mar. 2012. Disponível em: http://admplanaltinadf.blogspot.com.br/2012/03/ecomuseu-pedra-fundamental.html. Acesso em: 31 mai. 2016.</p> <p>AMORIM, Livia dos Reis. Ecomuseu Pedra Fundamental – Espaço Abcerrado. Disponível em: http://cerratense.com.br/fotosdocumento/arquivopdf2/ARTIGO%20ECOMUSEU%20(1).pdf. Acesso em: 23 mai. 2017.</p> <p>ECOPEB (Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília). Blogspot, 27 fev. 2017. Disponível em: http://ecomuseupedrafundamentaldebrasil.blogspot.com.br/. Acesso em: 31 mai. 2016.</p> <p>FERRARI, Pedro. Twitter, 6 set. 2016. Disponível em: https://twitter.com/pedrofferrari/media. 23 mai. 2017.</p> <p>NA ROTA DAS NASCENTES. Ecomuseu - Pedra Fundamental. Blogspot, 9 set. 2012. Disponível em: http://narotadasnascenes.blogspot.com.br/2012/09/ecomuseu-pedra-fundamental.html.</p> <p>O CERRATENSE. Ecomuseu Pedra Fundamental. Disponível em: http://cerratense.com.br/ecomuseuirineu.html. Acesso em: 31 mai. 2016.</p>
<p>Referência da Imagem: Caminhada Ecomuseu Pedra Fundamental (Planaltina/DF). Disponível em: http://cerratense.com.br/ecomuseuirineutexto.html. Acesso em: 23 mai. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
143

Denominação: Ecomuseu Dr. José Humberto

Data de Criação: 2014

Endereço: Rua Professor Castro Rebello, 452, Ilha de Guaratiba, Guaratiba, CEP 23020-090, Rio de Janeiro/RJ.

Tel.: (21) 2410-1384 / 2542-3563

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: R\$10,00

Obs.: Gratuito para idosos e crianças menores de 6 anos. Meia-entrada para estudantes universitários e profissionais ligados às religiões (professores, teólogos, seminaristas, mediadores de conflitos religiosos etc.).

Funcionamento: todos os dias

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu está sediado no Sítio Paraíso Verde

E-mail institucional: jresen99@hotmail.com, ecomunitario.rj@gmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu a Céu Aberto

Histórico:

O Ecomuseu Dr. José Humberto, ou “Museu Zé Humberto Resende” é um museu a Céu aberto localizado dentro do Sítio Paraíso Verde, uma área cercada pelo Parque Natural Estadual da Pedra Branca. Até meados do século XX o sítio era um antílopa goiabal. A partir de então o Dr. José Humberto (membro da Academia Brasileira de Belas Artes, Cadeira 37) e sua família passaram a reflorestá-lo, plantando de forma cadenciada para manter a fim de manter o equilíbrio ecossistêmico e a beleza cênica do espaço. O reflorestamento atraiu aves e outros animais para o local, como bicho preguiça, sagui, cobras, lagartos, esquilos e gambás.

O Ecomuseu, recebeu o nome do principal autor e artista do Sítio, escolhido pelo gestor local do turismo, Diogo Cardoso, tem como objetivo enfatizar a memória explorada e disseminada por todo o complexo ecológico, histórico e científico que o compõe. Além do espaço expositivo, abriga em seu interior um arquivo e uma biblioteca.

Referências Patrimoniais:

Mata Atlântica nativa;

Réplicas do Santo Sepulcro, da Casa de Maria em Nazaré e outras curiosidades religiosas;

Artefatos arqueológicos da região de Guaratiba e outros;

Bustos de “personalidades” ligadas às histórias de cura (Jesus Cristo, Fleming, Pasteur, Oswaldo Cruz e outros), confeccionados pelo Dr. José Humberto;

Acervo histórico e documental do Sítio Paraíso Verde, do IPMF e de outros parceiros institucionais etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições;

Visitas guiadas;

Participação em Eventos: 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com missa de ação de graças, palestra “O Santo Sudário de Jesus” e palestra sobre a fauna e a flora da Mata Atlântica, visitas guiadas “Caminhada pelo Santo Sepulcro, Casa de Maria e José, Capela Santo Sudário e Via Sacra” e “Caminhada ecológica com amostragem de plantas típicas da Mata Atlântica, incluindo flores e frutos” (26-27/09/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Restauração de painel pintado por Sanção Campos Pereira, exposto na parede do Sítio Paraíso Verde etc.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.113. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Doutor José Humberto. **Museus Br:** no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/7530/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ROLE NA BARRA. **Museu Zé Humberto Resende.** Disponível em: <http://www.rolenabarra.com.br/guaratiba/para-o-dia/museu-ze-humberto-resende/>. Acesso em: 4 abr. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição (espaço dedicado às histórias de cura) – bustos confeccionados pelo Dr. José Humberto. Disponível em: <http://www.rolenabarra.com.br/guaratiba/para-o-dia/museu-ze-humberto-resende/>. Acesso em: 4 abr. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
144

Denominação: Museu da Umbanda

Data de Criação: 2014
Endereço: Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu/RJ
Tel.:
Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Jequitibá Produções, Associação Cultural Vale do Macacu, Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa do Rio, movimento da Caminhada Pela Liberdade Religiosa, pesquisadores ligados à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontos de Memória, Ecomuseus e Museus Comunitários, Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, Terreiro Ilê Axé Omin, Igreja Nossa Senhora da Glória, entre outros.

Recursos: Campanha Online de Financiamento – website Benfeitoria (Museu da Umbanda em Minas – viabilizando a participação no V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: _____

Obs.: _____

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu da Umbanda apresenta-se como um museu de percurso, a céu aberto.

E-mail institucional: museudaumbandari@gmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu de Percurso, Museu a Céu Aberto, Museu Comunitário

Histórico:

A ideia da concepção do Museu da Umbanda, originalmente "Centro Estadual de Referência à Identidade Cultural e Histórica da Umbanda em Cachoeiras de Macacu" – CERICHUCAM, foi apresentada durante a 1ª Conferência Sócio-Ambienta do Conselho Comunitário Regional do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, realizada em 2008. Em 2013 a proposta foi aprovada pelos delegados da 3ª Conferência Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e obteve respaldo dos delegados de diversos estados brasileiros presentes na 3ª Conferência Nacional de Cultura (Brasília/DF).

O Museu da Umbanda apresenta-se como um museu de percurso, a céu aberto, comunitário, que tem como objetivos:

- Atuar como espaço cultural de visitação aberta;
- Realizar atividades que possam contribuir com o enriquecimento cultural e o combate ao preconceito acerca da Umbanda;
- Contar a da Umbanda através de uma caminhada em pontos estratégicos do bairro.
- Sedar um acervo de exposição permanente, biblioteca e espaço para conferências, palestras e outros.

Em 2014, a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro realizou o percurso inaugural no território onde o museu está situado, inaugurando o formato de um "museu de percurso".

O Museu da Umbanda e o projeto “Território Sagrado de Boca do Mato” – projeto mais amplo que incorpora outros espaços religiosos – são duas iniciativas culturais interpostas que têm por objetivo reconhecer e proporcionar o contato vivencial com a diversidade religiosa presente na região, especialmente as religiões de matriz africana - Candomblé e Umbanda - e o culto do Daime. O Museu é um dos integrantes da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Em 01/04/2016 o/a(s) principais idealizadores do Museu, Aline Germano e Wellington Lyra Jesus, faleceram em um trágico acidente automobilístico. Não obtivemos informações posteriores sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade - TENSP (umbanda) - instituição religiosa fundada em Neves, São Gonçalo, no ano 1908 (transferida em 1946 para bairro da Boca do Mato - Cachoeiras de Macacu), pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, que deu origem à Umbanda no Brasil;

Antiga residência do senhor Zélio Fernandino de Moraes (em rua que leva seu nome);

Terreiro Ilê Axé Omin - candomblé (Vila Indiana) - ialorixá Lucinha Pessoa

Igreja Nossa Senhora da Glória (Ladeira do Imperador)

Atividades desenvolvidas:			
Visitas Guiadas ao Museu da Umbanda e Território Sagrado de Boca do Mato (07/12/2014, 23/05/2015);			
Reunião da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (02/08/2014).			
Ações de Preservação:			
Visitas guiadas ao território;			
Publicação do Informativo Museu da Umbanda etc.			
Referências Bibliográficas:			
INFORMATIVO	MUSEU	DA	UMBANDA #1. Disponível em: https://issuu.com/wellyra/docs/informativo_museu_da_umbanda_1 . Acesso em: 22 mai. 2016.
MUSEU	DA	UMBANDA	EM MINAS!. Vakinha , 3-20/10/2015. Disponível em: https://www.vakinha.com.br/vaquinha/museu-da-umbanda-em-minas . Acesso em: 22 mai. 2016.
TERRITÓRIO ECOCULTURAL DA SERRA - Cachoeiras de Macacu RJ. Facebook: Fanpage . Disponível em: https://www.facebook.com/Territ%C3%B3rio-EcoCultural-da-Serra-Cachoeiras-de-Macacu-RJ-747589311952140/ . Acesso em: 15 mar. 2017.			
VISITA guiada ao Museu da Umbanda e Território Sagrado de Boca do Mato. Facebook: Eventos . Disponível em: https://www.facebook.com/events/685497404882036/ . Acesso em: 15 mar. 2017.			
Referência da Imagem: Detalhe Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu – reunião da Rede de Museologia Social do RJ (02/08/2014). Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201658876348412&set=a.10201658850467765.1073742141.1674422121&type=3&theater . Acesso em: 15 mar. 2017.			
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).			

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
145

Denominação: Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho

Data de Criação: 01/07/2014 (inauguração)
Endereço: Travessa Nossa Senhora de Fátima, 6, Centro, Monsenhor Tabosa/CE
Tel.:
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): ONG Conselho dos Museus e Pontos de Memórias dos Povos de Monsenhor Tabosa?	
Parceiros(as)/apoio: Prefeitura Municipal de Monsenhor Tabosa, Câmara de Vereadores, comerciantes, imprensa e populares	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Websíte ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas:	
Histórico: <p>Monsenhor Tabosa é um município localizado no sertão Cearense. De acordo com a coordenadora das ações do museu, a Professora Maria Socorro dos Santos (Socorro), a ideia da criação do Museu surgiu com a criação da ONG Conselho dos Museus e Pontos de Memórias dos Povos de Monsenhor Tabosa, fundada em abril de 2014 em parceria com a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, comerciantes, imprensa e populares (ALVES, 2015).</p> <p>O Museu Ponto de Memória Sebastiana Rodrigues de Pinho tem como objetivos (ALVES, 2015):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter viva as histórias do município; • Servir como fonte de pesquisas; • Exibir objetos antigos e históricos de Forquilha/Monsenhor Tabosa e documentários. 	
Referências Patrimoniais: <p>Memória, história e patrimônio cultural local</p>	
Atividades Desenvolvidas: <p>Participação em Eventos: IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE)</p>	
Ações de Preservação: <p>Coleta de objetos representativos da memória, história e patrimônio cultural local.</p>	
Referências Bibliográficas: <p>ALVES, Carlos. Monsenhor Tabosa - Inauguração do Museu e Virada Cultural - parte I. Youtube, 23 dez. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KRb8U5SIQf4. Acesso em: 23 fev. 2017.</p> <p>MUSEU CEVACI. Facebook: Fanpage, 3 jul. 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/museu.cevac/media_set?set=a.239583359585705.1073741855.100006021276684&type=3. Acesso em: 23 fev. 2017.</p>	
Referência da Imagem: Fachada do Museu. Crédito: Mário Martins. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=987055508094743&set=pb.100003709100944.-2207520000.1495658142.&type=3&theater . Acesso em: 23 fev. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589"> Ficha: 146 </td> <td data-bbox="751 315 1385 589"> Denominação: Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes Data de Criação: 2014 Endereço: Avenida Deputado Líster Caldas, s/n, Centro, Cantanhede/MA Tel.: (98) 3462-1250 / 3462-1140 / 9845-19356 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 146	Denominação: Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes Data de Criação: 2014 Endereço: Avenida Deputado Líster Caldas, s/n, Centro, Cantanhede/MA Tel.: (98) 3462-1250 / 3462-1140 / 9845-19356 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 146	Denominação: Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes Data de Criação: 2014 Endereço: Avenida Deputado Líster Caldas, s/n, Centro, Cantanhede/MA Tel.: (98) 3462-1250 / 3462-1140 / 9845-19356 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Catanhede - Secretaria de Cultura			
Parceiros(as)/apoio:			
Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2012 – proposto pela Associação Beneficente Antonio Lopes da Cunha (Projeto “Ponto de Memória Casa de Izidória Lopes - saberes, fazeres, protagonismo e criatividade de caixeiros e caixeiros do Divino no interior do Maranhão”)			
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:			
Ingresso:			
Obs.:			
Funcionamento:			
É necessário agendar a visita? () sim () não			
Estrutura física do Museu:			
E-mail Institucional: cultura@cantanhede.ma.gov.br Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória			
Histórico: O Museu Comunitário Casa de Izidória Lopes, ou “Casa Museu Izidória Lopes”, homenageia a mestra de cultura Izidória Lopes da Silva, responsável pela promoção da festa do Divino Espírito Santo em Catanhede (MA). Trata-se do primeiro museu da história de Catanhede, localizado ao lado da antiga Estação ferroviária da REFESA, e tem como objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Contar as histórias, memórias e a cultura local; • Resgatar as tradições culturais da cidade; • Salvar o patrimônio imaterial do município; • Promover o turismo local. 			
Referências Patrimoniais: Festa do Divino Espírito Santo; Brinquedos populares do Maranhão: pés de burro, cavalinho de cachopa de juçara, pão de coco babaçu, bonecas de pano e outros.			
Atividades Desenvolvidas: Exposições. Exemplo: Exposição sobre o imaginário do Ritual do Festejo do Divino Espírito Santo – composta por contendo fotografias, vestuário, adereços e demais símbolos referentes ao Ciclo Cultural do Divino do Maranhão (23-30/09/2014); Participação em Eventos: 6ª a 8ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com Café Literário e exposição de fotografias sobre a história de Catanhede na Biblioteca Municipal Enoi Nogueira (25/09/2012); exposição de réplicas de obras de pintores nacionais e internacionais em escolas públicas e comunidades rurais quilombolas (10-15/09/2013); Exposição sobre o imaginário do Ritual do Festejo do Divino Espírito Santo, Palestra do Secretário Municipal da Cultura sobre a vida de Sebastião Barranova, Exibição de filmes sobre o Festejo do Divino do Maranhão, Visita Guiada ao acervo do Festejo do Divino realizado pela Mestra Dona Izidória Lopes, Apresentação Teatral da peça “Barranova, O Sebastião da Fé” na Plataforma da Estação Ferroviária de Catanhede, com o Grupo Fundo de Pote - sobre a vida e o imaginário que cerca a alma do cossado da Estrada de Ferro São Luís-Teresina (23-30/09/2014); 11ª e 13ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com exposição sobre o imaginário do Divino Espírito Santo no Maranhão e em Catanhede e sobre o legado deixado por Dona Izidória Lopes e toque de Caixa (13-19/05/2013); Exposição “Um pouco do Rio Itapecuru” - Igarapés, mães d’águas, cabeça de cuia, proteção das nascentes, corpos d’água e afluentes do Rio Itapecuru, histórias contadas pelo povo do lugar, Palestra, Exibição de Filmes com temática sobre o Rio Itapecuru e demais biomas do Maranhão, Oficina de brinquedos populares do Maranhão (19-22/05/2015).			
Ações de Preservação:			

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Carlito. Casa Museu Izidória Lopes Começa Ganhar Forma. Facebook, 2 ago. 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/luizcarlos.amaral.3?hc_ref=SEARCH. Acesso em: 8 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 10 /2013 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2012. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.65. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **7ª Primavera dos Museus:** Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.74. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.30. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **11ª Semana de Museus:** Museu (memória + criatividade) = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013, p.81. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/Guia-11SEmana-de-Museus_10-de-maio.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **13ª Semana de Museus:** Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.91. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Museu (09/2014). Disponível em: <https://www.facebook.com/1457787514500813/photos/pcb.1506489899630574/1506489716297259/?type=3&theater>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
147

Denominação: Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne

Data de Criação: 2014

Endereço: Abadiânia, Águas Lindas, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto/GO.

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Huah (1997-2007) / Atualmente: O Núcleo impulsor é composto por Professores da Universidade de Brasília (UnB), mas cada projeto ou ação individual, coletiva ou institucional possui formas próprias de gestão.

Parceiros(as)/apoio: Universidade de Brasília (UnB), Escola da Natureza (Parque da Cidade), Orquestra de Violeiros de Brasília, Bic Prado (Artista plástica), Projeto Águas do Cerrado, Bené FonTel.es (artista visual, jornalista...), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Prefeituras municipais, órgãos e populações locais etc.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Ecomuseu é um museu a céu aberto que pretende abarcar toda a área do Distrito Federal.

E-mail institucional: museudocerrado.unb@gmail.com

Website ou blog: <http://museucerrado.esy.es/>

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseudocerrado/>

Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Itinerante, Museu a Céu Aberto

Histórico:

O Cerrado é um bioma característico de grande parte dos estados brasileiros de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia. Abrange ainda áreas disjuntas no extremo norte do Pará, uma pequena porção do Amapá, Roraima e Rondônia, uma faixa central do estado de São Paulo e uma porção do Paraná. A região teve o bioma bastante alterado pela atividade da agropecuária (principalmente a plantação de soja), que envolve diversas atividades extremamente prejudiciais ao meio ambiente, como queimadas, desmatamentos, retirada indiscriminada da água etc.

Visando preservar o meio ambiente das áreas do bioma ainda “intocadas”, assim como desenvolver o ecoturismo na região, em 1989 segmentos do movimento social lançaram em Brasília a proposta de criação do Ecomuseu do Cerrado, que abrangeria a Microrregião denominada Planalto Goiano: municípios de Abadia, Águas Lindas, Alexânia, Cocalzinho, Corumbá, Pirenópolis e Santo Antônio do Descoberto – estado de Goiás (COSTA, 2004). Em 1997 o Instituto Huah (organização não governamental) reuniu alguns profissionais para dar início ao projeto.

O Ecomuseu do Cerrado apresenta-se como um museu vivo, dinâmico, a céu aberto, descentralizado, itinerante. Dentre seus principais objetivos estão (MUSEU DO CERRADO, 2017):

- Resgatar a história das cidades e a eco-história do Cerrado, tendo como foco a educação ambiental e ecologia humana, incentivando a VISÃO SISTÊMICA sobre as interações entre sociedade, cultura e natureza.
- Contribuir para preservar, conservar e resgatar o Bioma Cerrado e a sua identidade cultural dentro do DF e o entorno, com base no planejamento biorregional e por meio de ações planejadas cooperativamente, voltadas para a conservação do Cerrado e o uso sustentável dos recursos naturais;
- Preparar os professores para assumirem os novos paradigmas da Educação que pressupõe a integração entre o Fazer, o Pensar e o Sentir para interagir com as comunidades locais;
- Promover a preservação patrimonial – natural, material e imaterial – a partir de acervos bibliográficos, videográficos, fonográficos e monográficos;
- Divulgar pesquisas sobre o Cerrado do ponto de vista histórico, social, cultural, ambiental, geográfico, biológico, arqueológico e geológico;
- Resgatar a memória pessoal, social e ambiental e a identidade das cidades através do diálogo de saberes e a manutenção e valorização de seus fazeres, saberes e tecnologias, atentos ao envolvimento, inclusão e interação das diversidades;
- Partilhar e trocar sementes, receitas, remédios e conhecimentos entre as cidades;

- Verificar as vocações profissionais para formar recursos humanos e estimular a produção local para o eco-turismo;
- Sensibilizar as comunidades quanto ao ambiente em que moram e mostrar que o que produzem tem valor socioambiental para garantir a melhoria da qualidade de vida das populações locais;
- Gerar conhecimento transdisciplinar através de atividades e pesquisa nas áreas de cultura, educação, sociedade e natureza, tecnologias tradicionais e contemporâneas para criar multiplicadores para uma ecologia ambiental, humana, social e planetária;
- Construir uma rede de especialistas de diferentes áreas do conhecimento; não somente doutores, mas também grandes mestres com outros níveis de conhecimento não acadêmico.

Após o falecimento de sua principal idealizadora, Laís Fontoura Aderne Faria Neves (1937-2007), que foi artista, arte-educadora e professora da UnB e presidente do Instituto Huah, o projeto perde sua força, e vem a ser retomado em abril de 2014, por iniciativa da professora Rosângela Corrêa (UnB) com o apoio de diversas pessoas e instituições. A proposta atual, denominada “Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne”, pretende abarcar toda a área do Distrito Federal, por meio do mapeamento de pessoas/instituições/lugares que desenvolvam projetos socioculturais e ambientais. Atualmente seus membros são: Aldeia do Altiplano, Associação dos Amigos da Floresta, Batalhão de Polícia Militar Ambiental do Distrito Federal, Centro de Referência em Educação Integral e Ambiental (CREIA), Chácara Rebendoleng, Embrapa Cerrados, Instituto Calliandra, Instituto Larus, Instituto PanAmericano do Ambiente e Sustentabilidade (IPAN), Instituto Jurumi, ONG Eco Cerrado, ONG Mão na Terra, Parque Sucupira, Projeto Agrofloresta, Rede Sementes do Cerrado, RPPN Linda Serra dos Topázios, RPPN Reserva ChakraGrisu, Sítio das Neves e Sítio Geranium.

A ideia é compor uma rede entre as pessoas e instituições visando o desenvolvimento auto-sustentável da região, por meio da promoção da história local, assim como da educação, do turismo, da cultura e da ecologia humana (habitantes).

Referências Patrimoniais:

Monumentos naturais e culturais do Cerrado: subsolo, reservas aquíferas, fauna, flora, cultura material e imaterial (edificações, músicas, poesias, cavalhadas, feiras, comidas típicas, tecnologias, artesanatos, saberes e fazeres locais etc.

Atividades desenvolvidas:

Cursos, Oficinas, Seminários (sobre Biodiversidade, Educação Ambiental, Brigadas de Incêndio, Resíduos Sólidos etc.), Feiras, Festas, Gincanas, Coleta de mudas e sementes nativas, atividades com escolas, criação de Secretarias de Meio Ambiente e Conselhos Municipais de Meio Ambiente, campanhas para a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN's), estudos de novas áreas protegidas, Projetos “Replantando a Vida no Cerrado” e “Circuito das Feiras e Festas de Cultura do Cerrado”, “Feira dos Poetas, Escritores e Músicos de Corumbá”, “Feira da Vida no Cerrado” (Santo Antônio do Descoberto), criação do grupo “Mulheres de Corumbá”, Programa de Recuperação de Áreas Degradadas etc. (COSTA, 2004, p.24).

Organização de Eventos: I Encontro de Brigadas de Incêndio (Abadiânia), entre outros.

Obs.: Serão desenvolvidos roteiros socioculturais, calendários culturais, trilhas, atrações, oficinas educativas, atividades de recreação, seminários, feiras, experiências pedagógicas e gastronômicas, pesquisas, publicações, projetos socioambientais transculturais e transdisciplinares etc. A nova proposta inclui a hospedagem dos projetos mapeados pelo (e que compõem o) Ecomuseu no *website* do Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da UnB.

Ações de Preservação:

Almanaque Ecomuseu do Cerrado;

Roteiros e Trilhas do Ecomuseu (estudos de Bismarque Villa Real)

Referências Bibliográficas:

CERRATINGA. **Cerrado**. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/cerrado/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

CORRÊA, Rosângela Azevedo. Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne. In: **Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.121.

COSTA, Alcidea Coelho. **O Ecomuseu do Cerrado: um instrumento para o ecoturismo no Brasil Central**. Monografia (especialização). Orientador: Manoel Cláudio da Silva Júnior. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. Disponível em: http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/536/1/2004_AlcideaCoelhoCosta.pdf. Acesso em: 8 jun. 2014.

MUSEU DO CERRADO. **O que é o Eco-Museu?**. Disponível em: http://museucerrado.esy.es/?page_id=280. Acesso em: 25 jun. 2017.

ECOMUSEU DO CERRADO. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseudocerrado/?fref=ts>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ECOMUSEU do Cerrado mostra projetos de preservação. **Bom dia DF**, 11 set. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3622166/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **A céu aberto**: Brasília ganha Ecomuseu do Cerrado. 11 set 2014. Acesso em: 17 abr. 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/a-ceu-aberto-brasil-ganha-ecomuseu-do-cerrado/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

UNB TV. Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne. **Youtube**, 18 se. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTt7f6hvjik>. Acesso em: 17 abr. 2017.

Referência da Imagem: (Re)Inauguração do Ecomuseu do Cerrado na Escola da Natureza (Parque da Cidade). **Bom dia DF**, 11 set. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3622166/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584"> Ficha: 148 </td> <td data-bbox="746 315 1385 584"> Denominação: Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan Data de Criação: 2014 (?) Endereço: Rua Grande, s/n, Terreiro de Oxalá, Zona Rural, CEP 65360-000, Monção/MA Tel.: (98) 9165-8075 / 9133-9642 / 8271-9961 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 148	Denominação: Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan Data de Criação: 2014 (?) Endereço: Rua Grande, s/n, Terreiro de Oxalá, Zona Rural, CEP 65360-000, Monção/MA Tel.: (98) 9165-8075 / 9133-9642 / 8271-9961 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 148	Denominação: Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan Data de Criação: 2014 (?) Endereço: Rua Grande, s/n, Terreiro de Oxalá, Zona Rural, CEP 65360-000, Monção/MA Tel.: (98) 9165-8075 / 9133-9642 / 8271-9961 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Associação Cultural Tenda de Oxalá do Povoado Mata Boi Parceiros(as)/apoio: Recursos: programa Pontos de Memória 2014 (Projeto “Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan - preservação da memória e saberes ancestrais de matriz africana do Sítio Tenda de Oxalá no Quilombo Mata Boi”); Prêmio Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana - 2015 – IPHAN (Projeto “Práticas Culturais do Terreiro Ilê Ashé Olúfón Oxalufan - Preservação da memória e saberes ancestrais de matriz africana do Terreiro Tenda de Oxalá no Quilombo Mata Boi - Monção, Maranhão”) Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado nas dependências do Terreiro Ilê Ashé Olúfón Oxalufan			
E-mail Institucional: oxalamata@gmail.com Webside ou Blog: Rede Social:	Logotipo		
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória			
Histórico: O Terreiro Ilê Ashé Olúfón Oxalufan, também conhecido como Tenda de Oxalá de Mata Boi, está localizado na comunidade remanescente do Quilombo de Mata Boi, no município de Monção (MA), reconhecida pela Fundação Palmares. “De tradição Mina Jeje e Nagô, a Tenda vem realizando ao longo de seus mais de 50 anos, festejos e rituais para os Caboclos da Mata (Terecô e Cura), para o Divino Espírito Santo, Baile de São Gonçalo, Festejo para os Voduns, Encantados, Orixás e outros guias de luz” (IPHAN, 2014). João Batista Cardoso Travassos é o atual Toi Voduno da Tenda. Em 2015 o Terreiro Ilê Ashé Olúfón Oxalufan foi premiado pelo IPHAN/MinC pela preservação do patrimônio de povos de matriz Africana. Seu projeto apresentava os seguintes objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Preservar a memória e saberes ancestrais de matriz africana do Terreiro Tenda de Oxalá no Quilombo Mata Boi; • Promover as manifestações do terreiro com enfoque no patrimônio cultural; • Promover a diversidade cultural junto à comunidade local (quilombos de Mata Boi e Outeiro). Em 2014 Terreiro foi reconhecido como Ponto de Memória pelo IBRAM, por meio do Projeto “Museu Comunitário do Ilê Ashé Olúfón Oxalufan - preservação da memória e saberes ancestrais de matriz africana do Sítio Tenda de Oxalá no Quilombo Mata Boi”.			
Referências Patrimoniais: Patrimônios Materiais e Imateriais relacionados ao Terreiro - memória e saberes ancestrais de matriz africana: preparo de alimentos, brincadeiras, artesanato, histórias de vida das pessoas da comunidade, cantos, danças, símbolos, rituais, elementos e artefatos ligados ao espaço sagrado. O acervo é composto por objetos sagrados, fotografias etc.			
Atividades Desenvolvidas: Exposições; Visitas Guiadas ao terreiro; Contação de histórias; Oficinas de produção de artefatos do imaginário cultural local voltadas para crianças e jovens e com a participação de mestres e mestras etc.			
Ações de Preservação:			

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**: Catálogos Premiados Edição 2014. Brasília: MINC- Iphan/Palmares/Deppir, 2015, p.37. Disponível em: https://issuu.com/ttcatalao333/docs/premio_iphan_-_palmares_-_deppir_ma. Acesso em: 15 fev. 2017.

IPHAN BAHIA. Iphan premia 31 ações de preservação do patrimônio de povos de matriz Africana. **Blogspot**, 18 set. 2015. Disponível em: <http://iphanba.blogspot.com.br/2015/09/iphan-premia-31-acoes-de-preservacao-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Referência da Imagem: João Batista Cardoso Travassos, atual Toi Voduno da Tenda. Crédito: Geraldo Kosinski. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1168413946589366&set=a.365560263541409.81328.100002623148846&type=3&theater>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 149	Denominação: Museu Comunitário Morro da Providência Data de Criação: Endereço: Rio de Janeiro/RJ Tel.: Situação atual: em formação
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: _____ Obs.: _____ Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: museucomunitariodaprovidencia@gmail.com Website ou blog: http://museumorrodaprovidencia.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/museuprovidencia		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário		
Histórico: <p>O Morro da Providência está situado na zona portuária do Rio de Janeiro (RJ). É considerada a primeira favela do Brasil, que começou a ser formada no final de 1897 (completou 120 anos em 2017), com o retorno de ex-combatentes da Guerra de Canudos (entre 1896 e 1897 no estado da Bahia) ao Rio de Janeiro. Os ex-combatentes compunham as tropas da capital federal enviadas em apoio ao governo baiano. Por não obterem o apoio esperado do governo, começaram a improvisar alojamentos na encosta do morro nos arredores do Saco dos Alferes, área lateral à Central do Brasil. O povoamento ficou conhecido como Morro da Favela – uma referência ao morro de mesmo nome existente em Canudos e utilizado para atacar o vilarejo durante a guerra e também ao arbusto "Faveleira", comum no sertão baiano. Com o tempo, o termo "Favela" se popularizou e passou a designar outros territórios de ocupação e construções do mesmo estilo em todo o Brasil. Acredita-se que o local passou a assumir a denominação "Morro da Providência" na década de 1930 (EXPOSIÇÃO [...], 2017).</p> <p>O Museu Comunitário Morro da Providência é uma organização sem fins lucrativos que busca resgatar e valorizar a história, memória e as raízes da comunidade, a partir do ponto de vista e lembranças de seus próprios moradores.</p> <p>Chagas (2007, p.131) menciona que em 2005 a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro instituiu o roteiro Museu a Céu Aberto do Morro da Providência. Não se trata da mesma experiência. Enquanto a primeira foi uma ação da prefeitura a atual é uma iniciativa essencialmente comunitária.</p>		
Referências Patrimoniais: História, memória e as raízes da comunidade do Morro da Providência. Acervo composto por fotografias...		
Atividades desenvolvidas: Exposição.		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: EXPOSIÇÃO resgata a história do Morro da Providência e revela sua ligação com Canudos. Jornal do Brasil , 22 mai. 2017. Disponível em: http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2017/05/22/exposicao-resgata-a-historia-do-morro-da-providencia-erevela-sua-ligacao-com-canudos/?ttc=j44rrjyc . Acesso: 18 mar. 2017. MUSEU COMUNITÁRIO MORRO DA PROVIDÊNCIA. Blogspot . Disponível em: http://museumorrodaprovidencia.blogspot.com.br/ . Acesso: 18 mar. 2017. _____. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/museuprovidencia . Acesso: 18 mar. 2017.		
Referência da Imagem: Fotografias do Morro da Providência organizadas para Exposição. Disponível em: https://www.facebook.com/museuprovidencia/photos/a.679169328871130.1073741829.615042635283800/1076828792438513/?type=3&theater . Acesso: 18 mar. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 568"> Ficha: 150 </td> <td data-bbox="746 315 1385 568"> Denominação: Ecomuseu Campos de São José Data de Criação: 2014-2015 Endereço: R. João José da Silva, 75, Campos de São José, CEP 12237-430, São José dos Campos/SP. Tel.: (12) 3308-3056 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 150	Denominação: Ecomuseu Campos de São José Data de Criação: 2014-2015 Endereço: R. João José da Silva, 75, Campos de São José, CEP 12237-430, São José dos Campos/SP. Tel.: (12) 3308-3056 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 150	Denominação: Ecomuseu Campos de São José Data de Criação: 2014-2015 Endereço: R. João José da Silva, 75, Campos de São José, CEP 12237-430, São José dos Campos/SP. Tel.: (12) 3308-3056 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): Equipe composta por 5 pessoas: Supervisão, Coordenação, Produção, Assessoria de Imprensa e Setor Administrativo (contratada pelo Centro de Estudos da Cultura Popular) e moradores do bairro.</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Museu do Folclore de São José dos Campos, Fundação Cultural Cassiano Ricardo/Prefeitura Municipal de São José dos Campos, Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP), Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), Comissão Nacional de Folclore, Rede Social do SENAC de São José dos Campos, Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de São José dos Campos (SEMEA), Núcleo Viva a Paz, Fundação Hélio Augusto de Souza (Fundhas), Centro da Juventude - Secretaria de Promoção da Cidadania, Grupo Maxado, Signi, Conselho de Públicos da Revap, Celebrieros, escolas locais (como por exemplo a Escola Estadual Valmar Lourenço Santiago), dirigentes e profissionais das instituições públicas que atuam no bairro, entre outros.</p> <p>Recursos: Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP); Edital do Programa Petrobras Socioambiental 2014 (Projeto “Ecomuseu Campos de São José”), Prêmio Ponto de Memória 2014 (Projeto “Os saberes e fazeres no Jardim São José II – Ações ecomuseológicas”), captação em editais.</p> <p>Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.:</p> <p>Funcionamento:</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu:</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="240 1081 1177 1227"> E-mail institucional: ecomuseusjc@gmail.com, centrodeestudoscp@gmail.com Websíte ou blog: http://www.ecomuseusjc.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseusjc/ </td> <td data-bbox="1177 1081 1385 1227"> </td> </tr> </table>		E-mail institucional: ecomuseusjc@gmail.com , centrodeestudoscp@gmail.com Websíte ou blog: http://www.ecomuseusjc.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseusjc/
E-mail institucional: ecomuseusjc@gmail.com , centrodeestudoscp@gmail.com Websíte ou blog: http://www.ecomuseusjc.blogspot.com.br/ Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseusjc/
<p>Categorias Propostas: Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017), Ponto de Memória</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Campos de São José é um bairro localizado na zona leste de São José dos Campos. Seus moradores, em sua maioria, são oriundos da região nordeste do país. É um bairro de características interioranas, que teve seu loteamento iniciado no final dos anos 1980, o que vem mudando nos últimos anos devido à degradação do meio ambiente local. Atualmente, Segundo o IBGE (2010), o bairro é composto por cerca de 8.187 habitantes.</p> <p>O Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP) é uma ONG que gerencia o Museu do Folclore São José dos Campos e tem a finalidade de promover o estudo, a pesquisa, a difusão, a valorização e o estímulo do patrimônio material e imaterial. Com este intuito, criou o “Programa Museu Vivo”, que convida populares ao Museu para demonstrar seus saberes e fazeres, sempre relacionados às categorias de culinária, artesanato/técnicas e música. Este contato possibilitou o contato e diálogo com pessoas de diversas partes do município.</p> <p>Estimulada por este intercâmbio, a cientista social, folclorista e presidente do Centro de Estudos da Cultura Popular (CECP), Angela Savastano – que desde a década do ano 2000 se interessa pelas experiências calcadas nos conceitos de Ecomuseu e Museu Comunitário –, idealizou junto à sua equipe o Projeto “Ecomuseu: um território, um patrimônio, uma comunidade”, aprovado em 2011 pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. No entanto, o projeto só pode ser viabilizado, com algumas adaptações, em 2015, com recursos provindos do Edital do Programa Petrobras Socioambiental.</p> <p>O trabalho da equipe mediadora (contratada pelo CECP) foi iniciado em março de 2015, à qual posteriormente se juntou moradores que foram por ela contactados para a organização e realização das atividades. Para o Projeto Ecomuseu Campos de São José a comunidade deve ser a principal protagonista do processo de constituição de bens culturais em referências culturais.</p> <p>O Ecomuseu Campos de São José tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer, salvaguardar, valorizar e compartilhar patrimônio cultural (costumes tradicionais, saberes e fazeres dos moradores do bairro) como um recurso para o desenvolvimento local; • Desenvolver uma consciência cultural coletiva entre os habitantes do bairro; • Ampliar o campo de possibilidades de construção de identidades; 			

- Empoderar os indivíduos e o coletivo para que possam exercer de maneira ativa e consciente sua cidadania;
- Estimular, na prática cotidiana das pessoas, o uso sustentável dos recursos disponíveis devido à sociobiodiversidade do ambiente;
- Estimular ações coletivas e o protagonismo comunitário em prol do desenvolvimento do território;
- Valorizar e divulgar os saberes e fazeres dos moradores do local e possibilitar a venda dos produtos feitos a partir destes saberes.

Atualmente as pessoas envolvidas no projeto pensam formas de sustentabilidade que viabilizem sua continuidade.

Referências Patrimoniais:

O Ecomuseu tem uma perspectiva ampliada de bens culturais, e entende que “o patrimônio cultural da comunidade está espalhado por seu território e presente no cotidiano das pessoas” (ECOMUSEU [...], 2017). O acervo de um ecomuseu é dinâmico, formado espaços públicos e suas construções (ruas, casas, igrejas etc.), espaços naturais, objetos que compõem o cotidiano da comunidade (artesanato e utensílios), usos e costumes tradicionais, saberes e fazeres, jeitos de fazer e de pensar, etc. - os moradores elegem o que é representativo do seu patrimônio.

As ações do Ecomuseu gera um novo acervo (digital): fotografias e audiovisuais captados pelos jovens e textos produzidos pelos mesmos, que compõem o *blogspot* do ecomuseu.

Atividades desenvolvidas:

Rodas de conversa: encontros semanais com participantes do Ecomuseu e interessados em acompanhar a construção das ações do Projeto - temas variados: patrimônio local, debates conceituais, articulações de ações e produção de eventos previstos no projeto etc (realizadas em diversos locais: Fundhas Campos de São José, Escola Estadual Valmar Lourenço Santiago, EMEF Maria Amélia Wakamatsu, FUNDHAS Petrobrás, casa da Luísa, casa da Josefa e do Gustavo, casa de moradores do Jardim Mariana I);

Oficinas de comunicação para jovens: encontros semanais com jovens estudantes das escolas públicas municipal e estadual do bairro e alunos da Fundhas - esporadicamente convidados dirigem a oficina (com oficina temática como produção de blog, fotografia, visita à rede de televisão, produção de fanzine, produção de jornal, produção de documentário); Oficinas de Comida Alternativa e Memória Musical; Oficina “Saberes e Fazeres: Caminhos para a Cidadania nos territórios educativos dos Ecomuseus e Museus Comunitários” (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC);

Feira dos Saberes e Fazeres – Trecos e Tarecos (Parque Alambari): 13 edições. Obs.: Durante algumas feiras ocorrem oficinas de produção de bonecos, roda de causo, apresentações musicais;

Rodas de Bordado: encontro semanal de mulheres para produção artesanal (realizados em praças públicas);

Cursos: Lideranças Comunitárias, oferecido pela Petrobras (08/11/2016); Aprendendo sobre Compostagem (10/11/2016, Secretaria do Meio Ambiente);

Visitas e Passeios com a participação dos moradores em eventos externos ao bairro (Refinaria Revap etc.);

Memória Musical: 08/2016, Praça da UBS; 02/12/2016, FUNDHAS;

Vivência sobre Comida Alternativa: 12-13/07/2016; Ênfase nas receitas para gestantes, lactantes, bebês e crianças (14/02/2017, Salão Paroquial da Capela São José - Esposo de Maria, ministrada pela Dra. Clara T. Brandão);

Participação em Eventos: III Jornada de Formação em Museologia Comunitária – “Projeto Ecomuseu Campos de São José” (04-06/08/2014, São José dos Campos/SP); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras”; Reunião do Conselho de Públicos sobre Meio Ambiente, realizado pela Petrobrás – situação do “Córrego Alambari” (14/02/2017, Escola Estadual Professor Valmar Lourenço Santiago); Feira de Artesanato do Vicentina Aranha - parceria com a JFAC (04/12/2016 todos os domingos); Colinas Local Markets – Feira Noturna (23/11/2016, Shopping Colinas); Expo Fundhas (01/12/2016); Simpósio Nacional da ABREMC; Festival de Contação de Histórias Contaí; Artemóvel, entre outros.

Ações de Preservação:

Inventário Participativo do bairro: encontros semanais com grupo temático para produção de inventário. Já foram feitas entrevistas com antigos moradores, líderes comunitários e dirigentes de instituições, coletados e/ou copiados materiais como fotografias, registros em áudio e vídeo, realizados registros em áudio e vídeo, pesquisas em documentos oficiais etc.

“Fazendinha” - Recuperação de uma pequena área de Área de Preservação Ambiental (APA) – parceria com a SEMEA. Com plantio de cerca de 60 árvores, irrigação das mudas e produção da cerca (doação das mudas). Enquanto as árvores crescem, gêneros alimentícios estão sendo cultivados (abóbora, quiabo, feijão, maracujá e melancia).

Produção do *blog* do Ecomuseu;

Produção do Jornal Campos em Papel (9 edições);

Edição de um vídeo documentário sobre os dois anos de Projeto do Ecomuseu - parceria do Grupo Maxado, do Ponto de Cultura Oca.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

III JORNADA de Formação em Museologia Comunitária prossegue nesta terça-feira (5). **CECP – Centro de Estudos**

de Cultura Popular, 5 ago. 2014. Disponível em: <http://cecpdesaojose.blogspot.com.br/2014/08/iii-jornada-de-formacao-em-museologia.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Campos de São José. **Museus Br**: no ar desde 2015. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/12048/>. Acesso em: 3 mar. 2017.

ONG TERRA. **IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária** – Programação. Disponível em: <http://ongterra.org/programa/>. Acesso em: 12 dez. 2016.

PREFEITURA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Região Leste**. http://www.sjc.sp.gov.br/sao_jose/regiao_leste.aspx. Acesso em: 3 mar. 2017.

PROJETO ECOMUSEU CAMPOS DE SÃO JOSÉ. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ecomuseusjc/about/?ref=page_internal. Acesso em: 3 mar. 2017.

SANTOS, Maria Siqueira; SAVASTANO, Maria Angela Piovesan; SPARAPAN, Renata. O início de um processo ecomuseológico em São José dos Campos: O Projeto Ecomuseu Campos de São José. In: **Caderno de Resumos do V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Juiz de Fora: UFJF, 2015, p.94.

Referência da Imagem: Feira de Saberes e Fazeres - Trecos e Tarecos (12/12/2015). Disponível em: <http://ecomuseusjc.blogspot.com.br/search?updated-min=2015-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2016-01-01T00:00:00-02:00&max-results=50>. Acesso em: 3 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 589"> Ficha: 151 </td> <td data-bbox="751 315 1385 589"> Denominação: Museu de Artes Lúdicas Data de Criação: 2015 Endereço: Rua do Amor, 3, bairro Saquação, Santa Cruz, CEP 23575-431, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 3422-0831 / 9809-9184 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 151	Denominação: Museu de Artes Lúdicas Data de Criação: 2015 Endereço: Rua do Amor, 3, bairro Saquação, Santa Cruz, CEP 23575-431, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 3422-0831 / 9809-9184 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 151	Denominação: Museu de Artes Lúdicas Data de Criação: 2015 Endereço: Rua do Amor, 3, bairro Saquação, Santa Cruz, CEP 23575-431, Rio de Janeiro/RJ. Tel.: (21) 3422-0831 / 9809-9184 Situação atual: em funcionamento.		
<p>Entidade(s) Gestora(s): 7 Phocus Cia de Teatro (?)</p> <p>Parceiros(as)/apoio: Associação de Moradores de Saquação, É COMunitário, Produtora ELS2, pessoas físicas diversas.</p> <p>Recursos: Vale sul Alumínio S.A. (doação do terreno), Prêmio Geraldo Jordão Pereira do Instituto Rio (Projeto “MOA - Museu Oficina de Artes Lúdicas”), desde 2011 a Casa está sem Patrocínio</p> <p>Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:</p> <p>Ingresso: gratuito</p> <p>Obs.: _____</p> <p>Funcionamento:</p> <p>É necessário agendar a visita? () sim () não</p> <p>Estrutura física do Museu: O Museu está sediado no espaço cultural Casa da Rua do Amor.</p>			
<p>E-mail Institucional: casadaruadoamor@gmail.com Website ou Blog: http://casadaruadoamor.blogspot.com.br/ Rede Social: https://www.facebook.com/CasaDaRuaDoAmor/</p>	<p align="center">Logotipo</p>
<p>Categorias Propostas: [Museu Comunitário]</p>			
<p>Histórico:</p> <p>Em 2004 um grupo composto por 4 arte-educadores foi contratado pela Valesul Alumínio S.A para promover as oficinas culturais (teatro, música, artes plásticas e literatura) denominadas “Oficinas vira-e-mexe criações ecolúdicas”. O trabalho culminou na abertura do Pequeno Teatro do Saquação e com a criação da Cia Teatro da Gente (nome escolhido pelas crianças participantes) em uma sala cedida pela Associação de Moradores de Saquação.</p> <p>Após a fundação da Cooperativa de Dinamizadores de Arte e Cultura do Estado do Rio de Janeiro (2005) a Vale sul Alumínio S.A. doa ao grupo um terreno de 400 m² na comunidade do Saquação, bairro de Santa Cruz (Rio de Janeiro/RJ), onde é implantada a “Casa da Rua do Amor - Centro Cultural do Programa Arte na Rua”, onde são realizadas diversas atividades culturais, principalmente após aprovação da Lei Rouanet (Projeto “Oficina de Criação de Espetáculos Cênicos de Santa Cruz”).</p> <p>O Museu de Artes Lúdicas, ou “Museu de Artes Lúdicas do Saquação - Casa da Rua do Amor”, e apresenta parte da ludicidade presente em todas as atividades humanas. A experiência recebeu o 2º Prêmio Geraldo Jordão Pereira - Experiências Inovadoras de Desenvolvimento Comunitário para a Transformação Social da Zona Oeste, com o Projeto “MOA - Museu Oficina de Artes Lúdicas” e atualmente compõe a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).</p>			
<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>O acervo do Museu é composto por diversos brinquedos populares: pé de lata, cataventos, mané gostoso e outros bonecos e bonecas, giroscópios, miniaturas etc. Foi formado durante os 13 anos de oficinas de criação artística no Centro de Artes - Casa da Rua do Amor. Contém aquisições de diferentes países, doações de amigas/os, doações de grupos teatrais e de artistas plásticos.</p>			
<p>Atividades Desenvolvidas:</p> <p>Exposições;</p> <p>Oficinas de Criação Artística (OCAS) realizadas pela Casa da Rua do Amor - Centro Cultural do Programa Arte na Rua: Teatro Infante-Juvenil, Jovem e Adulto, Teatro de Bonecos, Cordas Dedilhadas (Violão e Cavaquinho), Danças Regionais de Influência Africana e Danças Regionais de Influências Indígena Brasileira, Artes Plásticas, Criatividade Infantil, Capoeira, Cordas dedilhadas (Violão e Cavaquinho), Iniciação Musical (Flauta Doce), Artesanato, Customização de Roupas. Por falta de Patrocínio, diversas oficinas estão sem atividades.</p> <p>Participação em Eventos: 12ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Exposição e Oficina de Brinquedos Artesanais e Populares (01/05-01/06/2014).</p>			

Ações de Preservação:					
Referências Bibliográficas:					
CASA DA RUA DO AMOR. Blogspot . Disponível em: http://casadaruadoamor.blogspot.com.br/ . Acesso em: 5 mai. 2017.					
_____. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/CasaDaRuaDoAmor/ . Acesso em: 5 mai. 2017.					
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 12ª Semana de Museus : as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p. 268. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.					
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Oficina de Artes Lúdicas do Saquacu. Museus Br : no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/7243/ . Acesso em: 7 mar. 2017.					
Referência	da	Imagem:	Detalhe	da	Exposição.
Disponível em: https://www.facebook.com/CasaDaRuaDoAmor/photos/a.727229010711132.1073741882.232833560150682/727461797354520/?type=3&theater . Acesso em: 5 mai. 2017.					
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).					

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 152	Denominação: Mataquiri Museu
	Data de Criação: 24/01/2015 (inauguração) Endereço: Povoado da Moita Redonda (próximo à Rodovia Plácido Castelo, depois da CE-040), Cascavel/CE. Tel.: (85) 8772-8117 / (85) 8831-5441 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Grupo Uirapuru	
Parceiros(as)/apoio: SESC, Prefeitura de Cascavel, Governo do Estado do Ceará,	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu: O Museu está sediado em uma casa com arquitetura de 1928 situada em um sítio, que também sedia o Instituto 3 Arte e do Grupo Uirapuru.	
E-mail institucional: tercioararipe@gmail.com Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/Mataquiri-Museu-798988383511195/	Logotipo
Categorias Propostas:	
Histórico: <p>Cascavel é um município tradicional localizado no eixo Leste do litoral do Estado do Ceará. Possui grande de fluxo de turistas brasileiros e estrangeiros. No entanto, o potencial turístico é pouco explorado pelas comunidades ancestrais, que carecem de políticas públicas que contribuam nesse sentido. Um dos grandes atrativos é o artesanato produzido na localidade por mestres e mestras artesãs, cuja mão de obra é explorada por atravessadores estrangeiros e empresários da capital, que aproveitam-se de sua vulnerabilidade econômica, em sistemas produtivos que descaracterizam os saberes e formas tradicionais da produção artesanal, especialmente a arte da cerâmica da região mediana de Moita Redonda, o que tem contribuído para esquecimento e conseqüente extinção desse conhecimento tradicional.</p> <p>A partir de 2005 começaram a ser realizadas oficinas de cerâmica tradicional, onde senhoras de mais idade transmitiam seus conhecimentos as crianças e jovens. O Grupo Uirapuru foi criado em 2009 pelo artista plástico e luthier Tércio Araripe, com o objetivo de resgatar a memória relacionada à produção tradicional de instrumentos musicais feitos de barro: instrumentos de corda, sopro e percussão, como marimbas, tambores curvos, tímpanos violinos, violas, harpas, guitarras e flautas. A proposta no edital Interações Estéticas (Funarte), o que levou a orquestra do Grupo Uirapuru, formada por jovens do povoado de Moita Redonda, a se apresentar em diversos estados brasileiros.</p> <p>O Museu Mataquiri, ou “Mataquiri Museu Escola de Arte e Residência Artística”, inaugurado em 2015, está sediado em uma casa com arquitetura de 1928 situada em um sítio, que também sedia o Instituto 3 Arte e do Grupo Uirapuru. Tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Unir a arte contemporânea com a arte ancestral, trazendo para o povoado novas linguagens e expressões artísticas; • Institucionalizar e fortalecer a arte secular da matéria-prima utilizada por artistas do Estado nas artes plásticas e na música, para a construção de instrumentos: o barro. <p>O termo “mataquiri” é uma homenagem ao maior pico de Cascavel, serra próxima ao povoado da Moita Redonda, de importância mitológica para os indígenas e referência geográfica para os jangadeiros que cruzavam o litoral leste do Estado.</p>	
Referências Patrimoniais: Instrumentos musicais feitos de barro e a memória e conhecimentos tradicionais relacionados à sua produção e utilização.	
Atividades desenvolvidas: Exposições. Exemplo: Exposição “Residência Artística Moita Redonda” (04/2017) Inauguração do Mataquiri Museu, com a apresentação do espetáculo “Sensorial”, do Grupo Uirapuru - Orquestra de Barro (24/01/2015); Oficinas de Cerâmica Tradicional; Piquenique “Vai Plantar Batatas? – etapa final da Exposição “Corpo Móvel”, de Sabyne Cavalcanti (06/03/2017);	

Participação em Eventos: 14ª Semana de Museus (IBRAM), com Oficina de cerâmica ancestral – ministrada pela Mestre Tarina, com técnicas usadas tradicionalmente no povoado de Moita Redonda (21/05/2016).

Ações de Preservação:

Oficinas de Cerâmica Tradicional.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Valeska. Grupo Uirapuru – Orquestra de Barro apresenta espetáculo “Passarinhada” na CAIXA Cultural Fortaleza. **O Povo Online**, 20 mai. 2015. Disponível em: <http://blog.opovo.com.br/educacao/grupo-uirapuru-orquestra-de-barro-apresenta-espetaculo-passarinhada-na-caixa-cultural-fortaleza/>. Acesso: 16 mar. 2017.

COSTA, Ricardo. Cascavel: Inauguração do Mataquiri Museu. **Revista Litoral Leste**, 24 jan. 2015. Disponível em: <http://revistalitoralleste.blogspot.com.br/2015/01/cascavel-inauguracao-do-mataquiri-museu.html>. Acesso em: 26 abr. 2016

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.56. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

INSTITUTO BEIJA FLOR. **Ponto de Memória Museu Vivo do Barro**. Disponível em: <http://instituto-beija-flor.webnode.com/museu-vivo-do-barro/>. Acesso: 16 mar. 2017.

MATAQUIRI MUSEU. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Mataquiri-Museu-798988383511195/?fref=ts>. Acesso: 15 mar. 2017.

REDE CEARENSE DE MUSEUS COMUNITÁRIOS. **Convite de inauguração do Museu Mataquiri**, 23 jan. 2015. Disponível em: <https://museuscomunitarios.wordpress.com/2015/01/23/convite-de-inauguracao-do-museu-mataquiri/>. Acesso em: 11 mai. 2017.

SECRETARIA DA CULTURA – Governo do Estado do Ceará. **Mataquiri Museu será inaugurado neste sábado, 24/1, em Cascavel, para preservar a cultura do barro**. 24 jan. 2015. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/latest-news/44538-mataquiri-museu-sera-inaugurado-neste-sabado-24-1-em-cascavel-para-preservar-a-cultura-do-barro>. Acesso: 15 mar. 2017.

Referência da Imagem: Sede do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/798988383511195/photos/a.826234300786603.1073741826.798988383511195/898872646856101/?type=3&theater>. Acesso: 15 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 153	Denominação: Museu Kapinawá Data de Criação: 07/2015 Endereço: Aldeia Colorau - Território Indígena Kapinawá, Buíque/PE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: NEPE/UFPE, Coletivo Visão Potiguará/PB Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? (X) sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está sediado no Espaço Sagrado Anjucá (Aldeia Colorau), mas considera todo o Território Indígena Kapinawá como espaço museológico.		
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/groups/1610680279165500/ (grupo)		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário		
Histórico: <p>O povo Kapinawá se reconhece como descendentes diretos de índios que foram aldeados na Serra do Macaco no século XVIII. Embora ocupassem tradicionalmente as terras que se estendem entre os municípios de Buíque, Tupanatinga e Ibimirim, até o início dos anos 80 não eram reconhecidos oficialmente como índios, algo que se tornou necessário devido à pressão sofrida com o avanço de latifundiários na região após a década de 1970, o que os obrigou a se organizar para conseguir a regularização de suas terras, um reconhecimento que foi longo e conflituoso (PALITOT <i>apud</i> ISA, 2017).</p> <p>De acordo com Gomes (2017), “o povo Kapinawá caracteriza-se pela diversidade de memórias, trajetórias e elementos culturais, que se destacam ao observarmos seus modos de vida; as diferentes formas de ocupação tradicional do território e de manejo dos recursos naturais; a relação com o patrimônio cultural, em especial o arqueológico; a religiosidade e as diversas manifestações a ela conectadas, principalmente as musicais e as relacionadas ao culto aos Encantados (samba de coco, benditos, toantes, toré etc.)”.</p> <p>Desde 2011, os Kapinawá tem se envolvido nas discussões sobre memória, patrimônio, cultura material, território e museologia comunitária (GOMES, 2017). Em julho de 2015 o Museu Kapinawá foi inaugurado, com sede no Espaço Sagrado Anjucá (Aldeia Colorau - Território Indígena Kapinawá), que envolve 23 comunidades através de suas atividades. Atualmente o museu integra a Rede de Museus Indígenas de Pernambuco e a Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil.</p> <p>O Museu Kapinawá atualmente está trabalhando para consolidar seu projeto político-pedagógico, a reforma da infraestrutura expositiva, adquirir equipamentos, além de realizar intercâmbio com outros museus indígenas.</p>		
Referências Patrimoniais: Memórias, patrimônios naturais, culturais, materiais e imateriais, território...		
Atividades desenvolvidas: Exposições. Exemplo: “Em Kapinawá tem” (23/07/2015) Oficina Museologia Social e Museus Indígenas/Ação educativa em Museus Indígenas (09/11/2016); Projeto Museu Kapinawá – ações de educação museológica e patrimonial para a formação permanente de grupos de pesquisa (10 grupos locais) sobre memória e núcleos locais dinamizadores dos processos museológicos, potencializando as ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação já existentes no museu (2016-2017, realizado por Alexandre Gomes, Lara Eréndira Andrade e Manuela Scilaci); Organização de Eventos: I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco – Inauguração do Museu Kapinawá (20-24/07/2015, Espaço Sagrado Ajucá – Aldeia Colorau); II Fórum de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande); Participação em Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé –		

Aratuba/CE); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); Seminário “Coleções Etnográficas e Povos
Indígenas (18/10/2016, Museu do Estado de Pernambuco); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE), entre outros.
Ações de Preservação: Ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação já existentes no museu do patrimônio cultural (material e imaterial) e da memória social - entre as diversas comunidades que formam o povo Kapinawá.
Referências Bibliográficas: EXPOSIÇÃO marca inauguração do Museu Kapinawá. Revista Continente , 23 jul. 2015. Disponível em: https://www.revistacontinente.com.br/secoes/noticias/18795-exposi%C3%A7%C3%A3o-marca-inaugura%C3%A7%C3%A3o-do-museu-kapinaw%C3%A1.html . Acesso: 19 mar. 2017. GOMES, Alexandre. Projeto Museu Kapinawá. Facebook , 22 mai. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/amanayporangaba.gomes?hc_ref=SEARCH&fref=nf . Acesso: 19 mar. 2017. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Povos Indígenas no Brasil – Kapinawá. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kapinawa . Acesso: 19 mar. 2017. MUSEU INDÍGENA KAPINAWÁ. Facebook : Grupo Público. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1610680279165500/ . Acesso: 19 mar. 2017. MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. Blogspot , 12 mai. 2015. Disponível em: http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20 . Acesso: 25 abr. 2016. REDE INDÍGENA DE MEMÓRIA E MUSEOLOGIA SOCIAL. Facebook : Fanpage, 3 abr. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/redeindigenamemoria/posts/?ref=page_internal . Acesso: 26 abr. 2016. VISÃO POTIGUARA. Museu Kapinawá. Youtube , 18 set. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mRX8te16F4E&feature=youtu.be . Acesso: 15 fev. 2016.
Referência da Imagem: Detalhe da Exposição – Museu Indígena Kapinawá. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=623650991179226&set=q.1610680279165500&type=1&theater . Acesso: 15 mar. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
154

Denominação: Ecomuseu de Pacoti

Data de Criação: 2015

Endereço: Rua Divino Salvador, 25, Centro, Campus de Educação Ambiental da UECE, CEP 62770-000, Pacoti/CE.

Tel.: (85) 9872-54437

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Alunos e Professores envolvidos no Projeto “Jovem Explorador”

Parceiros(as)/apoio: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Escola de Ensino Médio Menezes Pimentel - SEDUC/CE, Impacto Protensão / Eng.º Joaquim Caracas, ONG Pingo D'Água, Joaquim Caracas (engenheiro), entre outros.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: A sede do Ecomuseu está instalada em uma estrutura anexa ao Campus Experimental de Educação Ambiental e Ecologia da UECE, no entanto, as atividades se expandem para todo o território.

E-mail institucional: ecomuseupacoti@gmail.com

Website ou blog: <http://jovemexplorador-ecomuseu.blogspot.com.br/>

Rede social: <https://www.facebook.com/ecomuseudepacoti/>

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, [Museu Comunitário]

Histórico:

Pacoti é uma pequena cidade localizada na Serra de Baturité - cerca de 800 metros do nível do mar –, Estado do Ceará, com cerca de 11.607 habitantes. Trata-se de uma “área de proteção ambiental, ‘ilha verde’ de mata atlântica, úmida e fria o ano inteiro em pleno sertão cearense!”, que no entanto é pouco conhecida pelos próprios habitantes locais (DIÁRIO [...], 2017).

O Ecomuseu de Pacoti é uma organização comunitária idealizada pelo projeto “Jovem Explorador”, desenvolvido na Escola de Ensino Médio Menezes Pimentel (escola pública) a partir de setembro de 2014. Estimulado pelo desejo em desenvolver atividades interdisciplinares de pesquisa e em relação com a comunidade, o “professor de História, Levi Jucá, mobiliza seus alunos para recriar a velha comissão científica de exploração que esteve no Ceará entre 1859 e 1861 à mando de D. Pedro II” (JOVEM [...], 2015). Da mesma forma que a comissão de cientistas chefiada pelo botânico Francisco Freire Alemão, a equipe de estudantes do “Jovem Explorador” se subdividiu em equipes de pesquisa (botânica, geológica e mineralógica, zoológica, astronômica e geográfica, etnográfica e narrativa de viagem) e vem produzindo conhecimento. No entanto, dessa vez o conhecer é para preservar e não para degradar.

Em maio de 2015 o Ecomuseu firmou parceria com a pela Universidade Estadual do Ceará, que cedeu um terreno para a construção de uma estrutura física para compor a nova sede do Ecomuseu. O material e o serviço de montagem foram doados pelo engenheiro Joaquim Caracas, que inventou um tipo de construção com paredes fabricadas de módulos plásticos.

O Ecomuseu de Pacoti tem como objetivos:

- Explorar/descobrir as riquezas patrimoniais (natural e cultural) da região;
- Investigar a partir do ponto de vista científico (disciplinas), do diálogo com as pessoas e observando as próprias paisagens;
- Produzir conhecimento sobre a história, a memória e a natureza locais;
- Promover a participação comunitária na construção de sua identidade;
- Atuar como um espaço educativo de conscientização histórica e ambiental;
- Discutir coletivamente os meios para que o espaço museológico contribua com o desenvolvimento da comunidade nos sentidos cultural e econômico;
- Divulgar as descobertas e multiplicar a metodologia de educação integral e transdisciplinar.

O Ecomuseu de Pacoti possui em duas dependências biblioteca e arquivo. Em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido até o momento, já foi contemplado com as seguintes premiações: 1º Lugar nas Feiras Regional e Estadual de Ciências e Cultura da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Categoria Ciências Humanas (2015); 1º Lugar no VI Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus (2015), Programa Ibero-museus – Brasília/DF; Vencedor do Concurso Desafio Criativos da Escola 2015 - Instituto Alana - São Paulo/SP.

<p>Referências Patrimoniais:</p> <p>Patrimônios naturais e culturais de Pacoti;</p> <p>O acervo físico é composto por fotografias, objetos, documentos ou artefatos doados ao Ecomuseu</p>
<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>Exposições;</p> <p>Visitas Guiadas, Trilhas Ecológicas, Encontros de formação (metodologia de pesquisa, museologia, educação ambiental, biologia, audiovisual...), Oficinas, Aulas de Campo, Visitas Técnicas às universidades, museus, Mapeamento de trilhas ecológicas e de iniciação científica;</p> <p>Participação em Eventos: 13ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com Trilha da Memória pelo centro histórico da cidade, aguçando os sentidos do ser caminhante, aprendendo através do patrimônio cultural, Trilha da Mata pela floresta atlântica remanescente da cidade, aguçando os sentidos, o aprender através do patrimônio natural, Apresentação do Projeto Jovem Explorador (21-22/05/2015); 9ª <u>Primavera de Museus</u> (IBRAM), com a Palestra “A presença indígena na Serra de Baturité: povos da região, toponímia e arqueologia” – ministrada pelo Prof. Levi Jucá (24-25/09/2015); IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária - “Criando Comunidades e Cidades Educadoras” - Visita guiada ao Ecomuseu do Pacoti (24-26/11/2016, em parceria com a ABREMC), <i>Be The Change Conference</i> (12/2016, Pequim, China), entre outros.</p>
<p>Ações de Preservação:</p> <p>Pesquisas científicas desenvolvidas pelas equipes dos jovens exploradores;</p> <p>Coleta de dados, objetos e demais suportes etc.</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>DIÁRIO DE CAMPO JOVEM EXPLORADOR – Ecomuseu de Pacoti. Blogspot. Disponível em: http://jovemexplorador-ecomuseu.blogspot.com.br/. Acesso em: 12 dez. 2016.</p> <p>ECOMUSEU DE PACOTI. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseudepacoti/. Acesso em: 16 mai. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.36. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>_____. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.84. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>JOVEM EXPLORADOR. Facebook: Groups. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/783613618368316/search/?query=ecomuseu%20de%20pacoti. Acesso em: 20 mai. 2017.</p> <p>_____. Kickante, 2015. Disponível em: https://www.kickante.com.br/campanhas/jovem-explorador. Acesso em: 16 mai. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu de Pacoti. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/8541/. Acesso em: 27 fev. 2017.</p> <p>ONG TERRA. IV Jornada de Formação em Museologia Comunitária – Programação. Disponível em: http://ongterra.org/programa/. Acesso em: 12 dez. 2016.</p> <p>Referência da Imagem: Recepção a estudantes das 1ª e 2ª séries da Escola de Ensino Médio Menezes Pimentel (19/05/2017). Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1352452424834991&set=gm.1474575369272134&type=3&theater. Acesso em: 16 mai. 2017.</p> <p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
155

Denominação: Sala de Memórias de Queimadas

Data de Criação: 13/08/2015 (inauguração)
Endereço: Avenida Joaquim Nogueira Lopes, 3587, CEP 62880-000, Distrito de Queimadas, Horizonte/CE
Tel.: (85) 3336-1889 / 98671-5245
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura Municipal de Horizonte - Secretaria de Cultura, Turismo e Juventude juntamente com a comunidade

Parceiros(as)/apoio:

Recursos: Apoio da comunidade

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 8 às 12 e das 14 às 17 horas, finais de semana mediante agendamento.

É necessário agendar a visita? () sim (X) não

Estrutura física do Museu: O Museu está sediado na antiga sede do primeiro posto telefônico da cidade.

E-mail Institucional:

Websíte ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/Museu-de-Queimadas-255820044605723/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário

Histórico:

O Distrito de Queimadas está localizado no município de Horizonte (CE), a cerca de 40 Km da capital Fortaleza.

Interessada em contar a história da comunidade, a população local desenvolveu duas mostras. A primeira expôs réplicas dos casarões existentes na localidade, confeccionadas pelo artista plástico Sérgio Nogueira. A segunda, idealizada pela jornalista Djane Nogueira, apresentou fotografias, objetos e histórias dos moradores de Queimadas. Visando dar continuidade ao projeto, a comunidade se organizou para a criação de um espaço permanente onde pudessem contar a trajetória de construção histórica do lugar e de seu povo, o que foi concretizado graças ao morador Cláudio Sérgio, que ofereceu um pequeno galpão (onde anteriormente criava galinhas) de sua propriedade. A partir de então reuniões periódicas passaram a ocorrer e objetos passaram a ser doados pelos moradores.

A Sala de Memórias, organizada pela própria comunidade, foi inaugurada em agosto de 2015. Em novembro do mesmo ano a Secretaria de Cultura, mediante solicitação da comunidade, cedeu uma casa histórica (que abrigou o primeiro posto telefônico da cidade) para sediá-la.

A Sala de Memórias apresenta-se como um museu comunitário, espaço “dinâmico e construído no dia-a-dia da comunidade” (PREFEITURA [...], 2017) e tem como objetivos:

- Recuperar e preservar as memórias e manifestações culturais locais;
- Promover a apropriação da história local e contar as memórias individuais e coletivas;
- Oferecer meios para as famílias mostrarem seus talentos e complementar sua renda;
- Contribuir para o desenvolvimento social a partir da valorização dos patrimônios cultural e natural do distrito de Queimadas.

Referências Patrimoniais:

Edifício da Sala de Memórias e outros edifícios históricos da cidade;

Memórias individuais e coletivas;

Patrimônios cultural e natural do Distrito de Queimadas e manifestações culturais locais;

Acervo físico compost por fotografias, pinturas, objetos (aparelho de som, utensílios de barro, instrumentos de trabalho etc.), cédulas, moedas – coleções doadas pelos próprios moradores.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Mostra Indígena (04/2017);

Visitas Guiadas;

Atividades permanentes: Contação de histórias, Sexta Cultural, Terço da luz, Noite Evangélica, Feirinha do Povo - artesanato (todo primeiro sábado do mês)

Ações de Preservação:

Catálogo, organização e exposição das memórias dos moradores – através de fotografias, imagens, objetos e vídeos;

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE HORIZONTE. **Conheça Horizonte**. Disponível em: <https://horizonte.ce.gov.br/sobre-a-cidade/>. Acesso em: 4 mai. 2017.

_____. **Sala de Memórias de Queimadas**. Disponível em: https://horizonte.ce.gov.br/serv_cidadao/sala-de-memorias-de-queimadas/. Acesso em: 4 mai. 2017.

SALA DE MEMÓRIAS. **Horizonte Classificados**, 11 mai. 2017. Disponível em: <http://horizonteclassificados.com.br/HC/eventos-e-entretenimento/sala-de-memorias/>.

Referência da Imagem: Fachada do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/255820044605723/photos/a.581069372080787.1073741883.255820044605723/598010330386691/?type=3&theater>. Acesso em: 4 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 156	Denominação: Ecomuseu de Mangaratiba
Data de Criação: 2015 Endereço: Mangaratiba/RJ Tel.: Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio: Prefeitura de Mangaratiba - Secretaria de Segurança, Secretaria de Comunicação e Secretaria de Assistência Social		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/ecomuseudemangaratiba/	<div align="center"> Logotipo ECO MUSEU DE MANGARATIBA </div>	
Categorias Propostas: Ecomuseu		
Histórico: O Ecomuseu de Mangaratiba foi criado em 2015 com os objetivos de: <ul style="list-style-type: none"> • Estudar, conservar e valorizar o modo de vida e o patrimônio natural e cultural da região de Mangaratiba; • Estimular a cooperação da comunidade na preservação dos patrimônios locais. 		
Referências Patrimoniais: Pontos históricos da cidade, patrimônios naturais (ecossistemas, cachoeiras do Sahy, árvores centenárias etc.) e culturais (patrimônios arqueológicos, lugares de memória etc.), entre outros.		
Atividades desenvolvidas: II Edição da Eco Trilha Beneficente na localidade do Vale do Sahy – início em frente à Sede do Parque Cunhambebe (07/05/2017, com as turismólogas Elisete Modesto e Lúcia Aparecida de Mello) etc.		
Ações de Preservação: Trilhas Ecológicas; Arrecadação de alimentos não-perecíveis e fraldas descartáveis (que foram entregues ao representante da Secretaria de Assistência Social);		
Referências Bibliográficas: ECOMUSEU DE MANGARATIBA. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseudemangaratiba/ . Acesso: 5 mar. 2017. LOUZADA, Claud Bernard. Nas trilhas da história. Prefeitura de Mangaratiba , 8 mai. 2017. Disponível em: http://www.mangaratiba.rj.gov.br/novoportal/noticias/nas-trilhas-da-historia.html http://mangaratiba.rj.gov.br/novoportal/assets/cg/lib/file/doc/arquivos/publicacoes/dom-686.pdf . Acesso: 5 mar. 2017. Referência da Imagem: II Eco Trilha Beneficente (07/05/2017). Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseudemangaratiba/photos/a.1891735594440559.1073741830.1618227668458021/1891737801107005/?type=3&theater . Acesso: 10 mai. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
157

Denominação: Museu Wowkriwig (Sol Nascente)

Data de Criação: 2015

Endereço: Terra Indígena Vanuïre, Arco Íris/SP

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Museu Histórico de Londrina, Secretaria Municipal de Esportes (Tupã/SP), Prefeitura de Arco Íris/SP, ONG Arte Vidas (Tupã/SP), Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Prof. Dra. Marília Xavier Cury), Centro de Memória e Cultura Kaingang (CMCK), ACAM Portinari, entre outros.

Recursos: Prêmio Pontos de Cultura Indígenas 2015 (Projeto “VOWJEUWIG (sol nascente) - Museu Indígena”); Edital Proac 2016 (Projeto “Ampliação e consolidação do Museu Wowkriwig”).

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional:

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

Os Kaingang (Kanhgág), chamados até o final do século XIX por uma grande variedade de termos, se apropriaram da denominação criada por Telêmaco Borba, e assim passaram a se autodenominar. Vivem em cerca de 30 Terras Indígenas espalhadas pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, regiões onde há poucas terras com boas condições para a pesca e a caça, o que dificulta os meios de subsistência e também a falta de matéria-prima para a produção de artesanatos. Sua língua (Kaingang) pertence à família linguística Macro-Jê, e falam também o português. Os Kaingang enfrentaram diversas tentativas de extermínio, massacres, doenças, opressões e a perda de sua identidade (MINC, 2008, p.380).

Os Kaingang da T.I. Vanuïre, liderados por Dirce Jorge Lipu Pereira (artesã e liderança espiritual), por volta de 1997 formaram um grupo de resgate e preservação da Cultura Kaingang. Posteriormente (2010?), passou a desenvolver diversos trabalhos em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e com o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre. O Museu Wowkriwig (Sol Nascente), inaugurado em 2015, é uma consequência desse processo. Foi criado com os objetivos de:

- Resgatar os saberes e costumes tradicionais dos Kaingang da Terra Indígena Vanuïre (T.I. Vanuïre);
- Preservar a identidade, manifestações culturais e espiritualidade Kaingang;
- Buscar as pesquisas já realizadas na T.I. Vanuïre;
- Resistir aos preconceitos advindos com a presença de igrejas evangélicas na aldeia.

O Museu Wowkriwig Integra a Rede Indígena de Memória e Museologia Social e a Rede Indígena do Oeste Paulista e Norte do Paraná.

Referências Patrimoniais:

Saberes, Mitos e Costumes Tradicionais, Memórias e Manifestações Culturais dos Kaingang da T.I. Vanuïre; Artesanatos, pinturas corporais, cantos, danças, rituais medicinais, idioma etc.

Atividades desenvolvidas:

Rodas de Conversa com as novas gerações de Kaingangs, Noites Culturais;

Apresentações culturais em escolas, universidades, instituições culturais e museus;

Visitas guiadas à T.I. Vanuïre;

Organização de Eventos: I Encontro de Museologia Indígena no Oeste Paulista (21-23/07/2016, TI Vanuïre);

Participação em Eventos: I Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / III Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (01-06/05/2012, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); II Encontro Paulista

Questões Indígenas e Museus (06-08/08/2013, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); II Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (3-5/12/2014, UFPE - Recife/PE); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.

Atividades de Formação: Cursos de Extensão do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), ministrados por Marília Xavier Cury, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães: Museologia para Indígenas (08/04-10/06/2015), Museologia para Indígenas II – Museografia Aplicada a Museus Indígenas (05/07-19/07/2016) e Museologia para Indígenas – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta (03/04-29/05/2017).

Ações de Preservação:

Pesquisas com os mais velhos da aldeia.

Referências Bibliográficas:

CURY, Marília Xavier (editora). Museus e Indígenas: Saberes e Ética, Novos Paradigmas em Debate. In: III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural., abril-maio de 2014, Tupã. **Programa e Resumos.** Tupã/SP: Secretaria da Cultura - Governo do Estado de São Paulo, ACAM Portinari, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo, 2014, p.103-104.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Ata da Comissão de Seleção do Edital Proac Nº 24/2016** – Concurso de Apoio a Projetos de Proteção e Promoção das Culturas Indígenas no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Cultura – Unidade de Fomento à Cultura. Disponível em: http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/edital/24_atacs16.pdf. Acesso em: 16 mar. 2017.

IMPRENSA NACIONAL. **Diário Oficial da União.** Seção 1, nº 246, 24 dez. 2015, p.64-71. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=24/12/2015&jornal=1&pagina=64&totalArquivos=404>. Acesso em: 16 mar. 2017.

KAINGANG, **Dirce Jorge Lipu Pereira.** Resistência e defesa da cultura Kaingang. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.). Povos Indígenas e Psicologia: a Procura do Bem Viver. São Paulo: CRP SP, 2016, p.53-57.

MELO, Lucilene. Debate – Patrimônio: ampliação do conceito e processos de patrimonialização. CURY, Marília Xavier; VASCONCELOS, Camilo de Mello; ORTIZ, Joana Montero (coord.). In: I Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / III Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural., maio de 2012, Tupã. **Questões Indígenas e Museus:** Debates e Possibilidades. Brodowski/SP: Secretaria da Cultura - Governo do Estado de São Paulo, ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2012, p.43-53.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas.** Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.246. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

_____. **Prêmio Pontos de Cultura Indígenas** - Portaria nº 63, de 23 de dezembro de 2015. Brasília: Secretária da Cidadania e da Diversidade Cultural / MinC. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1313326/24.12.2015+Portaria+63.pdf/ffe9427f-9ffb-405a-acce-0f9efda57804>. Acesso em: 16 mar. 2017.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

Referência da Imagem: Recepção a professores e alunos do Projeto Vida Nova (Iacri/SP). Créditos: compartilhado por Dirce Jorge, 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/dirce.jorge.33?lst=1830141967%3A100021933740831%3A1512997223>. Acesso em: 10 out. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 158	Denominação: Museu Comunitário Social Data de Criação: 2015 Endereço: Distrito de Pataíba, Água Fria/BA Tel.: (75) 8258-9622 / 3293-1156 Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana Parceiros(as)/apoio: Ponto de Memória Escrevendo Minha História e Saberes Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Museu Comunitário Social - Ponto de Memória escrevendo minha história e saberes”) Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: casa-cultura2012@bol.com.br Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória		
Histórico: <p>O distrito de Pataíba, localizado no município de Água Fria - microrregião de Feira de Santana (BA) –, foi a sede escolhida para a criação, em 2010, da Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana, organização sem fins lucrativos criada com o objetivo de atender a população local com projetos socioculturais relacionados à cultura, esporte, memória, cidadania, geração de renda e qualidade de vida.</p> <p>Em janeiro 2015 a Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana em parceria com o Ponto de Memória Escrevendo Minha História e Saberes, iniciou uma campanha de arrecadação de objetos, fotos, documentos, histórias orais, relíquias culturais com o intuito de (re)construir a história do distrito de Pataíba e do município de Água Fria por meio da criação do Memorial e Museu Comunitário Social, que tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re)constituir parte do patrimônio histórico e memórias da região aquafriense; • Enriquecer histórica e culturalmente a região, por meio de atividades pedagógicas e exposições fixas e itinerantes; • Criar uma plataforma <i>online</i> a ser utilizada como material didático. 		
Referências Patrimoniais: Patrimônio histórico e memórias da região aquafriense.		
Atividades Desenvolvidas: Participação em Eventos: <i>Workshop</i> Ação Educativa em museus comunitários – II parte (7-10/04/2015, Museu do Homem do Nordeste /FUNDAJ)		
Ações de Preservação: Campanha de arrecadação de referências patrimoniais etc.		
Referências Bibliográficas: CASA DE CULTURA, ESPORTE E CIDADANIA DONA JOANA. Blogspot. Disponível em: http://casacescdonajoaana.blogspot.com.br/ . Acesso em: 24 mai. 2017. _____. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/casadeculturaDJ/ . Acesso em: 24 mai. 2017. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 04/2015 - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015 . Acesso em: 11 set. 2015. Referência da Imagem: Jovens na Entrada da Casa de Cultura, Esporte e Cidadania Dona Joana. Disponível em: http://casacescdonajoaana.blogspot.com.br/2014/09/o-acampamento-de-juventude-estabeleceu.html . Acesso em: 24 mai. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 159	Denominação: Ecomuseu da Usina
	Data de Criação: 2013 (?) Endereço: Av. Pref. João Baptista Caffaro, s/n - instalações da extinta CIBRAN, Vila Cortes, CEP 24890-000, Tanguá/RJ. Tel.: (21) 9964-80445 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail institucional: ecomuseudausina@gmail.com Website ou blog: Rede social:	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>A proposta de criação de um Ecomuseu na região de Tanguá surgiu em 2015, no Fórum Agenda 21 Tanguá. A ideia envolve sua instalação no edifício que sediou o escritório e balança remanescente da Usina Tanguá de açúcar, onde funcionará o Centro de Memória Municipal (criado por lei municipal em 2011).</p> <p>O Ecomuseu da Usina tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservar e valorizar o meio ambiente natural e cultural local; • Coletar e compartilhar a memória local (passada e contemporânea) • Combinar os saberes e criatividade da direção especializada e da população local; • Incentivar o desenvolvimento econômico e humano do município de Tanguá, a partir do interesse e da ação da comunidade; • Consolidar o território como espaço de sustentabilidade, preservação, criatividade e memória. 	
Referências Patrimoniais: <p>Espaço remanescente da Usina Tanguá de Açúcar e Companhia Brasileira de Antibióticos - CIBRAN e seu entorno (bens naturais e culturais do território);</p> <p>Memórias, relatos e interpretações dos cidadãos locais etc.</p>	
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplo: Exposição “A...Cerca da Memória” - textos e imagens do conjunto industrial remanescente da Usina Tanguá e CIBRAN, ruínas de alambiques e engenhos de açúcar e aguardente do município (22/05/2015);</p> <p>Participação em Eventos: 13ª <u>Semana Nacional de Museus</u> (IBRAM), com a Palestra “Patrimônio Cultural de Tanguá e sua Identidade: Engenhos e Usina”, Visita Guiada - roteiros de visita pelos antigos armazéns, engenhos e alambiques da área rural do município, Exibição do Documentário “Entrelugares: Patrimônio e memória no Leste Fluminense” - narrativas de moradores, imagens de bens arquitetônicos, urbanísticos, paisagísticos e de manifestações populares (18-22/05/2015, na Câmara de Vereadores de Tanguá, na Praça Roberto Pereira dos Santos etc.); Fórum Agenda 21 Tanguá (27/01/2017), entre outros.</p>	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: <p>AGENDA 21 TANGUÁ. Facebook: Fanpage, 29 jan. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/ag21tangua/. Acesso em: 7 mar. 2017.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.302. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.</p>	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
160

Denominação: Ecomuseu Mata do Índio

Data de Criação: 2015 (?)

Endereço: Fazenda Sarandy, s/n, Km 2, Estrada Ecológica da Serra da Canastra, Delfinópolis/MG

Tel.: (35) 99929-7260 / 9707-9870 / 3525-1133

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Biblioteca Pública Municipal, Escolas Públicas da região

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail institucional: bibliotecadelfinopolismg@gmail.com, projetoaruanda@hotmail.com

Website ou blog:

Rede social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

Não obtivemos maiores informações sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Trilha do Índio - localizada a cerca de 2 km da cidade de Delfinópolis, próxima à Mata do Índio (sua imagem aérea possui a forma de um índio sentado - posição de perfil);

Patrimônio Natural - Área Verde Preservada;

Usina do Rio Santo Antônio;

Grupo Folia das Almas do Itajuí ;

Acervos de fotos e vídeo-documentários etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição "Memórias Indígenas" (22-25/09/2015, Sala da Divisão de Esportes - Ginásio Poliesportivo);

Trilha do Índio;

Organização de Eventos: Mostra Cultural do Projeto Ecomuseu Mata do Índio (21-26/07/2015, Ginásio Poliesportivo de Delfinópolis);

Participação em Eventos: 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Visita Guiada à Exposição e Caminhada Ecológica na Trilha do Índio, lançamento da Cartilha "Folia das Almas: Fé e Identidade Cultural" (21-26/09/2015); 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com exposição e vídeo-documentários sobre o Projeto "Luz de Santo Antonio" (7-31/05/2016, Sede do Banco Sicoob – Saromcred), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

NEVES, Edson. **Facebook**, 1 nov. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1075477279131706&set=p.1075477279131706&type=3&theater>. 19 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 9ª Primavera dos Museus: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.88-89. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

_____. 14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.168. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência da Imagem: 1º dia da Caminhada Ecológica na Trilha do Índio com alunos do 5º ano da Escola Municipal Cônego Marinho / 9ª Primavera dos Museus (2015). Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=Ecomuseu%20Mata%20do%20C3%8Dndio>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 161	Denominação: Museu Indígena Tremembé Data de Criação: 2015 (?) Endereço: Aldeia da Praia, Almofala, Itarema/CE. Tel.: Situação atual: em formação.
Entidade(s) Gestora(s): Instituto Museu Indígena Tremembé e organização social das aldeias (conselhos indígenas). Parceiros(as)/apoio: Projeto Historiando, pesquisadores, estudantes e outros parceiros... Recursos: Edital do Mecenato de 2015/2016 - Lei de incentivo à cultura / apoio cultural da COELCE - atualmente ENEL (Projeto “Caravana do Museu Indígena Tremembé”). Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu Indígena Tremembé construirá sua sede na primeira casa onde funcionou a Escola Diferenciada Maria Venância (Aldeia da Praia), ao lado da atual escola. O projeto pretende ter uma estrutura composta por praça, jardim, cineteatro, salas de formação, estúdio audiovisual etc.		
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/Museu-Ind%C3%ADgena-Trememb%C3%A9-610917715759170/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]		
Histórico: <p>Assim como os Tapeba, os Tremembé são pioneiros no processo de emergência étnica no Ceará (anos 1980), ambos possuem importante experiência política e fortes lideranças no interior do movimento indígena local e entidades que os representam, e também contam com alguma assistência de órgãos governamentais e entidades da sociedade civil organizada. Apesar de serem mencionados em documentos históricos e em obras do período colonial, período em que aldeados em missões no Maranhão e no Ceará, desde o século XIX são tratados como caboclos, remanescentes ou descendentes de índios pela população circundante, e sua diferenciação étnica é relevada ou minimizada, “de acordo com as situações sociais e disputas locais” (GOMES; VIEIRA, 2009, p.168). Constituem numeroso grupo distribuído em 20 aldeias, localizadas municípios de Acaraú, Itapipoca e Itarema (CE). No entanto, as comunidades são constantemente ameaçadas, perseguidas e tem suas terras invadidas por latifundiários desde a década de 1960, devido à especulação imobiliária, monocultura do coco, construção de empreendimentos turísticos internacionais, carcinicultura (cultivo de camarão em cativeiro) etc. (GOMES; VIEIRA, 2009, p.167-169; MUSEU [...], 2016).</p> <p>A primeira conquista do processo de afirmação cultural entre os Tremembé originou a Escola Tremembé Maria Venância, que possui um processo pedagógico diferenciado. A Terra Indígena Tremembé Córrego do João Pereira foi a primeira a ser demarcada no estado do Ceará, em 2003. Após duas décadas de conflito com o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), a comunidade da Terra Indígena Tremembé das Queimadas teve seu território declarado (2013) no Diário Oficial da União e aguarda a demarcação física e homologação da presidência.</p> <p>O Museu foi idealizado pela coordenação de lideranças indígenas, que a partir de 1992 organizaram diversas atividades junto às suas comunidades com o objetivo de edificar espaços de debate, articulação, afirmação étnica e transmissão dos saberes tradicionais. De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.169), “a organização de um museu indígena na comunidade não é projeto recente, segundo o cacique João Venâncio”. Está previsto desde 2006 no Estatuto do Conselho Indígena Tremembé de Almofala (CITA), criado em 1995 com o objetivo de defender os direitos das comunidades Tremembé.</p> <p>O Museu Indígena Tremembé, que será abrigado na Área Indígena Tremembé de Almofala (Aldeia da Praia, Itarema/CE), na primeira casa onde funcionou a Escola Diferenciada Maria Venância, ao lado da atual escola, tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Resguardar, sob o ponto de vista cultural, material, imaterial, simbólico, os saberes, as manifestações culturais indígenas representativas da história e tradições das populações étnicas indígenas Tremembé” (ESTATUTO <i>apud</i> GOMES; VIEIRA, 2009, p.170); • Promover, divulgar e ampliar os estudos e investigações entre as sociedades indígenas Tremembé (ESTATUTO <i>apud</i> GOMES; VIEIRA, 2009, p.170); 		

- Contribuir para a preservação e transmissão das práticas culturais, fazeres e saberes tradicionais;
- Contribuir com a afirmação cultural, luta por direitos, formação e desenvolvimento humano, social e cultural dos povos indígenas do Brasil;
- Ser um espaço vivo, com atividades culturais, encontros, eventos etc.;
- Fortificar a identidade e união étnica;
- Contribuir com a difusão da Cultura Indígena;
- Tornar-se um Centro de Referência para a história indígena cearense.

Gomes e Vieira (2009, p.170-174) que em 2009 coordenaram o Projeto Emergência Étnica (Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará), durante a Oficina de Diagnóstico Participativo apresentaram algumas propostas de aperfeiçoamento do Museu, elaboradas conjuntamente com representantes dos Tremembé, como a reunião e organização do acervo do museu, que encontra-se dispersa nas residências dos próprios indígenas ou sob a guarda de pesquisadores e entidades indigenistas que os apoiam, a realização de campanhas de coleta de objetos representativos da história dos Tremembé, a formação de uma equipe gestora formada por lideranças, estudantes e professores das escolas diferenciadas, capacitação da equipe por profissionais especializados, a documentação do acervo, a reestruturação física do edifício, a elaboração do plano museológico, a reunião de dissertações de mestrado, livros e teses de doutorado sobre os Tremembé, entre outras.

Referências Patrimoniais:

A atuação da Associação Missão Tremembé (AMIT) acumulou importante acervo documental sobre a história, patrimônio cultural e mobilização política dos índios Tremembé (GOMES; VIEIRA, 2009, p.167). Esse acervo é composto por diversos elementos da cultura material: documentos, fotografias, objetos de uso ritualístico e utilitário, artesanatos (produzidos com múltiplas matérias-primas);

Patrimônio Imaterial: datas comemorativas e práticas artísticas tradicionais (cantos, toré, danças etc.), saberes e fazeres tradicionais ligados a práticas artesanais, à produção de bebidas e comidas tradicionais (por exemplo, o mocororó, bebida feita a partir do caju, utilizada em festas e rituais), Torém (ritual) etc.

Atividades desenvolvidas:

I Caravana do Museu Indígena Tremembé - ciclo de ações de valorização dos saberes dos troncos velhos (lideranças tradicionais) dos 14 povos indígenas cearenses reconhecidos, idealizada e coordenada pelos Mestres da Cultura, Cacique João Venança e Pajé Luís Caboclo (09/2016 – 03/2016, aldeias em diversos Municípios, como São Benedito, Poranga, Crateús, Quiterianópolis, Monsenhor Tabosa, Tamboril, São Gonçalo do Amarante, Caucaia, Aquiraz, Pacatuba, Aratuba, Canindé, Acaraú, Itapipoca e Itarema).

Organização de Eventos: IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé);

Participação em Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); I Encontro de Formação em Museologia para Povos Indígenas em Pernambuco (20-24/07/2015, T.I. Kapinawá – Espaço Sagrado Ajucá, Buíque/PE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); entre outros.

Ações de Preservação:

Registros em Audiovisual e Fotografias.

Referências Bibliográficas:

CIRCUITO do Museu Indígena Tremembé segue com música e oficinas. **Agência da Boa Notícia**, 28 out. 2015. Disponível em: http://www.boanoticia.org.br/noticias_detalhes.php?cod_noticia=7245. Acesso em: 25 abr. 2016.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Fortaleza: SECULT, 2009, p.167-178. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MUSEU INDÍGENA TREMEMBÉ. Panfleto de Divulgação. 2016.

_____. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Museu-Ind%C3%ADgena-Trememb%C3%A9-610917715759170/>. Acesso: 15 mar. 2017.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

Referência da Imagem: Primeira sede da Escola Diferenciada Maria Venância, que será adaptada para sediar o Museu Indígena Tremembé. Créditos: Alexandre Gomes (GOMES; VIEIRA, 2009, p.180).

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 162	Denominação: Museu Arqueológico Comunitário do Cumbe e Canaveira (MACC)
	Data de Criação: 2016 Endereço: Aracati/CE Tel.: Situação atual: em formação.

Entidade(s) Gestora(s): Associação Quilombola do Cumbe (AQC)	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: (☐) IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? (☐) sim (☐) não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário	
Histórico: <p>A Comunidade Quilombola do Cumbe está localizada no município de Aracati, litoral leste do Ceará. A população é formada por pescadores/as (a maioria negra/o) que se relacionam íntima e tradicionalmente com a natureza local, formada por manguezais, carnaubais, dunas, gamboas, rio e mar, de onde retiravam seu sustento até a chegada de empresas privadas à região. A comunidade ficou conhecida por produzir uma das melhores aguardentes do Ceará. De acordo com João do Cumbe (CUMBE, 2017) a palavra “Cumbe” é de origem africana e significa “Quilombo”.</p> <p>Nos anos 1970 a Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE) privatizou os lençóis freáticos da região e passou a fornecer água à população de Aracati. O uso descontrolado desse bem natural impacta tanto a vida dos moradores locais como a fauna, a flora, o meio ambiente e a paisagem da região. Na década de 1990 chega à região a carcinicultura – criação empresarial de camarão –, atividade que contribui com a destruição dos manguezais locais e afeta diretamente a vida dos pescadores artesanais. Finalmente, em 2008, são instalados três parques de energia eólica na região, responsáveis pela privatização das dunas da comunidade. Para a sua implantação, lagoas foram soterradas e parte dos sítios pré-históricos (arqueológicos) e históricos foram destruídos. Todas essas “ocupações” legais são seguidas de muitos conflitos com a população local, que cria a Organização Popular de Aracati (OPA) com o intuito de unificar as lutas dos trabalhadores rurais e urbanos contra os empreendimentos mercadológicos.</p> <p>Com o reconhecimento do local como território remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares e a possibilidade de demarcação do território tradicional quilombola, os conflitos se acirraram, e os empresários passaram a difamar e ameaçar lideranças comunitárias, criar conflitos internos, entre outras ações a fim de desarticular a população.</p> <p>A Comunidade Quilombola do Cumbe, organizados na Associação Quilombola do Cumbe, resiste, com o apoio de diversos movimentos sociais, Advocacia Popular e da Defensoria Pública do Estado do Ceará. Uma das estratégias empreendidas foi a reivindicação da criação de um museu arqueológico/ecomuseu, de base comunitária, ideia que surge em 2008 após a criação do parque eólico, mas que se adapta devido às novas circunstâncias. Após muitas idas e vindas, conflitos e debates, em abril de 2015 a Empresa Eólica CPFL Renováveis (antiga empresa “Bons Ventos”) convocou uma audiência reunindo autoridades municipais, representantes das comunidades do Cumbe e da Canaveira e estudiosos da área de Museologia, para apresentação do projeto arquitetônico para o Museu Arqueológico Comunitário do Cumbe (MACC). Atualmente o edifício está em processo de construção.</p> <p>Além de garantir o acesso da população local às 41 mil peças encontradas nos sítios arqueológicos do Cumbe durante a instalação da Energia Eólica (atualmente sob guarda do Museu Câmara Cascudo, Natal/RN) o Museu Arqueológico Comunitário do Cumbe e Canaveira (MACC) contribuirá para o (re)conhecimento da história da comunidade (e consequentemente de sua identidade quilombola) e para o desenvolvimento do turismo sustentável na localidade.</p>	
Referências Patrimoniais: Patrimônios naturais e culturais da região do Cumbe e Canaveira; Artefatos arqueológicos encontradas nos sítios arqueológicos do Cumbe, entre outras.	

Atividades Desenvolvidas:
Participação em Eventos: III Festa do Manguê do Cumbe: identidade quilombola pesqueira e território livre – com trilha pelos lugares de memória da Comunidade Quilombola do Cumbe (09-11/09/2016).
Ações de Preservação:
Luta empreendida pela Comunidade Quilombola do Cumbe pela defesa de seus bens patrimoniais naturais e culturais.
Referências Bibliográficas:
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CUMBE/Aracati – CE. Disponível em: http://quilombodocumbe.blogspot.com.br/ . Acesso em: 26 mai. 2017.
CUMBE, João do. Comunidade Quilombola do Cumbe: Resistência e Luta pela Demarcação e Titulação do Território Quilombola. Comunidade Quilombola do Cumbe, Blogspot , 23 fev. 2017. Disponível em: http://quilombodocumbe.blogspot.com.br/ . Acesso em: 26 mai. 2017.
Referência da Imagem: Futuro edifício do MACC em construção. Créditos: Felipe Acea. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155465530835625&set=a.10151874133880625.1073741826.551315624&type=3&theater . Acesso em: 1 jun. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 309 746 562"> Ficha: 163 </td> <td data-bbox="751 309 1385 562"> Denominação: Museu Indígena Pitaguary Data de Criação: 2016 Endereço: Aldeia Monguba, Terra Indígena Pitaguary, Rodovia CE 060, Km 15, Pacatuba/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento </td> </tr> </table>	Ficha: 163	Denominação: Museu Indígena Pitaguary Data de Criação: 2016 Endereço: Aldeia Monguba, Terra Indígena Pitaguary, Rodovia CE 060, Km 15, Pacatuba/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento
Ficha: 163	Denominação: Museu Indígena Pitaguary Data de Criação: 2016 Endereço: Aldeia Monguba, Terra Indígena Pitaguary, Rodovia CE 060, Km 15, Pacatuba/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento		
Entidade(s) Gestora(s): Conselho de Articulação Indígena do Povo Pitaguary Parceiros(as)/apoio: Projeto Historiando, ONG's... Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2011 (Projeto “Constituição de Articulação Indígena do Povo Pitaguary”), Campanha online no site Kickante para viabilizar a reforma do edifício (2016), venda de artesanatos etc. Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE), Rede Indígena de Memória e Museologia Social Ingresso: _____ Obs.: _____ Funcionamento: _____ É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu ocupa um espaço comunitário denominado Casa de Apoio, que é também a sede da associação local e onde são realizadas diversas atividades. Em 2016 a casa iniciou o processo de reestruturação para abrigar o Museu.			
E-mail institucional: Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/museuindigenapitaguary	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Ecomuseu, [Museu Comunitário], Ponto de Memória			
Histórico: <p>A Terra Indígena (TI) Pitaguary está situada na região metropolitana de Fortaleza, a aproximadamente 26 quilômetros da capital, rodeada por uma área que concentra indústrias e com urbanização crescente. As terras anteriormente habitadas pelos Pitaguary foram sendo invadidas no transcorrer dos séculos, o que os obrigou a migrarem e se concentrarem nos municípios de Maracanaú (aldeias do Horto, Olho D'água e Santo Antônio dos Pitaguary) e Pacatuba (aldeia Monguba). A mobilização política em torno da identidade étnica teve início entre os Pitaguary em 1991, quando algumas famílias dos indígenas foram expulsas de suas terras e foram obrigadas a residir em bairros da zona urbana de Maracanaú, e aqueles que permaneceram na área do aldeamento eram obrigados a pagar parte de sua produção agrícola para os fazendeiros que ocuparam suas terras. Em 1993 a Câmara Municipal de Maracanaú aprovou um projeto de lei doando 107 hectares de terra ao povo Pitaguary, e a partir de 1997 várias famílias retornaram para a área indígena, fixando-se na localidade denominada Aldeia Nova dos Pitaguary (GOMES; VIEIRA, 2009, p.149).</p> <p>A mobilização para a demarcação da terra indígena resultou na criação do Conselho Indígena Pitaguary (COIPY). Com o crescimento do número de pessoas engajadas na luta pela conquista dos direitos indígenas outros espaços de organização política foram criados, como o Conselho de Articulação Indígena Pitaguary (CAINPY), o Conselho Indígena Pitaguary de Monguba (COIPYM), Associação dos Produtores Indígenas Pitaguary (APIPY), a Articulação das Mulheres Indígenas Pitaguary (AMIPY) e o Conselho dos Professores Indígenas Pitaguary (COPIPY) (GOMES; VIEIRA, 2009, p.150).</p> <p>Na Aldeia Monguba, em Pacatuba (CE), em 2004 (?) foi criado um espaço comunitário denominado Casa de Apoio (com recursos provenientes de indenização da Companhia Hidrelétrica do São Francisco devido a construção de uma linha de transmissão energética que passa por dentro da T.I. Pitaguary), que é a sede da associação local e onde ocorrem reuniões, encontros, são desenvolvidos projetos, cursos, oficinas, confraternizações, atividades culturais, pousada, e dessa forma contribui para a melhoria das condições de vida dos indígenas. Esse espaço, idealizado e construído pela própria comunidade, atualmente está sendo adaptado para sediar o Museu Indígena Pitaguary (GOMES; VIEIRA, 2009, p.150-151).</p> <p>O Museu Indígena Pitaguary tem como objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consolidar-se enquanto espaço de memória, arte, cultura e preservação ambiental; • Contribuir com o processo de afirmação da identidade étnica e com a luta pelos direitos indígenas previstos na constituição (GOMES; VIEIRA, 2009, p.154). <p>Gomes e Vieira (2009, p.152-159) que em 2009 coordenaram o Projeto Emergência Étnica (Secretaria de Cultura do</p>			

a Oficina de Diagnóstico Participativo apresentaram algumas propostas de aperfeiçoamento do Museu, elaboradas conjuntamente com representantes dos Pitaguary, como a formação de um núcleo gestor, a realização de campanha em todas as aldeias para a coleta e doação de objetos significativos para a memória da comunidade, organização e documentação do acervo coletado, parceria entre escolas diferenciadas, lideranças comunitárias e organizações indígenas, capacitação com profissionais especializados, elaboração de um Plano Museológico, criação de um núcleo educativo, constituição de um centro de documentação, entre outras.

Após a Campanha Virtual no website Kickante, os Pitaguary obtiveram apoio de uma instituição que apoia os povos indígenas no Ceará e que se comprometeu a viabilizar a estrutura física dos espaços de memória da Aldeia Monguba e também da Aldeia Santo Antônio (MUSEU [...], 2016).

Referências Patrimoniais:

O "patrimônio étnico e ambiental do Povo Indígena Pitaguary" (MUSEU [...], 2016) é composto por diversos itens que apresentam as histórias de luta pelo território e pela preservação ambiental, com destaque para exemplares botânicos que mostram as espécies de árvores nativas da região, peças arqueológicas, machados, foices, ferros de engomar, pilões, livros, obras, DVD's, cartilhas, artesanatos (feitos com sementes, coco, palha, penas...), entres outros.

Patrimônio Imaterial: saberes tradicionais acerca da natureza - manipulação das raízes, ervas e plantas utilizados na cura de enfermidades pelos rezadores ou benzedores (traço cultural que liga as antigas às atuais gerações) e também por agentes de saúde indígenas (GOMES; VIEIRA, 2009, p.153), guardiões da memória do Povo Pitaguary (Pajé Babosa, entre outros) etc.

Atividades desenvolvidas:

Exposições. Alguns exemplos: Exposição sobre a resistência pela não reativação de uma pedreira localizada na área indígena; Exposição "Museu Indígena Pitaguary" – curadoria de Carolina Ruoso e com a participação do artista convidado Benício Pitaguary (05/2017, Museu de Arte Sobrado Dr. José Lourenço) etc.

Visitas guiadas, exibição de filmes com temática indígena, trilhas aos locais de memória, rodas de conversa, intercâmbio com outros museus indígenas (Museu Indígena Kanindé, Museu Kuahí) etc.

Participação em Eventos: I Encontro da Rede Cearense de Museus Comunitários (22/05/2013, Fortaleza/CE); I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28-30/04/2016, Museu Índia Vanuie – Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buique/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); I Conferência de Jovens Indígenas Kanindé - Tema: "Buscar desafios, conquistando ideias" (4-5/03/2017, Museu Indígena Kanindé, Aratuba/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuie – Tupã/SP); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.

Ações de Preservação:

Coleta de objetos, pesquisas em livros etc.

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 26 /2011** – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória Indígena no Ceará**: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.148-165. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.53. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MUSEU INDÍGENA PITAGUARY. **Kickante**, mar. 2016. Disponível em: <http://www.indio-eh-nos.eco.br/2016/01/28/campanha-para-o-museu-indigena-pitaguary/>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museuindigenapitaguary>. Acesso: 15 mar. 2017.

MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

Referência da Imagem: Sede do Museu (em reforma) durante atividade de Intercâmbio com o Museu Indígena Kanindé (28/11-04/12/2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/museuindigenapitaguary/photos/a.178272564538512.1073741832.1549527242038688/1782729678718442/?type=3&theater>. Acesso em: 26 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
164

Denominação: Museu das Remoções

Data de Criação: 18/05/2016.

Endereço: Vila Autódromo, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/RJ.

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Coletivo formado por moradores, ex-moradores e apoiadores da Vila Autódromo.

Parceiros(as)/apoio: ONG Meu Rio (na fase de construção do Museu), Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhanguera – Campus Niterói (na construção do Museu), Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas (coletivo já extinto), ONG ComCat (especialmente na divulgação das atividades), Museu da Maré no “Edital de Chamamento Público nº01 / DPMUS 2016 – Prêmio Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro”, atualmente conta com 20 voluntários de diferentes áreas de formação: Museologia, Arquitetura, Urbanismo, Sociologia, Comunicação, Antropologia, Relações Internacionais etc.

Recursos: Contribuições voluntárias de seus componentes, Edital de Chamamento Público nº01 / DPMUS 2016 – Prêmio Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (junto ao Museu da Maré, que irá gerir os recursos).

Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro:

Ingresso: gratuito.

Obs.:

Funcionamento: aberto diariamente, mediante agendamento.

É necessário agendar a visita? (X) sim () não

Estrutura física do Museu: Todo o território da Vila Autódromo compõe o museu, e a casa 18 refere-se à casa-sede (sede temporária).

E-mail institucional: museudasremocoes@gmail.com

Website ou blog:

Rede social: <https://www.facebook.com/museudasremocoes/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu a Céu Aberto, [Museu Comunitário]

Histórico:

A Vila Autódromo, localizada no bairro de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, teve como primeiros moradores uma comunidade de pescadores (década de 1960) e posteriormente recebeu operários que trabalharam na construção do Autódromo de Jacarepaguá. Por estar localizado em uma zona de expansão imobiliária, a Vila Autódromo sofre tentativas de remoção desde a década de 1990. Nos últimos anos a pressão por parte de construtoras (ancoradas pelo poder público municipal), que anseiam pela construção de condomínios na Barra da Tijuca se intensificou, somado ao fato da localidade ter sido escolhida para a construção do Parque Olímpico para os Jogos Olímpicos 2016. A partir de então a comunidade vizinha ao antigo Autódromo, formada por cerca de 600 famílias, tornou-se mundialmente conhecida por resistir à política de remoções promovidas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Após a pressão exercida pela Prefeitura, apoiada por renomadas construtoras, restaram apenas 20 famílias, que resistiram aos diversos assédios (indenizações, violências, pressões psicológicas etc.) e conseguiram firmar um acordo histórico de realocação assinado coletivamente. Algumas famílias ficaram abrigadas por alguns meses em casas-containers (habitação provisória) e em julho de 2016 foram entregues as 20 casas. Segundo Talbot (2016), o novo acordo correspondeu à entrega de casas de qualidade duvidosa, excluiu diversos moradores que não queriam deixar o local e não corresponde ao desejo expresso no Plano Popular de Urbanização, projeto elaborado pela comunidade, que ganhou o Prêmio Internacional de Urbanismo *Urban Age Award*, em 2013.

O Museu das Remoções, idealizado pelo museólogo Thainã de Medeiros, foi construído por moradores, ex-moradores, moradores de comunidades próximas, apoiadores da Vila Autódromo e estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhanguera. Sob o *slogan* “Memória não se Remove”, apresenta-se como um “ato simbólico e político fundamental de resistência” (PEREGRINO, 2016), um instrumento de luta que disputa a narrativa da memória dos megaeventos.

Antes da inauguração do museu foram realizadas oficinas de memórias onde os moradores relataram as “vivências na localidade antes, durante e depois do processo de remoção, ressaltando as repercussões de cunho territorial, social, político e emocional” (PEREGRINO, 2016). A partir dos relatos, foi constituído um mapa com as edificações removidas consideradas referências desse território descaracterizado, das quais algumas foram selecionadas e serviram de inspiração para 7 esculturas elaboradas (com escombros) pelos estudantes de arquitetura, que compuseram o percurso da primeira exposição do museu e atualmente itenera para outros locais da cidade.

O Museu das Remoções, inaugurado em 18 de maio de 2016, Dia Internacional dos Museus em apresenta-se como um museu a céu aberto e tem como objetivos:

- Resgatar e registrar a história, memória e as práticas sociais da comunidade Vila Autódromo;
- Construir e narrar as histórias (anteriores e posteriores ao processo de apagamento cultural – incluindo o espaço físico e as redes de relações afetivas, morais, políticas e econômicas – produzido pela remoção sofrida), memórias, referências patrimoniais, violências e lutas da comunidade;
- Divulgar uma narrativa contrária à divulgada pelo poder público sobre a política de remoções de favelas e a resistência dos moradores da Vila Autódromo;
- Refletir sobre as dinâmicas dos processos históricos de remoções no Rio de Janeiro e no Brasil;
- Elaborar novos planos de consciência e criatividade entre a comunidade;
- Conceber laços visando o desenvolvimento e a manutenção dos direitos;
- Transformar-se em inspiração e colaborar com outras comunidades que passam por processos de remoção similares;
- Tornar-se uma plataforma de resistência contra um modelo segregador de cidade ligado às práticas dos megaeventos, mas não restrito a eles.

O Museu das Remoções integra a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ).

Referências Patrimoniais:

Muitas das referências patrimoniais foram removidas do território. No entanto, ficaram eternizadas nas memórias de moradores e ex-moradores, nas fotografias, documentos e nas 7 esculturas da Intervenção Artística “Vila de Todos os Santos”: 1) “Penha de muitas faces” (homenagem à casa da moradora Maria da Penha); 2) “A Associação sou eu” (homenagem à Associação de Moradores); 3) “A luz que não se apaga” (homenagem à igreja); 4) “Espaço Ocupa” (homenagem ao espaço Ocupa e à casa da Conceição); 5) “Suporte dos males” (homenagem à casa da Jane); 6) “Doce Infância” (homenagem ao parquinho); 7) “Vila de Todos os Santos” (homenagem à casa da Dona Heloísa e ao centro espírita que funcionava ao lado da casa).

Atividades desenvolvidas:

O Museu das Remoções atua a partir de 3 linhas de atuação:

- 1) realização de exposições e intervenções artísticas, principalmente no território da Vila;
- 2) realização de oficinas e eventos culturais;
- 3) pesquisa histórica sobre remoções em acervos pessoais dos moradores e apoiadores, na imprensa, nas mídias sociais e na produção acadêmica.

Intervenção Artística “Construção do Museu das Remoções” (18/05/2016); Exposição Itinerante “Museu das Remoções na Praça” (02-04/08/2016); Exposição Itinerante “A Vila por ela mesma” – fotografias do morador Luiz Claudio Silva (02-04/08/2016, “Jornada de Lutas Contra Rio 2016, os Jogos da Exclusão”, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro/RJ); Exposição Itinerante “A Vila por ela mesma” (08/2016, IFCS/UFRJ); Exposição Itinerante “Olimpíadas pra Quem?”, organizada Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas com o Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza da ETERN-UFRJ, com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil (13/08/2016, “Vila Autódromo OCUPA Olimpíada”, Vila Autódromo); Exposição Itinerante “A Vila por ela mesma” (12/11/2016, FLUPP 2016 - Festa Literária das Periferias, Cidade de Deus); Exposição Itinerante “Vila Autódromo, Marcas da Vida”, idealizado pelo fotógrafo JV Santos (19/11/2016); Projeção de fotografias relacionadas à requalificação do parquinho e ao dia de inauguração do Museu das Remoções (26/11/2016); Exposição Itinerante “Olimpíadas pra Quem?”, Exposição dos banners confeccionados na ocasião do OCUPA Olimpíada (26/11/2016, Ocupa Vila Autódromo).

Organização de Eventos: Ocupa Vila Autódromo – evento realizado regularmente (sem periodicidade fixa) na vila autódromo desde agosto de 2015, onde o Museu atua como parceiro em sua realização;

Participação em Eventos: Palestra “Memória em Diálogo – Museu das Remoções” (22/06/2016, UNIRIO); Seminário “A cidade em tempos de cólera: o revés olímpico” (21/07/2016, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ); Seminário Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares (05/12/2016, Casa de Rui Barbosa); Debate sobre Direitos Humanos promovido pela *Front Line Defenders* (28/07/2016, Vila do Largo, Largo do Machado, Rio de Janeiro/RJ); Mesa de abertura da Inauguração da Exposição “O Rio que se queria negar: as favelas e o direito à cidade no acervo de Anthony Leeds” (28/07/2016, Museu da Vida/Fundação Oswaldo Cruz); Palestra “A experiência do Museu das Remoções” (22/09/2016, Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços – LAARES/UFRJ); Roda de Conversa do lançamento do livro “A resistência à remoção de favelas no Rio de Janeiro (2007-2011)” - orgs. Alexandre Mendes e Giuseppe Cocco (27/10/2016, Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro); Discussão sobre moradia e desenvolvimento urbano sustentável (17-20/10/2016, *Habitat III Conference*, Quito, Equador); Mesa “Estética das Ocupações” (12/11/2016, FLUPP Parque, Maré, Rio de Janeiro/RJ); Roda de Conversa “Cotidiano e resistência no território gentrificado: a cidade não para [os pobres], a cidade só cresce” (16/11/2016, II Encontro Juventude & Metrópole – UFRJ); Ocupa UFRJ (22/11/2016); Ocupa PUC-Rio - Roda de Conversa sobre o Museu das Remoções (25/11/2016); Sessão da Comissão Especial de Habitação e Direito à Moradia Adequada (08/12/2016); Semana de Sociomuseologia na ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (03-11/02/2017, ULHT); Oficinas Culturais: Oficina “Câmera Pinhole” (18/06/2016, Vila Autódromo, e 02/07/2016, Ocupação Vito Giannotti); Oficina de Palavras “Nossos Jogos, Nossos Sonhos” (09/07/2016); Literatura e Fotografia no Museu das Remoções (18/07/2016); Mutirão de Requalificação do Parquinho da Vila Autódromo (14/11/2015); Rodas de Leitura: Roda de Leitura sobre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo: Vila Autódromo (18/06/2016), IFCS - Jornada de Lutas Contra Rio 2016, Os Jogos da Exclusão (04/08/2016); Atividades Desportivas: Segunda Taça Libertadores da Vila Autódromo II (07/01/2017); Aulão de Futebol das Minas (09/02/2017); Plantação de Mudas (01/01/2017); Recepção a estudantes universitários.

Obs.: Em sua *fanpage* do *facebook* o Museu denuncia as arbitrariedades ocorridas com os moradores removidos, a falta de transparência e discrepância de valores nas indenizações, e denuncia remoções em outras partes do mundo.

Ações de Preservação:

- Oficina de Resgate de Memória (18/06/2016);
- Catalogação dos escombros, registros fotográficos e audiovisuais etc.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Adriano; FILIPO, Leonardo. Vila Autódromo comemora entrega de novas casas, mesmo com problemas. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 30 jul. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/07/vila-autodromo-comemora-entrega-de-novas-casas-mesmo-com-problemas.html>. Acesso em: 29 nov. 2016.

ANDRADE, Luiza de. **Informações sobre o Museu das Remoções**. Mensagem recebida por museudasremocoes@gmail.com em 3 mar. 2017.

_____. **Release Museu das Remoções**. Mensagem (anexo) recebida por museudasremocoes@gmail.com em 3 mar. 2017.

CONVITE Museu das Remoções - 18 de maio. **Youtube**: Museu das Remoções, 16 mai. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zt5o_vFkW4. Acesso em: 29 nov. 2016.

MAGALHÃES, Alexandre. "Sairei da Minha Casa, mas Não da Luta" – Jane Nascimento, ao ser removida da Vila Autódromo. **Rio on Watch** – relatos das favelas cariocas, Rio de Janeiro, 14 ago. 2015. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=14952>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MEDEIROS, Thainã de; BOGADO, Diana; CHAGAS, Mario, SOUZA, Sandra Maria de; SILVA, Luiz Claudio da; TERRA, Manan. Confluência de Vestígios. **Designing Politics**. Designing Respect. Disponível em: <http://www.designingpolitics.org/designing-respect/galeria/confluencia-de-vestigios/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MUSEU DO HORTO. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Museu-do-Horto-171077956243078/posts/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MUSEU DAS REMOÇÕES. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudasremocoes/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

O QUE É O MUSEU DAS REMOÇÕES?. **Youtube**. Publicado em 17 mai. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqJg0vNaQTM>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PEREGRINO, Miriane. Museu das Remoções é inaugurado na Vila Autódromo. **O Cidadão Online**, Rio de Janeiro, 26 mai. 2016. Disponível em: <http://jornalocidadeao.net/museu-das-remocoes-e-inaugurado-na-vila-autodromo/>. Acesso em: 25 nov. 2016.

REVITALIZAÇÃO DO PARQUINHO DA VILA AUTÓDROMO. **Youtube**. Publicado em 6 de mai de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=imJs9iCZWf0>. Acesso em: 29 nov. 2016.

TALBOT, Adam. Apagando a Favela da Vila Autódromo. **Rio on Watch** – relatos das favelas cariocas, 26 mai. 2016. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=19959>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Referência da Imagem: Escultura "A luz que não se apaga", elabora por Elisangela Bueno – em segundo plano Casa-sede temporária do Museu das Remoções. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudasremocoes/photos/a.1748168428775645.1073741835.1712728885652933/1748168498775638/?type=3&theater>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Preenchimento: Luiza de Andrade (03/03/2017); Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 555"> Ficha: 165 </td> <td data-bbox="751 315 1372 555"> Denominação: Museu Paiter A Soe Data de Criação: 19/07/2016 (inauguração) Endereço: Aldeia GAPGIR, Linha 14 - Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal/RO Tel.: (69) 99994-6184 / 99963-4269 Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 165	Denominação: Museu Paiter A Soe Data de Criação: 19/07/2016 (inauguração) Endereço: Aldeia GAPGIR, Linha 14 - Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal/RO Tel.: (69) 99994-6184 / 99963-4269 Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 165	Denominação: Museu Paiter A Soe Data de Criação: 19/07/2016 (inauguração) Endereço: Aldeia GAPGIR, Linha 14 - Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal/RO Tel.: (69) 99994-6184 / 99963-4269 Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Associação Ġapġir, Rede Indígena de Memória e Museologia Social, Fundação Nacional do Índio (FUNAI) – Unidade de Cacoal, Coordenadoria Regional de Educação de Cacoal (CRE Cacoal) Recursos: Prêmio Pontos de Cultura Indígenas 2015 – Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (Projeto “VOWJEUWIG (sol nascente) - Museu Indígena”) Cadastro: () IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: R\$30,00 Obs.: Meia-entrada para estudantes e pacotes com descontos para grupos fechados e escolas. Funcionamento: 3ª a domingo, das 8 às 17 horas É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu está instalado em uma casa tradicional dos Paiter Surui.			
E-mail institucional: paiterasoe@gmail.com Website ou blog: Rede social: https://www.facebook.com/museupaiter/	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu de Território/Ecomuseu, Museu de Caráter Comunitário (MUSEUS Br, 2017)			
Histórico: <p>O Povo Paiter, também conhecidos como Suruí de Rondônia, pertencem à família linguística Tupi-Mondé, e mantêm a língua paiter em seu cotidiano, exceto quando precisam se comunicar com pessoas externas à aldeia. “Paiter significa ‘gente de verdade, nós mesmos’” (MINC, 2008, p.285). Vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, entre os municípios de Cacoal, Ministro Andreaza, Rondolândia e Espigão D'Oeste. A área é cortada pelo rio Branco e outros igarapés de porte pequeno. Apesar de rios e da Floresta Amazônica estarem preservados, aos poucos o impacto ambiental causado por atividades desenvolvidas em outras localidades os afeta.</p> <p>Entre fins dos anos 1980 e início dos anos 1990 as lideranças locais se organizaram em torno de quatro associações clônicas (Organização do Povo da Floresta Kaban-ey Suruí, Associação Gãbgir do Povo Indígena Suruí, Organização Metareilá do Povo Indígena Suruí-Gamebey e Associação Pamaur de Proteção aos Povos Indígena Payter-Yter de Rondônia) e desenvolver “projetos ligados ao fortalecimento cultural, educação, saúde e sustentabilidade econômica” (MINC, 2008, p.285).</p> <p>Em 2016 é inaugurado na Aldeia Ġapġir (Cacoal/RO) o “Museu Paiter A Soe”, primeiro museu indígena de Rondônia, idealizado pelo professor da Escola Indígena José do Carmo Santana, Luiz Weymilawa Surui, e construído com o apoio da comunidade. O museu corresponde à necessidade de um espaço para a realização de atividades relacionadas à cultura material e imaterial Paiter Surui e para a recepção de visitantes externos.</p> <p>O Museu Paiter A Soe, instalado em uma casa tradicional dos Paiter Surui, tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a vida dos Paiter antes do contato com o homem branco; • Promover e valorizar a cultura e história dos Paiter; • Registrar o cultura material e imaterial da comunidade; • Preparar as novas gerações para o uso sustentável da floresta; • Servir como uma extensão da sala de aula; • Promover ações de educação patrimonial e intercâmbio com visitantes e alunos; • Contribuir com a desmistificação de preconceitos e promover a diversidade cultural. <p>Além do museu, haverá um espaço destinado à venda de artesanatos produzidos pelos Paiter, e parte dos lucros com a venda será revertida em prol do Museu, que é reconhecido como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura.</p>			
Referências Patrimoniais: <p>Objetos típicos da cultura Suruí: painéis e utensílios de barro, cestos trançados, ferramentas, arco e flecha, artefatos e artesanatos no geral etc.</p> <p>Patrimônios Imateriais: comida tradicional, pinturas corporais, técnicas e conhecimentos tradicionais, entre outros.</p>			

<p>Atividades desenvolvidas:</p> <p>Exposição;</p> <p>Visitas Guiadas, Contação de Histórias, Atividades de Recreação (arte e flecha, pintura corporal etc.), Venda de Artesanato;</p> <p>Ações de Educação Patrimonial. Exemplo: Ecobike Garah ka – com atividades como pedalada, acampamento, banho de cachoeira, jantar tradicional, roda de fogueira com histórias do Povo Paiter, visita ao Museu (07-08/10/2016);</p> <p>Participação em Eventos: II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE).</p>
<p>Ações de Preservação:</p>
<p>Referências Bibliográficas:</p> <p>ADERBAL, Rogério. Primeiro museu indígena de Rondônia é inaugurado em aldeia. G1 Cacoal e Zona da Mata, 19 set. 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/ro/cacoal-e-zona-da-mata/noticia/2016/07/primeiro-museu-indigena-de-rondonia-e-inaugurado-em-aldeia.html?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar. Acesso em: 21 jul. 2016.</p> <p>MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. Prêmio Culturas Indígenas. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.285. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru. Acesso em: 13 mar. 2017.</p> <p>MUSEU PAITER A SOE. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/museupaiter/?fref=ts. Acesso: 15 mar. 2017.</p> <p>MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Museu Paiter A Soe. Museus Br: no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/12043/. Acesso: 15 mar. 2017.</p> <p>PERIN, Giliane Perin. Museu Indígena Paiter A Soe será inaugurado em Cacoal. Tribuna Popular, 15 jul. 2016. Disponível em: http://www.tribunapopular.com.br/noticia/museu-indigena-paiter-a-soe-sera-inaugurado-em-cacoal. Acesso em: 19 jul. 2016.</p>
<p>Referência da Imagem: Escola Indígena Sertanista Jose do Carmo Santana – Museu Paiter a Soe na 10ª Primavera de Museus (09/2016). Disponível em: https://www.facebook.com/museupaiter/photos/a.1796444477293980.1073741829.1793262314278863/1809834432621651/?type=3&theater. Acesso: 15 mar. 2017.</p>
<p>Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).</p>

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 166	Denominação: Manancial das Artes Data de Criação: 2013 Endereço: Rua Sachio Nakao, 28, CEP 04892-170 Tel: (11) 3864-3133 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): ONG Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) em parceria com adolescentes e jovens da comunidade local Parceiros(as)/apoio: Universidade Pública, faculdades privadas, escolas e equipamentos públicos locais (unidades básicas de saúde, biblioteca comunitária etc), associações, coletivos e comunidades tradicionais. Recursos: Mediante parcerias físicas e jurídicas e captação de recursos com organizações públicas e privadas. Lei Rouanet em 2013 Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim (X) não Estrutura física do Museu: Trata-se de um Museu a Céu Aberto, espalhado pelo território E-mail Institucional: ibeac@uol.com.br Webside ou Blog: http://www.ibeac.org.br/ Rede Social: https://www.facebook.com/ibeac/		
Categorias Propostas: Museu a Céu Aberto		
Histórico: O distrito de Parelheiros, localizado na zona sul do município de São Paulo, é um local marcado pela ausência de equipamentos culturais locais. A partir de 2008 a ONG Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) passou a desenvolver projetos na região com o objetivo de formar um grupo de adolescentes que articulassem ações que contribuíssem com o desenvolvimento socioambiental local, a partir de atividades educacionais (leitura) e culturais (artes plásticas). A partir de então diversas atividades passaram a ser desenvolvidas, principalmente a constituição da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura. Em 2013, a IBEAC e o grupo de adolescentes e jovens “Escritureiros” aprovaram o Projeto “Manancial das Artes” na Lei Rouanet, cujo objetivo é transformar os bairros de Barragem, Colônia e Nova América em um museu a céu aberto, representando as histórias da comunidade aliando a estética, as belezas artísticas e da natureza. O Projeto foi desenvolvido a partir de quatro eixos: formação, intervenção, registro e comunicação. Posteriormente, os jovens participantes atuaram como multiplicadores nos outros bairros. O Projeto Manancial das Artes teve como objetivo constituir um percurso interligando pontos de referência do território - formando um museu a céu aberto, e revelando a história de vida das pessoas e do lugar.		
Referências Patrimoniais: Áreas de Proteção Ambiental (APA): Capivari-Monos e Bororé-Colônia; Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo (COOPERAPAS); Atrativos naturais: cachoeiras, represas e parques como o Parque Natural Municipal da Cratera de Colônia; Atrativos histórico-culturais: migração alemã e japonesa, Aldeia Tenondé Porã e Krukutu, templo messiânico Solo Sagrado de Guarapiranga, Cemitério de Colônia, Centro de Cultura Afro-brasileira Asé Ylé do Hozooane; Eventos locais: Colônia Fest, Sarau do Terror.		
Atividades Desenvolvidas: Formações sobre arte como direito, estêncil, grafite, xilogravura, permacultura e design ecológico; Intervenções locais – percurso artístico interligando pontos de referência do território e formando um museu a céu aberto, entre outras.		
Ações de Preservação: Intervenções locais e registros escritos, fotográficos e audiovisuais.		
Referências Bibliográficas: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. Publicação eletrônica [mensagem pessoal].		

Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.	
IBEAC – Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário. Escritureiros . Disponível em: http://www.ibeac.org.br/escritureiros/ . Acesso em: 28 abr. 2017.	
IBEAC. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ibeac/ . Acesso em: 28 abr. 2017.	
ROCHA, Valdirene. A Arte do estêncil. Youtube , 16 abr. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=65&v=ncmCli70v7M . Acesso em: 28 abr. 2017.	
Referência da Imagem: Estêncil em muro da comunidade (2015). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=65&v=ncmCli70v7M . Acesso em: 28 abr. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 167	Denominação: Museu do Babaçu
	Data de Criação: 2013 Endereço: Rua Emil Gorayeb, 3846, CEP 76803-728, São João Bosco, Porto Velho/RO Tel: (69) 3223-1445 / 9984-4569 / 8104-5042 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: TV RO, SBT RO, Transamérica Hits, Rommannel, La Pommer, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), GEITEC

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:**Obs.:****Funcionamento:**

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: museudobabacu@outlook.com, izabelcrisrondonia@gmail.com

Website ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/museudobabacu>

Logotipo **Categorias Propostas:** Museu Interativo, Museu Itinerante**Histórico:**

O babaçu é uma palmeira nativa das regiões Norte e Nordeste do Brasil, que atualmente é encontrada em diversas áreas da América Latina. Possui diversas potencialidades econômicas, podendo ter até 100% de aproveitamento, de geração de energia à produção de artesanato, como apontou pesquisa desenvolvida pela educadora ambiental Izabel Cristina da Silva (EDUCADORA [...], 2013). No entanto, no estado de Rondônia carece de políticas públicas que o reconheçam e valorizem, e atualmente são derrubados mediante o avanço de pecuaristas.

Com o objetivo de divulgar e expandir a pesquisa foi criado o Museu do Babaçu, ou Museu Interativo do Babaçu, em 2013, iniciativa que envolveu a autora e diversas outras pessoas, empresas e instituições. O Museu tem como objetivo:

- Capacitar as comunidades tradicionais sobre o aproveitamento do Babaçu no artesanato e na Gastronomia Sustentável, promovendo a Inclusão Científico-Tecnológica sobre os Sub-produtos do Babaçu e a socialização de experiências;
- Promover a valorização dos produtos através das capacitações;
- Incentivar a fixação das comunidades, evitando o Êxodo Rural;
- Contribuir com o desenvolvimento sustentável dos distritos de Cujubim Grande e Cujubinzinho, e com a melhoria qualidade de vida das comunidades locais;
- Empoderar as comunidades tradicionais e indígenas, especialmente as mulheres, promovendo justiça social a partir do reconhecimento do babaçu como Ouro Verde da Amazônia;
- Participar de Feiras de Artesanato, Exposições na Semana dos Museus e outras iniciativas.

Referências Patrimoniais:

Babaçu e seus derivados;

Comunidades Tradicionais dos distritos de Cujubim Grande e Cujubinzinho.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição do Museu Interativo do Babaçu (05/2013, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO); Exposição do Museu Interativo do Babaçu (09/2013, Feira da ABAV, São Paulo/SP; Exposição da Arte Babaçu - apoio do GEITEC/NUCSA/UNIR (2014);

Palestras, Exibição de vídeos, Debates, Rodas de Conversa;

Participação em Eventos: Feira da ABAV (09/2013, São Paulo/SP); 9ª Primavera de Museus (IBRAM), com Exposição Fotográfica e Roda de Conversa com os Índios Karipunas, Karitianas, Tenharin e comunidade em geral (21-27/09/2015, atividades realizadas nas Comunidades Tradicionais Aliança e Cujubim Grande e na Terra Indígena Tenharin).

Ações de Preservação:

Registro de depoimentos com atores locais, fotografias e reportagens.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação – Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

EDUCADORA ambiental expõe trabalho de divulgação do babaçu da amazônia no brasil e no exterior. **News Rondônia**, 13 nov. 2013. Disponível em: <http://www.newsrondonia.com.br/noticias/educadora+ambiental+expoe+trabalho+de+divulgacao+do+babacu+da+amazonia+no+brasil+e+no+exterior/39421#.UuQITcsMrLs.facebook>. Acesso em: 28 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **9ª Primavera dos Museus**: Museus e Memórias Indígenas. Brasília: IBRAM, 2013, p.65. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/guia_virtual_9primavera.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

MUSEU Interativo do Babaçu Expõe seus Produtos da UNIR Centro. **News Rondônia**, 27 mai. 2013. Disponível em: <http://www.newsrondonia.com.br/noticias/museu+interativo+do+babacu+expoe+seus+produtos+na+unir+centro/33060>. Acesso em: 28 abr. 2017.

PEREIRA, Chagas. São Lucas sedia exposição itinerante do Museu do Babaçu. **São Lucas Centro Universitário**, 15 mai. 2014. Disponível em: <http://www.saolucas.edu.br/noticia/sao-lucas-sedia-exposicao-itinerante-do-museu-do-babacu>. Acesso em: 28 abr. 2017.

UNIR Recebe Exposição do Museu Interativo do Babaçu. **News Rondônia**, 24 mai. 2013. Disponível em: <http://www.newsrondonia.com.br/noticias/unir+recebe+exposicao+do+museu+interativo+do+babacu/32931>. Acesso em: 28 abr. 2017.

Referência da Imagem: Exposição Itinerante na Faculdade São Lucas (05/2014). Disponível em: <http://www.saolucas.edu.br/repositorio/herbario-mostra-babacu.JPG>. Acesso em: 29 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 168	Denominação: Ecomuseu Serra do Rio do Rastro
		Data de Criação: 2016 Endereço: Rua Presidente Getúlio Vargas, Centro, Lauro Müller/SC. Tel.: (48) 3464-3430 Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura do Município de Lauro Müller - Secretaria de Agricultura, Turismo e Desenvolvimento Econômico	
Parceiros(as)/apoio: Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE), Grupo Escoteiro Serra do Rio do Rastro	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 8 às 17 horas	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu: A sede do Museu será a antiga Estação Ferroviária Dona Tereza Cristina, e sua área de abrangência ambiental a dimensão de 6.200 hectares (LAURO MÜLLER, 2013).	
E-mail Institucional: ecomuseu@lauromuller.sc.gov.br , ecomuseulauromuller@hotmail.com Websíte ou Blog: Rede Social: https://www.facebook.com/ecomuseuserradoriorastro/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>Lauro Müller é um município brasileiro do estado de Santa Catarina. Recebeu esse nome em 1905 em homenagem ao Dr. Lauro Severiano Müller, político local. Sua economia está ligada principalmente à exploração de carvão. A natureza local possui grandes atrativos, especialmente a Serra do Rio do Rastro, cujas estradas escavadas em rocha natural são muito apreciadas pelos moradores e visitantes da região.</p> <p>O Ecomuseu Serra do Rio do Rastro, ou “Eco Museu Municipal Serra do Rio do Rastro”, foi criado por lei municipal em maio de 2013. Possuirá 3 Unidades Museológicas (Unidade Ambiental, Unidade Geológica e Unidade Histórica) e uma área de abrangência ambiental com a dimensão de 6.200 hectares. Foi criado com os seguintes objetivos (LAURO MÜLLER, 2013):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Valorizar e preservar o patrimônio ambiental, cultural e as manifestações culturais locais; • Preservar, estudar, pesquisar, educar, contemplar e promover o turismo; • Valorizar o saber fazer e a dignidade humana dos moradores locais; • Garantir o acesso universal, respeitando o meio ambiente e valorizando a diversidade cultural; • Promover intercâmbios institucionais; • Contribuir com o desenvolvimento cultural e socioeconômico e a participação das comunidades. <p>A obra para a instalação da sede do Ecomuseu na antiga Estação Ferroviária Dona Tereza Cristina, que também abrigará o Centro de Informações Turísticas do Município, ainda não está concluída. A iniciativa foi contemplada com o Prêmio Elisabete Anderle de estímulo à Cultura (2014) do Estado de Santa Catarina.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Fauna e flora da encosta da Serra do Rio do Rastro;	
Formação Geológica, coluna White e primeiras estruturas de extração do carvão no município;	
História da formação do município: imigração, mineração, tropeirismo etc.	
Atividades Desenvolvidas:	
Visitas Guiadas; Palestras; Mutirão de limpeza na Serra do Rio do Rastro (10/05/2017);	
Participação em Eventos: 13ª Semana de Museus (IBRAM), com a Palestras – parceria com a UNIBAVE – “Relato de Experiência do Eco museu Municipal Serra do Rio do Rastro - Lauro Müller / SC” e “Gestão e Legislação de Eco Museu”, ministrada por Maria Terezinha Resende Martins, Recital da Sociedade Musical Banda Santa Bárbara, Apresentação Musical de Clássicos da MPB, Visita Guiada – parceria com o Grupo Escoteiro Serra do Rio do Rastro (21-23/05/2015, Centro de Vivências do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel-Orleans, Auditório da Prefeitura Municipal de Lauro Müller); Caminhada com alunos da rede municipal de ensino e com o Grupo Escoteiro Serra do Rio do Rastro (21/05/2016), entre outros.	

Ações de Preservação:
Referências Bibliográficas:
ECOMUSEU Serra do Rio do Rastro, Lauro Müller - SC. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseuseradoriodorastro/ . Acesso em: 19 mar. 2017.
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 13ª Semana de Museus: Museus para uma sociedade sustentável. Brasília: IBRAM, 2015, p.464. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-13-SNM.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.
_____. 14ª Semana de Museus: Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.365. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf . Acesso em: 7 mar. 2017.
LAURO MÜLLER (Município). Lei nº1759/2013, de 16 de maio de 2013. Dispõe sobre a Criação do Eco Museu Municipal Serra do Rio do Rastro e dá outras providências. Disponível em: http://www.lauromuller.sc.gov.br/uploads/264/arquivos/548298_0.080899001369231660_1759.pdf . Acesso em: 19 mar. 2017.
PREFEITURA DE LAURO MÜLLER. Eco Museu estabelece mutirão de limpeza como atividade anual na Serra do Rio do Rastro. 11 mai. 2017. Disponível em: http://www.lauromuller.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/5486/codNoticia/423369#.WVlIYBXysdU . Acesso em: 19 mar. 2017.
_____. Plano Museológico do Ecomuseu Serra do Rio do Rastro deverá ser concluído até outubro. 28 mar. 2016. Disponível em: http://www.lauromuller.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/5486/codNoticia/356225#.WVluGBXysdV . Acesso em: 19 mar. 2017.
_____. Prefeito Fabrício acompanha obras pelo município. 29 mai. 2014. Disponível em: http://www.lauromuller.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/5486/codNoticia/310401/contraste/desativar#.WVllgBXysdU . Acesso em: 19 mar. 2017.
_____. Serra do Rio do Rastro. Disponível em: http://lauromuller.sc.gov.br/turismo/item/detalhe/9961 . Acesso em: 19 mar. 2017.
_____. Turismo. Disponível em: http://lauromuller.sc.gov.br/turismo/ . Acesso em: 19 mar. 2017.
Referência da Imagem: Fachada da Sede do Ecomuseu. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseuseradoriodorastro/photos/a.1328902653813746.1073741826.1328901023813909/1328989837138361/?type=1&theater . Acesso em: 19 mar. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
169

Denominação: Museu Akam Oram Krenak "Novo olhar Krenak"

Data de Criação: 11/2016

Endereço: Terra Indígena Vanuïre, Arco Íris/SP

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as): Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Prof. Dra. Marília Xavier Cury), ACAM Portinari, entre outros.

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

Os Krenak “eram chamados de Aimoré pelos Tupi e Botocudo pelos portugueses no século XVIII. Se autodenominavam *Grén* ou *Krén*. Hoje se identificam como *Borun*, essência do ser, os *Borun* do *Watu*. Para a sociedade brasileira eles são Krenak, últimos sobreviventes da nação ‘Botocudo’” (MUSEU [...], 2017). Os Krenak falavam a mesma língua, com variações dialetais demarcavam diferenças entre os diversos grupos. Pertencem ao grupo lingüístico Macro-Jê, e falam uma língua denominada Borun, e Borun do Watu (Krenak de Resplendor/MG).

“As primeiras notícias sobre os Krenak remontam ao século XVI. Seu território original era a Mata Atlântica no Baixo Recôncavo Baiano. No século XIX deslocaram-se para o sul, atingindo o rio Doce em Minas Gerais e Espírito Santo” (MUSEU [...], 2017). Foram muitas as “tentativas de catequização e pacificação para que [...] desocupassem as margens do rio Doce [...] território cobiçado para exploração. Porque resistiram foram vítimas da ‘Guerra Justa’. Com a construção da estrada de ferro Vitória-Minas no final do século XIX e início do XX, foram pressionados a abandonar as terras do Vale do rio Doce” (*idem*). Após muitas transferências, massacres e injustiças sociais, na atualidade “vivem numa área reduzida reconquistada com grandes dificuldades em Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo” (*idem*). Devido à “sua história de dispersões, estão presentes em diversas áreas indígenas, porém um dos grupos mais importantes está em Arco-Íris (SP), onde coabitam com os Kaingang a Terra Indígena Vanuïre” (*idem*).

O Museu Akam Oram Krenak “Novo olhar Krenak”, inaugurado em novembro de 2016, decorre de um processo de preservação cultural na T.I. Vanuïre iniciado ainda na década de 1990. Dentre seus principais objetivos encontram-se:

- A preservação do Patrimônio Cultural dos Krenak;
- A transmissão do Patrimônio Cultural para as novas gerações;
- Desconstruir os preconceitos existentes contra os povos indígenas.

Referências Patrimoniais:

O Patrimônio Cultural dos Krenak: memórias, artesanatos, língua, pintura corporal etc.

Atividades Desenvolvidas:

Visitas guiadas;

Apresentações culturais (canto e dança);

Participação em Eventos: I Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / III Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (01-06/05/2012, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); II Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus (06-08/08/2013, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.

Atividades de Formação: Cursos de Extensão do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), ministrados por Marília Xavier Cury, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães: Museologia para Indígenas (08/04-10/06/2015), Museologia para Indígenas II – Museografia Aplicada a Museus Indígenas (05/07-19/07/2016) e Museologia para Indígenas – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta (03/04-29/05/2017).

Ações de Preservação:

Pesquisas relacionadas ao povo Krenak, entre outras.

Referências Bibliográficas:

DAMACENO, Lidiane. Debate – Patrimônio: ampliação do conceito e processos de patrimonialização. CURY, Marília Xavier; VASCONCELOS, Camilo de Mello; ORTIZ, Joana Montero (coord.). In: I Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / III Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural., maio de 2012, Tupã. **Questões Indígenas e Museus:** Debates e Possibilidades. Brodowski/SP: Secretaria da Cultura - Governo do Estado de São Paulo, ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2012, p.43-53.

RHUNDHUM KRENAK VANUIRE. **Facebook** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=320195078326857&set=ecnf.100010091020514&type=3&theater>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO ÍNDIA VANUIRE. **Os Krenak.** Disponível em: <https://www.museuindiavanuire.org.br/india-vanuire/os-krenak>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Referência da Imagem: Visita dos/as participantes do VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (7-9/09/2017, Tupã/SP). Créditos: Suzy Santos.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “**Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas**”

Ficha:
171

Denominação: Museu Comunitário Filhos de Obá

Data de Criação: 28/07/2017
Endereço: Rua Jackson de Figueiredo, s/n, Laranjeiras/SE
Tel.: (79) 99896-9652
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Sociedade de Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá

Parceiros(as)/apoio: Grupo de Percussão Meninos da Comandaroba – Maestro Kadú, SENAC, Prefeitura Municipal de Laranjeiras, Grupo de Capoeira Ginga Mulek, discentes do Curso de Museologia do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 3ª a 6ª feira, das 9 às 12 – 13 às 16h, sábado das 9 às 11h

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: O Museu está sediado na Sociedade de Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social: <https://www.facebook.com/filhosdeobaMuseuComunitario/>

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário, Memorial

Histórico:

Laranjeiras é um município brasileiro do estado de Sergipe, localizado a 20 Km de Aracaju. O município possui diversos conjuntos arquitetônicos do período colonial ainda preservados. Durante o Brasil Império, teve grande poder econômico devido principalmente à indústria açucareira, e aí surgiram lutas importantes em defesa da República e da Abolição da Escravatura. O município ainda preserva manifestações folclóricas.

O Terreiro Filhos de Obá foi fundado por Maria Joaquina, africana (nagô) da cidade de Obá, que foi escravizada e trazida ao Brasil. Apesar de não ter documento comprobatório de sua fundação, os habitantes mais antigos do município afirmam que o terreiro possui mais de 100 anos. Em 1910, Joaquina funda a Sociedade de Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá, que foi reconhecida como entidade civil somente em 1947, quando o então substituto de Joaquina, seu afilhado, o Alexandre José da Silva, registra-o em cartório com o objetivo de “praticar a caridade, desenvolver o lado espiritual dentro dos conceitos dos rituais afrobrasileiros, e beneficiar todos os necessitados dentro e fora da sede” (DANTAS *apud* SILVA, 2011), além de escapar das repressões sofridas pelas perseguições policiais a diversos terreiros de Laranjeiras. É considerado um terreiro-matriz, que deu origem a vários outros centros em Laranjeiras, e foi o primeiro do Estado de Sergipe. De origem Nagô, com o tempo foram introduzidas outras nações africanas (jeje, ketu, angola etc.).

Após o falecimento do Babalorixá Alexandre, a sociedade ficou sem funcionar até 1993, quando sua sobrinha e equedi Marieta Santos Chagas da Rocha assumiu a sua direção. O terreiro, no entanto, continuou a funcionar normalmente sob a orientação de “Dona Cecília”, até sua morte no final dos anos 80. Atualmente, quem dirige o centro é a ialorixá Ginalva Rocha dos Santos.

O Museu Comunitário Filhos de Obá foi criado em 2017 com os objetivos de:

- Constituir-se como memorial do Terreiro Filhos de Obá;
- Dar visibilidade à trajetória da cultura afro-brasileira.

Referências Patrimoniais:

Documentação arquivista e museológica

Atividades Desenvolvidas:

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

MUSEU COMUNITÁRIO FILHOS DE OBÁ. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/filhosdeobaMuseuComunitario/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

OLIVEIRA, Sílvia. Laranjeiras: a cidade histórica que tinha tudo para ser a capital de Sergipe. **Matraqueando:**

viagens e comidinhas, 3 ago. 2013. Disponível em: <http://www.matraqueando.com.br/laranjeiras-a-cidade-historica-que-tinha-tudo-para-ser-a-capital-de-sergipe#ixzz4wSmoWOAG>. Acesso em: 21 jun. 2017.

SILVA, João Paulo Cardoso da. Herança que não cala: Terreiro Filhos de Obá... A exposição como forma de desenvolvimento da educação afro-patrimonial. Ensaios Museológicos. **Blogspot**, 20 mar. 2011. . Disponível em: <http://ensaiosmuseologicos.blogspot.com.br/2011/03/heranca-que-nao-cala-terreiro-filhos-de.html>. Acesso em: 21 jun. 2017.

Referência da Imagem: Fachada do Terreiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/filhosdeobaMuseuComunitario/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
172

Denominação: Museu Nhandé Manduá-Aty

Data de Criação:
Endereço: Avaí/SP
Tel.:
Situação atual: em formação.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio: Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuîre, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Prof. Dra. Marília Xavier Cury), ACAM Portinari, entre outros.

Recursos: ACAM Portinari

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário

Histórico:

A Aldeia Nimuendaju está localizada na Terra Indígena Araribá, no município de Avaí (SP), que é habitada pelas etnias Tupi-Guarani - Guarani Nhandewá – e Terena. As terras de Araribá foram demarcadas em 1910, ao serem cedidas pelo governo do estado de São Paulo ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), sob a denominação de Povoação Indígena de Araribá. Há indícios da presença dos Guarani de Araribá na região do sertão de Bauru desde o final do século XIX, e após a demarcação a etnia Terena foi levada ao território.

A aldeia atualmente é ocupada por 25 famílias, que buscam fortalecer a cultura e a língua materna. Com esse objetivo foi criada a Escola Estadual Indígena Aldeia Nimuendaju, o grupo de dança "Grupo Manduá" e em 2006 foi inaugurado o Centro Cultural Awá Gwyrapiá, formado por uma estrutura composta por trilhas ecológicas, casa da árvore, quiosques, cozinha típica, passarela, cachoeira e um parque infantil.

Atualmente a população local está empenhada na construção do Museu Nhandé Manduá-Aty.

Referências Patrimoniais:

Atividades Desenvolvidas:

Participação em Eventos: V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuîre – Tupã/SP); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuîre – Tupã/SP); entre outros.

Atividades de Formação: Cursos de Extensão do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), ministrados por Marília Xavier Cury, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães: Museologia para Indígenas (08/04-10/06/2015), Museologia para Indígenas II – Museografia Aplicada a Museus Indígenas (05/07-19/07/2016) e Museologia para Indígenas – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta (03/04-29/05/2017).

Ações de Preservação:

Patrimônio Cultural dos Guarani Nhandewa.

Referências Bibliográficas:

E.E.I.ALDEIA NIMUENDAJÚ. **Blogspot**. Disponível em: <http://eeialdeianimuendaj.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PROJETO GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL INDÍGENA – GATI. **Diagnóstico Ambiental da TI Araribá**. Disponível em: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/experiencias-em-gestao/terra-indigena-arariba/>. Acesso em: 10 jun. 2016.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. **Terra Indígena Araribá**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3599>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Referência da Imagem: Apresentação da futura sede do Museu Nhandé Manduá-Aty pelo professor indígena Guarani Nhandewa Tiago Oliveira durante o VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (7-9/09/2017, Tupã/SP). Créditos: Suzy Santos.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
173

Denominação: Minimuseu Firmeza

Data de Criação: 1969(?)
Endereço: Estrada de Ferro, 259, Mondubim, Fortaleza/CE
Tel:
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Familiar / Voluntária

Parceiros(as): Secretaria da Cultura do Ceará

Recursos: projetos, editais, pequenos apoios e visitas

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento: 4ª a domingo, das 9 às 17 horas.

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: paulamachado26@yahoo.com.br

Website ou Blog: www.minimuseufirmeza.org.br

Rede Social: https://pt-br.facebook.com/minimuseufirmeza/

Logotipo

Categorias Propostas:

Histórico:

O Minimuseu Firmeza é um espaço cultural, artístico e ecológico, fundado em 1969 pelos artistas plásticos Nice e Nilo Firmeza (Estrigas) em sua própria residência (a casa-museu), um casario histórico cercado por mangueiras, baobá, roseiras e diversas plantas, espaço que se tornou um espaço de fruição da arte e da cultura. O espaço teve sua formação iniciada na década de 1940, durante a atuação do casal na Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP. Após a morte do casal de artistas fundadores do museu, a família e amigos se reuniram (um conselho consultivo composto por artistas e pesquisadores ligados ao casal) para preservar o espaço, que possui um dos principais acervos de artes plásticas do Ceará.

O espaço é cotidianamente visitado por artistas, pesquisadores, estudantes de artes, alunos de escolas públicas e particulares, e atualmente foi reorganizado pela atual gestão, que pretende potencializá-lo como espaço de memória, encontros, criatividade, reflexão, aprendizagem e criação artística - um centro cultural único e diferenciado.

Referências Patrimoniais:

O acervo atual do Museu é composto por mais de 500 obras, entre pinturas, desenhos e esculturas, originais e reproduções de artistas como Mário Barata, Antônio Bandeira, TX, Estrigas, Nice Firmeza, Raimundo Cela, Aldemir Martins, Barrica, Sérgio Lima, Raimundo Garcia, Chico da Silva, Barbosa Leite, Vicente Leite, Delfino, o suíço Jean Pierre Chablos, Raimundo Campos, Afonso Bruno, Zenon Barreto, Descartes Gadelha, dentre outros. Possui ainda documentos, livros, cartas, catálogos, revistas, folders e recortes de jornais, fotografias, mobiliário etc.

O acervo de árvores e plantas que ambientam o casario também é considerado parte de seu acervo.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. O museu conta com três salas de exposição: a sala “Arte & História” narra a história das artes plásticas no Ceará; a exposição “Nice & Estrigas” homenageia o casal de artistas; a sala “Arte & Afeto” reúne trabalhos de artistas amigos;

Cursos no campo das linguagens artísticas, histórias da arte e temas afins;

Ateliês de experimentação artística - criação e produção artística

Participação em Eventos: 14ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Intervenção artística de pintura dos muros do Minimuseu Firmeza (20-21/05/2016), entre outros.

Obs.: O jardim do Minimuseu podem ser alugados para eventos como lançamentos de livros, palestras, exposições e pequenas apresentações artísticas, desde que estejam de acordo com os princípios do espaço.

Ações de Preservação:

Catálogo do acervo.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOMUSEUS E MUSEUS COMUNITÁRIOS - ABREMC. Pesquisa e Identificação –

Ecomuseus e Museus Comunitários Brasileiros – ABREMC 2016. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por suzy.santos@yahoo.com.br em 26 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **14ª Semana de Museus:** Museus e Paisagens Culturais. Brasília: IBRAM, 2016, p.58. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Guia_Programacao_14SemanaMuseus.pdf. Acesso em: 7 mar. 2017.

Referência das Imagens: Sede do Museu. Disponível em: <https://www.facebook.com/minimuseufirmeza/photos/a.586406218145252.1073741828.568048583314349/905747982877739/?type=3&theater>. Acesso em: 18 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017)

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="608 315 746 584" rowspan="2"> Ficha: 174 </td> <td data-bbox="751 315 1385 383"> Denominação: Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas </td> </tr> <tr> <td data-bbox="751 389 1385 584"> Data de Criação: s/d (década 1990) Endereço: Rodovia Prefeito Euberto Nemésio Pereira de Godoy s/n, Distrito de Cachoeira das Emas - Jardim Cachoeira, 13641-001, Pirassununga/SP. Tel.: (19) 3565-3280 / (19) 3565-3770. Situação atual: fechado (desde 2010). </td> </tr> </table>	Ficha: 174	Denominação: Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas	Data de Criação: s/d (década 1990) Endereço: Rodovia Prefeito Euberto Nemésio Pereira de Godoy s/n, Distrito de Cachoeira das Emas - Jardim Cachoeira, 13641-001, Pirassununga/SP. Tel.: (19) 3565-3280 / (19) 3565-3770. Situação atual: fechado (desde 2010).
Ficha: 174	Denominação: Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas			
	Data de Criação: s/d (década 1990) Endereço: Rodovia Prefeito Euberto Nemésio Pereira de Godoy s/n, Distrito de Cachoeira das Emas - Jardim Cachoeira, 13641-001, Pirassununga/SP. Tel.: (19) 3565-3280 / (19) 3565-3770. Situação atual: fechado (desde 2010).			

Entidade(s) Gestora(s): Prefeitura de Pirassununga Parceiros(as)/apoio: Recursos: Prefeitura de Pirassununga Cadastro: (X) IBRAM (CNM) / outro: Ingresso: gratuito Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Ecomuseu esteve instalado em um antigo prédio da Usina Hidrelétrica, e conservou suas características originais. Além da área expositiva, contava também com arquivo e biblioteca.			
<table border="1"> <tr> <td data-bbox="240 911 1177 1025"> E-mail institucional: culttur@pirassununga.sp.gov.br Website ou blog: http://www.pirassununga.sp.gov.br/turismo Rede social: </td> <td data-bbox="1182 911 1385 1025" rowspan="2"> Logotipo </td> </tr> <tr> <td data-bbox="240 911 1177 1025"></td> </tr> </table>	E-mail institucional: culttur@pirassununga.sp.gov.br Website ou blog: http://www.pirassununga.sp.gov.br/turismo Rede social:	Logotipo	
E-mail institucional: culttur@pirassununga.sp.gov.br Website ou blog: http://www.pirassununga.sp.gov.br/turismo Rede social:	Logotipo		
Categorias Propostas: Ecomuseu			
Histórico: <p>Cachoeira de Emas é um distrito do município de Pirassununga (SP), localizado na mesorregião de Campinas (SP). É uma área que possui grande atrativo turístico, principalmente devido às suas paisagens naturais. Na década de 1940 o Biólogo e Professor Manuel Pereira de Godoy, nascido em Pirassununga, torna-se “Biólogo da Estação Experimental de Biologia e Piscicultura de Pirassununga, onde permaneceu até 1977” (MEMÓRIA [...], 2011). Em sua trajetória profissional, Godoy realiza pesquisas sobre a fauna e a flora da região, especialmente sobre os peixes e o Rio Mogi-Guaçu, em Cachoeira de Emas, e desenvolve “dispositivos junto às barragens (escadas de subida) dos diversos rios brasileiros com o intuito de diminuir ao máximo o impacto na vida aquática, permitindo passagens dos peixes para a reprodução e manutenção dessas espécies” (CACHOEIRA [...], 2014).</p> <p>O Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas, também conhecido como Ecomuseu “Professor Manuel Pereira de Godoy”, foi instalado na década de 1990 em um edifício desativado da antiga Usina Hidrelétrica da Companhia Energética de São Paulo (CESP), conservando as suas características originais. Abrigava diversos aquários com espécimes da região, inclusive o primeiro aquário de peixes de água doce do Brasil, além de amplo acervo sobre a região, suas populações, fauna, lendas etc. Teve como principal objetivo contribuir com a preservação do meio ambiente.</p> <p>Em 2010 o Ecomuseu foi desativado, como consequência seu edifício e acervo foram se degradando, e há relatos de que os aquários foram roubados. Em novembro de 2015 a Prefeitura realizou-se uma audiência pública cujo tema era “Destino do Prédio do Ecomuseu ‘Professor Manuel Pereira de Godoy’”, com o objetivo de discutir um projeto apresentado pela empresa de geração de energia elétrica Aratu Geração S/A, que previa a demolição do edifício para a reativação da hidrelétrica. Após intenso debate nenhum/a dos/as presentes votou pela demolição do prédio, e houve ainda manifestada a preocupação com o meio ambiente, o paisagismo e a história local (JC REGIONAL, 2015).</p> <p>Na III Conferência Municipal de Cultura, realizada entre 31/10 e 01/11/2016, o edifício do Ecomuseu foi considerado patrimônio histórico e foi estabelecida a meta de reiniciar um novo Ecomuseu (GABRIEL, 2016). No entanto, de acordo com o website da Prefeitura, o ecomuseu encontra-se “em desativação” (PREFEITURA [...], 2017).</p>			
Referências Patrimoniais: <p>O Ecomuseu possuía 11 aquários com espécimes do ecossistema dos rios Mogi-Guaçu, Pardo e Grande, e amplo acervo sobre a região, suas populações, fauna, lendas indígenas etc.: fotografias, animais taxidermizados, coleções de borboletas e cobras, equipamentos clandestinos de pesca, colméia viva, painéis de artistas Pirassununguenses, quadros com lendas sobre os índios Tupi-Guarani.</p>			
Atividades desenvolvidas: <p>Exposições. Exemplo: Exposição de Afrescos dos artistas Mauro dos Santos (“Origem do rio Mogi-Guaçu”), Carlos Eduardo Zornoff (“Lenda da Boiúna”), Gilmar Bezerra (“Origem das Estrelas”) e Milton Santos (“Lenda da Boitatá”)</p>			

criaram e executaram belíssimos afrescos retratando as lendas Tupis-Guaranis etc.				
Atividades relacionadas à preservação do Meio Ambiente.				
Ações de Preservação:				
Referências Bibliográficas:				
BRASIL CHANNEL. Pirassununga – SP – Turismo Cultural: Ecomuseu Municipal. Disponível em: http://brasilchannel.com.br/municipios/mostrar_municipio.asp?nome=Pirassununga&uf=SP&tipo=turismo .				
CACHOEIRA DAS EMAS . 25 nov. 2014. Disponível em: http://cachoeiradeemas.com.br/?page_id=52 .				
GABRIEL, Kleber. Fechado por volta de 2008. Trip Advisor , 10 nov. 2016. https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g1599478-d4377021-Reviews-Ecomuseu_Municipal-Pirassununga_State_of_Sao_Paulo.html . Acesso em: 20 fev. 2016.				
HOTEL POUSADA ROSIM. Ecomuseu . 8 mai. 2014. Disponível em: http://www.pousadarosim.com.br/turismo/ecomuseu/ . Acesso em: 20 fev. 2016.				
JC REGIONAL. Ecomuseu: Preservação ou Demolição? . 5 dez. 2015. Disponível em: http://www.jcregional.com.br/ecomuseu-preservacao-ou-demolicao/ .				
MEMÓRIA DE PIRASSUNUNGA. Manuel Pereira de Godoy. Blogspot , 31 ago. 2011. Disponível em: http://memoriadepirassununga.blogspot.com.br/2011/08/manuel-pereira-de-godoy.html .				
MUSEUS Br: Plataforma criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas. Museus Br : no ar desde 2015. Disponível em: http://museus.cultura.gov.br/espaco/6380/ . Acesso: 15 mar. 2017.				
PIRASSUNUNGA RECEPTIVO. Lendas Tupis-Guaranis : Patrimônio Imaterial da Nossa Cultura. 28 jul. 2016. Disponível em: http://pirassunungareceptivo.com.br/lendas-tupis-guaranis-patrimonio-imaterial-da-cultura/ . Acesso: 15 mar. 2017.				
PIRASSUNUNGA TODAY. Conferência Municipal de Cultura . 26 out. 2016. Disponível em: https://pirassunungatoday.wordpress.com/2016/10/26/conferencia-municipal-de-cultura/ . Acesso: 15 mar. 2017.				
PREFEITURA DE PIRASSUNUNGA. Turismo . Disponível em: http://pirassununga.sp.gov.br/a-cidade/turismo/ . Acesso: 15 mar. 2017.				
Referência da Imagem:	Edifício	do	Ecomuseu.	Disponível em:
http://www.citybrazil.com.br/sp/pirassununga/atracoes-turisticas/atrativos-diversos . Acesso: 15 mar. 2017.				
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).				

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
175

Denominação: Ecomuseu da Praia do Hermenegildo

Data de Criação: s/d
Endereço: Santa Vitória do Palmar/RS
Tel.:
Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Instituto Litoral Sul (ONG)

Parceiros(as)/apoio: Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu

Histórico:

Não obtivemos maiores informações sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Atividades Desenvolvidas:

Visitas Guiadas;

Participação em Eventos: 1º Seminário de Turismo e Paleontologia - Palestra: Experiências e perspectivas do Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello e do Ecomuseu da Praia do Hermenegildo (ONG Instituto Litoral Sul) (17/05/2012, Auditório do Curso de Turismo Binacional da FURG).

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

PET/TURISMO-FURG. 1º Seminário de Turismo e Paleontologia. **Blogspot**, 18 mai. 2012. Disponível em: <http://petturismofurg.blogspot.com.br/2012/05/1-seminario-de-turismo-e-paleontologia.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

PROGRAMA Verão Cultural Ambiental desenvolve atividades nas praias. **Jornal O Momento**, 29 jan. 2009. Disponível em: <http://www.jornalomomento.org/exibenoticia.php?id=102>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Referência da Imagem: Programa Verão Cultural Ambiental (01/2009). Disponível em: <http://www.jornalomomento.org/imagens/noticias/P1030870.JPG>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 176	Denominação: Ecomuseu Paranhana	
	Data de Criação: s/d Endereço: Rua Arthur Hacck, 152, Águas Brancas, Três Coroas/RS. Tel.: (51) 8193-8269 / 3208-0259 Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: astepan89@outlook.com Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas:		
Histórico: Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.		
Referências Patrimoniais:		
Atividades Desenvolvidas:		
Exposições: Participação em Eventos: 12ª <u>Semana de Museus</u> (IBRAM), com exposição entomológica - insetos), Oficina de coleções entomológicas (12-17/05/2014, Escolas de Ensino Fundamental da Região do Vale do Paranhana e 1º Colecionarte: Museus e coleções criando conexões - Parque de Eventos Almiro Grings, Igrejinha/RS).		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas:		
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 12ª Semana de Museus: as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.429. Disponível em: http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 177	Denominação: Museu Comunitário do Mucuripe
	Data de Criação: s/d Endereço: Rua do Mirante, 59, Conjunto Santa Teresinha, Fortaleza/CE Tel.: Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s): Projeto Enxame – Arte, Hip Hop e Educação

Parceiros(as)/apoio: Rede Cearense de Museus Comunitários, Secretaria de Cultura (SECULT-CE) e Centro Cultural Dragão do Mar - Memorial da Cultura Cearense / Governo do Estado do Ceará

Recursos: Prêmio Pontos de Memória 2014 (Projeto “Ampliação do Museu Comunitário do Mucuripe”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Comunitário, Ponto de Memória

Histórico:

Grande Mucuripe é uma região de Fortaleza (CE) “que compreende bairros litorâneos da zona leste da cidade, marcados pela exploração do turismo sexual, violência e drogadição”, mas que “é conhecido também pela sua cultura: a rendeira, o artesão, o pescador de jangada” (PROJETO [...], 2017) etc. É onde atua o Projeto Enxame, criado em setembro de 2000, que “trabalha a arte-educação com os elementos e códigos já utilizados por estes jovens em suas vivências dentro de seu contexto sócio-cultural” (*idem*) e promove “um processo educativo de auto-conhecimento/reconhecimento, identidade cultural, e possibilidade de intervenção sócio-cultural na sua própria comunidade, mobilizando-a, promovendo o protagonismo juvenil, empreendedorismo social do jovem envolvido, acesso à arte, à cultura, ao lazer e ao esporte” (*idem*).

A criação do Museu Comunitário do Mucuripe tem relação direta com as atividades relacionadas à memória e identidade desenvolvidas pelo projeto.

Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição “O Mucuripe no Mar das Memórias” – em parceria com o Centro Cultural Dragão do Mar - Memorial da Cultura Cearense (2011-?)...

Curso de Museu e Cidadania Cultural – oferecido pelo Projeto Enxame (2012);

Organização de Eventos: Feijoada na Rede: Encontro dos museus comunitários, ecomuseus, museus indígenas, pontos de memória etc. (31/01/2015), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

BATISTA, Anália. Movidos pela vontade de mudar a realidade de crianças e adolescentes da periferia. **O Estado CE**, 13 abr. 2016. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/especiais/fortaleza290anos/movidos-pela-vontade-de-mudar-a-realidade-de-criancas-e-adolescentes-da-periferia>. Acesso em: 2 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Edital Nº 04/2015** - Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2014. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=13&data=31/08/2015>. Acesso em: 11 set. 2015.

PROJETO ENXAME. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/ProjetoEnxame>. Acesso em: 2 mai. 2017.

Referência da Imagem: Detalhe da Exposição “O Mucuripe no Mar das Memórias” (2011). Disponível em: <http://projetoenxame.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 178	Denominação: Museu do Velho Xangô / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô Data de Criação: s/d Endereço: Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Remanescentes do Quilombo Tiririca (?) Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: O Museu ocupa uma das salas da Casa-Grande do Marinheiro.		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário		
Histórico: <p>O Quilombo-Indígena Tiririca dos Crioulos está localizado no pé da Serra do Arapuá, a 20 quilômetros do centro do município de Carnaubeira da Penha, no sertão de Pernambucano. É uma comunidade formada por cerca de 60 famílias, que relacionam-se entre si. O território foi ocupado há mais de cem anos por negros e negras que viviam no sertão do São Francisco e fugiam à condição de escravizados. O território vizinho ao quilombo era ocupado pelos povos Pankará da Serra do Arapuá, que ao longo dos anos foram se miscigenando com a população do quilombo. Daí a denominação “quilombo-indígena”. Já “Tiririca dos Crioulos” refere-se ao capim Tiririca - resistente inclusive nas épocas de seca -, e Crioulos era o nome dado pelos brancos aos negros. Os vizinhos brancos no quilombo chamavam de forma preconceituosa os negros que o habitavam como “negros da Tiririca”. A apropriação e ressignificação do nome “Tiririca dos Crioulos” é considerada uma forma de combater a discriminação (SÁ; SERRADELA; NETO, 2016, p.6).</p> <p>A união entre Tiririca e Pankará formou a base da comunidade e de suas histórias de resistências e a lutas pelo território tradicional, que é dividido em localidades menores (Riacho, Tiririca – dividida em Tiririca de Cima, Tiririca de Baixo e Tiririca do Meio -, Riacho Fundo, Caminho de Santana – que se divide em Nico e Ouricuri – e Boa Viagem) (SÁ; SERRADELA; NETO, 2016, p.7).</p> <p>A Casa Grande, construída em 1964, é considerada um dos lugares mais importantes do território. Foi residência de Manoel Miguel, o Marinheiro, onde ele e Cabocla Raquel faziam as consultas espirituais (Marinheiro realizava trabalhos de cura com a entidade Velho Xangô da Bahia) e onde eram realizados os torés. Ainda vivo, ele orientou que sua casa deveria ser um espaço de uso coletivo, um apoio à comunidade. Além de sediar Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô, o espaço abrigou a primeira escola do quilombo, foi local de reunião do povo da Tiririca e recebeu diversas outras atividades.</p> <p>Atualmente a Casa Grande ainda abriga uma sala de aula e a cozinha da escola, é sede da Associação e abriga também o “Museu do Velho Xangô”, ou “Museu do Marinheiro” / “Casa Grande do Marinheiro”, onde são expostos objetos pessoais e presentes recebidos por Marinheiro e sua esposa Izaura, mobiliário, utensílios domésticos etc.</p>		
Referências Patrimoniais: Objetos pessoais e presentes recebidos por Marinheiro e sua esposa Izaura, mobiliário, utensílios domésticos etc.; Memórias da comunidade relacionadas ao espaço e à figura do Marinheiro.		
Atividades Desenvolvidas: Exposições; Ritual do Toré toda última sexta-feira de cada mês; Aplicação de lambe-lambe na Casa-Grande do Marinheiro (11/2016), entre outras.		
Ações de Preservação:		

DO BURACO DO MUNDO / Tiririca dos Crioulos. Casa Grande do Marinheiro. 2015. **Youtube**, 23 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bEoIM44mvR8>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SÁ; Aleckssandra Ana dos Santos; SERRADELA, Larissa Isidoro; NETO, Nivaldo Aureliano Léo (coord.). **Tiririca dos crioulos**: um quilombo-indígena. Carnaubeira da Penha, PE: Associação dos Remanescentes do Quilombo Tiririca, 2016. Disponível em: http://afro.culturadigital.br/wp-content/uploads/2016/07/Tiririca_dos_crioulos_um_quilombo_indi%CC%81gena-1.pdf. Acesso em: 26 abr. 2017.

Referência da Imagem: Fachada da Casa Grande do Marinheiro / Centro Espírita Preto Velho Canzuá do Velho Xangô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bEoIM44mvR8>. Acesso em: 26 abr. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 179	Denominação: Casa de Cultura Kariri	
	Data de Criação: s/d Endereço: Jundiaí/SP Tel.: (11) 4607-0407 / 4587-5276 Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s): Associação Indígena Kariri (AIKA)		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: rosicariri@yahoo.com.br , associacaokariri@gmail.com.br Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]		
Histórico: <p>“O nome Kariri foi um nome atribuído pelos povos Tupi. A palavra é derivada do termo <i>kiriri</i>, que significa ‘pessoas que falam pouco’” (MINC, 2008, p.60). refere-se a uma grande população que habitava áreas que iam da Bahia ao Maranhão, a maior parte no Vale do Cariri (entre o Ceará, a Paraíba e Pernambuco). No entanto, suas aldeias foram destruídas pelos colonizadores da região (fazendeiros e missionários) e o povo perseguido e obrigado a migrar para outras regiões ou esconder sua identidade. Devido ao contato com não-indígenas atualmente os Kariri falam apenas o português. Atualmente sua população está reduzida a cerca de 160 pessoas, distribuídas pelos municípios de Crato e São Benedito (Ceará), em suas zonas rurais. Há também um grupo de cerca de 40 pessoas vivendo em Jundiaí (São Paulo). Atualmente os Kariri vem se reorganizando para garantir seus direitos constitucionais.</p> <p>A Comunidade de Jundiaí, organizada por meio da Associação Indígena Kariri (AIKA), está organizando a Casa de Cultura Kariri, com os objetivos de (MINC, 2008, p.61):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tornar-se um lugar de referência para práticas culturais, oficinas, reuniões, divulgação da cultura no geral e de material audiovisual e criação de um acervo para o Museu Kariri; • Registrar os conhecimentos para que as próximas gerações não os percam; • Reaproximar os jovens das práticas da cultura Kariri. 		
Referências Patrimoniais: Práticas culturais do povo Kariri		
Atividades Desenvolvidas:		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: MINISTÉRIO DA CULTURA. Prêmio Culturas Indígenas . Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, 60-61. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru . Acesso em: 13 mar. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha:
180

Denominação: Museu Indígena Potyguara

Data de Criação: s/d

Endereço: Aldeia Jucás, /CE

Tel.:

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as)/apoio:

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional:

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]

Histórico:

O Museu Indígena Potyguara está sediado na Aldeia Jucás, localizada no município de Monsenhor Tabosa (CE).

Referências Patrimoniais:

Acervo composto por artefatos arqueológicos, cestarias, maracás, pilão, vasilhas de barro, moedas, cédulas, máquina de escrever, aparelho telefônico, livros, boneca etc.

Atividades Desenvolvidas:

Visitas Guiadas;

Atividades em parceria com escolas indígenas;

Participação em Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

MUSEU KANINDÉ. **Facebook:** Perfil, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.kaninde.3>. Acesso: 22 abr. 2016.

_____. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. **Blogspot**, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20>. Acesso: 22 abr. 2016.

Referência da Imagem: Detalhe da fachada do Museu. Créditos: Rosa Potyguara. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=810457445721886&set=pcb.810457492388548&type=3&theater>. Acesso: 22 abr. 2016.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
181

Denominação: Ponto de Memória do Quilombo Sítio do Meio

Data de Criação:

Endereço: Rua Grande, s/n, Quilombo Sítio do Meio, Zona Rural, Santa Rita/MA

Tel.: (98) 9105-3341 / 8721-9961 / 8437-0161

Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s): Grupo de Mulheres Mãe Suzana

Parceiros(as):

Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Quilombo Sítio do Meio - Saberes ancestrais, cultura popular, ofícios e história do povo do Quilombo Sítio do Meio em Santa Rita, Maranhão”)

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: nhambucui@hotmail.com, vadiacaodemestres@hotmail.com

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória, Museu Comunitário

Histórico:

Em 2011 a Casa de Memória do Quilombo do Sítio do Meio foi reconhecida pelo IBRAM como Ponto de Memória. O espaço tem como objetivo promover e valorizar a posição da memória do povo de Sítio do Meio.

Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Saberes ancestrais, cultura popular, ofícios, memória e história do povo de Sítio do Meio;

Artefatos do quilombo, como pilão, parelha de tambor, vestimentas utilizadas nos rituais de Tambor de Mina e Tambor de Crioula, Memórias da comunidade etc.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplo: Exposição de artefatos artísticos e utilitários referentes aos rituais de Tambor de Mina e Tambor de Crioula (25-30/09/2012, Capela de Santa Maria – Nanaburuquê); Exposição de fotografias, objetos e artefatos referentes ao imaginário/memória do povo do Quilombo Sítio do Meio (13-18/05/2014 e 22-27/09/2014);

Participação em Eventos: 6ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com exposição e apresentação de Tambor de Crioula (25-30/09/2012, Capela de Santa Maria); Palestra sobre criatividade e potencialidades dos povos de comunidades de matrizes africanas, Roda de Tambor de Crioula, apresentação com as baiadeiras do Grupo de Mulheres Mãe Suzana de Sítio do Meio e exposição (22-26/09/2014); 12ª Semana Nacional de Museus (IBRAM), com Roda de Tambor de Crioula, exposição, Oficina de “Teatro do Oprimido” – com adolescentes do Quilombo, Espetáculo Teatral “O Casamento de Maria Feia” - parceria com o Grupo Cem Modos (12-18/05/2014).

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2014.

_____. **6ª Primavera dos Museus:** A Função Social dos Museus. Brasília: IBRAM, 2012, p.67. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/GuiaPrimavera1209.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus:** Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.31. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **12ª Semana de Museus:** as coleções criam conexões. Brasília: IBRAM, 2014, p.92. Disponível em: <http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/Guia-da-Programa%C3%A7%C3%A3o-12%C2%AA-Semana-de-Museus-NACIONAL.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

Referência da Imagem: Fachada do Ponto de Memória. Créditos: Wellington Pedro da Silva. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10202978778142795&set=a.10202980382822911&type=3&theater>. Acesso em: 21 mai. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017)

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 182	Denominação: Ponto de Memória Quilombo Miranda de Santa Maria
	Data de Criação: Endereço: Rua Grande, 56, Quilombo Miranda - próximo a Capela de Santa Maria, Rosário/MA Tel.: (98) 8721-9961 / 9133-96942 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Grupo Folclórico de Tambor de Crioula Santa Maria	
Parceiros(as):	
Recursos: Prêmio Ponto de Memória 2011 (Projeto “Ponto de Memória Quilombo Miranda De Santa Maria”)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: elzadotambor@hotmail.com Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: [Museu Afro-comunitário], [Museu Comunitário]	
Histórico: Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.	
Referências Patrimoniais:	
Histórico de Exposições:	
Atividades Desenvolvidas: Participação em Eventos: 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com toque de Caixa do Divino em frente a Capela de Santa Maria, Apresentação Teatral dos adolescentes participantes das oficinas realizadas no Ponto de Memória do Quilombo Miranda, Palestra sobre criatividade e protagonismo para os jovens do lugar – ministrada pela Professora Elzenira Cantanhede (23-26/09/2014).	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Edital Nº 26 /2011 – Resultado Final do Prêmio Pontos de Memória 2011. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/12/Resultado-Pontos-de-Memoria.pdf . Acesso em: 6 jan. 2014. _____. 8ª Primavera dos Museus: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.31. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf . Acesso em: 06 mai. 2015.	
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017)	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
183

Denominação: Ponto de Memória Negros do Riacho

Data de Criação: s/d
Endereço: Comunidade Quilombola Negros do Riacho, s/n,
Zona Rural, Currais Novos/RN.
Tel.: (84) 9950-4984 / 9620-8539 / 8726-7147
Situação atual: em funcionamento.

Entidade(s) Gestora(s):

Parceiros(as): Rede Potiguar de Televisão e tem a parceria da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN, do Pontão de Cultura e Comunicação e do Prêmio Itaú Unicef, e conta com o patrocínio da Petrobras

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / **Outro:**

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu:

E-mail Institucional: dezemary@hotmail.com, elenice_moreninha12@hotmail.com

Website ou Blog:

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Ponto de Memória, [Museu Afro-comunitário]

Histórico:

A Comunidade Quilombola Negros do Riacho está localizada no município de Currais Novos (RN), no Sertão Potiguar. De acordo com Assunção (2011), “os ‘Negros do Riacho’, de Currais Novos, são descendentes de Trajano Lopes da Silva, um ex-escravo que se ‘apossou’ das terras do Riacho, passando a viver ali, com sua família. Atualmente são 3,6 hectares onde vivem cerca de 150 pessoas, cuja atividade econômica é centrada na pequena agricultura de subsistência e na produção da ‘louça’, comercializada semanalmente na feira da sede do município”. No entanto, nos últimos anos, por falta de compradores, esta última atividade deixou de existir, o que levou muitos moradores à mendicância.

O Ponto de Memória Negros do Riacho compõe a Rede Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte, mas não foi contemplado por premiação do Programa Pontos de Memória, utilizou para sua denominação o critério de autodefinição.

Não obtivemos maiores informações públicas sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Fotografias, objetos cerâmicos, narrativas orais etc.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições. Exemplos: Exposição Fotográfica Negros do Riacho - Coord. Associação Comunitária Quilombola Negros do Riacho / Projeto Criança, Cultura e Cidadania (09/2013); Exposição Negros do Riacho na Teia da Diversidade (05/2014); Exposição fotográfica “Pretinha - Expressão da Cerâmica Quilombola dos Negros do Riacho” (09/2014); Exposição de Cerâmicas do Projeto Mão no Barro (09/2014), entre outras;

Atividades de Produção de Cerâmica orientadas pela mostra ceramista quilombola Maria Aparecida, Atividade de Educação Ambiental, Oficinas de Gastronomia, Rodas de Leitura;

I Mutirão do Ponto de Memória Negros do Riacho – atividades educativas, ambientais e de intervenção física no espaço da futura sede do Ponto de Memória (22/08/2015);

Participação em Eventos: 7ª e 8ª Primavera de Museus (IBRAM), com contação de histórias “Contos e Lendas de Origem Africana” na Escola Municipal Professor Humberto Gama - Coord. Projeto Agente Jovem de Cultura, Exibição e Debates de Filmes na Escola e na Comunidade - Coord. Pontão de Cultura e Comunicação e Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural – RPTV, exposição fotográfica (27/09/2013), apresentação cultural, exposição fotográfica, exposição de cerâmicas, visita guiada, exibição de filmes sobre a cultura afro-brasileira e roda de conversa sobre “museus criativos” (25/09/2014); II Encontro da Rede de Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte (29-30/04/2014); 3º Encontro da Rede Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte (02/12/2016), entre outros.

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

ASSUNÇÃO, Luiz. Um pouco sobre a Comunidade Quilombola dos Negros do Riacho. **Serra do Cuité**, 27 jan. 2011. Disponível em: <http://serradecuite.blogspot.com.br/2011/01/um-pouco-sobre-comunidade-quilombola.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

CERRO CORÁ NEWS. Negros do Riacho presentes ao encontro Pontos de Memória em Natal. **Blogspot**, 2 dez. 2016. Disponível em: <http://cerrocoranews.blogspot.com.br/2016/12/negros-do-riacho-presentes-ao-encontro.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **7ª Primavera dos Museus**: Museu, memória e cultura afro-brasileira. Brasília: IBRAM, 2013, p.102. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/guia_programacao_7Primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

_____. **8ª Primavera dos Museus**: Museus Criativos. Brasília: IBRAM, 2013, p.43. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/guia_virtual_8primavera.pdf. Acesso em: 06 mai. 2015.

PONTO DE MEMÓRIA BANGUÊ. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ponto-de-Mem%C3%B3ria-Bangu%C3%AA-146762225516622/>. Acesso em: 25 fev. 2017.

REDE POTIGUAR DE TELEVISÃO. I Mutirão do Ponto de Memória Negros do Riacho. **Blogspot**, 7 set. 2015. Disponível em: <https://redepotiguaretv.blogspot.com.br/2015/09/i-mutirao-do-ponto-de-memoria-negros-do.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

_____. Ponto de Memória Negros do Riacho Amplia Área Verde. **Blogspot**, 18 jan. 2017. Disponível em: https://redepotiguaretv.blogspot.com.br/2017/01/ponto-de-memoria-negros-do-riacho_18.html. Acesso em: 25 fev. 2017.

_____. Ponto de Memória Negros do Riacho Realiza Roda de Leitura. **Blogspot**, 16 ja. 2017. Disponível em: <https://redepotiguaretv.blogspot.com.br/2017/01/ponto-de-memoria-negros-do-riacho.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

Referência da Imagem: Alunos e Professores da Escola Municipal Professor Humberto Gama visitando o Ponto de Memória. 09/2016. Disponível em: <https://redepotiguaretv.blogspot.com.br/2016/09/ponto-de-memoria-recebe-visita.html>. Acesso em: 25 fev. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 184	Denominação: Museu Indígena do Povo Anacé	
	Data de Criação: Endereço: Caucaia/CE Tel.: Situação atual: em formação.	

Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, [Museu Comunitário]		
Histórico: <p>Anacé é uma população indígena que habita os municípios cearenses de Amarante e Caucaia. Sua denominação refere-se a Anacetuba, antigo nome do município cearense de São Gonçalo do Amarante, onde viviam seus antepassados e ainda vive esse povo” (MINC, 2008, p.64).</p> <p>Os Anacé vivem em uma Terra Indígena não demarcada, com pouca mata nativa e, portanto, pouco espaço para as práticas tradicionais. Além disso, o território tradicional sofre atualmente ameaça de desapropriação para a construção do completo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), que prevê a instalação de uma siderúrgica e empresas nacionais e internacionais na região.</p> <p>Atualmente estão em processo de retomada do território tradicional, com o apoio de movimentos sociais do Ceará e do povo Tapeba. Pretendem construir nele uma Escola e um Museu Indígena. A ideia de construir um museu do povo Anacé surgiu por volta de 2015, quando Welton Anacé (liderança, professor e articulador do museu) começou a recolher artefatos junto à comunidade. A decisão tomada pelo coletivo é construí-lo com o objetivo de guardar a memória dos antepassados e a produção cultural atual do povo Anacé. O projeto tem se desenvolvido de forma autônoma, com o apoio e participação da comunidade.</p>		
Referências Patrimoniais: <p>As lideranças do povo Anacé denominam como Patrimônio as memórias e a união do povo Anacé, documentos, artefatos (como uma urna funerária) encontrados no território e artesanatos produzidos na atualidade;</p> <p>Objetos diversos recolhidos junto à comunidade etc.</p>		
Atividades Desenvolvidas: <p>Participação em Eventos: I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil / I Fórum dos Museus Indígenas do Ceará / III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará (16-17/05/2015, Museu dos Kanindé – Aratuba/CE); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE); II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE), entre outros.</p>		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: <p>LIDERANÇAS Anacé falam de memória, museologia e lutas pelo território. Youtube: Observatório Socioambiental. 7 jun. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gT1fJQhLtWJ. Acesso em: 12 ago. 2016.</p> <p>MUSEU KANINDÉ. I Fórum dos Museus Indígenas do Brasil - III Encontro de Formação dos Gestores dos Museus Indígenas do Ceará. Blogspot, 12 mai. 2015. Disponível em: http://mkindio.blogspot.com.br/search?updated-max=2015-11-11T09:09:00-08:00&max-results=4%20. Acesso: 25 abr. 2016.</p>		

MINISTÉRIO DA CULTURA – MINC. **Prêmio Culturas Indígenas**. Edição Xicão Xukuru. São Paulo: SESC-SP, 2008, p.64. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/106268621/Catalogo-Premio-Culturas-Indigenas-2007-Edicao-Xicao-Xukuru>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 185	Denominação: Museu Comunitário e Territorial Fulni-ô	
	Data de Criação: Endereço: Águas Belas/PE Tel.: Situação atual: em formação.	
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio:		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.:		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário		
Histórico: Os Fulni-ô atualmente habitam o município de Águas Belas, situado no sertão pernambucano, a 273 Km de Recife (PE), que é rodeado totalmente pelo território Fulni-ô. A região é cortada pelo rio Ipanema, que desemboca no São Francisco.		
Referências Patrimoniais: Mitos Fulni-ô, Personagens e Lideranças, Segredos Culturais, Objetos Etnográficos, Elementos Arqueológicos, Pesquisas sobre o uso do <i>Yaathe</i> (língua dos Fulni-ô), Ritual do Ouricuri etc.		
Atividades Desenvolvidas: Exposição Fotográfica “Memórias Fulni-ô: cotidiano, histórias e oralidade” - em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE/UFPE), com a coleção de fotografias da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira, acervo do Museu do Estado de Pernambuco. Participação em Eventos: III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, Tupã/SP); II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil / III Encontro de Museus Indígenas em Pernambuco (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE);		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas: COMUNICAÇÃO VERBAL – Apresentação de Wilke Fulni-ô no III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus (30/04-01/05/2014, Tupã/SP) INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. Povos Indígenas no Brasil. Fulni-ô. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/povo/fulni-o . Acesso em: 13 mar. 2017 MAPEAMENTO das iniciativas de museologia social em Pernambuco. Ibram , 2012. Disponível em: http://conexoesibram.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Mapeamento-previo-de-iniciativas-de-museologia-social-PE.pdf . Acesso em: 13 fev. 2017.		
Preenchimento: Suzy Santos (05/2017).		

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 186	Denominação: Ecomuseu Itatiaia
	Data de Criação: Endereço: Av. dos Expedicionários, 1028, Vila Magnolia, Itatiaia/RJ, CEP: 27580-000. Tel.: (24) 98134-3643 Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: https://ecomuseuitatiaia.blogspot.com.br/ Rede Social: https://www.facebook.com/ecomuseuitatiaia/	Logotipo
Categorias Propostas: Ecomuseu	
Histórico: <p>Itatiaia é um município do Estado do Rio de Janeiro, localizado na Serra da Mantiqueira, na divisa com Minas Gerais. Seu nome, de origem tupi, significa pedra com pontas. O município abriga o Parque Nacional de Itatiaia, reserva que possui “imensas formações rochosas” (FÉRIAS BRASIL, 2017).</p> <p>O Ecomuseu Itatiaia foi idealizado pelo artista plástico Rafael Fioratto, que desenvolve um trabalho de pesquisa e valorização cultural da fauna e flora da Mata Atlântica, inspiração para a sua produção artística, juntamente com outras florestas do Brasil. Define-se como Museu e Galeria de Arte.</p>	
Referências Patrimoniais: Fauna e flora da Mata Atlântica; Artistas locais, como Rafael Fioratto e Jorge Jaime de Souza Mendes; Obras de arte dos artistas locais: pinturas, esculturas, cerâmicas etc.	
Atividades Desenvolvidas:	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: ECOMUSEU ITATIAIA. Blogspot. Disponível em: https://ecomuseuitatiaia.blogspot.com.br/ . Acesso em: 20 jun. 2017. _____. Facebook: Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseuitatiaia/ . Acesso em: 20 jun. 2017. FÉRIAS BRASIL. Itatiaia. Disponível em: https://www.feriasbrasil.com.br/rj/itatiaia/ . Acesso em: 20 jun. 2017. FIORATTO, Rafael. Facebook: fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/rafaelfiorattoitatiaia/about/?ref=page_internal . Acesso em: 20 jun. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).	

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

<table border="1"> <tr> <td data-bbox="536 315 676 539"> Ficha: 187 </td> <td data-bbox="676 315 1359 539"> Denominação: Museu Comunitário Mororó Data de Criação: Endereço: Sítio Mororó, Santana do Cariri/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento. </td> </tr> </table>	Ficha: 187	Denominação: Museu Comunitário Mororó Data de Criação: Endereço: Sítio Mororó, Santana do Cariri/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.
Ficha: 187	Denominação: Museu Comunitário Mororó Data de Criação: Endereço: Sítio Mororó, Santana do Cariri/CE. Tel.: Situação atual: em funcionamento.		
Entidade(s) Gestora(s): Associação Comunitária dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Sítio Mororó Parceiros(as)/apoio: Secretaria de Cultura e Turismo de Santana do Cariri , Grupo N'golo de Capoeira Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu: Sediado na Associação Comunitária dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Sítio Mororó.			
E-mail Institucional: Websíte ou Blog: Rede Social: https://www.facebook.com/museucomunitariomororo/	Logotipo <small>Museu Comunitário Mororó</small>		
Categorias Propostas: Museu Comunitário			
Histórico: <p>O Sítio Mororó está localizado na Zona Rural do Município de Santana do Cariri, microrregião do Cariri, Estado do Ceará.</p> <p>A Associação Comunitária dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Sítio Mororó, fundada em 2001, desenvolve uma série de ações em prol do desenvolvimento da comunidade: rodas de conversa e palestras sobre temáticas relacionadas a políticas e problemas ambientais que afetam a comunidade, incentivo ao do turismo comunitário, Educação Ambiental na Sala Verde Mororó, recepção a estudantes para visitas guiadas, organização de competições de corrida, oficinas de produção de sabonetes ecológicos, exibição de filmes (Cine Tela Verde), Rodas de Capoeira e Maculelê, almoços comunitários, Desenvolvimento Rural Sustentável (Projeto São José), Trilhas Ecológicas (Ladeira do Mudubim – Chapada do Araripe), participação em manifestações por e em defesa de direitos sociais e políticos, troca de sementes, cartografia da comunidade, Projeto Casa de Sementes (realização da ASA Brasil em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social) etc.</p> <p>O Museu Comunitário Mororó desenvolve-se no âmbito e em decorrência dessas diversas ações, visando contribuir com a preservação das tradições culturais da Comunidade do Sítio Mororó.</p>			
Referências Patrimoniais: Folia dos Caretas, Brincadeiras Populares (Sete Pedras), Semana Santa (Cortejo, Quinta e Malhação do Judas, Pau de Sebo, Ritual das "Alviças" e Caretas do Brejo Grande), Culinária regional, Capoeira, Forró Pé de Serra; Fauna e Flora da região; Fotografias, Máscaras, Literatura de Cordel, chocalhos; Bodega da Nêga, Capela de São Miguel Arcanjo; Grupo de Caretas do Mororó, Trio Engenheiros do Forró (do Mestre Sanfoneiro Seu Heleno); Moradores locais etc.			
Atividades Desenvolvidas: Sala Verde Mororó- Educação Ambiental; Aulas e Rodas de Capoeira; Oficinas de produção das roupas e máscaras dos Caretas; Desfile dos Caretas de Santana do Cariri (Concurso de máscara, fantasia e boneco do Judas); Bingo em prol da reforma do Museu Comunitário Mororó.			
Ações de Preservação:			

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SÍTIO MORORÓ. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/acsitiomororo/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CARETAS DO MORORO. **Youtube**, 9 abr. 2017. Disponível em:

MUSEU COMUNITÁRIO MORORÓ. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/museucomunitariomororo/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 20 jun. 2017.

Referência da Imagem: Facebook.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 188	Denominação: Museu Comunitário Histórias de Vida da Vila Embratel Data de Criação: Endereço: Vila Embratel, São Luís/MA. Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Profª Drª Kláutenys Guedes Guedes Cutrim (Universidade Federal do Maranhão - UFMA), discentes do curso de Turismo da UFMA e Nutrição da Faculdade Estácio de Sá de São Luís, Associação Comunitária Menino Jesus de Praga, Espaço Integrado do Turismo (ESINT), Laborarte, Museu Casa Histórica de Alcântara Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Webside ou Blog: Rede Social: https://www.facebook.com/museu.vilaembratel/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Comunitário		
Histórico: <p>A Vila Embratel é um bairro da cidade de São Luís, Estado do Maranhão, que recebeu esse nome por possuir uma torre da empresa Embratel (telecomunicações, telefonia e tecnologia da informação).</p> <p>O Projeto Museu Comunitário: Memórias da Vila Embratel, foi executado pelas estudantes de Turismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Fernanda Antonia Carvalho Silva e Conceição Maria Belfort de Carvalho, e membros da comunidade da Vila Embratel. É fruto do Projeto de Pesquisa e Extensão desenvolvido entre 2013 e 2015, sob coordenação da Profª Drª Kláutenys Guedes Guedes Cutrim, criado com os seguintes objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resgatar a identidade cultural do bairro a partir das histórias de vida de seus primeiros moradores • Compreender a função desempenhada pela comunidade no resgate da suas memórias e identidades culturais e na ressignificação do patrimônio urbano; • Indicar possibilidades de pensar a gestão do patrimônio sob a ótica da comunidade; • Apresentar-se como alternativa aos modelos excludentes de revitalização do patrimônio e gestão do turismo; • Mapear as representações contidas nesse espaço simbólico; • Analisar as potencialidades para a criação de um museu comunitário no bairro; • Contribuir para o fortalecimento dos grupos socioculturais existentes na região conhecida como Eixo Itaqui-Bacanga. 		
Referências Patrimoniais: Objetos antigos, documentos, fotografias e memórias que representam a história e identidade do bairro. Igreja de Nossa Senhora do Povo na Praça Sete Palmeiras – construída pelos próprios moradores		
Atividades Desenvolvidas: Exposições; Ações Sociais: Avaliações Nutricionais e Palestra sobre a Alimentação na Terceira Idade - com estagiários do curso de Nutrição da Faculdade Estácio de Sá; Passeio pelos pontos históricos de São Luís – com monitores do Projeto Tour Pedagógico, do ESINT (29/08/2014); Oficina "Puff de Garrafas Pet"; Participação em Eventos: 8ª Primavera dos Museus: Palestra no Auditório Multimídia do Portal das Pró-Reitorias da Universidade Federal do Maranhão – PPPG-UFMA (23/09/2014); IV Simpósio Brasileiro de Turismo – SIMPOTUR (28-30/10/2014, Ouro Preto/MG); Organização de Eventos: Palestra com Liz Renata, educadora do Museu Casa Histórica de Alcântara (26/09/2014)		

Ações de Preservação:
Coleta de acervos (fotografias, documentos, objetos) e entrevistas com moradores do bairro.
Referências Bibliográficas:
CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes. Currículo Lattes – Plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4310600393313804 . Acesso em: 20 jun. 2017.
MUSEU COMUNITÁRIO: Histórias de vida da Vila Embratel. Facebook : Fanpage. Disponível em: https://www.facebook.com/museu.vilaembratel/ . Acesso em: 20 jun. 2017.
Referência da Imagem: Palestra com a Educadora do Museu Casa Histórica de Alcântara. Disponível em: https://www.facebook.com/museu.vilaembratel/ . Acesso em: 20 jun. 2017.
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 189	Denominação: Casa de Cultura Pindu - Museu Comunitário de Ponta Grossa Data de Criação: Endereço: Icapuí/CE Tel.: Situação atual: em formação.
Entidade(s) Gestora(s): Parceiros(as)/apoio: Almir Leal de Oliveira (Professor Associado da Universidade Federal do Ceará), Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque (Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco), Roberto Airon Silva e Soraya Geronazzo Araujo (Professor/a Adjunto/a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-CE), Prefeitura Municipal de Icapuí (Secretaria de Cultura e Juventude), José Airon Cirilo (Deputado Federal), Escola e Operadora de Mergulho Mar do Ceará, Arqueosocio (Consultoria em Arqueologia e Sociologia), Afranio Pinto (arquiteto), entre outros. Recursos: Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro: Ingresso: Obs.: Funcionamento: É necessário agendar a visita? () sim () não Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social: https://www.facebook.com/Casa-de-Cultura-Pindu-Museu-Comunit%C3%A1rio-de-Ponta-Grossa-Icapu%C3%AD-CE-215302872014184/		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário		
Histórico: <p>A Praia de Ponta Grossa está localizada no município de Icapuí, Estado do Ceará. Foi um local estratégico para ocupação sazonal em tempos pré-históricos, no século XVI os primeiros navegadores europeus aportaram na localidade, no século XVII foi palco de disputas entre europeus (especialmente holandeses e portugueses) e indígenas pelo domínio da região, e também foram construídas as primeiras construções das sesmarias, no século XVIII foi o mais importante porto de comércio da Capitania do Siará grande. Até pouco tempo atrás foi uma praia isolada e de difícil acesso, cuja população se organiza sobretudo a partir de relações familiares e da organização do trabalho da pesca artesanal (OLIVEIRA et. al., 2012, p.15-16).</p> <p>Desde sua infância o pescador e pesquisador Josué Pereira Crispim guarda memórias e desenvolve um “fino olhar interpretativo daquela natureza e daquela história” (OLIVEIRA et. al., 2012, p.17), e com o apoio de sua família, da comunidade, de visitantes, acadêmicos e profissionais de diversas áreas, vem coletando e lutando para a preservação desses patrimônios materiais e imateriais.</p> <p>Em 2012 a publicação “Praia de Ponta Grossa: Vestígios Arqueológicos da Ocupação Humana” apresentava-se como “o primeiro passo para dar visibilidade ao rico patrimônio arqueológico, histórico e cultural de Ponta Grossa” e “uma ação na luta pela preservação do patrimônio cultural brasileiro” (OLIVEIRA et. al., 2012, p.17). Os recursos provenientes de sua venda foram destinados à construção da “Casa de Cultura Pindu”, monumento que abrigará o acervo coletado por José Crispim. A “Casa de Cultura Pindu - Museu Comunitário de Ponta Grossa” tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mapear, registrar, pesquisar, salvaguardar e musealizar as escavações dos sítios arqueológicos da região; • Prospectar o Sítio Arqueológico do Morro dos Ventos. <p>Em 2017 foi assinado um termo de Cooperação Técnica entre o IPHAN, a comunidade de Ponta Grossa e a Prefeitura Municipal de Icapuí, objetivando a construção da edificação do Museu Comunitário de Ponta Grossa.</p>		
Referências Patrimoniais: <p>Acervo coletado por José Crispim: Louças e faianças: fragmentos de faiança portuguesa (século XVIII), louca do tipo blue edge ou beira azul, louça do tipo borrão azul, louca fina inglesa (século XIX), e fragmentos e garrafas inteiras de gres holandeses; Cachimbos: fornos de cachimbo de cerâmica e de material malacológico (conchas), alguns tipicamente indígenas, com representações antropomorfas, e outros possivelmente de origem inglesa; Material lítico pré-histórico: fragmentos de lascamentos, lascas, núcleos esgotados, laminas, alisador de cerâmica, laminas de machado polido (granito e basalto), lamina de machado polido fragmentado, almofariz e mo de pilão (granito) - instrumental tipicamente indígena de antes e do mesmo período do contato português; Materiais Metálicos: colheres, garfos, ferragens (ferrolhos e cravos), pilão de bronze, moedas, âncora, materiais metálicos construtivos etc.</p> <p>Engenhos de Açúcar, Capela de Nossa Senhora da Soledade (Mata Fresca, Aracati/CE)</p>		

Atividades Desenvolvidas:

Visita técnica à “Casa Museu Maria da Conceição Rebouças” (Comunidade de Morro Pintado), sob as orientações do Museólogo Pernambucano Givanildo Ferreira (UFPE);

Expedição ao Naufrágio conhecido como Navio dos Ossos (Arqueologia Subaquática);

Escavação na Igreja da Mata Fresca (Aracati/CE).

Ações de Preservação:

Seleção, organização e catalogação do acervo.

Referências Bibliográficas:

CASA DE CULTURA PINDU - Museu Comunitário de Ponta Grossa, Icapuí-CE. **Facebook:** Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/Casa-de-Cultura-Pindu-Museu-Comunit%C3%A1rio-de-Ponta-Grossa-Icapu%C3%AD-CE-215302872014184/>. Acesso em: 21 jun. 2017.

OLIVEIRA, Almir Leal de; ALBUQUERQUE, Marcos; SILVA, Roberto Airon; ARAUJO, Soraya Geronazzo. **Praia de Ponta Grossa:** Vestígios Arqueológicos da Ocupação Humana. Fortaleza: 2012. Disponível em: <https://issuu.com/joseisraelabrantes/docs/pontagrossapdf>. Acesso em: 21 jun. 2017.

Referência da Imagem: Projeto Arquitetônico doado pelo arquiteto Afrânio Pinto (Artenova Arquitetos). Disponível em:

<https://www.facebook.com/215302872014184/photos/a.215480385329766.1073741829.215302872014184/215480838663054/?type=3&theater>. Acesso em: 21 jun. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha:
190

Denominação: Museu Indígena da Comunidade de Nazaré

Data de Criação:

Endereço: Comunidade Indígena de Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI.

Tel.:

Situação atual: em funcionamento

Entidade(s) Gestora(s): Associação dos Povos Indígenas Tabajara e Tapuio-Itamaraty da comunidade Nazaré (APIN)

Parceiros(as)/apoio: alunos e professores da Escola Prof. José Raimundo Pereira, Universidade Federal do Piauí (Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia), Rede Indígena de Memória e Museologia Social

Recursos:

Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:

Ingresso:

Obs.:

Funcionamento:

É necessário agendar a visita? () sim () não

Estrutura física do Museu: A família Niza, uma das famílias tradicionais da comunidade Nazaré, doou a casa onde morava seu patriarca (Antônio Niza) para abrigar o museu indígena da comunidade. A casa fica localizada no fim da comunidade e mantém características da década de 50, com piso de ladrilhos, paredes de taipa e objetos que valorizam a cultura da família.

E-mail Institucional:

Website ou Blog: <https://www.facebook.com/nazareindianmuseum/>

Rede Social:

Logotipo

Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário

Histórico:

A Comunidade Indígena de Nazaré está localizada no município de Lagoa de São Francisco (PI). É composta pelos Povos Tabajara e Tapuia.

A comunidade tem desenvolvido um trabalho intenso relacionado à luta sócio-político-cultural de reconhecimento étnico, juntamente com outros povos indígenas do Estado do Piauí e em diálogo com povos de todo o Brasil. Nessa luta articulam-se temas como identidade, memória, cultura e patrimônio... e o museu indígena é uma ferramenta importante nesse processo de reconhecimento étnico e de luta por direitos.

O Museu Indígena da Comunidade de Nazaré tem mobilizado várias gerações de moradores locais, estudantes, professores/as, comunitários/as, pesquisadores etc., visando tornar-se um suporte de memória para as lutas empreendidas pela comunidade.

Referências Patrimoniais:

Memórias e Patrimônio Cultural da Comunidade Indígena de Nazaré.

Atividades Desenvolvidas:

Exposições;

Visitas guiadas;

Organização de Eventos: III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017);

Participação em Eventos: II Fórum Nacional de Museus Indígenas (15-20/08/2016, Aldeia Mina Grande, Terra Indígena Kapinawá - Buíque/PE), entre outros.

Ações de Preservação:

Coleta de acervo junto à comunidade.

Referências Bibliográficas:

Referência da Imagem: Fachada do Museu Indígena da Comunidade de Nazaré. Créditos: Suzy Santos (fotografia retirada durante o III Fórum Nacional de Museus Indígenas, realizado entre 19 e 21 de outubro de 2017).

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

Ficha de Apoio à Pesquisa **“Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 191	Denominação: Museu dos Kariri do Crato	
	Data de Criação: Endereço: Crato/CE. Tel.: Situação atual:	
Entidade(s) Gestora(s):		
Parceiros(as)/apoio: Rede Indígena de Memória e Museologia Social		
Recursos:		
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:		
Ingresso:		
Obs.: _____		
Funcionamento:		
É necessário agendar a visita? () sim () não		
Estrutura física do Museu:		
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:		Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário		
Histórico:		
Referências Patrimoniais:		
Atividades Desenvolvidas:		
Participação em Eventos: II Fórum de Museus Indígenas do Ceará (9-11/12/2016, Terra Indígena Lagoa Encantada, Povo Jenipapo-Kanindé, Aquiraz/CE); IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE)		
Ações de Preservação:		
Referências Bibliográficas:		
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).		

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 192	Denominação: Museu Cabaça de Colo
	Data de Criação: Endereço: Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Rede Indígena de Memória e Museologia Social	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário	
Histórico: <p>Monsenhor Tabosa é um município localizado no sertão Cearense. De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.133-136), o movimento indígena em Monsenhor Tabosa possuía (em 2009) quatro etnias organizadas (Potyguara, Tabajara, Gavião e Tubiba-Tapuia), que reuniam cerca de 17 comunidades rurais (a maioria) e urbanas por todo o município, que possuem organizações próprias. A etnia Potyguara foi pioneira no processo de autorreconhecimento (afirmação étnica), processo que se iniciou através da luta por uma educação diferenciada. Da Aldeia Mundo Novo o processo se expandiu para diversas famílias, e posteriormente abarcou a reivindicação pela demarcação de uma faixa contínua de terras para todas as etnias locais. As associações locais das aldeias, denominadas Conselho Indígena do Povo Potyguara, tem como característica a união e o apoio mútuo, e se articulam semanalmente num Sistema de rodízio entre as aldeias.</p> <p>A partir de uma oficina de diagnóstico participativo ministrada em 2009 (Projeto Emergência Étnica - Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará) na escola diferenciada da comunidade de Jacinto, discutiu-se a possibilidade da construção de 17 museus indígenas, um em cada comunidade, proposta que foi avaliada como inviável para o momento. Decidiu-se pela construção de um museu-piloto, o Museu Potigatatu, que serviria de inspiração para novas iniciativas de organização de espaços de memória, culminando com a criação de um museu em cada comunidade indígena (GOMES; VIEIRA, 2009, p.137).</p> <p>O Museu Cabaça de Colo pertence ao Povo Potyguara. Não objetivemos maiores informações sobre a iniciativa.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades Desenvolvidas:	
Participação em Eventos: IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE)	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: <p>GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.133-147. Disponível em: https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf. Acesso em: 20 fev. 2017.</p>	
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 193	Denominação: Museu Indígena Casa do João de Barro
	Data de Criação: Endereço: Monsenhor Tabosa/CE. Tel.: Situação atual:
Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Rede Indígena de Memória e Museologia Social	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário	
Histórico: <p>Monsenhor Tabosa é um município localizado no sertão Cearense. De acordo com Gomes e Vieira (2009, p.133-136), o movimento indígena em Monsenhor Tabosa possuía (em 2009) quatro etnias organizadas (Potyguara, Tabajara, Gavião e Tubiba-Tapuia), que reuniam cerca de 17 comunidades rurais (a maioria) e urbanas por todo o município, que possuem organizações próprias. A etnia Potyguara foi pioneira no processo de autorreconhecimento (afirmação étnica), processo que se iniciou através da luta por uma educação diferenciada. Da Aldeia Mundo Novo o processo se expandiu para diversas famílias, e posteriormente abarcou a reivindicação pela demarcação de uma faixa contínua de terras para todas as etnias locais. As associações locais das aldeias, denominadas Conselho Indígena do Povo Potyguara, tem como característica a união e o apoio mútuo, e se articulam semanalmente num Sistema de rodízio entre as aldeias.</p> <p>A partir de uma oficina de diagnóstico participativo ministrada em 2009 (Projeto Emergência Étnica - Secretaria de Cultura do Estado em convênio com o Instituto da Memória do Povo Cearense e sob a supervisão do Museu do Ceará) na escola diferenciada da comunidade de Jacinto, discutiu-se a possibilidade da construção de 17 museus indígenas, um em cada comunidade, proposta que foi avaliada como inviável para o momento. Decidiu-se pela construção de um museu-piloto, o Museu Potigatatu, que serviria de inspiração para novas iniciativas de organização de espaços de memória, culminando com a criação de um museu em cada comunidade indígena (GOMES; VIEIRA, 2009, p.137).</p> <p>O Museu Indígena Casa do João de Barro pertence ao Povo Gavião. Não objetivamos maiores informações sobre a iniciativa.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades Desenvolvidas:	
Participação em Eventos: IV Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará (14-17/07/2017, Aldeia Almofala, Povo Indígena Tremembé, Itarema/CE); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas:	
GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009, p.133-147. Disponível em: https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museus-e-memc3b3ria-indc3adgena-no-cearc3a1-indd.pdf . Acesso em: 20 fev. 2017.	
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).	

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 194	Denominação: Museu da T.I. Icatu (?)
	Data de Criação: Endereço: Terra Indígena Icatu, Braúna/SP Tel.: Situação atual: em formação.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Prof. Dra. Marília Xavier Cury), ACAM Portinari, entre outros.	
Recursos: Edital ProAC nº 24/2017 – Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo (Projeto “Dois Povos em uma Trilha”)	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário	
Histórico: <p>A Terra Indígena Icatu (T.I. Icatu) está localizada na cidade de Braúna, Oeste do Estado de São Paulo. Trata-se de uma T.I. homologada, e nela habitam cerca de 180 pessoas, dos povos indígenas Kaingang (40%) e Terena (60%). O território está cercado por fazendas e canaviais, e carece de recursos naturais como rios limpos e matas, e além disso está sujeito à exposição a agrotóxicos de todo o tipo, utilizado nas fazendas.</p> <p>Há anos a comunidade esforça-se pela manutenção das línguas dos povos Kaingang e Terena, em fortalecer o contato entre os jovens e os mais velhos, a fim de difundir e fortalecer a cultura indígena para as futuras gerações e desenvolve projetos visando a preservação dos patrimônios natural e cultural. Além disso também atende visitantes não-índios, a fim de apresentar sua cultura, desconstruir preconceitos e viabilizar a troca de conhecimentos. Em 2017 foi contemplada pelo Edital do PROAC com o Projeto “Dois Povos em uma Trilha”, com o objetivo de concluir o Projeto “Dois Povos em uma Trilha”.</p> <p>O Museu da T.I. Icatu, ainda sem denominação, é consequência de todo o trabalho de fortalecimento cultural que vem sendo desenvolvido pela comunidade, em consonância com os diálogos travados nos encontros sobre museus dos quais suas lideranças vem participando desde 2012.</p>	
Referências Patrimoniais: Patrimônio Cultural dos Povos Kaingang e Terena.	
Atividades Desenvolvidas: Grupo de Dança da Terra Indígena Icatu (liderado por Cândido Mariano Elias) Eventos: Festa do Índio, Quermesse, Concurso de Beleza Indígena	
Participação em Eventos: I Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / III Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (01-06/05/2012, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (29/03-01/04/2014); IV Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus/V Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (30/06-02/07/2015, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, Tupã/SP); V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.	
Atividades de Formação: Cursos de Extensão do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), ministrados por Marília Xavier Cury, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães: Museologia para Indígenas (08/04-10/06/2015), Museologia para Indígenas II – Museografia Aplicada a Museus Indígenas (05/07-19/07/2016) e Museologia para Indígenas – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta (03/04-29/05/2017).	
Ações de Preservação:	

Referências Bibliográficas:

SILVA, Camila Vaiti Pereira da. **Projeto Dois Povos em uma Trilha**. Disponível em: <http://www.editalisproac.sp.gov.br/InscricoesEditaisUFDPC/download/downloadArquivo.action?sessionId=21B4D397EF968B3A0E7C5D5F45DE8B64?arq.id=19968>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).

**Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”**

Ficha: 195	Denominação: Museu Terena da T.I. Araribá (?)
	Data de Criação: Endereço: Aldeia Ekeruá, Terra Indígena Araribá, Avaí/SP Tel.: Situação atual: em formação.

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio: ACAM Portinari	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.:	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo
Categorias Propostas: Museu Indígena, Museu Comunitário	
Histórico: <p>A Aldeia Ekeruá está localizada na Terra Indígena Araribá, no município de Avaí (SP), que é habitada pelas etnias Tupi-Guarani - Guarani Nhandewá – e Terena. As terras de Araribá foram demarcadas em 1910, ao serem cedidas pelo governo do estado de São Paulo ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), sob a denominação de Povoação Indígena de Araribá.</p> <p>O Museu Terena da T.I. Araribá ainda não tem denominação.</p>	
Referências Patrimoniais:	
Atividades Desenvolvidas:	
Participação em Eventos: V Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus / VI Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais (28/04-30/04/2016, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural (07-09/09/2017, Museu Índia Vanuïre – Tupã/SP); III Fórum Nacional de Museus Indígenas (19-21/10/2017, Comunidade Indígena Nazaré, Lagoa de São Francisco/PI); entre outros.	
Atividades de Formação: Cursos de Extensão do Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), ministrados por Marília Xavier Cury, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães: Museologia para Indígenas (08/04-10/06/2015), Museologia para Indígenas II – Museografia Aplicada a Museus Indígenas (05/07-19/07/2016) e Museologia para Indígenas – Comunicação museológica: o método colaborativo em pauta (03/04-29/05/2017).	
Ações de Preservação:	
Referências Bibliográficas: PROJETO GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL INDÍGENA – GATI. Diagnóstico Ambiental da TI Araribá. Disponível em: http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/experiencias-em-gestao/terra-indigena-arariba/ . Acesso em: 10 jun. 2016. TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. Terra Indígena Araribá. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3599 . Acesso em: 10 jun. 2016.	
Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).	

Ficha de Apoio à Pesquisa “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:
Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”

Ficha: 196	Denominação: Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol
	Data de Criação: Endereço: Bias Fortes/MG Tel.: Situação atual:

Entidade(s) Gestora(s):	
Parceiros(as)/apoio:	
Recursos:	
Cadastro: () IBRAM (CNM) / Outro:	
Ingresso:	
Obs.: _____	
Funcionamento:	
É necessário agendar a visita? () sim () não	
Estrutura física do Museu:	
E-mail Institucional: Website ou Blog: Rede Social:	Logotipo

Categorias Propostas: Ecomuseu, Museu Afro-Comunitário

Histórico:

A Comunidade Quilombola Colônia do Paiol está localizada na zona da mata mineira do município de Bias Fortes (MG). Possui aproximadamente 250 famílias (cerca de 620 pessoas). De acordo com antigos moradores, a comunidade existe desde o século XIX, com a chegada na região de 9 ex-escravos do fazendeiro José Ribeiro Nunes. Os seus moradores são oriundos de grandes fazendas de cultivo de café. Apesar de seus moradores não possuírem nenhum tipo de documentação legal, atualmente não enfrentam conflitos pela terra. No entanto, uma parte do território tradicional da Colônia foi grilada por fazendeiros. Atualmente, os moradores que não trabalham nas cidades vivem da agricultura de subsistência, plantando roças de abóbora, milho, feijão e arroz.

A Comunidade Quilombola Colônia do Paiol é uma das comunidades a participar do Projeto “Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira”, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde foi criado um Laboratório autointitulado Kizomba Namata, com o objetivo de contribuir com a construção de um acervo sobre a questão quilombola na Zona da Mata Mineira por meio de projetos de iniciação científica, extensão universitária e elaboração de monografias.

Não objetivamos maiores informações sobre a iniciativa.

Referências Patrimoniais:

Atividades Desenvolvidas:

Participação em Eventos: I Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais (2012); I Encontro Regional do Programa Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira: entre saberes e sabores (2013); V Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (10/2015, UFJF, Juiz de Fora/MG).

Ações de Preservação:

Referências Bibliográficas:

MG - Conheça um pouco sobre a Comunidade Colônia do Paiol. **Observatório Quilombola**, 13 jul. 2005. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detahes.asp?cod=5806>. Acesso em: 25 set. 2016.

KIZOMBA NAMATA. **Facebook**: Fanpage. Disponível em: <https://www.facebook.com/kizombanamata/>. Acesso: 4 mar. 2017.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFJF. **Kizomba Namata** – 1º Encontro de Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira. 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgeografia/curso/eventos/kizomba-namata-1%C2%BA-encontro-de-comunidades-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira/>. Acesso: 4 mar. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF. **Apresentação do projeto Ecomuseu Kizomba Namata**. 8 abr. 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/arquitetura/2015/04/08/apresentacao-do-projeto-ecomuseu-kizomba-namata/>. Acesso: 4 mar. 2017.

_____. UFJF reúne quilombolas da Zona da Mata Mineira. **Pró-Reitoria de Extensão**, 14 mai. 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/proex/2013/05/14/ufjf-reune-quilombolas-da-zona-da-mata-mineira-e-promove-debate-acerca-de-problemas-e-solucoes/>. Acesso: 4 mar. 2017.

Preenchimento: Suzy Santos (06/2017).